III ENIPEL

ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

ANAIS

APOIO: FAPEMA, CAPES

REALIZAÇÃO: Uema Universidade Estadual do Maranhão Campus Caxias; Curso de Letras Campus Caxias; Programa de Pós-Graduação em Letras; Núcleo de Pesquisa LAMID Literatura, Arte e Mídias; NuPLIM Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense

Editora Uema

ORGANIZADORES

Prof. Dr. Emanoel Cesar Pires de Assis - UEMA
Prof. Dra. Solange Santana Guimarães Morais - UEMA
Prof. Me. Lígia Vanessa Penha Oliveira - UEMA
Prof. Ma. Yasmine Nainne e Silva Cardoso - UEMA

ANAIS DO III ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS – ENIPEL

UEMA

CAMPUS CAXIAS/2024

III ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS/ III ENIPEL
Anais do III Encontro Internacional de Pesquisas em Letras – ENIPEL – 3ª Edição

Organizadores:
Prof. Dr. Emanoel Cesar Pires de Assis
Prof. Dra. Solange Santana Guimarães Morais
Prof. Ma. Lígia Vanessa Penha Oliveira
Prof. Ma. Yasmine Nainne e Silva Cardoso

Local:
Centro de Estudos Superiores de Caxias/ Universidade Estadual do Maranhão

Período:
14 – 16 de maio de 2024

Instituição responsável:
Universidade Estadual do Maranhão/UEMA

Site:
https://www.enipel.com.br/

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa
Reitor
Prof. Dr. Walter Canales Sant'ana
Vice-Reitor

Prof. Dr. Antonio Roberto Coelho Serra
Pró-Reitor de Planejamento e Administração – PROPLAD

Profa. Dra. Rita de Maria Seabra Nogueira
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação – PPG

Profa. Dra. Zafira da Silva de Almeida
Pró-Reitora de Graduação – PROG

Prof. Dr. Paulo Henrique Aragão Catunda
Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis – PROEXAE

Profa. Dra. Valéria Cristina Soares Pinheiro
Diretora do Centro de Estudos Superiores de Caxias

Profa. Dra. Solange Santana Guimarães Morais
Diretora do Curso de Letras Prof.

Dr. Antonio Luíz Alencar Miranda
Chefe do Departamento de Letras

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Emanoel César Pires de Assis – UEMA
Prof. Dra. Solange Santana Guimarães Morais – UEMA
Prof. Me. Lígia Vanessa Penha Oliveira – UEMA
Prof. Ma. Yasmine Nainne e Silva Cardoso - UEMA

COMITÊ CIENTÍFICO

Rebeca Schumacher Eder Fuao – Universidade de Oslo
Regina Celia Fernandes Cruz – Universidade Federal do Pará
Dennys da Silva Reis – Universidade Federal do Acre
Alckmar Luiz dos Santos – Universidade Federal de Santa Catarina
Terezinha Taborda Moreira – Universidade Federal de Minas Gerais
Luizir de Oliveira - Universidade Federal do Piauí
Carolina de Aquino Gomes - Universidade Federal do Piauí
Maria de Fatima Sousa de Oliveira Barbosa – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Vinicius Carvalho Pereira – Universidade Federal de Mato Grosso
Roberlei Alves Bertucci – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Lucelia de Sousa Almeida – Universidade Federal do Maranhão
Herasmo Braga de Oliveira Brito – Universidade Federal do Piauí
Gabriel Mateusz Borowski – Uniwersytet Jagiellonski
José Eduardo Franco – Universidade Aberta/PT

Messias Lisboa Gonçalves – Universidade Estadual do Maranhão / Universidade Federal do Pará

COMISSÃO CULTURAL
Eloilma Carvalho Pires

COMISSÃO DE MONITORES
Lígia Vanessa Penha Oliveira - UEMA
Rauenas Silva Oliveira - UEMA
Yasmine Nainne e Silva Cardoso - UEMA

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO
Jonas Vinicius Albuquerque da Silva Santos – UEMA
Rauenas Silva Oliveira - UEMA

COMISSÃO DE INFORMAÇÕES (E-mail):
Yasmine Nainne e Silva Cardoso – UEMA

COLABORADORES TÉCNICOS
Daniel Lopes – UEMA
Ítalo Costa de Oliveira - UEMA
Oriel Wandrass Costa da Silva
Rauenas Silva Oliveira - UEMA

MONITORES E EQUIPE DE DIVULGAÇÃO

Adriele Lorrane Alves dos Santos
Aerlys Pinheiro dos Santos
Alanna Costa da Silva
Ana Helena Fontes de Brito
Ana Júlia do Nascimento dos Santos
André Sóstenes Lima Almeida
Arielly dos Santos Moura
Beatriz Gomes Viana
Beatriz Pereira de Oliveira
Bianca Pereira de Sousa
Cleysson Bruno Costa Rodrigues
Daphine Alessandra da Silva Lima
Eduardo Braga de Sousa
Eduardo Ferreira da Silva
Elaine de Sousa
Eline de Sousa Aquino Bispo
Elisa Dayane Feitosa Souza
Emanuelly Aguiar Passos
Êmile Raquel Soares de Sousa
Érica Layanne Rocha da Silva
Flávia Sara do Nascimento Pereira
Francisca Clelma da Costa Rocha
Francisco Henrique Machado
Francisco Xavier Rocha
Fredson de Sousa Costa
Glenda Morais da Silva
Isa Launé de Castro
Ítalo Costa de Oliveira
Jeovania Pacheco da Silva
João Victor Cantanhede Nogueira
João Vitor Barros Mota
Jonas Vinicius Albuquerque da Silva Santos
Julliana Graziella dos Santos Tinoco
Lara Sousa Pires
Letícia Adriele Pereira Barbosa dos Santos
Letícia de Jesus Silva
Lorranne Nicolly Morais Perseguin
Luis Gustavo da Silva de Sousa
Lyanna Raquell de Sousa Passos
Maria Leticia Osório Borges
Messias Lisboa Gonçalves
Mikeias Cardoso dos Santos
Nathália Onésio de Almeida
Patrícia Alves Carvalho
Rauenas Silva Oliveira
Ruan Carlos Moura Costa

Sabrina de Araujo Aparecida
Sabrina Karine dos Santos Pereira
Safira dos Santos Damasceno
Sara Mesquita Costa
Suynnara Deolinda Silva Pereira
Thaís Andrade da Silva
Valéria de Carvalho Santos
Walquiria Leal Moreira
Yandra Emilly da Silva Coelho Moura

CONSELHO EDITORIAL

Prof.ª Jeanne Ferreira de Sousa da Silva
Editor responsável

Conselheiros:
Alan Kardec Gomes Pachêco Filho
Ana Lucia Abreu Silva
Ana Lúcia Cunha Duarte
Cynthia Carvalho Martins
Eduardo Aurélio Barros Aguiar
Emanoel Cesar Pires de Assis
Emanoel Gomes de Moura
Fabíola Hesketh de Oliveira
Helciane de Fátima Abreu Araújo
Helidacy Maria Muniz Corrêa Jackson Ronie Sá da Silva
José Roberto Pereira de Sousa
José Sampaio de Mattos Jr
Luiz Carlos Araújo dos Santos
Marcos Aurélio Saquet
Maria Medianeira de Souza
Maria Claudene Barros
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Wilma Peres Costa

Arte da capa
Oriel Wandrass Costa da Silva

Formatação e Diagramação
Yasmine Nainne e Silva Cardoso

E56 Encontro Internacional de Pesquisas em Letras, 3., 2024, Caxias,.

Anais do III Encontro Internacional de Pesquisas em Letras – ENIPEL / Emanoel Cesar Pires de Assis, Solange Santana Guimarães Morais, Lígia Vanessa Penha Oliveira, Yasmine Nainne e Silva Cardoso (orgs.). --- Caxias, MA : Uema, 2024.

1499 p.; PDF

e-ISBN: 978-85-8227-562-7
Inclui referências
Disponível em: https://www.enipel.com.br/

1 Linguística. 2 Linguagem - estudo e ensino. 3 Literatura. I Assis, Emanoel Cesar Pires de. II Morais, Lígia Vanessa Penha Oliveira. III Oliveira, Lígia Vanessa Penha. IV Cardoso, Yasmine Nainne e Silva. V Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). VI Título.

CDD: 410

Arlete Ferreira da Silva, bibliotecária CRB-14 1493/SC

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O PERSONAGEM PERCIVAL EM *EL CUENTO DEL GRIAL* DE CHRÉTIEN DE TROYES E NA OBRA DE RUBÉN DARÍO: ECOS DO DOM QUIXOTE?

Antonia Javiera Cabrera Muñoz[1]

Resumo: Ao longo da História, o mito do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda foram concebidos como um modelo, um ideal da ação humana. Eles são o modelo de uma conduta perfeita que atravessa os tempos: temos notícias desse mito inicialmente em Chrétien de Troyes, no século XII, na obra *Perceval ou le conte du Graal* (c.1182-1190), inacabada, traduzida ao espanhol por Martín de Riquer como *Perceval o el cuento del Grial* (1961). Na literatura hispano-americana, o poeta Rubén Darío publicou diversas obras em que o medieval se faz presente na poesia e na prosa, como no conto "A las orillas del Rhin", publicado em folhetim na revista *El Porvenir de Nicaragua* em 14 de julho de 1885. Na poesia, temos mais referências a personagens medievais, como Percival e Lohengrin. Na versão de Troyes, Percival admite erros e volta atrás para concluir a sua demanda da busca pelo Santo Graal. Em Darío, da mesma forma, temos um Percival errático, caracterizado como "el loco luminoso", o que nos leva a crer que há uma possível relação intertextual entre essas obras. Questionamo-nos: qual é a influência desse personagem arquetípico na poesia de Darío que, da mesma forma que Troyes, o coloca como um bufão ou um desastrado segundo a leitura de Mircea Eliade (1938), e que pode ter possíveis relações com o personagem do Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura? Objetiva-se aproximar o mito à literatura nos dois autores em questão, a partir da noção de mito como arquétipo humano.

Palavras-chave: Mito. Literatura. Arquétipo humano. Rubén Darío. Chrétien de Troyes.

Introdução

O simbolismo em torno do Rei Artur é incalculável. Não só porque se trata de uma verdadeira saga na nossa história mítica, mas porque sua reverberação na História é vastíssima, e vai desde versões literárias até adaptações fílmicas de alto valor agregado. Como dimensionar a figura do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda nos dias de hoje? Sabemos que a existência do Rei Artur é questionável – e ele não passa de uma lenda – mas nem por isso é menos importante para a nossa imaginação. O que realmente importa para nós desde os tempos remotos até os dias de hoje, é o valor simbólico que o mito representa, ou seja, a mensagem que nos é transmitida.

[1] Doutora em Literatura e Pós-Doutora em Artes. Docente do Curso de Letras da UFVJM.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP:65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

E qual é a mensagem conhecida e perpassada ao longo da História acerca desse mito? Conta-se que, pelos idos dos séculos IV ou V depois de Cristo, em uma comunidade chamada Camelot, localizada no Reino Unido, havia um rei chamado Artur. Camelot era próspera e estável e era formada pela comunidade local e pelo castelo do Rei Artur onde vivia com sua esposa, a Rainha Guinevere. O Rei Artur, por orientação do seu Mago Merlim, construiu a famosa "Távola Redonda", onde ele reuniria os doze melhores cavaleiros do mundo para construírem, juntos, um reino de justiça. Os doze cavaleiros poderiam ter representado, em sua origem, cada um dos doze signos zodiacais. Um detalhe importante é que, na composição dos lugares da mesa, o Mago Merlim havia sugerido que houvesse à disposição treze lugares e não doze.

Artur passa a buscar os mais virtuosos cavaleiros justos e só consegue encontrar dez cavaleiros. Inicialmente, a "Távola Redonda" era composta por onze cavaleiros contando com Artur, assim, sobraram dois lugares predestinados aos escolhidos. Diz a lenda que, os que tentavam se sentar nesses lugares predestinados, nesse momento, a cadeira se abria e a pessoa caía ao chão.

A espada de Artur era chamada de "Excalibur". Ela é o símbolo da vontade e da força humanas, do puro empenho humano para se chegar ao divino. A espada estava cravada em uma pedra de onde ninguém conseguia retirar a não ser uma única pessoa que seria aclamada Rei de Camelot. Como Artur foi o único que conseguiu retirar a espada cravada na pedra, ele se tornou o Rei. A pedra representa a dureza do coração e a espada, que representa a vontade e a força humanas cravadas na pedra, juntas, simbolizam a pura espiritualidade cravada na matéria. Ou seja, sendo a espada a pura vontade e a força humanas, somente um coração puro poderia retirá-la da pedra e tomar posse de seus poderes divinos. Eis o que representa o Rei Artur, uma imagem de Deus.

Na sua busca pelos melhores cavaleiros do reino, Artur topa com Lancelot, filho de um rei distante, sendo o mais forte e justo cavaleiro da região. Porém, ele carrega consigo uma maldição: só poderia servir a um rei quando fosse derrotado em batalha, assim, como ele era invencível, andava pelo mundo em busca de grandes batalhas.

O Rei Artur ordena seus cavaleiros que lutem contra Lancelot, mas ele vence todos. Ao saber que Lancelot havia vencido todos, o Rei pega sua espada e vai pessoalmente lutar contra Lancelot. No momento em que o Rei iria perder a luta, invoca os poderes espirituais da espada e com um golpe certeiro derrota Lancelot que cai ao

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

chão desacordado. Com esse golpe, a espada se parte ao meio. Essa partição simboliza, a partir daquele momento, o rompimento da harmonia que existia na alma do Rei Artur. Ou seja, ao invocar os poderes espirituais da espada para um propósito próprio, por medo de perder a batalha (o sentimento da vaidade), Artur quebra a harmonia que existia na espada (corpo, alma e espírito) e no seu coração, pois a força espiritual da espada só pode ser usada em favor da Humanidade e não para satisfazer o ego.

"Excalibur" partida ao meio é jogada em um lago, porém Artur se arrepende do feito e desperta seu coração novamente para o sentimento da humildade, fazendo com que uma imagem divina surja do lago com a espada novamente forjada e intacta. A "Dama do Lago" ergue-se e devolve-lhe a espada. Esse ato simboliza que o Homem não pode separar o mundo material do mundo espiritual sob a pena de perder sua força espiritual. Cristãmente, o arrependimento puro gera o Amor e esse, por sua vez, pode restaurar o coração do Homem pela Graça Divina (o sentimento da misericórdia).

Lancelot vencido, ele se incorpora feliz aos cavaleiros da "Távola Redonda". Como havia vencido os demais cavaleiros, ele é tido como o mais forte, ou seja, ele venceu todas as fraquezas interiores dos cavaleiros, seus defeitos e todas as suas limitações, pois a lenda conta que cada cavaleiro da "Távola Redonda" representa uma fraqueza humana a ser vencida. Lancelot, por sua força e por possuir a alma mais pura entre todos, passa a ser o guardião da rainha, a esposa de Artur, a Rainha Guinevere. Porém, Lancelot se apaixona loucamente pela rainha. Inicia-se, aí, a pior das batalhas desse grande cavaleiro: lutar contra si mesmo. A Rainha Guinevere trai o Rei Artur com Lancelot e isso leva à decadência de todo o reino de Camelot. Ao ter conhecimento dessa traição, Artur cai em profundo abatimento e toda a comunidade de Camelot começa a perecer, pois a terra começa a não produzir mais frutos e toda a prosperidade automaticamente começa a decair. Com a traição da esposa, novamente perde-se a harmonia entre corpo, alma e espírito no coração de Artur. Então, o Rei diz que somente o Santo Graal tem o poder de reestabelecer Camelot. Daí começa a saga em busca do cálice sagrado. Artur ordena seus cavaleiros que saiam pelo mundo e encontrem o graal, pois ele é a única forma de reestabelecer o reino.

Mas, o que tem a ver o graal com a restauração do Rei e de Camelot? O graal foi o cálice com que José de Arimatéia colheu o sangue de Cristo na cruz. Ou seja, como o Rei Artur simboliza a perfeita união com Deus, sua esposa, a Rainha Guinevere,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

representa a alma (a sua ligação espiritual) e Lancelot, o corpo (a beleza física), quando a Rainha se deixa levar pelas tentações materiais (a beleza física de Lancelot), quebra-se novamente a harmonia, a ligação perfeita que existia entre Artur e os três princípios mencionados anteriormente, corpo, alma e espírito. Daí que, quebrada a harmonia, não só Artur perece, mas sua terra também. Somente o Santo Graal, que é a união perfeita dos três princípios, pode restaurar e prosperar novamente Camelot. O graal simboliza, então, a perfeita união do Homem com Deus.

Nessa busca pelo Santo Graal, todos os cavaleiros são derrotados pelos feitiços e maldades provocados pela Fada Morgana. Somente um cavaleiro não é derrotado por ela e consegue encontrar o graal: Percival que, segundo a lenda, era filho de Lancelot. Percival é o décimo terceiro cavaleiro, e é ele quem vai ocupar o lugar vago na "Távola Redonda". O que mais simboliza esse cavaleiro é seu coração puro, justo e leal aos seus princípios espirituais. Ele será o encarregado de levar o cálice até Artur que, ao beber da taça, volta a recuperar suas forças, seu ânimo e assim toda a comunidade de Camelot se reestabelece novamente.

Por sua atuação, Percival simboliza o centro, a união da força física e espiritual dos doze cavaleiros em uma só pessoa, por isso foi digno de encontrar o Santo Graal. Ele simboliza o cavaleiro que consegue vencer a si próprio, mantendo unidos os três princípios no seu coração, e o que alcança a verdadeira vitória não só para si, mas para os demais cavaleiros e para o Rei Artur.

Se formos interpretar as ações dos personagens dessa lenda, teríamos que os encontros da Rainha Guinevere com Lancelot representariam para nós o nosso próprio drama humano, pois o Homem fica preso aos prazeres da vida, não se conectando mais com os princípios espirituais que são representados na pessoa de Artur e depois na de Percival. Se o Santo Graal contém o sangue de Jesus, é Ele quem vai nos levar até Deus. Então, é somente com a presença do graal que Artur pode reestabelecer novamente a sua união com Deus. Ou seja, se Jesus é o caminho, o graal vai simbolizar o caminho de união do Homem com Deus. Por isso que, quando Artur bebe do graal, está simbolizado nesse ato que Artur, por Cristo, se une novamente a Deus.

O que podemos retirar dessa lenda, e que foi se atualizando ao longo da História em diversas versões literárias e fílmicas, é que cada um de nós possui um verdadeiro drama humano interior: todos nós somos um pouco de Artur, de Guinevere, de Lancelot

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA | CEP 65.400-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

e de Percival. E esses personagens, atuando dentro de nós *dramaticamente*, ou seja, digladiando-se entre si na nossa Camelot, que simboliza a nossa própria alma ou lugar do nosso psicologismo, temos, então, que a principal missão das nossas vidas é reestabelecer a nossa Camelot, ou seja, devemos nos unir com Deus por Jesus Cristo.

Todos nós temos de empunhar a espada da vontade e da força humanas sempre que formos levados a fazê-lo. Ou seja, todo ato de libertação é, na verdade, uma decisão e uma ação – um verdadeiro desafio.

Nessa descrição um tanto quanto longa da saga do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda, temos algumas indicações que nos ajudam a pensar o mito como um arquétipo humano. Na psicanálise de Carl Gustav Jung (2018), temos a teoria do inconsciente coletivo que consiste em uma livre transmissão de materiais que chegam até nós por meio de nossos ancestrais e que vão formando a nossa psique. A ideia básica do inconsciente coletivo é que nós já nascemos com uma herança psicológica, além da biológica. Existe uma evolução do corpo e da mente que perpassa toda a História da Humanidade, assim, nosso corpo e nossa mente são como depósitos psíquicos de várias histórias do passado.

Esses materiais são distribuídos inconscientemente na forma de arquétipos, ou seja, eles são modelos de organização de todo o material psíquico que herdamos. Para Jung, todos nós possuímos vários arquétipos que estão presentes na construção de nossa personalidade, sendo que um deles é o dominante e os demais, secundários.

Os arquétipos junguianos são em número de doze, sendo eles: “o inocente”, “o sábio”, “o aventureiro”, “o rebelde”, “o mago”, “o herói”, “o amante”, “o comediante”, “o comum”, “o prestativo”, “o governante” e “o criador”. Eles representam padrões universais de comportamento que se repetem ao longo da História e em todas as culturas. Eles são as expressões simbólicas das necessidades básicas da Humanidade e representam os impulsos mais profundos e instintivos que nos levam a agir de certas maneiras e não de outras.

Em uma visão ampla do personagem Percival, podemos pensar que estamos diante de um arquétipo que mistura “o rebelde” e “o herói”, mas ambos transmutados em “o inocente”, sendo este o dominante. Seria o perfeito Dom Quixote? Percival pode ser representado como um modelo de personalidade inocente em toda sua trajetória, tal como o personagem principal de Miguel de Cervantes, mas que vai evoluindo ao longo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

da missão que tem: como ele é o rebelde e o herói em uma personalidade inocente, pode ser confundido com um louco, posto que ele não tem plena consciência do porquê e como age para cumprir sua missão. Percival, como um arquétipo humano, foi representado em várias obras literárias e artísticas, e é justamente a partir da Idade Média que ele tem sua primeira representação simbólica em palavras feita por Chrétien de Troyes na obra *Perceval ou le conte du Graal* (c.1182-1190), inacabada, traduzida ao espanhol por Martín de Riquer como *Perceval o el cuento del Grial* (1961).

O mais sintomático é que, na literatura hispano-americana, o poeta nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) publicou diversas obras em que o elemento medieval se faz presente na poesia e na prosa, como no conto "A las orillas del Rhin", publicado em folhetim na revista *El Porvenir de Nicaragua* em 14 de julho de 1885. Na poesia, temos mais referências a personagens medievais, como Percival e Lohengrin.

Na versão de Troyes, Percival admite erros e volta atrás para concluir a sua demanda da busca pelo graal. Em Darío, da mesma forma, temos um Percival errático, caracterizado como "el loco luminoso", o que nos leva a crer que há uma possível relação intertextual entre essas obras. Tendo-se em vista essa intertextualidade em torno de um mesmo personagem em obras tão distantes entre si, questionamo-nos: qual é a influência desse personagem arquetípico na poesia de Darío que, da mesma forma que Troyes, o coloca como um bufão ou um desastrado segundo a leitura de Mircea Eliade (1938), e que pode ter possíveis relações intertextuais com o personagem do Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura?

Por estarmos diante da possibilidade de situar o presente estudo no escopo da Literatura Comparada, objetiva-se aproximar o arquétipo do personagem Percival à literatura produzida pelos dois autores literários em questão, a partir da noção de mito como arquétipo humano baseando-nos em Carl Jung, Joseph Campbell e Mircea Eliade.

O mito no Percival de Chrétien de Troyes e de Rubén Darío

O mito do Santo Graal renasce de maneira exponencial na Idade Média com a publicação de algumas obras que transformaram esse mito em um objeto literário. Objeto esse que nasceu graças à imaginação de Chrétien de Troyes (c. 1135-c.1191), um religioso que foi poeta e trovador e um dos primeiros escritores de romances de cavalaria. Seus *romans* em versos octossilábicos consistem em cinco obras publicadas,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias (MA) - CEP 65600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sendo elas: *Érec et Énide* (c. 1770), *Cligès* (c. 1176), *Lancelote, o Cavaleiro da Carreta* (c. 1178-1181), *Ivain, o Cavaleiro do Leão* (c. 1178-1181) e *Perceval ou le Conte du Graal* (c. 1182-1190). O mito do Santo Graal aparece apenas na última obra, inacabada, dedicada ao patrono do escritor, Felipe da Alsácia, conde de Flandres. Chrétien trabalhou na obra a partir de escrituras fornecidas por Felipe e, após sua morte, quatro diferentes poetas adicionaram 54 mil versos à obra original.

Nessa bela história, temos a apresentação de um jovem camponês, Percival, que, ao se encontrar com cavaleiros andantes, nutre o desejo de ser um deles. Criado nas densas florestas do País de Gales por sua mãe desde a morte de seu pai, Percival decide ir à corte do Rei Artur, onde uma jovem prevê grandes conquistas em sua vida. Objeto de gozação na corte por parte do senescal Kay, Percival decide tornar-se cavaleiro e parte para aventuras. Em uma delas, salva e se apaixona pela princesa Brancaflor, sua futura esposa, ao mesmo tempo em que treina com o experiente cavaleiro Gornemant.

Em determinado momento, conhece o Rei Pescador, que o convida a permanecer em seu castelo. Em um dia, presencia uma procissão em que jovens carregam objetos magníficos entre cômodos, passando por ele em cada fase do evento. Primeiro, aparece um jovem carregando uma lança coberta por sangue, depois, dois jovens carregando candelabros, por fim, uma jovem aparece trazendo consigo um luminoso cálice de ouro e pedras preciosas (o graal). Tendo sido previamente aconselhado, o jovem permanece em silêncio durante toda a cerimônia, apesar de não entender seu significado. Esse jovem cavaleiro galês, inocente e puro, não se atreve a perguntar para que ou a quem serve o graal. A torpeza do protagonista desencadeia a continuação do relato com o estranho desaparecimento de seu anfitrião e de todos os habitantes do castelo na manhã seguinte e a posterior busca da resposta à pergunta não feita no momento da procissão, qual seja, “a quem serve o graal?”. Mais adiante, o relato nos revelará que o reluzente objeto era usado para alimentar com uma hóstia consagrada o pai do Rei Pescador, que estava ferido e recluso em um quarto do castelo.

Na trama de Chrétien de Troyes, o graal ainda não carregava o significado cristão de cálice sagrado utilizado na Santa Ceia e depois por José de Arimatéia para coletar as últimas gotas de sangue de Jesus Cristo na cruz. Continuador da obra de Troyes, Robert de Boron, também poeta francês que viveu entre os séculos XII e XIII, foi quem deu pela primeira vez um sentido cristão ao graal. Na história desse autor, *Le*

roman du Saint Graal, José emigrou com sua família à Grã-Bretanha onde guardaram o graal até a chegada de Percival. Ou seja, de puro objeto literário – o graal era uma espécie de grande vasilha para servir ensopados –, passa a ser um objeto sagrado em Boron, e é somente no Romantismo e após, nos séculos XIX e XX, que a matéria da Bretanha volta a adquirir interesse em diferentes autores literários, como é o caso de Rubén Darío.

Fundador do Modernismo hispano-americano, Darío foi um escritor em língua espanhola francófilo: grande amante da literatura francesa, o poeta desenvolveu uma poesia lírica original, carregada de sensualidade, misticismo, musicalidade... Onde os temas universais do amor, da dor, da angústia ou da aceitação da morte aparecem em poemas que resgatam personagens medievais como Percival e Lohengrin. Como Troyes, Darío imaginou uma literatura inovadora para sua época, conforme depoimento do escritor argentino Jorge Luis Borges:

> Todo lo renovó Darío: la materia, el vocablo, la métrica, la magia peculiar de ciertas palabras, la sensibilidad del poeta y de sus lectores. Su labor no ha cesado y no cesará; quienes alguna vez lo combatimos, comprendemos hoy que lo continuamos. Le podemos llamar el Libertador. (MEJÍA SÁNCHEZ, 1968, p. 13 apud PHILLIPS, 1989, p. 429).

Essa renovação indicada por Borges alcança os temas mitológicos e clássicos por excelência, identificados por meio de alusões ao exotismo e orientalismo. Não por acaso, no poema “Parsifal”, mesmo que versificado na métrica clássica do soneto italiano, com rima ABBA e ABBA nos dois quartetos e com rima CCD e CCD nos dois tercetos, e que seus versos sejam de arte maior e hendecassílabos ao estilo espanhol, a audição das sílabas finais dos versos é grave, à exceção do último verso do poema, que termina em uma sílaba tônica aguda, diferenciando-o dos demais versos.

Essa finalização sonora grave dos versos possui uma correlação direta com as catedrais medievais e com uso das consoantes s, l, v, s, que também remetem ao medievalismo por sua qualidade melódica no uso da voz cantada que foi desenvolvida amplamente pelo canto gregoriano. Cantado geralmente em igrejas e catedrais, essa voz cantada se utiliza da acústica do ambiente para ressaltar as vozes e criar um efeito sonoro especial. Lidos no poema, os versos de “Parsifal” se parecem a um canto

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

gregoriano monódico (cantado pelo eu-lírico), mas possui uma anomalia exótica no último verso. Vejamos o poema na sequência:

> Violines de los ángeles divinos,
> sones de las sagradas catedrales,
> incensarios en que arden nuestros males,
> sacrificio inmortal de hostias y vinos;
>
> túnica de los más cándidos linos,
> para cubrir a niños virginales;
> cáliz de oro, mágicos cristales,
> coros llenos de rezos y de trinos;
>
> bandera del Cordero, pura y blanca,
> tallo de amor de donde el lirio arranca,
> rosa sacra y sin par del santo Graal:
>
> ¡mirad que pasa el rubio caballero;
> mirad que pasa, silencioso y fiero,
> *el loco luminoso: Parsifal!*
> (DARÍO, 1975, p. 963-4 apud FIORUSSI, 2012, p. 83-4).

Segundo André Fiorussi, o poema de Darío é uma versão lírica alusiva à ópera homônima de Richard Wagner, especialmente no seu vocabulário: "Chama atenção, nos *endecasílabos* de 'Parsifal', a sobreposição musical de construções exclusivamente nominais, que raramente aparece como traço fundamental em outros poemas de Darío." (FIORUSSI, 2012, p. 85), o que se corrobora com sua análise de que

> De modo geral, Darío prezará a variedade dos elementos compositivos e rejeitará a obscuridade em sua poesia, preferindo uma representação por alegorias transparentes e uma sintaxe mais simples e diversificada. (FIORUSSI, 2012, p. 86).

Fazendo-se uma interpretação linear do poema de Darío, temos que os elementos compositivos vão ao encontro do que se ouve na ópera de Wagner que estreou no dia 26 de julho de 1882, 17 anos antes do anúncio do soneto de Darío, "Parsifal", em 1899. Na ópera, o herói, chamado de "o tolo puro" é um dos cavaleiros da Távola Redonda, coroado Rei do Santo Graal após encontrar a maturidade no contato com o Mal. O enredo é bem parecido com o da saga do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda, mas, nas mãos de Wagner, o libreto ganha um *plus* a mais: a presença da Lança ao lado do Graal, as mais sagradas relíquias do imaginário cristão. Os dois objetos encontravam-se sob a guarda da misteriosa cavalaria do Rei Amfortas. Porém,

Klingsor roubou a lança e com ela feriu o Rei, provocando nele uma chaga que não cicatrizava.

É aí que entra a particularidade de Percival. Somente alguém despojado de toda maldade, um "tolo puro", poderia salvar Amfortas. O jovem Percival havia crescido longe do contato com a civilização, sendo um inocente, conforme a classificação de Jung para esse arquétipo, e sendo livre de culpas e de maldade.

No entanto, esse mesmo jovem ainda não estava apto a salvar o Rei: antes, precisava conhecer todas as facetas da alma humana e aprender a viver. Só após adquirir a maturidade, pôde salvar Amfortas e tornar-se seu sucessor como Rei do Santo Graal. Eis o amadurecimento necessário do Percival de Wagner e também, por que não dizê-lo, de Dom Quixote, de codinome "Cavaleiro da Triste Figura".

Sintomático que Dom Quixote, na sua cena mais emblematicamente amorosa, é denominado por esse codinome várias vezes. No capítulo XXV da primeira parte da obra de Miguel de Cervantes, Dom Quixote e Sancho Pança decidem entrar na Serra Morena, onde se encontram com Cardenio, um príncipe que ficou louco por amor. Teve ideia o nosso cavaleiro andante de realizar uma penitência amorosa ao melhor estilo de Amadis de Gaula. Eles chegam ao pé da montanha onde havia um prado verde e onde um arroio passava pelo lugar. Esse foi precisamente o lugar que Dom Quixote escolheu para fazer penitência em favor de Dulcinea del Toboso, durante a qual teve a ideia de escrever uma carta melodramática que passamos a reproduzir a seguir:

> Carta de Don Quijote a Dulcinea del Toboso
>
> Soberana y alta señora:
>
> El ferido de punta de ausencia y el llagado de las telas del corazón, dulcísima Dulcinea del Toboso, te envía la salud que él no tiene. Si tu fermosura me desprecia, si tu valor no es en mi pro, si tus desdenes son en mi afincamiento, maguer que yo sea azas de sufrido, mal podré sostenerme en esta cuita, que, además de ser fuerte, es muy duradera. Mi buen escudero Sancho te dará entera relación, ¡oh bella ingrata, amada enemiga mía!, del modo que por tu causa quedo: si gustares de acorrerme, tuyo soy; y si no, haz lo que te viniere en gusto, que con acabar mi vida habré satisfecho a tu crueldad y a mi deseo.
>
> Tuyo hasta la muerte,
>
> El Caballero de la Triste Figura
> (CERVANTES, 2004, p. 245).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

A importância dessa carta se dá pelo mesmo motivo que antes mencionávamos sobre a necessária maturidade do ser humano, antes de pôr-se a realizar uma ação nobre, como a de amar uma mulher: Dom Quixote se dispõe até a morrer por ela em caso de rejeição. Essa atitude é a mesma fé que guia Percival em sua missão: até não estar maduro, não deixará de se entregar ao desconhecido, a querer aprender mais e mais.

Voltando à ópera de Wagner, temos que seus principais leitmotivs referem-se a Percival e aos demais personagens, além de objetos, e desempenham um papel importante na audição da ópera, pois servem de memorização, comentando o que acontece nas cenas e mostrando conexões na trama. Os leitmotivs iniciam-se com o motivo da festa do amor, tema central da ópera. Logo após, ouve-se, em sequência, o motivo do Graal, o motivo da fé, o motivo de Amfortas, o motivo do esplendor da manhã, o motivo angélico, o motivo de Klingsor, o motivo do bufão, o motivo de Percival, o motivo dos sinos, o motivo da benção e, por fim, o motivo dos encantamentos da Sexta-Feira Santa. Invariavelmente, todos os personagens da ópera vão experimentar uma evolução psicológica, tal como Dom Quixote se dispõe na carta.

Como num melodrama, a fé de Percival se concretiza ao longo da ópera, e vai se fortalecendo até se transformar no maior poder que guia Percival na busca pelo Santo Graal. Da inocência do jovem Percival, essa fé vai transformando-o em um verdadeiro cavaleiro andante dotado de poderes que ele mesmo não sabia que tinha. Ou seja, fé e Percival simbolizam a mesma coisa. Na demanda da busca do Santo Graal e da Lança Sagrada, o próprio Rei reconhece que ninguém além de “um bobo inocente iluminado pela compaixão”, como está textualmente no libreto, poderia retirá-lo daquela condição de eterno ferido. Na entrada triunfal de Percival a Montsalvat, no terceiro ato da ópera, a música soa como um hino em homenagem ao cavaleiro corajoso, pois ele cumpriu sua missão de trazer a Lança Sagrada de volta ao Rei. No momento em que Percival pede que o Santo Graal seja descoberto, uma pomba branca sobrevoa sua cabeça. Essa é a cena final da ópera, que mostrou um ser inocente do início ao fim, mas que foi iluminado pela Graça Divina para cumprir sua missão.

Joseph Campbell, em *O poder do mito* (1990), afirma que o poeta alemão Wolfram von Eschenbach (c. 1170-c.1220) havia corrigido a versão da história de Percival versificada por Chrétien de Troyes, começando pela interpretação do nome, “Perceval”, que pode ser dividido em duas partes, “perce” e “val”: o ato de percorrer ou

atravessar o meio do vale passando entre o par de opostos de que está composto o Mundo: o Bem e o Mal. Isso pode ser interpretado como uma heresia, ou seja, é uma interpretação gnóstica, para Campbell. Sobretudo porque, logo no início do poema *Parzival* (século XIII), considerado um dos maiores poemas épicos alemães, afirma-se que todos os nossos atos são brancos e pretos, ao mesmo tempo. Ou seja, todos os nossos atos mundanos mostram o Bem e o Mal, pois os atos, por si só, já vêm com esse efeito duplo na sua natureza. Então, cabe ao Homem decidir-se por um dos dois lados. Campbell afirma: "O melhor que podemos fazer é pender na direção da luz, na direção do harmonioso relacionamento que resulta da compaixão pelo sofrimento" (1990, p. 214). Estando vivo, essa é uma escolha só do Homem, mas também é uma inclinação nossa na Realidade em torno, posto que nada mais somos do que imagens de Deus. Com isso, todo cavaleiro andante vai pender para o Bem para produzir bons atos, como é o caso de Percival, em que sua fé o levou a ser guiado pela Graça Divina.

Mircea Eliade, em *Mito e realidade* (1972), afirma que precisamente na Idade Média, época dos cavaleiros andantes, há uma recrudescência do pensamento mítico, onde as classes sociais se identificavam conforme a doutrina cristã, maiormente, mas também a ultrapassavam, utilizando-se de outras referências culturais, como as célticas e até as muçulmanas para atuarem conforme essas referências. No caso do Santo Graal de Eschenbach (2020), ele era uma pedra vinda dos céus. O texto alemão contém passagens que revelam certo conhecimento do cenário do Oriente Médio islâmico e que podem ter sido relatadas ao autor pelos cruzados que retornavam à Europa. As escrituras do conde de Flandres – que havia estado naquelas terras em 1177 – foram lidas por Eschenbach, ademais das fontes de certo bardo misterioso chamado Kyot, de origem provençal. A história de Kyot aparece no Livro 9, onde Wolfram explica que o provençal havia descoberto um manuscrito árabe negligenciado na Toledo islâmica, na Espanha. O manuscrito havia sido escrito por Flegetanis, um astrônomo muçulmano descendente de Salomão que havia encontrado os segredos do Santo Graal escritos nas estrelas. Depois de aprender árabe para ler o documento de Flegetanis, Kyot viajou pela Europa para aprender mais sobre o Graal e a irmandade que o protegia, encontrando Wolfram no caminho e lhe passando seus conhecimentos islâmicos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Conclusão

Após uma breve incursão pela lenda do Santo Graal e por duas diferentes adaptações literárias medievais da lenda, a principal conclusão que podemos tirar é que, se em Chrétien de Troyes temos um Percival pagão e bobo, algo rebelde, conformando com os arquétipos de Jung "o rebelde" e "o herói" transmutados em "o inocente", em Wolfram von Eschenbach (2020), ao contrário, temos um Percival que vai evoluindo psicologicamente por meio da sua fé e da consciência da realização de sua missão.

Esse dois personagens medievais são muito diferentes entre si, mas revelam uma tentativa de eternizar o último cavaleiro que chegou ao reinado do Rei Artur. Na lenda, Percival simboliza o centro, a união da força física e espiritual dos doze cavaleiros em uma só pessoa. Na versão de Troyes, Percival não se dá conta da sua missão, e por isso sua evolução é incompleta. Enquanto não tem conhecimento de sua verdadeira missão, o jovem Percival não consegue tomar consciência da própria identidade (FERNANDE, 2005). O mote do texto de Troyes é apenas a solução do enigma do Graal, mas ela ficou inacabada e por isso temos uma nova versão feita por Eschenbach anos depois. Nesta, Percival tem consciência de que precisa solucionar um enigma por pura compaixão pelo Rei. E é por meio da cavalaria andante que Percival consegue transformar uma simples intuição em verdadeiro ato de amar, algo cada vez mais raro e difícil de acontecer entre nós, seres humanos. Ele decidiu e agiu por puro Amor, porque tinha um coração puro. Sendo fiel à sua missão, conseguiu não só recuperar o Rei ferido, mas restaurar o seu reinado. Mircea Eliade nos diz que este episódio da lenda artúrica é significativo da condição humana: "Nuestro destino se obstina en que no hagamos la *pregunta correcta*, la que es necesaria y urgente, la única que cuenta y que puede rendir frutos" (1938, s. p.), mas que, ao invés disso, "preferimos perdernos en un laberinto de preguntas y reflexiones que efectivamente poseen algún encanto e incluso ciertas cualidades, pero que no enriquecen realmente nuestra vida espiritual". (idem).

Enquanto os filósofos e demais pensadores da Cultura *falam* de suas ideias, os verdadeiros heróis – dos menos conhecidos aos mais ilustres – colocam essas mesmas ideias em prática. Nesse sentido, as atitudes morais de Percival (que pode ser o personagem da versão de Chrétien de Troyes), transcendem os feitos como pura decisão e ação e alcançam o mundo espiritual, que é o único mundo que importa para nós,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA, CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

estando vivos ou mortos nesta Terra. Assim, toda ação heroica se reveste de significado posto que a qualidade de ser cavaleiro andante não importa tanto, mas, sim, a qualidade moral da ação produzida, tal como a exemplificou Dom Quixote em tantos episódios risíveis como o da Serra Morena, posto que reflexo de uma personalidade altamente corajosa em fazer o Bem mesmo dando piruetas e nu e se mostrando ridículo aos olhos de um incrédulo Sancho Pança.

Rubén Darío, em fins do século XIX, pai do Modernismo hispano-americano e grande inovador da lírica em língua espanhola, rendendo frutos para toda a Literatura posterior, escreveu o belíssimo poema "Parsifal" a modo da música gregoriana, mas também wagneriana, preenchendo-a de vários elementos compositivos atemporais que, ao final, trazem a novidade mais impactante e inesperada que é a pura presença de um Percival iluminado, potencialmente *loco*, porém sabendo, como o toque de um violino insistente, aonde pode e consegue chegar sem se perder nas fraquezas da vida interior.

Referências

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Com Billy Moyers. Org. por Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del 4º Centenario. Madrid: Alfaguara, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Filosofia)

_____. Un episodio de Parsifal (1938). Tradução de José Antonio Hernández García. Disponível em: https://www2.ulpgc.es/hege/almacen/download/30/30089/unepisodiodeparsifal.htm.

ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. 5. ed. São Paulo: Antroposófica, 2020.

FERNANDE, Raúl Cesar Gouveia. A formação do cavaleiro: *Perceval ou O Conto do Graal*. *Revista Mirabilia*, Número 4, p. 127-140, jun.-dez. 2005. Disponível em: https://www.revistamirabilia.com/issues/mirabilia-04-2004/article/formation-knight-perceval-or-conte-du-graal.

FIORUSSI, André. Rubén Darío, leitor de Cruz e Sousa? Uma hipótese menosprezada de Andrade Muricy. *Revista Caracol*, São Paulo, Número 4, p. 74-94, jul.-dez. 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/59512.

JUNG, Carl Gustave. *Obras completas*. Volume 9/1. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

PHILLIPS, Allen W. Cuatro poetas hispano-americanos entre el modernismo y la vanguardia. *Revista Iberoamericana*, Volume LV, Número 146/147, p. 427-449, jan.-jun. 1989. Disponível em: http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/issue/view/181.

TROYES, Chrétien de. *Perceval o el cuento del Grial*. Edición y traducción de Martín de Riquer. Madrid: Espasa-Calpe, 1961. (Colección Austral)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O GROTESCO AO SUL DOS EUA: UMA LEITURA DE CARSON McCULLERS E WILLIAM FAULKNER

Giovana de Proença Gonçalves[2]

Resumo: William Faulkner e Carson McCullers são dois dos mais notórios autores do Sul dos Estados Unidos. A obra de ambos, entretanto, foi limitada pelo rótulo do Gótico Sulista. A partir de uma análise comparatista de *Enquanto agonizo* (1930) e *O coração é um caçador solitário* (1940), pretendemos apresentar uma leitura do realismo particular dos dois escritores e ressaltar as manifestações do grotesco nas duas obras. Para isso, nos voltamos para o contexto de escrita das narrativas, com o choque entre o Velho Sul e a modernidade, e para a fragmentação da região – espelhada na fragmentação das personagens de Faulkner e de McCullers. Nos romances em questão, os protagonistas estão longe das aristocráticas famílias sulistas: são trabalhadores, as "vidas pequenas", de modo que o aspecto tragicômico da existência humana é acentuado por opressões diversas. Nos baseamos, assim, no aporte teórico de Bakhtin, Lawson e Kayser, que apontam que o encontro de elementos vistos como irreconciliáveis é o princípio da categoria estética do grotesco. O grotesco é, em nossa visão, um instrumento para a construção do realismo particular dos dois escritores e é interessante notar como ele se relaciona à subjetividade, destacada pelos artifícios modernistas presentes nos romances analisados. Nossa comunicação, portanto, busca ressaltar o Grotesco Sulista como uma produtiva fonte de interpretação das obras de William Faulkner e de Carson McCullers.

Palavras-chave: Grotesco. Romance estadunidense. Southern Literature. William Faulkner. Carson McCullers.

Introdução

William Faulkner (1897-1962) e Carson McCullers (1917-1967) são dois dos mais notórios autores do Sul dos Estados Unidos. Suas produções estão vinculadas à Renascença Literária Sulista (*Southern Literary Renaissance*), movimento ocorrido do fim da Primeira Guerra Mundial até a década de 1950. Durante a Renascença – assim batizada pelo poeta, crítico e ensaísta Allen Tate –, o Sul deixa de ser uma zona periferica para ocupar o centro da discussão literária dos EUA.

Os Fugitivos-Agrários de Nashville definiram os contornos da Renascença. Entre os seus membros, estavam Allen Tate, Donald Davidson e John Crowe Ransom.

[2] Doutoranda (Doutorado Direto) no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP, no qual desenvolve pesquisa sobre literatura estadunidense do século XX.

Eles se consideravam fugitivos voluntários do estado contemporâneo da sociedade americana Pode-se dizer, de maneira geral, que Tate definiu os contornos da *Southern Literary Renaissance*, em termos estéticos e temáticos. Para o ensaísta, a literatura sulista ideal deveria surgir da fusão de influências culturais e artísticas do Modernismo internacional com os materiais tradicionais sulistas (BRINKMEYER. 2004, p. 150).

Allen Tate (1968, p. 535) escreve que "a arte, em todos os lugares, nasce de uma misteriosa união de materiais indígenas e influências estrangeiras: não há grande arte ou literatura que não traga as marcas dessa fusão". Ele sintetiza: "Com a guerra de 1914-18 [...] o Sul reentrou no mundo – mas olhou para trás ao cruzar a fronteira: esse olhar para trás nos deu a Renascença Sulista, uma literatura consciente do passado no presente" (TATE, 1968, p. 545). Assim, os Fugitivos-Agrários vislumbravam no choque entre as culturas tradicionais e modernas o grande tema da Renascença Sulista.

As obras de Faulkner e McCullers podem ser vistas por esse prisma, que destaca a ideia de justaposição e de elementos considerados opostos sendo colocados em coexistência. Entretanto, a recepção dos autores foi limitada pelo rótulo do Gótico Sulista. Alan Spiegel, discutindo o grotesco na literatura sulista, questiona:

> Será o goticismo um complemento necessário do "grotesco"? Um romance pode ser "grotesco" e não gótico? *Absalão, Absalão!* e *Santuário* são obviamente "grotescos" e góticos, enquanto *Enquanto agonizo, Wise Blood e A convidada do casamento* não parecem conter elementos góticos evidentes. Será que isto também significa que não são "grotescos"? (SPIEGEL, 1972, pp. 428-429).

Esse questionamento perpassa nossa análise. Leslie Fiedler, autor de *Love and Death in the American Novel* – estudo seminal sobre o gótico dentro da literatura estadunidense –, propõe uma reflexão sobre as herdeiras de Faulkner: McCullers, Eudora Welty e Flannery O' Connor.

Fiedler localiza nessas autoras uma diminuição das pulsões ligadas ao horror e, consequentemente, menos goticismo. Ele define a estreia de McCullers – *O coração é um caçador solitário* (1940) – como "o último dos 'romances proletários', um verdadeiro livro sobre a Depressão" (FIEDLER, 1984, p. 478), dando-lhe uma esfera realista. Dara Downey (2016, p. 365) discorre sobre o gótico e o grotesco na escrita de McCullers. Para ela, a autora evoca a imagem do Sul dos Estados Unidos como um

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

local "gótico e assombrado", por meio de "uma prosa amplamente realista, em que as imagens dão corpo a mundos sociais que raramente, ou nunca, se desviam para o reino do simbólico ou do sobrenatural". Entretanto, o romance tem sido constantemente interpretado de maneira simbólica ou alegórica pelos críticos, que ignoram o seu potencial realista. Do mesmo modo, William Van O' Connor (1963, p. 33) aponta que *Enquanto agonizo* também opera nos dois níveis, que ele chama de "viagem simbólica e ritualista" e "narrativa naturalista e psicológica".

Enquanto agonizo e *O coração é um caçador solitário* foram publicados com uma década de diferença. Em Faulkner, vemos a permanência de um ambiente rural, até mesmo pastoril. É notável que a família Bundren está em viagem – uma transição – até a cidade para enterrar a matriarca. Já a cidade de McCullers, localizada no "Sul profundo", caracteriza um romance urbano, permeado pela existência de fábricas de algodão.

Apesar das distinções, é produtivo considerar a aproximação temporal das duas obras, o que denota uma justaposição de modos de vida coexistentes em uma mesma região. Na concepção de Spiegel (1972, pp. 430-431), por exemplo, o grotesco resultaria tanto do fechamento da velha ordem – uma partida extrema das normas do Velho Sul – quanto das distorções moldadas pela industrialização e pela cidade moderna. Vale lembrar que McCullers não escapa do impacto de Faulkner sobre as sucessivas gerações de escritores sulistas, de modo que ela escreve que o autor, ao lado de O'Neil, Flaubert e os russos, é sua principal influência.

A partir de uma análise comparatista de *Enquanto agonizo* (1930) e *O coração é um caçador solitário* (1940), pretendemos apresentar uma leitura do realismo particular dos dois escritores e ressaltar as manifestações do grotesco nas duas obras. Para isso, nos voltamos para o contexto de escrita das narrativas, com o choque entre o Velho Sul e a modernidade, e para a fragmentação da região – espelhada na fragmentação das personagens de Faulkner e de McCullers.

Primeiras comparações

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Os personagens de *Enquanto agonizo* e *O coração é um caçador solitário* estão longe das aristocráticas famílias sulistas. São trabalhadores, as "vidas pequenas", de modo que o aspecto tragicômico da existência humana é acentuado por opressões diversas. Nas duas obras, há pouca ou quase nenhuma menção ao trauma do Sul: a Guerra Civil (1861-1865). Contudo, eles espelham o choque entre uma cultura tradicional sulista, que perde força e se mantém por meio de uma sociedade normativa e hegemônica, e a modernidade em avanço – em grande parte, problemática. Além desse choque, sobre o qual os Fugitivos-Agrários se debruçaram, mostraremos que novos conflitos são retratados nos romances, assinalando a ideia de justaposição.

A tragicomédia é o estilo dos dois romances. No primeiro capítulo de *Enquanto agonizo*, por exemplo, Darl sugere um comentário peculiar: "um bom carpinteiro o Cash [...] Addie Bundren não poderia desejar um melhor, um melhor caixão para descansar. Dará a ela confiança e conforto" (FAULKNER, 2009, p. 10). A pequena observação de Darl, ainda que simplória, não deixa de conter uma pequena comédia humana, acreditando que em meio à morte e à agonia, que perpassa a viagem dos Bundren para enterrar o corpo da matriarca, o caixão poderia oferecer algum tipo de conforto para Addie.

Thomas Mann (1960, p. 231), escrevendo sobre Joseph Conrad, discorre que a característica marcante da arte moderna é que ela cessou o reconhecimento das categorias do trágico e do cômico, de modo que ela vê a vida como tragicômica e o grotesco é o seu estilo genuíno. William Van O' Connor (1959, pp. 343-346) também acredita que a arte moderna deixou de reconhecer essas categorias, sendo o grotesco o estilo da tragicomédia humana. O grotesco seria, então, uma reação contra os costumes burgueses. Segundo ele, o nosso ser racional necessita das categorias fixas e estáveis. Contudo, nós também reconhecemos o irônico, o paradoxal e o ambíguo, a tensão. O grotesco seria o resultado do irrompimento de elementos de uma categoria em outra distinta. Mais uma vez, entramos em contato com uma acepção que coloca o grotesco como o choque entre elementos vistos como contrários.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O crítico Knowles Jr (1969, p. 88), discutindo sobre as tendências literárias da década de 1940, inclui McCullers em uma tradição que coloca a ênfase nas "vidas pequenas" [little people], os norte-americanos pobres, encontrando entre eles virtudes de humor, coragem e simpatia que os elevam como seres humanos. Esta literatura, que ganhou destaque com John Steinbeck, coloca que sentimentos enraizados na Depressão e na iminência da Segunda Guerra Mundial levaram à consideração de que apenas as formas de vida mais simples e fundamentais podem possuir as virtudes que as possibilitam a sobrevivência a estes a eventos. Assim, essa literatura ressaltava a comédia e o *pathos* das "pequenas vidas", em obras como *O coração é um caçador solitário* e *Of mice and men* (1937), de John Steinbeck, por exemplo.

Com McCullers, buscamos mostrar como esse recorte ganha novas gradações, uma vez que ela, com a peculiar seleção de personagens de *O coração é um caçador solitário,* eleva aqueles indivíduos que são considerados *outsiders* – os excluídos da ordem social –, propondo uma justaposição de planos, que reside no cerne da estética do grotesco.

Ainda que a afirmação de Darl em *Enquanto agonizo* traga uma ironia tragicômica, a simplicidade de sua crença; ou seja, que o caixão traria conforto à mãe, liga-se a um tipo de virtude, a "resistência" [endurence], elevada por Faulkner em seu projeto literário. Ele antecipa, assim, a tendência que viria a se destacar na década seguinte à publicação de seu romance.

Nesse sentido, Carson McCullers (2010, p. 295) afirma que a técnica da literatura de seus contemporâneos sulistas, influenciados por Faulkner, é basicamente "uma corajosa e visível justaposição rígida do trágico com o cômico, o imenso com o trivial, o sagrado com o obsceno, toda a alma humana com detalhamento materialista". O grotesco é, em nossa visão, um instrumento para a construção do realismo particular e intenso (McCULLERS, 2010, p. 295) dos dois escritores e é interessante notar como ele se relaciona à subjetividade, destacada pelos artifícios modernistas presentes nos romances analisados.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Enquanto agonizo retrata a saga dos Bundren – Anse e seus filhos: Darl, Cash, Dewey Dell, Jewel e Vardaman – para enterrar a matriarca morta, Addie, em Jefferson. *O coração é um caçador solitário* é centrado no fascínio que John Singer, personagem surdo, causa nos demais protagonistas do romance: Mick Kelly, adolescente andrógina; Biff Brannon, dono do café da cidade; Jake Blount, trabalhador de inclinação comunista e tendências alcoólatras; e Dr. Benedict Copeland, médico negro que luta pelos direitos da população afro-americana. Assim, Singer torna-se o principal ouvinte dessas figuras.

Em termos estruturais, em cada capítulo de *Enquanto agonizo* um personagem assume a voz narrativa em primeira pessoa, tornando a obra um triunfo da subjetividade, o que se potencializa a partir de uma ação única: o cortejo fúnebre da mãe. William Van O' Connor (1963, p. 32) propõe um questionamento: "[o romance] é a história de Addie? ou a de Darl e a de Cash, ou é a história de todos esses e dos outros participantes também?".

No romance de McCullers, temos um narrador onisciente em terceira pessoa, próprio das obras realistas mais tradicionais. Ao mesmo tempo em que a terceira pessoa demarca um distanciamento, há a assimilação da perspectiva de cada uma das personagens, com seu ponto de vista interno e pessoal. Dessa assimilação resulta também o entrelaçamento de vozes do romance. Segundo McCullers:

> A afinidade do livro com a música contrapontística fica clara no estilo real com que o livro é escrito. Há cinco estilos diferentes de escrita — um para cada personagem principal, que é tratada subjetivamente, e um estilo objetivo e fabuloso para o mudo. A finalidade de cada um desses métodos de escrita é aproximar-se o mais possível dos ritmos mentais interiores da personagem cujo ponto de vista é escrito. (McCULLERS, 2010, p. 188).

É um consenso crítico que os romances de McCullers são mais estruturados em torno da interioridade das personagens e menos em relação aos acontecimentos que retratam. As estórias de Mick, Biff, Copeland, Blount e até mesmo de Singer guardam uma certa independência com relação aos demais. Temos uma prosa inundada pela subjetividade das cinco personagens principais, de modo que em cada capítulo uma delas assume o centro da trama, enquanto o narrador e o leitor perdem acesso à interioridade das outras.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nas duas obras há uma miríade de perspectivas, a partir de estruturas contrapontísticas, semelhantes à da fuga musical. Conrad Aiken (1966, pp. 46-52), por exemplo, relaciona uma série de romances de Faulkner escritos na década de 1930 – entre eles, *Enquanto agonizo* – à fuga musical.

Faulkner coloca Addie como o centro unificador de sua trama. Em McCullers, as histórias de Mick, Biff, Copeland e Jake podem operar como novelas separadas, ao passo que as trajetórias de Anse, Darl, Cash, Dewey Dell, Vardaman e Jewel são indissociáveis em *Enquanto agonizo*. Gostaríamos de enfatizar, por último, o quanto o contraponto guarda proximidade com a ideia de justaposição – diferentes pontos de vista sendo colocados em coexistência.

Leituras do grotesco

A corporeidade está no cerne das duas narrativas. Em Faulkner, a existência do cadáver de Addie implica em uma presença física que, como lembra Marie Lienard-Yeterian (2018, p. 98), tem materialidade – peso, cheiro, tamanho. Addie instaura uma justaposição central no romance, responsável por carregar grande parte de seu teor grotesco: vida e morte. De fato, em seu célebre monólogo (um dos melhores momentos do livro), ela afirma “Eu só lembrava como meu pai costumava dizer que a razão para viver era se preparar para estar morto durante muito tempo” (FAULKNER, 2009, P. 142).

A tragicomédia é acentuada em certos trechos, como quando Dewey Dell leva os bolos da sra. Tull na mesma carroça em que o cadáver de Addie está sendo carregado. Por meio de apelos sinestésicos, como o cheiro do corpo, constantemente aludido na narrativa, a cena torna-se repulsiva e absurda. “É um insulto à morta” (FAULKNER, 2009, p. 86), critica Anse. Adiante, ele também reprime Jewel. Segundo ele, o filho está “cabriolando em cima desse maldito animal de circo e ela [Addie] querendo que todos nós estivéssemos na carroça com ela aquela origem de sua carne e sangue” (FAULKNER, 2009, p. 88). Mas, “nem bem passamos a trilha de Tull quando Darl começou a rir. Sentada no banco ao lado de Cash, com sua mãe morta no caixão

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

aos seus pés, rindo." (FAULKNER, 2009, p. 88). Dessa forma, o cortejo funerário é permeado por elementos que remetem a festividades, como os bolos e o "animal de circo", o que leva à mistura dos planos elevado e baixo.

Temos outra justaposição fundamental no romance, que levou a pesquisadora francesa Maria Liénard-Yeterian (2018) a chamá-lo de "bestiário". Essa se dá entre animalidade e humanidade. Vale lembrar que, em suas origens, o termo grotesco, derivado de "la grottesco" (grotta, em italiano, é gruta), refere-se a um tipo de ornamentação do fim do século XV, em que estão suspensas as ordens da natureza; ou seja, as diferenças entre plantas e animais (KAYSER, 1986. p. 18). Nesse sentido, o grotesco, segundo Lewis A. Lawson (1967, pp. 168-169) – em especial, o grotesco da literatura norte-americana do século XX – resulta essencialmente da incongruência, ou seja, do choque entre elementos contraditórios. O teórico sugere que o grotesco contém tanto o que é extremamente realista e o que é irrealista ou até mesmo surrealista. Ele lembra, assim como Kayser, que o sentido original do termo grotesco implica a combinação entre o animal e o vegetal, o que já denota a incongruência. Do mesmo modo, Bakhtin (2010, p. 320) observa que no grotesco:

> todas as coisas do mundo abandonaram seu antigo lugar na hierarquia do universo e dirigiram-se para a superfície horizontal única do mundo em estado de devir, encontraram novos lugares para si, ataram novos laços, criaram novas vizinhanças.

Assim, o "animal" e o "humano", dois planos comumente distintos, atam novos laços, justapondo-se no romance e William Faulkner. "E agora estão todos lá sentados, *como* corvos" (FAULKNER, 2009, p. 17) descreve Jewel. Já Samson, narrador de fora da família, vê: "Era um urubu. Olhou ao redor e me viu e foi em direção à saída, as pernas separadas, com suas asas um pouco para cima, primeiro me olhando por cima de um ombro e depois do outro, *como* um homem careca." (FAULKNER, 2009, pp. 97-98)[3].

[3] O destaque do advérbio "como" é nosso.

Maria Liénard-Yeterian (2018, p. 109) propõe uma reflexão valiosa. A pesquisadora escreve que, como temos demonstrado, o grotesco confunde categorias e distorce a realidade. O efeito (e estratégia) resultante é justapor uma imagem a outra na lógica chamada "lenticular" por Tara McPherson, pesquisadora da área de Cinema que publicou o estudo *Reconstructing Dixie*: Race, Gender, and Nostalgia in the Imagined South (2003), no qual ela investiga como as representações do Sul funcionam dentro da cultura estadunidense. McPherson escreve que:

> Uma imagem lenticular é composta quando duas imagens separadas são entrelaçadas ou combinadas de uma certa maneira Esta imagem combinada é então visualizada através de um tipo único de lente, chamada lente lenticular, que permite ao observador ver apenas uma das duas visualizações de cada vez. (McPHERSON apud. YETERIAN, 2018, p. 109)

Dessa forma, Yeterian (2018, p. 109) explica que ao mudar ligeiramente a perspectiva, você descobre outra imagem. Em *Enquanto agonizo*, o efeito desta lógica é realizado principalmente por meio do uso das frases "as if" ou "as though". Assim, uma imagem se transforma em outra e inaugura outro nível de realidade, como se estabelecessem narrativas paralelas. No entanto, o primeiro segmento ainda funciona como um mundo referencial.

Nesse sentido, podemos observar as justaposições entre o "animal" e o "humano" e entre vida e morte quando Dewey Dell descreve uma imagem de Anse: "Suas mãos estão meio fechadas de cada lado do prato, sua cabeça um pouco baixa, seu cabelo desalinhado sob a luz da lâmpada. Parece um boi que recebeu o golpe final no matadouro e já não tem vida e não sabe que está morto." (FAULKNER, 2009, p. 55). Em *O coração é um caçador solitário*, a justaposição com relação à animalidade é aludida por meio do personagem John Singer:

> Na escola, todos o consideravam muito inteligente. Ele aprendia as lições antes do resto dos alunos. Mas nunca conseguiu se acostumar a falar com os lábios. Não era natural para ele, e a língua parecia uma baleia em sua boca. Pela expressão vazia na face das pessoas com as quais falava dessa maneira, Singer sentia que sua voz devia lembrar o som de algum animal ou que havia algo repugnante em seu discurso. Era-lhe doloroso tentar falar com a boca, mas suas mãos estavam sempre prontas para modelar as palavras que queria dizer. (McCULLERS, 2022, p. 16)

Para Singer, como demonstrado acima, a língua falada não é natural, mas sim algo estranho. Uma justaposição fundamental é acentuada no excerto: o humano e o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

inumano – representado pela alusão à animalidade. Singer compara a própria língua a uma baleia, em sua dificuldade de manejá-la. Adiante, ele interpreta que o som de sua voz se assemelha ao grunhido de algum animal, o que o desencoraja a falar.

O irrompimento de elementos da categoria "animal" dentro do humano, com a justaposição de planos, também acena a uma discussão de gênero dentro de *Enquanto agonizo*. No menor capítulo do livro, Vardaman afirma: "Minha mãe é um peixe" (FAULKNER, 2009, p. 72), relação que pode ser estabelecida porque ambos estão mortos e emitem um cheiro desagradável. Adiante, é referido que a mãe de Jewel (também Addie), é um cavalo, animal por quem ele demonstra afeto:

> Mas minha mãe é um peixe. Vernon o viu. Ele estava lá.
> "A mãe do Jewel é um cavalo", disse Darl.
> "Então a minha pode ser um peixe, não pode, Darl?" eu disse.
> Jewel é meu irmão.
> "Então a minha tem que ser um cavalo também", eu disse.
> "Por quê?" perguntou Darl.
> "Se o pai é seu pai, por que sua mãe tem que ser um cavalo só porque a mãe do Jewel é?"
> "Por quê?" eu disse. "Por quê, Darl?"
> Darl é meu irmão.
> "Então o que é sua mãe, Darl?" perguntei. "
> Nunca tive nenhuma", disse Darl. "Porque se eu tivesse uma, já era. E se já era, não pode ser. Pode?" "Não", eu disse.
> "Então eu não sou", Darl disse. "Sou?" "
> "Não", eu disse.
> Eu sou. Darl é meu irmão. (FAULKNER, 2009, p. 85)

Como já foi sugerido por Liénard-Yeterian, Addie é referida por meio de múltiplos animais em sua função materna em razão do adultério, por meio do qual teve Jewel. A materialidade do corpo – e em especial, do corpo feminino – dentro da cultura sulista também é aludida por meio da gravidez de Dewey Dell, de modo que as duas principais personagens mulheres da narrativa estão confinadas dentro do papel social da maternidade. Assim, o corpo de Addie está em decomposição e o de sua filha em vias de uma distorção corporal, a gravidez. Enquanto o pai (Anse) é imutável, a mãe relaciona-se à mutabilidade do grotesco. Contrapondo-se à noção do corpo clássico (fechado, limitado, finalizado, estático), está o corpo grotesco. Na visão de Bakhtin, esse corpo está em constante reemergência, não limitado (BAKHTIN, 2010, 23; 45-46, 277). Assim, é por meio da materialidade corporal que essas personagens desafiam

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

noções quanto às expectativas sociais do Sul para a dama sulista *[Southern Belle]*.

O caráter subversivo do gênero torna-se ainda mais evidente no trabalho de Carson McCullers. Em *O coração é um caçador solitário*, Mick Kelly é apresentada: "Uma menina loira e desengonçada, de uns 12 anos, olhava para dentro do café na soleira da porta. Estava usando um short cáqui, uma camisa azul e tênis – à primeira vista, parecia um menino de pouca idade" (McCULLERS, 2022, p. 24). Esse caráter é ressaltado durante toda a narrativa: "Ela estava naquela idade em que parecia tanto um menino crescido quanto uma menina" (McCULLERS, 2022, p. 135). Essa perspectiva ressalta dois aspectos sobre Mick. A primeira tem relação com a quebra de expectativas de gênero, por meio da androginia. Vale lembrar que, em *Enquanto agonizo*, Dewey Dell também é referida como uma "menina masculinizada" (FAULKNER, 2009, p. 12). Já a segunda, é vinculada à experiência limítrofe da juventude, abarcada entre a infância e a vida adulta.

A androginia de Mick tem relações com a zona limítrofe da adolescência. Podemos inferir que ela é um modo de resistência às limitações socialmente impostas. A altura de Mick é também um dado fundamental para entender as barreiras da feminilidade. Ela se incomoda com sua estatura: "Era uma coisa que a preocupava o tempo todo. Ela estava com 1,67 metro de altura e pesava 47 quilos, e isso com apenas 13 anos" (McCULLERS, 2022, p. 114). Sobre o tema, Harry comenta: "Certa vez, vi uma mulher na feira de uma exposição que tinha 2,5 metros de altura. Mas você provavelmente nãovai ser tão alta assim" (McCULLERS, 2022, p. 114). A feira a que ele se refere provavelmente abrigava o chamado "*freak show*", onde era comum mulheres consideradas muito altas serem apresentadas como aberrações, o que justifica os anseios de Mick. Assinalamos como a alta estatura é um marcador de diferenciação que evidencia como ela desvia da normatividade do feminino, ligada à delicadeza e à miudeza. Novamente, estamos diante da noção de um corpo em constante reemergência, não limitado (BAKHTIN, 2010, 23; 45-46, 277).

Assim como com Mick, a performatividade de gênero de outro personagem do romance, Biff Brannon, tem relação com a justaposição de elementos vistos

tradicionalmente como femininos ou masculinos. Mas, diferente de Mick, a feminilidade de Brannon não é externalizada, ou seja, posta fisicamente em seu corpo.

> E, sobre esse assunto, por que todos os muito inteligentes não viam a realidade? Por natureza, todas as pessoas são de ambos os sexos. Tanto assim que o casamento e a cama não são tudo, de modo algum. A prova? A real juventude e a velhice. Porque muitas vezes as vozes dos homens velhos se tornam agudas e esganiçadas, e eles adquirem um andar requebrado. E as mulheres velhas às vezes engordam, sua voz fica grossa e grave, e crescem nelas pequenos bigodes escuros. E ele até servia de prova – a parte de seu ser que às vezes quase desejava que tivesse sido mãe e que Mick e Baby fossem suas filhas. (McCULLERS, 2022, p. 135)

Na passagem acima, torna-se evidente a visão de Biff: todos os seres humanos são, para ele, andróginos, permeados por elementos de ambos os sexos. Desse modo, o casamento – e as relações sexuais que ele implica – tornam-se menos relevantes. Ele desenvolve um afeto especial por Mick, cuja androginia é acentuada por ele. A justaposição de elementos femininos e masculinos, entretanto, não é visível em seu corpo, o que o distingue de Mick. Ainda que a androginia de Biff traga a sugestão de novas potencialidades, ela é performada apenas no espaço privado. Vale ressaltar também que, como indica Gleeson-White (2003, p. 116), elementos heterodoxos são colocados em jogo de forma perturbadora, mas não em qualquer sentido complementar ou simétrico.

De fato, a ideia de justaposição ronda *Enquanto agonizo* e *O coração é um caçador solitário*, seja esse procedimento formal relacionado ou não ao grotesco:

> Estava bem perto da barragem das duas margens, a terra encoberta exceto em sua projeção onde estávamos entrando até a ponte e então descendo para a água, e a menos que conhecesse bem como a estrada e a ponte eram antes, uma pessoa não podia dizer onde estava o rio e onde estava a terra. Era só uma mistura amarelada e a barragem não mais larga do que o cabo de uma faca, conosco sentados na carroça e no cavalo e na mula (FAULKNER, 2009, p. 102).

> Mas as maiores edificações eram as fábricas, que empregavam grande parte da população. Os moinhos de algodão eram grandes e prósperos, e a maioria dos trabalhadores na cidade era pobre. Muitas vezes, nos rostos ao longo das ruas, via-se a expressão desesperada da fome e da solidão (McCULLERS, 2022, p. 12).

O primeiro trecho, extraído do romance de Faulkner, pode evidenciar a essência do grotesco. Temos duas margens, mas entre elas, a terra e água tornam-se indistintas, de modo a criar uma terceira imagem: a “mistura amarelada”.Liénard-

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Yeterian (2018, p. 99) afirma que o grotesco combina duas realidades (um modelo implícito e sua representação distorcida) para criar uma terceira realidade. Já no excerto de McCullers, vemos uma série de contradições, mas elas não relacionam-se com o grotesco, que marca presença na narrativa principalmente por meio de seus personagens ou do clima – um sol imperioso e mecanizado. Contudo, é interessante observar a "expressão desesperada da fome e da solidão", uma vez que ela combina uma necessidade material, relacionada ao corpo físico (o baixo) a uma necessidade de comunhão espiritual (o elevado), de modo que temos ideias opostas colocadas em coexistência. A "expressão desesperada", perceptível segundo o narrador, também alude à distorção da face, de modo que há uma proximidade com o grotesco segundo Kayser (1986, p. 159): o mundo familiar torna-se alheado, estranho. Podemos ver, adiante, como o grotesco atua como categoria estética na construção de outro personagem de *O coração é um caçador solitário*, Jake Blount:

> O homem era baixo, com ombros fortes como vigas. Sob um pequeno bigode irregular surgia o lábio inferior, que parecia ter sido picado por uma vespa. Muitas coisas no sujeito pareciam contraditórias. Sua cabeça era muito grande e bem torneada, mas o pescoço era macio e fino como o de um menino. O bigode parecia falso, como se houvesse sido aplicado ali para uma festa à fantasia e estivesse prestes a cair se ele falasse rápido demais. Dava-lhe uma aparência quase de meia-idade, embora a face, com a testa ampla, lisa e os olhos bem abertos, fosse jovem. As mãos eram imensas, manchadas e calejadas, e ele estava vestido com um terno barato de linho branco. (McCULLERS, 2022, p. 22).

Toda a corporalidade de Jake parece ser contrária com relação a ela própria. A descrição acentua oposições entre a pequena estatura do homem e certas partes do seu corpo que têm as proporções exageradas, como os ombros largos. Da mesma forma, a cabeça torneada contrasta com o pescoço fino. Ele é, ao mesmo tempo, pequeno e grande, por meio da distorção. Há também a oposição entre a aparência de meia-idade e o aspecto jovem. Adiante, temos que:

> Blount não era um esquisitão [freak], embora tivesse essa aparência quando era visto pela primeira vez. Era como se houvesse algo deformado nele – mas, quando se olhava de perto, cada parte sua era normal e como devia ser. (McCULLERS, 2022, p. 26).

O sentimento que Jake causa nas outras pessoas é também conflitante. Observando Blount mais atentamente, Biff Brannon pensa que ele não é uma aberração;

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ou seja, “cada parte sua era normal e como devia ser”. Jake é, entre os personagens principais do romance, o mais sensível com relação à distorção. Com ele, percebemos em maior grau o estranhamento, “o mundo alheado” que reside no cerne do grotesco elaborado por Wolfgang Kayser (1986, p. 159).

> Jewel e Vernon estão no rio de novo. Daqui eles não parecem violar a superfície nem um pouco; é como se ela tivesse cortado os dois num só golpe, os dois torsos se mexendo com um cuidado infinitesimal e grotesco sobre a superfície. Aquilo dá uma sensação de paz, como uma maquinaria depois de você tê-la observado e escutado durante muito tempo. Como se o coágulo que somos se dissolvesse no movimento de miríade original, e vendo e ouvindo em si próprios cegueira e surdez; fúria em si mesma silenciosa com estagnação. De cócoras, o vestido molhado de Dewey Dell dá forma aos olhos mortos de três homens cegos aquelas ridículas coisas dos mamíferos que são os horizontes e os vales da terra. (FAULKNER, 2009 p. 137)

No trecho acima, extraído de um capítulo narrado pela consciência de Darl, podemos ver a fragmentação corporal [“os dois torsos se mexendo”], relacionada ao grotesco dentro da própria narrativa, sendo o termo usado como adjetivo. Temos uma série de contradições, como a “maquinaria” (o mecanizado, inorgânico) e o “coágulo” (orgânico, parte de um corpo animado). Além disso, há uma ideia de incongruência: “ouvindo em si próprios cegueira e surdez”, comum ao Grotesco Sulista. Kenneth Burke (apud. LAWSON, 1967, p. 171) afirma que a incongruência do grotesco reside também no oxímoro: “alguém ouve o silêncio, a solidão das pessoas, sente a distância e enxerga no escuro”. Podemos observar a distorção, por meio da perspectiva do “vestido molhado de Dewey Dell”, que dá forma à cena. Por último, o período final do excerto acentua a materialidade do corpo, “os olhos mortos de três homens cegos”, lá descritos como “mamíferos”, em destaque da proximidade entre o humano e o animal.

Como procuramos demonstrar, trechos-chave dos romances de Faulkner e McCullers, aqui analisados, sublinham as marcas do grotesco fundidas às suas tessituras narrativas.

Considerações finais

Em primeiro lugar, consideramos que procedimentos vinculados ao grotesco como a distorção, a fragmentação e, principalmente, a justaposição, espelham a situação

do Sul nas primeiras décadas do século XX. Ou seja, uma sociedade tradicional que colide com uma modernidade necessária, mas problemática dentro do contexto da região. Por meio da justaposição, elementos tradicionalmente opostos são colocados em coexistência e levam à criação de novas imagens, o que representa um desafio às categorias fixas e estáveis. Essas categorias são demarcadas pelo conservadorismo sulista e pela permanência de normatividades hegemônicas, ao mesmo tempo em que denotam os sinais da necessidade de mudanças. Dentro disso, podemos destacar a questão de gênero, com as transformações dos papéis sociais no Sul do século XX. Em especial, uma vez que o ideal de feminilidade havia, de forma gradual, rompido com o mito da dama sulista. Como consequência, vemos um aceno para o potencial do grotesco, assinalado por Bakhtin (2010, p. 43), para "um mundo totalmente diferente, de uma ordem mundial distinta, de uma outra estrutura de vida". Devemos lembrar, contudo, que as forças dominantes no Sul permanecem relacionadas à rígida normatividade tradicional, de modo que as personagens de Faulkner e McCullers tem um constante sendo de isolamento e alheamento.

Referências

AIKEN, Conrad. "William Faulkner: The Novel as Form". In: WARREN, Robert Penn. *Faulkner:* A Collection of Critical Essays. New Jersey: Prentice Hall, 1966.

BAKHTIN, MIkhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento:* O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRINKMEYER JR, Robert H. "The Southern literary renaissance". In: GRAY, Richard. ROBINSON, Owen. *A Companion to the literature and culture of the American South.* Malden: Blackwell Publishing, 2004

DOWNEY, Dara. "The Gothic and the Grotesque in the Novels of Carson McCullers". In: CROW, Charles L; STREET, Susan Castillo. *The Palgrave Handbook of the Southern Gothic*. London: Macmillan, 2016.

FAULKNER, William. *Enquanto agonizo*. Tradução de Wladir Dupont. Porto Alegre: L&PM Edições, 2009.

FIEDLER, Leslie A. *Love and Death in the American Novel.* Harmondsworth: Penguin, 1984.

GLEESON-WHITE, Sarah. *Strange Bodies:* gender and identity in the novels of Carson McCullers. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2003.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caixa Postal 65 CEP 65.604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco: Configuração na Pintura e na Literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LAWSON, Levis A. "The Grotesque in Recent American Fiction". In: *Patterns of Commitment in American Literature*. LaFRANCE, Marston. Toronto: University of Toronto Press, 1967.

MANN, Thomas. "Conrad's The Secret Agent". In: STALLMAN, R. W. *The Art of Joseph Conrad:* A Critical Symposium. East Lansing: University of Michigan Press, pp. 227-234, 1960.

McCULLERS, Carson. *O coração é um caçador solitário*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Carambaia, 2022.

O'CONNOR, William Van. *William Faulkner*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

O' CONNOR, William Van. "The Grotesque in Modern American Fiction." College English 20, no. 7, pp. 342-346, 1959.

KNOWLES JR, A. S. "Six Bronze Petals and Two Red: Carson McCullers in the Forties". In: WARREN, French. *The Forties:* Fiction, Poetry, Drama. Florida: Everett/Edwards, 1969.

TATE, Allen. "The Profession of Letters in the South". In: *Essays of Four Decades*. Chicago: Swallow Press, 1968.

YETERIAN, LIÉNARD-YETERIAN, Marie., "William Faulkner's As I Lay Dying: What the Grotesque is Trying to Say At". In: SPILL, Frédérique; PRÉRER, Gerald; LIÉNARD-YETERIAN, Marie. *The Wagon Moves*: New Essays on William Faulkner's As I Lay Dying, n. 34, v.2, pp. 97-113, 2018.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A VOZ DE UMA CORDELISTA SOBRE O SEU FAZER POÉTICO

Veronica Sobral Almeida Amaral[4]

José Hélder Pinheiro Alves[5]

Resumo: Nesta comunicação oral, apresentamos o poema: "Em todo canto há um canto novo", de autoria da cordelista Francisca Araújo, poetisa de Iguaraci - PE. Nosso objetivo é discutir a o lirismo utilizado para descrever a poesia, utilizando-se da metalinguagem, bem como, apresentar sugestões de atividades de leitura que possam ser vivenciadas em sala de aula. Para isso, faremos a análise do poema, considerando a temática, visão de mundo e procedimentos estilísticos e formais utilizados, pela autora, para construção das imagens e sonoridades presentes no texto. Também faremos uma abordagem comparativa com os poemas: "Sentimentos do mundo", de Carlos Drummond de Andrade e "Queria", de Alice Ruiz. Este trabalho é amparado pelas discussões teóricas de: Ceia (2010), discutindo metalinguagem no texto poético; Barchelard (1985) sobre instantes poéticos e Valery (1991) sobre definição de poesia. Esperamos que este trabalho contribua para fortalecer a leitura de autoria feminina da literatura de cordel, dar visibilidade à poesia escrita por mulheres, considerando que há uma invisibilidade considerável da poesia feminina, tanto nos espaços de divulgação literária, do mesmo modo que possa fortalecer a discussão da temática proposta no poema.

PALAVRAS-CHAVE: autoria feminina; literatura de cordel; metalinguagem

Introdução

Este trabalho compõe o segundo capítulo da pesquisa de dissertação que estamos realizando pela Programa de Pós-graduação em Literatura e Ensino (PPGLE), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), intitulada: "Vozes femininas da literatura de cordel no Sertão do Pajeú: uma antologia para a sala de aula". O objetivo do trabalho é investigar, na literatura de cordel produzida por mulheres do Sertão do Pajeú, a predominância de temas e procedimentos, visando a construção de uma antologia para ser trabalhada em sala de aula. Como objetivos específicos elencamos os

[4] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino - PPGLE, Universidade Federal de Campina Grande - PB, ORCID: https://orcid.org/0009-0005-1485-7683

[5] Pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004); doutor em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (2000), Professor em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - PB, ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4304-7178

seguintes: 1) Discutir as origens da literatura de cordel no Nordeste e realizar um levantamento de cordelistas do Sertão do Pajeú; 2) Analisar os temas e procedimentos predominantes na produção das poetisas selecionadas para a pesquisa; 3) Organizar uma antologia temática de poemas com propostas de abordagem para sala de aula.

Nesse sentido, o recorte que apresentamos como já abordamos, é parte do segundo capítulo em que selecionamos 10 (dez) cordelistas do Sertão do Pajeú[6], cujo poemas de autoria delas compõem o corpus da pesquisa. São elas: Dulce Lima, Andreia Miron, Alecsandra Ramalho, Carmem Pedrosa, Isabelly Moreira, Francisca Araújo, Milene Augusto, Thaynnara Queiroz, Dayane Rocha e Monique D`Ângelo. apresentamos os dados da pesquisa, apontando as temáticas presentes e predominantes na literatura de cordel de autoria feminina das poetisas em estudo. Resolvemos escolher três temas predominantes para discutirmos, mais detalhadamente, tanto do ponto de vista do assunto abordado, quanto de procedimentos utilizados para a construção dos poemas, a saber: “mulher”, “metalinguagem” e “sertão”.

Neste artigo, vamos nos deter nos poemas que abordam a temática “metalinguagem”. Para fundamentação teórica, lançamos mão de Ceia (2010), Bosi (1977), Jakobson (1975), Bachelard (1985) e Valéry (1991) e, à luz de Tavares (2005), discutimos sobre os procedimentos formais presentes nos poemas. Apresentamos, neste próximo tópico, uma discussão teórica sobre a metalinguagem e a seguir, apontamos alguns poemas que tratam sobre a temática e, por fim, faremos uma análise do poema: “Em todo canto há um canto novo”, de autoria da cordelista Francisca Araújo.

Metalinguagem, um conceito/ para além da construção

Tratar sobre o conceito de metalinguagem é pensar na sua função social, quando influencia a linguagem, descrevendo-a e dando sentido a ela. Dessa forma, pode ser

[6] Localizada no Sertão de Pernambuco, no centro- norte do estado, a microrregião do Sertão do Pajeú tem uma área de 8.689,7 km² e, de acordo com a divulgação do IBGE, em 2020, com uma população de **333.724** habitantes. Esse território é composto por 17 cidades: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama. É nesta região que o lendário Rio Pajeú desce lá da Serra da Balança, situada na cidade de Brejinho e sai espalhando poesia por todas as cidades. Há quem diga que quem se banha nessas águas, torna-se poeta.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

considerada para além da descrição e representação de um código linguístico, pois "a metalinguagem não é apenas um instrumento científico necessário, utilizado pelos lógicos e pelos linguistas; desempenha também papel importante em nossa linguagem cotidiana" (Jakobson, 1975, p. 127). Nessa lógica, Jakobson (1975) acredita que a metalinguagem transcende a representação da palavra, transformando-a e ampliando a sua significação no contexto.

Assim também pensa Bosi (1977), considerando que a metalinguagem ultrapassa o entendimento tradicional e técnico que a restringe aos fenômenos do código, de maneira que a palavra assume a força da resistência. Como ato de resistência, a metalinguagem transcende o que é imposto pela ideologia, pela retórica, reconstruindo-se, evocando outras vozes, pondo-se a refletir sobre os reflexos da própria linguagem.

Ainda nessa linha de discussão, Bosi diz que, "dos caminhos de resistência mais trilhados (poesia-metalinguagem, poesia-mito, poesia biografia, poesia-sátira, poesia-utopia), o primeiro é o que traz, marcas mais profundas de certos modos de pensar que rodeia cada atividade humana." (Bosi, 1977, p.147). Portanto, pensando sobre o que trata Bosi (1977), a poesia - metalinguagem de autoria feminina, que compõe o corpus deste trabalho, é revolucionária, símbolo de resistência e rompe com a tradição dos conceitos técnicos, extrapolando o mundo pela palavra.

Quando selecionamos os textos e realizamos a categorização temática, percebemos que as cordelistas têm um número significativo de poemas que falam sobre a construção da própria poesia, do fazer poético, delineando imagens que demarcam a linha dessa construção literária. Esse processo da linguagem de falar sobre ela mesma, da palavra sobre a palavra, da poesia autodefinir-se, chamamos de metalinguagem. Nessa perspectiva, Ceia (2010) diz que

> A palavra metalinguagem, formada com o prefixo grego meta, que expressa as ideias de comunidade ou participação, mistura ou intermediação e sucessão, designa a linguagem que se debruça sobre si mesma. Por extensão, diz-se também: metadiscurso, metaliteratura, metapoema e metanarrativa. (Ceia, 2010, s/p)

Dito isso, apresentamos o quadro com as autoras e os poemas que compõem a temática "metalinguagem".

Quadro 1 – Poemas sobre a temática "metalinguagem"

Cordelista	Temática "metalinguagem"
Andreia Miron	O que é poesia?
Carmem Pedrosa	Como veio a poesia
	Como encontro poesia
	O valor da poesia
	Ao público jovem
Dayane Rocha	Poesia
Dulce Lima	Na fonte da poesia
	Quanto vale a poesia
	Nas águas da poesia/ batizei o universo
	Nosso pão é poesia/recheado de emoção
Elenilda Amaral	Sonhar que sou poeta
Francisca Araújo	Em todo canto há um novo mundo
Milene Augusto	Poesia
Thaynnara Queiroz	O desencontro da poesia
	Poesia
	A força da poesia

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Nesse quadro que construímos, apresentamos dezesseis (16) poemas que abordam a temática metalinguagem. Das dez cordelistas do corpus desta pesquisa, encontramos textos demarcando esse tema, na produção poética de oito (08) mulheres. Na abordagem, podemos encontrar poemas que descrevem a poesia de forma lírica, comparando a elementos naturais, mas também, que seguem uma vertente crítica, de luta e resistência. A seguir vamos apresentar estrofes de algumas autoras, abordando a temática.

Numa perspectiva metalinguística, a cordelista Dayane Rocha compara a poesia ao seu percurso, seu caminho e suas lutas e a considera como bússola de sua trajetória. No poema: "Poesia", ela diz,

> Elevo ao céu da minha alma viva
> As orações, sem santo que escrevo,
> No vai e vem, que faz de mim um trevo,
> Tudo que vem, me deixa mais cativa.
> Sigo a estrada, erro o meu caminho,
> Mas quem verseja, nunca está sozinho,
> É mais feliz quem faz do verso, o guia,
> O amor de Deus, a fé, a gratidão,
> Tudo que há de forte em oração,
> Encontro em mim, na minha poesia. [7]

[7] Poema extraído do Instagram da autora

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA | CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesse quadro 1, composto por poemas que abordam a temática metalinguagem, a cordelista Elenilda Amaral apresenta no poema "Sonhar que sou poeta", os conflitos e dúvidas

sobre o que é poesia e como faz parte de sua vida. A seguir, a estrofe da autora sobre essa temática:

> Eu não sei se é dom ou vocação
> Esse meu de poder poetizar,
> Ou talvez uma forma de esborrar
> As agruras de um pobre coração.
> Já não sei se feliz eu sou ou não;
> Se a poesia de certo me completa
> Ou se apenas me toma e me coleta
> Pra me usar pra poder aparecer,
> Eu só sei que preciso até morrer,
> Pelo menos sonhar que sou poeta. (Tavares e Rocha, 2017, p. 63)

Comparando a poesia à cura e à aproximação de Deus, Milene Augusto diz, no poema "Poesia":

> A poesia é a cura
> Que tenho pra os dias meus
> É a mais perfeita oração
> Para crentes e ateus.
> E quanto mais eu escrevo
> Mas fico perto de Deus.[8]

Após visualizamos a abordagem de três autoras acerca da temática, selecionamos do Quadro 1, um poema para discutirmos sobre o tema metalinguagem, bem como os recursos utilizados pela cordelista para construção dos versos. Quanto ao critério utilizado para seleção do poema a ser analisado, recorremos aos procedimentos utilizados pela autora, do ponto de vista temático, estrutural e metalinguístico, bem como, a visão de mundo empreendida nas discussões. Assim escolhemos o poema: "Em todo canto há um novo mundo" de autoria da cordelista Francisca Araújo, que será apresentado e analisado, a seguir, neste tópico.

[8] Poema cedido pela autora

1.1.1 A poesia falando/ Sobre o seu fazer poético

Dentre os poemas apresentados no quadro acima, escritos por oito (08) cordelistas que compõem a pesquisa, o poema de autoria de Francisca Araújo, já citado anteriormente. A poetisa é natural de Iguaraci, cidade localizada na região do Sertão do Pajeú, estado de Pernambuco. Francisca além de escrever poemas, é glosadora, pois tem a habilidade de improvisar versos oralmente, de modo que participa de Mesas de Glosas[9].

A poética da cordelista é composta por diversas temáticas, percorrendo desde a crítica social até a poesia lírica e descritiva. Neste poema, a poetisa narra a espera pela inspiração e o processo de construção do poema. Para isso, utiliza-se da linguagem própria do gênero, para explicar a poesia. Leiamos o poema e, em seguida, vamos discuti-lo.

Em todo canto há um novo mundo

Eu não tenho um conceito definido
Que resuma o que é a poesia
Por mais vezes que busque esse sentido
Remontando o painel da fantasia...
Ela salta das quadras e tercetos,
Pulsa forte na veia dos sonetos,
Mergulhando no mar da inspiração...
Canta ainda as chegadas e partidas,
Nos olhares que choram despedidas,
Pra dar voz ao que sente o coração.

Flor que brota do ramo da cultura,
No pomar divinal das belas artes,
Entre tantas reluz de forma pura
Espalhando o saber por muitas partes.
Ela cabe na palma do universo
E por ter um conceito tão diverso
Ninguém sabe qual será a sua idade...
Mas seu cheiro comparo ao da essência
De um poema na sombra da carência
Cochilando nos braços da saudade.

[9] É um momento em que os poetas, a partir de um mote (composto por dois versos), constroem, de improviso, a estrofe para concluir com o mote dado pela comissão organizadora. Cada poeta que está na mesa faz uma glosa com o mote exposto. Terminada a rodada, onde todos os poetas glosam finalizando a estrofes com os versos expostos, a comissão apresenta outro mote. E a cena se repete até terminar a rodada de construção de estrofes.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Quando o vate desliza a mão na prima
O bordão afinado logo soa
E parece dizer ao som da rima
Que ela dança por dentro da pessoa.
Nesse mesmo rojão sai entretendo
Puxa a linha do verso e vai tecendo
Os mistérios do mundo e os que sente...
Qualquer tema desata se preciso
Bastam só dois retalhos de improviso
Com dez cordas na agulha do repente.

Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la
Encantar-se na prece mais tranquila

Por que posso rimar pra descrevê-la
Mas preciso sonhar pra descobri-la...

Incendeie a esfera desses astros
Deixe meros sinais ou alguns rastros
Parta assim que surgir a luz da aurora...
Forre a cama macia do meu peito,
Se quiser adormeça no meu leito,
Diga um verso qualquer e vá embora!

Eu recito um minuto de protesto
Quando a dor do meu pranto cai sem voz
E confesso o temor de todo o resto
Ao estar junto a ela, mas a sós...
Ah, quem dera compor mais um poema,
Sem que o tempo desbote a cor do tema
Para tê-la por mim sempre lembrada...
Já que todos que fiz vi perecendo,
Com o suor das palavras escorrendo,
Gota a gota, da folha rabiscada.

Quis fugir do conforto do meu ninho,
Engasguei-me no silêncio dos meus lábios,
Pois só vi, nas lonjuras do caminho,
Passos tolos buscando rumos sábios.
E voltei sem explicar essa magia...
Pois só sei contemplar a Poesia
Sendo ela que em tudo me completa,
Entre tantas razões, por ser perfeita...
E, pra tentar desvendar do que foi feita,
Sonhos, às vezes, meu Deus, que sou Poeta!

Nesse poema, a autora na ânsia de buscar uma definição para a poesia, faz usos de diversos recursos que propõem um percurso de descobertas, mas de indecisões e (in)definições próprias do fazer poético.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

O título carregado de subjetividade é a porta de entrada para a discussão da temática, quando diz que “Em todo canto há um novo mundo”. Poeticamente, falando, a expressão “canto”, traz a ideia de melodia, construção poética. Assim, o título pode ser o prenúncio da subjetividade que é a poesia, em que cada construção remete a uma vastidão de significados, a novos mundos, a partir do ponto de vista e das experiências de vida do leitor.

Na primeira estrofe, a voz da autora se mistura com o eu-lírico, para dizer que não tem um conceito que defina a poesia. Os dois primeiros versos dizem o seguinte:

> Eu não tenho um conceito definido
> Que resuma o que é a poesia

No entanto, nos versos seguintes, o eu lírico busca, incessantemente, elementos e sentimentos que possam se aproximar de uma definição concreta. Para isso, remonta um painel, dando vida à poesia para além da sua forma estrutural e sua construção poética. Vejamos estes versos:

> Por mais vezes que busque esse sentido
> Remontando o painel da fantasia...
> Ela salta das quadras e tercetos,
> Pulsa forte na veia dos sonetos,
> Mergulhando no mar da inspiração...

Na construção dos versos “ela salta das quadras e tercetos / Pulsa forte na veia dos sonetos”, o eu-lírico concebe que a poesia é sentimento, que se liberta da forma e ganha vida. A imagem construída por meio do recurso de personificação nos permite interpretar que a poesia rompe com as estruturas tradicionais de formas e padrões e ganha o espaço imenso dos sentimentos e da inspiração. É o abrir-se para ser vista e sentida por quem a tocá-la.

Ainda na primeira estrofe, os três versos que a finalizam dizem o seguinte:

> Canta ainda as chegadas e partidas,
> Nos olhares que choram despedidas,
> Pra dar voz ao que sente o coração.

Esses versos nos apresentam uma imagem de uma representação poética, cuja poesia é um instrumento que dá voz aos sentimentos, sente o que o outro sente e pode

eternizar em um instante poético. Esses últimos versos nos fazem lembrar de Barchelard (1985) que diz que

> Em todo verdadeiro poema é possível encontrar os elementos de um tempo detido, de um tempo que não segue a medida, de um tempo que chamaremos de vertical, para distingui-lo do tempo comum, que foge horizontalmente com a água do rio, com o vento que passa. (Bachelard, 1985, p. 183)

Sendo assim, utilizando-se do recurso da metalinguagem, em busca de uma definição do fazer poético, o eu lírico define a poesia, na primeira estrofe, para além da sua forma, apresentando a ideia de pulsação e vida; personificando os versos, libertando-os para registrar os sentimentos da vida e do mundo, sem a linearidade do tempo e das coisas, como cita Bachelard (1985).

Na segunda estrofe do poema, o eu lírico apresenta uma comparação da poesia a uma flor que brota no jardim das artes, em que exala e espalha saberes. No quinto verso, diz: “Ela cabe na palma do universo”.

Esse verso retoma a ideia de vastidão e imensidão da poesia, como também dá vida ao universo, humanizando-o, referindo-se a palma da mão do que se consagra um espaço quase infinito. Ainda nessa estrofe, os três últimos versos do poema dizem:

> Mas seu cheiro comparo ao da essência
> De um poema na sombra da carência
> Cochilando nos braços da saudade.

Esses versos comparam a poesia às sensações provocadas a partir dos sentidos humanos. Sentir o cheiro que a poesia emite. Neles, apresenta o interior humano, em que a carência e a saudade se misturam e exalam no poema o seu cheiro, a sua dor ou até ideia paradoxal, quando cochila nos braços de um sentimento tão doído quanto a saudade. O abstrato toma corpo e reverbera-se de forma concreta.

Na terceira estrofe, há uma narração do ato de produzir poesia, desde a preparação, o despertar do verso no interior do poeta até a construção. Nos versos, a seguir, a autora diz:

> Puxa a linha do verso e vai tecendo
> Os mistérios do mundo e os que sente...

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesses versos, ela compara o fazer poético com a arte da tecelagem, em que puxa o fio e vai tecendo, construindo o poema, costurando e desvendando os mistérios e os sentimentos do mundo e de si própria. O verso "Os mistérios do mundo e os que sente", nos faz lembrar Carlos Drummond de Andrade, no poema: "Sentimentos do mundo" que diz:

> Tenho apenas duas mãos
> e o sentimento do mundo,
> mas estou cheio de escravos,
> minhas lembranças escorrem
> e o corpo transige
> na confluência do amor. (Drummond, 2023, p. 09)

Sendo assim, a "tecelagem" dos versos de Francisca, desvendando os mistérios e sentimentos do mundo demarcam a presença de intertextualidade com "as duas mãos" de Drummond, para tecer os sentimentos do mundo citados por ele.

Na quarta estrofe, nos primeiros versos, o eu lírico evoca a poesia, almejando vê-la e senti-la na calmaria dos sonhos. É possível perceber a evocação e a espera ansiosa para a chegada da inspiração no momento de calma, oração e sonho. A seguir, a estrofe citada:

> Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la
> Encantar-se na prece mais tranquila
> Por que posso rimar pra descrevê-la
> Mas preciso sonhar pra descobri-la...
> Incendeie a esfera desses astros
> Deixe meros sinais ou alguns rastros
> Parta assim que surgir a luz da aurora...
> Forre a cama macia do meu peito,
> Se quiser adormeça no meu leito,
> Diga um verso qualquer e vá embora!

Como tantos poetas que fazem menção à noite como fonte de inspiração pela melancolia que o tempo oferece, o eu lírico compara o corpo humano ao universo celestial à espera da visita da poesia para iluminar os seus sentidos.

Em tom de prece, fazendo uso de verbos no imperativo, os versos demarcam o pedido e a vontade do eu lírico de receber a poesia: "Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la"; de ser aconchegado por ela: "Incendeie a esfera desses astros", "Deixe

meros sinais ou alguns rastros", "Forre a cama macia do meu peito"; de aconchegá-la: "Se quiser adormeça no meu leito", mas, também, de despedir-se quando diz: "parta assim que surgir a luz da aurora...", "Diga um verso qualquer e vá embora!"

Considerada pelo eu lírico, como uma entidade que chega à noite, ilumina, deixa rastros, traz a paz e acalenta o peito, dá sossego, deixa um verso e vai embora. Então, nos versos: "Parta assim que surgir a luz da aurora..." e "Diga um verso qualquer e vá embora", o eu lírico considera a poesia uma passagem, que pousa, inspira e segue seu caminho ao amanhecer.

Essa estrofe nos faz lembrar Valéry (1991) que, falando sobre poesia, diz que o universo poético apresenta grandes analogias com o que podemos supor do universo dos sonhos. Sobre isso, o autor se posiciona dizendo:

> Nos tempos modernos, a partir do romantismo, se formou uma confusão bastante explicável entre a noção de sonho e de poesia. Nem o *sonho*, nem o *devaneio* são necessariamente poéticos [...] isso significa que esse *estado de poesia* é perfeitamente irregular, inconstante, involuntário, frágil, e que perdemos, assim como obtemos, *por acidente*. (Valéry, 1991, p. 206).

Sendo assim, o estado de poesia tratado por Valéry (1991) é percebido em todo o poema pelo eu lírico. Na quinta estrofe, ele lamenta a ausência da inspiração, a angústia de não a ter, sempre e, as lágrimas emitem a dor do peito, quando diz:

> Eu recito um minuto de protesto
> Quando a dor do meu pranto cai sem voz

Ainda na mesma estrofe, há o registro do medo de sentir a solidão junto às palavras na hora de escrever. Este sentimento está presente nos versos:

> E confesso o temor de todo o resto
> Ao estar junto a ela, mas a sós...

Seguindo a estrofe, o eu lírico emite o desejo de escrever mais um poema, que possa ficar registrado, para que não esqueça a presença da poesia e da inspiração:

> Ah, quem dera compor mais um poema,
> Sem que o tempo desbote a cor do tema
> Para tê-la por mim sempre lembrada...
> Já que todos que fiz vi perecendo,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Com o suor das palavras escorrendo,
Gota a gota, da folha rabiscada.

Portanto, "o poeta, no ato mesmo de fazer o poema, expõe seu conceito de poesia, explicitando sua função catártica, ou seja, aquela de meio de vazão dos sentimentos, de alívio mesmo de sofrimentos." (Ceia, 2010, s/p) Assim, desabafa e conceitua, convocando a poesia para um campo de significado de emissão de sentimentos.

Esses versos: "Ah, quem dera compor mais um poema, / Sem que o tempo desbote a cor do tema/Para tê-la por mim sempre lembrada..." nos fazem lembrar um poema de Alice Ruiz, que expressa:

queria tanto
fazer um poema
uma canção que fosse
digna desse dia
com suas cores
brilhos e brisas.

queria tanto
que esse poema me quisesse
e me fizesse um mimo
me desfazendo em risos (Ruiz, 2013, p. 37)

O diálogo entre o poema de Francisca e o de Ruiz está presente no desejo explícito de escrever um poema, não somente estrutural, mas com o sentimento poético. Nesse sentido, o eu lírico não domina a poesia, mas é dominado por ela. E por isso, o desejo de escrever não o faz escrever, se não houver a inspiração. Então, durante a leitura é possível sentir a tensão que essa espera provoca.

Na última estrofe, o eu lírico constata que todas as buscas para definir a poesia foram em vão, já que sobre a poesia, ele sabe, somente, contemplá-la. É possível encontrar imagens que demarcam os conflitos e a busca incessante pela definição de poesia, como, por exemplo, neste trecho:

Quis fugir do conforto do meu ninho,
Engasguei-me no silêncio dos meus lábios,
Pois só vi, nas lonjuras do caminho,
Passos tolos buscando rumos sábios.
E voltei sem explicar essa magia...

E por fim, a constatação de que a poesia é subjetiva e abstrata, o eu lírico se convence que faz parte de sua vida, mas que é intocável, e só sonhando ser poeta, para

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA CEP 65.604-380
CONTATO
contato@enipel.com.br

tentar alcançá-la. Portanto, utilizando-se da própria linguagem poética, a autora faz um passeio buscando desvendar a poesia, desde a sua forma aos sentimentos provocados por ela.

Do ponto de vista formal, o poema: "Em todo canto há um novo mundo" é constituído de 6 (seis) estrofes. Cada estrofe é composta por dez versos e, por isso chamada de décimas, com rimas no formato: ABABCCDEED. Os versos são construídos com dez sílabas métricas, denominados decassílabas. Esse estilo de construção métrica oferece ao poema uma leitura rítmica, uma sonoridade que embora favoreça a leitura, é preciso saber fazê-la, para não perder o sentido da construção poética.

Tratando sobre a sonoridade das palavras, Tavares (2005) diz que "um dos principais recursos para explorar a sonoridade, num poema, é a *rima*, que é a repetição regular dos mesmos sons, ou de sons parecidos." (Tavares, 2005, p. 31) Nesse sentido, quando lemos parte da estrofe, a seguir, esperamos, de fato, o desenrolar do poema. Vejamos

> Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la
> Encantar-se na prece mais tranquila
> Por que posso rimar pra descrevê-la
> Mas preciso sonhar pra descobri-la...
> Incendeie a esfera desses astros

As palavras "vê-la" e "descrevê-la", "tranquila" e "descobri-la", rimam e oferecem um ritmo de continuidade de leitura, despertando o desejo de continuar lendo e desvendando palavras e sentidos no poema.

Nesse caso, Tavares (2005) ainda diz que "sons que se repetem a intervalos regulares criam um ritmo e, criam no leitor ou no ouvinte, a expectativa de que mais adiante aquele som vai reaparecer, só que em outra palavra." (Tavares, 2005, p.31). De fato, é exatamente isso que sentimos quando lemos o trecho da estrofe apresentada anteriormente, pensamos com será desenvolvido o restante dos versos e quais as palavras que terão sentido nesse contexto de construção poética, rítmica e métrica.

Ainda nesse trecho da estrofe, podemos destacar um exemplo de rima que pode ser considerada rica, pelos estudiosos na construção formal do poema. Observemos o segundo e quarto versos: "Encantar-se na prece mais tranquila" [...]/ "Mas preciso

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

sonhar pra descobri-la...". As palavras "tranquila" e "descobri-la", pertencem a categorias de palavras diferentes: substantivo e verbo, respectivamente e rimam entre si. Nesse sentido, Tavares (2005) diz que "no aspecto puramente técnico ou artesanal da poesia, ganha ponto aquilo que envolve uma dificuldade extra e que, quando bem realizado, dá impressão de algo aparentemente fácil." (Tavares, 2005, p. 46).

Então, consideramos que analisar um poema, do ponto de vista formal e temático, é perceber as nuances da construção, as intencionalidades do autor, bem como, os elementos que prendem o leitor na leitura atenta e rítmica.

Considerações finais

Quando apresentamos o recorte da dissertação que trata sobre a voz da cordelista sobre o seu fazer poético, abrimos uma discussão sob a ótica de duas vertentes: a visibilidade da autoria feminina na literatura de cordel e a metalinguagem na poesia popular, oportunizando a voz do sentir e do fazer poético.

Então, pesquisar sobre a autoria da mulher na literatura de cordel é romper com alguns campos patriarcais, em que a presença feminina pouco existia; e favorecer a visibilidade dessa autoria no meio acadêmico, instigando o descortinar de outras vozes. Quanto à temática, a metalinguagem nos oferece a presença lírica na literatura popular, permitindo-nos percorrer um caminho literário pouco alcançado.

Portanto, que possamos descortinar outras vozes femininas, tendo a percepção de que pela pesquisa, podemos, e muito, favorecer a visibilidade da mulher na poesia, sobretudo na literatura de cordel.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimentos do mundo**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977

CEIA, Carlos. **Metalinguagem**. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9 Dez 2010, < https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metalinguagem >, consultado em 28/03/2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

RUIZ, S. Alice. **Dois em um**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TAVARES, Bruna; ROCHA, Dayane (Org.). **Coletânea das Flores – Poetisas do Pajeú**. Recife – PE: Editora dos Organizadores, 2017.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO: AS INJUSTIÇAS SOCIAIS COMO FATOR PROBLEMÁTICO PARA O ACESSO À LITERATURA

Venerson Cardoso Capuano Fontellas[10]

Resumo: As obras literárias *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Morte e Vida Severina* (1955-56), de João Cabral de Melo Neto e *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector apontam para temáticas que envolvem a seca, o retirante, a migração, a pobreza e a fome, frutos de diferentes desigualdades sociais. Assim, representativamente, elas retratam a vida cotidiana de brasileiros das diferentes regiões do país e que sofrem diferentes injustiças sociais. Dentre as temáticas discutidas, os textos convergem em personagens que anseiam pela "palavra": um Fabiano que arrisca um vocabulário distinto; uma Macabéa que se coloca à aprendizagem de palavras via rádio e um Severino que sente na pele a força, quase predestinada, da palavra morte. A palavra, matéria prima da literatura e parte da expressão humana, assim como na ficção, vem sendo negada aos brasileiros, mesmo que seja um direito. Assim sendo, o objetivo deste de trabalho é o de apresentar e, o quanto possível, explanar sobre como a condição social das minorias brasileiras podem influenciar no acesso à literatura. Por fim, notou-se que o acesso à literatura está inerentemente ligado ao acesso à educação e, por isso, se os brasileiros não acessam aos direitos básicos, tal como educação, devido as injustiças sociais, também não acessam com qualidade à literatura.

Palavras-chave: Acesso à literatura; injustiças sociais; literatura como direito; literatura como representação.

Introdução

Afirmar que a literatura possui algum objetivo pode ser problemático. Contudo, é impossível dissociá-la da vida e de suas diferentes relações com os contextos de produção, por exemplo. Assim sendo, neste trabalho abordamos a literatura como representação da realidade, como destaca Nóbrega (2004, p. 83): "[...] a literatura, vista como representação da realidade, é detentora de visões de mundo, ideologias, trazendo à tona as nuanças de um imaginário individual ou coletivo [...]".

Diante disso, partiremos da análise de alguns personagens da literatura brasileira do século XX, tais como: Fabiano (1938), de Graciliano Ramos; Severino (1955-56), de

[10] Mestre em Letras (Literatura Portuguesa) pela USP (2023), possui graduação em Pedagogia pela Unesp (2019) e em Letras pelo UniSant'Anna (2015). Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino-aprendizagem de Literatura.

João Cabral de Melo Neto; e Macabéa (1977), de Clarice Lispector, para representar as personagens da vida real da sociedade brasileira em seus aspectos socioeconômicos e, assim, entender de que maneira isso pode influenciar no acesso à literatura. É importante destacar que as obras e os autores mencionados fazem parte do Modernismo brasileiro, o qual, dentre os seus objetivos, inclui uma crítica acirrada às injustiças sociais brasileiras.

Isso posto, esta pesquisa é qualitativa, uma vez que, a partir de uma análise exploratória dos objetos supracitados, foram levantadas discussões em tono do acesso à leitura literária. A esse respeito, destacamos Durão (2020), que salienta que a pesquisa bibliográfica permite uma análise de aspectos não perceptíveis à primeira vista, mas que, após uma busca intencional, podem ser encontrados.

Em primeira análise, as três personagens e seus respectivos enredos retratam aspectos do Nordeste brasileiro: da seca, do retirante e/ou da migração. A esse respeito, Vergani (2019, p. 29), ao analisar a trajetória das personagens, ressalta: "Marginalizados e anônimos foram ignorados pela sociedade, e sem nenhuma perspectiva de vida melhor se obrigaram a migrar rumo a novas cidades que poderiam lhes oferecer dignidade".

As obras também discutem de maneira verossímil o existencialismo humano. Contudo, este estudo se concentra nas vivências sociais que influenciam as vidas das distintas personagens, transformando-as em indivíduos desprovidos de direitos fundamentais, o que afeta negativamente a forma pela qual acessam serviços básicos, tal como a educação, o que é resultado de injustiças sociais.

Desenvolvimento

Fabiano, em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, junto de sua família, vivia em um contexto de seca, fome, moradia precária e exploração de trabalho, o que consequentemente influencia sua forma de ver o mundo, de se relacionar com as pessoas e com as coisas no mundo. Isso fica ainda mais evidente na admiração de Fabiano por Tomás da Bolandeira, personagem que, mesmo sem fazer parte de qualquer diálogo, é visto como alguém que tinha algum acesso à leitura, como jornais e livros. Além disso, a personagem é descrita como alguém de alguma influência, que se

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA | CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

comportava distintamente e de bom vocabulário, enquanto Fabiano, por sua vez: "desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo" (Ramos, 2023, p. 21).

Na mesma direção, a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, examina diversas questões sociais e outras problemáticas ao longo de sua narrativa. Inicialmente, o narrador-personagem inicia um monólogo que desdobra múltiplas discussões, incluindo uma reflexão metalinguística sobre a própria escrita e a criação de personagens. Em certo momento, ele destaca: "Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente." (Lispector, 1998, p. 30-31). Reflexão semelhantemente apontada por Engels (1982, s.p): "os homens, antes do mais, têm primeiro que comer, beber, abrigar-se e vestir-se, antes de se poderem entregar à política, à ciência, à arte, à religião, etc.".

Ainda no mesmo sentido, com a apresentação de Macabéa, protagonista da narrativa, nota-se uma personagem que sofre injustiças desde a infância, marcadas pela morte precoce de seus pais e pela convivência com uma tia em um ambiente pouco acolhedor. Essas experiências moldam sua vida adulta, influenciando-a significativamente. Após a morte de sua tia, Macabéa migra para o Rio de Janeiro, onde passa a "viver" sua própria história. Sua compreensão da vida, das coisas e das palavras é distorcida, o que a torna passiva e suscetível a qualquer tratamento recebido dos outros. Sobre ela, o narrador destaca: "Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra." (Lispector, 1998, p. 69).

As poucas palavras de Macabéa parecem confluir com as poucas palavras de Fabiano, resultando numa comunicação descrita como inferior e, por isso, em sujeitos inferiores. No caso de Fabiano, nota-se uma cobrança interna de querer falar melhor e não conseguir; no caso de Macabéa, a questão gira em torno de como os outros a tratam, tal como o narrador a descreve, e o tratamento pouco amável de seu namorado, Olímpico de Jesus.

Sobre Fabiano e Macabéa, Alencar (2000, p. 09-20) reforça o interesse das personagens pela palavra, pela oralidade, pela linguagem e bom uso destas. Ademais, destaca que:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP: 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> A hora da estrela, de Clarice Lispector, é uma continuidade do que se quer revelar em Vidas secas. Macabéa chega a uma terra estranha e civilizada, como anunciava o narrador sobre o destino de famílias como as de Fabiano, em Vidas Secas, chega para estar presa nela. Muitos signos de miserabilidade e pobreza se repetem nos personagens das duas obras, signos muito vezes ressignificados, reincidentes discursos que apresentaram o Nordeste do Brasil ao sudeste letrado. (15-16)

Em *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, Severino, o protagonista, não fala sobre palavras, no entanto, alguns temas têm significados quase decisivos para aqueles a quem ele representa, como a morte e a pobreza. Paradoxalmente, os mesmos termos carregam verdadeira vida para aqueles que, acometidos pelas injustiças sociais brasileiras, morrem por não pertencerem à elite. Enquanto vivem na triste expectativa de morrer "de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte e de fome um pouco a cada dia" (Melo Neto, 2007, p. 92), tal como destacado na obra, vivem a morte do não acesso a vários direitos fundamentais em detrimento de comer, morar, habitar.

Severino, que vive o dilema do suicídio por viver uma vida miserável, é a representação do que destaca o narrador-personagem em *Vida secas* sobre a questão da leitura para aqueles que têm fome e outras mazelas. Será que os Severinos, tal qual a obra alude, no plural, ainda tão vivos, não só no Nordeste brasileiro, mas de norte a sul das nas vastas periferias brasileiras, conseguem ter acesso à leitura literária e desenvolver habilidades leitoras? A resposta simples é que não.

Diante dos direitos negados, aos quais as obras aludem, tal como o acesso à educação, à moradia, à alimentação e mesmo à saúde, destacamos a necessidade pelo acesso à "palavra" incutida nas personagens Fabiano e Macabéa, e mesmo a dor intrínseca também pela palavra "morte", sentida por Severino. A palavra, matéria-prima da literatura, faz parte da expressão humana desde a Grécia antiga, quando, para educar as pessoas, pela concepção da paideia, criavam-se seres mitológicos.

O acesso à literatura, assim, está intrinsecamente ligado à educação, uma vez que é por meio desta que a literatura chega aos alunos nas escolas brasileiras. Assim, se o Brasil falha no acesso à educação, falha também no acesso à literatura e não garante aos brasileiros um ou mais direitos sociais destacados no artigo 6º da Constituição Federal, de 1988.

Nesse sentido, é fundamental voltarmos aos apontamentos de Candido (1995), que enfatiza o acesso à literatura como direito, e na mesma direção, os de Chauí (2008), que enfatiza o acesso à cultura também como direito. Sendo direitos, se esses acessos são negados, o Brasil, nesse processo, promove e reafirma injustiças sociais.

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), cujo objetivo é avaliar a educação mundial de estudantes de quinze anos, na edição de 2022, apontou que o Brasil tem baixa proficiência em Leitura, uma vez que metade dos estudantes brasileiros não tem o nível básico de leitura considerado suficiente para exercer a cidadania. Em comparação com 2018, mesmo com um pequeno avanço, o Brasil ainda se mostra muito aquém de uma habilidade leitora suficiente, ocupando a 52ª posição dentre os 81 países participantes da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Nesse ínterim, é importante tratar do processo de reforma do ensino médio, cujo início se deu com a Medida Provisória nº 746/2016, depois reafirmando-se na lei nº 13.415/2017 e, posteriormente, endossada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, de 2018. Tal processo resultou no chamado Novo Ensino Médio, que passou a vigorar legalmente a partir de 2022 em todo território brasileiro.

Fato é que todo processo em torno da reforma sempre foi muito questionado por especialistas e pesquisadores da educação. Dentre os muitos problemas apresentados, estão aqueles ligados às áreas de linguagens e humanidades que, em vários contextos brasileiros, tiveram suas cargas horárias diminuídas, quando não, canceladas.

Em se tratando das injustiças sociais brasileiras, o processo de reforma do ensino médio é considerado um agravante, uma vez que principalmente a juventude da educação pública brasileira – que já vive em meio a inúmeras desigualdades – parece ter menos acesso aos conteúdos de formação humana em detrimento de uma suposta formação para o trabalho. Sobre isso, Cássio e Goulart destacam:

> O NEM [novo Ensino Médio] aprofunda a fragmentação do ensino médio, expulsa setores da população jovem da educação básica, superficializa a formação escolar, intensifica drasticamente o trabalho docente, barateia a qualificação profissional da juventude, cria novas barreiras para o acesso ao ensino superior público – prejudicando especialmente estudantes que sempre tiveram as piores condições de escolarização –, e estabelece estruturas articuladas de privatização da educação, sobretudo com a ampliação do

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP: 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> ensino a distância. É a/Ar-ne-Eispovo-poo excelência: aquela que oferece menos escola para quem mais precisa de escola (2022, p. 290).

Ademais, de acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, 5ª edição, elaborada com o objetivo de fomentar a leitura e a difusão do livro, a falta de leitura se dá principalmente pela falta de tempo e pelo desinteresse dos jovens. Fato é que, para desenvolver o gosto pela leitura, é preciso promove-lo desde a infância, o que necessita de mediação. A falta de tempo está intrinsecamente ligada às questões de injustiças sociais que permeiam o contexto brasileiro, haja vista que muitas crianças, adolescentes e jovens em idade escolar ocupam o lugar de cuidados com a casa ou atuam como provedores, o que influencia sobremaneira a aprendizagem. A ausência na escola ou o corpo-presente-ausente, devido ao cansaço, fome e preocupação, interfere significativamente no processo de aprendizagem. A mesma pesquisa, controversamente, evidenciou o papel do professor e da escola como principais motivadores para o acesso à leitura.

Certamente, o problema na educação brasileira não se restringe ao ensino de literatura. Esse aspecto ganha ainda mais significado se forem levados em conta os níveis de aprendizagem da Educação Básica brasileira. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), medido pelo governo federal a cada dois anos, tem como objetivo mensurar a qualidade da Educação Básica. Sua equação leva em consideração os resultados do SAEB e do Censo Escolar. O primeiro, em relação aos índices de proficiência em Língua Portuguesa, Matemática e Ciência, e o segundo, em relação à aprovação, reprovação e evasão. Em 2017, a pontuação do Ensino Médio ficou em 3,8, em uma escala que vai de 0 a 10; 4,2, 21 em 2019; 4,3, em 2021. Nos dois últimos anos, devido à pandemia de covid-19, os resultados podem não ter sido claros quanto à realidade em que o Brasil vivia. Portanto, a problemática da leitura literária é consequência de uma educação que ainda falha estruturalmente e, por isso, enfrenta dificuldades para lidar com as múltiplas potencialidades da literatura e de seu ensino.

É importante ressaltar que a predisposição à aprendizagem não pode ser confundida com a vontade eminentemente própria do sujeito, mesmo porque é possível querer algo sem ter as condições necessárias para alcançá-lo. Voltemos, por exemplo, às personagens apresentadas nas narrativas de Graciliano Ramos, Clarice Lispector e João

Cabral de Melo Neto. A primeira, Fabiano, tinha o desejo de aprender a falar como Tomás da Bolandeira, mas não conseguia; faltava-lhe condições para isso. A segunda, Macabéa, dentro de seu universo quase mínimo de oportunidades, fez datilografia, ouvia rádio para aprender coisas diferentes e ouvir anúncios, ia ao cinema uma vez por mês e se emocionava com músicas que não entendia. Mesmo assim, faltava-lhe condições de letramento para interpretar, lidar com as informações, relacioná-las. Já a terceira, Severino, sai do sertão e vai em direção ao litoral em busca de uma vida melhor, ou seja, cheio de vontade, mas a morte o persegue e não só a que o assola a mente, mas a morte social, a que o impedia de sonhar, a que o predestinava.

Nesse sentido, recuperamos André (2009, p. 30) que, ao refletir sobre o ato da leitura, destaca: "O prazer da leitura é, precisamente, a consequência resultante da satisfação de compreender e interpretar o lido. Compreender é um processo de associações psíquicas em que intervêm fatores muito diversos." Sobre isso, é inevitável considerar as relações contextuais que cercam o indivíduo e como a falta de condições adequadas para o pleno desenvolvimento humano pode prejudicar sobremaneira as formas pelas quais o ser humano aprende, se desenvolve, cria gostos e desgostos. Sobre isso, Vygotsky (1996) aponta o ambiente como motivador para o desenvolvimento.

Daí a importância da escola, haja vista que é a partir de uma perspectiva interacional que o sujeito se desenvolve. Isso porque é por meio da interação nas relações com o outro, com espaço e com os objetos que acontece a aprendizagem. A escola, nesse sentido, é o espaço em que os conhecimentos já construídos historicamente pela humanidade são também reconstruídos com os alunos, uma vez que o processo de experimentação está posto como prática escolar. Sobre isso, Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 171) destacam que "a assimilação pelo homem de sua cultura é um processo de reprodução no indivíduo das propriedades e aptidões historicamente formadas pela espécie humana".

Assim sendo, faz-se necessário uma sociedade que seja cada vez mais inclusiva e justa no que diz respeito às diferentes vulnerabilidades que possam acometer os sujeitos. Por conseguinte, a escola, como organização, precisa também ser um espaço inclusivo e justo, numa perspectiva de efetivar a permanência do aluno. Diante disso, destacamos Ainscow (2009, p. 11-12): "Dessa forma, a inclusão começa a partir da crença de que a educação é um direito humano básico e o fundamento para uma

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sociedade mais justa". Portanto, destacamos também Moll (2017, p. 66), que complementa: "O avanço na escolaridade está diretamente ligado às condições de vida da população e à execução de políticas públicas que garantam condições de acesso e permanência na escola".

No que concerne à igualdade, à inclusão, à justiça e ao direito, os apontamentos de Dubet (2004, p. 546) elucidam que é preciso criar condições de acesso e minimização de vulnerabilidades:

> Sabemos bem que em muitos casos a justiça consiste em ultrapassar a "igualdade pura". Se quisermos que as mulheres entrem na política, será preciso que criemos quotas; se desejarmos que os bons alunos dos bairros populares façam bons estudos, será preciso que tenham preparação específica; se quisermos que todos saibam ler, será preciso maior tempo de aprendizagem em algumas escolas; se quisermos que os alunos tenham acesso à alta cultura, será preciso organizar clubes de teatro e cinema para aqueles que têm apenas uma televisão em casa [...].

No mais, a escola deveria caminhar no sentido de libertar os oprimidos, assim como evidenciou Freire (1998), promovendo aprendizagens com o intuito de uma formação geral dos sujeitos, que os fizesse ativos, autônomos e, sobretudo, cidadãos.

Considerações finais

Portanto, reafirma-se a literatura como representação que, mesmo sendo ficção, acaba por abarcar temáticas em torno do contexto de produção, as quais, inclusive, promovem reflexões sobre a realidade brasileira. Nesse sentido, personagens como Fabiano, Macabéa e Severino devem ser lidos no plural, uma vez que representam muitos brasileiros, principalmente aqueles que vivem nas periferias de norte a sul do Brasil. No contexto das injustiças sociais, nota-se que as discussões em volta da falta de acesso das minorias ainda são verificáveis na atualidade, do século XXI, transpassando o século XX.

Por fim, no que diz respeito ao acesso à leitura literária, não há como dissociá-lo dos aspectos estruturais da educação nacional, mesmo porque é pela escola que os alunos têm acesso à leitura. Assim, uma vez que a grande maioria dos alunos lê por

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA | CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

influência da escola, é preciso que o Brasil permaneça investindo esforços numa educação de qualidade que garanta o direito à literatura e à cultura.

Referências

AINSCOW, Mel. Tornar a educação inclusiva: como esta tarefa deve ser conceituada? In: FÁVERO, Osmar; FERREIRA, Windyz; IRELAND, Timothy; BARREIROS, Débora (org.). *Tornar a educação inclusiva*. Brasília: UNESCO, 2009. p. 11-23.

ALENCAR, Adilma Secundo. Fabianos e Macabéas. In: BUENO, Aparecida de Fátima; SANTOS, Giuliano Lellis Ito; LUGARINHO, Mário César; OLIVEIRA, Paulo Fernando da Motta de (org.). *Literaturas de Língua Portuguesa: Interseção/ Intersecções*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. p. 9-402. Disponível em: <https://celp.fflch.usp.br/sites/celp.fflch.usp.br/files/LiteraturasLinguaPortuguesa%20%5Bpara%20internet%5D%20(1).pdf>. Acesso em: 28 fev. 2024.

ANDRÉ, Rhina Landos Martínez. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LITERATURA. *Polifonia*, [S. l.], v. 15, n. 18, 2009. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/990>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. A multideterminação do humano: uma visão em psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias*: Uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. Cap. 11, p. 167-178.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CÁSSIO, Fernando; GOULART, Débora Cristina. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem. *Retratos da Escola*, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 285–293, 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1620>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*, v. 1, n. 1, p. 53-76, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chaui%20Cultura%20e%20Democracia.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

DUBET, François. O que é uma escola justa? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Metodologias de pesquisa em Literatura*. São Paulo: Parábola, 2020.

ENGELS, Friedrich. Discurso diante do túmulo de Karl Marx. *In*: BARATA-MOURA, José et. al. (org.). *Obras Escolhidas em três tomos*. Edições Progresso Lisboa: Moscou, 1982. s.p. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/escolhidas/index.htm. Acesso em: 10 maio 2024.

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5__o_livro_IPL.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

INEP-MEC. *Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica*. Brasília, DF: 2017: Resumo Técnico. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/planilhas_para_download/2017/ResumoTecnico_Ideb_2005-2017.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

INEP-MEC. *Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica*. Brasília, DF: 2019: Resumo Técnico. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resultados-do-indice-de-desenvolvimento-da-educacao-basica-2019-resumo-tecnico>. Acesso em: 10 maio 2024.

INEP-MEC. *Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2021 | Nota informativa do Ideb 2021*. Brasília, DF: 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 10 maio 2024.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 176 p.

MOLL, Jaqueline. Reformar para retardar: a lógica da mudança no EM. *Retratos da Escola*, Brasília, DF, v. 11, n. 20, p. 61-74, jan./jun. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.22420/rde.v11i20.771. Acesso em: 05 fev. 2024.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. Literatura e história: um diálogo possível. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). *Literatura e Estudos culturais*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 163. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VERGANI, Aline Carlos Pedreira. *"A Realidade Salta a Ficção"*: a identidade e o caminho do sertanejo em Vidas Secas, Morte e Vida Severina e A Hora da Estrela. 2019. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) - Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2019. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/23700/1/CT_LBHN_11_2019_01.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O MITO GREGO E A LITERATURA DE CONTOS DE FADAS PARA FORMAÇÃO INTEGRAL DE ALUNOS

Mara Cleia Barbosa de Farias Silverio[11]

Resumo: O presente trabalho se propõe a fazer um breve esboço teórico sobre a importância da leitura de contos de fada e de mitologia grega nos anos finais do ensino fundamental. Esse tipo específico de leitura pode ser um instrumento eficaz para que a educação alcance a formação integral dos estudantes, assim como estipulado pelas normativas educacionais mais recentes. Para provar que a teoria é plenamente aplicável, a professora expõe seus métodos utilizados no ano de 2023 e 2024 em salas de aula de uma escola pública estadual situada no município de Três Lagoas, localizada no estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Docência. Literatura. Mitologia Grega. Contos de Fadas. Educação Pública.

Introdução

Pensarmos sobre educação envolve a apreensão de diversos conceitos, os quais podem e devem ser esclarecidos a fim de desfazer confusões que têm potencialmente para se tornar prejudiciais. Por isso, a fim de iniciarmos esse diálogo, gostaríamos de trazer à luz duas características do fazer educacional. A primeira delas se refere ao entendimento do significado de educação de tempo integral e, a segunda, quanto ao que é, de fato, a educação integral. Apesar de serem conceitos similares, eles são bastante divergentes um do outro.

De acordo com os pensamentos formulados por Gadotti (2009, p. 21): “A educação integral, para Aristóteles, era a educação que desabrochava todas as

[11] Formada em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente é mestranda em Letras, área de concentração: Estudos Literários, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua como professora de Língua Portuguesa e de Literatura e Produção Textual em escola pública da rede estadual do Mato Grosso do Sul.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA | CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

potencialidades humanas". Isso é justificável sob o prisma de o ser humano ser constituído por dimensões diversas as quais necessitam ser aprimoradas no decurso de suas vidas (Gadotti, 2009). Vale, nesse contexto, rememorar o expresso por Sertillanges (2019, p. 39):

> Acha você que pensamos somente com a inteligência? Não somos nós um feixe de potências, no qual elegemos, para isto ou para aquilo, o instrumento adequado? (...) O conhecimento diz respeito a tudo que há em nós, desde a ideia vital até a composição química da menor das células.

Compreendendo isso, fica clara a motivação principal de a educação integral ter por objetivo uma completa formação do ser humano, já que o compreende como um ser cheio de necessidades intelectuais, físicas, biológicas e socioemocionais. Nesse viés, o conjunto de normas educacionais tem feito o sistema brasileiro de ensino se deslocar para fazer valer, na prática, essa visão. Até meados da década de 2013, era já sedimentado o entendimento a respeito dessa questão no que concerne à formação das crianças na etapa de educação infantil (a exemplo da lei nª 9.394/1996 art. 29).

Em 2017, ocorreu a modificação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nª 9.394/1996, famigerada LDB), propiciando a inserção obrigatória da formação integral no currículo do ensino médio (BRASIL, 2017). Em relação à educação de **tempo** integral, podemos dizer que é a mais popular, especialmente em razão da sua expansão nos últimos anos. Tal expansão está diretamente vinculada à meta 6 do Plano Nacional da Educação.

De acordo com Gadotti (2009, p. 22), a expressão "escola de tempo integral" está totalmente ligada ao surgimento da "Escola Parque", de Anísio Teixeira e aos "Centros Integrados de Educação Pública", os CIEPS, do educador Darcy Ribeiro. Resumidamente, a educação de tempo integral diz respeito à permanência da criança ou adolescente 7 horas por dia no ambiente educacional (Decreto nª 7.083/2010, art. 1ª). Assim, considerando que apenas a formação integral (ou educação integral) compreende o ser humano em todos os seus aspectos: físico (bio), psicológico (psico) e inter/intrapessoal (social), muitos alunos de tempo integral podem não estar recebendo uma educação, de fato, integral.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias-MA - CEP 65.604-036

CONTATO
contato@enipel.com.br

Infelizmente, garantir uma educação capaz de satisfazer todos esses critérios demanda um trabalho árduo, especialmente ao considerarmos observar o contexto tão amplo em que a maioria de escolas e educadores está inserida no Brasil. Por isso, durante muitos anos as pessoas confundiram "educação" com "escolarização". Poderíamos dizer, sem medo de errar: no momento presente existem centenas de milhares de indivíduos que estão escolarizados, embora não verdadeiramente educados. Sobre esse aspecto, compartilho das mesmas ideias de Illich (2022, p. 11):

> Muitos estudantes, especialmente os mais pobres, percebem intuitivamente o que a escola faz por eles. Ela os escolariza para confundir processo com substância (...) obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é 'escolarizada' a aceitar serviço em vez de valor.

Fugir desse sistema é uma missão realmente difícil. Com grande frequência, percebemos inúmeros docentes sendo engolidos dia a dia por um grande leviatã que lhes diz o que fazer, como, quando, por quê, conquanto nunca lhes pergunte: o que vocês acham que deve ser feito? Como afirmamos anteriormente, é complexo, sim, não ousamos dizer que não. Entretanto encorajamo-nos a bradar: não é impossível; só é desafiador, afinal quase tudo no processo de educar outro ser humano o é. Como bem disse Bertoche (2023, p. 20):

> educar não é meramente instruir a partir de um currículo extenso; educar é preparar o caminho para a reconstrução de toda a civilização em cada ser humano (...) A educação é a expansão do singular ao universal: é o trabalho de realização da humanidade em cada homem.

Assim como desenvolver qualquer obra na construção civil demanda tempo, recursos, trabalhadores e dedicação, educar também exige esforços herculanos. Pense por um minuto na última sentença do excerto *"é o trabalho de realização da humanidade em cada homem"*, é isso o que cada educador está (re) construindo dentro da sala de aula! Um conhecimento sendo transmitido ao longo de milênios; conhecimentos não apenas acerca de fórmulas descartáveis e inúteis para a vida prática, como alguns sugerem; mas verdadeira sapiência transformando-nos em seres humanos, em gente.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA, CEP 65.604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Portanto, é natural haver dificuldades para mobilizarmos, enquanto educadores, essas competências em nossos alunos se o próprio sistema educacional já está atrofiado. Todavia, tentaremos mostrar nestas curtas páginas como temos nos empenhado em dar aos alunos a oportunidade de serem guiados; de serem, efetivamente, contemplados pela educação proveniente de "*educere*"[12]

Historinhas para criança dormir...?

"Como é possível pensar bem com uma alma doente, com um coração trabalhado pelos vícios, dividido pelas paixões, desorientado pelos amores violentos ou culpáveis?" (Sertillanges, 2019, p. 39). Cremos ser a literatura uma das principais maneiras pela qual conseguimos vencer nossos vícios e, se não, pelo menos atenuá-los ou sublimá-los em algo proveitoso e útil a nós, a nossa família e a nossa sociedade.

Há algo melhor do que a literatura de contos de fadas e de mitologia, neste caso a grega, para proporcionar isso aos adolescentes? Nesse ponto, pode ser que você seja daqueles a redarguir: "ora, contos de fada e mitos não passam mesmo de mentirinhas bobas inventadas para crianças dormir mais rapidamente ou para serem assustadas!" Será? C. S. Lewis, ensaísta, romancista e crítico literário, escreveu:

> Uma fantasia confessa é o tipo preciso de literatura que não engana de jeito nenhum (...) O perigo de verdade se espreita em romances de aparência sóbria em que tudo parece ser muito provável, mas nos quais, na verdade, tudo foi planejado para transmitir algum 'comentário sobre a vida' de ordem social, ético, religioso ou antirreligioso (LEWIS, 2019, p. 79).

Em outros termos, o crítico literário estava afirmando ser mais fácil enganar as pessoas sob a pecha de estar retratando a realidade do que apresentando uma historinha sabidamente inventada e fantasiosa. Embora menosprezada, a leitura dos contos de fada e dos mitos propicia aos adolescentes, dentre outras vantagens, o acesso aos estratos superiores do entendimento da linguagem (como Figuras de Expressão e de

[12] A palavra *Educere*, no latim, quer dizer "conduzir para fora". EDUCERE. *In:* Dicionário Etimológico. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/ acesso em 20 jun. 2024.

Pensamento), além do contato com um vasto arcabouço simbólico o qual possibilita acesso à significação acerca do valor do sentido de suas vidas.

Como bem salienta Bertoche, "é com palavras que pensamos. Quem não lê bem não pensa bem, porque não é capaz de compreender as sutilezas da linguagem. Do mesmo modo, quem não pensa bem interpreta mal — os textos e o mundo (...) **A literatura amadurece a existência**" (Bertoche, 2023, p. 11. Grifo nosso). O ser humano precisa de padrões, isto é, de princípios ordenadores para solucionar seus problemas. Não à toa, quando uma família se apresenta disfuncional gera diversas agruras em todas as áreas da vida da criança ou do adolescente. Sem uma base, este sente-se confuso e lhe falta sentido, pois não há um ponto de convergência para o qual olhar e que irá direcioná-lo em busca da solução da qual precisa.

Daí que o exemplo encontrado na família não sendo suficiente pode ser suprido ou pelo menos remediado pelos exemplos disponíveis na literatura. Não se trata tão somente de se anular para tornar-se exatamente como os nossos grandes mestres dos clássicos literários, pelo contrário, trata-se de "cultivar a admiração dos pensadores ilustres e o consequente convívio com eles é o meio, não de se tornar aqueles que você honra, mas aquele que você é" (Sertillanges, 2019, p. 140).

Vale salientar que embora a leitura tenha poder de transformar positivamente o nosso espírito, nossa mente, nosso intelecto, pode também maculá-lo, pois "a leitura desordenada entorpece o espírito, não o alimenta; torna-o pouco a pouco incapaz de reflexão (...)" (Sertillanges, 2019, p. 132) Por isso, é imprescindível os adolescentes, pelo menos no início de suas vidas intelectuais, contarem com alguém capaz de conduzi-los nessa jornada.

Definitivamente, os contos, sejam de fadas ou mitológicos, não são meras historinhas para crianças dormirem, são uma vasta gama de sapiência para as servir como modelo. A partir de agora, procuraremos descrever algumas aulas desenvolvidas ao longo do ano de 2023 e de 2024, numa escola estadual do município de Três Lagoas (MS), nas turmas de 7ª e 9º anos do ensino fundamental.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

“Alunos, contos de fadas e mitos são apenas histórias para crianças dormir?”

Com essa frase, iniciamos as aulas enquanto mantemos em mãos um único exemplar do livro “Contos de Fadas dos Irmãos Grimm” e “O Livro de Ouro da Mitologia”. Rapidamente, são proferidas diversas respostas, uma mais contundente que a outra: “claro, professora!”; “mas é óbvio”; “sim, professora, minha mãe lia pra mim”; “sim, professora, eu nunca vi adulto lendo, ué”. E assim por diante.

Não há nenhum impedimento quanto aos pais ou cuidadores de uma criança lerem contos de fada ou de mitologia para elas; aliás, isso é altamente recomendável. Contudo, não é só para isso que os contos servem, conforme exposto anteriormente. Nessas aulas, buscamos explicar aos alunos exatamente todas essas características dos contos explicitadas. E eles compreendem, finalmente, a importância. O próximo passo, então, é o início da leitura. Costumamos dispor a classe em uma enorme roda, de modo que todos caibam e que a professora fique em uma das pontas, na qual possa ver todos os estudantes sem dificuldade.

Iniciamos pelo dos Irmãos Grimm. O livro passa de mão em mão e cada um dos alunos deve ler pelo menos um parágrafo; quando há sobra de parágrafo, deixo de forma livre para aqueles que se voluntariam. É óbvio: muitos discentes ficam retraídos, leem baixo, leem com medo ou com vergonha; alguns ficam indiferentes; outros ficam afoitos diante da novidade (pasme! Em pleno 2023, isso foi novidade para eles. Muitos relataram que desde a 3ª série do ensino fundamental não liam em roda nas aulas de língua portuguesa). O importante é criar o hábito. Quando os alunos se dão conta de que você sabe o que está fazendo e, mais do que isso, acredita no que está sendo feito, eles mergulham na aula junto com você e o tempo voa.

Após fazermos a leitura, conversamos sobre os assuntos subjacentes aos contos. É nesse momento que ocorre exatamente o descrito por Sertillanges (2019, p. 65): “Quando em seguida os diálogos intervêm, o concerto se enriquece; cada um exprime e escuta, aprende e ensina, recebe e dá, e recebe conforme dá(...)” Por fim, dividimos a história em algumas partes principais e os alunos (sempre aqueles que gostam e se voluntariam) as encenam. Durante essa dinâmica, os estudantes que estão observando

podem dar palpites após a anuência da docente e, caso acertem, ganham uma bala. Vira, verdadeiramente, uma festa!

Para verificar o que eles extraíram dos contos e da aplicação dada pela professora, são feitas atividades à mão, por escrito, por meio das quais eles respondem suas impressões. Através de todo esse processo fica claro que o aluno reage "à leitura para apropriar-se do que lê" e vai "compondo assim sua alma" (Sertillanges, 2019, p. 146).

Rumpeltischen: uma aula para o 9ª ano do ensino fundamental

"Rumpeltischen" é um famoso conto dos irmãos Grimm, o qual narra a história de uma jovem entregue por seu pai a um rei sob a alegação paterna de a prole saber transformar palha em ouro. A pobre moça, no entanto, não tinha poderes algum. Quando foi colocada em um quarto para fiar a palha, entrou em desespero. É nesse momento que surge no conto a figura de Rumpeltischen, um duende que tem poderes de fazer aquilo que a pobre moça não pode. Ele exige, claro, algo em troca. A mulher, muito pobre e sem recursos, dá aquilo que possui: um anel. E o duende fia toda a palha. No dia seguinte, o rei chega e surpreende-se com tanto ouro. Novamente, solicita que a donzela transforme mais palha; novamente, o duende aparece. Dessa vez, a moça lhe dá seu colar. Na terceira noite, contudo, a moça já não tinha mais nada; então, o duende lhe pede algo bastante controverso: seu primeiro filho após ela se tornar rainha. Aparentemente sem saída, a mulher aceita o acordo. Depois de muitos anos, o duende volta para cobrar sua parte do acordo; a rainha havia dado à luz a uma linda criança. Ela implora por complacência; e o duende resolve dar-lhe uma chance: ela teria 3 oportunidades de adivinhar o nome dele. Por fim, um empregado da rainha descobre e ela consegue ficar com o tão amado filho.

Após a leitura do conto, os discentes ficaram estupefatos com a capacidade de a moça se entregar facilmente às circunstâncias difíceis, a ponto de prometer algo tão precioso, como o primeiro filho. Foi uma ótima oportunidade para abordarmos, por

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP: 65600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

exemplo, as inúmeras vezes em que fazemos concessões muito menores que essas, mas que impactam profundamente o nosso futuro e o futuro de nossa família. Os alunos abordaram questões como más companhias; uso e abuso de substâncias ilícitas e também de álcool; a ostentação do tráfico de drogas. Por fim, os estudantes encenaram 5 partes principais do conto:

1. A moça chorando no quarto;
2. O duende fiando a palha;
3. A moça se casando com o rei;
4. O duende dançando na floresta;
5. A moça vencendo o duende, ao acertar o nome dele.

Foi uma excelente aula também para que eles percebessem a importância de nomearmos corretamente as coisas. O duende, nesse viés, passou a ser tratado como "problema" da moça; e ela precisaria descobrir o nome desse problema. Seguindo o que Jordan B. Peterson diz em seu livro "12 regras para a vida, um antídoto para o caos" (2018), dar o nome certo aos nossos problemas é algo extremamente difícil quando estamos submersos neles, assim, vemos como a rainha pôde, com sagacidade e ajuda dos seus subordinados, vencer seu problema. Não obstante, os próprios alunos também evocaram o fato de que, muito embora esqueçamos daquilo que prometemos, os nossos credores jamais esquecem e relacionaram isso à própria dinâmica da vida, afirmando que ela "sempre cobra" e que devemos arcar com os custos das nossas decisões.

Para fixação do conhecimento adquirido e para ampliação do vocabulário, os estudantes copiaram algumas perguntas interpretativas acerca do conto e pesquisaram palavras até então desconhecidas por eles, no dicionário, tais como "roca" e "fiadouro".

Rapunzel: uma aula para o 7ª ano do ensino fundamental

O conto da Rapunzel é um dos mais famosos e tem passado por diversas adaptações ao longo dos anos. De modo geral, os alunos conheciam o conto tal qual

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias - MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

apresentado pelos primeiros filmes da Disney, os quais mantinham com bastante precisão a correlação com os escritos dos irmãos Grimm. Por que decidimos levar esse conto para os estudantes? Para fazê-los sentir novamente o gostinho da infância e para levantarmos reflexões importantes dentro da sala de aula, como responsabilidade individual sobre nossos próprios atos e o peso das consequências advindas deles.

Como de praxe, fizemos a leitura em roda e, ao final dela, debatemos algumas questões. Assim como o ocorrido no 9ª ano (que se indignou pela troca absurda feita pela moça), os alunos da 7ª série ficaram revoltadíssimos por descobrir que Rapunzel foi trocada por alguns poucos rapôncios.

Aproveitando a deixa, indagamos: quantas vezes não trocamos momentos preciosos de nossas vidas por recompensas tão passageiras? Quantas vezes, por exemplo, deixamos de estudar para estarmos desperdiçando o nosso tempo vendo e ouvindo músicas e vídeos que em nada ajudam na formação virtuosa do nosso caráter? A partir disso, os próprios discentes foram descrevendo diversas situações em que eles abriram mão de algo importante para abraçar o que não deveriam.

Além dessas reflexões, foi possível falar sobre aquilo que guia os nossos pensamentos, a nossa mente, pois os cabelos longos de Rapunzel pelos quais a Bruxa subia dão o indicativo disso. Há uma observação interessante no livro dos irmãos Grimm. A Bruxa não descobre por outro meio, senão pela própria Rapunzel, as visitas que o Príncipe faz a esta: "— Conte-me, senhora Gothel, como pode ser tão mais pesada para eu içar do que o jovem filho do rei? Ele sobe rapidinho" (Grimm, 2019, p. 75).

Num primeiro momento, podemos pensar que isso ocorria em razão de uma possível diferença de peso entre a senhora referida e o Príncipe; mas, não. Isso não causaria estranheza em Rapunzel. Logo, só nos resta uma outra abordagem, um pouco mais profunda e foi essa a sugerida aos alunos: a senhora Gothel, como toda bruxa nos contos de fada, representa o lado vil da humanidade, a natureza mais baixa, mais dada aos vícios; já o Príncipe, longe de representar os homens como um todo, representa aquilo que é mais nobre, mais elevado, mais virtuoso, portanto. Trata-se, assim, de arquétipos. Assim, a reflexão proposta aos alunos foi: o que é mais leve termos em nossos pensamentos, o que nos dá melhor sensação não só na mente, mas no corpo: os

vícios ou as virtudes? Ao final, a sentença proferida foi: nós é quem decidimos quem subirá todos os dias até nossa mente, o Príncipe ou a Bruxa.

Alguns alunos, após isso, compartilharam algumas experiências e a aula foi encerrada com algumas questões tais quais as passadas para o 9º ano, cujo esquema é o seguinte:

1. O que nos descreve o autor nessas páginas?

2. Divida o conto em 4 partes principais de acordo com o seguinte plano:

a). Os pais de Rapunzel (o desejo e sua realização);

b). A maldição lançada pela Bruxa;

c). A vida da Rapunzel com a Bruxa até a chegada do Príncipe;

d). A chegada do príncipe e a libertação da princesa.

3. Mostre o que se vê em cada parte.

a).

b).

c).

d).

4. Como se faz a transição entre cada uma das partes e a seguinte?

5. O que simboliza a Bruxa?

6. O que significa o jardim dela?

7. O que simboliza o desejo da mãe de Rapunzel pelos rapôncios da Bruxa?

9. O que simboliza o aprisionamento de Rapunzel?

10. O que simboliza o seu cabelo?

11. O que simboliza o seu canto?

12. O que simboliza o Príncipe?

13. Por que o Príncipe ficou cego?

14. O que simboliza o reencontro de Rapunzel com o Príncipe?

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As perguntas são mantidas em sua essência e modificadas conforme necessidade a depender do conto abordado. Além dessas questões, é passada uma lista de palavras para serem pesquisadas no dicionário — dando-se preferência ao dicionário físico, que está sempre à disposição dos alunos nas aulas voltadas para isso.

Encerramento: como encontrar sentido nas virtudes por meio dos contos de fada e da mitologia grega?

Ao final do ano letivo, como proposta de encerramento geral das aulas (antes do exame final), fizemos uma "aula temática", em que os alunos escolheram um personagem de contos de fada e da mitologia e se vestiram à caráter em homenagem. A aula temática contou com a presença de professores convidados, os quais detêm conhecimento profundo da temática abordada. O vencedor da melhor fantasia ganhou um pix de 50 reais e, ao término de tudo, compartilhamos uma mesa de doces e salgados preparada por eles mesmos.

Foi, sem dúvidas, um dia mágico para todos eles. As meninas decidiram se fantasiar de princesas e os meninos ficaram encantados quando as viram tão bonitas. Embora tenhamos lido mais contos de fadas que mitologia grega, os meninos optaram por se fantasiar como os heróis e deuses gregos (Hermes, Hércules, etc.) Frise-se que eles não dispunham de muito dinheiro para isso, mas aproveitaram as roupas que tinham e usaram a criatividade. Temos convicção de que esse dia os marcou profundamente. Mesmo que a vida não seja mágica, o modo como transmitimos o conhecimento pode melhorá-la um pouco.

Apesar de muitas pessoas questionarem esse método, o sucesso entre os alunos é inegável: eles se doam por inteiro nessas aulas. Mesmo nas partes que seriam "mais chatas", há participação efetiva: respondem às questões nos cadernos, levam para correção, participam da correção no quadro, se dispondo a resolvê-las — inclusive essas cenas se repetem no 9ª ano também. O fato é que depois de descobrir sentido naquilo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que aprendem, os estudantes se abrem para o que você tem a ensinar. O segredo é a constância, o hábito. Somos produto daquilo que fazemos repetidas vezes, isso porque nos tornamos excelentes não por acaso ou por um evento específico, mas pelo desenvolvimento prolongado de um hábito. Por diversas vezes ouvimos que não conseguiríamos; que em uma sala de aula com quase 40 alunos presentes seria impossível desenvolver leitura em voz alta; ouvimos que os alunos não se interessam por gramática, por produção textual e muito menos por "contos da carochinha". Felizmente, o ano de 2023 nos mostrou exatamente o oposto. Embora desafiador, cansativo, frustrante muitas vezes e desesperador em outras, é possível, sim!

O contexto socioeconômico dita tudo?

Para finalizar, torna-se relevante trazer à tona o contexto social dos alunos, bem como da escola onde essas estratégias foram desenvolvidas a fim de dirimir quaisquer dúvidas e anular o que possa desabonar o sucesso dessas aulas. De antemão, sustentamos: definitivamente não são alunos ricos provenientes de famílias bem-estruturadas.

A escola se situa numa importante cidade do estado do Mato Grosso do Sul (MS). Junto à Campo Grande (capital do estado) e Dourados (segunda maior cidade do estado), Três Lagoas desponta como um município promissor, sendo o terceiro maior do MS. A escola, a mais antiga da cidade, contando agora quase 105 anos, passou o ano de 2023 em reforma, o que dificultou um pouco a proposição de aulas em ambientes diversificados; porém não impediu o aprendizado de modo algum. Mesmo dentro da sala de aula é possível realizar bons projetos.

A instituição atende alunos desde a sexta série do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, em ambos os períodos (matutino e vespertino), sendo que, até o momento, não há oferta de ensino noturno e nem de aulas na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos).

As nossas turmas de sétimas séries eram compostas, em quase sua totalidade, por alunos provenientes de bairros distantes da escola, e muito carentes. Portanto, lidamos com estudantes de estrato social vulnerável. Já as nossas turmas de nonas séries

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

eram bastante mistas, contando com estudantes carentes, estudantes cuja situação socioeconômica não era ruim e alunos com uma situação financeira razoável.

Considerações finais

Apesar de tudo isso, destacamos não haver impossibilidade no ensino de língua portuguesa quando o aluno quer aprender e o professor quer ensinar, ainda que as dificuldades financeiras dificultem um pouco o andamento do trabalho. Quando os alunos não querem aprender, cabe ao docente mostrar-lhes a importância e a aplicabilidade daquilo que ele está tentando ensinar, de modo que aquele conhecimento faça sentido para ele. Por isso, já nas primeiras aulas do ano, mostramos como é difícil a vida de um analfabeto funcional e de como estávamos dispostos a ajudá-los a vencer isso, tornando-se seres humanos atentos a tudo o que acontece ao redor deles.

Em nossa concepção, o contexto socioeconômico, bem como o engessamento imposto pelo sistema não ditam tudo. Conquanto dificulte, não impossibilita. E, nestas poucas páginas, demonstramos por que acreditamos nisso, na prática.

Referências

BRASIL.* Base Nacional Comum Curricular.** ***Resolução CNE/CP nº 2 de 22 dez.2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf***. Acesso em 19 jan. 2024.***

BRASIL. **Decreto nª 7.083 de 27 de janeiro de 2010: dispõe sobre o Programa Mais Educação.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7083.htm Acesso em 19 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nª 9.394 de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 19 jan. 2024.

BERTOCHE, G. Introdução. *In*: SAYERS, D. L. **As ferramentas perdidas da aprendizagem.** Campinas, SP: Kírion, 2023. p.7 – p. 41.

GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo.** São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2009.

GRIMM, J. Contos de fada dos irmãos Grimm. São Paulo: Príncipis, 2019.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023.

LEWIS, C. S. **Um experimento em crítica literária.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

PETERSON, J. **12 regras para a vida um antídoto para o caos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

SERTILLANGES, A. D. **A vida intelectual**. Campinas: Kirion, 2019.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DECOLONIZANDO A IDENTIDADE: marcas identitárias do nacionalismo brasileiro no *Manifesto Antropófago* (1928)

Beatriz Rodrigues Cunha de Oliveira[13]

Dr. Josenildo Campos Brussio[14]

Resumo: Dada a importância de compreender a expressão do nacionalismo brasileiro e a complexidade da identidade nacional no contexto do Modernismo, bem como a ascensão do interesse pelos estudos decoloniais, esta pesquisa teve como foco o *Manifesto Antropófago* (1928) de Oswald de Andrade, questionando como este reflete e promove as marcas identitárias do nacionalismo brasileiro no modernismo ao estabelecer a ideia de antropofagia cultural, resistência à influência estrangeira e busca por uma identidade nacional autêntica. A metodologia envolveu uma abordagem explicativa, qualitativa e descritiva, com análise do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade e cuja fundamentação teórica baseou-se nas contribuições de Antonio Candido (1993) sobre a literatura, Stuart Hall (2006) sobre identidade, Walter Mignolo (2017) e Aníbal Quijano (2010) sobre a decolonialidade. Assim, a pesquisa investigou as marcas identitárias do nacionalismo brasileiro presentes no Manifesto Antropófago, evidenciando as referências indígenas no texto literário e as estratégias linguísticas utilizadas, além das implicações políticas e sociais e o contexto histórico do Manifesto dentro do movimento do Modernismo brasileiro. Os resultados obtidos sugerem que o Manifesto Antropófago atua como catalisador para a expressão e reconfiguração do nacionalismo brasileiro, desafiando noções tradicionais de identidade nacional, promovendo uma visão mais inclusiva e decolonial e fomentando o imaginário de brasilidades ao resgatar as origens do povo brasileiro e desconstruir as narrativas coloniais.

Palavras-chave: Identidade. Modernismo. Nacionalismo. Antropofagia. Decolonialidade.

Introdução

A colonialidade, como um desdobramento do colonialismo, representa uma dimensão profunda e abrangente do legado colonial, estendendo-se para além do domínio econômico e abrangendo instâncias culturais, sociais e epistêmicas. Enquanto o colonialismo se caracteriza, de forma mais específica, pelo modelo econômico baseado

[13] Mestranda em Teoria Literária. Universidade Estadual do Maranhão. Programa de Pós-Graduação de Letras/UEMA.

[14] Doutor em Psicologia Social. Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós-Graduação de Letras/UEMA.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

no monopólio da metrópole sobre suas colônias, a colonialidade perpetua uma estrutura de poder e conhecimento que continua a influenciar e moldar as formas de expressão, pensamento e arte dos povos colonizados. Nesse sentido, a citação de Quijano (2010, p. 74-75) elucida essa perspectiva: "O eurocentrismo não é exclusivamente [...] a perspectiva cognitiva dos europeus, ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas também do conjunto dos educados sob a sua hegemonia". Este eurocentrismo se infiltra nas instituições educacionais, culturais e intelectuais dos países colonizados, perpetuando uma subordinação simbólica que transcende a independência política e econômica.

Adentrando o campo da literatura brasileira, observa-se que tal influência colonial se manifesta desde o início: considerado a primeira escola literária, o Quinhentismo, que se desenvolveu no século XVI, foi marcado pela produção literária de cronistas, viajantes e missionários europeus, refletindo assim, por óbvio, uma visão colonial do Brasil, destacando a exótica e diversa natureza tropical e os costumes indígenas a partir de uma perspectiva europeia. Nesse contexto, textos como a "Carta de Pero Vaz de Caminha" exemplificam essa abordagem, vez que a terra brasileira e seus habitantes são descritos com um olhar de exploração e dominação, reiterando a superioridade cultural europeia reforçada pelo modelo colonial.

Neste âmbito, por séculos a literatura brasileira permaneceu atrelada aos padrões estéticos e temáticos da Europa, atendendo a um padrão hegemônico estabelecido colonialmente. Movimentos literários como o Barroco, o Arcadismo e o Romantismo no Brasil, por exemplo, seguiram de perto as tendências europeias, ainda que desde então já fosse possível verificar vozes que buscavam uma identidade mais autêntica e nacional.

Assim, no início do século XX, o Brasil estava imerso em um contexto de busca por uma identidade nacional própria, distinta das influências europeias dominantes e hegemônicas. Foi com a Semana de Arte Moderna de 1922 que se provocou uma ruptura significativa em relação a essa hegemonia colonial na arte e na literatura brasileiras. O evento, realizado em São Paulo, foi um marco para o Modernismo brasileiro, promovendo uma busca intensa por uma identidade cultural autônoma,

desafiando padrões estéticos e valorizando a cultura genuinamente brasileira em suas múltiplas formas.

De tal maneira, Oswald de Andrade, um dos principais expoentes desse movimento, expressou uma crítica incisiva à imitação cultural europeia e propôs no *Manifesto Antropófago* (1928) a antropofagia cultural como uma metáfora para a deglutição e ressignificação dos elementos estrangeiros, transformando-os em algo novo e autêntico. Assim, sob a justificativa de contribuir para o enriquecimento do debate acadêmico da construção da identidade cultural brasileira em diálogo com a decolonialidade, questiona-se: de que maneira Oswald de Andrade constrói, promove e decoloniza a identidade nacional brasileira no Manifesto Antropófago (1928)?

Levanta-se como hipóteses que o autor a) ao levantar diferentes categorias para o ato antropófago, ao mesmo tempo em que critica a antropofagia sob a perspectiva exógena, promove a antropofagia sob a perspectiva endógena; b) expressa a construção da identidade nacional através da busca por elementos culturais nacionais próprios em conjunto com a ação de antropofagia sobre a cultura do "outro"; e c) em seu processo de construção da identidade brasileira autêntica, dialoga com os debates contemporâneos sobre as questões de decolonialidade, vez que demonstra em seu manifesto o pensamento fronteiriço, a desobediência epistêmica e a opção pela possibilidade do não convencional e não eurocêntrico.

Para tanto, adotar-se-á como metodologia a pesquisa científica de natureza qualitativa e bibliográfica, apoiada nas contribuições de Mignolo (2017) e Quijano (2010) para os estudos da decolonialidade e nas ponderações de Candido (2010) sobre a literatura. Ainda, trata-se de natureza aplicada, uma vez que a análise incide diretamente nos elementos textuais presentes no manifesto de Oswald de Andrade. Assim, a pesquisa combina uma abordagem textual e teórica que inclui uma análise prática do texto, focando nos elementos linguísticos e semânticos que Oswald de Andrade utiliza para construir a identidade nacional brasileira, orientada por estudos decoloniais.

Nesse ínterim, o presente artigo se propõe a analisar as marcas identitárias do nacionalismo brasileiro no referido manifesto sob o prisma de sua construção, promoção e decolonização. De forma mais específica, pretende-se examinar os sentidos e a expressão da antropofagia pretendida pelo autor, mapear os elementos linguísticos e

semânticos utilizados para construção da identidade nacional no texto e identificar os aspectos decoloniais expressos no Manifesto Antropófago.

Oswald de Andrade e a antropofagia

José Oswald de Andrade (1890-1954) nasceu na cidade de São Paulo, no bojo de uma família de boas condições. Assim, Fonseca (2007, p. 105-106) recorta da obra *Memória e sociedade — lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi, o relato de dona Brites, que relembra um episódio que envolve o escritor: "Oswald de Andrade era de gente muito rica. Ele foi a causa de um escândalo na Escola Normal no tempo em que fui aluna." Nesse sentido, o escritor formou-se em Direito em 1919 (Fonseca, 2007, p. 105) e envolveu-se na vida política, de modo que, envolto de aspirações sociais, filiou-se em 1931 na vanguarda política do PCB (Hashimoto, 2012, p. 240), após, viveu boa parte de sua vida na Europa, em contato com o exterior. Não à toa, embebeu-se de outras culturas e encontrou inclusive inspiração no haikai japonês para performar sua arte poética, a exemplo do poema "Amor humor", publicado por Oswald de Andrade em 1927. Assim, em vista de suas condições financeiras, experiências de vida e referências culturais, o escritor demonstra vasto contato com a cultura do "outro".

Enquanto escritor, seu repertório vai de poesias e manifestos a romances e peças. Seus escritos incluem obras como, dentre outras, *Os condenados* (1922), *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), *A estrela de absinto* (1927), *Serafim Ponte Grande* (1933), *A escada vermelha* (1934), *Marco zero I: a revolução melancólica* (1943), *Marco zero II: chão* (1945), o *Manifesto da poesia pau-brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928). O *Manifesto Antropófago* ecoa como um desdobramento dos efeitos e provocações, ainda, da Semana de Arte Moderna de 1922, em consonância aos ideais propostos por esta, que não apenas reafirmou a identidade cultural brasileira, mas também propôs uma nova abordagem de antropofagia cultural como um ato de resistência à dominação estrangeira e uma afirmação da singularidade nacional.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Cumpre ressaltar que um manifesto, por definição, trata de um ato de afirmação ou posicionamento público. No caso em questão, o texto foi publicado em uma revista, a saber, a *Revista da Antropofagia* – o que demonstra o condão da intenção de repercussão. Assim, de forma provocativa, Oswald de Andrade faz uso da função política da arte observada por Antonio Candido (2010, p. 20) em suas considerações acerca dos aspectos sociais da literatura. No contexto do Modernismo brasileiro, especialmente na efervescência cultural da década de 1920, a arte de Oswald de Andrade se torna um veículo para a expressão de uma identidade nacional autêntica e descolonizada. A ideia de antropofagia cultural proposta por Andrade no manifesto é um exemplo claro de como a arte pode se engajar politicamente, funcionando como um ato de resistência contra a dominação estrangeira e a imposição cultural eurocêntrica.

Ao propor a antropofagia como metáfora para a deglutição e ressignificação dos elementos estrangeiros, Andrade promove uma visão de arte que se dissolve nas aspirações e valores de seu tempo: a busca por uma identidade brasileira autônoma e a rejeição da hegemonia cultural europeia. Esta dissolução do criador na coletividade é evidenciada pela forma como o Manifesto Antropófago se torna um símbolo do Modernismo brasileiro, transcendendo a identidade pessoal de Andrade para se tornar um emblema das aspirações de um movimento cultural e político mais amplo.

A função política da arte no manifesto, portanto, é dupla. Primeiramente, atua como um meio de contestação e subversão da ordem colonial, propondo uma nova forma de pensar a identidade brasileira. Em segundo lugar, ao se dissolver nas aspirações coletivas do seu tempo, o manifesto de Andrade exemplifica a capacidade da arte de refletir e moldar os valores sociais e culturais de uma nação em busca de sua própria voz. A colocação de Candido (2010) sobre a arte coletiva encontra potente concretização no Manifesto Antropófago, onde a identidade individual de Oswald de Andrade se funde com as demandas coletivas por uma revolução cultural e política, promovendo uma nova consciência nacional.

> O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se

> nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo (Candido, 2010, p. 35).

A intersecção entre a função política da arte e a arte coletiva realça o papel crucial do Manifesto Antropófago como uma obra que não apenas reflete, mas também influencia e transforma o cenário cultural brasileiro. Andrade dissolve sua identidade individual no movimento maior do Modernismo brasileiro, refletindo a arte coletiva. Destaca-se, nesse contexto, o seguinte excerto do Manifesto: "Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direcção do homem." Torna-se, pois, evidente no trecho o propósito do autor de revolucionar, de romper com o padrão colonialmente posto, de provocar uma verdadeira ruptura e transformação inclusive de cunho político na promoção da identidade nacional, remetendo a palavras de origem indígena e incentivando o resgate ao homem natural e o retorno às origens brasileiras.

Oswald de Andrade, então, ao iniciar com a colocação de que "só a antropofagia nos une" – socialmente, economicamente e filosoficamente – propôs no Manifesto Antropófago uma teoria de antropofagia cultural como única lei no mundo a ser propagada pela coletividade nacional. Esta teoria sugere que o Brasil poderia "devorar" e assimilar elementos culturais estrangeiros, transformando-os em algo genuinamente brasileiro. Assim, a antropofagia funciona como uma metáfora para a apropriação cultural e intelectual na qual "comer" não se limita ao aspecto literal de ingestão alimentar, mas também se estende ao âmbito do conhecimento, da cultura e das ideias, não se restringindo apenas à cultura material, mas alcançando o campo das ideias e da própria construção da identidade, tal como faz a colonialidade.

Pois bem, o ato antropófago na arte e, mais especificamente, na literatura, trata da apropriação criativa de elementos culturais externos para construção e manifestação da identidade cultural própria. Cumpre destacar, nesta senda, que é possível verificar duas perspectivas antropofágicas no manifesto oswaldiano, a saber uma endógena (de dentro para fora), promovida e incentivada, e uma exógena (de fora para dentro), combatida e criticada. Para exemplificar, tomemos como exemplo a seguinte passagem:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> A edade de ouro annunciada pela America. A edade de ouro. E todas as *girls*. Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. *Oú Villeganhon print terre. Montaigne.* O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao bárbaro technizado de Keyserling. Caminhamos (Andrade, 1928).

O trecho posto exemplifica a complexidade e a riqueza do Manifesto Antropófago. Oswald de Andrade utiliza uma série de referências históricas, culturais e filosóficas para subverter a hegemonia eurocêntrica e valorizar a cultura brasileira. Ele promove uma visão de identidade nacional que é inclusiva, dinâmica e em constante diálogo com outras culturas, mas que, ao mesmo tempo, se define por suas próprias raízes e valores. Assim, por meio de uma via endógena, promove no trecho que a cultura nacional deva digerir, englobar, a cultura do outro para se sustentar e se desenvolver.

Analisando o excerto, nota-se que Oswald de Andrade evoca a idade de ouro, um conceito utópico que remonta à Antiguidade, frequentemente associado a um tempo de paz, abundância e felicidade. Ao anunciar essa idade de ouro pela América, o autor posiciona o continente americano, e especialmente o Brasil, como um novo espaço de renovação e potencialidade, diferente do velho mundo europeu. A repetição da expressão “edade de ouro” (sic) reforça a importância e a esperança de um novo começo, uma nova forma de pensar e viver, onde a antropofagia cultural se torna um instrumento de emancipação e criação.

A expressão “e todas as *girls*” pode ser interpretada como uma referência irônica e crítica à influência cultural norte-americana e sua disseminação global, em alusão a termos enquanto sociedade como referência todas essas revoluções do eixo eurocêntrico na caminhada e construção de quem somos e do que pensamos. Oswald resgata as raízes indígenas do Brasil enquanto dialoga com a cultura europeia, promovendo uma síntese criativa e crítica.

Ademais, a menção ao termo “filiação” indica uma conexão ou herança cultural, enquanto “Brasil Carahiba”, termo tupi para “sagrado”, levanta a ideia saudosista sobre a terra habitada pelos povos indígenas originários. A menção a “Villegagnon” faz alusão a Nicolas Durand de Villegagnon, explorador francês que tentou estabelecer a França Antártica na Baía de Guanabara ao atracar com sua tripulação no século XVI

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

(Mariz, 2008, p. 54). Por seu turno, "Montaigne" refere-se a Michel de Montaigne, filósofo francês.

Essas referências estabelecem um elo entre o Brasil e a Europa, mas ao mesmo tempo subvertem a tradicional perspectiva eurocêntrica, agindo antropofagicamente sob uma abordagem endógena. Andrade sugere, assim, que a verdadeira riqueza cultural está no "contacto" e na troca entre diferentes culturas, promovendo uma visão inclusiva e decolonial. Ao mencionar "o homem natural", Oswald evoca o filósofo Jean-Jacques Rousseau, famoso por suas ideias sobre o "bom selvagem" e a pureza do homem em seu estado natural, não corrompido pela civilização por não encontrar-se inserido em qualquer organização política ou social regente (Rosseau, 2013). Este conceito se alinha com a valorização das raízes indígenas e da natureza, que são centrais no Manifesto Antropófago.

No trecho destacado, Andrade traça, ainda, uma linha de continuidade entre diferentes movimentos revolucionários e culturais que marcaram a história. A Revolução Francesa simboliza a luta pela liberdade, igualdade e fraternidade; o Romantismo representa uma reação ao racionalismo iluminista e um retorno à natureza e à subjetividade; a Revolução Bolchevista simboliza a luta pelo socialismo e a transformação radical da sociedade; e a Revolução surrealista reflete a busca por libertar o inconsciente e explorar novas formas de expressão artística. Nesse contexto, a colocação final, "Caminhamos", sintetiza a ideia de progresso e movimento contínuo. Esta palavra indica que, apesar das diferentes influências e revoluções, a busca por uma identidade cultural autêntica e a construção de uma nova sociedade continuam em curso.

Assim, Andrade utiliza-se dos estrangeirismos e das referências aos acontecimentos do eixo eurocêntrico para consolidar a identidade brasileira. Logo, não vê o processo de antropofagia cultural como estático, mas sim como uma jornada dinâmica em direção a um futuro em que a identidade brasileira é constantemente (re)construída.

Por outro lado, quanto à perspectiva exógena da antropofagia, ou seja, tratando-se da cultura do outro englobando e promovendo-se sobre a cultura nacional, Andrade traça duras críticas. Em dada passagem, o autor dispõe que "Sem nós a Europa não teria

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

siquer a sua pobre declaração dos direitos do homem" (sic) (Andrade, 1928). No recorte, verifica-se a exemplificação do que se enquadra como a perspectiva exógena, onde a cultura externa, do outro – sendo o outro, mais especificamente, o olhar do colonizador – se solidifica a partir da cultura interna, nacional – sendo essa a vivência dos colonizados.

Este trecho do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade é altamente provocativo e carrega uma crítica incisiva ao eurocentrismo e à hipocrisia das potências coloniais europeias. A expressão "sem nós a Europa não teria siquer" (sic) (Andrade, 1928) coloca os povos colonizados, especialmente os indígenas e afrodescendentes brasileiros, como fundamentais para a formação da identidade e dos valores europeus. Oswald sugere que a Europa deve seu desenvolvimento e avanços culturais, políticos e econômicos à exploração e ao contato com as Américas e outros territórios colonizados. Isso implica que a Europa, sem a influência e os recursos provenientes das colônias, não teria alcançado certos marcos de sua história e cultura. Andrade destaca, nesses termos, a dependência europeia dos territórios colonizados.

De outro modo, ao descrever a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) como "pobre", Andrade critica a insuficiência frente às contradições relacionadas ao referido documento francês. Embora a declaração tenha sido um marco devidamente reconhecido na luta pelos direitos humanos, Oswald sugere que seus princípios foram traídos pelas práticas coloniais europeias que negaram esses mesmos direitos aos povos colonizados, sublinhando a incongruência entre os ideais proclamados pela Europa e suas ações reais nas colônias.

O trecho representa, assim, uma crítica ao eixo eurocêntrico, que codificou a declaração dos direitos do homem se erguendo sobre o sistema de colonialismo que violava esses mesmos direitos quando do homem colonizado, vez que o colonizador se utilizava dos recursos da terra colonizada para fomentar-se. Portanto, o fomento aqui referido não é apenas material (tampouco são os recursos), mas também cultural.

Ponderadas as perspectivas da antropofagia evidenciadas no manifesto, torna-se imprescindível trazer sua expressão nos elementos textuais escolhidos por Andrade. Assim, ressalta-se uma das citações iniciais desse objeto de estudo: "*tupy, or not tupy that is the question".* Trata-se de uma alusão à indagação socrática, à máxima "ser ou

não ser, eis a questão", que ao mesmo tempo que se refere a contribuições trazidas pela cultura da Grécia Antiga, sendo o eixo greco-romano fundamental para o pensamento eurocêntrico, reflete-se no texto através de estrangeirismos do inglês (idioma este valorizado pela hegemonia eurocêntrica). Andrade incorpora elementos de outras culturas de maneira crítica e transformadora. O uso de estrangeirismos no manifesto não é uma mera imitação, mas uma forma de antropofagia cultural, onde o "não-meu" é absorvido, digerido e transformado em algo novo e autêntico. Nesse contexto, Andrade utiliza-se da cultura do outro para promover a cultura e identidade nacional própria, visto que traz consigo o retorno às origens brasileiras ao citar o tupi, promovendo as raízes indígenas do país para simbolizar aspectos da brasilidade.

Veja-se outra manifestação do ato antropófago no texto: "Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o." Nesse caso, nota-se uma abordagem provocativa e simbólica de Oswald, na qual a ação de "comê-lo" age como metáfora para a absorção ou assimilação do conhecimento e das ideias do outro, ensejando na incorporação de um conceito externo (ato antropofágico). Cabe sublinhar que esse movimento de "comer" e "digerir" a cultura do colonizador simbolizava a rejeição da submissão cultural e a afirmação de uma identidade nacional própria, destacando a luta política contra a imposição e hegemonia cultural e a busca por uma expressão artística que reflete a verdadeira essência do povo brasileiro.

A construção e representação da identidade nacional no manifesto

No manifesto ora analisado, a construção da identidade nacional se dá inicialmente a partir da tomada de consciência sobre a categoria do "outro". Oswald de Andrade afirma: "Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.". Tal afirmativa, por sua vez, nos leva a seguinte reflexão: mas, afinal, como definir o que é "meu"? Neste sentido, a busca pela identidade se inicia a partir da negação do que não sou. Mignolo (2017) dialoga então com tal pensamento ao elucidar que "o 'outro', entretanto, não existe ontologicamente. É uma invenção discursiva.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

Quem inventou o 'outro' senão o 'mesmo' no processo de construir-se a si mesmo?" (MIGNOLO, 2017, p. 18).

Em complemento, Stuart Hall (2001) situa a consolidação da identidade cultural como um processo de construção fluido, de fronteiras porosas, sutis e em constante transformação, desafiando noções estáticas de nacionalismo. Hall argumenta que a identidade cultural na era pós-colonial não é fixa, mas sim um processo contínuo de negociação e reconstrução:

> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (Hall, 2001, p. 12).

Assim, as identidades são formadas e reformadas no contexto de múltiplas influências culturais, resultando em um mosaico complexo e dinâmico. No mundo globalizado, o contato entre diferentes culturas é constante e inevitável. Esse intercâmbio cultural provoca transformações profundas nas identidades nacionais, que passam a se constituir não de maneira isolada, mas através de um diálogo contínuo com o "outro". As experiências de Oswald de Andrade, conforme mencionado alhures na biografia do autor, refletem essa dinâmica a qual Hall se refere.

A leitura do manifesto revela a utilização de elementos linguísticos e semânticos que fortalecem a construção de uma identidade nacional brasileira. As marcas identitárias do nacionalismo presentes no manifesto incluem uma visão crítica e criativa da cultura estrangeira e a valorização das raízes indígenas e populares do Brasil. Esses elementos são essenciais para a construção de uma identidade nacional autêntica e não eurocêntrica. Passemos a analisá-los.

Destaca-se, de antemão, que Oswald utiliza uma voz coletiva, não por mero acaso, mas já posicionando-se na primeira pessoa do plural (nós) para promover a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

coesão coletiva e senso de unidade nacional. Além de criticar a submissão passiva às influências estrangeiras, promove uma ação cultural afirmativa e revolucionária. Essa escolha estilística não só unifica o discurso, mas também reforça a ideia de um projeto coletivo de identidade nacional.

A intertextualidade no Manifesto Antropófago, por seu turno, é uma ferramenta poderosa para construir e representar a identidade nacional, conforme passa-se a discorrer. Faz-se necessário ressaltar que o Manifesto Antropófago foi publicado na *Revista de Antropofagia*, juntamente com a ilustração do Abaporu de Tarsila do Amaral:

Desenho de Tarcila 1928 – De um quadro que figurará na sua proxima exposição de Junho na galeria Percier, em Paris.

Esta obra, que conforme descrição na própria revista seria posteriormente exposta em Paris (note-se aqui outra exemplificação da utilização de um espaço cultural exterior para promoção da cultura própria), ilustra um corpo sentado em uma terra árida com um sol evidente e um cacto, evocando a paisagem do sertão nordestino. Esse cenário é uma alusão ao sertão, enquanto região emblemática do Brasil, rica em simbolismo cultural e histórico, o que remete ao imaginário das brasilidades, trazendo elementos da identidade nacional não pautados apenas nas raízes indígenas, mas em outras nuances da cultura brasileira, como a terra do sol e o sertão nordestino.

Oswald (1928) destaca: “Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos immigrados, pelos traficados e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

pelos touristes. No paiz da cobra grande". No trecho, "filhos do sol" sugere um povo nutrido pela energia e pela luz, elementos essenciais para a vida, ao passo que "mãe dos viventes" reforça a ideia de uma terra fértil e acolhedora, que dá vida e sustento aos seus habitantes. Essas metáforas sugerem um vínculo profundo entre o povo brasileiro e o seu território, instigando um sentimento de pertencimento nacional. Andrade aborda a complexidade das relações entre brasileiros e estrangeiros, a expressão "encontrados e amados ferozmente" indica uma relação intensa e ambígua e "hipocrisia da saudade" aponta para a contradição dos sentimentos: a saudade é um sentimento profundo e verdadeiro, mas a sua presença no contexto das relações entre imigrantes, traficados e turistas pode ser marcada por hipocrisia. A menção a esses grupos destaca a diversidade e a complexidade das influências culturais e históricas que moldaram o Brasil. Ao referir-se ao Brasil como o "país da cobra grande", Andrade evoca a riqueza e a diversidade da fauna e da flora, bem como a presença contínua das tradições e mitologias indígenas na cultura brasileira.

Oswald tece, dessa forma, uma rica tapeçaria de imagens e referências culturais para abordar a complexidade da identidade nacional brasileira. Através da metáfora, da ambiguidade e da referência a mitos e realidades históricas, Oswald de Andrade constrói uma visão do Brasil que é ao mesmo tempo acolhedora e feroz, profundamente conectada à natureza e marcada por uma história de encontros e desencontros com o "outro", promovendo uma identidade nacional que é diversificada, dinâmica e enraizada em sua própria terra e história.

Em verdade, somos muitos em um. Para entender melhor esse pensamento, podemos recorrer à teoria de Halbwachs sobre a memória individual como um ponto de vista sobre a memória coletiva, que aduz:

> Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (Halbwachs, 1990, p. 51).

O teórico Halbwachs (1990, p. 28) pondera, ainda, que "nossa memória não é uma tábula rasa". Por analogia, as identidades individuais estão inseridas em uma coletiva maior que as guarda, de modo que advém de uma instância maior, não sendo também uma tábula rasa, mas solidificadas a partir de outras influências exteriores.

A identidade nacional é, portanto, construída a partir de diversos elementos culturais, interiores e exteriores, que se fundem e se transformam. Essa construção coletiva é refletida na intertextualidade enquanto recurso do manifesto. Oswald de Andrade utiliza referências culturais variadas, desde a filosofia europeia até a mitologia indígena brasileira, para compor um mosaico identitário. Cada referência externa é "antropofagicamente" devorada e transformada em algo novo e inerentemente brasileiro. Esse processo de assimilação e transformação é central para a criação de uma identidade nacional que é ao mesmo tempo global e local, tradicional e moderna.

A construção da identidade nacional brasileira se pauta, ainda, no referencial aos povos originários, seus rituais e culturas, com uso de diversas palavras de origem indígena, bem como em outros elementos nacionais, como a alusão ao sertão nordestino, menção ao carnaval, à Bahia, à Belém do Pará – regiões estas do norte e nordeste que, em uma perspectiva interna, representam zonas exploradas culturalmente, assim como o país colonizado o é.

Oswald (1928) destaca: "nunca fomos cathechisados. Vivemos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará." Ao afirmar nunca fomos catequisados, Oswald sugere que a tentativa de imposição religiosa pelos colonizadores não conseguiu erradicar completamente as culturas indígenas e africanas, que continuaram a influenciar e moldar a identidade brasileira.

A expressão "direito sonâmbulo", por sua vez, remete a uma legalidade e ordem social que operam de maneira inconsciente e desconectada da realidade vivida pelo povo brasileiro. Essa metáfora aponta para um sistema de leis e normas herdado do colonialismo que não se alinha com a autenticidade da experiência brasileira.

Por fim, "fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará" subverte a narrativa eurocêntrica tradicional de que Cristo nasceu no Oriente Médio, ao situá-lo em locais emblemáticos do Brasil. Essa provocação simboliza a apropriação e ressignificação da religião cristã, adaptando-a ao contexto brasileiro e afirmando a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

capacidade do Brasil de reinterpretar e transformar elementos culturais impostos pela colonização.

Merece destaque, ainda, a expressão “no matriarcado de pindorama” posta por Andrade em seu manifesto. Ela sugere uma ruptura com as narrativas patriarcais e eurocêntricas que dominaram a história e a cultura brasileiras. Pindorama, termo de origem tupi que significa “terra das palmeiras”, “designação dada pelos ando-peruanos e habitações indígenas ao Brasil” (Dicio, 2024). Ao invocar um “matriarcado” em Pindorama, Oswald de Andrade está desafiando a visão colonial que impôs um modelo patriarcal e europeu de sociedade, valorizando em vez disso uma estrutura social onde o feminino e as tradições indígenas são centrais.

Ante o exposto, frisa-se que a Semana de Arte Moderna e o subsequente movimento antropofágico marcaram o início de um processo de descolonização cultural na literatura brasileira, incentivando a valorização das raízes indígenas, africanas e populares do Brasil. Esse desejo de romper com a hegemonia colonial na arte refletia não apenas uma vontade estética, mas também uma postura política e ideológica, buscando redefinir o papel do Brasil no cenário global e reivindicar uma voz própria, livre das amarras da colonialidade.

Conforme ressalta Walter Mignolo (2017, p. 16) “a descolonialidade emerge da crítica, resistência e rejeição do eixo eurocêntrico”. Antes de tudo, ela emerge da própria experiência da colonialidade, assim como o novo modelo proposto por Andrade emerge do próprio contexto de reprodução da visão colonizadora.

Do ponto de vista decolonial, conforme demonstrado, o Manifesto Antropófago desafia a hegemonia cultural eurocêntrica ao afirmar uma identidade brasileira que não se define em relação ao outro, mas que se baseia em suas próprias tradições e valores, incorporando elementos externos apenas para promover marcas da própria nacionalidade. Ao mesmo tempo em que há desprendimento do eixo eurocêntrico, valorizando o homem natural e o retorno às origens brasileiras, utiliza-se da hegemonia colonizadora europeia para fomentar e servir a cultura própria.

Essa perspectiva promove um pensamento fronteiriço e uma desobediência epistêmica que são essenciais para a emancipação cultural e intelectual do país em relação à reprodução da arte do colonizador. Assim, o manifesto desconstrói narrativas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

coloniais, apresentando o direito como "a garantia do exercício da possibilidade" (Andrade, 1928). Isso reflete a ideia da descolonização não como estrita rejeição, mas sim como a propositura de outro caminho, outra possibilidade, outra alternativa – distinta das narrativas impostas pela colonialidade. Trata-se, pois, da promoção da possibilidade, do novo, do autêntico, em consonância a outra opção da qual Mignolo assevera:

> Quando a sensibilidade/pensamento fronteiriça surgiu, entrou em vigor a opção decolonial; e ao aparecer como opção, revelou que a modernidade (a modernidade periférica, subalterna ou alternativa, ou simplesmente a modernidade) é tão só outra opção e não o desenvolvimento "natural" do tempo. A modernidade e a pós-modernidade são opções, não momentos ontológicos da história universal, assim como são opções as modernidades subalternas, alternativas ou periféricas. **Todas elas são opções que negam e tentam impedir o desenvolvimento do pensamento fronteiriço e da opção decolonial** (Mignolo, 2017, p. 26, grifo nosso)

Ademais, Mignolo (2017, p. 26) afirma que "um dos objetivos da opção decolonial é nos naturalizarmos em vez de nos modernizar-nos". Logo, o referencial indianista no manifesto simboliza a valorização da origem do povo brasileiro como uma opção decolonial. Ao negar a identidade do colonizador na expressão artística, desafia-se o monopólio cultural europeu sobre a arte nacional, desprendendo-se do eixo eurocêntrico. Nesta senda, cumpre ressaltar:

> "Mas, uma vez que nos desprendemos, para onde vamos? É preciso que se dirija ao reservatório de formas de vida e modos de pensamento que têm sido desqualificados pela teologia cristã, a qual, desde o Renascimento, continuou expandindo-se através da filosofia e das ciências seculares, posto que não podemos encontrar o caminho de saída no reservatório da modernidade (Grécia, Roma, Renascimento, Ilustração). Se nos dirigirmos ali, permaneceremos presos à ilusão de que não há outra maneira de pensar, fazer e viver" (Mignolo, 2017, p. 17).

Outra marca decolonial apontada no manifesto oswaldiano trata da presença latente do pensamento fronteiriço verificado em sua arte. Nesse contexto, faz-se imprescindível realçar que "o pensamento fronteiriço que conduz à opção decolonial está se convertendo em uma forma de ser, pensar e fazer da sociedade política global. Esta se define em seus processos de pensar e de fazer descolonialmente" (Mignolo,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

2017, p. 29-30). Esse pensamento é caracterizado pela crítica, resistência e rejeição ao eixo eurocêntrico. Ora, o que Oswald de Andrade propõe em seu manifesto senão justamente um novo modo social de ser, pensar, fazer e viver?

Mignolo (2017) assinala que a decolonialidade requer desobediência epistêmica, "porque o pensamento fronteiriço é por definição pensar na exterioridade, nos espaços e tempos que a autonarrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica de colonialidade" (Mignolo, 2017, p. 30). A desobediência epistêmica no pensamento oswaldiano articulada no Manifesto Antropófago emerge como uma subversão radical das estruturas de conhecimento e valores impostos pelo colonialismo. Oswald de Andrade propõe uma ruptura com a lógica eurocêntrica ao afirmar que a verdadeira identidade brasileira deve se construir a partir da assimilação crítica e criativa das influências externas, transformando-as em algo autêntico e próprio. Essa desobediência epistêmica é manifesta na recusa de aceitar passivamente as narrativas e epistemologias coloniais, optando, em vez disso, por uma antropofagia cultural que devora e ressignifica o "outro" para afirmar uma voz e identidade nacionais. Assim, Oswald desafia a supremacia cultural europeia ao promover um pensamento fronteiriço que valoriza as raízes indígenas, africanas e populares do Brasil, estabelecendo um novo paradigma de pensamento e expressão que rejeita as limitações impostas pela colonialidade e busca uma emancipação intelectual genuína.

A expressão "Contra o mundo reversível e as idéas objectivadas. Cadaverizadas" (sic) (Andrade, 1928) critica a fixação das ideias e conceitos que, uma vez estabelecidos, são tratados como verdades imutáveis. Esses conceitos "cadaverizados" representam o conhecimento eurocêntrico e colonial que impõe suas verdades sem considerar a dinâmica e a fluidez das culturas subalternas. A desobediência epistêmica, como propõe Mignolo, envolve a rejeição dessas "verdades" impostas e a busca por formas de conhecimento que emergem das experiências e tradições locais. Oswald de Andrade promove uma epistemologia que é viva, dinâmica e em constante transformação (tal como o sujeito pós-colonial segundo Hall), em oposição à rigidez do pensamento colonial.

Logo, a crítica ao "stop do pensamento que é dynamico" e à "vítima do systema" (sic), termos do manifesto, reflete a condição fronteiriça do pensamento que desafia as

dicotomias impostas pela modernidade colonial. O pensamento fronteiriço se situa nas margens do sistema dominante, onde a resistência e a inovação são possíveis. Ao denunciar injustiças, Oswald de Andrade aponta para as várias formas de opressão que surgem tanto das tradições antigas quanto das novas narrativas românticas de progresso e civilização. A expressão "esquecimento das conquistas interiores" sublinha, por fim, a perda de sabedoria e conhecimento internos que são frequentemente desvalorizados ou apagados pela colonialidade.

Neste sentido, Oswald de Andrade advoga por uma ruptura com a lógica colonial que perpetua injustiças e limita a evolução do pensamento. Ele propõe uma visão onde o pensamento é um processo contínuo e interativo, influenciado pelas experiências vivas e cotidianas das pessoas, e que resiste à objetificação e fossilização imposta pelo sistema colonial. Em suma, o manifesto convoca a uma emancipação epistêmica que celebra e resgata o dinamismo e a vitalidade do pensamento decolonial.

Ante o exposto, a perspectiva decolonial do Manifesto Antropófago promove uma nova possibilidade, algo autêntico e inovador. Portanto, o manifesto não só busca romper com a hegemonia eurocêntrica, mas também propõe uma identidade brasileira baseada em suas próprias raízes e valores, desafiando as narrativas coloniais e promovendo uma desobediência epistêmica essencial para a emancipação cultural e intelectual do Brasil. Assim, o manifesto oswaldiano se torna um marco na luta por uma voz própria e independente na literatura e na arte brasileira, refletindo um desejo profundo de redefinir a identidade nacional em termos autênticos e decoloniais.

Considerações finais

Ao longo da análise do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, constatou-se que o autor, de maneira inovadora e perspicaz, constrói e promove uma identidade nacional brasileira que rompe com a hegemonia cultural eurocêntrica. A crítica incisiva à antropofagia sob a perspectiva exógena é complementada pela promoção de uma antropofagia endógena, onde elementos culturais nacionais são valorizados e ressignificados. Andrade, utilizando a função política da arte, resgata e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

reinterpreta símbolos autênticos da cultura brasileira, incluindo o retorno às origens indígenas e ao homem natural, demonstrando uma clara intenção de desvencilhar a arte e o pensamento brasileiro das imposições coloniais.

Além disso, o manifesto dialoga de forma profunda com os debates contemporâneos sobre decolonialidade. Oswald de Andrade não apenas critica a imitação cultural europeia, mas também propõe um novo caminho de construção identitária que envolve a desobediência epistêmica e a valorização do não convencional. Assim, o Manifesto Antropófago se revela um marco significativo na luta pela emancipação cultural brasileira, evidenciando a relevância de uma identidade nacional autêntica e autônoma.

A construção e representação da identidade nacional no Manifesto Antropófago são marcadas pela conscientização crítica e criativa da cultura estrangeira e pela valorização das raízes indígenas e populares do Brasil. A utilização de uma voz coletiva e de elementos intertextuais fortalece a coesão nacional e desafia a hegemonia eurocêntrica. A perspectiva decolonial promovida por Oswald de Andrade continua sendo relevante para a emancipação cultural e intelectual do Brasil, propondo uma identidade nacional autêntica e inclusiva.

Em suma, o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade atua como um catalisador para a expressão e reconfiguração do nacionalismo brasileiro. As marcas identitárias do nacionalismo brasileiro no manifesto refletem as tensões entre a influência europeia e a busca por uma identidade nacional autêntica, fomentando a constituição desta e a construção de um imaginário de brasilidades. Ao desafiar noções tradicionais de identidade nacional e promover uma visão antropofágica, mais fluida, inclusiva e decolonial do Brasil, o manifesto continua a ser relevante não apenas para a história literária, mas também para os debates contemporâneos sobre cultura, identidade e poder.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: **Revista de Antropofagia**. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo - 1ª e 2ª edições - 1928-1929. São Paulo: CLY, 1976, p. 3;7.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

FONSECA, Maria Augusta. **Oswald de Andrade: biografia**. Globo Livros, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent León Schaffter. Editora Revista dos Tribunais LTDA: São Paulo, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

HASHIMOTO, Shirlei Lica Ichisato. **As representações dos japoneses nos textos modernistas brasileiros:** Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Juó Benanére. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MIGNOLO, Walter. Desafios decolonais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MARIZ, Vasco. Villegagnon: herói ou vilão? **História (São Paulo)**, v. 27, p. 51-75, 2008.

PINDORAMA. In.: Dicio, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: https://www.dicio.com.br/pindorama/#:~:text=Significado%20de%20Pindorama,e%20habita%C3%A7%C3%B5es%20ind%C3%ADgenas%20ao%20Brasil.. Acesso em: 10 jul. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. Tradução de Ana Resende. São Paulo: Martin Claret – 1ª ed. 2013.

"VIRGINDADE INÚTIL: NOVELA DE UMA REVOLTADA" (1927): UMA LEITURA SOBRE A MULHER SELVAGEM E VOLUNTARIOSA.

Luiz Izaac dos Santos Ribeiro[15]

Resumo:

O feminino na literatura se constitui como um tema amplo cujos fenômenos exigem averiguações científicas - continuamente. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo investigar a representação da protagonista Cláudia, do romance *Virgindade Inútil: novela de uma revoltada (1927)* escrito por Ercília Nogueira Cobra. Quanto ao aparato teórico, Estés (1994) e Ahmed (2020) foram as duas principais referências bibliográficas para a sustentação argumentativa, além de outras referências como Jung (2012), Martins (2006), Monteiro (2006), Godas (2020), *et al*. Sobre os achados, percebe-se que a personagem pesquisada carrega consigo a simbologia do arquétipo da mulher selvagem, sobretudo, quando demonstra capacidade criativa e sensibilidade para com os seus instintos e desejos. Ao mesmo tempo, ela pode ser compreendida como a feminista voluntariosa ou estraga-prazeres que, recusando a estrutura social das emoções, permanece fiel aos seus afetos.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Arquétipos. Feminismo.

Introdução

O tema do feminino, ao longo da historiografia literária, reincide com certa frequência, permitindo assim o surgimento de múltiplas possibilidades para interpretar os seus fenômenos. Especialmente no modernismo literário brasileiro o referido tema ganha nuances bastante específicas, seja porque as representações femininas carregam consigo certa força e vigor, ou porque algumas delas (a maioria, talvez) pertencem ao imaginário de escritoras femininas. Geralmente, no período literário em questão os

[15] Aluno do Programa de Pós-Graduação em Literatura – PosLit da Universidade de Brasília – UnB, em nível de Doutorado. Mestre Interdisciplinar em História e Letras – MIHL pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Graduado em Letras Língua Portuguesa e suas literaturas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE – *Campus* – Crateús-CE. Bolsista CAPES. E-mail: izaacribeiro@yahoo.com.br. ORCID 0000-0002-9566-8067.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

protagonismos dos romances pertencem a mulheres que, sobretudo, comportam-se com liberdade e emancipação.

Nesse sentido a personagem Cláudia do romance *Virgindade Inútil: novela de uma revoltada (1927)* da escritora Ercília Nogueira Cobra (1891-?) parece exemplificar bem essa autonomia feminina, que alguns dos textos literários modernistas brasileiros apresentam. Então, ao longo desse artigo nos lançaremos ao desafio de investigar a representação de Cláudia, primeiramente descrevendo a sua imagem arquetípica de "mulher selvagem", e, por conseguinte, associando-a ao pensamento de Sara Ahmed (2020) no que concerne a imagem da "feminista estraga-prazeres e voluntariosa".

Essa investigação se justifica primeiro pelos questionamentos e reflexões críticas que a narrativa faz suscitar, quais sejam, a alteridade feminina e o sentimento/pensamento das mulheres ante um mundo androcêntrico; depois, justifica-se também porque a obra de Ercília esteve – durante algum tempo – "esquecida". Acreditamos que a revisitação do romance, ora pesquisado, pode nos oferecer um outro ponto de vista sobre a literatura brasileira e o feminino que não seja o canônico e/ou o comum.

O presente artigo, portanto, está organizado em dois momentos, no primeiro destes discutiremos sobre o conceito de arquétipo da "mulher selvagem", sob uma perspectiva junguiana de arquétipos (ESTÉS, 1994), e no segundo momento, a nossa leitura em torno da personagem Cláudia caminhará em direção da teoria sociopolítica que diz respeito ao feminismo (AHMED, 2020).

Cláudia e o arquétipo da "Mulher Selvagem"

Os arquétipos existem desde sempre. O seu conceito científico, no entanto, só foi organizado dentro da psicologia analítica por Carl Gustav Jung (1875-1961), num tempo que poderíamos considerar recente. Segundo as ideias do teórico suíço, os arquétipos estão no inconsciente coletivo, como formas de conteúdos que constituem a camada mais profunda da psique humana. Nesse sentido, os arquétipos pertencem à

natureza de todas as pessoas, são inatas e só se revelam por meio de imagens arquetípicas – que se formam através do comportamento humano.

Desse modo, a compreensão de Jung (1984) sobre arquétipos está relacionada com a interioridade de cada ser, e os seus efeitos só se tornam perceptíveis apenas por parte de quem os observa – no comportamento humano. Segundo Monteiro (2005):

> [...] o arquétipo revela-se através da introspecção. Ele não pode ser visto; sua existência é revelada pelo observador. Observáveis são, apenas, seus efeitos, ou seja, o fato de seres de todas as épocas e de todos os povos produzirem, com estruturas semelhantes, gestos rituais míticos (arquetípicos), representações imagéticas verbais e pensamentos que atuam carregados de emoção e fascínio (MONTEIRO, 2005, p. 57) .

No caso da personagem Cláudia, observamos que a sua representação literária revela a "mulher selvagem", em outras palavras, uma mulher que está conectada com a sua mais completa e complexa natureza. Estas duas palavras "mulher" e "selvagem"[16] designam, para além de uma semântica negativa, os instintos mais originais e primitivos do feminino, capazes de lhe fortalecer a vida (interna/externa) (ESTÉS, 1994). Segue citação:

> Portanto, o termo *selvagem* neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora do controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. Essas palavras, *mulher* e *selvagem*, fazem com que as mulheres se lembrem de quem são e do que representam (ESTÉS, 1994, p. 21).

Assim, o arquétipo da "mulher selvagem" pertence a todas as mulheres, de todos os tempos, isto é, aquelas que sabem ouvir e seguir a sua voz mais latente e interior. Com efeito, não há uma forma unilateral de se viver essa força que dá dinamismo a vida psíquica feminina, por isso esse arquétipo da "mulher selvagem" se afasta de qualquer essencialismo que, porventura, possa representar qualquer possibilidade de aprisionamento do feminino e das suas imagens.

[16] "[...] a natureza selvagem como um ser autônomo, que anima e dá forma à vida mais profundar de uma mulher [...]" (ESTÉS, 1994, p. 23).

Faz-se mister destacar que a "mulher selvagem"[17] é a alma feminina vista sob os olhos da psicologia arquetípica, e conforme concebera Jung (2012), esse arquétipo não se resume a apenas uma forma, mas se expande a várias personificações, porque a unicidade dele é tão somente quanto à estrutura. Estés (1994) ao definir o seu entendimento sobre o arquétipo da "mulher selvagem" confirma:

> E então, o que é a Mulher Selvagem? Do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, *é a alma feminina*. No entanto, ela é mais do que isso. Ela é a origem do feminino. É tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quanto do oculto – ela é a base (ESTÉS, 1994, p. 26, grifos nossos).

A estudiosa junguiana em sua obra, acima citada, faz uma analogia do arquétipo da "mulher selvagem" a partir do símbolo do lobo, resgatando para tanto os significados positivos que esse animal representa e se afastando da simbologia do "lobo mau", figura bastante comum nos contos de fadas e histórias infantis (ex.: chapeuzinho vermelho, os três porquinhos, *etc*), ou até mesmo, afastando-se daquilo que está construído no imaginário adulto sobre o que o lobo representa: perigo ou bestialidade.

Desse modo, o arquétipo da "mulher selvagem" é visto como uma forma singular de viver, muito ligada aos instintos. Vejamos o que Godas (2020) diz sobre mulheres e lobos: "Os lobos saudáveis e as mulheres saudáveis têm características psíquicas em comum: a percepção aguçada, determinação feroz, extrema coragem e experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mudança" (GODAS, 2020, p. 6).

Sobre a personagem Cláudia, logo ao início do romance, encontramos a sua descrição: "De *natureza muito inteligente, habituada a observar*, a menina Cláudia nada perde do que se passa ao redor de si. Guarda o resultado das suas observações lá no recesso do seu íntimo..."[18] (VINR, 2021, p. 118, grifos nossos). Na citação, desde logo, percebemos uma das características da "mulher selvagem", precisamente a inteligência – que poderíamos entender também como percepção ampliada – ela é aquela que tudo

[17] As análises tecidas ao longo da primeira parte desse artigo foram embasadas nos estudos de Clarissa Pinkola Estés – psicóloga norte-americana e estudiosa do pensamento juguiano – desenvolvidos, sobretudo, no livro *Mulheres que correm com os lobos (1994).*

[18] Todas as citações da obra literária pesquisada, foram transcritas de COBRA, Ercília Nogueira. **Virgindade inútil: novela de uma revoltada.** Belo Horizonte: Editora Luas. 2021. Doravante, os seus trechos citados neste artigo virão indicadas por VINR e acompanhadas do ano e da página.

observa. E ainda, outra característica, seria a visão como um dos sentidos animais que permite a sobrevivência em meio ao habitat natural.

A caracterização de Cláudia, há pouco citada, até faz lembrar a alegoria da filosofia feita por Arantes (1999, p. 14): "[...] ela é como a coruja de Minerva que, em seu vôo [*sic.*] crepuscular, toma ciência de todas as coisas, mas não se pronuncia sobre elas". Portanto, o comportamento arquetípico da "mulher selvagem", tal qual o da coruja, seria, perceber aguçadamente a vida em seus mais diversos estágios – de prazer ou de dor e vivê-la.

No tocante à inteligência de Cláudia, ao perceber que o casamento não lhe ocorreria, porque seu avô havia falido a família, e assim não havia mais dinheiro para pagar o dote; e no fundo, também porque a protagonista percebera que o casamento não era uma garantia de felicidade para as mulheres, ela obstinadamente decide romper com esses ditames sociais. Vejamos um trecho:

> Mas, *inteligente como poucas*, apesar de sua nenhuma instrução, via com *o olhar arguto o imenso logro que a vida lhe preparava*. E sentiu-se num dilema: ou pisar ou ser pisada. Ser esmagada pelos preconceitos, ou correr com eles.
> Resolveu arrostá-los (VINR, 2021, p. 125, grifos nossos).

O contexto da narrativa em que a protagonista precisa decidir sobre a sua própria vida é um dilema humano, fulcral e de sobrevivência que exige – além de determinação – capacidade criativa para a sua sobrepujança; neste caso, ou ela reagia com dinamismo, ou então, estava vencida primeiro por si própria, e depois, pelos processos sociais vividos. Notadamente, Cláudia se utiliza de um dos seus sentidos, que é a visão, para ativar o seu instinto de sobrevivência – numa demonstração objetiva de sensibilidade para com a sua natureza.

O enredo faz constar que o "Seu desejo [De Cláudia] de partir crescia. Iria para Flumen. As más línguas que batessem nos dentes à vontade. Ah! Ela não era a Juju, não! *Não estava nos moldes do seu temperamento* sacrificar-se para agradar as beatas velhas fedendo a rapé" (VINR, 2021, p. 130, grifos nossos). Diante desse trecho duas imagens predominam, a primeira de uma mulher (a protagonista) em sintonia com os seus desejos mais íntimos; e depois, a das beatas "velhas" e "fétidas", repetidoras de hábitos e de um determinado modo convencional de viver.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP: 65604-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

A "mulher selvagem" pode ser representada pela primeira imagem, uma vez que o seu inconformismo com os padrões é o suficiente para movimentar a própria vida noutra direção. Então, quando ela escuta os seus desejos mais íntimos, essa atitude diz sobre a capacidade interna sua de re/fazer o caminho da existência individual. Godas (2020) diz que,

> A mulher selvagem é tudo aquilo que a sociedade reprimiu das mulheres por décadas. Seus aspectos intuitivo, astuto e criativo, acabaram sendo soterrados na vida das mulheres modernas que são acometidas com o acúmulo de funções na família e na vida profissional (GODAS, 2020, p. 2).

O modo de agir e de ser de Cláudia revelam que ela não se deixou aprisionar pelas regras sociais, tampouco perdeu a conexão com a criatividade e com a sua astúcia, isso fica evidente quando a personagem surpreende o médico, com a sua capacidade argumentativa e espontânea. O trecho do diálogo entre os personagens indica:

> – Pelo que vejo, a senhora, apesar de moça, é já bastante instruída – observou o médico. – Engana-se. A minha instrução foi tudo quanto há de mais rudimentar. Sou mulher, e na Bocolândia não se instruem as mulheres. *Observo apenas, e quem observa aprende por si* (VINR, 2021, p. 139, grifos nossos).

Por conseguinte, o arquétipo da "mulher selvagem" diz da força motriz que impulsiona todas as mulheres a viverem livremente, Estés (1994, p. 21) diz que: "[...] Pode-se chamar essa poderosa natureza psicológica de natureza instintiva, mas a Mulher Selvagem é a força que está por trás dela". Cláudia, indo frontalmente contra a domesticação da mulher e não aceitando viver de acordo com as convenções sociais, constitui-se como símbolo feminino de liberdade. E o seu desejo é que todas as outras mulheres alcancem esse mesmo lugar: "Falo em dar liberdade à mulher com a condição de ser ela educada de maneira completamente diversa, de modo a poder viver por si, com o sentimento da sua responsabilidade" (VINR, 2021, p. 173).

Aliás, o romance é em si, como um todo, um questionamento das exigências feitas às mulheres de sua época, dentre as quais a preservação da virgindade. É por isso que se diz no título que ela é inútil – a virgindade – por se tratar de uma construção social que vai contra a natureza humana. Dessa forma, o enredo traz a história de uma

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA CEP 65.600-300

CONTATO
contato@enipel.com.br

revoltada, isto é, de alguém que recusou essa determinação social. Um trecho literário ilustra os questionamentos feitos:

> [...] quando falo, refiro-me às classes média e pobre, fonte donde saem a solteirona e a prostituta. *Como a imposição de guardar uma virgindade inútil é fora das leis naturais*, criam-se as moças como bonecas e só lhe ensinam a olhar o espelho. Largam-nas depois sós no mundo, sem dinheiro, sem posição e sem apoio de qualquer espécie, uma vez que os homens, despidos dos preconceitos que impõem à mulher, gozam as pobres, mas só casam com as ricas" (VINR, 2021, p. 172, grifos nossos).

Por outro lado, vemos também em Cláudia um rompimento com a imagem arquetípica da "virgem", da "pureza" e da "donzela", imagem essa que foi tão difundida e exigida das mulheres a partir de um determinado momento da história da humanidade. Talvez, um dos maiores exemplos dessa imagem seja a da "virgem Maria mãe de Cristo" estabelecida como modelo e ícone feminino, a ser seguido fielmente pelos cristãos católicos. Há um dogma, isto é, uma verdade sagrada e absoluta no cristianismo segundo o qual Maria permaneceu virgem, antes, durante e depois do parto.

Se considerarmos que os arquétipos são frutos da cultura e da história, passados através de gerações, é possível concluir que os ecos desse arquétipo com certeza chegaram a lugares longínquos. No entanto, em *Virgindade inútil: novela de uma revoltada* essa imagem é repensada e considerada, conforme dito há pouco, como inútil para as mulheres.

Não distante, um dos efeitos do arquétipo da "mulher selvagem" é afastar-se de unilateralidades e essencialismos, pois a estrutura do arquétipo em si é inalterável, mas as suas formas multiplicam-se. De acordo com Estés (1994, p. 44): "A Mulher Selvagem como arquétipo é uma força inevitável e inefável que traz para a humanidade um abundante repertório de ideias, imagens e particularidades". Cláudia, por exemplo, pela forma como se comporta personifica uma dessas inúmeras formas de se conectar à "mulher selvagem". A sua maneira é ignorar as convenções sociais. Eis o que consta na narrativa: "Na sua ideia começava a germinar *o plano de pisar todas as convenções*, dar um pontapé no respeito humano e partir. Iria para bem longe daquela cidade maldita [...]" (VINR, 2021, p. 126, grifos nossos).

Noutro momento da narrativa, consignou-se: "*O que as freiras não conseguiram arrancar de sua cabeça foi o bom senso inato, a inteligência arguta e*

ávida de observar, de comparar e de julgar". E pois não perdia uma ocasião de fazer experiências" (VINR, 2021, p. 131, grifos nossos). Nessa citação, a "mulher selvagem" se mostra indubitavelmente, sobretudo com a dinamicidade com a qual a sua alma é esteticamente construída, não à toa que Cláudia não desperdiçava ocasiões para experienciar a vida, era a sua consciência em expansão.

Martins (2006) as asseverar sobre o arquétipo da "mulher selvagem" diz que "O resgate de sua natureza feminina permite uma consciência, um conhecimento de sua alma [...]" (MARTINS, 2006, p. 21). Muitas vezes esse regaste e/ou conexão feminina consigo mesmo pode representar loucura. Para ilustrar, selecionamos o trecho seguinte: "O nervosismo de Cláudia crescia de hora em hora. Num acesso de cólera, quebrou todos os quadros da parede do seu quarto, atirando-os ao solo. Foi uma correria na casa. *Julgaram-na louca*" (VINR, 2021, p. 126). Não é inédito, nem na vida e nem na literatura, o fato de mulheres serem consideradas loucas, principalmente, quando elas não seguem os estabelecidos da ordem patriarcal, e com Cláudia isso não foi diferente.

Ainda, gostaríamos de destacar um último aspecto do arquétipo da "mulher selvagem" que está relacionado com a maternidade, isto é, com a capacidade de as mulheres gerarem a vida e de fortalecê-la com o seu cuidado. Contudo, esse aspecto não é necessariamente uma regra para todas as mulheres, ainda que faça parte dos símbolos desse arquétipo. Estés (1994, p. 20), diz:

> O arquétipo da Mulher Selvagem envolve o ser alfa matrilinear. Há ocasiões em que vivenciamos sua presença, mesmo que transitoriamente [...] Para algumas mulheres, essa revitalizante "prova da natureza" ocorre durante a gravidez, durante a amamentação, durante o milagre das mudanças que surgem à medida que se educa um filho, durante os cuidados que dispensamos a um relacionamento amoroso, os mesmos que dispensaríamos a um jardim muito querido.

Cláudia representa essa imagem arquetípica também de forma bastante singular, vejamos: "Tivera uma menina e ali mesmo a batizou com o nome de Liberdade apesar dos protestos dos presentes. Diziam que tal nome, não sendo de santo do calendário, não podia ser adotado. Mas Cláudia manteve-se na sua ideia rebelde" (VINR, 2021, p. 171). E ainda: "Cláudia representava bem a verdadeira mãe adorando a carne da sua carne, sem receio da intervenção de um macho brutal" (VINR, 2021, p. 180). A protagonista de *Virgindade inútil: novela de uma revoltada* até mesmo na

maternidade, que seria algo considerado comum (de mesmas características) às mulheres que são mães, ela a vive de modo singular e de acordo com o próprio instinto, o mesmo que lhe garantiu a liberdade. A escolha do nome para a filha, como bem entendeu, confirma mais uma vez a sua decisão irrevogável de viver a vida de acordo com a sua consciência.

Por fim, as imagens geradas pelo protagonismo de Cláudia, algumas delas retomadas ao longo desta seção, parecem indicar um achado importante, que é justamente a reflexão sobre a capacidade criativa da personagem para re/fazer os caminhos da própria vida. E neste sentido, o arquétipo da "mulher selvagem" se manifesta de forma inequívoca, configurando a protagonista do romance estudado como um símbolo de liberdade e de conexão profunda com a alma feminina.

A voluntariosidade como estratégia narrativa literária

Sara Ahmed (2020) em seu artigo intitulado "Estraga-prazeres feministas (outras sujeitas voluntariosas)" discute sobre o feminismo e os sentimentos humanos, distinguindo a diferença que há entre o que a(o) sujeita(o) sente e o que esta(e) deveria sentir. Ao pontuar esse paradigma a pensadora defende que há uma estrutura de sentimentos, construída socialmente, para determinar os afetos e os comportamentos sociais. Dessa forma, todas as vezes que sujeitas/os se sentem ou se afetam de uma forma divergente daquilo que está posto na estrutura, são vistos como "[...] estranhas, ou alienígenas afetivas, em tais momentos" (AHMED, 2020, p. 86).

Considerando esse pensamento, a protagonista do romance *Virgindade inútil: novela de uma revoltada*, pode ser compreendida como aquela que causa estranhezas no tecido social em razão de conscientemente se recusar a sentir e afetar-se segundo as estruturas de sentimentos preestabelecidas. Inclusive o seu nome "Cláudia" se consultarmos o seu significado veremos que ele indica "coxo, diferente", e já nesta peculiaridade, percebemos que ela aponta na direção para além do comum ou de algo faltante.

Ao longo da primeira seção deste trabalho, quando então discutimos sobre o arquétipo da "mulher selvagem" também análogo à personagem, nessa empreitada tentamos evidenciar o quão intensa é a vinculação de Cláudia aos seus sentimentos e

instintos, e também poderíamos dizer, aos seus afetos. E foi essa sua independência emocional a causa fundamental para que ela se tornasse sinônimo de estranhamentos, escândalos e até mesmo enfrentamentos.

Assim sendo, Cláudia se tornou "desalinhada de uma comunidade afetiva — [isto ocorre] quando [a(o) sujeita(o)] não experimenta a felicidade das coisas certas" (AHMED, 2020, p. 85). Não distante, para o contexto narrativo no qual a personagem estava inserida (e para muita gente ainda hoje), "A mulher foi feita para ser o anjo do lar. E crescer e esperar pelo lar, não descurando do dote que o "galo" exige para fecundar as "frangas"..." (VINR, 2021, p. 119).

Contudo, Cláudia

> [...] Começou a ver que a alma do casamento era o dinheiro e a tomar nota do valor econômico das suas amigas que casavam. Este estudo veio provar que a sua desconfiança não era infundada. Só casavam as que tinham dote... (VINR, 2020, p. 123).

Desde a sua descoberta a protagonista tivera "a certeza de que não se casaria [...]" (VINR, 2020, p. 123), e apesar disso, inteligente como era, também sabia que não ia ficar uma solteirona "a desbastar com os cotovelos o peitoril das janelas [...]" (VINR, 2020. p. 123). Diante da inconformação com a estrutura social de opressão feminina, ela partiu em "[...] busca da felicidade, uma vez que a felicidade não vinha a ela. Haviam de se defrontar um dia. E se não se defrontasse, ao menos teria vivido" (VINR, 2021, p. 130).

Há que se ressaltar que a felicidade que Cláudia saiu em busca não é (jamais) a felicidade exigida comumente das mulheres na estrutura social das emoções – moldada pelo patriarcado; muito pelo contrário, ela se recusa a viver tal in/"felicidade". Conforme, destacamos na primeira seção, sobre o seu arquétipo de "mulher selvagem", a personagem sempre foi fiel aos seus desejos mais íntimos e não se curvou aos ditames sociais.

Nesse sentido, a protagonista se revela por ser "a estranha", isto é, aquela que se desloca dos padrões para viver e/ou afetar-se ao seu próprio modo; o que não deixa de ser também um comportamento de ruptura, que ela adota diante, por exemplo, da compreensão de que foram os homens que "[...] criaram a ideia de obrigar a mulher a conservar-se virgem após a puberdade" (VINR, 2020, p. 152).

Ao corroborar com essa discussão Ahmed (2020) diz:

> Dispor-se a ir contra uma ordem social, que é protegida como uma ordem moral, uma ordem de felicidade, é dispor-se a causar infelicidade, mesmo se a infelicidade não for a sua causa. Dispor-se a causar infelicidade pode tratar de "como vivemos a vida individual (não escolher "o caminho certo" é interpretável como desistir da felicidade que, presume-se, resulta desse caminho) (AHMED, 2020, p. 87).

São os pensamentos da protagonista que a fizeram ocupar esse lugar social de "causadora de infelicidade". Vejamos um trecho:

> – Afinal, o que é próprio de moça? Fazer o papel de idiota a vida inteira? Vejo que isto é também um pouco culpa das mulheres. Permitem tudo aos homens, curvam a cabeça demais. Se as mulheres tivessem um pouco mais de cultura, seriam menos humilhadas (VINR, 2020, p. 130).

Neste momento da obra Cláudia fez as vezes da "estraga-prazeres", que de acordo com Ahmed (2020), a feminista perde o lugar à mesa da família por abordar questões/reflexões incômodas sobre a condição feminina e a sua opressão. Exatamente por isso o tecido social ao qual a protagonista pertencia começou a desvencilhar-se dela, por considerá-la uma desagradável. Segue trecho literário: "As visitas *despediram-se assustadas*, porém o fantasma da Juju expulsa da sociedade não mais saiu da mente de Cláudia" (VINR, 2020, p. 130). A leitura social do comportamento da protagonista se dá no sentido de julgá-la perigosa, por estar fora do padrão.

Dessa forma, para cumprir as expectativas das estruturas das emoções, é exigido manter-se dentro de um padrão que é aceito socialmente, quando isso não ocorre a(o) sujeita(o) causa desconforto no meio social em que está inserida(o). Ahmed (2020, p. 93) assevera: "Manter o conforto público requer que certos corpos "colaborem". Recusar-se a colaborar, recusar o lugar em que você está colocada, é ser vista como causadora de problemas, como deixando outras pessoas desconfortáveis".

Além disso:

> Ser voluntariosa é dispor-se a anunciar sua discordância e sustentar uma discordância. Concretizar uma discordância pode até significar tornar-se desagradável. O feminismo, podemos dizer, é a criação de mulheres bastante desagradáveis (AHMED, 2020, p. 96).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No romance protagonizado por Cláudia, as pessoas de seu entorno logo que perceberam a sua conduta começaram a se afastar, dela e de sua família, por considerarem que as suas ideias e atitudes não correspondiam com aquilo que era exigido/tolerado das mulheres socialmente. Um trecho da obra, a seguir, demonstra a protagonista afrontando os estabelecidos sociais:

> A natureza permitia-lhe gozar diariamente as sensações deliciosas do beijo. Por que havia então de, por vontade própria, submeter-se ao ascetismo imposto por uma sociedade hipócrita? Se o homem tinha o direito de beijar quantas vezes quisesse, por que havia ela de pôr um cadeado nos seus desejos? (VINR, 2020, p. 156).

Provavelmente o lugar de sentimentos reservado à Cláudia deve ter sido o de revoltada, percepção essa que é reforçada pelo título da obra. E, então, poderíamos pensar também nas muitas mulheres feministas que contestaram a ordem social, por isso, foram lidas tal qual a protagonista. Eis que um questionamento se faz pertinente: Por que será que todas as vezes que essas vozes feministas se levantaram, foram então colocadas num lugar de alienígenas? Ou por que, ainda, essas vozes causam tantos desconfortos em determinados grupos sociais?

Não distante, diz Ahmed (2020, p. 87): "Não concordar em ficar no lugar desse desejo pode significar recusar a felicidade desejada. Estar envolvida no ativismo político é, portanto, estar envolvida na luta contra a felicidade" (AHMED, 2020, p. 87).

Cláudia demonstrou a recusa dessa "felicidade desejada" quando compreendeu que as mulheres não eram de fato felizes, mas pressionadas/obrigadas a se sentirem assim, "[...] todas tinham no rosto cansado escrita a palavra desilusão" (VINR, 2020, p. 156). Eis o que disse a personagem: "– Protege a mulher rebaixando-a à categoria de rês! Se quisessem protegê-la de fato, davam-lhe instrução profissional, concediam-lhe os mesmos direitos que ao homem!" (VINR, 2020, p. 138). Considerando o contexto da narrativa, os direitos pelos quais a protagonista bradou foram também, de certa forma, um brado por construir um outro modo de entender e construir a vida com/para todas as mulheres.

Fica em evidência, então, que as grandes contestações de Cláudia no romance são: a virgindade feminina, a moral social e a educação feminina, três aspectos de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.604-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

opressão da vida das mulheres, e que por serem abordadas por uma mulher, foi entendida como "desagradável". Poderíamos dizer que a protagonista de *Virgindade inútil: novela de uma revoltada* é uma feminista voluntariosa, que segundo Ahmed (2020, p. 95): "É a experiência do "ir contra"".

Portanto, Cláudia com toda a sua representação produz significados bastante necessários para re/pensar socialmente a condição feminina e as desigualdades de gênero. A postura voluntariosa da personagem representa bem os anseios de determinados grupo sociais empenhados na promoção da igualdade e, da equidade de gênero, aliás, "[...] a voluntariosidade é uma reunião de quem luta por uma base diferente para a existência" (AHMED, 2020, p. 95).

Considerações finais

Chegando às considerações finais deste trabalho, ao nosso modo de ver, há um diálogo entre aquilo que Ahmed e Estés constroem teoricamente, no que diz respeito ao entendimento sobre o feminino, embora, essas teóricas estejam em campos intelectuais distintos. Tanto a "mulher selvagem", quanto a "feminista voluntariosa", de forma concomitante, elas dizem sobre mulheres que sentem desejos e os vivem sem restrições, por mais que para vivê-los seja necessário confrontar toda uma moral social, estruturada ao longo de séculos.

Assim, se retomarmos o termo "voluntariosa", utilizado por Ahmed (2020), o seu sentido é: "Voluntariosidade como audácia, voluntariosidade como oposição, voluntariosidade como criatividade" (AHMED, 2020, p. 94). Sob essa perspectiva, ser "voluntariosa", assim como a "mulher selvagem" também, é sobretudo re/afirmar as próprias vontades e dar vazão aos próprios desejos – sem medo, dito de outro modo, trata-se da potencialização da natureza feminina.

Além disso, a percepção da personagem Cláudia como uma "revoltada" nos permite compreender o seu comportamento, avesso aos padrões, de acordo com o pensamento de Ahmed (2020). Ao passo que a simbologia de sua representação e o seu modo de agir encontram ecos na conceituação de Estés – no que concerne ao arquétipo da "mulher selvagem".

Em suma, objetivamos neste trabalho investigar a personagem Cláudia, do romance *Virgindade Inútil: novela de uma revoltada*, utilizando a teoria de base junguiana, bem como a feminista. Diante desse desafio, acreditamos ter trazido à *lúmen* uma outra perspectiva de alteridade feminina, a partir de um texto literário não canônico e cuja autoria é feminina.

Referências

AHMED, Sara. Estraga-prazeres feministas (e outras sujeitas voluntariosas). **Revista Eco Pós.** Trad. Luiza Quental. Rio de Janeiro. v. 23, n. 3, p. 82-102, dez.2020.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Hegel:** vida e obra. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.

ESTÉS, Clarissa Pínkola. **Mulheres que correm com lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Trad. Waldéia Barcellos; Consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GODAS, Joyce da Silva. Mulheres de corpo e alma: o arquétipo da mulher selvagem na atualidade. **Revista Científica Integrada**, Guarujá, v. 4, n. 3, p. 1-20, jan. 2020.

JUNG, Gustavo Carl, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Trad. Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A dinâmica do inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1984. (Obras completas de C. G. Jung v. VIII).

MARTINS, Camila Alves. **Faces do feminino sagrado:** o arquétipo da mulher selvagem. 2006. 138 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, Goiânia, 2006.

MONTEIRO, Regina Clare. **O Símbolo na Literatura:** Um Estudo sobre o Contexto Arquetípico de Textos Literários. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/view/177>. 2005. Acesso em: 15 abr. 2022.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ESCRITORAS NEGRAS E A BUSCA POR ESPAÇO: AO ESCREVER, ONDE PUBLICAR?

Ana Terra Araújo[19]
Elizabeth Gonzaga Lima[20]

Resumo: O mercado editorial tradicional privilegia publicações escritas por homens brancos e heterossexuais. Contrapondo-se a esse cenário, mulheres negras estão traçando estratégias para que suas produções literárias sejam visibilizadas e publicadas. Diante desse contexto, a proposta desse trabalho consiste em investigar como os circuitos alternativos de publicação estão contribuindo para que as autoras negras apropriem-se de um espaço na cena literária; compreendo por circuito alternativo o movimento da escrita e publicação extramercado, onde o objeto da literatura é o exercício social da escrita (Moriconi, 2020). Para exemplificar essa investigação, será utilizada a 3ª coletânea de literatura e arte feminista, organizada pelo coletivo Louva Deusas, intitulada *Erupções feministas negras* (2020) que através do apoio financeiro, mediante edital, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo oportunizou a publicação de escritos eróticos de autoria feminina e negra. De caráter bibliográfico, o estudo se fundamenta nas contribuições de Audre Lorde (2020), Hugo Achugar (2006), Conceição Evaristo (2005), bell hooks (2019), Grada Kilomba (2019), Luiz Henrique Oliveira (2018, 2022) e Ítalo Moriconi (2020). Assim, essa reflexão apresenta os circuitos alternativos como uma estratégia de publicação e um movimento de rasura adotado pelas mulheres negras que almejam e reivindicam o direito de visibilizarem e compartilharem suas publicações como forma de se apropriarem da cena literária.

Palavras-chave: Circuitos alternativos de publicação. Mulheres negras. Mercado editorial. *Erupções feministas negras.*

Introdução

> Eu já estou cansada de não.
> [...]
> Ei você! Preta não entra aí não!
> Não, a vaga não é pra preta não
> Não entra aí não, vai por trás negona!
> [...]
> Olha uma universidade!!
> Xi preta, ai você não entra não
> Respeito não, direitos não (NOGUEIRA, Deuzydara, 2020, p.82).

Deuzydara Nogueira, também conhecida como Deusa Nagô, é uma das autoras que compõe a 3ª coletânea de literatura e arte feminista *Erupções feministas negras*

[19] Doutoranda no programa de Pós graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bolsista CAPES. Contato: anaterraaraujo@gmail.com
[20] Orientadora. Professora Doutora no programa de Pós graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: profbethliteratura@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA, CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(2020), organizada pelo coletivo Louva Deusas. No seu escrito, intitulado *"Cansada"*, ela nos convida a pensar sobre a existência das mulheres negras, uma trajetória repleta de luta, traumas, abdicações, provações, violência e negações.

A autora evidencia os recorrentes "nãos" que as mulheres negras enfrentam em virtude das consequências de viver em uma sociedade patriarcal, sexista e racista. Para esse público, por conta dos resquícios da escravidão, passou a ser reservado um lugar à margem da sociedade, composto por silêncios, invisibilidade e obediência.

Essas negativas tendem a ressoar nos mais diversificados setores da sociedade. Quando pensamos nas mulheres negras que se dedicam ao exercício da escrita, por exemplo, há uma dificuldade desses escritos serem legitimados porque por muito tempo duvidou-se da capacidade intelectual dessas mulheres. No entanto, elas enfrentam esse cenário e produzem literatura mas, ao fazerem isso, essas autoras acabam se deparando com mais um "não" – o do mercado editorial tradicional.

Dalcastagnè (2012) ao refletir sobre a produção literária e o mercado editorial brasileiro destaca que ao pensarmos em produções literárias responsáveis por retratar o Brasil, e os grupos/relações que formam o país, há uma tendência dessas produções estarem concentradas no Sudeste brasileiro. A predominância de produções, que retratam o Brasil, sendo publicadas nas grandes editoras do eixo Rio-São Paulo se dá pelo poder econômico, geográfico e político desses blocos; por isso, o mercado editorial tradicional acaba seguindo os modelos propostos por esses eixos impondo regras do jogo que, segundo Pereira e Coutinho (2021) acaba reverberando na ideia de que outras produções/objetos artísticos não são passíveis de lucros.

Logo, podemos afirmar que o mercado editorial tende a se dividir em "nichos" visando o lucro, por isso, é possível perceber que há uma predominância de produções, ocupando espaço nas grandes editoras, que seguem esse padrão patriarcal e privilegiado, no que diz respeito às questões de classe/gênero. De acordo com Polar, se faz necessária uma reformulação do *corpus* da literatura, afinal de contas, a maneira como a literatura, e seus respectivos nichos se estabelece, ainda está ligado a um cânone muito especifico formado pela "visão oligárquico-burguesa da literatura" (POLAR, Cornejo, 2000, p.25).

Nesse sentido, Polar (2000) propõe que é preciso pensar na multiplicidade de registros literários que surgem a todo momento na contemporaneidade. Logo, é necessário atentar-se à incorporação de questões sobre o debate de gênero e/ou

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

identidade, condição colonial e as manifestações marginalizadas pelo cânone. O exercício de pensar e inserir na cena literária essa multiplicidade de escritos, que reflete a pluralidade histórica-social a qual estamos inseridos, dialoga com a ideia de literaturas pós-autônomas proposta por Ludmer (2013); afinal, ao considerarmos o fim do ciclo de autonomia literária, não há mais espaço para a distinção "alta" e/ou "baixa" literatura.

Para tal feito, Polar (2000) enfatiza a importância de "acolher" escritos com temáticas indígenas, africanas, latino-americanas para que assim seja possível compreender as tensões, os conflitos e as disparidades que compõem a história da nossa sociedade. No entanto, ainda assim, quando pensamos na questão mercadológica é possível perceber que a necessidade do lucro faz com que padrões canônicos sejam reproduzidos e as distinções (re)troalimentadas.

Problematizando esse cenário emerge a questão, quais as chances de encontrarmos nas grandes editoras, nas livrarias e no *ranking* de livros mais buscados nos *sites* de compras obras que abordam o corpo e a sexualidade das mulheres negras a partir do olhar e da escrita erótica dessas mulheres? É provável que estejam engavetados na mesa do editor-chefe ou no fundo das prateleiras e nas últimas páginas de busca/produto indisponível no momento, respectivamente.

É importante evidenciar que narrativas eróticas costumam ser bastante consumidas e sempre fizeram muito sucesso – ainda que de maneira implícita. O problema é quando a escrita erótica é utilizada como um movimento de rasura, já que mulheres por muito tempo foram "ensinadas a dissociar a demanda erótica da maioria das áreas vitais de suas vidas, com exceção do sexo" (LORDE, Audre, 2020, p.69); tudo isso porque, ao assumir essa essência erótica, mulheres se empoderam e lutam para serem donas de si, ameaçando um sistema que possui em suas raízes a submissão desses corpos.

Dessa maneira, a escrita erótica é mais do que uma manifestação do corpo que se materializa por meio do texto publicado. É também uma forma de ser e estar em um mundo que, por muito tempo, controlou, silenciou e estigmatizou esse corpo. O erotismo passa a ser um instrumento político, de poder, de enfrentamento e de rasura:

> [...] o erótico oferece uma fonte de energia revigorante e provocativa para as mulheres que não temem sua revelação [...] é uma dimensão ente as origens da nossa autoconsciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos. É um sentimento íntimo de satisfação e, uma vez que o experimentamos,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP: 65.604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> sabemos que é possível. O erótico não diz respeito ao que fazemos; ele diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer (LORDE, Audre, 2020, p.68-69).

Falar em movimento de rasura e de transgressão só é possível porque há nas raízes da sociedade precedentes que normalizam e legitimam o controle desses corpos; por muito tempo foi imposta a ideia de que as mulheres não deveriam falar sobre si, mantendo-se à mercê das histórias únicas contadas por aqueles que assumiam o protagonismo social, econômico, cultural e literário. No entanto, as relações e os eventos sociais não são estáticos, com isso, com o passar do tempo ocorrem modificações responsáveis por fazer surgir fenômenos que atravessam as relações e as estruturas.

Hjarvard (2014), por exemplo, chama atenção para o fenômeno da midiatização e as prováveis consequências que as mídias causam nas instituições, nas relações e na sociedade em si. Nas últimas décadas constata-se como a influência das mídias vem atravessando de maneira tão intensa as estruturas e as instituições, a ponto dela se tornar uma instituição propriamente dita. Ao pensarmos na literatura nesse contexto, por exemplo, nota-se que esse processo de midiatização acaba reverberando em modificações na forma de ler, escrever, consumir, produzir e publicar.

Na contemporaneidade, as escritoras negras exemplificam tal circunstância, pois em virtude da maneira como o mercado editorial tradicional se organiza acaba privilegiando determinadas obras e autores em detrimento de outros. Assim, estas mulheres acabam vislumbrando nas mídias sociais um caminho para expor seus escritos sem precisar da legitimação dos atores que compõem esse mercado, causando assim, uma ruptura nesse padrão tradicional. Com isso, tem sido bastante usual a presença de perfis literários nas redes sociais nas quais as autoras negras aproveitam o espaço para apresentar os seus escritos e tentar conquistar um público leitor.

Em muitos casos, essas autoras acabam conhecendo outras autoras e coletivos literários, abrindo espaço para que novas possibilidades de publicação surjam. Moriconi (2020) alerta para o fato de que desde a década de 1990 vivemos um *boom* literário na rede, denominado por ele de circuito da vida literária, responsável por intensificar a circulação/consumo de textos em sites e revistas eletrônicas; proporcionando também a emergência e/ou a exposição de novas(os) autoras(es).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA CEP 65.604-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em virtude desse cenário, de intensificação do uso das redes/mídias sociais, escritos e escritoras(es), que outrora não obtiveram espaço na cena literária e, consequentemente, no mercado editorial, vieram à tona. Por isso Moriconi (2020) enfatiza a urgência de pensarmos um outro circuito, o alternativo, composto pelas publicações extramercado, cuja escrita apresenta uma função social, não só para aquele que escreve, mas também, para um coletivo:

> Formado pelo movimento da escrita e da publicação extramercado [...] nesse circuito, já não lidamos com literatura, se considerarmos que o conceito de literatura implica a circulação num mercado de livro e a condição profissional de produção deste livro, do lado do autor ou autora, atores principais do sistema. Os estudos culturais dissolvem o objeto literatura em função de outro objeto que tem a ver com o exercício social da escrita (MORICONI, Ítalo, 2020, p.44).

Pensando nas mulheres negras que estão tecendo relatos sobre si por meio da escrita erótica, por exemplo, é possível destacar a coletânea *Erupções feministas negras* (2020) coordenada por Jackeline Romio, organizada por Priscila Romio e Gabriela dos Santos e publicada pelo coletivo Louva Deusas. Ainda que, posteriormente, esse livro tenha conseguido o apoio financeiro – mediante edital – da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo é importante destacar que todo o processo de construção do mesmo se deu por meio das mídias sociais e sem inserção no mercado editorial tradicional.

Com isso, esse trabalho, utilizará essa coletânea a fim de exemplificar o contexto cada vez mais recorrente na cena literária, ou seja, escritoras(es) que não se enquadram no padrão sudestino do mercado editorial tradicional, incursionando pelas mídias sociais, sob os influxos da midiatização. Configurando assim uma nova forma de fazer literatura ao recorrerem aos circuitos alternativos para publicar e fazer circular suas publicações.

Erupções feministas negras: rasurar, publicar e pertencer

> Quando se afirma que algo é invisível, a situação é, de algum modo, tornada objetiva. Ser invisível seria a qualidade de um objeto (uma pessoa, um grupo de pessoas). Mas, talvez, o reverso da invisibilidade seja justamente a dificuldade de enxergar. Passaríamos, então, da pretensa objetividade de uma situação, para o problema da subjetividade do observador. É ele, o observador (que somos cada um de nós, nossos escritores preferidos, nossos melhores narradores) que escolhe (obviamente imerso em sua própria experiência, de classe, de gênero, de vida) o que quer, o que pode (o que queremos, o que podemos) ver (DALCASTAGNÈ, Regina, 2012, p. 89).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA | CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

É sabido que a história das "grandes narrativas" foram, historicamente, contadas por aqueles que ocupavam (e ocupam) um lugar de prestígio e poder na sociedade. Consequentemente, quando esses grupos decidem se dedicar ao exercício da escrita é comum que as suas produções sejam utilizadas para representar a sociedade e os sujeitos que nela se relacionam. Tudo isso porque, normalmente, os homens de prestígio tendem a estar localizados no Sudeste, assim, por habitarem a região de maior relevância cultural e econômica, associa-se a ideia de que as narrativas produzidas nesse território representam o país, a sociedade e o povo.

Stuart Hall (2016) ao refletir acerca do conceito de representação e como este atua no *corpus* social, propõe que essa temática é fundamental para pensarmos no processo de produção e compartilhamento dos significados entre os individuos de uma determinada cultura. Segundo Hall, a nossa sociedade é formada pela relação entre a representação, diferença e poder; esse fenômeno responsável por reduzir, cristalizar na essência, naturalizar e tornar fixa a diferença é conhecido como estereotipagem.

Nesse sentido, Chimamanda (2019) destaca que a constante (re)produção de estereótipos, na tentativa de representar indivíduos e/ou coletivos, faz com que histórias únicas sejam contadas por uma única perspectiva. Reiteradamente, na nossa sociedade, o olhar que costuma predominar e ocupar os espaços tradicionais é dos grupos privilegiados. No caso das mulheres negras, por exemplo, estereótipos foram construídos com o intuito de normalizar o controle e/ou apagamento dessas mulheres.

Representações acerca do corpo das mulheres negras foram reforçadas ao longo dos tempos e discursos de controle e objetificação se tornaram recorrentes. Em função disso, por muito tempo, ao folhear páginas de livros, as mulheres negras não conseguiam se identificar, afinal de contas, eram comum relatos em que essas mulheres eram retratadas de maneira promíscua, animalizada, com base em uma hipersexualidade:

> A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (EVARISTO, Conceição, 2005, p.52).

Em outros casos, esses corpos sequer eram mencionados e, assim, as mulheres negras passavam por um processo de apagamento intencional e violento – ainda que

simbolicamente. A maneira que são representadas ou invisibilizadas, ao decorrer dos anos, contribui não só para uma dificuldade de identificação como, também, para um tensionamento e desconforto ao falar sobre si em um cenário onde o modelo ideal de corpo e sexualidade é branco e heterossexual; até porque, como destaca bell hooks (2019), "[...] o sexismo legitimava a exploração sexual da mulher negra".

A ausência de narrativas que proporcionassem às mulheres negras o sentimento de (auto)representação foi um solo fértil para que surgisse em muitas dessas mulheres a necessidade de tecer relatos sobre si. Afinal de contas, permeia na sociedade o discurso de que não há ninguém melhor do que nós mesmos para contarmos as nossas histórias. Desse modo, as mulheres negras passaram por um processo de transgressão e, assim, transformaram o silêncio em linguagem e ação.

Achugar (2006) problematiza a maneira como o cânone literário e, consequentemente, o mercado editorial tradicional recepcionam as produções cuja autoria estão fora do padrão estabelecido. De acordo com o estudioso, as vozes que estão à margem da sociedade são tratadas como um balbucio teórico. Assim, no que diz respeito às mulheres negras, por exemplo, elas acabam sendo vistas como "quase" autoras que produzem "quase" obras e, talvez, cheguem perto de uma "quase" literatura.

Na tentativa de transgredir esse lugar subalternizado e repleto de "quases", mulheres negras estão traçando caminhos para produzir escritos sobre si, avançando e ultrapassando as representações que beiram a objetificação e/ou apagamento dos seus corpos. Silva (2010) propõe que "embora ausentes de circuitos editoriais e literários instituídos, elas escrevem, publicam e tencionam as interdições de suas vozes, abalando os discursos depreciativos sobre si", logo foi necessário buscar estratégias que acolhessem a demanda e a urgência que se evidenciam nesses escritos.

As mulheres negras após romperem com esse silêncio e entender que era necessário lutar pelo protagonismo da sua vida, da sua história e do seu corpo, enfrentam outro dilema, ao escrever, onde publicar? Romper com o silêncio não é o suficiente para que essas mulheres reparem séculos de controle, imposições e silenciamento. Desse modo, as mulheres negras passaram a fazer o que elas sempre fizeram, traçar estratégias, rasurar o sistema, ocupar espaços e, assim, tornar os seus escritos públicos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em muitos casos, essas escritoras começam a expor as suas produções nas mídias sociais, pois é fato que a internet e os perfis em redes sociais ultrapassaram fronteiras, espaciais e temporais e se tornaram um aliado para todas(os) aquelas(es) que desejam moldar sua figura pública, assumindo o protagonismo na gestão da própria carreira literária. Com isso, muitas escritoras negras, na ausência de espaço no mercado editorial tradicional, recorrem aos *caracteres* disponibilizados nos diferentes aplicativos sociais, compartilham escritos e assumem o protagonismo da narrativa.

Assim como essas escritoras criam seus perfis e passam a compartilhar seus textos, é comum, também, a presença de perfis de coletivos que buscam através da rede lutar por aquilo que acreditam e inserir-se na cena literária – a exemplo, o coletivo Louva Deusas. Idealizado por Jackeline Romio com parceria de Gabriela Santos e Priscila Romio, o coletivo em questão se apresenta publicamente em um blog na plataforma *Wordpress*, assumindo-se como um projeto insubmisso, contra-hegemônico e que conta com doações/esforços daquelas(es) que admiram o trabalho do coletivo para que seja possível organizar e publicar as coletâneas.

Partindo dessa necessidade de oportunizar novas narrativas sobre as mulheres negras e romper com os estereótipos construídos ao longo dos tempos, o coletivo utilizou as mídias sociais como um caminho para começar a traças novas possibilidades. Assim, através de chamada pública – no *blog* e no perfil do *Facebook* do coletivo – as organizadoras convidaram mulheres negras, cis e transgênero, para enviarem poemas, artes visuais, relatos e/ou contos eróticos. Após encaminharem as suas produções por *e-mail*, as autoras selecionadas passaram a compor uma coletânea organizada, confeccionada e publicada pelo coletivo; formada por 59 artistas – de diversas regiões do Brasil e, também, uma autora do Quênia – que colaboraram com escritos e/ou ilustrações.

Compreendendo que o mercado editorial tradicional possui nichos específicos, o coletivo Louva Deusas, nas três edições organizadas e publicadas, recorreu a estratégias alternativas de publicação. As organizadoras assumindo que o processo ocorreria de maneira independente do mercado editorial tradicional, precisaram buscar outras estratégias para o financiamento dos custos da produção. No caso da 3ª coletânea de Literatura e Arte Feminista Negra intitulada *Erupções feministas negras* (2020), esse

apoio financeiro foi estatal e patrocinado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

Pelo fato de ser uma produção independente, imbuída de uma função social e por estar desvinculada do mercado editorial tradicional, a coletânea em questão não foi comercializada. Cópias da edição foram enviadas para cada autora e ilustradora que compuseram o projeto, enquanto os demais exemplares foram entregues a todas(os) que participaram do lançamento da coletânea que ocorreu na casa de Cultura do Butantã em São Paulo. Posteriormente, a edição foi disponibilizada de maneira gratuita e digital no *blog* do coletivo; já que no âmbito da cena alternativa é necessário pensar, também, em novas formas de fazer a obra circular e alcançar o maior número possível de leitoras (es).

Visando essa relação com o público e entendendo que o projeto vai muito além de uma simples publicação, o coletivo Louva Deusas organizou uma semana de atividades intitulada *"Artemanifesta feminista negra"*, do dia 02 ao dia 07 de março de 2020. Segundo notícias compartilhadas no *blog* do coletivo, esse evento tinha como objetivo a realização de atividades responsáveis por promover debates sobre o corpo, a sexualidade e o combate à violência sexual.

A coletânea em questão é repleta de produções que trazem esse corpo feminino de maneira intensa, desnudado dos pudores e seguro de si. Contrapondo esse discurso massivo e angustiante de que as mulheres negras precisam, constantemente resistir, essa coletânea responde com um conjunto de relatos que avançam algumas casas. Essas mulheres já resistiram, lutaram, traçaram estratégias e se organizaram coletivamente, agora é a hora de permitir-se, ou seja, permitir expor o seu lado mais íntimo, a sua vulnerabilidade e os pequenos detalhes que lhes asseguram prazer.

Audre Lorde (2020, p.71) destaca que o erótico "[...] opera de várias formas, e a primeira delas consiste em fornecer o poder que vem de compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa". No caso das autoras negras que compõem essa coletânea, a maneira como o erótico opera em suas vidas vai mais além; fora esse poder do compartilhamento, o erótico é responsável por fornecer o poder que essas mulheres precisam para romper com as imposições ao passo que conquistam a autonomia de si:

> Agora digo eu, era mentira o que assistiam em loop repetidamente.

> Descobri sozinha, me julgando ser frígida, meu desejo habitava apenas em mim, ele estava guardado, você lembra a sua primeira vez? Não falo daquela primeira desastrosa. Não lembre desse momento.
> Digo a sua primeira vez com apenas você.
> Descobrir, fuçar, roçar, tocar e encontrar.
> A batida do coração, a sensação de culpa e depois um alívio
> Acelerado, depois calmo.
> Culpa que apois adulta e desconstruída se explica no patriarcado e some.
> Alivio, paz e acalanto na alma.
> É se descobrir mulher e auto-suficiente.
> Somos donas (MATTOS, Ariane, 2020, p.46).

Em *"Quais as regras?"* de Ariane Mattos é possível perceber que a escrita erótica é utilizada para questionar o controle masculino, destacando a maneira como os homens costumam ser colocados em uma posição de universalidade:

> Eles dizem não
> Eles dizem tire a mão daí.
> Eles dizem é papel meu.
> Eles
> Eles
> Eles (MATTOS, Ariane, 2020, p.46).

Rompendo com essa imposição falocêntrica, a autora aborda como experienciar a essência erótica que habita em cada mulher, ainda que por muito tempo adormecida, contribui para o entendimento de si proporcionando um protagonismo outrora negado:

> Elas são vidas
> Elas são tão fortes
> Elas são mulheres
> Elas
> Elas
> Elas... (MATTOS, Ariane, 2020, p.46).

É possível afirmar que a 3ª coletânea intitulada *Erupções feministas negra* (2020) atua como um manifesto poético e visual do que há de mais sublime – a experiência de vivenciar o que em nós é essência: o erótico. Trazendo essa potência, por vezes adormecida, essa produção é composta por escritos e ilustrações que abordam as seguintes temáticas: masturbação feminina, sexo casual, rompimento de relações abusivas, compreensão de si, relacionamentos homoafetivos, exaltação do corpo feminino, enfrentamento ao sexo forçado e enaltecimento da beleza do corpo negro. Sublinhando, portanto, o que Aguilar e Cámara destacam como uma das marcas das produções que recorrem aos circuitos alternativos, a ideia do "[...] corpo como um lugar político" (2017, p.30).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

A nossa sociedade possui marcas de desigualdade na sua formação e, consequentemente, nas relações que a compõem. As diferenças servem para assegurar o poder para determinados indivíduos quando comparados com outros, desse modo, fatores econômicos, sociais, culturais, raciais e de gênero são fundamentais para legitimar esse poder. Nesse cenário, os grupos que detém o poder tornam-se modelo social e, por conseguinte, responsáveis por representar a sociedade estabelecendo um padrão a ser seguido.

No que diz respeito à literatura, é esperado que as produções mais consagradas, a ponto de serem associadas ao cânone, possuam a autoria desse padrão - sudestino, masculino e branco. É importante destacar que a função do mercado editorial consiste em tornar o livro um produto, comercializá-lo e angariar lucro. E é nesse ponto que a diferença é crucial; uma vez que o poder econômico está correlacionado a esse padrão, o mercado editorial tradicional acaba presumindo que produções cuja autoria esteja fora desse modelo não serão lucrativas, logo não há porque serem publicadas.

No entanto, as relações sociais não são estáticas e, constantemente, novos fenômenos acontecem fazendo com que as relações e as instituições passem por transformações. A midiatização, por exemplo, é um fenômeno que vem impactando a nossa vida e as nossas relações. As mídias sociais, a princípio, surgiram com a função de proporcionar comunicação entre aqueles(as) que estão, geograficamente, distantes. Mas, atualmente, não há como negar as mutações que o uso das mídias impôs em todas as relações e instituições. Manter-se conectado, atualmente, é como se fosse a nova prova de vida. Estar na rede é existir, é se fazer vivo. Portanto, ainda que o mercado editorial tradicional negue espaço para esses novos escritos e para essas novas escritoras, elas recorrem às mídias sociais e fazem literatura.

A existências de novos perfis literários, em que escritoras(es) publicam seus escritos e buscam construir um contato inicial com seu público leitor, é algo que acontece a todo momento, sem a necessidade de atuação de mediadores, ou seja, dos agentes literários. Esse *boom* literário contribui para a urgência de novos modos de publicação, uma alternativa que transgride o padrão seguido pelo mercado editorial

tradicional, assim nesse cenário de extramercado, temos os circuitos alternativos de publicação.

Nesse sentido, temos uma produção que nasceu no digital, através do *post* – no *blog* e no *facebook* – convidando escritoras e ilustradoras negras, cis ou transgênero, a coletânea erótica *Erupções feministas negra* (2020) vem a público ocupar espaços que, insistentemente, são negados. As portas das grandes editoras e o aval do mercado editorial tradicional até podem manter-se resistentes a esse movimento, mas atualmente, há novas formas de fazer, consumir e circular a literatura.

Essa produção, ao dedicar-se à escrita erótica, leva essas mulheres negras a vivenciar um movimento ritualístico que, segundo Grada Kilomba (2019) é uma maneira de reconectar-se com tudo aquilo que foi usurpado desses corpos ao longo dos tempos. Quando uma mulher negra escreve sobre si e sobre suas demandas, a autoria até pode ser individual mas, a experiência, com toda certeza, é coletiva. Os escritos trazem vozes que por muito tempo tentaram e ainda tentam silenciar. E esse silenciamento se dá de diferentes formas, inviabilizando a publicação das produções no mercado editorial tradicional, deslegitimando esses escritos, associando ao ideal de "baixa" literatura, reduzindo essas mulheres e deslegitimando-as e, também, aproveitando que essas mulheres abordam o erótico para acreditar que isso é um convite para seguir abusando/violentando os seus corpos.

No entanto, obedecer e acatar imposições não faz parte dos planos dessas mulheres. Ou melhor, nunca fizeram parte dos planos. O que faltava, na verdade, eram espaços que oportunizassem a ruptura desse silêncio que nunca foi uma proteção. Assim, a partir da década de 2000, o *boom* das redes sociais acarretou, também, no *boom* de novas vozes, novos textos e novas autorias. Com isso, após ganharem espaço nas redes, essas novas autorias passaram a buscar espaço no mercado editorial; e, como o mercado editorial tradicional ainda se mantém resistente, estratégias precisaram ser traçadas. Portanto, é nesse contexto de urgências e de pluralidade que os circuitos alternativos de publicação passam a ganhar espaço na cena literária, tornando-a mais democrática, múltipla e possível.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única.* Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUILAR, Gonzalo & CÁMARA, Mario. *Nudez sem vergonha.* In: A máquina performática: a literatura no campo experimental. Tradução de Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

EVARISTO, Conceição. *Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira.* Brasília: Revista Palmares, ano 1, n. 1, p. 52-57, agosto de 2005.

HALL, Stuart. *Cultura e representação.* Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HJARVARD, Stig. *Midiatização: conceituando a mudança social e cultural.* São Paulo: Revista Matrizes, v.8, nº 1, jan./jun. de 2014.

LIMA, Lílian de Oliveira Almeida [et al]. *Retratos da literatura baiana contemporânea (2000-2014).* Salvador: EDUFBA, 2022.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider.* Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Louva Deusas. Erupções feministas negras, o lançamento. Disponível em: https://louvadeusas.wordpress.com/2020/03/10/erupcoes-feministas-negras/ Acesso em: 07 de maio de 2024.

Louva Deusas. Página inicial. Disponível em: https://louvadeusas.wordpress.com/ Acesso em: 20 de abril de 2024.

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Tradução de Rômulo Monte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MORICONI, Ítalo. *Circuitos contemporâneos do literário.* In: Literatura, meu fetiche. Pernambuco: Cepe Editora, 2020.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Os quilombos editoriais como iniciativas independentes.* Belo Horizonte: Aletria, v.8, n.4, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristine. *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra: poesia, conto, romance e não ficção.* Rio de Janeiro: Malê, 2022.

PEREIRA, Maria do Rosário A.; COUTINHO, Samara Miran. *Padê Editorial e Nega Lilu: representatividade feminina no mercado editorial independente*. Brasília: Periódicos UNB, n.62, 2021.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas.* Tradução de Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ROMIO, Priscila Ferreira; SANTOS, Gabriela Renata dos. *Erupções feministas negras: 3ª coletânea de literatura e arte feminista negra.* São Paulo: Edição Independente, 2020.

SILVA, Ana Rita Santiago da. *Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações.* São Paulo: Revista Interfaces, n.1, v.2, 2010.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CAMINHOS DA PESQUISA LITERÁRIA NA LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS: TEMAS E VINCULAÇÕES COM A EDUCAÇÃO BÁSICA

Grazielle Aparecida Alves da Silva[1]
Shirlei Marly Alves[2]

Resumo: Este estudo descreve pesquisas realizadas no curso de Licenciatura em Letras Português de uma instituição de Ensino Superior pública situada em Teresina–PI, tendo como objeto a produção de conhecimentos sobre ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa em TCCs da área de Literatura defendidos no período de 2017 a 2022. Buscamos identificar as temáticas, categorizando-as, os objetivos, metodologias e as contribuições para a Educação Básica. Trata-se de uma metapesquisa, descritiva e quantiqualitativa. Utilizamos como referencial teórico Paiva (2019) e Oliveira (2009), entre outros. Os resultados obtidos apontam para 73 TCCs de Literatura, classificados conforme as categorias propostas por Oliveira (2009). Encontram-se 26 TCCs que pertencem à categoria de aplicação teórica e 29 pertencentes à categoria de análise sócio-históricas. No quesito vínculo com a Educação Básica, encontramos apenas 8 monografias que apresentam relação. Quanto à metodologia utilizada nessas pesquisas, predominaram as descritivas e documentais, tendo em vista que os pesquisadores optaram por realizar análises de obras literárias. Diante desses resultados, concluímos que, embora o curso seja voltado para a Licenciatura, há poucos trabalhos de Literatura que apresentam vínculo com a Educação Básica. Poucos pesquisadores demonstraram essa preocupação com o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. A maioria das monografias analisadas tem foco em outras temáticas, como, por exemplo, análises de obras literárias, que não levam em consideração a prática em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Literatura. Educação Básica. TCC.

Introdução

Este artigo trata de uma investigação sobre pesquisas realizadas no curso de Licenciatura em Letras Português de uma instituição de Ensino Superior pública situada em Teresina–PI, tendo como objeto a produção de conhecimentos sobre ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa em TCCs da área de Literatura, defendidos no período de 2017 a 2022.

Situamo-nos em uma linhagem de trabalhos investigativos que visam identificar paradigmas e tendências em determinadas áreas, a exemplo do trabalho de Oliveira (2009), que fez um mapeamento do conhecimento literário produzido na academia,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

visando detectar paradigmas dominantes, e o de Paiva (2019, p. 8), em cujo estudo se encontra um levantamento de objetivos de pesquisas na área de Linguística Aplicada. Trabalhos dessa natureza propiciam uma visão de conjunto acerca das opções e condução das pesquisas em diferentes áreas. Segundo Moreira (2004, p. 22), citando Noronha e Ferreira (2000, p. 191), trata-se de

> estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Desse modo, os resultados dessas pesquisas contribuem, sobretudo, para o conhecimento sistematizado acerca de tendências de estudos realizados, dando base para reflexões relativas à epistemologia e à metodologia que demarcam as áreas. Essa categoria de trabalhos, que configuram revisões sistemáticas, de acordo com Moreira (2004, p. 21), também são funcionais, visto que "por seu aspecto sumarizador, principalmente, assumem importante função orgânica, [...]. Muitas vezes consome-se mais tempo tentando identificar se determinado estudo já foi realizado anteriormente do que o realizando de fato."

O interesse pela pesquisa desenvolvida nos TCCs de Letras Português deve-se, primeiramente, à longa experiência de uma das pesquisadoras como professora das disciplinas Prática de Pesquisa em Letras (I e II), cujos objetivos são o desenvolvimento do projeto de pesquisa e a elaboração do TCC, respectivamente, além de ser interesse da outra pesquisadora que cursou recentemente a disciplina de Prática de Pesquisa em Letras I na graduação e também desenvolve pesquisa de iniciação científica com foco na temática.

Por se tratar de um curso de licenciatura (formação inicial de professores), nos chama a atenção o fato de grande parte dos temas escolhidos pelos estudantes não necessariamente se vincularem a práticas de ensino e aprendizagem de língua e literatura nas escolas. Nas experiências docentes, uma das pesquisadoras observou que, quando os graduandos são questionados sobre as temáticas escolhidas para serem abordadas no trabalho de conclusão de curso, algumas justificativas apresentadas por

eles se inclinam geralmente para "algo mais fácil de realizar" ou "o professor orientador já indicou" ou "gosto mais de literatura/gramática/texto." Observa-se, pois, a falta de um horizonte mais amplo, que contemple a relação entre a pesquisa e a própria formação do/da professor/professora, de modo que esse sujeito possa, de fato, gerar conhecimentos acerca da atividade profissional em que vai se inserir, compreendendo a pesquisa como uma fundamental atividade a ser incorporada também a sua prática docente.

Diante desse cenário, surgiram os seguintes questionamentos que direcionaram a realização desta pesquisa: Que metodologias têm sido adotadas na condução dessas pesquisas em Literatura? Em que proporção as temáticas se associam ao ensino de língua portuguesa na Educação Básica? Que contribuições os conhecimentos gerados nessas pesquisas, efetivamente, podem trazer para a melhoria da qualidade do ensino de língua portuguesa na Educação Básica?

De modo a responder a essas indagações, o objetivo geral do estudo foi mapear as pesquisas desenvolvidas na área de Literatura nos últimos seis anos (2017-2022). Quanto aos objetivos específicos, descrevemos as condições de produção dos TCCs; identificamos os temas e as metodologias adotadas para o desenvolvimento das pesquisas; organizamos os temas identificados em categorias que emergiram do material examinado, e quantificamos as pesquisas que mantêm algum vínculo com o ensino-aprendizagem de Literatura na Educação Básica.

Ressaltamos também ensejou esta pesquisa a ausência, na IES, de uma compilação de TCCs que dê condições para uma revisão de literatura por parte dos alunos que começam a elaborar seus projetos. Uma vantagem de se dispor de uma visão de conjunto é se disponibilizar um panorama que permite ao jovem pesquisador se situar em uma tradição de estudos na qual irá se inserir, com uma melhor possibilidade de dar mais relevância e pertinência ao seu trabalho; propiciando ainda, com a identificação de trabalhos de mesma linhagem, elaborar revisões de literatura que ensejam a construção de conhecimentos que dialogam entre si, a partir de análises comparativas dos resultados, ampliando assim a apreensão do objeto de estudo. Acrescenta-se ainda, quanto à funcionalidade de uma compilação de pesquisas, o alerta de Lehfeld (2007, p. 60): "é importante verificar, num primeiro momento, se, com base no problema investigado, já não existem muitos outros estudos realizados, isto é, se

você não está intencionado a abrir portas já abertas. Nesse sentido, os resultados de nossa pesquisa contribuem, sobretudo, para o conhecimento sistematizado acerca de tendências de estudos realizados, dando base para reflexões relativas à epistemologia e à metodologia que demarcam a área da Literatura.

Utilizamos como referencial teórico para a categorização das pesquisas o estudo de Rejane Pivetta de Oliveira (2009), intitulado "Pesquisa literária em foco: tendências, possibilidades e impasses" sobre resumos de pesquisas literárias, com base no qual a autora propôs cinco categorias que definem os padrões recorrentes da pesquisa literária: Aplicação teórica; Análises sócio-históricas; Estudos empíricos; Análises sistêmicas e Estudo teórico da figura do leitor, como especificado no quadro 1.

Quadro 1 – Categorias de pesquisa da área de Literatura

Categorias	Conceito
Aplicação teórica (subdivide-se em dois tipos)	1A) "Trata-se de análises que privilegiam a obra em si mesma, em seus elementos construtivos.". 1B) "Trata-se de análises que privilegiam a obra em comparação com outros textos e manifestações de linguagem, valendo-se de aportes conceituais 'aplicados' à leitura das obras."
Análises sócio-históricas	"Incluem-se as interpretações de obras (literárias e na relação destas com outras manifestações artísticas ou gêneros), tendo em vista a relação com o contexto exterior, ou seja, a realidade representada na obra".
Estudos empíricos	"Ampliam sua fonte de dados para além do texto literário, voltando-se para o levantamento de dados colhidos em outros meios e suportes, incluindo consulta em arquivos, depoimentos, entrevistas, pesquisa de campo, jornais etc.".
Análises sistêmicas	"Investigações que se atêm sobre as condições materiais de produção da literatura e de suas instâncias de produção/recepção/circulação."
Estudo teórico da figura do leitor	"Volta-se para o desenvolvimento da capacidade analítico-interpretativa dos educandos".
Análise intersemiótica (categoria criada pelas pesquisadoras)	Estudos que abordam as relações de tradução ou recriação da obra literária em outros gêneros/semioses.(*)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023), com base em Oliveira (2009).
Nota: (*) A categoria "Análise intersemiótica", ausente do estudo de Oliveira (2009) se fez necessária para situar um subconjunto dos trabalhos que analisamos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Classificamos os temas de Literatura de acordo com essas categorias, sendo que os dados demandaram a criação de uma nova categoria, denominada de Análise Intersemiótica. Também nos pautamos nas contribuições da Paiva (2019) para classificação das pesquisas de acordo com suas devidas tipologias. Essa autora elaborou um livro intitulado "Manual de pesquisa em estudos linguísticos", no qual ela aborda que as pesquisas podem ser classificadas de acordo com alguns critérios, sendo eles:

(1) a natureza;
(2) o gênero;
(3) as fontes de informação
(4) a abordagem;
(5) o objetivo;
(6) os métodos;
(7) os instrumentos de coleta de dados.

A fim de cumprir com um dos objetivos específicos da nossa investigação, seguimos esses critérios propostos por Paiva (2019) para realizarmos a classificação dos trabalhos de conclusão de curso de acordo com a tipologia que eles pertencem.

Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa se classifica como básica, visto que o propósito foi investigar os conhecimentos gerados no curso de Letras Português, com vistas à sistematização de temas e metodologias adotados pelos pesquisadores e ainda das contribuições previstas para o ensino de língua materna na Educação Básica.

No que diz respeito às fontes dos dados, a pesquisa se caracteriza como documental, já que envolve uma investigação de documentos originais que ainda não foram submetidos a uma análise analítica por nenhum outro autor (Helder, 2006, p. 1 *apud* Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 3).

Em função dos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, visto que dela emergiu um panorama caracterizador da produção de conhecimentos no âmbito do curso investigado. A abordagem dos dados é quantiqualitativa, pois alguns dos objetivos específicos, para serem alcançados, foi necessário fazer levantamentos de quantidades/predominâncias. Quanto a isso, foram quantificados os temas, os objetivos,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA | CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

classificação da pesquisa, incluindo procedimentos metodológicos. Também foi levantado o percentual de TCCs publicados nos últimos seis anos que apresentam explicitamente contribuições para a Educação Básica. Esse panorama quantitativo proporcionou uma primeira visão concernente ao alcance do objetivo geral da pesquisa.

A abordagem qualitativa se fez necessária no que diz respeito à identificação de concepções acerca da relação entre os achados das pesquisas e suas repercussões na Educação Básica, o que demandou gestos interpretativos. Os dados submetidos à abordagem qualitativa foram identificados nos enunciados em que os/autores/autoras dos TCCs apresentam/argumentam no sentido de associar a pesquisa realizada com as necessidades, lacunas, problemas, histórico e outros relativos do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Essa categorização foi realizada usando a técnica da análise de conteúdo. A interpretação desses dados proporciona uma visão sistematizada das tendências do curso, bem como das concepções que têm guiado epistemologicamente a atividade de pesquisa.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados fichas, nas quais colocamos o título do trabalho, a área que pertence, o nome do autor e do orientador, ano que foi defendido, e classificamos as pesquisas de acordo com a tipologia que o objetivo indica e se tem ou não relação com a Educação Básica.

Os temas presentes nos TCCs foram categorizados conforme o objeto de estudo pesquisado, emergindo dos dados 6 categorias: 1- Aplicação teórica (subdividida em duas categorias: Aplicação teórica 1 A e aplicação teórica 1 B); 2- Análise sócio-históricas; 3- Estudos empíricos; 4- Análise sistêmicas; 5- Estudo teórico da figura do leitor e a última categoria nomeamos como 6- Análise intersemiótica.

Resultados

- **Condições de produção dos TCCs**

Os licenciados em Letras Português produzem TCCs conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Letras Português (PPC). Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Letras Português (PPC), o trabalho de conclusão de curso (TCC)

> proporciona ao discente fazer investigação científica que, como tal, deverá estimular procedimentos da metodologia da pesquisa. Um dos pilares que justificam a presença do TCC nos cursos de graduação é despertar o interesse pela pesquisa e pela produção do conhecimento (UESPI, 2012).

É importante mencionar que o curso se organiza em duas grandes áreas de estudos – Linguística e Literatura –, incluindo-se também disciplinas de formação pedagógica da área de Educação. Assim, ao pensarem nos temas para o TCC, os estudantes geralmente optam por estudos literários ou por estudos da linguagem não literária, associando-os ou não ao contexto do ensino de língua materna, conforme pontuam Aguiar e Pereira (2007, p. 9): "os novos projetos devem estar em sintonia com as linhas de pesquisa do Curso, que, por seu turno, vão sendo reformuladas segundo o 'estado da arte' em questão e os apelos sociais".

No que diz respeito à preparação do graduando para enfrentar as exigências atinentes à atividade de pesquisa, o curso inclui duas disciplinas – Prática de Pesquisa em Letras I e II –, nas quais são abordados os princípios da ciência e do conhecimento científico, metodologia da pesquisa, estudos dos gêneros textuais projeto de pesquisa e monografia, além da normatização da ABNT para trabalhos acadêmicos (UESPI, 2012).

É válido ressaltar que os discentes recebem a assistência de um(a) docente orientador(a), que se corresponsabiliza pela produção do TCC, atuando de modo determinante para o estabelecimento do tema da pesquisa, em função, também, de seus próprios interesses e experiências acadêmicas.

- **Revelações dos TCCs**

Na análise dos TCCs, classificamos as predominâncias no que concerne as temáticas de acordo com as categorias criadas por Oliveira (2009), atentando para o objeto de análise de cada pesquisa. No total, os trabalhos foram enquadrados em 6 categorias, como se verifica no quadro 2.

Quadro 2 – Categorização das temáticas dos TCCs

CATEGORIAS	QTD. TCCs	AMOSTRA DOS TRABALHOS - TÍTULOS
Aplicação teórica	26	**Ex.:** Espaço ficcional e memória: Uma leitura de leite derramado de Chico Buarque. **Ex.:** Literatura infantil- A rivalidade fraterna no conto "A cinderela".
Análise sócio-históricas	29	**Ex.:** Vozes femininas estilhaçando os orifícios da submissão: Uma leitura do livro insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. **Ex.:** Desafios na construção da identidade sociocultural em quarto de despejo: Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.
Estudos empíricos	3	**Ex.:** Literatura e Imprensa: Uma análise das crônicas de Antônio Neves de Melo no jornal piauiense o arrebol de 1924. **Ex.:** Da Costa e Silva: Carta e Literariedade.
Análises sistêmicas	3	**Ex.:** No zarpar da Navilouca: Transgressão e Transcendência em Torquato Neto. **Ex.:** Os primeiros contos de Fontes Ibiapina na revista Alterosa.
Estudo teórico da figura do leitor	9	**Ex.:** Literatura, leitura e contação de histórias: A formação de leitores na Educação Infantil. **Ex.:** O impacto das propostas de intervenção do PROFLETRAS para o letramento literário dos alunos na rede pública de Teresina.
Análise intersemiótica	3	**Ex.:** Literatura e Cinema: diálogo entre a obra O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, e os filmes na direção de Albert Lewin (1945) e de Oliver Parker (2009) **Ex.:** Macunaíma, uma intersecção entre as personagens do cinema e obra literária.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Com base nos resultados obtidos, notamos que os temas com maior interesse dos graduandos estão relacionados à aplicação teórica e a análises sócio-históricas, pois a primeira categoria contém 26 trabalhos e a segunda, 29. Quanto às temáticas relativas a estudos empíricos, análises sistêmicas, estudos teóricos da figura do leitor e análise intersemiótica, apresentam uma menor quantidade de trabalhos realizados no período de 2017 a 2022.

Ao comparamos os resultados da nossa pesquisa com o estudo feito por Oliveira (2009) em relação à quantidade de trabalhos nas categorias, percebemos que os resultados são semelhantes. A pesquisa realizada pela autora foi feita com teses, e os resultados apontam para uma maior concentração de trabalhos na categoria 1 (aplicação teórica), com 43, 6% e (análises sócio-históricas) com 44,6%.

Esse resultado é semelhante ao da nossa pesquisa, pois essas categorias foram as que tiveram a maior quantidade de monografias, porém é importante destacar que na investigação realizada pela pesquisadora, ela inclui uma categoria denominada

"problematizações teóricas", em que se enquadraram cerca de 5% dos trabalhos analisados, ficando em terceiro lugar. Em nossa investigação, não encontramos nenhum TCC pertencente a essa categoria, sendo que o terceiro lugar da nossa pesquisa foi ocupado pela categoria intitulada “estudo teórico da figura do leitor.”

Com 3,6%, "análises sistêmicas" ficou em quarto lugar no estudo da autora, e estudos empíricos tem somente 3%, ocupando o quinto lugar, enquanto na nossa investigação, essas categorias tiveram a mesma quantidade de trabalhos.

Como um dos nossos objetivos da pesquisa era fazer um levantamento quantitativo dos TCCs, fizemos um quadro no qual classificamos as pesquisas de acordo com a metodologia utilizada para a coleta dos dados. No total, encontramos 73 TCCs da área da Literatura.

Quadro 3 – Tipologia de pesquisa

Ano	Pesq. documental	Pesq. de campo	Pesq. bibliográfica
2017	7	0	1
2018	6	1	0
2019	15	0	0
2020	8	0	1
2021	9	0	0
2022	26	0	0
Total	71	1	2

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

No que diz respeito ao quadro 3, percebemos que a predominância é de pesquisas documentais, totalizando 71 trabalhos. É válido destacar que encontramos uma pesquisa do ano de 2020, que é tanto bibliográfica como documental; por isso, classificamos como sendo dos dois tipos. Em relação a quantidade de trabalhos, notamos que o ano de 2022 foi o período que teve a maior quantidade de TCCs defendidos. Percebemos também que houve poucas pesquisas de campo realizadas. Acreditamos que isso se deve ao fato de que esse tipo de pesquisa é realizada por pesquisadores mais experientes e trata-se de um estudo que requer um pouco mais de tempo.

Quanto às fontes dos dados utilizadas nas pesquisas documentais foram em sua maior parte obras literárias. No tocante à pesquisa de campo, o local visitado foi a UNICAMP, e quanto às pesquisas bibliográficas as fontes dos dados foram teses e dissertações.

Quanto a relação com a Educação Básica, identificamos somente 8 trabalhos que apresentam contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, conforme mostramos no quadro 4.

Quadro 4 – Quantidade de pesquisas vinculadas à EB

Ano	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Vínculo com a EB	0	1	0	1	2	4

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

No quadro 4, observa-se uma baixa quantidade de trabalhos relacionados a Educação Básica. Notamos que a preferência em relação às temáticas escolhidas está relacionada à análise de obras literárias, sem levar em consideração o contexto da sala de aula, como as pesquisas intituladas: "Espaço ficcional e memória: uma leitura de Leite Derramado, de Chico Buarque"; A malandragem como marca da identidade cultural brasileira na novela Os Velhos Marinheiros ou O Capitão de Longo Curso, de Jorge Amado", e "A construção da identidade das sujeitas negras nos contos Renascença e Metamorfose, de Cristiane Sobral".

No que diz respeito às pesquisas que apresentam, potencialmente, contribuições para a Educação Básica, identificamos 8 trabalhos, descritos no quadro 5, com o título, o objetivo geral e as fontes dos dados.

Quadro 5 – Título, objetivo geral e fontes dos dados das pesquisas vinculadas à EB

Títulos	**Objetivo geral**	**Fonte dos dados**
Literatura, leitura e contação de histórias: a formação de leitores na Educação Infantil	Investigar como a contação de histórias na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura.	Obra literária
A fábula como narrativa para o leitor criança: a recriação de Monteiro Lobato	Analisar a adaptação que Monteiro Lobato faz das fábulas tradicionais para adequá-las ao leitor infantil.	Obra literária
A adaptação para o leitor criança na obra fábulas de Monteiro Lobato	Valorizar a importância da literatura infantil para a criança leitora através das adaptações de fábulas clássicas feitas por Monteiro Lobato em sua obra intitulada Fábulas	Obra literária
Leitura de contos na formação do leitor: um	Enfatizar a importância da leitura, verificando o quanto esta	Obra literária

olhar através da obra de Fontes Ibiapina	contribui para a formação do leitor.	
O impacto das propostas de intervenção do PROFLETRAS para o letramento literário dos alunos na rede pública de Teresina	Verificar o quanto o PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras, contribui através das propostas de intervenção no âmbito escolar na rede pública de Teresina para o letramento literário e a formação leitora dos alunos, através das propostas e/ou estratégias metodológicas aplicadas pelos egressos.	Disssertações, BNCC, PCN, regimento, grade curricular e planos de disciplina relacionados ao ensino de Literatura do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.
Leitura de cordel: proposta metodológica pelo viés da obra "As proezas de Konaré", de Joaquim Mendes	Discutir aspectos inerentes à leitura do cordel, sob os indicativos dos documentos oficiais.	PCN e BNCC.
Análise literária do discurso narrativo nos textos de *Red dead redemption* 2	Analisar através do discurso narrativo a presença de textos literários dentro da décima arte, constituída pelos jogos eletrônicos.	Jogos eletrônicos
O cordel como elemento motivador para a leitura de clássicos: um olhar pela obra helena, de Machado de Assis, adaptada pelo cordelista José Barbosa	Realizar um estudo comparativo entre o romance Helena, de Machado de Assis e sua adaptação em cordel feita por José Barbosa, observando a intertextualidade.	Artigos, ensaios e livros teóricos.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Com bases nos resultados obtidos, os pesquisadores demonstraram ter um interesse maior por analisar obras literárias, até mesmo nos trabalhos que tratam do processo de leitura, apresentando assim potencial para beneficiar a Educação Básica. Acreditamos que isso contribui para um maior conhecimento de obras literárias, podendo contribuir para uma abordagem didática que venha a despertar o interesse dos estudantes pela leitura das obras.

Por outro lado, é importante destacar que também se vislumbra uma limitação ao estudo de obras literárias, visto que os pesquisadores parecem não se interessar por outras fontes de dados, como livros didáticos ou atividades de estudantes. Isso nos chama atenção, pois é nos livros didáticos que, muitas vezes, se faz a leitura de e sobre

Literatura, o que demanda, por parte de quem pesquisa as ações escolares e tem no horizonte esse lócus como espaço de trabalho, enveredar também pelos caminhos da elucidação dessa forma de conduzir a formação do leitor de Literatura. Ademais, as repercussões nos próprios estudantes quando ao que aprendem no âmbito da Literatura é outro fator que, a nosso ver, muito tem a revelar, pela pesquisa.

É, pois, necessário cultivar junto aos licenciandos um interesse mais diversificado pelo que se faz com a Literatura na escola, para além de apenas se estudarem as obras que nela se fazem presentes. Buscar relacionar a Literatura com o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, de forma a trabalhar em conjunto, e não de forma dissociada contribui significativamente para se promover uma sólida base para o letramento literário dos estudantes.

Considerações finais

Concluímos que a pesquisa pode contribuir significativamente para melhorar a qualidade do curso de Letras Português, pois não existe um trabalho como esse que estamos realizando. Nosso intuito é criar um panorama dos temas abordados nos trabalhos, de modo que os acadêmicos evitem repetir pesquisas já realizadas ou decidam aprofundar-se em uma linha de pesquisa menos explorada.

Quanto a tipologia das pesquisas, notamos uma predominância de pesquisas documentais totalizando 71, tendo em vista que a fonte dos dados são obras literárias. No que concerne às temáticas mais investigadas, notamos um grande interesse em pesquisas de aplicação teórica, com 26 trabalhos, e em análise sócio-históricas, que conta com 29 trabalhos.

Quanto aos trabalhos com potencial para beneficiar de forma direta o ensino e aprendizagem de literatura, os resultados apontam que há escassez, pois somente 8 pesquisadores demonstraram interesse por esse âmbito, sendo que a maior parte das pesquisas desse conjunto concentra-se em análises de obras literárias, sem relacioná-las especificamente à prática em sala de aula.

Diante dos resultados obtidos, nos chama a atenção o fato de o curso de Letras Português se enquadrar como uma licenciatura, porém os trabalhos de conclusão de curso, em sua grande maioria, não evidenciarem um olhar investigativo dos licenciandos para o que virá a ser o seu principal espaço de prática profissional, o que

certamente requer uma busca por possíveis motivações para tal fato, ensejando pesquisas futuras.

Referências

AGUIAR, V. T. D.; PEREIRA, V. W. P. (org.). **As letras em foco na pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**., Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEHFELD, N. **Metodologia e conhecimento científico**: horizontes virtuais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, n. 1, p. 21-30, 2º sem. 2004.

OLIVEIRA, R. P. D. Pesquisa literária em foco: tendências, possibilidades e impasses. **Nonada**: Letras em Revista, Porto Alegre, v. 1, n. n. 12, p. [on-line], maio/set. 2009. ISSN 2176-9893. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451678003.

PAIVA, V. L. M. D. O. E**. Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, v. 7, n. 2, p. 305-22, jul./dez. 2005.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais,** v. I, n. I, p. 1-15, jul. 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI. **Projeto Pedagógico do Curso** – Letras Português.
Teresina, 2012.

WANDERLEY, L. E. W. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Memórias e impressões da amazônia ditatorial na narrativa "O minossauro" (1975), de Benedicto Monteiro

Me. Maria Genailze de Oliveira Ribeiro Chaves[21]
Drª. Valdeci Batista de Melo Oliveira[22]

Resumo: O presente trabalho apresenta as memórias e impressões da Amazônia paraense ditatorial presentes no romance *O Minossauro* (1975), de Benedicto Monteiro. Essa narrativa está inspirada na mitologia grega e amazônica, sua criação simbólica cria uma espécie de homem-réptil para mostrar as lutas entre a natureza e o militarismo opressor brasileiro. As matas e os rios também sentiram a fúria e a cobiça ditatorial que se alastrou pelo Brasil entre os anos de 1964 a 1985. Nesse viés, objetiva-se mostrar, sob a construção narrativa dos personagens Miguel e Paulo, a rememoração do autor Benedicto Monteiro em elucidar o espaço amazônico em toda sua forma poética, além de expor a infiltração e a violência militar nessas terras. Esse trabalho, para se efetuar de maneira eficaz, faz uma abordagem qualitativa, o qual se utiliza de estudos bibliográficos desenvolvidos a partir de análises bibliográficas, em que usa a interdisciplinaridade como parte dos estudos literários. Portanto, o ecossistema e sua relação com o homem nesse projeto narrativo de Benedicto Monteiro permitiu por meio da memória e das suas impressões, preservar o que lhe restava sobre a Amazônia paraense, em uma descrição minuciosa e simbólica. Assim, dentre as muitas importâncias que se podem encontrar nessa obra romanesca, está a relevância descritiva à fauna e a flora, bem como uma visão aos acontecimentos violentos e históricos ditatoriais que a Amazônia estava inserida, com uma vertente regionalista que concede ao Pará um espaço de destaque na literatura brasileira**.**

Palavras-Chave: Memória. Ditadura Militar. Espaço. Violência. Amazônia.

Introdução

O presente artigo, com uma abordagem bibliográfica, analisa as impressões e memórias da Amazônia Paraense figuradas no romance *O Minossauro* (1975), de Benedicto Monteiro. Posto isso, nos atentamos aos personagens Miguel dos prazeres e Paulo, sob uma descrição do caboclo nativo e o não nativo, respectivamente, para descrever o ecossistema amazônico no estado do Pará e a atuação ditatorial militar nessas terras.

Benedicto Monteiro (1924-2008) nascido no baixo amazonas, em Alenquer, pequena cidade do interior do Pará, foi escritor, advogado, jornalista e político, pensador esquerdista e defensor das reformas agrárias no estado do Pará, assumiu mandatos como deputado estadual e federal, é escritor da famosa tetralogia amazônica:

[21] Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus Cascavel. E-mail: maria.genailze@gmail.com.
[22] Doutora em Letras – Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: valzinha.mello@hotmail.com.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Verde vagomundo, O Minossauro, A terceira margem e *Aquele um*, ligadas por uma personagem comum, Miguel dos Santos Prazeres.

> As obras de Benedicto Monteiro são dedicadas ao fabuloso verde vagomundo da Amazônia. Mas não a Amazônia vista "de fora" – turística ou espetacular (embora, aqui ou ali, isto apareça sem intenção expressa), e sim, vista "por dentro" e revelada "de dentro", em sua realidade total, multifacética: ecológica, humana, psicológica, social, na linguagem e nos conceitos, na gente e nos bichos, no ar, na água, na selva, nas cidades, nos hábitos e tradições, no misticismo e na descrença, nas lendas e nos fatos, nos sons e nas cores. (Monteiro, 1975, p. 8)

O ecossistema, segundo Pillar (2002), é o conjunto de organismos vivos (plantas, animais, microorganismos) e sua relação com o meio (água, solo, ar), em que trocam energia e matéria, suas interações criam estruturas com funções próprias. Ante esse conceito, ao lermos a obra de Benedicto Monteiro nos deparamos com descrições marcantes do ecossistema amazônico paraense, em especial as áreas alagadas, em que a região amazônica tem um rico bioma, com vastíssimos elementos de fauna e flora que fazem dessa região única no mundo.

Nesse sentido, Benedicto Monteiro abraça temáticas e uma produção literária de resistência que se abre mais precisamente na década de setenta, quando do aparecimento de obras, dado os acontecimentos e os silenciamentos impostos pela ditadura militar no Brasil nesse período, figura simbolicamente as vivências de opressão ditatorial nesse espaço brasileiro que não ficou de lado, pelo contrário, foi usado nas explorações das suas riquezas e no massacre dos seus nativos.

Posto isso, neste trabalho objetivamos mostrar a Amazônia pelo olhar do nativo e do não nativo bem como a ação militar nessas terras, construídas sob a estilística de Benedicto Monteiro. Para isso, nos atentamos a três focos de percepção: O autor, suas memórias e impressões da Amazônia paraense. Posteriormente, focamos nos personagens, Miguel e Paulo e a descrição do espaço amazônico sob o olhar do nativo e do não nativo. Por fim, focamos na explanação da infiltração militar em terras amazônicas, também pelo olhar desses dois personagens.

Benedicto Monteiro: Memórias e Impressões da Amazônia paraense

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Dentro de uma linguagem poética, Benedicto Monteiro, em suas literaturas, debruçasse com um estilo próprio, que demarca sentimentalismo ao seu lugar de nascimento, a Amazônia. Sua tetralogia já evidencia, por meio dos discursos e dos jogos entre gêneros textuais, suas manifestações amorosas diante do lugar e da diversidade do ecossistema que vive.

> Nesses anos que passei em Alenquer a minha convivência com a Natureza reforçou todo o meu atavismo e consolidou todo amor que eu sempre tive pelos rios, pelas árvores e pelos animais. Meus livros todos, desde Verde Vagomundo, O Minossauro, A Terceira margem, Aquele Um até Carro dos Milagres, refletem esse meu convívio com a Natureza amazônica e transbordam as águas da minha infância, para verdejar todas as terras e todos os rios e todos os campos. (Monteiro, 1993, p. 132)

Em um diálogo entre suas memórias, desde a infância, e as impressões que foram construídas ao longo da sua formação humana e psíquica, encontramos nos seus escritos a transmutação do que há de mais amado e de mais belo nas terras que dele o fizeram homem, um sentimento genuíno que não tem como ficar de fora da sua escrita, e que nos faz refletir, antes dos contextos interdisciplinares da história e da antropologia, um caso de análise mais espacial e geográfica, do lugar com metáforas e hipérboles, por horas alucinatórias, das cores que permeiam as matas, as águas e o céu que dele renasce na escrita.

Diante dessa vivência de Monteiro, Escobar (2005) nos traz uma reflexão, que permite ter um esclarecimento mais claro a esse sentimento de pertencimento de Monteiro:

> O fato é que o lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão da vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todas. Existe um sentimento de pertencimento que é mais importante do que queremos admitir, o que faz com que se considere se a ideia de "regressar ao lugar" (p. 75)

Portanto, suas raízes, a ligação que teve com seu lugar de nascimento, ou seja, com a floresta – o verde – os rios. São parte da sua construção humana que o faz ser parte desse lugar, confirmados em sua própria escrita, em que detalha a necessidade de voltar.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Não sei se até hoje se foi a saudade dos velhos ou se foi o meu amor a Natureza que determinou essa minha viagem, que resultou numa brusca mudança na minha vida. O certo é que, quando cheguei em Alenquer, resolvi ficar. E ai, tomei a direção de todos os negócios da família. Entrei nas matas, mergulhei nos rios, e convivi com os animais e m encharquei de Natureza. (Monteiro, 1993, p. 131).

Assim, evidenciamos a construção narrativa de Monteiro que entrelaça suas memórias as suas impressões: sentimentos, reflexões e relatos na construção narrativa de expressão Amazônica, que se faz – por meio do seu estilo – uma literatura regional genuína e nacional. Diante disso, é necessário entrarmos no contexto histórico de vida desse autor, que joga poeticamente com o tempo: permeia o passado, presente e o futuro, nos fazendo refletir sua construção psíquica e poética sobre o seu tempo e o espaço, e assim evidencia como se dá essa construção memorial da Amazônia, bem como as impressões desse lugar nas suas narrativas.

> Mesmo quando ainda não se falava em preservação da Natureza e em movimento ecológico, eu já tinha uma grande preocupação com as árvores, com os rios e com os animais. Intuitivamente, eu já sabia o que as coisas naturais representam para a vida do ser humano. Essa minha intuição supria em parte a minha ignorância, que me causou grandes prejuízos e decepções. Foi essa minha intuição e esse meu amor à Natureza que me fizeram abandonar o Rio de Janeiro, onde eu estudava e morava, para viver em Alenquer (Monteiro, 1993, p. 130)

As lembranças da vida de Monteiro na Amazônia e o seu amor à natureza o fizeram retornar para Alenquer e assumir os negócios da família, assim o próprio Monteiro evidencia em sua autobiografia o amor pela natureza, o quanto se sentia parte dela e que não conseguiu viver por muito tempo longe da fauna e da flora amazônica.

Miguel e Paulo: *O Minossauro* e a Amazônia sob o olhar do nativo e do explorador

Falar da Amazônia paraense, seja em qualquer momento da história, nos remete a uma reflexão sobre sua construção histórica pautada literariamente na sua forma enigmática e imaginaria de se (re) construir no estilo de cada escritor, que no seu inventário, aborda essa natureza tão poética, mas também que guarda uma história de conflitos, por vezes, transmutados alegoricamente na vida dos leitores. Por essa razão, o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

poeta e crítico literário paraense João de Jesus Paes Loureiro (1995) nos faz pensar ao escrever que:

> O imaginário amazônico tem vocação alegórica [...]. Há, nas alegorias produzidas pelo imaginário na cultura amazônica, uma permanente tentativa de compreender o homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza. Para compreender-se a Amazônia e a experiência humana nela acumulada, seu humanismo, deve-se, portanto, levar em conta seu imaginário social (p. 85-86)

É por esse imaginário social que a literatura amazônica se constrói, no uso de uma memória coletiva e de vocação de estilo, por vezes, alegórica, que reverbera criações artísticas em um jogo mítico e, em alguns casos, histórico de acontecimentos que deixaram marcas em sua mata, no seu povo e que são de grande expressão cultural na literatura de expressão amazônica.

Publicada em 1975 a obra *O Minossauro*, de Benedicto Monteiro, é o segundo livro a compor a tetralogia amazônica, com uma estrutura romanesca, "bebendo da fonte do modernismo", cria uma narrativa híbrida que dialoga com os gêneros: romance, conto, poesia, música, cartas, jornais; canções, entre outros. Em uma encruzilhada intertextual demonstra sua criatividade artística e estilística por meio dos personagens: Miguel dos Santos Prazeres, o protagonista de toda a sua tetralogia; Paulo o Geólogo; Roberto, o sismógrafo; um Locutor de Rádio, Zuleika e Simone que participam da prosa por meio de cartas trocadas com Paulo e Roberto.

O Minossauro apresenta dois narradores principais. Miguel, um caboclo da Amazônia paraense que queria ser pirotécnico. Ele é um contador de histórias, sua narração é desenvolvida por vários contos, inserindo o leitor no imaginário amazônico e sua feição mítica sob uma construção literária marcada pela oralidade:

> Mas aí, a macaca-mãe me encarou com aquele olhar luzente de bicho-gente e começou a fazer as maiores mizuras. Mas quando ela se ajoelhou e pôs as mãos postas no peito em forma de reza, aí eu vi que aquelas gatimonhas só podiam ser súplicas pra Nosso Senhor Jesus Cristo. Macaco, o senhor pensa, eu não atiro nem com a maior fome. Macaco eu sei que é bicho-gente. Ou gente-bicho? O senhor sabe, parêsque? (Monteiro, 1975. p. 30).

> [...] Onde é o fim do mundo? Não senhor: aqui é o princípio do princípio, o princípio de tudo. Aqui por todas estas redondezas, nós estamos bem perto da terra, mais perto da água, mais perto da vida. De

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> que foi feito o mundo? Ara: de fogo, de água, de terra e de vento. O ar não é o vento? Sem o vento – eu ouço dizer – que não há vida. Embaixo d´água? Meu Deus, quantas coisas existem! O que me dizem dos peixes? Das plantas? Das corredeiras e correntezas? O que me dizem dos remansos? Das águas mortas? Das águas vivas, das águas escuras, das águas claras, cristalinas e barrentas? Já viram o sol alumiar todas essas águas? Já viram o vento trocar o tamanho e a cor de um lago só de um golpe? Já viram o limo? Já viram o limo verde de manhã quando o sol nasce? O limo amanhece verde, o senhor pensa? Cobre toda a extensão do rio de margem a margem. Mas ninguém sabe se veio da água, da terra, da mata ou do vento. (Monteiro, 1975. p.50)

> [...] Ah! Mas quando as águas transbordam dos rios e inundam os campos! Aí a gente gosta de ver de que é capaz a água viva. Ai não carece nem sol nem chuva e nem vento. As águas por si mesmo se alastram. Quando elas entram num lago, bordam logo de verde todas as curvas. Grelam mil qualidade de pastos. É verde de tanto jeito que nem presta! Verde que até em bichos se disfarçam. Você pega uma folha, se não tiver cuidado, é um inseto. Um inocente cipó pode ser uma cobra. Calango, então, vira os verdes mais variados. Com as águas chegam as aves de todos os portes. As cores, então, criam mil asas. Enchem o céu de cores que voam de vôos que gritam. Onde chegam as águas os verdes criam logo as suas raízes. Porém coisa poderosa e vasta, é quando essas mesmas águas invadem os campos: qualquer capinzinho agreste, qualquer cerrado de malícia, qualquer juquiri espinhento, desabrocha em flores e matizes. (Monteiro, 1975. p. 50-51)

Miguel sem nenhum conhecimento nos faz refletir as necessidades básicas da vida, o princípio, ou seja, o inicio de tudo que é necessário para a vida humana. Nisso ele pontua esses aspectos na Amazônia, afirmando que aqui é o início de tudo, ele evidencia que o vento é o ar que precisamos. Um dos aspectos mais apreciados pelo personagem Miguel, também chamado de caba da peste é com relação a água, a relação e o poder que ela exerce na Amazônia, em que seu local de origem tem grande importância em suas colocações, já que é uma área extremamente alagada.

Nisso, vemos que o desenrolar das suas falas está na imensidão da Amazônia alagada e a força que a água estabelece nesse meio, gerando vida e mudanças em todos os aspectos naturais, no ar, na mata, nos seres vivos dentre outros, que de certa forma, estão intrinsecamente ligados.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Outro ponto é a colocação discursiva do personagem Miguel no romance, em que se marca pela oralidade, segundo as características dele, é um caboclo nativo sem instruções escolares, mas narra com sentimentalismo e detalhes a imensidão dos verdes e das águas amazônicas, tanto que adiante nas falas do personagem Paulo e escritor do diário que da nome a esse romance, como um meio de tornar fidedignas as colocações de Miguel acerca do ecossistema amazônico, opta por transcrever as falas do personagem no diário.

Diante do uso da oralidade nas narrativas, Walter Benjamin (1994) discorre sobre a presença do narrador romanesco, em que pautado nas teorias de Georg Lukács (2000) sobre o romance como "a epopeia de um mundo que saiu dos trilhos". Benjamim usa essa teoria como base para evidenciar a tensão que existe entre o narrador oral e a construção estilística, e entre as experiências das sociedades a ser colocadas no papel.

Assim, as narrativas dão abertura a uma nova construção estilística de vida individual, e que resulta na descrição coletiva de um determinado grupo.

> A reunião da comunidade que tece um universo no qual o ato de narrar instaurasse como a concretização de uma experiência solidária de troca de saberes. A narrativa não pertence ao narrador: ela o extrapola e só faz sentido se assim o for; joga-se na roda e permite-se ser manipulada, de modo a diluir a vivência individual e a se ressignificar no grupo. (Ramos, 2014, p. 147)

Trata-se de uma narrativa simbólica de construção memorialista e de impressões que, pela oralidade, soam na escrita uma troca simbólica, e no caso dessa obra de Monteiro, alegórica, de trocas simbólicas que se apresentam não somente por meio de um estilo fechado, mas pelas aberturas narrativas de escrita marcadas não somente pela construção culta, mas pelo linguajar, pela descrição de gestos, olhares, timbres de vozes, dentre outros aspectos que marcam esse fazer narrativo.

> Por isto, Benjamin (1994) estabelece uma feliz analogia entre o narrador oral e o oleiro: assim como o artesão imprime no objeto de barro as suas digitais, aquele imprimiria no que narra a sua marca. "Forma artesanal de comunicação", a narrativa oral "não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele" (Ramos, 2014, p. 148)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Desse modo, percebe-se a genialidade de Monteiro, no diário de seu personagem Paulo, em não descrever as falas de Miguel, mas em fazer a transcrição das falas em seu diário, uma espécie de colagem que permite ao leitor ter uma noção mais clara e detalhista das áreas alagadas e do verde amazônico, que se dá por um relato memorial, em que o sentimentalismo se desenrola pelas marcas de oralidade presentes nas descrições da mata e dos animais em suas contações.

Dando continuidade temos, também, as falas do narrador/personagem Paulo. Nele percebe-se a dificuldade de descrever de maneira sentimental o que representa a Amazônia, nisso por diversas vezes, ele deixa explícito na sua escrita seu descontentamento consigo em não conseguir encontrar as palavras certas para dá vida a Amazônia, isso acaba por lhe causar o sentimento de inveja contra Miguel dos Prazeres, que com todo seu analfabetismo, consegue com seu vocabulário "bruto" dar vida e descrever minuciosamente a Amazônia e sua beleza.

> …Novamente as palavras. Toda vez que tento ver, escrever ou pintar neste diário (astrolábio? caleidoscópio? quadro? prisma? espéctro?) as palavras constituem-se em matéria-prima a mais difícil. Hoje elas estão duras e inflexíveis. Nem as cores quebram suas arestas. Estão opacas, esquemáticas e intercessivas. Elas se amarram uma nas outras e se encastelam nos seus próprios sentidos. Não consigo fazer delas nem tintas, nem painel, nem narrativa: nem um flash, como diriam os cineastas e fotógrafos. Mas não sei o que sentirão os leitores. (Se é que um dia elas poderão ser lidas). Não sei se o fato de eu viver reduzindo as distâncias em símbolos, interpretando sismogramas em linhas, reduzindo um mundo em números, que me obriga a reduzir também as palavras aos seus mais íntimos elementos. (Monteiro, 1975, p. 66)

> Sinto-me nesta mesma situação; jamais poderei renunciar a este mesmo sentimento, que aqui, tornou-se mais agudo, mais angustiante e muito mais íntimo. A realidade amazônica. A outra face da terra. A outra face do homem. O homem, não no seu estágio primitivo, mas no seu estado natural. A vida nas suas manifestações mais puras e mais simples. E a minha organização intelectual e mental completamente estranha.
> Tudo isso é insignificante em relação com minha perplexidade diante das palavras. Quando elas aparecem em notícias pré-fabricadas pela imprensa, eu as transcrevo com facilidade: quando jorram da boca de Miguel dos Santos Prazeres, eu já preciso gravá-las na fita, antes, para depois escrevê-las: mas quando eu me deparo sozinho com a realidade, as palavras tornam-se absolutamente preestabelecidas e opacas. (Monteiro, 1975, p. 131)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Paulo é o geólogo da Petrobrás que está na Amazônia a trabalho e, durante esse tempo, experimenta uma nova realidade sobre a qual pretende descrever em seu diário. Ele é enviado ao Baixo-Amazonas em missão de catalogação e registro do solo amazônico, de modo a fornecer informações necessárias para a expansão do poderio do regime político vigente, além de exploração dos recursos naturais, corroborando a propaganda nacional e internacional feita pelo Governo Militar de "desenvolvimento e progresso" do país.

Paulo, na escrita do seu diário, deixa claro sua dificuldade em descrever a Amazônia, mesmo com todo seu conhecimento e habilidade estilística de escrita não lhe permite encontrar as palavras certas para expressar a imensidão da Amazônia paraense e sua diversidade ecológica. Nisso, seu diário torna-se uma espécie de livro colagem, uma narrativa híbrida que se intercala por transcrições, contos, poemas, relatórios, dentre outros, para evidenciar a Amazônia paraense no meio do conflito politico militar brasileiro e sob o olhar dos americanos na busca por petróleo no pós-segunda guerra mundial.

Dessa maneira, o par narrativo Miguel-Paulo é um mecanismo estilístico de Monteiro para que se tenha uma visão da construção discursiva do nativo e do não nativo, oferecendo ao leitor uma pluralidade de costumes, linguagens, discursos e consciências, tanto a partir da ótica do homem urbano quanto do indivíduo que vive às margens do rio.

O minossauro e a infiltração militar em terras amazônicas

Apesar de o narrador de *O Minossauro* (1975) ser Paulo, quem acaba predominando na narrativa é Miguel, figura que, pelo seu relato, transforma-se numa espécie de mito, despertando a admiração de Paulo, e por este é apelidado de Minossauro.

> (...) Na margem do rio fica Miguel dos Santos Prazeres, o Cabra-da-Peste, o afilhado do Diabo. Para mim o que ele é? Personagem? Mito? Testemunha? Se existisse a palavra talvez ele pudesse ser o Minossauro. A palavra inventa o homem? Ou é o homem que inventa a palavra (Monteiro, 1975, p. 191).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O nome Minossauro faz de Miguel uma personagem ambígua, comparada ao Minotauro. Em meio ao período ditatorial e a infiltração dos militares na Amazônia, Monteiro (1975) cria um personagem que passa a viver exilado nas matas, essa mata que por ele figura um labirinto. Construído como um subversivo, assim como o Minotauro, que paga por um "crime" de seus pais, já que ele é um exemplo da afronta às leis implacáveis dos deuses e às leis do matrimônio, personificando o fruto da perversão e do adultério, que é visto, por determinadas sociedades, como uma aberração, Miguel – o Minossauro - também paga um preço muito alto por resistir às ordens de um coronel, por querer continuar uma tradição popular.

O exílio de Miguel faz com que Benedicto Monteiro crie seu personagem e o nomeie mediante sua vivência nas matas, o apelido dado por Paulo aglutina-se a vida no labirinto formado pelos rios e externa, alegoricamente, a resistência às leis marciais de uma política de repressão, engendrada pelo governo da ditadura militar brasileira que, temendo a insurreição do povo, enxergava subversão em todo gesto coletivo para o qual, nesta conjuntura política, não havia outra saída a não ser o ocultamento (Nascimento, 2004).

Posto isso, vemos nessa obra uma construção alegórica que figura o exilado, Miguel que frente aos militares obriga-se a inserir-se nas matas, nela passa a ter uma vida escondida e levanta o questionamento sobre estar morto. Mediante as ameaças ditatoriais, a mata torna-se seu esconderijo mais protetor, um labirinto que somente ele sabe as saídas e entradas. O caba da peste é um contador de histórias, sua narração é desenvolvida por vários contos, inserindo o leitor no imaginário amazônico e sua feição mítica sob uma construção literária marcada pela oralidade.

> (...) O senhor pensa que passar por morto é coisa divertida? Passo, sim senhor, mas por necessidade. Das pessoas do meu conhecimento, poucas sabem que eu ainda existo. Pra muitos, minha existência é de encantes. Depois dos fogos virei cinza, raiz queimada, sapo cururu que come fogo, planta agreste, boto tucuxi pra uns e boto encarnado pra outros. O senhor acha que eu existo? Assim mesmo sem ter identidade, sem escrever o meu nome, sem figurar em letras, o senhor acha que é mesmo uma existência? (...). Às vezes quero voltar a morar nas cidades que eu conheço (Monteiro, 1975, p. 77).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesse trecho vemos o depoimento de Miguel que passa viver exilado nas matas, após, na festa de santo Antônio, por acidente, queimar todos os fogos da festa de uma vez o que foi visto pelos militares como um atentado ao governo, gerando seu exílio, e visto pelos outros como sua morte. Assim nesse discurso reflete-se o que esse momento causou a vida dos que não apoiavam os militares, que aqui viam nas matas a fuga e o esconderijo frente a opressão ditatorial. Portanto, essa narrativa no âmbito da literatura de testemunho tem,

> A tarefa de lembrar a tragédia, de narrar o núcleo dos fatos enfim, de narrar a história a contrapelo -, envolve ainda o enfrentamento, por parte do narrador, do sofrimento experimentado, além de alimentar nele esperança de que tal narração seja um meio de acusar o inimigo pela barbárie perpetrada, impedindo-o assim de continuar a adotar tais práticas. (Franco, 2003, p. 360-361)

À vista disso, essa narrativa constrói-se sob o olhar de resistência, um meio de se fazer justiça e de se conhecer a parte velada do que foi o governo militar e sua atuação ditatorial. Nisso vemos no romance de Monteiro (1975) uma literatura que,

> [...] não se trata mais de imitação da realidade, mas sim de uma espécie de "manifestação" do "real". É evidente que não existe uma transposição imediata do "real" para a literatura: mas a passagem para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é marcada pelo "real" que resiste à simbolização. Daí a categoria de o trauma ser central para compreender a modalidade de o "real" de que se trata aqui. (Seligmann-Silva, 2003, p. 382-383)

É nesse ponto que se coloca a obra de Monteiro, como parte da literatura de testemunho, sua construção, nos discursos de Miguel pontuam a voz daqueles que viveram a opressão, uma construção memorialista que evoca o coletivo, a dor em se sentir excluído e expulso de sua casa em busca de sobreviver em meio as ameaças ditatoriais.

> Quando uma narração memorialística concorre com a história e apoia sua exigência nos privilégios de uma subjetividade que seria sua garantia (como se pudéssemos voltar a crer em alguém que simplesmente diz: “Falo a verdade do que aconteceu comigo ou do que vi que acontecia com meu amigo, meu irmão”), ela se coloca, pelo exercício de uma imaginária autenticidade testemunhal, numa espécie de limbo interpretativo. (Sarlo, 2007, p. 67-68)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O teor testemunhal presente nessa obra pontua fatos da história que marcou o militarismo em todas as regiões do Brasil, inclusive a amazônica. Nisso, temos o Paulo, personagem criado por Monteiro, que figura um geólogo da Petrobrás que está na Amazônia a trabalho e, durante esse tempo, experimenta uma nova realidade sobre a qual pretende descrever em seu diário. Ele é enviado ao Baixo-Amazonas em missão de catalogação e registro do solo amazônico, de modo a fornecer informações necessárias para a expansão do poderio do regime político vigente, além de exploração dos recursos naturais, corroborando a propaganda nacional e internacional feita pelo Governo Militar de "desenvolvimento e progresso" do país.

> Vamos partir para uma missão urgente: devemos salvar as máquinas e os equipamentos que estão fazendo os canais de colmatagem. **Vamos tentar salvar a obra do século**. A palavra urgente é absolutamente incompatível com esta viagem. Não sabemos se chegaremos a tempo. Mas ordens são ordens. A missão de pesquisa transforma-se agora em missão de resgate. O rio é imenso e as distâncias são de vento e água. (Monteiro, 1975, p. 190, grifo nosso)

Nesse trecho o personagem Paulo cita a atuação militar nas terras amazônicas, em que nesse período temos dois grandes pontos de partida do processo de exploração que ainda ocorre na Amazônia. A primeira, deu-se com a chegada de grandes equipes em busca de petróleo, principalmente por parte do governo americano, que incentivou a propagação do governo militar pelo Brasil como passo de dominação e exploração das nossas riquezas.

O segundo ponto se deu pelo chamado grande projeto ou obra do século, como o próprio personagem Paulo cita no romance. Trata-se da construção da transamazônica, uma grandiosa obra que foi construída no decorrer do governo de Emílio Garrastazu Médici, entre os anos de 1969 e 1974, e liga a região norte ao restante do país. Essa construção se marcou pelo seu teor violento com conflitos entre os indígenas, ribeirinhos e caboclos, além da destruição da flora e da fauna.

Diante dessa construção romanesca de Monteiro e os pontos de acontecimentos históricos pontuados vemos a importância da sua construção memorialista diante dos fatos, trazendo aspectos que marcaram a Amazônia durante a ditadura militar. Esse aspecto é importante à medida que o tempo passa e a literatura se usa desses escritos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

para evidenciar todo esse terrorismo de estado, os fatos que os próprios militares silenciaram e que a literatura, por meio do teor testemunhal, evidencia. Sarlo (2007) ao comentar a ditatura argentina já nos dá uma visão desses aspectos ao escrever que,

> A memória foi o dever da Argentina posterior à ditadura militar e o é na maioria dos países da América Latina. O testemunho possibilitou a condenação do terrorismo de Estado; a ideia do "nunca mais" se sustenta no fato de que sabemos a que nos referirmos quando desejamos que isso não se repita. Como instrumento jurídico e como modo de reconstrução do passado, ali onde outras fontes foram destruídas pelos responsáveis, os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade. Nenhuma condenação teria sido possível se esses atos de memória, manifestados nos relatos de testemunhas e vítimas não tivessem existido. (Sarlo, 2007, p. 20)

Nesse sentido, Benedicto Monteiro abraça temáticas e uma produção literária de resistência que se abre mais precisamente na década de setenta, quando do aparecimento de obras, dado os acontecimentos e os silenciamentos impostos pela ditadura militar no Brasil nesse período, recorra a alegoria para transmutar as vivências de opressão em um espaço brasileiro que não ficou de lado pelos militares, pelo contrário, foi usado nas explorações das suas riquezas e no massacre dos seus nativos.

Considerações finais

Finalizando essa proposta de reflexão teórica, ao analisar o romance *O Minossauro*, de Benedicto Monteiro percebe-se a criatividade narrativa e alegórica do autor em evidenciar o ecossistema amazônico e sua relação com o homem, em um projeto narrativo que permitiu, por meio da memória e das impressões, preservar seu sentimentalismo pela Amazônia Paraense, evidenciadas no texto pelas vozes dos narradores/personagens, Miguel e Paulo.

Por meio dessa narrativa Benedicto Monteiro produz uma prosa poética com uma profunda relação entre o homem nativo e a natureza, perceptível pela transfiguração de elementos representativos da Região Amazônica com personagens, espaço e linguajar típicos. Além de evidenciar a dificuldade do não nativo em tentar descrever a grandiosidade do ecossistema amazônico. Assim, destaca-se também a visibilidade dada à fauna e a flora com uma descrição regionalista que concede ao Pará

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

um espaço romanesco na literatura brasileira. Um jogo de palavras e gêneros que enfatizam a história, o social, o psicológico, o espacial e o artístico, em uma linguagem multifacetada entre o homem, o bicho, a selva, as águas e o céu amazônico.

Outro ponto que se marca nesse romance é a temática ditatorial e o exílio político, uma produção literária de testemunho que pelo teor testemunhal se marca como resistência, na voz do nativo e do não nativo temos uma visão do que foi o governo militar nas terras amazônicas e o impacto que ela sofreu com as grandes obras, sendo um espaço de exploração e de massacres, um lado da história construída pela memória de Benedicto Monteiro.

Referências

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ESCOBAR, Arturo. **Lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** In: LANDER, Edgardo (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 69- 86.

FRANCO, Renato. Literatura e Catástrofe no Brasil: Anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio. (org.). **História, memória, literatura**: o Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

LUKÁCS, G. **A teoria do Romance**. Tradução de José Marcos Mariane de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

MONTEIRO, B. **O Minossauro**. Rio de Janeiro: Nova cultura, 1975.

MONTEIRO, B. **Transtempo**. Belém: CEJUP, 1993.

NASCIMENTO, M. F. **A representação alegórica da ditadura militar em *O Minossauro*, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PILLAR, V.D. **Ecossistemas, comunidades e populações: conceitos básicos**. UFRGS, Departamento de Ecologia, 2002. Disponível em http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br. Acesso em 04/06/2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

RAMOS, D. C. M. P. **Oralidade, Narrativa e Mito: Uma proposta de leitura dialógica**. Linguagem em (Re)vista, ano 09, nº 17-18, Niterói, p. 142-161, 2014.

SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. (org.). **História, memória, literatura**: o Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A PROMOÇÃO DO LETRAMENTO RACIAL NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DA OBRA *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*

Jefferson Pinheiro[23]
Graduando de Letras
jeffersonpinheiro@aluno.uema.br
Universidade Estadual do Maranhão

Emilly Nathalia Corrêa do Nascimento[24]
Graduanda de Letras
emilly.correa@outlook.com.br
Universidade Estadual do Maranhão

Resumo: O artigo aborda a promoção do letramento racial na literatura infantil, com foco na obra "Menina Bonita do Laço de Fita", sob a ótica da Teoria Racial Crítica (TRC). A importância da representatividade étnica e racial na literatura infantojuvenil é destacada como um meio de promover a diversidade e a valorização das identidades desde a infância. O objetivo do estudo é analisar a obra "Menina Bonita do Laço de Fita", sob a perspectiva da TRC, visando contribuir para a reflexão sobre a importância da diversidade e da representatividade positiva na formação de uma consciência crítica desde a infância. A análise cuidadosa da obra de Ana Maria Machado é realizada, considerando a influência da literatura na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A Teoria Racial Crítica é aplicada como arcabouço teórico para a compreensão da importância da raça nas desigualdades sociais e na valorização das identidades étnicas e raciais. Os resultados da análise apontam para a relevância da representatividade positiva na literatura infantil como um meio de promover o letramento racial e construir uma sociedade mais justa e igualitária. A valorização da diversidade étnica e racial desde a infância é fundamental para que todas as crianças se sintam representadas e valorizadas em sua identidade. Conclui-se que a promoção do letramento racial na literatura infantil, por meio de obras como "Menina Bonita do Laço de Fita", desempenha um papel crucial na formação de uma consciência crítica desde a infância. A Teoria Racial Crítica oferece insights valiosos para a compreensão das desigualdades sociais e destaca a importância da representatividade étnica e racial na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Palavras-chave: Letramento racial, literatura infantil, Teoria Racial Crítica, representatividade étnica.

[23] Graduando de Letras Inglês e Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: jeffersonpinheiro@aluno.uema.br, ID Lattes: 5839836268589587.
[24] Graduanda de Letras Inglês e Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: emilly.correa@outlook.com.br, ID Lattes: 0090694788348602.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

1 INTRODUÇÃO

A promoção do letramento racial na literatura infantil é um tema de extrema relevância no contexto educacional contemporâneo. Neste artigo, a obra *Menina Bonita do Laço de Fita* é analisada sob a perspectiva da Teoria Racial Crítica (TRC), explorando a importância do letramento racial na formação das crianças. A TRC, fundamentada na compreensão da raça como um elemento central nas desigualdades sociais, oferece ideias valiosas para a discussão sobre representatividade étnica e racial na literatura infantojuvenil.

Ao considerar a influência da literatura na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, destaca-se o papel crucial que a representatividade positiva desempenha no desenvolvimento de uma consciência crítica desde a infância. Através da análise cuidadosa da obra de Ana Maria Machado e de outras obras que promovem o letramento racial, este estudo visa contribuir para a reflexão sobre a importância da diversidade e da valorização das identidades na educação infantil. A compreensão e valorização da diversidade étnica e racial desde a infância são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as crianças se sintam representadas e valorizadas em sua identidade.

A proposta de letramento racial na literatura infantil não é apenas uma sugestão, mas um chamado para ação educativa. Educadores e responsáveis, que possuem a chave para desbloquear o potencial transformador dessas narrativas, são convocados a contextualizar, dialogar e ampliar horizontes literários. A história de Preta, ao se integrar a um repertório mais amplo, pode servir como catalisador para debates enriquecedores sobre identidade, diversidade e inclusão.

Neste percurso, o objetivo não é apenas analisar uma obra isolada, mas lançar luz sobre como a literatura infantil pode ser uma força propulsora na construção de sociedades mais equitativas. Este artigo, ao mergulhar na análise crítica e na contextualização teórica, aspira contribuir para a evolução contínua da literatura infantil, transformando-a em um veículo eficaz para a promoção de um entendimento mais profundo e humano.

2 TEORIA RACIAL CRÍTICA

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A Teoria Racial Crítica (TRC) é incorporada nesta pesquisa com base na compreensão de que o conceito de raça é essencial para a análise e discussão das desigualdades sociais, conforme destacado por Ferreira (2014). A TRC surgiu inicialmente no campo jurídico na década de 1970, como uma resposta às limitações percebidas nos estudos críticos legais da época. Os pioneiros dessa teoria foram Derrick Bell, um advogado afro-americano, e Alan Freeman, um advogado branco, ambos profundamente insatisfeitos com a lentidão e a ineficácia das reformas raciais nos Estados Unidos. Segundo Ferreira (2014), Bell e Freeman criticavam a abordagem tradicional dos direitos civis, argumentando que ela não conseguia abordar adequadamente as questões estruturais e sistêmicas do racismo.

A TRC propõe uma abordagem interdisciplinar, desafiando as bases legais e sociais que perpetuam a discriminação racial. Ela examina a maneira como leis e políticas, ostensivamente neutras, podem perpetuar desigualdades raciais. Bell e Freeman, junto com outros acadêmicos da TRC, como Kimberlé Crenshaw, Richard Delgado, e Mari Matsuda, argumentam que a raça e o racismo são construções sociais que estão profundamente enraizadas nas estruturas da sociedade americana, afetando diversas áreas como educação, habitação, emprego e justiça criminal.

Além disso, a TRC enfatiza a importância de ouvir as vozes e experiências das pessoas de cor, utilizando métodos como narrativas e testemunhos pessoais para evidenciar como o racismo é vivenciado cotidianamente. Essa abordagem visa não apenas a compreensão teórica do racismo, mas também a transformação prática e a luta por justiça racial.

A incorporação da TRC nesta pesquisa é crucial para uma análise abrangente das desigualdades sociais, proporcionando uma perspectiva crítica e fundamentada sobre as maneiras pelas quais a raça continua a influenciar e moldar as experiências individuais e coletivas na sociedade.vO texto intitulado *A Raça ainda é importante: a Teoria Racial Crítica na Educação*, escrito por Gloria Ladson-Billings e publicado no livro *A Educação Crítica: análise internacional* (versão traduzida), apresenta um breve histórico do processo de incorporação da TRC na educação.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A primeira etapa para a consolidação de uma educação promotora de justiça que visa uma compreensão igualitária da educação, consiste no reconhecimento dos reflexos da colonização europeia nas estruturas cognitivas. Para tanto, é necessário revisar a compreensão de conceitos como infâncias, crianças, tempo, espaço e conhecimento, os quais são fundamentais para que ocorra uma reeducação em relação às relações étnico-raciais.

> […] para compreender a infância de crianças negras é necessário redimensionar o olhar, a posição de adulto, buscar superar a colonização de nossas mentes pelo universo europeu e fazer o movimento do pássaro Sankofa3 de volta as raízes, no presente caso as raízes africanas […] (Souza, 2012, p. 41-42).

Segundo a pesquisa de mestrado de Souza (2012), as concepções sobre a infância na sociedade são frequentemente moldadas pelas experiências das crianças brancas. Souza argumenta que essas visões são baseadas em concepções distorcidas e perpetuam desigualdades que impactam negativamente a população negra brasileira. Essa abordagem limitada não reconhece a diversidade das experiências das crianças negras, resultando em uma compreensão parcial e excludente da infância.

Ao explorar a questão do letramento, buscou-se compreender o contexto histórico e teórico do termo. No trabalho intitulado *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, Soares (2004) oferece uma breve reflexão sobre essa "invenção". Segundo os estudos realizados pela autora, a concepção de letramento emergiu na década de 1980, no Brasil, como um despertar para a importância e necessidade das habilidades para o uso competente da leitura e escrita. Nesse contexto, o foco da discussão estava voltado para a alfabetização e a compreensão da diferença entre alfabetização e letramento.

Soares (2004) explica que a diferença entre alfabetização e letramento pode ser compreendida como a reconstrução do sistema de representação, por meio da interação com a língua escrita em suas práticas sociais. Enquanto a alfabetização é vista como o aprendizado básico da leitura e escrita, o letramento implica em práticas mais amplas e significativas. Para a autora, o ensino baseado em práticas de letramento possui maior

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

relevância, pois permite que os alunos vivenciem essas práticas sociais de forma integrada e contextualizada.

Com base nisso, o estudo dedicou-se a entender como o Letramento Racial e o Letramento Racial Crítico podem contribuir para um ensino que aborde questões raciais em sala de aula. A abordagem do Letramento Racial visa promover a conscientização sobre as desigualdades raciais e a valorização das identidades raciais diversas, enquanto o Letramento Racial Crítico busca questionar e desafiar as estruturas de poder e opressão racial através da educação. Assim, ambos os conceitos são essenciais para um ensino que não só reconheça, mas também combata o racismo, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa.

Outra pesquisadora do tema é Kleiman (2006). Ao abordar o letramento, ela apresenta um sujeito denominado "agente de letramento". Segundo a autora, esse sujeito pode interagir em outros espaços além do ambiente escolar.

> A noção de agente de letramento está apoiada na premissa de que vir a ser um professor de alfabetização ou um agente envolve questões identitárias relacionadas à aquisição e ao uso da leitura e escritura. Num quadro social que valorize as práticas locais dos grupos minoritários, uma forma de legitimação das práticas do professor envolve a transformação das estratégias dos cursos universitários a fim de educar professores para virem a ser agentes capazes de agir em novos contextos com novas idéias sobre letramento. (Kleiman, 2006, p. 411).

No entanto, quando se trata da aquisição ou do uso da leitura e escrita, o papel de agente de letramento assemelha-se ao papel do professor. Ao discorrer sobre o "agente de letramento", Kleiman (2006) utiliza esse termo para designar "um agente que se engaja em ações autônomas de uma atividade específica e é responsável por suas ações, em contraposição ao paciente, receptor ou objeto, ou ao sujeito coagido" (Kleiman, 2006, p. 414). Portanto, entende-se que o agente de letramento realiza práticas de letramento que não se restringem ao ambiente escolar, mas podem ser realizadas com e na comunidade, envolvendo um letramento em que o contexto no qual os indivíduos estão inseridos é o ponto de partida.

Atualmente, busca-se compreender a alfabetização a partir do conceito de letramento, em que não basta apenas que os indivíduos saibam codificar letras, mas que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

também desenvolvam habilidades de compreensão e participação. Através do letramento, é possível formar os educandos de modo a prepará-los para compreender e interagir de forma crítica, com o objetivo de ensinar a leitura e a escrita de maneira abrangente, levando em consideração a sociedade em que estão inseridos, permitindo-lhes interações sociais e políticas.

No entanto, quando se trata de letramento relacionado a questões raciais, nota-se uma dificuldade em abordar esse tema em sala de aula. Nesse sentido, concorda-se com Melo (2015) quando ela afirma que:

> Tratar a questão racial em contexto brasileiro ainda é visto como um terreno arenoso e complexo, porque no senso comum deparamos com muitos discursos de que somos apenas seres biológicos e que a raça/cor da pele anuncia quem somos, os direitos e as oportunidades a que podemos ou devemos ter acesso, além dos lugares sociais que podemos (devemos) ocupar. (Melo, 2015, p. 75).

Dias e Bento (2012) apontam que as crianças, desde a educação infantil, têm seus próprios questionamentos sobre sua identidade racial, a cor de sua pele e as diferenças que percebem em relação aos outros. Segundo os autores,

> Esse "pessimismo racial" pode sofrer rupturas se professores e gestores que atuam na educação infantil incorporarem atividades que tratem das relações étnico-raciais. Meninos e meninas dessa faixa etária são ativos pensadores sobre a vida nos seus mais diferentes aspectos. Questões como: quem sou eu? Quem é ele/ela? Por que ele/ela é diferente de mim? Em que ele/ela é diferente de mim? Por que meu amigo/a tem essa cor? Aparecem nessa etapa como parte do processo de construção da identidade que será sempre uma construção relativizada pelo Outro. (Dias; Bento, 2012, p. 3).

Nesse sentido, a busca pelo ensino com base no LRC tem total afinidade para nortear o trabalho do professor em sala de aula, principalmente por oportunizar reflexões acerca de identidade(s) raciais, o que contribui significativamente para o (re)conhecimento racial de maneira consciente, pois, como afirma Dambros "é necessário pensar num cidadão completo" (Dambros, 2016, p. 35), uma vez que se pretende, na condição de professor, auxiliar na formação dos alunos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

3 BELEZA E IDETIDADE NA DA OBRA *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*

Ana Maria Machado toma uma decisão deliberada ao reconhecer e celebrar a beleza negra, contribuindo para uma narrativa que quebra estereótipos e reforça a importância da representatividade positiva na literatura infantil. Ao escolher o adjetivo "bonita" para descrever a personagem, a autora não apenas destaca a estética da personagem, mas também desafia os padrões convencionais de beleza que frequentemente excluem características associadas a grupos étnicos minoritários. Dessa forma, a narrativa promove a ideia de que a beleza está intrinsecamente ligada à diversidade, afirmando que todas as crianças, independentemente de sua cor ou origem étnica, merecem ser consideradas bonitas.

> [...] a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história [...] A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos (Adichie, 2018, p. 13-14).

Além disso, ao destacar a beleza da personagem, o livro enfatiza a importância de aceitar e abraçar a própria identidade. Essa abordagem contribui para a construção da autoestima e autoconfiança nas crianças, especialmente aquelas que se identificam com a protagonista. A mensagem subjacente é que a identidade racial não é uma barreira para a beleza, desafiando preconceitos e proporcionando um espaço para que as crianças se vejam representadas de maneira positiva na literatura. Dessa forma, o livro não apenas celebra a diversidade, mas também promove a inclusão e a valorização de todas as identidades.

> Quem tem ideias preconceituosas e discriminatórias, menosprezar ou desprezar outras pessoas, grupos sociais, povos ou nações, desrespeita aquele ou aquilo que considera diferente, e por isso, inferior, domina, subjuga (pois assume o papel de amo e senhor em relação a outro), pensa deter o poder, gera conflito, é intolerante, tem mania de superioridade, mesmo quando não é

> a melhor, pensa que os demais são inferiores devam ser seus subalternos, escraviza e induz o outro a ter baixa autoestima (Lopes, 2005, p. 190).

Ao explorar o conceito de beleza associado à personagem, o livro desafia estereótipos preexistentes e contribui para a desconstrução de padrões de beleza eurocêntricos. Isso é particularmente significativo em um contexto onde a representação de personagens negros na literatura muitas vezes esteve vinculada a estereótipos negativos ou caricaturas. *Menina Bonita do Laço de Fita* desempenha, assim, um papel vital na promoção da diversidade e na construção de uma autoimagem positiva para crianças negras.

Importante ressaltar que a beleza da personagem não se limita apenas à sua aparência física, mas também está intrinsecamente ligada à sua identidade e autoaceitação. Ao aceitar e celebrar sua própria beleza, a personagem se torna um modelo para os jovens leitores, incentivando-os a se orgulharem de quem são, independentemente de padrões externos preestabelecidos. Dessa maneira, a narrativa reforça a ideia de que a verdadeira beleza reside na diversidade e na autenticidade de cada indivíduo.

> Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura (Silva, 2010, p. 35).

No entanto, a análise crítica desse aspecto também envolve considerar como essa celebração da identidade racial pode, inadvertidamente, sugerir uma preferência exclusiva por características específicas, o que levanta questões mais amplas sobre a abordagem da obra em relação à diversidade racial e aceitação identitária.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompam com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade (Silva; Barreiros, 2010, p. 5).

Desse modo, é importância despertar nas crianças a consciência e o respeito pela diversidade, visto que esse enfoque representa uma das atividades cruciais integrantes de um conjunto de conhecimentos essenciais para a formação infantil. Além de fomentar a compreensão da riqueza existente nas diferenças, essa abordagem propicia um aumento na autoestima das crianças, proporcionando uma reflexão profunda sobre a ideia de que há espaço para todos desempenharem papéis protagonistas na construção de uma história coletiva.

Ao instigar a valorização da diversidade, não apenas reforça-se a aceitação do outro, mas também promove-se a inclusão como um princípio norteador. Esse processo contribui de maneira significativa para a desconstrução de barreiras alimentadas pelo preconceito, que por sua vez perpetuam as desigualdades sociedade. Portanto, ao cultivar a compreensão e a apreciação das diferenças desde a infância, moldando-se indivíduos mais capacitados a desempenhar um papel ativo na construção de um ambiente mais igualitário e harmonioso.

4 IMPACTO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL

É imprescindível que as crianças adquiram conhecimento sobre as diversas culturas existentes, com ênfase especial na compreensão das nuances culturais africanas e afro-brasileiras. Desde os primeiros anos de sua jornada educacional, os alunos devem ser guiados para entender que a diversidade é uma característica intrínseca à condição humana. É fundamental que reconheçam as diferenças entre si, enxergando essa multiplicidade como algo enriquecedor.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A valorização da cultura africana e afro-brasileira contribui não apenas para uma formação mais completa e inclusiva, mas também para promover a aceitação e o respeito pelas distintas manifestações culturais que permeiam o cotidiano. Ao integrar essas perspectivas no currículo, cria-se um ambiente educativo que celebra a diversidade, desafia preconceitos e fomenta um senso de pertencimento e orgulho cultural entre os estudantes.

> A educação das relações étnico-raciais refere-se a processos educativos que possibilitem às pessoas superar preconceitos raciais, que as estimulem a viver práticas sociais livres de discriminação e contribuam para que elas compreendam e se engajem em lutas por equidade social entre os distintos grupos étnico-raciais que formam a nação brasileira. (Verrangia; Silva, 2010, p. 710)

A abordagem da questão racial no contexto escolar não apenas se limita a promover a aceitação e respeito à diversidade, mas também se revela como uma oportunidade crucial para uma profunda reflexão sobre as representações, especialmente no processo de formação humana. O ambiente educacional desempenha um papel fundamental na moldagem das percepções, valores e atitudes das futuras gerações, tornando-se, portanto, um terreno fértil para questionar e redefinir as representações raciais historicamente estabelecidas.

> A identidade é sempre uma relação: o que eu sou só se define pelo que não sou; a definição de minha identidade é sempre dependente da identidade do Outro. Além disso, a identidade não é uma coisa da natureza; ela é definida num processo de significação: é preciso que, socialmente, lhe seja atribuído um significado. Como um ato social, essa atribuição de significado está, fundamentalmente, sujeita ao poder (Silva, 2009, p. 106).

Ao explorar e questionar as representações presentes nos materiais didáticos, na mídia e no currículo escolar, os educadores têm a chance de desafiar estereótipos arraigados e promover uma educação mais inclusiva. Essa reflexão não apenas amplia a compreensão dos estudantes sobre as complexidades da diversidade racial, mas também contribui para a desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> É nesse espelho social que o negro brasileiro tem se olhado. Assim, ele se constrói como sujeito imerso numa tensão entre uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma autoimagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua autoimagem é um desafio. Construir uma autoimagem, um "novo negro", que se paute nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil, também o é (Gomes, 2019, p. 158).

Além disso, ao integrar temas relacionados à representatividade racial nos currículos, os educadores podem oferecer uma visão mais abrangente e precisa da história, cultura e contribuições de diferentes grupos étnicos. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também empodera os alunos ao fornecer-lhes modelos diversos a serem seguidos, ampliando suas perspectivas e incentivando a construção de uma identidade mais inclusiva.

> Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p. 77).

A análise crítica das representações raciais na escola transcende o âmbito do reconhecimento e respeito à diversidade, assumindo o papel fundamental de uma ferramenta poderosa para impulsionar uma transformação significativa na formação humana. Ao abordar de maneira proativa as representações étnico-raciais presentes no ambiente educacional, estamos essencialmente engajados na desconstrução de narrativas historicamente enviesadas, promovendo um entendimento mais profundo das complexidades culturais e históricas que permeiam diferentes comunidades.

A escola, como instituição formadora, desempenha um papel-chave na modelagem da percepção e consciência social dos indivíduos. Ao questionar estereótipos e preconceitos arraigados, os educadores não apenas capacitam os alunos a compreenderem melhor o mundo ao seu redor, mas também fomentam o desenvolvimento de uma mentalidade crítica e consciente. Essa abordagem transcende

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

os limites da sala de aula, influenciando positivamente as interações cotidianas e contribuindo para a construção de relações mais inclusivas e respeitosas.

Além disso, ao reconhecer e corrigir lacunas nos currículos escolares, proporcionando uma representação mais justa e equitativa da história e da cultura, contribui-se para a desconstrução de visões limitadas e estigmatizadas. Isso, por sua vez, empodera os estudantes, oferecendo-lhes uma perspectiva mais completa e precisa sobre a diversidade humana. A presença de modelos diversos nas narrativas educacionais também desempenha um papel crucial na inspiração de futuras gerações, incentivando a busca por igualdade de oportunidades e a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, a discussão sobre representações raciais na escola não apenas molda a consciência individual, mas, coletivamente, contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde a diversidade é valorizada como uma riqueza intrínseca à experiência humana.

6 CONCLUSÃO

Após uma análise meticulosa da obra *Menina Bonita do Laço de Fita* e da relevância da literatura infantil na formação das crianças, conclui-se que a promoção do letramento racial é fundamental para instilar uma mentalidade inclusiva desde a infância. A representatividade positiva na literatura infantil desempenha um papel vital na valorização da diversidade étnica e racial, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Teoria Racial Crítica (TRC) foi incorporada nesta pesquisa, destacando a importância do conceito de raça para a compreensão e discussão das desigualdades sociais, especialmente no contexto da educação. A obra analisada, junto a outras que fomentam o letramento racial, oferece às crianças a oportunidade de se verem representadas de maneira positiva na literatura, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma mentalidade inclusiva desde cedo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Assim, é evidente que a representação do negro na obra de Ana Maria Machado transcende os estereótipos negativos historicamente atribuídos a personagens negras. Esta obra surge como uma nova e positiva visão do negro na literatura infantojuvenil contemporânea, destacando-se especialmente pela valorização da beleza negra. É necessário reconhecer a riqueza e complexidade da cultura afro, bem como compreender sua história, pois é por meio do conhecimento que pode-se erradicar o preconceito, especialmente ao valorizar a significativa contribuição das culturas africanas para o desenvolvimento civilizatório do Brasil.

Dessa forma, a literatura infantil desempenha um papel crucial na promoção do letramento racial, exercendo uma influência positiva nas atitudes e crenças das crianças e contribuindo para a construção de uma sociedade consciente das diferenças raciais. A escolha deliberada de obras que valorizam a diversidade étnica e racial é essencial para a formação de uma sociedade inclusiva e igualitária, onde todas as crianças possam se sentir representadas e valorizadas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chumamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DAMBROS, L. P. **Construção das identidades sociais de raça com intersecção de classe nos livros didáticos de inglês do ensino médio aprovados pelo PNLDs de 2012 e 2015**: Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

DIAS, L. R.; BENTO, M. A. da S. **Educação Infantil e relações raciais: conquistas e desafios**. In: LOPES, Daniel Henrique (Org.). Desigualdades e Preconceitos: reflexões sobre relações Étnico-Raciais e de Gênero na Contemporaneidade. Editora UFMS, 2012, p. 71-91.

FERREIRA, A. de J. **Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: Narrativas e Contranarrativas de Identidade Racial de Professores de Línguas. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as)** - ABPN, v. 6, p. 236- 263, 2014.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

KLEIMAN, A. B. **Professores e Agentes de Letramento: Identidade e Posicionamento Social**. Filol. lingüíst. port., n. 8, p. 409-424, 2006.

LADSON-BILLINGS, G. **A Raça ainda é importante: a Teoria Racial Crítica na Educação**. In: APPLE, M. W.; AU, W.; GANDIN, L. A. (Orgs.). A Educação Crítica: análise internacional. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.129-142 LUCKESI, C. C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Neto A. **A, Bullying-comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal Pediatria. Rio de Janeiro. 2005.

MELO, G. C. V. **O lugar da raça na sala de aula de Inglês**. Revista ABPN, v.7, p. 65-81, 2015.

SILVA, M. R. **A literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

SOUZA, Ellen de L. **Percepções de infância negra, por professoras de educação infantil**: Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, RJ: Editora Graal, 1983.

VERRANGIA. Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Cidadania, relações étcnicos-racias e educação**: desafios e potencialidades do ensino de ciências. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 3, p.705-718, 2010.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A VARIAÇÃO DOS PRONOMES NÓS/A GENTE NA POSIÇÃO DE OBJETO E COMPLEMENTO NA FALA DE CAXIENSES

Maria Eduarda Rêgo Pereira da Silva[25]

Resumo: O presente trabalho investiga a variação do pronome *Nós* e do pronome *A gente*, enquanto objeto e complemento na fala dos habitantes da cidade de Caxias, situada na Zona Leste do Maranhão. Para essa finalidade, foi assumido, como sustentação teórica, a Teoria Variacionista - tendo como principal percursor William Labov - segundo a qual diz que o ser humano, apesar de conviver em um meio social, possui sua fala individual, o que a torna heterogênea. Nessa percepção, a língua se distingue de uma comunidade para outra, dando espaço para a consideração dos fatores que podem influenciar de forma direta na relação da língua e sociedade. Na pesquisa, além da metodologia teórica, há, também, a pesquisa de campo e nela foram realizadas entrevistas com 72 falantes caxienses, divididos por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Dessa forma, levando em consideração todos os dados obtidos, teorias estudadas e todos os fatores analisados, a pesquisa explica fenômenos que podem ocorrer na variação dos pronomes Nós/ A gente.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação. Labov. Pronomes. Nós/ A gente.

Introdução

A língua conhecida atualmente, nem sempre foi utilizada ou falada dessa forma. A linguagem, com o passar do tempo, movimenta-se por um processo chamado de *Variação Diacrônica*, que é a representação das mudanças que ocorrem na língua ao longo dos anos. Essas mudanças contornam a pronúncia, a escrita e o vocabulário de cada indivíduo, e elas acontecem de forma gradual, pois não sucedem repentinamente.

Visando esses pontos, a pesquisa utiliza-se de estudos solenes, de importantes teóricos, como: Saussure; Chomsky; Mollica; Görski; Bagno; Labov, entre outros estudiosos que contribuíram com suas pesquisas para a efetivação deste trabalho. Os estudos em torno da Teoria Variacionista fomentaram alguns pontos a serem considerados, como: a análise linguística creditada por fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciá-la; a ligação entre a língua e o meio social em

[25] Graduanda em Letras. Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. As atitudes linguísticas dos falantes no Maranhão - ALFMA.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

que está inserida; e o entendimento do processo de variação como combate ao preconceito linguístico (Labov, [1972] 2008;1978;1994;2001;2003; 2010).

Fora as investigações que cooperaram para a linguística, Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky compartilham de uma ideia que não é aceita por Labov: a língua é considerada um sistema homogêneo. Ele não concorda com essa afirmação porque ignora a heterogeneidade da língua e considera a fala como desmotivada e desconexa (Figueroa, 1996, p.77-78). O indivíduo não tem poder sobre a língua porque ela é social e pertencente à comunidade. William Labov acredita que a melhor forma de estudar a linguística é analisar, na prática (de forma empírica), as comunidades de fala (Labov, [1972] 2008, p. 259). É apresentado, na obra *Padrões Sociolinguísticos*, da teoria laboviana, o plano teórico-metodológico, expondo a proposta com um novo olhar sobre a variação linguística e a estrutura da língua, contrapondo-se às teorias saussuriana e chomskiana (Labov, 1972). Labov organiza a estrutura e a sincronia; a diacronia e a evolução, as alia à estrutura e o funcionamento linguístico e, desse modo, prova que a língua é heterogênea e que não há um falante ideal.

Na metodologia, utilizada no âmbito da pesquisa sociolinguística, se faz relevante os níveis de variação linguística: contexto fonológico, morfológico, posição da variável e o estatuto morfológico (Tarallo, 1994). Os métodos empregados por Labov se apresentam por intermédio de dados coletados, observados, analisados e, em seguida, organizados. A coleta desses dados são dispostas por meio de: faixa etária, nível de escolaridade, sexo e nível socioeconômico; denominados de *fatores condicionantes* e precisam conter um número considerável de coleta para se obter um resultado mais preciso. Além do mais, também se aplica o *"Paradoxo do Observador*", recomendada para pesquisadores sociolinguísticos, estratégia utilizada por William Labov (2008), que consiste em realizar entrevistas dando mais liberdade ao entrevistado, fazendo com que ele se sinta mais à vontade ao responder às perguntas. É interessante que o entrevistador manuseie táticas para flexibilizar as entrevistas e alcançar resultados bem desenvolvidos.

Outrossim, a pesquisa sociolinguística se faz pertinente sobre o combate ao

preconceito linguístico. Marcos Bagno conceitua sobre esse preconceito:

> Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social (BAGNO, Marcos, 2008, p. 38).

Bagno assegura que o preconceito linguístico é uma maneira de maquiar e sustentar outros preconceitos de forma mais ampla, pois não dão ênfase apenas como as pessoas falam, mas como esse falar reflete na sociedade e, além disso, em qual classe esse falante está pertencente. O autor ainda afirma que esse preconceito é um dos motivos para a não aceitação do processo de variação linguística:

> O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito n° 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português" (Bagno, Marcos, 1999, p. 40).

A crença de que existe uma maneira correta de se falar e a propagação dessa ideia fazem com que essa visão preconceituosa perpetue. Entretanto, é possível se opor a esse tipo de pensamento através da sociolinguística. Maria Cecília Mollica afirma que:

> [...] os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, Maria Cecília, 2004, p. 13).

Portanto, há uma grande contribuição nos estudos sociolinguísticos para a diminuição dessa estigmatização e preconceito. Esses estudos devem ser aplicados, de forma eficiente, em campo mais universalizado, principalmente no contexto da sala de aula. É evidente que o ensino, no que se diz a respeito da língua, precisa ser inspecionado, pois "cujas investigações puseram a nu a absoluta falta de fundamentação empírica e teórica para o prosseguimento de uma pedagogia linguística centrada na velha noção de erro" (Bagno; Gagné; Stubbs, 2002, p. 17). Assim, é notável a significância de que os educadores precisam traçar um compromisso de compreender e ensinar aos seus educandos o porquê existe a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

heterogeneidade linguística, como acontece esse processo e porquê é tão importante.

Questões norteadoras

Para atingir os objetivos deste trabalho, foram dispostas algumas questões para nortear a pesquisa, com hipóteses resultantes de observações empíricas:

a) Qual a variação dos pronomes nós/a gente como objeto e complemento na fala caxiense?
b) Quais os fatores extralinguísticos e linguísticos que contribuem para a ocorrência dos pronomes nós/a gente como objeto e complemento?
c) Os falantes caxienses utilizam os pronomes nós/a gente mais como núcleo nominal ou como núcleo verbal?

Para responder às perguntas, foram levantadas algumas hipóteses: i) Ocorre maior variação do pronome *a gente* como objeto e complemento na fala caxiense; ii) O fator social escolaridade é o que mais contribui para a frequência do *a gente* na fala de Caxias; e iii) Os falantes usam os pronomes nós como um núcleo nominal e a gente mais como núcleo verbal.

Alguns estudos sociolinguísticos mostram que o pronome *a gente* aparece com maior frequência quando está na posição de sujeito. Ele também se encontra em concorrência com o *nós* pronominal nas formas de paradigma, sendo mais constante no interno do S.V. (Sintagma verbal), enquanto no interno do S.N. (Sintagma nominal) há mais aparição das formas do paradigma *nós* (OMENA, 1986; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; TAMANINE, 2010; VIANNA; LOPES, 2012, 2013; ARAÚJO; ALMEIDA, 2014).

Metodologia

A variação linguística é uma ocorrência que advém de processos próprios em cada língua e isso acontece com junções apanhadas sucessivamente por cada indivíduo. Sobre esse fenômeno, Alkmim afirma que:

> "todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas. Em outras palavras, as gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> domínio de uma língua particular. As mudanças temporais são parte da história das línguas" (apud Bentes; Mussalin, 2008), p. 39).

Dessa forma, é importante apontar, novamente, a relevância do processo diacrônico como uma das ferramentas do estudo sociolinguístico e que não deve ser ignorada:

> uma abordagem estritamente sincrónica pode distorcer ou falsear a interpretação da estrutura das palavras, pelo que a análise destas não prescinde duma simultânea consideração da sua história; sincronia e diacronia não são perspectivas disjuntas, mas complementares (Rio-Torto 1997:897)

Diversos autores e seus estudos foram extremamente relevantes para a compreensão e o progresso desta pesquisa. Silva, por exemplo, expõe que a língua possui uma ligação particular com a sociedade, e que ela vai além de transmitir e armazenar informações. Por isso ela afirma que:

> [...] Há uma relação intrínseca entre as duas. A língua não serve apenas para que possamos transmitir ou receber informações; ela serve para estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas (SILVA, 2013, p. 18).

Silva, além de apresentar essa ideia em sua obra "*A sociolinguística e a língua materna*" (2013), também elucida, de forma organizada, a Sociolinguística, pontuando o passo a passo da pesquisa e outras questões pertinentes; e faz uma breve recapitulação de algumas teorias sociolinguistas, bem como os conceitos elaborados de Saussure a Labov. Outrossim, ela também ressalta que a língua não é e não pode ser utilizada da mesma maneira em contextos distintos, desse modo, validando a sua heterogeneidade e comprovando a teoria laboviana.

> Pensemos: Como falamos diante de nosso chefe, de nossos pais, filhos, amigos, colegas ou de desconhecidos? E nas diferentes situações de uso? Em casa, no trabalho, em uma festa, em uma conferência, em uma atividade acadêmica? Mudando o interlocutor e/ou a situação, a variedade muda, não muda? Assim sendo, não há como concebê-la como um sistema homogêneo. (Silva, 2013, p. 18).

Também foram considerados os estudos de outros materiais para embasamento teórico, como a tese de doutorado "Crenças, Atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome *tu*" do professor doutor Antônio Luiz Alencar Miranda. Essa tese

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

é interessante de ser estudava e analisada porque se aproxima da presente pesquisa que também trabalha com a variação pronominal, neste caso, dos pronomes *nós/a gente*. Na tese é apresentada uma abordagem sobre a variação, derivada da estruturação linguística; há análise de crenças e atitudes dos falantes, considerando as variações pronominais. Logo após, são expostos os resultados, organizados em tabelas e classificados por: sexo, nível de escolaridade e faixa etária.

Ademais, o trabalho recorre ao uso da investigação de teor quantitativo (pesquisa caracterizada pela coleta de dados que são armazenados, geralmente, analisados de forma estatística, que pode traçar conclusões com base nos indícios percebidos através dos fenômenos sociais), pois se faz indispensável na análise da variação. As mudanças contidas na variação linguística ocorrem através de um sistema, dessa forma é bastante considerável a análise quantitativa na pesquisa sociolinguística (LABOV, 2008[1972]). Por essa razão, foi utilizado o programa *GoldVarb X* que, segundo Guy e Zilles, é:

> [...] um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística (Guy; Zilles, 2007, p. 105).

O *GoldVarb X* possui diversos recursos de grande utilidade para ajudar o pesquisador. Ele inclui a possibilidade de cruzar os elementos da pesquisa para facilitar a obtenção de resultados mais concisos. Para esse cruzamento ocorrer é necessário classificar os fenômenos que aparecem na amostra da fala escolhida. Coelho afirma que "as letras, números e os símbolos dos caracteres do computador, de modo que cada código deve corresponder a um único caráter" (Coelho, 2015, p. 135).

Recorre-se à codificação para atingir a etapa apresentada dentro da Sociolinguística Variacionista e atribuir a codificação para variáveis dependentes e variáveis independentes.

Resultados e discussões

Os resultados foram adquiridos por intermédio das 72 entrevistas, levando em conta as variáveis independentes linguísticas e as variáveis dependentes sociais:

paralelismo formal, tempo verbal, relações gramaticais, núcleo do verbo (variáveis dependentes); e faixa etária, escolaridade e sexo (variáveis independentes).

Estes resultados foram organizados em tabelas, divididos pelos pronomes *nós/a gente*: frequência, aplicação, peso e número de ocorrências. Os dados recolhidos foram interpretados pelo programa computacional *GolbVarb X*, que estimou a relevância de cada variável e definiu a frequência para analisar os dados. Verifiquemos as tabelas abaixo.

Tabela 1 – Frequência dos pronomes *nós/ a gente* como objeto/complemento.

PRONOME	APLICAÇÃO	TOTAL DE SENTENÇAS	FREQUÊNCIA
NÓS	13	77	16,9
A GENTE	64	77	83,1

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Na análise da tabela 1 é possível identificar uma alta frequência no pronome *a gente*, na fala caxiense, com um total de 83,1% da frequência em 64 de 77 ocorrências apresentadas. Na verificação do pronome *nós*, existe apenas 16,9% na frequência e em apenas 13 ocorrências das 77 realizadas.

De acordo com as investigações de Castilho e Elias (2012) sobre o Português brasileiro formal e informal, o pronome *nós* faz aparição, geralmente, conjugado com o verbo na primeira pessoa do plural, enquanto o *a gente* aparece conjugado com a terceira pessoa do singular. Essa afirmação fica bem explícita nos exemplos 1 e 2 (Castilho; Elias, 2012, p.88-9):

> **Exemplo 1**: *A gente* não **está sabendo** bem como sair desta, e aí *a gente* **começou**.
>
> **Exemplo 2**: *Nós* **rimos** muito ontem à noite.

Observando esses exemplos e os resultados da tabela 1, pode-se concluir que o uso pronominal do *a gente* vem, consideravelmente, tomando o lugar do pronome *nós*. Ademais, os estudos de Vianna e Lopes (2015) e Vitório (2016) comprovam que o *a gente* é a forma preferida dos falantes, para os mais variados contextos, tanto no informal quanto no formal.

De maneira metodológica, o programa *GoldVarb X* considerou somente um fator, dentre os fatores da pesquisa, para os pronomes *nós* e *a gente*, especificamente o Paralelismo Formal que obteve bastante significância pelo programa computacional citado. Segundo Scherre (1998), considera-se paralelismo quando há a repetição de uma variante que se encontra no plural e variantes repetidas consideradas de plural zero.

Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 2 – Paralelismo formal pelo *a gente* como objeto/complemento.

Paralelismo Formal	Aplicações	Total de ocorrências	Frequências	Peso
A gente para nós (g)	3	4	75	.46
Nós para gente (s)	1	4	35	.08
Sem paralelismo (a)	31	38	81,6	.56

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Estão expostas, na tabela 2, as variações do pronome *nós* e do pronome *a gente*, de acordo com o paralelismo formal. Ao observar os resultados, é possível perceber que a variante que aparece com maior frequência é a variante *Sem paralelismo*, totalizando 81,6%, .56 do peso relativo e 38 tokens. Em seguida tem o paralelismo *de agente para nós* com 75% de frequência, peso de .46 e 4 ocorrências. Logo após tem a variante *de nós para gente* com 35% de frequência, peso .08 e um total de 4 tokens. Portanto, tanto no Sintagma verbal (S.V) quanto no Sintagma nominal (S.N), é essa variável que aponta para a posição do *nós* e para o *a gente*.

Scherre e Naro (1993), além de comprovar a afirmação do paralelismo de que “marcas levam marcas e zeros levam zeros”, Scherre (1998) também assegura que o paralelismo tem uma disposição da “repetição das variantes de uma mesma variável dependente” (Scherre, 1998, p. 30).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação linguística é resultante de processos que ocorrem na variação. Existe alternância em diferentes condicionamentos, onde eles irão competir uns com os outros em busca da sua própria comunidade linguística. Por isso que a Sociolinguística, além de estudar as diferentes formas linguísticas do momento atual (presente), recorre às formas linguísticas que já se passaram para estudá-las ao longo do tempo (Weinreich, Labov; Herzog ([1968] 2006).

O propósito de apontar o pronome com maior frequência já foi efetuado. O pronome *a gente* totalizou 83,1% da frequência em 64 ocorrências, de 77 que foram realizadas. No pronome *nós,* a frequência, nessa variação, foi de 16,9% em 13 ocorrências realizadas.

Com a pesquisa ainda em desenvolvimento, os demais objetivos ainda estão em análise por não terem alcançado o êxito esperado. Entretanto, já está em evidência que o pronome *a gente* está se manifestando mais do que o pronome *nós* no falar dos habitantes caxienses. Há convicção de que os dados coletados e analisados possuem um alto teor de relevância, porém pode-se abranger ainda mais para o ponto de vista variacionista, mais no que se diz respeito da pesquisa quantitativa.

Referências

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; MARIA, Christiane; SOUZA, Nunes de; MAY, Guilherme Henrique. *Sociolinguística*. Florianópolis: 2010.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999. BAGNO, Marcos.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. *A sociolinguística e a língua materna*. Curitiba: Intersaberes, 2013.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. *Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil*. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-14, fev., 1993.

MIRANDA, Antonio Luiz Alencar. *Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu*. Rio de Janeiro: 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; SOUZA-SANTOS, José Elderson de; DANFÁ, Abdulai. *A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais*. Revista do GEL, v. 17, n. 3, p. 64-89, 2020.

COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo – SP: Contexto Editora, 2015.

Rio-Torto, Graça M. O. S. (1993): *Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos*. Coimbra. Tese de doutoramento inédita.

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo – SP: Parábola Editorial, 2007.

LIMA, Tereza Maria de; GOMES, João Bosco Figueiredo; MENDES, Wellington Vieira. *A ferramenta goldvarb x: descrição e uso*. Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino, São Carlos: Pedro & João Editores, p. 27-34, 2019.

CASTILHO, Ataliba T.; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. v.1.

SCHERRE, Marta Maria P. 1998. *Paralelismo linguístico*. Revista de Estudos da Linguagem 7 (2): 29-59.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

RUPI KAUR E OS OUTROS JEITOS DE USAR O INSTAGRAM: A POESIA DOS PLANETAS SEM BOCA

Jana Cambuí Alves Lima[26]

Resumo: Ainda se questiona muito a qualidade da poesia publicada em plataformas digitais, como o Instagram. Todo texto literário que é produzido nessas mídias submete-se à desconfiança de uma ausência de valor, pois, como garantia de legitimidade, entre outros critérios, espera-se que o texto seja publicado por alguma editora, em formato de livro físico, preferencialmente. Desconsidera-se o fato de que nas livrarias ainda predominam as convenções excludentes do campo literário tradicionalmente instituído: em termos de gênero, de classe, de etnia, entre outras categorias. Pela suspeita que despertam quanto ao seu status literário, as criações poéticas veiculadas no Instagram, comumente, escapam a tais categorias, sendo silenciadas em favor de uma noção engessada de cânone. Em relação ao mercado editorial convencional, tais produções podem ser pensadas, nos termos trabalhados por Hugo Achugar (2006), como "planetas sem boca" – planetas que não falam, não porque não tenham o que dizer, mas porque se é retirado deles esse recurso. Nesta comunicação, pretende-se refletir sobre o Instagram como uma plataforma que faz justamente reverberar as vozes presentes nessas criações literárias. O enfoque será dado ao trabalho de Rupi Kaur, escritora que traz às redes, em forma de poesia, reflexões sobre temas que circulam fortemente na atualidade: o aborto, a menstruação, a autoaceitação, os direitos da mulher sobre o seu próprio corpo. Trata-se de temas polêmicos que sofrem com a resistência do conservadorismo. Para a reflexão proposta, serão analisados poemas postados por Rupi Kaur em sua página no Instagram, os quais foram posteriormente reunidos no seu livro Outros Jeitos de Usar a Boca (2017). Como auxílio teórico-crítico para a discussão, além do pensamento de Hugo Achugar (2006), serão também consideradas as colocações de Karl Eric Schollhammer (2009) acerca do papel do escritor contemporâneo em traduzir o seu próprio tempo enquanto lida com as angústias do presente.

Palavras-chave: Instagram; Poesia; Rupi Kaur; Planetas sem boca.

Introdução

meu coração me acordou chorando ontem à noite
o que posso fazer eu supliquei
meu coração disse
escreva o livro

Rupi Kaur

[26] Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da UNEB. Bolsista CAPES. Pesquisadora vinculada ao Projeto Práticas Literárias Pós-Institucionais da Contemporaneidade.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A realidade da leitura em meio digital é nova e caminha de forma firme, porém muito parecida com a realidade da leitura de livros como sempre conhecemos, em seus funcionamentos. O livro impresso, editado, distribuído e vendido ainda é o cânone; e isso é indiscutível. O troféu de consagração definitiva de um blogueiro como escritor para o senso comum, por exemplo, ainda é o seu nome em uma capa nas prateleiras das livrarias; não importa o quanto ele já publicava e o número de leitores que ele já movimentava. A literatura veiculada apenas no meio digital ainda é considerada, de forma geral, como de menor valor, seja devido à falta de editores que validem aquele autor como sendo digno de publicação, seja porque qualquer um é capaz de publicar *on-line*, basta ter o que dizer - o que democratiza e populariza a viralização dos discursos; mas sabemos que não há, no cânone das artes, interesse geral nisso, pelo menos não suficientemente.

Neste trabalho, pretendo levantar algumas questões sobre esse lugar da escrita em meio digital, mais especificamente na rede social Instagram, e, para isso, trarei alguns pontos importantes para pensar esse espaço digital que se configurou, nos últimos anos, como um espaço que também pode ser ocupado pela literatura, a despeito dos seus limites.

Importante, antes de tudo, pensar no que se chama de instapoesia como uma literatura fincada de todas as formas no nosso tempo: a plataforma, a tecnologia, os recursos, a linguagem e tudo o mais que a circunda está acontecendo e se desenvolvendo no agora. Ao pensar em literatura contemporânea, Karl Erik Schollhammer (2009) questiona se deveria se considerar o contemporâneo como o que é produzido atualmente ou nos últimos anos, ou, dentro da perspectiva da literatura, caracterizar a relação entre o momento histórico e a ficção. O contemporâneo seria, então, intempestivo, uma vez que ele não se identifica plenamente com o seu tempo, mas pretende analisá-lo a partir de outra perspectiva, geralmente crítica.

> Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam da sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.10).

Essa sensibilidade ao seu próprio tempo pode pressupor um contemporâneo que vem acompanhado sempre de uma angústia, principalmente quando pensamos no artista e no fazer da arte. Dessa forma, Schollhammer pensa a situação do escritor contemporâneo, que sofre com o paradoxo de uma urgência, de uma necessidade de se relacionar com a sua realidade histórica, mas que entende a impossibilidade de captá-la como gostaria.

E, talvez, também dessa impossibilidade, surge a angústia por comunicar dores e cobrar dívidas sociais antigas se apoiando nos suportes que o seu tempo lhe apresente. O contemporâneo desliza sobre as possibilidades e obstáculos de seu próprio tempo. Em um mercado editorial ainda dominado por homens, mulheres buscam espaços onde projetem suas vozes; em uma realidade com ainda uma pequena parcela de representação de escritores negros e negras no cânone, esses talentos procuram brechas para serem publicados. E aí é que entra a publicação no meio digital e, particularmente como pretendo analisar neste artigo, nas redes sociais.

A princípio, seria compreensível supor que a falta desse cânone implicaria uma "audiência" mais sutil e discreta, mas, ao contrário, na prática, os leitores de literatura nas redes sociais são assíduos, participativos e estão em grande e crescente número; vários escritores que iniciaram suas carreiras publicando no Instagram, por exemplo, atingiram a marca de centenas de milhares e até milhões de seguidores antes mesmo de chegarem às editoras e livrarias.

A literatura e a poesia desabrocham com sucesso no meio de uma das redes sociais de maior potência hoje, o Instagram – que, curiosamente e a despeito disso, é uma rede social essencialmente de compartilhamento de *imagens e vídeos*. Nessa plataforma, a produção textual é propositalmente limitada: existem limites de caracteres, de número de cards por post e existe, ainda, o assustador algoritmo, que desvaloriza os posts com palavras em excesso ou até mesmo determinados termos usados, em uma espécie de censura, que merece e tem sido amplamente questionada em seus métodos - mas não entrarei nesse mérito nesse momento, aqui, a intenção é outra. Em resumo, o Instagram, enquanto rede pensada e projetada para compartilhamento de fotos e vídeos,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

não se configura, a princípio, uma rede propícia para o compartilhamento de poesia ou outros tipos de textos literários. Apesar disso, como uma flor no asfalto, escritores desabrocham nesse espaço e criam comunidades de pessoas apaixonadas por literatura ou, simplesmente, leitores que gostam de acompanhar pequenas pílulas poéticas ou respiros de autoajuda no dia a dia repleto de informações.

Os chamados instapoetas publicam a sua produção original - normalmente, textos e poemas curtos, muitos acompanhados de algumas ilustrações ou mesmo poemas concretos - e vão conquistando o seu público à medida que o seu trabalho vá alcançando - de forma espontânea ou através de muita estratégia de uso da rede - cada vez mais pessoas. Assim como o que se vê em blogs, o feedback da recepção desses textos é imediato, com curtidas e comentários interagindo instantaneamente. Mas, defendo que, diferente do que acontece em outras plataformas digitais, a força de relação que se estabelece entre o leitor e esse tipo de literatura mora na ferramenta de compartilhamento dessas postagens e, por conseguinte, em como essa literatura de Instagram, potencialmente mais que outras pela sua velocidade, objetividade, periodicidade e audiência, é utilizada como instrumento de construção de uma identidade na rede. Assim como qualquer outra imagem ou foto que o usuário posta em seu perfil do Instagram, esse texto é compartilhado para apresentar ao mundo sua forma de pensar, de agir, suas preferências, seus gostos e estilo. Ele usa o texto, o poema, de outras formas, ele fala de si ao compartilhar uma poesia, ele performa.

Instapoetas e Planetas sem boca

Nesse contexto, uma boa oportunidade de análise é observar a obra e recepção de Rupi Kaur, poetisa feminista indiano-canadense que começou a publicar os seus trabalhos no Instagram e Tumblr, no início dos anos 2010. Com poemas em sua maioria curtos e acompanhados de algumas ilustrações suas, Kaur é um dos nomes mais notáveis da poesia contemporânea no mundo, acumulando milhões de seguidores nas redes sociais e também de livros vendidos e traduzidos em dezenas de línguas. É também o grande nome quando se pensa em instapoesia no contexto internacional, por

conta de sua origem como escritora e projeção. O seu primeiro livro publicado por uma editora, o *Milk and honey*, na tradução brasileira de Ana Guadalupe ganhou o título de *Outros Jeitos de Usar a Boca*.

E não por acaso, fala-se em boca e suas possibilidades. Para além de ser um livro mais focado em uma poesia sobre romances com toques de erotismo, *Outros jeitos de usar a boca* mantém uma das características principais da escrita de Kaur, que é feminista, antirracista, que valoriza suas origens indianas.

> você tinha tanto medo
> da minha voz
> que eu decidi
> ter medo também
> (KAUR, p. 25)

Essa boca fala, tem voz. Mesmo que seja um balbucio, que pede socorro ou apenas derrama lamentos. Um balbucio, como diria Hugo Achugar, ao refletir sobre a produção teórica na América Latina, mas que também pode ser sobre esses escritos literários de grupos minorizados, do Outro com relação ao centro.

> (...) balbuciar não é uma carência, mas uma afirmação. Uma orgulhosa - orgulhosa no sentido de reivindicar o próprio, não como sinônimo de soberba nem de chauvinismo ou ameghinismo intelectual - afirmação de que o pensamento crítico latinoamericano não tem de pagar tributo à sistematização "euro/ianque/etc./etc./etc.", que o que ele tem de sistemático (...), ou sua maior virtude, fundamenta-se no fato de que habitamos "espaços incertos", outros territórios, âmbitos inexplorados que sempre estamos em processo de construir, descobrir, habitar. (ACHUGAR, p. 24)

Espaços incertos que a poesia contemporânea também ocupa: são as redes sociais, a internet como um todo e os seus recursos, publicações digitais, enfim, esse devir do agora, onde as coisas ainda estão se desenvolvendo e sendo descobertas,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

exploradas. Essas características da poesia de indignação, que se manifesta, que quer expurgar as injustiças e angústias que grupos minorizados acumulam na sociedade atual, percebe-se que são comuns a muitos dos instapoetas de maior projeção: falar de racismo, machismo, misoginia, homofobia e outras mazelas que ainda fazem parte das estruturas sociais neste sistema é uma das demandas desses escritores que começam por publicar nas redes, pois é onde encontram espaços para reverberar suas vozes enquanto pessoas que fazem parte desses grupos e querem falar à sua maneira, dos assuntos que lhes tocam, da forma e no contexto que vivenciam. E, como uma demanda que acaba por ser social, encontram também leitores que se identificam, valorizam, compartilham e reverberam suas palavras para formarem também eles suas próprias identidades nas redes sociais e fora delas.

Ao acompanhar, consumir, interagir e compartilhar esses poetas, esse público descobre possibilidades e, sem se dar conta, desenvolve uma cultura leitora dentro do Instagram, com uma característica diferente da leitura tradicional, passiva; a leitura no contexto digital, principalmente dentro das redes sociais, é uma leitura compartilhada. Nessa leitura da literatura de Instagram, podemos dizer, então, que mais do que nunca, lê-se para falar sobre si mesmo.

> seu corpo
> é um museu
> de desastres naturais
> será que você entende
> o tamanho desse absurdo
> (KAUR, p. 181)

Rupi Kaur, como vários outros poetas contemporâneos, traz às redes, em forma de poesia, reflexões sobre temas que circulam fortemente a contemporaneidade: o aborto, a menstruação, a autoaceitação, os direitos da mulher sobre o seu próprio corpo. Temas polêmicos, ainda não superados, que sofrem com a resistência do conservadorismo, do machismo e de outros dogmas do centro. Os seus leitores, ou melhor, as suas leitoras, ao criar identificação com poesias como essa acima, ao

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

compartilharem essas mensagens também estão criando outros jeitos de falar, criando sua voz, outros jeitos de usar a boca - ou o Instagram. Como diria Achugar, aqui olhemos a escrita - e também a leitura - como espaço de liberdade.

> Os outros nos falam. Na realidade, sempre se pode dizer que há um Outro que nos fala e que, por sua vez, o Outro fala em outros Outros. O centro/os múltiplos centros fazem falar a margem. Por sua vez, a periferia, a margem - enquanto situacional - torna-se centro para outras periferias e as faz falar.
> É a mesma posição daquele que, da metrópole, ou do jardim da academia, realizam a operação de decretar que na periferia (posição ubíqua, relacional e situacional) não há linguagem, não há boca, não há discurso. (ACHUGAR, p. 20)

Ainda se questiona muito a suposta qualidade da poesia publicada no Instagram. Envolve-se tudo em uma única massa de uma produção que não teria qualidade, caso contrário, estaria publicada por alguma editora, em formato de livro físico, podem defender. Desconsidera-se o fato de que, nas livrarias, ainda domina o centro relativo: em termos de discursos, de gênero, de classe, de etnia e outras questões. Esses planetas sem boca, imagem que Achugar empresta de Lacan, são silenciados; não falam não porque não têm o que dizer, mas porque se é retirado deles esse recurso de diversas maneiras, desde mostrar-lhes a possibilidade até o próprio silenciamento direto. Assim podemos observar também como existe uma diminuição de valor cultural no que é publicado fora dos circuitos oficiais, difíceis de chegar por regra absoluta, em todos os campos artísticos e, como analisamos aqui, inclusive na literatura.

> Talvez a formulação de alguns acadêmicos, em distintas partes do mundo e em distintas línguas, realizam em termos de "ou isto ou aquilo" que seja mais do que incorreta, inoportuna e populista. Populista, inclusive quando a dicotomia é apresentada em termos de alta cultura; populista, inclusive quando é proposta em termos revolucionários anti intelectuais; populista; inclusive quando é oferecida em benefício dos despossuídos ou marginalizados. (ACHUGAR, p. 11)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Como observa Achugar, esses grupos minorizados acabam por produzir valor cultural - seja produzindo, seja consumindo essa literatura - a partir da margem. Esse movimento de buscar os "espaços incertos" se apresenta, para os diversos tipos de olhares conservadores, como uma ameaça de contaminação do valor da arte, do valor da literatura. Os que se expressam poeticamente nesse espaço inseguro que seria o Instagram, trazem as suas questões, as suas dores e amores e acabam por gerar forte identificação, têm sua qualidade artística questionada e o reconhecimento editorial vem apenas quando os números de seguidores e alcance nas redes sociais supera os cinco, seis até sete dígitos, como é o caso da própria Rupi Kaur, que primeiro formou o seu público para depois conseguir publicar no mercado editorial formal e acabar construindo uma carreira internacional.

Claro que, quando falamos do alcance de uma escritora como Kaur, temos de considerar que ela escreve em uma língua que já não encontra muitas fronteiras - o inglês. Cada instapoeta que possamos trazer à análise será o "Outro de outros", ou podemos olhar onde se encaixa também no "centro de outros". São "os múltiplos centros", como diria Achugar. Além disso, trago o próprio Instagram como um terreno asfáltico, infértil, "incerto e efêmero", lembrando mais uma vez que nem é uma rede social projetada para a escrita - mas essencialmente para a imagem -, muito menos uma rede inocente: estimula deliberadamente discursos problemáticos, em diversos níveis, com o seu algoritmo censor e autoritário. Essa é uma discussão mais longa, claro, e já muito levantada nos estudos de mídia, mas cabe aqui deixar claro que estou falando de "espaços incertos" que são encontrados e explorados por diversos grupos - nesse caso, para se expressar literariamente -, mas que também podem ser problemáticos e opressores em outros níveis.

De qualquer forma, é necessário ocupar ou revisitar lugares alternativos de como e onde se fazer literatura. Afinal, o "como" também se estabelece no juízo de valor do centro e, é esse centro que se quer questionar, deslocar. Os livros publicados hoje em escala industrial pelas editoras, das maiores às menores, seguem um formato de impressão e uso parecidos. O próprio suporte físico "livro" pode ser ressignificado para caber outras formas de fazer e entender literatura, como defende Ary Pimentel em seu

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

artigo *Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial*.

> Acostumados a considerar as dinâmicas editoriais a partir das práticas das grandes editoras e conglomerados, é possível que não estejamos preparados para assistir a um momento de reconfiguração do próprio campo literário como consequência da ação de pequenas editoras independentes ou artesanais. Contudo, não são poucos os que defendem o uso das edições cartoneras como forma de fugir à ascendência que as grandes editoras têm sobre o gosto do leitor e sobre a própria noção do que venha a ser literatura. (PIMENTEL, p. 10)

Em seu artigo, Pimentel traz um panorama histórico das chamadas editoras cartoneras, que nascem na Argentina no início deste século e se espalham pelo mundo, inclusive no Brasil, ressignificando material reciclável para a confecção artesanal de livros escritos por pessoas que não tinham condições de publicar no mercado editorial tradicional. Basicamente, ao utilizar papel e/ou papelão catados no lixo, assim como outros materiais, os editores cartoneros dão origem a um movimento para dar voz a grupos excluídos e marginalizados.

> Parece que os sujeitos tradicionalmente desqualificados e marginalizados assumiram a consciência de ser o Outro e começaram a se apropriar de objetos, produtos, saberes e discursos até recentemente tidos como próprios do mundo desses que os representaram como incapazes de "falar". (...) De fato, o não saber dizer - outro nome para o silenciamento dos sujeitos subalternizados - existe em função da superioridade assumida por outros, bem como pela posição de inferioridade imposta em determinado contexto da produção discursiva. (...) Nas falhas da estrutura que afirma que ele não sabe dizer, o subalternizado, portanto, pode dizer. (PIMENTEL, p. 3)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

eu sou água
leve o bastante
para gerar vida
violenta o bastante
para levá-la embora
(KAUR, p. 145)

Este trabalho buscou, portanto, trazer a literatura que brota no terreno do Instagram, a despeito de todas as dificuldades, como uma dessas "falhas", onde o subalterno encontra e desenvolve os seus próprios modos de fazer e entender literatura. Observar o trabalho de uma mulher indiano-canadense que tomou o mundo com sua poesia feminista que invoca a sua ancestralidade, as suas dores e amores, e que nasceu e cresceu no terreno infértil/incerto/efêmero do Instagram é observar um exemplo de vozes que desabrocham em espaços garimpados, cada uma com o seu modo de dizer e somar.

Entender que a literatura contemporânea, admitindo ou não, abarca esses fazeres literários distintos, que acontecem no agora e, portanto, são difíceis de serem decifrados e catalogados, cabe a nós observar como eles acontecem. Esses planetas sem boca orbitam em torno do centro falando cada qual ao seu modo, buscando as suas próprias palavras e vozes, porque, afinal, eles falam. São outros jeitos de usar o Instagram, usar a boca, enxergar o mundo.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Espaços incertos, efêmeros: reflexões de um planeta sem boca.* Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

KAUR, Rupi. Outros jeitos de usar a boca. Tradução: Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017.

_____. [@rupikaur_]. Instagram. https://www.instagram.com/rupikaur_/

PIMENTEL, Ary. (2021). *Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial.* Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (62), 1–14. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37421

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Que significa literatura contemporânea? In: _____. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pgs. 9-20.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um direito sócio-político

> [...] a literatura, esses textos me faziam descobrir dimensões incógnitas do mundo, me tocavam e faziam pensar.
>
> (T. Todorov)

Meire Cristina Costa Ruggeri [27]

RESUMO: A problematização da prática do ensino da literatura infantil e juvenil contemporânea é destaque nos estudos das pesquisadoras Dalvi (2018), Corrêa et al (2019), Ramalhete (2021), entre outras. Considera-se fundamental o estudo das implicações sócio-políticas da educação literária no contexto escolar. Afinal, como aponta Todorov (2009), a literatura tem o poder de modificar indivíduos e as sociedades. A partir da análise dos estudos das autoras supracitadas, busca-se, neste trabalho, discutir como a educação literária, por se constituir um direito sócio-político, pode contribuir para a transformação da sociedade evitando a reprodução social desigual retratada pela dominação de determinados grupos sociais sobre outros. Além disso, fez-se necessário examinar a compreensão da escola como lócus de construção identitária e de emancipação por meio da educação literária. Como ela pode atuar neste processo? O estudo Conclui que a proposta de uma educação literária, nos moldes que é apresentada, pouco contribui para que a literatura infantil e juvenil exerça, enquanto arte, seu papel de "transgredir" e transformar o meio social, usando a capacidade do texto literário para ressignificar as experiências de vida das crianças e dos adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil e juvenil. Representação social. Direito sócio-político.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A leitura literária não é inócua. Ela é responsável pela potencialização da subjetividade do leitor, pelo letramento literário, pela reflexão sobre as dimensões social e afetiva, pela abordagem de temas que mesmo negligenciados precisam ser discutidos pela escola, como a violência, o racismo e outros considerados "espinhosos" para a sociedade em geral. Em outras palavras, por meio da leitura literária pode-se descobrir o mundo em que se vive e o mundo do outro, visto que a leitura é capaz de transformar o leitor pela descoberta e pela ressignificação de experiências compartilhadas durante o ato de ler. "O deslocamento provisório que nos afasta do cotidiano e possibilita que nos

[27] Doutoranda: estudos literários. UFCAT, PPGEL, linha 2: memória, cultura e identidade.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

enxerguemos a partir de um outro lugar amplia nosso imaginário" (Moura e Dias, p.15, 2023). Assim vista, a leitura literária pode romper silenciamentos quando se propõe, por meio dos textos lidos, confrontar as situações experienciadas, seja de violência contra a criança, seja de outras temáticas fraturantes como a morte, a sexualidade, entre tantas outras.

Muito além do caráter utilitarista às vezes dado à leitura na escola ou em outros contextos fica evidente que a leitura literária é um encontro consigo mesmo, com o outro e com os próprios limites e anseios (Moura e Dias, 2023). O ensino da leitura literária de qualidade é um direito que muitas vezes se dissolve, se torna sem efeito na construção do repertório literário em aulas descontextualizadas, nas deficiências da formação docente ou nas políticas públicas engendradas em concepções utilitaristas do ensino de leitura.

A escola pública é o lugar onde são ampliadas as situações das fragilidades sociais. Funciona como um microcosmo social. É, portanto, ambiente propício para experienciar as vivências, partilhar e reconhecer-se como sujeito, como dono da própria voz. A literatura proporciona situações para refletir, simbolicamente, sobre a vida e sobre tudo que nos envolve. Não com objetivos que busquem regular comportamentos e padrões sociais pré-estabelecidos, mas pensando, sobretudo, na complexidade que advém da leitura de textos literários que promovam a criticidade e a reflexão, ou seja textos com qualidade literária.

A educação literária precisa se constituir como um direito sócio-político para poder contribuir para a transformação da sociedade evitando a reprodução social desigual retratada pela dominação de determinados grupos sociais sobre outros. A escola como lócus de construção identitária e de emancipação pode, por meio da educação literária, ter papel preponderante nesse processo. Pra tanto, a proposta de uma educação literária precisa contribuir para que a literatura infantil e juvenil exerça, enquanto arte, seu papel de "transgredir" e transformar o meio social, usando a capacidade do texto literário para ressignificar as experiências de vida das crianças e dos adolescentes.

A **EDUCAÇÃO LITERÁRIA COMO DIREITO SOCIAL**

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O aluno é sujeito de sua fala e de seu pensamento que se constitui "na e pela escrita" (Rouxel, 2013). Sendo assim, é preciso ter acesso a textos cuja literalidade contribui para o desenvolvimento das instâncias cognitivas e afetivas. Os laços que se estabelecem entre cognição e afetividade através de uma educação de qualidade é, portanto, um direito sócio-político.

Consequentemente, primeira questão a ser pensada sobre o estudo da literatura é a seleção do que ser ensinado, isto é, confrontar o alunado com a diversidade dos textos literários para refinamento estético, sem esquecer dos clássicos e ao mesmo tempo de uma "literatura viva que lança um olhar sobre o mundo de hoje" (Rouxel, 2013, p. 23). Os saberes que advém da leitura ampliam horizontes para permitir reconhecer os valores sociais em que os indivíduos acatam. Seja para questioná-los ou para endossá-los. Além disso, o conhecimento sobre o léxico, proporcionado pela leitura de textos com qualidade literária, é básico para ampliar a subjetividade e compreensão de si e do mundo que o cerca. Ou, dito de outro modo, em se tratando de crianças da educação básica, buscar a "compreensão do significado social do ser criança." (Rosemberg, p. 19, 1984).

Estabelecida a questão da literalidade dos textos a serem ofertados às crianças e aos adolescentes é preciso pensar no modo de apropriação dos mesmos pelo público-alvo. Surge então a necessidade de pensar na proposição da pedagogia histórico-crítica para o trabalho com a literatura na sala de aula. E, neste caso, a leitura literatura precisa ser vista não apenas como deleite, fruição. Ela deve prezar por uma abordagem metodológica que recorra a um ensino cujos conteúdos e metodologias não sejam deturpadas, de modo que ora sirvam para promover um valor exagerado ou distorcido do potencial da literatura em promover a compreensão da realidade humana, ora sejam usados para transformá-la em uma "muleta pedagógica" para transmissão de valores morais.

Um adendo importante: ao considerarmos a leitura literária como um objeto de estudo sistematizado e planejado com critérios que possam analisar todo a robustez e potencialidade da literatura na formação humana não estamos de modo algum querendo deixar de lado o prazer e o deleite do texto literário. Pelo contrário, quanto mais se

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

desenvolver o potencial do texto literário aliado à capacidade de compreender, ressignificar e simbolizar, maior será a capacidade de fruição.

Evidencia-se, portanto, nessa proposta metodológica, orientada por um viés histórico-crítico que não basta ler e dar acesso a livros literários para formar leitores reflexivos e socialmente engajados com o contexto sócio-político do qual fazem parte. É preciso pensar em um ensino que priorize o estudo de modo que o estudante tenha contato com textos e estéticas mais elaboradas para que a literatura seja vista como algo a ser ensinado mediante um plano pensado, discutido, avaliado e retroalimentado pelas discussões advindas. Dito de outro modo, um trabalho que não deixe de fora a necessidade do legado cultural decorrente da leitura dos clássicos, mas que também não seja alienado a ponto de ser desligado da realidade, do mundo, da vida, da história social e cultural do aprendiz. (Dalvi, 2013).

A possibilidade de se sentir representado é um fator importante na leitura de obras literárias que simbolizam personagens socialmente excluídos ou que retratam minorias. Tal fato é fundamental para o diálogo, para a elaboração de um estudo reflexivo com a literatura, principalmente no caso do nosso país, onde a escola pública abriga a classe operária que é negligenciada em seus direitos sociais e que muitas vezes precisa questionar as possíveis ambiguidades do ponto de vista sócio-histórico. O texto literário é porta aberta para tudo isso desde que esteja, como já dito, engajado em um ensino compromissado com a necessidade da leitura de qualquer autor para que possa "ajudar-me a formar ou transformar minha própria linguagem, a falar por mim mesmo, ou escrever por mim mesmo, em primeira pessoa com minhas próprias palavras" (Larrosa, 2016, p. 11).

A compreensão superficial ou romantizada do potencial do poder do texto literário resulta em uma possibilidade de ensino superficial ou inadequada. Esse fato se dá principalmente pelo tratamento acrítico e irreflexivo desse ensino. Importante ressaltar que não consideramos a literatura como capaz de sozinha humanizar ou modificar ações humanas. Compreendemos que o ensino da literatura, como saber cultural e sistematizado é capaz de gerar reflexões que nos levam a compreender a consciência humana e nos tornarmos seres humanos mais conscientes de nosso papel social e mais cientes de nossas responsabilidades com a realidade em que vivemos e que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

podemos, portanto, buscarmos possibilidades de transformá-la. Ou, conforme as palavras de Dalvi (2023)[28]:

> Ou seja, a apropriação e a objetivação do conhecimento dos conteúdos literários não nos humanizará porque nos tornará melhores, mais bonzinhos etc. Mas porque nos complexificará, nos permitindo entender a cultura humana como objetiva, subjugada ao movimento (ao dinamismo, à transformação), à contradição e à não linearidade. Desse modo, a seleção de conteúdos e de um método de ensino pautado na ciência positiva, como costuma acontecer na historiografia tradicional congelada dos livros didáticos e mesmo em muitos currículos dos cursos de Letras país afora, é não apenas improdutiva pedagogicamente, mas é falsa e desonesta, porque não permite reproduzir no pensamento o movimento do real. (Dalvi, p.124. 2023).

Essa é a razão fundamental pela devemos nos preocupar com o ensino da literatura e por que estudá-la de forma a contribuir para que o seu estudo se contraponha às formas de alienação e ao sistema de produção vigente, dividido em classes e tão hostil às artes em geral. A pesquisadora supracitada alerta ainda para o fato de que é preciso atentarmos para qual educação literária é necessária diante da sociedade em que vivemos. Se considerarmos que a sociedade capitalista reproduz, promove e corrobora com os valores das classes dominantes e, neste caso, reforça as desigualdades sociais, a educação reflexiva por meio do estudo da literatura é notadamente importante para se perceber que não é possível desvincular o processo educacional do contexto econômico, social, político e cultural. (Dalvi 2021).

Esse latente poder de transformação faz com que a ficção seja capaz de imbuir nos indivíduos aparato para que eles possam se enxergar no mundo e no mundo do outro, conforme menciona Larrosa (2016). O resultado desse processo é o desenvolvimento de uma consciência individual e também coletiva. Consciência que é não possível ser alcançada quando

> [...] as práticas de leitura propostas na (e pela) escola não estão

[28] Transcrição de palestra homônima realizada no dia 01 de abril de 2021 para Universidade Federal de São Paulo como atividade vinculada ao curso de especialização em Literaturas de Língua Portuguesa: Identidades, territórios e deslocamentos – Brasil, Moçambique e Portugal, diferentes olhares (UNIFESP/UAB/CAPES). A transcrição foi realizada por Monique Alves Vitorino, professora que atuou como orientadora no referido curso de especialização, e foi devidamente revista pelo palestrante.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> ancoradas numa concepção clara sobre o que é ler, prejudicando a implementação de práticas de leitura que redundem na formação de leitores completos, com capacidade de produzir sentidos pertinentes e de se posicionarem criticamente diante do lido (Dalvi, Pitta e Guimarães,2023, p. 208).

Decorrente dessa concepção, salienta-se, portanto, o valor da leitura como primordial ao desenvolvimento humano seja em quaisquer aspectos: intelectual, pessoal ou social. Desse modo, a educação literária torna-se uma ferramenta para apropriação do ato de ler e alavanca o poder de transformar os sujeitos. A leitura permite ampliar a capacidade de significar o mundo e ressignificá-lo para melhor se adaptar como sujeito cognoscente.

A partir dessa conjetura é fundamental a compreensão de que ler é muito mais do que decodificar. A relação do leitor com o texto é um trabalho ativo e profundo de apropriação. Dito de outro modo, conforme nos ensina Eco (1994, p. 9) "todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça sua parte do trabalho". Somos, por intermédio de nossas leituras, levados a produzir significados o tempo todo em nossas relações nos mais diversos acontecimentos, seja pelo fato de concordarmos ou de refutarmos os dizeres dos outros e inevitavelmente, por vezes, ampliar a sentença expressa por outrem. (Geraldi, 1978) nos orienta que:

> estamos sempre às voltas com as palavras e com elas vamos construindo para nós mesmos e para os outros os sentidos do que vemos, tocamos, ouvimos: nos espaços, os homens, as coisas e suas relações são temporalizados pelas linguagens com que referimos e interpretamos o que nos acontece (Geraldi, 1978, p. 2).

Refletindo sobre essa concepção de leitura, pode-se observar que nem sempre as práticas de ensino de leitura e as propostas metodológicas da escola para esse ensino a levam em consideração, o que pode resultar em um ensino incapaz de desenvolver a capacidade de produzir sentidos e reduzir a possibilidade formar leitores completos que consigam ressignificar o que foi lido atribuindo um novo significado pertinente. (Dalvi, Pitta e Guimarães, 2024).

Fazendo uso dessa concepção de leitura e dos impactos que o ato de ler com proficiência pode provocar na vida leitor, mais uma vez é preciso reforça o papel sócio-político da leitura. À escola cabe, segundo Saviani (2013), proporcionar os mecanismos necessários para levar o alunado a um saber elaborado. Por isso o trabalho reflexivo,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sistematizado com o ensino da leitura literária é tão necessário. A garantia dos direitos constitucionais mínimos para a proteção da dignidade humana, conforme resguarda nossa Constituição perpassa pela ideia de que a "educação básica é um direito (em oposição a privilégio) e busca, em sua abertura universal, o aprendizado de saberes válidos para toda e qualquer pessoa, responde as necessidades educativas do desenvolvimento humano" (Cury, 2008, p.26).

Aos saberes considerados válidos para toda e qualquer pessoa, destacamos o papel da leitura e especificamente a capacidade e a dimensão que o texto literário pode atribuir a ela. Na sociedade grafocêntrica em que vivemos a mediação da leitura é imprescindível, por isso é preponderante garantir que a escola exerça com qualidade sua aquisição e a valorização do texto literário como bem cultural e como elemento norteador para o desenvolvimento da formação omnilateral.

Klebis (2008) aceira que

> Ainda que a escola não seja a única instância responsável pela dinamização das relações entre os sujeitos e os objetos culturais, seu papel na construção dessas relações é primordial, de modo que não podemos pensar a leitura sem considerar o papel da escola
> (KLEBIS, 2008, p. 37).

Compactuando com essa tese, (Zilberman, 1987, p.25) corrobora afirmando que é papel da escola entender que se faz preciso a percepção de que o "deciframento e compreensão do texto, através do estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional" são essenciais para a garantia da leitura proficiente como um pilar a ser alçado na educação básica.

Conclusão

A instituição escolar é basilar para o processo de formação de leitores e para o aprimorando das práticas de leitura. Ainda que esse fato seja uma constatação unânime, sabemos que nem sempre o lugar de relevância da leitura e sobretudo do tratamento dado ao texto literário encontram ecos no espaço escolar e nas práticas docentes. A leitura não pode ser aclamada apenas como meio para o (re)conhecimento da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

materialidade linguística do texto (Ziviani e Moraes, 2016). O ato de ler é responsável pela atribuição de sentidos, pelo processo ativo de significar a linguagem o que o torna, sem dúvida um ato social, político, cultural e histórico.

No caso da educação pública, fortalecer públicas de fomento à leitura, de acesso a livros e de formação de leitores é um compromisso que todo governo precisa ter para cumprir o que está estabelecido pela Constituição Federal no tocante à qualidade do ensino e ao direito inalienável do cidadão. Pensar formas de organizar o ensino da literatura na escola e a busca do como ensinar exige preparo docente e compromisso da escola com seus aprendizes, afinal a literatura "é reflexo artístico da realidade histórica e social (Corrêa et al, 2019).

Negar a oferta do conhecimento historicamente construído, como destaca Ramalhete (2020), em detrimento de finalidade diversas, sobretudo moralistas, utilitaristas e instantâneas não pode contribuir para uma mudança social; quando muito, contribui para a reprodução social vigente.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Ana Laura dos Reis et al. Literatura e Vida Social. In: CORRÊA, Ana Laura dos Reis; HESS, Bernard Herman; ROSA, Daniele dos Santos (Org). **Caderno de Literatura: um percurso em literatura na educação do campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2019. p. 12-38.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação básica como direito. **Caderno de Pesquisa**, v. 38, n. 134, p. 293-303, maio/ago. 2008. Disponível em: <scielo.br/j/cp/a/QBBB9RrmKBx7MngxzBfWgcF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2014.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: Propostas didático-metodológicas. In: Dalvi Maria Amélia et al. **Leitura literária na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Políticas públicas para educação literária: nem públicas, nem literárias? In: BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva.

Literatura na escola: contextos e práticas em sala de aula. Campinas: Pontes, 2018, p. 23-38.

_____. Educação, literatura e resistência. In: Macedo Maria do Socorro Alencar. **A função da literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2021.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

_____. Literatura na escola propostas didático-metodológicas. In: Telles, Luís Fernando Prado. **Diálogos Transatlânticos literatura, cultura e educação**. São Paulo UAB: UNIFESP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/626bd115-184d-4207-9562-b7796097d0ca/full >. Acesso em 13 de jul. de 2024.

DALVI, Maria Amélia; PITTA, Rodrigo Gonçalves Dias; GUIMARÃES, Sheila Cristina Trevisal. Currículo escolar e literatura: entre a necessidade e a possibilidade de experiências literárias. **Espaço Plural**, *[S. l.]*, v. 19, n. 39, 2024. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/33125. Acesso em: 13 jul. 2024.

ECO, Humberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GERALDI, J. W. Leitura: uma oferta de contrapalavras. **Educar**, Editora UFPR, Curitiba, n. 20, p. 77-85. 2002, p. 78

KLEBIS. Leitura na Escola: problemas e tentativas de solução. In: Silva. Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola**. São Paulo, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MOURA, DAYANE CAMPOS da Cunha**;** Dias, Rafaela Kelson**.** A leitura como experiência e a experiência de leitura entre alunos de camadas populares. In: **O que pode**

a literatura na escola? NOGUEIRA, Elza de Sá; Botelho, Patrícia Pedrosa (Orgs). Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2023, p. 11-33. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/profletras/wp-content/uploads/sites/138/2023/05/O-que-pode-a-literatura-na-escola-3.pdf>. Acesso em 03 de jul. de 2024.

RAMALHETE, Mariana Passos. **O retrocesso empurra a porta: a literatura infantil e o Programa Conta Pra Mim**. Caderno de Letras, n. 38, p. 151-167, 2020.

ROUXEL, Anne. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide Luiza de Azevedo. In: DALVI, Maria Amélia. et.al. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROSEMBERG, F. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1984.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1987.

ZIVIANI, Mariza Carvalho Nascimento; MORAES Sandrina Wandel Rei de. A leitura como direito na educação básica. In: **Pró Discente**: Caderno de Produção Acadêmico Científica. Programa de Pós Graduação em Educação, Vitória ES, v. 22, n. 1, p. 104 121, jan./jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/nayperovano,+6LinguagemALeituracomoDireitonaEducacaoBasicaFINAL-2.pdf >. Acesso em 13 jul.2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA ALIADO AO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS COMO INCENTIVO PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS LEITORES.

Florisbela Deuselita de Oliveira[29]

Resumo: Sabemos que o ensino e a prática leitura de literatura tem passado por várias transformações ao logo dos tempos e todas elas foram e são fundamentais para facilitar a nossa comunicação. Ao leitor literário que se apresenta como uma das grandes preocupações dos professores tanto de português quanto daqueles que irão mediar os contatos dos alunos com os livros de literatura nos primeiros anos de escolaridade. Dentro dessa perspectiva, o presente artigo tem como objeto de estudo analisar a importância do ensino da literatura ligado as novas tecnologias como incentivo para formação de futuros leitores, em busca de subsidiar a prática docente para favorecer do contato da literatura com os alunos. Para tanto, estabeleceu-se como objetivo geral: refletir sobre a importância do ensino de literatura no uso das novas tecnologias como incentivo como prática de hábito de leitura na formação de leitores. E como específicos; analisar as metodologias leitura de textos literários na sala de aula, em seguida, facilitar a inserção de aproximação das mídias como ferramentas de incentivo à leitura, como também, oferecer propostas dos professores para promover a inserção e maior acessibilidade da literatura a seus alunos. Esse estudo se realizou através de pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos de revistas qualificadas como forma de alcançar por ora os objetivos propostos. Entre os autores referenciados estão Ramos (2010), Cavalcanti (2002).

Palavras-chave: Literatura, Formação de Leitores, Tecnologias

Introdução

Atualmente se faz necessário questionar como são as formas inserção e acolhimento dado a textos literários na escola, uma vez que, em muitas escolas o ato da leitura de obras literárias se implanta como um fator obrigatório sem liberdade de escolhas de tipologias nem de gênero nos textos abordado.

A maior preocupação acerca dessa problemática se se insere nessa imposição para com a leitura de literatura que pode não ser favorável para instigar o interesse em querer ler, em decorrência da forma que a leitura de literatura se passa a ser introduzida com uma imposição, sem oferecer alternativa aos alunos em optar por suas preferencias, e isso, possivelmente evidenciará um aluno não-participativo, que não foi despertando o

[29] Mestranda do PPGEL da UFPI. Grupo de Pesquisa DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS E ENSINO - DEPE.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

interesse para ser tornar um leitor de textos e posteriormente de livros. Pensando assim, remetemos ao seguinte questionamento: Qual o motivo pelo desinteresse por esse tipo de leitura tanto em sala de aula quanto fora dela? Como os professores podem fazer para despertar a descoberta do prazer que a atividade de leitura pode proporcionar?

Perante a esses questionamentos elencamos como objetivo geral; refletir sobre a importância do ensino de literatura no uso das novas tecnologias como incentivo como prática de hábito de leitura na formação de leitores. E como específicos; analisar as metodologias leitura de textos literários na sala de aula; Em seguida, facilitar a inserção de aproximação das mídias como ferramentas de incentivo à leitura; como também, oferecer propostas dos professores para promover a inserção e maior acessibilidade da literatura a seus alunos.

Os principais interesses do ensino da literatura na escola deveria está voltado para contribuir com os educandos para que possam conhecer a fundo a literatura, não só como matéria ou dever escolar, mas sim, como algo prazeroso, e isso depende muito do professor, da escolha dos materiais a serem trabalhados em sala de aula, é preciso que o aluno conheça aquilo que está sendo transmitido e qual a melhor forma de utilização que são: motivação, introdução, leitura e interpretação, é preciso que o aluno esteja motivado em segundo é necessário que o mesmo conheça aquilo que está sendo lhe apresentado, para que se possa fazer uma leitura consciente daquilo que está lendo e interpretando.

2. ANÁLISE DAS METODOLOGIAS LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA SALA DE AULA.

A formação inicial do leitor em nossa sociedade se dá, sobretudo, através do texto literário. Muitas crianças iniciam esse contato com a leitura de ficção desde o início da vida e esse contato se intensifica com a entrada na escola. Em referência ao capítulo “A literatura infantil e juvenil brasileira faz história”, Vera Teixeira de Aguiar, que menciona um ótimo percurso histórico da literatura infantil e juvenil, o livro como

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

principal objeto de investigação no capítulo mencionado, se insere como um forte recurso para construção e adaptação da leitura e escrita infantil e juvenil.

Inicialmente se faz necessário questionar como são as formas de acolhimento dado aos textos literários na escola, uma vez que, se observa que em muitas escolas o ato da leitura se implanta como um fator obrigatório sem uma prévia análise ou preocupação com as escolhas de tipologias e nem gênero que vai ser trabalhado na sala de aula.

> Antes mesmo de pensarmos propriamente na questão de ensino, precisamos ter em mente que ensinar literatura neste século não se resume a apenas trabalhar com livros, levando em conta sua materialidade. Professor em sala de aula não pode ignorar que cada um dos leitores é um pouco espectador e um pouco internauta (Ramos, 2010, p.27).

Essa iniciação de abordagem realizada de forma como uma exigência da leitura em literatura, pode não ser favorável, em decorrência do modo que a leitura de literatura passa a ser imposto como obrigação, sem dar alternativa para os alunos optar por suas preferências, com isso, possivelmente evidenciará um aluno não-participativo no assunto, e que provavelmente não despertará o interesse para ser tornar um leitor de textos e posteriormente de livros.

Em muitas situações, os trechos de obras literárias inseridas nos livros didáticos realizadas pelos sistemas de ensino, não se dispõe a ser vinculado com atividades que torne prazeroso o estudo no contexto escolar, e sim inseridas como uma obrigação, com isso, a literatura acaba sendo proposta de forma obrigatória com obras chatas e incompressíveis de um português rebuscado demais para o gosto dos estudantes atuais. Certamente é na escola que grande parte dos alunos terá o seu primeiro contato e, em muitos casos, o único com a literatura. Daí a importância de garantir que essa aproximação seja feita por meio de livros da mais alta qualidade.

> Propondo-se facilitar o trabalho do professor, o livro didático limita sua criatividade e o domínio do conhecimento teórico, embora diminua a dependência discente da palavra do professor para obter sucesso acadêmico. Entretanto, como fonte única de informação factual e de saber literário, enfraquece os interesses e os limites investigativos, bloqueando a curiosidade intelectual. Apesar de nem sempre os alunos observados terem sido silenciados por estratégias autoritárias explícitas, foi possível perceber a pressão apassivadora causada pelos limites de tempo, pelo programa positivista, pela forte expectativa sociocultural de passar nos exames (Leahy-Dios, 2000, p. 106).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As práticas de ensino de literatura podem equivocar-se também no tipo de mediação que exercem. Atuar como mediador no processo de aquisição de habilidades de leitura, inclusive do texto literário, é papel central do professor. Organizar o espaço da sala de aula, propor objetivos de leitura, fazer perguntas que facilitem o processo interpretativo etc., são formas de atuar positivamente nesse processo. Assim Ramos, menciona que:

> Nos anos iniciais, do primeiro ao quinto (1ª a 4ª séries), a literatura existe, porque é inerente ao processo de aprendizagem da leitura, mas ainda não é conceituada na sua especificidade literária. É apenas classificada: literatura infantil, literatura juvenil, literatura infanto-juvenil, literatura para crianças, literatura para jovens; é apresentada enquanto leitura, deleite, prazer, imaginação, aventura, mistério (Ramos, 2010, p.29).

Conforme afirmado pelo autor, a leitura em livros didáticos realizadas pelos sistemas de ensino, em dos muitos casos, não se dispõem a ser vinculado com algo prazeroso no contexto escolar, e sim inserido como uma obrigação, com isso, a literatura acaba sendo proposta de forma obrigatória com obras chatas e incompressíveis de um português rebuscado demais para o gosto dos estudantes atuais. De acordo com Ramos;

> Quando os alunos ingressam no sexto ano parece lugar comum os professores declararem que o interesse pela leitura diminui, exatamente porque aí ela começa a ser vista como cobrança, geralmente acompanhada pelas ultrapassadas *fichas* (sim, elas ainda existem!) de leitura e/ou solicitação de resumos - para que o professor tenha a *comprovação*, *confirmação* de que o aluno leu. Nos dois anos seguintes, a literatura ainda vem acoplada à ideia de leitura de livros, e o seu conceito começa a fazer parte da vida dos estudantes. (Ramos, 2010, p.29, grifo do autor).

Nas palavras do autor, trabalhar com literatura em sala de aula é de fundamental importância para a leitura, mas é necessário que o docente saiba selecionar quais textos de literaturas devem ser apresentados aos seus educandos, dependendo da faixa etária de cada um, pois dependo das escolhas desses textos podem distanciar ainda mais alguns alunos do gosto pela leitura. Entretanto, sabe-se que é necessário conhecer as variações de correntes e estilos dentro da literatura, porém de fundamental importância dar prioridade despertar o prazer de ler literatura, pois no mundo cibernético já é imposto outros tipos de leituras em velocidades extremas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Conforme a formação escolar avança para o ingresso no ensino médio, a leitura vai sendo vista como "tortura, chatice e aborrecimento" - como posteriormente demonstraremos no tópico em que centraremos nossa abordagem na literatura para o vestibular - e a literatura passa a ter caráter de mero exercício escolar, portanto, uma *matéria* obrigatória para ser cobrada (Ramos, 2010, p.29, grifo do autor).

É muito comum hoje alunos do ensino médio ter uma rejeição muito grande em relação a literatura, isso ocorre talvez por conta desses alunos não terem sido apresentado a literatura no ensino fundamental ou porque não viu também na educação infantil ou se viu, talvez não tenha sido de forma estimuladora e prazerosa.

Sabemos que, o livro didático é de grande ajuda no processo de ensino – aprendizagem, contudo perceber-se também, que o livro didático vem deixando a aprendizagem condicionalmente mecânica, no que diz respeito ao espaço da literatura, pois em várias situações ele é visto como uma única fonte de transmissão de conhecimento nesta área para o jovem leitor, acrescentando assim, mais como um fator negativo para ele no quesito explorar a literatura, se for comparado ao mundo das altas tecnologias.

> Formar leitores é compromisso da família e da escola. Também deve fazer parte dos interesses de toda a comunidade, pois uma sociedade não letrada, ou mesmo formada por leitores funcionais, está fadada à condição de miséria e indignidade. Nunca a questão da formação de leitores foi tão discutida como nos dias atuais, até porque se entende que o desenvolvimento de uma nação depende do nível de letramento dos seus habitantes. Não existe país livre e desenvolvido sem investimentos na educação e na leitura (Cavalcanti, 2002, p.2).

Em suma torna-se prioritário democratizar a leitura de literatura brasileira a um encontro do prazer como jovem leitor, com o propósito de entendimento que o ato de ler para o aluno deve produzir mais formas pensar diferente do que está sendo colocado para ele.

Já é um desafio bem conflitante e árduo pensar em política públicas de estímulo ao livro e as leituras, em um país de poucos leitores e de grande extensão territorial e que em muitos casos, muitas cidades e várias localidades faltam de bibliotecas e livrarias, e quando existe há ausências de bons títulos nacionais, que possam sim despertar estímulo e prazer pelas leituras. E isso pode ser motivo mais do que suficiente, para continuar desinteressante na hora de ler, para quem ainda não o prazer de exercer esse ato.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Regina Zilberman em seu texto sobre "O papel da literatura na escola" aponta novas questões que se evidenciam: como formar leitores competentes de textos escritos informativos e, simultaneamente, bons apreciadores de literatura? Ou é preferível optar por preparar leitores em, ao menos, uma dessas modalidades, esperando que, por decorrência, o resultado conduza o aluno a outros tipos de texto? Questões essas, importantíssimas que deveriam ser repensadas por parte de todos os professores e não só os de literatura.

> O exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura. A escola dificilmente o promoveu, a não ser quando condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática. Hoje, quando o ensino está em crise, apresenta-se como necessidade prioritária, pois faculta avizinhar-se a um objeto tornado estranho no meio escolar. Porém, talvez se constitua também no ponto de chegada, na medida em que oferece opções diversas daquelas recorrentes na história da educação (Zilberman, 2008, p.18).

A autora menciona também que a leitura de textos se apresenta como prática inusitada, e a literatura, em boa parte das escolas nacionais, como um alienígena, sobretudo nas que atendem os segmentos populares, mesmo em grandes centros urbanos.

Na parte de "A leitura da literatura" discorre sobre as propriedades da literatura como formação de expressão pelos leitores, conciliando a racionalidade da linguagem e utopia da fantasia no leitor, mostrando o ângulo individual do leitor e ângulo social e seus efeitos para socializar as experiências e conclusões de pensamento.

Atualmente, o acesso dos alunos as obras de literatura, é permitido pelo aumento da oferta editorial desse gênero e, também, por possuir um forte vínculo com a escola. As obras indicadas a esse destinado público além promoverem um benéfico desenvolvimento da leitura intencional.

> Atualmente não mais compete ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Por sua vez, a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa (Zilberman, 2008, p.16-17).

É importante ressaltar que os modelos mais satisfatórios veem ligados ao comprometimento de transmissões de valores ao oferecerem bons padrões de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

comportamento, e até ajudam a dar estrutura e representação gráfica no cotidiano escolar, contudo, o educador não deve estar centrado apenas nele, ou melhor, dizendo, os procedimentos didáticos não devem ser unicamente o livro literário ou paradidático, porque de certa forma oprime o universo vasto de leitura e escrita.

3. COMO FACILITAR A INSERÇÃO DE APROXIMAÇÃO DAS MÍDIAS COMO FERRAMENTAS DE INCENTIVO À LEITURA?

Trabalhar leitura de textos literários é de fundamental importância para o desenvolvimento dos educandos, mas ainda temos esses problemas que afetam bastante a maioria das escolas brasileira que é a falta de comprometimento do professor, escolha de material inadequado e apresentado sem motivação, sem estímulo algum. Cabe ao professor selecionar os tipos de textos a serem trabalhados de acordo com a faixa etária de cada aluno e trazendo novas metodologias de leituras que possam envolver e levar os mesmos a terem o gosto pela leitura de textos literários.

Assim, analisando as condições de possibilidades de inserção de práticas de leitura de literatura entres os jovens, uma vez que, no contexto atual muitos desses jovens já estão ligados direta ou indiretamente com as novas tecnologias, e com a inserção desses mecanismo a principal intenção trabalho é buscar formas de facilitar o acesso a leitura de literatura a quem não tem muitas opções de acessibilidade a literatura no modo mais tradicional “livros”, em especial, a literatura brasileira, que é o principal percurso desse estudo, Assim entendemos que “o leitor do livro é o mesmo da imagem e este pode ser o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo” (Santaella, 2004, p. 16).

Entretanto, sabe-se que é necessário conhecer as variações de correntes e estilos dentro da literatura, porém de fundamental importância dar prioridade despertar o prazer de ler literatura, pois no mundo cibernético já é imposto outros tipos de leituras em velocidades extremas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade rodeada por aparelhos tecnológicos, onde os adolescentes já se acostumaram a fazer boa parte de suas tarefas pela internet ou através de outros tipos de mídia, é inevitável que as aulas sejam interrompidas pelo uso de tablets, celulares, notebooks e afins.

Portanto, uma boa saída adotada pelos professores é usar justamente desses meios em suas aulas, como forma de interagir melhor com seus alunos e chamar a atenção para a aula. É comum que os profissionais da educação se sintam inseguros, despreparados, afinal, qualquer novidade no modo de dar aula causa certa desconfiança, e os professores podem se sentir inseguros com essas novas estratégias.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Joana. **Leitura: o despertar da Cidadania**. 1ª ed. – Recife, UNESCO, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo:
Paullus, 2004.

LEHAY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**. Desvios e Rumos. Niterói: EDUFF, 2000.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Literatura e ensino** / Tânia Regina Oliveira Ramos, Gizelle Kaminski Corso. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 104 p.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica.** Nº 14. Dez/2008. P 12-22.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DISCURSO E OS ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS NO CORDEL *A BALAIADA*, DE CID TEIXEIRA DE ABREU

Sara Cristina Soares Carvalho[30]

Resumo: O presente artigo se refere a análise do cordel "A Balaiada", de Cid Teixeira de Abreu sob a perspectiva da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa, que tem como precursor Michel Pêcheux. O objetivo do trabalho é, através da Análise do Discurso, verificar os discursos presentes na produção do cordel, bem como os aspectos sócio-históricos, históricos-ideológicos, como o poder se autoriza nos discursos presentes e a caracterização dos discursos em relação com a historicidade de acordo com as condições de produção.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Cordel. A Balaiada. Cid Teixeira de Abreu. Poder.

Introdução (elemento obrigatório)

A Análise do discurso, ou AD, é uma área da linguística emergida na França em meados de 1960, no século XX, tendo como principal fundador Michel Pêcheux. É uma teoria responsável pelo estudo da fala. Não somente a fala verbalizada, mas tudo aquilo que é passível de ser construído um discurso, sejam essas palavras faladas ou escritas. Considerando até mesmo exemplos de linguagem não verbal, se isso contribui para a construção do discurso a ser analisado. É uma área que busca ir além do que foi enunciado, pois, investiga a compreensão, o sentido, a significação que rodeia o que foi dito.

Posto isto, a perspectiva da análise discursiva francesa foi aplicada ao cordel "A Balaiada", do autor caxiense Cid Teixeira de Abreu. O cordel narra um evento histórico corrido no Maranhão por volta do século XIX, mais especificamente entre os anos de 1838 a 1841, decorrente de uma revolta popular contra governantes e sistemas sociais presentes na época do Brasil Império. Para além dos eventos históricos, é possível identificar no cordel aspectos socioeconômicos e ideológicos, bem como a maneira em que são colocados, abrindo assim um vasto campo para uma análise discursiva da obra.

Através disso, pode-se perceber que de algo simples como o cordel – um gênero cultural literário e oral significativo na cultura brasileira, em especial na cultura regional

[30] Graduanda em Letras Português. Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Análise do Discurso: Prática discursiva e produção de sentidos nos textos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

nordestina – é possível educar, entreter, e transmitir discursos repletos de ideologias aos leitores, abordando questões históricas, sociais e políticas, permitindo uma análise crítica e reflexiva de uma narrativa declamada.

Fundamentação Teórica

A pesquisa foi realizada tendo como base teórica as investigações de pensadores e estudiosos a respeito da Análise do Discurso. Sendo esta, então, um campo da linguística que investiga a relação existente entre a linguagem e o meio social, além de examinar os discursos produzidos levando em consideração as condições de produção, os contextos históricos, as ideologias de quem produz e recebe o discurso, bem como outros fatores determinantes, Pêcheux (1996) determina que o discurso é o efeito de sentido produzido entre locutores. Esse efeito de sentido é a significação do discurso, um sentido gerado dessa interação influenciado por condições sócio-históricas e ideológicas. Pois, para ele, os sentidos produzidos são gerados de acordo com as posições que cada sujeito do discurso ocupa, e em decorrência disso as palavras ganham sentidos não fixos, dependendo de quem as emprega, do como e do porquê. Como explica:

> "... as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas..." (PÊCHEUX, 1997a, p. 160)

Para Eni Orlandi, "o discurso é o estudo ou a observação do homem falando" (Orlandi, 2005. P.15). Isto é, um estudo conjunto da fala, de como o sujeito usa a linguagem na comunicação. Embora a análise gramatical seja importante para a análise de um discurso, essa investigação vai além da análise textual. É uma prática abrangente, buscando revelar a natureza dinâmica das palavras, como o homem utiliza-se dela e como "a língua faz sentido por/para os sujeitos", visto que, mais do que reprodução de palavras o discurso é um meio propagador de emoções, pensamentos e intenções. Como elucida a seguir:

> "(...) o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos" (Orlandi, 2005, p. 17).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Para Michel Pêcheux (1975), "não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido". Em outros termos, a língua faz sentido para o sujeito em razão da ideologia a qual ele carrega. É essa ideologia que produz sentido a sua fala, ao seu discurso. Pois o discurso é única e exclusivamente uma fala carregada de ideologia

De acordo com Helena Brandão, "a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são históricos-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção" (Brandão, 2006, p. 11). Sendo assim, a linguagem torna-se um campo de conflito e confronto ideológico por meio da convergência e colisão de deias, crenças, opiniões etc., e por isso deve ser pensada em relação a sociedade, sendo melhor entendida quando observada a sua construção no meio social, de forma prática.

Sobre isso, a Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough, defende "a ideia de que a vida social é constituída por práticas. A prática social é o conceito basilar da Análise de Discurso Crítica, que busca analisar as relações entre a linguagem e os outros momentos da vida social no fluxo ininterrupto dos eventos sociais." (Introdução... [*S. d.*], p.1). Essa teoria sustenta que a vida social é formada pela maneira como a sociedade interage em diferentes contextos e situações. Portanto, busca entender como a utilização da linguagem influencia ou é influenciada pelos aspectos da vida social, considerando a linguagem em um contexto mais amplo.

Segundo Fairclough (2016), a análise do discurso abrange aspectos socias e culturais da linguagem, bem como das ideologias e o seu papel na sociedade e suas ocorrências. Ele aborda que o conceito de discurso e análise de discurso é tridimensional: *texto, prática discursiva* e *prática social*. E explica:

> Esse conceito de discurso e análise de discurso é tridimensional. Qualquer 'evento' discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do 'texto' cuida da análise linguística de textos. A dimensão da 'prática discursiva', como 'interação', na concepção 'texto e interação' de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual-por exemplo, que tipos de discurso (incluindo 'discursos' no sentido mais socioteórico) são derivados e como se combinam. A dimensão da 'prática social' cuida de questões de interesse da análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> efeitos constitutivos/construtivos referidos anteriormente. (Fairclough, 2016, p. 22).

Fairclough (2016) afirma que a análise do discurso possui três dimensões pelo fato de que qualquer discurso passará por três etapas: o foco da análise linguística no texto propriamente dito, posteriormente será abordado os processos de produção e interação textual e, por fim, a análise social, reconhecendo a linguagem, a interação social e o contexto do discurso juntamente com a sua complexidade. Essa tridimensionalidade é de grande importância para o entendimento do discurso e para a compreensão dos sujeitos, tanto do "eu" como do "outro", sendo estes, respectivamente, o de locutor e receptor, aquele que produz e o que recebe o discurso construído. Essas duas posições são fundamentais para entender como os sentidos dos discursos são trocados, ajudando da compreensão de como acontece essa relação social e a posição de cada indivíduo na construção de identidade e poder através da linguagem.

A despeito da construção de poder através da linguagem, ou Relações de força, Orlandi (2005) declara que essas relações de força influenciam a produção, a disseminação e a interpretação do discurso em determinado contexto social ou na sociedade em si, portanto, fazem parte das suas condições de produção.

Althusser (1970) escreve sobre essa construção e manutenção de poder quando discorre acerca dos aparelhos ideológicos de Estado, diferenciando entre Repressores (AREs) e Ideológicos (AIEs), um funcionando, respectivamente, pela repressão física, o outro, pela ideologia. Ou seja, ele sugere que os discursos são elaborados e disseminados por instituições estatais para manutenção e reprodução de poder, no entanto, essa afirmação pode ser aplicada a qualquer sujeito ou grupo que, utilizando-se de força física ou ideológica, vise se manter no monopólio do poder, seja ele discursivo, político, etc.

Tendo em consideração a exposição, pode-se concluir que, fatores políticos, sociais, econômicos e culturais influenciam diretamente nas condições de produção de um discurso. Através da posição do sujeito e, consequentemente, do poder exercido no discurso construído, certos discursos podem valer mais que outros. Mediante isso, a análise crítica ajuda a explicar as dinâmicas de poder na sociedade, investigando possíveis

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

formas de resistência e transformação, assim como analisando as formas pelas quais as relações de poder são mantidas, contestadas e/ou transformadas na sociedade.

Análise do cordel "A Balaiada"

Em um breve contexto, a balaiada foi uma revolta ocorrida no Maranhão entre 1838 e 1841, que refletiu as insatisfações econômicas e sociais da época, especialmente para a camada popular, como já supracitado. O movimento contou com a participação de diferentes grupos sociais da camada popular que lutaram contra a exploração e opressão da elite e do governo imperial.

Sobre o cordel, o autor se utiliza da técnica de sextilhas (estrofe com seis versos) e rimas métricas com sílabas poéticas estruturadas em ABCBDB, ou seja, com o segundo, quarto e sexto verso rimando entre si, e o primeiro, terceiro e quinto verso com rimas livres. Narrando ao longo de 72 estrofes a história da balaiada. Dado isso, vamos a análise em questão.

Um dos principais discursos utilizados no cordel é o discurso da própria narrativa da revolta dos balaios, bem como a injustiça social e a resistência à opressão que podem ser facilmente identificados através dos versos, sendo também os principais temas da revolta, os quais evidenciam a luta dessa classe contra a opressão e dominação por parte da elite e do próprio governo. A própria iniciativa do autor de escrever sobre a revolta pode ser entendido como um indicativo da sua vontade de que esse evento histórico continuasse a ser lembrado. Pensando por essa ótica e como o cordel é um dos principais e mais conhecido meio de cultura, principalmente no Nordeste - e alcança diferentes níveis de pessoas, até mesmo aquelas que não têm acesso às informações desse evento histórico em livros didáticos escolares – o autor externaliza não somente o seu discurso, fazendo com que ele tenha um maior alcance, mas também torna a sua obra e o fato histórico em si conhecidos.

Através dessa narrativa, que traz muitos detalhes históricos, o autor apresenta os principais protagonistas da revolta: trabalhadores, escravos, indígenas, pequenos proprietários, dentre outros. A narrativa não apenas os menciona, mas é possível perceber nas entrelinhas do cordel a construção de um discurso, colocado pelo autor,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que não só demonstra, mas também evoca no leitor, um sentimento de empatia e solidariedade para com esses personagens históricos - os balaios - destacando seus principais motivos, suas

condições sociais, bem como a coragem e determinação que tinham. A exemplos das estrofes a seguir:

12ª
Era então insustentável
A horrível situação
O povo passando fome
O dinheiro em restrição
Por todos os lados se via
Só revolta e irritação

36ª
Tanto de escravos fugidos
Vaqueiros desempregados
Artesão sem residência
E muitos espoliados
Iam fazendo fileira
Confiantes declarados

67ª
Já em vinte e dois de agosto
Seguindo os anos quarenta
Um decreto de anistia
Alguns poucos inocenta
Pois a grande maioria
De medo não se apresenta

Nessas estrofes o autor cita as condições sociais as quais eram subjugados, como a fome, a falta de recursos, a indignação popular decrescente dessas situações, suas classes sociais e como eram subjugados em decorrência disso, mas também como eram homens determinados, fortes e convictos de sua luta, como exemplifica a estrofe 67 nos dois últimos versos.

Entende-se, pois, que o principal discurso posto pelo autor é de um sujeito favorável à balaiada - visto que é assim que vê e apresenta a história – e, portanto, contrário aos fatos que levaram a sua eclosão, bem como a outros sujeitos que também participaram da história, como os ricos e poderosos, e o governo imperial da época. Sendo assim, a forma que o autor ressalta a historicidade dos fatos de acordo com a sua própria interpretação pode, também, moldar a interpretação do leitor quanto à posição a qual interpretará a história declamada, visto que, os fatos narrados, assim são com base

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

em sua própria ideologia, e os significado das palavras e a interpretação de fatos não é algo estático e único, mas moldado por experiências individuais, na forma como o indivíduo interage com a linguagem. Sendo assim, a forma como o autor expõe os fatos pode fazer surgir diferentes significações ou entendimentos ao longo da leitura por parte dos receptores.

Desse modo, o cordel em questão é considerado um discurso externalizado do autor, não imparcial, mas subjetivo e ideológico. Esse discurso, por sua vez, baseia-se em discursos complementares, ou interdiscursos, definido por Eni Orlandi como "os sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos" (2005 p. 31). Sendo assim, tanto a história, como os fatos pesquisados, lidos em materiais como jornais, revistas, arquivos históricos etc., utilizados pelo autor para o domínio da história e a construção do cordel, eram materiais que já continham outros discursos e traços ideológicos, sendo, então, posto a eles, somente o acréscimo dos seus, repassando-os, então, aos leitores que entram em contato com o cordel. Confirmando assim, que não existe discurso com originalidade em si mesmo ou que não seja baseado e repleto de outros já existentes, como novamente afirma Orlandi ao dizer que "os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros ideológicos" (Orlandi, 2005, p. 43). Ou seja, tudo já foi dito antes, os discursos apenas são repassados ao longo do tempo, não originários em si mesmos, apenas reproduzidos, formados com base em referências e citações de discursos já existentes.

Assim, o discurso do cordel em específico, foi produzido com opiniões já formadas sobre o ocorrido da Balaiada, a qual o autor se identificou e reproduziu esses discursos no seu. Reconhecendo ao mesmo tempo, as diversas vozes presentes no texto que podem moldar a sua interpretação, bem como a interpretação do leitor a respeito do cordel lido, uma vez que, os interlocutores desse processo de construção de discurso trazem consigo suas próprias ideologias. O autor, então, as utiliza quando escreve, o leitor quando lê. Gerando o processo de significação, a qual Pechêux (1996) se refere como efeito de sentido.

Outro discurso encontrado na obra é a respeito das injustiças sociais. Cid Teixeira, expõe em suas estrofes, a exploração e a vida precária vivida pela população

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que fez parte da revolta, denunciando as desigualdades econômicas e sociais retratadas no cordel como o principal motivo da eclosão da balaiada; pois o governo era ao auxílio da elite, enquanto subjugava a massa operária, composta pela maioria da população. Um desses fatores sociais específicos era a escravização, muito presente em toda a história do Brasil, a qual o autor também discorre sobre na estrofe 7:

Mesmo a pequena Caxias
Também foi agraciada
Com seu comércio de escravo
Era muito procurada
E sua vida social
Bastante movimentada

Subtende-se que, através da estrofe, o autor condena a escravidão ocorrida no período da Balaiada e, consequentemente, na história do Brasil como um todo. Esse aspecto sócio-histórico remete ao fato de que o mercado de venda de escravos não era algo exclusivo do Maranhão, mas comum e aceitável no Brasil inteiro, como cultura de uma sociedade preconceituosa. Essa estrofe, em específico, revela o aproveitamento do poder para a exploração e opressão, denunciando a desigualdade social e o tráfico de pessoas. Ressaltando também a ligação entre a exterioridade do discurso e a história, ao trazer à memória o fato de que a "cultura brasileira" de escravização não acabou com a Lei Áurea, mas persistiu por muito tempo, chegando até os dias atuais, onde resquícios dessa ideologia respingam na sociedade atual, sendo, inclusive, o Maranhão, um dos pioneiros em trabalhos análogos à escravidão.

Esse aspecto histórico-ideológico remete às crenças e valores predominantes de uma sociedade passada que interage com as condições sociais, culturais, políticas e materiais de uma época atual. Essa estrofe também é de suma importância para o contexto da Balaiada, visto que é a principal motivação para a explosão da rebelião popular, que condenava a população à pobreza e desigualdade.

Outro fato a ser exposto é a revelação de Caxias como uma grande potência de vendas de escravos. Uma vez que, mesmo sendo repassado muitas histórias a respeito da cidade, e ser sabido de que nela havia escravidão, esse fato – de ter sido um grande comércio de vendas de escravos – pode ser desconhecido por grande parte da população

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

caxiense. Demonstrando mais uma vez o poder do cordel em questão para a propagação de ideias, fatos históricos, conhecimento e, portanto, de discurso.

A resistência contra a opressão e dominação é apresentada como um discurso complementar. O autor traz a resistência como um símbolo positivo dentro do cordel, como um ato de coragem, bravura e direito, divergindo da resistência do governo aos balaios, a qual Cid Teixeira traz de uma forma negativa, opressora e covarde. É evidente neste ponto a identificação do discurso; pois este, acerca do tipo de resistência, seria diferente caso o autor não se identificasse com o discurso histórico dos balaios. Através das estrofes, percebe-se que o autor legitima as ações rebeldes, e isso se deve por essa identificação, encontro ou convergência de ideologias do autor que conversam com as ideologias sócio-históricas encontradas no contexto da balaiada. Sendo assim, através desse cordel, subtende-se que o autor repassa o discurso de que não somente a resistência dos balaios, mas que qualquer resistência ou luta social é uma forma válida de busca por direitos, igualdade, liberdade e dignidade.

Por fim, o poder entra como um discurso adicional, e talvez seja o mais importante e presente no cordel, mas principalmente na história em si, usado para dominação e opressão da grande massa da população. Althusser discorre sobre o poder em seu livro *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, afirmando que a classe dominante, no intuito de manter sua dominação "gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração" (1970 apud Brandão, 2006, p. 23). Entra, então, o Estado, com aparelhos repressores, a qual define como AREs (Aparelhos Repressores de Estado) e AIEs (Aparelhos Ideológicos de Estado). Respectivamente, um funciona pela repressão física, o outro pela repressão ideológica, suprimindo valores e ideias em detrimento da imposição de uma determinada ideologia dominante. No aspecto histórico, os sujeitos do cordel – os balaios – foram reprimidos ideologicamente e fisicamente.

No sentido ideológico, sendo desmoralizados, descritos de forma negativa, como inferiores, assassinos, ladrões, rebeldes, dentre outros adjetivos. Primeiramente para justificar as repressões, principalmente as físicas, em seguida para deslegitimar suas reinvindicações, com o objetivo de manter uma ideologia dominante, tanto política quanto financeira e racial. Como exemplifica a estrofe (47) a seguir:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

47ª
Os balaios homens rudes
Sempre marginalizados
Chamados “inferiores”
Tanto tempo desprezados
Como assassinos e ladrões
Eram pois assim chamados

No sentido físico, Althusser traz organizações tais quais o sistema judiciário e a polícia como aparelhos repressores do Estado (AREs) que utilizam a força para a manutenção da ordem ou dominação. Isso é perceptível na história e no cordel com a descrição do envolvimento militar, bem como nos relatos de prisões, torturas e assassinatos dos rebeldes. Um exemplo do uso da violência de forma direta, com o objetivo de dissuadir a rebeldia presente através do medo e pânico psicológico, utilizando-se da força, estruturas jurídica, política e sociais para tal fim. A exemplo das estrofes 15, 16, 37, 66 e 68.

15ª
Essa vila pertencia
A Província Maranhão
Tinha Guarda Nacional
Para guardar a prisão
Que ali eram levados
Quer inocentes quer não

16ª

Pois ali se encontravam
Já por mais do que dois dias
Alguns humildes vaqueiros
Na maior das agonias
Vindo das bandas do Brejo
Agora se alegrias

37ª

Manuel Felizardo Sousa
Governando o Maranhão
Não crendo mais em conversas
Mandou uma explicação
Com quatrocentos soldados
Todos com armas na mão

66ª

Não se sabe as peripécias
Ter Negro Cosme aprontado

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Ora visto em Miritiba

Ora sendo deportado
O que na história ficou
Ter sido ele decapitado

68ª
Pois os que se apresentaram
Na paz que queriam ter
Se viram logo logrados
Vendo a mentira crescer
Pois um das condições
A seus irmãos combater

Mesmo esses aparelhos de Estado sendo normalmente visto na sociedade como autoridades de ordem, justiça e equidade, Cid Teixeira os apresenta por uma ótica diferente, trazendo-os como desordenados, injustos, preconceituosos e segregacionistas. Ao contrário da representação dos balaios, colocando-os como homens injustiçados, fortes e corajosos, no direito de lutarem por melhores condições de vida.

Sendo assim, percebe-se que o cordel, como um meio de repasse de informação, cultura, ideias e consequentemente de discurso, pode estar repleto de ideologias assim como qualquer outro meio midiático. E que através da construção do discurso, podem ser suprimidas ou acrescentadas narrativas alternativas, bem como apresentada ou não uma versão oficial da história. Reforçando a influência do discurso na produção e interpretação de sentidos, dependendo, então, de quem escreve, porque e como esse indivíduo usa a linguagem a favor do seu discurso.

Dessa forma, Brandão julga que “o interlocutor não é passivo na constituição de significado” (2006, p. 8). Ou seja, no diálogo, tanto o autor quanto o leitor constroem seus significados baseados em suas próprias experiências e ideologias, interpretando os fatos - no caso do cordel as estrofes, juntamente, com a história - a seu modo. É então perceptível a colocação do discurso do autor, como um sujeito que se identifica com a história e com os sujeitos participantes dela, e como isso é repassado ao leitor no modo com a história é posta através das estrofes, possibilitando também o entendimento do funcionamento do discurso. Visto que, esta história, poderia ser entendida de uma maneira completamente diferente caso o autor do cordel fosse favorável aos governantes e a elite, ao invés dos balaios e suas motivações.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Dessa forma, os aspectos históricos-ideológicos presentes no cordel "A Balaiada", mais do que declamar uma história, engloba a resistência política, a desigualdade, a exploração econômica, os conflitos políticos e ideológicos, a estratificação social, os conflitos de classe, o capitalismo, a luta por interesses próprios, e a permanência no poder através da violência, subjugação e corrupção. Isso demonstra a predominância da exterioridade do discurso no cordel, ou seja, a influência de elementos externos ao texto, que influenciam na interpretação e compreensão. Esses elementos incluem contextos históricos, políticos, culturais e sociais. Esse aspecto é percebido, principalmente, quando há a identificação do sujeito afetado pela história, como quando o autor aborda a fome, a escravidão, as desigualdades etc. Pois, essa realidade é bastante discutida e incontestável no cenário brasileiro, vivida pela maior parte da população da época e ainda atualmente, produzindo um sentimento de identificação, indo além do que é explicitamente dito no cordel, ligando-se as condições sociais que influenciam o modo de produção. Como pontuou Fairclough (1992), ao dizer que “a exterioridade do discurso significa que ele é inseparável das condições sociais e ideológicas que o possibilitam, e que o discurso é tanto produto quanto produtor dessas condições."

Diante do exposto, o interdiscurso do cordel “A Balaiada de Cid Teixeira, se constitui em relação a sua historicidade através da convergência de discurso de toda uma historicidade brasileira que é realidade ainda atualmente, como as lutas populares contra estruturas sociais, a opressão colonial no lado histórico e suas consequências e resquícios na atualidade, o descaso de órgãos públicos e estatais com a população que ainda, na atualidade, não garantem, mas usurpam direitos. Converge também com uma sociedade ainda segregada, desigual e corrupta. A realidade refletida no cordel “A Balaiada”, não é de toda diferente da realidade vivida pela sociedade brasileira atual. A principal finalidade do cordel é, através das suas condições de produção, repassar a sociedade, a qual o cordel se destina, as histórias e lutas do povo brasileiro através da tradição oral e escrita do cordel; a finalidade do discurso, apresentado na penúltima estrofe, revela sua intenção de trazer alguma lição, moral ou reflexão ao povo brasileiro através dessa história narrada em cordel.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Essa simples rebeldia
Para nós foi a lição
Que o povo brasileiro
Quer sempre paz e união
E os laços fortalecer
Dessa gigante nação

Considerações finais

Em vista dos argumentos apresentados, o objetivo da pesquisa proposta foi examinar, através da análise discursiva, os diversos temas presentes no cordel "A Balaiada", de Cid Teixeira de Abreu. Explorando os discursos presentes, buscando compreender a organização da prática discursiva e a produção de significados presentes no texto.

A análise revela um discurso construído para além dos fatos históricos, mas baseado em significados sociais, políticos e econômico. Com sua construção ligada a posições ideológicas intrínseca dos interlocutores, em específico do autor; o qual relata a luta de classes, a opressão, conflitos sociais atemporais e etc., expressando sempre o seu discurso na maneira em que usa a linguagem a seu favor na construção do cordel, perpetuando a memória histórica, mas também abrindo um diálogo para as diversas vozes e perspectiva presentes no cordel, revelando as diferentes faces da história e da linguagem.

Em suma, a análise demonstra a riqueza do cordel, bem como a construção, disseminação e produção de significado dos seus discursos. A obra de Cid Teixeira, também enriquece e contribui para a manutenção da memória coletiva ao usar o cordel – um gênero de interdisciplinaridade que trabalha dentro de todas as esferas sociais com assuntos diversos – para debater tais temas e memorar um fato histórico tão importante, conectando as pessoas à arte e a história. Da mesma forma, reafirma a importância da análise do discurso para a identificação de aspectos sócio-históricos e ideológicos, bem como para uma compreensão mais profunda acerca das dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam a linguagem e influenciam a vida em sociedade.

Referências

ABREU, Cid Teixeira de. **A Balaiada**. [s.l.], 1996.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6 ed., Campinas, SP: Pontes, 2005.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Memória das Vozes**: Cantoria, Romanceiro & Cordel. Salvador. Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed., Campinas, SP: Unicamp, 2006.

SANTOS, E. P. J.; SILVA, F. F. **Análise do discurso I**. São Cristóvão, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado.** Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974 (título original: *Idéologie et appareils idéologiques d'État,* 1970).

PÊCHEUX, M. (1975). *Les Vérités de la Palice*, Maspero, Paris, trad. Bras. **Semântica e Discurso,** E. Orlandi et alii, Editora da Unicamp.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

METAFICÇÃO: O JOGO DA LINGUAGEM AUTORREFERENTE NA OBRA *CURSO DE ESCRITA DE ROMANCE – NÍVEL 2*

Alef Santos Moreira[31]

Resumo: O campo literário atual vem passando por transformações que reconfiguram a instituição "literatura", assumindo uma feição mais expansiva (GARRAMUÑO, 2014), tanto em questões socioculturais quanto estéticas. Essas mudanças estão ligadas a inquietações sobre métodos tradicionais de produção literária e representação do real, subvertendo o caráter realístico comum na arte contemporânea. Muitas narrativas atuais questionam o próprio estatuto da escrita literária, como aquelas que utilizam a metaficção (BERNARDO, 2010; LODGE, 2011) – ficção autorreferente que questiona sua própria natureza e métodos narrativos – como recurso central de criação. Um exemplo de narrativa metaficcional contemporânea é o romance Curso de escrita de romance – nível 2, de Álvaro Filho, publicado em 2017 e ganhador do IV Prêmio Pernambuco de Literatura. Este trabalho analisa as estratégias metaficcionais no romance, considerando a atenuação da fronteira entre o real e o ficcional (territorialidade), a autoconsciência dos personagens, a continuidade das camadas ficcionais e a predestinação dos eventos na obra de Álvaro Filho, utilizando teorias de Florencia Garramuño (2014), Gustavo Bernardo (2010), David Lodge (2011), entre outros estudiosos.

Palavras-chave: Metaficção. Arte autorreferente. Curso de escrita de romance – nível 2. Literatura contemporânea.

Introdução

A literatura contemporânea tem passado por mudanças consideráveis, uma vez que desestabiliza as noções mais tradicionais acerca de sua produção, levando-nos, enquanto leitores, a reorganizar nossa compreensão da arte literária e, consequentemente, de suas convenções. Florencia Garramuño (2014) ressalta que as obras têm assumido um caráter mais amplo na atualidade, tendo em vista que rompem com as noções mais ortodoxas relativas ao gênero, ao estilo e ao formato, e passam a compor diversas modalidades de expressão artística e cultural.

Além da relação com outros elementos artístico-culturais, a textualidade é também responsável por evidenciar esse estado de mudança, levando em consideração as obras que, diferentemente dos cânones, apresentam curiosas estratégias responsáveis por lançar o leitor em um "entrelugar", de modo que este não saberá identificar se está diante de fatos ou de uma realidade imaginada. A linha responsável por limitar o espaço

[31] Discente Graduando em Letras da Universidade do Estado da Bahia. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq/PIBIC), vinculado ao Projeto de Pesquisa "Práticas literárias pós-institucionais na contemporaneidade".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

real e o ficcional encontra-se, de acordo com Josefine Ludmer (2010), borrada nas produções atuais.

Esse entrelugar ao qual o leitor é lançado é uma das características da metaficção, termo que, apesar de recente, tendo em vista seu surgimento a partir da década de 60, representa métodos antigos, presentes desde que se tem conhecimento da existência da ficção. De acordo com Gustavo Bernardo (2010), o texto metaficcional pode ser entendido como manifestações estéticas que se autorreferenciam, de modo que duplicam internamente a própria ficção. Diferentemente de narrativas que buscam "retratar" o real, a metaficção constrói a sua própria realidade tendo como ponto de partida a linguagem.

O enigma visual "Drawing Hands", de M. C. Escher (1948), definido por Bernardo (2010) como agônico, é uma representação eficaz da arte metaficcional, tendo em vista que não seremos capazes de determinar o começo e o término dos eventos. Todavia seremos lançados em um espaço circular responsável por fazer colidir aquilo que outrora supúnhamos ser a realidade e o que pensávamos ser a ficção, isto sugere a colisão de ambos os universos: o real e o ficcional, ambos sendo ostensivamente devorados por uma camada mais ampla de ficção, camada esta constituída inteiramente pela linguagem da criação. Nessa perspectiva, a metaficção não visa separar o real do ficcional, mas objetiva confundir a fronteira que delimita estes espaços, supondo a própria realidade como parte integrante do campo ficcional.

Nessa discussão, a obra *Curso de Escrita de Romance – nível 2*, do escritor pernambucano Álvaro Filho (2017), será analisada, a partir de algumas estratégias relativas à metaficção, de modo a conferir à narrativa o caráter metaficcional. A primeira estratégia é relativa à territorialidade, pois tratará da relação entre o universo ficcional e o universo real, de modo que a própria realidade do leitor passará, consequentemente, a ser questionada; a segunda será voltada à consciência do personagem enquanto ser integrante de uma trama; a terceira, por sua vez, focará nas diversas camadas de ficção dentro da narrativa; e a quarta, por fim, terá como ponto de partida a predestinação dos eventos como um meio pelo qual o enredo ganha formas.

Estas estratégias analíticas utilizadas na obra consubstanciarão a prerrogativa da arte metaficcional como um fenômeno responsável por refutar as noções clássicas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

evidentes na teoria literária convencional. De modo que servirá como base para a afirmação da metaficcionalidade como um fenômeno marcante no processo de mudança do entendimento da literatura na contemporaneidade, tendo em vista o seu uso recorrente. Em suma, estas estratégias não somente desafiam o status literário, como também reforçam a importância da reflexão crítica no entendimento da inovação deste campo. Nesse viés, a obra *corpus* da análise contribui ricamente para a reavaliação e o progresso do discurso literário atual, promovendo uma nova perspectiva das dinâmicas entre texto, autor e leitor no contexto contemporâneo.

Da metaficção ao Curso de Escrita de Romance – nível 2: onde os jogos da linguagem se estabelecem

Se levarmos em consideração um espelho posto diante de nós, por exemplo, poderemos verificar que o objeto projetará o reflexo de nossa própria imagem. Porém, ao posicionarmos um outro espelho diante deste, teremos então a *visio infinitatis*, isto é, uma visão do infinito. Não poderemos notar a realidade mais certa justamente por conta das múltiplas camadas de realidades ali existentes. Os espelhos refletirão um primeiro plano, que conterá um espelho refletindo um segundo plano, que conterá um espelho refletindo um terceiro, que conterá um espelho… levando-nos a um processo infindável de camadas do real.

Essa sequência interminável de camadas realísticas dentro do campo literário evidenciam a existência da metaficção, definida pelo David Lodge, como "[…] a ficção que versa sobre a si mesma: romances e contos que chamam atenção para o status ficcional e o método usado em sua escritura." (Lodge, 2020, p. 249). Logo, acerca da metaficção, podemos pensar que: "Trata-se de um fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou contendo a si mesma." (BERNARDO, 2010, p. 9).

No entanto, apesar das recentes discussões, esse fazer artístico é mais antigo do que parece, tendo em vista que a ficção está diretamente atrelada à existência humana. Além disso, obras como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1605), e *Memórias*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis (1881), continham em si estratégias características da metaficção. Na primeira narrativa, um romance de cavalaria, podemos encontrar referências ao próprio autor; na segunda narrativa, o defunto-autor machadiano estabelece um contato direto com seus leitores, indivíduos presentes no mundo exterior à trama.

Em se tratando do termo metaficção, este surgiu na década de 60 do século XX, quando o escritor norte-americano William H. Gass, seu criador, optou pela lexia "metafiction" ao invés da expressão "anti-romance", tendo em vista que esta era emprega para desqualificar textos literários que explicitavam sua condição ficcional e, assim, rompiam com o pacto da escrita realista.

Apesar do escritor estadunidense ter idealizado o termo metaficção a partir da noção de metalinguagem dos linguistas Louis Hjelmslev e Ferdinand Saussure, essa lexia pode ser considerada a irmã mais nova da metalinguagem e ambas podem ser consideradas netas da metafísica proposta por Andrônico, após editar as obras de Aristóteles e atribuir, a tal termo, os textos que não cabiam nas temáticas definidas por esse filósofo (física, política, ética e conhecimento), postos, assim, após os estudos das causas naturais: "Metà tà physiá" que pode ser entendido como "o livro que vem depois (do livro) da física".

William Gass cria o termo metaficção justamente para nomear obras ficcionais que rompiam com o cânone instituído pelo Modernismo estadunidense, sendo, portanto, um sinônimo da ficção pós-moderna. O teórico optou por metaficção a anti-romance, expressão que surgiu a partir dos romances que fugiam das convenções romanescas do Romantismo, pois, apesar dessa definição ser atribuída a textos subversivos que desafiavam as expectativas e normas do gênero romanesco, ainda assim, ela não era suficiente para o que o romancista enxergava como sendo metaficção.

No processo de produção desse tipo de narrativa, podem ser entrevistas características que a tornam um tanto quanto peculiar ao leitor, uma vez que , em sua maioria, conflituam com a lógica e/ou com as técnicas e procedimentos comuns às narrativas clássicas, portanto são agônicas. Para isso, Bernardo (2010, p. 3) apresenta alguns esquemas relativos a tais ficções, como: romances sobre uma pessoa escrevendo o próprio romance; contos sobre uma pessoa lendo um conto até se ver dentro do conto

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que está lendo; romances em que o autor é personagem do próprio romance; trabalhos de ficção que saem de dentro de outros trabalhos de ficção, etc.

Em 2016, a obra intitulada *Curso de Escrita de Romance – nível 2*, de autoria do escritor e jornalista pernambucano Álvaro Filho, fora laureada campeã do IV Prêmio Pernambuco de Literatura. Em seu enredo, algumas estratégias metaficcionais podem ser notadas, em alguma medida, visto que o romance parece querer estimular um desconforto em seu leitor, tendo em vista inclusive a maneira como o narrador em primeira pessoa opta por iniciá-lo, através de uma explanação um tanto quanto peculiar:

> Se os senhores jurados têm em mãos este livro é porque me tornei um escritor e, felizmente, estou vivo. Ou não, não sei muito bem, talvez seja o contrário. Não sou o que se pode chamar de um narrador confiável. Não por um desvio de caráter, que fique claro, mas justamente porque a aventura que me transformou, ou não, num escritor, me levou a desconfiar dos outros, da realidade e, principalmente, de mim (FILHO, 2017, p. 13).

Nos 11 capítulos que se seguem, a narrativa nos é apresentada por um personagem que se denomina Futuro Escritor, este que inicia a trama estabelecendo um contato direto com a banca de jurados ao qual a obra fora submetida. Na sequência, interrompe os acontecimentos que estavam sendo narrados do final, retornando para o momento em que acredita ter sido o início de tudo.

Assim como Álvaro Filho, o Futuro Escritor também era um jornalista que almejava se tornar escritor e que, em uma entrevista, conheceu um determinado autor recém famoso, cujo o vínculo de amizade se estabeleceu. Anos mais tarde, esse artista, acamado em um leito de hospital, conta-lhe, como se estivesse fazendo uma última confissão, acerca da existência de um curso de escrita de romance que estava em seu segundo nível, e que não poderia ter sua existência revelada em nenhuma circunstância, sendo este ato passível de severas punições.

O Futuro Escritor vai até o endereço fornecido, um açougue, e percebe que o curso funcionava na parte superior detrás do estabelecimento. O jornalista nota que alguns integrantes, assim como ele, eram novatos, outros estavam no meio do curso, e outros finalizando, mas todos estavam na mesma sala. A indicação por parte de um ex-

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

integrante era um critério imprescindível para a participação, bem como o anonimato da identidade dos integrantes e da narrativa desenvolvida por cada um deles.

Em uma determinada ocasião, dado o instinto investigativo do personagem, ele descobre que um dos colegas de sua sala estava desenvolvendo uma narrativa acerca de dois caçadores que viajavam o mundo caçando um ao outro. No entanto, o curioso era que o estudante dono deste enredo aparecia às aulas esporadicamente, sempre com marcas e lacerações espalhadas pelo corpo, todas estas características de uma fuga à caçada de um caçador impávido e sagaz, semelhantemente a sua trama.

Após dois meses decorridos, o instrutor do curso recomenda que o Futuro Escritor dê início a escrita de sua narrativa. O jovem opta por construir um romance policial que teria como protagonista um rapaz comum, assim como ele, que estaria um dia em casa e seria surpreendido com o toque de sua campainha, e que ao atender a porta, deparar-se-ia com uma caixa contendo muito dinheiro e, no meio das notas, um bilhete destacando que ele teria que matar alguém cuja identidade lhe era desconhecida.

Após a leitura e a aprovação por parte do amigo acamado, o Futuro Escritor leva a sinopse para o seu instrutor que destaca a superficialidade da trama e que uma obra é como um rio, de modo que seria necessário que o autor mergulhasse em suas águas. No dia posterior ao encontro, dormindo no sofá de sua casa, o jovem jornalista é despertado com o toque da campainha. Ao abrir a porta, depara-se com uma caixa, contendo muito dinheiro e, como se já esperasse, um bilhete destacando: "Em breve, você irá matar uma pessoa. O dinheiro é a primeira parte do pagamento. Aguarde novas instruções" (FILHO, 2017, p. 40).

Ao decorrer da trama, o Futuro Escritor destaca algumas aventuras vividas ao lado de dois amigos conhecidos no curso (A Jovem e Bela Mulher e o Rapaz Franzino e Calvo, que estavam desenvolvendo suas próprias narrativas), bem como a criação de seus personagens: o homem simples, a mulher fatal e o vilão. Por fim, tudo retorna ao início dos eventos, quanto este escritor em ascensão está diante de sua vítima: Ruy Calamares, o seu instrutor no curso de escrita de romance, que o aguardava para ser morto, sentado em uma poltrona de couro.

A obra de Álvaro Filho resumida acima pode ser entendida como metaficcional, considerando algumas estratégias que dizem respeito à noção de territorialidade, isto é,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ao questionamento do espaço relativo à realidade e à ficção; além disso, emerge também a autoconsciência na narrativa, de modo que os personagens se entendem enquanto seres integrantes de uma trama; o efeito de continuidade das fronteiras ficcionais, levando em conta as diversas camadas de ficção no universo da narrativa e, por fim, a predestinação do escrito, tendo em vista a ideia dos acontecimentos já estarem consolidados.

Ao tratar da inespecificidade nas artes contemporâneas, Florencia Garramuño (2014) nos apresenta o jogo agônico entre o clássico (busca do específico) e o contemporâneo (busca do inespecífico). De acordo com a teórica, "para essas práticas contemporâneas, uma leitura estritamente disciplinada ou disciplinária parece captar pouco do evento ou acontecimento, já que a crise da especificidade coloca em questão toda definição exclusivamente formalista da estética" (GARRAMUÑO, 2014, p. 99).

Isso está diretamente atrelado ao comportamento e às manifestações artísticas contemporâneas que se utilizam de uma reformulação da estética como forma de questionar visões tradicionais, as quais ainda tentam se apegar, por exemplo, às especificidades do ficcional e do real, do literário e do documental, de modo que a inespecificidade apontada por Garramuño evidencia reconfigurações nas instâncias literárias canônicas, inclusive por opor-se ao método de separar conteúdos tidos como internos ao texto literário e externos a ele, passando a abarcar tanto as questões estruturais das narrativas quanto as socias, bem como as epistemológicas.

Nesse âmbito, inserem-se as estratégias caracterizadas como metaficcionais, como no caso do diálogo do narrador personagem presente em um determinado texto ficcional e o seu possível leitor no mundo real. Isso permite uma reflexão sobre a própria natureza da ficção, ao explorar os limites entre a realidade e a invenção. Além disso, promove uma interação mais direta entre o texto e o leitor, deixando este último ciente de sua participação na construção do sentido.

É como se quem lesse a narrativa fosse jogado dentro dela e passasse a habitar o mesmo ambiente do narrador, espaço este constituído pelas paredes da ficção. Essa estratégia é apontada por Bernardo (2010) como uma das quais o romance metaficcional se materializa, de modo que o contato direto estabelecido entre um personagem ficcional e o seu leitor empírico constituem uma perda da delimitação do espaço

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ficcional. Considera-se o fato de que esse espaço se espraia para o mundo real, estabelecendo uma mistura ou uma territorialidade, marcada pela seguinte ambivalência: o universo físico e o literário.

Essa estratégia metaficcional vai deflagrar textos que possuem dupla identidade, uma vez que não podem ser definidos como somente literários sem que a eles sejam também atribuída, em alguma medida, uma perspectiva "realística" – processo que corrobora o status da inespecificidade na arte, defendida por Garramuño (2014). De acordo com Josefine Ludmer (2010), tais textos se singularizam por ocupar uma "posição diaspórica", como se estivessem "em êxodo", pois: "Muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura […] e ficam dentro e fora […] são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade." (LUDMER, 2010, p. 1).

Na obra *Curso de Escrita de Romance – nível 2*, essa estratégia de romper os territórios tradicionalmente específicos da ficção e da realidade, colocando em suspense a própria noção de literatura, fica visível à medida que o narrador, ousadamente direciona a sua fala a uma bancada de jurados, os quais, a partir do texto, podem muito bem remeter aos jurados "reais" que irão ler em primeira mão o livro de Álvaro Filho para o IV Prêmio Pernambuco de Literatura, concurso do qual o livro estará participando.

Ainda na primeira página, o Futuro Escritor interpela o júri para tecer um comentário acerca do próprio estilo de sua escrita ao destacar: "Sei, sei muito bem, senhores jurados, que não se deve começar uma história com um clichê dessa natureza." (FILHO, 2017, p. 13), o que evidencia, por exemplo, uma característica do texto metaficcional, que é a crítica literária dentro de um texto literário – uma jogada digna da primeira posição em um concurso literário.

O comportamento clichê, a que o narrador se refere, remete às formas tradicionais relativas à gênese de muitas histórias, levando em conta a rememoração dos acontecimentos introduzidos a partir de frases como: era uma vez, em um belo dia de sol, em uma noite chuvosa… Essas são formas adotadas por narrativas, sobretudo os contos infantis, para introduzir os acontecimentos, o que, no romance em questão, apesar do uso, é definido como algo ultrapassado.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em um determinado momento da trama, o Futuro Escritor destaca: "O interessante é que não havia Curso de Escrita de Romance – nível 1 ou nível 3 […] o que parecia não incomodar muito meus colegas. Mas que gerava uma certa inquietude em mim e em minha alma presa à nau da realidade pelas âncoras da coerência" (FILHO, 2017, p. 19). É justamente essa atitude acerca da ausência de uma lógica quanto aos níveis do curso, dada a sua ligação com uma suposta realidade, que faz com que as fronteiras ficcionais e reais sejam diretamente estreitadas, de modo que ambos os universos passam a dividir o mesmo espaço e o narrador passa a habitar, em tese, o mesmo universo dos jurados mencionados.

Portanto, tais eventos transformam o processo de leitura em uma jornada de questionamentos entre o universo do leitor, o do narrador e o de seu personagem. Esses questionamentos dividem-se entre o que é real e o que é ficcional, já que um passa a habitar o território do outro. Essa interação cria um espaço onde as fronteiras entre realidade e ficção se tornam fluidas, incentivando o leitor a refletir sobre a natureza da narrativa e a sua própria natureza.

Além do discurso voltado à exterioridade do texto por parte do narrador, como se a ficção adentrasse a realidade, uma outra estratégia metaficcional encontrada na obra de Álvaro Filho é o que Gustavo Bernardo (2010) define como autoconsciência irônica, isto é, que sabe o quanto não sabe. Pois, ao longo do enredo, levando em consideração essa autoconsciência na narrativa, é possível identificar trechos nos quais o Futuro Escritor evidencia a sua limitação de conhecimento quanto ao desenrolar da própria trama que está escrevendo.

O personagem critica as próprias convenções narrativas, dentro das quais está inserido, bem como entende o seu papel como um elemento integrante da narração. Na obra, ainda no capítulo inicial, o Futuro Escritor destaca que não pode ser definido como um narrador confiável, pois havia vivido experiências questionáveis do ponto de vista da razão. Esse pressuposto nos leva ao pensamento de Antônio Cândido (2020), ao considerar que sempre podemos ser surpreendidos por um ser que julgamos conhecer.

O fato de acompanharmos as ações de determinados personagens pode, de alguma forma, conferir-nos a ilusão de que o conhecemos, no entanto isso não passa de uma mera ilusão. Essa categoria clássica da ficção, o narrador não confiável, é aquele

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

que participa da história que conta e, em determinados momentos, deixa o leitor inseguro quanto à certeza de determinados acontecimentos ocorridos nela.

Essa estratégia adotada pelo Futuro Escritor em destacar um suposto defeito para os jurados pode estabelecer pretensiosamente uma certa proximidade entre ambos, de modo que o leitor, na figura do júri, passa a ocupar o lugar de um confidente, isto é, de um cúmplice da sua confissão. Logo, mesmo destacando situações nas quais põe em xeque a veracidade de seus relatos, essa atitude pode servir para, contraditoriamente, conferir uma sinceridade à narrativa, a partir da ideia de que o narrador é "gente como a gente".

Partindo para a narrativa que estava sendo escrita por parte do Futuro Escritor, após criar o personagem mulher fatal, o narrador decide dar uma pausa em sua produção e ir até um bar. É nesse ambiente que criador e criatura ficam cara a cara, pois ao encontrar uma mulher muito bonita e questionar o seu nome, o rapaz é surpreendido com a lacônica resposta de que ele ainda não havia lhe dado um nome (é o que a personagem destaca ao seu autor).

Estranhamente, estamos diante de uma narrativa em que um personagem cobra ao seu autor o seu próprio nome, a sua identidade, como se, de alguma forma, escrevesse a si mesmo através das mãos de seu criador. Isso nos leva à noção de que a realidade se constitui por intermédio da linguagem, particularmente a partir da língua. Trata-se de "[…] uma identidade que escreve a si mesma". Desse modo, a identidade se torna a procura da identidade pelo gesto da escrita, compondo labirintos circulares e espiralados […]" (BERNARDO, 2010, p. 45).

Já é próximo do desfecho, quando o personagem encontra a sua vítima, esta cuja identidade se manteve oculta ao longo da trama, pelo menos para os leitores, e que, já no final, revela-se como um personagem autoconsciente de sua função na história:

> […] Mas estava escrito, e não apenas escrito, mas escrito antes mesmo de escrevê-lo. Me aproximei. A cada passo, sentia que cumpriria a missão. Que teria as mãos sujas de sangue. Pois assim estava escrito. O Instrutor me esperava na poltrona. "Pensei que esse momento nunca chegaria", disse ele. Sabia que viria, sempre soube, pois estava escrito (FILHO, 2017, p. 114).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fica então evidente a consciência dos personagens acerca de suas respectivas funções no universo da narrativa. O escritor sempre soube que teria que matar alguém e o Instrutor sempre soube que seria morto por alguém. Trata-se de uma autoconsciência incerta, pois ambos os personagens sabiam o quanto que não sabiam, ou pensavam não saber o quanto sabiam, tendo em vista a gênese da narrativa.

Toda essa autoconsciência relativa a si mesmo, dentro da metaficção, é, como já afirmado, irônica, sendo esta uma outra característica destas narrativas, uma vez que a consciência de si leva à paradoxal dúvida de si mesmo: a de saber o quanto não se sabe, considerando a existência e a respectiva função dos personagens que, em alguma medida, eram levados a questionar a sua própria natureza e a natureza da narrativa.

No conto "Artes e ofício", do escritor Rubem Fonseca (1995), o narrador-personagem, um homem de origem humilde, que ficara muito rico recentemente, decide contratar um Ghostwriter para produzir um romance a ser publicado sob sua autoria. Ao ter um livro publicado com a sua assinatura, a finalidade do contratante era se vingar diante das humilhações e ataques que sofria devido à sua ausência de formação intelectual, pela qual era chamado de "cavalgadura" entre os membros na nova classe social a que agora pertencia.

O profissional contratado deu início a narrativa intitulada de "O falsário", que retratava a escrita de um livro, a pedido de um escritor desonesto, em que o enredo forjava as memórias de Machado de Assis. Porém, arrependido da façanha, o falsário denuncia a sua manobra, destacando que nada do que havia escrito era verídico. De modo que esse processo de falsificação da escrita autobiográfica, apresentado pelo Ghostwriter, faz com que uma narrativa sirva como moldura para a outra, reforçando o efeito de continuidade das fronteiras ficcionais, sendo esta a terceira estratégia entrevista em *Curso de Escrita de Romance – nível 2*. Esse "encaxilhamento", termo usado pelo Ghostwriter, pressupõe a criação da visão do infinito (*ad-infinitum*), a partir dos espelhos da própria ficção.

Na obra de Álvaro Filho, temos diversas camadas narrativas responsáveis por criar uma ilusão infinita, e ao mesmo tempo confusa, do que suporíamos ser a realidade. Estamos em um enredo, somos lançados abruptamente em outro, depois em um terceiro,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

depois em um quarto, de modo que todos seguem seus respectivos caminhos e se encontram para além de si mesmos, constituindo então o enredo principal.

A partir da primeira frase no capítulo zero, é-nos apresentada uma narrativa em primeira pessoa, a partir de um narrador que se dirige aos jurados de uma banca de um suposto concurso literário. Trata-se de um relato real? Não, por enquanto é o que podemos supor a partir da maneira como a trama promete se desenvolver. Esse narrador pertencente a uma primeira camada ficcional, mistura-se com a realidade.

Podemos definir o Futuro Escritor como o próprio Álvaro Filho relatando parte de suas experiências no processo de construção de seu livro para o concurso literário? Não. Trata-se, todavia, de um alter-ego do autor, um personagem que surge a partir dele, mas que não o é. Por enquanto não se trata do Álvaro Filho jornalista, escritor primeiro, ganhador do concurso, que vive no mesmo universo em que que nós leitores vivemos, mas é justamente isso que a metaficção pretende supor: estamos diante da realidade, de sua realidade.

O Futuro Escritor passa a escrever a sua trama, criar os seus personagens (o homem simples, a mulher fatal e o vilão), de modo que percebemos se tratar de uma outra camada narrativa, na qual ele mesmo passaria a integrar. No momento do desfecho, notamos que a sua vítima era o seu instrutor no curso e que este já o aguardava, pois, em seu romance, ele (o professor) seria morto por um assassino desconhecido.

Fica claro que o narrador, de quem somos cúmplices, nada mais é do que um personagem de uma outra ficção. Isto é, o indivíduo que supomos ser pertencente do mesmo plano real que o nosso, que duvida das experiências que viveu, que tece comentários acerca de sua realidade, não passa de um personagem dentro de uma ficção.

A predestinação do escrito, por sua vez, pode ser definida como um mecanismo metaficcional que supõe um destino já traçado pelas linhas da ficção. Essa predestinação sugere, de alguma maneira, a continuidade de um texto a partir de outro. Isto é, os eventos que se seguem nada mais são do que a efetivação de um enredo outrora idealizado. Assim sendo, tendo em vista as estratégias discutidas anteriormente,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sobretudo a das camadas metaficcionais, essa predestinação implica na continuidade de camadas que tomam como ponto de partida superfícies anteriores em uma determinada narrativa.

Tanto a mulher fatal quanto o vilão sabiam o que deveriam fazer, quando entrar e sair de cena, bem como deviam proceder em cada uma delas. Ambos sabiam, pois já estavam predestinados, "já estava escrito, antes mesmo de acontecer". Tinham que somente cumprir com seus respectivos papéis enquanto personagens de uma trama, respeitando aquilo que lhes fora designado.

A mulher fatal seria sempre a mulher fatal e o vilão, por sua vez, não poderia ser o contrário daquilo que já havia sido traçado pela linguagem, a qual podia ser flagrada na tela do computador do Futuro Escritor, que, na trama, jamais poderia ter cometido seu crime no primeiro dia de curso e acabar com o suspense necessário para um romance do gênero policial. Tinha que passar dias maturando e sendo corroído pela ideia de matar alguém que desconhecia, alguém que não poderia ser nenhum outro integrante do curso, senão o seu próprio instrutor. Assim o fatídico evento, retornando ao ponto inicial do livro, desenvolve-se:

> Estava escrito que a janela cederia. E ela cedeu. Estava escrito antes mesmo de escrevê-lo que entraria no apartamento com as luzes apagadas. E entrei. Que tatearia com a mão esquerda no breu e, com a direita, carregaria o revólver. Estava escrito que encontraria ele calmamente sentado numa poltrona de couro, à minha espera, tranquilo. Tranquilamente à espera da morte (FILHO, 2017, p. 114).

Portanto, os parapeitos teriam sempre que existir e o prédio tinha que ser daqueles que pudessem ser escalados. E, apesar da altura do edifício, jamais poderia cair, tampouco morrer. A janela jamais poderia se encontrar fechada, tinha ela que abrir, cumprindo o seu papel de janela. As luzes não poderiam estar acesas, e não poderia haver nenhuma outra pessoa no ambiente senão a sua vítima sentada em uma poltrona de couro, nunca deitado em uma cama *king size*.

Isso se dá pelo fato de que, nas páginas do Ruy Calamares (o instrutor), tudo já estava escrito, mesmo antes de ser seguidamente escrito pelo seu personagem, o Futuro Escritor, ou de acontecer com o seu respectivo personagem, o rapaz comum. Portanto, sabia ele como um personagem, que tudo deveria ocorrer como estava destinado. Ele

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sabia que os eventos se sucederiam de modo que o levassem até o instrutor, pois isso era o que estava previsto pelas linhas da ficção. Cada um, como personagem, como seres integrantes de uma ficção, havia de cumprir o seu papel.

Assim sendo, tudo estava predestinado nas linhas da ficção, por intermédio da linguagem, e nada poderia ser mudado. Um escritor moribundo que escreveu sobre um assassino em série, que foi responsável por criar um curso em que o instrutor escreveria sobre um personagem que seria morto por um desconhecido, anônimo este que também escreveu sobre um assassino que mataria alguém que desconhecia. Todos eram assassinos e vítimas em alguma das camadas ficcionais, camadas estas que já estavam escritas, escritas antes mesmo dos eventos da trama acontecerem. Escritas por "um certo" Álvaro Filho que, por entre os jogos de espelhos criados em seu romance metaficcional, foi, este sim, consagrado escritor pelos jurados do IV Prêmio Pernambuco de Literatura, no ano da graça do Senhor de 2016.

Considerações finais

A partir das discussões realizadas no entorno da metaficção, com enfoque na obra *Curso de Escrita de Romance – nível 2*, do escritor Álvaro Filho, percebe-se que as estratégias metaficcionais abordadas apontam para uma profunda reconfiguração do nosso entendimento acerca da literatura. Essas estratégias não apenas questionam as convenções narrativas tradicionais, mas também oferecem novas maneiras de compreender e interagir com o texto literário. Assim, fica claro que, mesmo tratando-se de um método de criação artística com raízes históricas, o seu uso recorrente na contemporaneidade, aliado ao surgimento de novas abordagens, tem desempenhado um papel fundamental na transformação da arte autorreferente ou metatextual.

Essa transformação se manifesta na maneira como a literatura se pensa e se reinventa, desafiando os limites de sua própria criação e, ocasionalmente, reformulando

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

a instituição literária como um todo. Dessa forma, a metaficção emerge não apenas como uma técnica estilística, mas como uma ferramenta de inovação e reflexão crítica dentro do campo literário. Logo, compreende-se que a arte metaficcional, como um produto imanente da linguagem, torna-se uma ferramenta poderosa na confecção de novas ficções que não se limitam à representação da realidade, como é o caso do Realismo tradicional. Ao contrário, a metaficção orgulhosamente estabelece sua própria realidade, criando mundos independentes e inovadores.

A corrente pesquisa pretende-se relevante por abordar a teoria da metaficção e o exercício da escrita metaficcional em uma obra brasileira contemporânea, que, embora tenha sido laureada em caráter regional, ao vencer o IV Prêmio Pernambuco de Literatura em 2016, é ainda pouco conhecida nos circuitos literários mais amplos do país. Com este estudo, a intenção é abrir caminhos para uma maior divulgação da obra analisada, bem como para o surgimento de futuras pesquisas que viabilizem a aplicação dos métodos de leitura e análise aqui empregados, direcionando-os a outras obras metaficcionais contemporâneas, produzidas por autores diversos.

Por fim, este trabalho visa contribuir, em linhas gerais, para discussões futuras acerca da compreensão do real como construto da linguagem. Transcendendo o entendimento de que a linguagem cria apenas textos de ficção e seus personagens, infere-se que ela também molda o que entendemos por realidade e influencia os leitores. Além disso, o desenvolvimento de estudos como este aqui apresentado, ao fomentar uma reflexão mais aprofundada da interação entre ficção, realidade e linguagem, pode auxiliar na ampliação dos horizontes da crítica literária contemporânea.

Referências

AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1978.

ANÁLISE de Drawing Hands, de M. C. Escher. *Arte & Blog*. Disponível em: https://www.arteeblog.com/2015/08/analise-de-drawing-hands-de-m-cescher.html?m=1. Acesso em: 12 mai. 2024.

ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1984.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BERNARDO, G. *O Livro da Metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CARACTERÍSTICAS do Romantismo. *Blog Stoodi*. Disponível em: https://blog.stoodi.com.br/blog/portugues/caracteristicas-do-romantismo/amp/. Acesso em: 15 fev. 2024.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: FTD, 2013.

FILHO, Álvaro. *Curso de Escrita de Romance – nível 2*. Recife: Cepe, 2017.

FONSECA, Rubem. *O buraco na parede*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos*: *sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LUDMER, Josefine. *Literaturas Pós-autônomas*. Revista de crítica literária y de cultura, n. 17, p. 1 - 6, jan. 2010.

LODGE, David. *A Arte da Ficção*. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

REALISMO: influências científicas. *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/amp/literatura/realismo.htm. Acesso em: 03 fev. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O USO DA GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Antonio Douglas Andrade Bahia[32]

Antonio Francisco Ribeiro Carvalho[33]

Andreza Luana da Silva Barros[34]

RESUMO: O presente trabalho tem como foco investigar o uso da gamificação como ferramenta de ensino-aprendizagem, sobretudo no que se refere a percepção dos professores acerca dos benefícios dessa abordagem para elevar os níveis de motivação e engajamento dos alunos, bem como os desafios associados à sua implementação. O objetivo geral da pesquisa é analisar os principais impactos e desafios do uso da gamificação enquanto ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: discutir os potenciais usos da gamificação como ferramenta didática e analisar a percepção dos professores quanto aos impactos da gamificação na aprendizagem dos alunos. A abordagem da gamificação como metodologia de ensino é crucial, considerando a iminente necessidade de inovações pedagógicas e metodológicas que visem reavivar a motivação e o engajamento dos estudantes. No que se refere a metodologia temos uma pesquisa quali-quantitativa, predominantemente descritiva, que envolveu levantamento bibliográfico e aplicação de questionário com o objetivo de identificar a percepção dos professores a respeito da gamificação e seus benefícios. A fundamentação teórica constitui-se a partir de estudos de Moran (2007, 2015); Alves (2016); Martins (2016, 2017) entre outros. A condução do processo de pesquisa permitiu concluir que existe uma disposição por parte dos professores em relação à adoção da gamificação na educação. Entretanto, também se constataram desafios, tais como a falta de conhecimento, habilidades e estrutura adequada, evidenciando a necessidade de intervenções específicas para a bem-sucedida implementação da gamificação no contexto educacional.

Palavras-chave: Gamificação. Motivação. Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A busca por melhores práticas de ensino-aprendizagem tem sido uma das principais questões de trabalhos acadêmicos científicos nas últimas décadas. O modelo

[32]Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, campus Zé Doca. Email: bahia3819@gmail.com

[33]Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, campus Zé Doca. Email: antoniofran480@gmail.com

[34]Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Piaui. Professora substituta da Universidade Estadual do Maranhão, campus Zé Doca. Email: andrezaluanasb@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

tradicional de ensino tem se mostrado pouco eficiente diante da demanda exigida pelas novas gerações. Alguns fatores investigados consistem na falta de motivação e engajamento dos alunos, o que evidencia a necessidade de implementar diferentes e novas metodologias de ensino dentro das salas de aulas.

Neste sentido, a gamificação como ferramenta de ensino-aprendizagem, tem se mostrado muito eficiente, principalmente nos aspectos ligados ao engajamento e motivação dos alunos com os conteúdos a serem estudados.

Nas últimas décadas, observa-se que a gamificação tem ganhado destaque como ferramenta metodológica de ensino. Além de ser um atrativo para os alunos, essa metodologia possui fortes mecanismos de interação, motivação e conhecimento que tem muito a colaborar com o ensino e consequentemente com a aprendizagem.

Segundo Martins *et al.* (2016) o uso de jogos como ferramenta colaborativa na educação é uma tendência que visa a modernização do ambiente acadêmico, integrando-o ao contexto tecnológico dos alunos. Em um mundo em que a informação flui rapidamente e está acessível a todos torna-se crucial que o processo de ensino-aprendizagem seja dinâmico e interativo para atender as expectativas das novas gerações. Assim, pesquisadores educacionais estão incorporando novas técnicas, como a gamificação, de inovação aos métodos tradicionais de ensino.

O presente trabalho se justifica diante da necessidade de mudanças nos modelos pedagógicos e metodológicos das instituições escolares para aprimorar a qualidade e desempenho do ensino-aprendizagem. Visto que os modelos tradicionais não atendem mais às exigências das novas gerações, as quais se sentem desmotivadas e desprestigiadas diante de práticas frequentemente monótonas e repetitivas.

Tendo em vista a relevância da gamificação, seus impactos para o campo da educação e o desafio que tem sido para os professores gerar motivação e participação em suas aulas e atividades. O presente estudo estabelece como pergunta de pesquisa: quais os impactos do uso da gamificação como ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem? Nosso objetivo geral é analisar os principais impactos e desafios do uso da gamificação enquanto ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem, para tanto estabelece-se os seguintes objetivos específicos: discutir os

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

potenciais usos da gamificação como ferramenta didática e analisar a percepção dos professores quanto aos impactos da gamificação na aprendizagem dos alunos.

Para o alcance dos objetivos específicos estabelecidos, optou-se por uma pesquisa quali-quantitativa de caráter descritiva, para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico de trabalhos relacionados ao conceito de gamificação, tendo como critério os benefícios e desafios dessa metodologia para o desenvolvimento e melhoria do ensino aprendizagem. Aplicou-se, também, um questionário com professores da cidade de Zé Doca – MA, no qual continha perguntas objetivas relacionadas ao entendimento, uso ou participação dos professores em atividades gamificada, bem como, a percepção e os desafios observados por eles relacionados a essa prática.

São muitas as vantagens que a gamificação pode proporcionar para o ensino, porém convém distinguir que a gamificação não consiste propriamente na utilização de jogos para ensinar, mas na utilização dos princípios, pensamentos e mecânicas presentes nos *games* para o desenvolvimento de atividades de ensino. Promovendo, dessa forma, participação, motivação e engajamento dos alunos nas atividades. O que, de acordo com Sebold (2010), pode aproximar o "mundo da sala de aula" e o "mundo real", uma forma de adequação das tendências educacionais para com a realidade da sociedade moderna.

REFERENCIAL TEÓRICO

O mundo tem passado por grandes e importantes transformações que provocam inovações em todos os campos, na educação não é diferente. Durante muito tempo considerou-se que o modelo tradicional de ensino era suficiente para suprir todas as necessidades de aprendizagem dos alunos. Segundo Orlandi, Duque e Mori (2018, p. 18) "A educação hoje apresenta abordagens antigas e entendimentos ultrapassados [...]" — o que evidencia a necessidade de mudanças. Na mesma linha de pensamento. Sahagoff (2019, p. 141) afirma que "A metodologia tradicional de aula expositiva mostra inconsistência com a realidade atual, com a necessidade de aprendizagem", e destaca que "É necessário partir da realidade, aprender por meio de experiências, de modo significativo". Neste sentido Orlandi, Duque e Mori (2018, p. 18) afirmam que:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> O segmento da educação deve acompanhar a evolução da sociedade contemporânea, estabelecer novos valores, procurar novas descobertas, absorver novas ideias, entendimentos e rotinas que permitam a criação de um ambiente propício para o aprendizado, delineando experiências significativas e despertando os indivíduos para o saber de forma a ajuda-los no seu desenvolvimento pessoal e intelectual.

Outra discussão, diz respeito ao uso da tecnologia no currículo escolar. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em suas competências gerais para a educação básica, traz uma abordagem específica para a temática quando na competência 5 defende a necessidade de:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p. 9).

Com a evolução da internet e o livre acesso à informação, a escola deixa de ser o único ambiente onde os estudantes podem aprender. Dessa forma, abre-se um mundo de possibilidades, que se torna um desafio para os professores que precisam se adaptar a essa realidade e fazer dela uma aliada.

Segundo Moran:

> O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. (Moran, 2015, p. 16).

O uso da tecnologia em sala de aula tem muito a contribuir para a melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem. Para tanto, é fundamental que os profissionais da educação compreendam e apropriem-se dessa ferramenta didática que carrega possibilidades inovadoras de ensino e aprendizagem.

Segundo Orlandi, Duque e Mori (2018), atualmente a tecnologia, o conhecimento, a velocidade da informação, a necessidade do saber, as formas de interações, os desejos, ambições dos indivíduos e a organização da sociedade, orientam o estabelecimento do novo contexto mundial de educação e aprendizagem. No mesmo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

sentido, Ausani e Alves (2020, p. 3) destacam que "a sociedade em rede promove a necessária seleção e adequação do que é relevante e fundamental para ensinar e, na mesma linha, a adaptação deste conteúdo de forma que venha a engajar e motivar os alunos [...]". Para Rezende e Mesquita (2017, p. 1004), "o surgimento de tecnologias digitais impulsiona uma quebra de paradigma sociocultural acarretando em mudanças nos processos educacionais."

Neste cenário, a gamificação tem ganhado destaque no ambiente educacional, visto que ela dialoga tanto com o ambiente tecnológico quanto com o ambiente analógico. Sendo uma metodologia que pode ser aplicada no ensino presencial, *on-line* ou híbrido. Entre outras vantagens, possui alto poder de motivação e engajamento, o que, segundo as pesquisas, é uma das principais dificuldades de ensino atualmente.

A gamificação promete ser uma ferramenta de ensino muito útil aos professores, visto, que uma das principais dificuldades do ensino atualmente tem sido manter o interesse, o foco e motivação dos alunos nas aulas, o que, segundo Oliveira e Moraes (2019), torna necessário que professores busquem e adotem ferramentas que possam auxiliar no aprendizado dos alunos.

Segundo Tolomei (2017, p. 146), com a crise motivacional no cenário educacional, "Grande parte das instituições de ensino, independente de nacionalidade e de níveis de educação, encontra dificuldades para engajar seus alunos utilizando os recursos educacionais tradicionais."

Diesel; Baldez e Martins (2017, p. 270) falam da "[...] necessidade de os docentes buscarem novos caminhos e novas metodologias de ensino que foquem no protagonismo dos estudantes, favoreçam a motivação e promovam a autonomia destes".

Neste sentido, a gamificação surge no cenário educacional brasileiro como mecanismo capaz de combater a falta de interesse e a dispersão dos alunos em sala de aula. A tecnologia de ponta tem resultado em games com alto poder de engajamento, capazes de prender a atenção dos discentes e fazê-los aprender de forma lúdica e natural. Essa nova prática de ensino deve ser incorporada por escolas e professores dentro de um processo de adaptação das tecnologias para a nova realidade dos alunos, que é cada vez mais digital e conectada. Vale lembrar que, quando se fala em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

gamificação, refere-se às noções e técnicas de games que poderão ser aproveitadas em qualquer outro contexto com objetivos específicos, destacam Martins, Junior e Silva (2016).

O termo gamificação é a tradução de "Gamification", em inglês, e refere-se à utilização das mecânicas dos *games*/jogos em contextos ligados ao desenvolvimento de habilidades e técnicas e não puramente ao entretenimento. Fardo (2013) destaca que a definição do termo gamificação encontra certas ambiguidades, por ser um conceito que pode ser utilizado por diversas áreas, o que acaba influenciando e dando origem a diferentes definições.

Ainda segundo o autor, é incorreto dizer que a gamificação é uma completa novidade, mesmo que a nomenclatura em si seja uma novidade, as suas estratégias não são. A palavra gamificação tem sua origem através das indústrias de mídias digitais tendo seus primeiros usos por volta de 2008, ganhando popularidade em 2010 através das conferências sobre mídias digitais. Para Vianna *et al*. (2013), o termo tem sua origem em 2002 por Nick Peeling, um programador de computadores e pesquisador britânico, vindo a ganhar popularidade oito anos depois em uma apresentação de *TED* realizada por Jane McGonigal, uma famosa *game designer* norte-americana. Assim, uma vez que o termo ganhou popularidade surgem as definições.

De acordo com Vianna *et al.* (2013), a definição de gamificação não está relacionada apenas a utilização das mecânicas presentes nos jogos, mas na utilização destas para resolver problemas, motivar e engajar um público-alvo. O que não significa participar, especificamente, de um jogo, mas fazer uso dos elementos mais eficientes, presentes nas mecânicas, dinâmicas e estética dos jogos para reproduzir os mesmos benefícios e experiências proporcionadas pelo jogo. No mesmo sentido, Busarello *et al*. (2014, p. 15) destaca que "Gamificação tem como base a ação de se pensar como em um jogo, utilizando as sistemáticas e mecânicas do ato de jogar em um contexto fora de jogo."

Para Schlemmer (2018, p. 54):

> A gamificação se ocupa de analisar os elementos que estão no *design* de jogos e o tornam divertido, adaptando-os para outros contextos que normalmente não são considerados jogos, criando assim, uma camada de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> jogo num contexto, aplicação ou produto, no lugar de ser, na origem, um jogo.

Assim, entende-se que a gamificação está relacionada com a aplicação das dinâmicas e metodologias presentes nos games (como sistemas de pontuação, fases, missões, conquistas e recompensas) em outros contextos, como um recurso de aprendizado, estímulo, motivação e modificação de comportamentos.

Neste sentido, dois conceitos merecem destaque: a motivação intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca ocorre quando o indivíduo é motivado a realizar determinada atividade que em si é divertida e emocionante, independente de obter recompensa ou não. Neste caso, a motivação está ligada a fatores internos como o prazer, o orgulho, a força de vontade e outros. Já a motivação extrínseca está ligada a fatores externos, ou seja, quando o indivíduo realiza determinada atividade ou apresenta certo comportamento para obter uma premiação, como medalhas, presentes ou algo de valor estimável para ele.

Desse modo, a recompensa na gamificação, de acordo com Fardo (2013) e Schlemmer (2016, 2018), deve ser pensada do ponto de vista intrínseco dos indivíduos, evitando efeitos inesperados e a reprodução de uma visão reducionista. O que não significa excluir a motivação extrínseca, que, se bem utilizada, pode influenciar na construção da motivação intrínseca.

Percebe-se, que a gamificação está intimamente relacionada aos conceitos, mecânicas e aos princípios dos jogos/*games.* Tolomei (2017) destaca que os jogos são ferramentas que motivam e engajam seus usuários, o que os incita a ficar horas em uma tarefa em prol de um objetivo. De tal forma, os jogos são capazes de desenvolver alguns princípios de aprendizagem como: identidade, interação, produção, riscos, problemas, desafios e consolidação.

Para Alves (2015), os *games* se caracterizam como uma atividade voluntária, que pode mudar comportamentos, compostos por desafios, que mobilizam o jogo; por metas; regras, que determina como chegar ao resultado; e ainda, os *feedbacks.*

Desse modo, conclui-se que tais características são predominantes, e fundamentais, nos *games*. São essas características, que possuem alto poder de engajamento e motivação, que segundo Tolomei (2017), despertou o interesse de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

pesquisadores que vêm trabalhando com a perspectiva do potencial dos jogos para fins educacionais.

É nesse aspecto que Alves, Minho e Diniz (2014) defendem que estratégias gamificada podem ser utilizadas para promover motivação e engajamento em diversos cenários de aprendizagem, sobretudo na escola. Logo, considerando o cenário de dificuldade das instituições escolares em conectar-se com o universo vivido pelos jovens crescidos no cenário tecnológico e digital, eles afirmam que:

> A gamificação surge como uma possibilidade de conectar a escola ao universo dos jovens com o foco na aprendizagem, por meio de práticas como sistemas de rankeamento e fornecimento de recompensas. Mas, ao invés de focar nos efeitos tradicionais como notas, por exemplo, utilizam-se estes elementos alinhados com a mecânica dos jogos para promover experiências que envolvem emocionalmente e cognitivamente os alunos (Alves; Minho; Diniz, 2014, p. 83).

De acordo com Busarello, Ulbricht e Fadel (2014) através dos jogos, pode-se fazer um ensino de qualidade, pois as pessoas estão cada vez mais atualizadas e interessadas em jogos. Assim, entende-se que a gamificação consegue mais engajamento e motivação de um público que não se satisfaz mais com os modelos de ensino tradicional. Neste contexto, o envolvimento das pessoas baseia-se principalmente em estruturas de recompensa, reforço e *feedbacks*, suportados por mecânicas e sistemáticas de jogos que potencializam o envolvimento dos usuários. A gamificação pode desempenhar um papel fundamental no ensino, pois através dela é possível prender a atenção do indivíduo com a dinâmica e a ludicidade presente nessa metodologia de ensino. E ainda, dialogar com as tecnologias digitais, um dos mundos frequentado pelos jovens atualmente.

Nesse contexto, é possível perceber que a gamificação apresenta um grande potencial de transformação dos modelos de ensino, podendo tornar o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e dinâmico. Promovendo a interação dos professores com o universo dos jogos para que possam desenvolver novas técnicas de gamificação e metodologias de ensino de forma que todos os alunos se sintam inseridos dentro desse processo.

De acordo com Miranda (2016), a gamificação contribui para um processo de ensino-aprendizagem prazeroso e significativo e traz melhorias para o rendimento

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

dos alunos. No entanto, ainda existem desafios que precisam ser superados para efetivação dessa prática de ensino. Pois, para utilizar a gamificação em sala de aula, é fundamental que os professores tenham conhecimento e habilidades sobre ela, um ambiente físico adequado e um bom acesso à internet, permitindo assim explorar as potencialidades que essa ferramenta é capaz de oferecer.

Outro aspecto, é a aceitação dos professores, muitos preferem continuar usando o método de ensino tradicional, limitando os alunos à sala de aula e a práticas expositivas. Isso acarreta o desestímulo dos discentes em relação a aprendizagem, ocasionando baixo rendimento escolar que associado a outros fatores pode levar à evasão. Nesse contexto, faz-se necessário conscientiza-los que a aprendizagem precisa ser significativa e compreensiva para que o aluno consiga criar relações entre os conteúdos e sinta-se motivado. Posto isso, passaremos para a próxima seção onde será mostrado a análise dos questionários aplicados com os professores participantes da pesquisa.

ANÁLISE DE DADOS

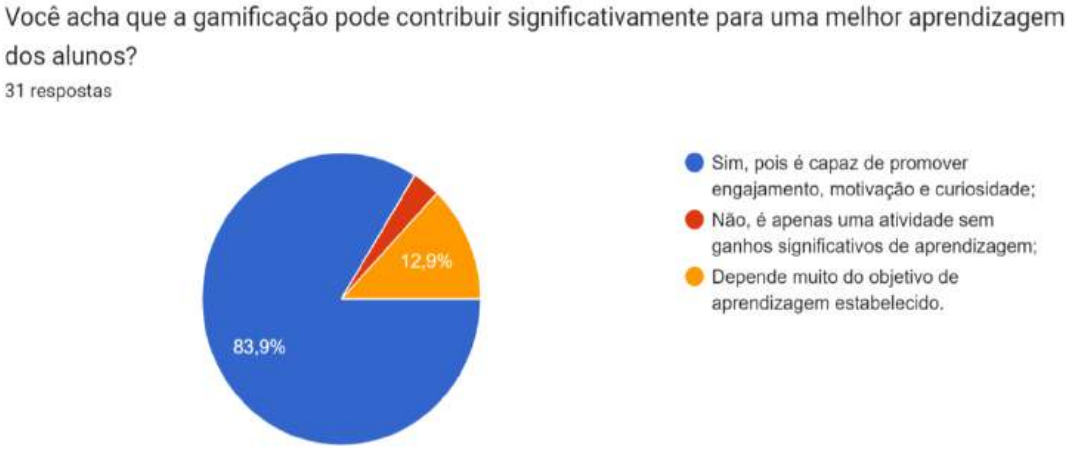
O estudo foi conduzido através de um questionário *online*, utilizando a plataforma *Google Forms*, compartilhado aos professores via *link*. O foco da pesquisa foi professores que atuam na cidade de Zé Doca - MA, conseguiu-se atingir um quantitativo de 31 participantes, sendo a maioria (96,8%) atuante da rede pública de ensino, e apenas 3,2% vinculada a rede privada.

Assim, buscou-se identificar qual a percepção e entendimento desses professores em relação a gamificação, enquanto metodologia de ensino-aprendizagem.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Gráfico 1 – Sobre o nível de contribuição da gamificação para a aprendizagem.



Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Os dados apresentados no gráfico demonstram que a maioria dos professores (83,9%) acreditam que a gamificação pode contribuir significativamente para uma melhor aprendizagem dos alunos. Isso sugere uma visão positiva sobre os potenciais da gamificação como uma estratégia pedagógica capaz de promover benefícios como engajamento, motivação e curiosidade nos alunos. Sabe-se que estes são desafios enfrentados por professores atualmente, e, neste sentido, a gamificação tem ganhado destaque em diversas áreas sendo utilizada para motivar e engajar pessoas. O que pode ser compreendido de acordo com a concepção de Busarello, Ulbricht, Fadel (2014, p. 33 e 34) que afirmam que:

> O foco da gamificação é envolver emocionalmente o indivíduo dentro de uma gama de tarefas realizadas. Para isso se utiliza de mecanismos provenientes de jogos que são percebidos pelos sujeitos como elementos prazerosos e desafiadores, favorecendo a criação de um ambiente propício ao engajamento do indivíduo. Esse engajamento, por sua vez, pode ser medido e visto como os níveis de relação entre sujeito e o ambiente – trabalho e outras pessoas –, e é um dos principais fatores a serem explorados dentro dos recursos de gamificação. Isso porque é o foco da própria gamificação e responsável pelo sucesso ou insucesso do jogo enquanto estratégia.

Pode-se afirmar que essa concepção está de acordo com a parcela de professores (12,9%), que acreditam no potencial e benefícios da gamificação, porém, para eles, esses potenciais dependem dos objetivos de aprendizagem pretendidos. O que demonstra uma compreensão destes com a importância de alinhar as estratégias de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

gamificação aos objetivos específicos de ensino. Evidenciando assim, uma consciência da importância de uma abordagem contextualizada e não arbitrária.

Moran (2015) também defende essa postura ao afirmar que as abordagens pedagógicas devem ser alinhadas com os objetivos estabelecidos. Pois, os desafios estrategicamente planejados contribuem para estimular as competências desejadas, tanto intelectuais quanto emocionais, pessoais e comunicativas.

Quando perguntados sobre os desafios da implementação da gamificação como prática de ensino nas escolas obteve-se os seguintes dados.

Gráfico 2 – Sobre os desafios da gamificação como prática de ensino

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Percebe-se, com esses dados, que a gamificação como prática de ensino nas escolas enfrenta desafios significativos, principalmente relacionados à falta de conhecimento e habilidades dos professores, à dificuldade de acesso à internet e/ou falta de espaço físico adequado, e à resistência ao método tradicional de ensino.

Segundo Burke (2015), a gamificação usada com sabedoria pode melhorar significativamente o cenário educacional. Considerando que será uma ferramenta de grande relevância no futuro, o seu desenvolvimento tem o potencial de transformar a sala de aula em um ambiente de sucesso, desenvolvendo novas ideias e inovações e gerando novas experiências.

Procurou-se também, identificar como os professores veem os potenciais da gamificação enquanto prática de ensino, como entendem que se pode obter melhores resultados.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Gráfico 3 – Sobre os potenciais da gamificação como metodologia de ensino.

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Os dados demonstram que a grande maioria (77,4%) acredita que as potencialidades da gamificação podem ser aproveitadas tanto na prática de revisão de conteúdos quanto na prática de avaliação da aprendizagem. Isso evidencia uma visão extensiva sobre o uso da gamificação como uma ferramenta versátil que pode ser aplicada em diferentes contextos pedagógicos.

Essa alta porcentagem de professores que veem a gamificação como uma ferramenta versátil, demonstra o entendimento de que essa abordagem pode promover o engajamento dos alunos em diferentes momentos do processo educacional.

Observa-se com esses números que os professores estão abertos a diferentes estratégias que possam envolver a implementação da gamificação, isso demonstra uma flexibilidade na abordagem pedagógica. A diversidade de respostas também sugere que os professores podem considerar a personalização da gamificação de acordo com as necessidades específicas de ensino.

Os dados dessa pesquisa revelam um panorama significativo sobre a percepção dos professores em relação a gamificação como prática de ensino. A falta de conhecimento e habilidades surge como um desafio predominante, destacando a necessidade de programas abrangentes de formação e capacitação. Outro ponto é a identificação de questões práticas, como a dificuldade de acesso à internet e a falta de espaço físico adequado, que aponta para a importância de estratégias flexíveis e adaptativas na implementação da gamificação.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Outro ponto a ser mencionado diz respeito a resistência ao método tradicional de ensino, embora menos destacada, deve-se ressaltar a complexidade da transição para abordagens pedagógicas inovadoras. Neste sentido, Moran (2007), em seu livro "A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá" ressalta que a transformação na educação é um processo desigual e desafiador. Segundo ele, evolui-se gradualmente, aos poucos, em todos os níveis e formas de ensino, devido à significativa disparidade econômica, maturidade e motivação existente na sociedade. Enquanto algumas pessoas estão prontas para mudanças, outras não estão, e modificar padrões nas organizações, governos, entre profissionais e na sociedade como um todo é uma tarefa árdua. Desse modo, pode-se dizer que estratégias eficazes de gestão de mudanças e comunicação tornam-se essenciais para criar um ambiente receptivo.

De modo geral, os desafios identificados requerem uma abordagem ampla e personalizada, levando em consideração os diferentes ângulos de implementação da gamificação. Percebe-se que a criação de um ambiente educacional favorável exigirá não apenas o desenvolvimento de habilidades, mas também soluções adaptativas e uma abordagem cuidadosa para superar resistências e colocar efetivamente a gamificação como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÃO

Conforme apresentado ao longo do trabalho, é possível reforçar a importância da gamificação, visto que a mesma pode impactar fortemente na qualidade do ensino aprendizagem. Contribuindo para o aumento dos níveis de engajamento e motivação dos alunos, um dos principais desafios enfrentados pelos professores atualmente. Viu-se que nas últimas décadas com o avanço da tecnologia de informação e comunicação, essa metodologia tem ganhado destaque, por promover a aproximação dos ambientes de aprendizagem ao universo digital e conectado vivido pelos jovens. Assim, os mecanismos encontrados nos jogos, como sistemas de *rankeamento*, *feedback*, desafios e fornecimento de recompensas são incorporados às práticas de ensino de forma estratégicas com foco na aprendizagem.

Neste sentido, percebe-se que a gamificação emerge como uma estratégia inovadora e flexível que pode ser facilmente incorporada às práticas de ensino

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

contemporâneas, encontrando sintonia tanto nas metodologias ativas quanto no ensino híbrido. Ao integrar elementos lúdicos e motivacionais, a gamificação alinha-se perfeitamente com as metodologias ativas, promovendo o engajamento ativo dos alunos e estimulando uma participação mais dinâmica.

Diante dos resultados obtidos com a pesquisa através do levantamento bibliográfico e aplicação do questionário, constata-se que há uma disposição dos professores para a implementação de diferentes estratégias que possam envolver a gamificação, o que evidencia flexibilidade na abordagem pedagógica. Por outro lado, apesar da consciência de parte dos entrevistados, quanto a necessidade de personalização da gamificação aos objetivos específicos de ensino, alguns desafios ficam evidentes como: a falta de conhecimento e habilidades, a falta de acesso à internet e espaço físico adequado. Desafios que podem ser solucionados com o desenvolvimento de programas de formação, capacitação e desenvolvimento de estratégias flexíveis e adaptativas, bem como com a adequação ou implantação de ambientes que propiciem a aplicação de práticas gamificada. Assim, tais desafios surgem como caminhos para o desenvolvimento de futuras pesquisas que possam contribuir para a implementação bem-sucedida da gamificação no ambiente educacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. P. Cultura lúdica sempre acompanhou a humanidade. **Revista PréUnivesp**, 59. Julho 2016. Universidade de Maringá. Disponível em: https://pre.univesp.br/cultura lúdica#v9qsowvbnos. Acesso em: 22 nov. 2023.

ALVES, Lynn Rosalina Gama. *et al*. Gamificação: diálogos com a educação. In Luciane Maria Fadel et al. (Org.). **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014 [e-book]. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/gamificacao[1]na-educacao. Acesso em: 10 dez. 2023.

AUSANI, Paulo César; ALVES, Marcos Alexandre. Gamificação e ensino: o jogo dialógico como estratégia didática ativa e inovadora. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, 2020. 20p.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Penso Editora, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BURKE, Brian. **Gamificar**: como a gamificação motiva as pessoas a fazerem coisas extraordinárias. DVS editora, 2015.

BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vania Ribas; FADEL, Luciane Maria. A gamificação e a sistemática de jogo: conceitos sobre a gamificação como recurso motivacional. **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 11-37, 2014.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Lajeado, v. 14, n. 1, 2017. DOI http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.268- 288.404. Disponível em: https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema. Acesso: em 16 nov. 2023.

FARDO, Marcelo Luís. **A gamificação como estratégia pedagógica:** estudo de elementos dos games aplicados em processos de ensino e aprendizagem. 2013. 104f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013.

MARTINS, Dayse Marinho. *et al*. A gamificação no ensino de história: o jogo "legend of zelda" na abordagem sobre medievalismo. **HOLOS**, v. 7, p. 299-321, 2016.

MIRANDA, S. de. **Estratégias didáticas para aulas criativas**. Campinas: Papirus, 2016.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Papirus Editora, 2007.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção mídias contemporâneas. **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

OLIVEIRA, Evellyn; MORAES, Eduardo. Games em 2019? Uma revisão sistemática de literatura no uso de gamificação aplicada à educação. **Anais da XIX Escola Regional de Computação Bahia**, Alagoas e Sergipe, p. 585-594, 2019.

ORLANDI, Tomás Roberto Cotta; DUQUE, Claudio Gottschalg; MORI, Alexandre Mori. Gamificação: uma nova abordagem multimodal para a educação. **Biblios**, n. 70, p. 17-30, 2018.

REZENDE, Bruno Amarante Couto; MESQUITA, Vânia dos Santos. O uso de gamificação no ensino: uma revisão sistemática da literatura. **XVI Simpósio Brasileiro De Jogos e Entretenimento Digital**, p. 1004-1007, 2017.

ROCHA, I. N. V.; AMARAL, E. A. Metodologias ativas de ensino: percepções da aplicação no curso de direito. Andrade Júnior J. M; Souza L. P; Silva N. L. C, organizadores. **Metodologias ativas**: práticas pedagógicas na contemporaneidade. Campo Grande: Inovar, p. 96-113, 2019.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SAHAGOFF, Ana Paula da Cunha. Metodologias ativas: um estudo sobre práticas pedagógicas. **Metodologias ativas**: práticas pedagógicas na contemporaneidade. Campo Grande: Editora Inovar, 2019.

SCHLEMMER, Eliane. Games e Gamificação: uma alternativa aos modelos de EaD. **RIED - Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, Madrid, v. 19, n. 2, p. 107-124, jul. 2016. DOI: https://doi.org/10.5944/ried.19.2.15731.

SCHLEMMER, Eliane. Projetos de aprendizagem gamificados: uma metodologia inventiva para a educação na cultura híbrida e multimodal. **Momento:** diálogos em educação, v. 27, n. 1, p. 42-69, jan./abril. 2018. Disponível em: https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7801/5279. Acesso em: 10 Abril de 2024.

SEBOLD, Luciara Fabiane. *et al*. Metodologias ativas: uma inovação na disciplina de fundamentos para o cuidado profissional de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 753-756, 2010.

SILVA, Diego Leonardo Chaves. **Análise do impacto da gamificação em um sistema de feedback contínuo digital de avaliação da aula do professor.** Dissertação de mestrado - UFP, Ciência da Computação, Recife, 2017.

TOLOMEI, Bianca Vargas. A gamificação como estratégia de engajamento e motivação na educação. **EAD em foco**, v. 7, n. 2, 2017.

VIANNA, Ysmar. *et al*. **Gamification, Inc**: como reinventar empresas a partir de jogos, 2013.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LITERATURA BRASILEIRA: OS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA OBRA INDIANISTA "UBIRAJARA" DO ROMANTISTA JOSÉ DE ALENCAR

Larissa Lisboa[1]

Marceli Pacheco[2]

Resumo: O Romantismo no Brasil foi uma corrente literária e artística que teve seu auge no século XIX e deixou um legado significativo na cultura do país, proporcionando a valorização intensa das emoções, da natureza e do nacionalismo estavam presentes nas produções artísticas. Isso se refletia tanto na escolha de temas locais como nas referências à história e à cultura brasileira. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo mostrar a análise do livro de romance indianista "Ubirajara" (1874) do ilustre escritor José Martiniano Alencar Junior (1829 – 1877), patrono da cadeira n.º 23 da Academia Brasileira de Letras. Desse modo, este trabalho apresenta a complexidade da representação das personagens idealizadas, o nacionalismo exacerbado e o importante impacto da obra para a formação da literatura brasileira (Cândido, 1980). As concepções se aprofundam por meio da perspectiva do mito (Eliade, 2004; Cassirer, 1985) questionamentos, embates e condutas da época em que a obra foi realizada. Assim, o artigo aborda a representatividade das personagens e expõe uma reflexão sobre José de Alencar (Bosi, 1970), a sua importância para a literatura da época e, consequentemente, a magnitude das obras no contexto atual.

Palavras-chave: Indianista. Romantismo. José de Alencar. Literatura Brasileira.

Introdução

No início do século XIX, o Brasil ainda era colônia de um país atrasado como Portugal, a dependência atrapalhava não só os movimentos de suas classes superiores, mas também os clérigos, os proprietários e os comerciantes, pois a Metrópole impedia o intercâmbio comercial, cobrava preços exorbitantes pelos produtos e estabelecia condições humilhantes para a população do país. Entretanto, esse lamentável cenário mudou com a surpreendente chegada da Família Real Portuguesa no Brasil em 1808, gerando esperança de transformação e progresso para a população da Colônia. No livro

[1] Graduanda do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA), larissa.lisboa.luz@ilc.ufpa.br

[2] Graduanda do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA),

marceli.pacheco@ilc.ufpa.br.

O Romantismo no Brasil, Antonio Candido (2002) retrata a história dos primeiros capítulos da nova história brasileira:

> De fato, tornando-se sede da Monarquia o Brasil não apenas teve a sua unidade garantida, mas começou a viver um processo de independência virtual, tornada efetivamente em 1822 depois que o soberano voltou a Lisboa por exigência dos seus súbitos portugueses. Em 1816 o país fora elevado à categoria de Reino Unido e, em 1821, ao se retirar, o Rei D. João VI (que sucederá à mãe, morta em 1816) deixou como regente o filho mais velho, herdeiro do trono, aconselhando-o que caso a independência se tornasse inevitável ele próprio a fizesse e governasse o Brasil. Foi o que fez o Príncipe, proclamado a separação e sendo aclamado Imperador sob o nome de Pedro I, numa solução conciliatória que permitiu às classes dominantes manter a posição e as vantagens (Candido, 2002, p. 10).

Para o Brasil ter suas próprias produções sem a manipulação portuguesa foi bastante difícil, já que Portugal continha poder sob o território e às produções literárias desde a colonização. Entretanto, quando o país ficou livre do controle da Metrópole em 1822, buscou uma identidade mais patriota que o afastasse dos preceitos europeus para fomentar a própria identidade, sem uma interferência feroz. O ponto de vista de outrora, de subserviência cruel, foi substituído pela vontade do cidadão de participar ativamente nos meios políticos, pois sentia o dever de tomar a iniciativa para de estabelecer um bom governo que promovesse o império da razão. Assim, segundo Antonio Candido:

> Essa transição ideológica corresponde ao desejo crescente de autonomia, que terminou pela separação de Portugal e se exprimiu na ação e nos escritos de intelectuais, que falavam em promover as reformas necessárias para civilizar e modernizar o país segundo as ideias do tempo (Candido, 2002, p. 13).

Nesse sentido, o Romantismo no Brasil começa no começo do século XIX e se estende até meados do século. Foi um período marcado por uma busca pela identidade nacional significativa para a população, com novos ideais e esperança, distanciando-se das influências portuguesas e valorizando temas como a natureza exuberante, o indígena, a figura do herói nacional legítimo brasileiro e as questões sociais, por isso, apresenta os

elementos mais nacionais, com características do povo, da cultura e com uma linguagem regionalista. Autores como Gonçalves Dias (1823-1864), Álvares de Azevedo (1831-1852), Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e Castro Alves (1847-1871) foram importantes expoentes desse movimento na literatura brasileira. Assim como José de Alencar (1829-1977) inspirado pela ideia de uma nação livre, se esforçou em consolidar alguns aspectos da identidade brasileira em suas obras, contribuindo para a construção de uma literatura nacional com a identidade cultural do país.

Como o período romântico é importante para entender, de fato, os costumes, as percepções e o momento de transcrição do Brasil Colônia para um país independente, este artigo tem como objetivo mostrar a análise de uma das esplêndidas obras da primeira fase do movimento, a indianista, retratada no livro de romance *Ubirajara* (1874) do ilustre escritor José Martiniano Alencar Junior, patrono da cadeira n.º 23 da Academia Brasileira de Letras. Desse modo, este trabalho apresenta a complexidade da representação das personagens idealizadas, o nacionalismo exacerbado e o importante impacto da obra para a formação da literatura brasileira (Candido, 1980). As concepções se aprofundam por meio da perspectiva do mito (Eliade, 2004; Cassirer, 1985), dos questionamentos, embates e condutas da época em que a obra foi realizada. Assim, o artigo aborda a representatividade das personagens e expõe uma reflexão sobre José de Alencar (Bosi, 1970), a sua importância para a literatura da época e, consequentemente, a magnitude das obras no contexto atual.

José de Alencar: Pioneiro do Romantismo Brasileiro

O escritor José Martiniano de Alencar nasceu no dia 1º de maio de 1829, em Messejana, atual bairro de Fortaleza, Ceará. Em 12 de dezembro de 1877, faleceu no Rio de Janeiro de tuberculose aos 48 anos de idade. Filho de José Martiniano Pereira Alencar e de Ana Josefina de Alencar, o escritor romântico configura-se como um renomadoliterário das Letras, em razão da forte ligação não só com os jornais mas também com a literatura. Ainda menino, mudou-se com a família para a Corte onde recebeu educação, criando um grande apreço pela literatura, pois as leituras de livros de romances resultaram no contato com as vivências da vida

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sertaneja brasileira, que se refletiram nas suas obras. Em São Paulo e, em parte, em Olinda, cursou Direito (1845-50). Sabe-se que neste período compôs uma novela histórica, *Os Contrabandistas*, mas foi queimada por uma brincadeira de um companheiro de quarto (Bosi, 1970). Quando formado, começou a advogar no Rio, mas a literatura logo o absorveu, pois colaborou no Correio Mercantil, convidado por Francisco Otaviano de Almeida Rosa, seu colega de faculdade. Assim, se destacou primeiro como cronista do Correio Mercantil, quando escreveu *Ao Correr da Pena*, em 1854, depois como redator do Diário do Rio de Janeiro, para o qual escreveu, sob o pseudônimo de Ig., uma série de artigos críticos sobre o poema *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães (1856), o escritor favorito do Imperador.

Estabeleceu-se, entre José de Alencar e os amigos de Magalhães, considerado então o chefe da literatura brasileira, uma polêmica feroz, que D. Pedro II não esqueceu por longos anos da história política do redator brasileiro. Não obstante, a critica feita por meio do poema mostra o nível de estudos que Alencar tinha sobre a teoria literária e suas concepções do que devia caracterizar, de fato, a literatura do país. José de Alencar achava inadequado o gênero épico, incompatível à expressão dos sentimentos e anseios. Assim, escolheu a ficção para expressar suas considerações de um gênero moderno e livre, como ressalta Antônio Candido (2002) no livro *O Romantismo no Brasil:*

> Muito mais moderno, Alencar mostrou que para versar os temas indianistas a forma antiquada posta em prática por Magalhães não servia, com o seu duro verso sem rima e as sobrevivências do maravilhoso convencional. Visivelmente inspirado por Ossian e Chateaubriand, preconizava uma linguagem transfundida de cor local e musicalidade, que tentou a seguir sob a forma do romance, a começar por *O Guarani* (1857) (Candido, 2002, p.49).

Para entender as suas obras, precisa-se compreender outros aspectos de sua vida. Um fato muito interessante que vai se refletir é a vida política que Alencar iniciou após a morte de seu pai, em 1860. O escritor elegeu-se seguidamente deputado provincial pelo Ceará e galgando a pasta da Justiça no ministério conservador de 1868-1870. O pai era senador, ex-padre e vulto de projeção na política liberal, além de ter sido um dos animadores do Clube da Maioridade, que levou D. Pedro ao trono em 1840. Entretanto, os valores familiares não eram os mesmos, pois o perfil do romancista era, segundo Bosi:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Ao contrário do pai, que sempre se batera por tese liberais, o romancista assumiu posições retrógradas (patentes em face do problema escravista) e foi, no fundo, antes um individualista que um homem voltado para a coisa pública: sabe-se que o motivo de seu afastamento da política, quando entrava na casa dos quarenta anos, foi o ressentimento de ver-se preterido por Pedro II na indicação para o Senado (Bosi, 2006, p. 135).

A vida política de José de Alencar era eufórica, assim como a vida de escritor. O cearense escreveu romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, romances-poemas de natureza lendária, obras teatrais, poesias, crônicas, ensaios e polêmicas literárias, escritos políticos e estudos filológicos. Em destaque a parte de ficção histórica nacional, que se concretizou em duas concepções: romances de temas propriamente históricos e de lendas indígenas.

A carreira literária de Alencar foi pontuada de polêmicas infelizes à extrema susceptibilidade do romancista: com os defensores de Magalhães; com a censura, que suspendeu a representação de *As Asas de um Anjo*; com o Conselheiro Lafayette que chamou à heroína de Lucíola "mostrengo moral"; com Pinheiro Chagas, Antônio Henriques Leal e Antônio Feliciano de Castilho, portugueses que em tempos diversos o arguiram de incorreto, ao que o autor respondeu elaborando uma teoria da "língua brasileira". Além das impertinências de Franklin Távora que nas *Cartas a Cincinato* (1871) depreciou o modo pelo qual Alencar concebeu seus romances regionais.

Em vida, sofria com os males da doença desde novo. Em 1877, o escritor fez uma viagem à Europa para tratar-se da tuberculose, mas em vão. Regressando, vem a falecer no mesmo ano no Rio de Janeiro. Postumamente, e de relevo literário, saíram o romance *Encarnação* (1877) e a autobiografia *Como e Por Que Sou Romancista* (1893). Além das várias edições parceladas ou completas de suas obras pela Garnier e pela Ed. Melhoramentos, que contém a alencariana da José Olympio que engloba toda a ficção em 16 volumes (1951) precedidos de ensaios e a Obra Completa, em 4 volumes, da Editora Aguilar (1959), com uma introdução excelente de Cavalcanti Proença, "José de Alencar na Literatura Brasileira" (Bosi, 1970).

José de Alencar participou do movimento indianista na literatura brasileira do

século XIX. Suas produções são de extrema significância, pois apresentam sugestões para a nacionalização e a consolidação do romance do país. Isso resultou em intensa estima que o fez ser chamado de "o patriarca da literatura brasileira". Sua imensa produção causa admiração pela qualidade e pelo volume, se for considerado o pouco tempo que José de Alencar dedicou-se em sua vida curta. Em relação à escrita, fez muito pela sociedade, destaca-se o livro indianista *Ubirajara* que será abordado neste trabalho. Logo, ressalta-se que o contexto histórico da obra passava por intensa transformação, por isso, as obras indianistas também tinham o objetivo de preservar e valorizar a cultura dos povos indígenas, destacando suas tradições, costumes e línguas.

A Obra Indianista do Romantismo: Enredo do Livro Ubirajara

Uma das fases do Romantismo, o indianismo, surge da necessidade de escolher um tipo de personagem que representasse o brasileiro de forma emblemática. O renomado escritor José de Alencar escreveu três romances onde os indígenas são os protagonistas, mas em cada obra eles são inseridos em contextos diferentes e vistos de diversas perspectivas. Em *O Guarani* tem um indígena convivendo entre os brancos; em *Iracema*, essa dinâmica é invertida, com um branco imerso na cultura indígena. Já em *Ubirajara*, a história se passa antes da chegada dos portugueses ao Brasil, buscando retratar um estado original e puro, onde os indígenas não foram afetados pela influência dos brancos. Na obra literária estudada neste artigo, *Ubirajara*, são abordados temas relacionados à valorização da natureza, à cultura do povo brasileiro, ao folclore brasileiro e ao passado histórico, antes da colonização portuguesa. Assim, o indígena é eleito o herói nacional e torna-se o símbolo da pureza e da inocência da nação puramente brasileira. Logo, existe a ideia romântica da primeira fase do período do Romantismo, principalmente, porque a produção escrita por Alencar valoriza os indígenas, além de ter a idealização da mulher e do amor e uma certa predominância do sofrimento em virtude desse sentimento. Estão presentes também elementos bucólicos e uma visão teocêntrica, já que os valores burgueses, como fé, coragem e amor, são enaltecidos.

Na narrativa contada por José de Alencar, que se desenvolve com fluidez, através de sua linguagem de fácil compreensão, é possível

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

visualizarmos um cenário em que os povos indígenas, sem a presença dos colonizadores, expressam que podem explorar os seus costumes, a cultura, a política e as relações sociais entre eles. Para analisar o referido livro, salienta-se o resumo do enredo.

O livro conta a história de Jaguarê (primeiro nome do indígena protagonista), caçador araguaia, que busca algum inimigo forte o bastante para lutar e levar para sua aldeia, com o objetivo de obter o magnífico título de guerreiro. Em sua procura por alguém com quem lutar, o caçador acaba encontrando Araci, uma indígena tocantim, que era filha do chefe de sua tribo. A moça conta para ele que é disputada por cem guerreiros de sua nação e convida-o para também disputá-la. O jovem pede, então, para que ela retorne à sua tribo e dê o recado de que ele iria combater todos os cem pretendentes. Araci faz como pede Jaguarê e volta para a sua tribo com o objetivo de dar esse recado.

Depois de um tempo, o caçador Jaguarê encontra Pojucã, irmão de Araci, com quem luta sem saber de seu parentesco com a moça. Jaguarê consegue vencer a luta contra Pojucã, recebendo o título de Ubirajara (segundo nome do indígena protagonista), que significa “senhor da lança”. Assim, Ubirajara leva o vencido para a sua aldeia e oferece para ele sua antiga pretendente, a bela e doce Jandira. Porém, Jandira não quer ficar com nenhum homem a não ser Jaguarê e, por isso, decide fugir para a floresta.

Em meio a isso, Ubirajara decide ir para a aldeia de Araci e não se identifica, pois a hospitalidade dos tocantins permitia isso, adotando o nome de Jurandir (terceiro nome do indígena protagonista), que significa “aquele que veio da luz”. Lá, ele combate com todos os pretendentes da idealizada indígena e vence todas as batalhas, ganhando a mão da jovem em casamento. No entanto, para casar, ele teve que falar seu verdadeiro nome, o que causou uma grande confusão, pois ele havia feito o irmão de Araci de prisioneiro. Assim, começa uma grande guerra entre tribos, com Pojucã sendo libertado para lutar com seus irmãos tocantins e com a chegada dos tapuias, que atacam antes dos araguaias.

Itaquê, o líder tocantim, consegue vencer o líder dos tapuias, mas acaba ficando cego e perdendo sua liderança. Com isso, foi preciso escolher um novo líder, que deveria conseguir pegar o arco de Itaquê, dobrá-lo e atirar com ele. Contudo, nenhum indígena tocantim consegue o feito, nem mesmo Pojucã, filho do líder. Com isso, Ubirajara é convidado para tentar, e ele o faz com tanta habilidade que Itaquê ficou emocionado.

Assim termina o livro: Ubirajara dobra os arcos das duas nações, tocantim e araguaia, unindo-as, dando origem à nação Ubirajara, com Jandira e Araci com ele.

A Obra Indianista do Romantismo: Enredo do Livro Ubirajara

Uma das fases do Romantismo, o indianismo, surge da necessidade de escolher um tipo de personagem que representasse o brasileiro de forma emblemática. O renomado escritor José de Alencar escreveu três romances onde os indígenas são os protagonistas, mas em cada obra eles são inseridos em contextos diferentes e vistos de diversas perspectivas. Em O Guarani tem um indígena convivendo entre os brancos; em Iracema, essa dinâmica é invertida, com um branco imerso na cultura indígena. Já em Ubirajara, a história se passa antes da chegada dos portugueses ao Brasil, buscando retratar um estado original e puro, onde os indígenas não foram afetados pela influência dos brancos. Na obra literária estudada neste artigo, Ubirajara, são abordados temas relacionados à valorização da natureza, à cultura do povo brasileiro, ao folclore brasileiro e ao passado histórico, antes da colonização portuguesa. Assim, o indígena é eleito o herói nacional e torna-se o símbolo da pureza e da inocência da nação puramente brasileira. Logo, existe a ideia romântica da primeira fase do período do Romantismo, principalmente, porque a produção escrita por Alencar valoriza os indígenas, além de ter a idealização da mulher e do amor e uma certa predominância do sofrimento em virtude desse sentimento. Estão presentes também elementos bucólicos e uma visão teocêntrica, já que os valores burgueses, como fé, coragem e amor, são enaltecidos. Na narrativa contada por José de Alencar, que se desenvolve com fluidez, através de sua linguagem de fácil compreensão, é possível visualizarmos um cenário em que os povos indígenas, sem a presença dos colonizadores, expressam que podem explorar os seus costumes, a cultura, a política e as relações sociais entre eles. Para analisar o referido livro, salienta-se o resumo do enredo. O livro conta a história de Jaguarê (primeiro nome do indígena protagonista), caçador araguaia, que busca algum inimigo forte o bastante para lutar e levar para sua aldeia, com o objetivo de obter o magnífico título de guerreiro. Em sua procura por alguém com quem lutar, o caçador acaba encontrando Araci, uma indígena tocantim, que era filha do chefe de sua tribo. A

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

moça conta para ele que é disputada por cem guerreiros de sua nação e convida-o para também disputá-la. O jovem pede, então, para que ela retorne à sua tribo e dê o recado de que ele iria combater todos os cem pretendentes. Araci faz como pede Jaguarê e volta para a sua tribo com o objetivo de dar esse recado. Depois de um tempo, o caçador Jaguarê encontra Pojucã, irmão de Araci, com quem luta sem saber de seu parentesco com a moça. Jaguarê consegue vencer a luta contra Pojucã, recebendo o título de Ubirajara (segundo nome do indígena protagonista), que significa "senhor da lança". Assim, Ubirajara leva o vencido para a sua aldeia e oferece para ele sua antiga pretendente, a bela e doce Jandira. Porém, Jandira não quer ficar com nenhum homem a não ser Jaguarê e, por isso, decide fugir para a floresta. Em meio a isso, Ubirajara decide ir para a aldeia de Araci e não se identifica, pois a hospitalidade dos tocantins permitia isso, adotando o nome de Jurandir (terceiro nome do indígena protagonista), que significa "aquele que veio da luz". Lá, ele combate com todos os pretendentes da idealizada indígena e vence todas as batalhas, ganhando a mão da jovem em casamento. No entanto, para casar, ele teve que falar seu verdadeiro nome, o que causou uma grande confusão, pois ele havia feito o irmão de Araci de prisioneiro. Assim, começa uma grande guerra entre tribos, com Pojucã sendo libertado para lutar com seus irmãos tocantins e com a chegada dos tapuias, que atacam antes dos araguaias. Itaquê, o líder tocantim, consegue vencer o líder dos tapuias, mas acaba ficando cego e perdendo sua liderança. Com isso, foi preciso escolher um novo líder, que deveria conseguir pegar o arco de Itaquê, dobrá-lo e atirar com ele. Contudo, nenhum indígena tocantim consegue o feito, nem mesmo Pojucã, filho do líder. Com isso, Ubirajara é convidado para tentar, e ele o faz com tanta habilidade que Itaquê ficou emocionado. Assim termina o livro: Ubirajara dobra os arcos das duas nações, tocantim e araguaia, unindo-as, dando origem à nação Ubirajara, com Jandira e Araci com ele.

Manifestações do Ideal: **Costumes e Personagens**

Na perspectiva do leitor observar traços da vida real em uma obra, percebe-se que o autor tomou para si o dever de mostrar a verossimilhança ao público. Nesse sentido, José de Alencar ressalta em *Ubirajara* tudo que permeava as questões nacionais da época,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

mesmo sendo algo ficcional. Mas, em toda obra, mesmo que fictícia, ocorre a semelhança com o cotidiano. Nesse sentido, na narrativa do romance há uma ligação entre a ficção e a realidade, podendo assim entender a crítica realizada à colonização.

O Romantismo fica exposto na obra através da caracterização dos personagens, de forma que se liga diretamente ao enredo da história. Pode observar isso conforme a identificação das características na escrita do autor, colocando o indígena como herói nacional, a valorização da natureza e a idealização do amor e da mulher. Assim, o enredo e o personagem, de maneira unificada aos intuitos do romance, configuram elementos fundamentais para promoverem significados e valores para a obra e, principalmente, a reflexão necessária das mudanças históricas do mundo.

O estudo realizado por Kleber Eckert e Maiquel Röhrig, publicado na revista GTLex em 2017, proporcionou uma análise etimológica e simbólica dos nomes dos principais personagens do romance indianista *Ubirajara*.

Ao explorar a relação entre o significado dos nomes e as características físicas e comportamentais dos personagens, os pesquisadores buscaram desvendar as sutilezas e profundidades da obra de José de Alencar. Esta abordagem revela a perspicácia do autor ao empregar nomes com uma carga simbólica que enriquece a trama e contribui para a compreensão mais profunda dos personagens e de suas interações no contexto do romance indianista.

Os nomes dos personagens em Ubirajara possuem uma forte carga simbólica que reflete os ideais e temas característicos do movimento literário do Romantismo. No contexto romântico, os nomes não são apenas identificadores dos personagens, mas também carregam significados mais profundos que ajudam a enriquecer a narrativa e a transmitir mensagens simbólicas aos leitores. Como, por exemplo, o nome Jaguarê, que remete à força e à coragem do protagonista, reflete o ideal romântico do herói indomável, capaz de superar desafios e adversidades. O nome Jurandir sugere uma jornada guiada pela iluminação espiritual ou pelo destino, evocando elementos místicos e espirituais frequentemente presentes na literatura romântica.

Destaca-se, desse modo, que inicialmente, o protagonista é nomeado como Jaguarê, “jovem caçador” (Alencar, 1874. p. 11), que denota sua destreza em vencer os

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

animais, incluindo o mais poderoso animal da floresta para os indígenas: o jaguar. O primeiro nome do protagonista sugere sua força e habilidade em superar desafios, prenunciando suas futuras conquistas ao longo da narrativa. Isso ressalta a natureza dominadora do protagonista, destacando-o como um líder entre seu povo.

Quando Jaguarê chega à tribo liderada por Itaquê, ele é recebido com a tradicional hospitalidade indígena. Normalmente, era considerado desonroso perguntar o nome do hóspede, mas desta vez os chefes hesitam em nomeá-lo, permitindo que Jaguarê escolhesse a sua própria designação. Ele opta por se chamar Jurandir, que é uma contração de "Ajur-rendi-pira", significando "aquele que veio trazido pela luz" (Alencar, 1874, p. 69). Simbolicamente, o nome Jurandir está relacionado à personagem Araci, que é representada como "a estrela do dia". A escolha desse nome pode ter sido feita por Alencar para destacar a ligação entre os dois personagens por meio de seus nomes.

Após derrotar Pojucã com sua lança, Jaguarê proclama seu novo nome: "Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro terrível que tem por arma uma serpente" (Alencar, 1874, p. 33). A origem do nome Ubirajara remonta ao tupi e significa "senhor da lança, do tacape". No desfecho do romance, o nome do protagonista torna-se o nome de uma grande nação indígena, a nação dos Ubirajaras. Ambas as interpretações têm uma relação simbólica com o personagem: a primeira destaca a arma que ele utiliza, enquanto a segunda aponta para o resultado de seu uso, tornando-o o senhor da floresta, após derrotar os animais mais temidos da floresta.

Também há o simbólico personagem Pojucã, que é o adversário que Jaguarê e o encontra na floresta e o desafia para um combate, a fim de testar o valor do protagonista. Alencar menciona que Pojucã significa "matador de gente" (Alencar, 1874, p. 17). O combate entre os dois evidencia a coragem de Pojucã, embora ele não corresponda ao significado de seu nome, a intenção por trás do nome de Pojucã é apresentá-lo como um inimigo temível, porém, sua incapacidade de cumprir o significado de seu nome ressalta o poder de Ubirajara, que ao vencê-lo, reivindica o título de "dono da floresta".

No sentido de enaltecer a figura feminina na obra, Alencar não erra na construção do nome de Araci. O nome é uma palavra tupi que se compõe de "ara-dia, e sei ou sejy – grande estrela", sendo este último nome dado pelos indígenas às plêiades. No texto, o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

autor afirma que Araci é a "estrela do dia" (Alencar, 1874, p. 15). Araci é a induzida como "luz" que guia Jaguarê até a tribo e justifica sua mudança de nome para Jurandir, "trazido pela luz". Essa representação de uma mulher como luz é recorrente na literatura, inclusive em outros romances de Alencar, como "Lucíola", onde o protagonista é atraído por uma mulher, igualmente apaixonado desde o primeiro momento em que a vê.

Além dessa valorização com Araci, outra personagem feminina que ganha destaque é Jandira. Segundo Alencar, o nome Jandira vem de Jandaíra, uma abelha que produz excelente mel. A referência simbólica do nome à doçura do mel é facilmente explicável devido à idealização romântica da mulher. No entanto, é importante notar a presença da abelha em seu nome, já que é Jandira quem contém o "ferrão" do ciúme, um desafio que o protagonista precisa enfrentar. A combinação da doçura do mel e da presença antagônica da abelha já foi explorada por Alencar em romances como Iracema, onde a protagonista é descrita como "a virgem dos lábios de mel" (Alencar, 1865, p. 24).

Em *Ubirajara* de José de Alencar, os nomes indígenas carregam uma profunda simbologia, refletindo a conexão dos personagens com sua cultura e identidade. Os nomes evocam elementos da natureza e da espiritualidade indígena, destacando a harmonia entre o homem e seu ambiente. Além disso, a escolha de nomes indígenas por parte de Alencar pode ser interpretada como uma forma de reconhecimento e valorização da cultura e da história dos povos nativos do Brasil. Em uma época em que a sociedade brasileira estava passando por intensas transformações e a identidade nacional estava sendo construída, Alencar resgata e celebra a herança cultural dos povos originários, destacando sua contribuição para a construção da identidade brasileira. Desse modo, a simbologia dos nomes indígenas no romance indianista enriquece a narrativa e ressalta a importância da preservação e do respeito pela diversidade cultural do Brasil.

Os Costumes e Descrição dos Elementos na Perspectiva do Mito

Em *Ubirajara* a questão mitológica é permeada durante toda a história, trazendo referências mitológicas tupi-guarani. Através da narrativa, o autor resgata os mitos e lendas indígenas, as entrelaçando com os elementos da sua imaginação. Dessa forma, a mitologia é um elemento essencial para a história através da construção da identidade dos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

personagens enriquecendo a trama.

No ano de sua publicação (1874), o movimento indianista e o romantismo estava em ascensão, fazendo com que Alencar construísse e refletisse a identidade brasileira por meio de suas obras. É importante considerar que mesmo conduzindo a obra com profundo respeito, José de Alencar é um homem do século XIX, logo sua visão acerca da mitologia pode refletir perspectivas enraizadas da época, dado o contexto histórico em que vivia. No livro, os mitos indígenas servem como um meio pelo qual os personagens interpretam o mundo ao seu redor e dão significado às suas experiências.

Diante disso, faz-se necessário compreender o significado dos mitos. Eles seriam todas as formas simbólicas de expressão em que refletem os valores e desejos de uma comunidade, com a função de formar uma identidade coletiva. É válido destacar que eles são dinâmicos e evolutivos, ou seja adaptam-se às mudanças históricas e culturais que ocorrem ao longo do tempo.

Para Cassirer (1985), o mito tem a função de fornecer uma estrutura narrativa em que explique a origem e a natureza do mundo. Dessa forma, realizando a transmissão e preservação da identidade cultural através dos valores, crenças e tradições que são repassadas de geração em geração. Fazendo um paralelo com a linguagem, o autor acredita que os mitos são sistemas simbólicos complexos em que operam de maneira semelhante a linguagem. Nesse sentido, assim como a linguagem, os mitos são estruturados por meio de símbolos e metáforas que permitem a construção da narrativa. O autor argumenta em *Filosofia das Formas Simbólicas* que o mito é uma forma essencial de expressão simbólica que embrulha a visão de mundo de uma cultura.

Por essa perspectiva de Cassirer (1985), em *Ubirajara* compreende-se que os mitos indígenas funcionam como uma lente através da qual os personagens são interpretados. Na obra, percebe-se que a jornada de Ubirajara para se tornar um grande guerreiro é talhada pela sua interação com os mitos e as suas tentativas de viver conforme os seus ensinamentos. Nessa conjectura, os elementos mitológicos funcionam como instrumentos narrativos, criando uma atmosfera rica em simbolismo e significando. Dessa forma, os mitos não são adereços insignificantes, mas são artefatos prestigiosos que moldam o destino dos personagens e incitam o enredo à frente, pois os personagens

encarnam diversos arquétipos mitológicos presentes na cultura indígena, isso pode-se enxergar no personagem de Ubirajara que é um herói guerreiro e na Araci que personificaa imagem da donzela em perigo. Isso reflete os mitos e valores transmitidos oralmente dentro do cenário de sociedade retratado por Alencar.

Assim como Cassirer (1985), Mircea Eliade (2004) defende que os mitos não são simplesmente histórias fantásticas ou fictícias, mas expressões simbólicas de verdades fundamentais sobre a existência humana. Além disso, Eliade enfatiza o aspecto da "eterna repetição" dos mitos, destacando como eles continuam a ressoar e a influenciar as culturas contemporâneas, mantendo viva uma conexão com as tradições ancestrais. Na obra de Alencar, a relação entre mito e realidade reflete a concepção de que o sagrado norteia todas as esferas da existência humana. Dessa forma, Ubirajara não apenas retrata um mito indígena, mas também o fortalece, tornando-o relevante para a compreensão da identidade e da espiritualidade brasileira.

Além disso, a presença constante da natureza exuberante e selvagem do Brasil pré-colonial adiciona uma dimensão mística à narrativa, enriquecendo ainda mais o enredo mitológico criado por Alencar. Ao longo da história, é criado um cenário para o leitor ser cativado magia e pela beleza dos mitos indígenas, que se entrelaçam de modo harmonioso com a trama principal, conferindo-lhe profundidade e complexidade. O livro fornece uma obra que não somente gera entretenimento mas também faz refletir sobre a riqueza e a relevância da mitologia pra a cultura nacional.

Considerações Finais

José Martiniano Alencar Junior foi um dos maiores representantes da corrente literária indianista e o principal romancista brasileiro da fase romântica. Durante toda sua vida procurou trazer para os livros as tradições, a história, a vida rural do Brasil. Dessa forma, na obra indianista retrata com esplendor as vivências da nação indígena com seus conflitos, costumes e cultura de modo significativo. O autor criou uma imagem benéfica da natureza e do indígena, além de realizar uma relação mítico-poético. Assim, Alencar enaltece o povo indígena, por meio da inocência do bem e do mal, que vive em uma terra rica, lugar onde todos os desejos reprimidos se tornam

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

realidade, até na poligamia do protagonista, fortalecendo uma imagem grandiosa do território.

A obra *Ubirajara* é um livro que traz uma reflexão de um passado anterior a colonização, juntamente com o triângulo amoroso. Retrata não somente um herói, corajoso, valente e destemido, mas também a imagem de mulheres com as mesmas características honrosas do herói. De modo geral, José de Alencar revela uma narrativa envolvente sobre a cultura e os valores dos povos indígenas e a identidade nacional brasileira. Através da simbologia dos nomes indígenas, Alencar resgata e celebra a herança cultural dos povos originários, destacando sua conexão com a natureza, sua espiritualidade e sua resistência diante das transformações sociais e culturais.

Ao explorar temas como liderança, coragem, amor e conflito, Alencar oferece uma visão multifacetada da sociedade brasileira do século XIX, revelando as tensões na construção da identidade nacional. Ademais, ao construir personagens indígenas e reconhecer sua contribuição para a formação do Brasil, José de Alencar desafia estereótipos e preconceitos, promovendo a valorização da diversidade cultural e étnica do país. Portanto, *Ubirajara* enriquece o panorama da literatura brasileira com sua narrativa envolvente e personagens cativantes, oferecendo uma importante reflexão da identidade nacional e o papel dos povos indígenas na construção dessa identidade. Esta obra continua a ressoar como um testemunho da riqueza e da complexidade da experiência brasileira, convidando os leitores para explorarem e a valorizarem diversidade cultural do país.

Referências

ALENCAR, José de. *Ubirajara*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

BARBOSA, O. *Dicionário de nomes próprios, indígenas e afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.* 43ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BOSI, Alfredo. *Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar*. In: Dialética da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 176-193

CANDIDO, Antonio. *A Personagem do Romance*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanistas/FFLCH, 2002.

CASSIRER, ERNST. *Linguagem e Mito*. 2ª ed.. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

DEZOTTI, M. C. *Ressonâncias da épica greco-latina no Ubirajara de José de Alencar*. Acta Scientiarum. Language and Culture, v. 42, n. 1, p. e49961, 2020.

Disponível em: https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v42i1.49961. Acesso em: 8 fev. 2024.

ECKERT, K.; RÖHRIG, M. *Antroponímia ficcional: o caso de Ubirajara, de José de Alencar*. Revista GTLex, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 170–189, 2017. DOI: 10.14393/Lex3-v2n1a2016-7. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/37831. Acesso em: 9 fev. 2024.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O TEXTO LITERÁRIO E O COMBATE À REPRESSÃO E À VIOLÊNCIA: UMA LEITURA DO CONTO TIO ANDRÉ DE BERNARDO KUCINSKI

Yarilde Oliveira Gomes (UEMA)
(yarildeoliveira@gmail.com)
Marcos Antônio Fernandes dos Santos (UEMA/UFMS)
(marcossantos@professor.uema.br)

Resumo: Ao longo da existência humana encontramos diferentes formas de experienciar o mundo, especialmente diante de eventos que deixam marcas profundas. Contextos de repressão, por exemplo, são representativos de vivências que não deveriam condizer com a natureza humana, tendo em vista a sensibilidade que nos é característica, bem como a necessidade de empatia com nós mesmos e com o outro. Em nossa história recente, a ditadura militar ainda é um evento que traz reflexos diretos no dia a dia e, para tanto, o homem, em suas criações, tem questionado e representado esse cenário. A literatura, portanto, foi uma arma de combate para mostrar dentro dos seus limites a violência e o autoritarismo para que o regime militar tivesse fim. Apesar de haver outros contribuintes, a literatura estava para mostrar os ideais da época. Partindo disso, evidencia-se o aspecto transgressor da escrita literária. Esta pesquisa propõe uma análise do conto "Tio André ", presente na obra você vai voltar para mim e outros contos, de Bernardo Kucinsk (2014). Assim, o objetivo da pesquisa é identificar o conto de Bernardo Kucinski como importante recurso crítico, portanto transgressor, no combate às diversas formas da ignorância humana. Trata-se de uma análise crítica do texto literário, de natureza bibliográfica e, para tanto, utilizou-se de teóricos como Seligmann-Silva (2000), Candido (2004), Schollhammer (2015), entre outros. Partindo da leitura do conto, conclui-se que a ficção de Kucinski representa um importante aspecto histórico do Brasil, funcionando como instrumento de ressignificação do passado, pondo em questão a realidade de um período obscuro que ainda reflete no cenário contemporâneo. O conto nocauteia o leitor quanto aos efeitos de sentido de que dispõe, sensibilizando e lançando olhares para o homem e a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar. Literatura. Bernardo Kucinsk. Tio André.

Introdução

A literatura, como arte, apresenta-se próxima da realidade dos leitores e com um poder humanizador que se faz presente através da leitura, dialogando com experiências que são vivenciadas por nós seres humanos. Com isso, ela toca em questões sensíveis como traumas, angústias, medos que são consequências de cenários que não deveriam fazer parte da nossa natureza, tais como aqueles de extrema

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

violência. A violência muitas vezes foi institucionalizada, inclusive no Brasil, por meio de governos ditatoriais. No contexto atual, por exemplo, a ditadura militar ainda está presente no dia a dia das pessoas, bem como é frequentemente retomada por historiadores e artistas, tendo em vista repensá-la. Situações de violência e autoritarismo deixam marcas profundas no homem, e isso tem sido observado, a saber, na escrita literária, que por vezes é resultado do testemunho, podendo trazer consigo o trauma e a dificuldade de representar a experiência, tais como aquelas resultantes da ditadura.

O escritor brasileiro Bernardo Kucinski foi um importante testemunho da comissão da verdade, para falar sobre a realidade brasileira em que estava estruturado o período da ditadura militar. Ao se afastar de atividades políticas, Kucinski ingressa na carreira de escritor, publicando a obra *Você vai voltar pra mim e outros contos*, em 2014, com vinte e oito contos que traduzem o regime de exceção e suas marcas violentas, danosas para a sociedade, consequentemente, resgatando a história. Na apresentação desta obra, Kucinski (2014, p.4) expõe que seu conteúdo não tem compromisso com a veracidade dos fatos e se trata unicamente de uma ficção literária. Apesar de o autor não assumir a veracidade dos fatos, o leitor é direcionado ao nocaute do ano de 1964.

Tendo em vista a relevância da obra de Kucinski, esse trabalho propõe uma análise do conto "Tio André", presente na obra *Você vai voltar pra mim e outros contos*, em que o leitor é nocauteado pelos efeitos de sentido resultante da leitura do texto, que desperta para a reflexão sobre a condição humana e a vida. O texto literário expressa não somente os anseios individuais, mas também os da coletividade e, nesse sentido, certamente a literatura muito contribuiu para que o regime militar tivesse fim. Logo, realizar uma investigação crítica do conto Tio André significa mergulhar na história de silenciamento e da violência impostos pelo autoritarismo do governo militar. O objetivo geral da pesquisa é identificar o conto de Bernardo Kucinski como importante recurso crítico, portanto transgressor, no combate às diversas formas da ignorância humana.

O conto apresenta o isolamento social como consequência do trauma que o protagonista carrega por ter vivido eventos cruéis e violentos, no período em que a polícia não estava para proteger, pois "na época em que bateram no tio André, a polícia era igual aos bandidos, era do mal como eles" (Kucinski, 2014, n.p). A passagem extraída do conto

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

revela, pois, uma crítica e uma denúncia em relação à atuação contrária dos militares no que diz respeito a seu papel primordial. Ali, eles não estavam para proteger e zelar pela vida do cidadão.

Literatura e Ditadura

Compreender o contexto histórico-político-social do Brasil, nos permite perceber com profundidade o que significou o regime militar (1964-1985), período marcando por intensa instabilidade. Em fins de 1950, o Brasil passou por uma forte crise econômica, um dos motivos pelos quais os militares investiram no golpe através do qual tomaram o controle do governo do país. Esse foi um período marcado pelo autoritarismo e violência, sendo frequentes situações de tortura, agressão e repressão.

Tendo em vista o forte controle e fiscalização social, qualquer manifestação popular, inclusive as artísticas, e que fossem contra o governo, eram censuradas. A literatura esteve presente nesse meio, quando apesar da censura, ela efervesceu e triunfou como importante arma de combate. No entanto, essa arte precisou inovar para se posicionar. Obras que já haviam sido escritas foram reelaboradas como exemplares do regime de exceção, tais como *Reflexos do Baile* (1977), de Retato Callado, *A festa* (1976) de Ivan Ângelo, *a Travessia* (1967), que narram os eventos traumáticos que impactou a vida do homem. Tal foi a importância da escrita literária naquela momento, bem como para a posterioridade, pois ela permite "reimaginar e narrar, inclusive no labirinto tormentoso de um passado que continua fugindo e não se deixa integralmente, ainda, apreender" (Vecchi; Dalcastagnè, 2014, p. 12).

Grande parte da historiografia sobre esse evento foi silenciada, ao mesmo tempo que a ficção se constituiu como um importante documento, como fonte de registro da história da ditadura, inclusive porque:

> A literatura é, sem dúvida, muito mais permissiva e flexível que a história, presa pelas correntes do factual e talvez seja esse um importante aspecto a ser destacado, pois os eventos traumáticos muitas vezes vivenciados em contextos sombrios não recebem uma adequada reparação no plano da realidade, enquanto uma obra ficcional não apenas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> pode proporcionar um espaço de denúncia, mas também de justiça. (Ferreira, 2007, p.208).

A literatura é, assim, segundo Candido 1994, "antes de tudo, uma espécie de objeto construído" (p. 177), portanto, "é grande o poder humanizador desta construção" (p. 177). Bernardo Kucinski é um importante escritor que se dedicou à escrita ficcional que tem a ditadura militar no Brasil como base para a construção de narrativas, trazendo um olhar de dentro, audacioso e sem mascaramentos da realidade apresentada no período. O conjunto de sua obra traz reflexões que retomam a esse período, e o conto "Tio André" diz muito sobre a gravidade e a consequência do trauma, que na designação Freudiana é "um evento que vai além dos 'limites' da nossa percepção e torna-se, para nós, algo sem-forma" (Freud, apud Seligmann-Silva, 2000, p. 84).

A ficção de Kucinski reconstrói parte da história silenciada do período repressor e autoritário, que choca, mas sensibiliza e, a partir da leitura crítica, criam-se consciências sobre novas formas de se pensar a humanidade, para que situações como essas não voltem a se repetir, quando o autoritarismo sempre perderá força diante do pensamento crítico e consciente.

Tio André: Reflexões sobre as potencialidades do texto literário como arma de combate

"Tio André", penúltimo conto da obra *Você vai voltar pra mim e outros contos*, narra o trajeto de pai e filho indo visitar André, irmão daquele e tio deste, o qual vivia isolado, longe da sociedade e das pessoas "metido no mato pior que eremita" e, ainda, "com medo de sair da toca", os dois vão visitá-lo no seu aniversário. A narrativa se dá em torno das perguntas que Ricardinho faz ao pai, questionando o porquê do tio morar distante, assim como sobre o jeito diferente de ser e de agir do homem.

> José Moura conduz o filho pela mão. Caminha devagar por causa dos passos curtos do menino. Tenta imaginar como estará o irmão, metido no mato feito eremita; pior, feito tatu com medo de sair da toca. Visita o irmão uma vez por ano, no aniversário. Tornou-se um ritual e um segredo entre os dois. Hoje o irmão completa quarenta anos. José Moura decidiu levar o Ricardinho. (Kucinski, 2014, n.p).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A narrativa inicia, portanto, apresentando caminhos incertos ao leitor, que não sabe ao certo, ainda, os rumos que os acontecimentos vão seguir. No entanto, são criadas expectativas a respeito dos questionamentos da criança, especialmente diante do fato de que o tio vive isolado, longe da família, sugerindo que algum acontecimento fora determinante para que tal situação se apresentasse. De tal modo, consegue-se subtender os motivos do isolamento do tio são reflexos de eventos que o marcaram profundamente. No longo trajeto até o destino dos dois, o menino questiona ao pai sobre os sentimentos do tio em relação a ele:

> Pai, o tio André quer ficar longe de mim também?
> − Não, filho, ele gosta muito de você. É da polícia que ele quer ficar longe. − Por quê, pai? O tio André matou alguém?
> − Não, filho, o tio André nunca fez mal a ninguém, ele não mata nem formiga. (Kucinski, 2014, n.p).

A pergunta inocente da criança traz à tona, pela resposta do pai, os motivos pelos quais tio André está a viver sozinho, escondido e sem contato com a vida social. Fora violentado e perseguido pela polícia, o que parece, pela perspectiva da criança, algo incomum, estranho, já que a polícia protege e oferece segurança. José Moura, pai do menino, trata de esclarecer que seu tio é um homem bom, incapaz de fazer mal a qualquer pessoa. Não matou, nem mataria nada, ninguém. Ainda assim, para o menino, esse seria o único motivo para que a polícia perseguisse alguém. Ela só persegue os maus, porém, se o tio não era uma pessoa ruim, por que estava a esconder-se da polícia? Seguem-se as dúvidas de Ricardinho, que continua a indagar o pai.

No momento em que José Moura revela ao filho a relação do irmão com a polícia, percebemos que daí resulta provavelmente uma experiência de violência, traumática, em que o medo do agente da lei revela um sentimento sombrio, de insegurança. O diálogo prossegue, nos apresentando novos elementos que ajudam a identificar o contexto histórico-social em que a narrativa se situa e aos quais os acontecimentos se referem. Nesse caso, a ditadura militar.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> − Então, pai, por que ele tem medo da polícia?
> − Porque uma vez a polícia bateu nele.
> − Pai, por que a polícia bateu no tio André se ele não é bandido?
> − A polícia às vezes faz isso.
> − Então a polícia é do mal?
> José Moura não sabe o que responder. Não quer dizer que a polícia é do mal, mas também não quer mentir. Nunca mentiu ao Ricardinho.
> − Não, filho, a polícia é do bem, ela persegue os bandidos, que são do mal, mas antigamente, na época em que bateram no tio André, a polícia era igual aos bandidos, era do mal como eles.
> − E quando foi antigamente, pai?
> − Foi antes de você nascer. O tio André estava na faculdade, tinha só dezenove anos. (Kucinski, 2014, n.p).

André atualmente está com quarenta anos, conforme revelado por uma afirmação do pai em resposta uma pergunta feita posteriormente pela criança. A partir daí, identificamos que pelo menos vinte anos se passaram desde os eventos que culminaram na reclusão do tio, os quais tem relação com a violência e a perseguição que sofreu por parte dos militares em um regime ditatorial, cenário de cerceamento da liberdade, no sentido mais amplo da palavra. Temos a confirmação de que André tem medo da polícia, de fato foge dela, por mais que os tempos já sejam outros, o trauma se formou e se manifesta constantemente.

Ele é testemunha de eventos que transformam o indivíduo em decorrência da intensidade da violência experimentada ou presenciada. Para Schollhammer (2015, p. 41) a escrita de Kucinski apresenta traços de um "testemunho simulado de uma experiência real de fatos históricos conhecidos, que mistura a referência histórica real e factual com a vivência subjetiva e emotiva de modo bastante característico para o realismo histórico na literatura".

Aos dezenove anos André era um estudante universitário e, no cenário em que se encontrava, certamente esteve na linha de frente contra o sistema, já que a classe estudantil sempre lutou ativamente pela busca de seus direitos e contra as formas de opressão e de exercício de poder autoritário. Portanto, depreende-se que o tio do garoto fora vítima. A memória do passado se mantém viva e, assim, o medo e a dor da violência persistem. Ainda sobre a trajetória até a casa de André, o narrador nos relata que:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Haviam caminhado desde a rodoviária, quase um quilômetro. José Moura calcula que ainda faltam uns seiscentos metros até o beira-rio, onde o irmão ergueu um solitário barraco. Vive dos peixes que pega; se alguém vem pescar nos domingos, ele toma conta do carro, lava, às vezes aluga o barquinho. Mas é raro. (Kucinski, 2014, n.p).

Temos no fragmento a descrição do lugar em que André construiu morada, refugiando-se do mundo em um lugar considerado seguro, porque longe do campo de visão do outro, do agente da violência. O lugar sugere segurança, paz, tranquilidade. No entanto, enquanto testemunho dos eventos de uma ditadura, a memória não permite que o passado fique para trás, assim, ainda aqueles eventos se fazem presentes, atormentando seus dias. O homem não se sente bem nem com sua própria companhia, o outro para ele é sempre um estranho e uma permanente ameaça. "No ano anterior, tinham erguido outro barraco perto do André, uns cem metros adiante. Moura lembra que o irmão ficou nervoso." (Kucinski, 2014, p.). As marcas da violência e o medo gravado na pele de André são cada vez mais aprofundados pelos relatos, instigados pelos questionamentos do menino:

> − Pai, antes de antigamente, onde o tio morava?
> − Morava comigo no alojamento dos estudantes, no mesmo quarto.
> − E depois de antigamente?
> – Depois ele morou em muitos lugares, vivia mudando, não parava nem três meses num lugar.
> − Pai, por que ele mudava tanto?
> − Era medo de descobrirem onde ele estava morando, de levarem ele de novo e de baterem nele de novo.
> Lembra que André não dava seu endereço a ninguém, nem a ele, único irmão. Quando pegava carona, pedia para parar numa esquina e esperava o carro se distanciar para tomar o rumo de onde morava. (Kucinski, 2014, n.p).

A partir do fragmento acima, é reafirmado que André fora perseguido pelos militares, vítima do regime autoritário que imprimira em sua história uma espécie de medo estrutural, um medo entranhado que passou a fazer parte de seu corpo e espírito. É em função disso que ele desenvolve uma espécie de paranoia, de fobia social, porque tudo pode ser uma ameaça. As marcas físicas da violência estão impressas em seu corpo, mas,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

acima de tudo, em sua psicologia, que é refém de uma memória que não se apaga.

Nesse sentido, a personagem e os relatos de sua experiência, por meio da narrativa, são fundamentais para que os leitores sintam, vivenciem por meio da experiência estética os impactos da ditadura, bem como de qualquer evento que promova a violência em massa e o cerceamento da liberdade, condição fundamental à existência humana. A literatura desenvolve, pois, "[...] a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres [...]" (Candido, 1989, p. 117). O conto de Kucinski se coloca como uma poderosa ferramenta de conscientização, assim como de conhecimento a respeito de eventos que se desenvolveram no período da ditadura militar brasileira.

Nesse sentido, o aspecto ficcional, que se une a elementos da realidade, é indispensável para a ampliação do conhecimento de mundo, inclusive para o despertar de uma percepção que vai para além da realidade física. A leitura texto literário pode ser um exercício de desenvolvimento da sensibilidade, da empatia, de reafirmação de nossa humanidade. A esse respeito, Candido dispõe que "a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1989, p. 117). É, pois, um potente instrumento de combate à violência que assolou e continua assolando a vida humana.

Em um fragmento muito significativo do conto, nos é revelado que "o que aconteceu na cadeia, o André nunca contou e ninguém". Nesse caso, nem mesmo José Moura conhecia o íntimo da experiência de André. Isso evidencia a incomunicabilidade do trauma, o fundo indizível, pois a experiência não pode ser completamente traduzida em palavras. A narração do evento traumático pode resultar numa fala muitas vezes fragmentada e plena de reticências do testemunho do trauma (Seligmann-Silva, 2005).

Depois de um longo percurso, José Moura chega à casa do irmão junto com Ricardinho. Eis que na chegada se depararam com a porta fechada, e mesmo depois de muito chamarem por André, não há sinais de que ele está ali. Ciente de que o irmão não costuma sair e preocupado com a falta de respostas, José decide derrubar a porta para conseguir acesso ao interior da casa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> − Calma, filho, espera lá perto do barco que eu vou derrubar esta porta.
> José Moura leva o filho para junto do barco, retorna, posiciona-se a dois passos do barraco e desfere um forte pontapé na porta, que se abre pela metade com um rangido.
> Na cama estreita forrada por um resto de colchão, jaz o corpo do irmão, mirrado e rígido, o rosto sem vida, os olhos esbugalhados.
> − Empacotou −diz o caboclo.
> José Moura escancara a porta do barraco e abre sua única janela. Depois fita o corpo demoradamente, inclina-se e fecha as pálpebras do irmão. Vê abaixo do estrado a latinha de formicida e a garrafa de guaraná pela metade. (Kucinski, 2014, n.p).

O conto encerra com um nocaute do leitor, que, ao perceber as consequências da violência e do trauma, é capaz de dimensionar os impactos da ditadura e da violência, em geral, na vida humana. O trauma culmina, mesmo muito tempo depois dos eventos que marcaram sua existência, na morte de André, que não é capaz de viver com os reflexos de um evento que criou raízes profundas não só em si mesmo, como também na memória coletiva. Ao ver o corpo do tio sobre a cama, Ricardinho questiona o pai: “Pai, o tio André está sonhando? − O tio André morreu, filho. − Pai, foi a polícia que matou o tio André? Por uns segundos ele pensa na resposta. Ele nunca mentiu ao filho”. (Kucinski, 2014, n.p). Assim, a escrita de Kucinski, mais uma vez, reafirma seu caráter denunciativo, transgressor e combativo.

Considerações finais

Partindo da leitura do conto, conclui-se que a ficção de Kucinski representa um importante aspecto histórico do Brasil, funcionando como instrumento de ressignificação do passado pondo em questão a realidade de um período obscuro que ainda reflete no cenário contemporâneo. O conto nocauteia o leitor quanto aos efeitos de sentido de que dispõe, sensibilizando e lançando olhares para o homem e a vida.

A narrativa em questão, especialmente porque relacionada ao testemunho, realiza a importante função de aproximar o leitor do texto, despertando importantes reflexões a nível existencial, demonstrando como o trauma traz consequências severas. Nesse sentido, o texto literário é um instrumento capaz de potencializar as diferentes percepções do leitor sobre o mundo, os eventos que nele se desenvolvem e sobre si

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

mesmo. A literatura é uma poderosa arma de combate que nos conscientiza para que tais situações de violência e autoritarismo não voltem a se repetir.

Referências

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos e literatura**. Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos.** 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

FERREIRA, Letícia Schneider. O ficcional e o horror: representações da tortura durante as ditaduras de segurança nacional na América latina na literatura. **História em revista.** Pelotas-RS, v-23, p.204-221, dez. 2017.

KUCINSKI, Bernardo. **Você vai voltar pra mim e outros contos** [recurso eletrônico]. 1. ed. 2014.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. A história natural da ditadura. **Lua Nova**, n. 96, set/dez 2015. p. 39-55.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN- SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma: um novo paradigma. In: **O local da diferença:** ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 63-80.

VECCHI, Roberto & DALCASTAGNÈ, Regina. Apresentação. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea Literatura e Ditadura**, Brasília, n. 43, jan-jun, 2014, p.11-12.

INFLUENCIADORES DIGITAIS, ESCRITORES E A MIDIATIZAÇÃO DAS LITERATURAS INDÍGENAS

Taiane Ferreira dos Santos[35]

Elizabeth Gonzaga de Lima[36]

Resumo: As narrativas literárias dos povos originários têm como base de constituição a oralidade, com histórias passadas de geração em geração e, posteriormente, a técnica da escrita passou a ser utilizada para este propósito. Com os avanços tecnológicos, a literatura de autoria indígena conquistou o território digital por meio de diversas incursões, dentre elas, a atuação de influenciadores digitais e de escritores indígenas nas redes sociais e em plataformas de vídeo como o YouTube. Sob essa perspectiva, este trabalho visa examinar como o processo de midiatização na contemporaneidade tem contribuído significativamente para a divulgação das literaturas indígenas. Foram escolhidos os canais da booktube Mayra Sigwalt e da escritora Auritha Tabajara, a fim de examinar as principais estratégias de difusão e compartilhamento das textualidades indígenas. O estudo fundamentou-se nas pesquisas de Stig Hjarvard (2014), acerca do conceito da midiatização e suas reverberações na sociedade contemporânea. Desse modo, a leitura pretende contribuir para a compreensão de como ocorre o processo de midiatização das literaturas indígenas por meio de booktubers e de escritores, possibilitando assim, em última instância, refletir acerca do entrelaçamento entre o campo literário e o campo digital.

Palavras-chave: Literaturas indígenas. Midiatização. Booktubers. Plataforma YouTube.

Introdução

A literatura sempre desempenhou um papel fundamental na sociedade, pois, por intermédio dela se tornou possível a transmissão de saberes, tradições e culturas. Para os povos indígenas as narrativas fizeram parte do seu cotidiano, já que culturalmente os mais velhos passavam os seus conhecimentos aos mais novos, a partir de histórias contadas por meio da oralidade. Segundo Daniel Munduruku (2012) em “Literatura indígena e as novas tecnologias da memória”:

[35] Graduanda do curso de Letras Vernáculas. UNEB. Bolsista CNPq do Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia. Contato: taianeuneb@gmail.com

[36] Professora Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL). Contato: profbethliteratura@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> A literatura passou a ser um instrumento de atualização da Memória que sempre utilizou a oralidade como equipamento preferencial para a transmissão dos saberes tradicionais. Na compreensão que temos desenvolvido, este instrumento engloba muito mais que o texto escrito abrangendo as diversas manifestações culturais como a dança, o canto, o grafismo, as preces e as narrativas tradicionais. (MUNDURUKU, Daniel, 2012, p. 9)

Entretanto, durante muito tempo essas narrativas, mesmo após passarem pelo processo de escrita alfabética, foram marginalizadas ou limitadas à categoria infanto-juvenil. Sendo essa classificação uma forma de não reconhecer os avanços das literaturas indígenas ou por muitas vezes, de não considerar seus significados e sua textualidade plural. Conhecer as literaturas dos povos originários, produzidas por escritores indígenas é conceder voz a diferentes povos, assumindo assim um protagonismo, em contraposição ao tempo em que suas próprias histórias foram contadas a partir do olhar dos outros, seja dos colonizadores, seja de estudiosos. Dessa forma, é pertinente sublinhar a importância desse processo de afirmação e consolidação que as literaturas dos povos originários vêm ganhando nas últimas décadas.

O avanço das novas tecnologias possibilitou a democratização do acesso, crescendo o número de indivíduos imersos nas novas plataformas de comunicação. Novos territórios, ou seja, os virtuais, surgiram e passaram a ser demarcados pelos indígenas. De acordo com o estudioso Stig Hjarvard (2014), a variedade de mídias que emergiram na contemporaneidade provocou diversas modificações na sociedade:

> [...] a comunicação de massa tem sido complementada por uma variedade de mídias interativas, permitindo a todos não apenas receber, mas também se engajar ativamente em diversas formas de comunicação com alcance potencialmente global. Como resultado, várias formas de mídia foram integradas nas práticas da vida cotidiana, do local de trabalho até a família. (HJARVARD, Stig, 2014, p. 23)

A essa integração da vida cotidiana por parte das mídias influenciando e sendo influenciada pelas diversas esferas institucionais, denomina-se midiatização. Ao longo do tempo, o processo de midiatização se expandiu por diversas âmbitos da sociedade, seja através dos meios comunicacionais de massa, seja em ambientes virtuais, muitas vezes

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

contribuindo para a mediação e difusão do conhecimento, reverberando também nas relações sociais. No que tange ao campo literário, novas e diversas experiências literárias tornaram-se possíveis, a partir do surgimento de novas mídias que propiciaram e expandiram as formas de leitura. Além disso, possibilitou que os leitores se tornassem cada vez mais participativos, já que a partir desses novos acessos, eles conseguem compartilhar suas impressões e gostos literários por meio de plataformas digitais ou redes sociais, a exemplo dos booktubers. Contemporaneamente, verifica-se que esses influenciadores do livro conseguem muitas vezes impulsionar as vendas de diversos gêneros literários, a exemplo das literaturas indígenas, e assim visibilizar as ideias e perspectivas de vida de seus escritores e escritoras, ao estabelecer proximidade e intimidade com seu público de seguidores, em virtude de utilizar de diferentes estratégias audiovisuais.

Esse cenário possibilitou que alguns influenciadores e escritores indígenas ecoassem suas vozes que outrora foram silenciadas. Dentre os escritores (as) que ganharam visibilidade com a produção literária e com a interação nas redes sociais, podemos destacar: Daniel Munduruku, Graça Graúna, Ailton Krenak, Eliane Potiguara e Cássio Tuguara. Alguns não limitaram suas publicações às editoras, mas criaram seus blogs, podcasts, canais na plataforma Youtube, dentre outras inserções digitais.

Portanto, para compreender como ocorre o processo de midiatização e divulgação dessas literaturas, realizou-se uma observação nos canais da booktuber Mayra Sigwalt e da escritora Auritha Tabajara. Adotou-se como critério de seleção o fato de ambas serem representantes dos povos originários, sendo a primeira uma leitora voraz e apreciadora de literatura indígena, divulgando resenhas e impressões de suas leituras em seu canal no YouTube, enquanto a segunda é uma escritora e contadora de histórias que se utiliza desta mesma plataforma de vídeos para promover seus livros e textos. A partir daí foi possível observar quais estratégias audiovisuais elas utilizam para promover e divulgar a literatura indígena, configurando assim a midiatização.

Midiatização e literatura

Com o advento da internet, a sociedade passa a movimentar-se também em espaços

virtuais, tendo por mediação dispositivos eletrônicos como celulares, computadores, tablets, dentre outros. A midiatização surge como um processo decorrente dessa acelerada evolução tecnológica, assim como também de demandas sociais, contribuindo para a criação de novas formas de comunicação:

> À medida que as instituições tornaram-se diferenciadas e se estenderam pelo tempo e espaço sob as condições de alta modernidade, as mídias tornaram-se ferramentas indispensáveis para a interação social dentro de instituições, entre instituições e na sociedade como um todo. Como processo social, a midiatização é impulsionada tanto pelo desenvolvimento da mídia como pelas dinâmicas de uma variedade de outras instituições nas quais os agentes sociais tentam fazer uso dos recursos da mídia para seus próprios propósitos (HJARVARD, Stig, 2014, p 41).

Diante disso, a visibilidade pública não mais se restringe aos meios tradicionais de comunicação e mediação, agora é possível uma interação por meio de plataformas digitais e redes sociais de forma rápida, inclusive em tempo real. A sociedade contemporânea permite que cidadãos comuns se tornem influenciadores digitais, alcançando assim uma vasta comunidade de usuários. Escritores e amantes da literatura também se apropriaram desse ambiente, sendo eles conectados a seguidores que possuem gostos parecidos, já que a plataforma, por meio da análise de dados do usuário passa a enviar recomendações de acordo o perfil de interesse traçado.

As literaturas criadas por não indígenas, desde o período da comunicação analógica, sempre foram acessadas com mais facilidade pelos leitores. Em contrapartida, graças ao processo de midiatização, as literaturas indígenas puderam alcançar maior divulgação junto a um público mais amplo, permitindo vislumbrar o outro lado da história desses povos, de seu cotidiano e de suas diferentes formas de ver, pensar o mundo e principalmente suas produções culturais.

Demarcando territórios virtuais: Mayra Sigwalt

Mayra Sigwalt nascida em Florianópolis, Santa Catarina, e com descendência indígena dos povos Kaingang, se formou como roteirista em cinema e há cinco anos cria conteúdo literário na internet, em seu canal na plataforma Youtube, denominado “Mayra Sigwalt - *All About That Book*”. E, juntamente com a sua irmã, criou e o “Turista

Literário", primeiro clube de assinatura do Brasil destinado a leitores jovem-adultos.

De que forma é possível observar no canal de Sigwalt o processo de midiatização da literatura indígena? Constata-se que ele ocorre por meio de diferentes estratégias, como por exemplo, a forma de apresentação de seu canal, sendo cada vídeo marcado por diferentes cores, já que as cores são aspectos fundamentais na cultura e no cotidiano dos povos originários. Em seus vídeos ela se apresenta trajando elementos que remetem à cultura indígena, como brincos de penas e em alguns traz pinturas corporais, sendo uma estratégia de visualidade assumir-se e se identificar enquanto mulher indígena. Logo, a composição desses elementos constitui uma ambientação, mergulhando o seguidor do canal nesta atmosfera e gerando uma sensação de proximidade desses elementos com o espectador. Parte da ambientação do cenário tem base papel de parede que remete à mata, acrescido de pequenos quadros com pinturas de representações indígenas, um chocalho pendurado e um quadro, no qual se destaca os grafismos, muitas vezes desenhados nos corpos indígenas durante festas ou rituais.

Utilizando-se de recursos audiovisuais, em particular do apelo da imagem pessoal, ela apresenta suas impressões de leituras muitas vezes lendo trechos de livros, descrevendo e por vezes teatralizando cada uma das suas impressões, como por exemplo, ao dizer que ficou emocionada após realizar a leitura do livro *Guerreiras* da autora indígena Aline Rochedo Pachamama, sendo essa condução performativa um aspecto que contribui para gerar uma sensação de intimidade com os (as) interlocutores (as).

Ainda que seja indígena, o seu canal não apresenta apenas literaturas de seu povo, podendo ser considerado uma estratégia para conquistar novos seguidores e aumentar a audiência, pois geralmente as literaturas estrangeiras são as mais pesquisadas em sites e plataformas de buscas, porém ao conquistar um significativo número de seguidores, eles terminam sendo envolvidos pelos conteúdos e, a partir daí, passam a conhecer as literaturas indígenas ali apresentadas.

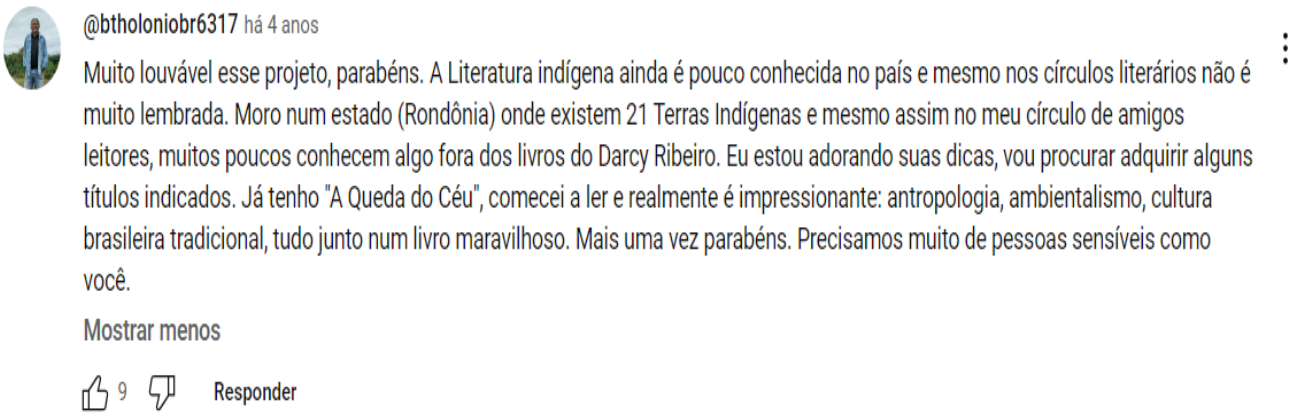
A fim de promover a literatura indígena, Sigwalt criou uma *playlist*. O primeiro vídeo dessa coletânea é uma breve apresentação de dez livros de diferentes gêneros, sua

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

desenvoltura performativa na tela, demonstra o prazer de ler cada uma das suas indicações, contagiando assim seus seguidores e seguidoras. Ao final do vídeo, a influenciadora disponibiliza um link de acesso para cada um dos livros, indicando que alguns podem ser adquiridos por meio de sites de compra, enquanto outros estão disponíveis em plataformas de leitura, essa também é uma forma de direcionar o leitor a adquirir obras dessa categoria.

Os comentários deixados por alguns seguidores atestam o pouco conhecimento em relação ao tema, revelando também como os leitores podem ser seduzidos pela leitura do outro:

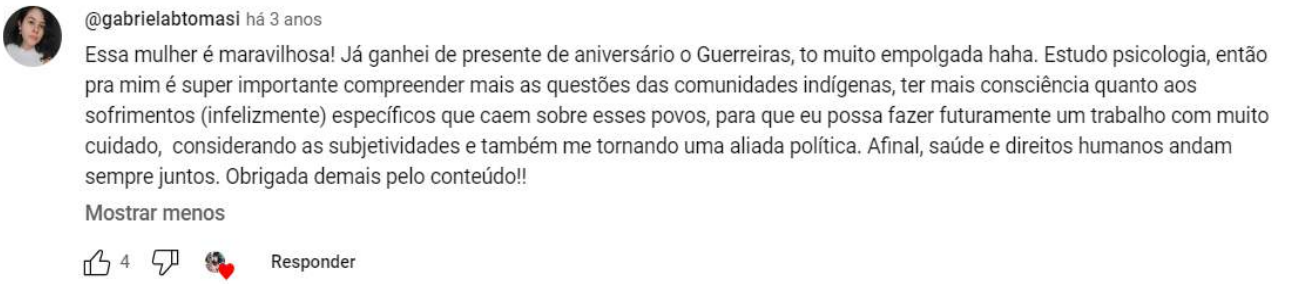


Fonte: Canal de Mayra Sigwalt

Tal comentário demonstra como esse processo de midiatização tem contribuído para o crescimento do número de leitores que se interessam por conhecer a cultura e as histórias dos povos da floresta e assim compreender a pluralidade de gêneros dessas literaturas, que já contabiliza inúmeros livros publicados, não somente voltados para a categoria infanto-juvenil. Em um outro vídeo, a booktuber apresenta o livro *Nós - Uma Antologia de Literatura Indígenas,* com autores pertencentes aos povos Mebengôkre Kayapó, Saterê-Mawé, Maraguá, Pirá-Tapuya Waíkhana, Balatiponé Umutina, Desana, Guarani Mbyá, Krenak e Kurâ Bakairi, chamando a atenção para a variedade de povos, culturas e línguas, despertando assim o interesse dos espectadores em relação à temática cultural e literária dos povos originários:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



Fonte: Canal de Mayra Sigwalt

Constata-se a partir dessas considerações dos seguidores, que a literatura indígena é um potente fator de conexão entre indígenas e não indígenas, contribuindo para o surgimento de novos leitores e para que ampliem cada vez mais o conhecimento acerca dessas diferentes etnias, garantindo assim visibilidade e interação significativas com os povos originários.

Escritas ancestrais: Auritha Tabajara

Francisca Aurilene Gomes nasceu em 1980, na aldeia indígena de Ipueiras, onde viviam os Tabajaras. É poeta, contadora de histórias e escritora brasileira conhecida por ser a primeira cordelista indígena do Brasil. Atualmente possui um canal no Youtube intitulado “Auritha Tabajara”, no qual suas histórias são narradas e diversos projetos são apresentados. Nele a escritora se dedica a promover seus livros, poemas e apresentar um pouco da cultura do povo Tabajara. Na descrição de seu canal, ela informa que seu nome “Aurilene”, o branco a obrigou a ter, porém ela se identifica e é conhecida por seu nome indígena, “Auritha Tabajara”, esclarecendo também que se mudou para São Paulo em busca de alcançar novos sonhos e objetivos, deixando claro que isso não a desconfigura e muito menos a torna menos indígena.

Em seu canal, o processo de midiatização vai ocorrer por meio de uma imersão, na qual ela conduz o espectador à ambiência indígena, valendo-se

de recursos audiovisuais ao iniciar seus vídeos com cantos do seu povo, com elementos visuais que a identificam, como seus adereços e pinturas corporais. Alguns de seus vídeos tem parceria com a Secretaria Municipal de Cultura do Estado de São Paulo e fazem parte de um projeto denominado de "Bibliotecas online". Neste caso, seu canal funciona como uma pequena biblioteca, permitindo livre acesso dos usuários, mas sendo conduzida e mediada por uma escritora-leitora.

No vídeo intitulado "Contação de história indígena: O olho d'água do Pajé" ela apresenta a seguinte sinopse na descrição do seu vídeo:

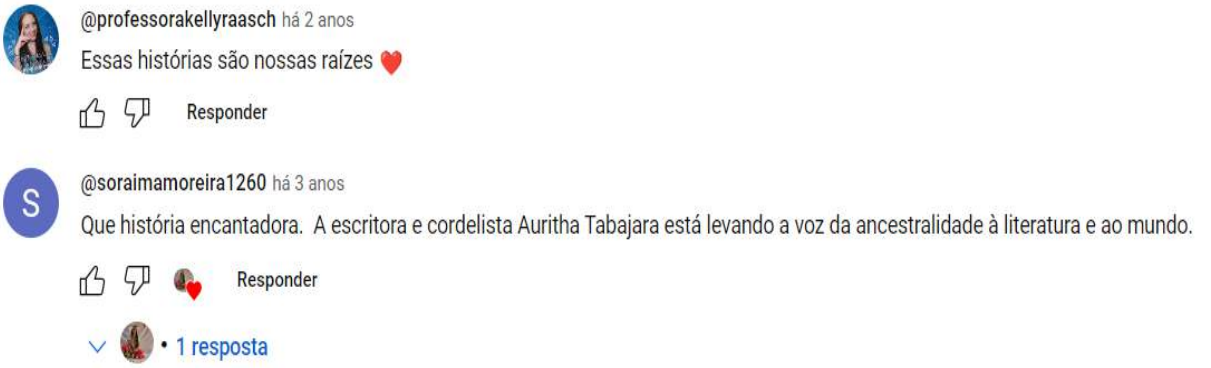
> Essa história é uma das histórias mais conhecidas na região, o olho d'água do pajé é de onde abastece toda a cidade de Poranga onde fica a aldeia umburana e todos os municípios. Antigamente aqui era uma região seca os tabajara comiam somente os frutos das épocas e bebiam agua das raízes o velho pajé foi até o mar de Fortaleza levando uma coité encheu de agua do mar as cinco horas da manhã e voltou caminhando 400km até a aldeia enterrou a coité após o ritual, depois de um tempo o velho pajé morreu ali no mesmo cantinho e foi assim que nasceu o olho d'água do pajé, as plantas que nascem ao redor são medicinais, muita gente consegue ver os encantados que aparecem por lá (TABAJARA, Auritha**,** 2021).

Esse projeto demonstra como o processo de midiatização tornou-se essencial para suscitar visibilidade aos influenciadores e seus canais, já que o patrocínio da prefeitura ou de qualquer outra empresa pode utilizar como critério o número considerável de acessos e o impacto social da figura do influenciador, principalmente em tempos de políticas afirmativas em prol de minorias, como as indígenas. A intenção é fazer com que o usuário se perceba em uma biblioteca online, ou seja, que obtenha a experiência de estar diante de um livro no qual a própria escritora conta a história, dando a entonação e colocação que bem lhe parecer adequada.

Com essa estratégia, é possível desvelar a reação e o impacto desse processo através de alguns comentários:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



Fonte: Canal de Auritha Tabajara

Fonte: Canal de Auritha Tabajara

Por meio da interação entre a escritora indígena e seus (as) receptores (as), é possível depreender como essa literatura se expandiu e, ao se apropriar desses novos espaços virtuais, a visibilizou para um público mais amplo, o que em última instância burla a tutela que vinha sendo imposta pelo Estado brasileiro:

> Em certa medida, é como se o ato de comunicar suas histórias, suas crenças, seu cotidiano fosse cortado, rompido, estabelecendo-se uma espécie de tutela narrativa. Tutelar os povos indígenas tem sido a ação recorrente, das mais predatórias e violentas que o Estado e a sociedade brasileira herdaram dos colonizadores portugueses, sobretudo por falsear a ideia de proteção por meio de dispositivos nas leis constitucionais, mas que ao fim e ao cabo, camufla a tutela incapacitante (LIMA, Elizabeth, 2022, p 14).

Portanto, através do seu canal, Aurtitha Tabajara consegue conquistar-autonomia e ser protagonista de sua história, difundindo suas narrativas sem a necessidade de mediação

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

não indígena, alcançando um público crescente que muitas vezes desconhecia a cultura e as narrativas literárias desses povos.

Considerações finais

O processo de midiatização influencia e perpassa por diversos âmbitos da sociedade, inclusive no que diz respeito ao campo literário. Portanto, pode-se constatar por meio da análise dos canais de Mayra Sigwalt e de Auritha Tabajara, que esse entrelaçamento entre o campo literário e o campo digital tem contribuído significativamente para a divulgação das literaturas dos povos indígenas. E as influenciadoras, por sua vez, ao explorarem estratégias audiovisuais, como estabelecer efeitos de maior proximidade e intimidade com o público, por meio de comportamentos performativos, ambientação carregada de elementos da cultura indígena, conseguem divulgar essas literaturas com seus diferentes gêneros e para diferentes públicos, destacando assim a multiplicidade da escrita desses povos. Sejam influenciadoras ou escritoras, estas vislumbraram nos espaços virtuais um ambiente possível para contar suas histórias, apresentar suas causas, refletir e levar a literatura dos povos originários para um universo sem fronteiras, em que o próprio indígena pode contar suas narrativas, assumindo assim seus pontos de vista, tornando-se sujeito de seu próprio discurso, ficcional ou não.

Referências

HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. *MATRIZes*, São Paulo, Volume 8, Número 1, Jan - Jun 2014, p 21-44. Disponível em http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44. Acesso em: 21 jun. de 2024.

LIMA, Elizabeth Gonzaga de. Escritores (as) indígenas, etnomídia e a conquista de territórios narrativos. *Todas as Musas*, São Paulo, Ano 14 - Número 01, Jul - Dez 2022, p.12-25. Disponível em https://www.todasasmusas.com.br/14_01.html. Acesso em: 27 abr. de 2024.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In:_. LEETRA Indígena. Vol. 1, n. 1, 2012 - São Carlos: SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA. Disponível em: https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra_vol1/1 ?ff. Acesso em: 09 de abr. de 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SIGWALT, Mayra. Mayrasigwalt - All About That Book. SIGWAL, Mayra. Mayrasigwalt - All About That Book. Youtube, 10 de fev. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MayraSigwalt>. Acesso em: 08 de abr. de 2024.

TABAJARA, Auritha. Aurithatabajara9877. Youtube, 01 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/@aurithatabajara9877>. Acesso em: 10 de abr. de 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TEXTO, IMAGEM E VISUALIDADE NA LITERATURA INDÍGENA: A VIAGEM DE VOLTA DOS PAYAYÁ[37]

RESUMO: Este estudo propõe uma leitura biográfica e literária para as obras e escrita de autoria indígena do cacique Juvenal Payayá. Uma leitura que ultrapassa o demarcado, vivências indígenas, para a escrita pluralizada sobre temas sociais diversos. Cujas as produções tematizam sobre os processos de retomada da terra, na construção narrativa presente nos modos indígenas de escrever sobre as suas comunidades, além de problematizar o lugar destinado à literatura produzida pelos escritores dessa vertente literária. Assim, buscou-se neste percurso pensar a representação literária da escrita indígena, norteada pelos teóricos: Oliveira (2011), Cunha (2009), Adruetto (2012), Graúna (2013), consolidada no imaginário nacional como mitológica, e a ampliar os espaços destinados a esta literatura ainda vista como "menor" na contemporaneidade tendo como resultado a diversidade escrita encontrada na vida e obra de Juvenal Payayá.

Palavras-chave: Diferença. Literatura. Reconhecimento.

ABSTRACT: This study proposes another reading biography of literary texts by indigenousl, through the works of chief Juvenal Payayá. A reading that goes beyond the demarcated, indigenous experiences, to pluralized writing on diverse social themes. The productions focus on the processes of reclaiming the land, on the narrative construction present in indigenous ways of writing about their communities, in addition to problematizing the place allocated to literature produced by writers of this literary aspect. Thus, this path sought to think about the literary representation of indigenous writing, guided by the theorists: Oliveira (2011), Cunha (2009), Adruetto (2012), Graúna (2013), consolidated in the national imagination as mythological, and to expand the spaces dedicated to this literature, still seen as "minor" in contemporary times, resulting in the written diversity found in the life and work of Juvenal Payayá.

Keywords: Difference. Literature. Recognition.

INÍCIO / COMUNIDADE PAYAYÁ

No século XVII, entre os vários índios "tapuias"[38] que cortaram o Sertão de Jacobina no estado da Bahia, estavam os chamados Payayás um dos povos indígenas mais

[37] Termo utilizado pelo historiador e pesquisador João Pacheco de Oliveira no seu artigo "Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais" para denominar as novas configurações dos indígenas no Nordeste brasileiro.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

cuidadosamente descritos pelos documentos coloniais da época, também chamados de Paiaiás, Papanazes, Paiaiazes[39], e ainda de "índios dos chapéus", por usarem cabelos grandes, amarrados no alto da cabeça, em forma de trouxas e pontas descidas. Os Payayás habitaram o território do vale do rio Paraguaçu, bem como o território que hoje compreende a região onde estão os municípios de Morro do Chapéu, Saúde, Utinga e Tapiramutá. Foram, também, presença constante na região de Alagoinhas, onde existe o povoado São José dos Payayá.

O fato é que, durante um longo tempo, historiadores e antropólogos acreditavam não existir mais nenhuma presença de indígenas no Nordeste brasileiro. Nas mais pessimistas avaliações, estes grupos teriam sido exterminados cultural e fisicamente, ou teriam passado por um processo de assimilação à sociedade local, compondo a figura do caboclo[40] ou do sertanejo, consistindo atualmente num ícone folclórico.

Assim, parte significativa dessa população passou a ser vista pelo Estado e por pensadores sociais como entidades extintas. Segundo o historiador e professor João Pacheco de Oliveira (2011)[41], em seu livro A presença indígena no Nordeste, nas primeiras décadas do século XX, havia um interesse voltado para as comunidades indígenas no Nordeste apenas como objeto acadêmico, nos limites dos comentários de textos e gravuras do imaginário colonial, aqui eram apontados elementos com associações ligadas à reconstrução de antigas repartições geográficas e grupos linguísticos, ou

---

[38] Os cronistas naturalizavam as sociedades indígenas dividindo-as entre Tupis e Tapuias. Os Tapuias seriam o grupo de indígenas que não falavam línguas do tronco tupi, além de serem conhecidos por "bárbaros".

[39] Segundo dados do pesquisador Solon Natalício Araújo dos Santos (2011) presentes na sua dissertação Conquista e Resistência dos Payayá no Sertão das Jacobinas: Tapuias, Tupi, colonos e missionários (1651-1706).

[40] Conforme a professora Maria Rosário de Carvalho (2012) em seu livro Índios e Caboclos a história recontada, a figura do Caboclo transita enquanto imagem de mestiço de branco com índio; cariboca, carijó; antiga denominação do indígena; de cor acobreada e cabelos lisos; cabure, tapuio; encantado. Outros autores, fazem originar o caboclo, respectivamente, do tupi "floresta", e "que vem de" (procedente do mato).

[41] OLIVEIRA. João Pacheco de. A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

destinados a avaliar as contribuições deixadas por essas comunidades para a sociedade local.

Desta forma, diferente de outros povos indígenas, os situados no Nordeste foram os povos que sofreram o maior impacto com a colonização entre os séculos XVI e XVIII, do litoral aos sertões interiores, razão para a mudança de muitos dos seus costumes, tradições, organizações e autorrepresentação. A exemplo do povo Payayá que durante esse período passou por vários processos diferentes de territorialização e ao longo dos anos foram destituídos dos seus territórios, deixaram de ser reconhecidos como grupos ou coletividade indígenas e passaram a ser vistos individualmente como "descendentes" ou índios extintos.

O Nordeste brasileiro foi cenário de lutas entre indígenas e colonizadores que pretendiam realizar a ocupação das terras brasileiras; para efetivar tal ocupação, algumas ações foram efetuadas, como as guerras justas[42], a cristianização pelos missionários que convertiam os aldeamentos em verdadeiras escolas catequéticas, com o intuito de fazer desaparecer quaisquer resquícios indígenas. Toda ação realizada naquela época colocava em prática o plano de diluição das características físicas e culturais dos povos indígenas, contribuindo assim para o enfraquecimento da identidade étnica:

> […] Pelo menos oficialmente, os índios deixaram de existir, as aldeias foram sumariamente extintas, as terras divididas entre índios e não índios, acarretando uma grande mistura e consequentemente o apagamento de muitas nações indígenas. […] Tal política era um meio de desarticulá-los politicamente e descaracterizá-los étnica e culturalmente, atendendo ao objetivo maior, que era usurpar e expropriar as terras indígenas (Oliveira, 2004, p. 8)[43].

[42] Segundo Oliveira (2006), as "guerras justas" eram realizadas para o aprisionamento dos índios hostis, que tinham a sua legislação baseada num imaginário difuso sobre práticas indígenas "bárbaras" – canibalismo, poligamia etc.

[43] OLIVEIRA, Maria das Dores. Da invisibilidade para a visibilidade: estratégias Pankaru. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; SILVA, Christiano Barros Marinho da. Índios do Nordeste: Temas e problemas 4. Maceió: EDUFAL, 2004.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesse caso, as ações tornaram os povos indígenas na região Nordeste invisíveis por um longo período. Os deslocamentos territoriais, foi de alguma forma imposto às comunidades indígenas, no intuito de apagar todo traço ou rastro indígena.

Assim, pensar a reorganização do povo Payayá como população indígena no Nordeste é perceber a configuração dessas novas identidades para recontar o seu passado, por meio da memória, da literatura e, sobretudo, pela reafirmação da diferença em novos espaços. Práticas nas quais o passado serve de base para reescrever o presente em um movimento giratório intercultural e híbrido, necessário às políticas de retomada da terra, ou seja, narrativas importantes para a legitimidade da comunidade indígena, considerada pelo Estado, pela mídia e pelo imaginário coletivo como não indígena, devido aos inúmeros processos históricos de miscigenação cultural e aos deslocamentos territoriais.

Neste sentido, o povo indígena no Nordeste vem articulando um novo processo de reorganização social, com movimentos políticos, que tornam a necessidade de reconhecimento ou a luta pela retomada das narrativas sobre si uma forma de viagem de volta, para parafrasear o professor João Pacheco Oliveira (1998)[44] – ou seja, um modo de fornecer uma chave interpretativa aos fatos da chamada "emergência" de novas identidades centrados em questões que dizem respeito tanto à problemática das "emergências" étnicas, quanto à da reconstrução cultural.

A presença indígena no Nordeste aumentou significativamente desde a década de 90 do século XX, e hoje é uma constante bem mais nas áreas urbanas que nas rurais. Em um processo de emergência étnica, os povos indígenas buscam seu reconhecimento, reassumindo as suas identidades e recriando tradições culturais. Eles elaboram novos caminhos que vão de encontro à imagem estática construída sobre o indígena, como bem ressaltado pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009)[45], que entende a cultura

[44] OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: Mana, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1998. Disponível em: . Acesso em 15 de fevereiro de 2024.

[45] CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura sem Aspas. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

indígena não como um conjunto de traços dados, mas como um vir a ser e uma transformação constante.

Atualmente, a comunidade indígena Payayá é de aproximadamente 150 indígenas, e o território demarcado onde vivem fica na cidade de Utinga (BA); lá, os Payayás vêm reconfigurando seus espaços, desenvolvem projetos de agricultura familiar, reflorestamento de áreas ao redor da aldeia, manifestações culturais, produção literária e buscam problematizar o lugar social destinado às populações indígenas nos dias atuais. Assim, como novo mecanismo de resistência, a emergência étnica de povos indígenas considerados antes desaparecidos, sobretudo no Nordeste brasileiro, tem gerado iniciativas no que se refere à recuperação de suas próprias histórias, iniciando lutas pelo reconhecimento étnico-cultural e por direitos específicos indígenas.

Ao ler Cultura com aspas, de Manuela Carneiro da Cunha (2009)[46], atentemos para a sua observação de que, desde a década de 80, a previsão do desaparecimento dos povos indígenas cedeu lugar à constatação de uma retomada demográfica geral. Hoje, tantos anos depois, o Povo Payayá – visto como dizimado pelo Estado, renomeado pela Igreja, aumenta o coro dos índios excluídos, índios urbanos, índios que tiveram as terras das suas aldeias extintas e que atualmente buscam a reafirmação dos seus espaços.

Foram essas questões e demandas políticas, sociais e culturais que fizeram com que o escritor/cacique Juvenal Payayá colocasse a prática política/literária a favor da sua comunidade. Muito mais que descrever fatos, o escritor Payayá se propõe a produzir uma narrativa coletiva/individual, como indígena atravessado pela autoria literária e por sua comunidade.

MEIO - O CACIQUE/ESCRITOR JUVENAL PAYAYÁ

Bem, o tópico anterior caminhou na tentativa de apresentar brevemente a comunidade indígena Payayá, sua situação como povo residente no Nordeste e a relação

[46] CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura sem Aspas. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

direta do escritor e cacique Juvenal Payayá com sua aldeia. Esta compreensão ajudará a entender as manifestações políticas/literárias do autor, que serão detalhadas a seguir por meio das obras literárias.

De acordo com o pensamento da escritora argentina Maria Teresa Andruetto (2012)[47], o que escrevemos tem a marca do que somos, porque, ainda que pareça óbvio, a pessoa que somos existe anteriormente ao escritor que viremos a ser. O escritor indígena não escapa disso: tem sua escrita inserida na vida e em outros momentos do seu povo; a vida singular, aflora no coletivo; ao escrever, realiza um movimento de ir e vir, ensaiando um caminho para quem escreve e para quem lê.

Nas práticas indígenas do escritor Juvenal Payayá, vida e obra se cruzam em alguns momentos, em outros, caminham lado a lado, em um mesmo sistema que eu chamaria de migratório. Migra de um espaço para outro, nos trânsitos da vida, em busca de respostas que foram dadas para escrever, agora no presente, a sua história.

É nesta perspectiva que pretendo delinear aqui, ao apresentar uma parte da vida deste escritor mesmo antes de abordar os livros selecionados: *A retomada x o interdito proibitório (2007)*[48], *Negócios na periferia (2006)*[49] *e O filho da ditadura (2010)*[50], para que possamos compreender como vida e obra estão imbricadas na prática da escrita do autor Juvenal Payayá. Vale ressaltar que essas relações nos levam a entender o percurso pelo qual se constitui a autoria desse cacique.

Registrado como Juvenal Teodoro da Silva para a sociedade civil brasileira em 4 de outubro de 1945 e como cacique Juvenal Payayá para a sociedade indígena. O cacique, nasceu em Maracaiá, nome indígena que em tupi significa “gato pintado”, uma aldeia isolada. Juvenal Payayá afirma que hoje este lugar não existe mais, já que as constantes

[47] ANDRUETTO, María Teresa. Por uma literatura sem adjetivos. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

[48] PAYAYÁ, Juvenal Teodoro; PAYAYÁ, Edilene. A Retomada X O interdito proibitório. O caminho do genocídio indígena. Salvador: [s.n.], 2007

[49] PAYAYÁ. Juvenal Teodoro. Negócios na Periferia. Salvador: Edições Século XXI, 2006.

[50] PAYAYÁ. Juvenal Teodoro. O filho da ditadura. Salvador: Fast Design, 2010.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

emancipações dos distritos e as divisões territoriais tornaram seu lugar de nascimento uma "mentira". Como esclarece numa postagem disponibilizada em seu blog[51]:

> O "Maracaiá", aldeia quando nasci, era distrito do Morro do Chapéu, depois Miguel Calmon, depois Várzea Nova; Cabeceira do Rio onde fui concebido e criado, hoje é Utinga, mas já foi Morro do Chapéu, e assim por diante. Portanto, resolvi simplificar as coisas e digo para todos que sou chapadeiro, sou um cidadão nascido na Chapada Diamantina e pronto (Payayá, 2013).

Parte da sua história foi relatada durante uma entrevista que aconteceu em 14 de janeiro de 2015, na Livraria Leitura no Shopping Bela Vista em Salvador (BA). Durante a entrevista, Juvenal Payayá relatou que na década de 50, ainda menino, sendo o quarto de uma família de seis irmãos, com 12 anos, em decorrência da seca que assolava o Sertão naquele período, assistiu sua família ser jogada do Sertão para o mundo, e "ali, nem eu ou minha família tínhamos consciência plena da nossa condição de indígena" (Payayá, 2015)[52]. Era comum, na época, o não reconhecimento desse outro corpo indígena, diante da discriminação, dos processos de miscigenação e perda dos traços fenotípicos. Muitos indígenas anulavam sua identidade e passavam a ser vistos pela comunidade local como camponeses, ribeirinhos, lavradores, pessoas comuns que estavam à margem da sociedade.

> Nos anos 50, o Nordeste passou por uma seca terrível, e nós fomos jogados da caatinga para o mundo. Nesta época, não tínhamos mais a visão de ser indígena; nós queríamos mesmo era ser qualquer coisa. Os nossos parentes iam para São Paulo e chamavam os demais, pagavam as passagens, e desta forma o meu pai foi com eles trabalhar na construção civil. Eu me criei muito à vontade, cabelo grande e sem roupa, dos 7 aos 11 anos, mais ou menos assim. Fomos para São Paulo, e quando cheguei eu era analfabeto mesmo, não sabia ler. O meu pai era leitor, e nós aprendemos com ele a gostar dos livros. Quando cheguei em São Paulo procurei uma escola e me destaquei. As pessoas me chamavam de bugre, baiano. Quando eu terminei o chamado primário, eu fui trabalhar na fábrica (Payayá, 2015)[53] .

[51] O endereço de acesso ao blog é: http://juvenal.teodoro. blog.uol.com.br

[52] Entrevista concedida por Juvenal Payayá em janeiro de 2015.

[53] Entrevista concedida por Juvenal Payayá em janeiro de 2015

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A migração em decorrência da seca no Nordeste[54] fez com que Juvenal Payayá se tornasse adulto antes do tempo. Na época, a cidade de São Paulo era o grande foco destes retirantes, que sofriam duplo preconceito: primeiro, por serem indígenas, e segundo, por serem oriundos do Nordeste.

Esse deslocamento provocou um impacto no núcleo familiar de Payayá, no que tange o seu pertencimento étnico, a identificação com o lugar e com a terra. Dentro deste conturbado processo Payayá se viu deslocado/desalojado e assim presenciou sua família emigrar para São Paulo em busca de novas oportunidades e melhorias; aos 14 anos, ainda na adolescência, começou a trabalhar na construção civil, como tecelão e metalúrgico. Juvenal Payayá passou sua juventude mudando de profissão, quando então decidiu que ali não era o seu lugar. Aos 17 anos, com pouca instrução escolar, resolveu retomar os estudos; realizou o curso supletivo, prestou vestibular aos 23 anos para Direito no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU e História na Universidade de São Paulo – USP, sendo aprovado nos dois exames. Optou por História.

Segundo Juvenal Payayá o curso de História na USP não foi sua melhor opção. Na época, envolveu-se com a ditadura militar, episódio que reverberou no romance O filho da ditadura (2010), servindo na frente de batalha. Naquele momento, a USP foi-lhe um estorvo; não conseguiu se adequar ao ambiente, devido ao preconceito em razão de sua identidade indígena.

> De repente a USP se tornou um peso; eu tinha dificuldade na escrita, por não saber escrever com ss ou ç. A minha própria letra era horrorosa, e diante daqueles professores, doutores renomados, eu, aquele índio, não conseguia entender o que eles falavam. Eu ficava lá olhando, e apenas depois eu percebi que aquele não era o meu lugar. Certa vez, teve até dois ou três atos de preconceito velado; as pessoas chegavam e perguntavam o que eu estava fazendo naquele espaço. Foi então que resolvi sair da USP da mesma forma que entrei; arrumei um emprego e vim trabalhar na Editora Ática. O dono da Editora Ática era meu professor; eu pedi emprego e ele me mandou para a Bahia; quando

[54] Segundo o historiador Paulo Fontes (2008) em seu livro Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista 1945/1966, entre as décadas de 50 e 60, aproximadamente 38 milhões de pessoas saíram do campo em direção às áreas urbanas, e um dos principais destinos era São Paulo. Neste período, a capital paulista quase triplicou de tamanho: a cidade recebeu 1 milhão de migrantes, o que representava 60% do seu crescimento populacional.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> cheguei aqui, veio novamente a ideia de retomar os estudos. Fui para Feira de Santana, prestei o vestibular, passei e me formei em Economia. Nesta época o Brasil passava por transformações políticas; resolvi voltar para a região do sertão como um saudosista, e começamos a fazer muita discussão política. Eu tinha muitos sonhos (Payayá, 2015)[55] .

Com efeito, Juvenal Payayá não se reconhecia naquele lugar, sobre o desejo e poder de se reafirmar, de expressar sua identidade cultural e social resolveu voltar para a Bahia. É possível dizer que independente do lugar ou situação na qual se encontra, um indígena não deixará de ser ele mesmo. A indianidade segue permanente em qualquer lugar que este indivíduo esteja, a vida do cacique Payayá nos permite observar e afirmar tais ações.

Essas situações fizeram com que Juvenal Payayá realizasse o caminho de volta para a Bahia. Abandonou o curso de História na USP e empregou-se na Editora Ática, local onde trabalhou de 1974 a 1993. Quando retomou mais uma vez os estudos, concluiu Economia na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e, depois, uma especialização na Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Os seus primeiros textos publicados foram artigos jornalísticos ainda em São Paulo e em algumas revistas, a exemplo da "Artpoesia"[56] . Algo que Juvenal Payayá define como "textos panfletários", com críticas ligadas ao período da ditadura, ingênuos e que apesar da sinceridade não tinham muita qualidade.

Portanto, a construção deste autor indígena ocorre por meio dos seus deslocamentos, de quem não está fixado nos grandes centros urbanos e não permaneceu sempre no seu lugar de registro. Juvenal Payayá é filho de um lugar periférico indígena, visto como retirante nordestino, à margem; e hoje se reafirma como indígena Payayá.

[55] Entrevista concedida por Juvenal Payayá em janeiro de 2015

[56] Endereço de acesso a revista: http://revistaartpoesia.blogspot.com.br

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Naquele período mudou-se para o interior do estado, residindo na cidade de Jacobina (BA), local em que escreveu o seu primeiro romance à mão[57], nunca publicado. Criou o Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas na Bahia (MUPOIBA)[58] e publicou seu primeiro livro de poesia em 2002, Os Tupinikin – versos de índio, com mil exemplares, obtendo projeção com apresentações em feiras literárias e em alguns encontros acadêmicos. Antes dessa vivência e da sua assimilação da identidade indígena, Juvenal Payayá assinava seus textos como "índio descendente"[59]. O seu livro *Os Tupinikin* (2002) traz essa informação logo na capa; então, Payayá "ainda" não se afirmava como um escritor indígena. Todo processo de (re) afirmação enquanto escritor indígena ocorreram durante os processos de identificação do seu povo e recuperação das memórias individuais/coletivas.

Em seguida, Juvenal Payayá lançou mais quatro romances: *Ninguém na caverna de Polifemo* (2004), *Negócios na Periferia* (2006), *Timor Leste* (2008) e *O filho da ditadura* (2010), e dois livros-manifestos sobre as causas indígenas e os dilemas sociais: *Infraestrutura e A retomada x o interdito proibitório* (2007), além dos poemas sobre as questões indígenas publicados nas redes sociais e no blog.

Sobre sua escrita poética o cacique afirma,

> Se tiver de me considerar escritor, serei um escritor indígena, pois escrevo minhas inquietações em versos e prosa. Meu poema tem, entre tantos temas, a questão indígena. Além dos livros publicados, escrevi alguns ensaios e uns 400 poemas. Fora os intimistas, feito para a mulher amada, os demais são sobre a terra, o arco, a flecha, Tupã, a Chapada Diamantina, a sociedade; dedico muitos poemas aos opressores do povo

[57] Segundo informação do autor Juvenal Payayá, o romance não possui título, bem como não foi publicado, servindo apenas de inspiração para as suas demais obras.

[58] É uma das organizações indígenas presentes no Estado da Bahia; reúne 22 etnias, entre elas: Tupinambá, Pataxó, Pataxó Hã-hã- hãe, Kiriri, Tuxá, Tumbalalá, Atikum, Pankararé, Kaimbé, Pankarú, Pankararú, XukuruKariri, Kariri-Xóco Fulni-ô, Funi-ô, Potiguara, Tapuia, Kambiwá, Xacriabá, Payayá, Kantaruré e Tuxi.

[59] É uma das organizações indígenas presentes no Estado da Bahia; reúne 22 etnias, entre elas: Tupinambá, Pataxó, Pataxó Hã-hã- hãe, Kiriri, Tuxá, Tumbalalá, Atikum, Pankararé, Kaimbé, Pankarú, Pankararú, XukuruKariri, Kariri-Xóco Fulni-ô, Funi-ô, Potiguara, Tapuia, Kambiwá, Xacriabá, Payayá, Kantaruré e Tuxi.

> indígena. No último livro, O filho da ditadura, um dos filhos da ditadura é também um indígena (Payayá, 2015)[60].

Assim, por toda uma vida, Juvenal Payayá aborda na escrita, na poesia, nos romances, memórias enfocando o que testemunhou e o que sonhou. O autor escreve o que pensa e classifica a sua própria obra na temporalidade da história e dos fatos, relacionando a narrativa com sua vivência indígena. O escritor Payayá se afirma um escritor indígena, cujo repertório aborda as especificidades do ambiente indígena e a ocupação de novos espaços temáticos. Como exemplo, transcrevo o poema intitulado "A Mágica do Rio" que expõe algumas das construções poéticas do escritor indígena:

> Um Payayá kurumim contou-me
> Que a água foi desviada a muque
> Para consertar a curva do rio
> Deixando seca a rocha úmida
>
> O menino me fez crer sim
> Pois história de kurumim da oka
> É tão verdadeira como a de velhos
> Na fogueira a descansar de cócoras
>
> De tão real, inicial pareceu primeiro
> O canto de uma sereia ímã
> Mas o fiel espiritual guerreiro
> Converteu minha alma incrédula
>
> O kurumim imaginando, trêmulo
> Traçando no retângulo a curva:
> – Ah se o penhasco derretesse

[60] Entrevista concedida por Juvenal Payayá em janeiro de 2015

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

E a poeira caísse em chuvas!

Foi por força natural da lógica
Para atender seu olhar prostrado
Cai a chuva farta em água benta
E o rio ressurge como serpente mágica

Eu voltei a acreditar no medo
Vendo o mundo acabar sem rogo
A floresta devorada em chamas
Sem rio para apagar o fogo.

Como parte da própria vida, a poesia acentua a importância da natureza presente nas manifestações dos povos indígenas. Os poemas abordam questões relacionadas à terra, à luta para a sua demarcação, à tradição e ao lugar do povo Payayá hoje. Assim, também, há a presença deste escritor na militância política, com sua diversidade de temas que mesclam o social, o cultural e a história demarcada por temática indígena, como na obra intitulada A retomada x o interdito proibitório (2007). Em contraponto, há outras temáticas presentes nos romances sobre a ditadura, a sexualidade, os grandes centros urbanos e as periferias, como em Negócios na Periferia (2006) e O filho da ditadura (2010), que abre caminhos para novos olhares e descortina os antigos, consolidados no tempo.

A identidade dos indígenas que perpassam o Nordeste são atravessadas pelo movimento do retorno, da viagem de volta que tem como princípio a ação de retomada. Retomada de si, da terra, do outro, do torna-se visto dentro de um espaço que os fizeram invisíveis, misturados e silenciados durante décadas. É a luta por uma volta identitária/ancestral em um processo simbólico de escrevivências cujo final sempre será o início e nunca o fim. Um entre lugar de início, meio e início, como diria o ancestral Negro Bispo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

INÍCIO

> *Aqui, nós, os indígenas, estamos cada vez mais lutando por uma volta ancestral, sabe? Como uma volta a um tempo antes da colonização, mas sabemos que é impossível. Então, vivemos numa certa redução de danos. Redução de danos da colonização.*
>
> *DENILSON BANIWA*

A identidade é um processo de construção/solução simbólicas e discursivas, é aquilo que é ou se propõe ser: sou indígena, sou negra, sou branca, entre outros. Neste contexto, os povos indígenas no Nordeste estariam, em derrocada, pois todo seu devir estaria amarrado às primícias de uma originalidade fundadora, impedindo-os de se dizer indígenas caso não correspondam ao aborígene tipicamente nu, que habita ocas em meio à mata, comendo em cuias ou em recipientes de cerâmica, etc. Esse movimento nos conduz à vinculação da identidade a um certo tipo de prisão tempo-espacial.

Essa mesma prisão configura os dilemas das populações indígenas situadas no Nordeste brasileiro ao buscar, nas suas práxis, nos seus modos de fazer indígena, o seu reconhecimento e, em um segundo momento, apresentar uma literatura de autoria indígena que exerce o seu papel sob outro aspecto, além do mito, para além da aldeia. No entanto, o que há de mais afirmativo neste paradoxo é que, construindo ou não essa perspectiva de "índio" x mito, as produções literárias indígenas mobilizam a chamada emergência das novas identidades, algo sobre o movimento dos povos indígenas, em especial os que habitam o Nordeste, os Payayá, que após séculos de repressão e negação da sua condição étnica, buscam reivindicar o seu reconhecimento e, principalmente, a retomada dos seus espaços e suas territorialidades. Essa situação, nomeada como a *viagem de volta*, é parte significativa desta discussão se faz presente nas obras literárias e imagens produzidas por esses indígenas, a exemplo do cacique Juvenal Payayá.

Desta maneira, esse movimento se deparou com o esquecimento e com a negação de suas raízes indígenas. O esquecimento é patente em uma nova geração, oriunda de uma outra que, de tanto tentar olvidar, acabou sendo convencida que perdeu toda a indianidade. Ao serem incorporados ao elemento folclórico na cultura popular nordestina, estes

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

indígenas foram historicizados como elementos de um passado estável e fechado dentro do imaginário colonial. Segundo Canclini (2019)[61], a tal pureza histórica há muito inexiste, se lembrarmos que até as culturas mais remotas que aqui chegaram, encontraram outros povos, com diferentes hábitos e tradições. Com isso, sustentado pelo epicentro do movimento, muitos reviraram seu passado e trouxeram à tona experiências tonificantes da sua plurivocidade corporal e da sua geograficidade, fundantes do seu existir. Passaram a endossar o grito de uma catarse: "eu sou Payayá"!

Assim, pensar a reorganização do povo Payayá como população indígena no Nordeste é perceber a configuração dessas novas identidades para recontar o seu passado, por meio da memória, do fotográfico, da literatura e, sobretudo, pela reafirmação da diferença em novos espaços. Práticas nas quais o passado serve de base para reescrever o presente em um movimento giratório intercultural e híbrido, necessário às políticas de retomada da terra, ou seja, narrativas importantes para a legitimidade da comunidade indígena, considerada pelo Estado, pela mídia e pelo imaginário coletivo como não indígena, devido aos inúmeros processos históricos de miscigenação cultural e aos deslocamentos territoriais. Ou seja, um modo de fornecer uma chave interpretativa aos fatos da chamada "emergência" de novas identidades centrados em questões que dizem respeito tanto à problemática das "emergências" étnicas, quanto a da reconstrução cultural.

As quais são essas novas configurações dos povos indígenas que emergem na contemporaneidade, reivindicando seu espaço, com as demarcações da terra, assim como restabelecendo suas conexões com os "encantados" em um pertencimento que se chama e ocorre no "tempo de agora".

A presença indígena no Nordeste aumentou significativamente desde a década de 1990 e hoje é uma constante bem mais nas áreas urbanas que nas rurais. Em um processo de emergência étnica, os povos indígenas buscam seu reconhecimento, reassumindo as suas identidades e recriando tradições culturais. Eles elaboram novos caminhos que vão de

[61] CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

encontro à imagem estática construída sobre o indígena, como bem ressaltado por Cunha (2009), que entende a cultura indígena não como um conjunto de traços dados, mas como um vir a ser e uma transformação constante. Os Payayá constituem um coletivo, cuja organização explicita a força da representação, a exemplo do cacique, do pajé, da oralidade, da escrita e das imagens dessa comunidade.

Para isso, procurei, imprimir as características dos indígenas que habitam o Nordeste, mostrando que a maioria milita pela afirmação das suas diferenças étnicas e identitárias, nas retomadas dos seus espaços e nas narrativas das suas memórias. São os arquivos-vivos que desapareceram no decorrer da história, vistos como misturados, sertanejos, entre outros. Hoje, como testemunhas de si, buscam pensar suas singularidades nas práticas autorais individuais e coletivas como lugar de empoderamento para (re) existir por meio da terra, do coletivo e das memórias.

Em oposição ao silenciamento, reescrevem as suas histórias e imprimem os novos pontos de vista. O posicionamento de Juvenal Payayá no decorrer deste artigo descrito no primeiro momento enfatiza bem a questão; além da trajetória da sua comunidade Payayá evidencia a resistência desses povos que se viram forçados, ao longo dos anos, a intensos deslocamentos territoriais.

A literatura de autoria indígena no Brasil faz parte desta luta, dos testemunhos que hoje formam estes novos caminhos de volta. São formas encontradas para produzir algo que visa a recuperar a posse da escrita, da história, em meio aos processos do autorreconhecimento e da retomada das terras. Ao descrever na entrevista as suas ações, seu posicionamento político-literário não corresponde ao estereótipo de "índio com cara de índio". É que Juvenal Payayá reinventa a si mesmo por meio da dissolução estereotipada das imagens indígenas. E, assim, evidencia-se uma das suas grandes contribuições para a composição da literatura de autoria indígena contemporânea.

Enquanto escritor e cacique indígena, Juvenal Payayá destoa das imagens presentes no imaginário nacional que reproduzem os estigmas do índio "colonial" e do índio que só escreve e fala das suas questões. Esse foi o lugar determinado para as textualidades

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

indígenas – a lógica do mito e das obras literárias com uma função didática, pedagógica.

Segundo as abordagens e perspectivas das professoras Maria Inês de Almeida e Graça Graúna, ao apresentar de que modo a literatura de Juvenal Payayá escapa da visão elaborada por elas. Tanto Almeida (1999)[62] quanto Graúna (2013)[63] partem de uma visão tradicional individual/coletiva da literatura de autoria indígena, na qual os livros possuem a especificidade de ser pensados como "livros da floresta". Ao que tudo indica, mesmo na contemporaneidade esses livros continuam centralizados na tradição, como é exposto aqui. A tradição tem a sua devida importância para a constituição do espaço literário, porém não é o único caminho discursivo possível.

Por meio de um discurso literário que não se centraliza no mito, e sim nos propósitos da amplitude e versatilidade da literatura, Juvenal Payayá é o escritor que escreve uma literatura cuja autoria é potência e resistência. É um escritor que possui a condição de estar nas fronteiras literárias e se apresenta como lugar de representação de uma nova produção literária que se desloca da aldeia para a periferia, com a potência de quem se constitui tanto na literatura que expõe o reconhecimento étnico, como na literatura que rompe com os adjetivos e estereótipos de uma escrita previsível.

Essa posição se traduz na sua escrita visual, oral e impressa. Compõe o seu lugar, seus deslocamentos nos processos históricos sofridos pelos indígenas no Nordeste brasileiro. Um posicionamento que vai reverberar na estética da sua produção, além de discutir qual o espaço possível que ocupa o discurso literário indígena hoje.

A relação entre o esperado e o inesperado causa certo estranhamento num primeiro momento, porém leva à abertura de outros caminhos possíveis. Na literatura de autoria indígena contemporânea de Payayá, o indígena assume a voz narrativa da diferença: primeiro, por ser um indígena escritor que utiliza a escrita como arma para projetar a sua

[62]ALMEIDA. Maria Inês de. Ensaios sobre a literatura indígena contemporânea no Brasil. 1999. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

[63] GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

fala, ao escolher e publicar o que pensa; segundo, por afirmar na sua diferença que o indígena não se restringe ao mito.

A diferença que atravessa a estética literária e a vida de Juvenal Payayá baseia-se em três pilares: a) reexistir enquanto indígena no Nordeste; b) assumir seu espaço de escritor indígena; e c) ser um escritor indígena que legitima a sua escrita para além do mito. Isso implica dizer que a sua identidade demarca fronteiras, retoma espaços, e que sua escrita marca uma nova configuração do repertório de imagens literárias indígenas.

CONCLUSÃO

Dessa maneira, há uma série de textualidades que diferenciam o escritor Juvenal Payayá dos demais, assim como a sua estética literária. As narrativas apresentadas oferecem novas possibilidades de se rever as relações entre autoria, literatura e representação como novos caminhos para a leitura desses novos espaços de circulação, ante o imaginário já constituído sobre o fazer literário indígena.

Ao criar um novo espaço, Juvenal Payayá amplifica o espaço desta literatura para a possibilidade de novas perspectivas, nas quais a tradição não será apenas a única via potencialmente possível, pois a literatura de autoria indígena também apresenta formas de inserir no mundo escritores indígenas que contrariam a uniformidade, pois apresentam a formação de um outro local de produção literária que passa a interagir com o mundo na possibilidade de produzir novos roteiros, para além do que um dia foi determinado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês de. Desocidentada: experiências literárias em terra indígena. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ALMEIDA. Maria Inês de. Ensaios sobre a literatura indígena contemporânea no Brasil. 1999. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ARAÚJO, Maria Paula; SILVA, Izabel Pimentel da; SANTOS, Desirree dos. Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura sem Aspas. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

OLIVEIRA. João Pacheco de. A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: Mana, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1998. Disponível em: . Acesso em 15 de fevereiro de 2024.

OLIVEIRA, Maria das Dores. Da invisibilidade para a visibilidade: estratégias Pankaru. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; SILVA, Christiano Barros Marinho da. Índios do Nordeste: Temas e problemas 4. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAYAYÁ, Juvenal Teodoro; PAYAYÁ, Edilene. A Retomada X O interdito proibitório. O caminho do genocídio indígena. Salvador: [s.n.], 2007.

PAYAYÁ. Juvenal Teodoro. Negócios na Periferia. Salvador: Edições Século XXI, 2006.

PAYAYÁ. Juvenal Teodoro. O filho da ditadura. Salvador: Fast Design, 2010.

SANTOS, Sólon Natalício Araújo Dos. Conquista e Resistência dos Payayá no Sertão das Jacobinas: Tapuias, Tupi, colonos e missionários (1651-1706). Salvador/BA, 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A LITERATURA ESCRITA ORIUNDA DA ORALIDADE: CANUMÃ (2019), DE YTANAJÉ CARDOSO A PARTIR DE UM OLHAR ECOCRÍTICO

Marta Botelho Lira[64]

Resumo: ***Canumã: a travessia*** **(2019), de Ytanajé Cardoso, considerado o primeiro romance indígena, é uma narrativa de uma comunidade Munduruku localizada no rio Canumã, no meio da Amazônia, em que o personagem principal se desloca da sua comunidade para a capital do Amazonas. Uma contação de história em que se volta para crenças de seus ancestrais em que perpetuam de gerações em gerações. Agora, na página de livros. Oralidade e escrita eternizam uma tradição. Além disso, uma narrativa que se passa em torno de um rio, o que relembra as ideias de Ailton Krenak (2022) ao afirmar que nas águas nossa ancestralidade é perene, com isso ecoa em nosso presente e futuro. é analisar o impacto da literatura indígena de autoria individual oriunda da oralidade no processo de reconstrução da identidade dos povos indígenas. por meio das ideias de Julie Stefane Dorrico Peres em** ***A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós*** **(2021);** ***Ideias para adiar o fim do mundo*** **(2020); de Graça Graúna em** ***Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*** **(2013). Além disso, o manter a tradição presentes na literatura oral ou na literatura escrita oriunda da oralidade pode ser compreendida como um comportamento ecosófico, conforme Félix Guattari em** ***As três ecologias*** **(2012).**

Palavras-chave: Ecosofia. Romance indígena. Povos Originários.

Introdução:

A obra *Oré awé roiru'a ma: Todas as vezes que dissemos adeus*, publicado pela primeira vez em 1994, marca a publicação de autoria individual literária indígena. Escrita por Kaká Werá Jecupé, indígena Tapuia e Guarani. Após 25 anos, em 2019, é publicado o primeiro romance de autoria individual indígena, *Canumã: a travessia*, de Ytanajé Cardoso, oriundo do povo Munduruku no Amazonas. Ambos os autores expõem em suas obras os ensinamentos, a identidade e visões de mundo dos seus respectivos povos. Além disso, como destaca o próprio autor Munduruku em seu romance, o ato de publicar representa uma nova forma de resistência indígena.

Retomando para Kaká Werá Jecupé, ele afirma que

[64] Bolsista Capes, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e Tecnologia, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), graduada pelo Curso de Letras - Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura de Língua Portuguesa (GEPELIP), membro Grupo de Estudos sobre Literatura no Amazonas (GELITS), também faz parte do Grupo de Estudos Ecocríticos (GECO). Atuou na área da Educação para o Trânsito no Instituto Municipal de Mobilidade Urbana (IMMU-Manaus). Fez parte da equipe de texto da EDUTFPR.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Quando foi publicada a primeira edição deste livro, em 1994, a cultura indígena brasileira até então era apresentada sempre na voz de um antropólogo ou de um indigenista, ou então sob a visão de um cientista social. Além disso, o imaginário e a mídia mantinham a ideia de que os povos indígenas no Brasil estavam todos na Amazônia ou no Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso, ao norte. Mantinham também a ideia de que os últimos narradores eram exóticos oradores, completamente isolados da chamada sociedade envolvente. De modo que, quando este livro saiu incomodou uma certa casta de tutores dos remanescentes das etnias mais antigas das terras brasileiras, que faziam questão de continuar cultivando suas tutelas. (JECUPÉ, 2002, p. 10)

Nesse sentido, a literatura indígena contemporânea no Brasil pode ser compreendida como uma forma de defesa das origens e cultura desses povos, sendo um ato político. Anteriormente, os indígenas eram colocados à margem da sociedade, com seus nomes apagados. Conforme aponta Daniel Munduruku em *Mudukurando 2: Rodas de conversas com educadores* [65](2017), quando criança, ele compreendia que ser indígena era visto como algo negativo, nas palavras do autor:

> Quando criança, não gostava de ser índio. Sentia vergonha de ser um quando alguém mencionava os indígenas como seres preguiçosos, selvagens, sujos, covardes e até canibais. Mesmo sem saber o significado de metade dessas palavras, meu espírito ficava chocado com a violência que elas representavam. Somado a tudo isso vinha o fato que os índios eram pouco desejados pelos representantes políticos, que sempre diziam: "Índio bom é índio morto". Por causa disso tudo é que eu decidi, quando estava com 9 anos de idade, que ao me tornar adulto, não seria índio, e sim um ser humano civilizado, capacitado para contribuir com o meu país. O que não sabia, no entanto, é que ser índio era algo inscrito dentro de mim; não bastava dizer palavras mágicas para isso desaparecer. (MUNDURUKU, 2017, p. 39).

Corroborando com a discussão, a professora Julie Peres, em *A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós* (2021), defende que a apropriação da escrita alfabética pelos indígenas representa a afirmação de suas identidades e a reivindicação de seus espaços na sociedade. Essa literatura indígena contemporânea se caracteriza pela assinatura dos nomes tradicionais e/ou dos nomes dos povos, pelo uso da língua materna, pela localização geopolítica e pela celebração da relação entre homem e natureza.

Assim, a escolha da elaboração deste texto com foco na literatura ocorreu pela sua importância na reconstrução da identidade desses povos, no reconhecimento e na

[65] O livro foi publicado pela UK'A Editorial, uma editora fundada pelo professor e autor Daniel Munduruku, com objetivo de publicar obras de autores indígenas.

valorização dessas culturas na sociedade. Com isso, questiona-se: "como a literatura escrita por autores indígenas individualmente pode contribuir para o processo de reconhecimento e valorização da cultura indígena?

Na tentativa de responder à pergunta norteadora, o objetivo geral é analisar o impacto da literatura indígena de autoria individual oriunda da oralidade no processo de reconstrução da identidade dos povos indígenas. Neste contexto, será investigado o processo reafirmação desses povos por meio da língua, da escrita na obra de Ytanajé Cardoso (2019), também será desenvolvida uma discussão sobre a literatura indígena, por meio de *A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós* (2021), de Julie Dorrico; *Ideias para adiar o fim do mundo (2020),* de Ailton Krenak e *Contrapontos da Literatura Indígena Conteporânea no Brasil* (2013), de Graça Graúna permeando o conceito de ecosofia social proposto por Félix Guattari (2012), em *As três ecologias*.

Para primeira parte, será apresentado o Ytanajé Cardoso e seu livro. Na próxima parte do artigo, a discussão acerca da literatura indígena a partir das ideias de Ailton Krenak (2020), Graça Graúna (2013), Julie Dorrico (2021) e Yanajé Cardoso (2019) e Félix Guattari (2012). Por fim, algumas considerações.

Conhecendo o romance *Canumã: a travessia* (2019), de Ytanajé Cardoso

Ytanajé Cardoso é autor amazonense do romance *Canumã: a travessia* (2019), Munduruku, graduado pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA), mestre em Letras e Artes (UEA), doutor em Educação, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), atua como professor colaborador dos cursos de Pedagogia Intercultural Indígena na UEA e pela SEDUC-AM.

Considerado o primeiro romance indígena, é uma narrativa de uma comunidade Munduruku localizada no rio Canumã, no meio da Amazônia, em que o personagem principal se desloca da sua comunidade para a capital do Amazonas, junto com sua família:

> – Olha, meu filho, a gente fica impressionado quando chega na cidade, a gente vê tudo diferente, a gente fica abismado. Mas na cidade a gente tem que ter

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> dinheiro, se não tiver dinheiro, a gente passa fome, é humilhado. Aqui a gente tem tudo, tem o rio e a floresta, a gente só passa fome se quiser. É por isso que digo pra vocês Maria, que eu não queria que vocês fossem não. Mas eu sei também que as coisas estão mudando, e que os nossos filhos tem que estudar para defender o povo lá fora. (CARDOSO, 2019, p. 103).

O narrador personagem conta ao leitor sobre esse processo de deslocamento que aconteceu com Maria, Antônio e seus filhos. Eles migram da aldeia Kwatá para uma cidade maior com a finalidade dos filhos possam estudar:

> Chegamos definitivamente em Nova Olinda, novamente com bagulhos e farinha. O bom de tudo foi que dona Sueli tinha alugado uma casa, onde ficamos de maneira provisória, até o dia da viagem. Localizava-se próximo à Feira do Produtor, poucos metros da Frente. Havia também a escola Escola Estadual Isabel Barroncas, lá pretenderíamos iniciar o Ensino Médio, mas não deu tempo. Os anos se passaram rápido. No dia quatro de novembro 1990, embarcamos no Comandante Paiva, na companhia da dons Sueli e sua filha, Débora, de rosto angulado e pele quase da cor do Madeira. Era uma manhã de domingo. Tempo de deixarmos o Kwatá. O Canumã, Nova Olinda do Norte e o Madeira. Na verdade, a terra nunca sai de nós, assim como nunca saímos da terra. A terra é tudo aquilo que somos, já diziam os velhos (CARDOSO, 2019, p. 159).

Uma contação de história em que se volta para crenças de seus ancestrais em que perpetuam de gerações em gerações. Agora, na página de livros. Oralidade e escrita eternizam uma tradição.

A narrativa se desenvolve a partir de algumas preocupações de alguns personagens, por exemplo, as mudanças de atitudes dos jovens na comunidade, que não se interessam mais pelas histórias contadas pelos mais velhos, como também, a extinção da língua Munduruku, a representação dos anciãos como guardiões da cultura, a inserção de costumes de povos não indígenas interferindo na tradição dessa comunidade: uso excessivo da televisão, os efeitos do álcool, conforme um trecho retirado do livro:

> – Durante muito tempo, nosso povo viu massacre e muito sangue. Nossas crianças morriam sem saber por que morriam. Nossos velhos, nossos guardião iam para guerra por nós. Dizem os antigos que na época de Lobo d'Almada, a gente começou a conhecer o mundo do branco. Naquela época os munduruku se espalharam ainda mais. Mas a maioria ficou no Tapajós. Naquela época ninguém falava português, só munduruku. Naquela época bastava o pai olhar pro filho que o filho já entendia as coisas. Mas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> hoje, hum! Graças aos antigos que ainda temos nossa terra pra pisar; o ar puro para respirar, e nossos animais. Mas um dia vão querer derrubar a última árvore daqui. Eu temo que esse dia está chegando, mas enquanto o povo munduruku viver; a floresta permanecerá em pé. As brincadeira do branco são boa, e temos que aproveitar o que tem de bom nelas, assim como eles têm que aproveitar o que tem de bom na nossa também. (CARDOSO, 2019, p. 88-89)

O livro é uma compilação da memória coletiva e dos conhecimentos tradicionais do povo Munduruku na Amazônia.

Reflexões sobre a literatura indígena: ecosofia social na obra de Ytanajé Cardoso (2019)

Os povos originários no Brasil resistem à imposição de outras culturas desde 1500, um exemplo disso, é o direito de ter em sua certidão o seu nome indígena resgatado somente em 2012:

> No que se refere aos nomes próprios, o Estatuto do Índio foi contestado apenas no ano de 2012 pelo Conselho Nacional de Justiça, na Resolução nº 3, de 19 de abril de 2012, que dispõe sobre o assento de nascimento de indígena no Registro Civil das Pessoas Naturais e torna possível o direito ao nome indígena. Dessa maneira, a assinatura do nome próprio mais o nome de povo, ou a assinatura do nome ancestral, desde a década de 1990, nas obras literárias, corresponde a um ato de resistência dentro do movimento literário indígena, como manifestação de orgulho de seus nomes proibidos secularmente. (PERES, 2021, p. 17)

Nesse contexto, Graça Graúna (2013) corrobora com a discussão ao afirmar que "a representação do espaço é simbolizada por uma natureza nutrida pelos corpos violados da história colonial" (2013, p. 9). A partir disso, pode-se observar uma dupla brutalização: geográfica e humana, para autora, esse movimento de violência roubou a identidade desses povos.

Essa imposição aos povos indígenas, conforme Peres (2021), é uma violência, um ato genocida. Isso muda a partir do domínio da escrita alfabética, "revelando um movimento de ressignificação nas relações estéticas, políticas e culturais entre povos indígenas e sociedade nacional." (PERES, 2021, p. 23).

Graça Graúna (2013) compartilha das mesmas ideias de Julie Peres (2021), ao afirmar que:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Desta forma, a literatura molda ideias, crenças e ideais históricos e éticos contribuindo para a constituição de um episteme cultural coletiva. Mediante a crítica literária e sua problematização das representações culturais se ganham insights dos diversos tipos de identidade cultural que constituem sociedades, tribos, nações. (GRAÚNA, 2013, p. 11)

Por meio da literatura e da escrita, há um processo de reconstrução de identidade e uma reapropriação do espaço, por exemplo, nas primeiras páginas do livro *Canumã: a travessia* (2019) pode ser visto isso: "Dia fértil para se arrancar a mandioca na roça de Joana, bisneta de Widá, guerreiro munduruku, lembrado por ter liderado a guerra contra *pariwát* no tempo da Cabanagem: um verdadeiro formiga de fogo." (CARDOSO, 2019, p. 7). Nesse trecho, a forma como a personagem é apresentada é revelado a cultura de seu povo, no caso, Munduruku, e que ela é oriunda de uma tradição violentada durante a Cabanagem[66] na Província de Grão-Pará, permitindo ao leitor voltar-se para a história, mesmo em uma narrativa.

No romance, outro aspecto que pode ser pontuado é a presença dos mais velhos, responsáveis por perpetuar a cultura dos seus povos, agindo como um guardião de seus costumes:

> Nossos avôs e avós não deixaram de dar esses ensinamentos. A noite continuava nas palavras de seu Parawá.
> -Vou contar uma história que ainda não contei. É a história do matin e do meu tio. Alguém já ouviu a história do matin?
> - Eu já, mas não lembro bem não, porque quem me contou foi o Neto, que contou que o avô dele tinha visto um lá pro lado da Fronteira. Ele também não sabia muito.
> -Uhm! Deixa eu contar, então! Essa vocês nunca ouviram, eu nunca contei. (CARDOSO, 2019, p. 119)

Assim, destaca-se no romance o processo de educação dos povos originários como preocupação de manter a tradição Munduruku. Como também pode ser visto no excerto a seguir:

[66] A cabanagem foi um movimento popular e social que ocorreu na antiga Província do Grão-Pará, corresponde aos estados do Amazonas e do Pará atualmente, de 1835 e 1840. Este evento histórico do período regencial do Império no Brasil envolveu várias camadas das sociedades e culminou em uma série de conflitos intensos, resultando em um alto número de fatalidades, conforme a pesquisadora Viviane Gouvêa, Mestre em Ciências Políticas, no site do Ministério do Governo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> O rosto da curuminzada expressava o poderoso ritual da oralidade. No ritmo dessa história, o velho sábio conduzia aquele momento tão precioso, fortalecendo os laços entre o passado, presente e futuro. As imagens, os gestos e até o tom de voz se tornaram dispositivo extremamente eficientes no processo educacional indígena. Seu Parawá sabia que a família de Antônio estava na iminência de ir embora, por isso, talvez sua atenção com o senhor da palvra tenha sido mais enérgica do que das outras vezes que contaram as histórias. (CARDOSO, 2019, p. 101)

Além do processo de ensinamento, a figura do ancião representa o retorno aos ancestrais como uma forma de não perder suas memórias e referências, contudo a perenidade da língua Munduruku, no romance, é quebrada conforme o narrador:

> Era comum a vovó convidar, cumprimentar e até ensinar as pessoas em sua língua materna, o munduruku. Ela vivia se queixando que a língua estava morrendo e que os jovens não estavam aprendendo, e isso era uma grande tristeza para ela, já que durante a infância seus direitos de falar em munduruku foram tirados pela força da colonização. Agora pelejava o mínimo possível às novas gerações. Felizmente pude aprender um pouco da minha verdadeira língua, o que me causou grande estímulo em continuar com os sonhos de minha avó: o de que todo o povo aprenda novamente a língua munduruku. Confesso que, quando criança não entendia muito bem a importância da língua para um povo, mas minha maior professora em Antropologia me fez enxergar com minúcia a importância da língua na realização ou manifestação de um povo. (CARDOSO, 2019, p. 50)

Essas mudanças ocorreram devido à interação com os não indígenas que introduziram novos costumes, por exemplo, a televisão. Quando introduzida na comunidade, ela faz com que as pessoas, especialmente os jovens, que deixaram de se reunir em todo dos mais velhos para assistir aos programas transmitidos, como o narrador revela:

> [...]. E é assim na aldeia hoje, alguns se interessam por futebol, outros desenvolvem a habilidade da caça e da pesca, alguns aprendem a ouvir os mais velhos e interpretá-los, e grande parte gosta mesmo é de patetar na frente da TV. O primeiro aparelho chegou à aldeia lá pelos primeiros anos de 1990. Lembro que naquele tempo dezenas de pares de sandálias havaianas ficavam espalhadas na porta da casa de quem tinha aquela máquina, uma novidade para os munduruku. A minha avó Ester não se interessava, pelo contrário, fazia sérias críticas a esse instrumento de homogeneização. (CARDOSO, 2019, p. 52).

No entanto, no meio dessa transformação, o povo Munduruku continua resistindo aos costumes não indígena, encontrando novos mecanismos para isso, por exemplo, a escrita:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Todavia, a resistência não cessou, está apenas começando, só que doravante, tal investida se fará não mais com arco e flecha, mas com o caderno e lápis na mão de nossas crianças. E não deve pensar que os munduruku pararam de cortar cabeças, o que aconteceu foi a ressignificação. Ao invés de cortarem a cabeça fisicamente de seus rivais, agora fazem isso a partir da inteligência social do diálogo, ferramenta intelectual imprescindível para as conquistas dos destemidos munduruku. Imprescindível, diria, para qualquer civilização. (CARDOSO, 2019, p. 55)

A escrita e publicação são meios poderosos pelos quais os povos indígenas, como o Munduruku, podem disseminar suas culturas e torná-las perenes. Por meio desses recursos, eles têm a oportunidade de compartilhar com o mundo suas histórias, antes transmitidas oralmente, tornando a língua imprescindível para qualquer civilização.

A análise do resgaste cultural observado no romance Munduruku permite compreender o desequilíbrio presente na ecosofia social, conforme descrito por Félix Guattari (2012), em *As três ecologias* (2012). Para o autor, a ecosofia social busca desenvolver práticas voltadas para a reconstrução das relações humanas em todas as esferas sociais, – nesse artigo, discute-se a presença dos povos indígenas na sociedade contemporânea. Ele sugere que aspectos da sociedade estão sofrendo um processo de ossificação e deterioração, impulsionando por fatores como o consumo excessivo da mídia e a padronização de comportamentos, de culturas, por exemplo, no romance, o narrador nos traz um breve comentário acerca disso:

> Um exemplo bem claro do que falo é quando a mídia grande mostra, em determinados programas, inclusive humorísticos, um índio pelado, todo pintado, correndo no meio da mata, gritando como um maluco. Ou seja, a mídia estabelece uma identidade determinada para o indígena, sem respeitar a diversidade e o processo de ressignificação. (CARDOSO, 2019, p. 53)

Nesse contexto, há uma busca por restabelecer esses vínculos sociais de forma saudável e coletiva a partir de uma compreensão integrada entre a sociedade, aspectos ambientais e psíquicos.

Essa crise ocorre devido à sobreposição violenta de valores entre culturas indígenas e não indígenas, conforme Ailton Krenak, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020), questiona o tipo de civilização que estamos construindo: “Como foi que ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas escolhas erradas que fizemos,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

justificando o uso da violência?" (KRENAK, 2020, p. 11). Este questionamento incide sobre a tendência de uma sociedade se sentir responsável por civilizar outra, impondo violentamente novas formas de vida.

Para Félix Guattari (2012), o mundo está interligado em todas as suas formas e isso corrobora com o que Ailton Krenak (2020) pontua sobre as relações dos povos indígenas com a natureza, por exemplo:

> O rio doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa expressão externa). (KRENAK, 2020, p. 40)

O pensamento holístico de ambos os autores e a presença da natureza encontra-se também na narrativa de Ytanajé (2019), por exemplo, há uma passagem em que um dos personagens munduruku compara a cidade com a aldeia. Nisso, compreende que na aldeia só é preciso você saber caçar, plantar, respeitar a natureza para se manter vivo, enquanto na cidade você precisa do dinheiro, em outro momento da relação com a terra, é quando a família de Maria precisa aprender a ouvir os barulhos da natureza para poder sobreviver:

> – Corre! Corre! Sobe nas árvores! Uma voz desesperada surge da floresta. Maria percebe que Antônio não estava brincando, e em seguida ouve mais gritos.
> – Sobe nas árvores. Os queixadas estão vindo pra cá, sooobe!
> Mais que depressa, a grande mãe pegou jovem Oburé, colocou-o nos braços e mandou as crianças subirem o mais rápido possível nas Árvores. Cada um se posicionou em seu lugar, Antônio varou do mato e trepou no tronco de castanheira que estava inclinada obliquamente noutra árvore – talvez um raio deixará este presente. Logo ao lado de Raçâp estava Francisco, ambos com arcos e flechas, caso fosse necessário. O irmão do meio de Raçâp agora é quem estava aprendendo a empunhar firme o arco. (CARDOSO, 2019, p. 19).

Essa narrativa evidencia a existência de um desequilíbrio na relação entre natureza e seres humanos. Esse desequilíbrio é destacado no processo de perda da língua, que simboliza um distanciamento entre o ser humano e seu ambiente natural, entre outros seres humanos e ele mesmo, conforme o excerto:

> Diziam os antigos para minha avó, que quando os munduruku perdessem a língua, o comportamento nas aldeias iria mudar, de maneira que os filhos não obedeceriam aos pais, os pais não respeitariam mais seus filhos. Até os bichos

> da floresta desapareceriam juntamente com os peixes. As coisas ficariam escassas nessas terras. Talvez ela soubesse muito melhor a relação que há entre a língua e a cultura do que muitos estudiosos, pois a língua não é apenas um conjunto de frequências sonoras – nesse caso, para as línguas indígenas – mas é a substância que significa um povo, que nomeia estruturas culturais, que reverbera um universo de sensações e manifestações milenares. (CARDOSO, 2019, p. 56)

Nesse fragmento do livro, foca na conexão da língua e da cultura, a perda daquela é altera significativamente o comportamento de uma sociedade, enfatizando que a percepção da linguagem ser inseparável do mundo em torno. Nessa perspectiva, a perda língua Munduruku, afetaria não apenas a dimensão ambiental, como o desaparecimento de animais e a escassez de recursos, mas também as dimensões social e mental, uma vez que a língua é parte da identidade, da organização social e da cosmovisão desse povo.

Para que povos indígenas não continuem desaparecendo, a floresta deixe ser desmatava de forma predatória é preciso, segundo Félix Guattari (2012), de uma revolução ético-pólitica, que envolve as três ecosofias interconectadas, ecosofia ambiental, a conversação da natureza; ecosofia social, como já mencionada; a ecosofia mental, trata-se de construção de valores e da produção da subjetividade. A narrativa nos alerta dessa falta de humanidade em que os não indígenas continuam construído, ou de uma humanidade ainda violenta.

Nesse trecho, há um alerta sobre a falta de humanidade experienciada por tantos povos originários. Para isso, é urgente reconhecer a importância da língua e da cultura desses povos, bem como garantir seus direitos e sua autonomia na gestão de seus próprios assuntos e recursos naturais. Somente assim será possível preservar a diversidade cultural e ambiental, tão essencial para a sobrevivência de toda a humanidade.

Considerações finais

A análise do romance *Canumã: a travessia* (2019), de Ytanajé Cardoso, permite compreender a relevância da literatura indígena na reconstrução da identidade dos povos indígenas. O livro, considerado o primeiro romance indígena, narra a história de uma comunidade Munduruku próximo ao rio Canumã e aborda temas de preservação e de resistência da língua e cultura Munduruku.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Essa literatura oriunda da oralidade é uma forma de defesa das origens e cultura desses povos sendo um ato político. É pela escrita que os povos indígenas podem compartilhar suas histórias e tradições para outros povos, com isso se manter no mercado editorial e construir sua própria voz, identidade, conforme Julie Dorrico (2021)

Ouvir, ler, compreender os povos indígenas é um mecanismo de romper com a hegemonia imposta a eles. Para Ailton Krenak (2020), isso limitou por anos a humanização de todos. Além disso, ele menciona que se cria crianças não ouvintes, mas apenas consumistas, tornando assim crianças mimadas e adultos sem senso crítico.

Ytanajé (2019) e Krenak (2020) convidam ao leitor de se tornar um ser humano fruído, consciente e observador da vida, por meio da literatura, isso é capaz de acontecer. Torna-se mais ecológico, pois as relações a partir de ações da escuta, da observação deixaram de permanecer ossificada, conforme Félix Guattari (2012).

A literatura índigena contemporânea no Brasil, como exemplificado na narrativa, contribui para a perpetuação das tradições dos povos indígenas. Ela permite que os grupos compartilhem suas histórias, crenças, memórias, visões do mundo com os não indígenas e indígenas de outros povos, fortalecendo as identidades culturais desses grupos.

Por fim, o romance de Ytanajé Cardoso (2019), se destaca como uma importante voz na literatura indígena brasileira, trazendo à tona a realidade e os desafios enfrentados pela comunidade Munduruku. Sua escrita se apresenta como um meio de empoderamento e de afirmação da diversidade cultural do país. A obra desafia representações estereotipadas dos povos indígenas, apresentando uma perspectiva autêntica e complexa da vida na aldeia e na cidade. Além disso, o romance abre espaço para um diálogo intercultural, permitindo que o leitor não indígena compreenda melhor a experiência e a visão de mundo dos Munduruku.

Referências

CARDOSO, Ytanajé Coelho. *Canumã: a travessia*. Manaus: Editora Valer, 2019.

DORRICO, Julie Stefane. *A literatura indígena contemporânea no Brasil: autoria individual e a poética do eu-nós*. 2021. 242f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GUATTARI, Félix: *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 2012.

JECUPÉ, Káká Werá. *Orè Awé Roiru'a Ma: Todas as Vezes que Dissemos Adeus*. São Paulo: Editora Triom, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. *Mundurukando 2: Rodas de conversas educadores*. São Paulo: Uka Editorial, 2017.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A LITERATURA BRASILEIRA VAI AO MUSEU (EM PORTUGAL): O QUE A AÇÃO DE ATORES, NA EXPOSIÇÃO DE *DESENCAPADOS*, DE FELIPE MARCONDES DA COSTA, DÁ A VER SOBRE O "MUNDO DA ARTE"

Sergio Marcone da Silva Santos[67]

Resumo: Gostaria de utilizar a "Teoria do Ator-Rede" (TAR), criada pelo francês Bruno Latour (2012), para descrever a trajetória do escritor e dramaturgo brasileiro Felipe Marcondes da Costa, cuja obra literária *desencapados* (2022) foi publicada por uma editora da cidade de Ovar, Portugal, além de transposta e exposta em um museu do mesmo lugar. A TAR prevê uma ontologia do social que permite tecer uma rede de atores a partir de ações que os afetem mutuamente. A ideia é de que, a partir da descrição do que chamamos uma "literatura por associações", seja possível vislumbrar o funcionamento do que Howard Becker chama de *Art world*, o "mundo da arte" onde a obra é menos fruto do trabalho de um único indivíduo que parte de um grupo de atores que operam em conjunto (2008). O objetivo da descrição, ao focar no que os membros do mundo da arte fazem, é observar as características que as obras de arte têm enquanto resultado de suas relações com o contexto cultural, momento em que, segundo George Dickie, permite encontrar suas propriedades definidoras (2000).

Palavras-chave: Teoria do Ator-Rede. *desencapados*. Felipe Marcondes. *Art world*. Contexto cultural.

Introdução

Neste trabalho, proponho que a obra é mais fruto do trabalho de mediadores que da obra em si. Com isso, não pretendo desqualificar ou mitigar a importância dos objetos artísticos, mas compreendê-los através de uma rede composta por humanos, tais como autores, curadores, organizadores de eventos etc., e não humanos, como instituições como a academia e os museus. A partir da observação dessas relações, o objetivo é encontrar as propriedades definidoras dos objetos a partir de seus contextos e das ações perpetradas

[67] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras, área de pesquisa Literatura e Outras Linguagens, da Universidade Federal do Paraná, com o apoio do fundo Proex/Capes; mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia; membro do Grupo de pesquisa "Poéticas do Contemporâneo" (CNPq) vinculado à Universidade Federal do Maranhão, campus Bacabal.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

pelos atores que os compõem. A mira, portanto, se desloca de "como são" esteticamente os objetos artísticos para "como funcionam" institucionalmente.

A socióloga Nathalie Heinich, baseada na sociologia pragmática, afirma que uma das características da arte contemporânea é encontrada no contexto em que o objeto é inserido e não no próprio objeto, pois "as obras não são introduzidas no mundo da arte contemporâneo sem um discurso que as acompanhe – algo como um passaporte que permita à obra ultrapassar a fronteira entre o mundo ordinário e o mundo especial da arte" (2014, p. 377-379). Esses discursos podem ser tanto textos que as descrevem, quanto códigos que são transmitidos *intra corporis* no mundo da arte através da comunicação redundante que circula entre os atores.

Se assim for, a arte passa a depender mais de um contexto imposto por discursos e práticas institucionais que da obra em si (DICKIE, 2000, HEINICH, 2014), e precisa de atores mediadores que se encarreguem de transmiti-los, pois nenhuma comunicação ocorre de forma direta ou pura. Isso significa que a promoção dos objetos à condição de obras de arte não é feita somente por museus, academias ou universidades, mas por cada um dos atores que compõe o sistema da arte. Estou falando de profissionais como curadores, críticos de arte, donos de galerias, peritos, professores, historiadores da arte e também moldureiros, transportadores, corretores de seguro, restauradores, gráficos, eletricistas, arquitetos de exposições, assistentes, palestrantes, fotógrafos; de instituições como galerias, museus, centros de arte, universidades; objetos como molduras, iluminação, luvas, termômetros, hidrômetros, etiquetas, revistas de arte, livros, fotografias, catálogos, arquivos, contratos e as paredes de galerias e museus.

Mediações também podem ser feitas por palavras, como a assinatura do artista em uma obra, o nome de um grupo novo, o nome de um gênero novo, de galerias e museus, panfletos, artigos, livros, teses, contratos jurídicos entre uma galeria e um artista, e entre o museu e um colecionador particular que possui uma obra; podem ser imagens e suas reproduções, e números, a exemplos das datas e dos preços. Uma outra forma de mediação que não pode ser esquecida são as representações mentais específicas às várias categorias de atores, as quais são percebidas por meio de comentários sobre as obras e até por gestos de vandalismo (HEINICH, 2014). Todos esses atores humanos e não humanos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"representam mediações de arte que determinam a introdução de uma obra em uma categoria e seu posicionamento na escala de valores" e, sem elas "nenhuma obra sairia do ateliê do artista e encontraria seu caminho no mundo da arte" (HEINICH, 2014, p. 380).

A segunda observação que gostaria de fazer é que, se as obras se estabelecem porque atores transmitem e alimentam conceitos e valores pré-estabelecidos a todo instante dentro do sistema fazendo-os frutos de um esforço coletivo, é possível afirmar que elas participam do que Howard Becker chama de *Art world*, "mundo da arte" (2008). Para ele, além de as obras serem resultado da participação de muitos membros, cada um deles já sabe que papeis desempenhar. O operador da mesa de som já sabe previamente qual tipo de equalização deve usar para um *show* de *rock* e para uma ópera. O músico também já está ciente de que a nota que afina os instrumentos é #A, Lá (2008). É como se cada mediador desses elencados acima já soubesse que funções desempenhar, de modo a torná-las mais dinâmicas e menos custosas quanto à operacionalidade, pois se todos sabem o que fazer, menos tempo e esforço cognitivo serão gastos para se chegar aos objetivos.

Desse modo, para descrever a rede que envolve os atores que participam do mundo da arte, também é preciso levar em consideração a heterogeneidade de actantes humanos e não humanos. Penso, então, na Teoria do Ator-Rede (TAR), criada pelo francês Bruno Latour, como embasamento metodológico (2012). Para Latour, as ações perpetradas pelos actantes não pertencem ao reino da causa e do efeito, mas da causação recíproca, pois não se sabe o que vem primeiro ou o que causa o que. Antes a suspeita é de que um ator nunca está sozinho quando atua, porque tornou-se um amálgama dos acontecimentos que o perpassa. Cada ação provoca nos outros atores novas ações, o que enseja um sistema no qual a literatura (e as artes de modo geral) passa a ser compreendida como fruto do funcionamento de várias partes que, embora operem isoladamente, funcionam em prol de uma finalidade comum, o que chamo de "literatura por associações". A melhor analogia, aqui, é com o motor, cujo funcionamento dos compartimentos individuais não é visto, mas seu funcionamento sim.

É com base nas ideias que evocam a participação de diversos atores, contextos e discursos que atuam como fatores preponderantes para se entender e legitimar uma obra de arte e de como funciona no "mundo da arte", que invoco *desencapados*, trabalho do artista

paulistano Felipe Marcondes da Costa (2022), que consiste da apropriação de poemas escritos à mão pelo próprio autor em documentos ordinários, como recibos de aluguel, faturas de cartão de crédito e certidão de nascimento. A obra começa com anotações, depois passou a livro e exposição em um museu na cidade de Ovar, Portugal, em 2022. A "literatura por associações" se perfaz na rede de ações que cada ator desempenha. Assim, chamo a atenção para a atuação dos atores para que a obra se tornasse possível.

desencapados: do livro ao museu

Em entrevista concedida a mim, através do aplicativo de *chat Whats App*, o autor fala de como ocorreu a "invasão" ao museu em Ovar. A conversa mantém a grafia típica de uma linguagem informal:

> [05:59, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Foi uma chamada de Facebook que dizia que estavam em busca de livros estranhos. Eu tinha essa série na gaveta havia anos e achei que poderia ser uma oportunidade
>
> [06:00, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Enviei um e-mail dizendo "olha, tenho isso é não sei direito o que é, tampouco sei o que fazer, talvez vocês possam se interessar"
>
> [06:00, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Dois dias depois recebi a devolutiva positiva e marcamos uma conversa
>
> [06:01, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Durante o papo, acertamos tudo sobre a publicação e, ao fim, a editora me falou de uma possibilidade de haver uma exposição em paralelo ao lançamento e que eu poderia ir a Portugal
>
> [06:01, 01/02/2024] Felipe Marcondes: O editor achou que ela se precipitou, porque o papo tava muito preliminar ainda, mas eu já tava feliz só de publicar
>
> [06:01, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Nem botei muita fé naquilo
>
> [06:02, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Depois de um tempo, eles avançaram nas conversas com a câmara municipal e minha ida foi confirmada
>
> [06:02, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Aí foi festa e correria, de tirar passaporte, comprar passagem, essas coisas
>
> [06:03, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Eles são uma editora de uma cidade pequena do norte, ovar, entre Porto e Aveiro, e havia apoio da Câmara pra ter uma editora lá
>
> [06:03, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Junto a isso, somaram esforços pra compor a programação do museu de arte contemporânea da cidade, o museu Júlio Diniz (da Costa, 2024, on-line)
>
> [...]
>
> [06:06, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Em termos práticos, me pagaram

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> passagem de ida e volta, alguns dias de hospedagem - nos outros, dormi no sofá dos meus editores - e refeições também nos dias de hospedagem
>
> [06:07, 01/02/2024] Felipe Marcondes: Recebi também uma ajuda de custo que permitiu com que eu comesse bem nos dias em que não tinha refeição garantida. Em suma, tudo começou com o lançamento do livro e foi ganhando outras proporções (DA COSTA, 2024, on-line).

Nos trechos do relato, vê-se que a exposição *desencapados* em um museu da cidade de Ovar, Portugal, aconteceu depois de o autor atender a uma chamada encontrada no site *Facebook* que "estava em busca de livros estranhos", ao que Felipe Marcondes da Costa responde ter posse de algo que ele ainda não definira bem o que era enquanto objeto artístico, e o enviou. Dias depois, após a aceitação do material, o autor é informado sobre a possibilidade de sua obra ser objeto de uma exposição no museu Julio Diniz.

No intuito de descrever, e por vezes analisar as relações entre os actantes (atores que se afetam mutuamente), é preciso reconhecer que

> na arte contemporânea, a transgressão mais importante dos critérios comuns usados para definir a arte é que a obra de arte já não consiste exclusivamente no objeto proposto pelo artista, mas em todo *o conjunto de operações, ações, interpretações etc. provocadas por sua proposição* (HEINICH, 2014, p. 377).

Isso significa que o material produzido por da Costa precisou de um contexto e da ação de atores para que chegasse a um museu e ser exposto. Para melhor ilustrar o que quero dizer, retorno à famosa obra de Marcel Duchamp, "A Fonte". Em 1917, Duchamp enviou um mictório ao "Salão dos Artistas Independentes" de Nova York, da qual era um de seus mentores, a fim de compor uma exposição coletiva. As regras para expor eram de que qualquer pessoa poderia enviar suas obras, contato que pagasse o valor de seis dólares. Duchamp o fez sob o pseudônimo R. Mutt, nome que apôs manualmente na parte inferior do objeto. A mostra não teria, ainda, jurados, para garantir o afrouxamento de critérios quanto à participação e à democratização da exposição.

No entanto, os organizadores responsáveis pelas obras que comporiam o "Salão" recusaram "A Fonte" alegando não se tratar, de forma alguma, de um objeto artístico. Só a conhecemos, hoje, porque Duchamp a levou dias depois à galeria *291* e pediu ao fotógrafo Alfred Stieglitz para registrá-la. Daí em diante, o objeto nunca mais foi visto, restando ao próprio Duchamp fazer cópias para serem vendidas décadas depois, nos anos 1960.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Heinich, comentando o caso, afirma que, diante do contexto que envolve "A Fonte", "a obra de arte abandonou o objeto produzido pelo artista para investir em contextos, palavras, ações, coisas, números" (2014, 377), dando a ver que o gesto de transposição de um objeto do cotidiano para um espaço institucionalizado como o museu, mais os discursos e questionamentos que foram gerados em torno dele dado o inusitado do gesto ("o que é arte, afinal?", "quem pode ser artista?" e "qual a importância do *locus* para a sua legitimação"?) mitigam a importância do objeto em si, pois "é impossível contar a história da *Fonte* sem mencionar e explicar o contexto do *Salón des Indépendants*, a ausência de jurados, a presença de Duchamp entre os organizadores etc. etc." (2014, p. 377).

desencapados se aproxima do *readymade* porquanto se utiliza de documentos e textos literários que já existem, e assim como a "Fonte" não prescinde de "contextos, palavras, ações, coisas" e "números" que cercam a obra, quais sejam, a exposição em Ovar sofreu a ação de actantes quanto à descoberta ao acaso da chamada no *Facebook*, o envio do material sem saber ao certo do que ele se tratava, a devolutiva dos organizadores que situaram a obra em um determinado campo, o dos museus e não só literário, a providência da documentação para embarcar e o embarque mediante patrocínio português, pois embora a editora "maiomaio" seja pequena, contou com o apoio da Câmara de Vereadores da cidade para produzir o evento, conforme pode-se constatar no material de divulgação (Fig. 1). Acreditamos que sem esses acontecimentos a obra só seria "um objeto proposto pelo artista", para usarmos as palavras de Heinich.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 1 – Cartaz de divulgação da exposição *desencapados* no Museu Julio Dinis, Ovar, Portugal, no qual, além do documento de identidade do artista, vê-se a transcrição de obras de terceiros em documentos ordinários.

Fonte: Acervo do autor

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

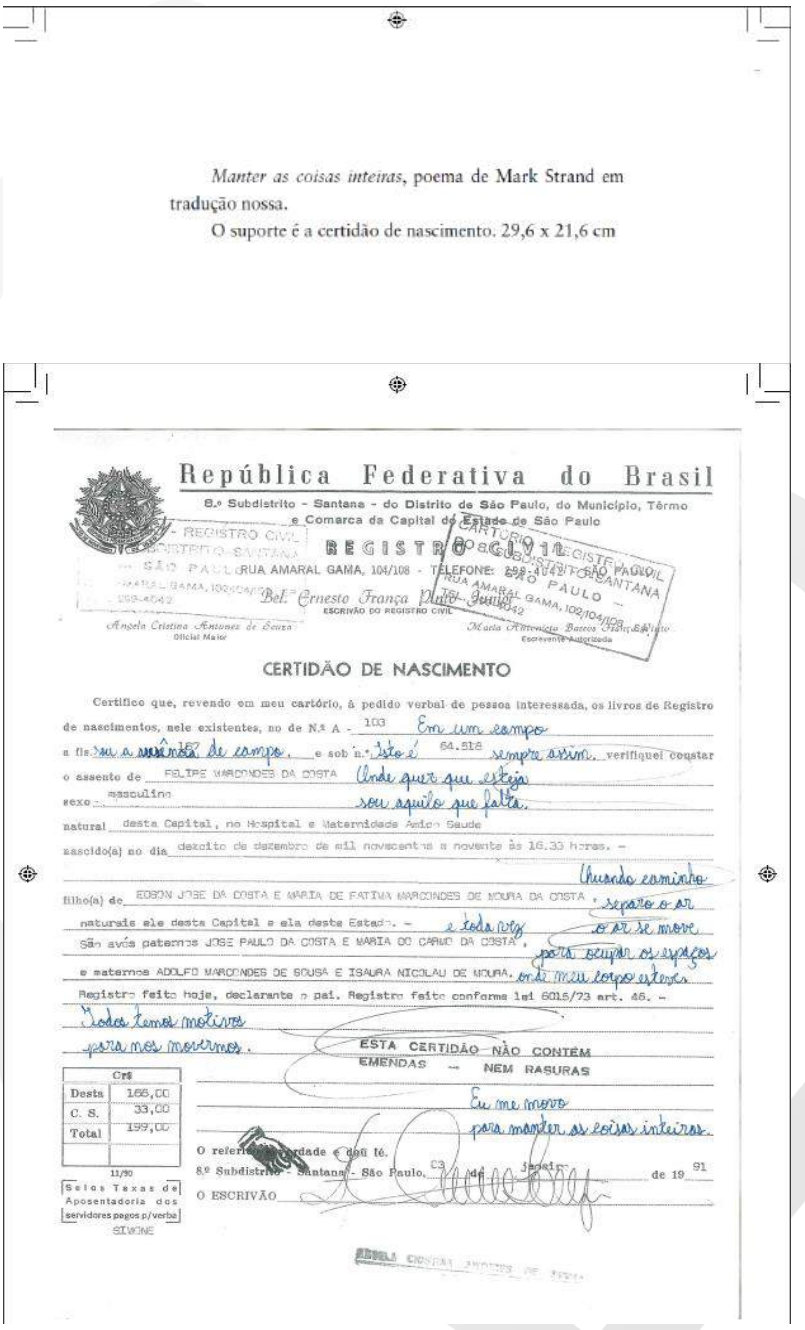
CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 2 – Exposição *desencapados* no museu Julio Diniz em Ovar, Portugal, 2022

Fonte: Acervo do autor

O trabalho de Felipe Marcondes da Costa parte da ideia de um livro, que se concretiza, e chega a um museu a partir da ação de actantes. Na obra, é possível vislumbrar a tensão que se estabelece nos "documentos" a partir da inserção de textos literários de terceiros. Os espaços ocupados nos documentos pela sua escrita são os que sobraram, lacunas quem vêm logo após os dados de nascimento, conforme a imagem abaixo que retrata a certidão de nascimento do próprio autor (Fig. 3).

Figura 3 – Prints das páginas 12 (a descrição da obra) e 13



Manter as coisas inteiras, poema de Mark Strand em tradução nossa.

O suporte é a certidão de nascimento. 29,6 x 21,6 cm

República Federativa do Brasil

8.º Subdistrito - Santana - do Distrito de São Paulo, do Município, Têrmo e Comarca da Capital do Estado de São Paulo

REGISTRO CIVIL

RUA AMARAL GAMA, 104/108 - TELEFONE: 299-4042

Bel. Ernesto França Pinto Junior
ESCRIVÃO DO REGISTRO CIVIL

Angela Cristina Antunes de Souza
Oficial Maior

Maria Antonieta Barros Franco Pinto
Escrevente Autorizada

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Certifico que, revendo em meu cartório, à pedido verbal de pessoa interessada, os livros de Registro de nascimentos, nele existentes, no de N.º A - 103 Em um campo a fls. 167 sou a ausência de campo. e sob n.º 64.518 Isto é sempre assim. verifiquei constar o assento de FELIPE MARCONDES DA COSTA Onde quer que esteja sexo masculino sou aquilo que falta. natural desta Capital, no Hospital e Maternidade Amigo Saude nascido(a) no dia dezoito de dezembro de mil novecentos e noventa às 16.33 horas. - filho(a) de EDSON JOSE DA COSTA E MARIA DE FATIMA MARCONDES DE MOURA DA COSTA, naturais ele desta Capital e ela deste Estado. - São avós paternos JOSE PAULO DA COSTA E MARIA DO CARMO DA COSTA, e maternos ADOLFO MARCONDES DE SOUSA E ISAURA NICOLAU DE MOURA. Registro feito hoje, declarante o pai. Registro feito conforme lei 6015/73 art. 46. -

Chuando caminho separo o ar e toda vez o ar se move para ocupar os espaços onde meu corpo esteve.

Todos temos motivos para nos movermos.

ESTA CERTIDÃO NÃO CONTÉM EMENDAS - NEM RASURAS

Eu me movo para manter as coisas inteiras.

Cr$	
Desta	166,00
C. S.	33,00
Total	199,00

11/90

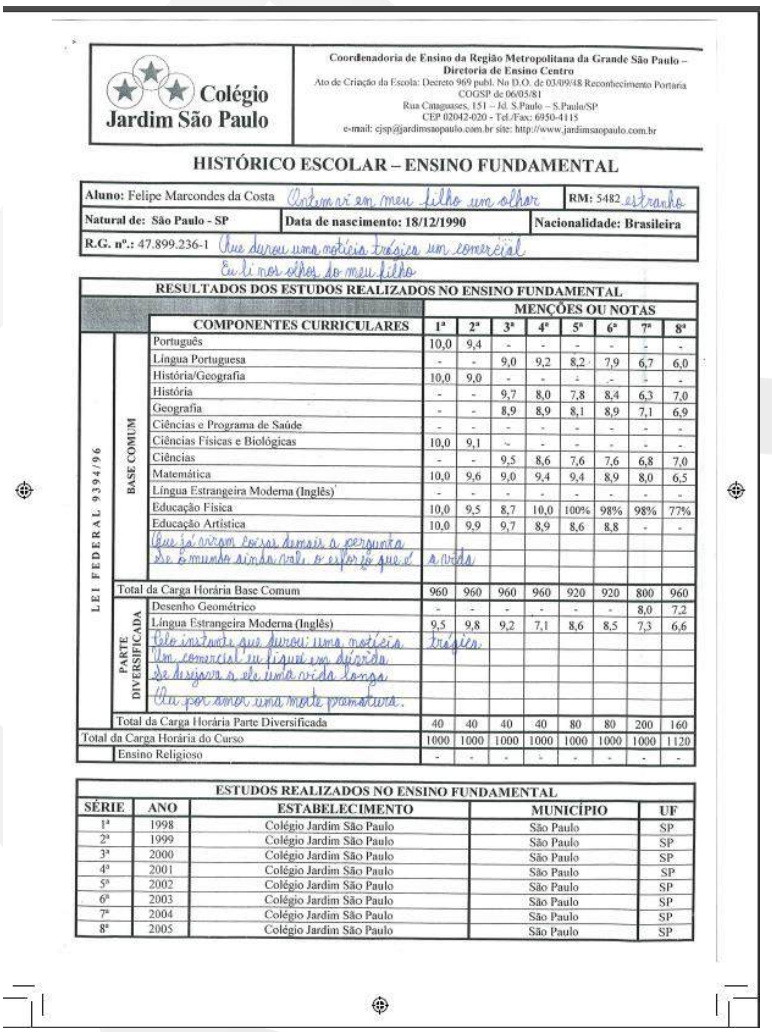
Selos Taxas de Aposentadoria dos servidores pagos p/verba
SIMONE

O referido é verdade e dou fé.
8.º Subdistrito - Santana - São Paulo, 03 de janeiro de 1991
O ESCRIVÃO

Fonte: *desencapados* (2022)

Em outro momento, da Costa investe em um boletim de escola, sempre citando a fonte bibliográfica do poema que se misturará ao documento.

Fig. 4 – Print do histórico escolar do ensino fundamento de Felipe Marcondes da Costa



Colégio Jardim São Paulo

Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo – Diretoria de Ensino Centro
Ato de Criação da Escola: Decreto 969 publ. No D.O. de 03/09/48 Reconhecimento Portaria COGSP de 06/05/81
Rua Cataguases, 151 – Jd. S.Paulo – S.Paulo/SP
CEP 02042-020 - Tel./Fax: 6950-4115
e-mail: cjsp@jardimsaopaulo.com.br site: http://www.jardimsaopaulo.com.br

HISTÓRICO ESCOLAR – ENSINO FUNDAMENTAL

Aluno: Felipe Marcondes da Costa — Ontem vi em meu filho um olhar estranho — **RM:** 5482
Natural de: São Paulo - SP — **Data de nascimento: 18/12/1990** — **Nacionalidade: Brasileira**
R.G. nº.: 47.899.236-1 — Que durou uma notícia trágica um comercial
Eu li nos olhos do meu filho

RESULTADOS DOS ESTUDOS REALIZADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

LEI FEDERAL 9394/96

	COMPONENTES CURRICULARES	MENÇÕES OU NOTAS 1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª
BASE COMUM	Português	10,0	9,4	-	-	-	-	-	-
	Língua Portuguesa	-	-	9,0	9,2	8,2	7,9	6,7	6,0
	História/Geografia	10,0	9,0	-	-	-	-	-	-
	História	-	-	9,7	8,0	7,8	8,4	6,3	7,0
	Geografia	-	-	8,9	8,9	8,1	8,9	7,1	6,9
	Ciências e Programa de Saúde	-	-	-	-	-	-	-	-
	Ciências Físicas e Biológicas	10,0	9,1	-	-	-	-	-	-
	Ciências	-	-	9,5	8,6	7,6	7,6	6,8	7,0
	Matemática	10,0	9,6	9,0	9,4	9,4	8,9	8,0	6,5
	Língua Estrangeira Moderna (Inglês)	-	-	-	-	-	-	-	-
	Educação Física	10,0	9,5	8,7	10,0	100%	98%	98%	77%
	Educação Artística	10,0	9,9	9,7	8,9	8,6	8,8	-	-
	Que já viram nessa mesma pergunta								
	Se o mundo ainda vale o esforço que é	a vida							
	Total da Carga Horária Base Comum	960	960	960	960	920	920	800	960
PARTE DIVERSIFICADA	Desenho Geométrico	-	-	-	-	-	-	8,0	7,2
	Língua Estrangeira Moderna (Inglês)	9,5	9,8	9,2	7,1	8,6	8,5	7,3	6,6
	Até instante que durou uma notícia	trágica.							
	Um comercial eu fiquei na dúvida								
	Se desejava a ele uma vida longa								
	Ou por uma morte prematura.								
	Total da Carga Horária Parte Diversificada	40	40	40	40	80	80	200	160
Total da Carga Horária do Curso		1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1120
	Ensino Religioso	-	-	-	-	-	-	-	-

ESTUDOS REALIZADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

SÉRIE	ANO	ESTABELECIMENTO	MUNICÍPIO	UF
1ª	1998	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP
2ª	1999	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP
3ª	2000	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP
4ª	2001	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP
5ª	2002	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP
6ª	2003	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP
7ª	2004	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP
8ª	2005	Colégio Jardim São Paulo	São Paulo	SP

Fonte: *desencapados* (p. 15, 2022)

Considerações finais

Nesse trabalho, busquei demostrar a possibilidade de compreensão dos objetos artísticos através de um sistema da arte. Esse sistema, composto dos diversos atores que os circundam, tem como prerrogativa a ação de cada actante no intuito de introduzir as obras no mundo da arte. Dessa forma, observar a participação dos actantes torna-se imprescindível para entendermos como funcionam as obras de arte do ponto de vista

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

institucional, deixando em segundo plano as condições estéticas. Acredito que as ações envolvendo a obra *desencapados*, de Felipe Marcondes da Costa, puderam oferecer um bom exemplo.

Referências

DA COSTA, Felipe Marcondes. *desencapados.* Ovar: maiomaio, 2022

DA COSTA, Felipe Marcondes. Destinatário: Sergio Marcone da Silva Santos. *[S.I.]*. 1 fev. 2024. Mensagem eletrônica

DESENCAPADOS. Exposição no Museu Julio Diniz. Ovar: Portugal, 2022

DICKIE, G. "The institutional theory of art". In: *Theories of art today*. CARROLL, N. (Ed.). Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2000, p. 93-108

HEINICH, Nathalie. "Práticas da arte contemporânea: uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico". Trad. Markus Hediger. Revista Sociologia & Antropologia. Rio de Janeiro, v. 04.02, p. 373-390, out. 2014

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*: Introdução à teoria Ator-Rede. Trad. Gilson César C. de Sousa. Salvador: EdUFBA, Bauru: EDUSC, 2012

SHINER, Larry. *La invención del arte*. Una história cultural. Trad. Eduardo Hyde e Elisenda Julibert. Barcelona: Ediciones Paidós, 2004

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A INSTAPOESIA DE RESISTÊNCIA NO PERFIL @POETASEUZE

Roberta Santos Miranda[68]

Resumo: A evolução dos meios tecnológicos trouxe inovações estéticas à criação literária, a exemplo da poesia, que possui como alternativa de concepção absorver características da linguagem digital. Nessa convergência midiática entre linguagens, a poesia se expande em meio a manipulação e experimentação da mídia verbal e encontra na rede social *Instagram*, um campo propício para criação e veiculação, tornando-se uma vitrine que difunde e inspira trabalhos de artistas de diversas gerações. Conhecidos como "Instapoetas", escritores como José Vandei Silva de Oliveira (nordestino, gay, professor, poeta e criador do perfil @poetaseuze), utilizam desse espaço plural e imagético para dar voz à poesia como ato resistência, por meio de críticas políticas e sobretudo à injustiças sociais e criminosas, a exemplo da homofobia. O poeta rompe com a ideia canônica de poema ao produzir poesias visuais hipermidiáticas, onde imagens, sons e textos transbordam as redes sociais, ganhando releituras de fãs e parceiros. Desta forma, este artigo se propõe a analisar como se estabelecem as relações intermidiáticas nas poesias visuais de resistência, publicizadas no *Instagram*, mediadas pelas possibilidades técnicas disponibilizadas pelo aplicativo, extraindo das novas mídias características inéditas da escritura, tanto na sua aparência quanto no seu sistema de codificação interno. Para compreender essa relação entre a palavra e a imagem da palavra, o processo de transformação midiática, no qual o elemento visual se funde com a palavra, os estudos sobre intermidialidade de Elleström (2017), bem como a poesia visual na perpectiva dos estudos da convergência midiática de Jenkins (2009) fundamentam, esta pesquisa.

Palavras-chave: Instagram. Poesia Visual. Intermidialidade. Convergência. Resistência.

Introdução

O poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensinamento, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces, embora exista quem afirme que não tem nenhuma.

Octavio Paz

[68] Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações. Universidade Estadual de Santa Cruz. Pesquisa realizada com apoio da CAPES.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Anterior à história da escrita, a poesia surge de imbricações com a música em uma época em que texto e composições não eram distintos, mas um complexo da tradição oral poética. Os primeiros registros da poesia em escrita são cuneiforme em tabletes de argila. Séculos depois com a criação da prensa tipográfica, a impressão do livro impactou a distribuição e popularização do conhecimento. A poesia épica, por exemplo, que antes chegava às pessoas por meio de contadores itinerantes de histórias ou os poemas de Homero, como *Ilíada e Odisseia* em rolo manuscrito na biblioteca de Alexandria, no Egito, migraram para as páginas impressas em papiro. Mais um novo avanço tecnológico revolucionaria a materialidade da poesia: o advento de computadores.

A linha do tempo da história da poesia não foi tão rápida como nas linhas acima, mas a intenção é perceber que a poesia acompanhou todas as grandes evoluções tecnológicas da sociedade. Mudanças na escrita são reflexos das alterações da língua e da linguagem, escritas ou orais, que estão em permanente transformação. Santaella (2007, p. 288) pontua que "quando surge um novo meio de comunicação, ele não substitui o anterior ou os anteriores, mas provoca uma refuncionalização no papel cultural que era desempenhado pelos meios precedentes", seguindo uma readaptação gradativa. Desta forma, com a chegada do digital, uma nova gama de possibilidades ascende como matéria prima para os escritores.

O aspecto de produção técnica da poesia sofreu transformações ao longo do tempo, é fluida, metamórfica em sua estrutura, adapta-se ao seu tempo de escrita. Contudo é comum encontrar na literatura mais tradicional a proposição de algumas formas pré-estabelecidas de metrificação do verso, uma receita de como fazer poemas. Entretanto, a partir da perspectiva de Paz (1982, p.22), o conceito de poema não está atrelado necessariamente a versos, ritmos e rima, para se fazer poesia não é necessariamente preciso seguir versos milimentricamente metrificados. O verso é uma forma legítima, mas o gênero poético não se faz exclusivamente por meio dele. O autor destaca ainda que "uma tela, uma escultura, uma dança são, à sua maneira, poemas. E essa maneira não é muito diferente da do poema feito de palavras". Pelo ano de publicação dos estudos de Paz (1956 com tradução em 1982), certamente ele se refere a tela como a de pintura, mas podemos associar às telas do computador e do celular que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

proporcionam uma emergente produção poética no ciberespaço.

A poesia feita ou não com palavras, obedecendo ou não formas predefinidas é um espaço de liberdade de construção, de experimentação estética e de expressão de ideiais. Um ato poético também pode ser um ato político. Sobre o lugar da poesia na sociedade, Paz (1982, p.54) relata que a poesia vive nas camadas mais profundas do ser, se nutre da linguagem viva de uma comunidade, constrói o povo, é a mediação entre a sociedade e aquele que a afunda e "cada vez que surge um grande poeta hermético ou movimentos de poesia e rebelião contra os valores de uma sociedade determinada, deve-se suspeitar de que essa sociedade, e não a poesia, sofre de males incuráveis".

Para o autor o poema é um produto social, expressão de uma época determinada. Em períodos de risco à democracia com a ascenção da extrema direita no comando do maior cargo político do país, a produção poética independente assume caráter de resistência política. O 'lugar' da poesia então, além de causar reações estéticas por uma vertente plástica, comunica por uma via mais incisiva, mais crítica.

Desta forma, este artigo se propõe a analisar como se estabelecem as relações intermidiáticas nas poesias como ato político, publicizadas pelo poeta Seu Zé durante a pandemia do vírus Covid-19, mediadas pelas possibilidades técnicas disponibilizadas pelo aplicativo *Instagram*.

Versos de resistência política

Como vem ocorrendo com as artes em geral desde o início do século XX, a poesia entrega-se ao prazer da pura exploração do seu próprio material e associada às possibilidades tecnológicas, se reproduz em cores, movimentos, textos e sons, tendo aplicativos de rede social como suporte de construção e divulgação, seria a "nova poesia verbo-áudio-moto-visual" (Machado, 2000, p.209). Para Lemos (2009, p.30), com as novas mídias digitais, "ampliam-se as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informação, fazendo com que esta se exerça e ganhe força a partir da mobilidade física". Desta forma, a poesia passa a ter lugar nos meios eletrônicos, é animada e vista nos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

monitores de aparelhos como a televisão, sala de projeções, os painéis luminosos, computadores e *smartphones*.

A rede social *Instagram*[69] está entre as principais plataformas *online* acessadas pelos brasileiros e tem sido tomada por um movimento crescente de escritores apelidados como "instapoetas", por publicarem em seus perfis textos curtos e compartilháveis, que aderem à linguagem desta rede. Provocados pelo isolamento social da pandemia do vírus Covid-19 e o mal gerenciamento da crise sanitária pelo governo, dentre outros motivos, poetas encontram na rede social *Instagram* um lugar proprício para repercurtir seus ideais, onde o tema político norteia muitas criações.

Atualmente, a política tem assumido um papel central no debate público, especialmente na *internet*, com a ascensão de movimentos fascistas e de disseminação de atos antidemocráticos. Nesse contexto, a poesia visual surge como uma forma de dar voz aos artistas e cidadãos engajados, permitindo que eles expressem seus pontos de vista de forma criativa, instigante e insurgente. Nesse sentido, é interessante analisar como essa forma de expressão artística tem sido utilizada para abordar temas políticos, explorando o potencial que o *Instagram* possui como um espaço de democratização da voz e como meio para a conscientização da população.

Um exemplo de instapoeta que se destaca na rede com mais de 30 mil seguidores é Augusto de Campos, considerado um dos fundadores da poesia concreta brasileira, fase literária permeada pela materialidade da palavra, hoje aos 92 anos (sendo 72 dedicados à literatura), produz conteúdo poético inédito e experimentações verbivocomotovisuais, divulgados em sua página na rede social *Instagram* (@poetamenos), desde março de 2018. José Vandei Silva de Oliveira (@poetaseuze) também utiliza o *Instagram* como suporte e ferramenta de criação e repercussão sua poesia. Nascido no sertão do Ceará, mas que ainda na adolescência se mudou para São Paulo. Professor de filosofia e coordenador pedagógico de uma escola estadual, publicou em 2016 seu primeiro livro de poesias, "Falo" que trata sobre seus lugares de vivência como sujeito periférico, nordestino, educador e gay. Em 2020, durante a pandemia do coronavírus, participou das antologias *poéticas Ainda*

[69] De acordo com a plataforma especializada em dados digitais, *We are social*, o *Instagram* é a terceira rede social mais usada no Brasil em 2022, com 122 milhões de usuários.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

bem que nos restou a poesia e *Poemas Antifascistas*, além de publicar seu segundo livro *Ser casa, ninho, asa, passarinhos.*

Na rede social, Seu Zé milita contra o desmantelo político por meio da criação de poesias em seus mais diversos formatos: videopoema, poesia visual, fotografias, reposts de imagens de parceiros, justamente por se tratar de uma rede social que possui a produção de imagens como base de conteúdo. O poeta faz uso desse espaço cultural, virtual e plural para criar e explorar de forma engenhosa a poesia, aliando forma e conteúdo para contestar o cenário político nacional, a exemplo do poema "Acorda Brasil" (fig.01), que foi postado dia 27 de julho de 2021 como imagem-texto, utilizando uma fonte tipográfica (Courier New) que remete à datilográfica destacando a palavra "A corda" em vermelho, fazendo uma analogia ao verbo "acordar" e também ao sentido metafórico do objeto, convocando a nação ao despertar. O poeta assina a imagem com sua logomarca (homônima à pagina), que forma a imagem de um megafone, trazendo o sentido de que sua poesia, sua voz seja amplificada.

Quatro dias depois a essa postagem, Seu Zé republica o poema, mas em versão audiovisual, com o áudio da sua voz recitando o poema sobreposto à imagem do seu rosto sério, imóvel, com efeito de chuviscado, como de uma televisão que está prestes a entrar em pane e ficar fora do ar, assim como Brasil, "por um fio".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 01 – Poesia Acorda Brasil

Fonte: Instagram @poetaseuze
Publicada em 27 de julho de 2021

Figura 02 – Print da poesia em vídeo

Fonte: Instagram @poetaseuze
Publicada em 31 de julho de 2021

O vídeo na contemporaneidade, como afirma Mello (2008, p. 27) é produtor de uma rede de conexões e possui "alto grau de retroalimentação entre os mais variados procedimentos e linguagens", passando a ter a habilidade de transitar nas mais diversas manifestações criativas, a exemplo da poesia. O vídeo e a poesia de Seu Zé possuem uma sinergia sinestésica em movimento com distintos modos de produção audiovisual, com o campo do *design*, com os circuitos *online* da *internet*, com as redes nômades de telefonia móvel, com diferentes linguagens convergentes.

Desta forma, a poesia visual surge da combinação entre a prática artística (experimentações criativas dos signos verbais, sonoros e imagéticos), e a realização desta prática conjugada a outro código, o digital (com suas estruturas complexas de programação). É importante destacar que a poesia digital existe no espaço simbólico do computador (internet e rede), tendo como forma de comunicação poética os meios

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

eletrônicos digitais que se veiculam a esses componentes, a exemplo do aplicativo de rede social *Instagram.*

Por conseguinte, Jenkins (2009, p.29) aponta para a "cultura da convergência", termo criado pelo autor para definir o momento em que, por meio da *internet*, "velhas e novas mídias colidem" e "fluxo de conteúdos convergem através de múltiplas plataformas midiáticas". Para o autor, "convergência" define uma série de transformações, dentre elas as tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, entretanto ressalta que a convergência não deve ser compreendida somente como:

> (...) um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural. (...) A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. (JENKINS, 2009, p.30)

Para entender melhor essa confluência entre mídias, os estudos da Intermidialidade ampliam o desígnio de suas pesquisas ao inserir o termo "mídias" e não apenas "artes", como nos estudos Interartes, já que este objetivaria principalmente as interações entre as artes no processo da produção artística (em especial pintura, música, dança, escultura, literatura e arquitetura). Já a área de estudos intermidiáticos também incluiria fatores sociais, tecnológicos e midiáticos, ou seja, a materialidade dos produtos de uma mídia, gerando diversas possibilidades de pesquisa. Müller (2012, p.82) ressalta esse pensamento ao refletir que "Intermidialidade não é um conceito acadêmico completamente novo, mas uma reação a certas circunstâncias histórias nas humanidades, na paisagem midiática e nas artes".

A convergência midiática entre linguagens tem modificado as instâncias de produção de textos, como os literários. Para compreender essa relação entre a palavra e a imagem da palavra, os estudos de Lars Elleström (2017) sobre Intermidialidade, consideram a mídia/linguagem em quatro modalidades: a material, a sensorial, a espaçotemporal e a semiótica. Mas, antes, é preciso compreender o que é mídia. O autor destaca que "mídia" é um termo empregado de forma ampla e que:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> (...) não há uma definição direta que abrange todas as noções, por isso delimita um conceito aplicável à questão da intermidialidade, dividindo-o em subcategorias que possam abranger inúmeros aspectos, como "mídias básicas", "mídias qualificadas" e "mídias técnicas". Para o autor, mídias básicas e qualificadas são "categorias abstratas que nos ajudam a entender como os tipos de mídias são formados por qualidades muito diferentes", já as mídias técnicas "são recursos muito tangíveis necessários à materialização de instâncias de tipos de mídias" (ELLESTRÖM, 2017 p.52).

Elleström (2017, p. 57-58) destaca que as três mídias supracitadas não são três tipos separados de mídia, ao contrário, são três aspectos teóricos complementares. Tomando como exemplo o *corpus* deste artigo, a mídia básica (perceptível pelo seu modo de produção, como por exemplo sons, palavras e imagens) seriam as poesias digitais; a mídia qualificada (depende de circunstâncias históricas, culturais, sociais e de características estéticas e comunicativas), seria o aplicativo *Instagram* que, por sua vez vai midiar a mídia básica por meio da mídia técnica (representa o tangível, auxilia as duas outras mídias a se materializarem), que neste caso seria o celular smartphone ou a tela do computador. Para ele, uma mídia é um canal, e "há muitas mídias, isto é, modos de midiar informação e entretenimento".

Outra forma de representação da poesia visual do poeta, é justamente essa convergência com outros meios, como pode ser observado poesia "29M" (Fig.03), que remete a um movimento político de esquerda, que aconteceu em várias cidades do Brasil e que inspirou outras pessoas a fazerem releituras (Fig.04) deste ato tão significativo para a democracia.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 03 – Poesia 29M

Fonte: Instagram @poetaseuze
Publicada em 28 de maio de 2021

Figura 04 – Releituras da poesia "29M"

Fonte: Instagram @poetaseuze

Publicadas em 29 de maio, 07 de junho, 28 de agosto de 2021 e 24 de março de 2023, respectivamente.

A poesia converge, comunica, seja por suas experimentações estéticas, plásticas ou por uma linguagem mais crítica e incisiva, ocupando cada vez mais espaços nos meios digitais e também multiplicando-se nos suportes para sua apresentação. Bruscky (2019, p.03) aponta que a poesia visual expande as maneiras de se comunicar e abre fissuras a sua volta que evidenciam "realidades escondidas, coibidas e inventadas. É nessa subversão

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que repousa a força estética".

Os versos de Seu Zé também saltam das telas do *smartphone* e são replicadas por outras fontes digitais, como pode-se observar nas imagens a seguir (Fig.05 e Fig.06), onde o coletivo Projetemos (@projetemos) utilizou a parede de um prédio em São Paulo para projetar em grande escala a poesia, uma forma de gritar, externar o que parece óbvio e chamar atenção por meio das telas para manifestos sociais, artísticos e afetivos.

Fig.05 – Poesia "A vacina é um ato de amor"

Fonte: Instagram @poetaseuze
Publicada em 12 de março de 2021

Fig.06 – Projeção da poesia

Fonte: Instagram @poetaseuze
Publicada em 15 de março de 2021

Denker (2012, p.145-146) reforça sobre o papel central da poesia visual, em que a linguagem não está reduzida apenas à linguagem alfabética, podendo interagir com novas formas de mídia, a exemplo do vídeo, computador e holografia, "uma forma de expressão que não depende de ser veiculada por nenhum meio específico; que pode fazer parte, de modo criativo e inovador, dos modelos interativos de comunicação". A poesia no meio digital vem desse desenvolvimento contínuo da linguagem poética, permeada de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

possibilidades através das tecnologias computacionais.

Considerações finais

Ao longo da história humana, todas as vezes que houve modificações na escrita, foram os artistas e os poetas que tomaram a frente na exploração de seus potenciais para a criação, extraindo das novas mídias características inéditas da escritura, tanto na sua aparência quanto no seu sistema de codificação interno (Santaella, 2007). Com a expansão da tecnologia, nas últimas décadas, tornou-se crescente a coexistência de diversas linguagens, como a escrita, o som e a imagem, que passaram a produzir combinações múltiplas. Assim, este artigo propôs-se compreender a poesia digital como espaço de experimentação artística, a intersecção entre o signo verbal e o visual, a partir dos estudos da Intermidialidade.

O *Instagram*, por sua vez, é uma das redes sociais mais populares da atualidade, e através do uso de fotografias, vídeos e montagens, poetas e artistas são capazes de transmitir suas mensagens de maneira acessível, alcançando um público bastante diversificado. A partir das ferramentas oferecidas pela plataforma, é possível explorar técnicas visuais e audiovisuais, como cores, contrastes e formas e música, de modo a criar uma experiência sensorial única para o espectador. Além disso, a legenda e as *hashtags* são recursos que auxiliam na contextualização e amplificação do conteúdo, facilitando o engajamento dos seguidores e incentivando o compartilhamento. Vale destacar que o número de “curtidas” e “comentários” ajudam a engajar a postagem, fazendo com que o algorítmo da rede social entregue a postagem para mais pessoas. Nesse contexto, foi fundamental utilização do *Instagram* como um espaço de disseminação de ideias e de fortalecimento da democracia.

A ‘instapoesia’ tem sido abordada pela mídia como um gênero emergente, um fenômeno literário contemporâneo. Poucos são ainda os estudos teóricos sobre essa experimentação poética na rede social *Instagram*. Contudo, é possível observar de forma geral que os denominados instapoetas ressignificam a poesia por meio da linguagem da *internet* e das perspectivas técnicas que o próprio aplicativo oferece. Características como

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

versos livres e minimalismo são algumas das possibilidades que permeiam essa escrita, visto que precisam ser adaptadas a uma leitura rápida na pausa da tela do celular.

A criação poética em meio digital se apropria do potencial dos meios digitais para concepção de novas práticas criativas, que articulam código de programação na palma da mão. Partindo desse pressuposto, a poesia do Poeta Seu Zé disponibilizada na rede social *Instagram* deve ser pensada a partir dos estudos da Intermidialidade, que podem ser permanentemente reformulados, pois trata-se do encontro de mídias antigas com mídias novas, que se desenvolvem constantemente. Contudo, vale frisar que as mídias deixam de ser apenas técnicas e se refazem em seus aspectos básicos e qualificadores.

Portanto, este artigo não tem a intenção de esgotar os estudos sobre a poesia visual processada no digital, pois o que se constata é a extensão e profundidade que cercam a análise de imagens, considerando o modo de produção de sentido, a forma como estes provocam significações e interpretações. É importante considerar que as perspectivas deste trabalho não são as únicas possíveis, já que para cada poesia há uma carga interpretativa embutida por cada pesquisador.

Referências

BRUSCKY, Paulo. **História da poesia visual brasileira**. Sesc, 2019. Disponível em: https://issuu.com/sescbomretiro/docs/historia_da_poesia_visual_brasileira_livreto . Acesso em: 10 de julho de 2024.

DENKER, Klaus Peter**. Da poesia concreta a poesia visual: um olhar para o futuro dos meios eletrônicos.** In DINIZ, Thaís Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (Org.). Intermidialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea 2. Belo Horizonte: Rona Editora, FALE/UFMG, 2012.

ELLESTRÖM, Lars. **Midialidade**: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermidialidade. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2017.

LEMOS, André. **Cultura da Mobilidade**. In: FAMECOS. Porto Alegre, nº 40, dez. 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo.** São Paulo: SENAC, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência:** a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**.** São Paulo: Aleph, 2009.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

PAZ, Octavio. **O Arco e a lira**. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

AS "MÃES" PELAS ESCRITORAS AFRO-BRASILEIRAS MARIA FIRMINA DOS REIS, CAROLINA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Larissa da Silva Sousa[70]

Resumo: Este trabalho tem por principal objetivo analisar narrativas literárias produzidas pelas escritoras afro-brasileiras: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, enfocando a reflexão analítica das personagens mães elaboradas e representadas em tais narrativas. Por tratar-se de uma pesquisa de pós-graduação, trabalha-se com a tese de que há na literatura uma negação à maternidade negra e este fato teria reflexos na produção afro-brasileira feminina, e esta vem sendo elaborada, desta forma, ainda não apresenta resultados tão delineados e precisos, pois está em processo de construção. Para a discussão, adota-se uma metodologia que consiste em pesquisa bibliográfica de caráter teórico-conceitual em que se faz necessário uma discussão sobre a Literatura afro-brasileira, a sensibilidade metodológica da interseccionalidade e, a partir daí, delineia-se discussões sobre maternidade, maternidade negra e suas representações na literatura afro-brasileira, os trabalhos de Zilá Bern (1987), Regina Dalcastagnè (2011) e Cristina Stevens (2007) conduzem o debate.

Palavras-chave: Mães. Literatura afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis. Conceição Evaristo. Carolina Maria de Jesus.

Introdução

Na literatura brasileira, escrita, sobretudo, por homens, a mulher negra sempre foi desenhada de maneira distinta da figura da mulher branca, e é fato que esse movimento é reflexo da sociedade que, historicamente, fez essa distinção. Dessa forma, em concordância com Schmidt (2010), é um desafio pensar sociedades como a brasileira, que foram forjadas dentro de uma realidade colonialista e de pensamentos e sentimentos racistas e patriarcais, sem considerar a má herança deixada por esse sistema que não observa/considera as várias esferas do corpo social, fato esse também aplicado à literatura.

Na tradição literária brasileira, a figura da mulher negra ou não-branca é ligada à ideia de erotização, à sensualidade e/ou ao trabalho. A mulher negra na literatura brasileira é aquela que cuida dos filhos da casa grande, que os amamenta, mas nunca é ligada à

[70] Mestra em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Professora da Universidade Estadual e Mato Grosso do Sul. Doutoranda Estudos Literários PLE/UEM.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

maternidade de fato. Ela é uma figura estéril, que não dá à luz, reduzida a ser a "mãe-negra", para Eduardo de Assis Duarte (2010)

> Enquanto personagem, a mulher afro-descendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão (DUARTE, 2010, p.24).

Já para as escritoras afro-brasileiras, a maternidade é um tema recorrente em suas narrativas. No contato com a literatura afro-brasileira de autoria feminina salta aos olhos a relação diferente com que as escritoras representam a função materna, sobretudo a negra. Nas narrativas das escritoras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo os leitores são apresentados a um universo que, frequentemente, tematiza os perfis maternos, elas são presentes e diversas nos textos, "as mães desenhadas nas páginas escritas por mulheres negras na literatura afro-brasileira são desiguais, diversas e complexas nas suas dores e sofrimentos" (STEVENS, 2011).

Aqui, em conformidade com o que discute Dalcastagnè (2005), compreende-se a literatura como um "artefato humano" que, assim como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade, logo a invisibilidade e a visão estereotipada que as autoras e autores negros encaram no meio editorial e na própria literatura, quando representados, é sintomático de um projeto de sociedade que nunca os considerou como sujeitos capazes de realizar ações que não fossem voltadas ao trabalho braçal. O crescimento de uma classe média negra intelectualizada – de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o número de estudantes negros no ensino superior cresceu quase 400% entre 2010 e 2019 contribuiu substancialmente para que houvesse um "deslocamento" da figura do negro, e no que pesa à literatura houve um aumento no número de trabalhos, análises em que a produção dessa parcela da sociedade é centralizada e vinculada a discussões sociais.

Este trabalho surge a partir dessa perspectiva outra: a realidade do sujeito afro-brasileiro descrita e representada por ele mesmo. O interesse de pesquisa aqui impresso tem o anseio por observar e analisar a representação das maternidades elaboradas pelas escritoras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Conceição Evaristo pelo viés da problematização social que envolve essa maternidade, principalmente a negra. Ao analisarmos a forma como as autoras descrevem os papéis desempenhados pelas figuras maternas notamos a presença de vários discursos afirmados pelas atuações das personagens, essas escritoras buscam em outros discursos sociais elementos para comporem sua escrita, buscam nas histórias distorcidas e/ou não contadas pelas linhas oficiais da História Ocidental o combustível para descreverem em uma perspectiva literária engajada em relembrar as histórias de dispersão que os mares contam.

Em gestação, o debate...

Para Evaristo (2005), existe uma ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, e que esse perfil é delineado para as mulheres brancas, de uma maneira geral. Entretanto, a literatura produzida por escritoras afro-brasileiras aborda tal problemática na tentativa de subverter o protagonismo que, até então, sempre foi das mulheres brancas. Esta subversão é feita através de denúncia às contrariedades vigentes. Notamos a partir da forma como as performances de maternidades são descritas: as mães brancas vivem a sua maternidade em essência, doam-se inteiramente à criação e aos cuidados para com os filhos, são “santas, “puras”, as “santa-mãezinhas”; enquanto as mães negras vivem uma negação à sua maternidade: têm os filhos roubados, retirados à força, são estéreis, morrem, passam o dia fora de casa trabalhando, entre outras formas de imposição de negação à maternidade negra.

Das mulheres escravizadas era esperado que engravidassem o maior número de vezes que fosse possível, sem haver maiores preocupações com as condições de saúde, físicas e/ou psicológicas da mulher. É visto que a maternidade negra era concebida a partir de um modelo oposto ao da visão iluminista de maternidade e família. E essa observação reflete na literatura produzida até os dias de hoje, nesta proposição de trabalho a leitura analítica das narrativas de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Evaristo busca traçar um panorama da forma com que as escritoras descrevem a vivência e a interrupção da maternidade negra, seja durante o período da escravidão, seja no século XXI. Essas escritoras afro-brasileiras expõem em sua escrita uma ausência ao representar o maternar negro sempre como incompleto, se analisado pela perspectiva iluminista que define o modelo ideal de família e maternidade, que permite que a mãe/mulher branca, sobretudo as de classes mais abastadas, performem uma imersão à maternidade quando doam tempo de qualidade integral aos filhos.

Enquanto nas narrativas que conferem protagonismo às mães negras, elas perdem os seus filhos seja para a morte, seja para a vida. Esse fenômeno é apontado aqui como uma "negação" à maternidade negra na literatura afro-brasileira de autoria feminina, justamente como mecanismo de apontar para a experiência dessas mulheres, no decorrer da história, terem experimentado a maternidade fora de sua completude. Essas narrativas têm sido feito por mulheres pretas como denúncias ao sistema que perdura na sociedade brasileira, a diferenciação de sujeitos por conta de sua cor de pele e origem.

A maternidade é, de todos os papéis relegados ao feminino, o que sempre sofreu maior controle no sentido de manter uma imagem idealizadora da mulher. Para Vânia Vasconcelos (2014), a imagem materna é, provavelmente, o mais poderoso e universal dos arquétipos ligados à mulher e, por conta disso, é necessária a reflexão de quais os padrões de mãe se fixaram no imaginário da nossa sociedade, como e por quais motivos. Antes de qualquer análise é fundamental destacar que, muito embora a maternidade seja um papel desempenhado pelas mulheres, e seja de interesse de toda a sociedade, o padrão de comportamento e as imagens associadas a ela não foram criados por mulheres, e sim são impostos a elas, provocando, muitas vezes, situações de frustrações que afetam não só as mulheres, mas seus filhos.

> A imagem da mãe está profundamente marcada na psiquê humana e se encontra representada em diferentes mitos, religiões e manifestações artísticas de todas as culturas. Talvez por isso, dos papéis relacionados às mulheres, é provavelmente a maternidade que sofreu sempre maior controle no sentido de manter uma imagem idealizadora da mulher, relacionando-a ora à própria natureza, num determinismo redutor; ora ao sagrado, impondo-lhe o sobrenatural e misterioso (VASCONCELOS, 2014, p. 66).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Retornemos à História enquanto uma construção social influenciada pelo sistema de valores e pela trama das relações sociais e de poder, estabelecidas em cada época e lugar. Historicamente, o discurso dominante sempre foi produzido por homens, principalmente brancos e pertencentes às classes sociais mais altas. E é devido a este fato que a figura da mulher sempre esteve ligada ao que se considerava "menor", "marginal" ou "menos importante", resultando no apagamento de sua história, promovido pelo corporativismo masculino de professores, editores, jornalistas – intelectuais de maneira geral. A esse apagamento, a pesquisadora feminista responsável por uma vasta pesquisa sobre a autoria feminina no Brasil, sobretudo do século XIX, Constância Lima Duarte vem chamar de "memoricídio feminino", este apagamento deliberado da história das mulheres.

A história das mulheres é marcada por rupturas e inúmeros métodos de subordinação através dos quais, tradicionalmente, tiveram seus direitos negados. As mulheres coloniais passaram por longo processo de "adestramento", essa tentativa de domesticação da figura feminina seguia feita na intenção de torná-la responsável pela casa, pela família, presa ao casamento e à procriação, na figura da "santa-mãezinha" (DEL PRIORE, 2009). Para Cristina Stevens (2007) as formulações patriarcais sobre a maternidade que, ao contrário de enaltecer a mulher, foram cristalizando distorções e construindo a ideia da inferioridade da mulher em função do seu papel de reprodutora da espécie. A figura feminina foi relegada a um espaço no imaginário social em que "passividade e sacralização foram naturalizadas criando um padrão de comportamento universal que considera as mulheres destinadas à vivência da maternidade como uma experiência cheia de sacrifício voluntário, amor infinito e ausência de desejo sexual", (VASCONCELOS, 2014, p.66) ora fazendo com que fosse comum à vida no seio social acreditar que a mulher nasceu para ter filhos e, como dentro da elaboração burguesa do que é a sociedade, primeiro casar-se, depois ter os filhos, imaginário que em muito perdura até os dias atuais.

Logo, se à mulher ocorresse não querer maternar, era apontada como imatura, como má, odiosa, de pensamentos débeis e de pouca reverência a Deus e a família, esse conceito de mulher foi sendo veementemente difundido e reforçado para atender a interesses do poder estabelecido. Rich (1995) defende que é preciso considerar a maternidade como

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

experiência feminina, mas que, infelizmente, pode ser considerada uma instituição patriarcal, na cultura forjada pelo patriarcado, não apenas as mulheres foram tratadas sob vigilância e controle, mas qualquer manifestação de livre pensar, como, por exemplo, de acordo com Vasconcelos (2014) a expressão do pensamento de mulheres por elas próprias foi evitada por muito tempo.

Com avanços nos estudos voltados à sociedade a partir de perspectivas "outras", questões de gênero, de raça e de classe ganharam espaço dentro das discussões das ciências humanas e sociais, entre outras análises pautadas em/por outras observações, estudos de várias áreas revelam a preocupação com uma reconfiguração de conceitos relacionados à maternidade, entre outras temáticas, a partir da visão das mulheres. De acordo com Spivak (2010),

> [...] apesar de ambos (homens e mulheres) serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66-67).

Quando esse sujeito subalterno, conceito definido pela intelectual indiana, é feminino, a "obscuridade" da situação é composta por inúmeras outras camadas. Quando pensamos nas raízes da história da sociedade brasileira, surge uma outra complexidade para as discussões sobre maternidade: a mulher negra escravizada, essa relação de poder está presente em toda a sociedade, mas a mulher negra escravizada sofre duas vezes mais nesse processo, pois além de trabalhar, como o escravo homem, ela é violentada pelos seus senhores, usada para alimentar os filhos dos brancos e utilizada como reprodutora de outros elementos a serem escravizados. De acordo com Eduardo de Assis Duarte (2009), há uma doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais que inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro "branca para casar, preta para trabalhar e mulata para fornicar", ao contrário da formulação que ocorreu com as mulheres brancas vistas como nascidas para serem mães, com as mulheres negras esse "reducionismo" não aconteceu, simplesmente porque a elas não "cabia" serem mães. Aos corpos femininos negros a maternidade nunca foi permitida da mesma maneira como aconteceu com as

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

mulheres brancas, de acordo com o descrito por Vasconcelos (2014)

> No caso da mulher escrava, além de estar submetida a todas as formas de tortura já conhecidas, havia ainda a possibilidade de ser usada como reprodutora de peças, vendendo seus filhos para aumentar seus lucros e aproveitando-a como ama de leite para seus filhos [...] Neste contexto de tantas dores e perigos, o exercício da maternidade e a peculiar história da mulher afro-brasileira tomaram rumos muitas vezes trágicos (VASCONCELOS, 2014, p. 82).

A maternidade negra é experimentada de forma totalmente oposta à visão iluminista do modelo maternal das mulheres – brancas, filhas do mundo burguês. Embora a ambas não fosse permitido reger suas vidas, no caso das mulheres negras, objetificadas no comércio escravista, era reservada outra realidade, muito mais violenta: quando engravidassem, seus filhos, assim como elas seriam considerados 'peças' do senhor, podendo ser vendidos. Uma maternidade, portanto, baseada na distância e no abandono forçado. A maternidade está presente na literatura produzida em todos os tempos, quase sempre pensada a serviço da dominação patriarcal estruturalmente construída nas sociedades, reproduzindo padrões de comportamento que eram esperados dessas figuras femininas e mães. Ao assumir a centralidade da cultura e do mundo social, a representação do mundo masculino tomou todos os espaços, inclusive o da representação dos papéis femininos e maternos dentro da literatura brasileira, representações vão oscilar desde a "mãe terrível" até o extremo da "mãe bondosa" (VASCONCELOS, 2014).

Desta feita, a figura da mãe como personagem não foi muito - para não dizer que não foi nunca - valorizada ao longo das produções literárias de autoria masculina. Conforme Vasconcelos (2014), a verdade, da maneira como ilustram tantos estudos sobre as personagens femininas de autoria masculina, o mais comum é que essas personagens sejam secundárias ou co-protagonistas, compondo os estereótipos criados pelo imaginário masculino acerca das mulheres. De acordo com Norma Telles (2010), as representações literárias não são neutras, mas sim encarnações "textuais das culturas que a gera", o discurso que se fez, tanto socialmente, quanto através da literatura, sobre a dita "natureza feminina" formulado e imposto à sociedade burguesa em ascensão no século XVIII, as definia enquanto "força do bem", quando estas eram "delicadas e maternais" ou como "potência do mal" quando elas "usurpavam de atividades que não lhe eram

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

culturalmente atribuídas", assim durante muitos anos a tradição literária só conhece/conheceu a mulher/mãe enquanto musa ou criatura das representações feitas pelos homens, nunca como criadoras (TELLES, 2010). Assim,

> Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa sociedade em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. (TELLES, 2010, p. 403).

O século XIX, tido como o século do romance, marca a época em que um grande número de mulheres começa a escrever e a publicar, tanto na Europa quanto nas Américas, e somente a partir daí as subjetividades, anseios, representações e significações feitas e dadas pelas mulheres às experiências passaram a ser escritas e, posteriormente, publicadas.

> Tal qual um Deus Pai que criou o mundo e nomeou as coisas, o artista torna-se progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente outro, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. (TELLES, 2010, p. 403).

Na realidade brasileira, Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis são as pioneiras na literatura produzida por mulheres. "Uma Maranhense", o pseudônimo usado por Maria Firmina dos Reis, trouxe para as Letras do Brasil um marco, pois também a primeira a tematizar "o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro em nosso país" (DUARTE, 2009, p. 277). É nesse contexto de silenciamento, esterilidade e/ou estereotipação da representação da maternidade que surgem escritoras negras no Brasil que não se abstém de tematizar a experiência da maternidade negra, suas particularidades e especificidades. No romance *Úrsula*, o primeiro publicado por Maria Firmina, a escritora apresenta também figuras femininas e mães. Antes das mães de Maria Firmina, a mulher negra ao ser representada na literatura brasileira era quase sempre estereotipada e/ou tinha sua identidade apagada, representada por homens, em maioria brancos, pois como escreve

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Regina Dalcastagnè (2005),

> Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. Por mais solidário que seja às mulheres, um homem não vai vivenciar o temor permanente da agressão sexual, assim como um branco não tem acesso à experiência da discriminação racial ou apenas um cadeirante sente cotidianamente as barreiras físicas que dificultam ou impedem seu trânsito pelas cidades (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 19).

A escritora maranhense apresenta em sua obra narrativa mães brancas e negras, às brancas oferece a maternidade vivida em sua completude: as mães brancas vivem para seus filhos, podem mimá-los, fazer carinho, brigar por eles, se anularem enquanto mulheres, para serem mães em essência. Enquanto às negras e escravizadas, o sofrimento, a ausência, a dor por não poder criar os filhos, por ter sido afastada dos filhos ou por tê-los roubados, nos apresentando as falas dessas mães, o sofrimento e o doce de ter experimentado o amor dos filhos antes de serem separados pelos bárbaros - expressão usada pela autora para referir-se aos senhores de escravos -. A representação da personagem feminina negra a partir daí adquire diferentes abordagens no decorrer da história literária, sobretudo se fizermos o exercício de comparar a forma como os escritores homens, tanto os brancos quanto negros, revelando o que Conceição Evaristo (2005) vai chamar de Escre(vivência), a vida que se escreve na vivência de cada pessoa.

A mulher negra, enquanto personagem, sofre violências físicas, psicológicas e, principalmente, identitárias, frequentemente na literatura brasileira. Nos textos criados por escritoras afrodescendentes é possível observar os espaços que são concedidos às personagens. A representação de uma mãe que por ser escravizadaa não pode exercer plenamente a sua maternidade, que é enxergada e tratada como um objeto de propriedade de seus senhores, o próprio fato de serem propriedade de outrem, não deixa alternativa a não ser a loucura e a fuga, um alívio à realidade carregada de tanta dor e revolta. A escritora nos oferece um retrato corajoso da vivência e da interrupção da maternidade negra durante o período da escravidão no Brasil. Para Duarte (2005)

> Desde o período colonial, o trabalho dos afrodescendentes se faz praticamente em todos os campos de atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização do livro (...). Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais com a etnicidade africana, ou com os modos e condições de existência dos afrodescendentes, em função da miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população (DUARTE, 2005, p. 113-114).

Depois das publicações de Maria Firmina dos Reis, no século XIX, nota-se uma "dificuldade" em encontrar outra escritora afro descendente que crie personagens negras no início do século XX, de acordo com Dalcastagnè (2005) por se tratar de um momento em que as mulheres permaneciam à margem e a sociedade condicionada a acreditar "que a voz dos homens não tem gênero e por isso existiam duas categorias, a 'literatura', sem adjetivos, e a 'literatura feminina', presa para seu gueto" (DALCASTAGNÈ, 2005, p.51). É sabido e confirmado por estudos voltados à autoria feminina que por muito tempo a literatura produzida por elas, principalmente as negras, era evitada, mesmo tratando-se de potências narrativo-literárias, como é o caso de Carolina Maria de Jesus que, em 1960, publicou "*Quarto de despejo: diário de uma favelada*", um texto que revela uma ruptura com os modelos vigentes na época em se tratando de estrutura e do próprio enredo, ao representar a realidade dura na qual mulheres e crianças viviam em uma favela paulista do século XX.

Carolina de Jesus enfrentou muitos desafios para ser vista como uma escritora, ela representa a experiência da maternidade negra, na condição de mãe solo, luta para garantir o sustento dos filhos, fato que faz com que ela passe grande parte de seu tempo fora de casa, o que a deixa preocupada com a educação de suas crianças. A forma como Carolina descreve as suas vivências, demonstra sua visão de mundo e suas prioridades descrevem a centralidade que o cuidado com os filhos, a educação e o futuro deles exerce para ela. Quando conhecemos as condições tão precárias nas quais essa maternidade é performada, notamos o quão destoante é do ideal de maternidade representado por escritores brancos para com as mães brancas, e é primordial que reflitamos que tal fato só é possível por conta de que foi uma mulher negra que publicou. No século XXI, escritoras negras começam a ganhar espaço, sobretudo com a criação dos *Cadernos Negros*, entre elas Conceição Evaristo. Nas narrativas da escritora e professora mineira, há uma preocupação

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

com a construção de uma identidade afirmativa para a mulher negra e as representações a partir da maternidade exerce papel central em grande parte de seus textos, para Alós (2011) "a maternidade em Conceição poderia ser lida como um deslize rumo a uma concepção essencialista do papel da mulher na sociedade contemporânea" (ALÓS, 2011, p.287).

Dando à luz: algumas considerações ...

O interesse pela literatura afro-brasileira cresceu substancialmente nas últimas décadas, e isso pode ser constatado através de pesquisas em repositórios e periódicos de programas de pós-graduação das universidades brasileiras. Este dado pode estar atrelado a diferentes fenômenos como a expansão no número de escritoras e escritores negros publicados nos últimos anos, fato que se deve ao barateamento no custo de produção de livros e a maior pressão por diversidade no mercado editorial, segundo dados da pesquisa realizada pelo grupo da professora Regina Dalcastagné, da Universidade de Brasília (UnB), analisou 692 romances de 383 escritores brasileiros e aponta que 93% dos autores publicados eram brancos de 1965 a 1979. Entre 1990 e 2004, o índice era de 93,9% e, entre 2005 e 2014, o número era de 97,5%.

Ainda, nos últimos vinte anos, a crescente entrada de pessoas negras na universidade e a promulgação da Lei 10.639/03 podem ter contribuído para o interesse e a busca por narrativas afro-brasileiras. Tendo isso em vista, as pesquisas nesse campo aumentaram e tal fato é muito sintomático para pensarmos novas possibilidades de universos temáticos de estudos, que é justamente o lugar em que esta pesquisa se encaixa.

Dos tantos trabalhos acadêmicos, artigos, monografias, dissertações e teses, que trabalham a questão da presença da literatura afro-brasileira e da questão da maternidade nesses textos, a maioria foca sua atenção à análise de personagens e à discussão sobre perfis e representações sociais. O trabalho proposto aqui ao trazer a imperiosa de que há uma negação à maternidade afro-brasileira se destaca ao promover a discussão a partir desta assertiva, direcionando as discussões para esse caminho analítico, que seria uma nova configuração de análise para o texto de autoria feminina afro-brasileira. Nesse

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sentido, contribuindo para a inserção de mais uma perspectiva para os estudos que envolvem a questão do negro na sociedade.

Os estudos voltados para essa parcela tão expressiva da população brasileira são importantes documentos históricos, diante da tradicional "escolha" da sociedade em não escrever sobre a história e subjetividades do povo negro. Essa pesquisa colabora para o projeto de preenchimento de uma lacuna deixada pela história paradigmática e por isso a importância de estudos como estes que valorizem as produções e as reflexões dos afro-brasileiros. Além de que, os estudos sobre maternidade negra pelo viés da literatura são primordiais no Brasil, um país que ainda apresenta muitas falhas e faltas em se tratando a mulher e mãe negra.

Cândido (2010), defende que a literatura é um produto social e essa acepção implica a reflexão da relação existente entre a literatura e a realidade. Assim, aqui considera-se a literatura uma espécie de dispositivo utilizado pelas escritoras e escritores para refletirem o meio social. Nesse sentido, a presente proposição de pesquisa/estudos defende que há uma contraposição entre as formas como as mulheres são representadas na literatura brasileira. Sobretudo, no que tange à literatura afro-brasileira, as mulheres negras e brancas são representadas de maneira distintas, tal fato ancora-se na forma como as sociedades ocidentais foram colonizadas.

Compreendemos que essa diferenciação entre as representações se dá, principalmente, no âmbito do direito à maternidade. E através de leituras das Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo vê-se que as escritoras afro-brasileiras refletem em suas narrativas uma negação à maternidade negra e, ainda, que fazem isso por conta de sua já calejada experiência com essa negação na vida real e cotidiana. Dessa forma, esses textos literários seriam, ainda, uma maneira de denunciar esse sistema que nega a maternidade às mulheres negras.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. Estudos feministas, Florianópolis, 2011.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BERND, Zilá**. Negritude e Literatura na América Latina.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: ensaios de teoria e história literária. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990- 2004. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 26, p. 13-71, julho-dezembro de 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, Vol. 17-A, Dez, 2009.

_____. Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades*: ensaios. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005, p. 113-131.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, ano1- n 1, p.52 -57. 2005.

PRIORE, Mary Del. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RICH, Adrienne. Of Woman Born: motherhood as experience and institution. New York: W. W. Norton & Company, 1995.

STEVENS, Cristina. Maternidade e Feminismo: diálogos na literatura contemporânea. In: STEVENS, Cristina. Maternidade e Feminismo: diálogos interdisciplinares. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2007.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. No colo das iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas. 2014.

SCHMIDT, Rita Terezinha. "Quem reivindica a identidade?". Desenredo, Passo Fundo (UPF), v. 4, n. 1, p. 49-60, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte Editora UFMG, 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. Histórias das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010. p. 401-442.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

VIOLÊNCIA E DESPOJO NO CARIBE COLOMBIANO: ANÁLISE DA OBRA *VER LO QUE VEO* DE ROBERTO BURGOS CANTOR

Angie Melissa Gamboa Yaruro[71]

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar a representação da violência sistêmica na obra *Ver lo que vejo* (2017) do escritor colombiano Roberto Burgos Cantor, através da voz de Otilia de las Mercedes Escorzia, narradora principal e primeira moradora do bairro. Tomando as palavras do filósofo esloveno Slavoj Žižek (2014), a violência sistêmica é uma violência objetiva que consiste nas consequências, na maioria das vezes catastróficas, do desempenho regular do sistema econômico e político, é uma das formas mais invisíveis da violência, que, por não ser tão evidente quanto a violência física direta, sua existência é omitida pelo Sistema. No objeto de estudo, os moradores de um bairro, após serem despojados de suas terras pelo conflito armado que sofre a Colômbia há mais de 60 anos, devem sobreviver à negligência do governo e às precárias condições de vida em um espaço onde não têm os serviços básicos (água e energia). Apesar de suas lutas para proteger o bairro, no final, eles são novamente despojados do espaço que consideram seu lar e a história finaliza onde começou. Por conseguinte, a obra, por meio da voz de Otilia de las Mercedes Escorzia, reflete a realidade não apenas de um bairro do Caribe, mas de qualquer cidade da América Latina na qual a história se repete e o governo é um dos agentes que mais influenciam nessa repetição, e o silenciamento da história de certas comunidades/culturas.

Palavras-chave: Violência sistêmica. Caribe colombiano. Despojo. Bairro. Sistema capitalista.

Introdução

Há mais de meio século que o país enfrenta um dos maiores conflitos políticos do continente americano, com milhares de mortos, grandes ondas de emigração para outros países, declínio das instituições governamentais, aumento da insegurança e milhões de vítimas e refugiados internos. Apesar de, neste período, ter presenciado a maior mobilização de civis armados, esta época de violência não tem sido considerada como uma guerra civil devido a que não houve batalhas, mas diferentes etapas pelas quais a sociedade colombiana passou.

Uma das principais consequências deste conflito é o grande número de despojados internos que até hoje não foram restituídos pelo governo e ainda aguardam uma resposta sobre a terra e a memória que lhes foram roubadas. No entanto, o aspecto mais alarmante desse fenômeno é como ele passou despercebido pelo resto do mundo, e isso se deve

[71] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada (PPG-LC/UNILA) e formada em Mediação Cultural – Artes e Letras (UNILA). Vinculada ao projeto de pesquisa "Literatura comparada e memória na américa latina: diálogos entre ficção e história do descobrimento ao contemporâneo".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

principalmente às boas políticas de silenciamento implementadas pelo governo para mostrar uma imagem mais harmoniosa do país, a fim de aumentar o investimento estrangeiro e o fluxo de turistas, especialmente na região do Caribe.

Devido a esse silenciamento e à falta de registros sobre as vítimas do conflito armado, vários intelectuais colombianos utilizaram a literatura como ferramenta para transmitir a realidade do país. Um exemplo disso é o escritor e jornalista Roberto Eliécer Burgos Cantor, considerado pelos críticos literários como um dos mais importantes escritores da geração pós-Boom Latino-americano, por sua escrita poética marcante e por retratar, por meio da literatura, seu inconformismo com a situação enfrentada atualmente pela sociedade caribenha. Esse estilo é identificado desde seu primeiro romance, *Lo amador* (1981) até seu último romance publicado em vida, *Ver lo que veo* (2017).

O escritor nasceu na Cartagena em 4 de maio de 1948 (o ano da ira) e morreu de parada cardíaca aos 70 anos de idade na cidade de Bogotá em 16 de outubro de 2018. Deixou sua cidade natal após o ensino médio para estudar direito na Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá, instituição que em 2015 lhe outorgou um doutorado honoris causa. Porém, em suas obras, retratou o que via e ouvia sobre o Caribe, deixando um legado que o registraria na história da literatura colombiana como um dos melhores escritores caribenhos. Suas pesquisas e obras literárias se caracterizam por trabalhar como tema principal o contexto escravista na Cartagena, as causas/consequências do despojo e a vida cotidiana dos grupos marginalizados e esquecidos pelo Estado.

Entre as características mais presentes na escrita de Burgos está a multiplicidade de vozes que dialogam entre si, construindo um testemunho, uma memória tanto individual quanto coletiva que mostra a outra face do Caribe, aquela que normalmente é maquiada pelo Estado colombiano. A mistura de marcas orais e a linguagem popular da região com sua escrita poética, que permite ao leitor estabelecer uma conexão íntima com os personagens e suas experiências, logrando que este também se sinta parte da história. Assim como, as mudanças temporais e espaciais de cada uma das vozes que não são tão explícitas e às vezes podem confundir o leitor.

Em 2018, ganhou o Prêmio Nacional de Novela por sua última obra publicada em vida e, o objeto de estudo dessa pesquisa, *Ver lo que veo* (2017). Devido a sua grande

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

trajetória e contribuições, hoje em dia, Roberto Burgos Cantor é classificado como um escritor que não renega a influência macondiana como muitos de seus companheiros fizeram, pelo contrário, como afirma Henao (2020), ele está "localizado no quintal de Macondo", ou seja, retrata as problemáticas do Caribe que não puderam ser retratadas nesta primeira apresentação macondiana.

Devido a que o escritor nasceu no ano da ira, ano em que ocorreu o Bogotazo e começaram vários distúrbios que posteriormente influenciaram o conflito armado, viveu os anos mais violentos da Colômbia do início ao fim, razão pela qual esse é um dos temas presentes em sua obra. Em *Ver lo que veo* (2017), ele não fala sobre esse período específico, mas sim das consequências do despojo causado pelo conflito interno, de modo que a obra se centra mais na violência sistêmica enfrentada pelos personagens.

Considerando toda a trajetória do escritor e sua influência na literatura caribenha, bem como o processo de violência pelo qual passou o Estado colombiano e a falta de atenção do governo a determinados grupos afetados, o objetivo deste artigo é analisar a representação da violência sistêmica na obra *Ver lo que veo* (2017), através da voz de Otilia de las Mercedes Escorzia, uma das moradoras mais antigas do bairro e personagem principal.

Colômbia: mais de 60 anos de violência

O conflito armado na Colômbia é uma guerra que está ocorrendo no país desde 1960, entre o Estado colombiano, os grupos paramilitares, as guerrilhas esquerdistas, cartéis de narcotráfico e grupos armados organizados. Esse período de violência é o resultado de eventos como a Guerra dos Mil Dias (1899-1902), um conflito civil entre liberais e conservadores, originado pelo poder outorgado às igrejas e a outros grupos privilegiados, e finalizado com a assinatura do Tratado de Wisconsin que beneficiou principalmente aos conservadores (Ospina, 2013). Assim como o Bogotazo (1948), uma série de distúrbios provocados na capital após o assassinato do líder do partido liberal Jorge Eliécer Gaitán, que dividiu ainda mais os partidos liberal e conservador, e terminou 10 anos depois com a assinatura de um acordo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A Frente Nacional (1958-1974) foi um pacto assinado entre os liberais e conservadores, com a finalidade de retirar da presidência o general Gustavo Rojas Pinilla, quem pretendia governar até sua morte. Esse pacto político estabeleceu a alternância da presidência entre os dois partidos, tendo uma duração de quatro anos para cada governo. No entanto, dois anos depois, no mandato do liberal Alberto Lleras Camargo, foram criados grupos revolucionários de camponeses que não correspondiam a seu governo, os quais, posteriormente, foram conhecidos como guerrilheiros (GMH, 2010).

A partir de 1970, os grupos guerrilheiros, com a intenção de se financiarem, recorrem ao sequestro de pessoas e roubo de terras. Em resposta a essa prática, surgem os grupos paramilitares, cuja intenção era apoiar os militares e reestabelecer a ordem no estado. Isso só intensificou a violência e deu lugar a que outras quadrilhas criminosas e cartéis de narcotráfico se juntassem à guerra.

Com o passar dos anos, todas as partes envolvidas esqueceram seus objetivos iniciais de luta e implementaram o financiamento ilícito. Entre 1988 e 2002, o período mais quente do conflito interno, a Colômbia passou a ser um espaço dominado por incursões armadas, desaparecimentos e deslocamentos forçados, massacres, sequestros de civis e políticos, terrorismo, torturas, execuções extrajudiciais como os falsos positivos, entre outros (Ospina, 2013). Situação que afetou principalmente os povoados mais afastados das grandes cidades, principalmente os da costa do Pacífico e do Caribe, que não tinham atenção por parte do governo e se tornaram alvo de massacres e de assentamentos dos grupos guerrilheiros/paramilitares.

Desde 2005, a intensidade do conflito armado diminuiu um pouco, devido aos tratados que o Estado assinou com grandes estruturas paramilitares, como as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC) em 2006, e guerrilheiras, como as Forças Revolucionárias da Colômbia-Exército do Povo (FARC-EP) em 2016. Atualmente, o presidente Gustavo Francisco Petro Urrego (2022-atualidade) está em diálogo com o grupo guerrilheiro Exército Liberal Nacional (ELN). No entanto, ainda existem alguns grupos paramilitares, guerrilheiros e narcotraficantes com os quais o governo não conseguiu nenhuma conversa. Como resultado, muitas famílias continuam sendo despojadas de suas terras, assassinadas, massacradas, sequestradas, entre outros.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No relatório *Tendencias Globales de Desplazamiento Forzado 2022*, elaborado pelo Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a Colômbia continua sendo o país com maior número de deslocados internos, superando a Síria com um total de 8,4 milhões de vítimas de acordo com o Registro Único de Vítimas, das quais 6,8 milhões são beneficiárias da Lei 1448 de 2011, para a atenção, assistência e reparação integral das vítimas do conflito armado interno. De acordo com o Grupo de Memória Histórica (GMH, 2010), esses números são ainda maiores e, até à data, não foi possível construir sistematicamente um quadro quantitativo dessa problemática, já que muitas das vítimas não tinham títulos de propriedade para justificar seu deslocamento e ficaram fora do registro.

Ver lo que veo: **um mundo de pessoas sem nome**

Publicada em 2017, a obra relata a vida diária dos moradores de um bairro marginalizado na costa caribenha do século XX (Cartagena), "um lugar esquecido pelo governo, povoado por imigrantes de terras expropriadas pelo mesmo" (Builes; Mejía, 2022, p. 59, tradução própria), cujos habitantes não conseguem pertencer a nenhum lugar e devem lutar para construir sua história/memória, por meio da qual possam consolidar uma identidade própria e ter um legado como comunidade.

O livro está dividido em vinte e dois capítulos que dialogam entre si, em diferentes espaços, tempos e tipos de narrações, reconstruindo a história do bairro e da Colômbia através de múltiplos olhares e testemunhos, em outras palavras, tenta trazer à luz a história que foi apagada dentro do imaginário da Cartagena. Os capítulos não são nomeados e na maioria dos casos têm mais de uma voz narrando, além disso, atualmente, a obra não tem tradução em outra língua.

O título do livro, que em português seria Vejo o que vejo (tradução própria), faz alusão a esse olhar crítico sobre a História, a ver sempre a mesma coisa, esse passar de um tipo de violência para outra, essa História estática imposta que parece não beneficiar eles e que só os leva ao atraso, enquanto os países promotores do poder capitalista ficam cada vez mais ricos. Esse ato de ver e analisar o que está acontecendo ao seu redor é feito por

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Otília de las Mercedes Escorzia, personagem que desde a primeira página do livro afirma sempre ver o mesmo e cujo olhar da realidade vai mudando sua maneira de pensar, assim como a de muitos dos moradores do bairro. Sua ação de ver o que vê e seu tempo no bairro permitem que ela seja um dos pilares para a construção da história e da memória desse espaço.

Da mesma forma, esse ver o que vê aplica para o autor, quem, como mencionado acima, apesar de não estar vivendo em sua cidade natal, continuo vendo para esta e retratando em suas obras sua inconformidade frente à realidade do Caribe. Segundo as palavras do filósofo esloveno Slavoj Žižek (2014), existe uma diferença entre realidade e real: "a "realidade" é a realidade social dos indivíduos efetivos implicados em interações e nos processos produtivos, enquanto o Real é a inexorável e "abstrata" lógica espectral do capital que determina o que se passa na realidade social" (p. 24). É essa diferença entre o Real e a realidade o que o autor pretende representar por meio de Otília, já que a ideia do Real caribenho só corresponde à imagem que o mercado turístico quer transmitir para continuar monetizando, enquanto a situação dos habitantes, vítimas do conflito armado, é outra.

O escritor também centra sua atenção só nas experiências dos personagens, por isso, a maioria não tem nome, sendo denominados segundo seu trabalho, e nem são descritos fisicamente. O leitor é capaz de determinar quais personagens são jovens e quais são mais velhos, de acordo com a maneira como agem e a experiência de vida de cada um. Otília de las Mercedes Escorzia é a única narradora que sai do anonimato e seu nome só é revelado nas últimas páginas, sendo caracterizada durante o transcurso da história como "a mulher que vê o que vê".

Por outro lado, assim como o povo de Macondo de Gabriel García Márquez (1927-2014) e a cidade de Angosta de Héctor Abad Faciolince (1958-atualidade), o bairro é um espaço imaginado pelo escritor para refletir a realidade de qualquer bairro no caribe colombiano e na América Latina, razão pela qual não existe na cartografia colombiana. Como afirma Otilia, é um bairro "[...] sem nome, sem lugar no mapa, no plano, no cadastro, invisível, terra que fazemos e nos recebe para ficarmos enraizados [...]" (p. 19, tradução própria). Um bairro que, embora para os seus moradores fosse um espaço no qual

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

se completar do despojo sofrido, para o governo local não faz parte da paisagem da Cartagena e, portanto, seus habitantes não têm direito a uma estrutura digna nem aos serviços básicos.

Os moradores do bairro são pessoas marginalizadas, a maioria despojada pelo conflito armado que está ocorrendo há mais 60 anos no país. De suas vidas antes do bairro se sabe muito pouco, sua história individual e coletiva começa a ser construída a partir de sua chegada ao território, e é por meio dessas experiências e memórias que se constrói essa crítica ao sistema capitalista.

Devido à falta de oportunidades de emprego, a maioria se dedica a trabalhos manuais e não oficiais, como: carpintaria, artesanato, venda de loteria, polimento de sapatos e, nos casos mais extremos, a pirataria de produtos (homens); bem como costura, estilismo, venda de produtos de beleza, trabalho doméstico e trabalho sexual (mulheres). Como a vaga de emprego depende do imaginário da classe alta, que ainda conserva essa segregação sexual, as mulheres só podem se dedicar a trabalhos de cuidado, enquanto os homens têm empregos mais variados.

A capa do livro ilustra uma ponte em direção ao mar, cuja madeira está desgastada e metade da grade direita está quebrada. A ponte também tem um papel fundamental na história, "[...] é a saída e entrada. Nós fizemos isso para não afundar no pântano que se forma na época das chuvas ou quando a maré sobe e transborda. [...] também se chega ao bairro em lancha, pelo lado do pântano, navegando pelos canais" (p. 32, tradução própria). É graças a essa ponte que os moradores podem atravessar a muralha todos os dias para começar a sua jornada laboral, e é por aqui que, no final do livro, as autoridades chegam a expulsar os habitantes. Além disso, esta pequena construção de madeira desgastada pelo tempo é a única coisa que os torna parte da paisagem da Cartagena e da sociedade.

Para finalizar, a seleção desta personagem se deve à multiplicidade de vozes presentes na obra e ao detalhamento de seus relatos e à atenção que dá às memórias dos outros, uma vez que, embora outros personagens contemporâneos a ela também relatam suas histórias, Otília não se centra em narrar sua própria história, mas prioriza a narração das histórias dos outros. Por conseguinte, a personagem cumpre a teoria da pesquisadora Kimberly Theidon (2008), que afirma que as experiências dos homens e mulheres vítimas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

do conflito armado diferem, já que, de acordo com os resultados de sua pesquisa na área, as mulheres costumam lembrar mais detalhes, dão mais espaço à vida cotidiana, desenvolvem seus testemunhos seguindo o papel de mulher tradicional: o de "viver para os outros" e "narrar os outros", e tendem a elaborar olhares retrospectivos contra hegemônicos.

Violência e despojo no caribe colombiano

A violência, segundo as palavras de Slavoj Žižek (2014), é algo que gera agitação social em grande escala; enquanto para Marilena Chaui (2017), "[...] é um ato de brutalidade, serviço e abuso físico e/ou psicológico contra alguém, e, caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e pela intimidação, pelo medo e pelo terror" (p. 36). Como se pode observar, Žižek fala de um coletivo, uma sociedade, uma violência em maior escala que pode ser provocada por um ou vários grupos/entidades. Marilena, pelo contrário, fala de uma violência individual, realizada a uma pessoa, cujo comportamento na sociedade pode ser afetado, devido ao medo provocado nesse sujeito.

No entanto, há um tipo específico de violência que pode ser invisível na maioria dos casos e que precisa de muita atenção, pois está tomando uma força considerável dentro desse sistema capitalista. A violência sistêmica, "[...] violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e exploração, incluindo a ameaça de violência" (Žižek, 2014, p. 22); é fundamentada no capitalismo e não pode ser atribuída a um indivíduo específico, uma vez que é exercida por agentes sociais, aparatos repressivos e instituições que fazem parte do sistema (Žižek, 2014).

Isso pode ser visto no livro *Ver lo que veo* (2017), no qual, embora os moradores do bairro tenham passado por um momento de violência física direta que culminou no despojo de suas terras, eles têm que lutar diariamente contra o esquecimento do Estado e a sensação de estarem incompletos, em um espaço geográfico no qual apenas as paisagens paradisíacas são destacadas e que é apresentado como o Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, que foi declarado em 1984.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Antes de começar com a análise do livro, é importante definir o termo “despojo”. Como aponta a Comissão Nacional de Reparação e Restituição (CNRR) no seu documento *El Despojo de Tierras y Territorios* (2009), quando falamos de despojo, estamos falando de um processo que “requer mais pesquisa e análise para entender suas causas, efeitos e motivações” (p. 14, tradução própria), tendo em vista que:

> O despojo pode ser considerado como o processo pelo qual um grupo ou um indivíduo é privado material e simbolicamente, pela força ou coerção, de bens móveis e imóveis, lugares e/ou territórios sobre os quais exerceu algum uso, gozo, propriedade, posse ou ocupação para a satisfação de necessidades. O despojo é o processo pelo qual, por meio do exercício da violência ou da coerção, indivíduos e comunidades são permanentemente privados dos direitos adquiridos ou reconhecidos em sua condição humana, em relação a prédios, propriedades e direitos sociais, econômicos e culturais. (p. 30, tradução própria)

Segundo a definição apresentada, o despojo não é um evento único, casual e pontual, é um processo que começa muito antes de a terra ser roubada, quando as vítimas são ameaçadas e intimidadas. De igual modo, as consequências desse problema também devem ser levadas em conta, pois a maioria dessas pessoas deslocadas, em sua ânsia de ter um lugar para morar e um meio para sobreviver, são exploradas no trabalho por instituições ou agentes. Também, devem passar por todo um processo de adaptação e organização, a transição do campo para a cidade não é fácil para a maioria delas e devem enfrentar um sistema educativo desconhecido, insegurança social, exclusão por sua origem camponesa, esquecimento por parte do Estado, entre outros aspectos.

Esse processo é retratado na obra, pois, embora não sejam fornecidas muitas informações sobre a vida dos moradores antes de sua chegada ao bairro, os relatos apresentados revelam todas as intimidações e assassinatos de familiares/amigos que vivenciaram antes de serem completamente despojados de suas terras. Em uma conversa que Otília tem com três jovens que ela considera como suas filhas, afirma o seguinte:

> Minha família e eu vivíamos na terra que ficam nas savanas, de arrozais, pastagens, árvores frutíferas, gado, plantações de necessidade para entreter a fome, pássaros soltos e gangues de cachorros secos e barulhentos. [...] Eles sabiam que esta vida não é natural, nem desígnio de Deus. E começaram os incêndios, as mortes, os assaltos, as cercas que foram derrubadas às noites. Imagine uma guerra para tirar aquele nada em que estávamos desde antes da independência, quando um rei distante

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> governava aqui com ordens que ninguém cumpria. (p. 38, tradução própria)

Muitas vítimas, como Otília, por não terem um título de propriedade, não são apoiadas/reconhecidas pelo Estado e não conseguem ser realocadas em um lugar propício para continuar sua vida, de modo que sua luta territorial continua e devem recorrer à invasão de espaços e à obtenção dos serviços básicos por meio de métodos ilegais. De acordo com as palavras da narradora, neste bairro "piscam as luzes brancas das lâmpadas que conectam ao cabo escondido pelo qual conseguimos energia. Luz de contrabando. Serve ao bairro. Ou seja: nós a roubamos" (p. 11, tradução própria). Além disso, "a autoridade não aceita que isto se chame bairro, isto é uma invasão. Podem imaginar: invasões a esta altura dos tempos. Se já nos invadiram e conquistaram e colonizaram e saquearam e violaram [...]" (p. 20, tradução própria).

O espaço desempenha um papel fundamental na história, já que os personagens têm uma conexão bastante forte com o território. Depois de serem despojados de suas terras e saírem apenas com suas lembranças, conseguiram transformar um pedaço de terra quase consumido pela água em um bairro, um lar próprio no qual pudessem ficar tranquilos e deixar de lado o passado violento que tanto os atormenta. Consequentemente, o bairro também se torna um sujeito portador de lembrança e dotado de memória (Assmann, 2016), pois, suas superfícies refletem as marcas do tempo, o tempo que os residentes sentem que não passa.

As condições do bairro, bem como os inúmeros esforços fracassados de seus moradores para estabelecer um diálogo com a prefeitura e sua intervenção para a melhoria de sua estrutura física, refletem a violência sistêmica em que vivem. Desde sua construção, o bairro não mudou muito, "[...] o bairro começou na língua da terra alagadiça nesta margem do lago. Depois não cabíamos e com dissimulação enchemos. Cascas de arroz, lixos, pedras e conchas marinhas, aparas, papelão, jornais" (p. 9, tradução própria). As casas são construídas com "[...] restos de madeira, chapas de zinco, telhas lascadas, pedaços de lona, pedras abandonadas da pedreira e os fornos de carvão de dali, e o desejo, o desejo que sustenta tudo e enraíza aqui como raízes, moitas de mangues onde se refugiam as ostras" (p. 33, tradução própria).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A única mudança notável é que a terra acabou e a maioria dos moradores tem sua casa na água, usando diversos materiais como enchimento para não afundar. É por meio das condições desse enchimento que eles conseguem identificar os novos moradores, a maioria deles familiares que chegaram de visita e, depois de não conseguir melhores oportunidades, ficaram como moradores permanentes em um espaço em que o tempo transcorre diferente.

Em relação à sua localização geográfica, a informação que oferece o autor é que o bairro limita, com o mar, parte do pântano e a muralha da cidade, razão pela qual muitos pesquisadores localizam esse espaço dentro da Ilha da Manga; no entanto, o escritor não fornece nenhuma localização exata. Da mesma forma, Otília de las Mercedes Escorzia deixa frequentemente claro que estão localizados fora da muralha, mas não apenas como um espaço físico, mas também como um espaço imaginário.

A Muralha Púnica da Cartagena é uma estrutura construída no século XVI, como um sistema de defesa contra os ataques piratas à cidade. Atualmente, circunda o centro histórico da Cartagena, tem 11 quilômetros de extensão e a altura de suas paredes varia de 6 a 8 metros. No centro da muralha está localizada a zona mais "importante" da cidade, a mais visitada pelos turistas, a imagem que ressalta nos cartões postais, as residências da classe alta e uma zona que cumpre com esse imaginário de Estado-nação.

Por isso, ao bairro estar fora desta também se encontra "[...] desarticulado do projeto de nação, configurando-se em um mundo distópico onde a realidade transcorre em termos opostos [...]" (Builes; Mejía, 2022, p. 61, tradução própria). Em outras palavras, uma sociedade indesejável erguida ao lado de uma cidade reconhecida e protegida pelo governo, criando uma fronteira que todos os dias devem atravessar os moradores em busca do sustento diário. De um lado da muralha está uma sociedade empenhada no progresso e em dar a melhor imagem do Caribe aos estrangeiros e, do outro lado, uma sociedade que busca sobreviver.

> Em *Ver lo que veo* poderíamos encontrar dois tipos de distopias: um mundo extremamente alterado, no qual as pessoas menos felizes foram jogadas, e o mundo das transformações, que são consequência da degeneração social. Em todos os casos, reconhece uma alteração das condições normais e desejadas numa sociedade existente ou recém-formada. (Builes; Mejía, 2022, p. 66, tradução própria)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O Caribe é especialista em mitigar os horrores que enfrenta constantemente por meio da música e da dança. Uma forma de protesto é celebrar o bom e o ruim, para demonstrar ao governo que, apesar das adversidades, a força para lutar continua intacta e isso também se vê representado na obra. À noite, os músicos, ao regressar dos seus trabalhos, chegam contentes tocando os seus instrumentos e os outros moradores, por mais cansados que estejam, se juntam na sua festa, enquanto Otilia os observa e analisa. "Neste bairro a maioria gosta dos ventos, assim dizem com orgulho, os ventos: saxofones, trombones, flautas. E também pela voz, uivos da alma gargarejando com água salgada do mar e que ensaiam nos quintais [...]" (p. 13, tradução própria).

No entanto, as noites de festa não duraram muito. Depois de saber que as autoridades cortaram a energia quando perceberam que era roubada, os demais moradores começaram a questionar seu papel na História e a importância de expor seu lado da história. Uma das ações que implementaram foi realizar debates entre eles, sendo Otilia de las Mercedes uma das porta-vozes mais importantes, pois seu olhar não estava direcionado apenas para o interior do bairro, seu ver o que eu vejo também estava focado no exterior, no outro lado da muralha, o que lhe permitiu ter um olhar crítico mais aberto.

> Não tinha pensado, disse. Depois de ouvir e ouvir, de ver e ver, de sonhar e sonhar, sinto que a história que nos contam é mentira. Acabo de ouvir e me lembram que nos chamam invasores. Também que somos deslocados. E não. Me pareceu que vivemos e vivemos. Morremos e morremos. Por que deixar testemunho se estamos tão ocupados com a vida como para relatá-la? Será que assim se completa? (p. 123, tradução própria).

Depois de não receber nenhuma resposta dos presentes, se aproxima especificamente do carpinteiro, outro dos moradores mais antigos do bairro, e faz a seguinte pergunta: "carpinteiro, você acha que ter história é ter passado? Uma parede na qual se apoiar para olhar para frente. Não sentir a insegurança do vazio. De onde viemos?" (p. 124, tradução própria). Novamente, ela não obteve nenhuma resposta e, em parte, não esperava obtê-la de imediato. O objetivo dessa reunião era compreender o que estavam fazendo e o que queriam alcançar.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No final, embora todos tenham sua experiência e a tenham narrado através da obra, ela foi a única que se deu ao trabalho de analisar cuidadosamente ao seu redor e atravessar a muralha, não com fins trabalhistas ou turísticos, mas para obter informações. Seu objetivo era lutar pelo lugar que viu crescer e lhe permitiu sentir que algo era seu depois de tantas lembranças de uma terra despojada.

> Mas algo a incomodou. Uma percepção confusa. Ser mais além do bairro. Mostrar que somos e acrescentamos algo ao mundo. Se somos invasores, seremos melhores que os espanhóis com suas descobertas equivocadas, suas cruzes e seu rei, que os piratas com sua cobiça de pagar com os crimes as medalhas da sociedade, e que os cobradores franceses e italianos que cruzaram o mar por dívidas baratas." (pág. 111, tradução própria)

Por outro lado, na estrutura narrativa, o autor apresenta um cenário no qual o despojo se repete e em que as vítimas lutam para preservar o pouco que têm. O livro começa com a frase “sempre vejo o mesmo” (p. 9, tradução própria) e termina com a expressão “vejo o mesmo? [...] Vejo-o e vejo-o” (p. 541, tradução própria), deixando claro que tudo é cíclico nesta sociedade, o passado se repete com algumas modificações, mas o resultado permanece o mesmo, o silenciamento de uma comunidade vítima da crescente deterioração da ordem institucional.

Independentemente das várias tentativas dos moradores de proteger seu bairro, de tentar registrar sua história e memória, no final foram novamente despojados de seu território:

> E depois ganhamos mais uma expulsão, nesta nos tiraram do que nos pertence, jogados fora como bandidos, usurpadores. Deixamos tanta vida lá que ainda estamos incompletos aqui. Como ficamos completos? Você me diz. Começar incompleto nos deixa incompletos. Quando chegamos aqui nos disseram que isso não era de ninguém. Agora é de nós: quantos anos colocamos nossas vidas incompletas nesse atoleiro? (pág. 412, tradução própria)

Otilia de las Mercedes Escorzia expressa pela última vez a sensação de estar incompleta, de ser usurpada sob o olhar de um Estado que promete protegê-los, mas que só lhes dá as costas e os deixa à deriva porque não têm um título de propriedade e não encaixam dentro do imaginário caribenho que, sob fins

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

turísticos, transmitiram durante anos. Apesar de os moradores implorarem por sua terra, pelo bairro que construíram com suas próprias mãos, de manifestarem essa sensação de vazio provocada no primeiro despojo, a polícia não se importou com suas palavras, nem com o fato de não terem onde ficar e as forças tentaram despojá-los. Aquela pequena ponte de madeira que Otilia tanto admirava e representava a união do bairro com a sociedade por trás da muralha, se tornou o início da incerteza de encontrar um novo lar.

Por sua resistência, os moradores não puderam ser completamente despojados do bairro, mas tiveram que enfrentar novamente os desaparecimentos e as mortes de seus entes queridos. O primeiro morador encontrado morto foi um jovem que apareceu na margem do rio, com os olhos abertos sem olhar nada em específico, "era uma espécie de mensagem estranha. Uma ameaça. Matam alguém quem sabe onde e o trazem para cá, para o bairro que ainda não terminamos de construir, que estamos construindo" (p. 527, tradução própria). O estranho desse acontecimento foi que as autoridades não conseguiram determinar a causa da sua morte e o deixaram como vítima de uma briga de pescadores, o que não fazia sentido, pois seus ferimentos não correspondiam aos de um tiro de arpão.

No final da história, a mulher que vê o que vê não pôde continuar observando e analisando tudo o que acontece ao seu redor, já que estava perdendo por completo a vista, mas consciente de que tudo o que sabia não podia ficar no esquecimento e para morrer em paz, ela se propôs encontrar uma pessoa que escrevera e a ajudasse a registrar tudo o que tinha visto em seu "bairro de recheio" como o costumava chamar, "uma história que ninguém tinha pedido. Assim, se algum dia incendiarem o bairro e nos queimarem, alguém possa estudar e comprovar que não éramos bandidos. Que a pobreza não é delito" (p. 527, tradução própria). A memória de toda uma comunidade deslocada e silenciada que pode ser encontrada em toda a América Latina.

Considerações finais

O Caribe colombiano é uma das áreas mais esquecidas pelo governo. É comum ver as praias paradisíacas e festividades culturais como o carnaval, mas muito pouco é mostrado sobre os habitantes que são marginalizados e que o Estado não quer incluir

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

dentro de seu imaginário. Como afirma Benedict Anderson (2013), o Estado-nação é uma comunidade imaginada construída por meio da seleção de imagens e objetos que representam "o comum" da sociedade. No entanto, foi esta homogeneização que levou o Sistema a excluir as comunidades que não cumprem essas características.

Hoje, apesar de estarmos no século XXI e, de certa forma, termos "destruído" os sistemas de opressão, ainda estão presentes, só que não são implementados por colônias europeias, mas pelo governo que deveria garantir nossos direitos. Por isso, escritores como Roberto Burgos Cantor dedicaram sua vida a retratar, por meio da literatura, as problemáticas que foram silenciadas, dando voz a essas comunidades.

O bairro retratado em *Ver lo que veo* é um claro exemplo da sociedade latino-americana atual. Todos os dias, comunidades negras, camponesas, indígenas e demais são despojadas de suas terras e, em muitas ocasiões, os órgãos governamentais não fazem nada para tentar ajudá-las neste processo, pelo contrário, na sua ânsia de fazer parte do sistema capitalista e ser um país líder, tendem a violentar sistematicamente esses grupos e, por ser um tipo de violência que não é classificada como tal, permanecem imunes.

Por causa disso, é importante prestar atenção a essa forma de violência e não cometer o erro de incentivá-la. Muitas das imagens que costumamos ver sobre determinados lugares não correspondem à metade do que realmente são, e uma estratégia para combater isto é aplicar o “ver o que vejo” da protagonista e do autor. Mesmo que não queiramos, fazemos parte deste Sistema, mas isso não significa que ele não possa ser criticado ou questionado. Toda a história foi moldada através da violência, da barbárie; como ressalta a antropóloga Ana Martínez Pérez, "vivemos em um mundo violento que é tão ou mais violento por causa da violência invisível do que por causa da violência visível" (2012, p. 1, tradução própria).

Por fim, um aspecto importante que o autor reflete em sua obra é como a história é cíclica, daí a importância de dar voz aos testemunhos que foram silenciados. Essa repetição se deve ao desconhecimento que temos de grande parte da história. A violência sistêmica foi implementada há muitos anos, mas hoje, por estar mais conectados e ter acesso a outras línguas e culturas, é mais fácil de identificar. É por isso que o termo distopia é usado com maior frequência na atualidade, porque há mais sociedades que “não

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

cumprem" com essa imagem utópica que os Estados querem representar, com esse conceito de ordem e homogeneização que nunca existiu e tentaram implementar pela força.

Referências

ACNUR. *Tendencias Globales de Desplazamiento Forzado 2022. Copenhagen*: Statistics and Demographics Section. 2023.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas:* reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação:* formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

BUILES, Ana; MEJÍA, Danny. Distopía, frontera y desplazamiento en la novela Ver lo que veo, de Roberto Burgos Canto. *Contexto*, vol. 26, n. 28, p. 58-70, sep. 2022.

BURGOS, Roberto. *Ver lo que veo.* Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2017.

CHAUI, Marilena. *Sobre a violência.* São Paulo: Autêntica, 2017.

CNRR. *El despojo de tierras y territorios:* aproximación conceptual. Bogotá: IEPRI-CNRR-Memoria histórica, 2009.

GMH. *La tierra en disputa:* memorias de despojo y resistencia campesina en la costa Caribe (1960-2010). Bogotá: Taurus, 2010.

HENAO, Simón. La duración del despojo en Ver lo que veo de Roberto Burgos Cantor. *América sin Nombre*, n. 24, p. 49-56, 2020.

MARTÍNEZ, Ana. *Violencia sistémica.* Madrid: Marin, 2012.

OSPINA, William. *Pa que se acabe la vaina.* Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2013.

THEIDON, Kimberly. Género en transición: sentido común, mujeres y guerra. *In:* ROMERO, Mauricio (ed.). *Verdad, memoria y reconstrucción.* Bogotá: Centro Internacional para la Justicia Transicional, 2008, p. 295-325.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência:* seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

REALISMO E DIALÉTICA DA MARGINALIDADE EM INFERNO PROVISÓRIO: REPRESENTAÇÕES DA CLASSE OPERÁRIA NO LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Doutoranda Aldecina Costa Sousa (UFPA/UEMA)[72]
aldecina35@hotmail.com
Profa. Dra. Helena Bonito Couto Pereira (UFPA)[73]
helenabonito.pereira@gmail.com

Resumo: O Realismo está presente na literatura ocidental desde a Grécia antiga, quando Homero, em sua poesia épica, representa as relações entre o homem e a sociedade de seu tempo, permanece até o momento como referência na elaboração e estudo de novas poéticas. A narrativa realista foi ganhando espaço à medida que os artistas da palavra se dedicavam a representar o homem, seus anseios e conflitos na relação com o mundo. No momento, no cenário da produção ficcional brasileira, diferentes concepções de estética realista concorrem entre si na tentativa de contemplar a diversificada produção ficcional que espelha os conflitos sociais em enredos. Nesse contexto de diversidades, destaca-se o projeto literário de Luiz Ruffato, *Inferno Provisório (2016)*, que surge com o propósito de ocupar uma lacuna deixada pela ausência da classe proletária na literatura nacional, motivo, segundo o autor, um ex-operário, que determinou a escolha temática do romance. Ruffato, em suas obras, aborda a realidade dos trabalhadores em meio a um contexto marcado pela influência dos meios de produção. Seus personagens refletem a luta para se adaptar às exigências da sociedade consumista, porém, são constantemente desiludidos pela impossibilidade de se ajustarem a um sistema que os exclui sistematicamente. Analisar como se constrói a representação realista das camadas marginais em *Inferno Provisório*, a fim de contribuir com as reflexões sobre as contingências da vida moderna e as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos nesse cenário é o objetivo deste trabalho. A metodologia consistirá em uma pesquisa bibliográfica fundamentada à luz das publicações de Candido (1970), Lukács (1969); Pellegrini (2007); Rocha (2007); Ruffato (2016); Schölhammer (2009); Sousa (2019); Dalcastagnè (2112), dentre outros.

Palavras-chave: Realismo. Inferno Provisório. Literatura Contemporânea. Dialética da Marginalidade.

Introdução

No contexto da ficção contemporânea brasileira, a narrativa de Luiz Ruffato, especialmente a pentalogia *Inferno Provisório*, destacou-se significativamente e consolidou seu autor como uma das vozes mais influentes no cenário literário atual. Ao

[72] Doutoranda em Letras, Estudos Literários, UFPA. Mestre em Letras. Professora do Departamento de Letras e Pedagogia da UEMA campus Santa Inês.
[73] Doutora em Letras, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Letras da UFPA.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

contar uma versão às avessas da história oficial sobre uma parcela da população por ele detectada como ausente no conjunto das obras da literatura nacional, Ruffato mobiliza técnicas narrativas comumente empregadas na ficção moderna, como a pluralidade de vozes narrativas, a não-linearidade de enredo, a fragmentação, a transição entre gêneros literários e a recusa às formas naturalistas, optando pelo emprego de um realismo que transcende a concepção de que uma obra realista seja a "transposição direta da realidade", através da qual "o escritor [...] registra as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto" (Candido, 2010, p.107).

Soma-se a essas características o fato de que os personagens que circulam ao longo dos cinco volumes da pentalogia representam a realidade brasileira da perspectiva marginal ou periférica. São eles que compartilham com o leitor suas angustias, sonhos, malogros e lutas em busca da sobrevivência. Por outro lado, assim como os personagens que cria, Ruffato é de origem humilde e conviveu de perto com os problemas vivenciados em suas narrativas, não se insere no perfil que caracteriza, predominantemente, os escritores que alcançam reconhecimento e espaço no cenário nacional. Nesse contexto, o termo "marginal" refere-se aos autores cuja produção literária apresenta a voz da periferia e o território em que vivem, bem como a interação entre seus moradores. *Inferno Provisório* e Luiz Ruffato podem ser inseridos nessa categoria.

Assim como são diversas as manifestações estéticas no atual contexto literário do país, igualmente há a necessidade de novas abordagens que possibilitem a análise dessa produção, tanto no que se refere aos aspectos estético-formais quanto sociais. No entendimento de que a obra de arte mimetiza o contexto social de sua produção, João Cezar de Castro Rocha (2004) defende o surgimento de uma nova dinâmica de interação entre os segmentos sociais. Tendo como referência a "Dialética da Malandragem" (1970), ensaio em que Antonio Candido apresenta sua proposta para entender as relações entre as diferentes esferas sociais, Castro observa uma mudança da *dialética da malandragem* para a *dialética da marginalidade* e do conflito. Na nova concepção, o crítico defende que a figura do malandro, que se esquiva astutamente dos conflitos, cede lugar ao marginal, um indivíduo que vive à margem, nas camadas sociais mais baixas, mas que reage e torna-se sujeito do seu próprio discurso.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Partindo dessa perspectiva é que este artigo propõe um mergulho no texto para revelar de que maneira figura, no mundo da obra, a saga dos marginalizados no embate pela sobrevivência e as precárias condições em que vive a classe trabalhadora oriunda do processo de industrialização nos centros urbanos brasileiros. Ou seja, uma abordagem da dialética intrínseca da narrativa que permita entender como se configura o realismo artístico empreendido na urdidura da representação social em *Inferno Provisório*.

Referencial Teórico

Ao longo da história, o desejo de representar artisticamente o real foi se manifestando com características e intensidades diversas até resultar, no século XIX, no movimento artístico que ficou conhecido sob o nome que passou a designar o fenômeno: Realismo, um movimento que apresenta como característica mais marcante o empenho do artista em retratar a realidade com o maior grau possível de fidelidade. Sobre a conceituação desse movimento, Pellegrini (2020, p.15-16) afirma que:

> [...] A partir do século XVIII, na Inglaterra, do século XIX, na França, mais que uma técnica específica, inclusive bastante relacionada à pintura, o Realismo foi compreendido como um modo de representar com fidelidade e detalhe o quotidiano burguês. Desse modo, seu sentido técnico não pode fugir de conteúdos referentes à realidade concreta dessa classe social (e também da classe proletária, a quem comumente se relaciona o naturalismo), em oposição a assuntos ligados a lendas ou feitos heroicos da aristocracia, que alimentavam as narrativas anteriores (Pellegrini, 2020, p. 15 -16).

Em decorrência da "persistente capacidade que possui o chamado Realismo de transmudar-se, travestir -se, transformar-se", a discussão sobre seu significado viceja um debate teórico-crítico antigo e amplo, que na busca por resposta vem "tangenciando os campos filosófico, sociológico e antropológico" (Pellegrini, 2012, p. 11).

Partindo do preceito defendido por Antonio Candido (2000) de que a literatura lê a sociedade ao mesmo tempo em que esta se vê e se (re)faz pela literatura, entende-se que uma proposta estética única não consegue acompanhar as complexas transformações sociais, econômicas e culturais indefinidamente. Assim, da mesma forma que as características do movimento realista se impuseram como as convenções artísticas sintonizadas com a sociedade de seu tempo, com o avançar dos anos tal movimento foi repudiado pelo mesmo motivo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesse processo, a contestação radical de sua validade na representação social veio com as teorias vanguardistas e formalistas do século XX, que originaram a estética do Modernismo. A partir do contexto moderno, a relação entre literatura e realidade foi definitivamente posta em xeque, conforme resume Compagnon (2001, p. 114), quando afirma que:

> [...] segundo a tradição aristotélica, humanística, clássica, realista, naturalista e mesmo marxista, a literatura tem por finalidade representar a realidade, e ela o faz com certa conveniência; segundo a tradição moderna e a teoria literária, a referência é uma ilusão, e a literatura não fala de outra coisa senão de literatura (Compagnon, 2001, p. 114).

Nesse contexto de disputa, em que se revezam correntes críticas partidárias do estudo das relações entre o texto literário e o real, com o destaque para as combinações linguísticas efetuadas na construção do texto (*close reading*), surgem as visões estéticas do filósofo húngaro Gyorgy Lukács (1885-1971) em seu esforço de apontar um caminho para o entendimento do realismo artístico e sua manifestação nas narrativas ficcionais.

O realismo na concepção de Lukács se distancia da chamada representação "fotográfica" da realidade, que tem como característica tentar reproduzir, fielmente, a superfície do mundo visível, por meio da exatidão e da pormenorização de detalhes. Essa percepção tradicional e simplória do realismo entende a representação realista como um quadro estático, enquanto a concepção lukacsiana é basicamente dinâmica. Em outras palavras, para o teórico húngaro, o realismo só se realiza de maneira plena na medida em que alcança a figuração do movimento da história ou, mais precisamente, das "forças motrizes" da sociedade. Nas palavras do próprio Lukács (2010):

> [...] A literatura pode representar os contrastes, as lutas e os conflitos da vida social tal como eles se manifestam no espírito, na vida do homem real. Portanto, a literatura oferece um campo vasto e significativo para descobrir e investigar a realidade. Na medida em que for verdadeiramente profunda e realista, ela pode fornecer, mesmo a mais profundo conhecedor das relações sociais, experiências vividas e noções inteiramente novas, inesperadas e importantíssimas (Lukács, 2010, p. 80).

As considerações acima permitem inferir que, para o crítico húngaro, a literatura realista trata precisamente da representação do real que expressa totalidade. Isto significa que um artista não se limita a expor apenas seus próprios interesses, e sim a real problemática que rege as relações humanas. Assim sendo, a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

literatura tem condições de configurar uma apreensão mais ampla da existência em sua totalidade; em decorrência disso, presume-se que o discurso literário pode representar a realidade bem próximo ao que foi vivido em um determinado momento do desenvolvimento histórico social do homem.

No ensaio *Narrar ou descrever?*, Lukács apresenta o Realismo como método *descritivo e narrativo*. Posicionando-se de forma desfavorável ao *método descritivo*, dirige severas críticas a Zola, que em sua obra *Naná* limita-se a uma descrição plástica de uma corrida de cavalos que, apesar de todo "o seu virtuosismo, não passa de uma digressão dentro do conjunto do romance. Os acontecimentos da corrida são apenas debilmente ligados ao entrecho e poderiam facilmente ser suprimidos, de vez que o ponto de conexão consiste apenas no fato de que um dos muitos amantes passageiros de Naná se arruinou em consequência do desfecho da trama" (Lukács, 1968, p. 44).

O crítico elege o método *narrativo* como a melhor forma para expressar e conhecer a essência da obra de arte, ilustrando sua preferência ao exaltar na obra de Tolstói a mesma "cena" que menospreza em Zola. Em *Ana Karenina*, a corrida é o "ponto crucial de um grande drama", "todas as relações entre os principais personagens do romance entram numa fase decididamente nova, após a corrida. Esta, por conseguinte, não é um 'quadro', e sim uma série de cenas altamente dramáticas, que assinala uma profunda mudança no conjunto do entrecho" (Lukács, 1968, p. 44).

O ensaísta defende que, ao optar pelo método descritivo, o autor assume uma concepção de mundo que o aliena da realidade em decorrência da desilusão frente aos costumes e ao modo de vida burguês que se impõe, que se reflete na construção de personagens apáticos, que apenas observam ceticamente o mundo ao seu redor. Diante do caráter "acabado" do capitalismo, sua inumanidade se expande e impede que esses personagens se filiem às ações transformadoras de uma época. Lukács opõe-se a esse comportamento por entender que ele elimina a singularidade do proletariado, e o impede de insurgir-se contra a opressão da burguesia, que se estratifica e vive confortavelmente (Lukács, 1968).

Sendo assim, a literatura verdadeiramente realista e elevada não se restringe à descrição dos destinos singulares das personagens. As personagens típicas que ela constrói

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

estão intrinsecamente relacionadas à unidade contraditória da vida social - suas características morais, emocionais e psicológicas, por exemplo, refletem uma articulação enérgica com uma totalidade dinâmica e viva. “Em nenhum momento, ocorre serem tratados como simples estados de espírito subjetivos [...] - e é aí que intervêm a objetividade radical, quase brutal, de Shakespeare [...] “a literatura deste tipo é fundada na relação do homem com o mundo” (Lukács, 1968, p. 151).

Diante do caráter arrojado da escrita ruffatiana e do ineditismo temático de sua abordagem no contexto da literatura brasileira contemporânea, é pertinente conciliar o realismo lukacsiano à análise proposta a teoria da Dialética da Marginalidade, desenvolvida pelo crítico e professor universitário João Cezar de Castro Rocha (2007), na qual ele propõe um novo modelo para a análise da cultura brasileira contemporânea. Acredita-se que congregar as duas chaves de leitura seja o caminho para investigar como personagens e elementos da narrativa contribuem para a lógica do sistema das relações sociais e de que forma se articulam para a representação do marginalizado, cabe esclarecer, dos que vivem à margem da sociedade e da ficção contemporânea. Em síntese: “o termo marginal não possui conotação unicamente pejorativa, representando também o contingente da população que se encontra à margem, no tocante aos direitos mais elementares, sem dispor de uma perspectiva clara de absorção, ao contrário do malandro” (Rocha, 2007, p. 38). Na perspectiva de Ferréz (2015):

> A literatura marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. Temos assim duas pessoas de que particularmente sou fã e não estou sozinho na admiração, estou falando de Plínio Marcos e João Antônio, como autores marginais, ou seja, à margem do sistema, já que falavam de um outro lugar com voz que se articulava de uma outra subjetividade (tá vendo, quem disse que maloqueiro não tem cultura? (FÉRREZ, 2005, p.12).

Os autores marginais ou periféricos desviam-se das normas culturais estabelecidas pela tradição literária e adotam uma linguagem alternativa, explorando experimentações linguísticas que parecem dar mais autenticidade aos relatos de violência em todas as suas formas. Assim, o universo desses marginalizados não se restringe mais aos livros escritos por autores de classe média que os tratam como meros objetos, mas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

inclui também a produção literária de indivíduos que viveram na pele a experiência da exclusão. Em resumo, enquanto antes esses grupos sociais eram apenas o tema dos escritores, agora se percebe uma mudança em direção ao papel de sujeitos no processo de escrita.

Para formular a argumentação de sua teoria da Dialética da Marginalidade, Rocha parte das ideias centrais do ensaio "Dialética da Malandragem" (1970), de Antonio Candido. O crítico propõe substituir a conciliação entre indivíduos de classes sociais diferentes para evitar o conflito, da teoria de Candido, pelo confronto que tem como consequência a exploração e o evidenciar da violência que não mais será encoberta e passará a permear as relações entre os membros das classes baixa e superior. Ou seja,

> [...] a "dialética da malandragem" está sendo parcialmente substituída ou, para dizer o mínimo, diretamente desafiada pela "dialética da marginalidade", a qual está principalmente fundada no princípio da superação das desigualdades sociais através do confronto direto em vez da conciliação, através da exposição da violência em vez da sua ocultação (Rocha, 2007, p. 33-36).

Candido formulou sua teoria sobre a representação do comportamento do brasileiro a partir da análise de um artefato cultural, no caso o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, no qual identificou um "princípio mediador" das relações entre as classes, presente na ficção e no contexto social da segunda metade do século XIX, e ilustrado no romance na figura de Leonardo, personagem malandro que, através de um "jogo dialético da ordem e da desordem, funcionando como correlativo ao que manifestava na sociedade daquele tempo" (Candido, 1978. p. 336). Rocha, por sua vez, também se volta para a análise da prosa ficcional e constata que no cenário cultural contemporâneo vêm surgindo autores que se dedicam a interpretar e simbolizar as diferenças sociais representando os indivíduos que se encontram à margem da sociedade. Destaca, neste sentido, *Cidade de Deus* para explicitar as contradições da dialética da malandragem e do sistema social brasileiro, inaugurando uma "radiografia da desigualdade" (Rocha, 2007. p. 8).

A análise do romance de Paulo Lins permitiu ao crítico observar uma representação simbólica da sociedade brasileira que torna possível empreender uma outra interpretação da identidade brasileira: a marginalidade, a ruptura. Essa nova representação

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

simbólica é resultante de outro fenômeno profundamente relacionado às manifestações culturais propriamente ditas, a representação do excluído, do marginal.

No ensaio em que propõe sua teoria, Rocha chama a atenção para o fato de que ainda não houve a superação do modelo de interpretação proposto por Candido, trata-se de "um fenômeno que tem ocorrido nos últimos anos, cujas consequências não podem ser avaliadas, uma vez que ainda está em pleno desenvolvimento" (Rocha, 2007, p. 31). Destarte, as duas teorias, "dialética da malandragem" e "dialética da marginalidade" convivem em uma disputa simbólica, da "guerra" entre relatos que exige uma "nova" metodologia para a análise da "natureza conflitiva da vida cotidiana brasileira" (Rocha, 2007, p. 56).

Memórias de um Sargento de Milícias está para a Dialética da Malandragem assim como *Cidade de Deus* está para Dialética da Marginalidade. É este romance que ilustra a violência explícita da dialética da marginalidade, nele se identifica o discurso do dominante e do dominado, que reage, toma a palavra e usa-a de forma autônoma para expressar sua insatisfação. Além disso, permite constatar que se antes, no romance de Almeida, o malandro não confrontava, agora, o marginal quer confronto, guerra. Verifica-se, assim, que o discurso que expõe o conflito e a ruptura na sociedade brasileira contemporânea tem suplantado a harmonia e a conciliação que são a tônica da dialética da malandragem.

Realismo e Dialética da Marginalidade em *Inferno Provisório*

Inferno Provisório pode ser considerado uma epopeia que narra, em um período de 50 anos, a formação da classe operária brasileira e os problemas por ela vividos no processo de modernização do Brasil. Mas, ao contrário dos majestosos heróis épicos que partem em busca de feitos que lhes trarão honra e glorificação eternas, acompanhamos crianças, homens e mulheres em permanente e infrutífera luta para fugir de um ambiente que os expõe a todo tipo de violência e resulta em um legado que colabora para que suas vidas sejam marcadas por remorsos, rancores, culpas e arrependimentos. Estes visíveis porque as narrativas que compõem o macrorromance não focam nas atividades laborais dos operários no ambiente fabril e sim nos efeitos e transformações socioculturais

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

advindos do processo de industrialização que afetam psicológica e afetivamente as relações dos sujeitos envolvidos nesse processo.

"Uma fábula", a narrativa que inicia *Inferno Provisório*, é ambientada nos anos 50 do século XX, no interior de Minas, quando o perfil socioeconômico do Brasil ainda seguia um modelo agrário, conservador, patriarcal e semifeudal. É neste contexto que emerge o núcleo familiar, Bettio-Micheletto, descendente de imigrantes italianos cujos membros dão sequência, agora em terras brasileiras, à "diáspora dos sobrantes, dispersos aos quatro cantos" (Ruffato, 2016, p. 21)[74], na afluência do êxodo para as cidades onde se concentra o processo de industrialização, atraídos pelo trabalho assalariado e o sonho de viver em condições melhores que seus antepassados.

Chama atenção o fato de a narrativa de abertura principiar com um nascimento. Um parto difícil traz ao mundo "André pequeno, Andrezim", o caçula de "treze rebentos" – oito meninas e dois meninos, que sobreviveram às vinte gravidezes da mãe, Chiara Bettio. Escolhida após o futuro marido, Micheletto Pai, avaliar "que pela largura das ancas mostrava-se boa parideira" (p.18), aprisionada pelo marido violento e negligente, a mulher enlouquece e morre. As dificuldades que envolvem o nascimento do personagem é um presságio das adversidades e percalços que a família enfrentará em decorrência da visão de mundo, dos valores conservadores e da extrema violência que norteiam as atitudes do patriarca em sua relação com a família e os empregados de sua propriedade.

Devido ao temperamento abespinhado, "tudo dava nos nervos do Micheletto velho, que, cego, usava o que estivesse à frente, porrete, corrião, vara de marmelo, bambu, relho, chicote, cacumbu" (p. 21) para surrar os filhos, que foram desdobrados "entre machados e queimadas, arados e enxadas" (p. 17), sobrecarregando mais ainda as filhas que ocupavam muito do seu tempo "cozinhando e areando vasilha, carreando caldeirão de comida e café coado na hora" assim como "aguando a horta e pajeando gado, ajeitando a casa e varrendo o terreiro, tirando leite e batendo manteiga, [...] colhendo milho e

[74] Todas as citações referentes às narrativas aqui analisadas fazem parte do volume definitivo: RUFFATO, Luiz. *Inferno Provisório*. Companhia da Letras: São Paulo, 2016. Doravante, às citações apresentadas serão acrescidas apenas a página.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

debulhando, lavando roupa e passando" (p. 21) na faina diária destinada às meninas na fazenda.

A despeito da ausência de afeto com a família, o pai dedicava "suas afeições, mais pelas criações e pela lavoura que pela prole, que aquelas dão trabalho, mas alegrias, e estas, decepções apenas" (p. 17). O desamor chega ao ponto de o fazendeiro assassinar a própria filha quando esta, para escapar da opressão, tenta fugir com um mascate para o Rio de Janeiro. Se para a filha e a esposa do Micheletto a saída foi a morte, aos que sobreviveram a saída era o casamento, se moças, e se rapazes partir para centros maiores em buscar de melhores condições de trabalho para viver com dignidade.

Com a dissolução da família, malogra o sonho de Micheletto tornar-se um fazendeiro bem sucedido e respeitado na comunidade. Desiludido, "sitiou-se na fazendola, homiziado entre os animais, comendo, bebendo e dormindo com eles, bicho ele mesmo". Por um tempo, foi o centro das conversas e especulações da vizinhança; "depois alusão, lenda, nada, enfim: a barroca asselvajada, temida, submersa no silêncio primevo, encapsulada no esquecimento, suspensa na memória" (p. 21).

O enredo da narrativa que inicia *Inferno Provisório* pode ser entendimento como uma alegoria, uma fábula que representa o processo conturbado de industrialização do Brasil: assim como o personagem André nasce temporão, de um "parto sofrido", deixando graves sequelas na mãe, Chiara, que aqui personifica a sociedade brasileira, haja vista que ambos vigoram, mas se desenvolveram de forma débil e acabrunhada. André consegue escapar do jugo paterno, porém perde suas raízes com o esfacelamento de sua família, e não dispõe de vigor nem subsídios para transpor as fronteiras das imediações do lugar onde nasce e realizar o sonho acalentado de partir ao encontro de uma vida melhor. Os planos, sempre adiados, não se concretizam, ficando apenas na promessa de

> um dia encorajar-se, aventurar em Ubá, dizem que cidade grande, de amplas modernidades, espiava o ônibus resfolegante na praça, Cataguases-Ubá, janelas pintadinhas de olhos, baixava a canga, iria ainda, deixa estar, arrumava emprego numa fábrica de móveis, ganhava dinheiro, punha um implante de dente de ouro na boca, e, depois sim, caçava uma noiva, casava, pois, a que outro fim se destina a vida? E perseguia essa toada, decidindo terça-feira ir embora para a semana, já arquitetando o desfazimento dos trens, A enxada negocio, E a bicicleta?, E a bicicleta?, e, não deparando com solução, catapultava a viagem para data mais adiante, aí esbarrava na compromissama, uma partida do segundo-quadro do Spartano, o batizado de um sobrinho, a crisma de um afilhado, uma pescaria, um enterro, um olhar

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> buquê-de-promessas, até que, ao fisgar um sabonete numa barraca de pescaria na quermesse da festa junina da igreja de São Sebastião, o irmão tocou seu ombro (p. 22).

Dinâmica semelhante se dá no processo de modernização do Brasil. À época, tínhamos uma sociedade pautada na herança de um longo processo de dominação colonial, recém-saída de um modelo econômico centrado na monocultura escravagista, que apostou na implantação da industrialização para chegar ao patamar de país de primeiro mundo. O processo deu-se de forma bastante desigual entre as diversas regiões do país, malogrando a saída do subdesenvolvimento, pois não houve redução dos problemas sociais que afetam uma parcela significativa da população. Voltamos à condição de um país rico em recursos naturais, com um futuro grandioso, que não conseguiu proporcionar condições de vida digna e acessível a todos os seus filhos em seu projeto modernizador. Ou seja, o país enveredou na contramão de um modelo de industrialização recomendado para o pleno sucesso, que incluiria:

> [...] uma industrialização autossustentada sobre bases preponderantemente nacionais, sob direção de uma burguesia hegemônica, capaz de defender seu próprio mercado, inserindo-se na divisão internacional do trabalho enquanto classe dirigente de uma nação soberana (Hardman; Leonardi, 1982, p. 106).

Como os critérios necessários para o êxito do projeto não foram atendidos, tem-se como resultado uma sociedade na qual "as reformas sociais básicas não foram alcançadas, a modernização do setor econômico não foi satisfatoriamente implementada e a redistribuição da riqueza não foi seriamente iniciada" (Rocha, 2007, p.5). Desse modo, a concentração de riquezas ficou restrita a uma casta superior que se perpetua no poder, independe de mudança ou de insatisfação geral.

Outra narrativa bastante representativa de ambos os projetos – o literário de *Inferno Provisório* e o da industrialização do país – é "A Mancha", que enuncia alguns acontecimentos da trajetória de Bibica, ex-moradora da Ilha, zona do baixo meretrício de Cataguases. Decidida a abandonar a prostituição, aluga um barraco no Beco do Zé Pinto, espécie de cortiço onde vivem, "amontoados todos" em condições precárias, diversas famílias de baixa renda, e passa a sustentar a si e aos filhos lavando roupa para as famílias mais abastadas da cidade. Além de "A Mancha", a personagem e seus três filhos, Zunga,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Jorge Pelado e Marquinhos, integram também as narrativas "Jorge Pelado" e "Ciranda". Lidas em separado, o enredo de cada uma centra-se em um deles; em conjunto, dão vislumbres de um período considerável de suas trágicas existências.

Sozinha e analfabeta, Bibica faz parte de um contingente de cidadãos órfãos das benesses advindas com a modernização. Trata-se de uma sobrevivente, ocupada "de manhã à noite na lida: lavava, esfregava, batia, enxaguava, quarava, estendia, secava, recolhia, passava, entregava" (p. 29), em luta permanente para criar os filhos e não sucumbir à opressão e ao preconceito decorrente do ofício de que se valeu no passado. "Sofria com a fama de perdida, queria apagar aquela passagem, uma gosma, uma lepra, uma nódoa que não saía nem esfregando com todo o sabão do mundo. Dessa mancha aproveitou seu Antônio, bode velho" (p. 26).

Em um momento em que a lavadeira estava sem recursos para as despesas da casa e entrega das lavagens de roupas aos clientes, pôs-se a indagar "como ferver aquele mundaréu de roupa se não tinha dinheiro nem para o querosene?" (p. 26). Bibica sabia que "o Beco inteiro comprava fiado na venda dele, anotava na caderneta, menos ela" (p. 26). Será que ela também não podia fazer o mesmo? Decidida,

> [...] acendeu o pito, e, cachimbando, tomou a resolução de ir falar com o seu Antônio. Não era possível ele não fiar para ela. Que perguntasse para o seu Zé Pinto se ela não pagava o aluguel e a pena d'água direitinho, todo fim de mês, nota sobre nota; e se não pagava o Homero para rachar lenha para ela, de quinze em quinze dias; que especulasse de todo mundo se devia para alguém, se reuniam alguma queixa contra ela, uma mulher direita, sim senhor (p. 26).

"No começo, enfastiada" (p. 27), Bibica resiste ao assédio do comerciante. "Dias desguiou do passeio da venda, medo da reação dele. Mas aí começou a faltar de tudo em casa: sabão, pau de fósforo, pó de café, macarrão, fubá, pedra de anil" (p. 27), e ela se rendeu também por sentir-se "[...] envaidecida. Há muito se sentia um bucho, incapaz de despertar interesse… E, de repente…" (p. 27). Torna-se amante de Antônio Português, que lhe "prometeu mundos e fundos" e, às escondidas, cobriu-lhe de presentes e atenção até o momento em que a lavadeira se dirigiu ao comércio para comunicar: "eu acho que peguei filho…" (p. 28). Em resposta, ela ouve palavras duras que a deixam desolada:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Então vens ao meu comércio para dizer-me um desatino desses? Não tenho nada com isso, dona Bibica! Nada! A senhora é que procurou-me, dona Bibica, a senhora é que engraçou-se toda. Minha Filhinha lá em Juiz de Fora, internada, doente dos nervos, e me vens com tamanho despropósito! Sou um homem estabelecido, dona Bibica, um homem honrado! De onde vens? Da lama! Uma rameira! Ora, faça-me o favor! Ponha-se daqui para fora! (p. 29).

Do romance malogrado, restou a Bibica desilusão e mais um filho para criar, sozinha, já que seu Antonio se recusa a assumir a paternidade de Marquinhos. Oito anos mais tarde o menino morre tragicamente "atropelado por um cataníquel, [...] bem em frente à mercearia do seu Antônio, Antônio Português, boa bisca!, que destino!, o começo, o fim" (p. 26). A perda deixa a mãe "desnorteada, subiu para a rua. Ao chegar no passeio, Zulmira a abraçou, em prantos, Que desgraça, Bibica, que desgraça! Zumbi, desvencilhou-se", e "arrastando pernas de chumbo, abriu uma clareira no ajuntamento e deparou com o corpinho caído sob as rodas do cataníquel, uma poça de sangue, a cabeça esmigalhada, o sol escureceu" (p. 26).

Infelizmente, as perdas da lavadeira não ficaram apenas em um filho. Em "Jorge Pelado" ficamos conhecendo o fim, não menos trágico, que teve Jorginho, que foi criado com os recursos que a mãe obtinha com as lavagens de "roupa pra fora, dinheiro curto, um aperto criar os filhos [...] sozinha" (p. 26). Em um ambiente precário, moravam em um "barraco no Beco do Zé Pinto, [...], amontoados todos no mesmo cômodo, um frege!" (p. 26). Semianalfabeto, sem oportunidades e boas influências, enveredara pelo mundo do crime e acabara morto pela polícia. Seus últimos pensamentos sinalizam o quanto a vida de pessoas como ele e sua família são insignificantes, esquecidas pelo poder público. Abandonadas à própria sorte, a morte é o esquecimento definitivo.

> Bibica, quando a gente morre ninguém mais lembra da gente… Claro que alembra! Lembra não… Ninguém mais lembra do Marquinho… Eu alembro, meu filho. E você também… Você alembra, não alembra? E o Zunga… Mas, quando a gente morrer, eu, você, o Zunga, quem vai lembrar do Marquinho? E quem vai lembrar da gente, Bibica? Ô, raio! Não sei daonde você tira essas conversas! Parece gente grande, sô!) Minha hora chegou, Bibica… Ninguém mais vai lembrar de mim… Ninguém, Bibica… (p. 187).

"Ciranda" é a narrativa que gira em torno do filho mais velho de Bibica, Zunga, criado nas mesmas condições e ambiente. É longevo, mas a vida

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que lhe cabe é tão trágica quanto a dos demais membros da família. Sem escolaridade, pedófilo, de caráter duvidoso, alcoólatra, sobrevive do jogo do bicho e de pequenos golpes que aplica com a cumplicidade dos amigos
de malandragem. Sempre motivo de preocupação e tormento para a mãe, ele passa os dias

> [...] vendendo bicho pro doutor Normando, negócio arriscoso, sempre negaceando da polícia, uma preocupação danada, de vez em quando ia preso, uma vergonha, meu deus!, dormia lá na cadeia, mas logo-logo era solto, o doutor Normando tinha influência, casado com uma Prata — nomes de ruas, donos das fábricas — e Zunga na vida de novo, gastando na Ilha o pouco que ganhava, mulher-dama e buraco [...] (p. 191).

O título da narrativa que foca em Bibica, *A Mancha*, vai adquirindo várias conotações à medida que aprofundamos a leitura: a mancha se refere ao estigma que Bibica carrega por ter se prostituído quando se viu sozinha e desamparada? Ao sangue que marca o local onde Marquinhos, assim como tantas outras crianças que já nascem condenadas a uma existência precária e breve, perdeu a vida e passa à estatística e ao esquecimento com o tempo? Ou será ao insucesso de um país que não inclui igualmente todos os cidadãos em seu projeto modernizador e assim aprofunda as desigualdades, a miséria e a exploração dos mais carentes? Muitas questões podem ser inferidas, mas todas confluem para representar, com fulcro na história da ex-prostituta Bibica, a falta de perspectiva, o analfabetismo, a pobreza, o esfacelamento dos laços familiares, a morte, a exploração e o abandono a que foi submetida uma significativa parcela de trabalhadores brasileiros durante o processo de industrialização do país. Fenômeno social que, fossilizado, manifesta-se até os dias atuais.

No painel ficcional que retrata o surgimento da classe operária no Brasil, os indivíduos imaginados por Ruffato demonstram a intensidade essencial para representar "o drama humano e seus liames" em um percurso humano que se desenvolve em um cenário específico na obra e na vida sob as restrições sufocantes do sistema capitalista, o qual converte, “dia após dia e hora após hora, em ‘cadáveres vivos’ milhares de homens vivos, dotados de infinitas possibilidades humanas” (Lukács, 2010, p. 184).

As narrativas analisadas são oportunas para uma abordagem sob a ótica da dialética da marginalidade, teoria proposta por Rocha (2007) para atender a uma nova tendência em curso, que é a presença e a voz dos marginalizados nas produções artísticas,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

em especial, a literária, como se verifica nas histórias que compõem *Inferno Provisório,* cujo enredo gira em torno da vida miúda de seus inúmeros personagens.

Ruffato opta por dar voz e visibilidade aos trabalhadores que vivem à margem, traz à cena uma parcela da população excluída do êxito do progresso econômico e, assim, faz uma crítica ao progresso pela ótica do trabalhador, na contramão do discurso oficial da modernização apresentado pelos dirigentes do país. André, personagem da narrativa *Uma fábula*, representa os milhares de trabalhadores rurais que deixaram o trabalho árduo e árido na lavoura para ingressar no trabalho mal remunerado nas fábricas e no comércio. À Bibica, de *A Mancha*, e às trabalhadoras, analfabetas e sem qualificação, resta vender o corpo no mercado do sexo, o trabalho doméstico ou desenvolver uma atividade informal que garanta ao menos a sobrevivência nas comunidades periféricas dos grandes centros urbanos do país.

Não é por acaso que Ruffato se vale da ironia quando Pedro, irmão de André, apresenta-o ao forasteiro "simpático" que surge com a promessa, infere-se, de vida melhor: "André, esse é o Salvador". O estranho cumprimenta o jovem: "Salvador, seu criado", que em contrapartida balbucia: "Seu criado", repetiu, encabulado" (p. 22). De fato, a posição subalterna, "seu criado", cabe aos jovens e não ao senhor bem apessoado que afirma: "Vou precisar muito de vocês". Posição confirmada pela resposta do Michelleto caçula "seu criado". O "salvador" dos desesperançados ainda se faz presente nas cidadezinhas do interior do país a seduzir com falsas promessas de prosperidade e vida digna jovens como os personagens ruffatinanos, que ao questionamento "[...] o quê que esse Salvador fez que vai precisar tanto assim da gente?", ouvem como reposta: "Nada ainda… Vai fazer…" (p. 27).

Considerações finais

Para Candido (2000), a literatura estabelece um diálogo com a sociedade. Por ser concebida em um contexto específico, em uma língua determinada, em um país específico e em uma época determinada – na qual geralmente se pensa de uma certa maneira –, a literatura reflete as características do seu tempo histórico e social. Considerá-la como um fenômeno intrinsecamente conectado à vida social é buscar compreender como os valores

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

presentes na sociedade e no contexto de produção da obra estão incorporados nela. Desse modo, o declínio, a falência, a inaptidão e o abandono apresentados pelos personagens ruffatianos podem simbolizar o fiasco do progresso brasileiro, no qual a acumulação de capital, por meio da exploração feroz, deixou para a maioria, não mais o sonho da ascensão, mas o pesadelo do fracasso permanente.

É inegável que *Inferno Provisório* é bastante oportuno para uma reflexão sobre a face de um Brasil que permanece muito distante de incluir todos os cidadãos no seu projeto de modernização. Sob a ótica dos indivíduos que conviveram mais com as dificuldades e pouco com as benesses da modernização nacional, o universo ficcional criado por Ruffato apresenta os efeitos danosos que resultaram em uma sociedade caótica e desigual.

Referências

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das Memórias de um sargento de milícias). In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. N. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

CANDIDO, Antonio. Realidade e realismo. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FERRÉZ (org.). Terrorismo literário. In: *Literatura marginal*: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*: das origens aos anos vinte. São Paulo: Global Ed., 1982, p.106.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance*: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades/Editora34, 2000.

LUKÁCS, G. Marx e o problema da decadência ideológica. In: *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.

LUKÁCS, G. *Narrar ou descrever*. In: *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro, 1968.

PELLEGRINI, Tânia. *Realismo e realidade na literatura*: um modo de ver o Brasil. São Paulo: Alameda, 2020.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

PELLEGRINI, Tânia. Apresentação Realismo: modos de usar. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n.39, jan./jun. 2012.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dezembro 2007.

ROCHA, João César de Castro. "A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a 'dialética da marginalidade'". IN: *Revista Letras*, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, n. 32, jun., 2007. p. 23-70. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909. Acesso em: 12 dez. 2019.

ROCHA, J. C. de C. *Dialética da marginalidade*: caracterização da cultura brasileira contemporânea. Folha de S. Paulo, 2004. Disponível em: http://bit.ly/1U90UFl. Acesso em: 5 set. 2022.

RUFFATO, Luís. *Inferno Provisório*. Companhia da Letras: São Paulo, 2016.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

UNIDADE DE ENGENHO POÉTICO: UMA PROPOSTA PARA A CONVIVÊNCIA COM POEMAS NA SALA DE AULA

Olavo Barreto de Souza (UEPB)
prof.olavobsouza@gmail.com

RESUMO: Quando se trata da leitura literária na escola, os gêneros poéticos são, quase sempre, colocados em segundo plano, em detrimento de gêneros narrativos. Ademais, um axioma popular afirma sobre a ilegibilidade de poemas, razão pela qual o leitor em formação prefere, ou é conduzido a preferir, expressões literárias supostamente objetivas, tais como narrativas curtas ou que exigem uma interação sem muitos investimentos na produção de sentidos. Em contraponto a isso, entendemos que a poesia oferece um universo de significados que desafia e amplia a compreensão do mundo e das emoções humanas. Porém, o que muitas vezes está em falta é um espaço para convivência com poemas, de modo a contemplar a leitura, a interpretação e o seu registro, traduzido em novas composições poéticas. Diante dessa contextualização, nesse trabalho apresentamos uma proposta para intervenção em sala de aula utilizando-se da leitura e escrita de poemas como modo para o desenvolvimento de práticas de letramento literário. Considerando o diálogo com as ponderações de Sorrenti (2009), Pinheiro (2007), Cosson (2020), Moisés (2012), dentre outras autorias, descrevemos o procedimento da Unidade de Engenho Poético que consiste em três momentos que se relacionam: experimentação, no qual o enfoque está na leitura do poema; a reflexão, consistindo no movimento de mobilização de ações interpretativas endo/exotextuais; e a produção, cujo centro está na escrita de poemas, a partir de um trabalho prévio de leitura. Após essa descrição, apresentamos breve relato sobre nossa experimentação dessa abordagem metodológica. Por fim, como resultados, compreendemos que o presente procedimento pode auxiliar o docente a desenvolver significativas leituras literárias de poemas, no contexto escolar, de forma a proporcionar ao educando uma convivência expressiva com o engenho poético, seja na escrita ou leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Letramento literário. Ensino.

Introdução

A leitura e a escrita literárias de poemas, no contexto da sala de aula, são atividades que, ainda, em muitas realidades, possuem pouca frequência. Essa raridade de ações que efetua a convivência com o texto poético, por diferentes implicaturas contextualizadas às realidades educacionais, têm por efeito a produção de alguns equívocos. Dentre eles, está a noção de que poesia é algo hermético, intangível, desabilitado para a formação de estudantes, haja vista a concorrência com outros gêneros prestáveis ao serviço da informação. Dada a objetividade desses gêneros e sendo a poesia gregária do questionamento dos códigos sociais, tais como uma gramática estritamente normativa na

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

produção de textos, a expressão subjetiva da estesia do indivíduo, a comunicação das percepções sobre si e sobre o mundo, as ações pedagógicas envolvendo o texto poético quando presentes surgem como atividades fora da curva do currículo escolar. Ou, ainda, estando dentro do currículo, podem vincularem-se a outros propósitos que não estéticos, num sentido abrangente. Nesse caso, a atividade com o poema está subjugada ao projeto temático da escola, a fim de cumprir parte da ação para datas comemorativas, dentre outras efemérides. O cenário mais precário dessa realidade é o próprio silenciamento da poesia no currículo, sendo a prática de leitura e, principalmente, de escrita devotada a outros gêneros em função de avaliações externas e exames de admissão. A configuração dessa realidade, sob nossa ótica docente, está na falta de espaço para convivência com poemas na sala de aula, bem como fora dela. Não trataremos aqui da leitura literária em outros lugares além da escola. As afirmações dispostas aqui rondam sobre o papel do professor, da escola e do educando no curso da aproximação com textos poéticos, em vista da descrição de um procedimento didático: a Unidade de Engenho Poético.

Contextualizando o leitor, quero inicialmente dizer de onde partiu essa minha ideia com esse procedimento didático. Para tanto, abro o espaço para uma pequena narração. No semestre 2024.1 assumi o componente curricular Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa II, no curso de licenciatura em Letras, no Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba. Dentre as atividades desse componente, está a exploração de metodologias diversas pensando o ensino de língua portuguesa, no contexto do ensino médio. Dentre as metodologias apresentadas, em sua maioria versavam sobre o ensino de escrita e de análise linguística. Ao iniciar discussões como a da Sequência Básica, de Cosson (2006), senti a necessidade de criar uma estratégia didática envolvendo a leitura e a escrita de poemas. Em termos gerais, a Sequência de Cosson pode ser utilizada em diversos contextos. Porém, gostaria de lançar mão de uma atividade que contemplasse exclusivamente a leitura e escrita literárias de poemas. Disso surgiu a Unidade de Engenho Poético que será descrita em sessões seguintes. Dessa forma, o presente texto cumpre o propósito de relatar essa experiência com meus alunos, bem como a proposição de uma estratégia em processo de formação.

Portanto, diante das considerações expostas, o presente texto tem como questão

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

norteadora: como desenvolver ação didática sequencial com o texto poético em sala de aula, considerando os aspectos da leitura e da escrita, de forma que esses elementos se complementem? Para tanto, temos como objetivo geral apesentar a metodologia da Unidade de Engenho Poético como ação didática sequencial, considerando seu aspecto construtivo tendo em vista a leitura e a escrita de poemas. Como objetivos específicos, temos: discutir o significado da convivência com poemas em sala de aula; descrever os momentos da Unidade de Engenho Poético: experimentação, reflexão e produção; e refletir sobre os desdobramentos didáticos que a Unidade de Engenho Poético pode favorecer.

Com a finalidade de organizar nossa discussão e descrição sobre a estratégia metodológica aqui focalizada, desenvolvemos as seguintes seções. Primeiramente, na intitulada "Para engenhar concepções teóricas", em diálogo com alguns autores, desenvolvemos algumas reflexões sobre a formação do leitor de poesia, além de evidenciar sobre a presença da poesia na escola. A segunda sessão intitulada "Poeticamente entre práticas pedagógicas: Unidade de Engenho Poético (UEP)" descrevemos os passos que compõe essa metodologia. Por fim, nas "Considerações finais" pontuamos sobre as possibilidades de desdobramento dessa metodologia em outros contextos educativos.

Para engenhar concepções teóricas

O trabalho com o poema na sala de aula considera, sobretudo, a formação do leitor de literatura, conjuntamente com o seu escritor. Ambos focalizados na pessoa do educando. Entendemos que a prática de escrita, realizada de modo significativo, advém de uma convivência próxima com a leitura. Ainda, essa escrita torna-se uma espécie de manifestação interpretativa, segunda qual o docente tem papel preponderante na condução desse movimento que instiga o educando a desenvolver sua sensibilidade literária. Sobre esse aspecto, ao tratar do perfil do leitor do texto poético, pondera Sorrenti (2009):

> Mais do que nunca, é tempo de valorizar o perfil do leitor do texto poético, lembrando o papel preponderante que tem a interação texto-leitor. Tal interação, vista à luz da contiguidade, da correspondência que se avizinha no jogo de troca de experiências, reforça ainda mais a importância do papel do professor na tarefa de iluminar o grande

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> encontro entre o texto poético e o aluno. (Sorrenti, 2009, p. 151-152).

Essa iluminação se traduz em conviver com poemas. Do que se trata essa convivência senão a promoção de encontros com a palavra poética? De forma sistemática, com intencionalidade, o professor vai apresentando modos de ler o poema, bem como escutando dos educandos como esses modos se associam às suas próprias experiências com a palavra. Cada leitor chega à leitura com uma bagagem que lhe é própria, seu horizonte de expectativas, seu repertório de experiências de vida, seus conhecimentos sobre o funcionamento do sistema da língua nas suas possibilidades de articulação. Dada a heterogeneidade dessa realidade, o docente se coloca, primeiramente, como interpretante do seu grupo de educandos, buscando compreender como a matéria poética pode suscitar diferentes abordagens de leitura. Isso será importante para a seleção de textos a serem explorados na condução dos momentos de interação com os poemas. Disso advém a iluminação: colocar em foco sentidos, formas, possibilidades, dentre outros elementos que oportunizem o desenvolvimento da leitura de poemas.

Diante disso, verificamos que existem diversos modos de ocorrência dessa iluminação. O texto poético é propício para comunicar sensibilidades, afetos, estesia. Além disso, todo arsenal criativo do leitor pode concorrer para o desenvolvimento da interpretação que se dá na leitura e na escrita, no que o texto alheio suscita em mim e em qual é a resposta que fornecerei diante disso. Assim, percebemos, conforme desenvolve Moisés (2012), que o poema possui seu aspecto de funcionalidade, como é enunciado em seguida:

> A função primordial de um poema, como de toda obra de arte, é nos comover. Diante de um poema, vivemos uma experiência emocional, que estimula a nossa fantasia, apela para a nossa intuição sensível. [...] O poema nos comove, com certeza, e nos proporciona intensa experiência emocional, mas só através da reflexão rigorosa e da argumentação racional é que conseguiremos extrair dele a lição de vida que se esconde em suas entrelinhas. (Moisés, 2012, p. 197-198).

Quando o autor trata da reflexão, isso também adentra o professor na iluminação do percurso. O processo de mediação se ajusta ao diálogo reflexivo sobre o poema. Por isso, além de experimentar a leitura dos versos, buscando o tom suscitado pela materialidade textual, o docente precisa levar o aluno a refletir sobre os aspectos estéticos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

e estruturais do poema. Ou seja, isso admite tornar consciente como os usos da linguagem operam no texto. Para tanto, é preciso sondar sobre como aquela construção poética nos fornece sua chave de leitura, a partir de uma análise dos elementos interiores e exteriores ao texto.

Pinheiro (2007) coloca em foco:

> Se a criança ou jovem vai depois se tornar um leitor de poesia não temos como afirmar, mas temos o dever de levá-lo a ter contato com uma poesia em que estejam representados seus desejos, suas dúvidas, seus medos, suas alegrias, enfim, sua experiência de vida. Mas também proporcionar-lhe leituras desafiadoras que possam questionar posições, preconceitos e colaborar para que se tornem leitores mais exigentes. (Pinheiro, 2007, p. 89).

A ponderação acima traz uma reflexão pertinente ao trabalho com a poesia na sala de aula. Ela não é simplesmente uma panaceia ou um manjar que supre desejos e acalenta o espírito. A poesia, sobretudo, deve desafiar o leitor, colocar em foco elementos significativos da experiência humana para diálogo e confrontações. Portanto, na seleção dos poemas para o trabalho da Unidade de Engenho Poético deve-se ter em mente quais discussões podem advir daquela leitura, sejam elas de ordem disruptivas, antirracistas, considerando temas fraturantes, mas também outros que contemplem a existência humana em suas diversas manifestações.

Por fim, consideramos que essa proposta contribui, sobretudo, para o desenvolvimento de práticas de letramento literário. A partir de Cosson (2020), entendemos que a Unidade de Engenho Poético privilegia o manuseio do texto literário e o compartilhamento da leitura. Nesse prisma, o ato interpretativo se processa desde o primeiro contato do educando com a obra, em sua materialidade, estendendo-se para a socialização das percepções sobre esse contato. Nisso reside o aspecto do encontro pessoal do aluno com a obra que se dá, primeiramente, num turno pessoal e desenvolve-se para uma ação coletiva e compartilhada de leitura. Todo esse processo se espraia para a atividade de registro desse encontro, seja de modo escrito ou com outras estratégias que modulem a explicitação da experiência de leitura, é o que o autor chama de leitura responsiva. Sobretudo, essa prática interpretativa deve compor a análise de obras, considerando seus aspectos estéticos, intertextuais, textuais e contextuais. Todo percurso

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

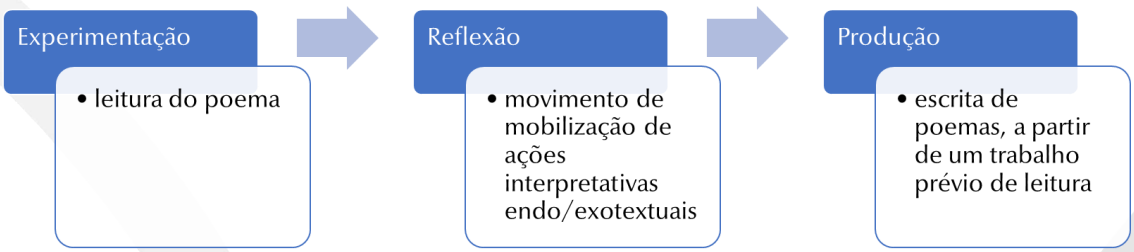
CONTATO
contato@enipel.com.br

desenvolve-se até a produção de poemas, havendo por fim a socialização desses textos em plataformas que possam conter esse material advindo da leitura dos poemas.

Poeticamente entre práticas pedagógicas: Unidade de Engenho Poético (UEP)

A **Unidade de Engenho Poético** é um procedimento didático que tem em vista viabilizar o desenvolvimento da leitura e escrita de poemas. Seguindo pressupostos interacionais, pautados no diálogo entre textos, autores e leitores, mediadores e educandos, essa atividade visa capacitar os participantes na leitura engajada de poemas e sua interpretação que se traduz, em momento final, na escrita literária. Portanto, três etapas se constituem para essa ação: experimentação, no qual o enfoque está na leitura do poema; a reflexão, consistindo no movimento de mobilização de ações interpretativas endo/exotextuais; e a produção, cujo centro está na escrita de poemas, a partir de um trabalho prévio de leitura.

Figura 01: Unidade de Engenho Poético: etapas



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Para que esse trabalho se efetue ativamente, desde o princípio, todos os envolvidos devem saber que sua escrita, fruto do processo interpretativo, circulará em alguma plataforma de publicização de textos. Essas podem ser desde painéis físicos, expostos em lugares públicos, ações digitais em redes sociais ou a organização de antologias que reúnam as produções desenvolvidas. Dessa maneira, a metodologia cumpre uma espécie de circularidade, pois, os poemas lidos foram produzidos por alguém que os publicou, o leitor teve acesso a esse material, tendo, por fim, um desdobramento dele, com a sua leitura responsiva, ou seja, sua resposta interpretativa à leitura literária por meio da escrita criativa.

A metodologia possui alguns princípios pedagógicos na sua efetivação.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Primeiramente, está a convivência com poemas. O texto lírico precisa ser experimentado, deve o leitor se aproximar dele. Isso pode ocorrer de variadas formas: a) a leitura oral, buscando determinar o sentido das palavras no texto, considerando nisso a performance no ato de ler; b) a releitura, no qual se visa criar intimidade com o texto pelo reconhecimento de sua materialidade e possibilidades de sentido; c) o diálogo sobre o texto em grupo, momento no qual os participantes apresentam suas impressões acerca da leitura. Essa experimentação cumpre o objetivo de criar um ambiente de compartilhamento de sentidos que, em momento introdutório, liga-se o conteúdo, a forma e modo de se ler o poema, a partir das experiências que o leitor possui naquele momento. Suas atitudes com o texto são fruto de suas experiências prévias, acionando sentidos sobre o material lido. Seguindo, outro princípio é a pedagogia da escuta. Ou seja, é preciso ouvir nas entrelinhas do texto quais são suas estruturações estéticas, como pontua Bajour (2014). Nisso reside o ato reflexivo. Perceber na sua leitura e na leitura do outro como o texto se constitui em termos formais, estéticos, elementos que fazem parte da proposta literária da autoria. Busca-se com isso identificar possíveis recorrências temáticas, formais, de usos metafóricos, figurativos, analogias, dentre outros recursos expressivos que possibilitaram a realização literária do poema. Nessa reflexão podem ocorrer conexões entre obras que ajudam a perceber a dimensão estrutural presente na materialidade do texto e das sugestões de sentido. Se incluem nessa etapa a mediação docente com os saberes disciplinares sobre o aproveitamento dos usos literários que constituem modos autorais que distinguem autorias, estilos, elementos suscitados no contexto de produção inicial do poema, da ligação do texto com a obra ao qual ele se vincula, da disposição material das palavras na página ou no espaço de publicação etc. Por fim, o outro princípio é o da circulação do poema. Desde o princípio dessa atividade o participante deve ter em mente a necessidade fazer circular a escrita literária, pois, esse é o maior propósito para estabelecer uma comunidade de leitores. É preciso tornar comum, quer dizer, acessível, o que se realiza na produção literária dos poemas. Desse modo, afirmamos que essa escrita é fruto de um trabalho de leitura. Na proposta aqui descrita, escrever um poema é um ato interpretativo, colado com a leitura e dela emergente. Portanto, desconsideram-se postulados que evidenciam o caráter divinatório do “dom” para produzir literatura; e consideram-se as dimensões

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sensíveis da percepção do leitor que, pela proximidade com os textos, consegue desenvolver material literário, a partir da sua experimentação.

Ainda, sobre o nome da estratégia metodológica, explicamos que Unidade de Engenho Poético significa uma ação completa, no sentido dela própria figurar como atividade autônoma, por isso uma "unidade". No entanto, isso não quer dizer que essa "unidade" não possa fazer parte de um conjunto, em um projeto maior de linguagem. O propósito da escrita literária de poemas pode estar associado a outras atividades anteriores e posteriores, dependendo do encaminhamento didático realizado pelo docente. Como a proposta possui um caráter dialógico, sua presença não se imiscui da proximidade e interação com outras ações de ensino-aprendizagem, sejam elas relacionadas a tópicos gramaticais aproveitados em análises linguísticas, ações envolvendo a oralidade, dentre outras atividades didáticas no componente curricular de língua portuguesa ou de literatura. Quanto ao "engenho" que se liga ao "poético" trata-se da dimensão produtiva da atividade. Engenhar a leitura, a escrita, a socialização de percepções sobre o material com o qual se interage, considerando o texto poético. Como sua caracterização criativa é múltipla, o "poético" pode se manifestar diversamente, desde poemas em prosa, ou ligados à metrificação, ou ao verso livre, ou ao poema concreto, ou, ainda, ao hibridismo de modos de estabelecimento do texto. De todo modo, as escolhas nesse engenho poético devem se pautar no diálogo entre poetas e leitores, docente e educandos, texto lido e texto escrito. O produto desse engenho é múltiplo e diverso e pode aproximar-se do poema lido ou dele distanciar-se. Tudo se realiza na experimentação suscitada no encontro entre autorias.

Seguimos com a exploração de cada uma das etapas, segundo as quais apresentamos algumas orientações iniciais: a) a atividade inicia com a leitura de poemas e conclui-se com a escrita, portanto, utilizaremos para fazer circular essa escrita o uso de painel físico de leitura, socializando em local público a escrita desses textos; b) todos devem dialogar respeitosamente durante todo o percurso da atividade, constituindo assim uma ação coletiva de produção de sentidos; c) durante o ato reflexivo sobre os poemas, podem-se realizar pesquisas que auxiliem no desenvolvimento do significado dos textos; d) o questionamento é a principal ferramenta para atuar dialogicamente, portanto, ela deve estar em todo processo da **Unidade de Engenho Poético**.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em seguida explicitamos como podem ser desenvolvidas as etapas dessa metodologia que compreende, inicialmente a "experimentação", momento dedicado, exclusivamente, à leitura do poema, tendo em vista a busca por perceber os mecanismos estéticos que figuram no texto. Em seguida, descrevemos a "reflexão", momento no qual desenvolve-se um aprofundamento do conteúdo poemático, tendo em vista elementos endógenos e exógenos ao texto. Por fim, na terceira etapa intitulada "produção" temos a culminância do percurso com a escrita de poemas emergidos da experiência de leitura.

1ª Etapa: Experimentação

Nessa etapa o enfoque está na leitura e releitura de poemas. Preferencialmente, essa leitura deve ser realizada de modo oral. A cada nova leitura, os participantes podem socializar suas percepções iniciais sobre os textos. O docente precisa nessa etapa motivar essa leitura oral também com suas próprias percepções, interagindo com os participantes. Na experiência por nós desenvolvida no componente curricular de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa II preferimos utilizar textos de diferentes autorias que repercutissem reflexões sobre a própria poesia, por um lado, e modos distintos de composição, tendo em vista, inclusive, o aspecto visual dos textos. Essa seleção, que centrou diferentes modos poéticos de realização, teve como objetivo desenvolver o olhar crítico dos educandos para possibilidades várias de poemas. Abaixo indicamos os textos utilizados.

Quadro 01: poemas utilizados na etapa "experimentação"

Poema 01:	*Poema 02:*	*Poema 03:*
O poema é antes de tudo um inutensílio. Hora de iniciar algum convém se vestir roupa de trapo. Há quem se jogue debaixo de carro nos primeiros instantes. Faz bem uma janela aberta uma veia aberta. Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema enquanto vida houver. Ninguém é pai de um poema sem morrer. BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. (p. 174).	**Motivo** Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta. Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tormento. Atravesso noites e dias no vento. Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço, — não sei, não sei. Não sei se fico ou passo. Sei que canto. E a canção é tudo. Tem sangue eterno a asa ritmada. E um dia sei que estarei mudo: — mais nada. MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (p. 15).	**Ser poeta** Ser poeta é ser mais alto, é ser maior Do que os homens! Morder como quem beija! É ser mendigo e dar como quem seja Rei do reino de Aquém e de Além Dor! É ter de mil desejos o esplendor E não saber sequer que se deseja! É ter cá dentro um astro que flameja, É ter garra e asas de condor! É ter fome, é ter sede de Infinito! Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim É condensar o mundo num só grito! E é amar-te, assim, perdidamente... É seres alma, e sangue, e vida em mim E dizê-lo cantando a toda a gente! ESPANCA, Florbela. **Poesia de Florbela Espanca, vol. 2.** Porto Alegre: L&PM, 2014. (p. 77).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Poema 04: **Autopsicografia** O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente. E os que leem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm. E assim nas calhas de roda Gira, a entreter a razão, Esse comboio de corda Que se chama coração. PESSOA, Fernando. **Obra poética de Fernando Pessoa**: volume 01. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (p. 143).	*Poema 05*: **Libido** Fogo insone arranha, assanha, excita, grita no ventre, no sexo, nas coxas, corre no sangue e escorre e encharca, cíclica corrente elétrica, cio do tempo, infinita lava, luz de um misterioso Deus, corpo e sopro, transitório e eterno, Ícaro, Eros, Eu. AMNERES. Libido. *In:* AMNERES. **Eva**: poemas em verso e prosa. Edição bilíngue (port./esp.) Tradução Zélia Stein e Daniel Sanches. Brasília: Thessaurus, 2007. (p. 38).	*Poema 06*: **Rondó da ronda noturna** q uanto + p obre + n egro q uanto + n egro + a lvo q uanto + a lvo + m orto q uanto + m orto + u m ALEIXO, Ricardo. Rondó da ronda noturna. *In:* ALEIXO, Ricardo. **Trívio**: poemas. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2002. (p. 69).

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Cada um desses poemas desenvolve-se com significações próprias que podem ou não se ligarem. A preocupação do docente, nesse momento inicial, está na construção do contato com os textos. Minha pretensão nessa escolha residiu no fato de tais poemas possuírem aproximações e distanciamentos, em vários aspectos. Inclusive, na oralização dos textos, com foco na releitura, construímos diferentes modulações vocais, enfatizando sílabas, repetindo versos e lendo os textos de modo direto e de trás para frente. Essa atitude tem por finalidade explorar as possibilidades disponibilizadas pelo texto e demonstrar que no campo do poema a leitura é diversa. Além dessas ações, algumas questões nortearam a discussão inicial sobre os textos: a) o que é poesia em cada um dos poemas? b) quais sentimentos ou imagens estes poemas evocam em você? c) há alguma palavra ou frase que chama sua atenção? Por quê? d) como os diferentes poemas se aproximam ou se distanciam? e) como a leitura em voz alta muda sua percepção do poema? As respostas para esses questionamentos representaram a imagem que os educandos, naquele momento, construíram sobre representações de poesia e seus recursos estéticos. Eles conseguiram estabelecer elementos de similaridade na abordagem, como nos quatro primeiros poemas que tratam da própria poesia, bem como pontuaram que o aspecto da visualidade nos dois últimos poemas singulariza a expressão por eles fornecidas, havendo nisso relação entre o conteúdo poético manifestado no texto e sua forma disponibilizando a montagem dele na página. É importante frisar como os

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

educandos enfatizaram a necessidade da oralização dos textos. Essa performance que busca na voz do leitor o átimo da interpretação favorece a abertura de sentidos para a próxima etapa representativa de um aprofundamento desse estágio de experimentação.

2ª Etapa: Reflexão

Aqui aprofundamos algumas reflexões sobre os poemas de forma endotextual, ou seja, a partir da seleção de versos, palavras, recursos, tenta-se estabelecer sentidos possíveis. Ainda, essa reflexão também ocorre como exotextual, explicitando-se informações sobre os autores/obras aos quais os poemas se vinculam.

Quanto às ***reflexões endotextuais***, considerando os poemas expostos, tentamos buscar as similaridades e as diferenciações entre eles. Para tanto, algumas ações nesse estágio são realizadas com registro escrito. Na primeira etapa, o foco está na oralidade e na leitura. Portanto, os diálogos mediados entre esses campos se fazem presente para, na etapa seguinte, haver uma amplificação das percepções iniciais. A forma que encontramos para essa ação residiu na escrita interpretativa sobre os poemas. Em instância primeira, verificam-se aspectos concernentes à materialidade expressiva dos poemas. Para tanto, apresentamos algumas perguntas para essa ação: a) que mensagem você acha que a/o autor/a está tentando transmitir no poema? b) como os recursos expressivos, palavras-chave, quantidade de versos, podem favorecer os sentidos possíveis para o texto? c) qual seria um percurso possível que as autorias desses poemas puderam realizar para construir o texto? (Por onde começaram? O que pode ter suscitado a ideia da escrita poética? Como selecionaram as palavras? Como ordenaram os versos?). Tais questões buscam compreender os processos estéticos dos poemas. Na experiência por nós vivenciada, esse último questionamento suscitou algo interessante. Uma das alunas desenvolveu uma narrativa apresentando o momento em que Fernando Pessoa escreveu seu texto “Autopsicografia”. Essa ação narrativa foi muito significativa para o grupo de educandos, pois, demonstrou a potencialidade das pessoas envolvidas em construir percursos de escrita. Durante essa ação, outros educandos também manifestaram interesse em perceber como os outros autores se colocaram na construção dos seus textos.

O elemento ficcional apresentado se espraia para o próximo momento dessa etapa, as ***reflexões exotextuais***. Essa etapa de construção do processo reflexivo exige pesquisa,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

para além das fontes dos textos primários explorados até então. Esse é o momento de orientar aos educandos quais fontes eles podem sondar para a construção do percurso literário vivenciado pela autoria do texto, buscando compreender como o contexto de produção imprimiu traços naquela produção. O objetivo dessa atividade reside em duas intenções. A primeira refere-se sobre a apropriação de conhecimentos sobre o campo literário, suas relações de sentido e poder, haja vista o material crítico disponível. Com esse material os educandos podem ampliar as percepções sobre os textos, agregando em seu repertório de leituras outras possibilidades de interpretação. A segunda intenção está na possibilidade de o educando entender como o material humano, o elemento experiencial, a história de vida, os anseios etc. podem se tornar motivadores da escrita literária. O poema é capaz de se tornar a expressão de uma leitura do mundo. Evidentemente, que essa leitura pode ser acessada nas conexões feitas entre o texto e as várias esferas experienciais. Porém, o estudo da autoria do texto, através de críticos, obras de história literária etc. suscitam o reconhecimento dos saberes disciplinares da literatura, bem como da contextualização do poema na atividade humana da autoria que o gerou.

Com a finalidade de produzir conteúdos nessas reflexões, orientamos as seguintes questões: a) como o contexto de produção do autor influencia a interpretação do poema? b) quais elementos culturais ou históricos estão presentes no poema e quais as razões de suas presenças? c) como os poemas podem sugerir um projeto literário que singulariza sua autoria? Na nossa experiência, essas perguntas funcionam como mote para investigação dos educandos sobre como cada autor constituiu sua história literária. Disso adveio conteúdos acerca da produção de Manoel de Barros enquanto um poeta cujo centro de seu projeto literário era o nada, as pequenas coisas, as inutilidades. Quanto à Fernando Pessoa, foi suscitada a construção dos heterônimos. Dentre outros tópicos que circundam a produção das autorias expostas. Essa atividade também abriu espaço para a curiosidade de visitar outros poemas desses autores. Na nossa ótica, é justamente isso que tínhamos intencionado: que a leitura dos poemas apresentados pudesse se desdobrar na leitura de outros, desses autores ou com temáticas correlatas.

3ª Etapa: Produção

Todo esse encaminhamento nos leva à terceira etapa da Unidade de Engenho

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Poético, cuja culminância reside na escrita e publicação de textos poéticos. Vale salientar que essa etapa é enunciada desde o princípio da atividade. Esse anúncio tem por objetivo motivar os educandos para uma escrita engajada. Na nossa experiência, desde o princípio, tivemos boa acolhida dessa proposta. A seguir explicitamos a orientação sobre esse momento de escrita com questões para provocar a produção de textos com pretensões poéticas a serem lidos por uma comunidade de leitores. No nosso caso, os próprios alunos de Letras, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba, naquele semestre de 2024.1, bem como outros dos outros cursos do mesmo centro. Como a estratégia de publicação foi um mural, isso facilita a ampliação dos leitores potenciais desses poemas.

Como dito anteriormente, os diversos poemas lidos e analisados possuem diferentes modos de abordagem. Sejam elas na composição do texto na página, na divisão de versos e estrofes, na maneira como tratam da temática percebida durante a leitura. Isso demonstra como cada poeta expressa sua voz e materializa seu interior, na perspectiva de construção do texto poético. Assim, após esse trabalho de leitura, tem-se a oportunidade para “abrir as portas da imaginação”, colocando em marcha o curso da voz poética pessoal traduzida no corpo do poema. Diante disso, sugerimos algumas orientações que podem ajudar nessa escrita literária: a) Expresse o seu interior no texto: pense em qual é a sua visão sobre a poesia e como pode transmiti-la para o leitor. Você pode considerar a seguinte pergunta: como você pode usar a linguagem para criar imagens vívidas para se materializar em versos? b) Crie elementos-âncoras para formalizar seu poema: palavras-chave, versos-chave, dentre outros elementos que particularizem seu modo de escrever e que demonstrem seu pensamento poético. Você pode considerar a seguinte pergunta, sobre isso: quais técnicas poéticas você gostaria de explorar em sua escrita, a partir dos poemas com os quais você teve acesso? c) tente dar uma forma a esses elementos através da escrita. Escreva, pense, repense, reescreva, até que você possa determinar que a ideia construída está adequada ao que você imaginou sobre o texto. d) Ou, vá escrevendo aleatoriamente, em uma tempestade de frases, palavras, para, por fim, dar forma ao texto. e) Ou, ainda, inicie por um título, ou por uma palavra-chave, para depois disso construir o restante do texto. f) Ou escreva o texto para, por fim, dar um título a ele. g) Em todo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

momento considere-se como leitor do texto: qual sua compreensão sobre o que escreveu? h) Considere o leitor potencial do texto: na sua ótica, o que você quis expressar no texto é perceptível ao leitor? Se sim ou se não, tudo depende da intencionalidade criativa que você desenvolverá em palavras. i) Não existe o texto certo, mas ele precisa surgir de um projeto de escrita possível de ser justificado por você. j) A temática pode (ou não) seguir o elemento central da nossa discussão: a própria poesia. k) Você, também, pode buscar algum evento vivido na memória e traduzi-lo em palavras. Para tanto, considere a pergunta: de que maneira sua experiência pessoal pode inspirar a escrita de um poema? l) O poema pode ser versificado, metrificado, visual etc., você é livre, porém, precisa demonstrar as razões que lhe levaram a essa escolha formal.

Após a explicação desses pontos, partimos para a escrita. Nesse estágio o docente também pode produzir poemas. Na minha experiência, fiz isso. Creio no significado de motivação que essa atitude pode suscitar. Nesse quesito, é importante pontuar que o texto do professor não se torna o exemplar, mas também um poema engenhado como os demais na turma. Orientamos que todos os rascunhos dos textos fossem preservados para podermos visualizar o processo individual de cada educando, bem como eles mesmos perceberem as mudanças ocorridas no curso dessa escrita, em face do propósito da publicação. Como haverá leitores potenciais, essa escrita tende a ser cuidada, revista, reescrita, até se chegar a uma versão apresentável. O docente pode mediar essas decisões para a composição final. Nesse momento, toda a bagagem desenvolvida na Unidade de Engenho Poético comparece como repertório para essa escrita, seja seguindo modelos ou deles diferenciando-se.

Depois desse momento de sucessivas escritas, passamos para a socialização em grupo das produções. Cada educando leu seu poema e teceu comentários sobre sua própria produção, justificando escolhas, temáticas, dentre outros elementos que foram necessários para comunicar as razões daquela produção. Cremos na importância dessa socialização, haja vista a possibilidade de os próprios alunos serem intérpretes de si mesmos, assim como fizeram com poemas lidos no início da atividade.

Abaixo apresentamos a fotografia do mural, fruto dessa primeira experiência com a Unidade de Engenho Poético.

Figura 02: mural com os poemas

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Além dos textos dos alunos e do professor, foi disponibilizado um QR Code que remetiam os leitores interessados a comentarem os textos para um formulário digital. Houve algumas interações parabenizando a iniciativa.

Considerações finais

A metodologia apresentada possui caráter experimental, em fase de reelaboração e reflexão. Porém, acreditamos que em outras oportunidades poderemos refinar esse modelo. Vale salientar, sobre isso, que o campo de atuação dessa experiência foi o ensino superior. Para a educação básica, cremos que a quantidade de poemas deveria ser menor, em função da duração das aulas e o espaço para o transcurso dessa ação, envolvendo um bimestre, ou tempo equivalente, com continuidade do trabalho semanalmente.

Também, pontuamos que, mesmo sendo uma unidade, o que sugere a ideia de um trabalho autônomo, ela pode se integrar a outros movimentos didáticos no componente curricular de língua portuguesa na educação básica. Isso dependerá da mediação docente

em articular modos de transição entre as atividades, sempre havendo intencionalidade pedagógica nesse caminho, para a formação do leitor e escritor literários.

Por fim, consideramos que a convivência com poemas tem por finalidade central desmistificar a escrita literária como um dom. Entendo que ela parte da experimentação de leitura e escrita, sendo isso o meio para construção de obras poéticas. Ademais, construir comunidades de leitores é o elemento principal da atividade, ligando-se à proposição do letramento literário.

Referências

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2014.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola**: reflexões, comentários e dicas de atividades. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DUAS CIDADES: REPRESENTAÇÕES DE UMA SALVADOR PARTIDA EM JORGE AMADO E E BAIANASYSTEM

Juliana Oliveira Silva[75]

Resumo: O presente trabalho elabora um paralelo entre a música “Duas cidades” (2015), da banda Baiana System, e o romance *Capitães da Areia* (1937) do escritor Jorge Amado, de modo que suscite uma discussão sobre as formas de segregação social e espacial na cidade de Salvador, que são invisibilizadas pela ideia de felicidade que acomete o estado baiano e são hiperbolizadas na capital pelo mercado turístico e carnavalesco. Apoiado nas reflexões sobre representação do historiador Roger Chartier (1990), no conceito de identidade cultural discutido por Stuart Hall (2006), Benedict Anderson (2008) e em escritas sobre a cidade tecidas por Renato Cordeiro Gomes (2008) e Jamile Borges Silva (2020), dentre outras referências, o texto dá relevo a como o mito da democracia racial que estrutura a identidade nacional brasileira e soteropolitana incide nas

[75] Mestra e doutoranda em Estudos de Linguagens de Linha I pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

formulações de uma imagem local que negligencia cuidados aos reais problemas sociais – a exemplo da segregação social e espacial em Salvador. Além da crítica social, o artigo dá relevo, também, à importância das trocas feitas entre a literatura e a história e a seleção de textos distintos em estruturas, mas que podem convergir e ser uma forma de complemento do outro – caso do romance e da música.

Palavras-chave: Salvador. Segregação social e espacial. Representação.

Introdução

Em tempos de crises políticas, avolumam-se questões acerca da discussão identitária em busca de um resgate de um sentimento nacionalista. O que entra em voga é um comportamento patriótico urgente em busca de um resgate da harmonia, dos reais "direitos" furtados do cidadão e o resgate nostálgico de volta a um tempo no qual, mitologicamente, as pessoas viviam de uma forma melhor. É possível identificar, assim, que a noção de identidade nacional escapa à mera delimitação de um indivíduo que nasce dentro de uma fronteira geográfica, mas, além disso, comporta-se como produto de uma constelação de diretrizes culturais, sociológicas, morais e políticas adotado por uma comunidade. O que não significa que, determinada identificação, será plenamente performada por todos os cidadãos, mas, será uma referência basilar existente dentro uma civilidade institucionalizada politicamente.

Em contrapartida aos discursos de esvaziamentos das ciências humanas dentro dos currículos da educação escolar básica, a presente escrita busca ilustrar, de certo modo, a importância de discussões de caráter mais abstrato, diferentes das "ciências duras", sutis, mas de robusta engenhosidade, como exemplo da formulação de identidade cultural. A ilustração aqui proposta não assume o crédito de verdade totalizante, e nem pretende, mas busca-se compreender e dissertar acerca dos meios, formas e caminhos tomados por uma noção tão abstrata e que, mesmo sendo de tamanha abstração, toma corpo de instituição imprescindível à vida social moderna e nos ajuda a ler a vida política dos Estados nacionais em diferentes partes do mundo e no Brasil. A identidade cultural, a despeito de sua não concretude, assume caráter de importância na

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

vida do homem inserido na sociedade. Stuart Hall (2006) confirma que assim como temos aparatos físicos, necessitamos de uma identidade, nota-se que essa constituição se dá pela identificação, mas também se dá através da diferença, ou seja, somos brasileiros porque não somos pertencentes a outra cultura – há uma manutenção nos elementos de construção desse imaginário (distanciamento temporal para recorrência aos mitos da origem, existência de um polvo "puro", valorização da língua pura) e a diferença das identidades culturais vai se realizando por meio de configurações diversas. Esse aparato tão abstrato surge pela necessidade humana de pertencimento a um grupo e que auxilia na produção da coesão social. Configura-se como um discurso que elabora em qualquer indivíduo uma narrativa de representação, a identificação com uma imagem simbólica. O Brasil teve seu processo de elaboração de identidade nacional dentro da perspectiva de comunidade imaginada, assim como diversos Estados modernos. Benedict Anderson (2008) se propõe a refletir acerca da condição nacional, colocando-se diante de diversos paradoxos e detectando uma complexa contradição: a condição nacional implica na instauração da feição de soberania, mas a lógica da construção dessa estrutura está diante de uma grande pobreza filosófica que busque explicá-la. A partir dessas duas referências, Hall (2005) e Anderson (2008), é possível observar o processo de construção de uma identidade cultural demanda uma movimentação que evoca mitos e que demanda um certo empenho e manipulação retórica na construção de uma história patriótica em nome do progresso e ordem da nação, que para além da fabricação do sentimento de pertencimento, buscou, e busca, o incentivo à lealdade. Anderson (2008) toma um caminho metodológico que tende a confirmar a condição nacional como produto das nações modernas e como um produto marxista, além de enxergar esse produto como uma substituição de estruturas que o precederam: comunidades religiosas, reinos dinásticos... É uma estrutura forjadora de um pertencimento comunitário e, parafraseando Ernest Renan, Anderson revela que - além de criar o elo entre os sujeitos inscritos naquele local – é necessário que estes indivíduos tenham esquecido muitas coisas (p.32, 2008).

Esse artigo elabora uma discussão de cunho qualitativo e um levantamento bibliográfico de temáticas pautadas na construção imagética de Salvador, capital da Bahia. Buscando, através da música Duas cidades (BaianaSystem) e do romance Capitães da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Areia, (1937, Amado) construir uma crítica a práticas de silenciamentos que buscam apoio na imagem cultural da Bahia e do Brasil para camuflar os reais problemas sociais. Além do interesse político, percebe-se que esse apelo imagético na Bahia tem motivações, também, comerciais e turísticas – slogans como "Terra da felicidade" ou "Terra Mãe do Brasil" são reatualizados constantemente. A investigação acerca do funcionamento dessa estratégia identitária e imagética é realizada com auxílio de alguns estudos pautados na pesquisa da elaboração do conceito de cidade, em seu sentido concreto e abstrato – ruas e ideias. Além de dar notoriedade ao conceito de representação elaborado pelo historiador Roger Chartier (1990), chamando atenção para a luta das representações e seus mecanismos como pautas caras à sociedade e suas formas de sociabilidade e, consequentemente, a criação de "imagens", a exemplo da imagem da cidade soteropolitana.

Primeira seção

Os escritores brasileiros oitocentistas, a exemplo de José de Alencar, a Carta de Pero Vaz de Caminha, de publicação interessada, e a pintura A primeira missa no Brasil (1859-1861), do catarinense Victor Meireles, foram formas de estruturas distintas, mas que marcaram um momento político, social e artístico de formação de uma identidade cultural brasileira. Essa "fundação" imagética pautada na inauguração do "país novo" deixa como herança suas perspectivas discursivas até os dias atuais – mesmo após as tentativas de rompimento do movimento modernista da Semana de 1922. A imagem da terra fértil e abundante, do nativo acolhedor e movido pelo afeto e pela inocência, e do brasileiro como muito aberto ao que vinha de fora, e de tamanha cordialidade e movido pelo instinto que não sabe distinguir as fronteiras entre o público e o privado (ver Schwarz, 2019) encontra forte manutenção nos dias atuais. O processo de duplo trauma brasileiro, bem como vemos em Cunha (2006), de colonização e o de escravidão, a partir de narrativas literárias, históricas e artísticas consegue engendrar a imagem do encontro e da abertura do novo mundo para Portugal e conseguem consolidar a imagem não de violência e de trauma, mas de descobrimento. Essa atenuação da colonização e reconfiguração de seus modos de violência que atravessam as

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

gerações demonstram como a falácia da democracia racial e de suposta rejeição às discriminações, desavenças, são mecanismos não ingênuos de querer forjar a imagem do país.

O conceito de identidade cultural, voltado para a elaboração da estrutura simbólica que é a ideia de comunidade imaginada – principalmente na Bahia –, é o ponto de partida para a reflexão aqui pretendida. O que se busca refletir com esse trabalho é como os problemas sociais, a exemplo da segregação racial e espacial, são camuflados devido a esse slogan de "terra da felicidade e da hospitalidade" pelo qual a Bahia (especialmente Salvador) é representada. Como já foi referido anteriormente, Stuart Hall (2006) e sua discussão acerca do conceito de identidade na pós-modernidade oferta o suporte teórico necessário para essa argumentação. O recorte pontual para Salvador é feito, nesse texto, pela relevância de alguns aspectos. O primeiro aspecto é a abrangência e o destaque que Salvador alcança, midiaticamente e economicamente, com o mercado carnavalesco e turístico. Essa abrangência hiperboliza e alarga as fronteiras da cidade, tornando-a como principal produtora de uma "imagem/feição" baiana, condição que invisibiliza, de certo modo, as cidades interioranas para o restante do país, como se a Bahia fosse resumida a Salvador e carnaval. Um outro aspecto relevante, e não menos importante, ajuda na compreensão da ideia muito difundida da cidade baiana possuir uma atmosfera diferenciada: a capacidade soteropolitana de resistir fisicamente e culturalmente à onda modernizadora da urbanidade. A resistência e manutenção da sua africanidade, "apesar de". A focalização e hiperbolização de Salvador discutida anteriormente denota o aspecto mais abstrato do conceito de cidade. Elemento muitas vezes propagado em seu caráter geométrico e racional, a cidade revela sua manifestação como símbolo, discurso e representação – a cidade toma corpo e é personagem-protagonista, também.

Alberto (2017) discute em alguns capítulos (5 e 6) sobre as formas de manifestação e diferenças do Movimento Negro e militância nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Em seu livro, a autora demonstra os modos pelos quais o Movimento Negro no Brasil, nesses três eixos, assumiu trajetórias diferentes devido às singulares influências e a recortes, também, distintos. Trazendo a discussão para o território soteropolitano, Alberto retrata que a militância negra não se deu de forma tão

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

escancarada, que não teve um recorte estritamente racial, mas sim cultural e religioso. O que a autora demonstra é que, apesar de não ter um recorte estritamente racial, o Candomblé foi, e é, enquanto sistema de crenças e práticas uma forma de afirmação da africanidade e de suma importância para com o resgaste da ancestralidade da identidade brasileira que estava localizada também na África. Os líderes religiosos, a exemplo de Mãe Senhora (da casa Ilê Axé Opô Afonjá), em um período de forte cerceamento político e de um interessado acolhimento ao candomblé proporcionado pelo governo, figuraram como importantes condutores da reconexão e intercâmbio Bahia-África. O texto de Alberto retrata que, apesar da movimentação religiosa em Salvador ser feita através da religião e ter expandido seu acolhimento também aos homens brancos – Jorge Amado e Pierre Verger são alguns exemplos – a afirmação e resgate de uma africanidade reclamada por Mãe Senhora, com a ajuda de Pierre Verger, que reconstruiu uma ponte Bahia-África foi uma forma subversiva de negar a diluição da potência de um povo que foi e é de extrema importância e potente presença na sociedade brasileira. Essa ponte construída pela benção de Xangô foi de encontro ao mito da democracia racial que estava em voga como grande produto brasileiro, a nação emergente e recentemente iniciada no processo de modernização. Reclamar e resgatar a potência da africanidade foi dar voz a um grupo, a um povo, que sofreu e sofre com as tentativas governamentais de diluição da sua história nas entranhas brasileiras. Fazendo jus a Xangô, orixá da justiça, o candomblé exaltou em território brasileiro uma africanidade para além do estereótipo da escravidão e da folclorização. Essa pode ser uma das motivações pelas quais, além do apelo midiático, mercadológico e tendencioso. Essa curva feita diante ao processo urbanizador e modernizador é citada por Silva (2020), que resume essa reflexão:

> [...] mesmo tendo molhado meus pés nos três oceanos, Atlântico, Índico e Pacífico, ainda me surpreendo com a capacidade dessa Salvador de se reinventar. Essa cidade que resiste a todas as tentativas de "desafricanizar para civilizar ou transformar a "velha mulata" numa mademoiselle"..." (Silva, 2020, p.48).

Para entender um pouco sobre a construção simbólica de uma imagem soteropolitana, além dos eventos sociais que contribuíram com o processo cultural, é preciso observar as formas como alguns aparatos de representação e simbólicos são

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

elaborados. Benedict Anderson (2008) retrata, assim como Hall, que: “Em contraste com a enorme influência do nacionalismo sobre o mundo moderno, é notável a escassez de teorias plausíveis sobre ele” (p.28). A partir da confissão de que ainda não é possível criar uma delimitação, o autor empreende algumas reflexões para pensarmos o nacionalismo, a primeira visão a ser ajustada é interpretar o nacionalismo como uma construção imaginada, mas não imaginada em um sentido de falsidade e de carga negativa, mas como uma construção imaginada e abstrata de modo a ser uma conjectura de uma comunidade.

Os movimentos sociais da que emergem no recorte contemporâneo com a urgência de reconhecimento da existência de identidades vistas como minoritárias (até chamadas de minorias) perante à existência do sujeito universal e que possuem suas particularidades e especificidades culturais, a exemplo do movimento negro e do movimento feminista e, mais tarde, o clamor mais destacado dos povos originários. Além da influência da globalização e formato econômico capitalista, que diminui as fronteiras e facilita o intercâmbio cultural entre as mais diversas comunitárias do mundo. Mas diante às diferenças que ganham destaque e fazem as suas reivindicações, a identidade cultural, o nacionalismo, apesar de sua pobreza filosófica que alcance explicação, ainda é uma das maiores instituições que conseguem estabelecer um sentimento de soberania limitada, lealdade entre seus membros e alcançar status de Estado nação.

A escrita literária não escaparia às mudanças, passando a oferecer suas linhas como um espaço privilegiado para o protesto contra os grandes problemas sociais. O canto ao amor, à bela cidade e à amada já não são suficientes, pois a realidade demonstra um cenário desolador. O conceito de representação de Roger Chartier (1990) se desdobra dentro dos estudos da História Cultural, ramo do saber que rompeu com as anteriores e conservadoras formas de fazer História para se apropriar de novos objetos de estudos e novos campos de pesquisa que, até certo momento, não eram considerados aptos como fonte de pesquisa. Para o pesquisador, o conhecimento histórico, a exemplo da história da cultura de um povo, estava, também, fortemente presente no rotineiro e no automático. Essa perspectiva permitiu que textos literários pudessem ser uma fonte histórica como as outras fontes já institucionalizadas e que passavam um aspecto de maior concretude, diferente dos textos ficcionais. O estudo da representação e de aspectos mais simbólicos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que parecem ser propriedade da imaginação e da ficcionalidade tiveram uma maior atenção demandada por Chartier, ele percebeu que esse aparato simbólico vai ser influente na elaboração do que vai chamar de um "real bem real", ou seja, os aspectos concretos e mais exatos.

Desse modo, vai chamar a atenção, também, para a importância da luta das representações como tão importantes quanto as lutas econômicas. A representação vigente e "vencedora" oblitera outras vozes, rege muitos dogmas sociais e instituições sociais e detém grande poder da vida social. As vitórias das representações muitas vezes forjadas no pódio da violência, caso da exploração colonizadora. Segundo Pesavento, a noção de que o imaginário é uma forma privilegiada de fonte de História se dá pela lógica noção de que a realidade é enunciada a partir de um conhecimento sensível. A realidade – seus conceitos junto ao conhecimento científico das ciências duras – existe porque é imaginada, é expressa e, consequentemente, constrói a noção do real – lembremos da importância da luta das representações alertada por Chartier. O fazer histórico passa a admitir a noção de que é realizado por um homem perpassado por muitas outras vozes e que carrega uma bagagem pessoal, não tem um caráter totalmente impessoal e passa por uma seleção que privilegia representações. A percepção acerca dessa fragmentação traz
voz a discursos anteriormente invalidados como úteis para a elaboração de reflexões sociais sérias, a exemplo de algumas incitadas pela História, além de dar voz, também, aos silenciamentos e aos vencidos. Essa reestruturação da noção de realidade provocou um comportamento ilustrado, pelo filósofo Walter Benjamin, como "escovar a história a contrapelo", ou seja, ler a história fora da perspectiva do olhar do vencedor, mas dar notoriedade às histórias dos vencidos.

Dois textos literários e de estruturas distintas são utilizados para fomentar e contextualizar a discussão nesse trabalho: O romance Capitães da Areia (1937) do escritor baiano Jorge Amado e a música Duas cidades (2014) da banda BaianaSystem. A escolha de tipologias textuais diferentes se justifica por ser uma forma de estímulo a uma leitura diversa do mundo e de suas várias formas de expressão cultural. Além disso, os dois textos demonstram uma convergência temática – as mazelas da cidade de Salvador. Partindo desse pressuposto, esse artigo busca analisar como se elaborava e se elabora ainda hoje

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

determinados discursos na sociedade e como são enxergadas determinadas questões sociais, a exemplo da Ideia de Bahia e segregação social, sendo feita essa análise dentro de textos com estruturas diversificadas. A contextualização feita anteriormente acerca da confluência entre literatura e história permitiu que fossem apontados, nessa escrita, aspectos sociais que historicamente ainda não foram superados, usando a ficção literária como apoio para a exploração dessa temática. Embarcar os Capitães de Areia no Navio Pirata é reatualizar questões ainda vivas, porém invisibilizadas, mas que continuam acometendo a cidade soteropolitana. Essa discussão busca abrir caminho para reflexões que possam dar destaque às questões que passam desapercebidas em nosso repertório cultural e se tornam comum para nossa percepção por fazer parte do cotidiano e do automático.

Segunda seção

Capitães da Areia, livro do ano de 1937, é estruturado como uma narrativa de grande riqueza política, retratando as mazelas sociais, a crueldade da vida das crianças abandonas em situação de rua e marginalizadas pela sociedade e pela criminalidade, fazendo justiça à figura de seu escritor. Com a leitura do romance Capitães da Areia, observa-se a construção de uma denúncia social presente na escrita e, é notória a importância do livro como leitura da sociedade da época e contemporânea. Essa denúncia reforça o reconhecimento da confluência entre Literatura e História, a literatura como instrumento e ciência social, bem como a História, servindo de ferramenta para o estudo da vida humana e de suas práticas/representações dentro de um recorte do tempo. A literatura através de alegorias, metáforas e não ditos, revela e denuncia/confessa feições sociais. O romance de Jorge é relevante, historicamente falando, pois dá voz à história dos marginalizados, à história dos excluídos e da diversidade que é encontrada nas trajetórias dos personagens, a exemplo de Pedro Bala, Pirulito, Sem-Pernas, Professor, João Grande, Volta-Seca, Don'Aninha, Dora, entres outros, mostrando que a história da sociedade não é linear e homogênea, é dotada de multiculturalidade.

A importância é exposta deste modo, como grande denúncia e possibilidade de existência de voz dos excluídos, das pequenas crianças

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

abandonadas e capturadas pelo crime. A multiculturalidade refletida na narrativa de Jorge Amado emerge a discussão dessa faceta da literatura em dar destaque às histórias não-oficiais, mas também emerge a discussão da Ideia de Bahia como terra da diversidade, a Ideia de Salvador - Bahia como comunidade imaginada. A ideia de alegria baiana é reforçada de forma midiática pelos veículos de informação que, com interesses financeiros, têm como objetivo fomentar o mercado turístico da cidade que é o motor de sua economia. Essa movimentação de marketing atrai turistas que, além de desejar testemunhar a beleza da cidade, buscam entrar em uma atmosfera inebriante de alegria e conforto proporcionado pela hospitalidade baiana. A busca por contemplação dos itens citados anteriormente seriam uma forma de "fuga" da rotina frenética da cidade grande, apesar de Salvador ser uma grande capital, São Paulo e Rio de Janeiro são as referências de grandes metrópoles. A capital baiana é a alegria, o estereótipo do descanso e do paraíso, o acolhimento à diversidade e a forma mais hiperbolizada de aversão a conflitos – "qualidade" que o brasileiro supostamente teria. Já as conhecidas metrópoles são a imagem do trabalho e do progresso.

Para entender a ilusória fama de alegria e de acolhimento à diversidade é necessário olhar para o processo de povoamento e exploração do Brasil. O interesse mercadológico baseado nas festas carnavalescas é apenas uma apropriação de interesses antigos, interesses que possuem raízes fincadas desde o período de 1500, quando o primeiro português colocou os pés em solos brasileiros. Desde a Carta de Pero Vaz de Caminha que alertava a coroa para a existência de uma terra que abundantemente daria frutos e lucros, até aos governos da atualidade que tentam negligenciar os reais direitos das ditas "minorias" – que, claramente, são maioria – utilizando o argumento que "nãos existe racismo no Brasil", vemos que essa representação brasileira é uma forma de argumento e estratégia de governos autoritários e violentos. Governos que mudaram suas feições, mas desde a colonização adotam práticas semelhantes e que atingem os mesmos grupos segregados. Cunha (2006) para discutir o caráter de dependência e trazer à tona a identidade cultural brasileira como dependente porque sofre com um duplo trauma (colonização e escravidão) utiliza a Carta de Caminha como um pano de fundo da construção identitária brasileira, é a protocena do Brasil. A carta de caminha, no texto da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

autora, surge em um momento muito interessado e é o modelo retórico para outras narrativas artísticas e literárias que irão fomentar a narrativa fundacional de modos

diversos, mas objetivando a sedimentação de uma ideia que encontra manutenção até nos dias atuais: o Brasileiro como muito suscetível e cordial ao estrangeiro. Isso é questionado pela autora, será que os nativos eram tão cordiais e passivos ou apenas respeitavam a existência de um Outro? Essa narrativa da cordialidade serve para, ao longo do tempo, camuflar os destroços da colonização e da exploração que naquela colônia foram deixados. Nesse espaço, torna-se contraditório questionar: como em uma terra de acolhimento e que abraça a diversidade ocorre um problema tão grave de segregação racial, um apartheid social e geográfico? Toda essa ideia forjada forçosamente é um processo ambíguo usado normalmente, assim como ocorre a construção da identidade nacional (o popular também participa deste processo) e interessadamente forjado pela indústria cultural, uma ambivalência de interesses públicos e privados. Segundo Pinho, a partir da contribuição de Homi Bhabha:

> O caráter sempre disjuntivo dessa ambivalência é sustado pelo que Bhabha chama de suplementeriedade (suplementary): uma estratégia discursiva que, exercida pelas artes e pela tecnologia, que interrompe a pluralização dos discursos anteriores à nação, constituindo o povo como "Um" mediante uma substituição que se antepõe à contraditória junção do performativo e do pedagógico nos discursos nacionais. A suplementariedade cria uma "presença" narrativa que unifica a proliferação das diferenças culturais... (1998, p.2).

Apesar da força do marketing do slogan que recebe, Salvador sofre com um grande problema de segregação social e racial (porque grande parcela da população periférica soteropolitana é negra). Essa segregação, como em outros grandes centros urbanos brasileiros, se concretiza, conjuntamente, de forma espacial, ditando lugares para a elite e para a periferia e lugar de negro e de branco. Os textos escolhidos retratam em suas narrativas a rotina da Salvador divisionada. Retratam a segregação de privilégios observada na partição "Cidade alta/cidade baixa" – as duas cidades. Jorge Amado elege como temática central, no livro, a vida dos meninos de rua e as dificuldades que enfrentam

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

na cidade. Subjacente à temática referida, existe o trabalho de registrar o universo de múltiplas vozes e personalidades que aquele bando possui, mostrando como na Bahia, independente da identidade forjada pelos veículos da mídia, há uma diversidade cultural, há múltiplas vozes.

O vocalista Russo PassaPusso revela a abstração da delimitação do grupo e, segundo ele, a banda seria uma mistura, bem como os brasileiros, mas não nega que, apesar do brasileiro ser regido por essa identidade diversa e plural, o Brasil ainda convive com a perversidade do preconceito social e racial. A música "Duas cidades", componente do álbum homônimo, retrata a temática da segregação social exposta em Salvador através da divisão entre cidade em Cidade-alta e Cidade-baixa. Na letra da música, o eu lírico inicia o canto descrevendo a rotina da vida em Salvador e que, como em qualquer outro grande centro urbano, tem uma filosofia do "olho por olho". A cidade em seu desdobramento contemporâneo é um estilhaçamento da cidade idealizada pela modernidade. A globalização, juntamente, com o modo de vida capitalista exerce incidência no sujeito que está inserido dentro desse labirinto sem saída. O formato urbano atual, o acesso rápido à informação diversa e às diversas culturas fazem com que o homem contemporâneo se torne um "esgrimista" – a metáfora é de Renato Cordeiro Gomes (2008) – e crie um mecanismo de defesa para driblar todos os eventos absurdos e inúmeros que o atingem, criando assim uma atitude blasé. Além do drible às incontáveis novidades, sobreviver dentro desse formato de vida é uma verdadeira corrida desleal, um "salve-se quem puder", o verdadeiro "olho por olho". A expressão "olho por olho", citada na letra, entra em convergência com a atitude blasé retratada, também, por Joel Birman (2014). Birman ao falar de uma violência cada vez mais anárquica, retrata a indiferença como uma forma de defesa e falta de esperança do sujeito contemporâneo, como se a sucessão de eventos caóticos criasse um sujeito que espera por notícias piores e que não comporta nenhum tipo de empatia – um verdadeiro "salve-se quem puder'.

Uma cidade que é retratada como dotada de uma identidade fortemente presente, encantadoramente empática, ainda enfrenta muitas problemáticas sociais que são rapidamente identificáveis, mas invisibilizadas devido às práticas de manipulação que uma representação pode engendrar, criando uma falsa sensação de discurso único e possível. A

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

cidade, dentro de sua idealização de racionalidade geográfica – espaço racional – que oblitera e segrega todas as demandas que não estejam em consonância com seus ideais urbanos de ordem e de progresso, exclui todas as outras existências que podem "sujar" o seu espaço. A cidade não dá conta do "emaranhado de existências" (imagem de Renato Cordeiro Gomes, 2008) e cria, indiretamente, espaços não-oficiais para comportar as exclusões que provoca. Desse modo, vemos no Brasil essa segregação manifestada também de forma espacial e geométrica, a exemplo do "cidade alta/cidade baixa". Em *Capitães da Areia* – apesar da denúncia social, da acusa aos "homens ricos" que moram em mansões – a Salvador de Jorge Amado aparece como cidade mística, onde desaguam diversas raças e culturas e acolhe. Acolhe o candomblé, os meninos pobres, os doqueiros, os homens ricos, os católicos e os sertanejos, detendo uma atmosfera inspiradora:

> (...) Pedro Bala vira-se para ele e surpreende seu sorriso. A cidade está alegre, cheia de sol. Os dias da Bahia parecem dias de festa, pensa Pedro Bala, que se sente invadido também pela alegria. Assovia com força, bate risonhamente no ombro de Professor, e os dois riem, e logo a risada se transforma em gargalhada. No entanto, não têm mais que uns poucos níqueis no bolso, vão vestidos de farrapos, não sabem o que comerão. Mas estão cheios da beleza do dia e da liberdade de andar pelas ruas da cidade (Amado, 1937, p.123).

A escrita que tece críticas ao formato de vida desigual proporcionado pelas instituições governamentais consegue, ao mesmo tempo, adotar um comportamento de esperança e felicidade, consegue aclamar a cidade, pois "os dias da Bahia parecem dias de festa". Essa movimentação dual de reforço da "imagem identitária" torna-se compreensível, porque ao nascer o sujeito incorpora uma identidade, dentro de uma cultura, e veste as diretrizes de uma representação, adota discursos. A narrativa criada do Brasil como terra da mistura possui raízes profundas, que datam do período de sua exploração. A Bahia por ter sido a primeira capital do país, o porto onde ocorreu o desague de diversos povos, recebe essa característica brasileira hiperbolizada. Deve-se dar relevo a outro ponto importante dessa feição identitária discursivamente estruturada, não é somente uma imagem que tem manutenção de forma exógena (de fora para dentro), mas ocorre de forma endógena (de dentro para fora) como um tipo de autopromoção de alguns

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

baianos. Essa autopromoção é feita pelos veículos midiáticos que possuem um interesse financeiro, mas também ocorre de forma espontânea pela própria população que já nasce inserida dentro do universo dessa representação e acolhem a ideia, falas como "eu moro onde você passa as férias" são comuns no repertório de muitos baianos. Lilia Moritz Schwarcz (2019) ao investigar as profundas raízes do autoritarismo brasileiro, elenca o mito das três raças – que gerou a ideia de miscigenação defendida até os dias atuais – como uma das primeiras estratégias de governos autoritários e violentos usadas como forma de construção da identidade brasileira, feita para a nova República que precisava de uma identidade própria. Estratégia utilizada propositalmente como forma de obliterar as outras culturas em detrimento da cultura da colônia portuguesa, em detrimento do colonizador que enxergava que necessitava se apoderar, também, desse espaço simbólico para realizar a exploração de forma maior. No equilibro do amor à cidade e da crítica social, o narrador de 1937 continua:

> Omolu tinha mandado a bexiga negra para a cidade alta, para a cidade dos ricos. Omolu não sabia da vacina, Omolu era um deus das florestas da África, que podia saber de vacinas e coisas científicas? Mas como a bexiga já estava solta (e era a terrível bexiga negra), Omolu teve que deixar que ela descesse para a cidade dos pobres. Já que a soltara, tinha que deixar que ela realizasse sua obra. Mas como Omolu tinha pena de seus filhinhos pobres, tirou a força da bexiga negra, virou em alastrim, que é uma bexiga branca e tola, quase um sarampo (Amado, 1997).

Contrariamente à atmosfera dos dias de festa, é retratada a cidade partida em cidade dos ricos e cidade dos pobres. A partição e disposição de direitos é exposta quando em uma passagem é descrito o castigo de Omolu. O orixá tinha mandado uma doença para a cidade dos ricos (a cidade alta) como vingança e reparação, mas Omolu não contava com a existência de mais um privilégio dos ricos, que era a vacina. Ele não tinha conhecimento tecnológico científico, era um rei das matas e como já não podia prender a "bexiga negra", deixou ela realizar sua obra. Tirou a força da doença que mandara, como forma de proteger o povo da cidade dos pobres – povo que não teria facilmente o privilégio do acesso à vacina. Essa passagem toma no ano de 2020 grande contextualização, em um cenário de pandemia de um vírus letal – Corona vírus – a disposição de privilégios a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

grupos de elite teve caráter indubitável. Alguns ficaram como o povo da cidade dos pobres de Jorge Amado, à própria sorte. Salvador é essa cidade conturbada cheia de diferenças sociais, adjetivada na letra da música como a babilônia. Em muitos estudos sobre o conceito de cidade, a cidade em seu sentido urbano é metaforizada como a própria babel, cidade caótica em oposição à cidade do céu. A babilônia onde a lei é diferente... A cidade, alta ou baixa, não é uma escolha, mas reflexo de sua posição, de sua condição econômica e social e continua: "Espalha. Lei da Babilônia é diferente", os meninos abandonados, os Capitães da Areia viviam a lei do "olho por olho e dente por dente" e buscavam a sobrevivência através de pequenos roubos, eles acordavam dispostos a travar novas batalhas.

Considerações finais

Com estudos realizados acerca do conceito de cidade, percebe-se uma idealização utópica, inalcançável, que foi ditada ao conceber o espaço citadino. Esse espaço de delimitação geográfica, mas que estava disposto em nome da racionalidade urbana, de um progresso tecnológico e atrelado ao formato de vida capitalista e globalizado, não se realizou no Brasil. Essa não realização tem a justificativa pautada no processo fundador do país, que foi a colonização, uma forma de exploração e violência para com diversos povos. A colonização e o processo de escravidão apesar de estarem no passado e "institucionalmente" finalizados, arrumaram formas de perpetuação de seus mecanismos que se camuflam em práticas diferentes, mas que têm o mesmo objetivo. O Brasil dos discursos oficiais, das elites econômicas e artísticas tem sua representação pautada em objetivos de manutenção de governos autoritários, formas que não são nenhum pouco inocentes. A música e o romance cantam a cidade e mostram que apesar da aura mística e inegável exaltação do popular e do tradicional até os dias atuais, Salvador- Bahia é um grande centro urbano como qualquer outro brasileiro.

O que devemos buscar é a discussão e o questionamento de tamanha segregação para além dos espaços geográficos. A cidade partida não é uma característica particular de solo soteropolitano, mas de todos o país. A discussão sobre a temática já um pontapé de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

muita valia, que contraria a maré do encantamento e do axé. Porém, torna-se paradoxal confirmar que Salvador encanta, encanta porque resiste. Resiste por reclamar sua tradição e africanidade em seus rituais, em seus afoxés, em seu Candomblé, em seu sincretismo inebriante como na Lavagem do Bonfim onde sagrado e profano se misturam e catolicismo e tambores se unem... A suposta alegria soteropolitana pode estar na capacidade de resistir e pulsar, apesar de...

Referências

ALBERTO, Paulina L. *Termos de Inclusão:* intelectuais negros brasileiros no século XX. Trad: Elizabeth de Avelar Solano Martins. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017

AMADO, Jorge, 1912. *Capitães da Areia;* ilustrações de Poty, 85ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade:* espaço dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CHARTIER, Roger. *A História cultural:* entre práticas e representações. – 2ª ed. – Col. Memória e sociedade. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990

CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário:* literatura, história e identidade cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade:* Literatura e experiência urbana; Prefácio de Eneida Maria de Souza. – 2º Ed. ampl.– Rio de Janeiro: Rocco, 2008

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. – 11º ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e Memória*. Tradução: Bernado Leitão. Campinhas, Sp. Editora da Unicamp, 1990 (Coleção Repertórios)

PESAVENTO, Sandra Jatahy.« *História & literatura:* uma velha-nova história », Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Débats, publicado em 28 de janeiro de 2006, consultado em 22 de setembro de 2019. URL: ttp://journals.openedition.org/nuevomundo/1560 ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560

PINHO, Osmundo S. de Araujo. *A Bahia no Fundamental:* Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade.Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 13, n. 36, p. , Feb. 1998. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Sept. 2019.

http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000100007

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SCHWARZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. – 1ª ed.– São Paulo: Companhia das Letras, 2019

SEKO, Marcelo. *Duas cidades*. Salvador: Casa das Máquinas (2015). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z8izpWIQ1zA

SILVA, Jamile Borges da. *Para entender Salvador:* das formas de habitar a cidade e ofício do Antropoligical Blues. In: Cidades: Dilemas, desafios e perspectivas. [livro eletrônico] / Alex Ferreira Magalhães (Org.). [et.al]. – Rio de Janeiro: UVA, 2020

VIEIRA, Nelson H. *Hibridismo e alteridade:* estratégias para repensar a história literária. In: Histórias da literatura: leituras contemporâneas. Org: Maria Eunice Ferreira, Amanda da Silva Oliveira e Fábio Varela Nascimento. – Porto Alegre: Luminara Editorial, 2017.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ANALISANDO QUESTÕES DE IDEOLOGIA EM THE HUNGER GAMES (2008) À LUZ DE CRÍTICAS MARXISTAS

Isabella Torres de Souza[76]

Resumo: A obra *The Hunger Games* (2008) traz consigo diversos aspectos dignos de reflexão. Uma forma de analisarmos esses pontos é por meio da crítica materialista. A crítica materialista possui uma perspectiva que se concentra nas condições materiais e econômicas da sociedade para entender as estruturas de poder e as relações sociais. Dentre os conceitos agregados a essa crítica está o conceito de ideologia. E é a partir desse conceito que este artigo examina a obra *The Hunger Games* (2008). Para isso, embasamos nossa pesquisa no que dizem autores como Maria Elisa Cevasco (2013), Raymond Williams (2011) e Marilene Chaui (2008). A pesquisa mostrou como o governo de Panem usa os Jogos para reprimir e amedrontar os cidadãos dos distritos.

Palavras-chave: Crítica materialista. Ideologia. *The Hunger Games* (2008).

Introdução

Obras literárias e as artes em geral, além de simplesmente entreter, são criadas de forma a retratar um ou mais aspectos de uma sociedade. A relação entre literatura e a sociedade é tão antiga quanto a própria história da humanidade. Desde os primórdios da civilização, a literatura desponta como um reflexo vívido das realidades, dos valores, das crenças e dos anseios que moldam a vida em comunidade. Alguns dos textos mais antigos datam do século VI a.C., e até mesmo do século X a.C., entre esses textos estão a Ilíada e a Odisséia, poemas épicos atribuídos a Homero que narram históricas mitológicas, respectivamente sobre a Guerra de Troia e a Viagem de retorno do herói Ulisses. (SOUZA, 2007)

No panorama da análise da literatura, a crítica materialista se destaca por sua perspicácia. A crítica materialista tem esse nome por dedicar sua atenção aos aspectos materiais da sociedade, ou seja, das relações sociais e produções materiais que a compõe. Chamada de crítica cultural materialista por Cevasco (2013), essa crítica se encontra no

[76] Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba. E-mail: isabellatdesouza@aluno.uespi.com.br.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

campo dos estudos marxistas que são variados e múltiplos. Os estudos marxistas buscam entender intensões e analisar a literatura e as obras em geral a partir de como a sociedade capitalista funciona.

Cevasco (2013, p. 21) diz que "[...] a teoria marxista se acha equipada para se constituir em uma fenomenologia da vida cotidiana sob o capitalismo tornando-se, assim, um dos mais poderosos instrumentos de descrição e de aferição da realidade sócio-histórica". A teoria marxista não apenas descreve a realidade, mas também a mede e a avalia criticamente. Ela examina as dinâmicas de poder, exploração e desigualdade, permitindo uma análise crítica das condições sociais e históricas. A aferição aqui significa avaliar o impacto dessas condições sobre a vida cotidiana e identificar possibilidades de transformação social.

Um dos principais conceitos dentro dos estudos marxistas é o conceito de ideologia. A filósofa Marilena Chaui (2008) tem um livro inteiro dedicado ao tema e em sua visão, que é inspirada na visão marxista, a ideologia assume o papel de um **véu que oculta as autênticas relações sociais e econômicas**, obscurecendo as profundas **contradições entre as classes**. Essa ocultação se dá pelo fato de que as **ideias predominantes em uma sociedade** geralmente servem aos interesses da **classe dominante**, moldando a **percepção comum** e **legitimando as estruturas de poder vigentes.**

Para exemplificar esse sistema, escolhemos o livro *The Hunger Games* (2008). A obra narra a história de Katniss Everdeen, uma garota de dezesseis anos que se vê na situação de se voluntariar no lugar da irmã mais nova para um torneio onde vinte e quatro jovens entram, porém, só um sai vivo. Esse torneio, que também é uma espécie de *reality show*, teve início após uma rebelião dos distritos contra a Capital de Paném. O país é controlado a mãos de ferro pelo seu presidente, Snow, que é conhecido por impor um regime totalitário e repressor aos doze distritos que compõem o compõe. Ainda é imposto aos distritos abastecer as necessidades da Capital com suprimentos que variam de carvão, alimentos a artigos de luxo.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho compreenderá na análise da obra literária *The Hunger Games* (2008) à luz de críticas marxistas, dando ênfase a questões de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ideologia. Esse trabalho faz parte da pesquisa do PIBIC, Edital PROP 02/2023, ref. 2023-2024, buscando analisar as questões de ideologia e classe no livro supracitado.

Crítica Materialista

A crítica materialista tem esse nome, pois tem sua base no materialismo. O materialismo aqui, de nada tem a ver com o que o senso comum diz e que está frequentemente associado à busca desenfreada por bens materiais e ao consumo excessivo. Nos primórdios, ele representa, no entanto, um intelecto livre da influência religiosa (EAGLETON, 2016, p. 3). Ainda segundo Eagleton, o materialismo

> is a remarkably capacious concept. It stretches all the way from the mind–body problem to the question of whether the state exists primarily to defend private property. It can mean a denial of God, a belief that the Great Wall of China and Clint Eastwoods ankles are secretly interrelated, or an insistence that the Golden Gate Bridge continues to exist when nobody is looking at it. (EAGLETON, 2016, p. 33)

Focado no social e nos aspectos humanistas, o materialismo proporciona uma base para analisar a sociedade e compreender suas dinâmicas. Dentre as criações da sociedade, a arte é um exemplo a ser destacado. Sob a perspectiva materialista, a arte se torna uma ferramenta para analisar a sociedade e entender as relações de poder que a moldam. Por meio da arte, é possível refletir sobre a condição humana e questionar o status quo.

Em contraste com visões idealistas ou puramente conceituais e tendo o materialismo como base, a crítica materialista se destaca por sua atenção nos aspectos tangíveis do mundo. Essa abordagem, longe de se limitar a definições rígidas, busca compreender as relações sociais por meio da lente das condições materiais que moldam a sociedade (CEVASCO, 2013). Ao invés de se prender a ideias abstratas, a crítica materialista se debruça sobre as realidades palpáveis que definem o nosso cotidiano. Essa postura permite desvendar as raízes das produções culturais, reconhecendo o impacto direto das condições materiais em sua criação e significado.

A crítica materialista modifica a forma como enxergamos a cultura. Em contraste com a visão tradicional criando obras por meio de uma inspiração que vem do universo, essa abordagem defende que a cultura é um produto socialmente enraizado, carregando em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

si os significados e valores da própria sociedade. Nessa perspectiva, a cultura e a sociedade se entrelaçam como duas faces da mesma moeda. Afirmar que "uma é a outra e a outra é uma" significa reconhecer que a cultura não é um mero adorno ou um elemento isolado, mas sim um reflexo das relações sociais, dos conflitos e das aspirações de um povo. (CEVASCO, 2013; WILLIAMS, 2011).

> Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns –; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e escorço criativo. Alguns escritores usam essa palavra para um ou para outro sentido [...]. (WILLIAMS, 2015)

No início de seu uso, a palavra cultura era usada para designar o cultivo agrícola e lavoura (EAGLETON, 2011), no entanto, ao longo do tempo seu significado sofreu mudanças. Williams (2015) diz que a palavra cultura atualmente é usada em dois sentidos diferentes. O primeiro uso diz respeito à forma como as sociedades vivem, ou seja, seus costumes, crenças e modos de viver. Diz respeito a tudo que compartilham como povo. Já o segundo, trata do que envolve as artes como pintura, música e cinema, por exemplo. São as obras criadas que expressam a criatividade, as emoções e as percepções dos indivíduos dentro de uma sociedade.

Cultura não deve ser pensada como algo individual. Cada povo ostenta sua própria identidade cultural, com valores, crenças e costumes distintos. Essa multiplicidade cultural é uma representação da diversidade das sociedades que habitam nosso planeta, cada qual com sua história única, moldada por acontecimentos e experiências que transcendem o tempo. A língua, a religião, a geografia e outros elementos juntos tornam possível essa multiplicidade cultural. Cada povo carrega consigo um legado ancestral, transmitido de geração em geração por meio de costumes, tradições e formas de expressão únicas. Essa herança cultural é a alma de um povo, definindo sua identidade e visão de mundo. (FACINA, 2004)

A vida em sociedade, ou a vida material é o local onde a crítica materialista encontra seu ponto de partida. É nesse contexto que as condições econômicas e sociais moldam as experiências diárias e as relações de poder. A crítica materialista busca

entender como as estruturas econômicas, as relações de produção e a distribuição de recursos influenciam a vida das pessoas, determinando suas oportunidades, limitações e formas de resistência. Nesse sentido, a análise materialista da cultura examina como as práticas culturais e as expressões artísticas emergem das condições materiais e, simultaneamente, como essas manifestações podem desafiar ou reforçar as estruturas de poder existentes.

Ideologia

Um dos principais conceitos da crítica materialista é o conceito de ideologia. Uma vez que toda ação primeiro nasce no pensamento, nossas ações sofrem influência da ideologia que seguimos. A ideologia molda as opiniões das pessoas e pessoas poderosas regem sociedades. Então, em viés marxista, a compreensão da influência da ideologia nas ações individuais leva a uma análise mais profunda das estruturas de poder, das dinâmicas de classe e os mecanismos pelos quais as relações de produção são mantidas e reproduzidas.

No ambiente marxista, ideologia pode ter vários sentidos. Raymond Willians (1983) aponta que no século passado houve uma compreensão ampliada da ideologia, que a via como um conjunto de ideias originadas de interesses materiais específicos ou, mais abrangente, provenientes de uma classe ou grupo definido. O autor também destaca a ideologia como uma visão mais estreita, que é de ideologia como ilusão, que sugere distorções e mascaramentos das relações de poder reais.

Chaui (2008, p. 7) concorda com Karl Marx ao dizer que “ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política.” Nessa compreensão de Chauí, advinda da interpretação marxiana, a ideologia seria como um véu que encobre as verdadeiras relações sociais e econômicas, obscurecendo as contradições entre as classes. Isso ocorre porque as ideias predominantes em uma sociedade são frequentemente aquelas que beneficiam a classe dominante, moldando a percepção comum e legitimando as estruturas existentes.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A ideologia funciona como uma poderosa ferramenta nas mãos da classe dominante. Boa parte de seu sucesso depende de sua "invisibilidade". Pois, para ela agir de forma precisa, tem que se apresentar como algo genuíno. Por meio da ideologia, valores são adotados e difundidos, valores esses que naturalizam as disparidades de classe, justificando a exploração econômica como algo inevitável ou até mesmo meritocrático. A manipulação ideológica não apenas justifica as desigualdades, mas também molda as pretensões individuais e coletivas, muitas vezes fazendo com que as pessoas aceitem as condições existentes sem questionar.

No entanto, a ideologia não é perfeita, especialmente "quando uma classe social compreende sua própria realidade, pode organizar-se para quebrar uma ideologia e transformar a sociedade." (Chauí, 2008, p. 24). Esse processo de conscientização é essencial para a luta contra a opressão e a exploração, pois somente com a tomada de consciência, um povo pode sair do estado de inércia e fazer algo para mudar sua realidade. Compreender as dinâmicas de poder, as relações de classe e os mecanismos pelos quais a ideologia é utilizada para manter o status quo, é essencial para as pessoas adquirirem autonomia para buscar transformações significativas. Gostaríamos agora de pensar sobre essa questão no romance *The Hunger Games* (2008) como forma de análise.

***The Hunger Games* (2008)**

Em 2008, Suzanne Collins, roteirista e escritora norte-americana, lançava *The Hunger Games*, o primeiro volume de uma trilogia que se tornaria um fenômeno global, vendendo mais de 100 milhões de exemplares e inspirando uma série de filmes de grande sucesso. Para celebrar o décimo aniversário da publicação, Collins concedeu uma entrevista[77] ao editor David Levithan, revelando detalhes inéditos sobre o processo criativo e as origens da saga. A ideia para *The Hunger Games* surgiu de forma inesperada, durante uma noite em que Collins assistia TV. Ao alternar entre canais que exibiam reality shows e imagens da Guerra do Iraque, a autora se deparou com uma dicotomia

[77] A entrevista se encontra em *The Hunger Games Special Edition*. Além disso, há um livro contendo somente essa entrevista sob o título *Trilogia Jogos Vorazes Entrevista Exclusiva com Suzanne Collins*.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

perturbadora: a banalização do entretenimento violento em contraste com a brutalidade real da guerra. Essa experiência a impulsionou a explorar temas como controle social, violência como espetáculo e a luta pela sobrevivência em um mundo distópico.

A obra se ambienta em um país chamado Panem, localizado onde uma vez já foi a América do Norte. Além de sua Capital, Panem possui doze distritos que abastecem a Capital com bens ou matérias prima. Katniss Everdeen, nossa protagonista e narradora da história, vive no Distrito Doze, um dos distritos mais pobres de Panem e responsável pela mineração de carvão. Com apenas doze anos, Katniss se vê no papel de provedora de seu lar após seu pai – Sr. Everdeen – morrer em uma explosão em uma das minas. Com sua mãe passando por um momento de total apatia e sua irmã mais nova sempre pedindo por comida, coube a ela o papel de tentar trazer comida para casa.

Na narrativa fica evidente a pobreza dos distritos, ao mesmo tempo em que percebemos a riqueza da Capital. Nos distritos, os habitantes enfrentam escassez de recursos básicos, trabalham arduamente em atividades muitas vezes perigosas e sofrem com a falta de autonomia. Por outro lado, a Capital representa o oposto, exibindo uma ostentação extravagante e um estilo de vida luxuoso. O abismo das condições de vida entre os distritos e a Capital e a opressão sofrida, gerou uma rebelião que acabou com a destruição de um distrito (o Distrito 13) e mais vigilância por parte do governo.

Como punição contra essa rebelião a Capital criou os ‘Jogos Vorazes’. Um jogo anual, que também é um *reality show* que por meio de um sorteio – chamado de Colheita – escolhe um garoto e uma garota de cada distrito com idades entre 12 e 18 anos que são tirados de seus distritos e colocados em arenas para lutarem até sobrar somente um vivo. O tributo campeão é então inundado de benesses da Capital durante toda a sua vida. Seu distrito também ganha prêmios, principalmente alimentos.

Na colheita do 74º Jogos Vorazes a garota sorteada como tributo do Distrito Doze foi Primrose Everdeen, irmã mais nova de Katniss de apenas doze anos de idade, e o garoto foi Peeta Melark. Prim, como ela é conhecida, é a vida de Katniss e por isso, Katniss não pensou duas vezes e se voluntariou no lugar da irmã assumindo o papel de tributo feminina do Distrito Doze. A plateia ficou em silêncio, testemunhando a força e a determinação da jovem, que agora se colocava voluntariamente em um evento cruel e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

mortal para salvar a vida de Prim.

A ideologia em *The Hunger Games* (2008)

A ideologia tem como propósito servir aos interesses da classe dominante. É uma ideia ou modo de viver que somente é confortável para aqueles que estão no controle da sociedade. **No entanto, seus objetivos vão além do simples conforto,** a ideologia atua como ferramenta de dominação, mascarando as desigualdades sociais, desmobilizando potenciais resistências e legitimando a hegemonia daqueles que estão no poder (GIDDENS; SUTTON, 2019).

A concepção dos Jogos Vorazes se deu primeiramente como forma de punição para os distritos que se rebelaram contra sua Capital. Esse é o motivo propagado como o oficial. No entanto, se analisarmos com mais atenção veremos que há algo mais profundo que somente uma punição.

> To make it humiliating as well as torturous, the Capitol requires us to treat the Hunger Games as a festivity, a sporting event pitting every district against the others. The last tribute alive receives a life of ease back home, and their district will be showered with prizes, largely consisting of food.[78] (Collins, 2008, p. 19)

A explicação de Katniss deixa claro que o Estado e a mídia de Panem atuam de forma massiva para a naturalização dos Jogos. O simples fato de haver os Jogos nos diz muito, pois se estamos falando de uma competição, tem que haver perdedores e vencedores. Cada distrito − pelo senso de pertencimento, por dividirem a mesma cultura − irá torcer pelos seus tributos, e consequentemente, torcer pela morte dos tributos dos outros distritos. O sentimento do "nós contra eles" fica mais forte pelo fato da Capital não permitir a comunicação entre os distritos e com isso cada distrito ficar totalmente alheio ao que ocorre nos demais.

[78] Para tornar humilhante, assim como torturante, a Capital exige que tratemos os Jogos Vorazes como uma festividade, um evento esportivo que coloca todos os distritos uns contra os outros. O último tributo vivo recebe uma vida fácil em casa, e seu distrito será inundado de prêmios, consistindo principalmente de comida.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O dia da colheita é uma espécie de feriado, as crianças não vão para a escola, os trabalhadores não vão trabalhar. A população inteira de cada distrito se reúne em uma cerimônia em praça pública para assistir ao sorteio dos tributos que irão representar cada distrito. Apesar do efeito que a Capital quer passar sobre esse dia, este evento é marcado por uma mistura de ansiedade e temor, principalmente nas famílias que tem jovens na faixa etária dos Jogos. Principalmente para essas famílias, o dia da colheita é um lembrete cruel da impotência diante do poder autoritário da Capital. No entanto, esse sentimento não é compartilhado por toda a população de Panem.

> Os cidadãos da Capital assistem por entretenimento, ou seja, pelo banho de sangue. Katniss reflete sobre o que acontece quando um dia se passa sem alguma morte: "O público da Capital vai ficar entediado, afirmando que a edição deste ano dos Jogos está ficando uma chatice. [...]"
> Em contraste gritante, os cidadãos dos distritos assistem aos Jogos horrorizados, torcendo silenciosamente para que seus tributos sobrevivam. (SHAFFER, 2013)

Após setenta e três anos de jogos, assistir aos Jogos se tornou fonte de entretenimento para a população da Capital e uma imposição para a população dos distritos. Aqui podemos notar que os jogos tem significado diferente, dependendo de onde as pessoas residem. Para a população da Capital, uma vez que aprendem desde cedo que as pessoas que moram nos distritos são inferiores, não conseguem ter empatia genuína com os vinte e quatro jovens que anualmente são enviados para morrerem nos Jogos. Tudo que veem é um passatempo, um divertimento sádico, um espetáculo.

Em contrapartida, para os habitantes dos distritos, os jogos representam uma trágica realidade, um lembrete cruel de sua submissão ao poder opressivo da Capital. O estado de medo e impotência é constante na população dos distritos e só aumenta durante o período dos Jogos. Serem obrigados a assistir seus filhos e filhas serem assassinados diante do país inteiro e não poderem fazer nada diante disso, só perpetua o ciclo de dor e sofrimento.

A imposição anual dos Jogos não só perpetua a ideologia de inferioridade dos distritos, mas também molda a percepção dos eventos de uma forma que alimenta a aceitação resignada dessa cruel realidade. A naturalização dos jogos pela mídia e pelo Estado serve, assim, como uma ferramenta efetiva para manter o controle,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

desumanizando as vítimas e dessensibilizando a população para a brutalidade subjacente aos Jogos Vorazes.

Considerações finais

Uma vez que a ideologia "reflete os interesses de grupos dominantes, como maneira de perpetuar sua dominação e privilégios" (JOHNSON, 1997, p. 126), vemos que tudo o que gira em torno dos Jogos é cuidadosamente arquitetado para reforçar essa estrutura de poder. A própria organização dos Jogos Vorazes, desde a seleção dos tributos até a exibição de suas lutas mortais, é projetada para instilar um sentimento de impotência e resignação nos distritos, ao mesmo tempo em que glorifica a supremacia da Capital.

A propaganda constante, a manipulação midiática e a espetacularização da violência são ferramentas utilizadas para moldar as percepções e garantir que a narrativa dominante permaneça incontestada. Assim, os Jogos não são apenas uma demonstração de força bruta, mas também um sofisticado mecanismo ideológico que sustenta a hegemonia da Capital sobre os cidadãos dos distritos. Essa narrativa distorcida não apenas perpetua a dominação econômica e política, mas também mascara a exploração e a opressão sistêmicas que sustentam o regime opressivo da Capital.

Referências

CEVASCO, M. E. O diferencial da crítica materialista. **Idéias**, v. 4, n. 2, p. 15, 2013.

CHAUI, M. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

COLLINS, S. **The Hunger Games**. Nova York: Scholastic, 2008.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

EAGLETON, T. **Materialism**. New Haven: Yale University Press, 2016.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

FACINA, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

GIDDENS, A.; SUTTON, P. W. Conceitos essenciais da Sociologia. **Statistical Field Theor**, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2019.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SHAFFER, A. A alegria de ver o sofrimento alheio: Shadenfreude e Jogos Vorazes. In: IRWIN, W. (Ed.). . **Jogos Vorazes e a Filosofia**. Tradução: Patrícia Azeredo. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

SOUZA, R. A. DE. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

WILLIAMS, R. **Keywords: A vocabulary of culture and society**. Nova York: Oxford University Press, 1983.

WILLIAMS, R. **Cultura e Materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

WILLIAMS, R. A cultura é algo comum. In: GABLE, R. (Ed.). **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. Tradução: Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 3–28.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ÍNDICES DE VIOLÊNCIA EM MENOS QUE UM, DE PATRÍCIA MELO

Carolina Montebelo Barcelos[79]

Resumo: Ao analisarem a ficção brasileira contemporânea, Karl Erik Schollhammer (2008) e Beatriz Resende (2007) assinalam, a despeito da heterogeneidade de gêneros e estilos, a existência de um projeto dos autores de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, muitas vezes na perspectiva da violência urbana em seus diferentes matizes. Deste modo, o objetivo desta comunicação é examinar como as diversas manifestações da violência são representadas em *Menos que um*, de Patrícia Melo, publicado em 2022. Em linhas gerais, o romance aborda a violência e a desigualdade social por meio de personagens que vivem na e da rua em um Brasil estilhaçado, como guardadores de carro, catadores, usuários de drogas, adolescentes pobres grávidas e desempregados, ao passo que mostra a apatia da sociedade em relação a eles. Para fins de suporte teórico são cotejados com o romance, na perspectiva da representação da violência, os livros *Contemporâneos*, de Beatriz Resende, e *Ficção brasileira contemporânea*, de Schollhammer, que discorrem sobre as manifestações literárias e culturais contemporâneas, *o livro Cenas do crime*, também de Schollhammer, sobre as escritas contemporâneas que abordam a violência, *La ciudad vista*, de Beatriz Sarlo, e artigos de Renato Cordeiro Gomes, no que diz respeito à representação da cidade moderna e contemporânea, e *O choque do real*, de Beatriz Jaguaribe, que versa sobre seu conceito de "choque do real", provocado pela violência, nas artes literárias e contemporâneas.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Representação da cidade. Violência. Desigualdade social. Patrícia Melo.

Introdução

Em uma extensa pesquisa coordenada por Regina Dalcastagnè (2021) com o objetivo de mapear o romance brasileiro contemporâneo tendo como base as maiores editoras brasileiras, indica-se que a maioria da autoria é masculina, branca e heterossexual, assim como os narradores e protagonistas. No entanto, a pesquisa também mostra que tem havido um aumento de publicações de mulheres. Se levarmos em consideração outras editoras que não foram contempladas na pesquisa, além do número cada vez maior de festivais e saraus literários, vemos uma crescente produção feminina. Ainda destacamos

[79] Pós-doutoranda. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Grupo de pesquisa: Literatura brasileira e latino-americana: questões de inserção no cenário contemporâneo (UERJ).

que as escritoras têm sido contempladas com importantes prêmios literários nacionais e internacionais.

Esse é o caso de Patrícia Melo. Com seus primeiros romances, foi associada ao romance policial, como uma herdeira literária de Rubem Fonseca quem, inclusive, roteirizou para o cinema seu romance *O matador* (1995), então intitulado *O homem do ano* (2003). Entretanto, a relação que se pode fazer entre Melo e Fonseca é por este ser um dos, se não o principal nome do romance policial e da literatura urbana contemporânea, tendo aberto um espaço para a prosa de escritores tais como Melo. Ademais, a obra de Patrícia Melo tem uma dicção própria. Destarte, ela prefere que se refira a suas narrativas como ficção urbana.

Críticos literários como Renato Cordeiro Gomes (1994, 1997, 2000), Beatriz Resende (2008) e Karl Erik Schollhammer (2009) apontam para a heterogeneidade de gêneros e estilos da literatura contemporânea brasileira e, assim como Regina Dalcastagnè (2021), veem que essa literatura é primordialmente urbana e que há uma tendência nessa prosa de se abordar o real, mormente a partir da representação da violência. Estaríamos, portanto, diante de um novo realismo que não diz respeito a um outrora realismo histórico, mas cuja escrita tem o "[…] desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria" (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14).

Esta nova forma de retratar a realidade atual da sociedade brasileira na perspectiva da violência urbana pode ser vista em *Menos que um*, último romance de Patrícia Melo, publicado no final de 2021 e semifinalista do prêmio Jabuti de 2023. Deste modo, o objetivo deste artigo é examinar como as diversas manifestações da violência são representadas em *Menos que um*, de Patrícia Melo, publicado em 2022. Em linhas gerais, o romance aborda a violência e a desigualdade social por meio de personagens que vivem na e da rua em um Brasil estilhaçado, como guardadores de carro, catadores, usuários de drogas, adolescentes pobres grávidas e desempregados, ao passo que mostra a apatia da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sociedade em relação a eles. Há, também, alguns personagens que vivem de trabalhos precários que não na rua.

Para fins de suporte teórico são cotejados com o romance, na perspectiva da representação da violência, o livro *Cenas do crime*, de Schollhammer, *La ciudad vista*, de Beatriz Sarlo, e artigos de Renato Cordeiro Gomes, no que diz respeito à representação da cidade moderna e contemporânea, e *O choque do real*, de Beatriz Jaguaribe, que versa sobre seu conceito de "choque do real", provocado pela violência, nas artes literárias e contemporâneas.

A violência em seus diversos matizes em *Menos que um*

O romance é dividido em três partes, cada uma com dezessete capítulos curtos. O elemento que evoca o real já está presente bem no início do primeiro capítulo: região central da cidade de São Paulo. Como assinala Renato Cordeiro Gomes sobre a cidade na literatura contemporânea, "a cidade, mais do que nunca, continua sendo uma paisagem inevitável" (GOMES, 2009, p. 29). E o repertório de temas trabalhados em narrativas sobre a cidade variam da "proliferação de diversas formas de violência, [...], as relações de poder..." (GOMES, 2000, p. 1). São muitos os personagens e se, inicialmente, cada capítulo versa sobre determinados núcleos de personagens, ao longo do romance muitas dessas vidas se cruzam, sempre atravessadas pela questão da violência.

Podemos elencar alguns personagens principais: Seno Chacoy, venezuelano que imigrou para o Brasil à procura de melhoria de vida e lava ruas; Chilves, homem negro catador de papel que mora na rua; Douglas, coveiro; Iraquitan, o "escritor" e guardador de carros que mora na rua; Tula, líder de uma ocupação; Jessica, adolescente, namorada de Chilves, ajuda na faxina e mora na rua; Glenda, transexual, diarista; e Zélia, mãe de um adolescente assassinado por Marreco, PM e miliciano.

A primeira manifestação da violência ocorre já no capítulo inicial. Seno Chacoy, para manter seu emprego em uma empresa de limpeza de ruas, prefere acreditar que deve apenas cumprir ordens depois de ouvir seu patrão no primeiro dia trabalho: "Não estou pedindo que o senhor esguiche água na cara desses vagabundos,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

desses folgados, desses haitianos, desses drogados que vivem por ali. Se agir assim [...] amanhã chegam aqui os fazedores de petição, os defensores de direitos humanos, e estamos enrascados" (MELO, 2022, p. 15). Desse modo, Seno Chacoy foi orientado a jogar água nos pertences – papelão, sacolas, carrinhos – dos moradores em situação de rua para que saíssem do local. Em uma dessas limpezas, foi feita uma reportagem por um dos principais jornais do país cuja manchete dizia "Eles jogam água nos nossos cobertores" (MELO, 2022, p. 44) e

estampava uma foto de Chacoy. Não adiantou ele dizer ao chefe que estava cumprindo ordens, foi desmentido e demitido, seguido por tentativas frustradas de conseguir um subemprego.

Uma das pessoas que moravam na rua era Iraquitan, o escritor, que costumava fazer anotações em seu caderno e era quem varria os arredores da banca de jornal da praça da Matriz, centro de São Paulo. Em uma das noites em que escrevia, Iraquitan foi abordado por um policial, que lhe pediu o RG e afirmou que ele não poderia ficar naquele lugar, enquanto outro policial filmava a ação. Depois de um deles atear fogo em seus pertences – cobertores, roupas, documentos e alimentos – e em sua barraca e ameaçá-lo prender, anunciou que era uma ação do programa "A gente se diverte fazendo o bem" e que ele havia ganhado uma barraca nova.

A desigualdade social já em si um sintoma da violência urbana, e ela é explicitada no romance por meio, por exemplo, dos personagens Chilves e Jéssica. Chilves é um catador de papel, ofício aprendido com sua mãe quando moravam em um aterro sanitário, antes de ser recolhido pelo conselho tutelar. Jéssica, sua namorada adolescente, que mora na rua com ele, é ajudante de faxina em um apartamento. A vida do casal contrasta com as mansões do Swiss Life Residence, que faziam com que Chilves conjecturasse um dia poder morar ali. E foi uma dessas mansões objeto do plano do personagem com alguns conhecidos de realizar um assalto. O que era para ser um assalto revelou ser um plano do ex-funcionário, demitido do luxuoso condomínio sem direitos trabalhistas, de vingança: as mulheres da família, inclusive duas adolescentes, foram estupradas antes de serem assassinadas. Assim, Chilves foi preso.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Jéssica, por seu turno, grávida, acabou por entrar na prostituição e se viciando em crack. Poste, seu cafetão, dizia lhe garantir clientes bons e segurança contra os homens que tentassem agredi-la. No entanto, "Jéssica já havia apanhado um bocado. Sobretudo dele" (MELO, 2022, p. 152), e "na praça, diziam que agora ela era escrava de Poste. Que Poste a fazia trepar com todos os pedreiros da obra do terminal rodoviário" (MELO, 2022, p. 117). Nesse sentido, como assevera a feminista estadunidense Andrea Dworkin, feminista estadunidense em Conferência na University of Michigan): "Se você está na prostituição, você não tem o amanhã em sua mente, porque o amanhã está muito longe. Você não pode supor que você viverá minuto a minuto. Você não pode e você não vive[80]" (DWORKIN, 1993, p. 1). E acrescenta:

> E se for necessário que toda uma classe de pessoas seja tratada com crueldade, indignidade e humilhação, colocada numa condição de servidão, para que os homens possam ter o sexo a que acham que têm direito, então é isso que acontecerá. Essa é a essência e o significado da dominação masculina. A dominação masculina é um sistema político[81] (DWORKIN, 1993, p. 4).

Quem tirou Jéssica dessa situação foi sua amiga Glenda, que fazia faxina no apartamento em que Jéssica era a ajudante. Acreditando estar ajudando a amiga, Glenda conseguiu que a Casa do Esplendor Divino, "centro terapêutico de reabilitação de usuários de drogas através da doutrina evangélica" (MELO, 2022, p. 156) a resgatasse da prostituição e drogas. Entretanto, também na Casa Jéssica sofreu diversas humilhações e violências.

Glenda é, ao longo do romance, uma das vítimas de violência em todos os níveis, da moral à brutalidade física:

> Na rua, as pessoas falavam o diabo de Glenda. Que toda aquela empinação rebolante, mas aquele jeito de falar, presunçoso, forçado, e também aquelas roupas de puta sem noção que ela vestia, era tudo falsidade! Que Glenda nem era mulher. Que era uma bichona. Que era trans. Que era homem de nascença.

[80] No original: "If you have been in prostitution, you do not have tomorrow in your mind, because tomorrow is a very long time away. You cannot assume that you will live from minute to minute. You cannot and you do not". Tradução nossa.

[81] And if it is required that a whole class of people be treated with cruelty and indignity and humiliation, put into a condition of servitude, so that men can have the sex that they think they have a right to, then that is what will happen. That is the essence and the meaning of male dominance. Male dominance is a political system. Tradução nossa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Que se chamava Weverton. Que chupava a rola de qualquer um. Que até se alojar num hotel social, vivia com um cachimbo de crack enfiado atrás da orelha, dando a bunda por cinco reais (MELO, 2022, p. 40).

Antes de trabalhar com faxina, Glenda havia sido agenciada pelo cafetão Poste. Um dia, para se vingar dela, Poste invadiu seu quarto e, quando Jéssica lá chegou, "Glenda estava caída no chão ao lado da cama [...]. Seu rosto parecia não ter olhos nem boca. Era só um bolo de carne, jorrando sangue [...]" (MELO, 2022, p. 42).

E a violência contra Glenda continuou até mesmo no hospital onde ficou internada depois disso: não aceitaram seu nome social, apesar de seus documentos, não permitindo, portanto, que ela ficasse na ala feminina. Mais adiante, foi novamente alvo de comentários violentos na rua devido às cicatrizes que ficaram em seu rosto; chamavam-na de "vaso quebrado, picadinho sem farofa, mapa do metrô, mocreia" (MELO, 2022, p. 113). E, tragicamente, depois de filmar com seu telefone uma abordagem policial violenta sobre um garoto, foi algemada e presa. O policial que a prendeu alegou tê-la soltado no mesmo dia da detenção, mas uma investigação revelou que ele havia mentido. Pouco tempo depois Chilves e Rita, ex-patroa de Glenda, foram chamados no IML para fazer o reconhecimento do corpo: "Cicatrizes e lantejoulas eram quase tudo o que havia sobrado de Glenda" (MELO, 2022, p. 314).

Podemos pensar o espancamento sofrido por Glenda, e também seu assassinato, assim como as referências à vida de Jéssica na prostituição por meio do conceito de choque do real conforme explicado por Beatriz Jaguaribe. Tendo por base o efeito do real em Roland Barthes pelo viés do choque, a crítica assinala que o choque do real é "[...] produzido pelas estéticas do realismo literário e cinematográfico que visam dar conta das conflitivas experiências da modernidade urbana no Brasil". (JAGUARIBE, 2007, p. 99), e observa ainda que "A recente produção brasileira de filmes, romances e livros jornalísticos que enfocam a favela, prisões e saga de personagens marginalizados pela pobreza, violência e exclusão social é parte desse anseio pela reportagem, pelo retrato do real e pela veracidade do evento" (JAGUARIBE, 2007, p.107).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O choque do real está, portanto, relacionado a ocorrências cotidianas, históricas e sociais, cuja finalidade é desestabilizar a neutralidade do leitor, atiçar a denúncia social e aguçar o sentimento crítico (JAGUARIBE, 2007, p. 101). Ao buscar o "impacto do 'çhoque' [que] decorre da representação de algo que não é [...] extraordinário, mas que é exacerbado e intensificado [...], ocorrências cotidianas da violência metropolitana tais como violações, assassinatos..." (JAGUARIBE, 2007, p. 100), o escritor provocando no leitor o incômodo, a fim de que se sensibilize com as causas expostas.

Uma outra manifestação de violência comum à cidade grande é a atuação da polícia e da milícia, mormente em áreas onde vivem as classes desfavorecidas. Nesse sentido, *Menos que um* traz a figura do miliciano representada pelo policial que prendeu e matou Glenda e por outro policial, Marreco, executado pelo assassino de Glenda como queima de arquivo. Marreco havia assassinado o adolescente João Henrique, filho da personagem Zélia. Zélia era doméstica e, após ser enganada por uma falsa empresa, tornou-se líder do movimento que lutava contra a desapropriação. Algumas pessoas relataram que João Henrique, foi assassinado por um policial para que ela parasse com os protestos.

Após o assassinato do filho, Zélia passa a praticamente morar no cemitério, pois era "uma mãe que não consegue largar o túmulo do filho" (MELO, 2022, p. 54). Sensibilizado pela história de Zélia, Douglas, o coveiro, a acolhe em sua casa, ficando sob os cuidados de sua esposa Regiana, e procura realizar uma investigação amadora para desvendar o crime, chegando ao nome de Marreco. Douglas e Regiana moram em uma comunidade, onde estavam "também habituados a uma polícia truculenta, que humilha tortura e mata" (MELO, 2022, p. 52).

No meio dos diversos horrores resultantes das variadas formas de violência, há, também, no romance, manifestações de alteridade e de cuidado com o outro. Nesse sentido, conforme Karl Erik Schollhammer assinala, "A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima" (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15). Assim, lemos em *Menos que um* o sonho de Jéssica de juntar dinheiro e tirar documentos (RG), em ter uma casa onde morar com Chilves e a

filha, os cuidados de Glenda com a roupa e a maquiagem. Também a questão pessoal que dá uma dimensão de humanidade nos personagens: ao mesmo tempo em que as vidas descritas são terríveis, personagens vítimas de todo o tipo de violência – desemprego, subemprego, vida precária (ou nas ruas), transfobia, drogadição, violência policial, -, são humanizadas. Eis, portanto, o cuidado de Jessica com Glenda quando ela tem o rosto esfaqueado por Poste, o cuidado de Glenda com Jessica quando ela está viciada em crack, se prostituindo, e quando engravida; o zelo de Douglas com Zélia no cemitério e a busca pelo assassino do filho dela.

Considerações finais

De acordo com a ONU Mulheres (2017), a América Latina é a região do mundo, fora das zonas de guerra, com os maiores índices de violência contra as mulheres e de feminicídio. O Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe (2021) – sob os auspícios da Comissão Econômica para a América Latina, uma regional das Nações Unidas sediada em Santiago, no Chile – aponta que o Brasil lidera os índices de feminicídio em números absolutos. Ainda, de acordo com a Transgender Europe (2021), 70% dos assassinatos de transgêneros aconteceram na América Latina, estando o Brasil, mais uma vez, na liderança desses índices.

É por meio de Jéssica, Zélia e Glenda que *Menos que um* representa a violência de gênero. Nesse sentido, como assevera Rita Laura Segato, "Em um meio dominado pela instituição patriarcal, se atribui menos valor à vida das mulheres[82]" (SEGATO, 2006, p. 3). Junto à denúncia da violência de gênero, o romance apresenta um mosaico de violências: desigualdade social, pobreza, brutalidade policial e ação da milícia. Assim, podemos afirmar que a violência é um crime de Estado, seja por inação, por não combater desigualdades sociais, pela estrutura patriarcal ou pelo aparato policial/miliciano que afeta mais diretamente as classes mais pobres.

[82] No original: "En un medio dominado por la institución patriarcal, se atribuye menos valor a la vida de las mujeres". Tradução nossa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em *La ciudad vista*, Beatriz Sarlo atesta que "Os pobres são o elo mais fraco do negócio do lixo, [...] de tudo aquilo que deixou de ter valor para aqueles que não são pobres[83]" (SARLO, 2009, p. 68). O *Menos que um* do romance trata-se disso, de quem vale menos que um indivíduo, do lixo como metáfora da pobreza. No romance há o catador de papéis e entulhos, o lixo retirado do prédio da ocupação, os pertences do escritor jogados no lixo, o lixo que toma as ruas onde usuários de crack se drogam, como numa passagem em que Jéssica se droga: "Só o que havia pelo caminho [...] eram imensos sacos de lixo [...] que ainda seriam desventrados pelos pobres e espalhados no asfalto" (MELO, p. 153).

Assim, temos no romance o que diz Beatriz Jaguaribe sobre o choque do real na narrativa contemporânea:

> A tragédia emerge na matança de inocentes durante a troca de tiro entre traficantes e policiais; no assassinato de crianças de rua; no desespero dos marginalizados, miseráveis, indigentes [...]. As invenções estéticas do choque do real buscam driblar a banalidade, mas não oferecem consolo metafísico, utopia histórica ou projeto alternativo de futuro". (JAGUARIBE, 2007, p. 105).

Ou como diz Beatriz Resende: "É a tragicidade da vida na metrópole hostil…" (RESENDE, 2008, p. 31).

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 56, n.1, p. 109-146, jan.-abr. 2021. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40429/26848. Acesso em: 10 jul. 2024.

DWORKIN, Andrea. Prostitution and male supremacy**.** *Michigan Journal of Gender and Law*. 1993. Disponível em: https://repository.law.umich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1191&context=mjgl. Acesso em: 14 abr. 2024.

[83] No original: Los pobres son el eslabón más débil (elo mais fraco) del negocio de la basura (lixo), […], de todo aquello que ha dejado de tener valor para quienes no son pobre" Tradução nossa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade moderna e suas derivas pós-modernas. *Semear*, n. 4, 2000. Disponível em: http://www.letras.pucrio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/4Sem_03.html. Acesso em: 15 nov. 2023.

_____. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 19 – 30, 2009. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaipotesi/□les/2009/12/A-CIDADE-A-LITERATURA-E-OS ESTUDOS1.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real:* estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MELO, Patrícia. *Menos que um.* São Paulo: LeYa, 2022.

ONU. CEPAL, Observatorio de Igualdád de Género de América Latina y el Caribe. *Feminicidio*. 2021. Disponível em: https://oig.cepal.org/pt. Acesso em: 15 ago. 2023.

ONU MULHERES. *Região da América Latina e do Caribe é a mais violenta do mundo para as mulheres, diz ONU*. 2007. Disponível em> https://www.onumulheres.org.br/noticias/regiao-da-america-latina-e-do-caribe-e-a-mais-violenta-do-mundo-para-as-mulheres-diz-onu/. Acesso em 20 abr 2024.

RESENDE, Beatriz**.** *Contemporâneos:* expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SARLO, Beatriz. *La ciudad vista.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime:* violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

_____. *Ficção brasileira contemporânea.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SEGATO, Rita Laura. *Que és um feminicídio.* Notas para un debate emergente. Brasília, 2006. Disponível em: https://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf. Acesso em: 28 ago. 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TGEU. *375 trans and gender-diverse people reported murdered in the past year.* Disponível em: https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/. Acesso em: 12 jul. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A CONTESTAÇÃO ENTRE A REPRESENTAÇÃO INDÍGENA DE MÁRCIA KAMBEBA E A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Analice dos Santos Marques (UFMA)[84]
Orientador: Rubenil da Silva Oliveira

Resumo: Este artigo aborda as diferentes representações do indígena pelo homem branco e a forma como é representado por seus descendentes. Ao longo dos anos, desde a invasão dos colonizadores portugueses temos nos deparado com inúmeras representações dos povos nativos do Brasil. Eles foram massacrados, escravizados, caçados e aculturados por pessoas que se nomeavam civilizados. Os povos indígenas não tinham voz, eram sempre citados, mas nunca abordados diretamente. O objetivo desse trabalho é analisar a representação indígena no livro Ay Kakyri Tama e na Carta de Pero Vaz de Caminha. Márcia Kambeba e a carta que Pero Vaz de Caminha encaminhou ao rei de Portugal quando atracou na costa brasileira. Para este artigo utilizamos uma metodologia bibliográfica qualitativa e como base teórica fizemos uso de autores como Graúna (2012), Leite (1998), Dorrico (2018) entre outros. Conclui-se então, que a literatura indígena é de suma importância para a verdadeira representação desses povos a tanto esquecidos como explorados.

Palavras-chave: Representação indígena.Literatura indígena.Literatura brasileira.

[84] Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal do Maranhão UFMA- Campus Bacabal. Bolsista CNPq. Grupo de pesquisa em literatura, negritude e diversidade- GEPELIND.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

1.INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, desde a invasão dos colonizadores portugueses temos nos deparado com várias representações dos povos nativos do Brasil. Eles foram massacrados, dizimados, escravizados e aculturados por pessoas que se diziam civilizadas. A forma como se portavam era imoral, os deuses que adoravam eram chamados de demônios, os seus rituais eram pecadores, a sua língua era uma ofensa e a cor da sua pele uma descrença. Os povos indígenas não tinham voz, eram sempre citados, mas nunca abordados diretamente. Já foram representados como heróis, selvagens, vítimas são o povo sem lei. A primeira representação que se teve desses povos foi na carta de Pero Vaz de Caminha onde ele aborda os indígenas como, "pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram". A princípio, Pero os descreve de forma singela e até os chama de inocentes.

Ao pensarmos nessa falência da cultura indígena deveríamos lembrarmos que perderíamos nossas raízes. A cultura indígena tem sido deixada à mercê diante da sociedade, o seu completo desaparecimento causaria uma ruptura na própria origem da nação brasileira. O que muitos esquecem é que são filhos desse povo, foram eles os responsáveis por parte da história do Brasil. Acerca disso, Tiago Hayki diz que:

> "A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. [...] O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Diante disso, percebemos então que a ancestralidade indígena traz consigo uma grande bagagem histórica que deveria ser valorizada e as pessoas deveriam ter certa curiosidade, além de possuir a mente aberta para poderem usufruir desses conhecimentos. Ouvir suas histórias, seus cantos, passar esses conhecimentos à frente virar o próprio contador de histórias como nas tribos indígenas.

Atualmente, autores indígenas estão ganhando espaço na literatura brasileira e assim a história dos povos está sendo perpassada e escrita por aqueles que fazem parte daquele grupo. A exemplo, temos Márcia Wayna Kambeba, uma indígena da etnia Kambeba autora do livro Ay Kakyri tama(eu moro na cidade), nele é abordado a história dos Kambebas através de poemas. A autora usa da escrita que é uma grande evolução para os povos indígenas, para compartilhar sua língua, seus cantos, sua história e assim ter seus costumes passados além da oralidade pela escrita. Ely Macuxi diz que:

> "A escrita tem se mostrado de grande utilidade nos contextos indígenas, uma ferramenta que deixou de ser um instrumento de dominação e controle e que hoje é instrumento de afirmação, divulgação e defesa dos povos indígenas – um instrumento de divulgação das riquezas culturais, das narrativas, dos mitos, das imagens, dos simbolismos que destacam a estética, o belo, os grafismos que orientam nossa condição de povos diferenciados, com línguas e territórios, filosofias e ciências, embora certos setores da literatura brasileira ainda precisem permitir acesso e permanência da literatura indígena em suas academias e fóruns".

Pode-se perceber o quanto a escrita se fez de grande importância para os povos indígenas. Antes, escritos por autores que os descrevia-a bel prazer, e hoje eles podem falar sobre si, compartilhar a sua literatura com outras pessoas. Ao voltarmos anos atras, na época dos colonizadores, além da grande variedade de povos e etnias, existiam as várias línguas que hoje encontram-se apenas uma pequena parcela. A falta de falantes e principalmente de registros fez com que muitas línguas fossem perdidas ao longo do

tempo. Diante disso, a literatura indígena hoje, já compartilhada pelos autores é a mudança que precisávamos.

Márcia Kambeba assim como outros autores indígenas, nos apresentam uma literatura viva e rica que mostra a realidade dos povos na atualidade. E com isso, a grande questão que muitas pessoas ainda ignoram que é o processo que toda e qualquer sociedade tende a evoluir e com eles não seria diferente. Não deveriam esperar o que se foi mostrado anteriormente, a mesma descrição dos indígenas na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Eles não vivem mais apenas da caça, pesca e da mata como era a séculos atras, um dos fatores foi principalmente a perda de suas terras que muitos nos dias de hoje ainda lutam para recuperar. Eles não vivem mais isoladamente na mata, muitos vivem na cidade e novamente darei Kambeba como exemplo, pois até em seu livro que eu já citei e abordarei mais a frente, possuem poemas que homenageiam cidades como Belém e São Paulo.

Com tudo que já foi exposto, nesse trabalho abordarei a representação indígena da autora Márcia Kambeba no livro Ay Kakyri Tama, publicado em 2018 e a carta de Pero Vaz de Caminha nos anos 1500. Dito isto, partirei para fundamentação do artigo e assim seguirei até chegarmos as considerações finais.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Já possuímos muitos autores indígenas, como podemos perceber a literatura indígena vem erguendo-se aos poucos. A autoria indígena é de grande importância para a passagem de conhecimentos e não só para o registro da mesma, a literatura indígena é uma forma de resistência dos indígenas por toda luta e dor que passaram por todos esses anos. Serão nessas obras que veremos o indígena não como aquela figura idealizada pelos romancistas, ora como o bom selvagem, ora como um ser mau, nas produções dos autores indígenas será onde veremos eles como um ser humanizado, a escritora potiguara Graça Graúna dizia, em abril de 2012:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> "nossa literatura contemporânea é um dos instrumentos de que dispomos também para refletir acerca das tragédias cometidas pelos colonizadores contra os povos indígenas; a literatura é também um instrumento de paz a fim de cantarmos a esperança de que dias melhores virão para os povos indígenas no Brasil e em outras partes do mundo. Fazer literatura indígena é uma forma de compartilhar com os parentes e com os não indígenas nossa história de resistência, nossas conquistas, os desafios, as derrotas, as vitórias ou como fizemos na roda de conversa de escritores e artistas indígenas rumo ao Fórum Rio +20; assim como fez, também, o parente Gersen Baniwa, ao perguntar no seu livro: o que precisamos saber a respeito dos povos indígenas no Brasil de hoje? Porque a palavra indígena sempre existiu, agradeço pela oportunidade que me deram de estar aqui, na esperança de cultivar o direito de sonhar e a liberdade de expressão, sempre. Que Ñanderu nos acolha"(Graúna, 2012, p. 275).

Os escritores indígenas, na fala de Graúna (2013), são agentes autorais de seus povos e, dessa maneira, precisam construir uma escrita própria da história de cada etnia representada nos livros. Isto é, a esses autores é delegada a tarefa de imprimir visões de identidade do povo nos escritos da literatura indígena. Esse traço inicia-se na assinatura do autor, a qual coincide, quase sempre, com o nome do grupo do escritor, por exemplo, a escritora Márcia Kambeba. Assim, ao construírem uma obra literária, o escritor indígena revela ao mundo que:

> "pesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível. Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas" (Graúna, 2013, p. 55)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Como pode-se observar, o espaço denominado literatura indígena somente pode ser ocupado por escritores indígenas na condição de produtores de sua própria cultura. Essa proposta, vista como ação de resistência e de afirmação de identidades/alteridades, surge na literatura indígena como forma de contraposição ao longo período em que o indígena figurou apenas como temática na literatura brasileira, independentemente do modo como figurou, ou seja, de forma tanto positiva quanto negativamente. Dessa forma, os autores indígenas são responsáveis pela quebra do estereótipo produzido e propagado pelos autores romancistas.

Ao abordamos a escrita não podemos esquecer da oralidade, visto que é uma das principais fontes de conhecimentos passados pelos contadores de história das tribos. A sua importância não deve ser esquecida e muito menos substituída pela escrita. Afinal, a tradição oral continua exercendo sua função para passagem do saber. Para Leite (2003) é na oralidade que estão as raízes da literatura e, mesmo depois da literatura escrita ter se desenvolvido, a oralidade continuou a ser elemento importante e a exercer influência. Diz ela, ainda que: "A oralidade é também uma atitude perante a realidade e não a ausência de uma habilidade, e a fronteira que separa a literatura da oralidade não é assim tão nítida (LEITE, 1998, p. 16)"

A tradição oral foi vista a tempos atras como primitiva, pois, cabia aos mais velhos da tribo compartilhar o que sabiam e lembravam. A oralidade em si, era um tanto questionável por não ter aquela base fixa, o contador já com seus tantos anos de vida dependia apenas da sua memória para poder passar as histórias. Leite fala que:

> "a tradição oral era considerada primitiva e os folcloristas europeus estudaram o seu patrimônio oral considerando-o como formas sobreviventes de um estágio inicial. [...] A literatura oral era encarada como uma manifestação primária, simples, não sujeita a trabalho reflexivo, e um produto de uma comunidade, enquanto a literatura escrita revelava o oposto, final conclusivo de um processo de desenvolvimento: complexa e resultante do trabalho de um só autor" (LEITE, 1998, p. 19).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As produções indígenas são escritas tanto em suas línguas maternas quanto na língua portuguesa. Há livros que utilizam apenas a língua indígena; outros, apenas o português; outros ainda que apresentam as narrativas na língua indígena e traduzidas para o português, e, por fim, aqueles que apresentam duas versões das histórias, uma na língua indígena e outra em língua portuguesa um fato presente no livro Ay kakyri Tama de Márcia Kambeba, onde ela traz tanto a escrita da sua língua materna quanto a tradução em português. O que podemos observar nesse processo é que a língua do branco colonizador, antes usada como instrumento de dominação e manipulação de saberes passa agora para o domínio escrito do índio. O que antes era uma "arma" contra esses povos passa agora a ser uma "arma" favorável ao indígena, uma ferramenta que possibilita sua expressão imaginativa, comunicativa e também um instrumento político para a divulgação e valorização de sua cultura, seus costumes e, acima de tudo, de seus direitos.

3.METODOLOGIA

O presente trabalho foi produzido por meio de pesquisa bibliográfica e no decorrer dela foi possível obter informações enriquecedoras acerca da temática apresentada. A pesquisa bibliográfica para Fonseca (2002) é realizada:

> [...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos, páginas da web, sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p.32).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

4.OBJETIVO

- **OBJETIVO GERAL**

  Analisar a representação indígena no livro Ay Kakyri Tama e na Carta de Pero Vaz de Caminha

5. A REPRESENTAÇAO DO INDÍGENA PELO COLONIZADOR BRANCO E PELO SEU DESCENDENTE

A representação do indígena na literatura brasileira data do primeiro documento histórico concebido neste território, a Carta de Pero Vaz de Caminha. Toda via, é importante frisar a diferença entre a literatura de autoria indígena, concebida por escritoras e escritores dos povos originários e uma literatura sobre o indígena concebidas por pessoas não indígena.

Durante grande parte da história do Brasil, a produção literária que envolvia a figura indígena foi realizada pelo olhar do colonizador. Tanto na Carta de Caminha, que transmite a Portugal impressões sobre o achado da nova terra e impressões sobre os nativos, quanto nos Sermões dos padres que eram voltados para a catequização dos indígenas, é possível perceber a intenção da imposição da cultura, religião e ideologias europeias.

Ao longo dos anos do período colonial perpetuou-se na literatura a elaboração de textos que apresentavam visões estereotipadas e até desumanizantes sobre os indígenas. Obras como Uraguai, de Basílio da Gama, e Caramuru, de Santa Rita Durão são exemplos. Durante a fase da literatura brasileira conhecida como Romantismo (1836 a 1880), houve uma primeira geração de autores não indígenas que utilizaram a figura do indígena para criar uma imagem de herói nacional e evocar um sentimento ufanista aos brasileiros. Essa geração literária do Romantismo é conhecida como geração Indianista e é formada por autores como José de Alencar que publicou obras como O Guarani e Iracema. E também Gonçalves Dias com seus poemas Juca-Pirama e Canção do Exílio**,** entre muitas. É

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

possível perceber que durante bastante tempo a escrita em torno da representação indígena, suas tradições e costumes, eram registros ilegítimos fabricados por pessoas sem local de fala ou pertencimento para tais questões. Outro equívoco comumente feito, é o de achar que pelos povos originários não terem desenvolvido a escrita alfabética até determinado momento, presumir que não existia literatura de fato indígena, quando sempre houve através da oralidade, a transmissão e registros de suas histórias, mitos, lendas e encantados.

Na Carta de Pero Vaz de Caminha, podemos observar que os povos originários além de perpassarem um ar inocente, aos olhos do próprio Pero mesmo armados com seus arcos eram inofensivos podemos observar isso no trecho da carta a seguir: “um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas de nada lhes serviram”.

A primeira representação dos povos indígenas foi descrita somente o seu físico, suas características os seus costumes de nada mostraram até sua crença foi posta em dúvida e dita até como inexistente quando eles seguiram os colonizadores na missa e assim os imitaram o ato de beijar a cruz. De pouco ele citou se eles até tentaram se comunicar através da fala, ele aborda apenas que eles tentavam se comunicar pelos gestos, apontando: “porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata.” Essa foi a representação que o colonizador branco fez do povo indígena que encontraram na época em que atracaram nas terras brasileiras.

Marcia Wayna Kambeba, uma indígena da etnia Omágua/Kambeba que traduzindo para o português significa “cabeça de homem” e Kambeba que foi um apelido dado a eles por causa da prática de remodelação do crânio, significa “cabeça chata”. Autora do livro de poemas Ay Kakyri Tama que será usado para análise, mostra a representação do seu povo, por meio das fotografias postas no livro, na sua língua também presente no livro e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

veremos também a forma como ela descreve sua origem.

Logo no início do livro, Kambeba faz uma breve apresentação onde conta a história da sua etnia:

> "A luta do povo Omágua/Kambeba, e dos demais povos, não se resume apenas em defender seus limites territoriais, lutam também por uma forma de existência, presente no modo diferente de viver, ver, sentir, pensar, agir e de seguirem construindo sua história, lutando por seus direitos, tendo como um dos objetivos o ensino da língua materna. A língua Omágua/Kambeba durante anos, vem apresentando sinais de declínio, mas se mantêm viva, através dos ensinamentos às crianças e aos adultos. Mas, quem são os Omágua/Kambeba? Abro aqui um parêntese para explicar que, Omágua (nome original da etnia) significa pelo que se pôde colher nas pesquisas "cabeça de homem", e Kambeba (apelido dado ao povo devido a prática da remodelação do crânio) significa "cabeça-chata". No entanto, fazemos uso dos dois termos para nos referirmos a etnia. Ressalto ainda, que esse povo, sempre usou roupas, confeccionavam suas próprias vestimentas desde o século XVIII, por este e outros motivos foram tidos pelos viajantes da época, como povo de mais razão" (Kambeba, 2018, p.17)

A forma como Kambeba traz a história do seu povo logo no início do livro, difere de uma forma enorme como outros autores não indígenas abordam sobre eles. Ela traz um conhecimento passado através da tradição oral, agora sendo registrado pela escrita e assim descrito de forma legítima e real dos povos indígenas. Além disso, Kambeba também traz o fato de muitos indígenas morarem na cidade, o que pra muitos faz com que eles deixem de ser considerados indígenas, o que é uma grande inverdade, pois eles carregam consigo seus costumes e tradições:

> "É importante dizer, que os povos indígenas hoje, de modo particular o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> povo Omágua/Kambeba, mesmo aldeados, não deixam de ter uma relação com a cidade, manifestada nas relações que são mantidas no cotidiano, na utilização de aparelhos eletrônicos que facilitam a comunicação entre ambos, na busca de sabres na escola do "branco", não com a intenção de apagar a nossa língua materna, mas, de modo a contribuir com nossa luta em prol da manutenção do nosso tesouro ancestral, uma vez que a flecha deu lugar a uma luta política, com argumentos bem consistentes por nossos direitos a conservação do nosso patrimônio material e imaterial e a interculturalidade respeitando nossa forma de ser. O mesmo se dá com a cidade, é comum encontrar na casa do amazonense uma rede feita de tucum, um fogão a lenha, unido a culinária, macaxeira, banana, peixe assado, além de nomes de pessoas e cidades que representam a cultura e a língua dos povos indígenas como Iracy (nome de pessoa) Icoaracy (nome de cidade). Portanto, os povos indígenas, mesmo que de formas diferentes, mantêm o mesmo ideal de conservar sua cultura como herança ancestral. Esse livro é um convite a um engajamento nessa luta pela manutenção da cultura dos que contribuíram para a formação do estado brasileiro e hoje buscam seu reconhecimento, seu respeito" (Kambeba, 2018, p.19)

No primeiro poema do livro titulado de Ay Karyri Tama (eu moro na cidade), Kambeba já mostra a realidade atual onde indígenas saem de suas tribos e vão morar na cidade, a forma como ela escreve lembra a um grito, pois mesmo morando na cidade ela não perdeu a sua essência:

> "Ay kakuyri tama. Ynua tama verano y tana rytama. Ruaia manuta tana cultura ymimiua, Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual. Tradução: Eu moro na cidade Esta cidade também é nossa aldeia, Não apagamos nossa cultura ancestral, Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual. Nasci na Uka sagrada, Na mata por tempos vivi, Na terra dos povos indígenas, Sou Wayna, filha da mãe Aracy. Minha casa era feita de palha, Simples, na aldeia cresci Na lembrança que trago agora, De um lugar que eu nunca esqueci. Meu canto era bem diferente, Cantava na língua Tupi, Hoje, meu

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> canto guerreiro, Se une aos Kambeba, aos Tembé, aos Guarani. Hoje, no mundo em que vivo, Minha selva, em pedra se tornou, Não tenho a calma de outrora, Minha rotina também já mudou. Em convívio com a sociedade, Minha cara de "índia" não se transformou, Posso ser quem tu és, Sem perder a essência que sou, Mantenho meu ser indígena, Na minha Identidade, Falando da importância do meu povo, Mesmo vivendo na cidade".(Kambeba, 2018, p.25)

Kambeba também conta a história de origem dos Omágua no seu livro, um poema que traz a ancestralidade de sua etnia, a título tem-se por "Ser indígena ser Omágua":

> "Sou filha da selva, minha fala é Tupi. Trago em meu peito, as dores e as alegrias do povo Kambeba e na alma, a força de reafirmar a nossa identidade, que há tempo fico esquecida, diluída na história. Mas hoje, revivo e resgato a chama ancestral de nossa memória. Sou Kambeba e existo sim: No toque de todos tambores, na força de todos os arcos, no sangue derramado que ainda colore essa terra que é nossa. Nossa dança guerreira tem começo mas não tem fim! Foi a partir de uma gota d'água que o sopro da vida gerou o povo Omágua. E na dança dos tempos pajés e curacas mantêm a palavra dos espíritos da mata, refúgio e morada do povo cabeça-chata. Que o nosso canto ecoe pelos ares como um grito de clamor a Tupã, em ritos sagrados, em templos erguidos, em todas as manhãs"!(Kambeba, 2018, p.25)

Ao fazer a leitura, percebi que Kambeba também traz a forma como o ritual indígena foi classificado pelo homem branco, que via apenas a sua cultura como certa, "Ritual sagrado" foi como ela chamou:

> "Iapã iapuraxi o ritual! Vamos dançar o ritual! Em noite de yaci-tua, O pajé convoca a nação, Tambores ecoam na aldeia, Começa a celebração. Dentro da Uka sagrada, O pajé inala o tawari, E no transe evoca os seres

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> da mata, Vem o mapyritua, a curupira e o mapinguari. A metamofose anuncia, A presença do sobrenatural, Na sua forma se vê a magia, Hora awa, hora animal. O que era um culto sagrado, Guardado como ouro ancestral, O branco achou que era pecado, Ivadiu meu ser espiritual. Deixei de ser filha de euaracy (sol), A cruz se tornou meu sinal, Proibiram minha dança dizendo: Não existe mais o teu RITUAL". (Kambeba, 2018, p.31)

Ela traz a representação de como os indígenas tiveram de aprender o português, por não entenderem a língua deles. Com essa situação a sua própria língua foi esquecida, seus falantes perdidos. Ainda assim, os que sobraram passam seus ensinamentos para crianças e os adultos, o que já muda e distancia um pouco essa triste realidade. No poema "Tana Kumuera Ymimiua" traduzindo, Nossa língua ancestral, Kambeba vai falar sobre a língua Tupi:

> "Não se pode dizer que os Kambeba, Esqueceram a língua Tupi, Ainda existem alguns falantes, Que não deixam o dialeto sumir, No ensinamento dos que sabem, Memorizo o que aprendi. Kumiça yuria! kumiça ypaçu! Tradução: Fala mata! Fala lago! May-tini na sua grandeza, Por não conseguir entender, Viu nossa fala com estranheza, Português fez o povo aprender, Mas os Kambeba com esperteza, Ensinavam em segredo, Superando o que seria, o fastama do seu medo. Mas a língua, não é fator determinante, Para se poder dizer, Que um indígena não é Kambeba, Por não saber escrever, Na língua do seu povo, Pois a afirmação está no seu ser"(Kambeba, 2018, p.37)

Por último trarei o poema onde Kambeba traz o encontro do povo indígena e o homem branco. O encontro que resultou na perda e esquecimentos de vários povos e culturas, o poema "Território ancestral":

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> "Maá munhã ira apigá upé rikué Waá perewa, waá yuká Waá munhã maá putari. Tradução: O que fazer com o homem na vida, Que fere, que mata, Que faz o que quer. Do encontro entre o "índio" e o "branco", Uma coisa não se pode esquecer, Das lutas e grandes batalhas, Para terra o direito defender. A arma de fogo superou minha flecha, Minha nudez se tornou escandalização, Minha língua foi mantida no anonimato, Mudaram minha vida, destruiram o meu chão. Antes todos viviam unidos, Hoje, se vive separado. Antes se fazia o Ajuri, Hoje, é cada um para o seu lado Antes a terra era nossa casa, Hoje, se vive oprimido. Antes era só chegar e morar, Hoje, nosso território está dividido. Antes para celebrar uma graça, Fazia um grande ritual. Hoje, expulso da minha aldeia, Não consigo entender tanto mal. Como estratégia de sobrevivência, Em silêncio decidimos ficar. Hoje nos vem a força, De nosso direito reclamar. Assegurando aos tanu tyura, A herança do conhecimento milenar. Mesmo vivendo na cidade, Nos unimos por um único ideal, Na busca pelo direito, De ter o nosso território ancestral. O que fazer com homem na vida Que fere, que mata, Que faz o que quer". (Kambeba, 2018, p.39)

6.CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura indígena é de suma importância para a verdadeira representação desses povos a tanto esquecidos como explorados. A autoria indígena quebra todo estereótipo criado por autores não indígenas que fizeram uma idealização irreal da sua representação. Como resultado disso, podemos perceber a enorme diferença de como uma autoria indígena legítima difere de forma sucinta a representação desse mesmo povo pelo colonizador branco e assim percebemos a importância não apenas da escrita como da tradição oral para a contínua existência desses povos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

REFERÊNCIAS

CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico] -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

FONSECA, J.J.S. *Metodologia da pesquisa científica.* Fortaleza: UEC, 2002.

GRAÚNA, Graça. *Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto.* Educação & Linguagem, São Bernardo do Campo, v. 15, n. 25, p. 266-276, 2012.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade.* 2 ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.* Belo Horizonte: Mazza, 2013.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais.* Lisboa: Edições Colibri, 2003.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA PESQUISA EM LETRAS NO SÉCULO XXI
Grupo temático 08: As inúmeras possibilidades para além da palavra escrita: literatura, outras artes, outras mídias

PRÁTICAS DE LEITURA E ENSINO DA CANÇÃO

Maria Letícia Naime Muza (UFSC)

Orientador Prof. Dr. Marcos Antônio Rocha Baltar (UFSC)

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta metodológica de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa quanto aos gêneros da esfera artístico-literária, ao problematizar a vida e a cultura local para a possibilidade de acesso à cultura global nas interações humanas (VYGOTSKY, 2009; BAKHTIN, 1997). Tal ressignificação metodológica tem como objetivo apresentar como práticas de leitura podem intervir na compreensão de canções e no ensino e na aprendizagem da Língua Portuguesa na Educação Básica e propor uma análise multissemiótica com o gênero canção, apresentando o tetragrama do Grupo de Estudos da Canção (GECAN) / UFSC (BALTAR et al, 2007, 2019, 2023).

Palavras-chave: Esfera artístico-literária. Canção. Leitura/ausculta. Compreensão.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar como práticas de leitura podem intervir na compreensão de canções e no ensino e na aprendizagem da Língua Portuguesa na Educação Básica. Aborda como questão principal de pesquisa: O gênero canção faz parte das aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental? E como decorrência desta: Como a canção pode ressignificar as práticas de leitura das aulas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental? Este trabalho valeu-se da pesquisa qualitativa-propositiva e da pesquisa documental dos materiais didáticos e das propostas curriculares e está embasado nos estudos de lexicultura sobre os elementos formais da língua e sobre os elementos intra e extralinguísticos (BARBOSA, 2009), em estudos do círculo de Bakhtin sobre gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997), em Vygotsky (2009) sobre as interações humanas e em estudos sobre o ensino da canção (TATIT, 1996; TINHORÃO, 1998; ANDRADE, BALTAR, CASTRO, 2021).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Ao longo de anos de experiência no magistério, percebi o aumento do distanciamento dos estudantes de práticas leitoras, tornando este um hábito quase raro. Foi, neste sentido, na área de Linguagens, que emergiu a observação de que os gêneros discursivos da esfera artístico-literária/cultural permitem aos leitores/ouvintes que desenvolvam seu imaginário e sua subjetividade, construindo uma identidade singular, pois o contato com o texto desta esfera contribui com a ampliação do repertório linguístico, favorecendo o trânsito entre diferentes registros de linguagem para novas sociabilidades e para novos círculos de pertencimento, estimulando uma visão crítica do mundo. Dos gêneros desta esfera, a canção (letra e música), por ser um gênero multissemiótico, apresentou-se como uma possibilidade de leitura e ausculta, possibilitando atividades de compreensão e um trabalho de análise da língua mais profícuo e que induzisse a um trabalho mais motivador na sala de aula.

Assim, as práticas de leitura, que daí emergem, envolvem recursos linguístico-lexicais como formação de palavras, sinonímia, antonímia, paródia, rima entre outros recursos linguísticos no trabalho com canções que ajudam na ampliação vocabular de uma forma lúdica, mas também crítica, sem deixar de trazer emoções e aflorar sentimentos, ressignificando, desta forma, as aulas de Língua Portuguesa. Neste contexto, reiteramos que a canção, como um gênero do discurso mais próximo da realidade, das vivências e dos gostos dos estudantes, oportuniza a aprendizagem e a autonomia para a compreensão leitora e proporciona elementos para um trabalho autoral e para a análise linguística dos múltiplos elementos apresentados nas canções.

Assim , como definido por Bakhtin ([1979] 1997), os gêneros do discurso são caracterizados por seu conteúdo temático (assunto), plano composicional (estrutura formal) e estilo (forma individual de escrever; vocabulário, composição frasal e gramatical). O gênero oral ou escrito, primário (gêneros mais simples e cotidianos) ou secundário (gêneros mais complexos), em qualquer esfera da comunicação verbal, é individual, refletindo a individualidade de quem fala ou escreve. Em outras palavras, todo enunciado possui um estilo individual. (BAKHTIN, [1979] 1997).

Diante disto, a interação entre língua e cultura no ensino e na aprendizagem de línguas contribui para a compreensão do contexto de uso da língua e das situações

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

interacionais nos diferentes gêneros, e, no caso deste trabalho, no gênero secundário canção, da esfera artístico-literária.O léxico está diretamente ligado aos aspectos cognitivos, sociais e culturais de uma língua e, portanto, exerce um papel importante para a compreensão dos significados (BARBOSA, 2009).

Perante o exposto, consideramos que as esferas da atividade humana e seus gêneros do discurso representativos são sócio-historicamente situados. Nestes termos, em relação a canção, Tinhorão (1998) fala das transformações da história socioeconômica do país que influenciaram a representatividade da cultura brasileira, nas diferentes épocas, influenciando estilos musicais e letras das canções. Segundo Tatit (1996), a perspectiva literária converge a cultura erudita e a popular, mas ainda trata a canção popular como um sub-gênero da tradição lírico poética. No entanto, após os estudos de Tatit, a definição apresentada para a canção passou a buscar sentido na interseção entre o cotidiano e o artístico, entre o popular e o clássico.

Neste viés da compreensão da leitura e da ausculta, segundo Brait (2006), a análise dialógica do discurso é marcada pela

> relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (BRAIT, 2006, p.10).

Neste sentido, os professores devem possibilitar aos estudantes a busca pela autonomia, a construção de saberes próprios a partir dos conceitos e objetos do conhecimento abordados em cada etapa de sua formação. O despertar do conhecimento e da fruição é a compreensão do que é objetivo e subjetivo na arte. Assim, a musicalidade é parte essencial da canção que, transformada em objeto de ensino, revela a necessidade de se explorar a riqueza objetiva subjetivamente transformada. “Ademais, advoga-se pela consideração desse processo nas múltiplas semioses que constituem a canção enquanto

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

gênero, cujos sentidos configuram forças essenciais de formação de indivíduos sensíveis, ao opor-se à educação instrumental e buscar-se a formação integral." (ANDRADE, BALTAR, CASTRO, p. 307, 2021). Isto posto, trazemos na seção seguinte uma proposta de análise e estudo da canção com foco na leitura e na ausculta.

PROPOSTA DE ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE CANÇÃO

Apresentamos uma proposta sucinta de trabalho com canção e para esta análise lançamos mão de quatro itens apresentados pelo Grupo de Estudos da Canção - GECAN (2023), conforme segue:

- Análise do Componente Verbal (Conteúdo temático, Prosa ou poesia, Relações dialógicas, Atitudes discursivas, Versificação, Figuras de Linguagem);

- Análise do Componente Sócio Situacional (Esferas das Atividades Humanas; Contexto Histórico, Político, Social, Ideológico, Cultural, de Gênero, Étnico, Axiológico, Econômico);

- Análise do Componente Autoral (Relação de Autoria com Eu-Tu-Lírico, Coautoria, Composição, Audiência, Intérpretes, Motivo verbal);

- Análise do Componente Musical (Gênero Musical, Forma, Tonalidade, Cadência, Motivo musical, Ritmo, Melodia, Prosódia, Instrumentação, Fonograma).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TETRAGRAMA DE ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DA CANÇÃO
(Versão 24/11/2023)

AUTOR: GRUPO DE ESTUDOS DA CANÇÃO (GECAN) - NELA - UFSC

16

Sugerimos, aqui, como exemplo de estudo, a canção “Afinar a rezas” de Dazaranha, banda brasileira de reggae rock, nativa de Florianópolis, Santa Catarina.

Para a compreensão da ausculta e da leitura da canção, podemos acionar, discutir e pesquisar os seguintes elementos:

- cultura mané: quem são as rezadeiras e como trabalham.
- lugares da cidade de Florianópolis que aparecem na canção, em especial da Ilha de Santa Catarina: história local, características físicas, ambientais, sobre a alimentação, população local e se o que observaram é igual para toda a Ilha de Santa Catarina - dentro de um mesmo universo, muitas são as “ilhas”.
- trabalho interdisciplinar e transdisciplinar: questões sobre a história e cultura da Ilha e as histórias místicas, questões ambientais, de sustentabilidade, de saúde e bem estar, questões sobre ocupação do espaço por metro quadrado, mobilidade urbana, etc.
- ludicidade: cantar traz o aspecto lúdico e de movimento para

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

a sala de aula, aflorando emoções.

- foco na Língua Portuguesa está no trabalho com o léxico.

Observamos que a música possibilita e amplia o trabalho com rimas, versos, poemas, haicais, narrativas cantadas, promovendo a autonomia na compreensão, e, a autoria de produções de textos orais ou escritos, auxiliando, inclusive, na alfabetização e letramento tardio,no caso do Ensino Fundamental II ou EJA.

Em relação à análise linguística e produção de texto, podemos trabalhar nomes (substantivos, adjetivos) e ações (verbos), em textos como "Circuito fechado", após o trabalho relacionado à leitura. Ampliando a compreensão e quanto à autoria, podemos tecer haicais ou textos somente com nomes - dos 49 bairros e das 42 praias da ilha, comidas ou expressões idiomáticas típicas da região.

Trazemos outra possibilidade para o estudo de gêneros artísticos-culturais /ou literários, por exemplo, a relação de poemas com canções, posto que a semelhança entre poema e canção está em relação à escrita e à temática, pois as duas composições são feitas em versos/estrofes e costumam conter rimas. Além disso, costumam ter subjetividade, caráter emocional e falar de sentimentos do eu-lírico.

Seguem exemplos de poemas que viraram canções, popularizando tais poemas:

a)Motivo, Cecília Meireles / Motivo, Fagner (fala do canto e da arte de ser poeta). Pequenas adaptações.

b) E Agora, José?, Carlos Drummond de Andrade / E Agora, José?, Paulo Diniz. (sem adaptações).

c) Não, Não Digas Nada!, Fernando Pessoa / Não, Não Digas Nada, da banda Secos e Molhados, clássico na voz de Ney Matogrosso (não foi musicado na íntegra, mas serviu de inspiração).

d) Luzes, Paulo Leminski / Luzes, Arnaldo Antunes (poema cheio de trocadilhos que brinca com a interpretação do leitor).

e) A Rosa de Hiroshima, Vinicius de Moraes (poeta e músico) / Rosa de Hiroshima, Secos e Molhados.

f) Azulão, Manuel Bandeira / Azulão, musicado pelo compositor Jayme Ovalle e cantado

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

por Nara Leão.

g) Soneto 11, Luiz Vaz de Camões / Monte Castelo, Legião Urbana. Além do poema de Camões a música ainda cita trechos bíblicos do livro de Coríntios.

h) Circuladô de Fulô, Haroldo de Campos / Circuladô de Fulô,musicado e gravado por Caetano Veloso, que manteve até os neologismos e as marcas de oralidade do texto.

i) Canção Amiga, Carlos Drummond de Andrade / Canção Amiga, Milton Nascimento.

j) Que o Deus Venha, Clarice Lispector / Que o Deus Venha, musicado por Cazuza, gravado por Cássia Eller, Adriana Calcanhotto, Frejat e o próprio Cazuza.

k) Desejos, Victor Hugo / Amor Pra Recomeçar, Frejat.

l) Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto (livro de poesia regionalista escrito por João Cabral de Melo Neto. A obra inspirou um álbum inteiro do cantor Chico Buarque como Funeral de Um Lavrador, que é uma das mais fiéis ao texto da obra.

m) Quase Nada, Alice Ruiz/ Quase Nada, Zeca Baleiro.

n) Madeiras do Oriente, Waly Salomão (escritor bahiano) /Teu Nome Mais Secreto, Adriana Calcanhotto (gravou algumas estrofes e criou a música Teu Nome Mais Secreto).

Em relação à análise multissemiótica, utilizando os elementos do tetragrama, chamamos a atenção para o fato de que, muitas vezes, nem todos estes elementos serão trabalhados de uma só vez, podendo ser enfatizado um aspecto sobre o outro. Trazemos, abaixo, objetivos de ensino para a aprendizagem da leitura de canções, adaptados da Proposta Curricular de Florianópolis (2016) e algumas habilidades conforme a BNCC (2017), conciliados aos elementos de análise apresentados no tetragrama:

1.Contextualização

1.1. Atividades de conhecimento prévio

Para explorar os elementos da análise do componente autoral e os elementos da análise do componente sociossituacional, contextualizando a canção com a época, a região, os grupos sociais e seus costumes, seguem alguns objetivos de ensino e de aprendizagem:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

- Inferir o conteúdo da canção antes de fazer a leitura, com base em título, imagens, vídeo clips, diagramação e informações contidas na capa e contracapa do álbum.
- Apresentar a canção (em uma roda de conversa), perguntando se identificam o compositor e o cantor e se o conhecem.
- Mostrar outras produções do compositor, e/ou outras canções interpretadas pelo cantor, relacionando elementos que os identifique.
- Perguntar se conhecem a canção e o grupo que a interpreta.
- Explorar conhecimentos prévios sobre a temática ou estilo da canção.
- Ouvir a canção.
- Perguntar sobre o que entenderam e sentiram.

1.2 Compreensão

Para explorar os elementos da análise do componente verbal e musical, seguem alguns objetivos de ensino e de aprendizagem:

- Articular as especificidades dentro do contexto de ensino e de aprendizagem de canções.
- Trabalhar as características do gênero canção: conteúdo temático (assunto), plano composicional (estrutura formal) e estilo (levando em conta a forma individual de escrever; vocabulário, composição frasal e gramatical).
- Trabalhar a diferença entre poema e poesia e poema e prosa.
- Trabalhar as características do gênero canção (letra e música), que caracteriza-se pela subjetividade, musicalidade e sentimento.
- Propor atividades para reconhecer os recursos expressivos sonoros ligados a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

musicalidade, identificando, também, efeitos de sentido gerados pela repetição de sons e de palavras.

- Identificar a finalidade interacional do gênero em que o texto é lido, assim como a esfera da atividade humana em que esse gênero institui relações interpessoais e especificidades do suporte em que o texto é materializado no gênero.
- Localizar informações explícitas, para a interpretação de informações implícitas e para a reflexão e avaliação sobre o conteúdo lido.
- Reconhecer recorrências/regularidades no conteúdo temático do texto no gênero e vivenciar sua aplicação, identificando:

a) na narração: conteúdo de informação e de fruição e recursos linguísticos para tal;

b) na poesia: conteúdo de fruição e recursos linguísticos para tal;

c) na descrição: conteúdo de informação e de fruição e recursos linguísticos para tal. Reconhecer diferentes semioses nos gêneros multimodais.

- Compreender e interpretar gírias e metáforas utilizadas na canção, ampliando o conhecimento sobre história, política e cultura.
- Explorar os elementos indicativos da habilidade EF69AR19, proposto pelo componente curricular Artes, que consiste em: “Identificar e analisar diferentes estilos musicais, contextualizando-os no tempo e no espaço, de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética musical.” (BRASIL, 2017).

Os objetivos apresentados orientam os elementos de análise sugeridos no tetragrama de modo a facultar a ampliação de vivências com as línguas nas interações sociais, com foco na compreensão de leitura e ausculta, em textos no gênero do discurso canção, de forma mais ampla e significativa sem, no entanto, visar o esgotamento.

Estes são apenas alguns elementos de análise e alguns objetivos para o trabalho

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de leitura e de ausculta de textos no gênero discursivo canção. Gênero escolhido por ser mais acessível e mais próximo da realidade dos estudantes e pela possibilidade de tornar o ensino da língua mais atrativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A canção é um gênero discursivo vinculado ao grande tempo e à esfera artístico-literária que retrata questões sócio-culturais, complexas ou não, relacionadas à cultura, a ideologia e às interações e relações político-sociais do momento, trazendo diferentes vozes materializadas na letra e no arranjo melódico.

Conforme Bakhtin (1997), esta é uma forma de trazer para dentro dos muros escolares o que acontece fora dele ao propor trabalhar canções e sua relação com questões da cultura e da literatura com fatos cotidianos e sócio-históricos para compreender e transformar o mundo ao nosso redor.

A influência das diferentes mídias e tecnologias tem afastado os estudantes de livros e bibliotecas, reduzindo hábitos de leitura, além da circulação e o acesso em ambientes de letramento. Tal realidade tem encolhido vivências leitoras críticas, comprometendo a autonomia, as relações e a identificação das diferentes vozes e intenções nos textos sejam eles verbais ou não-verbais, distanciando o que se busca: uma educação que promova a formação humana integral.

Para finalizar, não poderíamos deixar de mencionar a questão da inclusão. Esta está muito presente no estudo da língua por meio de canções: estudantes cegos conseguem acompanhar o ritmo e a ausculta da letra da canção, estudantes surdos conseguem ler a letra e sentir a vibração da melodia, estudantes com espectros e outras deficiências apreciam o embalar das canções.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. M. de; BALTAR, M. A. R. e CASTRO, L. M. de. Reflexões sobre o espaço da canção nos documentos parametrizadores nacionais para o Ensino Fundamental. In: **Estudos Semióticos**, 17(3), pp.306-325, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**.[tradução feita a partir do francês por

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979], 1997.

BARBOSA, Maria Lúcia de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino- aprendizagem de português língua estrangeira. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 10-11, FFLCH/USP, 2008-2009.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília:MEC/SEB, 2017.

FLORIANÓPOLIS. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis; Prefeitura de Florianópolis/Secretaria de educação, 2016.

TATIT, Luiz. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.

TINHORÃO, J. R. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

VYGOSTKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas.** Madrid: Centro de Publicaciones Del MEC y Visor Distribuciones, [1997], 2009.

14 poemas que viraram música. Disponível em: https://www.letras.mus.br/blog/poemas-que-viraram-musica/

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O PERSONAGEM PERCIVAL EM *EL CUENTO DEL GRIAL* DE CHRÉTIEN DE TROYES E NA OBRA DE RUBÉN DARÍO: ECOS DO DOM QUIXOTE?

Antonia Javiera Cabrera Muñoz[85]

Resumo: Ao longo da História, o mito do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda foram concebidos como um modelo, um ideal da ação humana. Eles são o modelo de uma conduta perfeita que atravessa os tempos: temos notícias desse mito inicialmente em Chrétien de Troyes, no século XII, na obra *Perceval ou le conte du Graal* (c.1182-1190), inacabada, traduzida ao espanhol por Martín de Riquer como *Perceval o el cuento del Grial* (1961). Na literatura hispano-americana, o poeta Rubén Darío publicou diversas obras em que o medieval se faz presente na poesia e na prosa, como no conto "A las orillas del Rhin", publicado em folhetim na revista *El Porvenir de Nicaragua* em 14 de julho de 1885. Na poesia, temos mais referências a personagens medievais, como Percival e Lohengrin. Na versão de Troyes, Percival admite erros e volta atrás para concluir a sua demanda da busca pelo Santo Graal. Em Darío, da mesma forma, temos um Percival errático, caracterizado como "el loco luminoso", o que nos leva a crer que há uma possível relação intertextual entre essas obras. Questionamo-nos: qual é a influência desse personagem arquetípico na poesia de Darío que, da mesma forma que Troyes, o coloca como um bufão ou um desastrado segundo a leitura de Mircea Eliade (1938), e que pode ter possíveis relações com o personagem do Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura? Objetiva-se aproximar o mito à literatura nos dois autores em questão, a partir da noção de mito como arquétipo humano.

Palavras-chave: Mito. Literatura. Arquétipo humano. Rubén Darío. Chrétien de Troyes.

Introdução

O simbolismo em torno do Rei Artur é incalculável. Não só porque se trata de uma verdadeira saga na nossa história mítica, mas porque sua reverberação na História é vastíssima, e vai desde versões literárias até adaptações fílmicas de alto valor agregado. Como dimensionar a figura do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda nos dias de hoje? Sabemos que a existência do Rei Artur é questionável – e ele não passa de uma lenda – mas nem por isso é menos importante para a nossa imaginação. O que realmente importa para nós desde os tempos remotos até os dias de hoje, é o valor simbólico que o mito representa, ou seja, a mensagem que nos é transmitida.

[85] Doutora em Literatura e Pós-Doutora em Artes. Docente do Curso de Letras da UFVJM.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

E qual é a mensagem conhecida e perpassada ao longo da História acerca desse mito? Conta-se que, pelos idos dos séculos IV ou V depois de Cristo, em uma comunidade chamada Camelot, localizada no Reino Unido, havia um rei chamado Artur. Camelot era próspera e estável e era formada pela comunidade local e pelo castelo do Rei Artur onde vivia com sua esposa, a Rainha Guinevere. O Rei Artur, por orientação do seu Mago Merlim, construiu a famosa "Távola Redonda", onde ele reuniria os doze melhores cavaleiros do mundo para construírem, juntos, um reino de justiça. Os doze cavaleiros poderiam ter representado, em sua origem, cada um dos doze signos zodiacais. Um detalhe importante é que, na composição dos lugares da mesa, o Mago Merlim havia sugerido que houvesse à disposição treze lugares e não doze.

Artur passa a buscar os mais virtuosos cavaleiros justos e só consegue encontrar dez cavaleiros. Inicialmente, a "Távola Redonda" era composta por onze cavaleiros contando com Artur, assim, sobraram dois lugares predestinados aos escolhidos. Diz a lenda que, os que tentavam se sentar nesses lugares predestinados, nesse momento, a cadeira se abria e a pessoa caía ao chão.

A espada de Artur era chamada de "Excalibur". Ela é o símbolo da vontade e da força humanas, do puro empenho humano para se chegar ao divino. A espada estava cravada em uma pedra de onde ninguém conseguia retirar a não ser uma única pessoa que seria aclamada Rei de Camelot. Como Artur foi o único que conseguiu retirar a espada cravada na pedra, ele se tornou o Rei. A pedra representa a dureza do coração e a espada, que representa a vontade e a força humanas cravadas na pedra, juntas, simbolizam a pura espiritualidade cravada na matéria. Ou seja, sendo a espada a pura vontade e a força humanas, somente um coração puro poderia retirá-la da pedra e tomar posse de seus poderes divinos. Eis o que representa o Rei Artur, uma imagem de Deus.

Na sua busca pelos melhores cavaleiros do reino, Artur topa com Lancelot, filho de um rei distante, sendo o mais forte e justo cavaleiro da região. Porém, ele carrega consigo uma maldição: só poderia servir a um rei quando fosse derrotado em batalha, assim, como ele era invencível, andava pelo mundo em busca de grandes batalhas.

O Rei Artur ordena seus cavaleiros que lutem contra Lancelot, mas ele vence todos. Ao saber que Lancelot havia vencido todos, o Rei pega sua espada e vai

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

pessoalmente lutar contra Lancelot. No momento em que o Rei iria perder a luta, invoca os poderes espirituais da espada e com um golpe certeiro derrota Lancelot que cai ao chão desacordado. Com esse golpe, a espada se parte ao meio. Essa partição simboliza, a partir daquele momento, o rompimento da harmonia que existia na alma do Rei Artur. Ou seja, ao invocar os poderes espirituais da espada para um propósito próprio, por medo de perder a batalha (o sentimento da vaidade), Artur quebra a harmonia que existia na espada (corpo, alma e espírito) e no seu coração, pois a força espiritual da espada só pode ser usada em favor da Humanidade e não para satisfazer o ego.

"Excalibur" partida ao meio é jogada em um lago, porém Artur se arrepende do feito e desperta seu coração novamente para o sentimento da humildade, fazendo com que uma imagem divina surja do lago com a espada novamente forjada e intacta. A "Dama do Lago" ergue-se e devolve-lhe a espada. Esse ato simboliza que o Homem não pode separar o mundo material do mundo espiritual sob a pena de perder sua força espiritual. Cristãmente, o arrependimento puro gera o Amor e esse, por sua vez, pode restaurar o coração do homem pela Graça Divina (o sentimento da misericórdia).

Lancelot vencido, ele se incorpora feliz aos cavaleiros da "Távola Redonda". Como havia vencido os demais cavaleiros, ele é tido como o mais forte, ou seja, ele venceu todas as fraquezas interiores dos cavaleiros, seus defeitos e todas as suas limitações, pois a lenda conta que cada cavaleiro da "Távola Redonda" representa uma fraqueza humana a ser vencida. Lancelot, por sua força e por possuir a alma mais pura entre todos, passa a ser o guardião da rainha, a esposa de Artur, a Rainha Guinevere. Porém, Lancelot se apaixona loucamente pela rainha. Inicia-se, aí, a pior das batalhas desse grande cavaleiro: lutar contra si mesmo. A Rainha Guinevere trai o Rei Artur com Lancelot e isso leva à decadência de todo o reino de Camelot. Ao ter conhecimento dessa traição, Artur cai em profundo abatimento e toda a comunidade de Camelot começa a perecer, pois a terra começa a não produzir mais frutos e toda a prosperidade automaticamente começa a decair. Com a traição da esposa, novamente perde-se a harmonia entre corpo, alma e espírito no coração de Artur. Então, o Rei diz que somente o Santo Graal tem o poder de reestabelecer Camelot. Daí começa a saga em busca do cálice sagrado. Artur ordena os seus cavaleiros que saiam pelo mundo e encontrem o graal, pois

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ele é a única forma de reestabelecer o reino.

Mas, o que tem a ver o graal com a restauração do Rei e de Camelot? O graal foi o cálice com que José de Arimatéia colheu o sangue de Cristo na cruz. Ou seja, como o Rei Artur simboliza a perfeita união com Deus, sua esposa, a Rainha Guinevere, representa a alma (a sua ligação espiritual) e Lancelot, o corpo (a beleza física), quando a Rainha se deixa levar pelas tentações materiais (a beleza física de Lancelot), quebra-se novamente a harmonia, a ligação perfeita que existia entre Artur e os três princípios mencionados anteriormente, corpo, alma e espírito. Daí que, quebrada a harmonia, não só Artur perece, mas sua terra também. Somente o Santo Graal, que é a união perfeita dos três princípios, pode restaurar e prosperar novamente Camelot. O graal simboliza, então, a perfeita união do Homem com Deus.

Nessa busca pelo Santo Graal, todos os cavaleiros são derrotados pelos feitiços e maldades provocados pela Fada Morgana. Somente um cavaleiro não é derrotado por ela e consegue encontrar o graal: Percival que, segundo a lenda, era filho de Lancelot. Percival é o décimo terceiro cavaleiro, e é ele quem vai ocupar o lugar vago na “Távola Redonda”. O que mais simboliza esse cavaleiro é seu coração puro, justo e leal aos seus princípios espirituais. Ele será o encarregado de levar o cálice até Artur que, ao beber da taça, volta a recuperar suas forças, seu ânimo e assim toda a comunidade de Camelot se reestabelece novamente.

Por sua atuação, Percival simboliza o centro, a união da força física e espiritual dos doze cavaleiros em uma só pessoa, por isso foi digno de encontrar o Santo Graal. Ele simboliza o cavaleiro que consegue vencer a si próprio, mantendo unidos os três princípios no seu coração, e o que alcança a verdadeira vitória não só para si, mas para os demais cavaleiros e para o Rei Artur.

Se formos interpretar as ações dos personagens dessa lenda, teríamos que os encontros da Rainha Guinevere com Lancelot representariam para nós o nosso próprio drama humano, pois o Homem fica preso aos prazeres da vida, não se conectando mais com os princípios espirituais que são representados na pessoa de Artur e depois na de Percival. Se o Santo Graal contém o sangue de Jesus, é Ele quem vai nos levar até Deus. Então, é somente com a presença do graal que Artur pode reestabelecer novamente a sua

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

união com Deus. Ou seja, se Jesus é o caminho, o graal vai simbolizar o caminho de união do Homem com Deus. Por isso que, quando Artur bebe do graal, está simbolizado nesse ato que Artur, por Cristo, se une novamente a Deus.

O que podemos retirar dessa lenda, e que foi se atualizando ao longo da História em diversas versões literárias e fílmicas, é que cada um de nós possui um verdadeiro drama humano interior: todos nós somos um pouco de Artur, de Guinevere, de Lancelot e de Percival. E esses personagens, atuando dentro de nós *dramaticamente*, ou seja, digladiando-se entre si na nossa Camelot, que simboliza a nossa própria alma ou lugar do nosso psicologismo, temos, então, que a nossa principal missão das nossas vidas é reestabelecer a nossa Camelot, ou seja, devemos nos unir com Deus por Jesus Cristo.

Todos nós temos de empunhar a espada da vontade e da força humanas sempre que formos levados a fazê-lo. Ou seja, todo ato de libertação é, na verdade, uma decisão e uma ação – um verdadeiro desafio.

Nessa descrição um tanto quanto longa da saga do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda, temos algumas indicações que nos ajudam a pensar o mito como um arquétipo humano. Na psicanálise de Carl Jung (2018), temos a teoria do inconsciente coletivo que consiste em uma livre transmissão de materiais que chegam até nós por meio de nossos ancestrais e que vão formando a nossa psique. A ideia básica do inconsciente coletivo é que nós já nascemos com uma herança psicológica, além da biológica. Existe uma evolução do corpo e da mente que perpassa toda a História da Humanidade, assim, nosso corpo e nossa mente são como depósitos psíquicos de várias histórias do passado.

Esses materiais são distribuídos inconscientemente na forma de arquétipos, ou seja, eles são modelos de organização de todo o material psicológico que herdamos. Para Jung, todos nós possuímos vários arquétipos que estão presentes na construção de nossa personalidade, sendo que um deles é o dominante e os demais, secundários.

Os arquétipos junguianos são em número de doze, sendo eles: “o inocente”, “o sábio”, “o aventureiro”, “o rebelde”, “o mago”, “o herói”, “o amante”, “o comediante”, “o comum”, “o prestativo”, “o governante” e “o criador”. Eles representam padrões universais de comportamento que se repetem ao longo da História e em todas as culturas. Eles são as expressões simbólicas das necessidades básicas da Humanidade e representam

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

os impulsos mais profundos e instintivos que nos levam a agir de certas maneiras e não de outras.

Em uma visão ampla do personagem Percival, podemos pensar que estamos diante de um arquétipo que mistura "o rebelde" e "o herói", mas ambos transmutados em "o inocente", sendo este o dominante. Seria o perfeito Dom Quixote? Percival pode ser representado como um modelo de personalidade inocente em toda sua trajetória, tal como o personagem principal de Miguel de Cervantes, mas que vai evoluindo ao longo da missão que tem: como ele é o rebelde e o herói em uma personalidade inocente, pode ser confundido com um louco, posto que ele não tem plena consciência do porquê e como age para cumprir sua missão. Percival, como um arquétipo humano, foi representado em várias obras literárias e artísticas, e é justamente a partir da Idade Média que ele tem sua primeira representação simbólica em palavras feita por Chrétien de Troyes na obra *Perceval ou le conte du Graal* (c.1182-1190), inacabada, traduzida ao espanhol por Martín de Riquer como *Perceval o el cuento del Grial* (1961).

O mais sintomático é que, na literatura hispano-americana, o poeta nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) publicou diversas obras em que o elemento medieval se faz presente na poesia e na prosa, como no conto "A las orillas del Rhin", publicado em folhetim na revista *El Porvenir de Nicaragua* em 14 de julho de 1885. Na poesia, temos mais referências a personagens medievais, como Percival e Lohengrin.

Na versão de Troyes, Percival admite erros e volta atrás para concluir a sua demanda da busca pelo Santo Graal. Em Darío, da mesma forma, temos um Percival errático, caracterizado como "el loco luminoso", o que nos leva a crer que há uma possível relação intertextual entre essas obras. Tendo-se em vista essa intertextualidade em torno de um mesmo personagem em obras tão distantes entre si, questionamo-nos: qual é a influência desse personagem arquetípico na poesia de Darío que, da mesma forma que Troyes, o coloca como um bufão ou um desastrado segundo a leitura de Mircea Eliade (1938), e que pode ter possíveis relações intertextuais com o personagem do Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura?

Por estarmos diante da possibilidade de situar o presente estudo no escopo da Literatura Comparada, objetiva-se aproximar o arquétipo do personagem Percival à

literatura produzida pelos dois autores literários em questão, a partir da noção de mito como arquétipo humano baseando-nos em Carl Jung, Mircea Eliade e Joseph Campbell.

O mito no Percival de Chrétien de Troyes e de Rubén Darío

O mito do Santo Graal renasce de maneira exponencial na Idade Média, com a publicação de algumas obras que transformaram esse mito em um objeto literário. Objeto esse que nasceu graças à imaginação de Chrétien de Troyes (c. 1135-c.1191), um religioso que foi poeta e trovador e um dos primeiros escritores de romances de cavalaria. Seus *romans* em versos octossilábicos consistem em cinco obras publicadas, sendo elas: *Érec et Énide* (c. 1770), *Cligès* (c. 1176), *Lancelote, o Cavaleiro da Carreta* (c. 1178-1181), *Ivain, o Cavaleiro do Leão* (c. 1178-1181) e *Perceval ou le Conte du Graal* (c. 1182-1190). O mito do Santo Graal aparece apenas na última obra, inacabada, dedicada ao patrono do escritor, Felipe da Alsácia, conde de Flandres. Chrétien trabalhou na obra a partir de escrituras fornecidas por Felipe e, após sua morte, quatro diferentes poetas adicionaram 54 mil versos à obra original.

Nessa bela história, temos a apresentação de um jovem camponês, Percival, que, ao se encontrar com cavaleiros andantes, nutre o desejo de ser um deles. Criado nas densas florestas do País de Gales por sua mãe desde a morte de seu pai, Percival decide ir à corte do Rei Artur, onde uma jovem prevê grandes conquistas em sua vida. Objeto de gozação na corte por parte do senescal Kay, Percival decide tornar-se cavaleiro e parte para aventuras. Em uma delas, salva e se apaixona pela princesa Brancaflor, sua futura esposa, ao mesmo tempo em que treina com o experiente cavaleiro Gornemant.

Em determinado momento, conhece o Rei Pescador, que o convida a permanecer em seu castelo. Em um dia, presencia uma procissão em que jovens carregam objetos magníficos entre cômodos, passando por ele em cada fase do evento. Primeiro, aparece um jovem carregando uma lança coberta por sangue, depois, dois jovens carregando candelabros, por fim, uma jovem aparece trazendo consigo um luminoso cálice de ouro e pedras preciosas (o graal). Tendo sido previamente aconselhado, o jovem permanece em silêncio durante toda a cerimônia, apesar de não entender seu significado. Esse jovem cavaleiro galês, inocente e puro, não se atreve a perguntar para que ou a quem serve o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

graal. A torpeza do protagonista desencadeia a continuação do relato com o estranho desaparecimento de seu anfitrião e de todos os habitantes do castelo na manhã seguinte e a posterior busca da resposta à pergunta não feita no momento da procissão, qual seja, "a quem serve o graal?". Mais adiante, o relato nos revelará que o reluzente objeto era usado para alimentar com uma hóstia consagrada o pai do Rei Pescador, que estava ferido e recluso em um quarto do castelo.

Na trama de Chrétien de Troyes, o graal ainda não carregava o significado cristão de cálice sagrado utilizado na Santa Ceia e depois por José de Arimatéia para coletar as últimas gotas de sangue de Jesus Cristo na cruz. Continuador da obra de Troyes, Robert de Boron, também poeta francês que viveu entre os séculos XII e XIII, foi quem deu pela primeira vez um sentido cristão ao graal. Na história desse autor, José emigrou com sua família à Grã-Bretanha onde guardaram o graal até a chegada de Percival. Ou seja, de puro objeto literário – o graal era uma espécie de grande vasilha para servir ensopados –, passa a ser um objeto sagrado em Boron, e é somente no Romantismo e após, nos séculos XIX e XX, que a matéria da Bretanha volta a adquirir interesse em diferentes autores literários, como é o caso de Rubén Darío.

Fundador do Modernismo hispano-americano, Darío foi um escritor em língua espanhola francófilo: grande amante da literatura francesa, o poeta desenvolveu uma poesia lírica original, carregada de sensualidade, misticismo, musicalidade... Onde os temas universais do amor, da dor, da angústia ou da aceitação da morte aparecem em poemas que resgatam personagens medievais como Percival e Lohengrin. Como Troyes, Darío imaginou uma literatura inovadora para sua época, conforme depoimento do escritor argentino Jorge Luis Borges:

> Todo lo renovó Darío: la materia, el vocablo, la métrica, la magia peculiar de ciertas palabras, la sensibilidad del poeta y de sus lectores. Su labor no ha cesado y no cesará; quienes alguna vez lo combatimos, comprendemos hoy que lo continuamos. Le podemos llamar el Libertador. (MEJÍA SÁNCHEZ, 1968, p. 13 apud PHILLIPS, 1989, p. 429).

Essa renovação indicada por Borges alcança os temas mitológicos e clássicos por excelência, identificados por meio de alusões ao exotismo e orientalismo. Não por acaso,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

no poema “Parsifal”, mesmo que versificado na métrica clássica do soneto italiano, com rima ABBA e ABBA nos dois quartetos e com rima CCD e CCD nos dois tercetos, e que seus versos sejam de arte maior e hendecassílabos ao estilo espanhol, a audição das sílabas finais dos versos é grave, à exceção do último verso do poema, que termina em uma sílaba tônica aguda, diferenciando-o dos demais versos.

Essa finalização sonora grave dos versos possui uma correlação direta com as catedrais medievais e com uso das consoantes s, l, v, s, que também remetem ao medievalismo por sua qualidade melódica no uso da voz cantada que foi desenvolvida amplamente pelo canto gregoriano. Cantado geralmente em igrejas e catedrais, essa voz cantada se utiliza da acústica do ambiente para ressaltar as vozes e criar um efeito sonoro especial. Lidos no poema, os versos de “Parsifal” se parecem a um canto gregoriano monódico (cantado pelo eu-lírico), mas possui uma anomalia exótica no último verso. Vejamos o poema na sequência:

> Violines de los ángeles divinos,
> sones de las sagradas catedrales,
> incensarios en que arden nuestros males,
> sacrificio inmortal de hostias y vinos;
>
> túnica de los más cándidos linos,
> para cubrir a niños virginales;
> cáliz de oro, mágicos cristales,
> coros llenos de rezos y de trinos;
>
> bandera del Cordero, pura y blanca,
> tallo de amor de donde el lirio arranca,
> rosa sacra y sin par del santo Graal:
>
> ¡mirad que pasa el rubio caballero;
> mirad que pasa, silencioso y fiero,
> *el loco luminoso: Parsifal!*
> (DARÍO, 1975, p. 963-4 apud FIORUSSI, 2012, p. 83-4).

Segundo Fiorussi, o poema de Darío é uma versão lírica alusiva à ópera homônima de Richard Wagner, especialmente no seu vocabulário: “Chama atenção, nos *endecasílabos* de ‘Parsifal’, a sobreposição musical de construções exclusivamente nominais, que raramente aparece como traço fundamental em outros poemas de Darío.”

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(FIORUSSI, 2012, p. 85), o que se corrobora com sua análise de que

> De modo geral, Darío prezará a variedade dos elementos compositivos e rejeitará a obscuridade em sua poesia, preferindo uma representação por alegorias transparentes e uma sintaxe mais simples e diversificada. (FIORUSSI, 2012, p. 86).

Fazendo-se uma interpretação linear do poema de Darío, temos que os elementos compositivos vão ao encontro do que ouvimos na ópera de Wagner que estreou no dia 26 de julho de 1882, 17 anos antes do anúncio do soneto de Darío, "Parsifal", em 1899. Na ópera, o herói, chamado de "o tolo puro" é um dos cavaleiros da Távola Redonda, coroado Rei do Santo Graal após encontrar a maturidade no contato com o Mal. O enredo é bem parecido com o da saga do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda, mas, nas mãos de Wagner, o libreto ganha um *plus* a mais: a presença da lança ao lado do Graal, as mais sagradas relíquias do imaginário cristão. Os dois objetos encontravam-se sob a guarda da misteriosa cavalaria do Rei Amfortas. Porém, Klingsor roubou a lança e com ela feriu o Rei, provocando uma chaga que não cicatrizava.

É aí que entra a particularidade de Percival. Somente alguém despojado de toda maldade, um "tolo puro", poderia salvar Amfortas. O jovem Percival havia crescido longe do contato com a civilização, sendo um inocente, conforme a classificação de Jung para esse arquétipo, sendo livre de culpas e de maldade.

No entanto, esse mesmo jovem ainda não estava apto a salvar o Rei: antes, precisava conhecer todas as facetas da alma humana e aprender a viver. Só após adquirir a maturidade, pôde salvar Amfortas e tornar-se seu sucessor como Rei do Santo Graal. Eis o amadurecimento necessário do Percival de Wagner e também, por que não dizê-lo, de Dom Quixote, de codinome "Cavaleiro da Triste Figura".

Sintomático que Dom Quixote, na sua cena mais emblematicamente amorosa, é denominado por esse codinome várias vezes. No capítulo XXV da primeira parte da obra de Miguel de Cervantes, Dom Quixote e Sancho Pança decidem entrar na Serra Morena, onde se encontram com Cardenio, um príncipe que ficou louco por amor. Teve ideia o nosso cavaleiro andante de realizar uma penitência amorosa ao melhor estilo de Amadis de Gaula. Eles chegam ao pé da montanha onde havia um prado

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

verde e onde um arroio passava pelo lugar. Esse foi precisamente o lugar que Dom Quixote escolheu para fazer penitência em favor de Dulcinea del Toboso, durante a qual teve a ideia de escrever uma carta melodramática que passamos a reproduzir a seguir:

> Carta de Don Quijote a Dulcinea del Toboso
>
> Soberana y alta señora:
>
> El ferido de punta de ausencia y el llagado de las telas del corazón, dulcísima Dulcinea del Toboso, te envía la salud que él no tiene. Si tu fermosura me desprecia, si tu valor no es en mi pro, si tus desdenes son en mi afincamiento, maguer que yo sea azas de sufrido, mal podré sostenerme en esta cuita, que, además de ser fuerte, es muy duradera. Mi buen escudero Sancho te dará entera relación, ¡oh bella ingrata, amada enemiga mía!, del modo que por tu causa quedo: si gustares de acorrerme, tuyo soy; y si no, haz lo que te viniere en gusto, que con acabar mi vida habré satisfecho a tu crueldad y a mi deseo.
>
> Tuyo hasta la muerte,
>
> El Caballero de la Triste Figura
> (CERVANTES, 2004, p. 245).

A importância dessa carta se dá pelo mesmo motivo que antes mencionávamos sobre a necessária maturidade do ser humano, antes de pôr-se a realizar uma ação nobre, como amar uma mulher: Dom Quixote se dispõe até a morrer por ela em caso de rejeição. Essa atitude é a mesma fé que guia Percival em sua missão: até não estar maduro, não deixará de se entregar ao desconhecido, a querer aprender mais e mais.

Voltando à ópera de Wagner, temos que seus principais leitmotivs referem-se a Percival e aos demais personagens, além de objetos, e desempenham um papel importante na audição da ópera, pois servem de memorização, comentando o que acontece nas cenas e mostrando conexões na trama. Os leitmotivs iniciam-se com o motivo da festa do amor, tema central da ópera. Logo após, ouve-se, em sequência, o motivo do Graal, o motivo da fé, o motivo de Amfortas, o motivo do esplendor da manhã, o motivo angélico, o motivo de Klingsor, o motivo do bufão, o motivo de Percival, o motivo dos sinos, o motivo da benção e, por fim, o motivo dos encantamentos da Sexta-Feira Santa. Invariavelmente, todos os personagens da ópera vão experimentar uma evolução psicológica, tal como Dom Quixote se dispõe na carta.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Como num melodrama, a fé de Percival se concretiza ao longo da ópera, e vai se fortalecendo até se transformar no maior poder que guia Percival na busca pelo Santo Graal. Da inocência do jovem Percival, essa fé vai transformando-o em um verdadeiro cavaleiro andante dotado de poderes que ele mesmo não sabia que tinha. Ou seja, fé e Percival simbolizam a mesma coisa. Na demanda da busca do Santo Graal e da Lança Sagrada, o próprio Rei reconhece que ninguém além de "um bobo inocente iluminado pela compaixão" poderia retirá-lo daquela condição de eterno ferido. Na entrada triunfal de Percival a Montsalvat, no terceiro ato da ópera, a música soa como um hino em homenagem ao cavaleiro corajoso, pois ele cumpriu sua missão de trazer a Lança Sagrada de volta ao Rei. No momento em que Percival pede que o Santo Graal seja descoberto, uma pomba branca sobrevoa sua cabeça. Essa é a cena final da ópera, que mostrou um ser inocente do início ao fim, mas que foi iluminado pela Graça Divina para cumprir sua missão.

Joseph Campbell, em *O poder do mito* (1990), afirma que o poeta alemão Wolfram von Eschenbach (c. 1170-c.1220) havia corrigido a versão da história de Percival versificada por Chrétien de Troyes, começando pela interpretação do nome, "Perceval", que pode ser dividido em duas partes, "perce" e "val": o ato de percorrer ou atravessar o meio do vale passando entre o par de opostos de que está composto o Mundo: o Bem e o Mal. Isso pode ser interpretado como uma heresia, ou seja, é uma interpretação gnóstica, para Campbell. Sobretudo porque, logo no início do poema *Parzival* (século XIII), considerado um dos maiores poemas épicos alemães, afirma-se que todos os nossos atos são brancos e pretos, ao mesmo tempo. Ou seja, todos os nossos atos mundanos mostram o Bem e o Mal, pois os atos, por si só, já vêm com esse efeito duplo na sua natureza. Então, cabe ao Homem decidir-se por um dos dois lados. Campbell afirma: "O melhor que podemos fazer é pender na direção da luz, na direção do harmonioso relacionamento que resulta da compaixão pelo sofrimento" (1990, p. 214). Estando vivo, essa é uma escolha só do Homem, mas também é uma inclinação nossa na Realidade em torno, posto que nada mais somos do que imagens de Deus. Com isso, todo cavaleiro andante vai pender para o Bem para produzir bons atos, como é o caso de Percival, em que sua fé o levou a ser guiado pela Graça Divina.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Mircea Eliade, em *Mito e realidade* (1972), afirma que precisamente na Idade Média, época dos cavaleiros andantes, há uma "recrudescência do pensamento mítico", onde as classes sociais se identificavam conforme a doutrina cristã, maiormente, mas também a ultrapassavam, utilizando-se de outras referências culturais, como as célticas e até as muçulmanas para atuarem conforme essas referências. No caso do Santo Graal de Eschenbach (2020), ele era uma pedra vinda dos céus, que foi "cristianizada" nas gerações posteriores por ser "moura demais". O texto alemão contém passagens que revelam certo conhecimento do cenário do Oriente Médio islâmico e que podem ter sido relatadas ao autor pelos cruzados que retornavam à Europa. As escrituras do conde de Flandres – que havia estado naquelas terras em 1177 – foram lidas por Eschenbach, ademais das fontes de certo bardo misterioso chamado Kyot, de origem provençal. A história de Kyot aparece no Livro 9, onde Wolfram explica que o provençal havia descoberto um manuscrito árabe negligenciado na Toledo islâmica, na Espanha. O manuscrito havia sido escrito por Flegetanis, um astrônomo muçulmano descendente de Salomão que havia encontrado os segredos do Santo Graal escritos nas estrelas. Depois de aprender árabe para ler o documento de Flegetanis, Kyot viajou pela Europa para aprender mais sobre o Graal e a irmandade que o protegia, encontrando Wolfram no caminho e lhe passando seus conhecimentos islâmicos.

Conclusão

Após uma breve incursão pela lenda do Santo Graal e por duas diferentes adaptações literárias medievais da lenda, a principal conclusão que podemos tirar é que, se em Chrétien de Troyes temos um Percival pagão e bobo, algo rebelde, conformando com os arquétipos de Jung "o rebelde" e "o herói" transmutados em "o inocente", em Wolfram von Eschenbach (2020), ao contrário, temos um Percival que vai evoluindo psicologicamente por meio da sua fé e da consciência da realização de sua missão.

Esse dois personagens medievais são muito diferentes entre si, mas revelam uma tentativa de eternizar o último cavaleiro que chegou ao reinado do Rei Artur. Na lenda, Percival simboliza o centro, a união da força física e espiritual dos doze cavaleiros em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

uma só pessoa. Na versão de Troyes, Percival não se dá conta da sua missão, e por isso sua evolução é incompleta. Enquanto não tem conhecimento de sua verdadeira missão, o jovem Percival não consegue tomar consciência da própria identidade (FERNANDE, 2005). O mote do texto de Troyes é apenas a solução do enigma do Graal, mas ela ficou inacabada e por isso temos uma nova versão feita por Eschenbach anos depois. Nesta, Percival tem consciência de que precisa solucionar um enigma por pura compaixão pelo Rei. E é por meio da cavalaria andante que Percival consegue transformar uma simples intuição em verdadeiro ato de amar, algo cada vez mais raro e difícil de acontecer entre nós, seres humanos. Ele decidiu e agiu por puro Amor, porque tinha um coração puro. Sendo fiel à sua missão, conseguiu não só recuperar o Rei ferido, mas restaurar o seu reinado. Mircea Eliade nos diz que este episódio da lenda artúrica é significativo da condição humana: "Nuestro destino se obstina en que no hagamos la *pregunta correcta*, la que es necesaria y urgente, la única que cuenta y que puede rendir frutos" (1938, s. p.), mas que, ao invés disso, "preferimos perdernos en un laberinto de preguntas y reflexiones que efectivamente poseen algún encanto e incluso ciertas cualidades, pero que no enriquecen realmente nuestra vida espiritual". (idem).

Enquanto os filósofos e demais pensadores da Cultura *falam* de suas ideias, os verdadeiros heróis – dos menos conhecidos aos mais ilustres – colocam essas mesmas ideias em prática. Nesse sentido, as atitudes morais de Percival (que pode ser o personagem da versão de Chrétien de Troyes), transcendem os feitos como pura decisão e ação e alcançam o mundo espiritual, que é o único mundo que importa para nós, estando vivos ou mortos nesta Terra. Assim, toda ação heroica se reveste de significado posto que a qualidade de ser cavaleiro andante não importa tanto, mas, sim, a qualidade moral da ação produzida, tal como a exemplificou Dom Quixote em tantos episódios risíveis como o da Serra Morena, posto que reflexo de uma personalidade altamente corajosa em fazer o Bem mesmo dando piruetas e nu e se mostrando ridículo aos olhos de um incrédulo Sancho Pança.

Rubén Darío, em fins do século XIX, pai do Modernismo hispano-americano e grande inovador da lírica em língua espanhola, rendendo frutos para toda a Literatura posterior, escreveu o belíssimo poema "Parsifal" a modo da música gregoriana, mas

também wagneriana, preenchendo-a de vários elementos compositivos atemporais que, ao final, trazem a novidade mais impactante e inesperada que é a pura presença de um Percival iluminado, potencialmente *loco*, porém sabendo, como o toque de um violino insistente, aonde pode e consegue chegar sem se perder nas fraquezas da vida interior.

Referências

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Com Billy Moyers. Org. por Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del 4º Centenario. Madrid: Alfaguara, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Filosofia)

_____. Un episodio de Parsifal (1938). Tradução de José Antonio Hernández García. Disponível em: https://www2.ulpgc.es/hege/almacen/download/30/30089/unepisodiodeparsifal.htm.

ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. 5. ed. São Paulo: Antroposófica, 2020.

FERNANDE, Raúl Cesar Gouveia. A formação do cavaleiro: *Perceval ou O Conto do Graal*. *Revista Mirabilia*, Número 4, p. 127-140, jun.-dez. 2005. Disponível em: https://www.revistamirabilia.com/issues/mirabilia-04-2004/article/formation-knight-perceval-or-conte-du-graal.

FIORUSSI, André. Rubén Darío, leitor de Cruz e Sousa? Uma hipótese menosprezada de Andrade Muricy. *Revista Caracol*, São Paulo, Número 4, p. 74-94, jul.-dez. 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/59512.

JUNG, Carl Gustave. *Obras completas*. Volume 9/1. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

PHILLIPS, Allen W. Cuatro poetas hispano-americanos entre el modernismo y la vanguardia. *Revista Iberoamericana*, Volume LV, Número 146/147, p. 427-449, jan.-jun. 1989. Disponível em: http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/issue/view/181.

TROYES, Chrétien de. *Perceval o el cuento del Grial*. Edición y traducción de Martín de Riquer. Madrid: Espasa-Calpe, 1961. (Colección Austral)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LEITURA LITERÁRIA: UM PROJETO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Walquiria Leal Moreira - Bolsista PIBEX | UEMA

Orientadora: Profa. Dra. Marinalva Aguiar Teixeira Rocha

Resumo: A literatura propicia o desenvolvimento de diversos aspectos que influenciam na intelectualidade humana, tais como a linguagem, o pensamento crítico, a alta habilidade de leitura e produção textual. Nessa perspectiva, o presente artigo tenciona transparecer o projeto intitulado "Leitura literária: proposta para dinamizar as aulas", que visa desenvolver junto aos alunos do 7° ano do Ensino Fundamental da Unidade Integrada Presidente John Kennedy, em Caxias - MA, uma proposta metodológica que tenha o texto literário como subsídio preponderante para motivar a formação leitora dos alunos, isso através de oficinas literárias que despertem a atenção dos estudantes pela dinamicidade em que o texto literário for mediado, com auxílio de rodas de leitura, recital, socialização das leituras realizadas, produção de texto, performance, confecção de histórias, exibição de vídeos, etc. Para auxiliar a proposta pedagógica, tem-se como aporte teórico Resende (1997), Maia (2008), Silva (2003), Freire (2011), Kleiman (2007), Solé (1998), Frantz (2001), Rocha (2014), entre outros. Sendo assim, o intuito primordial da implementação do projeto de extensão é o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, possibilitados através da mediação de leituras literárias.

Palavras-chave: Leitura Literária; Mediação; Ensino Fundamental.

Introdução

No contexto educacional contemporâneo, a literatura se apresenta não apenas como uma ferramenta de ensino, mas como um veículo poderoso para o desenvolvimento integral dos estudantes. Considerando sua capacidade de estimular a imaginação, promover reflexões críticas e ampliar horizontes culturais, a leitura literária emerge como uma prática fundamental no processo educativo. Considerando essa prerrogativa, este artigo propõe a divulgação de um projeto pedagógico voltado para o ensino fundamental,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

especificamente destinado aos alunos do 7º ano da Escola Presidente Kennedy, localizada em Caxias-MA. O objetivo central é explorar como a literatura pode não apenas encantar e divertir os alunos, mas também contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento de suas competências leitoras, habilidades de escrita e capacidade de análise crítica, competências essas que Resende (1997) destaca ao dizer que a leitura é como um processo complexo que vai além da decodificação de palavras, enfatizando a importância de uma abordagem que promova o prazer e o entendimento crítico dos textos literários desde as séries iniciais.

A importância da literatura no ambiente escolar reside na sua capacidade única de conectar-se com os leitores de maneira profunda e pessoal. Ao mergulhar em universos ficcionais ou explorar reflexões presentes em textos literários, os estudantes são incentivados a desenvolver sua empatia, compreensão do mundo e habilidades linguísticas. Nesse sentido, a leitura literária não é apenas um meio de transmitir conhecimentos, mas um instrumento que ajuda a moldar indivíduos mais sensíveis, críticos e culturalmente conscientes.

O projeto aqui proposto baseia-se na constatação de que a literatura não deve ser apenas uma disciplina curricular, mas uma vivência que permeia diversas esferas do cotidiano escolar. Ao integrar atividades de leitura literária de forma sistemática e envolvente, pretende-se não apenas melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, mas também despertar neles o gosto pela leitura e pela reflexão sobre diferentes perspectivas e contextos.

Para embasar teoricamente essa iniciativa, serão explorados diversos referenciais bibliográficos que discutem tanto a importância da literatura na formação educacional quanto metodologias eficazes para sua implementação em sala de aula. A partir desses fundamentos teóricos, será delineado um conjunto de atividades que visam não só atender às necessidades educacionais dos alunos, mas também engajar e motivar sua participação ativa no processo de aprendizagem.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Além disso, considerando os resultados positivos observados no projeto posto em prática anteriormente também com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Extensão - PIBEX , é imperativo adaptar e expandir essa proposta pedagógica, especialmente no contexto atual, com diversas dificuldades no ensino de literatura, que é permeada pela era tecnológica, sendo essa apontada tanto como um obstáculo como a solução para essa adversidade, como coloca Silva (2011):

> O advento da informática gerou o que é considerada como ‘‘tecnofobia’’, que em alguns casos, revela problemas e dificuldades de relacionar-se com a nova tecnologia, presente e necessária nos dias atuais. (...) A internet é acima de tudo um campo para divulgação de idéias e conhecimento; nesse campo denominado de ciberespaço a literatura encontrou um meio ideal para sua propagação. (SILVA, 2011, p. 2)

Dessa forma, busca-se não apenas replicar o sucesso anterior, mas também aprimorar a experiência educacional dos alunos da Escola Presidente Kennedy, proporcionando-lhes um ambiente rico em oportunidades para explorar, interpretar e apreciar a literatura em suas diversas manifestações.

Assim, este artigo se propõe a apresentar uma fundamentação teórica sólida e prática pedagógica eficaz para a implementação de um projeto de leitura literária no ensino fundamental, destacando sua relevância na formação integral dos estudantes e seu potencial para transformar positivamente o ambiente educacional.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Fusce ornare ante et nulla gravida feugiat. Proin et nisl interdum, cursus mi imperdiet, tempus nisi. Praesent lorem mi, mollis eu cursus ac, accumsan ut purus. Aliquam cursus mauris quis convallis suscipit. Vestibulum ante ipsum primis in faucibus orci luctus et ultrices posuere cubilia curae; Ut et turpis placerat, suscipit libero ac, tristique orci. In lorem dui, interdum id lacus a, ultrices tempus ipsum. Pellentesque ultricies est at ante pharetra, sed finibus ante placerat.

> O advento da informática gerou o que é considerada como ‘‘tecnofobia’’, que em alguns casos, revela problemas e dificuldades de relacionar-se com a nova tecnologia, presente e necessária nos dias atuais. (...) A internet é acima de tudo um campo para divulgação de idéias e conhecimento; nesse campo denominado de ciberespaço a literatura encontrou um meio ideal para sua propagação. (SILVA, 2011, p. 2)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Metodologia

Um projeto pedagógico de leitura literária para o ensino fundamental deve integrar os princípios discutidos pelos teóricos mencionados, promovendo: Diversidade de gêneros literários, para que haja uma introdução de diferentes gêneros (contos, poesias, crônicas) para ampliar o repertório dos alunos. Uma leitura como experiência estética para exploração das dimensões estéticas dos textos literários, incentivando a apreciação artística e emocional. Também deve haver uma interação crítica por discussão e análise dos textos de forma crítica, estimulando o debate e a reflexão sobre temas relevantes. Mediação docente com o papel ativo do professor como mediador do processo de leitura, oferecendo suporte e orientação para a compreensão e interpretação dos textos. Bem como contextualização e relevância em relação aos textos literários com a realidade dos alunos, promovendo uma leitura significativa e contextualizada.

A metodologia de implementação do projeto foi delineada em etapas fundamentais para garantir sua efetividade e impacto positivo na comunidade escolar:

Revisão de Fundamentos Teóricos e Metodológicos: O projeto teve início com uma revisão abrangente de textos que abordam teorias e metodologias educacionais. Autores renomados como Resende (1997), Maia (2008), Silva (2003), Freire (2011), Kleiman (2007), Solé (1998), Frantz (2001), e Rocha (2014) foram consultados para embasar teoricamente as práticas a serem adotadas. Esta revisão foi essencial para ampliar o repertório de conhecimentos do corpo docente e dos alunos envolvidos.

Diálogo com Gestores Escolares e Professores: Um encontro estratégico foi realizado com diretores e professores da disciplina envolvida no projeto. Este momento foi crucial para socializar o plano de trabalho proposto e divulgar os objetivos extensionistas da universidade colaboradora. O diálogo facilitou a integração do projeto com as diretrizes pedagógicas da escola e alinhou as expectativas de todas as partes envolvidas.

Sistematização das Atividades com os Alunos: As atividades foram cuidadosamente planejadas e sistematizadas para garantir sua relevância e eficácia. Um dos primeiros passos foi a seleção criteriosa de obras literárias a serem exploradas, levando em consideração o perfil e os interesses dos alunos participantes. Além da leitura

em si, as atividades incluíram a produção de textos criativos, performances artísticas, apresentações presenciais e online, bem como a criação de histórias e vídeos relacionados aos temas abordados.

Execução das Ações na Escola: As atividades planejadas foram realizadas na Unidade Integrada Presidente John Kennedy com ênfase na interação e engajamento dos alunos. Rodas de leitura, recitais, e a socialização das leituras foram organizados para promover a participação ativa dos estudantes. A produção de textos e a realização de performances estimularam a expressão criativa e artística dos alunos, enquanto as apresentações online e a exibição de vídeos ampliaram o alcance e o impacto do projeto na comunidade escolar.

Divulgação em Eventos Acadêmicos e Universitários: Os resultados e as experiências do projeto foram divulgados em eventos científicos, proporcionando uma plataforma para compartilhar práticas inovadoras e insights educacionais. A participação nessas iniciativas fortaleceu a integração entre a escola e a universidade, promovendo uma troca de conhecimentos enriquecedora.

Participação na Semana de Extensão Universitária: Durante a Semana de Extensão Universitária da UEMA, o projeto foi apresentado para uma audiência ampla e diversificada. Este evento não apenas destacou os sucessos alcançados, mas também incentivou o desenvolvimento contínuo de iniciativas educacionais colaborativas entre a academia e a comunidade escolar.

Produção de Trabalho Científico: Trabalhos científicos devem ser elaborados para documentar e analisar os resultados obtidos ao longo da execução do projeto. Esta análise crítica contribui para a produção de conhecimento na área de educação, destacando os impactos positivos da leitura literária no desenvolvimento educacional e social dos alunos.

Organização de Eventos Comemorativos: Eventos especiais foram organizados ao longo do projeto, como o Dia do Livro, Dia da Leitura, Dia do Estudante, Dia das Mães, Dia do Folclore, Dia do Professor, e dramatizações temáticas. Nestes eventos, a leitura literária foi o tema central, proporcionando momentos significativos de celebração e aprendizagem para toda a comunidade escolar.

A metodologia aplicada na implementação do projeto de leitura literária na

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Unidade Integrada Presidente John Kennedy demonstrou ser eficaz e abrangente. Ao integrar teoria e prática, promover o diálogo colaborativo entre instituições e envolver ativamente os alunos, o projeto não apenas está incentivando o hábito da leitura, mas também enriquecendo o ambiente educacional com experiências culturais e artísticas. Os resultados obtidos reforçam a importância de iniciativas educacionais que valorizam a leitura como instrumento de transformação social e desenvolvimento pessoal dos estudantes, pois como considera Kleiman (2007), a relevância de práticas de leitura incentivam a construção de significados pelos próprios leitores, promovendo a interação ativa com os textos literários e ampliando suas capacidades cognitivas e afetivas.

Considerações Finais

O presente estudo visa alcançar resultados substanciais no contexto educacional, especificamente entre os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Unidade Integrada Presidente John Kennedy, participantes ativos do projeto em questão, logo a mediação do texto literário, quando realizada de forma exitosa, pode fomentar um incentivo oportuno aos alunos, e essa prática deve ser realizada com entrega total dos mediadores, pois como dispõe Solé (1998):

Antecipa-se que haverá um aumento significativo no interesse dos estudantes pelo ensino, especialmente no que concerne ao desenvolvimento de suas competências em leitura. Este projeto pretende fomentar um apreço genuíno pela leitura de textos literários, evidenciando que a literatura, enquanto veículo da expressão artística, proporciona múltiplas interpretações, construções e reconstruções de conhecimento, além de estimular a imaginação.

Os participantes deste projeto deverão demonstrar uma mudança perceptível em suas atitudes, o que, por sua vez, incentivará os educadores a adotarem abordagens pedagógicas mais centradas na literatura. Acredita-se que essas iniciativas não apenas enriquecerão a prática docente, mas também fortalecerão a base teórica e metodológica da bolsista acadêmica envolvida, preparando-a para explorar novas formas de ensino-aprendizagem.

Ainda para a bolsista do Curso de Letras, este projeto representará uma

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

oportunidade valiosa de aprimorar suas habilidades pedagógicas, oferecendo uma experiência prática que complementa seu currículo acadêmico. Além disso, servirá como um suporte crucial para o desenvolvimento de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), capacitando-a para se tornar agente dinâmico no ambiente educacional.

Além dos benefícios diretos para os participantes internos da Universidade, o impacto do projeto se estende à comunidade local, particularmente aos estudantes de áreas menos favorecidas. Prevê-se que as intervenções propostas contribuirão positivamente para o desempenho dos alunos em avaliações externas de habilidades de leitura, potencialmente elevando os índices educacionais do município como um todo.

Em suma, os resultados esperados deste projeto são favoráveis à área o possível, abrangendo desde a transformação das práticas educacionais na instituição até melhorias concretas no aprendizado dos alunos e no suporte aos futuros educadores em sua formação acadêmica e profissional.

Referências

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. Ijuí: UNIJUÍ,2001.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

RESENDE, Vânia. *Literatura infantil e juvenil*: vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Saraiva, 1997.

ROCHA, Marinalva Aguiar Teixeira. *A expressividade em Ana Maria Machado e José Paulo Paes*: uma proposta para motivar a leitura. Curitiba: Appris, 2014.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

QUAL A RELEVÂNCIA DA JANELA DE LIBRAS EM TELEJORNAIS?

Adriana Monteiro Fernandes[86]

Jéssica Girlaine Guimarães Leal[87]

Resumo: O presente artigo tem como objetivo mostrar as dificuldades que pessoas surdas enfrentam ao fazer é básico e comum para as demais pessoas ouvintes, isto é, manter-se informada com notícias que acontecem no nosso cotidiano. Podemos perceber que grande parte das emissoras de TV não possuem a janela de LIBRAS, que é um espaço delimitado no vídeo onde as informações que são veiculadas na língua portuguesa, são interpretadas para LIBRAS simultâneamente. A pessoa surda, quando a sua televisão não possui a opção de legenda na sua configuração e/ou não sabe ler, não usufrui das notícias, debates e até mesmo entretenimento. Este trabalho tem como metodologia a pesquisas bibliográficas, exploratória, participante de acordo com Gil (2008) para que assim possamos entender o quão problemática é a falta de informação na vida de uma pessoa surda. Sustentamos este trabalho em autores como Quadros (2004), Brasil (2004 e 2015), Leal (2020) e Rafael Alessandro (2018). Com esse trabalho almejamos corroborar para minimizar a exclusão social de pessoas surdas, bem como alavancar a luta pela quebra das barreiras comunicativas na promoção de acessibilidade linguística efetiva nos midiáticos.

Palavras-chave: Inclusão. Surdos. LIBRAS. Telejornal. Acessibilidade linguística.

1 Introdução

Esse artigo tem como propósito apresentar a complexidade da vivência da pessoa surda relacionada com os telejornais das emissoras brasileiras nos dias atuais. Visto que é de suma importância a informação para as todas pessoas, uma vez que é através da informação que obtemos conhecimento com tudo que está ao nosso redor, desde religião, cultura, entretenimento, política e assim por diante. Como a pessoa surda possui impedimento de natureza física, isto é, a recepção de informações se dá por meio de

[86]Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi Árido UFERSA,Campus Caraúbas / RN. Email:adrianmonteiro@gmail.com

[87] Doutoranda no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - jessica.leal@ufersa.edu.br
.

modalidade visuo gestual, logo presumimos que quando não tem a janela de interpretação e o televisor não dispõe de legenda, ela fica totalmente à mercê dos acontecimentos. Neste ínterim, emerge esse trabalho no intuito de discutir a importância da janela de Libras na promoção e acessibilidade linguística para o sujeito surdo. Para isso, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e pesquisa de campo.

Para o levantamento bibliográfico selecionamos artigos, pesquisas em sites, bem como recorremos a observações de telejornais. Além disso, realizamos uma entrevistas com pessoas surdas e com um profissional da área jornalística, para podermos compreender de forma pormenorizada a visão de cada um sobre a inclusão nos noticiários.

Nosso trabalho está estruturado da seguinte forma: Primeiramente, faremos um breve percurso sobre a evolução do cinema até chegar ao sistema televisora que dispomos atualmente, no segundo capítulo abordaremos a luta pela acessibilidade que a comunidade surda vem enfrentando desde o Congresso de Milão até os dias atuais. Em seguida, apresentamos a metodologia para o desenvolvimento do respectivo precedido das considerações finais.

2 A era do cinema mudo

No ano de 1888 Roundhay Garden Scene, fez um pequeno curta- metragem de 2 segundos onde aparecia só imagens, porém quem recebeu os créditos de produzir o primeiro cinema mudo foi os irmãos Lumiére que na década de 1890 produziu e estreou o curta com o título “Arrival of a Train at La Ciotat Station” que foi lançado em 1985 em um café em Paris. Como esperado o cinema mudo teve grande receptividade entre os espectadores e rapidamente tornou-se febre naquela época entre as pessoas que admiravam a sétima arte. Com o passar do tempo, o cinema mudo começou sua fase de aprimoramento para que seu público não se acostumasse com sua exibição rotineira.

No entanto naquela época havia uma grande dificuldade entre sincronizar as cenas com os sons, já que naquele tempo tal tecnologia ainda não era possível. Com isso alguns cineastas tiveram que usar de toda criatividade para chamar a atenção do público para que os mesmos continuassem a ir aos cinemas, alguns filmes tinham acompanhamento musical

ao vivo simultâneo com o filme, outros começaram a ter narração dos fatos que aconteciam no exato momento.

Com cinema mudo chegando aos seus 80 anos de idade, podendo assim dizer, viu-se a necessidade de dar um segundo passo em relação à modernização das obras cinematográficas.

Com passar do tempo o cinema mudo dado a sua peculiaridade "silenciosa", foi deixando de receber tanta atenção, bem como muitas das mensagens veiculadas os espectadores não conseguiam captar, dado que era requerido bastante atenção. Dessa forma, o cenário modifica-se em meados de 1927, no qual os grandes diretores dos cinemas da época, tiveram a ideia e criatividade de unir imagem e som nos filmes, abrindo lugar ao cinema falado.

2.1 A era do cinema falado

Com o tempo foi percebido que o cinema precisava ser adaptado para que as pessoas pudessem realmente entender o que queria ser passado além das imagens. No dia 06 de outubro do ano de 1927, nos Estados Unidos, estreou o primeiro filme falado, cantado e musicado estrelado por Al Jolson. Porém só depois de um ano chega ao Brasil o cinema falado, era um comédia de Luiz de Barros que se intitulava "Acabaram-se os otários". A Partir do momento que o cinema falado ganhou mais espectadores suas adaptações se tornaram mais frequentes sempre na busca de prender a atenção das pessoas que iam ao cinema buscar experiências cada vez mais realistas. Tanto que no ano de 1952 Bwana Devil , de Arch Oboler, lança o primeiro longa exibido no formato de 3D, que segundo Rafael Alessandro (2018) é um formato de filme que reforça a ilusão de percepção de profundidade, porém o indicado é assistir a esses tipos de filmes com o auxílio de um óculos específico para o 3D.

Os óculos 3D utilizam uma técnica baseada na polarização da luz. Polarizar a luz significa fazê-la propagar-se em apenas um plano. Cada lente dos óculos possui filtro de polarização diferente: uma das lentes filtra as ondas polarizadas na vertical, e a outra, na horizontal, sem eles o espectador pode ter sensação de tontura, pois é como se cada olho

recebesse uma imagem diferente.

Com o intuito de expandir filmes e entretenimento para um número maior de pessoas, no ano de 1920 surgem os primeiros televisores .

2.2 Sobre Televisores

Ainda falando de adaptações de telas, na década de 1920, surgem os primeiros televisores, onde não era passada cenas como as televisões de hoje, era como um rádio que passava programas musicais e quando a ligavam ficava uma pequena imagem do tamanho de um selo de cor avermelhada. já na década de 1930 as primeiras transmissões começam a acontecer nos Estados Unidos e alguns países da Europa. Mais tarde, em 1950 as televisões começam a ganhar lugares nas salas da maioria das pessoas, a imagem era em preto e branco, com muitos chiados e os programas aconteciam na formato do ao vivo.

Por fim, em 1970 os televisores ganham cores e programas mais elaborados, o censo daquele ano aponta que em mais de 4 milhões de lares brasileiros havia um televisor, contando com mais de 25 milhões de telespectadores. Com o tempo alguns aparelhos começaram a ser fabricados com a função de Closed Caption, que traduzindo para o portugues significa legenda oculta, essa função além de legendar o que está sendo falado ela também descreve algumas características ocorridas em cena, fazendo com que assim o sujeito surdo ou com alguma deficiência auditiva possa compreender o que está sendo apresentado naquele respectivo programa.

Ao passo que a sociedade alcançava no campo televisivo, percebe-se que esse progresso não atinge de forma efetiva a população surda, pois a forma de captação do mundo se dá por meio de experiências visuais, isto é, por meio de uma língua processada em outra modalidade e com singularidades a ela inerente. Nessa direção, Leal (2020, p.45) explica que o aparelho fonador produz sons da fala nas línguas orais, sendo assim pode ser comparado às mãos que produzem sinais na linguagem de sinais. A recepção que ocorre por meio do canal oral-auditivo nas línguas orais pode ser comparada ao canal visuo-espacial na língua de sinais, isto é, as informações são percebidas pelos olhos, frases, textos e discursos que são produzidos pelas mãos e face. Logo, nos questionamos sobre

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

como o sujeito surdo acessa a informação quando não se dispõe do Closed Caption no televisor? Como ou de que forma o Surdo faz para acessar as informações que apresentam diferença de modalidade e estrutura, isto é, informação veiculada na Língua portuguesa ? Mais a frente discorremos um pouco sobre a luta dos surdos por direito a acessibilidade linguística.

3. A luta pelo direito à acessibilidade

Não é de hoje que a comunidade surda luta por seus direitos, a exemplo disso temos o divisor de águas que aconteceu no Congresso de Milão em 1880, tema de matéria escrita por Almir Cristiano, podemos entender como foi o decorrer onde um grupo massivo de educadores ouvintes escolheram que os surdos deveriam utilizar a língua oral na educação e no ensino de surdos, substituindo a língua de sinais pela língua oral. O Congresso foi constituído majoritariamente por profissionais da educação ouvinte, foi votado por unanimidade qual a modalidade de língua que seria usada para educação dos alunos surdos.

O congresso durou por três dias no qual seriam votadas mais oito resoluções, entre elas considerar o método de ensino puramente oral, associando a fala com palavras escritas e gravuras em livros, desta forma a criança era obrigada a oralizar pela leitura labial. A consequência do Congresso de Milão viria mais tarde, pois a língua de sinais estava praticamente erradicada das escolas ,e isso implicava tanto no desenvolvimento socioeducativo como sociocultural das crianças que deixavam a escola com o aprendizado defasado. Após um século a comunidade surda começou a rejeitar as resoluções votadas em Milão, e em julho de 2010 em Vancouver oficialmente as resoluções perderam sua obrigatoriedade.

A comunidade surda é assistida pela lei 13.146/2015 onde instituiu o estatuto da pessoa com deficiência para assegurar e promover condições de igualdade, exercício dos direitos e das liberdades fundamentais. Esta possui várias pautas de reivindicação, dentre elas a que julgamos ser prioritária é oferta de acessibilidade linguística/ comunicacional.

Em Sassaki (2003) podemos compreender a acessibilidade comunicacional como

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

aquela sem barreiras na comunicação interpessoal (face-a-face, língua de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual, e outros meios), na comunicação escrita (jornal, revista, livros, cartas, apostilas, etc., incluindo textos em braile, textos com letras ampliadas para quem tem baixa visão, notebook e outras tecnologias assistivas para comunicar) e na comunicação virtual (acessibilidade digital).

Nesse sentido, julgamos ser prioritária e urgente a acessibilidade para surdos, pois os mesmos vivem como se fossem estrangeiros em seu próprio país. Experienciados os dissabores das barreiras comunicacionais e privações de informações basilares, como é caso de circulação de informativos de saúdes, o que pode comprometer a integridade de sua vida.

De acordo com o IBGE, em 2022 a população do Brasil era constituída aproximadamente por 215 milhões de habitantes, sendo que 5% dessa população é composta por pessoas surdas. Desse modo, podemos concluir que há um pouco mais de 10 milhões de pessoas surdas em todo território nacional. Onde alguns desses indivíduos não têm acesso pleno à informação, principalmente em telejornais brasileiros. O sujeito surdo quando fica a mercê do que acontece ao seu redor ele se torna um indivíduo inepto aos seus direitos, deveres, fazendo assim com que a exclusão não seja só social, mas também digital uma vez que os telejornais são os grandes propagadores de informações que temos ao nosso alcance.

A acessibilidade a todas as pessoas com deficiência é garantida por lei, no decreto N°5.296 do dia 2 de Dezembro de 2004 (atualização da lei 10.098 de 2000), cap III, Art 8°, para fins de acessibilidade, inciso I na lei garante:

> acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL,2004)

Nesse sentido, entendemos que é urgente a discussão e a emergência em discutir a acessibilidade linguística para os indivíduos surdos, principalmente, nos espaços de veiculação de informação de massa. Neste ínterim, emerge esse trabalho para compreender

melhor como vem acontecendo a acessibilidade nos espaços jornalísticos do país.

A seguir iremos ver o percurso metodológico utilizado para a construção desse trabalho.

4 Metodologia

Neste aspecto, a pesquisa apresenta-se como qualitativo, bibliográfico, exploratório e de campo. Por pesquisa qualitativa conceitua-se uma metodologia de pesquisa menos estruturada usada para obter informações aprofundadas sobre a motivação e o raciocínio das pessoas, já o modo exploratório que segundo Gil (2008), consiste em levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado, o estudo de campo é definido como o método de entender a diferença entre um indivíduo a partir de análises.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa nos baseamos em Quadros (2008) para abordar o tema da inclusão da pessoa surda em uma sociedade ouvinte, uma vez que a autora em questão é referência sobre o assunto, Rafael Alessandro onde ele nos mostra os avanços do cinema (2018), BRASIL (2010 e 2015) dispositivos legais que versam sobre a acessibilidade, e para estruturar nosso trabalho nos apoiamos em Gil (2018) onde o autor explica e exemplifica parte a parte da pesquisa escolhida para ser realizada.

Para realização de nossa pesquisa, percorremos três etapas: a observação do jornal, levantamento bibliográfico e por fim a realização de entrevista com dois sujeitos surdos e um jornalista. Iniciamos, a observação do Jornal Nacional, da Rede Globo, durante 30 dias de fevereiro a março do corrente. Essa análise, possibilitou verificar se o programa noticiário Jornal Nacional possibilita a acessibilidade para pessoas surdas.

No segundo momento, realizamos um levantamento bibliográfico, onde selecionamos por meio do google acadêmico artigos e pesquisas em sites.

Por fim, realizamos entrevistas com duas pessoas surdas e com um profissional da área jornalística, para podermos compreender de forma pormenorizada a visão que cada um dispõe sobre a inclusão nos noticiários.

As entrevistas foram realizadas online, via mensagem de texto por Whatsapp com

pessoas surdas e também com um apresentador de telejornal. A entrevista, seguiu um roteiro estruturado de questões de modo a captar as percepções dos participantes envolvidos.

5 Análise e Resultado

Do período de 02 de fevereiro a 02 de março de 2024, analisamos as edições do noticiário da TV Globo, o Jornal Nacional, jornal regular é apresentado das 20:30h às 21:20h de Segunda a sábado. O espaço televisivo apresenta unicamente os apresentadores conforme pode ser visualizado na tela abaixo.

Apresentação do Jornal Nacional

Fonte: Globo - Jornal Nacional (2024)

Após uma observação atenta, constatamos que em nenhuma de suas exibições o conteúdo conta com o auxílio de uma janela de Libras para a promoção da acessibilidade, exceto quando alguma reportagem é tirada da TV Câmara, onde algumas pequenas manchetes dispõem do lado direito do canto inferior a janela de Libras, porém a janela é muito pequena, dificultando a compreensão dos sinais ali interpretados.

Após o término dessa observação, iniciamos as entrevistas com pessoas surdas ao qual objetivamos sondar sobre o impacto que o jornal tem em suas vidas, e como elas fazem para ficarem informadas. Conseguinte, entrevistamos também um jornalista a fim de abstrairmos seu ponto de vista em relação a inclusão jornalística. Segue roteiro de entrevista utilizado.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Roteiro da entrevista

Qual o tipo de programa você apresenta ?

2. **Qual opinião sobre não ter acessibilidade no jornalismo?**

3. **Na sua opinião, você acha importante ter e porque as janelas de Libras nos telejornais ?**

Fonte: Elaboração própria

Nosso primeiro entrevistado foi um aluno da UFERSA, que tem 30 anos e está no 4°período de Letras-Libras. Ao pergunta-lo sobre seu costume de assistir noticiários ele me relatou que assiste todas as noites assiste Jornal Nacional ou os telejornais da TCM e ora usando o recurso de legendas ora perguntando aos demais que estão na sala sobre o que está passando, uma vez que não são todos os televisores que possuem esse recurso, foi questionado sobre a importância da janela de Libras em telejornais, ele ressaltou a necessidade de ter a janela de Libras assim ele entenderia o que seria passado sem precisar ficar perguntando as pessoas por achar que as incomoda.

A segunda entrevistada também é aluna da UFERSA tem 27 anos, e está cursando o 2° período de Letras-Libras. Quando interrogada sobre o costume de assistir telejornais ela respondeu que atualmente na tv não assiste mais, tendo acesso às vezes a pequenos trechos de jornais nas redes sociais. Sobre isso, foi questionado sobre qual mecanismo utilizado quando não há disponível o recurso de legenda, a mesma responde que recorre a mãe ou a irmã, que a auxilia reportando em Língua de sinais a informação veiculada, porém ela se sente prejudicada porque acredita que fica desatualizada por acreditar que a informação é resumida, sem detalhamento, logo acredita haver perdas de informações. Por fim, foi perguntado sobre a importância da janela de Libras nos telejornais, ela responde que a janela é importante para que as pessoas surdas possam acompanhar e entender o que se passa nos jornais, lives etc… e também enfatiza que a janela

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de Libras deveria ser um pouco maior de modo que possa favorecer também os indivíduos que apresentam problemas de visão baixa, podendo ter acesso e compreender a sinalização .

Nosso terceiro entrevistado é apresentador de telejornal matinal, tem 35 anos e trabalha há 10 anos na área jornalística. Quanto questionado sobre a qual a justificativa de ausência de acessibilidade no jornalismo, ele aponta vários fatores como: custo e recursos técnicos, pois, incluir interpretação em Libras em transmissões ao vivo ou gravadas pode ser caro, afinal, não é apenas a contratação do intérprete, mas de toda uma logística junto; Falta de conscientização e sensibilidade, falta de percepção do sujeito surdo como um telespectador de informação jornalística. Quando questionado sobre a importância das janelas de Libras em telejornais, o mesmo pontua ser relevante. Ainda sobre isso, ele endossa que estar bem informado sobre o que está acontecendo em sua cidade, estado, país ou mundo, não deve se limitar aos telespectadores; ao contrário, quanto mais informação um indivíduo puder abstrair mais integrado ele poderá sentir-se. Ele ainda acrescenta que, a Libras deveria ser ensinado nas escolas, assim como o inglês, pois, tão importante como se comunicar com pessoas de outros países, é saber conversar com quem é do seu próprio país, seja ela ouvinte ou não.

Nas falas dos entrevistados surdos podemos identificar que o desejo de terem acesso às informações é comum em ambos e como forma de desvencilhar-se das barreiras comunicativas impostas eles procuram uma forma adaptável para compreender a mensagem veiculada. Na mesma direção, o jornalista posiciona-se favorável a acessibilidade, porém reconhece os impasses existentes que dificultam a inclusão digital do sujeito surdo no mundo jornalístico.

Considerações Finais

Neste trabalho foi abordado a importância da acessibilidade linguística em periódicos jornalísticos para pessoas surdas. No qual podemos observar a carência de recursos tão necessários nos dias de hoje. Ao longo da pesquisa ficou evidente que a acessibilidade linguística de surdos ainda não ocorre como desejado, percebemos uma

dificuldade de implementação no serviço público, bem como visto como oneroso por empresas privadas.

Durante as análises, constatamos nas falas dos entrevistados surdos o desejo em dispor de acesso às informações. Para superar as barreiras comunicativas impostas, eles buscam formas adaptáveis de compreender as mensagens veiculadas. Percebemos na fala do jornalista um posicionamento favorável às questões de acessibilidade, porém lamenta sobre os obstáculos que dificultam a inclusão digital das pessoas surdas no espaço jornalístico.

Diante disso, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para que a inclusão se torne uma realidade na vida do sujeito surdo, esperamos que a acessibilidade linguística seja ofertada em todas as programações da TV aberta e, principalmente, nos jornais de modo a garantir acesso às informações que são veiculadas. Além disso, almejamos que cada dia mais os TILSP ocupem os espaços e possam dispor de uma formação qualificada, pois sabemos que mais importante que a notícia é a forma correta de fazê-la.

Desejamos que esse trabalho corrobore para aquecer os debates e contribuir para aprofundamento das discussões pela quebra das barreiras comunicativas na promoção de acessibilidade linguística efetiva nos espaços midiáticos.

Referências

ALESSANDRO, Rafael. **O cinema 3D morreu?**: história e evolução do 3d. História e evolução do 3D. 2018. Matéria. Disponível em: <https://www.avmakers.com.br/blog/o-cinema-3d-morreu#:~:text=Hist%C3%B3ria%20e%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20do%203D&text=Bwana%20Devil%20(1952)%2C%20de,primeiro%20longa>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei Nº 227, de 2015 Institui o estatuto da pessoa com deficiência para assegurar e promover condições de igualdade, exercício dos direitos e das liberdades fundamentais. Disponívelem:https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/legislacao/lei-brasileira-de-inclusao cidadania.Acesso em: 04 jun de 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BRASIL. Senado Federal. N°5.296 do dia 2 de Dezembro de 2004 (atualização da lei 10.098 de 2000) acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. Disponívelem:https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb..Acesso em: 04 jun de 2024.

CRISTIANO, Almir. **O Congresso de Milão**: o que foi o congresso de Milão?. O que foi o Congresso de Milão?. 2017. Matéria. Disponível em: https://www.libras.com.br/congresso-de-milao. Acesso em: 01 abr. 2024.

IBGE. **IBGE**: instituto brasileiro de geografia e estatística. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2022. Pesquisa Nacional de Saúde. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=SURDOS++BRASIL2022. Acesso em: 04 jun. 2024.

Gil, Antônio Carlos. **Como conduzir uma pesquisa qualitativa**: como aproveitar ao máximo os dados qualitativos. Como aproveitar ao máximo os dados qualitativos. 2019. Matéria. Disponível em: https://pt.surveymonkey.com/mp/conducting-qualitative-research/. Acesso em: 01 abr. 2024.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Análise da variação lexical dos topônimos em Libras no sertão Paraibano**. 2020a. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

QUADROS, Ronice Muller de. **A aquisição da linguagem**. Ronice Muller de Quadros. - Dados eletrônicos- Porto Ltmed, 2008.

SASSAKI, R. **Inclusão no lazer e turismo:** em busca da qualidade de vida. São Paulo: Áurea, 2003.

TEIXEIRA, Mariane Mendes. **Física do cinema 3D**: o cinema 3d baseia-se na projeção da mesma imagem em pontos diferentes, a imagem formada só pode ser vista com nitidez se forem utilizados os óculos 3d.. 2021. Matéria. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/fisica-cinema-3d. Acesso em: 23 mar. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

POR UMA LITERATURA AFRO-PINDORÂMICA[88]

ZIDELMAR ALVES SANTOS (UESC)[89]
zid175@hotmail.com

> No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter!
>
> Nego Bispo, *A terra quer, a terra dá*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a possibilidade de existência de uma nova vertente literária dentro da literatura brasileira, que se desenvolve a partir da produção literária de escritores negros que possuem ascendência indígena. Partimos de questões relacionadas a Necropolítica (Mbembe, 2016) bem como do trabalho do pensador e filósofo quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015; 2023), o Mestre Nego Bispo, para fundamentar uma proposta conceitual que abarque a escrita de autoria negra em sua confluência com a ancestralidade indígena, a qual denominamos aqui de literatura afro-pindorâmica. Como exemplo dessa nova perspectiva, destaca-se aqui o trabalho do escritor baiano Itamar Vieira Júnior (2017; 2019; 2021). Tratando-se de uma proposta nova, compreende-se e espera-se a partir daqui o alargamento do quantitativo autoral, na medida em que muitos autores que não possuem conhecimento dessa perspectiva literária se revelem e/ou publiquem cada vez mais seus textos literários. Isso permitirá comparações entre trabalhos de escritores de regiões e/ou comunidades diferentes, revelando novas poéticas e, principalmente, levando aos leitores trabalhos engajados na luta contracolonial, que defendem, desvelam e compartilham os saberes e modos de vida afro-indígenas por todos os cantos do país.

PALAVRAS-CHAVE: Contracolonização. Cultura afro-pindorâmica. Literatura afro-brasileira. Escrita pós-colonial. Ancestralidade afro-indígena.

[88] Trabalho realizado com o apoio da Capes (Código 001).

[89] Doutorando e Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela UESC, Ilhéus, Bahia. Integrante do GPAfro – Grupo de Pesquisa em Literaturas Africanas e Afro-brasileira: Encruzilhadas Epistemológicas. Orientação: Inara de Oliveira Rodrigues.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Introdução

A literatura produzida pelos escritores/as negros/as e afrodescendentes, no Brasil, vem passando por um momento importante, no qual várias obras têm se destacado, vencendo diversos concursos e prêmios literários. Obras de escritores como Conceição Evaristo (2018), de *Olhos d'água*, Jeferson Tenório (2020), de *O avesso da pele*, e Itamar Vieira Júnior (2019), de *Torto arado*, por exemplo, vêm despontando em um cenário que tradicionalmente é favorável à premiação de escritores/as brancos/as.

No entanto, a produção literária de autoria negra passou a estar no meio de uma celeuma que vem dividindo pesquisadores no âmbito dos estudos literários. De um lado, o conceito de literatura afro-brasileira, elaborado por Eduardo de Assis Duarte (2014). Do outro, o de literatura negro-brasileira, proposto por Luiz Silva, o Cuti (2010). É importante salientar que há ainda aqueles que preferem o uso do termo "autoria negra", por considerarem que é mais abrangente e evita a segregação entre os escritores negros.

Duarte (2014) propôs um conceito baseado em cinco critérios, a saber: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público. Da conjunção entre esses elementos, resultaria um texto afro-brasileiro em sua plenitude. Cuti (2010), por sua vez, buscou desvincular a arte literária dos negros do Brasil daquela produzida no continente africano. Sua proposta é mais politizada no que diz respeito ás reivindicações e no combate ao racismo. Contudo, tanto a literatura afro-brasileira quanto a negro-brasileira não se atentaram para a possibilidade de uma escrita negra marcada pela confluência com os povos originários do Brasil.

Por uma literatura afro-pindorâmica

Uma das características marcantes da literatura de autoria negra no Brasil é a capacidade de dar voz a populações que foram subalternizadas ao longo dos tempos. Essa busca por um espaço que fora negligenciado tem se traduzido em obras que questionam os sentidos cristalizados da literatura brasileira, que privilegiou por muito tempo trabalhos de escritores brancos, em sua ampla maioria homens, que residiam principalmente na região sudeste do país (Dalcastagnè, 2005, p. 31-33).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As obras de autores como Itamar Vieira Júnior (2019) e Ana Maria Gonçalves (2017), por exemplo, propiciam uma nova interpretação da história do Brasil, ao trazer para o centro da narrativa protagonistas negras, casos dos romances *Torto arado* e *Um defeito de cor*. O questionamento do racismo, do patriarcalismo, do cristianismo, bem como de outras heranças da colonização portuguesa, reforçam a ideia de que essas narrativas de autoria negra acabam, ao seu modo, contribuindo para a reescrita da história do país, trazendo pessoas consideradas excluídas dos processos decisórios para o centro das narrativas.

Essas pessoas são as principais vítimas daquilo que Mbembe (2016) acabou chamando de necropolítica: o uso do poder para ditar quem pode viver e quem deve morrer. O exercício da soberania, neste caso, é o motor que movimenta a máquina necropolítica, já que está relacionada a um "direito de matar" exercido pelo Estado (Mbembe, 2016, p. 128). A raça seria o elemento definidor desse direito.

Na literatura de autoria negra, os processos de exclusão das populações subalternizadas e de extermínio dos corpos negros podem ser percebidos em obras como *Torto arado*, de Vieira Júnior, principalmente se for considerada a política do Estado no que diz respeito ao acesso à terra. A comunidade quilombola de Água Negra, representada na referida obra, fica à mercê dos proprietários legais de terras que foram ocupadas por décadas por trabalhadores rurais humildes. Sabe-se que a Lei de Terras, de 1850, dificultou o acesso à terra pelos pobres, negros livres e escravizados, indígenas e imigrantes recém-chegados ao Brasil Escravista. Isso garantiria a mão de obra barata e a concentração de terras nas mãos dos latifundiários, gerando um cenário de exclusão e conflitos pela terra que perdura no Brasil atual.

Muitas populações indígenas também continuam sofrendo com falta de demarcação de suas terras, sendo constantemente atacadas por fazendeiros que, muitas vezes, recebem apoio das forças policiais. Em terras que já estão demarcadas, muitos são vítimas dos empresários do agronegócio, da mineração e do garimpo, tendo suas vidas ceifadas, dentre outras formas, pela contaminação dos solos e dos rios por produtos agrotóxicos utilizados nas plantações, produtos químicos utilizados na mineração/garimpo ilegal, bem como pelas consequências do desmatamento e das queimadas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O abandono dessas e outras minorias ratifica o caráter necropolítico do Estado. Isso ocorre principalmente nos países que foram vítimas da colonização. Segundo Mbembe (2016, p. 134),

> o direito soberano de matar não está sujeito a qualquer regra nas colônias. Lá, o soberano pode matar em qualquer momento ou de qualquer maneira. A guerra colonial não está sujeita a normas legais e institucionais. Não é uma atividade codificada legalmente. Em vez disso, o terror colonial se entrelaça constantemente com fantasias geradas colonialmente, caracterizadas por terras selvagens, morte e ficções para criar um efeito de real.

No Brasil, os impactos da colonização ainda se fazem fortes, e essas "fantasias e ficções" ainda são reforçadas por setores conservadores da sociedade que insistem em afirmar que não existe racismo no país. A constante tentativa de retirada de mecanismos de reparação histórica do racismo e desigualdade social, como a Lei de Cotas nas universidades públicas, é justificada, por exemplo, com um equivocado argumento de igualdade de condições entre estudantes/candidatos, de modo a desconsiderar os reflexos dos quase quatro séculos de escravidão na sociedade brasileira e seus impactos no sistema educacional do país.

No Brasil, a independência não se deu por meio da violência, tal qual ocorreu em alguns países africanos que lutaram contra suas metrópoles ao longo do século XX, como Angola e Moçambique. Daí a necessidade de pensar em estratégias para combater a colonização, cujos efeitos ainda se fazem presentes, mesmo após mais de 200 anos da independência do Brasil.

Um conceito que tem ganhado força no meio acadêmico é o de contracolonização, criado pelo pensador, poeta e filósofo quilombola Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como "Nego Bispo", justamente por ser uma ferramenta para pensar e discutir novas formas de enfrentamento. Ao explicar o termo, Nego Bispo ressalta que o mesmo se relaciona ao modo de vida de cada povo. Os povos indígenas, por exemplo,

> viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonialismo (Santos, 2023, p. 36).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nego Bispo compreende a contracolonização como “todos os processos de resistência e de luta em defesa dos povos contracolonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (Santos, 2015, p. 48). Dessa maneira, o pensador explica o uso do termo: “o contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo” (Santos, 2023, p. 36).

A concepção de Nego Bispo busca, assim, enfraquecer o colonialismo, motivo pelo qual ressalta que não adianta apenas falar sobre o “modo de vida africano”, “modo de vida indígena”, “modo de vida ioruba”, etc.. O contracolonialismo seria o antídoto: "estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio” (Santos, 2023, p. 36-37). É preciso ser contracolonial.

Nessa perspectiva, a linguagem seria fundamental para a luta contracolonial. A oralidade e a sua tradução para a escrita seguem essa linha de pensamento, visto que esse é o caminho feito pelos saberes ancestrais através de mestres e mestras dos saberes e tradições populares, dentre eles, Nego Bispo. Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 3), assim, usa a prática das denominações para “contrariar o colonialismo”, naquilo que chama de “guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las”:

> Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: ‘Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?’. E respondi: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento’.
>
> Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolonização… e assim por diante. Ele entendeu esse jogo de palavras: ‘Você tem toda a razão! Vamos botar mais palavras dentro da língua portuguesa. E vamos botar palavras que os próprios eurocolonizadores não têm coragem de falar!’. (SANTOS, 2023, p. 3-4)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O contracolonialismo e a linguagem estão, dessa maneira, intrinsecamente relacionados. E literatura, destarte, não se encontra longe dessa discussão. Em entrevista a Guilherme Amado, do site Metrópoles, Itamar Vieira Júnior (2023, não paginado) ressalta que percebe uma cena literária que vem questionando "a história como ela foi contada". Esse movimento vem produzindo narrativas "contracoloniais, que estão indo contra a história oficial" (Vieira Júnior, 2023, não paginado).

Segundo Vieira Júnior, esse movimento não é tão novo, e reúne escritores do calibre de Conceição Evaristo, Paulo Lins, Ana Maria Gonçalves, Jefferson Tenório, dentre outros. Para se ter ideia do impacto e incomodo gerado por esse grupo nos setores conservadores da nossa sociedade, o romance *O avesso da pele*, do mencionado Tenório, foi censurado no início de 2024 e teve solicitado por algumas secretarias de educação do sul e centro-oeste do país, o recolhimento de exemplares aprovados no Plano Nacional do Livro e do Material Didático (Santos, 2024, não paginado). As narrativas contracoloniais, destarte, incomodam e provocam a reação dos conservadores.

A literatura brasileira de autoria negra tem cumprido um papel significativo nesse contexto. Contudo, uma das marcas da colonização do Brasil, a miscigenação cultural, vista aqui pelo prisma do hibridismo (Hall, 2006), tem sido pouco abordada pelos pesquisadores sob a perspectiva das relações afro-indígenas. Entende-se aqui que, embora as demandas dos movimentos sociais negro e indígena sejam distintas, essas populações tem um ponto em comum: a luta contracolonial.

Considerando todo o processo de opressão iniciado com a invasão portuguesa em 1500 e com a inserção de diversas populações africanas em substituição ao trabalho escravo por parte dos indígenas, aborda-se aqui a possibilidade de existência de uma vertente literária que traga consigo elementos da literatura de autoria negra em confluência com os saberes e ancestralidade indígenas.

A obra de Antônio Bispo dos Santos mais uma vez se mostra fundamental para a discussão. Primeiro pela sua trajetória de vida completamente vinculada a defesa dos saberes afro-indígenas, tendo sido ele um importante líder quilombola que, mesmo com pouco estudo acadêmico, tornou-se respeitado nacionalmente por defender e compartilhar os saberes ancestrais, disseminando a possibilidade de um modo de vida contracolonial.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Segundo, por sua contribuição para os estudos étnicos, onde propôs, além do conceito de contracolonialismo, o de cultura afro-pindorâmica, na obra intitulada *Colonização, Quilombos*: modos e significados (Santos, 2015).

O pensador (Santos, 2015, p. 27), ao analisar as relações entre brancos e negros a partir de documentos sobre invasão e colonização portuguesa no Brasil, bem como sobre a recepção ambos que tiveram dos povos originários, busca contestar a denominação imposta pelos portugueses a tais povos:

> Os colonizadores, ao os generalizarem apenas como 'índios', estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome. Ou seja, os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar. Mesmo compreendendo isso, vou utilizar também de forma generalizada o termo povos pindorâmicos com a intenção principal de contestar a denominação forjada pelos colonizadores

A substituição do termo "índio" por "pindorâmico", como visto, tem claro sentido de enfrentamento contracolonial, pois busca substituir um termo imposto pelos colonizadores por outro que, ainda que seja generalizante, era a forma como os grupos étnicos do tronco linguístico Tupi-Guarani denominavam esta terra.

O uso do termo "negro" também é questionado por Nego Bispo, que indica que este segue a mesma tendência de domesticação utilizada pelos colonizadores. Daí a concepção desenvolvida por ele que combina os termos "afro" e "pindorama" para discutir a colonização de africanos e indígenas pelos europeus no Brasil.

Pensando o uso desses termos no âmbito cultural/religioso, esses povos contemplam uma cosmovisão pagã politeísta que as difere completamente em seus modos de vida em relação aos branco/europeus, influenciados pela cosmovisão cristã monoteísta. Segundo Santos (2015, p. 38),

> No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas.

Isso demonstra a relação de opressão sobre os modos de vida dos negros e dos povos pindorâmicos. Contudo, chama a atenção que, nas últimas décadas, as formas de resistência desses povos não foram estudadas em sua confluência, pelo menos no âmbito dos estudos literários, que não se atentaram para a possibilidade de uma literatura negra influenciada pelos saberes e ancestralidade afrodiaspórica e indígena.

Dentre as principais vertentes da literatura brasileira de autoria negra, nenhuma considera a possibilidade dos escritores e escritoras negros e negras serem descendentes, viverem e/ou se inspirarem na confluência entre saberes ou modos de vida afrodiaspóricos e indígenas. Talvez os estudiosos, no intuito de demarcar um espaço que abarque a produção literária negra e afro-brasileira no âmbito da literatura brasileira, tenham esquecido que o doloroso processo de miscigenação também aconteceu entre os africanos, seus descendentes e os povos pindorâmicos, como os denomina Nego Bispo.

Stuart Hall (2006), em *Identidade cultural na pós-modernidade* já alertava que "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia". De acordo com o sociólogo,

> Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu' (Hall, 2006, p. 13).

Isso permite o questionamento acerca dos deslocamentos identitários nas pessoas com ascendência afro-indígenas. Um passo importante nessa direção foi dado por Lélia Gonzalez (1988, p. 72), que, ao discutir o racismo na América Latina, afirmou que ela "é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa".

De todo modo, a confluência entre saberes, ancestralidade e modos de vida afro-indígenas certamente tem grande impacto na escrita literária daqueles que se propõem a refletir sobre a luta dessas populações. Considerando o que foi exposto, e toda a discussão acerca das literaturas de autoria negra no Brasil, ressalta-se aqui a existência/possibilidade

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de uma produção literária que põe em confluência os saberes, a ancestralidade, os modos de vida e os processos de luta e resistência das populações afro-indígenas no Brasil. Denominamos essa vertente como literatura afro-pindorâmica.

Essa produção literária é "afro" por uma opção contracolonial, que entende que o termo "negro" segue a lógica do adestramento; a autoria é de pessoas que assumem um pertencimento étnico negro em confluência com os povos originários do Brasil (podendo ser, inclusive, o contrário), cujo ponto de vista assumido seja favorável aos modos de vida das populações negras, afrodiaspóricas e/ou originárias, e cuja linguagem valorize e respeite esses povos física e intelectualmente. Essa produção é pindorâmica, por que este termo representa o enfrentamento e recusa de termos colonizadores que ficaram cristalizados na sociedade, como o próprio termo "índio", nome que foi imposto pelos colonizadores aos povos originários quando da invasão portuguesa em 1500, reafirmando um posicionamento contracolonial.

É importante salientar que a questão temática não se torna aqui um empecilho. O escritor afro-pindorâmico pode escrever sobre quaisquer temáticas pois o ato de publicar, por si só, já vai de encontro ao que as elites esperam dessas populações. A luta contracolonial não se dá exclusivamente através de temáticas que envolvam a violência, o sofrimento e a opressão contra as populações afro-pindorâmicas.

Outros projetos literários, como o Cuírlombismo proposto por Tatiana Nascimento (2018), também vem questionando a "ditadura" da temática na literatura afro-brasileira. A oralidade também não pode ser excluída dessa proposta, diante de sua importância para as comunidades quilombolas e pindorâmicas, bem como para as religiões e cultos de origem afrodiaspóricas, onde os saberes, a ancestralidade e a memória são transmitidas dessa forma.

Deste modo, entende-se que o trabalho do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, apresenta essas características em sua produção literária, deixando claro que não se trata do marco inicial de um movimento, mas de um autor que enxerga a literatura de autoria negra em sua confluência com a ancestralidade afro-indígena.

Deste modo, tanto dentro de sua contística quanto na narrativa longa, os povos originários e/ou seus descendentes são representados ou mencionados, onde há destaque

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

para os modos de vida, ancestralidade e luta contracolonial, como no conto "O espírito *aboni* das coisas", presente na coletânea *A oração do carrasco*:

> O sol *bahi* cresceu no céu *neme* com muita luz. Agora é hora de partir. Tokowisa se pinta para entrar na floresta. Tokowisa carrega penas, zarabatana, arco e flecha. Tokowisa tem os pés descalços e o corpo forte. Quando entra na floresta, não se distingue a força de uma árvore da força de Tokowisa. Não se distingue o espírito *aboni* de uma árvore do espírito *aboni* de Tokowisa. Não se distingue o espírito *aboni* de um caititu *kobaya* do espírito *aboni* de Tokowisa, nem o de um macaco-guariba *dyico* do espírito *aboni* de Tokowisa. Todos os animais falam e indicam os caminhos das coisas. Tokowisa para, escuta o que a árvore diz. Agacha-se na beira do rio *faha* e escuta o que ele lhe diz. Olha para o céu *neme* para logo depois fechar os olhos e escutar o que a chuva *faha* lhe diz. (Vieira Júnior, 2017, p. 95)

A cosmologia apresentada no conto ressalta a importância de todas as formas de vida. O autor também utiliza palavras em língua jarawara, uma das muitas línguas indígenas do Brasil, antecedidas de seu significado em português. A linguagem, dessa forma, assume um protagonismo diferente nesse conto, já que, ao mesmo tempo em que cumpre uma função narrativa, enfraquece a língua do colonizador ao salientar e levar ao público leitor diversas palavras de uma língua indígena desconhecida do grande público.

Na obra *Doramar ou a Odisseia*, os contos "O que queima", "Voltar" e "Na profundeza do lago", também trazem uma forte presença indígena, seja em uma narrativa que intercala a história de um casal que vê o sonho da casa própria se tornar um pesadelo com a de um indígena que vê seu lar, a floresta, pegar fogo; um conto sobre uma parteira que não cede às investidas de uma hidrelétrica que quer expulsá-la da floresta para poder realizar sua obra; ou seja na história de uma professora que busca descanso na roça, após sofrer grande estresse após ser acusada de doutrinar seus alunos. Sabe-se que todas as formas de vida são importantes na cosmologia indígena. A devastação causada por um incêndio florestal, dessa forma, causa um forte impacto no leitor. Se por um lado as parteiras são fundamentais para trazer à vida os seres humanos em comunidades isoladas e abandonadas pelo poder público; por outro, o represamento de um rio gera consequências gravíssimas contra populações indígenas que retiram o alimento do rio e que plantam em suas várzeas:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> enquanto recolhia as folhas mortas com o ancinho, uma mulher e duas crianças se aproximaram da porteira. Ela deixou seus afazeres para perguntar como poderia ajudar. Precisamos de algo para comer, disse a mulher. Era uma mulher de traços indígenas, tinha o cabelo negro e maltratado. As duas crianças estavam com as roupas rotas e as faces sujas. Sim, claro, podem entrar enquanto separo os alimentos. A mulher reuniu algumas frutas recolhidas do pomar nos últimos dias. São tantas que chegam a apodrecer no chão, disse, entregando a sacola à mulher, e além das frutas juntou pacotes de biscoito, farinha de milho e um pedaço de carne. Deus lhe pague, foi o que ouviu. Aqui não faltava comida, mas o rio, de onde retirávamos o peixe que nos alimentava, secou. As roças que plantávamos nas várzeas também secaram. Que triste! Por quê?, a mulher quis saber. Barraram o rio cá pra cima, a água não chega mais na nossa terra, disse, enquanto encangava um dos filhos no quadril. Como assim, barraram o rio? Barraram pra irrigar as terras dos fazendeiros, já andamos de fazenda em fazenda pra saber onde represaram, mas não nos deixam entrar pra ver. Estão matando a gente de fome. (Vieira Júnior, 2021, p. 90-91).

Esse episódio foi fundamental para a professora descobrir o que havia de errado na fazenda e buscasse romper com o muro construído no rio, devolvendo-o a seu curso normal. O trecho acima, dessa maneira, possui um forte caráter de denúncia contra as injustiças promovidas contra as populações ribeirinhas, dentre elas comunidades indígenas e quilombolas.

Já no romance *Torto arado*, Vieira Júnior (2019) apresenta nuances pouco vistas na literatura brasileira: os indígenas percebidos como elemento positivo no que diz respeito a busca de uma identidade que ratifique o direito à terra, conforme o excerto a seguir:

> Miúda e o povo daqui não diziam que eram pretos. Pretos não eram bem vistos, tinham que deixar a terra. Então dizia que era índia. Os outros diziam que eram índios. Índio não deixava a terra. Índio era tolerado, ninguém gostava, mas as leis protegiam, era o que pensavam. Os outros torciam o bico, porque viam que eram pretos. Mas o povo começava a contar que foi pego a dente de cachorro. Geralmente uma mulher era pega a dente de cachorro, então ninguém poderia questionar que não era uma índia legítima ou misturada com um preto. Miúda, atenta, começou a contar que havia sido pega a dente de cachorro como sua mãe. Se contava, pronto, todos acreditavam. Talvez por isso tenha sobrevivido à caminhada. (Vieira Júnior, 2019, p. 223).

O romance de Vieira Júnior, destarte, demonstra que, na comunidade quilombola da chapada diamantina representada na obra, homens e mulheres negros e negras tinham um profundo respeito aos povos indígenas. Um dos motivos seria a falta de leis que assegurassem os direitos dos povos quilombolas e remanescentes de quilombos, ao passo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

em que as leis que demarcam terras indígenas já estavam em vigor. Ainda que tivessem a cor da pele negra, reivindicavam uma identidade indígena para reafirmar seu direito à terra.

Sobre o autor acima apresentado como exemplo da escrita afro-pindorâmica, um detalhe chama a atenção: a influência do seu trabalho acadêmico na composição de sua obra literária. O acesso ao ensino superior, de certa forma, colaborou com sua inserção no meio autoral/editorial na medida em que entrou em contato com estudos e pesquisas sobre os impactos da colonização nos territórios e populações marginalizadas, bem como com pessoas engajadas na luta decolonial. Também evidência a relevância das políticas reparatórias, como a já citada lei de cotas, bem como as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatórios os ensinos de história e cultura indígena e afro-brasileiras nas escolas de ensino fundamental e médio de todo o Brasil.

Segundo Kavalerski (2017, p.43),

> o Ensino da História das culturas Afro-brasileiras e Indígenas marca e torna obrigatório, um novo modo de entender os fatos históricos a partir da perspectiva decolonial, em que a participação e as contribuições culturais das populações historicamente subalternizadas são problematizadas, criando novos vieses e percepções quanto à formação social brasileira.

A inserção das temáticas que envolvem os povos pindorâmicos e quilombolas e sua importância para a história e cultura brasileira na sala de aula pavimenta um caminho de luta contracolonial que vai desaguar na inserção dessas populações no ensino superior. A publicação de narrativas que ressaltam as experiências e modos de vida das populações subalternizadas se constitui, assim, como uma das muitas formas de resistência e luta contracolonial e traz uma perspectiva pouco abordada pela crítica literária: as narrativas dos escritores negros que estão empenhados em resgatar e honrar seus ancestrais africanos e pindorâmicos, em sua confluência.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

Tratando-se de uma proposta nova, não se exclui aqui a possibilidade de outros autores se identificarem como escritores afro-pindorâmicos. O alargamento do quantitativo autoral depende, além da questão do pertencimento étnico negro em confluência com os povos originários, de que os autores assumam uma perspectiva contracolonial e publiquem e divulguem cada vez mais suas obras literárias. Isso permitirá ao público leitor o acesso às produções de escritores espalhados por regiões e/ou comunidades diversas, revelando novas poéticas e, principalmente, que conheça trabalhos engajados na luta contracolonial, que defendem, desvelam e compartilham os saberes e modos de vida afro-indígenas por todos os cantos do país.

REFERÊNCIAS

CUTI [Luís Silva]. *Literatura negro-brasileira.* São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção consciência em debate).

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990–2004). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, 2005. Disponível em: < https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 10 mai. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna Iberistica*, v. 37, n. 102, Dez. 2014, p. 259-279. Disponível em: < https://edizionicafoscari.unive.it/riviste/rassegna-iberistica/2014/102/por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2018.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). p. 69-82, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAVALERSKI, Luiz Fernando. *O ensino das culturas afro-brasileiras e indígenas*: uma análise da lei 11.645/08 e suas contribuições para a decolonização. 2017. 50 f. Monografia (Licenciatura em História). Chapecó: Universidade Federal da

Fronteira Sul – UFFS, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1706/1/KAVALERSKI.pdf>. Acesso em 25 mar. 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, pp. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 22 mai. 2024.

NASCIMENTO, Tatiana. Cuirlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N1Edições, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos*: modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7944144/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf>. Acesso em 06 fev. 2024.

SANTOS, Emily. 'O Avesso da Pele': livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas. *G1*. 08 mar. 2024, Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em: 03 abr. 2024.
TENÓRIO, Jeferson. *O Avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *A oração do carrasco*. Itabuna: Mondrongo, 2017.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia*: histórias. São Paulo: Todavia, 2021.

O MÍTICO-POÉTICO E O FANTÁSTICO EM "ACAUÃ", DE INGLÊS DE SOUSA

Messias Lisboa Gonçalves[90]
Emanoel César Pires de Assis[91]

RESUMO: Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) nasceu na cidade interiorana de Óbidos, localizada na então província do Grão-Pará, em 28 de dezembro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918. Inglês de Sousa publicou em livro os romances *História de um Pescador* e *O Cacaulista*, em 1876, e, em 1877, *O Coronel Sangrado*, todos sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, "inclusive a primeira edição do 'O Missionário'" (Octávio Filho, 1955, p. 14), que veio à luz em 1891, seu romance de maior repercussão. Tais obras foram associadas ao movimento naturalista. Amigo de Sílvio Romero, a ele dedicou sua última obra de ficção, *Contos Amazônicos*, publicada em 1893, no Rio de Janeiro. Outrossim, os anos de tenra idade vividos no Pará constituíram uma atmosfera que se encarregou de colaborar com a nutrição do saber-sabor poético do escritor que se banhou de encantaria e com ela encharcou as páginas de sua literatura. Destaca-se que *Contos Amazônicos* desvela os mistérios de uma Amazônia ensopada de mito e fenômenos fantásticos, por isso é palco de feitos sobrenaturais que convivem com os naturais. Diante disso, o objetivo deste trabalho é pesquisar o desvelamento da mitologia amazônica, do fantástico, do maravilhoso e da encantaria em "Acauã", narrativa de caráter extranatural que compõe a obra de contos inglesianos. Quanto à metodologia, adotou-se a pesquisa bibliográfica, isto é, leitura, fichamento do material pesquisado e seleção dos dados mais relevantes para esta pesquisa. Isto posto, a história evocada no "Acauã" se abre para diferentes discussões e enfoques de interpretações, uma delas recai sob a perspectiva do fantástico, visto que se compõe de uma narrativa com manifestações insólitas a partir de uma personagem, a Cobra Grande.

PALAVRAS-CHAVE: Conto. Mítico-poético. Fantástico. Inglês de Sousa.

Para início de conversa...[92]

Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) nasceu na cidade interiorana de Óbidos, localizada na província do Grão-Pará, em 28 de dezembro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918. O escritor paraense passou a maior parte de sua

[90] Realiza Pós-doutoramento em Teoria Literária na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia (NIK/UFPA) e do Grupo de Pesquisa Literatura, Arte e Mídias (LAMID/UEMA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *E-mail*: meslisboa@gmail.com

[91] Realizou Pós-doutoramento na Universidade de University of Oslo. Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto III na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Atua também como professor no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Arte e Mídias (LAMID/UEMA). *E-mail*: emanoel.uema@gmail.com

[92] Sobre as informações biográficas a respeito de Inglês de Sousa citadas neste trabalho, cf. SALLES, Vicente. Introdução. In: *História de um Pescador* (Cenas da Vida do Amazonas). 2. ed. Belém: EDUFPA, 2007, p. 19-29.

vida fora da cidade natal, mas foi na região amazônica que o escritor se inspirou para compor as suas obras literárias.

Em 1876, Inglês de Sousa publicou em livro os romances *História de um Pescador* e *O Cacaulista*, e, no ano seguinte, *O Coronel Sangrado*, em 1877[93], todos sob o pseudônimo de Luiz Dolzani[94]. Em 1891, publicou *O Missionário*, seu romance de maior repercussão, que, assim como os outros, também foi associado ao movimento naturalista.

Amigo de Sílvio Romero, a ele dedicou sua última obra de ficção, *Contos Amazônicos*, publicada em 1893, no Rio de Janeiro. Contudo, a produção ficcional de Inglês de Sousa não ganhou maior atenção da crítica no período em que foi lançada, com exceção de *O Missionário*, que recebeu notoriedade logo após a sua publicação. Na contemporaneidade a Literatura inglesiana tem avançado no caminhar rumo à popularidade e maior aceitação devido às pesquisas desenvolvidas nos centros acadêmicos, em sua maioria oriundas da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Destacamos que a obra *Contos Amazônicos* desvela o universo da Amazônia pulverizado de mito, crenças, encantarias e temor em torno da floresta amazônica, palco de elementos sobrenaturais que se imbricam com os naturais. Diante disso, propomos pesquisar o desvelamento da mitologia amazônica, do fantástico, do maravilhoso e da encantaria nas narrativas de caráter extranatural que compõem a obra *Contos Amazônicos* – em especial do conto "Acauã".

Com efeito, é importante perceber que a obra *Contos Amazônicos* reúne nove ficções, a saber: "Voluntário", "A feiticeira", "Amor de Maria", "Acauã", "O donativo do capitão Silvestre", "O gado do Valha-me-Deus" "O baile do judeu", "A quadrilha de Jacó Patacho" e "O rebelde". O curioso é que o livro que reúne as nove narrativas recebeu o

[93] De acordo com Marcela Ferreira, apenas sete capítulos de *O Coronel Sangrado* foram publicados em 1877 na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, e a primeira edição do romance no suporte livro ocorreu somente em 1882, pela Tipografia do Diário da Manhã. No entanto, a data de publicação do romance consagrada pela história literária convencional é o ano de 1877. Cf. FERREIRA, Marcela. *Inglês de Sousa*: imprensa, literatura e realismo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

[94] De acordo com Marcela Ferreira: "O uso do pseudônimo não é por acaso. Luiz Dolzani é o literato e responde pelos textos literários. As crônicas e outros textos de cunho 'sério', ou mesmo as publicações em edições esmeradas, são assinadas com Inglês de Sousa, ou mesmo com o seu nome completo. Mesmo a autoria sendo revelada nos jornais paulistas, Sousa mantém o pseudônimo, indicando sua intenção de diferenciar o romancista do jurista" (FERREIRA, Marcela. *Inglês de Sousa*: imprensa, literatura e realismo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 193).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

título *Contos Amazônicos* do próprio autor, mas, segundo os críticos literários, como Lúcia Miguel Pereira (1994), a prosa ficcional "O rebelde", uma das nove narrativas que compõe o livro, é classificada como novela e não como conto.[95]

De acordo com Lauro Figueira (1998), é possível dividir as narrativas de *Contos Amazônicos* em dois grupos, considerando características comuns entre elas. O primeiro grupo é constituído pelo "Voluntário", "O donativo do capitão Silvestre", "A quadrilha de Jacó Patacho" e "O rebelde". O pesquisador aponta que "essas narrativas têm em comum um narrador preocupado em apresentar causas políticas, sociais, e dramas humanos coletivos e particulares" (FIGUEIRA, 1998, p. 10).

O segundo agrupamento é formado por "Amor de Maria", "A feiticeira", "O gado do Valha-me-Deus", "O baile do judeu" e o "Acauã". Esses contos inglesianos desvelam o imaginário amazônico enraizado nas comunidades interioranas da Amazônia e "põem em pauta discussões sobre conceitos literários, como o maravilhoso, o realismo maravilhoso e o fantástico" (FIGUEIRA, 1998, p. 16).

É sabido que a narrativa inglesiana valoriza a mitologia amazônica ao direcionar os holofotes para as lendas da Cobra Grande, do pássaro acauã, do tajá, do boto e para o temor presente no imaginário das pessoas que habitam as regiões fronteiriças à floresta amazônica, cenário de manifestações fantásticas.

O presente estudo aponta que o gênero fantástico é arquitetado a partir de um fato que não pode ser entendido somente considerando as leis humanas e naturais. De acordo com Tzvetan Todorov (1992), quem se apreende de um manifestar do fantástico cogita que

> ou se trata de uma ilusão de sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas neste caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós (TODOROV, 1992, p. 30).

Por conseguinte, nascem as hesitações, dúvidas e questionamentos em torno de fatos inexplicáveis, acarretando, então, o fantástico, que se desvela em acontecimentos que

[95] Cf. PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira*: prosa de ficção (de 1870 a 1920). 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973, p. 168.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

se harmonizam com o real e o imaginário. Todorov (1992), em *Introdução à Literatura Fantástica*, discorre sobre essas hesitações surgidas e, apoiado em tais circunstâncias, encontra diferentes esclarecimentos

> em gêneros vizinhos, *o estranho e o maravilhoso*. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 1992, p. 31, grifo nosso).

Tal fenômeno ocorre no conto "A feiticeira", no qual, de acordo com o narrador, o personagem

> tenente Antônio de Souza era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que as almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério, e até de passear às dez horas pela frente da casa do judeu, em sexta-feira maior (SOUSA, 2005, p. 45).

O personagem Antônio era incrédulo com temas que se concerniam a feitiços, mistérios, milagres, crenças e tudo que envolvesse enigmas, até que se deparou com acontecimentos estranhos que, para ele, estavam além das leis da natureza. Essas questões sobre o mundo natural e o mundo sobrenatural emergem porque ocorrências misteriosas aparecem em um espaço terrestre real, com pessoas e sua relação com a natureza.

Além disso, o estranho e o maravilhoso impregnam o conto "Acauã", em que Ana metamorfoseia-se no pássaro acauã e sua irmã Vitória personifica-se na figura lendária da Medusa. Já em "O gado do Valha-me-Deus" que apresenta como narrador um bravo vaqueiro denominado de Domingos Espalha, que, juntamente com seu amigo Chico Pitanga, procuram na fazenda Paraíso as vacas gordas para a alimentação da festa de S. João, e, ao encontrarem uma delas, descobrem que, em vez de carne, a vaca possuía "espuma branca como algodão" (SOUSA, 2005, p. 92). Enquanto em "Amor de Maria", a moça acreditou no poder do tajá, para conquistar o homem amado, mas por desconhecer a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

planta, acabou por envenenar o rapaz. Então, o fantástico sugestiona "não apenas a existência de um acontecimento estranho, que provoca hesitação no leitor e no herói, mas também numa maneira de ler" (TODOROV, 1992, p. 38), que pode ser caracterizado, às vezes, de forma ambígua ou metafórica.

Ressaltamos que em "Acauã", o narrador sugere a canoa como representação da Cobra Grande, quando transportava Vitória à praia em direção de Jerônimo. Esse fato recomenda que há certa hesitação e interesse do narrador ao descrever a embarcação dizendo que se tratava de "um objeto estranho, afetando a forma de uma canoa" (SOUSA, 2005, p. 70), ou seja, simulando com o intuito de captar o caçador. Raimundo Moraes (1931) esclarece que a Cobra Grande pode "transformar-se em navios, em barcos, em canoas, em galeras" (MORAES, 1931, p. 85).

É possível perceber com estas ligeiras reflexões que o gênero fantástico, para Todorov, sobrevive entre o estranho e o maravilhoso. Ao contrário de Todorov que compreende o fantástico como um gênero, Irène Bessière (1974) o concebe como uma "lógica narrativa", ou seja, a narrativa literária deve ter lógica tanto em relação à forma, quanto à sua temática.

A narrativa desperta certa admiração dos leitores e coloca em questão a veracidade de fatos arbitrários, refletindo "sob o jogo aparente da invenção pura, as metamorfoses culturais da razão e do imaginário coletivo" (BESSIÈRE, 2012, p. 305). As obras fantásticas articulam assim uma das técnicas da fantasia e da imaginação, cujos fenômenos são explicados por meio de analogias mitológicas, religiosas, psicológicas e patológicas, não muito diferente das aparições anômalas imaginárias ou confissões reunidas na tradição popular.

Diante disso, o presente estudo adentra principalmente nas questões da mitologia amazônica, do fantástico, do maravilhoso e da encantaria em diálogo com os contos de Inglês de Sousa, em especial com o "Acauã". Diante disso, questionamos e aprofundamos o pensamento por um caminho que possibilitou uma janela de sentido mais leve e isenta de conceitos que, de certo modo, limitam a interpretação dos contos de Inglês de Sousa, que são carentes de uma escuta ontológica e poética, e de uma interpretação que considere a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

obra em seu desvelar de questões.

É justo esclarecermos que em consonância com Hans-Georg Gadamer (1998), a partir da perspectiva da hermenêutica filosófica, em escritos como *Verdade e Método*, acreditamos que o exercício crítico de qualquer obra deve procurar discernir as questões de que ela é portadora. Além disso, é possível que cada obra instaure a sua própria teoria e poética. Assim, a crítica deve se converter em um diálogo que se orienta pela escuta das questões que a obra, a partir de si mesma, fenomenologicamente, manifesta em sua verdade (*alétheia*).

Isso posto, José Sousa (2006) ao debruçar-se nas páginas do conto "A feiticeira" problematiza a importância de "libertá-lo da armadura realista-naturalista, que lhe foi imposta, no decorrer dos tempos pela crítica histórica literária" (SOUSA, 2006, p. 10). No tocante, ao pesquisar a produção literária deixada por Inglês de Sousa, constata-se que, de certo modo, a sua ficção sofre um "obscurecimento do notável lastro estético engendrado pelo autor" (TUPIASSU, 2004, orelha), mas é justamente o lastro estético que as mantém vivas. Segundo Amarílis Tupiassu (2004),

> Essa sobrevivência resulta também dos torneios de inventiva estética que Inglês de Sousa oferta como espetáculo verbal, não obstante a necessidade de ser inscrita, com mais evidência, *sua inserção no poético, a mesma que há muito lhe vem sendo sonegada*. [...] É ato de *justiça estética* recuperar das brumas das simplificações o talento de Inglês de Sousa (TUPIASSU, 2004, orelha, grifo nosso).

No mais, as obras inglesianas não podem ser reduzidas às fórmulas de uma interpretação engessada que apenas confirmam um julgamento prévio do leitor/intérprete. É preciso permitir que o poético se expresse. Diante de tal fato, Manuel Antônio de Castro reflete que

> O poético é a incessante reinvenção do cotidiano. Por isso o poético é a ação se fazendo linguagem, o ser se dando, sendo tempo, presenteando-se. O cotidiano não é o cronológico de um agora. É o presente do que não cessa de se inaugurar. E toda inauguração é sempre inauguração do mesmo, o que é o contrário da repetição da mesma coisa. O mesmo é o poético vigorando. É o extraordinário do ordinário, a face sempre nova da realidade na realização do instante, porque o instante é o presentificar-se do que é. O poético é. É enquanto se pensa

(CASTRO: Poético, 2).[96]

Por isso, a ficção inglesiana está além do histórico e do documental, e, por essa razão, romper com as camadas de uma interpretação solidificada das obras possibilita conhecê-las não epistemologicamente, mas ontologicamente. As obras de Inglês de Sousa inauguram a si mesmas e nos convidam a escutá-las. Intentamos mostrar nesta pesquisa, portanto, uma face nova dos romances inglesianos, por acreditarmos no vigor poético desses romances. Além disso, "o essencial não é conhecer pelo e para o estético, porém, chegar a ser o que se conhece" (CASTRO: "Poético, 6). Se o poético é enquanto se pensa, sentimo-nos interrogados pelas questões do tempo e da memória que nas obras se fazem presentes e, por isso, pensamos e ouvimos para além do histórico e do documental.

Por isso, propomos nos lançar no abismo do pensamento e realizamos uma crítica literária enquanto escuta das questões postas em obra pelos contos. Com isso, colocar-se em posição de escuta é amar as obras, e amá-las é escutá-las, e o desvelo das questões das obras se dá para quem as ama e as escuta.

A obra *Contos Amazônicos* descortina o ser humano que atravessa e habita os horizontes amazônicos, em contínuas lutas pela sobrevivência nas terras-do-sem-fim[97] amazônicas, enfrentando empecilhos que emergem de um meio hostil e encharcado de mistério, por isso propício ao nascimento de deuses e demônios, heróis e anti-heróis, lendas e mitos. No tocante a isso, é nessa Amazônia misteriosa que as personagens inglesianas experimentam um viver singular e poético.

Diante de tal pensamento, é justo centralizar nesta pesquisa a obra *Contos Amazônicos* que desvela um modo de ser e viver muito particular das relações humanas na Amazônia. A título de exemplificação, informamos que o conto "Acauã" manifesta essa maneira do viver amazônico "em que o homem parece bem alerta à realidade que o cerca,

[96] Todas as referências que vierem nesse formato estão de acordo com as normas de citação sugeridas pelo dicionário digital *Dicionário de Poética e Pensamento*, de Manuel Antônio de Castro. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br>. Acesso em: 10 jun. 2024.

[97] Expressão utilizada por João de Jesus Paes Loureiro, cf. LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica*: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ou mesmo está condicionado a desenvolver uma vida pontuada por um conhecimento empírico, ancestral, guardado pela tradição" (FIGUEIRA, 1998, p. 42-43).

Outrossim, é sabido que a história evocada no "Acauã" se abre para diferentes discussões e enfoques de interpretações, uma delas recai sob a perspectiva do fantástico, visto que se compõe de uma narrativa com manifestações insólitas a partir de uma personagem, a Cobra Grande[98]. Os poderes encantatórios do réptil intervêm no cotidiano ordinário dos ribeirinhos, os quais receiam a ação desses poderes. Com isso, a arquitetura dessa narrativa é caracterizada por um ininterrupto processo de desvelamento e velamento de sentidos mítico-poéticos no decurso narrativo. De acordo com Lauro Figueira (2006),

> "Acauã" é a narrativa, entre as mítico-lendárias, a mais pejada de referências do mágico e do maravilhoso como produto da ação imaginante do caboclo amazônico. O ponto de convergência da história é o mito da Boiúna, mas sobre todos os eventos sombreiam as asas da ave acauã, pássaro anunciador de presságios (FIGUEIRA, 2006, p. 200).

O misterioso réptil e a ave lendária são desvelamentos das ações do maravilhoso e do mistério que assola o povo que vive à beira das águas encantadas da Amazônia. Assim, o conto "concebe o cruzamento das dimensões real e sobrenormal, ou seja, a existência concreta de um nível do real (inexistência da segmentação natura/sobrenatural para os personagens) inadequado ao exame lógico-racionalista" (FIGUEIRA, 2006, p. 204).

O narrador de "Acauã" desvela que no dia do casamento de Ana, uma cena causou grande espanto na multidão que estava presente:

> Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria. Arrancava com as mãos os lindos cabelos. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas órbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente (SOUSA, 2012, p. 59).

[98] A Cobra Grande, no imaginário amazônida, é uma "Figura lendária que provoca assombrações e persegue as embarcações, fazendo-as virar, e ainda leva os náufragos para o fundo dos rios, segundo a crença popular. Mãe d'água" (CERQUEIRA, Ana; ASSIS, Rosa (Orgs.). *Minidicionário das narrativas de Inglês de Sousa*. Belém: Estudos Amazônicos, 2015, p. 29).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A pobre noiva ficou nesse estado após contemplar a sua irmã postiça "de pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra" (SOUSA, 2012, p. 58). A irmã de Ana, Vitória, estava completamente sob uma forma não humana e pregava seus olhos de demônio na irmã. Para maior perplexidade de Ana, Vitória com "a boca entreaberta mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente" (SOUSA, 2012, p. 58).

O estado de tristeza e abatimento persistentes ao longo de toda a vida de Ana e contemplado passivamente por sua irmã, parecem denunciar o encantamento da moça, fortemente desvelado no desfecho da narrativa. Ademais, o narrador revela que Ana

> Encolheu depois os braços, dobrou-os a modo de asas de pássaro, bateu-os por vezes nas ilhargas, e, entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubremente pela igreja:
> - Acauã! (SOUSA, 2012, p. 59).

O pássaro acauã que é considerado o mensageiro da desgraça, cujo canto é sinal de agouros respondeu ao grito da moça enfeitiçada e todos ouviram o canto igualmente lúgubre que ecoava por cima do telhado: Acauã, Acauã. Neste instante, todos os presentes compreenderam a desgraça daquela família.

Considerações finais

Consciente da responsabilidade crítico-literária ao principiar e concluir este trabalho, chegou a hora de tecer as linhas derradeiras deste estudo da poética de Inglês de Sousa. Então, para realizar esta pesquisa, foi necessário cartografar e estudar todos os contos de Inglês de Sousa que se relacionam com as questões da mitologia, do fantástico e da encantaria. Por isso, foi necessário lançar-se no abismo do pensamento para alcançar o manifestar do poético daqueles contos.

Então, trouxemos para estas poucas linhas pensamentos centrais da pesquisa. Outrossim, nossas linhas não são encerradas nelas mesmas, já que também são linhas de partida para outros pesquisadores que continuarem o que nos atrevemos a propor: diálogo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

entre as questões da mitologia amazônica, do fantástico, do maravilhoso e da encantaria em *Contos Amazônicos*.

O filósofo e crítico literário Benedito Nunes (1988) nos aconselha que "já é tempo de findar. O paradoxo é a sorte lógica do pensamento quando se ocupa do tempo e da linguagem"[99]. Como remate, é necessário findarmos a presente estudo. Assim, só nos resta acreditar na sobrevida deste trabalho por meio da leitura de tantos outros homens e mulheres de Letras.

Referências

BESSIÈRE, Irène. *Le récit fantastique*: la poétique de l'incertain. Paris: Larousse, 1974.

BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. Trad. Biagio D'Angelo. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 9, p. 305-319, dez. 2012.

CASTRO, Manuel Antônio de. "Poético, 2". In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/ Poético. Acesso em: 10 jun. 2024.

CASTRO, Manuel Antônio de. "Poético, 6". In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Poético. Acesso em: 10 jun. 2024.

CERQUEIRA, Ana; ASSIS, Rosa (Orgs.). *Minidicionário das narrativas de Inglês de Sousa*. Belém: Estudos Amazônicos, 2015.

FERREIRA, Marcela. *Inglês de Sousa*: imprensa, literatura e realismo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

FIGUEIRA, Lauro Roberto do Carmo. *Acauã*: fantástico e realismo maravilhoso no naturalista Inglês de Sousa. 1998. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.

FIGUEIRA, Lauro Roberto do Carmo. *Contos amazônicos*: o épico em Inglês de Sousa. 2006. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Porto, Porto, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1998.

[99] NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988, p. 78.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica*: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

MORAES, Raymundo. *O meu diccionário de cousas da Amazônia*. Rio de Janeiro: Alba, 1931.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira*: prosa de ficção (de 1870 a 1920). 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

SALLES, Vicente. Introdução. In: *História de um Pescador* (Cenas da Vida do Amazonas). 2. ed. Belém: EDUFPA, 2007.

SOUSA, Inglês de. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SOUSA, Inglês de. *O Coronel Sangrado* (Cenas da vida do Amazonas). 2. ed. Belém: EDUFPA, 2003.

SOUSA, Inglês de. *O Cacaulista* (Cenas da vida do Amazonas). 2. ed. Belém: EDUFPA, 2004.

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005.

SOUSA, Inglês de. *História de um pescador* (Cenas da vida do Amazonas). 2. ed. Belém: EDUFPA, 2007.

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

SOUSA, José. *A narrativa curta em Inglês de Sousa*: uma análise de "A Feiticeira". 2006. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 1992.

TUPIASSU, Amarílis. Orelha do livro. In: SOUSA, Inglês de. *O Cacaulista* (Cenas da Vida do Amazonas). 2. ed. Belém: EDUFPA, 2004.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CEIA NATALINA NOS RESTAURANTES POPULARES NO MARANHÃO: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVO-CRÍTICA E MULTIMODAL

Emilly Nathalia Corrêa do Nascimento[100]

Ramon de Almeida Miranda[101]

Oriemtadora: Profa. Dra. Ana Maria Sá Martins

Resumo: A discussão da fome no país e no mundo é uma questão de saúde pública, logo, o acesso à alimentação saudável e nutritiva é um direito de todos. Isto posto, este trabalho tem por objetivo analisar uma (1) notícia publicada no Jornal Pequeno e veiculada em sua rede social Instagram, as representações discursivas na construção de sentidos nesse gênero, visando a contribuir para a formação de um posicionamento crítico do sujeito leitor/consumidor. O corpus do trabalho é constituído por uma notícia acerca da Ceia Natalina nos Restaurantes Populares no Maranhão, realizada pelo Governo do Estado. O referido trabalho está pautado no arcabouço teórico da Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), de Fairclough (2001), no que tange aos aspectos que compõem prática e organização textual, e na Gramática do Design Visual (doravante GDV), de Kress e Van Leeuwen(2006), no que se refere aos aspectos semióticos que congregam o texto imagético. Para tanto, através da ADC, investigamos os significados acional, representacional e identificacional presentes nos textos, através das categorias de análises: intertextualidade, interdiscursividade, modalidade e avaliação, respectivamente. E, através da GDV, analisamos as metafunções representacional, interacional e composicional. Este trabalho justifica-se pela necessidade de investigar como os discursos das notícias revelam contextos socioeconômicos, culturais e políticos, logo, transparecem ideologias dominantes em textos noticiosos para o alcance do público-alvo almejado. Assim, buscamos empreender como a perspectiva discursivo-crítica e multimodal situada em textos noticiosos deve contribuir para o ensino de Língua Portuguesa no contexto de sala de aula no ensino básico.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Notícia. Jornal Pequeno.

[100] Graduanda do curso de Letras Português/Inglês Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista do Programa de Iniciação Científica; pesquisador vinculado ao grupo de pesquisa Multiletramentos e Ensino de Línguas.

[101] Graduando do curso de Letras Português/Inglês Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista do Programa de Iniciação Científica; pesquisador vinculado ao grupo de pesquisa Multiletramentos e Ensino de Línguas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações iniciais

Este trabalho, resultado de projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) pela Universidade Estadual do Maranhão, visa analisar, através de categorias analíticas à luz das teorias dos discursos textuais e visuais, de que modo diferentes abordagens se relacionam e constroem sentido àqueles que terão acesso a esse conteúdo. Não obstante, a análise preliminar será realizada na articulação discursiva como ocorrência em 1 (uma) propaganda para demonstrar os resultados iniciais apontados. Sendo assim, esta pesquisa é de suma relevância para desvelar os entremeios de produção e veiculação de uma notícia a fim alcançar leitores de um público-alvo específico por meio da identificação desses leitores nas relações estabelecidas e quais os posicionamentos são arqueados.

O dia 16 de outubro é considerado o dia Mundial da Alimentação, não é uma data para se comemorar, mas para refletirmos e contribuirmos para a discussão da fome no país e no mundo, como uma questão de saúde pública, logo comer é um direito de todos. A data foi escolhida em prol da criação da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), em 1945 e, desde então, esta agência das Nações Unidas tem como objetivo central liderar os esforços internacionais para derrotar a fome no planeta. A data de forma simbólica busca elucidar o debate sobre a alimentação a nível mundial, mas os seus esforços são constantes, logo ressoam nos diversos contextos de vulnerabilidade social e alimentar como consequência, sobretudo em países subdesenvolvidos, conforme argumenta Castro (1982, p.47) “[...] fome e o subdesenvolvimento são uma mesma coisa”, em que produção de riqueza e miséria em países de economia subdesenvolvida são arestas de um mesmo ponto inicial.

Falar sobre alimentação é, antes de tudo, pensar sobre sobrevivência e, para além disso, refletir sobre a garantia da segurança alimentar para que as pessoas tenham acesso aos alimentos, mas não somente isso, de forma saudável e de qualidade. No contexto brasileiro, segundo levantamento realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN, 2021), a situação de insegurança alimentar passou de 84,9 milhões de pessoas em 2017-2018

para 116,8 milhões em 2020, houve, assim, um aumento exponencial. Durante o ano de 2020, mais de 19 milhões de pessoas passaram fome (considerada como insegurança alimentar grave) e mais de 40 milhões sequer tiveram acesso a alimentos em quantidade suficiente (considerada como insegurança alimentar moderada ou grave) (PENSSAN, 2021).

Ainda no ano de 2020, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, apontou que os domicílios com maior percentual de segurança alimentar eram de brancos, 51,5%; em contrapartida, esse quantitativo decresce em domicílios de pardos, 36,9%; e ainda mais inferior para pretos, 10%. Os dados expostos permitem compreender que pessoas pretas sofrem em maior percentual que as brancas no que tange o problema da fome no país. Proveniente de uma lacuna na formação do estado brasileiro, pessoas negras ainda sofrem com as mazelas e a fome é uma delas, herança de um processo histórico de marginalização e negligencia social. Infelizmente, ainda é uma pauta atual e urgente, visto que dados expressivos ainda são contabilizados demonstrando a problemática do acesso à alimentação para toda a sociedade brasileira de forma equânime.

À vista disso, programas que garantam acesso a comida não somente, mas a alimentação saudável e segurança alimentar precisam ser potencializados. Exemplo de ação é a implementação dos Restaurantes Populares, projeto já desenvolvido pelo Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) que visa comida digna e de qualidade às pessoas. Em conjunto a esse programa já desenvolvido, foi que às vésperas de Natal, em 2022, o Governo do Maranhão promoveu a Ceia Natalina através dos Restaurantes Populares a preço acessível, assim muitas famílias foram contempladas e puderam celebrar a data com a certeza da comida no prato. Essa iniciativa teve destaque nacional com relevância no Jornal Folha de São Paulo, em que a jornalista Mônica Bérgamo publicou sobre a ação, o que contribui para visibilidade de atos como esse e projeção também para que mais sejam feitos por todo o Brasil.

Percurso metodológico

A presente pesquisa caracteriza-se (GIL, 2017), quanto: à sua natureza, básica; à sua

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

abordagem, qualitativa; aos seus objetivos, descritiva e, por fim, ao procedimento, bibliográfica. Este escrito é parte do plano de trabalho "O discurso noticioso do Jornal Pequeno: uma perspectiva discursivo-crítica", que compõe, juntamente com outros dois planos de trabalho, o projeto de pesquisa intitulado "NOTÍCIA NA REDE SOCIAL INSTAGRAM: análise discursivo-crítica e multimodal", coordenado pela orientadora/autora deste artigo. A pesquisa investigará, nas notícias publicadas no Jornal Pequeno e compartilhadas no *Instagram*, as relações linguístico-discursivas presentes, com o objetivo de analisar as representações discursivas na construção de sentidos nesse gênero, visando a contribuir para a formação de um posicionamento crítico do sujeito leitor/consumidor.

Está pautada no arcabouço teórico da ADC, de Fairclough(2001), no que tange aos aspectos que compõem a prática e a organização textual do gênero híbrido notícia e na GDV, de Kress; Van Leeuwen (2006), no que se refere aos aspectos semióticos que congregam o texto visual em investigação. Para tanto, através da ADC, investigaremos os significados *acional*, *representacional* e *identificacional* presentes nos textos, através das categorias de análises: intertextualidade, interdiscursividade, modalidade e avaliação, respectivamente. E, através da GDV, analisaremos as metafunções*representacional*, *interativa* e *composicional*.

Aporte teórico-metodológico

Para a elaboração dessa pesquisa foi necessário, reconhecer de antemão, a necessidade de um foco específico para o desenvolvimento de pesquisas, considerando a heterogeneidade do método analítico da ADC. Nessa perspectiva, os trabalhos de pesquisa partem da identificação de problemas sociais parcialmente discursivos que possam ser investigados através da análise situada de textos (CHOULIARAK; FAIRCLOUGH,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

1999). Para a análise que se buscou realizar, foram considerados a composição genérica; os modos de operação ideológicos relacionados aos significados, e o grau de comprometimento dos participantes com o que enunciam, no discurso materializado nas notícias do Jornal Pequeno.

Buscou-se analisar, como os discursos materializados em textos noticiosos, aqui entendidos como textos publicados nojornal Pequeno propagados em rede social, mais especificamente no Instagram, visando a compreender suas características, bem como refletir sobre os sentidos construídos nesses discursos, revelando as ideologias intrínsecas nesse gênero além das críticas que carregam. Como essa imagem reflete as representações sociais e, ao mesmo tempo, contribui para a construção ou continuidade dessas representações. Vale pontuar, ainda, que esse estudo tem enfoque na centralidade de um discurso, considerando umrecorte racial e interseccionalidades, uma vez que essas perspectivas guiam a análise da pesquisa. Posto isto, este trabalho busca por meio de sua investigação contribuir com o debate e Letramento Racial Crítico (FERREIRA, 2012), ao investigar sobre os papéis representados por pessoas negras nas notícias apresentadas. (ASSIS, 2017)

Antes de partir para a análise das notícias a serem apresentadas, é preciso entender como as categorias corroboram para a interpretação discursiva e imagética a partir do aporte teórico mencionado. A Gramática do Design Visual (doravante GDV) proposta por Kress e Van Leeuwen (2006) aborda a compreensão semiótica a partir da interatividade das relações entre seus significantes. Com influência da Linguística Sistêmico Funcional, os autores recontextualizamas metafunções, projetadas pela LSF (*ideacional*, *interpessoal* e *textual*), materializando-as por meio de recursos e elementos visuais. Desse modo, a sistematização realizada por Kress e Van Leeuwen (2006) estabelece três funções correspondentes: representacional, interacional e composicional as quais articulam forma e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

significado na integralidade do discurso.

Em favor dos estudos desenvolvidos em tais categorias, de forma recontextualizada e multissemiotica, o texto noticioso está alinhado a uma investigação ampla dada a sua linguagem, produção e distribuição. Sendo assim, a partir de Hall (2016), é compreensível que a prática da representação ocupe um relevante espaço dentro dos estudos culturais, uma vez que é um elo entre linguagem e cultura. Logo a "representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos" (HALL, 2016, p. 31). Os signos são organizados em diferentes linguagens, por isso, existem linguagens consideradas comuns que possibilitam materializar discursos e pensamentos comunitários às pessoas, de forma articulada.

Hall (2016) trata concepção de linguagem de forma ampla, entendendo que depende do seu uso e contexto para que seja concebida a partir do processo conjunto de assimilação(confuso), portanto, as imagens também se fazem linguagem, "sejam elas produzidas pela via manual, mecânica, eletrônica, digital ou por outros meios, quando usadas para expressar sentido. (HALL, 2016, p. 37). Diante disso, tudo aquilo que éorganizado em um sistema e carrega um sentido é considerado linguagem, e, por meio desse processo intrínseco de significação que se dá a representação ou sistemas de representação. Todo o repertório cultural adquirido ao longo de nossa vida compõe um conjunto de correspondências que nos permite conceber cadeias de sentido sobre o mundo à nossa volta. Além disso, esse conjunto de correspondências é representado por linguagens que dão forma às concepções adquiridas em um processo contínuo e mutável.

Fundamentada na ADC (FAIRCLOUGH, 2003a), as categorias selecionadas para esta pesquisa referem-se aos significados: acional (*intertextualidade*), representacional

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(*interdiscursividade e representação de atores sociais*) e identificacional (modalidade), respectivamente. No que tange a GDV (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006), as propagandas foram analisadas a partir das metafunções e seus elementos relativos: metafunção representacional, *ao verificarmos o tipo de estrutura visual*; metafunção interacional, ao identificarmos *o contato* realizado pelos participantes envolvidos e a *distância social*; e por fim, a metafunção composicional, ao enfatizarmos os elementos *saliência* e *enquadramento/estruturação*. A seguir, apresentamos a análise da notícia:

Análise

Com a alimentação a preço popular, as pessoas ainda participaram de sorteio de brindes, que ocorreu no decorrer da distribuição das refeições, transformando, assim, o Natal de muitas famílias que, em muitos casos, não tinham expectativa do alimento da celebração de Natal conhecida pelo característico banquete tradicional nos lares brasileiros e mundo afora. Para além da repercussão local, no Jornal Folha de São Paulo, a jornalista Mônica Bérgamo publicou em sua coluna sobre a ação, a matéria explica a iniciativa, que por si só celebra o feito, mas também o que colabora para que se tenha projeção nacional e, com isso, fomenta outras ações como essa a serem realizadas no país. Partindo desse ponto, a análise da notícia (Imagem 1) veiculada no Jornal Pequeno se apresenta por meio das categorias da ADC e da GDV e suas respectivas categorias:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Imagem 1 – “Ceia Natalina nos Restaurantes Populares”

Fonte: Jornal Pequeno, via Instagram

Na análise do significado acional (FAIRCLOUGH, 2003a), destacamos que a notícia foi veicula no Instagram do Jornal Pequeno no dia 24 de dezembro, anunciando a ação realizada pelo Governo do maranhão por meio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedes). A escolha de dois homens negros usuários dos Restaurantes Populares se faz significativa, pois representa a satisfação dos dois no atendimento e realização do estabelecimento, mas para além do funcionamento, também demonstra um público que está sendo atingido, os que mais fazem uso dessas ações, a população negra que historicamente são os mais atendidos por ações governamentais de acesso e distribuição alimentar e de renda.

No significado representacional (FAIRCLOUGH, 2003a), a tomada de *identificação dos atores sociais* se faz pela construção da identidade que os participantes negros reforçam dentro do discurso, em que por fazem parte da camada mais negligenciada da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sociedade, são estes os protagonistas das notícias sobre programas assistencialistas. É quase unânime que a imagem de pessoas negras seja atrelada a serviços voltados a população de baixa renda, não há demérito em ser beneficiário desses programas, no entanto, o peso representacional o qual se agrega em colocar dois homens negros já mais velhos demonstra que ainda se faz necessária a criação de ações de manutenção de bem-estar a essa parte da população.

No significado identificacional (FAIRCLOUGH, 2001a), a categoria projeta a objetividade ou subjetividade da representação. Sendo assim, na notícia em questão a modalidade é *objetiva*, logo não é possível assegurar o ponto de vista projetado pelos participantes, mas é dado que, de forma simultânea, há um valor agregado sobre o uso de imagem dos homens retratados, ou seja, eles transmitem a mensagem do veículo, o Jornal Pequeno. Sendo assim, exibe a satisfação de dois usuários pelo serviço ofertado no Restaurantes Populares.

Adentrando as metafunções da GDV, temos a metafunçãorepresentacional (KRESS e VAN LEUWEEN, 2006), a notícia é caracterizada em uma *estrutura conceitual simbólica*, pois compreendendo os participantes representados (dados como "PR"), PR1 refere-se ao homem na frente (realiza o gesto com a mão de positivo), e o PR2 (observa à sua direita em direção inferior) ao homem logo atrás (como ilustrado na Imagem 2). É possível vislumbrar dois atores em um arranjo imagético. Sendo assim, a escolha das participantes são homens negros que indicam representar usuários do programa Restaurante Popular, esses homens ressoam uma parcela populacional, a população negra. Pardos e negros correspondem a maior parte do quantitativo de pessoas adeptas de políticas públicas de transferência de renda, de oferta de serviços à preços populares, e fazem parte do maior percentual de pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar. Esses personagens são apresentados como usuários dos restaurantes, e de forma positiva, fazem concordância ao

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

serviço oferecido, logo estampam a notícia demonstrando afeição ao atendimento surtido.

Imagem 2 - Posições de PR1 e PR2

Fonte: Jornal Pequeno via Instagram, 2022 (com marcações do autor)

A metafunção interacional (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006), é vista a partir do elemento *contato*, no caso da notíciaacima, existem dois contatos acontecendo simultaneamente, um direto/frontal (realizado por PR1) e de oferta/oblíquo (realizado por PR2), conforme pode ser observado na Imagem 3. Ambos os participantes ganham destaque na imagem – em posicionamento sequencial, um atrás do outro - mas o posto de centralidade é dado àquele que é o ator, quem comete a ação, ou seja, o PR1. Outro elemento destacável é a *distância social*, que a imagem indica uma direção do olhar do PR1 para o público em consentimento a ação, no caso ao serviço oferecido pelo Restaurante Popular. Por meio de uma perspectiva de (*close up*), PR1 lança proximidade ao leitor, como gesto de satisfação à prestação de serviço. No entanto, PR2 é alocado sob um plano de fundo aberto – em que aparecem minimamente elementos do próprio estabelecimento, portanto, não é um ator da imagem, uma vez que apenas está em posição contemplativa.

Imagem 3 - Contato de PR1 e PR2

Fonte: Jornal Pequeno via Instagram, 2022 (com marcações do autor)

Na metafunção composicional (KRESS e VAN LEUWEEN, 2006), *o valor de informação* é dado à imagem na posição que PR1 ocupa, de forma centralizada na imagem. Fato que a imagem selecionada foi, provavelmente, tirada no cotidiano dos restaurantes, podemos inferir que não houve uma elaboração, sendo a foto feita de forma orgânica. Ainda assim, organiza e combina os elementos exteriores (o plano de fundo sem destaque, mas presente) com os participantes, criando então, uma combinação que faz sentido ao leitor/observador.

Considerações finais

Os resultados obtidos durante um ano de pesquisa centrada em notícias extraídas do Jornal Pequeno veiculas na rede social *Instagram*, durante os meses de agosto até novembro do ano de 2022, notabilizaram os discursos e ideologias presentes na construção multissemiótica dos textos noticiosos. Na realização da referida pesquisa, foram apontadas as considerações iniciais sustentadas pelo alicerce teórico da Análise do Discurso Crítica

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(ADC) (FAIRCLOUGH, 2003a) e da Gramática do Design Visual (GDV) (KRESS e VAN LEUWEEN, 2006).

Outrossim, para além das teorias já mencionadas, o desenvolvimento da pesquisa partiu de uma perspectiva de investigação racializada visando um letramento racial crítico (FERREIRA, 2012). Portanto, nesse eixo de pesquisa, foi posto em destaque os principais personagens de cada notícia veiculada nas quais todos os participantes representados, sem exceção, são pessoas negras. A seleção das notícias conduziu-se pela representação de pessoas negras historicamente nas mídias, sobretudo nos discursos dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, discurso e imagem se relacionam dando continuidade às ideologias dominantes, mas, por outro lado, também fornecem subsídios para a sua ressignificação.

À vista disso, Diante da dinâmica da sociedade contemporânea, a comunicação se faz cada vez mais intensa e rápida graças também à ascensão das redes sociais e das novas formas de multimeios em que informações são noticiadas e conteúdo são produzidos em diferentes veículos e para diferentes públicos. Desse modo, enquanto professores, não podemos estar alheios a isso, é de nossa responsabilidade estarmos cientes das novas integrações as quais os alunos também fazem parte. A escola é, no ensino básico - o ambiente em que o aluno passa grande parte de sua vida, por isso, analogamente, esse espaço precisa estar atento às demandas dos seus. A escola se faz de pessoas que as compõem, por isso é preciso olhar para o professor, como um mediador a favor do desenvolvimento dos seus alunos, pois é ele quem estará mais próximo.

A metodologia aplicada em sala de aula deve corresponder aos interesses do aluno de forma orientada, considerando o conteúdo programado. Precisamente, a disciplina de Língua Portuguesa – assim como a Matemática - possuem a maior carga horária na grade curricular. À vista disso, o professor tem recorrentes horas e expressiva demanda em suas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

turmas, por isso, conectar o aluno ao conteúdo, colocando-o como um sujeito autônomo em sua aprendizagem garantirá mais entusiasmo e apreensão do conteúdo estudado. Nesse ponto, destacamos a abordagem das notícias como forma de tornar o aluno ainda mais próximo do gênero, tal como utilizar as redes sociais, entre elas o Instagram, como fonte de pesquisa.

É fato que as redes funcionam de forma condicionada, por meio do controle dos algoritmos – sequências de ações definidas e executáveis a partir do histórico de navegação e interesses de um usuário. Esse mecanismo capta as informações e movimentações de um perfil e, gerencia a experiência na rede de cada um, ao colocar notícias de possível interesse, assuntos pesquisados, entre outros. Assim, de modo produtivo, é possível propor a utilização do texto noticioso em sala de aula, em que o aluno é movido a investigar quais os discursos desses textos e seus efeitos a ele, enquanto usuário de uma rede, pode gerar. O aluno compreenderá que, de forma cíclica, as informações que chegaram até eles foram selecionadas a partir de seus interesses. Fato que, de certa forma, reforça a responsabilidade dele nessa seleção. Recontextualizando esses discursos, o gênero textual/discursivo notícia pode ser analisado (trabalhado em sala de aula), revelando o posicionamento do aluno, também leitor, perante um determinado assunto, e com isso, o professor articula desenvolver atividades interdiscursivas e intertextuais a partir desse gênero. Ademais, é interessante o uso de limitação de caracteres agregada na abordagem de outros gêneros textuais, dessa forma, o professor poderá incorporar essa ferramenta própria da rede social ao realizar de atividade de LP em sala de aula, de modo crítico, orientado e inovador. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir também nesse sentido.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

Assis, D. N. C. de. (2017). **CORPOS NEGROS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO E RAÇA.** Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 9(21), 123–134.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome.** Rio de Janeiro: Antares, 1982.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discoursein late modernity.** Rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora UnB, 2001ª, p. 28.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** Londres e Nova York: Routledge: 2003a.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia.** Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 51, p. 193-215, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.**6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

IBGE. **10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave.** IBGE, 2020. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentargrave. Acesso em fevereiro de 2022.

KRESS, G. van LEEUWEN, T. **Reading Images - The Grammar of visual design.** Londres: Routledge, 2006 [1996].

PENSSAN. **Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil.** PENSSAN, 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em fevereiro de 20022.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

MODERNISMOS BRASILEIROS: REVISIONISMOS E PERMANÊNCIAS

Vanessa Moro Kukul[102]

Resumo: o projeto de pesquisa intitulado **Modernismos brasileiros: revisionismos e permanências** é uma proposta de avaliação de obras selecionadas a partir do arrolamento de bibliografia publicada em 2022, por ocasião do Centenário da Semana de Arte Moderna. Trata-se, mais especificamente, de análise e de comparação de obras de reavaliação teórico-histórico-crítica dos modernismos brasileiros, principalmente do modernismo paulista, divulgadas em 2022, examinando até que ponto as publicações apresentam novos argumentos e/ou retomam argumentos desenvolvidos outrora. Para tanto, escolheu-se um conjunto de obras a serem lidas e analisadas e um conjunto de obras a serem consultadas. No que diz respeito ao primeiro conjunto, composto pelos textos tomados como objeto da pesquisa, são obras publicadas por seis pesquisadores, a saber: Leda Tenório da Motta; Eduardo Sterzi; Francisco Foot Hardman; Mauricio Trindade da Silva; Luís Augusto Fischer; Sergio Miceli. No que se refere às obras a serem consultadas, são seus organizadores: Gênese Andrade; Elias Thomé Saliba; Marcos Antonio de Moraes; Giovanna Dealtry, Luís Augusto Fischer e Guto Leite. Em suma, é uma pesquisa bibliográfica, caracterizada pela sistematização, leitura, análise e comparação de textos de crítica literária.

Palavras-chave: Modernismos brasileiros. Revisionismos. Permanências. Semana de 1922.

Introdução

No ano de 2022, por ocasião da comemoração do Centenário da Semana de Arte Moderna (ocorrida em fevereiro de 1922, em São Paulo), muitos foram os eventos realizados para discutir e problematizar os modernismos brasileiros, os cânones modernistas, a Semana de Arte Moderna, o confronto entre recepções conflitantes. Também não faltaram notícias publicadas em periódicos de grande circulação e em revistas especializadas. As editoras investiram na publicação de obras de caráter variado (obras de divulgação, obras acadêmicas, obras literárias, reedições, entre outras).

Como se percebe, a efeméride criou condições propícias para uma tentativa de revisionismo dos modernismos brasileiros. Cabe destacar que o termo revisionismo é utilizado para se referir a operações epistemológicas legítimas, de revisão de interpretações acerca de determinados temas. Portanto, não se deve estabelecer qualquer confusão entre esse tipo de revisionismo e aquele que atualmente se costuma definir como

[102] Doutora em Letras (USP). Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Este estudo é resultante do projeto de pesquisa "Modernismos brasileiros: revisionismos e permanências" (Edital UEMG/PQ 10/2022).

revisionismo ideológico ou negacionismo, cujo intuito é falsificar ou deturpar interpretações legítimas.

A partir desse cenário, no projeto **Modernismos brasileiros: revisionismos e permanência**, do qual este estudo deriva, o objetivo foi avaliar até que ponto certas publicações apresentam novos argumentos e/ou retomam argumentos desenvolvidos outrora. Trata-se, enfim, de um projeto que se fundamenta em pesquisa bibliográfica.

O desenvolvimento de uma pesquisa dessa natureza justifica-se a princípio pela necessidade de sistematizar e avaliar interpretações críticas a respeito dos modernismos brasileiros, realizadas em razão da efeméride. Cem anos após a Semana de Arte Moderna, o que se percebe de maneira preliminar é a emergência – quer seja em obras de divulgação, quer seja em obras acadêmicas – de uma perspectiva crítica que procura complexificar a noção de modernismo e definir as relações intrincadas entre modernismos brasileiros, de modo a compreender diferenças e, ao mesmo tempo, avaliar semelhanças entre propostas desenvolvidas em um mesmo país. Por sua vez, o projeto de pesquisa **Modernismos brasileiros: revisionismos e permanências** participa de um processo complexo de valorização da arte e da cultura brasileiras, de reescrita e de releitura da história da literatura, de divulgação de pesquisas acadêmicas, de problematização de visões simplificadoras e equivocadas.

Este estudo estrutura-se em duas partes. Na primeira, as obras selecionadas são apresentadas; na segunda, de modo sistematizado, procura-se oferecer um breve comentário acerca dessas obras e de suas propostas de leitura.

Apresentação das obras

A partir do arrolamento da bibliografia publicada em 2022, por ocasião do Centenário da Semana de Arte Moderna, dois conjuntos de obras foram selecionados: um conjunto de obras foi escolhido para ser analisado e um conjunto de obras foi apenas consultado.

No que diz respeito ao primeiro conjunto, a seleção guiou-se pelos seguintes critérios: a) obras publicadas em 2022; b) obras nas quais se propõe uma leitura dos modernismos brasileiros (seu impacto, seus desdobramentos, suas controvérsias, seus

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

contrapontos etc.); c) obras escritas por um(a) único(a) autor(a).

Arroladas abaixo estão as obras e/ou capítulos (e suas interpretações) entendidas como objetos da pesquisa:

[1] *Cem anos da Semana de Arte Moderna: o gabinete paulista e a conjuração das vanguardas*, de Leda Tenório da Motta (2022, Perspectiva).

Professora, crítica literária, pesquisadora e tradutora, Leda Tenório da Motta publicou seu estudo pela editora Perspectiva. O título integra a coleção "Debates", dedicada aos debates e polêmicas da atualidade. Com exceção dos capítulos "4. Desarmando a Formação" (derivado do artigo "Haroldo em Barthes", originalmente publicado na *Revista Portuguesa de História do Livro*, ano XVIII, volume 35-36, 2015), "5. Entrevista Improvável" (registro de entrevista concedida por ocasião da morte de Antonio Candido, não publicada naquele momento; o registro está disponível em plataforma digital) e "6. Em Apêndice: Climas" (deriva do artigo "Clima e Noigrandes: a crítica brasileira entre dois fogos", originalmente publicada na *Revista USP*, número 34, setembro-novembro de 1998), os demais capítulos são inéditos.

[2] *Saudades do mundo: Notícias da Antropofagia*, de Eduardo Sterzi (2022, Todavia).

Professor, poeta, pesquisador e crítico literário, Eduardo Sterzi publicou seu estudo pela editora Todavia. Dos doze textos que compõem a obra, apenas um deles é inédito, "O antropófago" (escrito em 2021). Em "Sobre os textos", o autor esclarece: "O conjunto dos textos foi examinado como tese de livre-docência na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em setembro de 2022" (Sterzi, 2022, p. 237).

[3] *A ideologia modernista: a Semana de 22 e sua consagração*, de Luís Augusto Fischer (2022, Todavia).

Professor, ficcionista, pesquisador e crítico literário, Luís Augusto Fischer publicou seu estudo pela editora Todavia. Trata-se de estudo inédito. Os capítulos são estruturados por décadas (1922, 1932, 1942, 1952, 1962, 1972, 1982, 1992, 2002, 2012, 2022), que coincidem, obviamente, com as efemérides "redondas" a partir de 1922. Conforme o autor, em cada capítulo são recuperados elementos (ensaios, livros, entrevistas, acontecimentos) importantes para a investigação do legado da Semana de 22 e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

das iniciativas modernistas paulistas.

[4] *A ideologia paulista e os eternos modernistas*, de Francisco Foot Hardman (2022, Editora Unesp).

Professor, pesquisador e crítico literário, Francisco Foot Hardman publicou seu livro por uma editora universitária que costuma divulgar – conforme a própria editora – estudos de estudiosos consagrados no Brasil e no exterior. A obra divide-se em duas partes: "Parte I – República das ruínas e das solidões" e "Parte II – Paisagens estranhas, tempos extremos". Cada uma das partes compõe-se de sete capítulos. O volume reúne 14 capítulos, em uma seleção que advém, de acordo com o autor, de um trabalho realizado ao longo das três ultimas décadas.

Os ensaios resultam, em sua maioria, de publicações em diferentes veículos ou de apresentações em eventos acadêmicos. Três capítulos são inéditos: "4. A Pan-América utópica de Sousândrade" (inédito em português); "7. Reimaginando fronteiras amazônicas sob o signo do capital: figurações do trágico-moderno em Sousândrade e Euclides da Cunha"; "13. Estranhos no ninho do modernismo paulista: Paulo Emílio, Patrícia Galvão, Flávio de Carvalho e Mário Pedrosa".

[5] *Mário de Andrade, epicentro: sociabilidade e correspondência no Grupo dos Cinco*, de Mauricio Trindade da Silva (2022, Edições Sesc).

Sociólogo e pesquisador, Mauricio Trindade da Silva publicou seu livro pela Editora Sesc São Paulo. O estudo, inédito em livro, decorre de pesquisa de doutorado concluída em 2018 no Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação de Sérgio Miceli Pessôa de Barros.

[6] *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*, de Sergio Miceli (2022, Todavia).

Professor, pesquisador e sociólogo, Sergio Miceli publicou seu estudo pela editora Todavia. O livro divide-se em três partes: "I. Lira mensageira", "II. Experiência social e imaginário literário nos livros de estreia dos modernistas em São Paulo" e "III. Carne e osso da elite política brasileira pós-1930". Apenas a parte 1, texto que dá título ao livro, é inédita. Uma versão da parte 2, "II. Experiência social e imaginário literário nos livros de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

estreia dos modernistas em São Paulo", foi publicada em 2004 em formato de artigo. Segundo o autor, o texto passou por revisão (cortes, ajustes e acréscimos). Quanto à terceira parte, "III. Carne e osso da elite política brasileira pós-1930", foi publicada como capítulo de livro na década de 1980 (para integrar *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*, o autor reescreveu cuidadosamente o texto, segundo suas palavras). Para o presente estudo, selecionou-se a parte 1 da obra.

As obras selecionadas oferecem possibilidades diferentes de análise e interpretação do modernismo paulista, mas não apenas. A recepção dos modernismos e seus desdobramentos também são objeto de atenção.

No que concerne ao segundo conjunto de obras selecionadas, nota-se que, em 2022, diversas obras publicadas em formato de coletânea, nas quais se reuniram diferentes organizadores(as) e pesquisadores(as), aqueceram o debate a respeito da multiplicidade dos modernismos brasileiros. Ainda que não seja objetivo de análise nesta investigação, a consulta a essas obras permite um exame mais acurado dos livros selecionados para análise. Dessas coletâneas, selecionamos, para a consulta, as seguintes:

[1] *Modernismos 1922-2022*, coletânea organizada por Gênese Andrade (2022, Companhia das Letras).

Na apresentação, a organizadora seleciona um fragmento, escrito por Jorge Schwartz (consultor da coletânea), na obra *Vanguardas Latino-americanas*, como epígrafe. A passagem indica a concepção da coletânea:

> O Brasil teve "modernismos" multiplicados por todo o país, ora para fazer coro com os paulistas, como tentativa de sintonização com a "nova sensibilidade", ora para se contrapor, como foi o caso das correntes nacionalistas. [...] o caráter altamente programático da Semana deu aos princípios modernistas uma sólida base de projeção histórica. [...] A grandeza do projeto modernista reside não apenas nos atributos individuais dos fundadores do movimento, mas no caráter interdisciplinar do mesmo [...] (Schwartz, 2008, prólogo à segunda edição *apud* Andrade, 2022, p. 7).

Em síntese, Gênese Andrade, em sua apresentação, afirma a heterogeneidade das contribuições oferecidas pelos(as) colaboradores(as), indicando caminhos diferentes de interpretação, não apenas interdisciplinares como transversais. Ao todo são vinte e nove capítulos distribuídos em aproximadamente oitocentas páginas,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

reunindo colaborações de pesquisadores de diferentes campos do saber.

[2] *Modernismo: o lado oposto e outros lados*, coletânea organizada por Elias Thomé Saliba (2022, Edições Sesc).

A coletânea, tal como aquela organizada por Andrade, também se estrutura a partir de um conjunto de textos de diferentes pesquisadores(as). O artigo "O Lado Oposto e os Outros Lados", de Sérgio Buarque de Holanda, publicado na *Revista do Brasil em* 1926, serve de título para o livro e de "mote inspirador" para muitos dos ensaios contidos no volume, que totalizam dezenove ensaios acomodados em nove partes, a saber: "Parte I: Os outros lados do modernismo"; "Parte II: O lado oposto, os outros impressos e os outros leitores"; "Parte III: O lado oposto e os outros bichos"; "Parte IV: O lado oposto e as outras culturas"; "Parte V: O lado oposto e os outros traços"; "Parte VI: O lado oposto e os outros monumentos"; "Parte VII: O lado oposto e os lados lúdicos: a literatura infantil"; "Parte VIII: O lado oposto e as outras derivas"; "Parte IX: O lado oposto e o modernismo das ruínas".

[3] *Semana de Vinte e Dois: Olhares Críticos*, coletânea organizada por Marcos Antonio de Moraes (2022, Edições Sesc).

O objetivo na coletânea é, conforme o organizador, reavaliar criticamente o legado da Semana de Arte Moderna, a partir de conceituações e instrumentos analíticos atualizados. É possível dizer que um pressuposto orienta essa obra: o impacto que a Semana teve à época encontra desdobramentos – na contemporaneidade – na cultura e na sociedade brasileiras. A coletânea estrutura-se em três partes, além de uma introdução intitulada "Semana Centenária", escrita pelo organizador Marcos Antonio de Morais. A primeira parte "I. Memorialismo, Releituras" é a maior em número de ensaios (contém seis ensaios); a segunda "II. Espaço, Personagens" é composta por quatro ensaios; e a terceira e última parte "III. Temporalidades, Vínculos, Geografias" é constituída por cinco contribuições. Ou seja, são quinze ensaios dispostos em aproximadamente duzentas e cinquenta páginas.

[4] *Outros Modernismos no Brasil: 1870-1930*, coletânea organizada por Giovanna Dealtry, Luís Augusto Fischer e Guto Leite (2022, Zouk).

Trata-se da única coletânea editada fora da região Sudeste e assinada por mais de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

um organizador, ainda que a maioria dos colaboradores tenha formação e atuação no Sudeste. Integram a obra, de aproximadamente quatrocentas páginas, trinta e cinco estudos. Além disso, a periodização proposta (1870-1930) também se diferencia. A coletânea, como as demais, apresenta reflexões de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Segundo os organizadores, com a obra não pretende "promover uma simples reforma ou um alargamento do cânone, mas sim de propor um olhar menos viciado para a produção literária do período. Também não tem ambição imediata de reescrita da história literária, porque reconhece que a história literária é resultante do sempre complexo jogo de forças sociais, políticas, ideológicas" (Dealtry; Fischer; Leite, 2022, p. 11).

É importante que se esclareça uma vez mais que o segundo conjunto não foi tomado, na pesquisa, como objeto de análise. Além disso, também é importante sublinhar que toda seleção implica em exclusão, ou seja, outras obras publicadas em 2022 não integram este estudo, mas poderiam integrá-lo. Em desdobramentos posteriores da pesquisa, é possível que isso ocorra.

Breve comentário a respeito das obras

A leitura das obras referentes ao primeiro conjunto ocorreu simultaneamente à leitura das coletâneas indicadas; principalmente nas coletâneas foi perceptível a ampliação de temas, de sujeitos e de enfoques analíticos.

Como indica o título do evento Escola São Paulo de Ciência Avançada – Modernismo: Disputas em torno do moderno e de projetos de nação, realizado em 2023, há na historiografia recente duas orientações proeminentes: a primeira é de que o modernismo se constitui como uma categoria em disputa; a segunda é de que as categorias modernismo e modernidade devem ser empregadas no plural. Tomo uma passagem de "Modernismo no Brasil: campo de disputas", de Ana Paula Cavalcanti Simioni, para explorar melhor o argumento:

> Nesses embates por definições e pátrias do Modernismo nacional [a tese de que o Modernismo é um produto originalmente paulista que se propaga por todo o Brasil; alguns estudos insistem na importância das artes gráficas produzidas no Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX, entre outras], quem afinal

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> está certo? É preciso entender que as disputas pelas origens do movimento são constitutivas da própria legitimação que ele conquistou na história da cultura nacional. Mais do que resolver os impasses tão instigantes que ele nos coloca, é melhor pensar, como Pierre Bourdieu, que o que caracteriza a arte moderna é justamente a permanente disputa entre todos os participantes do campo artístico pelo monopólio do direito de impor sua própria definição do que é arte e de quem é artista**. O conceito de Modernismo não é estável, não constitui uma categoria fixa, com conteúdos precisos, origens garantidas e mestres evidentes. Trata-se, sim, de um termo em luta, reivindicado com sentidos específicos por grupos, artistas, críticos e historiadores que estão inseridos nesse universo concorrencial, todos eles investidos de crença em si mesmos, de paixão pelo que fazem e de incertezas quanto às vitórias futuras** (Simioni, 2014, p. 237, grifos nossos).

Modernismo é, segundo argumento de Simioni, "um termo em luta", em constante ressignificação por estudiosos, embora uma consulta rápida a livros didáticos e a páginas virtuais alusivas ao modernismo brasileiro explicite simplificações e equívocos de várias naturezas. Uma delas é a de que os períodos literários são quadros estáticos, invariáveis e homogêneos.

Em oposição à homogeneização e à simplificação, entretanto, nas investigações a respeito desse termo em disputa não raramente se procura compreender o percurso de consagração do Modernismo no Brasil, as estratégias e os meios – a imprensa da época, por exemplo, tornou-se "uma espécie de arena de propagação dos ideais do grupo" (Simioni, 2013, p. 5), de construção do cânone modernista.

Obviamente, a Semana de Arte Moderna goza de um lugar importante nos esforços de revisão e nas reinterpretações. Como afirma Monica Pimenta Velloso em *História & Modernismo*: "[...] Na história nenhum acontecimento é neutro. Acontecimentos são construções sociais fabricadas e apropriadas, de formas distintas, pelo conjunto das camadas sociais [...]" (Velloso, 2010, p. 23). Ou seja, não se trata de apagar a Semana de 22, de descartá-la, porque ela foi importante para a constituição dos modernismos brasileiros. O caminho é problematizar sua constituição elitista, não perdendo de vista o seu caráter processual. A Semana de 22 é, portanto, um marco histórico (definido *a posteriori*), mas a formação de uma consciência a respeito da necessidade de uma arte nova foi se definindo paulatinamente.

No que diz respeito à Semana de 22, Leda Tenório da Motta inicia seu livro com uma "Nota Prévia" na qual se lê:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Muito do salto modernista de 1922 incide *post factum*, considerando-se que o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* é de 1924, mesmo momento de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, ao passo que o *Manifesto Antropófago* é de 1928, mesmo momento de *Macunaíma*, e *Serafim Ponte Grande* é de 1933. [...] (Motta, 2022, p. 11).

Para Motta, como sugerem as palavras iniciais do seu livro, há um "salto modernista", mas tal salto teria ocorrido depois de 1922 e, sobretudo, vinculado a Oswald de Andrade. A autora, que não esconde sua adesão ao que chama de corrente oswaldiana, propõe retomar "as duas correntes revoltosas" do modernismo paulista da década de 1920, sublinhando o quanto uma das correntes foi compreendida como importante e a outra não. A recepção da Semana de 22, no livro de Motta, é a mesma de vários estudiosos que a tomam como "incontornável"; contudo, "toda a beleza do gesto de 22" estaria em uma lógica que não se prenderia à cronologia ou ao "fantasma da origem", algo percebido e realizado, segundo a autora, por Oswald de Andrade e seus continuadores. A passagem demonstra não apenas à adesão de Motta à "linha-Oswald" como também indica que, para ela, tal linha seria proeminente em relação à linha formada a partir de Mário de Andrade: "[...] É desembargada do fantasma da origem [...] que a assim chamada linha-Oswald deixa a literatura brasileira maior do a encontrou" (Motta, 2022, p. 13). Em síntese, Leda Tenório da Motta retoma e critica toda uma tradição de pensamento, relacionada à Universidade de São Paulo (sobretudo Antonio Candido), que, conforme a sua interpretação, teria desmerecido Oswald de Andrade. Um dos objetivos do trabalho é, segundo Motta, "voltar à retomada do legado da Semana pela 'firma de poesia concretista', como um dia a chamou Oswald, para a sua redescrição. [...]" (Motta, 2022, p. 23-24).

Apesar de a grande questão do livro de Eduardo Sterzi ser a Antropofagia, o autor – ao contrário de Motta – não se dedica a retomar, pelo menos não diretamente, a cisão modernista entre Oswald de Andrade e Mário de Andrade. O modernismo paulista é investido, afirma o estudioso, da

> [...] imensa tarefa de inventar uma modernidade literária afirmativa [...] num quadro cultural ainda dominado, tanto no plano institucional quanto no gosto do público, por remanescências de orientações artísticas das últimas décadas do século XIX: romantismo, parnasianismo,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

simbolismo, naturalismo... [...] (Sterzi, 2022, p. 13).

Ainda que o autor esclareça que o livro é composto de textos escritos ao longo de mais ou menos dez anos, "e, portanto, apresentam certa heterogeneidade formal e de tom" (Sterzi, 2022, p. 11), próprios de uma reflexão em processo, é possível perceber no texto de abertura do volume, "Experimento e experiência", a exaltação do modernismo paulista como inventor de uma modernidade literária. O autor assume postura crítica, nesse sentido, das mais convencionais. A lista dos "ismos" que se lê na citação acima, finalizada com reticências, como se fossem todos movimentos iguais e destituídos de modernidade literária, presta-se a ressaltar não apenas a Antropofagia mas, principalmente, Oswald de Andrade, nos termos de Sterzi, o poeta "mais radicalmente experimental" do modernismo brasileiro.

Quanto à noção de modernidade, para problematizar as afirmações expostas, bastaria ler o ensaio "Modernidade e revolução", publicado originalmente em 1984, no qual o historiador Perry Anderson acentuou a necessidade de compreender os sentidos conferidos às noções de *moderno, modernização, modernidade* e *modernismo* em relação às temporalidades e espacialidades históricas específicas. Em termos gerais, e em busca de alguma especificação, o autor afirma que o conceito de Antropologia no livro será mais "difuso" ou esgarçado "no tempo e na compreensão teórica" (Sterzi, 2022, p. 9). Noutro momento, afirma acreditar que uma "leitura atual da obra oswaldiana deva, antes de tudo, chamar a atenção para a originalidade e a atualização da Antropofagia, que, longe de se resumir ao manifesto, se dissemina por vários outros textos (inclusive de outros autores [...]), [...]" (Sterzi, 2022, p. 18). O autor, em resumo, é um entusiasta da Antropofagia.

A ideologia modernista: a Semana de 22 e sua consagração, de Luís Augusto Fischer, por sua vez, apresenta-se como projeto diverso daquele desenvolvido por Sterzi: é obra abrangente, de caráter ensaístico, na qual o autor se dedica a analisar mais especificamente aquilo que categoriza como "ideologia modernista", complexo de ideias e de práticas a partir do qual teria se configurado, historicamente, a consagração da Semana de Arte Moderna de 1922 e do modernismo paulista como supostos fundamentos do modernismo brasileiro e como parâmetros de avaliação da literatura brasileira de forma

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

mais ampla. Nos termos do autor, tratava-se, em seu livro, de "estudar o caminho da consagração do modernismo paulista até vir a ser o que hoje é, um critério absoluto, ou quase isso, para validar a literatura produzida no Brasil em todo o século XX e, ao que parece, o XXI também" (Fischer, 2022, p. 11).

Também erigido em contraponto a uma ideologia, aqui nomeada "ideologia paulista", o conjunto de ensaios de Foot Hardman, *A ideologia paulista e os eternos modernistas* – elaborados, conforme o autor, nas últimas três décadas – evidencia encaminhamento parecido ao daquele desenvolvido por Fischer – mesmo que não exista diálogo explícito entre os dois autores –, qual seja, o de elaboração de uma crítica ao processo de transformação da Semana de Arte Moderna em marco fundador do modernismo brasileiro a partir de esforços de uma elite paulista. Para o autor: "Nenhum 'modernismo por decreto', sagração de efeméride, estética decadente, literatice deslumbrada conseguirá apagar os sinais das temporalidades renegadas. Pois tanta vez recordar se impõe como ato epistemológico e político contra a história oficial". E prossegue, uma vez mais em argumentos que se parecem aos elaborados por Fischer: "E a ideologia paulista com seu projeto hegemônico, ligada a aparelhos acadêmicos e corporativos que a tentam robustecer, fadada está a colapsar proximamente, junto com o sistema de crenças e de dominação que a manteve até aqui ativa" (Hardman, 2022, p. 15).

Os dois últimos livros a serem comentados foram escritos por sociólogos: Mauricio Trindade da Silva e Sérgio Miceli. Miceli foi, aliás, orientador de Trindade da Silva e assinou o prefácio "Figuração e verdade pessoal" do livro *Mário de Andrade, epicentro: sociabilidade e correspondência no Grupo dos Cinco*.

Trindade da Silva, como o título do seu livro indica, desenvolve um "estudo centrado na experiência social de Mário de Andrade e de seus interlocutores, recuperando as trajetórias, as interações estabelecidas e as consequências resultantes, sob a dimensão de um enfoque relacional [...]" (Silva, 2022, p. 20-21). O autor dialoga com conhecidos estudos de Miceli, principalmente *Vanguarda em retrocesso*, de 2012. Ao longo dos capítulos, investiga tanto a conquista de protagonismo por Mário de Andrade quanto as relações do autor de *Macunaíma* com os outros integrantes do "Grupo dos Cinco", a saber: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia. Silva

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

explica, entre outros aspectos, o sentido que confere ao termo "epicentro", apresenta a fonte primária utilizada na investigação (a correspondência de Mário de Andrade), o conceito de figuração desenvolvido por Norbert Elias e a importância do Fundo Pessoal Mário de Andrade, incorporado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Ao meditar a respeito do centenário da Semana de Arte Moderna e das releituras propostas pelo presente, Silva assevera:

> Essas discussões, portanto, contribuem para (re)qualificar o esforço de Mário de Andrade na modelagem do cânone hoje consagrado do modernismo brasileiro – mesmo que claramente em conjunto com outros artistas. Mas, comparativamente, ele realizou muito mais do que os companheiros do movimento, justo em razão da amplitude de campos teóricos e práticos em que se envolveu ou desenvolveu (Silva, 2022, p. 39-40).

Como se percebe, o autor assume e reforça o protagonismo de Mário de Andrade a partir da utilização da noção de epicentro.

Por seu turno, na primeira parte do livro *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*, parte que dá título ao livro, Sergio Miceli apresenta um estudo a respeito da formação da elite política mineira, destacando aspectos políticos, econômicos e culturais. "O aprendizado político da primeira geração de modernistas mineiros", afirma o sociólogo, "ocorreu em meio aos embates e às controvérsias entre facções da elite dirigente estadual" (Miceli, 2022, p. 15). Trata-se dos jovens do grupo Estrela, "rapazes letrados que se reuniam no Café Estrela, em Belo Horizonte" (Miceli, 2022, p. 15). O retrato coletivo do grupo Estrela indica uma homogeneidade condizente com a fisionomia da elite mineira, como se percebe nos quadros formulados por Miceli que especificaram origem social, capital social e político, formação escolar e carreira. O autor demonstra como esses modernistas "vivenciaram na pele, no cotidiano, nas rodas de conversa, os momentos-chave da peleja no interior da oligarquia, desde os estertores da coligação perremista em 1929 até a instauração do Estado novo, regime de que foram colaboradores de proa. [...]" (Miceli, 2022, p. 32). Trata-se de uma leitura importante das relações entre as dimensões artística e política, esmiuçando as trajetórias pessoais de autores como Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Abgar Renault. Pedro Nava, entre outros.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

Enfim, o que se percebe nas obras aqui sumariamente apresentadas e comentadas é a presença muito mais frequente de permanências do que de revisionismos. Ainda restam obstáculos críticos e interpretativos fundamentais a superar, principalmente por meio da problematização, esboçada em Fischer e em Hardman – com limitações que não serão aqui exploradas –, do processo de consagração da Semana de Arte Moderna de 1922 e do modernismo paulista.

Referências

ANDRADE, Gênese (org.). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DEALTRY, Giovanna; FISCHER, Luís Augusto; LEITE, Guto (orgs.). *Outros modernismos no Brasil*: 1870-1930. Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2022.

FISCHER, Luís Augusto. *A ideologia modernista:* a Semana de 22 e sua consagração. São Paulo: Todavia, 2022.

HARDMAN, Francisco Foot. *A ideologia paulista e os eternos modernistas.* São Paulo: Editora Unesp, 2022.

MICELI, Sergio. Experiência social e imaginário literário nos livros de estreia dos modernistas em São Paulo. *In:* MICELI, Sergio. *Lira mensageira:* Drummond e o grupo modernista mineiro. São Paulo: Todavia, 2022. p. 139-183.

MORAES, Marcos Antonio de. *Semana de vinte e dois*: olhares críticos. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

MOTTA, Leda Tenório da. *Cem anos da Semana de Arte Moderna:* o gabinete paulista e a conjuração das vanguardas. São Paulo: Perspectiva, 2022.

SALIBA, Elias Thomé (org.). *Modernismo:* o lado oposto e os outros lados. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVA, Mauricio Trindade da. *Mário de Andrade, epicentro:* sociabilidade e correspondência no Grupo dos Cinco. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Perspective*, v. 2, p. 1-17, 2013.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo no Brasil: campo de disputas. *In*:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BARCINSKI, Fabiana Werneck (org.). *Sobre Arte Brasileira*: da Pré-História aos Anos 1960. São Paulo: Martins Fontes/SESC, 2015. p. 232-263.

STERZI, Eduardo. *Saudades do mundo:* Notícias da Antropofagia. São Paulo: Todavia, 2022.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ABORDAGEM ESTILÍSTICA NOS POEMAS DE ADAILTON MEDEIROS: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO

Beatriz Gomes Viana[103]

Rauenas Silva Oliveira[104]

Marinalva Aguiar Teixeira Rocha[105]

Resumo: A estilística, como disciplina que estuda os recursos linguístico-expressivos da linguagem, oferece uma variedade de ferramentas que podem ser exploradas para promover a apreciação e compreensão da literatura. Além de sua função educativa e reflexiva, o texto literário proporciona entretenimento e prazer estético aos leitores. Partindo desse pressuposto, o presente artigo objetiva apresentar uma proposta de letramento literário, tendo como base a poesia do autor caxiense, Adailton Medeiros. As obras do autor abordam uma ampla gama de questões sociais, políticas, éticas e filosóficas, capazes de estimular a reflexão crítica e o debate intelectual entre os livros e os leitores. A partir da pesquisa desenvolvida, levanta-se a importância da motivação da leitura literária na contemporaneidade, trazendo um novo significado para literatura, uma ideia que mantenha os indivíduos leitores abertos ao que poderá ser oferecido de acordo com a cultura e seus avanços – agarrando-se à ideia da criticidade e indagação acerca de um futuro promissor no meio literário. Nesse sentindo, a estilística vem destacar a profusão de estratégias aplicadas ao texto literário para transformá-lo em um captador de atenção, imaginário e espaço para manifestações diversas. O presente trabalho resulta de uma pesquisa bibliográfica, tendo como aporte teórico, Rocha (2014), Cosson (2021), Rodrigues (2005) e outros.
Palavras-chave: Estilística, Letramento, Literatura.

Introdução

É necessário que novas formas de ensinar literatura sejam pensadas, uma vez que o incentivo ao letramento literário deve ser constante. Apenas alfabetizar não é suficiente, o aluno precisa ler, sentir e compreender o texto. A partir do exposto, é mister destacar que a presente pesquisa objetiva apresentar uma proposta de letramento tendo como base a poesia do autor caxiense, Adailton Medeiros.

[103] Graduanda. UEMA campus Caxias. Grupo de Pesquisa em Literatura Maranhense.
[104] Graduanda. UEMA campus Caxias. Grupo de Pesquisa em Literatura Maranhense
[105] Orientadora. Mestrado em Língua Portuguesa. Professora Adjunto II da Universidade Estadual do Maranhão.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O texto literário de Adailton Medeiros é rico em recursos expressivos que corroboram para uma diversidade de atrativos para o leitor, como também para a possibilidade de múltiplas interpretações, concedendo ao texto caráter maleável e sedutor ao público leitor. Motivado por sua expressividade linguística, o presente artigo justifica a escolha do poema para fundamentar a proposta aqui apresentada, uma vez que a leitura de poesias é uma jornada intensa e direcionada ao âmago da expressão artística. Com formas compactas e concentradas, exploram a linguagem de maneira inovadora e estética, convidando os leitores a apreciar a beleza das palavras, a sonoridade das frases e as imagens evocativas que criam. É oportuno destacar que a proposta não objetiva desempenhar a função de receita com garantia de sucesso, mas se coloca como sugestão passível de adaptações de acordo com as diversas realidades.

Incentivo à leitura literária por intermédio dos recursos linguístico-expressivos

A estilística, como disciplina que estuda os recursos linguístico-expressivos da linguagem, oferece uma variedade de ferramentas que podem ser exploradas para promover a apreciação e compreensão da literatura. Para Henriques (2010, p.93), “a estilística é parte indispensável nos estudos do português e é preciso examinar seus vínculos com o léxico, com a sintaxe, a morfologia, a fonética e a fonologia”. Cressot (1980, p.20), por sua vez, complementa: “a estilística coordena estes diversos contributos numa nova síntese, com objetivos que lhe são próprios: a determinação da relação qualitativa e quantitativa entre a expressão e o sentimento expresso numa dada circunstância”.

Além de sua função educativa e reflexiva, o texto literário proporciona entretenimento e prazer estético aos leitores. A habilidade dos escritores em criar histórias envolventes, poesias emocionantes e diálogos marcantes cativa o público e enriquece a experiência de leitura. Tratando a poesia individualmente para a presente sugestão de estudo, vê-se que:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> A linguagem poética não detém um significado convencional, é utilizada pelo artista tendo em vista as possibilidades de criação. Uma mesma palavra pode corresponder a significados distintos, dados pelo leitor de acordo com seu grau de conhecimento linguístico e/ou cultural. (Rocha, 2014, p.56).

Advém da estilística o estilo singular de cada autor e como ele interage com os aspectos disponíveis dentro dessa área da literatura, pois, o estilo literário é "um fenômeno de linguagem escrita que pressupõe uma utilização particularizada (singular ou coletiva) da língua, com algumas finalidades, entre elas a de alcançar a beleza" (Rodrigues, 2005, p.128).

As obras de Adailton Medeiros abordam uma ampla gama de questões sociais, políticas, éticas e filosóficas, capazes de estimular a reflexão crítica e o debate intelectual entre os livros e os leitores. Seus textos literários provocam questionamentos sobre justiça, liberdade, identidade, moralidade e outros temas importantes na sociedade, retratando, de forma pessoal, cada evento, enquanto ainda possibilita espaço para compreensões de "espectadores", aqui, seus leitores. A respeito disso, cabe destacar que "o uso da palavra no poema nem sempre deixa explícito o pensamento, dando margem ao leitor a expectativas, à criação de novos significados, enfim, tornando-o mais dinâmico no preenchimento das lacunas deixadas pelo poeta" (Rocha, 2014, p.42).

A leitura de poemas é uma jornada intensa e direcionada ao âmago da expressão artística. Com formas compactas e concentradas, exploram a linguagem de maneira inovadora e estética, convidando os leitores a apreciar a beleza das palavras, a sonoridade das frases e as imagens evocativas que criam. São veículos poderosos para a expressão de emoções universais, permitindo o contato com experiências intensas e complexas, oferecendo conforto, inspiração e conexão com os outros.

A forma concisa dos poemas exige atenção especial dos leitores, desenvolvendo a capacidade de concentração e síntese. Nesse espaço limitado de texto, os leitores captam significados e nuances que enriquecem a experiência literária. Cabe ainda citar a expansão do repertório literário, oferecendo um terreno fértil para explorar técnicas poéticas e desenvolver habilidades interpretativas. Assim, os poemas não apenas encantam com sua linguagem única, mas também são um convite para uma jornada introspectiva e enriquecedora, moldando a competência literária dos leitores.

A familiaridade com livros desse nicho concede mais desenvoltura no processo de aprendizagem, comprovando que "a exposição a uma quantidade variada de livros e materiais de leitura proporciona o embasamento necessário para crianças e jovens lidarem com diferentes

situações da vida e compreenderem mais facilmente o universo" (Rigoleto; Di Giorgi, 2009, p.234).

Em sala de aula, como proposto por Silva, nota-se a possibilidade de trabalhar os poemas [produções feitas pelos próprios alunos ou análise de textos já existentes, como os de Adailton Medeiros] e suas figuras de linguagem como recursos expressivos:

> Não se trata apenas de expor o conceito de cada figura de linguagem, seguido de uma frase que funcionaria como um exemplo descontextualizado, mas, sim, discutir como as figuras de linguagem são usadas nas produções poéticas para que os estudantes possam perceber as possibilidades que dispõem para escrever seus próprios poemas." (Silva, 2022, p.62).

Para além da sala de aula, Silva (2022, p.90) demonstra a possibilidade de práticas que podem suprir a necessidade da potencialização na formação dos leitores literários, como eventos, clubes e espaços literários: "a sociabilidade em torno da leitura de obras literárias é fundamental para o letramento literário, porque é pela e na interação social que os sujeitos podem se constituir como leitores".

Em suma, levanta-se a importância da motivação da leitura literária na contemporaneidade, trazendo um novo significado para literatura, uma ideia que mantenha os indivíduos leitores abertos ao que poderá ser oferecido de acordo com a cultura e seus avanços – agarrando-se a ideia da criticidade e indagação acerca de um futuro promissor no meio literário.

Adailton Medeiros: um poeta apto a preencher o espaço literário em sala de aula

Adailton Medeiros nasceu em 16 de julho de 1938, em um povoado nomeado Angical, na zona rural de Caxias, Maranhão. Ainda que carregando consigo memórias de sua cidade natal – que viriam a ganhar grande destaque dentro de seus livros –, Medeiros passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Inicialmente, o filho mais velho de uma família que seria composta, futuramente, por dez irmãos, teve como pai, Nadir Medeiros, e como mãe, Raimunda Borges de Lemos. Adailton era considerado um homem bondoso e dedicado, exemplo para seus irmãos, citado até mesmo como o sustentáculo da família.

Antes de sua primeira viagem para o Rio de Janeiro, o escritor foi para a cidade de Caxias, especificamente para o Bairro Cangalheiro, na Rua do Fio. Em seguida, junto aos seus familiares, mudou-se para a Rua do Cotovelo. Vale ressaltar o apego às suas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

lembranças, visto que essas informações são referenciadas em alguns de seus poemas em uma tentativa de relembrar e reviver momentos marcantes da juventude recebendo destaque dentro da literatura produzida por ele por meio de descrições ou personagens valorosos da época. A literatura *adailtoniana* surge a partir desses aspectos autobiográficos e humanistas que revolvem todas as suas obras, unindo as diferentes realidades vividas pelo autor.

Em 1961, Adailton vai para o Rio de Janeiro de forma definitiva graças à sua irmã Adailma. O autor trabalha por um tempo com contabilidade, em seguida, adentra o universo das Letras, graduando-se em Jornalismo e se tornando Mestre em Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A paixão que sentia pela literatura era forte, mas a religião cativou a vida de Adailton Medeiros temporariamente, tornando-o Irmão Cirilo Alexandrino, do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, durante quatro anos (1990-1994). Renunciou à vida religiosa para se dedicar à vida de escritor, buscando, durante seus anos em vida, eternizar seu nome nos livros. Sua bibliografia figura em sete livros, sendo eles: *Oculto Piano, O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves, CristóVÃO Cristo: Imitações, Revoltoso Ribamar Palmeira, Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos, Lição dc Mundo e Bandeira Vermelha*.

Seu primeiro livro, *Oculto Piano* (1958-1959), é descoberto, após a morte de Adailton, por sua irmã Adailma. O livro apresenta diversas reflexões em sonetos, menções à Caxias, sua cidade natal e recordações de sua infância; *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves* (1972) é sua segunda produção, uma dedicatória aos pais envolvendo traços modernistas e o praxismo [poesia-práxis], movimento literário no qual o autor se destaca como representante; publicado no Maranhão, em São Luís, *CristóVÃO Cristo : Imitações* (1976) é seu terceiro livro, focado novamente na Poesia-Práxis; Seu quarto livro, *Revoltoso Ribamar Palmeira* (1978), é uma experiência realizada por Adailton no meio da prosa, um romance com características históricas focadas no Maranhão; *Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos* (1981) é sua quinta obra, uma dissertação de mestrado apresentada em versos; sua penúltima obra, *Lição do Mundo*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(1992), é uma dedicatória ao avô, Honorato Medeiros, reunindo poemas datados de 1978-1990, composto por elementos autobiográficos e autorreferências abrangendo diversos assuntos, como solidão, política, religião, etc.; por fim, *Bandeira Vermelha* (2001), uma reedição do livro *As Mulheres e As Coisas*, do mesmo ano, trata-se de uma junção de memórias, homenagens, seus pensamentos e opiniões.

Adailton Medeiros faleceu em 9 de fevereiro de 2010, no Rio de Janeiro, aos setenta e um anos de idade, após uma cirurgia no estômago. Suas cinzas foram depositadas no Mosteiro de São Bento, na cripta de Nossa Senhora do Pilar. O autor é considerado referência na vanguarda poética brasileira e um dos representantes da Poesia-Práxis, importância co-literária [ao lado de Mário Chamie] confirmada em diversos registros, como exemplos: o livro Pedro Geraldo Escosteguy: A Poética que Ultrapassa Fronteiras (Porto Alegre: ediPUCRS, 2021), de Soraya Patrícia Rossi Bragança; e o livro Música Popular e Moderna Poesia Brasileira (São Paulo: Nova Alexandria, 2013), de Affonso Romano de Sant'Anna.

O autor caxiense tornou-se membro da Academia Brasileira de Literatura, da Academia Internacional de Ciências Humanísticas [Uruguaiana – RS], do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro, da Academia Uruguaiense de Letras [Uruguaiana], da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Imprensa, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, da Academia Caxiense de Letras e da International Writers and Artist Association [Toledo, Ohio, Estados Unidos].

Cabe ressaltar que as informações biográficas utilizadas foram majoritariamente retiradas da coletânea de livros "Obra Reunida" (2022), que contém todas as obras escritas por Adailton Medeiros. Edmilson Sanches, membro da Academia Caxiense de Letras, da Academia Maranhense de Ciências, do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Internacional de

Literatura Brasileira (Estados Unidos), foi o responsável pela introdução/apresentação da produção, cedendo informações relevantes sobre a vida do

poeta para leitores e pesquisadores interessados.

Análise dos recursos linguístico-expressivos nas obras de Adailton Medeiros: crítica e enaltação nos poemas Menino de Rua e Adélia Prado

Os poemas selecionados para análise refletem os aspectos linguístico-expressivos presentes, ordenadamente, nas obras: Lição do Mundo (1992), um livro autobiográfico que discorre as experiências de Adailton Medeiros durante sua vida; e Bandeira Vermelha (2001), responsável por resguardar textos literários a favor da valorização das mulheres, além de dar espaço para a indagação sobre o sentido das coisas.

Ademais, retratam-se casos de intertextualidade em ambos os poemas, mais um aspecto capaz de se adequar a proposta de incentivo à leitura. Este define-se para Henriques (2009, p.212-214) como um tipo de mosaico de citações, onde um texto é considerado absorção e transformação de outro, um diálogo entre obras literárias.

I. Menino de Rua

para Joãozinho Trinta

Menino de rua
menino de rua
tem como pai – o sol
tem como mãe – a lua
Menino de rua
menino de rua
que triste é sonhar
nessa vida crua

Menino de rua
menino de rua
flor do asfalto
desta cidade nua

Menino de rua
menino de rua
mão pro assalto
que culpa a tua?

(Medeiros, 2022, p.415)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

II. Adélia Prado

Adélia divina
plantação de Divinópolis
de Minas Gerais

trouxe na bagagem
riquezas palavras códigos
do mundo e do ser

pois mulher é desdobrável
no campo na flor
no corpo na dor

pois mulher é desdobrável
na fala no canto
na reza no pranto

pois mulher é desdobrável
no sabor no ver
no amor no saber

pois mulher é desdobrável
na lida na sorte
na vida na morte

(Medeiros, 2022, p.453)

- **Análise dos recursos léxico-semânticos**

Sobre a estilística proposta aqui, cabe citar Câmara Jr. (1977, p.52), ao concluir que "há uma tonalidade afetiva para as palavras, decorrente de uma natureza mais ou menos convencional atribuída às coisas designadas". Dentre os recursos utilizados nos poemas escolhidos para análise, convêm destacar, inicialmente, a metáfora, uma das figuras de linguagem mais conhecidas – frequentemente utilizada na poesia, na literatura e na comunicação cotidiana para tornar a linguagem mais vívida e expressiva. É empregada como "recurso que busca a analogia para auxiliar o entendimento do enunciado poético. As associações de sentidos provocadas pela metáfora ampliam as possibilidades de evocar novos efeitos expressivos" (Rocha, 2014, p.117). Encontrada em ambos, tem como objetivo enriquecer o discurso ao proporcionar camadas adicionais de interpretação e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

significado.

Primeiramente, nos fragmentos "*flor do asfalto*" e "*mão pro assalto*" do poema *Menino de Rua*, por exemplo, vê-se a aplicação da metáfora para exprimir a ideia da juventude pura em meio a uma realidade difícil [morar nas ruas] como uma criança órfã. Compreendendo a falta de recursos básicos para sua própria sobrevivência, a opção aparentemente cabível à situação exibe-se como a tendência para o roubo, questionada ao final da última estrofe, em seu último verso: "*que culpa a tua?*".

Quanto ao segundo poema, evidencia-se o caso desse recurso no trecho "*plantação de Divinopólis*". Aqui, o uso da palavra "plantação" ganha ideia de local de nascimento, pois, Adélia Luzia Prado de Freitas, ou, como no título do texto, *Adélia Prado* – considerada uma das maiores poetisas do Brasil –, nasceu em 13 de dezembro de 1935, em Divinópolis, um município brasileiro do estado de Minas Gerais.

A gradação, outra figura presente no poema *Adélia Divina*, exprime que "as palavras ou expressões são relacionadas segundo um grau de intensidade ou, até mesmo, seguindo a lógica dos sentimentos do autor" (Rocha, 2014, p.94). Em "*riquezas palavras códigos*", identifica-se a tentativa de Adailton Medeiros em exaltar o conhecimento da poetisa e professora, expondo, simultaneamente, sua própria admiração para com Adélia Prado ao utilizar a intensidade de cada palavra com o objetivo de favorecer a expressividade desejada.

- **Análise dos recursos morfossintáticos**

Os recursos morfossintáticos destacados nos dois poemas serão repetição e hipálage, sendo assim, "as diferentes formas de construção do autor abrem espaço para o inusitado, os desvios carregam a frase de tonalidade afetiva não possível com as estruturas convencionais" (Rocha, 2014, p.107).

Com o intuito de enfatizar as ideias propostas durante o texto e aproximar o leitor da experiência literária, Adailton Medeiros faz uso da repetição em *Menino de Rua* e *Adélia Prado*. "Tal recurso pode realçar determinadas palavras ou reforçar o vínculo entre os elementos linguísticos. A sonoridade criada pela repetição faz com que o leitor perceba melhor os movimentos ocorridos em cada verso do poema" (Rocha, 2014, p.113).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em *Menino de Rua*, nota-se o uso contínuo do título do poema nas quatro estrofes [repetindo-se duas vezes em cada uma delas], criando um ritmo ainda mais fluido com a adição das rimas no final dos versos, resultado intencional, já que o texto foi dedicado à Joãozinho Trinta, um grande carnavalesco brasileiro conhecido por suas diversas apresentações de teor crítico-social – uma dessas sendo "Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia", que trazia a discrepância entre a opulência das elites e a miséria dos mendigos. Por sua vez, em *Adélia Prado*, o fragmento "*pois mulher é desdobrável*" carrega o início das três estrofes finais, esclarecendo a capacidade da mulher, oferecida pela própria poetisa em seu poema "*Com licença poética*", além de demonstrar a valorização da mulher por parte de Adailton ao realizar a conexão entre os dois poemas. Os dois casos envolvendo as personas a quem os textos foram dedicados tratam-se de intertextualidade [especificamente externa: envolvendo obras de pessoas diferentes], um tipo de diálogo entre textos.

Concluindo os fenômenos morfossintáticos, exibe-se a hipálage, que, segundo Henriques (2009, p.76), é retratada como uma associação entre adjetivo e substantivo que não seria comumente realizada. O primeiro poema exibe os trechos "*vida crua*" e "*cidade nua*" dentro desse recurso, representando, em sua totalidade, a realidade cruel e injusta da sociedade por meio da visão de uma criança que vive sem qualquer apoio para suprir o básico de suas necessidades de sobrevivência.

Adélia Prado, em sua passagem "mulher é desdobrável" [já comentada anteriormente], também se adequa ao conceito de hipálage graças ao uso do adjetivo "desdobrável" aplicado à mulher, criando um sentido de adaptabilidade ou até mesmo competência, ou seja: a capacidade da mulher de moldar-se independente de qualquer situação.

A crescente necessidade do incentivo à leitura na escola

Uma das razões para o incentivo à leitura persistir como um desafio é a desvalorização da literatura enquanto disciplina, em que alguns podem pontuar até mesmo como um saber desnecessário, como afirma Cosson (2021, p.10):

> é essa postura arrogante com relação ao saber literário que leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina de Língua Portuguesa, quer pela sobreposição a simples literatura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura como história literária no ensino médio.

Constata-se que é necessário um olhar atento para perceber na literatura bem mais

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que o óbvio apresentado na superficialidade do texto, pois a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra, e da escrita (Cosson, 2021, p.16), é essa potencialidade que deve ser apresentada aos alunos/leitores em formação. Os alunos precisam descobrir, no texto literário, as plurissignificações resultantes de um trabalho minucioso, capaz de revelar um estilo autoral e singular do escritor e que se mistura à sua obra. No que compete ao estilo, é correto afirmar que é a maneira de escrever, a utilização pelo escritor dos meios de expressão para fins literários, distinguindo-se, portanto, da gramática, que define o sentido e correção das formas (Guiraud, 1970, p. 17). Nesse ínterim, a estilística vem destacar a profusão de estratégias aplicadas ao texto literário para transformá-lo em um captador de atenção, imaginário e espaço para manifestações diversas, uma vez que no texto literário:

> há valores expressivos que traduzem os sentimentos, os desejos, o caráter, o temperamento, a origem social, a situação do indivíduo falante, e valores imprecisos que representam suas intenções deliberadas, a impressão que ele quer produzir, valores de grande importância na expressão literária (Guiraud, 1970, p.97)

E são essas possibilidades que devem ser apresentadas para o aluno ao trabalhar o texto literário, sendo essa, uma recomendação explícita na Base Nacional Comum Curricular, ao elencar, na disciplina de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental anos finais no que compete o campo artístico e literário:

> o descritor (EF69LP48) que aponta a necessidade de interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (Brasil, 2018, p.65).

Ao incentivar interpretações aliadas aos recursos expressivos, professores e alunos serão conduzidos a múltiplas possibilidades dentro do texto literário. Dessa forma, comunga-se com a afirmação de Rodrigues (2005, p.123) que "o texto literário se sujeita a várias miradas, tudo dependendo do gosto e do interesse do analista".

Proposta de incentivo à Leitura Literária a partir da poesia de Adailton Medeiros

As práticas de salas de aula precisam contemplar o processo de letramento literário

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

e não apenas a mera leitura das obras (Cosson, 2021, p.47), uma vez que letramento se trata não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente na alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas (Cosson, 2021, p.11).

Nesse cenário, o professor deve mediar o contato com obras literárias de forma que o aluno/leitor se sinta atraído para desvendar as plurissignificações presentes no texto. O que ainda acontece de forma tímida na escola, espaço onde se dá o primeiro contato com a leitura, visto que ainda vigoram "metodologias em que o aluno apenas extrai informações contidas na superfície do texto, sem ser orientado a entrar nas estruturas textuais mais profundas para construir sentidos. (Rocha, 2014, p.25).

Assim é necessária uma abordagem interativa entre texto e leitor para que em sala sejam constatadas que "as potencialidades expressivas vão além da função denotativa, pois ultrapassam e se desvinculam do propósito puramente normativo, numa demonstração de novas possibilidades de abordagem" (Rocha, 2014, p.25). Para tanto, apontam-se algumas sugestões de atividades que podem ser implementadas em sala de aula a partir da poesia Adailtoniana. Ressalta-se que as atividades sugeridas devem ser vistas como exemplos do que pode ser feito e não modelos que devem ser seguidos cegamente (Cosson, 2021, p. 48). Cosson propõe como incentivo à leitura uma sequência básica para inserir o letramento literário na escola. Essa sequência básica é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. A título de ilustração, escolheu-se o poema, *Através da história*, do livro Oculto piano, para exemplificar a proposta.

Através da história

Compondo Caxias do passado,
Que presente nada mais é,
lá está o Alecrim pasmado
pois lá, há de pasmar até!...

Na história do Maranhão
com a Balaiada se resume...
De lembranças resta um canhão
enferrujado lá no cume!

Hoje vivendo do passado...

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No presente, topografado
para sonho de irrealidade.

Coberto de dor e saudade,
e verde folhagem, que invade
os escombros abandonados...

(Medeiros, 2022, p. 67)

Inicialmente o professor deve criar uma situação fictícia que induza os alunos a manipular o livro do autor trabalhado, nesse contexto, Adailton Medeiros. Com uma oficina, por exemplo, o professor pode pedir aos alunos que manipulem os livros, organizem e identifiquem os títulos dos livros e dos poemas. Em seguida, relatem a impressão inicial sobre a obra a partir das poucas informações disponibilizadas em capas e títulos em uma síntese. Por conseguinte, devem compartilhar com a turma suas impressões registradas. Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, consequentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permitem interagir de modo criativo com as palavras (Cosson, 2021, p. 53). Esse primeiro passo, denominado motivação, indica que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para adentrar no texto.

> Essa proposta de motivação envolve conjuntamente atividades de leitura, escrita e oralidade, e isso corrobora para um ensino efetivo de língua materna na escola, pois não há sentido em separar o ensino da literatura do ensino de língua portuguesa porque um está contido no outro (Cosson, 2021, p. 57).

O segundo passo é propiciar aos alunos leitores uma introdução, chamamos de introdução a apresentação do autor da obra (Cosson,2021, p.57). Esse momento não deve se transformar em uma longa aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um dos seus textos.

A leitura não pretende reconstituir a intenção do autor ao escrever aquela obra, mas aquilo que está dito para o leitor. No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas ao texto trabalhado (Cosson, 2021, p.60). Ao apresentar o autor e sua obra para os alunos caxienses, por exemplo, é relevante chamar atenção dos leitores para o fato do autor ser conterrâneo e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que, possivelmente, o escritor passou pelos mesmos lugares que os alunos atualmente frequentam.

Essa familiarização entre autor e leitor é fundamental para fortalecer os laços de afetividade e curiosidade com o texto literário. Ao trabalhar o poema, *Através da história*, o aluno pode compartilhar se tem familiaridade com o poema a partir das descrições de paisagens e fatos (Caxias, Alecrim - Morro do Alecrim-, Maranhão, Balaiada, Canhão - fixado em frente à UEMA-). Todas as informações do poema podem ser destacadas para que o aluno identifique o regionalismo apontado pelo autor e que conversa com a realidade do leitor.

O terceiro passo consiste na leitura do poema selecionado. Nesse momento, cabe destacar que o professor não deve vigiar o aluno para saber se está lendo, mas acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades (Cosson, 2021, p. 62). Pode ser feita a leitura conjunta do poema para ser trabalhado **estilisticamente** em microanálise de recursos expressivos que interessam ao professor e aos alunos (Cosson, 2021, p.63).

Ao discutir a expressividade do poema, à luz da estilística, é possível identificar os recursos linguísticos capazes de tornar os textos atraentes e ao mesmo tempo expressivos (Rocha, 2014, p.60) colaborando para tornar o poema mais apreciável e inclinado a desenvolver no leitor o prazer em ler. A expressividade de Adailton está alicerçada nas figuras de linguagem usadas para reforçar a significação emotiva das palavras, que podem ser elencadas em grupos fônicos, lexicais, semânticos e sintáticos. No poema selecionado para proposta, o professor pode identificar com os alunos os recursos expressivos que compõem o texto poético, destacando figuras de linguagem e sua contribuição no sentido do texto.

Por fim, o último passo remete à interpretação, que pode acontecer em dois momentos: um interior e um exterior (Cosson, 2021, p. 65). O objetivo dessa ação é a exteriorização da leitura, por intermédio de seu registro, onde as resenhas críticas são um recurso muito utilizado para o registro das impressões sobre o texto. É importante que após todo o processo para o letramento literário, com base em uma obra e autor específico, o texto faça sentido para o leitor, de modo que ele forme uma opinião sobre o material trabalhado, e "essa opinião deve ser registrada de maneiras diversas, o que pode variar de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

acordo com o tipo de texto, a idade do aluno, a série escolar, entre outros aspectos" (Cosson, 2021, p.66).

Os alunos podem ser incentivados a visitar a cidade e relacionar os lugares visitados com os espaços do poema e discutir a influência do local para o sentido do texto, a proposta pode ser concluída com a realização de produções escritas realizadas pelos alunos e depois socializada em sala.

Como se nota, não há restrições para as atividades de interpretação, desde que se mantenha o caráter de registro do que foi lido. Ao seguir as etapas, o professor sistematiza seu trabalho e oferece ao aluno um processo coerente de letramento literário (Cosson, 2021, p. 69).

Considerações finais

É sabido que há uma crescente necessidade de motivar os alunos, sobretudo, aqueles da educação básica para adentrar no universo da leitura literária, visto que, com o crescimento das novas tecnologias, crianças e jovens estão cada vez mais se distanciando do ato de ler. É necessário que novas metodologias sejam adotas, a fim de tornar a leitura prazerosa e interessante para o público escolar e, nesse sentido, o letramento é incisivo em sua proposta de buscar alternativas para o ensino literário contextualizado.

A partir desses pressupostos, abre-se espaço para inserir em sala de aula autores com uma abrangente produção literária e que ainda não figuram no campo literário, a exemplo do autor aqui apresentado, o caxiense, Adailton Medeiros. Propõem-se, portanto, que sua poesia seja incluída nas salas de aulas para que os jovens tenham acesso a sua produção artística, ornamentada por recursos linguísticos-expressivos que corroboram para a diversidade do seu texto literário, concedendo a este, caráter literário e passível de múltiplas significações.

Referências

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.

Cosson, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática / Rildo Casson. – 2. Ed., 12ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

Cressot, Marcel. **O estilo e as suas técnicas**. Trad. de Madalena Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.

Guiraud, Pierre**. A estilística**. Trad. de Miguel Mailler. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

Henriques, Cláudio Cézar. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre texto e expressividade. São Paulo: Campus, 2010. p. 224.

Medeiros, Adailton**. Obra reunida**. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2022.

Rigoleto, Ana Paula C.; DI GIORGI, Cristiano A. G. Outros parceiros na biblioteca: democratização e incentivo à leitura. In: SOUZA, Renata J. (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p. 219-237.

Rocha, Marinalva Aguiar Teixeira**. A expressividade em Ana Maria Machado e José Paulo Paes**: uma proposta para motivar a leitura. Curitiba: Appris, 2014.

Rodrigues, Milton Hermes. Abordagem estilística. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005. p.123-140.

Silva, Paulo Ricardo Moura da. **Práticas escolares e letramento literário**: sugestões para leitura literária e produção textual. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

MEU POST DARIA UM ROMANCE: A COMBINAÇÃO MIDIÁTICA EM *O DIÁRIO DE VIAGEM DO SR. A.*, DE ÁLVARO FILHO

Flávio de Santana Rocha[106]

Sayonara Amaral da Oliveira[107]

Resumo: Este estudo busca analisar a narrativa *O Diário de viagem do Sr. A.*, do escritor Álvaro Filho (2014), que foi redigida em um iPhone e publicada integralmente por meio de posts diários no Facebook, no período de 01 a 21 de agosto de 2014. As postagens que compõem a história, narrada na primeira pessoa do discurso, sugerem seguir, em tempo real, o roteiro de uma viagem realizada pelo autor a partir de Recife rumo a Lisboa, Roma, Londres e Paris, durante os vinte e um dias acima mencionados. O autor afirma que o seu projeto é a primeira *social novel* do Brasil. Tendo em vista que se trata de uma prática literária realizada em ambiente de rede social, escapando ao suporte institucional do livro, pretende-se examinar de que modo esse uso do Facebook como plataforma para a criação literária, em tempos de cultura da convergência (JENKINS, 2008) e de combinação de mídias (RAJEWSKY, 2012), aposta em uma estética da inespecificidade no campo das artes contemporâneas (GARRAMUÑO, 2014). Considera-se que o projeto de *social novel*, elaborado por Álvaro Filho, insere-se em um contexto atual de efervescência de novos gêneros, suportes, formatos e estruturas discursivas, os quais desestabilizam o que por muito tempo foi convencionalmente (re)conhecido sob a rubrica "literatura".

Palavras-chave: *Social novel*. Combinação de mídias. Inespecificidade. Cultura da convergência. Literatura contemporânea.

Introdução

Durante muito tempo, o que é e o que se entende por literatura têm estado à mercê de tradicionais instituições reguladoras do saber literário, como a crítica especializada, o

[106] Doutora em Letras e Docente Titular da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB). Coordenadora do Projeto de Pesquisa "Práticas literárias pós-institucionais na contemporaneidade".

[107] Discente Graduando em Letras da Universidade do Estado da Bahia. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq/PIBIC), vinculado ao Projeto de Pesquisa "Práticas literárias pós-institucionais na contemporaneidade".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sistema escolar e o ambiente acadêmico. Consequentemente, inúmeras produções literárias, consideradas alheias aos padrões estabelecidos por tais instituições, foram (e ainda são) postas à margem, a fim de legitimar determinados tipos de fazer literário, considerados ideais por grupos de prestígio sociocultural de cada época. Os tipos literários ideais são validados tanto pelo seu conteúdo quanto pela sua forma, bem como pelo suporte em que são produzidos e veiculados, sem perder de vista também o lugar ocupado por seus autores ou produtores dentro do que se convencionou chamar de cânone estabelecido.

Com o advento e posterior alargamento das tecnologias digitais, em conjunto ao processo de globalização, a capacidade de produção literária, que antes estava restrita às grandes indústrias, abriu-se para o público amplo, o qual obteve a possibilidade de escrever com liberdade e aventurar-se na criação de textos cada vez mais heterogêneos. Essas produções, realizadas e disponibilizadas na internet, atraem uma grande quantidade de leitores e fãs, que são interpelados não somente a apreciar o que é lido, mas a se tornarem também sujeitos ativos no processo de criação de novos textos.

Em meio a essa efervescência de literaturas que hoje emergem no espaço da mídia digital, à revelia das instâncias reguladoras do literário acima mencionadas, inúmeros são os exemplos que se poderia citar, sendo impossível abarcá-los em totalidade, diante da abrangência de alcance da internet junto a seus usuários em diversas partes do mundo e do vasto número de criadores e criações que surgem a cada minuto na rede. Para ficar apenas com algumas formas literárias mais conhecidas nesse ambiente, pode-se mencionar a poesia digital, a fanfiction on-line, a googlagem, a twitteratura, entre outras.

O caso exemplar escolhido como alvo de interesse deste estudo é o da criação de uma *social novel* (romance construído em rede social), intitulada *O Diário de viagem do Sr. A.*, de autoria do escritor pernambucano Álvaro Filho. A análise da produção em questão será desenvolvida no decorrer deste texto, mas não sem antes passar por alguns conceitos relevantes para o entendimento desse inusitado projeto literário, que toma por princípio fundir narrativa romanesca e postagens diárias no Facebook.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em tempos de convergência, intermidialidade e inespecificidade

A convergência é um fenômeno que vem sendo discutido por diversas áreas do saber, dada a sua característica instigante de reformular a maneira como as informações são transmitidas e recebidas hoje. Ela traz em si a ruína de velhos paradigmas que foram estabelecidos desde o começo do compartilhamento de notícias pelas instituições que desempenham a configuração da consciência coletiva em escala continental, e até global. Ao tratar do conceito de convergência, Henry Jenkins (2008) diz:

> Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2008, p. 27)

Para além da tradicional preocupação com as diferentes formas de se transmitir conteúdo, com o controle das informações veiculadas e com a formação da consciência coletiva a partir do que se era comunicado, a convergência levanta discussões e debates a respeito das mídias — antes consideradas meios de comunicações que tinham suas próprias características funcionais — e consumidores — o que os levava a trabalhar de forma padronizada e distinta. Diante da convergência, mídias e consumidores passam a convergir e os consumidores, pincipalmente, passam a cooperar entre si, tomando direções imprecisas e desenvolvendo resultados imprevisíveis.

É a partir da quebra de impérios monolíticos, os quais até então se fizeram vigentes pela estabilidade das grandes mídias, que novas formas de se pensar e de se produzir conteúdos informacionais entram em ascensão em todo o mundo, sobretudo após a popularização da internet. Assim, o público que antes consumia o que lhe era submetido pelas corporações midiáticas passa a ter o controle sobre o que gostaria de consumir, como ocorre no caso das redes sociais, que se moldam ao interesse daquele que está utilizando-a e permite-lhe elaborar os seus próprios conteúdos, que são publicados na internet para apreciação do público em geral.

Desse modo, a cultura gerada a partir da convergência tem feito com que mercados

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

inteiros reconsiderem a forma como enxergam os seus consumidores. Constata-se que práticas sociais e culturais que cresceram em torno das chamadas novas tecnologias de mídia têm levado vantagem sobre aquelas práticas já institucionalizadas, como acontece, por exemplo, na disputa entre livros físicos e digitais, que resulta, em grande parte, no fechamento de livrarias e sebos.

No cerne do processo de cooperação entre múltiplos mercados midiáticos, que se dá por meio da convergência, pode-se também ser trazida à tona a discussão a respeito da intermidialidade, para entender como as mídias e seus cruzamentos são agenciados e enxergados por seus usuários. A intermidialidade pode ser considerada como um termo guarda-chuva, empregado em diversas áreas do saber, dificultando assim o seu entendimento e o consenso quanto à sua definição. Porém, como o presente estudo tem por interesse o campo da literatura, opta-se, aqui, pelo direcionamento adotado por Irina Rajewsky (2012) ao tratar da intermidialidade em uma perspectiva literária:

> [...] focalizo a intermidialidade como uma categoria para a análise concreta de textos ou de outros tipos de produtos das mídias. Minha ênfase, então, não é nem nos desenvolvimentos gerais históricos da mídia, nem nas relações genealógicas entre mídias, nem no reconhecimento de mídias (Medienerkenntnis) — que Schröter chama de intermidialidade "ontológica" — ou na compreensão das várias funções das mídias. Tampouco estou preocupada com o processo de midialização como tal. Em vez disso, eu me concentro nas configurações midiáticas concretas e nas suas qualidades intermidiáticas específicas. (RAJEWSKY, Irina, 2012, p. 8)

Isto posto, é a partir da análise de materialidades concretas, ou seja, dos produtos das mídias, que o fenômeno que ocorre na relação entre as mídias e no cruzamento de suas fronteiras pode ser observado e discutido. Porém, esses produtos das mídias pertencentes ao campo literário são reconhecidos por conterem um grande foco de características que os qualificam como intermidiáticos, o que faz com que Rajewsky distinga-os em três subcategorias de intermidialidade, sendo elas: a transposição midiática, quando há a transposição de um produto de mídia em outra mídia; a combinação de mídias, quando há o processo de combinação de duas mídias distintas, sem que uma se sobrepuje à outra; e a referência intermidiática, que consiste na estratégia de um produto de mídia se referir a outro, a fim de contribuir para a significação total dele próprio.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Seguindo por esse viés da convergência e da intermidialidade, que aludem à existência de produções literárias cada vez mais heterogêneas e fluidas, despretensiosas de delimitações de mídia e suporte, contribui também o conceito de inespecificidade — elaborado por Florencia Garramuño (2014). Em seu livro *Frutos estranhos:* sobre a inespecificidade na estética contemporânea, Garramuño constata que reverbera hoje uma crescente demanda de obras literárias por muito tempo desconsideradas como literatura e que estavam à margem do que se tem como um alto nível de criação artística. Como ponto alto dessas obras, a autora identifica a sua inespecificidade, que suscita a imagem de um "fruto estranho":

> Frutos estranhos e inesperados, difíceis de ser categorizados e definidos, que, nas suas apostas por meios e formas diversas, misturas e combinações inesperadas, saltos e fragmentos soltos, marcas e desenquadramentos de origem, de gêneros — em todos os sentidos do termo — e disciplinas, parecem compartilhar um mesmo desconforto em face de qualquer definição específica ou categoria de pertencimento em que instalar-se. (GARRAMUÑO, Florencia, 2014, p. 11-12)

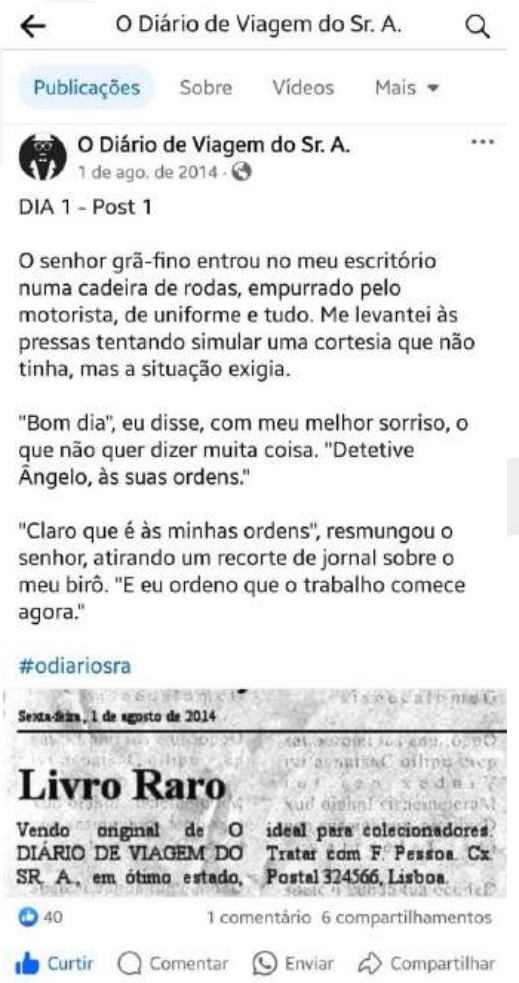
Essas obras contemporâneas, dotadas de inovações e quebra de paradigmas, colocam em questão ideias estabelecidas a respeito de noções como pertencimento, especificidade e autonomia no campo da literatura e das artes em geral. Além disso, tais obras evidenciam a aposta de seus autores na produção daquilo que é inespecífico e, em si mesmo, diferente do que já se tem como fixo, aprofundando as discussões sobre a literatura e as suas variadas formas de tocar os seus leitores. Seja por meio visual, sonoro, tátil, ou pela junção dos diversos modos de se fazer arte, a literatura contemporânea, tal como um fruto estranho, procura investir, para além do conteúdo das obras, no olhar para a mídia, o suporte, e para a forma como são elaboradas cada uma das produções literárias trazidas a público.

Social novel: **um novo projeto literário**

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 1: *O diário de viagem do sr. A* / Dia 1 - Post 1



Fonte: Facebook[108]

O projeto *O diário de viagem do sr. A.*, produzido pelo escritor e jornalista pernambucano Álvaro Filho em 2014, é considerado por seu autor como uma obra pioneira, que traz consigo a alcunha de ser a primeira *Social Novel* do Brasil — redigida e publicada inteiramente por intermédio de um Iphone, utilizando-se do suporte da rede social Facebook para fazer posts diários na página que leva o mesmo título da obra. Como elemento essencial para a constituição do roteiro da narrativa, o autor utilizou suas férias — um período de 01 a 21 de agosto de 2014 — pela Europa, passando por Lisboa, Roma, Londres e Paris.

[108] Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=247537965441304&set=a.244791122382655

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A obra é estruturada a partir da utilização da página do Facebook — que leva o mesmo nome da obra — e da sua disponibilização na rede social de forma orgânica e objetiva, isto é: sendo referenciada pelo próprio Facebook aos consumidores de conteúdos afins. Além disso, os dias que são contabilizados na obra, como pode ser percebido na figura 1 acima, têm numeração equivalente ao dia em que os textos foram publicados na rede social, contendo uma média de dois posts disponibilizados por dia. Para além dessas características, cada postagem, sendo no mesmo dia ou em dias diferentes, possuem consigo anexadas imagens que se relacionam com os acontecimentos ou localidades da trama. A disponibilização de informações a respeito da obra e da página, de todos os vídeos e fotos publicados e dos links que direcionam o leitor ao local do enredo ou hashtag utilizada pelo autor constituem as qualidades desse projeto literário que se utiliza das ferramentas da rede social como característica fundamental para a sua execução.

Na narrativa apresentada no conteúdo dos posts, a trama se desenrola a partir da contratação de um detetive chamado Ângelo, que tem como objetivo buscar o diário de viagem do Sr. A., um livro de registros de rotas pelas quais as obras de museus e galerias da Europa, saqueadas pelos nazistas, foram enviadas e escondidas a fim de evitar a sua destruição. Enquanto viaja pelos países europeus em busca do diário, o detetive conta com a ajuda de aliados do Sr. A — que lhe indicam modos de encontrar as pistas deixadas pelo autor do diário — e é perseguido pelos apoiadores dos nazistas e seus capangas, que ainda buscam reaver o que lhes foi roubado. A trama desencadeia a construção de um típico romance policial, tendo o detetive como o personagem principal. As demais personagens secundárias são estereotipadas e representam cada país por onde o protagonista passa. Os episódios se assemelham aos episódios de perseguição entre vilões e mocinhos do gênero policial, contando com uma dose de humor, sarcasmo e também sensualidade.

Para fins de análise, indo além do que o conteúdo dos posts, da história narrada ou do gênero textual identificado, o projeto literário criado por Álvaro Filho chama a atenção pela sua elaboração quanto ao uso das mídias, o que conduz a novas formas de se pensar a literatura na contemporaneidade. Considerando as perspectivas teóricas abordadas anteriormente, pode-se considerar que a crescente cultura de convergência, ao focalizar a cooperação entre mercados midiáticos e a autonomia dos usuários das mídias digitais em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

consumir e produzir conteúdos diversos, tem possibilitado a criação e execução de projetos literários inovadores, como é o caso da *Social Novel* em questão. Mas é especialmente o processo de intermidialidade que parece melhor contribuir para entender o procedimento empregado por Álvaro Filho em seu projeto, quando se focaliza uma das subcategorias de intermidialidade elencadas por Irina Rajewsky (2012), a combinação de mídias:

> A qualidade intermidiática dessa combinação de mídias é determinada pela constelação midiática que constitui um determinado produto de mídia, isto é, o resultado ou o próprio processo de combinar pelo menos duas mídias convencionalmente distintas ou, mais exatamente, duas formas midiáticas de articulação. Cada uma dessas formas midiáticas de articulação está presente em sua própria materialidade e contribui, em sua própria maneira específica, para a constituição e significado do produto. (RAJEWSKY, 2012, p. 9)

Em *O diário de viagem do sr. A*, o Livro e o Facebook são as mídias postas em combinação, sem que uma se sobreponha à outra, pois a presença de ambas, em igual medida, é fundamental para a constituição da obra e do seu significado como projeto literário. Afinal, não se trata de transpor o conteúdo de um livro para postagens no Facebook e muito menos de realizar o inverso: coletar postagens de uma rede social para publicá-las posteriormente em livro. A proposta consiste em escrever um romance em uma rede social digital, mediante as circunstâncias de escrita que esse ambiente fornece. A intenção do projeto fica clara em um comentário do escritor Álvaro Filho acerca das dificuldades que enfrentou, durante a viagem, quanto à disponibilidade de conexão via internet para suas postagens:

> Lidar com as nuances da possibilidade de conexão exigia certa habilidade, afinal, não era recomendável estocar os posts e desaguá-los de uma só vez. A intenção era justamente publicar na hora e no local em que ele [o post] havia sido produzido, mantendo viva a estratégia de simular a dinâmica usada nas redes sociais (FILHO, 2014, p. 15).

A *Social Novel* distingue-se por ser constituída do somatório de características presentes em duas mídias convencionalmente diferentes: Livro (suporte tradicional do gênero romance) e Facebook. Na soma dessas características, não há supressões ou perdas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que venham resultar no rebaixamento de uma mídia em detrimento da outra. Mas há, evidentemente, trocas, contágios e contaminações, que vêm somente enriquecer as perspectivas de leitura dessa nova proposta literária emergente. Para o exame das características que se articulam no processo de combinação de mídias distintas, cabe retomar o que é convencionalmente particular de cada mídia. E no caso do projeto criado por Álvaro Filho, algumas dessas características das mídias postas em combinação podem ser examinadas de maneira intercalada, conforme será explicitado a seguir.

Em primeiro lugar, nesse romance redigido e publicado no Facebook, *O diário de viagem do sr. A*, pode ser observada a divisão em capítulos, uma característica fundamental evidenciada nos romances publicados em livros de forma tradicional. Essa separação em capítulos vem sendo questionada e até remodelada conforme o interesse de alguns romancistas, seja pela alteridade dos títulos criados para os capítulos, seja pela utilização das numerações de forma imprecisa, entre outras estratégias, a fim de causar um efeito novo nos leitores da obra. Mas, ainda assim, a presença da divisão em capítulos demarca a presença forte da mídia Livro como reguladora das produções romanescas. No caso do projeto literário em questão, a *Social Novel*, os posts na rede social assumem esse lugar dos capítulos, mantendo a função de separar os acontecimentos ou episódios narrados.

Mas a apresentação da narrativa literária por meio de posts ou postagens — recurso característico nas mídias digitais —, adiciona uma nova condição ao projeto. Essa condição insere a temporalidade da escrita do autor, que faz uso da rede social como qualquer usuário o faria, isto é, com publicações diárias, produzidas relativamente em tempo real. Considerando que o texto construído em questão é um romance, tais circunstâncias de escrita evocam o princípio de uma narrativa que está em constante construção, que não nasce completa e que vai se moldando conforme as elaborações do autor e também sob o influxo do "aqui e agora" das suas experiências durante a viagem que realiza. Se todo o conteúdo de *O diário de viagem do sr. A.* fosse disponibilizado de uma só vez no Facebook, o projeto deixaria de ter essa característica de escrita em temporalidade "imediata" que a mídia digital oferece aos seus usuários. Assim, para que se aprecie toda a obra, é necessário seguir o autor em seu contínuo processo de criação, bem

como acompanhar o seu dia a dia nos países que visitava enquanto escrevia durante as férias. Não por acaso, cada postagem com o conteúdo da trama narrada vem acompanhada com fotografias tiradas pelo autor em cada país europeu do seu roteiro de viagem:

Figura 2: *O diário de viagem do sr. A* / Dia 11 - Post 11

Fonte: Facebook[109]

A escrita linear é outra das características marcantes da mídia Livro, levando-se em consideração o contexto histórico de sua constituição, a qual remonta a séculos de transmissões de informação. Desde antes da imprensa de Gutenberg, a forma linear de escrever constituiu a maneira como a cultura ocidental organiza seus pensamentos e suas ideias. Foi a partir da linearidade que se pôde desenvolver uma forma de escrita que pudesse ser comum a todo o Ocidente, mesmo que em línguas diferentes. Em *O diário de viagem do sr. A.*, a característica da linearidade se faz presente no conteúdo dos posts que narram a história do detetive Ângelo, envolvendo as suas peripécias em torno da busca do misterioso diário. A trama se desenvolve segundo os clássicos princípios estruturais de uma narrativa, com princípio, meio e fim.

[109] Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=253320258196408&set=pcb.253320784863022

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Contudo, ao se examinar o projeto da *Social Novel* de Álvaro Filho sob a perspectiva da combinação de mídias, que agrega também o digital, uma outra característica vem à tona. Quando se acessa a obra no Facebook, de imediato, a primeira visão que se tem é a dos capítulos/posts finais da narrativa, ao contrário do movimento previsto quando se trata da mídia Livro. A fim de garantir que as notícias e informações recém-publicadas não se percam em meio à temporalidade fluida da rede, a lógica da rede social impõe a cronologia inversa do feed. Como a efemeridade das informações é uma condição que pode ser notada em todas os meios de comunicação, urgindo que o "novo" se apresente sempre antes, nas redes digitais, a postagem mais atual é exibida sempre em primeiro lugar, deixando as postagens anteriores para trás, no passado. Para acessar os posts de antes, é preciso rolar o feed e atender à sua cronologia inversa, que conduz à leitura da página em ordem decrescente.

No projeto *O diário de viagem do sr. A.* não seria diferente. A linearidade do começo-meio-fim, que os seus leitores acompanham no conteúdo da narrativa interna aos posts, conjuga-se à inversão da ordem linear que a cronologia inversa do feed explora, já que para ler a narrativa desde o início, os leitores devem partir sempre do final das postagens na página do Facebook – salvo no caso daquele leitor que, uma vez começada a leitura no momento da primeira postagem do autor, esteja atento e disponível para acompanhar cada nova postagem publicada imediatamente na página. Na combinação midiática que a *Social Novel* propõe, a ordem linear do conteúdo da narrativa, que comumente estaria presente em um romance publicado na mídia Livro, ainda se faz atuante. Mas a sua presença é agora indissociável da inversão da linearidade que a lógica da rede social demanda junto aos seus usuários.

Conjugando a divisão em capítulos, a estrutura linear da narrativa e o largo uso de elementos fundamentais do texto policial — o investigador garanhão, o vilão, a mulher fatal e demais personagens caricatas —, *O diário de viagem do sr. A.* pode ser tipificado como um romance, gênero cuja mídia privilegiada de veiculação tem sido tradicionalmente o Livro.[110] Mesmo quando se trata de "subgêneros" de menor

[110] Não aleatoriamente, após concluir a sua *Social Novel* no Facebook, Álvaro Filho publicou *O diário de viagem do sr. A.* em livro, pela editora Autografia, ainda em 2014. No livro impresso, seguindo a estrutura convencional de um romance, as postagens oriundas da página do Projeto no Facebook assumem o lugar de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

legitimidade perante certa parcela da crítica literária, como no caso do policial, sabe-se do prestígio que o romance ostenta enquanto gênero literário, sobretudo no formato de Livro impresso. Entre muitos outros atributos, espera-se que o romance instigue nos leitores uma leitura atenta, reservada e até mesmo cerimoniosa, passível de releituras, muitas vezes sucessivas.

Os textos que circulam em postagens nas redes sociais se distanciam desse tipo de expectativa. Por se inserirem em um conjunto de informações que rapidamente entram e saem de circulação, esses textos têm a sua relevância limitada à atenção que as pessoas lhes dão em determinado momento, o qual, costumeiramente, não vai se repetir. Aliado a isso, a leitura praticada nas redes sociais é com frequência atravessada por hipertextos (imagens, links, notificações, atualizações, dentre outros), que dispersam a concentração e conduzem à informalidade. Por extensão, o caráter mais informal da leitura se evidencia à medida que os conteúdos disponibilizados no aplicativo da rede social podem ser acessados com maior mobilidade através dos smartphones, os quais podem ser levados a qualquer lugar. É com essa dupla expectativa de leitura que a *Social Novel* de Álvaro Filho se depara, ao combinar romance e rede social: manter os leitores concentrados na trama romanesca e submeter os posts que veiculam essa trama ao emaranhado de informações que arriscam dispersá-la.

As características do Livro e do Facebook acima abordadas demonstram o modo como o projeto de *Social Novel* criado por Álvaro Filho promove a intermidialidade ou, mais especificamente, a combinação dessas respectivas mídias. Combinação esta cujo resultado pode ser compreendido com o auxílio da reflexão elaborada por Florencia Garramuño (2014) acerca da inespecificidade artística que marca certas produções literárias contemporâneas. Segundo a autora, a inespecificidade também pode ser lida como sinônimo de não pertencimento: "não pertencimento à especificidade de uma arte em particular, mas também, e sobretudo, não pertencimento a uma ideia de arte como específica" (GARRAMUÑO, 2014, p. 16).

---

capítulos, sendo que cada um dos capítulos conserva o mesmo título dos posts apresentados na página do projeto no Facebook.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Ainda que no processo de combinação de duas mídias, cada uma delas se distinga por suas características específicas, não havendo prevalência de uma sobre a outra, como observa Irina Rajewsky (2012), a produção resultante dessa combinação tem as suas linhas de pertencimento ou de origem estremecidas. Afinal, para apreciar o efeito combinatório, é a leitura dupla ou a leitura em conjunto que agora vale a pena executar. Uma vez que *O diário de viagem do sr. A.* constitui-se em uma *Social Novel*, já não cabe abordá-lo apenas como um romance (*novel*) ou apenas como postagens do Facebook (*social*). Para ler essa nova produção literária, é inviável isolar zonas de pertencimento conforme os distintos formatos de mídia postos em combinação. É aí que reside a sua inusitada inespecificidade ou, em outros termos, a sua relativa "impertinência" ao que se convencionou elencar sob a rubrica literatura, tal como ocorre com tantas outras escritas contemporâneas, especialmente aquelas surgidas em meio à convergência do literário com o digital.

Considerações finais

A partir de *O diário de viagem do Sr. A.*, criação alcunhada como a primeira *Social Novel* do Brasil pelo seu autor Álvaro Filho, pôde-se perceber a maneira como esse projeto tem a capacidade de combinar duas mídias para gerar uma forma literária nova. Esse processo de intermidialidade revela o quanto a cultura de convergência tem modificado o modo como as mídias passaram a ser usufruídas pelas pessoas, as quais se mostram cada vez mais autônomas no processo de apreciação e, sobretudo, de criação de conteúdos literários.

Em tempos de convergência, intermidialidade e inespecificidade, aumenta-se exponencialmente os debates a respeito do que é literatura e de como as diferentes maneiras de produzi-la e consumi-la, na atualidade, põem em questionamento antigos paradigmas acerca da criação literária, seja quanto ao seu conteúdo, formato ou suporte, entre outros aspectos que permitam flagrar os rumos de uma arte cada vez mais inespecífica. Cabe por fim acrescentar que a *Social Novel O diário de viagem do Sr. A.* — desde que não seja excluída da rede por seu autor — permanecerá disponível no Facebook para todos aqueles que desejem conhecer este projeto literário pioneiro, a fim de apreciar o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

modo como a combinação entre mídias pode gerar formas instigantes de renovar e celebrar a escrita literária na atualidade.

Referências

FILHO, Álvaro. *O Diário de viagem do Sr. A.* Recife, 21 de ago. 2014. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/odiariodeviagemdosra> Acesso em: 10 jul 2024.

FILHO, Álvaro. *O Diário de viagem do Sr. A.*: uma social novel. Rio de Janeiro: Autografia, 2014.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos:* sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência.* Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

RAJEWSKY, Irina. Intermidialidade, intertextualidade e remediação: uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. Tradução Thaïs Flores Nogueira Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis. In: DINIZ, T. F. N. *Intermidialidade e estudos interartes:* desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, n. 1, p. 15-46, 2012.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TEXTOS MULTIMODAIS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRATÉGIAS E MECANISMOS DE ABORDAGEM

Ana Maria Alves de Brito[111]

Francisco Renato Lima[112]

Resumo: No espaço escolar, na maioria das vezes, o ensino da leitura e da escrita de textos se resume na tarefa seletiva de denotar apenas o nível formal da língua, desconsiderando, inclusive, aspectos multimodais, característica inerente às práticas escritas contemporâneas. Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar o tratamento dado na abordagem dos textos multimodais em propostas de atividades para o ensino de leitura e escrita no ensino de Língua Portuguesa (LP). A discussão fundamenta-se em autores que versam sobre o ensino de língua materna (Antunes, 2003; Geraldi, 2011), gêneros textuais (Marcuschi, 2008, 2010), aliados às perspectivas dos Novos Estudos do Letramento (Street, 2014; Kleiman, 1995) e na proposta dos multiletramentos, a partir da leitura de Kalantzis; Cope e Pinheiro (2020), Rojo (2012, 2013), além de Rojo e Barbosa (2015) e Rojo e Moura (2019), entre outros. O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa e exploratória (Minayo, 2013), tendo a observação e a entrevista como instrumentos de coleta de dados. As colaboradoras da pesquisa foram duas professoras de LP, da 3ª série do Ensino Médio, de uma escola pública da rede estadual, em Teresina (PI). O *corpus* se constituiu de um número ilustrativo de atividades. Os dados revelaram que, embora os professores compreendam que os textos multimodais estão presentes em atividades didáticas e que já pertençam a realidade dos alunos, pouco são explorados e validados para o ensino de LP na sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de linguagens. Leitura. Escrita. Textos multimodais. Práticas escolares.

Introdução

Com o avanço das tecnologias, na era das linguagens líquidas, novos textos têm surgido na sociedade. Notadamente, ainda que esses façam parte do cotidiano dos alunos e tenham seu lugar em propostas de atividades nos livros didáticos, as metodologias de abordagem na sala de aula, ainda pouco tem validado sua importância para a formação

[111] Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestra em Letras - Estudos da Linguagem (UFPI). Professora de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação do Piauí (SEDUC-PI). E-mail: aninhabrito0522@gmail.com

[112] Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem (UFPI). Professor Auxiliar (Substituto) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Professor Assistente (substituto) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

leitora e para a ampliação dos horizontes da linguagem e da escrita dos alunos, redimensionando-os a um nível de análise superficial, tanto em seus aspectos linguísticos quanto na compreensão dos sentidos (Antunes, 2003; Geraldi, 2011). No bojo dessas questões, estão algumas reflexões sobre as propostas metodológicas para a abordagem de textos multimodais no ensino de Língua Portuguesa (LP) na sala de aula, dentre elas, o valor atribuído no que se refere a sua constituição e linguagem, que, por muitas vezes, não contemplarem o nível formal da língua, são relegadas a simples atividades sem uma análise aprofundada de seus aspectos linguísticos.

Se para muitos professores utilizar a linguagem coloquial empregada nesses textos é contraditório para o ensino formal da língua, por outro, são esses textos que mais têm facilitado o contato do aluno com diversas linguagens, por pertencem ao universo real da leitura e da escrita em sociedade. Nessa perspectiva, urge refletir sobre sua natureza e abordagem na sala de aula. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar o tratamento dado na abordagem dos gêneros multimodais em propostas de atividades de leitura e escrita para o ensino de LP. Uma vez propostos como atividades no livro didático, esses artefatos têm ofertado novas aberturas para o acesso e interação com outras linguagens e, consequentemente, para o surgimento de novos letramentos (Kalantzis; Cope e Pinheiro, 2020).

Portanto, este estudo se justifica pela importância de lançar um olhar sobre a abordagem do ensino dessas construções linguísticas na escola, as quais surgem a cada dia e se ressignificam como novos textos comunicativos mediados pelas tecnologias digitais e midiáticas. Além de saber como os professores têm trabalhado, investiga-se como sua abordagem tem contribuído para novas perspectivas de leitura e escrita, a partir das atividades propostas nos livros didáticos. Sabendo que, com o avanço das tecnologias, novas práticas de linguagens precisam adentrar no espaço da escola para promover o letramento escolar, não se espera mais que os textos na sala de aula se resumam apenas em textos escritos. É fundamental que os professores deem preferência ao trabalho com textos de novas configurações híbridas, a fim de explorar os mais diversos tipos de linguagens, para que os alunos se apoderem de novas formas de ler e compreender as informações, trazendo novos sentido para sua aprendizagem.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Esse novo *ethos* exige que a escola abra espaço para outros contextos de leitura e de escrita, já incluídos em propostas de atividades no livro didático, a fim de que os alunos possam explorar outras práticas de linguagens que exijam um deslocamento das práticas canônicas realizadas na sala de aula para as práticas vernaculares advindas da sociedade, porque além de conter a escrita, elas acrescentam outras linguagens. Segundo Rojo e Moura (2019), os alunos necessitam encontrar sentido nos usos sociais da leitura e da escrita, e nesse aspecto, a melhor maneira seria pela mediação da realidade dos textos construídos nos contextos sociais, os quais incluem novas formas de linguagens que estão mais sintonizadas com o desejo e com os saberes que os próprios alunos já dominam fora da escola.

Dessa forma, este estudo se justifica pela importância de compreender o tratamento dado à abordagem desses textos, por professores de LP na sala de aula do Ensino Médio, destacando a relevância dessas abordagens como incentivadoras e acolhedoras de diversas linguagens que contribuem para o desenvolvimento da compreensão da leitura e da escrita.

A metodologia de desenvolvimento do estudo seguiu uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório, realizada por meio dos procedimentos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo (Minayo, 2013), a qual teve como contexto para a coleta de dados, uma escola pública da rede estadual do Piauí, localizada na capital, Teresina (PI). Participaram como colaboradoras, duas professoras de LP, lotadas em duas turmas de 3ª série do Ensino Médio. A pesquisa em *locus*, teve duração de dois meses junto às colaboradoras para a coleta dos dados e a constituição do corpus, o qual resultou nos registros da observação participante e da aplicação de uma entrevista realizada em forma de diálogo com as colaboradoras sobre a abordagem das propostas de atividades em sala de aula que contemplam os textos multimodais.

Em face desse percurso, o presente texto, além desta introdução, segue com quatro partes. Inicialmente, traz-se uma contextualização teórica dos principais conceitos abordados; em seguida, apresenta-se os procedimentos metodológicos da pesquisa; depois, os resultados da pesquisa de campo; e, por fim, as considerações finais, com a síntese dos achados no estudo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Tecnologias digitais e gêneros textuais: uma abordagem sobre e para o ensino de Língua Portuguesa

As novas abordagens sobre os letramentos (Street, 2014; Kleiman, 1995), no que se referem às práticas sociais letradas advindas da leitura e da escrita, têm como novo suporte às tecnologias digitais. São novos letramentos construídos a partir da multimodalidade dos textos, em contextos variados, para a realização dos atos comunicativos. Segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 116), são "novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens". Portanto, novas demandas para a comunicação, imprescindíveis em um mundo em que as pessoas, de alguma forma, estão conectadas e compartilhando, constantemente, uma infinidade de informações independente de escolaridade ou classe social, de serem alfabetizadas ou não.

Nesse contexto social, que requer novos modos de ler e escrever e de construir sentidos através de mensagens verbais e não verbais, a constituição dos textos é mista, com várias linguagens em um mesmo artefato que continua a se chamar de texto (Rojo; Moura, 2019). A partir disso, a escola deve compreender que a multimodalidade dos textos tem implicado nas formas de compreensão e interpretação das mensagens, de modo que tem se tornando cada dia mais relevante entender como essas construções estão a favor de novas práticas de linguagens na sociedade. Coscarelli e Kersch (2016, p. 07) ressaltam que, para a leitura desses novos artefatos, é preciso que

> os leitores saibam enveredar pelos inúmeros sites, blogs, propagandas, programas, aplicativos e ambientes de forma a cumprir seu objetivo. Eles precisam compreender os textos, selecionando as informações pertinentes, [...]. Precisam compreender e analisar com profundidade o senso crítico e as informações que encontram.

São práticas de letramentos que os indivíduos precisam dominar para a compreensão dos textos, uma vez que a escrita nos dias atuais não é mais o único artefato para a produção de significados, se complementando com outras formas de linguagens, construídas socialmente com o propósito de estabelecer novas formas de se comunicar e entender o mundo (Kalantzis, Cope e Pinheiro, 2020). Notadamente, "a sociedade na qual

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal [...] produzindo textos para serem lidos pelos nossos sentidos" (Dionisio; Vasconcelos, 2013, p. 19). Além da esfera social, esses tipos de escrita necessitam também, de um lugar na esfera escolar, um lugar que tome, a seu cargo, a abordagem de textos constituidores de novos letramentos urgentes e emergentes na sociedade contemporânea.

No final da década de 1990, o *New London Group* (NLG) (Grupo Nova Londres) (1996)[113] trouxe para a pauta a discussão sobre essa nova forma de constituição dos textos, apontando para o surgimento dos multiletramentos configurados, fortemente, pela multiplicidade semiótica dos textos por meio dos quais a sociedade se informa e se comunica. Carregados de um prefixo "multi", eles abrangem as experiências de uso das tecnologias para a compreensão e a realização de tarefas sociais nas mais diversas esferas, das quais os sujeitos participam dando sentido aos enunciados, exigindo habilidades e capacidades de compreensão do mundo. Rojo (2013) em diálogo com Knobel e Lankshear (2007), aponta para um novo *ethos* que busca a interação e a colaboração dos textos surgidos com as tecnologias e, ao mesmo tempo, mediados por elas em uma perspectiva plural.

No contexto escolar, a forma como os alunos aprendem a leitura e a escrita, para Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 22), "[...] não pode ser mais considerada adequada para atender às necessidades relacionadas às práticas de letramentos atuais". Desse modo, a escola deve buscar a abordagem de novas formas de ensino, propostas a partir de atividades didáticas, que envolvam as tecnologias e que os alunos possam aplicar conhecimentos de forma situada, em consonância com a multiplicidade dos textos multimodais, além dos escritos convencionais.

Por esse viés, é preciso que, principalmente, os professores estejam preparados para essas novas demandas com o fito de criar oportunidades para a inserção de novos letramentos na sala de aula, pois, nota-se que a emergência dos letramentos no ensino de língua, tem sido fundamental para esses novos rumos da educação escolar. São novas demandas que exigem que professores e alunos aprendam a construir e a incorporar novas

[113] Um grupo de pesquisadores sobre letramentos, composto por: Courtney Cazden, Bill Cope, Norman Fairclough, Jim Gee, Mary Kalantzis, Gunther Kress, Allan Luke, Carmen Luke, Sarah Michaels e Martin Nakata.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

formas de linguagens na aprendizagem com textos atrelando com aquilo que, de fato, seja essencial para as experiências de ensino em um mundo conectado.

Esses novos textos provenientes dos espaços contemporâneos de escrita precisam romper com tabus e adentrar o espaço da escola, facilitando e incluindo as tecnologias digitais, de modo a favorecer a aprendizagem de novos letramentos. A escola, como argumenta Pereira (2014, p. 20), deve o quanto antes, abrir espaço para outras formas de leitura, no sentido de que,

> com o universo que envolve a educação, instituições, professores, educadores e alunos, todos estarão sujeitos a mudanças oriundas da convergência digital. [...] a virtualização fará parte do mundo educacional [...] as escolas virtuais serão uma realidade, por uma questão de tempo, espaço, abrangência e custo.

A escola precisa pautar seu trabalho de ensinar baseado na abordagem dos textos que envolvam também, a compreensão cognitiva, despertando o aluno para a capacidade de construir sentidos através de imagens em movimento ou não, com ícones, cores, símbolos, músicas etc. A abordagem desse tipo de texto na sala de aula, seja em linguagem formal ou coloquial, cria links com a realidade dos alunos, aproximando-os da escrita. A democracia de textos na escola é uma forma de corroborar a construção de novos letramentos, discutindo diferentes estéticas e a crítica acerca de valores e de atitudes no que se referem à língua e às linguagens dos alunos. Sobre isso, Rojo (2012, p. 29) afirma que "o trabalho da escola sobre esses alfabetismos estaria voltado para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentido", que construam sua própria aprendizagem.

Quanto à abordagem dos textos na sala de aula, esse processo deve oportunizar aos alunos a compreensão crítica, a análise de novos modos de aprender a ler por diversos mecanismos e transformar suas experiências em novos discursos adequados ao momento do ensino, que se pauta através das tecnologias, requerendo novas configurações como prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico e transformação de saberes por parte de professores e alunos (Rojo, 2012, 2013). Nesse sentido, Coscarelli e Kersch (2016) destacam que é importante abrir a sala de aula para a multiplicidade de formas de comunicação e a diversidade de linguagens. Trabalhar esses

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

aspectos é abrir espaço para novos letramentos que permitam aos alunos a construção e a troca de experiências que vêm ao seu encontro em casa, na escola, na comunidade ou em qualquer ambiente em que alcancem (Kalantzis, Cope e Pinheiro, 2020).

O espaço da sala de aula deve ser de oportunidades que permitam aos alunos o contato com outras variedades de linguagens, com abordagens de diversos tipos de textos, orais e escritos, estáticos e em movimentos. É de suma importância que esses textos, que fazem parte do cotidiano dos alunos, possam ser inseridos como objetos para a construção e a compreensão leitora em sala de aula, levando em consideração os vários sentidos e as leituras que possam ser extraídas desse contexto de textos multimodais, que evocam uma "diversidade cultural e linguística das populações" em suas vivências de linguagens (Rojo; Moura, 2019, p. 20).

São para esses novos letramentos que as tecnologias têm contribuído. São possibilidades de acesso que estão sempre, de alguma forma, associados à "leitura da letra". Street (2014) observa que os letramentos são habilidades que as pessoas devem construir para participarem do mundo social, o que inclui novas práticas que se desenvolvem em um contexto de textos visuais, multifacetados e multimodais. É uma nova perspectiva que vai além da leitura e da escrita, subsidiada pelos canais e modos de se comunicar, por isso, a urgência de pensar o papel da escola em tempos de tecnologias globalizadas. É a oportunidade de construir novas formas de leitura e de escrita em espaços contemporâneos de linguagens, envolvendo, por exemplo, o *continuum* oralidade e escrita nos usos cotidianos (Marcuschi, 2008, 2010).

Para Soares (2002), refletir sobre as novas tecnologias como forma de letramento que se difere do letramento do papel cria um novo espaço de atuação, no qual a leitura e a escrita acontecem com novos objetivos e novas demandas. Dionisio e Vasconcelos (2013, p. 19) apontam que "trazer para o espaço da escola uma diversidade de gêneros textuais em que ocorra uma combinação de recursos semióticos significa promover desenvolvimento neuropsicológico dos aprendizes". Também, para Kleiman (2005, p. 47), são "transformações decorrentes das novas tecnologias de usos da escrita e seus reflexos no homem comum", as quais exercem um papel bastante significativo na comunicação e que, de alguma forma, todos estão conectados com alguma tecnologia, permitindo que,

além da linguagem verbal, se faça a leitura da imagem e construa sentidos na comunicação entre seus pares.

Diante desses avanços no mundo da leitura, da escrita e da cultura dos "multi", mediada por uma infinidade de textos multimodais, pautar a abordagem do trabalho com as linguagens em sala de aula, pelo viés dos textos advindo das tecnologias atuais, é o mínimo que a escola deve buscar para não incorrer no fracasso da formação leitora dos alunos no ambiente escolar (Rojo; Moura, 2019). Portanto, é na perspectiva de como se dá a abordagem desses textos, em suas estratégias, mecanismos e propostas de atividades na sala de aula, que este estudo procura encontrar evidências de como esses textos são capazes de contribuir com novas habilidades de leitura e de escrita de alunos no Ensino Médio.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

Para este estudo, seguiu-se os procedimentos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e de cunho exploratório, por ser do tipo que, segundo Minayo (2013), responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Pra tanto, o local escolhido para a coleta dos dados foi uma escola pública da rede estadual, localizada na cidade de Teresina (PI) e que oferta a modalidade de Ensino Médio em Tempo Integral (TI). Participaram, como colaboradoras, duas (02) professoras de LP, que ministram seis aulas semanais em duas turmas de 3ª série do Ensino Médio. A coleta das respostas, em forma de diálogos, ocorreu por meio de gravações, utilizando-se de um aparelho de celular, para posterior transcrição e análise. O trabalho de campo teve duração de dois meses, entre março e abril de 2024, tempo em que foram aplicadas as técnicas para a coleta dos dados.

Utilizou-se, como uma das técnicas, a observação não participante, que teve por motivação coletar registros escritos durante a aplicação das atividades propostas no livro didático utilizado pelas docentes. Tais registros serviram como bases para reforçar as análises. Ainda como técnica, aplicou-se uma entrevista semiestruturada, em forma de

diálogo com as colaboradoras. Por questões éticas[114] e a fim de não as identificar, na descrição e análises seguintes, decidiu-se representá-las pelos códigos: 'Colaboradora (C01) LP' e 'Colaboradora (C02) LP'. A título de breve caracterização de seus perfis, destaca-se que C01 tem 35 anos de idade e C02 tem 42 anos de idade. Ambas com mais de uma década de experiência docente. Para a entrevista, selecionou-se quatro (04) questões que contemplaram o objetivo do estudo e o trabalho das professoras, quanto à abordagem dos textos em propostas de atividades do livro didático na sala de aula. Assim, as questões foram divididas em duas categorias, a saber:

Na primeira: explorou-se duas questões sobre o trabalho com abordagem dos textos.

01) Como você aborda os textos multimodais contidos em propostas de atividades no livro didático?

02) Quais aspectos dos textos mais recebem enfoques de análise?

Na segunda: selecionou-se duas questões sobre a importância dos textos para a leitura e a escrita.

03) Como a linguagem dos textos multimodais tem contribuído para a leitura e a escrita dos alunos na sala de aula?

04) Qual importância da leitura dos textos multimodais para o aprimoramento da escrita?

A partir dessa coleta dos dados, constitui-se um *corpus*, o qual foi analisado a partir de uma perspectiva crítico-interpretativista (Schultze, 2000), pondo em diálogo as bases teóricas e as configurações contextuais em que as práticas docentes ocorrem.

O texto multimodal no ensino de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa (LP): percepções das professoras

[114] Nessa etapa foi solicitada a autorização para a realização da entrevista, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As duas docentes entrevistadas tomaram conhecimento dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos de análise e divulgação dos dados. O documento encontra-se em posse dos pesquisadores, a fim de garantir a credibilidade da pesquisa, perante o universo acadêmico.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Neste tópico, apresenta-se as percepções das professoras, acerca do trabalho com o texto multimodal em sala de aula. O tratamento dos dados foi feito através da identificação, em suas falas, de elementos que permitem a análise de conteúdos relevantes à construção de categorias que atendam aos objetivos do estudo. Desse modo, elegeu-se as seguintes: i) práticas de abordagem dos textos na sala de aula; e ii) importância dos textos multimodais em propostas de atividades no livro didático para ensino da leitura e a escrita.

Apresenta-se, inicialmente, uma análise geral dos dados obtidos com as respostas das colaboradoras, coletados na entrevista, reforçados pelos registros feitos durante as observações na sala de aula. De acordo com os dados levantados, observa-se que a prática se difere, sutilmente, em alguns pontos, do discurso das colaboradoras. Nas respostas da primeira questão da entrevista, questionadas sobre como abordam os textos em propostas de atividades no livro didático, as mesmas afirmaram que adotam a perspectiva da diversidade de linguagens, da relação entre norma coloquial e culta ou "norma-padrão"[115] e, em específico, enfocando o uso do *"internetes"*[116], advertindo os alunos sobre os ambientes de escrita dos textos. Para C01 LP,

> *a abordagem desses textos é sempre feita com a proposta do aluno entender que, além da norma culta, há outras formas de escrita que ele pode usar em diversas situações de linguagem. Apesar da escrita diferir, em alguns textos, da norma culta, eles ajudam os alunos a construírem sentidos a partir de outras leituras da realidade.*

Observa-se que a resposta de C01 LP, apresenta uma certa preocupação com a abordagem desses tipos de textos, principalmente, com relação à linguagem, advertindo os alunos quanto ao tipo de escrita que eles apresentam e sempre uma preocupação em evidenciar as diferenças em relação à norma culta. Ao que parece é que todos os alunos dominam a norma padrão, podendo fazer outras escolhas, o que aparenta ser o contrário. Apesar do estudo explorar os usos e as ocorrência dos textos em seus contextos de leitura, escrita e produção, eles poucos são colocados como relevantes para evidenciar e validar outras variedades da língua.

[115] Para uma excelente compreensão sobre esses conceitos, ver Bagno (2013, 2007) e Faraco (2008).

[116] Escrita que, muitas vezes, não respeita as normas gramaticais utilizadas em contextos virtuais, na internet.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Por exemplo, para C02 LP, a afirmativa é de que, "*procuro abordar mais a relação de sentidos entre os elementos visuais e os verbais. Vejo que isso desperta muito a cognição dos alunos para entender o texto no geral, na mensagem que quer repassar*". Observa-se, por essa resposta, a admissão dos textos multimodais como relevante para despertar a cognição sobre os sentidos do texto que, aliando-se a aspectos linguísticos, que possibilitem uma compreensão global do texto e de seu contexto, o que se pode entender, como a coerência textual.

Classificar os textos multimodais como somente carregados de uma linguagem de desvio da língua é, de certa forma, preconceituoso. Cabe ao professor o trabalho de articular, cada vez mais, a relação entre aspectos cognitivos e linguísticos, indo, portanto, "do código para a cognição" como bem ensina Marcuschi (2002), acrescido de Morato (2017, p. 399), quando enfatiza que a interação cognitiva perpassa por uma "lógica "pragmática"". Logo, "a cognição [...], não apenas é concebida em termos de uso e de prática, ela é *situada* e "modelar", isto é, constitui-se como formas e construtos organizados de representação da realidade, contextual e socioculturalmente definidos e ancorados" (Morato, 2017, p. 396).

A partir das declarações de C01 LP e C02 LP, depreende-se que, o ato de abordar os textos multimodais se restringe, apenas, em uma atividade de sentidos para a cognição do aluno (Dionisio; Vasconcelos, 2013). No entanto, antes, os professores precisam entender como esses textos se organizam em linguagem e imagem para mediar uma mensagem, as quais colaboram para o estudo da língua em outras perspectivas de abordagem da língua em sala de aula, que não somente a norma culta. A multimodalidade dos textos amplia e cria novas formas de compreender e interpretar novas práticas de linguagens (Rojo; Moura, 2019). Assim, os professores devem entender a importância das leituras de textos que expressam realidade, isto porque são eles que têm a responsabilidade de passar uma imagem sobre língua para o aluno.

Ao serem questionadas sobre quais aspectos desses textos recebem mais enfoques de análises, as colaboradoras foram categóricas em responder que, na abordagem das atividades, as imagens e a construção dos sentidos são mais evidenciados, declarando que, *na maioria das vezes, as atividades são utilizadas para trabalhar os descritores,*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(propagandas, quadrinhos, foto etc." (C02 LP). Porém, o que se observa é que a língua escrita desses textos, muito embora tenha um valor positivo e absoluto ao denotarem uma relação com a realidade de fala e de escrita, ainda é pouco explorada. Desse modo, considera-se que a abordagem na escola precisa fomentar, o prazer de ler e de argumentar a partir da própria linguagem do aluno com reservas para o uso da norma culta. Talvez, seja o viés motivador para a compreensão da língua. Carregados de significação, os textos multimodais, quando bem explorados abrem novos horizontes de escrita, tornando os alunos em "criadores de sentidos" (Rojo, 2012), com novas formas de ver o mundo (Kalantzis, Cope e Pinheiro, 2020).

Perguntadas às colaboradoras, como a linguagem dos textos multimodais tem contribuído para a leitura e a escrita dos alunos na sala de aula, as respostas se complementam quando se referem ao desenvolvimento e aprimoramento da escrita. C01 LP afirma que, "*as propostas de atividades com textos multimodais conseguem mais envolvimento dos alunos porque eles trabalham a escrita com o auxílio da imagem*". Assim, a escrita se torna uma prática interdisciplinar, pois envolve diversos tipos de textos e promove a reescrita. Comprovadamente, nesses espaços as tecnologias estão a serviço das novas formas de linguagens contribuindo para a aprendizagem dos alunos (Rojo; Barbosa, 2015). Por exemplo, C02 LP pontua que:

> *Em um mundo conectado pelas tecnologias e os alunos sempre estão conectados com ela e acabam aprendendo a escrever de diferentes formas, a usar novo vocabulário. Cabe a escola direcionar para os horizontes da escrita, os espaços apropriados de usar esta ou aquela forma, isso é um pouco complicado porque o aluno precisa diferenciar.*

Considerando que a leitura e a escrita em um mundo que a cada dia desenvolve mais processos tecnológicos para se comunicar é importante reconhecê-los para o aprimoramento da escrita na escola, seja pela leitura e releitura dos textos em diferentes perspectivas, seja na abordagem comparativa da escrita em diversos ambientes sociais. O contato do aluno com o universo de linguagens que envolvem outros elementos, como imagem, gráficos, animações etc., propicia condições de participar de reflexões sobre como a língua acontece no seio social e suas funções para estabelecer a comunicação. Na

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

resposta dada por C01 LP, ela afirma que, "*é uma escrita mais livre, os alunos não ficam receosos em errar, ao contrário de quando se pede um texto dissertativo argumentativo que eles sabem que tem que escrever na norma culta. Então eles escrevem mais*".

A partir do enfoque de C01 LP, salienta-se que a liberdade da escrever a partir da escrita social, cria novas possibilidades de maior participação dos alunos nas atividades escolares, sem impor tipos de escrita como mais importantes, muito embora os professores sempre estejam contrapondo e apontando para os caminhos da escrita na sociedade. Esse movimento, inclusive, promove uma maior participação nas práticas de letramento social (Street, 2014; Kleiman, 1995). Por isso, todo trabalho desenvolvido na escola, referente ao aprimoramento da escrita, sempre deve considerar, primeiramente, uma análise dos textos e sua linguagem nos usos sociais.

Ao questionar as professoras de qual a importância da leitura dos textos multimodais para o aprimoramento da escrita, elas consideram que essa prática tem grande relevância para o aprimoramento da escrita, por apresentar-se de uma maneira que os alunos assimilam o aprendizado escolar, estabelecendo uma relação com o meio social. Entretanto, para C01 LP, "*essa importância da leitura multimodal deve dialogar com diversas formas da língua, principalmente na escola"*. Desse modo, as professoras acreditam que esse tipo de leitura é importante para a escrita, ainda assim, C02 LP chama atenção para o fato de que, *"esses textos são poucos validados em sua relevância para a escrita, porque a escola exige e prioriza a língua dita culta, sem valorizar os textos que o aluno ler e escreve"*. Ou seja, mais uma vez, percebe-se um movimento dúbio: as colaboradoras reconhecem que a abordagem desses textos promove o contato dos alunos com usos reais da língua e que isso pode servir como referência para leituras interdisciplinares na sala de aula, no entanto, por outro lado, a escola, muitas vezes, prioriza a dita "língua culta", desconsiderando maiores possibilidades de exploração de abordagem de textos multimodais, que, às vezes, fogem ao cânone prescritivo pela gramática.

Portanto, ainda que se considere que as colaboradoras têm a consciência da importância da leitura dos textos multimodais como estratégia de abordagem para o aprimoramento da escrita, aparentemente, na observação da prática, essa importância não

é colocada muito evidente. Isso pode ser balanceado/equilibrado pela comparação entre as observações realizadas e nas análises de algumas das respostas das entrevistadas. Na observação participante, por exemplo, poucas foram as vazões dadas ao ensino de textos multimodais na sala de aula em detrimento de textos, como entrevistas, artigos, reportagens, entre outros, com o objetivo de enfocar a norma culta. Nessa proposição, a escola perde a oportunidade de construir novas perspectivas de desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos, por acreditar que somente a norma culta é capaz de construir as bases da formação leitora e para a performance da escrita proficiente dos alunos e o desenvolvimento de novos e "multi" letramentos da vida social.

Considerações finais

Este estudo objetivou analisar o tratamento dado na abordagem dos gêneros multimodais em propostas de atividades de leitura e escrita para o ensino de LP. Para tanto, explorou aspectos da prática de duas docentes de uma escola pública. Esse movimento possibilitou a identificação de algumas questões salutares de serem mencionadas.

Os dados revelaram que, embora os professores compreendam que os textos multimodais estão presentes em atividades didáticas e que já pertençam a realidade dos alunos, pouco são explorados e validados para o ensino de LP na sala de aula. Diante desse cenário, os professores precisam de constantes formações sobre a prática com textos dos espaços contemporâneos de escrita, que ainda encontra muita resistência como artefato para o ensino da leitura e da escrita, ainda que esse ambiente de aula seja on-line. Observou-se, porém, que muitos fatores podem dificultar esse tipo de aprendizagem, a contar das carências de recursos metodológicos tanto para professores quanto pra alunos.

Percebeu-se que, apesar de relativa consciência e intencionalidade quanto à abordagem de textos multimodais em sala de aula, esse processo ainda ocorre ainda muito arraigado à força da tradição gramatical, do prescritivismo e do normativismo. Essa noção, caudatária de um modelo estrutural de língua e linguagem, no geral, considera o texto, apenas em seu aspecto verbal, dificultando assim, maiores possibilidades para uma

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

compreensão e construção de sentidos a partir da diversidade de aspectos multimodais inerente aos textos.

Nisso evidencia-se que a abordagem de textos multimodais em sala de aula transita entre essa certa intencionalidade das professoras e os engessamentos impostos pelos sistemas de ensino, que, como se sabe, ainda são muito resistentes à mudanças e apegados a resultados, por exemplo, de avaliações de larga escala, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que, sobretudo no Ensino Médio, 'engole' o currículo e torna a prática pedagógica bastante direcionada e focada, em sentido 'preparatório' para o vestibular. O risco disso, como se sabe, é criar, junto ao aluno, uma visão de língua e linguagem (e de texto) bastante reduzida, comparada às práticas cotidianas contemporâneas em que os textos se apresentam majoritariamente multimodais.

Desse modo, além da consciência do professor, considera-se o fato de que os livros didáticos hoje, no geral, também trazem indicativos para uma abordagem do texto multimodal, mas, pelos mesmos motivos arrolados no parágrafo anterior, ainda se enfrenta uma 'briga de braço' no tocante ao tratamento dessas questões em sala de aula.

Para mais, vale ressaltar que os resultados aqui expressos são contextualmente situados e limitados ao recorte histórico e cultural, como é previsto em toda pesquisa científica. Diante do objetivo proposto, acredita-se que ele foi alcançado, a partir dos achados de campo. Desse modo, espera-se que os achados e as reflexões feitas constituam pontos de encontro com outras anteriores, inclusive com as reflexões teóricas aqui citadas e com as quais dialogou-se nas análises, e que também, novos estudos possam ser realizados, nessa contínua perspectiva de aprofundar e melhor conhecer contextos e práticas de ensino de LP, que explorem (ou não) os textos multimodais.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português*: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

COSCARELLI, Carla Viana; KERSCH, Dorotea Frank. Pedagogia dos multiletramentos: alunos conectados? Novas escolas + Novos professores. *In*: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). *Multiletramentos e*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas: Pontes, 2016. p. 07-14.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta*: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. *In*: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Múltiplas linguagens para o Ensino Médio*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 19-42.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 39-46.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. *Letramentos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2020.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: Cefiel – Unicamp, MEC, 2005.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. *A New Literacies Sampler*. New York: Peter Lang, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 09-29.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

MORATO, Edwiges Maria. Linguística Textual e Cognição. *In*: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (Orgs.). *Linguística Textual*: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017. p. 394-430.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. *Harvard Educational Review*, Harvard, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996. Disponível em: https://newarcproject.pbworks.com/f/Pedagogy+of+Multiliteracies_New+London+Group.pdf. Acesso em: 03 set. 2023.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. *In*: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital*: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2014. p. 13-24.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. *In*: ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conect@d@*: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. (Orgs.) *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias e linguagens*. São Paulo: Parábola, 2019.

SCHULTZE, Ulrike. A confessional account of an ethnography about knowledge work. *MIS Quarterly*, v. 24, n. 1, p. 03-41, mar. 2000.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ESCREVIVÊNCIA: AS CONFISSÕES DE ADAH POR BUCHI EMECHETA

Roquilene Batista de Jesus[1]

Elizabeth Gonzaga Lima[2]

Resumo: O conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo (2020) apresenta por meio da escrita as experiências cotidianas e reflete sobre o sentimento de revisitar as memórias individuais e coletivas reelaborando outros modos de existir. Neste sentido o romance *Cidadã de segunda classe* de Buchi Emecheta (2018) elabora o desejo da personagem Adah em tornar-se escritora como forma de expressar suas confissões e buscar pela escrita a liberdade e a independência feminina. A protagonista se utiliza da escrevivência como ferramenta de superação para confrontar o processo de opressão que experimentava. A autora do romance apresenta reflexões sobre como que a escrita pode flagrar nuances da vida cotidiana e ressignificar o sentido da própria existência. Dessa maneira, o objetivo do trabalho é analisar de que modo o uso da escrita íntima se expande, reverberando na coletividade e construindo pensamentos que denunciam e confrontam as questões sociais relacionadas à classe, raça e gênero. A base teórica será desenvolvida a partir das reflexões de Conceição Evaristo (2020), para o conceito de escrevivência, Chimamanda Adichie (2017) sobre educação feminina, Stuart Hall (2008), acerca das questões de identidade e Oyerónké Oyewùmí (2020) sobre gênero. Esse estudo pretende contribuir com as discussões acerca do uso da escrita como instrumento para fortalecer a autonomia feminina.

Palavras-chave: Escrevivência. mulher. Confissões. escrita feminina

Introdução

No intuito de produzir diálogos de emancipação feminina, a narrativa de Buchi Emecheta (2018), em *Cidadã de segunda classe*, destaca a personagem Adah, uma mulher nascida na Nigéria, que cresce orientada pelos costumes da etnia igbo. A trajetória desta protagonista gira em torno do seu anseio de tornar-se escritora. Na perspectiva de confrontar o cotidiano de opressão vivenciado pela mulher numa sociedade instituída pela estrutura patriarcal, Adah se apresenta insubmissa e disposta pensar modos de buscar a liberdade.

No cenário caracterizado por uma sociedade regida pela relação dominadora do patriarcado, onde os meninos eram incentivados a estudar enquanto as meninas orientadas apenas a cuidar dos afazeres da casa, a personagem Adah demonstra desde cedo suas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

inquietações ao buscar incessantemente outras condições para sua vida. Com o passar do tempo, vislumbra na educação uma possibilidade de romper com a estrutura opressora do patriarcalismo. É importante destacar que embora as condições socioculturais não fossem favoráveis à sua vontade, a protagonista persiste no sonho de emancipação, além de comunicar um desejo íntimo que perpassa pela coletividade.

A protagonista de Emecheta (2018), reflete sobre o desejo de conhecer a si mesma e a partir disso provocar a desconstrução do pensamento dominante do patriarcado que formula uma memória social ao oprimir o comportamento feminino. Assim, por meio do desejo pela escrita, Adah busca obter esse autoconhecimento e afirmar pertencimento. No propósito de escrever para acessar inquietações e reelaborar experiências, a personagem explora o seu lugar de vida e comunga suas vivências diárias: “E então seu velho sonho se apresentou de estalo. Por que não tentar escrever? Sempre desejara escrever. Por que não?” (Emecheta,2018, p.234).

De acordo com a escritora Conceição Evaristo (2020) transferir para a escrita o modo como observa o seu entorno é conseguir expressar o entendimento da vida e criar modos de suportar a realidade. Sob tal perspectiva, o conceito de escrevivência se apresenta como instrumento que propõe abordar relatos de experiências silenciadas e refletir sobre as especificidades de pessoas que sofrem os impactos do lugar de exclusão: [...]os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (Evaristo, 2007, p.25).

Ao constatar ainda na infância que a condição de ser mulher na Nigéria da década de 1960 representava uma condição inferior, a protagonista Adah contesta tal posição, principalmente por não entender quais seriam os motivos de não poder ser matriculada na escola como seu irmão, e assim manifesta seu primeiro gesto de insubmissão fugindo para o ambiente escolar sem o consentimento dos pais, situação que atribuiu a ela ainda mais certeza da direção que buscava e que suas confissões de vida seriam dissipadas pela escrita: “ [...]lhe deu um pedaço de seu lápis e Adah começou a rabiscar e não parou mais”

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(Emecheta, 2018, p.16).

A protagonista do romance, a jovem Adah, ao longo de sua trajetória, apresenta por meio da escrita suas percepções sobre a vida, buscando diálogos que reivindicam a posição da mulher na sociedade, principalmente no anseio de ressignificar o passado de silenciamento. Sua voz representa o seu olhar sobre o mundo na perspectiva de confrontar a estrutura dominante e assim ecoar ideias que possam construir pensamentos capazes de afirmar pertencimento para que as futuras gerações vivam a liberdade.

O escreviver de Adah

> Não conhecia ninguém no mundo editorial, não sabia se conseguiria datilografar tudo aquilo. Era tão enorme, aquele manuscrito... As palavras, simples, nem um pouco sofisticadas, brotavam de sua mente. Ela escrevera aquilo como se houvesse alguém falando, falando depressa, alguém que nunca mais ia parar de falar. E agora Bill dizia que o texto era bom, ela que datilografasse tudo (Emecheta;2018, p.240).

Na trajetória de vida da protagonista Adah o seu maior desafio era lutar contra a opressão cultural que estruturada pelo patriarcalismo limitava a autonomia da mulher. Nas inquietações da infância, ansiava se tornar uma contadora de história, inspirada por ouvir as inúmeras narrativas das mulheres mais velhas de sua família. A força da oralidade estava presente nas comunidades africanas e com sentimento de poder narrar suas próprias percepções de mundo, a protagonista entende a importância de sua voz e segue na insistência pela oportunidade de estudar.

Na compreensão de Adah, o acesso ao espaço da escola seria a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e assim materializar seu desejo de provocar rupturas no sistema que condicionava o feminino à submissão. Circunstância que permitia refletir sobre a possibilidade de traduzir sua voz para a escrita, no compromisso de argumentar as demandas que refletem a coletividade. Assim, nas produções que elabora a personagem não está limitada apenas a transmitir suas inquietações pessoais, mas reivindicar toda violação sofrida por seus pares.

Conforme Evaristo (2020), a escrevivência é marcada por capturar as palavras com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

maior proximidade da realidade, ou seja, é um modelo de produção literária que transmite a expressão das sensações que são proferidas no cotidiano: “A oralidade prepara o escreviver” (Evaristo,2020, p.61). Sendo assim, é uma escrita que se desenvolve sem formalidades ou conotações eruditas, mas se utiliza da linguagem popular. Na perspectiva de confrontar as limitações socioculturais e reverberar seu pensamento acerca das opressões que experimentava, a personagem manifesta suas confissões escrevendo. A escrita de Adah reflete sobre as nuances de sua própria vida e as indagações que busca fazer em relação ao ambiente que vive e os impactos enfrentados socialmente.

Apesar de todo empenho em investir na sua própria educação, contrariando a tradição e os costumes de sua comunidade a personagem se descobre escritora na dor, e faz uso da ferramenta para denunciar o abuso sofrido no casamento e projetar um futuro diferente para seus filhos: “Adah depositava nela tudo o que faltava em seu casamento. Ao escrever se desligava de tudo o mais, exceto das crianças” (Emecheta,2018,239). A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2017), nas discussões acerca da educação feminina, aponta a importância em orientar as crianças sobre formas de argumentar sua posição no mundo e combater os impactos causados socialmente pela estrutura dominante: “Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial” (Adichie,2017, p. 12).

Assim, a personagem Adah, ao confrontar as violências domésticas e o abandono paterno, assume o compromisso de educar seus filhos. Pensando em uma educação transformadora que fosse possível romper a dominação, a fim de conquistar a liberdade para expressar seus desejos e acessar caminhos de uma vida mais independente. Sobretudo a preocupação da protagonista com a educação familiar não se restringia apenas as meninas, pois compreendia a responsabilidade em propagar um pensamento diferente também para os meninos: “Meus filhos vão aprender a tratar as esposas como gente, como indivíduos. Minhas filhas... Deus que me ajude, ninguém vai pagar nenhum dote por elas” (Emecheta,2018, p.175).

No decorrer de toda a narrativa, observa-se as discrepâncias que a sociedade historicamente desenvolve em relação a posição do gênero, ao

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

instituir diferentes modos de definir limites e controlar as mulheres: “Para Francis, uma mulher era um ser humano de segunda classe” (Emecheta,2018, p.239). Conforme a socióloga nigeriana Oyérónke Oyéwumí (2020), o reflexo estrutural que ocasiona a exclusão feminina seria um legado colonial, pontuando que a ausência das mulheres no ambiente escolar era determinante para inferioridade do gênero, pois abarcava múltiplas possibilidades de opressão. Assim, em um gesto de insubmissão, rompendo os efeitos do discurso dominante, a protagonista Adah busca a todo tempo liberdade por intermédio da educação:

> Quando era pequena e solitária, o desafio fora conseguir estudar, existir vencendo aquilo tudo, sozinha, por conta própria. Alimentara a esperança de que o casamento significasse participar da vida do marido e de que ela participasse da sua. Fizera uma aposta no casamento, tal como quase todo mundo, mas sua aposta fracassara e ela perdera. Agora estava de novo sozinha, com aquele novo desafio - que também incluía seus filhos. Ia conseguir viver, sobreviver para existir vencendo aquilo tudo (Emecheta, 2018, p. 218).

Na concepção de Adah, a escrita se apresenta como ferramenta de afirmação de sua existência, ao escrever assume a responsabilidade de ser quem desejava ser, encontra na escrita a possiblidade de ter e dar voz a outras que comungam de histórias parecidas. Conforme Evaristo (2017), a construção de uma narrativa que reflete sobre as cenas do cotidiano reelabora marcas de uma memória particular e que, consequentemente, acessa a memória coletiva. São memórias que transitam pela construção da identidade dessa mulher que visa propagar novas formas de viver: “[...] e foi assim que Adah avançou para a liberdade, com nada além de quatro bebês, um emprego novo e uma caixa de trapos” (Emecheta,2008, p.246).

Segundo Stuart Hall (2008), quando o indivíduo reconhece e manifesta a constituição de sua identidade estabelece um movimento de autoridade sobre sua presença no mundo. Adah compreendia que suas experiências e as mazelas diárias que enfrentava estava para além de sua própria vida, por isso decide elaborar discussões absorvidas pela sua condição de ser mulher numa sociedade constituída pelo domínio patriarcal. Na perspectiva de reagir ao sistema de imposição, a protagonista se utiliza da palavra escrita

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

como ponto de partida para fortalecer e garantir seu lugar de pertencimento. Nas anotações de seus cadernos, nos quais narrava suas labutas diárias, desenvolve um pensamento sobre o seu olhar diante do mundo, e assim busca fazer indagações e ressignificar sua existência.

A protagonista Adah, além de almejar propagar um futuro de emancipação para suas filhas, reflete sobre o passado narrado por mulheres de sua família, compreendendo a importância em denunciar as opressões e discutir o apagamento dessas vozes. Ademais, observa que seu modo de pensar e de entender-se no mundo se desenvolve nas rodas de conversas em sua comunidade, onde as mulheres idôneas transmitiam ensinamentos e aconselhavam as mais jovens. Portanto, ao escrever, Adah pensa reparar esse lugar e instigar opensamento de tantas outras mulheres.

De acordo com Evaristo (2020), a escrevivência faz relatos de memórias onde conta e produz um novo curso para a narrativa a partir do olhar da experiência. Nesse sentido, é primordial entender que a palavra escrita materializa o que historicamente esteve em silêncio, assim considera fundamental que mulheres como ela que estiveram sempre em lugar de exclusão e inferioridade possam assumir protagonismo e elaborar pensamentos a partir do reconhecimento de si e de suas vivências: “A escrita nasceu para mim como a procura do entendimento da vida” (Evaristo,2020, p.34).

A escrevivência, segundo Evaristo (2020), são produções que não estão limitadas às percepções momentâneas de quem escreve ou que almeje um acalento interior, sendo assim, a escrevivência está marcada pela possibilidade de fomentar uma narrativa expandida do ser mulher, surge da expressão de uma subjetividade que reflete sobre outras existências. A trajetória de Adah transita entre as inquietações do passado, quando lhe é negado o direto aos estudos, sendo julgada diante de uma sociedade que oprime mulheres, e posteriormente o reflexo dos insultos de um marido abusador, que nega a capacidade da esposa em torna-se escritora, fazendo provocações na tentativa de reduzi-la apenas às atividades domésticas.

Entretanto, a protagonista estava convicta de seu compromisso em reverberar ações que pudessem contribuir com a ampliação da voz feminina, assim faria uso da escrita

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

como instrumento para reelaborar o sentido da vida, principalmente diante dos impactos sofridos, da repressão que a todo tempo experimentava e o desejo das mudanças que projetava para suas filhas. Evaristo (2020) considera a escrita da vida uma possibilidade de acesso a uma memória ancestral, fato que celebra a identificação pessoal do sujeito criando reconhecimento e pertencimento. Nessa perspectiva, a personagem Adah, ao escrever, imprimia sua realidade e criava formas de tornar-se, e assim buscava estabelecer sua própria identidade como ato de poder.

María Lugones (2020) aponta sobre a necessidade de provocar discussões que denunciem a opressão sofrida por parte do pensamento feminino, indagando sobre os modos como o patriarcalismo exerce controle social que opera como instrumento de dominação no intuito de retirar a mulher do lugar social e político. A mulher se transforma no instante que toma consciência da sua capacidade de construir mecanismos de luta e resistência. Observa-se que embora a escrita fosse capaz de criar uma relação de autonomia para Adah, a postura dominante do patriarcado tentava a todo tempo invalidar seu conhecimento e sua capacidade de conceder autoridade:

> Agora Francis estava com aquele sorriso nauseante no rosto, e Adah pressentiu que estava orgulhoso de algum feito heroico. Quando ele apanhou a última folha ela viu, entre os papéis amassados, a capa alaranjada de um dos cadernos de exercícios onde escrevera sua história, e a realidade explodiu em sua mente. Francis estava queimando sua história; já queimara toda ela. A história na qual estava apoiando seu sonho de tornar uma escritora (Emecheta, 2018, p.245).

No entanto, a protagonista sentia que precisava criar espaço para que sua voz pudesse ser ampliada, entendia que escrever era a forma de narrar suas lembranças e desvelar acontecimentos que provocaram apagamentos, consequentemente sua produção seria capaz de construir suas memórias e afirmar novas condições de resgate de sua humanidade. Nesta cena forte e impactante que retrata o cotidiano de muitas mulheres que são violentadas por seus companheiros, Adah atravessa seu estado de maior constrangimento, percebe que ao sentir o cheiro das cinzas do manuscrito de uma escritora, esse homem num gesto aniquilador demonstra seu sentimento machista que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

provê a manutenção e a sensação de posse, contudo a protagonista realiza que o poder de uma mulher que escreve está para além do papel: " Para Adah, aquela foi a gota. Francis era capaz de matar seu filho. Ela podia perdoar tudo o que ele fizera até ali, mas não aquilo" (Emecheta,2018, p.246).

O acesso à escrita sempre esteve no campo do privilégio, especialmente devido ao processo histórico de dominação patriarcal. Adah, desde a infância procurou romper com as normas impostas para a sua classe, subvertendo o esperado ao decidir se tornar escritora. A princípio, a sensação era apenas um desejo incontestável de alguém que buscava uma vida de expressa liberdade, no entanto, para sua surpresa, a notícia da existência de autores nigerianos com reconhecimento internacional consolidou a sua vontade de continuar investindo em seu sonho.

Em 1960, o núcleo de escritores africanos estava restrito aos homens. Na Nigéria, por exemplo, o mais conhecido entre eles era o crítico literário e romancista Chinua Achebe. No entanto, nesse mesmo período, a professora Flora Nwapa, enquanto lecionava, escrevia seu primeiro livro. A publicação ocorreu em 1966, pela editora Heinemann Educational Books, e resultou em tanto sucesso que a escritora foi considerada a primeira mulher nigeriana a fazer parte da lista de autores de literatura inglesa reconhecidos internacionalmente.

A protagonista Adah contesta a oposição do marido sobre sua vontade e faz referência à Flora Nwapa, assim assume um gesto importante de autonomia, pois comprova o reconhecimento da identidade cultural como fator de relevância para seu caminho em busca de pertencimento. Deste modo atribui a responsabilidade de contribuir com mudanças nesse cenário, continuando firme no propósito de sua missão como escritora, considerando indispensável se posicionar no intuito de construir caminhos para consolidar seu pensamento de presenciar a história de seu povo sendo contada a partir do entendimento de si.

Enquanto os amigos da biblioteca onde trabalhava perceberam a genialidade da escrita de Adah e a relevância em divulgá-la, seu marido, Francis, repelia e não conseguia admitir que o trabalho da esposa era potencialmente importante: "[...] se recusar a ler seu

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

livro já era ruim que chegue, mas ele ter chamado o livro de lixo sem tê-lo lido machucava mais ainda, e ele dizer que ela nunca seria escritora porque era negra e porque era mulher era como matar seu espírito" (Emecheta, 2018, p. 243).

O comportamento do marido de Adah era muito conservador, em decorrência da estrutura introjetada do patriarcado. Seu incômodo com o processo de produção escrita da esposa era tamanho que violava o respeito à individualidade e à dignidade humana, o que é marcado pelo momento que ele queima os manuscritos de Adah: "Que papéis são esses, Francis? O que você está queimando? Cartas? Quem escreveu? Francis, o que você está queimando?" (Emecheta, 2018, p. 244).

Ao longo processo histórico das sociedades, seja ocidental ou oriental, o caminho para se tornar uma mulher que escreve passa por muitas barreiras – que são ainda maiores para as mulheres negras. Em se tratando de África, segundo Oyèronké Oyewùmí (2021), há dois processos de inferiorização que marcam as dificuldades dessas figuras galgarem espaço de poder nos quais possam fazer expandir a voz do seu entendimento. A socióloga considera como primeiro obstáculo a racialização, um modo de atribuir distinções a um grupo étnico, no caso, os nativos de comunidades africanas posteriormente colonizado; e o segundo obstáculo é a condição de ser mulher, pois acredita que a experiência da colonização produziu situações que as coloca no lugar que não as pertencia.

No decorrer da obra, Emecheta (2018) provoca questionamentos sobre o discurso patriarcal da valorização feminina apenas ser atribuído ao lugar da maternidade e do cuidado; denotando uma cultura que anula a autonomia da mulher. Enquanto o sentimento de Adah por liberdade era intenso, a personagem era atravessada pela insatisfação em presenciar o comportamento ao qual as mulheres eram submetidas: "[...] ainda estava tentando entender de onde eles tiravam todas as suas leis não escritas" (Emecheta, 2018, p. 17). O pensamento da escritora reflete a necessidade de prover transformações para si e para tantas outras mulheres sujeitas às mesmas condições de subordinação.

Durante todo o percurso da obra, Buchi Emecheta (2018) aborda seu posicionamento sobre a necessidade de a mulher ser inserida nos espaços de autoridade de modo que possa expressar sua autonomia: "[...]havia tantas meninas na família que os meninos cresceram pensando que eram algo especial, criaturas sobre-humanas"

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(Emecheta, 2018, p. 145). A escritora considera a voz feminina como o ponto de partida para o seu desejo por liberdade, pois para a cultura igbo, as mulheres mais velhas, independente de terem uma relação consanguínea, partilhavam de uma interação familiar que disseminava conhecimento.

Após experimentar as dores da imposição patriarcal, Adah, estava certa de que era fundamental tomar uma atitude sobre como promover mudanças no pensamento machista e autoritário exercido nas famílias. A primeira preocupação estava em seus filhos, pois considerava urgente construir um diálogo de promoção de consciência, tanto para as meninas quanto para os meninos, explicita em seu pensamento: "Você não se lembra, ou será que esqueceu, o ditado de nossa gente que diz que um marido e sua esposa sempre constroem um lar para muitas coisas, mas especialmente para discutir?" (Emecheta, 2018, p. 225).

No percurso de produção escrita que tem influência em suas próprias vivências, a protagonista procura elaborar debates para pensar em temas fortes, como a liberdade por meio da educação e o compromisso de politizar seus filhos. Por entender a construção estrutural à qual a sociedade está submetida, evoca indagações que propõem alterar até mesmo o pensamento dos meninos, considerando a importância de criar dispositivos que desconstruam o pensamento machista.

Considerações finais

Em sua trajetória como cidadã de segunda classe, Adah entende que precisa se posicionar, por questão de sobrevivência, numa sociedade que procura restringir sua autonomia. Sua composição literária se baseia em afirmar sua existência, e, para isso, ela acredita que a luta por liberdade não pode ser solitária, mas coletiva. A ativista Lélia González (1984, p. 226), reflete que os efeitos estruturais da sociedade são projetados para que nossa história seja esquecida, portanto, considera emergente consolidar os registros desses modos de vida: "[...] a memória a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade que se estrutura como ficção".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Em concordância com o sonho que a desperta na infância, ao ouvir os contos dos mais velhos da sua família, a nigeriana acredita ter a responsabilidade em comungar da sabedoria narrada pelos antepassados e que a revisitar faz-se necessário para restituir os modos de existência que busca para si e seus filhos. A escritora acredita que o resgate histórico potencializa o lugar de afirmação para futuras gerações e, assim, escreve sobre sua vida pensando em tantas histórias de vida que lhe atravessaram ao longo do tempo.

O processo de resgatar o sentimento de pertencimento está atrelado a uma memória perceptível através das experiências marcadas coletivamente. O conhecimento herdado pela oralidade ultrapassa os requisitos dos padrões instituídos pela sociedade dominante, já que, para os africanos, a tradição oral intensifica a nobreza do viver, pois representa a completude do sujeito: "[...] aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser" (Hampaté Bâ, 2010, p. 189).

Portanto, na concepção dos africanos, a força da palavra direciona as práticas cotidianamente, e, para isso, considera excepcional preservar os conselhos e saberes ancestrais. No entanto, com o passar do tempo, e com as variações interacionais da sociedade que constrói o discurso hegemônico, é necessário considerar de grande relevância captar a manutenção desse conhecimento sem deixar que se perca. Para isso, a protagonista do romance se utiliza da escrita, pois entende que é uma ferramenta que autoriza a palavra falada.

No intuito de legitimar seu pensamento e perpetuar as narrativas de seus antepassados, firmando o propósito de assegurar a representação de seu lugar de vida, a protagonista se propõe a fazer uso da escrita como instrumento de resistência, Adah, sentia a responsabilidade de ser quem desejava ser, entendendo sua capacidade para isso: "Para ela, escrever era como escutar boa música sentimental. Não estava interessada em saber se o livro seria ou não publicado; só lhe importava o fato de ter escrito um livro" (Emecheta, 2018, p. 239).

Segundo Conceição Evaristo (2020a, p. 33), o conceito de escrevivência se manifesta por meio da necessidade de entender a vida, e pela fúria ardente de "[...] passar

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

para o papel uma experiência que não cabia mais em mim". A escrevivência compreende a ação de captar por meio da escrita a naturalidade do cotidiano, uma das marcas do conceito é apropriar-se o mais próximo possível da oralidade, portanto, quando a construção narrativa se desenvolve sem a formalidade linguística, se distanciando da linguagem rebuscada e erudita, constrói caminhos que acessam o espaço de pertença. Na labuta diária, enfrentando todas as formas de discriminação, vivenciando os espaços de exclusão, Adah prosseguiu, crendo que a produção de pensamento também era algo possível para sua realidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: Um manifesto.* Tradução de Denise Bottmann - São Paulo, Editora: Companhia das Letras. 2017.

EMECHETA, Buchi**.** *Cidadã de Segunda Classe.* Tradução de Heloisa Jahn- Porto Alegre, Editora: Dublinense. 2018.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos* In: Constancia Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (org.) Escrevivência: a escrita de nós-reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição, Literatura Negra. *Literatura e Identidades.* Rio de Janeiro: CEAP, 2007. (Cadernos CEAP).

GONZÁLEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.* Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In.Silva, Tomaz, T. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos Culturais. Petrópolis: Vozes. 2008.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In:* KI-ZERBO, Joseph (Ed.). *História geral da África:* metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 53-83.

OYEWÙMÍ, Oyèronké. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.* In: Pensamentos feministas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

hoje perspectivas decoloniais. Org: Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro. Ed. Bazar do Tempo, 2020. P.83-95.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Literatura Amazofuturista: uma leitura crítica do conto "Espelho Quebrado" de Camila Fogase.

Jairo de Araújo Souza[117]
(PPGEL/UNEB)
Sayonara Amaral de Oliveira[118]
(PPGEL/UNEB)

Resumo: Neste trabalho fazemos uma breve análise de um conto amazofuturista intitulado "Espelho Quebrado" de Camila Fogase. Nosso intuito é refletir acerca desta produção literária recente como parte do reconhecimento de transformações importantes que ocorrem no campo da literatura Sci-Fi brasileira do século XXI. Acreditamos que o gênero Amazofuturismo se insere diferencialmente no repertório pertencente a um imaginário histórico acerca de gentes e lugares, os quais foram narrados, constituindo assim uma memória colonizadora sobre uma região, que se convencionou chamar de Amazônia. Além disso, vale ressaltar que o Amazofuturismo está em constante diálogo com as vertentes mais consolidadas da literatura Sci-Fi como Afrofuturismo, o Cyberpunk e o Solarpunk. Acreditamos que uma leitura crítica de histórias Amazofuturistas, permite-nos problematizar a criação dessa produção literária dentro de um cenário de lutas de nossa contemporaneidade, em particular, das lutas dos povos indígenas e, assim, investigar a potência criativa desse gênero, suas tensões e contradições. Este quadro representa um aspecto central do que mobilizamos em nossa pesquisa, a partir de conceitos como Amazonialismo de Gerson Albuquerque, de questões discursivas e dos Estudos Culturais. O gênero Amazofuturismo é também parte integrante de desdobramentos presentes na produção da literatura Sci-Fi brasileira recente, que cada vez mais vem dialogando com outras artes, tanto no mundo digital, quanto nas artes gráficas e visuais, mobilizando assim também, outras formas e modos de produção individual e coletiva em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Amazofuturismo. Amazonialismo. Colonialismo. Discurso. Literatura Sci-Fi.

Introdução

O conto amazofuturista "Espelho Quebrado" de Camila Fogase é nosso ponto de partida para uma breve análise de uma produção literária que acreditamos fazer parte de mudanças importantes recentes no universo da literatura Sci-Fi brasileira. Nossa vinculação ao projeto "Práticas Literárias Pós-Institucionais na Contemporaneidade" nos

[117] Mestrado em Letras (PPGLI-UFAC) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL-UNEB). Possui vínculo ao projeto de pesquisa "Práticas Literárias Pós-Institucionais na Contemporaneidade" (PPGEL-UNEB).

[118] Doutora em Letras (UFBA), professora titular da Universidade do estado da Bahia (UNEB) e desenvolve o projeto de pesquisa "Práticas Literárias Pós-Institucionais na Contemporaneidade" (PPGEL-UNEB).

aproxima da investigação sobre novas forma de produção literária em diálogo com diferentes atividades artísticas, diante das mudanças advindas do mundo digital como um veículos de trocas de experiências e usos de mídias eletrônicas em que escritores de histórias Sci-Fi brasileiros tem produzido e publicado contos e romances dentro de um gênero que chamamos de Amazofuturismo.

O Amazofuturismo surge como parte de uma memória histórica acerca da região norte do Brasil e de um conjunto de imagens, relatos e histórias que agora no século XXI e com o uso de novas tecnologias, reproduz muito dos gêneros do universo Sci-Fi como o Cyberpunk e o Solar punk, mas também problematiza a narrativa de um lugar imaginado historicamente como "idílico", "paradisíaco" a ao mesmo tempo como "infernal", "perigoso" e "atrasado" chamado de Amazônia. Neste trabalho, fazemos uma breve reflexão a partir de um conto amazofuturista como parte do reconhecimento de transformações importantes que ocorrem no campo da literatura Sci-Fi brasileira do século XXI.

Raíra Ybymarã-e-yma.

Em Espelho Quebrado, conto amazofuturista de autoria de Camila Fogase, somos apresentados à Raíra, mulher indígena, liderança do povo *Ybymarã-e'yma*[119] e uma das responsáveis por ter evitado, após uma longa guerra, que suas terras fossem novamente invadidas pelo povo que habita o outro lado do oceano. No passado, os *Ybymarã-e'yma* viveram reféns de uma colonização de um povo estrangeiro que cultivava um Deus único, um passado de trevas, de humilhação, epidemias, escravidão, genocídio e fome; um pesadelo do qual Raíra, e seu povo, não poderiam jamais permitir que se torna-se realidade novamente.

No entanto, a história parecia se repetir, Raíra é convocada por uma liderança do povo além-mar para uma reunião, uma proposta de negócios nada interessante para Raíra e seu povo. A situação é muito tensa já que Raíra acreditava que sua irmã Maiara possuía as habilidades diplomáticas muito mais aprimoradas, em especial, para conversar com

[119] Na mitologia do povo *Guarani*, *Yvy marã e'ỹ* é uma referência ao mito de uma terra onde não haveria fome, guerras ou doenças, uma terra sem males.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

inimigos históricos sempre à espreita, mas desta vez, seria Raíra a encarregada de enfrentar mais este desafio.

Raíra não era de muita conversa, as marcas de uma longa guerra não mais permitiam diplomacia com aqueles que só causaram tormento ao seu povo durante séculos. Apesar disso, um vírus mortal havia sido espalhado em sua terra, muitos já haviam morrido, muitos estavam doentes e, ao que tudo indicava, a cura poderia estar nas mãos deste inimigo histórico, a cura contra um vírus mortal. Curiosamente, o mesmo não acontecia nas terras daqueles que agora lhe ofertavam a cura, uma vacina em troca do que os inimigos de Raíra chamavam de "recursos naturais". Um impasse havia se instaurado, já que Raíra relutava em fazer qualquer tipo de negociação com quem os *Ybymarã-e'yma* não poderiam confiar. Ao passo que o negociador enviado pelo povo do outro lado diz indignado com tanta desconfiança:

Negociador *– Lamentável!*

Raíra *– Se eu invadisse sua terra fria, soltasse um vírus que matasse mais de um milhão da sua população, seria lamentável?*

Negociador *– Nós não fizemos isso.*

Raíra *– Então me responda, por que não há mortes por contaminação do outro lado do oceano?*

Negociador *– Uma fatalidade! O vírus se adaptou ao seu clima. Um dos poucos lugares do mundo onde ainda existe água potável e ar respirável.*

Raíra *– Água! – exclamou. – Essa moeda é mais valiosa que a usada por vocês, não é mesmo?*

Negociador *– Sim algo muito valioso. Seu povo soube poupar recursos sabiamente. Não escondo a admiração pelas guerras que vocês travaram neste continente para combater a destruição de suas riquezas naturais. Queria que meus antecessores tivessem o mesmo pensamento.*

Raíra *– Mas sempre foi fácil não é mesmo? Toda vez que seus recursos esgotaram vocês roubaram de quem ainda tinha. Até que encontraram um povo que não se dobrou às suas vontades.*

A conversa não parece se encaminhar para um acordo. Vendo que aquele encontro muito provavelmente significava mais um golpe contra seu povo, Raíra quebra a tela (espelho) pelo qual se comunicavam virtualmente com outros participantes da negociação

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que se dava em âmbito internacional, partindo-o com um golpe de punho em vários pedaços e diz:

- Vocês nos subestimam. Chamam nossa engenharia de gambiarra, mas somos criativos. Quando uma coisa se quebra, ela se transforma. Quando um espelho se quebra, ele se transforma em uma arma.

Ficava claro que a guerra nunca tinha terminado. Raíra empunha então o que seria um pedaço da tela quebrada, como quem segura uma faca e disfere um golpe no pescoço do negociador.

Em Espelho Quebrado, conhecemos Raíra, uma mulher indígena em uma verdadeira guerra pela sobrevivência de seu povo. Entendemos que a literatura Sci-Fi amazofuturista nos possibilita uma leitura do quanto que este gênero está relacionado aos contextos de colonização que se estendem até nossa atualidade, configurando-se também como uma característica muito recorrente da própria literatura Sci-Fi anglófona e demais expressões deste gênero mundo afora. Assim, as histórias amazofuturistas estão repletas de eventos que nos fazem refletir acerca de eventos históricos, mas também de como as lutas de povos originários se mantém em nossa contemporaneidade, o que possibilita via literatura uma ampliação da visibilidade dessas lutas e de melhores perspectivas para um fortalecimento de modos de vida plurais, que na prática é o que o imperialismo europeu e as nações dos centros capitalistas vem há séculos silenciando, como parte de seus projetos coloniais e genocidas. Portanto, a literatura Sci-Fi amazofuturista dialoga diretamente com nossa história e memória.

Tuíra Kayapó, Nêga Pataxó e as guerras sem fim

Em fevereiro de 1989, na cidade de Altamira no Estado do Pará, acontecia o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingú. Na época se engendrava o projeto de construção da hidrelétrica de *Kararaó* (futura Belo Monte). Durante os dias em que o encontro ocorreu, um dos momentos mais impactantes e símbolo da luta e resistência dos povos indígenas, ficou para *Tuíre Kayapó Mebengokre* ou Tuíra Kayapó, que assim como Raíra, a liderança guerreira de nosso conto “Espelho Quebrado”, foi ao evento como quem vai

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

para uma guerra. Tuíra estava indignada com a iminente inundação das terras de seu povo, os Kayapó, o que traria morte para a flora e a fauna de toda a região e que praticamente significava aniquilar seu modo de vida, sua existência.

Assim como grande parte dos povos indígenas, os Kayapó sempre estabeleceram uma distância segura entre suas aldeias e os rios, até porque sua relação como rio Xingú se difere muito daquela estabelecida pela sociedade não indígena, que é de ver o rio como "recurso natural". Morar distante das margens dos rios se configura em uma lição básica de habitação para os Kayapó, que a chamada sociedade ocidental sempre ignorou, e que também por isso, já sente as consequências, sofrendo com enchentes cada vez mais catastróficas. O livro "Brasil, um construtor de ruínas da jornalista Eliane Brum, faz uma crítica contundente ao descaso das duas últimas duas décadas dos governos brasileiros que tem mantido o país como uma eterna colônia de extração de *commodities* para o exterior.

A construção da hidrelétrica fez acontecer, de forma inédita, a inundação de todo "um mundo", não somente dos Kayapó, mas de uma diversidade imensurável de formas de vida, reconfigurando a geografia da região do Xingú no Pará, naquilo que de modo totalmente equivocado se convencionou chamar de "energia limpa". A hidrelétrica de Kararaó foi construída em nome de um suposto progresso e melhoria de vida para os habitantes do município de Altamira, esse era o discurso oficial do consórcio de empresas e do Estado brasileiro.

Naquele dia, em determinado momento dos debates e negociações, com membros do governo federal e da empresa estatal Eletronorte, Tuíra se levanta, empunha um facão e vai em direção à mesa onde estava o engenheiro José Antônio Muniz Lopes, aponta o facão na direção de Muniz e diz em língua Kayapó: "não precisamos de energia, vocês querem tomar a terra do índio, não interessa o progresso". Enquanto dizia essas palavras, Tuíra encostava o facão no rosto do engenheiro.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: acervo do ISA (Instituto Socioambiental/fotos)

Em 2019, trinta anos depois do registro da foto histórica de Paulo Jares, a hidrelétrica foi inaugurada com o nome de Belo Monte e os Kayapó foram expulsos de seus territórios. Uma das poucas coisas que os Kayapó conseguiram foi evitar que o nome Kararaó, uma palavra em sua língua permanecesse. Ironicamente na língua Kayapó, a palavra *Kararaó* significa um grito de guerra.

Desta forma, entendemos que as histórias amazofuturistas podem abrir espaço para um enfrentamento de questões históricas e coloniais, mas também de uma percepção do quanto a conjuntura atual mantém presente a violência contra os povos indígenas em nosso país. Basta vermos os noticiários para percebermos que ações genocidas seguem em curso alarmante em diferentes regiões do Brasil, não somente na região amazônica. A tragédia mais recente, em uma lista que não para o assassinato na Bahia, da liderança indígena Maria de Fátima Muniz[120], conhecida como Nêga Pataxó, do povo Pataxó Hãe Hã Hãe, a partir de um ataque de fazendeiros com a presença da Polícia Militar do Estado, no município de Potiraguá. Nêga Pataxó foi alvejada por tiros e caiu ao lado de seu irmão ferido também pelas balas. É preciso repudiar a incessante violência genocida do Estado

[120] Nega Pataxó era liderança espiritual e professora com importante atuação junto à juventude e às mulheres indígenas e, com seu irmão, integrava redes de saberes tradicionais de Universidades brasileiras, sendo doutora em Educação por Notório Saber pela UFMG, e o cacique Nailton, doutor por Notório Saber em Comunicação Social pela mesma universidade.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

brasileiro, claramente conivente, neste caso com fazendeiros, diante da matança brutal de lideranças indígenas e quilombolas em todo Brasil, algo que se intensificou ainda mais nos últimos anos. Nesse sentido, a literatura, seja qual for o gênero literário, não está em momento algum desatrelada da realidade material e da conjuntura política e social na qual estamos inseridos. Para indígenas e quilombolas, há uma guerra sem fim instaurada secularmente desde o início das invasões históricas ultramarinas no século XVI.

(Crédito: Reprodução / Redes Sociais)

Portanto, reiteramos que a literatura Sci-Fi brasileira do gênero amazofuturista emerge como mais um espaço de produção literária que se insere em um escopo de amplo debate em torno de questões de nosso colonialismo histórico, de luta pela vida e pelo direito à terra.

Amazofuturismo

O Amazofuturismo é um termo recente para designar um gênero da literatura Sci-Fi brasileira que surge na trilha de outras vertentes desta literatura como o Cyberpunk, Solarpunk, Afrofuturismo, Cyberagreste, Sertãopunk e o Futurismo Indígena, este último, mais consolidado especificamente nas Américas do Norte, e que assim como o Amazofuturismo, nos fornece elementos para uma leitura crítica

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

do gênero Sci-Fi, nos aproximando dos mundos ancestrais ameríndios.

O Amazofuturismo se insere como literatura a um debate de lutas no campo das representações e justiça social; de um modo que não havia sido abordada por este tipo de literatura, até muito recentemente. Muito pelo contrário, tradicionalmente, a literatura Sci-Fi ficou por muito tempo, marcada por narrativas sexistas e racistas. Muitas questões decorrentes, em grande medida, de processos históricos de colonização, exploração e genocídio de povos das Américas e Áfricas; e que hoje se apresentam como parte de movimentos ecológicos, socioambientais, lutas anti-imperialistas e anticoloniais, ou ainda, "contracoloniais", como mais recentemente nos aponta Nêgo Bispo.

No Amazofuturismo se busca fazer um recorte espacial, um lugar imaginado historicamente como Amazônia, e como "palco" de histórias Sci-Fi. Ainda embrionário, como um gênero Sci-Fi brasileiro, o Amazofuturismo é portador de uma estética e proposta de enfrentamento crítico de um imaginário e subjetividades ancoradas em um pensamento colonial, marcadamente em torno do significante "Amazônia", mas muito ainda sem uma problematização discursiva do termo. A definição de Amazofuturismo feita por Rogério Pietro, atualiza em suas palavras, um imaginário histórico de viajantes naturalistas

> O Amazofuturismo nasceu de um conceito estético. As formas e cores da flora e da fauna amazônica, aliadas à beleza natural dos povos indígenas foram a matéria prima que o ilustrador João Queiroz utilizou para dar início a um
>
> movimento cultural que se alastrou, primeiro pelo Brasil, e que aos poucos vai ganhando o mundo. Dos pincéis e tintas, o conceito saltou para as palavras e se consolidou como um subgênero da ficção científica na literatura. (PIETRO, 2021, p.11)

O movimento foi criado pelo designer e artista gráfico brasileiro João Queiroz em 2019 e tem inspirado visualmente a imaginação para o surgimento de uma nova geração de escritores do gênero de literatura Sci-Fi no Brasil como na publicação de **Amazofuturo: histórias Amazofuturistas** (PIETRO, 2021), uma coletânea de contos de

escritores brasileiros. Desta forma, nos propomos a analisar os discursos que se apresentam nas obras Amazofuturistas acerca de gentes e lugares no enfrentamento, por exemplo, de significantes históricos como Amazônia, e o quanto este nome, pode representar uma gama de silêncios históricos construídos juntos a um repertório discursivo, o qual chamamos de Amazonialismo (ALBUQUERQUE, 2016) como um espaço para um tensionamento crítico acerca deste gênero emergente.

O Amazofuturismo se configura também como desdobramento de um outro gênero recente da literatura Sci-Fi, o *Solarpunk*, que retrata mundos em um espectro positivo e utópico, uma harmonia entre a produção, o uso de tecnologias e os espaços existentes nas narrativas. Neste universo, povos ameríndios são protagonistas nas histórias, as narrativas são contadas na perspectiva do "colonizado" histórico. Difere-se do *Cyberpunk*, que costuma trabalhar com narrativas e personagens em cenários distópicos e apocalípticos, como nas obras *Neuromancer* de William Gibson, ou mesmo na obra fílmica *Blade Runner*, adaptada do livro de Phillip K. Dick com cenários sombrios e apocalípticos. Deste modo, o Amazofuturismo, assim como o *Solarpunk*, se caracteriza pela criação e imaginação de mundos utópicos ecotecnológicos.

> [...] Ao contrário do cyberpunk, o solarpunk não possui uma obra cinematográfica que o define. Por ser um movimento artístico recente que tem sua maior força na internet, ele detém um caráter mais colaborativo, com artistas e designers do mundo todo produzindo *concept arts* que refletem a filosofia ecotecnológica e otimista do gênero (RODRIGUES, 2023, p. 46)

Muito do que está sendo produzido e publicado hoje por autores brasileiros tem sido feito de forma independente e via financiamentos coletivos pela internet. Podemos de certa forma, corroborando com Rodrigues acima, que esta seja também uma característica de nossa conjuntura econômica, nas parcerias e colaborações realizadas por diferentes artistas, escritores e designers com interesses em comum pelo gênero da literatura Sci-Fi. Em muitos aspectos, o Amazofuturismo comunga de características tanto do *Solarpunk* quanto do *Cyberpunk*, já que aborda de forma recorrente em suas histórias, a questão colonial e histórica a partir da narrativa de seus personagens.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações gerais

Consideramos importante nesta investigação encontrar de que modo a literatura Sci-Fi brasileira se articula com nossa contemporaneidade, momento histórico de uma "ebulição" cada vez maior de questionamentos diversos acerca do meio-ambiente, catástrofes ambientais acontecendo cada vez com mais frequência em escala planetária, um mundo digital altamente conflituoso adaptado ao capitalismo 24/7, os impactos do uso de inteligência artificial, câmbios de poder geopolítico mundial, guerras e instabilidades políticas cada vez maiores. Nesse sentido, percebemos o quanto gêneros como o Amazofuturismo podem nos propiciar uma experiência de leitura que nos permita adentrar em um campo de enfrentamento de questões históricas, nossa colonialidade, memória e futuros imaginados, para agirmos em nosso tempo presente.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Diário de Pernambuco - **Quem é Nega Pataxó? Indígena assassinada em ataque ao povo Pataxó;** disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/ultimas/2024/01/quem-e-nega-pataxo-indigena-assassinada-em-ataque-ao-povo-pataxo.html acesso em 26/01/2024.

ALBUQUERQUE, **Amazonialismo**. In: ALBUQUERQUE, Gerson; SARRAF-PACHECO, Agenor (Orgs.). Uwa'kürü – Dicionário Analítico. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2016, p. 73-96.

BRUM, Eliane. **Brasil: construtor de ruínas – um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro** / Eliane Brum - Porto Alegra: Arquipélago Editorial, 2019.

ISHII, Raquel Alves. **Narrada, imaginada, encenada e desviante: Amazônia e discurso colonial em relatos de viajantes britânicos no século XIX** / Raquel Alves Ishii; orientadora: Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro. – 2023. 222 f.: il.; 30 cm.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo** / Eni Pulcinelli Orlandi – São Paulo : Cortez Editora ; Campinas, SP Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

PIETRO, Rogério. **Amazofuturo**. Rogério Pietro (Org.). Editora Cyberus. Belém, Pará – 2021.

QUIJANO, Aníbal. **Ensayos em torno a la colonialidade del poder** / Aníbal Quijano : compilado por Walter Mignolo. – 1ª ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Del Signo,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

2019.

RIEDER, John. **Colonialism and the emergence of Science fiction**. Middletown, US: University Press, 2008.

RODRIGUES, Y. S. **Concept design e ficção científica: a criação de personagens nos cenários cyberpunk e solarpunk.** 2023. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"WE BREAK THE PATTERN BEFORE THE PATTERN BREAKS US": a naturalização da violência doméstica na obra *It ends with us* (2016) à luz dos Estudos Feministas

Leticia Jade Carvalho da Costa[121]
Renata Cristina da Cunha[122]

Resumo: O intuito de produções literárias é expor problemáticas socioculturais a fim de elevar a conscientização coletiva acerca dessas situações. Nesse contexto, obras que retratam casos em que mulheres sofrem diferentes formas de violência em relacionamentos afetivos, desempenham um papel crucial, permitindo que analisemos essa condição complexa, que frequentemente é retratada de forma deturpada. Assim sendo, faz-se necessário investigar esses dilemas enfrentados cotidianamente por mulheres, por meio do livro *It ends with us* (2016), escrito pela autora Colleen Hoover. Portanto, este estudo visa responder a seguinte questão: De que maneira a naturalização colabora para a manutenção da violência doméstica em *It ends with us* (2016)? Considerando isso, o objetivo geral desta pesquisa é: Investigar de que maneira a naturalização colabora para a manutenção da violência doméstica em *It ends with us* (2016). Para alcançarmos esse objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, com abordagem qualitativa fundamentada em autoras como Hooks (2000), Minayo (2005), Tyson (2023), Walker (2017), entre outras. No geral, compreendemos que *It ends with us* (2016) não se resume a uma forma de entretenimento, mas sim atua como uma ferramenta que expõe a realidade mantida entre portas fechadas. Nesse sentido, a obra retrata a naturalização da violência doméstica vivida por mulheres em relacionamentos abusivos.

Palavras-chave: Estudos Feministas. Naturalização da Violência. Violência Doméstica. *It ends with us* (2016).

Considerações Iniciais

Esta pesquisa segue os aportes teóricos da Crítica Literária, visto que, esse campo de estudo acredita que as produções humanas refletem experiências e anseios, sendo assim, podemos interpretá-las para obter informações significativas sobre as motivações sociais (Tyson, 2023). Esta área abrange diversas correntes teóricas, tais como

[121] Graduanda de Licenciatura em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).
[122] Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Psicanalítica, Marxista, Feminista, Queer, Afro-Americana, Pós-Colonial, entre outras, que são ferramentas essenciais para a análise literária.

O título desta pesquisa, "We break the pattern before the pattern breaks us"[123], é uma frase dita pela protagonista, Lily Bloom. Optamos por utilizar este trecho como título porque ele representa o fim do ciclo de um relacionamento abusivo que Lily enfrenta. Ao decidir proporcionar uma realidade diferente para sua filha, ela afirma: "[a]nd as hard as this choice is, we break the pattern before the pattern breaks us"[124] (Hoover, 2016, p. 352).

Com o objetivo de aprofundar nossa compreensão da relevância feminina, bem como as adversidades cotidianamente enfrentadas pelas mulheres, utilizamos a perspectiva dos Estudos Feministas. Essa lente teórica, fundamentada no movimento feminista, oferece um aporte para examinar as narrativas literárias e se concentra em analisar as normas e estereótipos que a sociedade impõe em mulheres, assim como avalia o modo que os textos literários refletem as diferenças de gênero (Bonnici e Zolin, 2009).

Uma das problemáticas que a corrente trata é a naturalização da violência. Esse conceito se refere ao fenômeno em que comportamentos violentos ou discriminatórios direcionados às mulheres se tornam tão comuns e aceitos na sociedade patriarcal que são vistos como parte normal da cultura (Santos e Andrade, 2018).

Ademais, é de extrema importância que a opressão feminina, que ocorre frequentemente, seja retratada nas obras literárias, pois isso abre caminho para análises críticas de questões silenciadas, como a violência doméstica. O feminismo contemporâneo iniciou essa discussão, desempenhando um papel crucial na promoção de mudanças na sociedade, visto que, essa problemática passou a ser discutida com mais frequência em diversos âmbitos (Hooks, 2000).

Diante disso, acreditamos que um conceito associado aos Estudos Feministas é fundamental para as discussões propostas posteriormente - violência doméstica. A violência doméstica não se resume apenas a abusos físicos, mas também psicológicos, patrimoniais, sexuais e morais. Contudo, nessa pesquisa abordaremos o conceito violência

[123] "Nós destruímos o padrão antes que o padrão nos destrua" (tradução das pesquisadoras)

[124] "[e] por mais que a escolha seja difícil, nós destruímos o padrão antes que o padrão nos destrua" (tradução das pesquisadoras)

doméstica apenas na perspectiva física, que inclui qualquer agressão física direta (bater, empurrar, chutar, estrangular ou ferimentos físicos) (Pessoa, 2019).

Partindo do princípio de que a Literatura é um espelho que distorce a realidade idealizada da sociedade (Santos e Oliveira, 2001), é o papel dela denunciar situações que apesar de recorrentes são silenciadas, assim, podemos expor a questão da violência doméstica na obra literária *It ends with us* (2016).

Para a realização dessa pesquisa formulamos a seguinte pergunta norteadora: de que maneira a naturalização colabora para a manutenção da violência doméstica em *It ends with us* (2016)? Para responder essa questão, o objetivo geral desse artigo é: investigar de que maneira a naturalização colabora para a manutenção da violência doméstica em *It ends with us* (2016). Para alcançarmos esse objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, com abordagem qualitativa fundamentada em autoras como Hooks (2000), Minayo (2005), Tyson (2023), Walker (2017), entre outras.

No que se refere à estrutura, o artigo está dividido em duas seções, abstendo as considerações iniciais e finais. Na primeira fizemos uma revisão de literatura onde apresentamos as lentes teóricas contempladas na investigação, os Estudos Feministas e o conceito chave para as discussões que pretendemos construir – violência doméstica; na segunda elucidamos a violência doméstica na perspectiva física vivida por Lily Bloom e apresentamos como e porque a protagonista, Lily Bloom, rompe o ciclo de violência doméstica, no final da obra.

1 ESTUDOS FEMINISTAS E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

O feminismo é um movimento social, que se volta para resolver questões complexas relacionadas às discriminações e desigualdades de gênero (Delap, 2020). Contudo, esse movimento não se resume apenas a isso, uma vez que visa compreender problemas relacionados a raça, classes sociais, deficiência e outros fatores que impactam as minorias femininas (Tiburi, 2023). Nesse sentido, o movimento promove uma reflexão crítica sobre as construções sociais que moldam as experiências das mulheres e como essas estruturas afetam a vida cotidiana, o acesso a

oportunidades e a participação plena na sociedade. Esse movimento se divide em quatro ondas, as quais representam cada fase de desenvolvimento do feminismo, baseando-se em questões específicas e desafios de cada época.

A primeira onda ocorreu por volta do final do século XIX e início do século XX, na qual as reivindicações eram o fim de casamento forçado, educação formal, luta pelo direito ao voto e em questões legais (Algós e Andreta, 2017). A segunda onda emergiu na década de 1968, com a publicação do artigo *The Second Feminist Wave* de Martha Weinman Lear (Algós e Andreta, 2017). Essa fase se concentrou em questões mais amplas, incluindo direitos reprodutivos, igualdade no local de trabalho e a crítica às normas sociais tradicionais.

Na década de 1990 se iniciou a terceira onda, a qual além de abranger questões de raça e classe, o feminismo começou a ser institucionalizado nas universidades estadunidenses e europeias (Algós e Andreta, 2017). A quarta onda é um fenômeno mais recente, oriunda do início do século XXI, e envolve "a inclusão de mulheres negras, as da classe trabalhadora, as lésbicas, trans e bissexuais, as com deficiência as não ocidentais e as não cristãs" (Delap, 2020, p. 13), para que assim, todas as mulheres sejam abraçadas por esse movimento. Nesse momento, questões de violência contra a mulher, abusos, igualdade salarial também são tratados.

Os Estudos Feministas, oriundos do movimento feminista e foram cunhados por Kate Millet na sua tese de doutorado, *Sexual politics,* a qual deu origem ao questionamento da doutrinal patriarcal inserida em âmbito acadêmico, bem como oferece aporte para a análise literária (Bonnici e Zolin, 2009).

Assim, "no que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária" Bonnici e Zolin (2009, p. 217). Os Estudos Feministas, ao destacar a importância do contexto e da perspectiva de gênero na análise literária, enriquecem a compreensão das obras e contribuem para uma visão mais abrangente e inclusiva no campo literário.

Destarte, ao abordar essas questões por meio da Literatura, podemos desvelar as complexidades das experiências femininas.pois de acordo com Tyson (2023, p. 79)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"feminist criticism examines the ways in which literature (and other cultural productions) reinforce or undermine the economic, political, social and psychological oppression of women"[125].

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define violência como a utilização intencional de força física ou poder, seja de maneira ameaçadora ou efetiva, direcionada a si mesmo, a outra pessoa, a um grupo ou comunidade, culminando em injúria, morte, prejuízos psicológicos, comprometimento do desenvolvimento ou privação (Krug, et al, 2002). A violência se categoriza em três tipos: intrapessoal (direcionada a si mesmo), coletiva (em larga escala) e interpessoal (entre duas ou mais pessoas) (Krug, et al, 2002).

Portanto, no âmbito da violência interpessoal existe a violência doméstica. Essa é uma questão complexa que demarca agressões (físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais ou morais) que ocorrem dentro do ambiente familiar, frequentemente realizadas por parceiros conjugais ou namorados, contra mulheres (Chiqueto et al, 2021). Esse termo foi designado para descrever atos violentos cometidos por cônjuges contra mulheres, nos quais os agressores justificam suas atitudes como uma correção necessária, mas, na realidade, essa é apenas mais uma maneira de exercer controle e subjugar suas parceiras (Minayo, 2005). No entanto, esse tipo de abuso pode ocorrer não só entre parceiros íntimos, como também entre membros da mesma família, como pais e filhos.

Uma característica marcante da violência doméstica é a imposição de poder, onde um indivíduo busca controlar e dominar o outro por meio do uso de força física, coerção emocional, manipulação financeira ou abuso sexual. Assim como pontua Hooks (2000, p. 61) "Patriarchal violence in the home is based on the belief that it is acceptable for a more powerful individual to control others through various forms of coercive force"[126], deste modo, a sociedade constantemente naturalize essas agressões.

A discussão dessa problemática se iniciou com o movimento feminista contemporâneo, como menciona Hooks (2000). Portanto, a exposição dessa questão tomou grandes proporções, desta forma, deixando de ser um assunto mantido entre portas

[125] "A crítica feminista examina as formas que a Literatura (e outras produções culturais) reforça ou debilita a opressão econômica, política, social e psicológica de mulheres." (tradução das pesquisadoras)
[126] "Violência patriarcal no lar se baseia na crença de que é aceitável que a pessoa mais poderosa controle as outras por meio de várias formas de força coerciva" (tradução das pesquisadoras).

fechadas, como Chiqueto et al (2021, p. 105) mencionam "a violência doméstica e familiar, que antes tratava-se de um problema privado entre o casal ou ainda entre a família, tornou-se um problema social grave(...)". Deste modo, torna-se imprescindível romper a bolha que permeia a violência doméstica, visando a um futuro em que esse problema não seja mais frequente e, idealmente, deixe de existir.

2 "HE HIT ME AND IT FELT LIKE A KISS"[127]

Historicamente, a violência doméstica contra a mulher foi continuamente vista como algo natural, para colocá-las na linha. Essa visão é consoante com Minayo (2005, p. 24), que afirma que "no caso das relações conjugais, a prática cultural do "normal masculino" como a posição do "macho social" apresenta suas atitudes e relações violentas como "atos corretivos". Dessa forma, a naturalização da violência masculina contra a mulher não só reforça a desigualdade de gênero, mas também perpetua um ciclo vicioso de opressão e abuso, legitimado pela cultura e sociedade ao longo do tempo.

A personagem Lily Bloom, demonstra uma profunda internalização da violência, refletindo a complexa interação entre experiências passadas e relacionamentos presentes. Walker (2017) destaca que as crianças expostas à violência doméstica muitas vezes internalizam esses padrões comportamentais, podendo se tornar passivas como as mães ou agressivas como os pais, dependendo das dinâmicas de poder presentes em seu ambiente familiar. Pelo fato de a personagem ter crescido testemunhando violências de seu pai contra sua mãe, é notório a forma que ela naturaliza essa situação em relacionamentos.

> My father is usually pretty cognizant of hitting her where it won't leave a visible bruise. The last thing he probably wants is for people in the town to know what he does to her. I've seen him kick her a few times, choke her, hit her on the back and the stomach, pull her hair. The few times he's hit her on

[127] A frase é retirada da música Ultraviolence de Lana Del Rey. A letra aborda o mergulho profundo em um relacionamento abusivo, onde a eu lírico descreve a confusão entre dor e amor, bem como a dificuldade de reconhecer e escapar dessa situação.

> the face, it's always just been a slap, so the marks wouldn't stay for long[128]. (Hoover, 2016, p. 153)

A normalidade com que a personagem descreve a agressão sofrida por sua mãe reflete a frequência e naturalização da violência doméstica em seu cotidiano. Como apresentado no excerto, Lily detalha em seu diário sem expressar surpresa ou choque, o que evidencia uma familiaridade assustadora com os abusos. Ao evidenciar os métodos que Andrew usava para não deixar marcas visíveis, Lily também aponta a consciência que Jenny possuía sobre a necessidade de esconder as agressões que sofria. Esse trecho destaca como a violência se tornou uma parte integrada na existência de Lily:

> He pulls me against him and starts kissing the top of my head. "I'm so sorry. I just . . . I burned my hand. I panicked. You were laughing and . . . I'm so sorry, it all happened so fast. I didn't mean to push you, Lily, I'm sorry." I don't hear Ryle's voice this time. All I hear is my father's voice. *"I'm sorry, Jenny. It was an accident. I'm so sorry".* "I'm sorry, Lily. It was an accident. I'm so sorry." [129](Hoover, 2016, p. 186)

A referência ao pai de Lily, pedindo desculpas após um episódio de violência, e a semelhança dessa situação com a desculpa de Ryle após seu próprio ato violento, demonstra como Lily está revivendo padrões familiares de violência e desculpas. A mistura de vozes de Andrew e Ryle reforça o turbilhão emocional que a protagonista passa naquele momento.

Sua tendência a minimizar o comportamento de Ryle como um acidente e aceitar suas desculpas reflete sua naturalização da violência e sua relutância em confrontar a

[128]Meu pai normalmente não a acerta onde pode deixar marcas visíveis. A última coisa que deve querer é que as pessoas da cidade descubram que bate na mulher. Já o vi chutá-la algumas vezes, estrangulá-la, golpear suas costas, sua barriga, puxar seu cabelo. Sempre que ele bateu no rosto de minha mãe, foi sempre um tapa, acredito que para minimizar as marcas. (tradução das pesquisadoras)

[129] Ele me puxa para perto e começa a beijar o topo de minha cabeça. — Me desculpe mesmo. Foi só que... Eu queimei minha mão. Entrei em pânico. Você estava rindo e... me desculpe mesmo, Lily, aconteceu muito rápido. Eu não queria te empurrar, Lily, me desculpe. Dessa vez, não escuto a voz de Ryle. Tudo que ouço é a voz de meu pai. "Desculpe, Jenny. Foi um acidente. Me desculpe mesmo". — Desculpe, Lily. Foi um acidente. Me desculpe mesmo. (tradução das pesquisadoras)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

realidade do abuso. Isso é reforçado pela cultura patriarcal, onde "a mulher naturaliza a agressão, pois desde criança foi educada a seguir os padrões postos na sociedade e seu papel de subalternidade em relação aos homens", como discutido por Santos e Andrade (2018, p. 14), ou seja, isso molda as percepções e expectativas das mulheres em relação aos relacionamentos e ao próprio papel na sociedade.

Neste excerto "I want to lash out at him and react like I always wish my mother would have reacted when my father hurt her, but deep down I want to believe that it really was an accident. Ryle isn't like my father. *He's nothing like him*."[130] (Hoover, 2016, p. 188), a naturalização da violência por parte de Lily torna-se evidente na batalha interna que ela trava entre o anseio de reagir de forma agressiva, como sempre almejou que sua mãe fizesse no passado, e o desejo de acreditar que a agressão cometida por Ryle foi um acidente. Portanto, ao relutar em aceitar que Ryle não é semelhante ao seu pai e que sua ação não foi intencional, Lily está, na verdade, minimizando a agressão que sofreu.

Isso se manifesta quando ela tenta justificar o abuso, uma característica comum em relações abusivas. O uso do itálico na última sentença reforça a vontade da personagem de diferenciar seu marido de seu pai, destacando a negação e a esperança de que a violência não se repita. A luta de Lily é um reflexo das dificuldades enfrentadas por muitas vítimas de abuso, que frequentemente oscilam entre a realidade dolorosa e a esperança de mudança, perpetuando um ciclo de justificações e expectativas frustradas.

Ao nutrir sentimentos românticos por Ryle, Lily venda os olhos em relação a violência que sofre. Levando em conta que a personagem acompanhou uma relação violenta durante sua infância, podemos perceber que a personagem naturaliza a violência doméstica. Sua tendência a desculpar ou minimizar a violência reflete uma internalização desses valores patriarcais.

Nesta seara, ao naturalizar a violência doméstica, Lily está cedendo a visão patriarcal enraizada na sociedade que frequentemente naturaliza a ideia de que os homens têm poder e domínio, perpetuando assim uma hierarquia de gênero baseada na violência (Minayo, 2005). Além disso, exemplifica como a naturalização da violência é resultado de

[130] Quero atacá-lo e reagir como sempre quis que minha mãe fizesse quando meu pai lhe batia, mas no fundo quero acreditar que tudo não passou de um acidente. Ryle não é como meu pai. *Ele não é nada parecido com ele*. (tradução das pesquisadoras)

uma complexa interação que destaca a importância de uma análise crítica desses padrões para romper com ciclos de abuso.

De acordo com Leão et al (2017, p. 10) "[a]s mulheres, geralmente, tem extrema dificuldade em identificar o parceiro abusivo. Muitas vezes, este companheiro violento e controlador é capaz de reverter toda uma situação de abuso e colocar a culpa na sua parceira", assim como é notório no excerto a seguir:

> "You fell down the stairs," he says. "You're hurt."
> My eyes meet his. There's concern in them, but also hurt. Anger. He's feeling everything right now, and the only thing I feel is confused.
> I close my eyes again and try to remember why he's angry. Why he's hurt.
> My phone.
> Atlas's number.
> The stairwell.
> I grabbed his shirt.
> He pushed me away.
> "You fell down the stairs."
> But I didn't fall.
> He pushed me. Again.
> That's twice.
> You pushed me, Ryle[131]. (Hoover, 2016, p. 231)

Neste trecho fica evidente a prática do gaslighting, uma forma de manipulação psicológica onde o abusador distorce a realidade para fazer a vítima questionar sua própria percepção e sanidade. O personagem Ryle tenta convencer Lily de que ela caiu das escadas, enquanto ela se lembra claramente de ter sido empurrada por ele. Assim como Vieira et al. (2023, p. 6) descrevem, "[i]sso acontece muitas vezes no ciclo de violência,

[131] — Você caiu da escada — diz ele. — Está machucada. Meus olhos encontram os seus. Há preocupação em seu olhar, mas também mágoa. Raiva. Ele está sentindo tudo, enquanto só consigo ficar confusa. Fecho os olhos de novo e tento lembrar por que ele está zangado, magoado. Meu celular. O número de Atlas. A escada. Agarrei sua camisa. Ele me empurrou. — Você caiu da escada. Mas eu não caí. Ele me empurrou. De novo. É a segunda vez. Você me empurrou, Ryle. (tradução da pesquisadora)

quando o agressor nega, minimiza ou distorce os eventos, levando a vítima a se sentir confusa e desacreditada". A confusão e a tentativa de relembrar a verdade por parte da protagonista ilustram como o gaslighting pode desestabilizar a percepção da vítima, mantendo o controle e o poder nas mãos do abusador.

Além disso, o trecho também revela a complexidade emocional de Lily, que sempre julgou que sua mãe deveria simplesmente sair daquela situação abusiva. No entanto, quando se encontra passando pelo mesmo ciclo de violência, Lily é incapaz de reconhecer claramente os abusos de Ryle devido à manipulação psicológica constante. Esse paralelo entre a percepção anterior de Lily e sua atual realidade reforça a devastadora eficácia do gaslighting, onde a vítima pode se ver presa em um ciclo de confusão e autoquestionamento, incapaz de confiar em sua própria memória e julgamento, assim como é apresentado no seguinte excerto:

> This isn't how this was supposed to be. My whole life, I knew exactly what I'd do if a man ever treated me the way my father treated my mother. It was simple. I would leave and it would never happen again.
> But I didn't leave. And now, here I am with bruises and cuts on my body at the hands of the man who is supposed to love me. At the hands of my own husband.
> And still, I'm trying to justify what happened.
> It was an accident. He thought I was cheating on him. He was hurt and angry and I got in his way.[132] (Hoover, 2016, p. 242)

O trecho evidencia o conflito interno de Lily ao confrontar a realidade de estar em um relacionamento abusivo, contrariando suas convicções anteriores. A personagem sempre acreditou que deixaria imediatamente um homem que a tratasse como seu pai tratava sua mãe, mas agora se vê justificando os abusos de seu próprio marido, Ryle. Essa

[132] As coisas não deveriam ser assim. Durante toda a vida, eu sabia exatamente o que fazer se um homem me tratasse como meu pai tratava minha mãe. Era simples. Eu iria embora, e aquilo nunca mais se repetiria. Mas eu não fui embora. E agora aqui estou: com machucados e cortes pelo corpo, causados pelo homem que deveria me amar. Causados por meu próprio marido. E, ainda assim, tento justificar o que aconteceu. Foi um acidente. Ele achou que estava sendo traído. Estava magoado e zangado, e eu fiquei no caminho. (tradução das pesquisadoras)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

justificação, onde ela atribui os abusos a um acidente e à suspeita infundada de traição, reflete a influência do gaslighting e manipulação psicológica assim como descrito por Leão et al (2017, p. 14) "[n]ota-se que em quase todos os casos de abuso, tanto físico quanto psicológico, as vítimas sentem-se culpadas pelo ato praticado contra elas". Nesse contexto o sentimento de culpa de Lily, comum entre vítimas de abuso, ilustra como os agressores muitas vezes conseguem fazer com que suas vítimas se sintam responsáveis pelos atos violentos cometidos contra elas, perpetuando assim o ciclo de abuso.

Sair do ciclo do abuso não é uma tarefa fácil para as vítimas, conforme Saffioti (2015) destaca a complexidade das relações afetivas e as múltiplas dependências recíprocas envolvidas, pois muitas vezes, as mulheres enfrentam dificuldades em construir sua própria independência e podem estar economicamente dependentes de seus agressores, além das pressões sociais e culturais significativas, como a expectativa da preservação da família, que podem dificultar a decisão de deixar um relacionamento abusivo, independentemente das circunstâncias adversas enfrentadas pela vítima. Tradicionalmente, a sociedade espera que as mulheres se sintam realizadas ao ter um parceiro estável, levando muitas vítimas de violência a permanecerem ou retornarem ao relacionamento na esperança de mudança e arrependimento por parte do parceiro (Vieira et al, 2023).

Marcando um ponto crucial na narrativa da obra *It ends with us* (2016), Lily Bloom decide romper o ciclo de violência doméstica em que vivia. Ao longo da história do livro, os leitores acompanham os conflitos internos que permeiam a protagonista, enquanto enfrenta os traumas do seu passado, os desafios do seu presente e a incerteza do futuro. Chegando ao fim da segunda parte da obra, ocorre o nascimento de sua filha, Emerson, onde a protagonista passa por uma transformação de perspectiva, e reconhece que suas decisões agora têm um impacto direto sobre uma nova vida, fruto de seu relacionamento com Ryle Kincaid.

Ao pedir o divórcio, podemos notar que a protagonista, Lily, atinge um ponto decisivo de transformação em sua jornada pessoal ao decidir romper com o ciclo de violência doméstica que permeou sua vida. Ao ver sua filha nascer, a personagem percebe que suas decisões não são apenas sobre ela mesma ou sobre Ryle, mas têm um impacto direto na vida da criança e na dinâmica familiar que deseja para ela. Deste modo, isso

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

revela não apenas a força de Lily para confrontar seu relacionamento abusivo, mas também sua determinação em criar um ambiente seguro e saudável para Emerson, onde ela possa crescer sem os mesmos traumas que sua mãe enfrentou.

> I don't want her to see him when he loses his temper with me to the point that she no longer recognizes him as her father. Because no matter how many good moments she might share with Ryle throughout her lifetime, I know from experience that it would only be the worst ones that stuck with her.[133] (Hoover, 2016, p. 360)

Fundamentando o medo de sua própria experiência em testemunhar comportamentos violentos em seu lar, Lily expressa o temor pela possibilidade de sua filha passar pela mesma situação. Ela reconhece que, apesar de existirem momentos positivos, são os episódios de abuso que deixam marcas mais profundas. Esse temor reflete a consciência de Lily sobre os impactos emocionais duradouros da violência doméstica, alinhando-se com a ideia de que vítimas de abuso têm maior probabilidade de reproduzir comportamentos violentos ou de serem vulneráveis a novas formas de violência, conforme discutido por cientistas (Saffioti, 2015). Além de que segundo Walker (2017, p. 146) crianças que testemunham violência em suas casas "often develop certain skill deficits, including an inability to deal effectively with confrontation and aggression, and have greater confusion about interpersonal relationships[134]"

Deste modo, reconhecendo que encerrar um padrão prejudicial não é fácil, a protagonista diz o seguinte "[a]nd as hard as this choice is, we break the pattern before the pattern breaks us", pois muitas vezes esses paradigmas estão profundamente enraizados na história pessoal que se tornam ainda mais difíceis de superar. Portanto, com essa fala Lily enfatiza que em vez de permitir que esta situação continue indefinidamente, é necessário interrompê-la, para evitar um resultado mais grave e prejudicial.

[133] Não quero que ela veja o pior lado do pai. Não quero que o veja perder a cabeça comigo e que deixe de reconhecê-lo como seu pai. Porque, por mais que ela tenha bons momentos com Ryle ao longo da vida, sei por experiência própria que só os piores momentos ficariam na memória. (tradução da pesquisadora)
[134] Frequentemente desenvolvem certos déficits de habilidades, incluindo a incapacidade de lidar de forma eficaz com confrontos e agressões, além de terem maior confusão sobre relacionamentos interpessoais.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Devido ao fato de ter testemunhado a violência doméstica contra sua mãe durante a infância, Lily desenvolveu uma profunda aversão a esse tipo de comportamento, o que a levou a temer que sua filha, Emerson, pudesse passar pela mesma situação. Essa experiência a motivou a tomar medidas firmes para romper o ciclo de abuso em sua própria família.

É importante reconhecer que as condições financeiras de Lily, sendo uma empresária, colaboram para sua decisão, porque no mundo real, muitas mulheres não têm essa oportunidade e acabam criando seus filhos nessa situação. A independência financeira de Lily lhe proporciona a segurança e os recursos necessários para tomar decisões difíceis, como se separar de Ryle, algo que muitas mulheres em circunstâncias menos favorecidas não conseguem fazer. Assim, a história de Lily não apenas destaca a importância de romper com ciclos de violência, mas também ilumina as desigualdades sociais que dificultam esse rompimento para muitas outras mulheres.

Considerações Finais

Buscando expor a realidade mantida entre portas fechadas e, por meio da personagem Lily Bloom, dar espaço de escuta às vítimas, identificando as barreiras que impedem a denúncia e a busca por ajuda, nossa pesquisa ilustrou a necessidade de discutir o tema – violência doméstica – no âmbito social. Escolhemos como objeto literário *It ends with us* (2016) de Colleen Hoover, pois nesta obra a naturalização da violência colabora para a manutenção da violência doméstica, retratando Lily minimizando e justificando o comportamento abusivo de seu parceiro Ryle, perpetuando assim um ciclo de abuso ao internalizar e normalizar a violência que ela sofre.

Nesse contexto, relacionamos seus dilemas com conceitos utilizados nos Estudos Feministas. Deste modo, a questão que buscamos responder nesta pesquisa é: de que maneira a naturalização colabora para a manutenção da violência doméstica em *It ends with us* (2016)? Para abordar essa questão, delimitamos o seguinte objetivo geral: investigar de que maneira a naturalização colabora para a manutenção da violência doméstica em *It ends with us* (2016).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nossas análises confirmam que Lily Bloom passa por conflitos cotidianos em *It ends with us* (2016), especialmente em relação à violência doméstica. Para organizar nossa discussão de modo mais didático, investigamos primeiro seus dilemas a nível intrapessoal, ou seja, os conflitos que ela vivencia consigo mesma, e a nível interpessoal, os conflitos que a personagem enfrenta nas relações com outras pessoas. Os conceitos de naturalização da violência e violência doméstica na perspectiva física foram essenciais para compreendermos os dilemas de Lily em ambos os níveis.

A sociedade na qual Lily faz parte, assim como a nossa, é moldada por valores patriarcais, onde a violência contra a mulher é muitas vezes normalizada e aceita. Esse conceito se refere ao fenômeno em que comportamentos violentos ou discriminatórios direcionados às mulheres se tornam tão comuns e aceitos na sociedade patriarcal que são vistos como parte normal da cultura. Lily, tendo crescido em um ambiente onde a violência doméstica era uma realidade constante, internaliza esses comportamentos como normais e enfrenta dificuldades para romper com esse ciclo de abuso em seu próprio relacionamento com Ryle.

Diante deste cenário, concluímos que tanto o objetivo geral quanto a questão norteadora desta pesquisa foram satisfatoriamente alcançados. Recomendamos que futuras investigações considerem *It ends with us* como objeto literário, explorando potencialmente sua adaptação cinematográfica. Além disso, sugerimos que estudos subsequentes analisem as múltiplas formas de violência enfrentadas por Jenny, mãe de Lily, e investiguem os impactos sobre os filhos das vítimas que testemunham tais agressões.

Esperamos que as discussões aqui propostas inspirem mais graduandas a se aprofundarem nesta problemática e que nossa pesquisa seja utilizada como uma fonte de leitura para pesquisadoras que se desafiam nos Estudos Feministas, destacando a violência doméstica, psicológica e outros abusos enfrentados por mulheres. Almejamos que este estudo proporcione uma nova perspectiva, para mulheres sujeitas às mesmas problemáticas abordadas neste trabalho e enriqueça não apenas o entendimento sobre a complexidade dessas questões, mas também as capacite como agentes de mudança, para que possam contribuir com a conscientização e o apoio às vítimas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária*: abordagens históricas e
tendências contemporâneas. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

CHIQUETO, P. M; LAIBIDA, L. D. J., SILVA, S. K. M.. CADÊ O JOSÉ DA PENHA? ENTÃO EU REVIDO! olhar sociológico em autores de violência doméstica no projeto repensando atitudes. **Infinitum**, v. 4, n. 7, 2021.

DELAP, Lucy. *Feminismos*: uma história global. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HOOKS, Bell. *Feminism is for everybody*: passionate politics. South End Press: Cambridge, MA, 2000.

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R.. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LEÃO, B. M., TERRA, J. M, GRECO, V. D., MILCZARSKI, V. L. C. Relacionamento abusivo: o patriarcado e suas influências na atualidade. **Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos**, [S.I.:s.n.], v. 08, p. 1-19, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & saúde coletiva**, v. 10, n. 1, p. 23–26, 2005.

PESSOA, Brenda Morais. **Consequência final do relacionamento abusivo – o feminicídio**, 2019. Disponível em: Consequência Final do Relacionamento Abusivo– O Feminicídio - Âmbito Jurídico - Educação jurídica gratuita e de qualidade (ambitojuridico.com.br). Acesso em: 05 nov. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero patriarcado violência.* 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS C. F. S.; ANDRADE, M. J. E. A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v.1, n. 1, 2018.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa. *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TIBURI: Marcia. *Ferminismos em comum*: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

TYSON, Lois. *Critical Theory Today*: a user-friendly guide. 3. ed. New York: Routledge, 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Vieira, A. C. A., Nascimento, C. P., Jordão, G. B. (2023). A invisibilidade da violência psicológica vivenciada por mulheres vítimas de relacionamento abusivo com parceiro íntimo. **REAL Repositório Institucional**. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/5060. Acesso em: 16 jun. 2024.

WALKER, Leonore E. A. *The battered woman syndrome*. 4th edition. New York: Springer Publishing Company, 2017.

Referência do *corpus* da investigação

HOOVER, Colleen. *It ends with us*. Rockefeller Center: Atria Publishing Group, 2016.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA DOS POVOS INDÍGENAS DA UFOPA

Maria José Carvalho da Conceição Marinho[135]
Regina Célia Fernandez Cruz[136]

Resumo: Este artigo faz parte do projeto de pesquisa em andamento em nível de Dissertação de Mestrado, é financiado com recurso total pelo Edital Nº 001/2023 – CGPRITS/UFOPA, baseado no plano de trabalho da estudante de Pós-Graduação do projeto *Análise da percepção e avaliação da cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA: O desenvolvimento de uma metodologia institucional integrada na elaboração de diretrizes para a construção da política linguística indígena*, coordenado pelas professoras Marília Fernanda Pereira Leite (UFOPA), Regina Célia Fernandez Cruz (UFPA) e Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA). O objetivo principal deste projeto é realizar a avaliação da cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA, acompanhada de uma análise da percepção das variantes do português (OUSHIRO, 2021) falado pelos estudantes indígenas alfabetizados em línguas indígenas. O projeto prevê uma aplicação prática de seus resultados que é contribuir para uma metodologia integrada entre ensino, pesquisa e extensão, na definição das diretrizes que embasarão a construção da política linguística institucional na perspectiva das línguas indígenas da UFOPA. Os dados para a análise da percepção e avaliação da cartografia linguística serão obtidos por meio de oficinas, minicursos e palestras sobre as línguas indígenas voltados para toda a

[135] Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Graduada em Letras Vernáculas (UFPA) e Letras/Inglês Integrado (UFOPA); Pesquisadora da Análise da Percepção e Avaliação da Cartografia Linguística dos Povos Indígenas da UFOPA vinculado com financiamento PEEX-UFOPA e-mail: maryartur.marinho@gmail.com

[136] Professora Titular da Faculdade de Letras da UFPA (Brasil) e Pesquisadora do CNPq Nível 1 (pq-1D). Doutora em Ciências Humanas pela Université d'Aix-Marseille I- França (2000). Coordena projetos de pesquisa na UFPA desde 1992. É membra da equipe internacional AMPER. Foi pesquisadora visitante da New York University (2010-2011) na condição de bolsista CAPES/FULBRIGHT, da Universidade de Aveiro (2009) e de Laboratório de Fonética da University of Cambridge (1997). Recentemente concluiu mais um estágio de pós-doutoramento na UFAL, sob supervisão do Dr. Miguel Oliveria Jr (CNPq). E, é orientadora colaboradora do PPGL (UFOPA) no Mestrado Acadêmico em Letras e-mail: regina@ufpa.br

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

comunidade acadêmica (estudantes não indígenas, técnicos e professores). Espera-se que os resultados obtidos com a execução desse projeto de pesquisa possam promover diretamente a valorização e prestígio das línguas indígenas da UFOPA e contribuir na diminuição do preconceito linguístico do qual o estudante indígena alfabetizado em língua indígena está sujeito no âmbito de sua relação com a comunidade acadêmica não indígena. O trabalho intitulado acima participou em comunicação oral e online no Simpósio 64: PROCESSOS DE PESQUISA E SISTEMATIZAÇÃO DOS SABERES AFROPINDORÂMICOS NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS.

Palavras-chave: Sociolinguística.Cartografia Linguística.Línguas Indígenas da UFOPA.Análise da percepção.avaliação linguística.

Introdução

A UFOPA foi criada pela Lei nº12.085 de 5 de novembro de 2009, é a primeira Instituição Federal de Ensino Superior com sede no interior da Amazônia, no município de Santarém, a terceira maior cidade paraense. Desde 2010 a instituição realiza o Processo Seletivo Especial indígena – PSEI que seleciona candidatos para ocupar as vagas em todos os cursos ofertados pela instituição. Atualmente, o corpo discente indígena da UFOPA é composto por vinte e um (21) povos indígenas que falam cerca de oito (8) línguas originárias. No entanto, a presença institucional das línguas indígenas nos documentos da UFOPA é recente.

Vale ressaltar que a instituição não possui cursos específicos para estudantes indígenas, antes de iniciarem os estudos nos seus cursos de graduação, é ofertada uma formação inicial específica com atividades que envolvem ensino, pesquisa e extensão. A criação desta formação é resultado da consulta pública realizada pela instituição em 2015, em que os estudantes indígenas relataram e apontaram soluções quanto à evasão acadêmica indígena e as políticas necessárias para a criação de um acompanhamento pedagógico específico. Com a portaria que rege o projeto institucional da formação, a UFOPA reconheceu a diversidade linguística e cultural dos estudantes indígenas e a necessidade de aprimorar a política de permanência estudantil para o referido grupo. A formação trata-se de um projeto de emancipação epistêmica (OLIVEIRA; CANDAU,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

2010) pensado a partir da diferença colonial (MIGNOLO, 2020) que se transformou na principal política contracolonial (SANTOS, 2015) de formação acadêmica específica da UFOPA.

Para Candau (2012, p.237) incorporar a perspectiva intercultural nos diferentes âmbitos educativos é necessário para que haja a possibilidade de potencializar os "processos de aprendizagem escolar na perspectiva da garantia a todos/as do direito à educação, teremos que afirmar a urgência de se trabalhar questões relativas ao reconhecimento e à valorização das diferenças culturais nos contextos escolares". Somente com a perspectiva intercultural é possível construir sociedades democráticas capazes de articular políticas de igualdade com políticas de identidade e de reconhecimento da diversidade cultural (LEITE, 2015).

Assim, a necessidade de uma formação acadêmica indígena na UFOPA justifica-se com base nas dificuldades enfrentadas pelas escolas indígenas situadas nas aldeias. A educação escolar indígena enfrentou e enfrenta muitos desafios na luta pela garantia de seu caráter específico, intercultural e diferenciado, conforme determina a constituição de 1988, no que diz respeito a autodeterminação dos povos indígenas quanto aos usos de suas línguas, culturas e projetos de futuro.

Outrossim, de acordo com Morello (2012), o decreto federal nº 7.387 de 09 de dezembro de 2010 trata-se da primeira política linguística pública nacional. Por meio deste decreto foi instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística Brasileira (INDL) sob gestão do Ministério da Cultura. O INDL é um "instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (BRASIL, 2010). Para a autora, a instituição do INDL é um marco histórico no fim do silenciamento provocado pela promoção unicamente da língua portuguesa como língua nacional em todas as instituições de poder e ensino.

Neste sentido, Oushiro (2021) discute a importância dos estudos sobre avaliações e percepções sociolinguísticas para combater o preconceito linguístico e consequentemente, os preconceitos sociais de falantes com identidades sociais

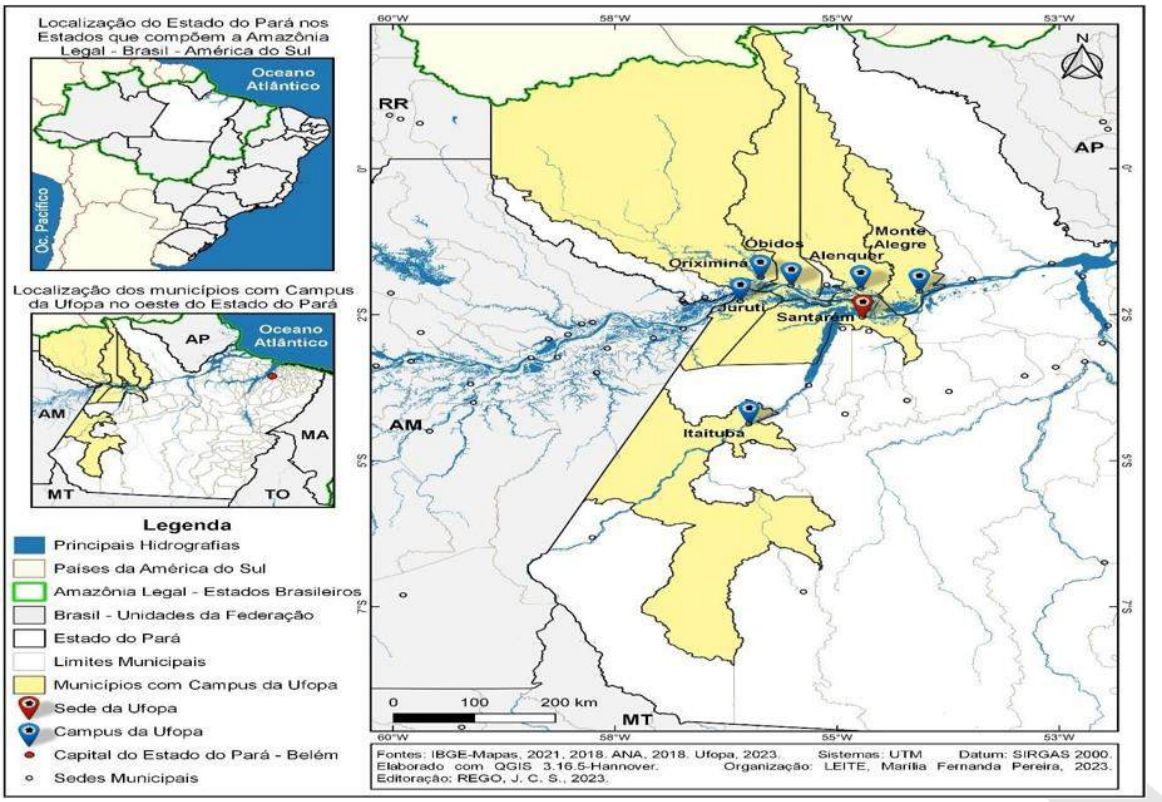
LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

subalternizadas. Neste âmbito, suscita os seguintes questionamentos: Como estudantes não indígenas da UFOPA percebem e avaliam os usos linguísticos de estudantes indígenas? E como os docentes e técnicos da UFOPA percebem e avaliam? Os estudantes indígenas da UFOPA compreendem as avaliações e percepções linguísticas dos grupos que formam a instituição sobre as formas linguísticas em uso deles? Quais preconceitos sociais perpassam o preconceito linguístico que os estudantes indígenas sofrem na UFOPA, com base na análise e percepção dos outros? “Para além de questões dentro da própria teoria sociolinguística, os estudos sobre avaliações e percepções podem contribuir para a compreensão dos mecanismos que levam ao preconceito linguístico” (OUSHIRO, 2021, p.323). Para a autora, o estudo dos significados sociais de variantes e variáveis é uma ferramenta de combate ao preconceito linguístico, podendo ser utilizada como base para o ensino de línguas na perspectiva da diversidade linguística. A partir destes questionamentos a pesquisa busca construir, através de uma metodologia integrada entre ensino, pesquisa e extensão a cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA e por último analisar a percepção e a avaliação da cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA pela comunidade acadêmica no intuito de coibir o preconceito linguístico que é latente no contexto universitário.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



Fonte: Projeto Cartografia das línguas indígenas da UFOPA (2023-2024)

O mapa acima foi criação do grupo de pesquisa Cartografia das línguas indígenas da UFOPA para localizar as cidades que a Universidade Federal do Oeste do Pará compreende e que há a presença de povos indígenas nos mais variados cursos de ensino superior.

Metodologia

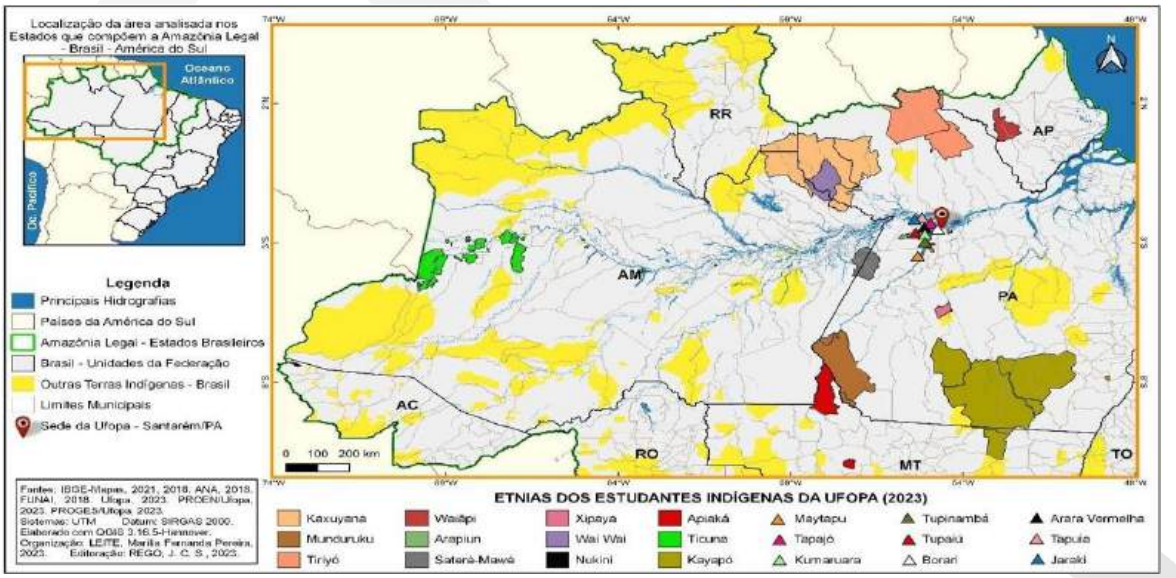
O projeto de pesquisa está dividido em dois momentos baseado no plano de trabalho desenvolvido a partir do projeto da aluna da pós-graduação aprovado no Edital Nº 001/2023 – CGPRITS/UFOPA e aprovado no Comitê de Ética (CONEP) sob o protocolo 745368623.1.0000.071 baseando-se na metodologia da pesquisa-ação (ANDRÉ, 2012), e de estudo de caso etnográfico (EZPELETA; ROCKWELL, 1989) na educação (ANGROSINO, 2009).

Assim, no primeiro momento será realizada a construção da cartografia linguística dos povos indígenas da UfOPA. E, no segundo momento a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

análise da percepção e avaliação da cartografia pela comunidade acadêmica. Neste sentido, a primeira fase é documental onde será realizado a cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA, em seguida será feito um levantamento das línguas faladas pelos indígenas da Instituição.



Fonte: Projeto Cartografia das línguas indígenas da UFOPA (2023-2024)

Neste mapa que também fora criado pelo grupo de pesquisa Projeto Cartografia das línguas indígenas da UFOPA (2023-2024) podemos verificar a presença das etnias presentes na Universidade Federal do Oeste do Pará produto elaborado a partir da cartografia dos povos indígenas e com os dados fornecidos pelas PROGES e PROEN.

Para a análise da percepção e avaliação da cartografia linguística dos povos da UFOPA, serão realizados oficinas, minicursos e palestras sobre as línguas indígenas voltada para toda a comunidade acadêmica (estudantes não indígenas, técnicos e professores) sobre estes métodos no decorrer da implementação dos planos de trabalho do projeto maior é que serão elencados as temáticas sendo que nestes serão aplicados questionários a serem definidos com os participantes e coordenação para avaliar como a comunidade percebe e avalia as variantes do português falado pelos estudantes indígenas alfabetizados em línguas indígenas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Ressalta-se que a participação dos estudantes da graduação e Ensino Médio no projeto contribuirá em muitos âmbitos em seus processos de ensino aprendizagem. Pois, desenvolverão habilidades quanto a importância do trabalho em equipe para o alcance de um objetivo maior. Contribuirão para a construção e fortalecimento de políticas voltadas para a educação escolar indígena e ensino superior indígena. Assim, a pesquisa contribuirá para o início de um diálogo efetivo entre o instituto intercultural da UFOPA, a formação acadêmica indígena e os campi localizados nas cidades de Itaituba e Oriximiná que possuem em seus cursos estudantes indígenas alfabetizados em línguas indígenas.

Resultados e Discussão

As línguas indígenas presentes na UFOPA necessitam de visibilidade e de uma política linguística específica na instituição. Para os estudantes indígenas que foram alfabetizados em línguas indígenas o desenvolvimento da proficiência em língua portuguesa se dá quando saem de suas aldeias para morar na cidade e estudar na UFOPA. Ressalta-se que os estudantes indígenas ingressam na universidade via processo seletivo especial desde 2010, no entanto, as línguas faladas por estes estudantes são negligenciadas e vistas como um "problema". A promoção das línguas indígenas faladas pelos estudantes indígenas deve ser uma política de permanência estudantil.

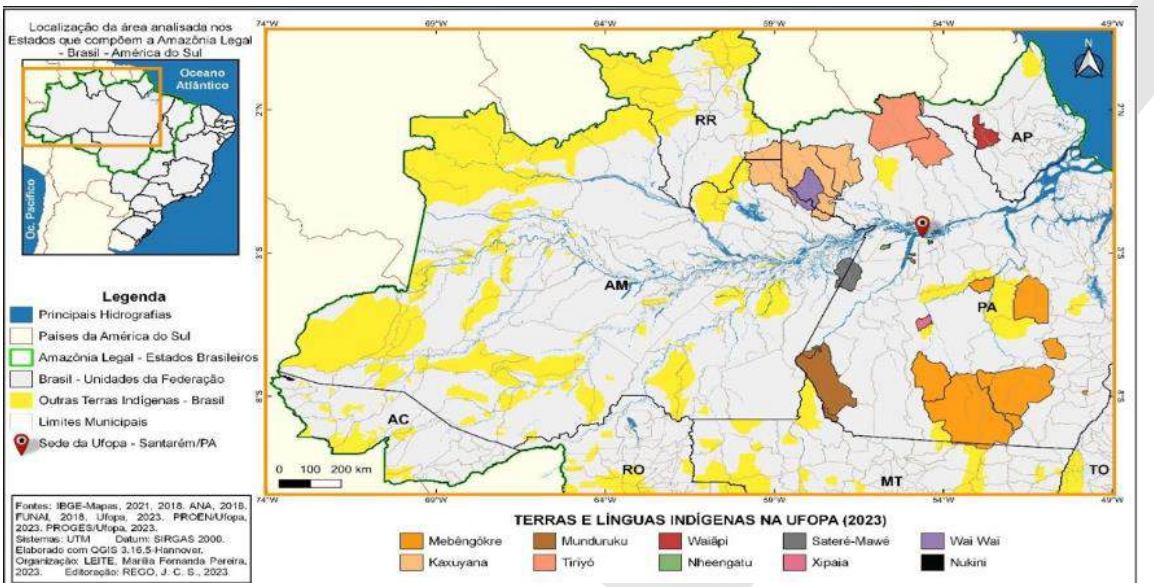
É, pensando nesta perspectiva que a pesquisa seguirá baseado no plano de trabalho da estudante de Pós-Graduação do projeto *Análise da percepção e avaliação da cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA: O desenvolvimento de uma metodologia institucional integrada na elaboração de diretrizes para a construção da política linguística indígena*, aprovado pelo Edital Nº 001/2023 – CGPRITS/UFOPA e com total financiamento da universidade no qual serão desenvolvidos minicursos, oficinas e palestras para a comunidade acadêmica não indígena no intuito de analisar os resultados das atividades realizadas no que diz respeito à percepção e avaliação das variantes do Português falado por estudantes indígenas que foram alfabetizados em línguas indígenas bem como fazer levantamento bibliográfico de estudos voltados sobre avaliação e percepção linguística dentro da área sociolinguística.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Vale ressaltar que toda a pesquisa segue um planejamento/cronograma de acordo com o projeto maior e sendo assim ainda é incipiente dado o início do desenvolvimento dos planos de trabalho e por este motivo os resultados não estão consolidados, mas seguem na perspectiva de promover a valorização e prestígio das línguas indígenas da UFOPA no intuito de diminuir o preconceito linguístico do qual o estudante indígena alfabetizado em língua indígena está sujeito no âmbito de sua relação com a comunidade acadêmica não indígena.

Também, impactar positivamente a situação das línguas indígenas nas universidades federais paraenses ao indicar caminhos para a promoção destas línguas, a educação escolar indígena e as políticas de permanência indígena, por meio de uma metodologia integrada entre ensino, pesquisa e extensão que envolve estudantes indígenas da graduação em três cidades da UFOPA (Santarém, Itaituba e Oriximiná), estudantes do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFOPA, estudantes indígenas do Ensino Médio, professores indígenas dos três territórios etnoeducacionais da área de abrangência da UFOPA e toda a comunidade acadêmica.



Fonte: Projeto Cartografia das línguas indígenas da UFOPA (2023-2024)

O mapa acima elaborado pelo grupo de pesquisa Projeto Cartografia das línguas indígenas da UFOPA (2023-2024) demonstra a versatilidade de línguas faladas e presentes na

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Universidade Federal do Oeste do Pará o que viabiliza a diversidade intercultural e que cartografa bem o que Ailton Krenak fala em seu livro Futuro Ancestral "[...]O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação" (Krenak,2022,p.31). Assim, corroborado com o pensamento de Krenak podemos perceber que o ensino e o uso das línguas indígenas nas comunidades e nas instituições educacionais são uma forma de resistência cultural e de fortalecimento identitário.

Considerações finais

A pesquisa contribuirá para o início de um diálogo efetivo para a construção coletiva de projetos educativos que visem a permanência indígenas entre o instituto intercultural, a formação acadêmica indígena e os campi localizados nas cidades de Itaituba e Oriximiná que possuem em seus cursos estudantes indígenas alfabetizados em línguas indígenas, pois leva-se em consideração que a plena promoção das línguas indígenas faladas pelos estudantes indígenas deve ser uma política de permanência estudantil. E, para além dessa causa coibir o preconceito linguístico, pois de acordo com (OUSHIRO, 2021, p.323) "O discurso de combate ao preconceito linguístico tem se pautado principalmente pela valorização da diversidade e pelo reconhecimento da variação como propriedade de toda e qualquer língua natural".

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao Criador que me mantêm de pé e alicerçando o meu caminhar marajoara na pesquisa amazônida. As professoras Marília e Regina pelo convite para participar do projeto *Análise da percepção e avaliação da cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA: O desenvolvimento de uma metodologia institucional integrada na elaboração de diretrizes para a construção da política linguística.* E, a UFOPA pelo financiamento total da pesquisa junto ao Edital Nº 001/2023 – CGPRITS/UFOPA e as bolsistas indígenas que têm contribuído significativamente para

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

realização dessa pesquisa com os povos indígenas.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. 18ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2009.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p.235- 250, jan-mar. 2012. Disponível em:

EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. Pesquisa Participante. 2.ed. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

KRENAK, A. (2022). Futuro ancestral. Companhia das Letras. Santos, A. B. dos. (2023). A terra dá, a terra quer. Ubu.

LEITE, Marília Fernanda Pereira. O Ensino de L2 na escola indígena 19 de abril: uma análise sobre as políticas e linguísticas na perspectiva dos Kraho da Aldeia Manoel Alves. Dissertação de mestrado/Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. – Araguaína, 2015.

MIGNOLO, Walter. Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Revista Gragoatá, Niterói, n. 32, p. 31-41, 1. sem. 2012.

OUSHIRO, L. A importância dos estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas. Rev. de Letras, nº 40, vol.1 - jan./jul. – 2021.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. Revista Estudos Linguísticos, v. 50, n. 1, p. 318-336, 2021.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"O CONDE DO LIVRO TINHA OLHOS AZUIS": REPRESENTATIVIDADE NA SÉRIE BRIDGERTON E RESISTÊNCIA A ADAPTAÇÕES ATIVISTAS

Larissa Rumiantzeff[137]

Resumo: O presente artigo visa analisar, sob o viés da caracterização de personagens e à luz dos Estudos da Adaptação, a primeira e segunda temporadas de *Bridgerton* (2020-), adaptação da série literária escrita por Julia Quinn, adaptada por Shonda Rhimes. Em seu trabalho, Shonda Rhimes privilegia a representatividade de minorias étnicas e imprime sua marca na adaptação, causando transformações na indústria televisiva, uma tendência observada em adaptações a partir da segunda década do século XXI. Com o respaldo de um arcabouço teórico duplo, em Estudos de Adaptação, encabeçado por Linda Hutcheon (2011), Robert Stam (2000) e Julie Sanders (2006); e pela Virada Ativista nos Estudos de Tradução, aqui representada por Michaela Wolf (2012) e pela própria Mona Baker (2010), o presente artigo busca ir de encontro a discussões engessadas sobre adaptação que usam definições datadas, senão fabricadas, difundidas pelo senso comum, de termos como fidelidade, original, essência e do próprio termo adaptação para se opor a alterações no produto adaptado. Este trabalho pretende, com isso, postular a importância social de adaptações como a encabeçada por Rhimes, compreendida como uma adaptação ativista.

Palavras-chave: *Bridgerton*; Virada Ativista; Representatividade, Estudos de Adaptação

Introdução

Independentemente do que se estuda atualmente em Estudos de Tradução e de Adaptação sobre questionar noções de "fidelidade" e de "original", quaisquer conclusões e mudanças de paradigma são frequentemente desconsideradas no senso comum, quando se trata de adaptações de uma obra que tem muitos fãs. De fato, quanto maior o apego de um público a uma obra, maior será a resistência desse público a quaisquer alterações feitas a uma adaptação. Emergem questionamentos sobre uma suposta infidelidade ao espírito ou à essência da obra de origem, bem como sobre o que define uma adaptação, questionamentos esses pautados em ideias partilhadas pelo senso comum. Esse mesmo

[137] Mestra em Estudos da Linguagem. PUC-Rio.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

senso comum também rejeita o uso de termos como adaptação e releitura como sinônimos, aplicando este último a obras que consideram "indignas".

Tal resistência diante de obras adaptadas aumenta quando as alterações não são seguidas de pedidos de desculpas, nem justificadas por uma adequação a formatos ou contextos de recepção distintos, seja em termos de época ou local, mas deliberadas pelos criadores com o fim de provocar mudanças justamente na realidade atual para o "que deveria ser".

O que pretendo, com este artigo, não é questionar se o que foi feito pode ou não ser identificado como uma "adaptação ativista", termo cunhado em minha dissertação (RUMIANTZEFF, Larissa, 2023) com base no trabalho desenvolvido por Baker (2010) dentro da Virada Ativista nos Estudos da Tradução, mas analisar a maneira como esse projeto de tradução ativista é conduzido, queira o responsável pelo projeto esteja familiarizado com essa nomenclatura ou não.

Minha análise se fundamenta na adaptação das perguntas propostas por Baker para a identificação do que ela chama de tradução ativista, e a aplicação a cada projeto. Pretendo utilizar, como objeto de estudo, algumas alterações implementadas à adaptação da série de livros *Os Bridgertons* (2000-2006), da autora Julia Quinn, para a série de streaming *Bridgerton (2020-).* O recorte escolhido, por motivos de disponibilidade de dados até o momento da escrita deste artigo, são as duas primeiras temporadas, lançadas em 2020 e 2022, e os livros das quais foram adaptados, *O duque e eu* (QUINN, 2013) e *O visconde que me amava* (QUINN, 2013).

Também por motivos de restrição de espaço, me ative àquelas alterações feitas que dissessem respeito à representatividade racial, como inclusão de atores não brancos em posições de poder, contexto e outros elementos que transformassem a narrativa presente no original, com o objetivo de reparar relações de poder historicamente desiguais entre brancos e não-brancos. Os demais movimentos de subversão de narrativa feitos na adaptação não serão abordados neste trabalho.

A relação ambivalente do senso comum com as adaptações, ao longo dos séculos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Segundo a autora Deborah Cartmell (2012), desde os primórdios da civilização, a inovação e a tecnologia enfrentam resistência, e que sempre que um avanço era apresentado, esse temor se renovava:

> a fotografia poderia representar o fim da pintura; os carros, o fim dos cavalos; e os filmes, dos livros. Em um paralelo impressionante com o medo das pessoas, em sociedades desprovidas de tecnologia, de que a fotografia destruiria a alma, alguns acreditavam, no início, que o filme sugaria a vida do texto literário.[138] (CARTMELL, 2012, p. 1-2)

Linda Hutcheon (2011), teórica dos Estudos da Adaptação, denuncia a existência de uma hierarquia de adaptações de clássicos, segundo a qual certos tipos produtos adaptados, como peças de teatro ou balé parecem ser tidos pelo senso comum como mais elevados do que outros, como adaptações audiovisuais. Esse público, adepto da concepção essencialista de tradução e/ou adaptação como réplica fiel de um suposto espirito do original, e de qualquer desvio dessa ideia como uma deturpação do próprio conceito, já olha para o produto audiovisual adaptado como em falta, em dívida.

Aqueles que detêm esse ponto de vista ignoram se tratar de obras diferentes, de gêneros, meios, modos e com públicos-alvo distintos, cada qual com suas próprias particularidades e limites. Dessa forma, as escolhas tomadas pelos agentes por trás de uma adaptação (roteiristas, diretores) refletiriam as suas leituras prévias do próprio mundo. E todas essas histórias "são tomadas de outros lugares, e não inteiramente inventadas" (HUTCHEON, Linda, 2011, p. 23-24), originárias do mesmo "velho e jovial hábito da cultura ocidental de emprestar e roubar — ou, mais precisamente, de partilhar — diversas histórias" (HUTCHEON, Linda, 2011, p. 24).

Tais ideias se tornam solo fértil para crenças limitantes sobre adaptações, segundo as quais "o livro é sempre melhor", além de julgamentos negativos de valor a respeito de um produto adaptado, com base em preferências pessoais. Imelda Whelehan (1999) salienta essa questão:

[138] photography could be the ruination of painting; the car of the horse; and the film of the book. In a remarkably similar manner to the fear of people in societies without technology that photography would kill the soul, film was initially regarded by some as sucking the life out of a literary text (CARTMELL, 2012, p. 1-2)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Para muitos, o resultado da comparação entre um romance e sua versão fílmica é um favorecimento quase inconsciente da obra ficcional de origem, em detrimento do filme adaptado, o que faz com que o principal objetivo da comparação seja aferir o sucesso daquele filme em transpor o que se entende como os principais significados e valores do texto de origem.[139] (WHELEHAN, Imelda, 1999, p. 3)

Consequentemente, a reação inicial do público diante de uma nova adaptação audiovisual é mista: há entusiasmo e empolgação diante das possibilidades criativas do adaptador, mas também temor e desconfiança diante da suposta perda iminente do valor do original. Hutcheon atribui tal pessimismo a uma quebra de expectativas de um fã "que deseja fidelidade ao texto adaptado que lhe é querido, ou então por parte de alguém que ensina literatura e necessita da proximidade com o texto — e talvez de algum valor de entretenimento — para poder fazê-lo" (HUTCHEON, Linda, 2011, p. 24).

As viradas e a contribuição de Mona Baker para o conceito de adaptação ativista

Com a chamada "virada cultural" nos Estudos da Tradução nos anos 60, houve uma expansão duradoura e consistente da estrutura da pesquisa e das questões "acerca dos procedimentos tradutórios e das traduções como produtos culturais" (WOLF, Michaela, 2012, p. 131), transformando a própria definição da atividade tradutória. Com isso, passou-se a pensar a tradução como algo que reflete "as condições históricas e culturais em que foram feitas"[140] (WOLF, Michaela, 2012, p. 132). Como consequência, redirecionam-se, então, os olhares do tradutor e do pesquisador da área para a cultura do país de recepção e a fatores como a época em que tais traduções foram publicadas, a transformação do mercado, as exigências estilísticas de cada período, a forma como o autor e sua obra são vistos em cada contexto, a maneira como o assunto se relaciona ao período histórico em que a tradução se situa, a expertise do tradutor e seu prestígio no

[139] Many commentators have focused on the process of the transference from novel to film, where often a well-known work of great literature is adapted for the cinema and expectations about the 'fidelity' of the screen version come to the fore. For many people the comparison of a novel and its film version results in an almost unconscious prioritizing of the fictional origin over the resulting film, and so the main purpose of comparison becomes the measurement of the success of the film in its capacity to realize what are held to be the core meanings and values of the originary text.
[140] reflect the historical and cultural conditions under which they have been produced.

contexto de recepção e os agentes da tradução, entre outros fatores (LEFEVERE, André; BASSNETT, Susan; 1990).

Devido à discussão terminológica e não apaziguada entre o que constituiria uma tradução e um tipo de adaptação, as questões levantadas nos Estudos da Tradução, e as mudanças de paradigmas nessa área são aplicáveis ao campo de Estudos da Adaptação. Sendo assim, as teóricas dos Estudos de Adaptação Julie Sanders (2006) e Linda Hutcheon (2011) refletem essa mudança de paradigma nas suas definições de adaptação. Sanders afirma, por exemplo, que a adaptação pode ser "uma prática transpositiva, lançando um gênero específico em outro modo genérico, em um ato de *re-visão* "(*re-vision*)"[141] (SANDERS, Julie, 2006, p. 18), ao passo que Hutcheon compreende a adaptação como uma transposição dentro da mesma mídia ou de uma mídia para outra, e que sempre significa mudança ou algum tipo de reformatação (HUTCHEON, Linda, 2011, 39-40). Apesar de não apresentarem um consenso absoluto, Linda Hutcheon (2011) e Julie Sanders (2006) partilham a ideia de que toda adaptação é um ato de transposição, de um meio, ou de um gênero, para o outro, e que esse processo necessariamente implica em uma transformação, visando o contexto de chegada. Ambas também rejeitam abordagens prescritivistas aos Estudos de Adaptação, que envolvam análises comparativas com juízos de valor tendo por base conceitos como "fidelidade ao original".

A tradutora Mona Baker, inserida na virada ativista dos Estudos de Tradução, defende que o tradutor tem o poder e a responsabilidade de transformar realidades, defender os oprimidos e dar voz a quem não tem, por meio da identificação e alteração de narrativas a favor desses grupos. Baker (2010) explica que as narrativas são histórias públicas e pessoais que criamos para nós ou para outros sobre o nosso mundo e realidade, nas quais acreditamos e que orientam nossa conduta, que podem ser apreendidas e analisadas a partir da repetição de discursos sobre um dado tópico, inseridos em um grupo que partilhe das mesmas ideologias, por exemplo. Esses discursos, por sua vez, serão alimentados por narrativas mais amplas. A autora explicita que todos estamos inseridos em narrativas diversas, constantemente sustentadas pelos livros que lemos, pelos noticiários

[141] a transpositional practice, casting a specific genre into another generic mode, an act of re-vision in itself.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que consumimos e inclusive pelas pessoas com quem escolhemos manter relações, o que não nos impede de questioná-las, sobretudo ao nos depararmos com incoerências.

Nesse aspecto, Mona Baker (2010) ressalta o papel crucial do trabalho dos tradutores e intérpretes para a disseminação de narrativas além de barreiras culturais e linguísticas, sem o envolvimento dos quais "não atravessam fronteiras linguísticas e culturais" [142] (BAKER, Mona, 2010, p. 27), e do aumento do número de profissionais da área cuja missão é criar ou florear narrativas para combater as narrativas públicas e as metanarrativas de seu tempo.

Mona Baker apresenta então uma série de perguntas que podem ser úteis nesse intuito.

> Que tipo de textos os membros dessas comunidades ativistas selecionam para traduzir? Eles floreiam essas narrativas para dar, àqueles que não tiveram voz ou que foram marginalizados, uma chance de serem ouvidos? […] [E]les omitem ou acrescentam material no corpo do texto, ou usam paratextos para guiar a interpretação de cada narrativa por parte do leitor?[143] (BAKER, Mona, 2010, p. 34-35)

Tendo em vista essa familiaridade entre as atividades de Tradução e de Adaptação, cujas trajetórias teóricas quase se confundem, optei por adaptar as questões de Mona Baker às minhas pesquisas sobre Adaptação, que ajusto e personalizo para cada objeto de pesquisa, com o intuito de identificar até que ponto uma adaptação apenas segue a tendência de pensamento do coletivo no contexto de recepção, e até que ponto se propõe a ser um projeto ativista.

Os critérios de análise para este objeto de pesquisa em específico foram:

- Haveria uma tentativa deliberada de transformação da narrativa para reparar injustiças?
- Haveria um floreio da narrativa, ou seja, alguma alteração cujo objetivo seja atenuar a falta de oportunidades e ausência de representatividade de um grupo?

[142] Clearly narratives do not travel across linguistic and cultural boundaries and do not develop into global meta narratives without the direct involvement of translators and interpreters
[143] Questions such as the following are productive in this regard. What type of texts do members of such activist communities select for translation? Do they embellish certain narratives in order to give those whose voices are suppressed and marginalized a better chance of being heard? (…) Do they omit or add material within the body of the text, or do they rely on paratexts to guide the reader's interpretation of each narrative?

- Quais são as alterações e estratégias que denotam uma tentativa deliberada do agente da adaptação (roteiristas, direção, produção executiva, etc.) de subverter relações desiguais de poder e provocar mudanças na realidade intra e extra-adaptação? (essas alterações podem incluir, sem se restringir a: escalação de atores, troca de nomes de personagens, inclusão de informações no contexto ou no cânone que antes não existiam, inclusão de cenas/falas que explicitem a questão racial)

O diferencial de *Bridgerton* na reescrita de uma história de desigualdade racial

Basta uma visita rápida a sites de resenhas e às redes sociais para constatar que a resistência de um determinado público em relação a adaptações aumenta exponencialmente quando há algum movimento no sentido de buscar representatividade, seja racial, de gênero ou orientação sexual no produto adaptado. Quando a Disney anunciou que a Ariel da adaptação *live-action* de *A Pequena Sereia* (1989) seria preta e interpretada por Halle Bailey, e a história se passaria no mar do Caribe, os jornais e revistas noticiaram uma série de ataques racistas à atriz, à guisa de indignação com a infidelidade na adaptação, como se o próprio filme da Disney não fosse adaptado do livro de Hans Christian Andersen e já não tivesse sofrido transformações. Segundo a jornalista do The Guardian Tayo Bero, no entanto, o ódio direcionado a essa adaptação é justamente o sinal de que precisávamos de uma Ariel Negra (BERO, Tayo, 2003).

Da mesma forma, a adaptação mais recente de *Romeu e Julieta (*1595-1596), de William Shakespeare, para os palcos, se tornou notícia quando Francesca Amewudah-Rivers, atriz escalada para o papel da protagonista, também foi alvo de racismo, novamente, sob o pretexto de zelo pelo original. Chega a ser cômico, se considerarmos a quantidade de adaptações criadas a partir da obra, inclusive com leões (*O Rei Leão 2*), com gnomos (*Gnomeu e Julieta*), zumbis (*Meu namorado é um zumbi*) e até com a Turma da Mônica (*Turma da Mônica- Lições*). Mas escalar uma atriz negra para o papel, aparentemente, ultrapassa todos os limites de tolerância e motiva boicotes. Com *Bridgerton*, a história começou bem parecida.

A série de streaming *Bridgerton* (2020-), com roteiro de Chris Van Dusen, é uma

adaptação audiovisual da coleção de livros de época *Os Bridgertons* (2000-2006), da autora estado-unidense Julia Quinn. O material de origem é uma coleção[144] de 9 volumes, sendo que cada um dos 8 primeiros é focado em um dos filhos da proeminente família de nobres ingleses Bridgerton, que vivem na Inglaterra no período Regencial. Da mesma forma, a adaptação produzida para a rede de streaming Netflix teve três temporadas até o momento, cada qual também centrada na história de um dos filhos, embora não na mesma ordem.

A história da série *Bridgerton* se situa durante os 9 anos do período Regencial do Reino Unido, a partir de 1811, quando o Rei George II foi impedido de governar por seus problemas de saúde mental, até o seu falecimento, em 1820. Trata-se de um período com suas próprias regras de conduta, repletos de bailes, fofocas em reuniões para tomar chá, libertinos e romances proibidos, em que o destino das mulheres era casar e ter filhos. Em meio a tudo isso, uma figura emerge como colunista dos acontecimentos locais, a elusiva Lady Whistledown, cuja identidade é desconhecida de todos.

Enquanto a narrativa de Julia Quinn se mira nos acontecimentos históricos e nos costumes locais, retratando o status quo da época regencial, com personagens femininas que ocasionalmente desafiam esses costumes, como a própria Lady Whistledown, o roteirista da adaptação audiovisual, Chris Van Dusen decide reinventar alguns desses fatos históricos e imaginar como seria esse período, caso o Rei George tivesse se casado com uma nobre preta, a rainha Charlotte. Esse fato abre portas e alça os personagens pretos a posições de nobreza, e cria oportunidades para atores e atrizes pretos. Além disso, segundo Van Dusen relatou ao New York Times (JACOBS, Julia, 2021), precisão histórica, quando em detrimento da representatividade, não era a prioridade.

> Van Dusen não queria uma história inspirada exclusivamente no século XIX, o que ele temia que fosse deixar *Bridgerton* engessada. Em vez disso, ele imaginou um programa que refletisse a sociedade atual, com um elenco racialmente diverso, e cenas mais picantes filmadas do "olhar feminino". O resultado reflete os atributos do início do século XIX […] ao passo que se distancia da realidade histórica o suficiente para empolgar o público atual.[145] (JACOBS, Julia, 2021, tradução minha)

[144] Para fins de desambiguação entre série de livros e televisiva, me referirei à série de livros como coleção de livros ou material de origem.

[145] Van Dusen did not want a story that was informed exclusively by the 19th century, which he worried would make "Bridgerton" feel too uptight. Instead, he imagined a show that reflected today's society

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Van Dusen defendeu que criou uma série de fantasia adaptada do material de origem, sem a pretensão nem a responsabilidade de ser um documentário sobre o período. Apesar disso, o artigo do New York Times ressalta que nem tudo foi inventado, mas pode ter sido uma história revisada. O roteirista teria trabalhado justamente com especulações como a de que a Rainha Charlotte seria de fato preta. Na reportagem em questão, ele relata que se perguntou como seria se a Inglaterra Regencial tivesse tido uma rainha preta, e as mudanças que poderia ter implementado. "Teria usado o seu poder para alavancar outras pessoas não brancas na sociedade? Teria dado títulos, terras e ducados?[146]" (JACOBS, 2020, tradução minha)

Outro indício de que a série foi adaptada com o intuito deliberado de criar mudanças está presente quando o roteirista nega ter feito uma escalação *colorblind*, ou seja, sem levar em consideração a etnia dos personagens, mas que justamente "a cor e a raça fazem parte do programa"[147] (JACOBS, Julia, 2014, tradução minha).

A questão de liberdades criativas tomadas em obras ditas "de época" já havia sido motivo de controvérsia quando ia ao ar a série televisiva britânica *Downton Abbey* (2010 – 2015). Na ocasião, ao ser questionado a respeito da homogeneidade racial da série, o produtor Gareth Neame teria defendido uma suposta fidelidade ao período retratado, declarando para o site Vulture que não era: "uma época multicultural. Não podemos sair incluindo pessoas de todas as etnias no programa. Não seria correto" [148](MARTIN, Denise, 2014).

Linda Hutcheon (2011) rejeita julgamentos absolutos como o expresso por Neame, ao defender a inevitabilidade de alterações desse tipo em adaptações, sobretudo quando o contexto de chegada assim o pede.

---

through a racially diverse cast and lustful scenes shot from the "female gaze." The result reflects the trappings of the early 1800s […] while diverging from the historical reality enough to excite today's audience.

[146] Could she have used her power to elevate other people of color in society? Could she have given them titles and lands and dukedoms?

[147] color and race are part of the show

[148] "a multicultural time. We can't suddenly start populating the show with people from all sorts of ethnicities. It wouldn't be correct"

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Tenho defendido que a adaptação - isto é, a adaptação como um produto - tem um tipo de estrutura formal de "tema e variação", ou de repetição com diferença. Isso significa não apenas que a mudança é inevitável, mas que haverá também diferentes causas possíveis para essa mudança durante o processo de adaptação, resultantes, entre outros, das exigências da forma, do indivíduo que adapta, do público em particular e, agora, dos contextos de recepção e criação. (HUTCHEON, Linda, 2013, p. 192)

Hutcheon cita, como elementos presentes no contexto de recepção, "a quantidade e o tipo de "propaganda" que uma adaptação recebe: publicidade, cobertura da imprensa e resenhas críticas dirigidas a elã. O status de celebridade do diretor ou das estrelas também é um elemento importante do contexto de recepção" (HUTCHEON, Linda, 2011, p. 193).

De fato, vale notar que um dos produtores da adaptação em questão é Shonda Rhimes, *showrunner* por trás de séries televisivas de sucesso como *Grey's Anatomy* (2005-), *Como defender um assassino* (2014-2020), *Killing Eve: dupla obsessão* (2018-2022), produções notórias por contarem com personagens não-brancos em papeis de destaque e/ou no protagonismo. Nesse caso, pode-se dizer que o prestígio de que a produtora desfruta na indústria, tendo sido eleita personalidade do Ano na Revista Times, foi crucial para alavancar a produção de Bridgerton, mesmo perante a iminência de protestos de fãs mais acalorados dos livros.

A seguir, citarei mais alguns exemplos, presentes na adaptação televisiva, de alterações que apontam para um movimento de reparação histórica e que respondam às perguntas propostas por Mona Baker (2010).

Contextualização

No episódio 4 da primeira temporada, a personagem Lady Danbury faz um discurso apaixonado em defesa do amor, em que deixa claro o contexto que fez com que o Simon Basset, o Duque de Hastings, detenha o título de nobreza que tem, bem como a importância histórica que a relação interracial entre o Rei George e a Rainha Charlotte teve para pessoas não brancas como eles. Nem esse discurso, nem o contexto, estavam presentes nos livros.

> Mas já parou pra pensar que esses sentimentos são precisamente o que permitiu que um novo dia começasse a raiar Nessa sociedade? Veja nossa rainha. Veja nosso rei. Veja o casamento deles. Veja como tudo mudou para nós, o quanto

nos deu abertura (BRIDGERTON... 2022, legenda de Karina Curi).

Escalação

Na primeira temporada de Bridgerton, foram escalados dez atores não brancos para papéis de destaque. Além dos atores Oscar Coleman e Regé-Jean Page nos papeis de Simon Basset criança e adulto, respectivamente, o elenco foi composto das atrizes Adjoa Andoh, como a poderosa Lady Danbury, Golda Rosheuvel como a Rainha Charlotte, Ruby Barker como a prima distante dos Featheringtons, Marina Thompson, e Kathryn Drysdale no papel da modista misteriosa Madame Genevieve Delacroix. O elenco conta ainda com os atores Martins Imhangbe, no papel do dono do clube de cavalheiros e boxeador Will Mondrich, Anand Desai-Barochia, como Lorde Hardy, Jason Barnett no papel de Jeffries e Sandra Teles como Lucy Granville.

Na segunda temporada, Regé-Jean Page não reprisa o papel. No entanto, além dos demais atores que permanecem, outros atores e atrizes não-brancos passam a integrar a série. As atrizes Shelley Conn, Simone Ashley e Charithra Chandran dão vida às mulheres da família Sharma, Lady Mary, Kate e Edwina, respectivamente. Integram também a série Shobu Kapoor, como Lady Sheffield, Emma Naomi, como Alice.

Descrição física dos personagens:

Tendo em vista a escalação de atores não brancos, naturalmente há uma diferença entre a descrição de alguns personagens nos livros e na série. Em *O duque e eu*[149] (QUINN, Julia, 2013), primeiro volume da série de livros, Simon Basset é descrito da seguinte forma:

"Ele era um menininho robusto e saudável, com cabelos castanhos sedosos e olhos azul-claros" (QUINN, Julia, 2013, p. 9).

"Mas enquanto os olhos de Anthony eram castanho-escuros como os da irmã, os de Simon eram azul-claros, extraordinariamente penetrantes" (QUINN, Julia, 2013, p. 21-22).

[149] Tradução de Cássia Zanon

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"Os olhos eram curiosamente intensos – tão azuis que quase brilhavam por conta propria. Os cabelos eram espessos e escuros, e ele era alto, tão alto como os irmãos dela, o que era raro." (QUINN, Julia, 2013, p. 41).

No livro *O visconde que me amava*[150] (QUINN, Julia, 2013), os leitores são apresentados às irmãs Kate e Edwina Sheffield. Eis as descrições físicas delas:

"Kate, por outro lado, com cabelos e olhos castanhos e comuns, era conhecida como "a irmã mais velha da Incomparável" (QUINN, Julia, 2013, p. 23)

"'A cor amarela faz a Srta. Kate Sheffield, de cabelos castanhos, parecer um narciso chamuscado'" (QUINN, Julia, 2013, p. 27)

"Na verdade, a Srta. Katharine Sheffield tinha uma aparência muito agradável, com cabelos castanhos volumosos e olhos escuros. A pele era clara, os lábios rosados, e ela tinha um ar de confiança que Anthony não podia deixar de considerar atraente (QUINN, Julia, 2013, p. 53)

"Edwina, com os cabelos louros e os olhos de um azul claro impactante, já estava sendo chamada de a Incomparável de 1814" (QUINN, Julia, 2013, p. 23)

"Os olhos de Edwina, que costumavam ser comparados a tranquilos lagos escoceses, brilharam diabolicamente" (QUINN, Julia, 2013, p. 25)

Sobrenomes

Na segunda temporada, o público é apresentado à família Sharma, que nos livros era a família Sheffield. Essa alteração, aliada à inclusão de atrizes não brancas para os papeis de Kate e Edwina, conforme mencionado acima, foi mais uma novidade implementada para criar representatividade, visto que a família Sheffield dos livros era branca. A questão do ostracismo da matriarca Lady Mary Sheffield, por abandonar a alta sociedade londrina pelo casamento escandaloso com um comerciante indiano que já tinha uma filha, sequer estava presente.

> "Não é a Lady Mary Sheffield Sharma? (…) Lady Mary foi o diamante da nossa temporada. Mas se apaixonou e se casou com um escrituário, pelo que eu soube.

[150] Tradução de Ana Resende

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Os dois se mudaram para a Índia depois disso. (…) Os pais da Lady Mary, os Sheffield, nunca aceitaram essa vergonha, não foi?" (BRIDGERTON... 2022,).

Considerações finais

O exame das alterações incluídas na série *Bridgerton* (2020-) aponta para uma resposta positiva às perguntas propostas por Mona Baker (2010). Em resposta à primeira pergunta, se haveria uma tentativa deliberada de transformação da narrativa para reparar injustiças, as declarações do diretor e o trabalho da produtora Shonda Rhimes indicam uma intencionalidade evidente, por parte dos agentes envolvidos na adaptação audiovisual de Bridgerton, em reinventar ou remediar a história. Também é possível dizer que houve um floreio da narrativa com o objetivo de atenuar a falta de oportunidades e ausência de representatividade de um grupo. Por último, quanto às alterações e estratégias que denotam uma tentativa deliberada do agente da adaptação (roteiristas, direção, produção executiva, etc) de subverter relações desiguais de poder e provocar mudanças na realidade intra e extra-adaptação, os exemplos citados acima indicam uma resposta afirmativa. Dentre os exemplos citados, há declarações feitas pelo roteirista para a mídia indicando essa intenção, há inclusão de informações no enredo que transformam a narrativa, alteração na descrição física e no sobrenome de personagens dos livros para incluir personagens e, subsequentemente, atores não brancos, além da declaração de atores da série salientando a importância de se verem representados.

Além disso, os resultados indicam uma tendência, ainda que tímida, por parte de agentes envolvidos na adaptação, em tomar liberdades criativas em adaptações para não só acompanhar o contexto de chegada no que tange à mentalidade, mas ir além. É um esforço que ainda gera resistência, mas que tem dado frutos positivos, sobretudo se levarmos em conta os prêmios que a série recebeu desde a sua estreia: entre 2020 e 2023, foram 15 indicações e 5 premiações.

Mesmo sabendo que as adaptações ativistas ainda dependem muito do prestígio do qual os agentes envolvidos desfrutam para existirem, e que ainda assim haja o risco de enfrentarem boicote, a própria ameaça de boicote deve ser entendida como um sinal de que elas são necessárias. Minha posição aqui não é a de que as alterações nas adaptações são naturais e não fazem diferença, mas que elas podem, e

devem, ser pensadas para criar ondas e promover transformações sociais.

Referências

BAKER, Mona. Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community. In: TYMOCZKO, Maria (Ed.). Translation, Resistance, Activism. Amherst: University of Massachussetts Press, 2010, p. 22-41.

BRIDGERTON: 1ª temporada. Direção: Tom Verica; Julie Anne Robinson; Sheree Folkson; Alrick Riley. Roteiro: Chris Van Dusen. Elenco: Adjoa Andoh; Julie Andrews; Lorraine Ashbourne; Jonathan Bailey; Ruby Barker; Sabrina Bartlett; Harriet Cains; Bessie Carter; Nicola Coughlan; Phoebe Dynevor; Regé- Jean Page; Golda Rosheuvel; Luke Thompson; Will Tilston; Polly Walker; Kathryn Drysdale; Martins Imhangbe; Calam Lynch; Rupert Young; Victor Alli; Joanna Bobin; Oscar Coleman; Hannah Dodd; Daniel Francis; Jessica Madsen; Hannah New. Legendas: Karina Curi. EUA, Shondaland, 2020. 8 episódios (490 min). Título original: Bridgerton. Disponível em https://www.netflix.com/search?q=bridgerton&jbv=80232398. Acesso em: 10 mai. 2024.

BRIDGERTON: 2ª temporada. Direção: Tom Verica; Tricia Brock; Alex Pillai; Cheryl Dunye. Roteiro: Chris Van Dusen. Elenco: Adjoa Andoh; Julie Andrews; Lorraine Ashbourne; Jonathan Bailey; Sabrina Bartlett; Harriet Cains; Bessie Carter; Nicola Coughlan; Phoebe Dynevor; Golda Rosheuvel; Luke Thompson; Will Tilston; Polly Walker; Simone Ashley; Charithra Chandran; Kathryn Drysdale; Shelley Conn; Martins Imhangbe; Calam Lynch; Rupert Young; Victor Alli; Dandra Telles; Joanna Bobin; Hannah Dodd; Daniel Francis; Jessica Madsen; Hannah New; Shobu Kapoor; Emma Naomi. Legendas: Maria Isabel Rodrigues. EUA, Shondaland, 2022. 8 episódios (509 min). Título original: Bridgerton. Disponível em https://www.netflix.com/search?q=bridgerton&jbv=80232398. Acesso em: 10 mai. 2024.

CARTMELL, Deborah; WHELELAN, Imelda. **Adaptations:** From Text to Screen, Screen to Text. London, New York: Routledge, 1999. 266 p. ISBN 9780415167383.

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução: Andre Cechinel. Abingdon: Routledge, 2011. 280 p. Título original: A Theory of Adaptation. ISBN 8532806392.

JACOBS, Julia. With 'Bridgerton,' Scandal Comes to Regency England. **The New York Times**, [New York], abr. 2021. Television. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/12/18/arts/television/bridgerton-netflix-shonda-rhimes.html. Acesso em: 6 mai. 2024.

JEAN-PHILIPPE, McKenzie. Bridgerton Doesn't Need to Elaborate on Its Inclusion of Black Characters. **Oprah Daily**, [New York], dez. 2021. TV & Movies. Disponível em: https://www.oprahdaily.com/entertainment/tv-movies/a35083112/bridgerton-race-historical-accuracy/. Acesso em: 08 mai. 2024.

LEFEVERE, André; BASSNETT, Susan. Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights: The 'Cultural Turn' in Translation Studies. In: BASSNETT,

Susan; LEFEVERE, André (Eds.). **Translation, History and Culture**. London/NY: Pinter, 1990, p. 1-13.

MARTIN, Denise. Downton Abbey Executive Producer Gareth Neame Unpacks the Major Stories of Season Four. **Vulture**, [New York], fev. 2014. Postmortem. Disponível em: https://www.vulture.com/2014/02/downton-abbey-season-4-executive-producer-interview.html. Acesso em: 10 mai. 2024.

QUINN, Julia. **O visconde que me amava**. Tradução de Ana Resende. São Paulo: Editora Arqueiro, 2013. *E-book*. (Os Bridgertons)

QUINN, Julia. **O duque e eu**. Tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Editora Arqueiro, 2013. 288 p. (Os Bridgertons)

SANDERS, Julie. Adaptation and Appropriation. 1 ed. London: Routledge, 2006. 184 p. ISBN 0415311721.

WAGMEISTER, Elizabeth. Francesca Amewudah-Rivers receives support after her casting sparks racist remarks. **CNN**, Atlanta, abr. 2024. Entertainment. Disponível em: https://edition.cnn.com/2024/04/10/entertainment/tom-holland-francesca-amewudah-romeo-and-juliet?cid=external-feeds_iluminar_cnn-brasil. Acesso em: 14 jul. 2024.

WOLF, Michaela. The emergence of a sociology of translation. In: WOLF, M.; FUKARI, A. (Eds.) **Constructing a Sociology of Translation**. New York/Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 1-36.

SINGH, Anita. New Netflix period drama Bridgerton adopts colour-blind casting. **The Telegraph**, [Londres], jul. 2019. News. Disponível em: https://www.telegraph.co.uk/news/2019/07/13/new-netflix-period-drama-bridgerton-adopts-colour-blind-casting/. Acesso em: 10 jul. 2024.

BERO, Tayo. The global backlash against The Little Mermaid proves why we needed a Black Ariel. **The Guardian**, [Londres], jun. 2023. News. Disponível em: https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/jun/09/the-little-mermaid-global-backlash-black-ariel. Acesso em: 10 jul. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CAMINHOS DA PESQUISA LITERÁRIA NA LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS: TEMAS E VINCULAÇÕES COM A EDUCAÇÃO BÁSICA

Grazielle Aparecida Alves da Silva[1]
Shirlei Marly Alves[2]

Resumo: Este estudo descreve pesquisas realizadas no curso de Licenciatura em Letras Português de uma instituição de Ensino Superior pública situada em Teresina–PI, tendo como objeto a produção de conhecimentos sobre ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa em TCCs da área de Literatura defendidos no período de 2017 a 2022. Buscamos identificar as temáticas, categorizando-as, os objetivos, metodologias e as contribuições para a Educação Básica. Trata-se de uma metapesquisa, descritiva e quantiqualitativa. Utilizamos como referencial teórico Paiva (2019) e Oliveira (2009), entre outros. Os resultados obtidos apontam para 73 TCCs de Literatura, classificados conforme as categorias propostas por Oliveira (2009). Encontram-se 26 TCCs que pertencem à categoria de aplicação teórica e 29 pertencentes à categoria de análise sócio-históricas. No quesito vínculo com a Educação Básica, encontramos apenas 8 monografias que apresentam relação. Quanto à metodologia utilizada nessas pesquisas, predominaram as descritivas e documentais, tendo em vista que os pesquisadores optaram por realizar análises de obras literárias. Diante desses resultados, concluímos que, embora o curso seja voltado para a Licenciatura, há poucos trabalhos de Literatura que apresentam vínculo com a Educação Básica. Poucos pesquisadores demonstraram essa preocupação com o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. A maioria das monografias analisadas tem foco em outras temáticas, como, por exemplo, análises de obras literárias, que não levam em consideração a prática em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Literatura. Educação Básica. TCC.

Introdução

Este artigo trata de uma investigação sobre pesquisas realizadas no curso de Licenciatura em Letras Português de uma instituição de Ensino Superior pública situada em Teresina–PI, tendo como objeto a produção de conhecimentos sobre ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa em TCCs da área de Literatura, defendidos no período de 2017 a 2022.

Situamo-nos em uma linhagem de trabalhos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

investigativos que visam identificar paradigmas e tendências em determinadas áreas, a exemplo do trabalho de Oliveira (2009), que fez um mapeamento do conhecimento literário produzido na academia, visando detectar paradigmas dominantes, e o de Paiva (2019, p. 8), em cujo estudo se encontra um levantamento de objetivos de pesquisas na área de Linguística Aplicada. Trabalhos dessa natureza propiciam uma visão de conjunto acerca das opções e condução das pesquisas em diferentes áreas. Segundo Moreira (2004, p. 22), citando Noronha e Ferreira (2000, p. 191), trata-se de

> estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Desse modo, os resultados dessas pesquisas contribuem, sobretudo, para o conhecimento sistematizado acerca de tendências de estudos realizados, dando base para reflexões relativas à epistemologia e à metodologia que demarcam as áreas. Essa categoria de trabalhos, que configuram revisões sistemáticas, de acordo com Moreira (2004, p. 21), também são funcionais, visto que "por seu aspecto sumarizador, principalmente, assumem importante função orgânica, [...]. Muitas vezes consome-se mais tempo tentando identificar se determinado estudo já foi realizado anteriormente do que o realizando de fato."

O interesse pela pesquisa desenvolvida nos TCCs de Letras Português deve-se, primeiramente, à longa experiência de uma das pesquisadoras como professora das disciplinas Prática de Pesquisa em Letras (I e II), cujos objetivos são o desenvolvimento do projeto de pesquisa e a elaboração do TCC, respectivamente, além de ser interesse da outra pesquisadora que cursou recentemente a disciplina de Prática de Pesquisa em Letras I na graduação e também desenvolve pesquisa de iniciação científica com foco na temática.

Por se tratar de um curso de licenciatura (formação inicial de professores), nos chama a atenção o fato de grande parte dos temas escolhidos pelos estudantes não necessariamente se vincularem a práticas de ensino e aprendizagem de língua e literatura nas escolas. Nas experiências docentes, uma das pesquisadoras observou que, quando os graduandos são questionados sobre as temáticas escolhidas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

para serem abordadas no trabalho de conclusão de curso, algumas justificativas apresentadas por eles se inclinam

geralmente para “algo mais fácil de realizar” ou “o professor orientador já indicou” ou “gosto mais de literatura/gramática/texto.” Observa-se, pois, a falta de um horizonte mais amplo, que contemple a relação entre a pesquisa e a própria formação do/da professor/professora, de modo que esse sujeito possa, de fato, gerar conhecimentos acerca da atividade profissional em que vai se inserir, compreendendo a pesquisa como uma fundamental atividade a ser incorporada também a sua prática docente.

Diante desse cenário, surgiram os seguintes questionamentos que direcionaram a realização desta pesquisa: Que metodologias têm sido adotadas na condução dessas pesquisas em Literatura? Em que proporção as temáticas se associam ao ensino de língua portuguesa na Educação Básica? Que contribuições os conhecimentos gerados nessas pesquisas, efetivamente, podem trazer para a melhoria da qualidade do ensino de língua portuguesa na Educação Básica?

De modo a responder a essas indagações, o objetivo geral do estudo foi mapear as pesquisas desenvolvidas na área de Literatura nos últimos seis anos (2017-2022). Quanto aos objetivos específicos, descrevemos as condições de produção dos TCCs; identificamos os temas e as metodologias adotadas para o desenvolvimento das pesquisas; organizamos os temas identificados em categorias que emergiram do material examinado, e quantificamos as pesquisas que mantêm algum vínculo com o ensino-aprendizagem de Literatura na Educação Básica.

Ressaltamos também ensejou esta pesquisa a ausência, na IES, de uma compilação de TCCs que dê condições para uma revisão de literatura por parte dos alunos que começam a elaborar seus projetos. Uma vantagem de se dispor de uma visão de conjunto é se disponibilizar um panorama que permite ao jovem pesquisador se situar em uma tradição de estudos na qual irá se inserir, com uma melhor possibilidade de dar mais relevância e pertinência ao seu trabalho; propiciando ainda, com a identificação de trabalhos de mesma linhagem, elaborar revisões de literatura que ensejam a construção de conhecimentos que dialogam entre si, a partir de análises comparativas dos resultados, ampliando assim a apreensão do objeto de estudo. Acrescenta-se ainda, quanto à funcionalidade de uma compilação de pesquisas, o alerta de

Lehfeld (2007, p. 60): "é importante verificar, num primeiro momento, se, com base no problema investigado, já não existem muitos outros estudos realizados, isto é, se você não está intencionado a abrir

portas já abertas." Nesse sentido, os resultados de nossa pesquisa contribuem, sobretudo, para o conhecimento sistematizado acerca de tendências de estudos realizados, dando base para reflexões relativas à epistemologia e à metodologia que demarcam a área da Literatura.

Utilizamos como referencial teórico para a categorização das pesquisas o estudo de Rejane Pivetta de Oliveira (2009), intitulado "Pesquisa literária em foco: tendências, possibilidades e impasses" sobre resumos de pesquisas literárias, com base no qual a autora propôs cinco categorias que definem os padrões recorrentes da pesquisa literária: Aplicação teórica; Análises sócio-históricas; Estudos empíricos; Análises sistêmicas e Estudo teórico da figura do leitor, como especificado no quadro 1.

Quadro 1 – Categorias de pesquisa da área de Literatura

Categorias	Conceito
Aplicação teórica (subdivide-se em dois tipos)	1A) "Trata-se de análises que privilegiam a obra em si mesma, em seus elementos construtivos.". 1B) "Trata-se de análises que privilegiam a obra em comparação com outros textos e manifestações de linguagem, valendo-se de aportes conceituais 'aplicados' à leitura das obras."
Análises sócio-históricas	"Incluem-se as interpretações de obras (literárias e na relação destas com outras manifestações artísticas ou gêneros), tendo em vista a relação com o contexto exterior, ou seja, a realidade representada na obra".
Estudos empíricos	"Ampliam sua fonte de dados para além do texto literário, voltando-se para o levantamento de dados colhidos em outros meios e suportes, incluindo consulta em arquivos, depoimentos, entrevistas, pesquisa de campo, jornais etc.".
Análises sistêmicas	"Investigações que se atêm sobre as condições materiais de produção da literatura e de suas instâncias de produção/recepção/circulação."
Estudo teórico da figura do leitor	"Volta-se para o desenvolvimento da capacidade analítico-interpretativa dos educandos".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análise intersemiótica (categoria criada pelas pesquisadoras)	Estudos que abordam as relações de tradução ou recriação da obra literária em outros gêneros/semioses.(*)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023), com base em Oliveira (2009).

Nota: (*) A categoria "Análise intersemiótica", ausente do estudo de Oliveira (2009) se fez necessária para situar um subconjunto dos trabalhos que analisamos.

Classificamos os temas de Literatura de acordo com essas categorias, sendo que os dados demandaram a criação de uma nova categoria, denominada de Análise Intersemiótica. Também nos pautamos nas contribuições da Paiva (2019) para classificação das pesquisas de acordo com suas devidas tipologias. Essa autora elaborou um livro intitulado "Manual de pesquisa em estudos linguísticos", no qual ela aborda que as pesquisas podem ser classificadas de acordo com alguns critérios, sendo eles:

(1) a natureza;
(2) o gênero;
(3) as fontes de informação
(4) a abordagem;
(5) o objetivo;
(6) os métodos;
(7) os instrumentos de coleta de dados.

A fim de cumprir com um dos objetivos específicos da nossa investigação, seguimos esses critérios propostos por Paiva (2019) para realizarmos a classificação dos trabalhos de conclusão de curso de acordo com a tipologia que eles pertencem.

Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa se classifica como básica, visto que o propósito foi investigar os conhecimentos gerados no curso de Letras Português, com vistas à sistematização de temas e metodologias adotados pelos pesquisadores e ainda das contribuições previstas para o ensino de língua materna na Educação Básica.

No que diz respeito às fontes dos dados, a pesquisa se caracteriza como documental, já que envolve uma investigação de documentos originais que ainda não foram submetidos a uma análise analítica por nenhum outro

autor (Helder, 2006, p. 1 *apud* Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 3).

Em função dos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, visto que dela emergiu um panorama caracterizador da produção de conhecimentos no âmbito do curso investigado. A abordagem dos dados é quantiqualitativa, pois alguns dos objetivos específicos, para serem alcançados, foi necessário fazer levantamentos de quantidades/predominâncias. Quanto a isso, foram quantificados os temas, os objetivos, classificação da pesquisa, incluindo procedimentos metodológicos. Também foi levantado o percentual de TCCs publicados nos últimos seis anos que apresentam explicitamente contribuições para a Educação Básica. Esse panorama quantitativo proporcionou uma primeira visão concernente ao alcance do objetivo geral da pesquisa.

A abordagem qualitativa se fez necessária no que diz respeito à identificação de concepções acerca da relação entre os achados das pesquisas e suas repercussões na Educação Básica, o que demandou gestos interpretativos. Os dados submetidos à abordagem qualitativa foram identificados nos enunciados em que os/autores/autoras dos TCCs apresentam/argumentam no sentido de associar a pesquisa realizada com as necessidades, lacunas, problemas, histórico e outros relativos do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Essa categorização foi realizada usando a técnica da análise de conteúdo. A interpretação desses dados proporciona uma visão sistematizada das tendências do curso, bem como das concepções que têm guiado epistemologicamente a atividade de pesquisa.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados fichas, nas quais colocamos o título do trabalho, a área que pertence, o nome do autor e do orientador, ano que foi defendido, e classificamos as pesquisas de acordo com a tipologia que o objetivo indica e se tem ou não relação com a Educação Básica.

Os temas presentes nos TCCs foram categorizados conforme o objeto de estudo pesquisado, emergindo dos dados 6 categorias: 1- Aplicação teórica (subdividida em duas categorias: Aplicação teórica 1 A e aplicação teórica 1 B); 2- Análise sócio-históricas; 3- Estudos empíricos; 4- Análise sistêmicas; 5- Estudo teórico da figura do leitor e a última categoria nomeamos como 6- Análise intersemiótica.

Resultados

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

- **Condições de produção dos TCCs**

Os licenciados em Letras Português produzem TCCs conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Letras Português (PPC). Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Letras Português (PPC), o trabalho de conclusão de curso (TCC)

> proporciona ao discente fazer investigação científica que, como tal, deverá estimular procedimentos da metodologia da pesquisa. Um dos pilares que justificam a presença do TCC nos cursos de graduação é despertar o interesse pela pesquisa e pela produção do conhecimento (UESPI, 2012).

É importante mencionar que o curso se organiza em duas grandes áreas de estudos – Linguística e Literatura –, incluindo-se também disciplinas de formação pedagógica da área de Educação. Assim, ao pensarem nos temas para o TCC, os estudantes geralmente optam por estudos literários ou por estudos da linguagem não literária, associando-os ou não ao contexto do ensino de língua materna, conforme pontuam Aguiar e Pereira (2007, p. 9): "os novos projetos devem estar em sintonia com as linhas de pesquisa do Curso, que, por seu turno, vão sendo reformuladas segundo o 'estado da arte' em questão e os apelos sociais".

No que diz respeito à preparação do graduando para enfrentar as exigências atinentes à atividade de pesquisa, o curso inclui duas disciplinas – Prática de Pesquisa em Letras I e II –, nas quais são abordados os princípios da ciência e do conhecimento científico, metodologia da pesquisa, estudos dos gêneros textuais projeto de pesquisa e monografia, além da normatização da ABNT para trabalhos acadêmicos (UESPI, 2012).

É válido ressaltar que os discentes recebem a assistência de um(a) docente orientador(a), que se corresponsabiliza pela produção do TCC, atuando de modo determinante para o estabelecimento do tema da pesquisa, em função, também, de seus próprios interesses e experiências acadêmicas.

- **Revelações dos TCCs**

Na análise dos TCCs, classificamos as predominâncias no que concerne as temáticas de acordo com as categorias criadas por Oliveira (2009), atentando para o

objeto de análise de cada pesquisa. No total, os trabalhos foram enquadrados em 6 categorias, como se verifica no quadro 2.

Quadro 2 – Categorização das temáticas dos TCCs

CATEGORIAS	QTD. TCCs	AMOSTRA DOS TRABALHOS - TÍTULOS
Aplicação teórica	26	**Ex.:** Espaço ficcional e memória: Uma leitura de leite derramado de Chico Buarque. **Ex.:** Literatura infantil- A rivalidade fraterna no conto "A cinderela".
Análise sócio-históricas	29	**Ex.:** Vozes femininas estilhaçando os orifícios da submissão: Uma leitura do livro insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. **Ex.:** Desafios na construção da identidade sociocultural em quarto de despejo: Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.
Estudos empíricos	3	**Ex.:** Literatura e Imprensa: Uma análise das crônicas de Antônio Neves de Melo no jornal piauiense o arrebol de 1924. **Ex.:** Da Costa e Silva: Carta e Literariedade.
Análises sistêmicas	3	**Ex.:** No zarpar da Navilouca: Transgressão e Transcendência em Torquato Neto. **Ex.:** Os primeiros contos de Fontes Ibiapina na revista Alterosa.
Estudo teórico da figura do leitor	9	**Ex.:** Literatura, leitura e contação de histórias: A formação de leitores na Educação Infantil. **Ex.:** O impacto das propostas de intervenção do PROFLETRAS para o letramento literário dos alunos na rede pública de Teresina.
Análise intersemiótica	3	**Ex.:** Literatura e Cinema: diálogo entre a obra O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, e os filmes na direção de Albert Lewin (1945) e de Oliver Parker (2009) **Ex.:** Macunaíma, uma intersecção entre as personagens do cinema e obra literária.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Com base nos resultados obtidos, notamos que os temas com maior interesse dos graduandos estão relacionados à aplicação teórica e a análises sócio-históricas, pois a primeira categoria contém 26 trabalhos e a segunda, 29. Quanto às temáticas relativas a estudos empíricos, análises sistêmicas, estudos teóricos da figura do leitor e análise intersemiótica, apresentam uma menor quantidade de trabalhos realizados no período de 2017 a 2022.

Ao comparamos os resultados da nossa pesquisa com o estudo feito por Oliveira (2009) em relação à quantidade de trabalhos nas categorias, percebemos que os resultados são semelhantes. A pesquisa realizada pela autora foi feita com teses, e os resultados apontam para uma maior concentração de trabalhos na categoria 1 (aplicação teórica), com 43, 6% e (análises sócio-históricas) com 44,6%.

Esse resultado é semelhante ao da nossa pesquisa, pois essas categorias foram as que tiveram a maior quantidade de monografias, porém é importante destacar que na investigação realizada pela pesquisadora, ela inclui uma categoria denominada "problematizações teóricas", em que se enquadraram cerca de 5% dos trabalhos analisados, ficando em terceiro lugar. Em nossa investigação, não encontramos nenhum TCC pertencente a essa categoria, sendo que o terceiro lugar da nossa pesquisa foi ocupado pela categoria intitulada “estudo teórico da figura do leitor.”

Com 3,6%, "análises sistêmicas" ficou em quarto lugar no estudo da autora, e estudos empíricos tem somente 3%, ocupando o quinto lugar, enquanto na nossa investigação, essas categorias tiveram a mesma quantidade de trabalhos.

Como um dos nossos objetivos da pesquisa era fazer um levantamento quantitativo dos TCCs, fizemos um quadro no qual classificamos as pesquisas de acordo com a metodologia utilizada para a coleta dos dados. No total, encontramos 73 TCCs da área da Literatura.

Quadro 3 – Tipologia de pesquisa

Ano	Pesq. documental	Pesq. de campo	Pesq. bibliográfica
2017	7	0	1
2018	6	1	0
2019	15	0	0
2020	8	0	1
2021	9	0	0
2022	26	0	0
Total	71	1	2

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

No que diz respeito ao quadro 3, percebemos que a predominância é de pesquisas documentais, totalizando 71 trabalhos. É válido destacar que encontramos uma pesquisa do ano de 2020, que é tanto bibliográfica como documental; por isso, classificamos como sendo dos dois tipos. Em relação a quantidade de trabalhos, notamos que o ano de 2022 foi o período que teve a maior quantidade de TCCs defendidos. Percebemos também que houve poucas pesquisas de campo realizadas. Acreditamos que isso se deve ao fato de que esse tipo de pesquisa é realizada por pesquisadores mais experientes e trata-se de um estudo que requer um pouco mais de tempo.

Quanto às fontes dos dados utilizadas nas pesquisas documentais foram em sua

maior parte obras literárias. No tocante à pesquisa de campo, o local visitado foi a UNICAMP, e quanto às pesquisas bibliográficas as fontes dos dados foram teses e dissertações.

Quanto a relação com a Educação Básica, identificamos somente 8 trabalhos que apresentam contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, conforme mostramos no quadro 4.

Quadro 4 – Quantidade de pesquisas vinculadas à EB

Ano	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Vínculo com a EB	0	1	0	1	2	4

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

No quadro 4, observa-se uma baixa quantidade de trabalhos relacionados a Educação Básica. Notamos que a preferência em relação às temáticas escolhidas está relacionada à análise de obras literárias, sem levar em consideração o contexto da sala de aula, como as pesquisas intituladas: “Espaço ficcional e memória: uma leitura de Leite Derramado, de Chico Buarque”; A malandragem como marca da identidade cultural brasileira na novela Os Velhos Marinheiros ou O Capitão de Longo Curso, de Jorge Amado”, e “A construção da identidade das sujeitas negras nos contos Renascença e Metamorfose, de Cristiane Sobral”.

No que diz respeito às pesquisas que apresentam, potencialmente, contribuições para a Educação Básica, identificamos 8 trabalhos, descritos no quadro 5, com o título, o objetivo geral e as fontes dos dados.

Quadro 5 – Título, objetivo geral e fontes dos dados das pesquisas vinculadas à EB

Títulos	**Objetivo geral**	**Fonte dos dados**
Literatura, leitura e contação de histórias: a formação de leitores na Educação Infantil	Investigar como a contação de histórias na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura.	Obra literária
A fábula como narrativa para o leitor criança: a recriação de Monteiro Lobato	Analisar a adaptação que Monteiro Lobato faz das fábulas tradicionais para adequá-las ao leitor infantil.	Obra literária

A adaptação para o leitor criança na obra fábulas de Monteiro Lobato	Valorizar a importância da literatura infantil para a criança leitora através das adaptações de fábulas clássicas feitas por Monteiro Lobato em sua obra intitulada Fábulas	Obra literária
Leitura de contos na formação do leitor: um olhar através da obra de Fontes Ibiapina	Enfatizar a importância da leitura, verificando o quanto esta contribui para a formação do leitor.	Obra literária
O impacto das propostas de intervenção do PROFLETRAS para o letramento literário dos alunos na rede pública de Teresina	Verificar o quanto o PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras, contribui através das propostas de intervenção no âmbito escolar na rede pública de Teresina para o letramento literário e a formação leitora dos alunos, através das propostas e/ou estratégias metodológicas aplicadas pelos egressos.	Disssertações, BNCC, PCN, regimento, grade curricular e planos de disciplina relacionados ao ensino de Literatura do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.
Leitura de cordel: proposta metodológica pelo viés da obra "As proezas de Konaré", de Joaquim Mendes	Discutir aspectos inerentes à leitura do cordel, sob os indicativos dos documentos oficiais.	PCN e BNCC.
Análise literária do discurso narrativo nos textos de *Red dead redemption* 2	Analisar através do discurso narrativo a presença de textos literários dentro da décima arte, constituída pelos jogos eletrônicos.	Jogos eletrônicos
O cordel como elemento motivador para a leitura de clássicos: um olhar pela obra helena, de Machado de Assis, adaptada pelo cordelista José Barbosa	Realizar um estudo comparativo entre o romance Helena, de Machado de Assis e sua adaptação em cordel feita por José Barbosa, observando a intertextualidade.	Artigos, ensaios e livros teóricos.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Com bases nos resultados obtidos, os pesquisadores demonstraram ter um interesse maior por analisar obras literárias, até mesmo nos trabalhos que tratam do processo de leitura, apresentando assim potencial para beneficiar a Educação Básica.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Acreditamos que isso contribui para um maior conhecimento de obras literárias, podendo contribuir para uma abordagem didática que venha a despertar o interesse dos estudantes pela leitura das obras.

Por outro lado, é importante destacar que também se vislumbra uma limitação ao estudo de obras literárias, visto que os pesquisadores parecem não se interessar por outras fontes de dados, como livros didáticos ou atividades de estudantes. Isso nos chama atenção, pois é nos livros didáticos que, muitas vezes, se faz a leitura de e sobre Literatura, o que demanda, por parte de quem pesquisa as ações escolares e tem no horizonte esse lócus como espaço de trabalho, enveredar também pelos caminhos da elucidação dessa forma de conduzir a formação do leitor de Literatura. Ademais, as repercussões nos próprios estudantes quando ao que aprendem no âmbito da Literatura é outro fator que, a nosso ver, muito tem a revelar, pela pesquisa.

É, pois, necessário cultivar junto aos licenciandos um interesse mais diversificado pelo que se faz com a Literatura na escola, para além de apenas se estudarem as obras que nela se fazem presentes. Buscar relacionar a Literatura com o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, de forma a trabalhar em conjunto, e não de forma dissociada contribui significativamente para se promover uma sólida base para o letramento literário dos estudantes.

Considerações finais

Concluímos que a pesquisa pode contribuir significativamente para melhorar a qualidade do curso de Letras Português, pois não existe um trabalho como esse que estamos realizando. Nosso intuito é criar um panorama dos temas abordados nos trabalhos, de modo que os acadêmicos evitem repetir pesquisas já realizadas ou decidam aprofundar-se em uma linha de pesquisa menos explorada.

Quanto a tipologia das pesquisas, notamos uma predominância de pesquisas documentais totalizando 71, tendo em vista que a fonte dos dados são obras literárias. No que concerne às temáticas mais investigadas, notamos um grande interesse em pesquisas de aplicação teórica, com 26 trabalhos, e em análise sócio-históricas, que conta com 29 trabalhos.

Quanto aos trabalhos com potencial para beneficiar de forma direta o ensino e

aprendizagem de literatura, os resultados apontam que há escassez, pois somente 8 pesquisadores demonstraram interesse por esse âmbito, sendo que a maior parte das pesquisas desse conjunto concentra-se em análises de obras literárias, sem relacioná-las especificamente à prática em sala de aula.

Diante dos resultados obtidos, nos chama a atenção o fato de o curso de Letras Português se enquadrar como uma licenciatura, porém os trabalhos de conclusão de curso, em sua grande maioria, não evidenciarem um olhar investigativo dos licenciandos para o que virá a ser o seu principal espaço de prática profissional, o que certamente requer uma busca por possíveis motivações para tal fato, ensejando pesquisas futuras.

Referências

AGUIAR, V. T. D.; PEREIRA, V. W. P. (org.). **As letras em foco na pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEHFELD, N. **Metodologia e conhecimento científico**: horizontes virtuais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, n. 1, p. 21-30, 2º sem. 2004.

OLIVEIRA, R. P. D. Pesquisa literária em foco: tendências, possibilidades e impasses. **Nonada**: Letras em Revista, Porto Alegre, v. 1, n. n. 12, p. [on-line], maio/set. 2009. ISSN 2176-9893. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451678003.

PAIVA, V. L. M. D. O. E**. Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, v. 7, n. 2, p.

305-22, jul./dez. 2005.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais,** v. I, n. I, p. 1-15, jul. 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI. **Projeto Pedagógico do Curso** – Letras Português.
Teresina, 2012.

WANDERLEY, L. E. W. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ECOS DE VOZES SELVAGENS: A ESCRITA INDÍGENA DE JUVENAL PAYAYÁ

Leiane Carla Aquino de Oliveira Cohim[151]

Elizabeth Gonzaga de Lima[152]

Resumo: No cenário da produção literária de autoria indígena contemporânea, o cacique e escritor Juvenal Payayá, natural da Chapada Diamantina, Bahia, desenvolve uma poética que contribui para a formação leitora de estudantes da Educação Básica, ao trazer a perspectiva de uma textualidade que sempre esteve à margem do sistema literário canônico e abordar temas diversos que perpassam pela História, ancestralidade, território e cosmologia dos povos originários, além de experiências e desafios enfrentados por indígenas inseridos na vida urbana. Acessíveis em meios impressos e digitais, suas obras expressam sensibilidade e experiência de quem transita entre o meio urbano e a natureza onde vive. Nesse viés, o objetivo é analisar como a poética do escritor Juvenal Payayá pode estimular a leitura das textualidades indígenas pelos(as) alunos(as), tornando audível a voz do povo Payayá na Educação Básica. Desse modo, o *corpus* desta análise de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa são poemas que compõem a terceira parte da antologia *Vozes Selvagens* (2016), intitulada "Aos Heróis" e busca tirar do silenciamento personalidades indígenas invisibilizadas. O trabalho se fundamenta nas contribuições de estudiosos e estudiosas indígenas como: Werá Jecupé (2020), Kambeba (2018), Munduruku (2012) e não indígenas, como: Ngozi Adichie (2019), Quijano (2005) e Pacheco de Oliveira (1998). Além de contribuir para a afirmação da existência do povo Payayá, residente na Cabeceira do Rio, em Utinga, Bahia, este estudo favorece a ampliação do repertório de leitura a estudantes, a formação continuada de educadores(as) e demais interessados(as) na escrita protagonizada por indígenas.

Palavras-chave: Literatura de autoria indígena. Juvenal Payayá. Vozes Selvagens. Educação Básica.

Introdução

Queres um segredo ancestral? Olha da ponte o rio:
as escumas que interrompem o sonâmbulo curso,
veem as ondas tortas como canto dos heróis.

Menino, meus versos te dizem verdades,
Evocam os ancestrais da idade do culto,
Cultuam o tempo naturalmente em versos.

[151] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), da UNEB – *Campus I;* integra o grupo de pesquisa Estudos de Produção e Recepção em Culturas e Linguagens. leianeaquino@yahoo.com.br

[152] Orientadora: Profa Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL). Contato: profbethliteratura@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(PAYAYÁ, 2018, p. 58).

Nestas últimas décadas, representantes de diversas etnias indígenas têm buscado meios para o reconhecimento de sua autonomia, com vistas à desconstrução de um imaginário alicerçado em moldes ocidentais que refletem uma representação distorcida do ser indígena, algo que contribui para a consolidação de estereótipos que atravessaram cinco séculos e que se fazem presentes na sociedade contemporânea. Seja através da literatura, da música, das artes em geral e da pesquisa acadêmica, acessíveis em meios impressos ou digitais, escritores, artistas e estudiosos pertencentes a diferentes povos utilizam diferentes recursos para fomentar a luta política em prol da cidadania indígena e contra a invisibilidade à qual foram relegados desde a chegada dos colonizadores.

Em se tratando das literaturas de autoria indígena, em clara alusão às 305 etnias e 274 línguas faladas, há de se considerar que representam não só um importante instrumento para levar aos leitores o conhecimento das ancestralidades, modos de vida, cultura, relações com o território, cosmologias, mas também uma importante possibilidade de levar esses mesmos leitores a questionarem as representações construídas por não indígenas, especialmente, as veiculadas pela literatura indianista em que prevalecem descrições subalternizando os povos originários, os quais são descritos como seres do passado ou em vias de extinção, devido à sua incapacidade, selvageria ou inocência, consequência de uma concepção hegemônica eurocêntrica, que desconsidera os diferentes modos de vida dos territórios colonizados, de produção de conhecimento, de cultura e se coloca como superior.

Por isso, as textualidades indígenas potencializam a visibilização dos povos originários, uma vez que, exercitando a sua autonomia por meio da palavra escrita segundo as modalidades discursivas de cada etnia, os(as) escritores(as) são os agentes da sua produção, seja ela coletiva ou individual. Isto é, a partir das literaturas indígenas, escritores e escritoras de diversas etnias têm a sua representatividade neste espaço cultural, no qual, durante séculos as referências aos povos originários eram feitas sob a égide de um olhar ocidentalizado. Acerca disso, o escritor guarani Olívio Jekupé (2009) ressalta que:

> [...] faz tantos séculos que o Brasil foi dominado pelos Juruá kuery, não Índios em guarani, e desde aquela época tudo o que se fala sobre nossos parentes é escrito por eles. Eu não via isso como algo interessante, porque nós temos que contar nossas histórias

> para nossos filhos e se tiver que ser escrita, por que não pelo próprio índio? (JEKUPÉ, Olívio, 2009, p. 11).

Nessa perspectiva, o autor nos convida a pensar o indígena como sujeito das narrativas do seu povo, com autonomia para reverberar por meio da linguagem escrita alfabética as representações do seu pertencimento étnico e suas percepções cosmológicas, garantindo o conhecimento das diversidades culturais para outros povos indígenas e não indígenas, algo que vem se fortalecendo gradualmente.

Todavia, vale ressaltar que no cenário das literaturas indígenas contemporâneas, apesar de um número expressivo de autores(as) escreverem e terem a oportunidade de publicar suas textualidadas, muitos deles encontram-se no anonimato (KAMBEBA, Márcia, 2018). Fato que indica que nos espaços de cultura, como a escola, indígenas ainda são representados pelo olhar do outro, predominantemente, hegemônico, de base eurocêntrica. Assim, é possível compreender o que significa para os povos originários conceberem a literatura como instrumento de luta, resistência e de afirmação de identidades. Além de expressar arte através da palavra (escrita), as literaturas de autoria indígena abordam ancestralidades, relação com o território, com a história e cultura de cada povo, mas também reivindica a cidadania indígena e denuncia formas de violência e exclusão. Afinal, dominando a técnica do homem branco (a escrita impressa ou digital), é possível desconstruir representações sociais que desvalorizam e desconsideram as diversidades dos povos indígenas do Brasil; tornar conhecido e reivindicar o direito de vivenciar seus rituais, valores, línguas nativas, relação com a terra, respeito às cosmologias e, também, denunciar exclusão e violência contra todas as formas de vida que põem em risco territórios tradicionais[153]. Ademais, por meio da literatura de autoria indígena é possível conhecer culturas e histórias de diversos povos, fomentando o que preconiza a Lei nº. 11.645/2008.

É nesse viés, que se situa a escrita do Cacique Juvenal Payayá, autor de um número considerável de obras em prosa e em verso, que tematizam lutas e conquista do Território Indígena Payayá, localizado no Povoado de Cabeceira do Rio, em Utinga, Chapada Diamantina – Bahia, além da cultura, ancestralidades, cosmologias e relação com a natureza. Também permeiam seu repertório temático vivências de indígenas no meio urbano, tais como: desafios em

[153] Conforme Decreto 6.040 de 07 de fevereiro de 2007, chama-se "Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações."

escolas não indígenas, denúncias contra formas de exclusão e de violência, apelo à resistência e luta pelo respeito às histórias e diversidade dos povos originários, instigando leitores a refletirem e a problematizarem representações que foram construídas durante um longo processo da história marcada por perseguições dos colonizadores, contágio de doenças trazidas por eles, silenciamentos e torturas, resultando no "vasto genocídio dos índios nas primeiras décadas da colonização [...] principalmente porque tais índios foram usados como mão de obra descartável, forçados a trabalhar até morrer." (QUIJANO, Aníbal, 2005, p. 120).

Entretanto, é importante considerar que a circulação de obras de autoria indígena ainda é escassa, especialmente, no ambiente escolar, onde prevalece o trabalho com a leitura de cânones da literatura brasileira, seja por meio da indicação de livros paradidáticos, seja através de excertos constantes em livros didáticos adotados. Situação que em nada favorece a inserção de outras vozes e, portanto, do conhecimento da diversidade de povos que já elaboravam suas narrativas antes mesmo da chegada dos brancos, por intermédio do exercício da memória e da oralidade, de forma peculiar aos modos de vida de cada etnia indígena: "[...] É muito importante garantir o lugar da diversidade, e isso significa assegurar que mesmo uma pequena tribo ou uma pequena aldeia guarani [...] tenha a mesma oportunidade de ocupar esses espaços culturais [...]" (KRENAK, Ailton, 1999, p. 29). Nesse sentido, é preciso que a escrita de autoria indígena assim como outras manifestações artísticas ganhe espaço junto a educadores e estudantes não indígenas e seja lida, sendo respeitadas suas particularidades sem o crivo de parâmetros eurocêntricos que definem o que é ou não arte: "[...] mesmo que essa arte, essa criação e esse pensamento não coincidam com a sua ideia de obra de arte contemporânea, [...] diante de sua visão estética, porque senão você vai achar bonito só o que você faz ou o que você enxerga". (KRENAK, Ailton, 1999, p. 29).

Foi pensando em contribuir com a garantia desse lugar da diversidade que, ao definirmos o *corpus* deste trabalho *Vozes Selvagens* (2016), objetivamos analisar como a poética do escritor Cacique Juvenal Payayá pode estimular a leitura das textualidades indígenas pelos (as) estudantes, tornando conhecida a voz do povo Payayá na Educação Básica. Em sua escrita, passado e presente se encontram em uma poética demarcada pela crítica, humor e ironia, proporcionando aos leitores reflexões que denunciam exclusões e violências cometidas contra indígenas e que a história oficial insiste atenuar.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Junto a escritores pertencentes a outros povos originários, Cacique Juvenal Payayá apresenta um Brasil no qual o indígena é o protagonista de sua poética, contribuindo para desconstruir a perspectiva idealizada e eurocêntrica moldada pelos colonizadores europeus acerca dos ameríndios. Para Almeida e Queiroz (2004):

> Os escritores indígenas estão descobrindo o Brasil. Se os viajantes europeus dos séculos XVI e XVII descreviam o território, a fauna e a flora, os rios e as gentes aqui encontrados, para com isso apresentar ao público o novo mundo, agora os nativos estão revertendo a história. Cerca de quarenta povos indígenas do Brasil já publicaram seus textos em livros e "cartilhas" que, quase sempre, se dirigem disfarçadamente aos brancos para redesenhar o seu terra à vista. (ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia, 2004, p. 195).

Vale ressaltar que *Vozes Selvagens* (2016) é uma coletânea de poemas organizados em cinco partes distintas, conforme a confluência de temas, intituladas: I Caminho do Mal; II Vozes Selvagens; III Aos Heróis; IV Céu e Terra; V Confissões de Amor. Neste trabalho, compõem o *corpus* de nossa análise poemas que integram "Aos Heróis", que contribuem para conhecer personalidades indígenas invisibilizadas e provocar outro olhar que denuncia a dor e o sofrimento provocados pelos invasores ao longo da história, ao se apropriarem dos territórios, levando muitos indígenas a migrarem e a ocultarem suas identidades em nome da sobrevivência: "Esses se tornaram sem-terras, sem-teto, sem-história, sem-humanidade. Tiveram que aceitar a dura realidade dos sem-memória, gente das cidades que precisa guardar nos livros seu medo do esquecimento" (MUNDURUKU, Daniel, 2018, p.82).

"Sonetos aos Heróis", de Payayá: indígenas que fizeram história

Segundo a intelectual nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 26), "A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que a história se torne a única história". Foi dessa forma que durante gerações se cristalizou no imaginário de não indígenas uma representação idealizada e extemporânea, se considerarmos a primeira metade do século XIX e o seu ideal de criação de uma identidade nacional: "Os indígenas que antecederam à colonização foram transformados em um ideal estético e moral do qual a nova elite se pretendia como os naturais herdeiros [...]" (OLIVEIRA, João Pacheco de, 2022, p. 22). Esse modo de apresentação dos indígenas contrapunha-se às primeiras representações dos povos nativos, quando prevaleciam referências pejorativas em relação aos seus modos de ser e de viver na tentativa de justificar as diversas formas de violência cometidas pelos colonizadores: "Os primeiros relatos sobre os indígenas

foram reabilitados associados a uma outridade (otheress) nacionalista e romântica, que teve grande destaque na literatura e nas artes, em especial durante o longo segundo reinado (1840 a 1889).” (OLIVEIRA, João Pacheco de, 2022, p. 22).

Todavia, contrapondo-se ao plano literário, “No plano local eram fortemente discriminados por sua ancestralidade, chamados de ‘caboclos’ e tendo que limitar o exercício de suas tradições ao contexto doméstico e a práticas clandestinas e camufladas”. (OLIVEIRA, João Pacheco de, 2022, p. 23). Em contraposição a esse cenário, o Cacique Juvenal Payayá contribui para romper com estereótipos ao propor, por meio do protagonismo de sua escrita autoral, reflexões que reverberam seu ativismo em prol das causas indígenas de seu povo e demais parentes de outras etnias, a luta pelo reconhecimento e valorização das diversidades dos povos, de suas histórias, culturas e pela cidadania indígena. Não à toa, ao optar pelo uso das letras K, Y e S em palavras como kaatinga, aldeya e Paraguasu (influência do tupi) que aparecem em alguns de seus poemas, logo nas primeiras páginas de *Vozes Selvagens* (2016), o autor nos adverte: “devido a devoção dedicada à minha cultura indígena, pela busca de sua real existência e a esperança de ser participante deste modo de vida, os sonhos poéticos me faz romper com alguns paradigmas, a forma é voluntária e o desejo intencional” (PAYAYÁ, Juvenal, 2016, s/p). Ainda que seja um conhecedor das convenções ortográficas, ele demarca traços da língua tupi em sua poética, reafirmando a influência das culturas indígenas para a constituição da cultura nacional, mesmo que em muitas circunstâncias ignorada sua origem por parte da população brasileira, como marcas linguísticas, nomes de lugares e personagens citados no folclore brasileiro, por exemplo.

Resgatando lideranças indígenas, o escritor imortaliza essas personalidades, ao render-lhes homenagem através de seus poemas, dando ao leitor a oportunidade de conhecer seus feitos, tirando-as da invisibilidade. Algumas delas serão evidenciadas neste trabalho, como Sakambuasu e Galdino Pataxó, inspirações para o título “Sonetos aos Heróis”, seguido da indicação dos nomes dessas lideranças reconhecidas nos versos de Payayá.

Em “Soneto aos Heróis: Sacambuasu” (p. 73), a nota de rodapé baseada em relato histórico auxilia na compreensão da poética ao esclarecer ao leitor quem era Sacambuasu, cacique da etnia Payayá-Topim, esquartejado pelo colonizador, tendo partes de seu corpo espalhadas nas estradas da Chapada Diamantina e na aldeia, onde se encontra o Território Indígena Payayá, no Povoado de Cabeceira do Rio, em Utinga – BA, conforme acreditam seus moradores.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Peixe grande – símbolo esquecido
Tragédia cara em bárbara guerra;
O chão quando abriga o moribundo
Em clamor aos céus o sangue arvora.

Vitimado como quer a espada,
Olhos decepados como coisa,
Membros expostos vê-se na estrada.
Vale à pena a musa da alma lusa?

Templo histórico e nebuloso,
Por ser Payayá? Cacique? Humano?
-Lamentar do solo seco e liso.

O corpo privado, suor em dreno,
Sakambuasu ressurgido herói,
Abriga-te, pois onde o peito dói!
(PAYAYÁ, Cacique Juvenal, 2016, p. 73).

Sacambuasu era cacique condição que lhe exigia espírito de liderança para lutar pelo seu povo. Em virtude disso, Payayá (2020, p. 37) esclarece: "[...] ser um Cacique é ser, ao mesmo tempo, vigia de almas e guardador de memórias, conselheiro e, também, um pekugûara, conhecedor dos caminhos, um guerreiro; em certas circunstâncias, um bárbaro e escudo do povo". Neste soneto, o herói indígena Payayá Sakambuasu (peixe grande em tupi), cumpre o fatídico destino comum a muitos indígenas que lutaram contra a dominação dos colonizadores: sucumbe diante da espada lusitana. Segundo o poeta, Sacambuasu se rendeu ao líder branco, Mendonça Furtado, representante do colonizador português, após seu filho ter sido sequestrado. "Foi o momento mais crítico da tua valente existência, também de todo povo Payayá. Eras um prisioneiro na grande Taba colonial, Salvador, e diante dos capitães do mato tu eras o maior dos troféus". (PAYAYÁ, Cacique Juvenal, 2020, p. 37). Somente após a rendição do cacique Sacambuasu, o território foi tomado pelo Governador Mendonça Furtado.

O escritor revela, em *Vozes Selvagens*, uma poética que usa a palavra escrita como instrumento de denúncia, que brada contra formas de violência e exclusão, em defesa do território, do respeito à ancestralidade e modos de vida dos povos originários, paradoxalmente, ignorados e invisibilizados pelo opressor ou, ainda, idealizados, de forma extemporânea, em versos e prosas indianistas, enquanto povos originários enfrentam lutas em defesa de seus territórios tradicionais, pelo direito de viver suas culturas, colocando em risco suas vidas. Foi assim com Galdino Pataxó, liderança do povo Pataxó Hãhãhãe, do Sul da Bahia, também imortalizado na escrita do Cacique Payayá, através do "Soneto aos Heróis: Galdino Pataxó",

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

vítima de jovens brancos de classe média, em Brasília, que lhe atearam fogo, enquanto dormia em um ponto de ônibus, após um dia do emblemático 19 de abril de 1997, quando se discutiu vários compromissos relacionados à pauta de reivindicação junto a outras lideranças, incluindo a luta pela demarcação de terras.

> Galdino te vitimaram assim:
> Em madrugada lúdica e fria;
> Tal mendigo, o viver se nega, enfim,
> Pois, ao covarde é figura espúria;
>
> Galdino Pataxó e João Cravim,
> Filhos de Minervina e seu Jó
> Guerreiros, vítimas dos mandarins,
> Revoltam no tronco os manitó;
>
> Vida severa forjada em luta:
> Buscar a terra por causa justa
> Das mãos infames -, covarde, bruta!
>
> Na paz guerreira alegria é musa
> Não rende o espírito, a fé não abate,
> Se a vida é vivida no combate.
> (PAYAYÁ, Cacique Juvenal, 2016, p. 76).

"Guerreiros", "luta", "terra", "combate", termos que se coadunam e nos remetem ao passado de violência colonial, em que povos indígenas foram perseguidos e muitos extintos. Violências aplicadas contra diversas etnias em diferentes regiões do país e que não se restringem a 1500: "No sul, sudeste e em partes do centro-oeste foram violentamente perseguidos pelos chamados 'bugreiros'. Estes eram matadores profissionais [...] recebendo pagamento em função do número de orelhas de índios mortos que exibiam aos seus contratadores". (SANTOS, 1987, *apud* OLIVEIRA, João Pacheco de, 2022, p. 23).

A coletânea de poemas de Vozes Selvagens, especificamente, esses textos que constituem a parte III Aos Heróis, reflete a escrita em que o autor indígena é sujeito consciente de sua própria história, da história do seu povo e da história do Brasil. Perspectiva que difere, sobretudo, da escrita sobre indígenas, em que se verificam abordagens generalizadas e o predomínio da subalternização, segregação e exclusão das narrativas e poéticas dos povos originários, enquanto enaltece referências aos dominadores. Para Jekupé (2020):

> Tribo, povo, civilização, etnia. Foi predominantemente no coletivo que a história do Brasil tratou a temática indígena. Desde o tempo em que a fundação da pátria brasílica foi colocada no calendário gregoriano, alguns nomes se tornaram ícones históricos, como Cabral, Caminha, Anchieta, Borba Gato, João Ramalho, Inácio de Loyola, Manoel da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Nóbrega, Fernão Dias. Dá a impressão de que a construção da nação não teve participação ativa também de referências, heróis e líderes das culturas nativas. (JEKUPÉ, Kaká Werá, 2020, p. 104).

Desse modo, expandir o repertório de leituras na Educação Básica, oferecendo aos estudantes a oportunidade de conhecer textualidades indígenas é garantir não só o cumprimento de uma lei, mas oportunizar o conhecimento das lutas, dos desafios dos povos originários e a valorização de suas culturas, contados por eles, enquanto sujeitos da produção. A fim de alcançar esse objetivo, é necessário fazer o percurso inverso, desconstruindo preconceitos em torno do ser indígena e estereótipos que ainda existem e são perpetuados (in)conscientemente. E nesse sentido, a escrita do Cacique Juvenal Payayá pode contribuir para romper com preconceitos e visões distorcidas.

A poética do Cacique Juvenal Payayá: contribuições para a formação leitora de estudantes da Educação Básica

É fato que no contexto escolar ainda prevalecem perspectivas de autoria de não indígenas nas narrativas e poéticas sobre povos originários, por isso é importante articular um planejamento de atividades que preparem os estudantes para a leitura de textualidades de autoria indígena, incluindo outros elementos que acrescentam sentido à escrita alfabética, como "visual, textual, auditivo, sinestésico, etc." (KRESS 2010 *apud* THIÉL, 2012, p. 87).

Nesse sentido, apresentamos algumas sugestões de como trabalhar a poética do Cacique Juvenal Payayá na Educação Básica, especialmente, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Desse modo, fundamentamos nossa proposta nas contribuições de Thiél (2012) para quem a contextualização das atividades de leitura de textualidades indígenas é uma etapa que exige uma atenção especial no planejamento docente. Isso porque considerar o conhecimento prévio dos(as) estudantes acerca de cada texto a ser trabalhado vai direcionar os momentos da leitura (antes, durante e depois) e favorecer a eles(as) a compreensão dos textos trabalhados.

Nessa perspectiva, para a contextualização dos poemas a serem analisados, na etapa de pré-leitura, pode-se promover um diálogo com os estudantes a partir da apreciação da capa do livro em que se encontram publicados os textos. Nesse sentido, é válido orientá-los a observar imagens, título, nome do autor, instigando-os a comentarem o que o nome da obra sugere, a fim de refletir sobre o adjetivo "Selvagens" e os estereótipos ligados aos indígenas; pesquisar a

biografia do autor; fazer a leitura imagética da Chapada Diamantina, questionando se conhecem a existência de indígenas nessa região da Bahia; consultar o sumário, os possíveis temas antecipados pelos títulos; questionar se conhecem textos de autores(as) indígenas e textos de escritores não indígenas que tratam sobre as culturas desses povos; ouvir e analisar letras de músicas que trazem o indígena como tema. Ademais, para uma abordagem mais precisa do "Soneto aos Heróis: Galdino Pataxó", pode-se apresentar imagens em que o ocorrido ganhou destaque em manchetes de jornais e/ou assistir a vídeos do YouTube em que esse assunto é abordado em entrevistas, reportagens e exposição fotográfica.

Após esse momento, inicia-se a etapa seguinte, a leitura (silenciosa e/ou em voz alta) dos poemas que podem ser trabalhados em grupos ou individualmente. Seja como for, é importante que os estudantes sejam orientados a se atentarem ao título, à forma como o tema é abordado pelo escritor indígena e à composição poética, conforme a realidade de cada turma. Sendo o trabalho realizado em grupos, estes podem ser orientados a, de forma consensual, escolher uma estrofe ou um verso para ler para toda a classe e comentar sua escolha, proposta que pode ser ajustada ao trabalho individual com os poemas.

Pensando na etapa pós-leitura, acreditamos que ela deva se iniciar com a escuta aos alunos: o que acharam? O que sentiram? Alguma mudança na forma de ver o indígena? Nesse momento, pode-se instigar a turma a pesquisar em que situação se encontram os assassinos de Galdino Pataxó após 27 anos do ocorrido e, com o resultado, propor um podcast colocando o assunto em pauta. A fim de agregar reflexão e criação de outras linguagens, os(as) estudantes ainda podem declamar os poemas, e, em grupos, transformá-los em texto teatral e dramatizá-los para outras turmas de estudantes da mesma escola ou em intercâmbio escolar. Outra sugestão é pesquisar a vida das lideranças inspiradoras dos poemas trabalhados e transformá-la em histórias em quadrinhos. A partir desse trabalho, é possível expandir a discussão sobre a diversidade de povos indígenas no Brasil, sua contribuição para a cultura nacional e o respeito às diferenças culturais.

Considerações finais

Acreditamos que as atividades propostas para o trabalho com os poemas desse escritor indígena baiano, além de estimular a formação leitora dos estudantes, também contribuem para

fomentar a Lei nº 11.645/2008, uma vez que promove o conhecimento dessa etnia em sala de aula, sua história e sua cultura atreladas a reflexões acerca do respeito à diversidade cultural do país. Ademais, a poética do Cacique Juvenal Payayá favorece a problematização da herança de um sistema colonial engendrado pelos colonizadores europeus e que se mantém presente em nossa sociedade, através do que o sociólogo Aníbal Quijano (2005) denomina colonialidade do poder, da qual resultam outras formas de dominação, como a colonialidade do saber, que privilegia conhecimentos hegemônicos em detrimentos de outros provenientes de grupos sociais subalternizados.

Munduruku (2018) ressalta: "Pensar a literatura indígena é pensar no movimento da memória para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam." (MUNDURUKU, Daniel, 2018, p. 83). Nesse sentido, Vozes Selvagens, especificamente os poemas que compõem a parte "Aos Heróis", apresenta-se como uma obra contra-hegemônica que apresenta outra perspectiva para pensar o ser indígena que vive em contexto urbano, as lutas e desafios que atravessam o século XXI. Talvez, por isso - ousamos arriscar - resida aí a escolha do adjetivo "Selvagens" para as "Vozes" indígenas ecoadas pela voz do Cacique Juvenal Payayá em sua obra. Vozes que resistem à invisibilidade e contribuem para valorizar o exercício da memória e da oralidade, das histórias e cultura do seu povo e de outros povos originários, afirmando a luta pela autonomia e contra formas de exclusão e de violência.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. Júlia Romeu**.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BRASIL. *Lei n. 11.645, de março de 2008*. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena." Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.

JECUPÉ, Olívio. *Literatura escrita pelos povos indígenas*. São Paulo: Scortecci, 2009.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória. *In:* DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa. Helena Siqueira (Orgs.). *Literatura Indígena*

Brasileira contemporânea– Criação, Crítica e Recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p. 39-44.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. *In:* NOVAES, Adauto (Org.). *A outra imagem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. *In:* DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira (Orgs.). *Literatura Indígena Brasileira contemporânea– Criação, Crítica e Recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p. 81-83.

OLIVEIRA, João Pacheco de. A luta pelo território como chave analítica para a reorganização da cultura. *In:* OLIVEIRA, João Pacheco de. *A reconquista do território: etnografias do protagonismo indígena contemporânea.* 1ª ed.- Rio de Janeiro: E – papers, 2022.

PAYAYÁ, Juvenal Teodoro. De Juvenal Payayá para o cacique Sacambuasu. *In*: XUCURI-KARIRI, Rafael; COSTA, Suzane Lima (Orgs.) *Cartas para o Bem Viver.* Salvador: Boto-cor-de rosa livros arte e café/ paraLelo13S, 2020. p. 36-46.

PAYAYÁ, Juvenal Teodoro. *Nheenguera.* Salvador: ALBA Cultural, 2018.

PAYAYÁ, Juvenal Teodoro. *Vozes Selvagens.* Salvador, BA: Editora Vento Leste, 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In:* QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas.* Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

THIÉL. Janice. *Pele silenciosa, pele sonora - A Literatura indígena em destaque*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MIDIATIZAÇÃO E FOLCLORE BRASILEIRO: o Kurupyra na série *Cidade Invisível* da Netflix.

Douglas Henrique Santana Santos[154]

Elizabeth Gonzaga de Lima[155]

Resumo: A relação da literatura com os meios comunicacionais possibilitou o surgimento de outras formas de leitura e de produção cultural. Dessa forma, as narrativas foram redimensionadas para diversos formatos, como o rádio, o vídeo, o cinema e, atualmente, as séries de streaming. Tal midiatização, enquanto processo de difusão da cultura, durante décadas alterou e também impulsionou as histórias vindas do folclore popular, um dos maiores repositórios narrativos brasileiros da oralidade. Nesse sentido, o Kurupyra ou Curupira, ser das florestas oriundo das cosmologias indígenas, foi apropriado pelo folclore e divulgado em diversas produções audiovisuais midiatizadas que alteraram suas configurações em relação às narrativas originárias. Assim, o presente trabalho apoiado em (Cascudo, 2012); (Dorrico, 2021); (Kambeba, 2018), (Hjarvard, 2014) e (Yamã, 2009), pretende analisar as configurações do Kurupyra oriundas das narrativas indígenas para o folclore, no sétimo episódio "É muito maior do que a gente", da primeira temporada da série *Cidade Invisível* produzida pela Netflix. Deste modo, a análise evidenciará a forma como a midiatização se configura em um processo de releitura de narrativas ancestrais dos povos originários representadas no folclore nacional.

Palavras-chave: Literaturas indígenas. Folclore. Midiatização.

Introdução

O folclore brasileiro conquistou um significativo reconhecimento cultural ao reunir uma vasta coleção de elementos materiais e imateriais das culturas indígenas, africana e europeia. Este patrimônio cultural se integrou a diversas áreas da sociedade brasileira, como a pesquisa, o ensino, a educação, o turismo e a comunicação de massa, deixando uma marca duradoura na formação de muitas gerações. Entretanto, no que tange à estruturação e preservação desse acervo, havia uma lógica subjacente de apropriação, esvaziamento e homogeneização das diferenças nas

[154] Graduando do curso de Licenciatura em Letras de Língua Portuguesa e suas Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Contato: unebletras2019doug@gmail.com

[155] Professora Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens e do curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas. Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Contato: profbethliteratura@gmail.com

narrativas culturais desses povos. Dessa forma, as histórias conhecidas e consideradas lendas do folclore — como aquelas

que envolvem seres encantados como Curupira, Iara, Boto, Saci Pererê e Matinta Perera — são, na verdade, narrativas de origem dos povos indígenas, cujos significados foram alterados e os conhecimentos originais foram suprimidos. Conforme apontado por William (2020), a apropriação cultural é uma estratégia de dominação que busca diminuir

a potência de grupos historicamente marginalizados, esvaziando de significado todas as suas produções como forma de promover um genocídio simbólico.

Além disso, a interação entre os Estudos Folclóricos e a comunicação de massa resultou na padronização de um imaginário coletivo distorcido, muitas vezes permeado por estereótipos pejorativos, através da midiatização de produtos audiovisuais baseados em representações folclóricas. De acordo com Hjarvard (2014), a midiatização pode ter implicações culturais e sociais profundas, alterando a percepção das pessoas sobre o mundo e a maneira como interagem, além de transformar expressões culturais. Sob essa perspectiva, entende-se que a midiatização do folclore permite revisões periódicas do acervo narrativo.

Em contraste com esse processo de apropriação, apagamento e midiatização presentes no folclore nacional, as literaturas indígenas contemporâneas contrapõem esse viés ao manter um vínculo essencial com o contexto original das narrativas de origem e com a tradição da oralidade. Ao escreverem sobre suas mitologias, os escritores e escritoras indígenas reafirmam a posse intelectual de suas narrativas de origem e dos saberes ancestrais nelas incorporados.

Diante dessas premissas, o principal objetivo deste trabalho é analisar as configurações do Kurupyra advindas das narrativas de origem dos povos indígenas para o folclore. O *corpus* analisado é o sétimo episódio intitulado “É muito maior do que a gente”, da primeira temporada da série *Cidade Invisível* produzida pela Netflix sob a direção de Luis Carone e Júlia Pacheco Jordão.

O trabalho se fundamenta nas reflexões dos estudiosos Kambeba (2013, 2018); Dorrico (2021); Souza (2006) e Yamã (2012) para embasar os estudos acerca das literaturas indígenas, Cascudo (1999) para tratar do folclore e de suas características, Eliade (1972) a fim de alicerçar a conceituação dos mitos, William (2020) objetivando esclarecer a questão da apropriação cultural e o teórico Hjarvard (2014) em suas pesquisas acerca da midiatização.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As análises deste artigo contribuem para problematizar e reforçar a crítica ao processo de epistemicídio dos saberes dos povos originários, discutido por diversos estudiosos e escritores indígenas. Outrossim, lança luz para a questão do uso das tecnologias comunicacionais e da mídia através do processo de midiatização, no que diz respeito à difusão de produtos midiatizados inspirados pela perspectiva folclórica. Somando-se a isso, contrapõe tais operacionalidades ao colocar em evidência as literaturas indígenas, que ao retomarem posse de suas narrativas de origem, vão gradativamente conscientizando aos não indígenas sobre a origem e os contextos primeiros das existências cosmológicas, da qual o Kurupyra e demais seres fazem parte.

Da oralidade para as literaturas indígenas: os Kurupyras e as narrativas de origem

A literatura indígena contemporânea brasileira, apesar de recente, por surgir nos anos finais do século XX e em modelos que estavam fora dos padrões formais reconhecidos pelas instituições literárias, trazem na sua tessitura um legado ancestral que resistiu ao tempo através da oralidade. Além disso, a conquista das letras e da literatura por mais autores indígenas enquanto expressão das culturas, vivências e lutas, transparecem a consolidação dessa literatura cujo fazer literário é permeado pelas vozes da oralidade e do vínculo indissolúvel entre narrativa e arte visual (Kambeba, 2018). Nessa perspectiva, vozes como as de Graça Graúna, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Yaguarê Yamã, Márcia Kambeba, Kaká Werá Jecupé, Olívio Jecupé, Juvenal Payayá, Lucia Tucuju, Cristino Wapichana e muitos outros escritores e escritoras indígenas, reverberam os saberes ancestrais e a coletividade de suas etnias em seus escritos.

Além disso, a disseminação dessas vozes em formato escrito é um elemento vital das literaturas indígenas brasileiras, ao estabelecer uma conexão forte e indissolúvel com as tradições orais. Esse fenômeno remete ao processo de transposição das vozes para a escrita, cuja complexidade não se limita apenas às particularidades performativas da oralidade que não podem ser completamente capturadas na escrita (Souza, 2006), mas também ao fato histórico de que as sociedades originárias do passado não possuíam uma escrita alfabética.

Desse modo, as histórias das quais nós não indígenas temos acesso hoje através dessas literaturas, fazem parte da herança cultural salvaguardada por inúmeras gerações

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

indígenas através da oralidade. Ademais, essas textualidades que resistiram à ação do tempo graças a memória coletiva desses povos, são expressas nas narrativas de origem, textos orais que versam sobre o tempo das origens, que se aproximam conceitualmente
dos mitos por apresentarem traços coletivos dialógicos e pedagógicos.

De acordo com Eliade (1972), nas sociedades onde o mito desempenha um papel central e ativo, ele permeia não apenas a cultura, mas também influencia diretamente a conduta humana, oferecendo modelos que delineiam comportamentos e estabelecem valores. Ao fornecer uma narrativa coerente e abrangente sobre a origem do mundo, a relação humana com o divino, e os princípios éticos a serem seguidos, o mito confere significado e valor à existência individual e coletiva. Conforme Silva, as cosmologias, para os indígenas, são compreendidas como teorias do mundo. Essas conjecturas estão relacionadas com a origem do mundo, a ordem, o movimento, o tempo e o espaço. Além do mais, as cosmologias também determinam os lugares humanos, dos animais, dos seres da floresta, espíritos e divindades no mundo, bem como a relação de reciprocidade e interdependência entre esses diferentes sujeitos:

> É central a definição do que seja a humanidade e de seu lugar na ordem cósmica em contraposição a outros domínios - habitados e controlados por seres de outra natureza - vistos, às vezes, como momentos diversos de um processo contínuo de produção da vida e do mundo. No cosmos concebido, há ordem, há classificação, há oposição lógica, há hierarquia, categorias inclusivas e exclusivas. Mas há também movimento e um jogo constante com o tempo, seja para suprimi-lo, permitindo aos viventes humanos um reencontro possível com o passado, os ancestrais, as origens, seja para torná-lo eixo da própria existência, destinada a completar-se e a constituir-se plenamente após a morte, na superação eterna das limitações da condição humana (Silva, 1992).

O(s) Kurupyra(s), no plural, presentes em várias narrativas de origem de diversos povos indígenas, têm suas gêneses nas cosmologias de diferentes etnias dos povos da floresta. Para eles, esses seres possuem particularidades cambiantes mediante as suas perspectivas. Nas narrativas dos Apurinã, o Kurupyra é conhecido como “Caboclinho do Mato,” um guardião da floresta e dos animais que pode mudar sua aparência para lidar com pessoas que causam mal aos seres vivos (Santos et al, 2022). Para os Kambeba/Omágua, a entidade é feminina e atua como guardiã da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

floresta e do povo, avisando o tuxaua sobre perigos e fenômenos naturais. No livro *As Pegadas do Kurupyra* (2008), Yaguarê Yamã, pertencente ao povo Maraguá, descreve o Kurupyra como um vigia e protetor das florestas, representado como um garoto, mas respeitado na região Amazônica.

Folclorização e midiatização: o Kurupyra de *Cidade Invisível*

O folclore brasileiro, enquanto conjunto dos saberes populares, foi indicado como pauta em 1940, para a organização da fortuna cultural popular, oriunda dos povos participantes do processo de miscigenação, a saber, os indígenas, os africanos e os europeus. Essa incumbência recaiu sobre os estudiosos enquanto orientação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). De acordo com Dorrico (2021), em 1951 ocorreu o I Congresso Brasileiro de Folclore que reuniu diversos estudiosos e documentou na Carta do Folclore Brasileiro um conjunto de diretrizes para a condução dos Estudos Folclóricos em diversas instâncias científicas e culturais.

Entretanto, por detrás da construção da identidade cultural brasileira por meio do folclore nacional, esteve subjacente uma lógica alusiva ao pensamento colonial de despojo e apropriação cultural dos povos da floresta. Essa prática remonta aos séculos XVI e XVII, quando missionários jesuítas, com fins catequéticos, apropriaram-se de elementos das cosmologias indígenas, alterando seus contextos específicos e atribuindo-lhes contornos malignos, demonizando-os. Nesse sentido, o Curupira também fez parte do conjunto de seres cosmológicos demonizados pelos missionários jesuítas. De acordo

com Cascudo, uma das primeiras referências ao ser cosmológico na literatura é de autoria de José de Anchieta:

> É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e que os brasis chamam Curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe de açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disso os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras coisas semelhantes, como uma espécie de oferenda, rogando fervorosamente aos Curupiras que não lhes faça mal (Cascudo, 1999, p.332).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Embora o folclore brasileiro não demonize os seres cosmológicos como os jesuítas fizeram, ele adota a mesma metodologia utilizada pelos missionários, ao apropriar-se e esvaziar as narrativas de origem dos seus significados primários atribuídos pelos povos originários. Nesse sentido, ao retirar esses seres de seu contexto e uniformizar suas características, sem considerar as diversas perspectivas das muitas etnias indígenas brasileiras sobre essas existências cosmológicas, o folclore acabou por homogeneizar
esses seres, criando e perpetuando estereótipos pejorativos em contraposição ao sentido primevo, conforme aponta a descrição de Cascudo:

> Um dos mais espantosos e populares entes fantásticos das matas brasileiras. De curu, contrato de corumi, e pira, corpo, corpo de menino, segundo Stradelli. O Curupira é representado por um anão, cabeleira rubra, pés ao inverso, calcanhares para frente (Cascudo, 1999. p.332).

Conjuntamente a isso, no que diz respeito aos estudos folclóricos, conforme o décimo capítulo da Carta do Folclore Brasileiro (1951), a comunicação de massa desempenhou um importante papel na dinâmica do folclore ao divulgar e influenciar o repertório cultural com a sua expressividade. Nesse sentido, o processo de midiatização cultural tem lugar central na difusão nacional do folclore ao propiciar a criação e circulação de produções audiovisuais pautadas em animações, programas televisivos, curta metragens e mais tardiamente produções voltadas ao mercado de entretenimento do streaming. As produções audiovisuais, enquanto frutos da midiatização cultural e dos desdobramentos da literatura com a mídia, configuram o fenômeno que Stig Hjarvard

(2014) chama de “uma nova geografia social”. Segundo o estudioso, os meios de comunicação desvincularam a interação social do nível local para um contexto nacional, isto é, a expressão cultural passa por um processo de desterritorialização ao compor produções midiáticas e serem difundidas a um nível nacional e até mesmo global: “Na era da globalização, os meios de comunicação não apenas fornecem canais de comunicação entre nações e povos, mas também estabelecem redes conectando todos os tipos de áreas geográficas e atores” (Hjarvard, 2014, p. 63).

A produção audiovisual em série, *Cidade Invisível*, produzida em 2021 pela Netflix, com direção de Júlia Pacheco Jordão e Luís Carone, reúne em sua trama um conjunto de seres que são

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

oriundos da cosmologia dos povos originários e foram apropriados pelo folclore nacional. Na série, a Cuca, a Iara, o Tutu-marambá, o Saci-pererê, o Boto e o Curupira são seres que convivem com a população paulistana e a carioca sob novas identidades sociais do universo urbano. Essa representação contextual, ainda que seja em um texto para audiovisual, o roteiro aponta sutilmente o *modus operandi* do folclore brasileiro ao se apropriar e retirar as especificidades das narrativas de origem e sua circulação na comunidade originária para a elaboração de produções culturais voltadas para entretenimento em massa.

Ademais, a série não consegue representar as pluralidades próprias desse ser cosmológico e então apresenta a personagem Curupira a partir de uma configuração folclorizada, composta por uma dupla caracterização. A primeira representação contextual de sujeito urbano, o Curupira é apresentado como Iberê, um sujeito em situação de rua, que esconde seus pés virados para trás na condição de uma pessoa em cadeira de rodas; convivendo ainda com o Saci-Pererê, também marcado pela vulnerabilidade social. Na segunda configuração do contexto deste ser da floresta, o Curupira passa a ser caracterizado enquanto homem de baixa estatura, seminu, cujos cabelos mudam de castanhos quando calmo, para incandescentes (em chamas) quando tomado de ira. Assim, a alternância entre a primeira e a segunda forma do Curupira demonstra os efeitos homogeneizantes e diferenciadores próprios da midiatização cultural (Hjarvard, 2014. p.64), já que para o teórico Hjarvard (2014), os elos entre local, nacional não são estáveis, pois a relação entre a midiatização e a globalização engendram uma geografia sociocultural complexa em que diferentes entidades individuais, coletivas, nacionais, locais e globais podem se interconectar de novas formas.

Desse modo, a representação do Curupira, ser da cosmologia originária na série, expressa o que Hjarvard (2014) chama de reflexividade cultural:

> Na era da globalização, os meios de comunicação não apenas fornecem canais de comunicação entre nações e povos, mas também estabelecem redes conectando todos os tipos de áreas geográficas e atores. Tal fenômeno, por sua vez, leva a uma maior reflexividade cultural. À medida que os influxos de produtos e comunicação midiáticos cruzarem mais e mais fronteiras, praticamente nenhuma cultura será capaz de desenvolver-se isolada das demais (Hjarvard, 2014. p. 63).

Portanto, é por intermédio desse processo de diferenciação, a exemplo da representação urbana do Curupira e da reflexividade cultural que se aglutina e se traduz diferentes culturas transformadas pela midiatização, fazendo com que o folclore brasileiro encontre similaridade e a

possibilidade de atualizar constantemente o seu repertório perpetuando-o enquanto cultura popular, rasurando parte da complexidade e da diferença das culturas indígenas.

Considerações finais

O folclore brasileiro, anteriormente concebido por alguns como uma inestimável fonte de sabedoria popular, pressupõe alguns requisitos para o reconhecimento de objetos culturais como folclóricos. São eles, a antiguidade, a persistência, o anonimato sobre seu pertencimento, origem e a relação com a oralidade (Cascudo, 2009, p.14). Os Estudos Folclóricos encontraram nas narrativas de origem dos povos indígenas uma fonte rica de dados culturais marcados pela antiguidade, devido à transmissão dessas narrativas de geração em geração, pela persistência naturalmente relacionada nesses contínuos ciclos narrativos entre mais velhos e mais novos, e sobretudo pela oralidade expressa nas conduções performativas dos contadores de histórias dessas sociedades originárias. Tais narrativas e saberes originários, fora dessas comunidades indígenas, eram praticamente desconhecidos para a maioria da população não indígena. Daí advém o êxito do folclore brasileiro na empreitada de se apropriar e esvaziar as narrativas e os seres cosmológicos presentes nelas. Além disso, a midiatização, enquanto processo de difusão cultural pela mídia, de certa forma, alinhada ao escopo do folclore brasileiro, desempenhou um papel estratégico na conexão entre diferentes regiões do país e na consolidação de um imaginário coletivo a nível nacional.

Nesse sentido, Hjarvard (2014) afirma que a mídia digital e as tecnologias de comunicação permitem que as interações sociais superem barreiras geográficas e temporais, de modo que as pessoas de diferentes localidades possam se comunicar e interagir em tempo real, independentemente de onde estão localizadas no mundo.

Diante dessa complexa "geografia social" formada pelos meios e tecnologias de comunicação, as produções midiatizadas de amplo alcance, cujas temáticas evocam o folclore brasileiro, reavivam a memória cultural popular, ao mesmo tempo que fornecem releituras das existências cosmológicas indígenas, destituídas de sua real significação. Foi através desse prisma folclórico-midiático que a entidade cosmológica conhecida como Kurupyra, originalmente compreendida em suas pluralidades por diferentes etnias indígenas, acabou por ser transformada através de um conjunto de elementos homogeneizantes, característicos da perspectiva folclórica e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

diferenciadores a partir da midiatização de representações folclorizadas transpostas para contextos contemporâneos.

Partindo dessas constatações dos pontos de diferenciação, pode-se inferir que a midiatização é um processo ambivalente que potencializa tanto a difusão informacional quanto a cultural, bem como estabelece conexão entre diversos agentes sociais e políticos. Alinhado à diferentes organizações da sociedade, esse processo transmite as percepções de mundo dessas instituições. Por um lado, ao relacionar-se estrategicamente com os estudos folclóricos, a midiatização disseminou um imaginário constituído por rasuras narrativas efetuadas pelo folclore. E por outro lado, conjuntamente com as perspectivas cosmológicas abordadas nas literaturas indígenas contemporâneas, a midiatização revela dois aspectos, o enriquecedor do processo de propagação dos conhecimentos e culturas originárias, levando um público mais amplo a conhecer as narrativas de origem por meio das vozes originárias de seus escritores e produtores, e o problematizador, ao questionar e se opor ao folclore e suas versões narrativas rasuradas.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* 10ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

_____. *Literatura Oral no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2009.

CIDADE INVISÍVEL – 1ª Temporada. Produção de Carlos Saldanha. Série da Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80217517>. Acesso em: 02 jun. 2024.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. *Releitura da Carta do Folclore Brasileiro de 1951*. Boletim nº18, edição especial com noticiário do VIII Congresso Brasileiro de Folclore. Salvador, 1995.

DORRICO, Julie. Folclore brasileiro versus literatura indígena: entenda a diferença. *UOL Ecoa*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julie-dorrico/2021/08/25/folclore-brasileiro-versus-literatura-indigena-entenda-a-diferenca.htm>. Acesso em: 30 mai. 2024.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HJARVARD, Stig. *A midiatização da cultura e da sociedade*. Tradução de André de Godoy Vieira. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2014.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

KAMBEBA, Márcia. W. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: Dorrico, Julie et al. (Orgs.), *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p. 39-44.

LOPES DA SILVA, Aracy. *Mitos e Cosmologias Indígenas no Brasil:* breve introdução. Povos indígenas no Brasil 2001/2005. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1992. Disponível em:<https://pib.socioambiental.org/pt/Mitos_e_cosmologia>. Acesso em: 08 jun. 2024.

MENEZES DE SOUZA, Lynn M. *Uma outra História, a escrita indígena no Brasil*, Povos indígenas no Brasil 2001/2005. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006b. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Uma_outra_hist%C3%B3ria,_a_escrita_ind%C3%ADgena_no_Brasil>. Acesso em: 08 jun. 2024.

SANTOS, Antônio. Rogério. dos .; MACHADO, Ananda.; ABREU, Valtenir. Soares. de . Os Apurinã, Tenetehara, Kambeba, Huni Kuĩ, Maraguá, Ticuna e Krenak gritam: cuidado, o Curupira vai te pegar! . *Tabuleiro de Letras, [S. l.]*, v. 16, n. 1, p. 9–22, 2022. DOI: 10.35499/tl.v16i1.14040. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/14040. Acesso em: 7 jun. 2024.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação Cultural.* São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A Obliquidade de Sentidos no Soneto "*Desce em Folhedos Tenros a Colina*", de Camilo Pessanha

Lírian Daniela Martini (UFMT)

lirian_paulista@yahoo.com.br

RESUMO

Não só em "Desce em Folhedos Tenros a Colina", como também em outros poemas de Camilo Pessanha, a poética apresenta-se essencialmente fragmentada, composta por filamentos de sensações, que se estrutura não na sintaxe habitual, mas numa sintaxe psicológica. Por isso, o presente trabalho procura sensibilizar-se na busca por essa tão original coerência, alicerçada em relações poéticas inusitadas, que fogem à sintaxe comum; o poeta sempre evita as expressões óbvias e referenciais, que estejam claramente explicitadas; o intuito da obra é a sugestão. Pode-se dizer que, na poesia de Camilo Pessanha, bem como no poema aqui analisado, há uma obliquidade em relação às palavras que se dá graças à aproximação de termos aparentemente díspares que, numa primeira leitura, despertam um estranhamento, de modo a distanciar o leitor da maneira comum com que compreende o mundo. Isso exige, portanto, uma atenção redobrada do leitor, que precisa fazer uso da imaginação para preencher os sentidos que o poema deixa em aberto. A propósito do texto poética, MAURICE BLANCHOT (1997) declara que a força da comunicação poética não vem de ela nos fazer imediatamente participar das coisas, mas nô-las dar fora de alcance (...). As palavras têm por vocação como que deixar extrair o centro invisível do seu significado verdadeiro.

Palavras-chave: Simbolismo. Linguagem fragmentada. Correspondência. Sugestão.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ABSTRACT

Not only in "Desce em Folhedos Tenros a Colina", but also in other poems by Camilo Pessanha, the poetry is essentially fragmented, composed of shreds of sensations, which are structured not in the usual syntax, but in a psychological syntax. For this reason, the present work seeks to raise awareness in the search for this very original coherence, based on unusual poetic relationships, which escape the usual syntax; the poet always avoids the obvious and referential expressions, which are clearly explicit. It can be said that in Camilo Pessanha's poetry there is an obliqueness in relation to the words that occurs thanks to the approximation of apparently disparate terms that, at first reading, arouse strangeness. This demands, therefore, a redoubled attention from the reader, who needs to use his imagination to fill in the meanings that the poem leaves open. With regard to the poetic text, MAURICE BLANCHOT (1997) declares that the strength of poetic communication does not come from making us immediately participate in things, but from making them out of reach (...). Words have the vocation of allowing the invisible center of their true meaning to be extracted.

Keywords: Symbolism. Fragmented language. Correspondence. Suggestion

Delineando uma visão geral do poema "Desce em Folhedos Tenros a Colina", percebe-se um clamor do eu-poético para que entre em consonância consigo uma figura feminina sensual, propensa ao mágico. O espaço ocupado por ela localiza-se nas alturas e caracteriza-se pelo emaranhado de que ela mesma, com o movimento de suas mãos e de seus dedos, deve livrar-se, pois se tem a sensação de que seu corpo está envolto por vegetais:

"Oh vem, de branco, - do imo da folhagem!

Os ramos, leve, a tua mão aparte."

"De silva doida uma haste esquiva

Quão delicada oscular um dedo

Com um aljôfar cor de rosa viva"

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A figura feminina descrita pelo eu-poético é inatingível, efêmera e produto de ilusão. Há uma semelhança com o traçado impressionista, pois a figura imprecisa, esfumada da mulher se confunde com os objetos imprecisos da paisagem; a figura feminina vem emaranhada pelos vegetais, sendo difícil distinguir o vegetal do humano, de modo a sugerir uma inconsistência dos elementos que figuram no espaço poético. Para Álvaro Cardoso Gomes, em *A Metáfora Cósmica em Camilo Pessanha*, na poesia lírica, a "mulher tende a perder a substância". Essa afirmação pode ser comprovada pelo próprio poema, pois a mulher vivenciada pelo eu-poético não tem corpo nitidamente formado, não tem contornos, não tem fisionomia marcante, nada do que há nela é consistente. Essa fragilidade da imagem é reforçada pelos adjetivos "leve", "delicada" e "serena".

O espaço que contém a mulher permanece oposto àquele onde o eu-lírico se encontra. O lugar que a figura feminina ocupa está imerso na irrealidade e sob o controle do inconsciente, despertando imagens mágicas propensas ao hipnótico.

A atenção poética incide na imagem feminina da qual o eu-poético não consegue apropriar-se, permanecendo seu desejo inatingível, irrealizado. A figura e os movimentos da mulher são construídos através de uma sintaxe psicológica que beira ao mágico. O eu-poético suspira, inutilmente, pela vinda da amada.

Além das palavras altamente sugestivas, o poema é constituído por metáforas que traduzem as profundas relações do homem com o mundo são as chamadas "correspondências" que segundo Álvaro Cardoso Gomes constituem "...a comunhão entre o sujeito e o objeto, através de um termo ou expressão, capaz de evocar um sentimento comum a ambos." (GOMES, 1977, p. 137). Ainda sobre esse processo, podemos registrar os escritos de Emmanuel Swedenborg, citado por Gomes (1994, p. 19):

> Todas as coisas que existem na natureza, desde o que há de menor ao que há de maior, são correspondências. A razão para que sejam correspondências reside no fato de que o mundo natural, com tudo que contém, existe e subsiste graças ao mundo espiritual, e ambos os mundos graças à Divindade.

As expressões "alma de silfo" e "carne de camélia" são de extrema relevância no soneto e expressam bem o que são as correspondências. Silfo é o gênio do ar, símbolo da mitologia céltica e germânica da Idade Média e que corresponde ao mundo espiritual, dotado de leveza e de subjetividade, pois assim como o ar, são nossos sentimentos: não os vemos, mas estão movendo a vida terrena.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As correspondências constituem os recursos de que Camilo Pessanha se utiliza para sugerir os estados da alma: ao invés de dizê-los às claras, num enunciado óbvio e claro, o poeta usa de um dado da natureza para evocar um sentimento vago, mas absoluto, que é o da ilusão e do sonho. Com sua maneira singular de conceber a arte poética, Pessanha utiliza-se das correspondências para transgredir o comum e constrói uma nova forma de linguagem que rompe com o já estabelecido, passando ao transcendente.

O sintagma "carne de camélia" carrega também uma obliquidade porque apesar do termo *carne* remeter ao mundo físico, o termo *camélia* vem provocar uma dupla significação, pois apesar de ser flor branca e rosa que possui uma beleza evidente, ela quase não exala aroma, seu perfume é bastante sutil. Essa quase imperceptibilidade de cheiro representaria o desprovimento do mundo físico, pois apesar do eu-poético tentar descrevê-la concretamente utilizando-se do termo *carne*, ele não consegue porque a falta de cheiro remete ao mundo espiritual. O sintagma *carne de camélia* é composto por dois vocábulos que se fundem, reforçando ainda mais o caráter de dependência entre o mundo físico e o mundo espiritual.

Apesar de tentar concretizar a efêmera imagem feminina, o eu-poético não consegue porque se ele quiser construir a figura da mulher somente no plano físico, essa construção não será perfeita, pois sempre estará faltando algo de mais singular, o cheiro.

Percebe-se que no soneto há uma desordem de sentidos, levando o leitor a um aguçamento de suas sensações. As metáforas, por meio das quais um objeto físico caracteriza um termo abstrato, instigam o leitor na busca pelo não explícito. O não explícito desperta o mistério e a sugestão no espaço poético.

No soneto o eu-poético está sendo movido por uma ilusão, por algo que não se concretiza. Mas essa espera infecunda e idealizada impulsiona o ato da criação artística. Conforme Pereira (2003, p. 56), "a obra lírica de Camilo Pessanha ilustra abundantemente e intensamente a temática do Decadentismo finissecular". Para esse autor, a atitude derrotista do homem surge sob as espécies do cepticismo fenomenista que tudo vê contingência, aparência e efemeridade. Assim, a evanescente figura feminina, produto da imaginação do eu-poético, vem estabelecer profunda relação com a ilusão do ser humano e sua incansável busca pelo inatingível, esse é o momento no qual o eu-poético "sente o mundo através do seu próprio corpo".

Considerando-se a parte lexical, nota-se que os verbos inicial e final da primeira estrofe espelham o movimento do par amoroso. *Desce* e *declina* remetem para dois campos semânticos, sendo o primeiro físico e o segundo espiritual:

"Desce em folhedos tenros a colina:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

_ Em glaucos, frouxos tons adormecidos,

Que saram, frescos, meus olhos ardidos,

Nos quais a chama do furor declina”

Os vocábulos dotados de sentidos de subjetividade e inconsistência relacionam-se ao eu-poético:

“Que saram, frescos, meus olhos ardidos

Nos quais a chama do furor declina...”

Enquanto o espaço ocupado pela mulher é construído de imagens naturais: *folhedos, colinas, folhagens, ramos, silva, haste, aljôfar, arvoredo, camélia.*

Segundo Firmino (1985),

> o procedimento de introduzir dados concretos, imitando um movimento descritivo, acaba se convertendo em atitude enganosa frente ao leitor, pois a ação considerada contaminada pela vaguidade do interior do “eu” do poema que a implanta, despoja-se do caráter rigorosamente físico, fazendo crescer a ambiguidade. (FIRMINO, 1985, p. 54)

A expressão “carne de camélia” abre-se em sentidos múltiplos: a “carne” vem representando a realidade e esta mostra sua face inexpressiva pela falta de essência, pois a camélia é desprovida de cheiro. Com essa interpretação, chega-se à conclusão de que a figura construída em fiapos perde a razão de existir, e, com isso, o mundo interior do eu-poético também se desmorona. Sobre isso, temos a colocação de Isabel Pascoal:

> a experiência poética de um Mallarmé, de um Camilo Pessanha e de um Fernando Pessoa dizem-nos que toda navegação cerebral para o absoluto conduz ao abismo. (PASCOAL, 1987, p. 18)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A figura da mulher, juntamente com seu andar e o movimento de seus membros, vem despontar a harmonia do soneto. A expressão “desce em folhedos tenros” sugere um andar leve, em cima de uma folha desprendida de uma árvore; a figura feminina tem os passos tão macios que chega a flutuar.

A imagem da mulher é imperfeita, não tem aspecto ou qualidade definidos, porque se constitui de fragmentos_ *mãos, dedos, carne*_ flutuantes no ar, sendo ocultada pelo “imo do arvoredo”. A mulher caracterizada desse modo serve para acentuar ainda mais a distância entre o poeta e o ser amado. A relação entre ambos está construída fora do movimento volátil do tempo, de modo que o eu-poético absorve do inconsciente as representações de sua amada. O movimento do eu-poético se dá no sentido do recolhimento ao inconsciente, ao reconhecer sua impotência diante da realidade. Segundo Álvaro Cardoso Gomes,

> A mentalidade artística, pelo gosto do novo, pelo culto da imaginação, recusa-se a aceitar o comando de formas estereotipadas. Num mundo, onde a velocidade e a máquina tudo lhe oferecem facilmente, onde o trabalho atinge a especialização massificadora, o homem vê-se despojado de sua individualidade, torna-se um anônimo buscando identificar-se. Colocando dentro deste cenário desolador, o artista passa a sofrer o mesmo impacto; as coisas se lhe oferecem obviamente marcadas pelos clichês, tudo se vai de um modo rápido. Inconformado com a crise, sentindo verdadeira nostalgia de origens, ou da ‘pureza”, ou da novidade, busca uma saída, ou seja, um lugar do coletivo social, no qual já não acredita, o poeta inventa um coletivo mítico, cósmico, que é considerado a verdadeira fonte de toda poesia.” (GOMES, 1977, p. 12)

Também por Walter Benjamin, o “repúdio, pois, deste universo descaracterizado só é possível, através da viagem ao mundo mítico, onde se processa experiência sem crise”. (BENJAMIN1975, p. 54)

Essa figura feminina sai de um “imo de folhagem”, lembrando o verbo “esfolhar-se” que descreve o escoamento desse ser que, apesar de estar sendo formado pelo inconsciente do eu-poético, não se aproxima dele. Tem-se a sensação de que o eu-poético desfruta de uma visão cuja permanência se faz distante.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Os trajes vestidos por essa figura são brancos, acentuando o caráter sensual e transparente da mulher. O branco serve para destacá-la do fundo colorido, a fim de corporificar a figura ilusória do eu-poético e esfriar seus olhos "ardidos" de desejo.

No poema de Camilo Pessanha, não há uma correspondência unívoca da palavra com o objeto, mas sim uma correspondência singular responsável por extrapolar o sentido lógico, rompendo com o já consagrado pela tradição artística. A esse respeito, defende Fernando Guimarães, em sua obra *Poética do Simbolismo em Portugal*, que o Simbolismo veio marcar uma viva reação contra uma persuasiva comunhão romântica, que antigamente se pretendera estabelecer entre texto e leitor. Em vez de se servir da linguagem para persuadir o leitor, a estética simbolista procura comprometer o leitor na possibilidade de invenção que essa linguagem torna viável.

A obliquidade no poema de Camilo Pessanha não é sinônimo de obscuridade, mas sim, de multiplicidade, e segundo Ana Hatherly, "é essa multiplicidade, essa riqueza, essa profusão de níveis que faz com que ele possa ser lido como ambíguo e poético." (HATHERLY 1969, p. 22).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BLANCHOT, M. F. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FIRMINO, C. L. Z. Organização do Ritmo nos Sonetos de Camilo Pessanha. In: *Poesia e Música.* (Coleção Debates), São Paulo: Perspectiva, 1985.

GOMES, A. C. *O Simbolismo*. (Série Princípios), São Paulo: Ática, 1994.

GOMES, A. C. *A Metáfora Cósmica em Camilo Pessanha.* São Paulo: USP, 1977.

GUIMARÃES, F. *Poética do Simbolismo em Portugal.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

HATHERLY, A. *O Espaço Crítico: do Simbolismo à Vanguarda.* Lisboa: Ática, 1969.

PASCOAL, I. Introdução à Clepsidra In: PESSANHA, *Camilo. Clepsidra.* Lisboa: Ulisséia, 1987, p. 11. 34

PEREIRA, J. C. S. Do Simbolismo ao Modernismo. In: *História da Literatura Portuguesa.* Lisboa: Alfa, v. 6, 2003.

ANEXO:

Desce em folhedos tenros a colina: Em glaucos, frouxos tons adormecidos,

Que saram, frescos, meus olhos ardidos,

Nos quais a chama do furor declina...

Oh vem, de branco, do imo da folhagem!

Os ramos, leve, a tua mão aparte.

Oh vem! Meus olhos querem desposar-te,

Refletir virgem a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva.

Quão delicada te osculou num dedo

Com um aljôfar cor de rosa viva!...

Ligeira a saia... Doce brisa impele-a...

Oh vem! De branco! Do imo do arvoredo!

lma de silfo, carne de camélia...

Camilo Pessanha, in 'Clepsidra'

A ARTE DOS QUADRINHOS NA ADAPTAÇÃO DO CONTO *A CARTOMANTE*.

Jakelma Conceição de Souza Soares[156]

Resumo: Com o crescente interesse voltado para as publicações de adaptações de obras literárias para o gênero quadrinho, os Estudos Comparados e a Teoria da Adaptação têm colaborado para debates mais amplos acerca das contribuições literárias das histórias em quadrinhos para a Literatura. Pensando nisso, este trabalho faz uma relação entre a literatura e as adaptações para HQs com a finalidade de contribuir para os estudos de adaptação de clássicos literários para a nona arte, analisandos os elementos verbais e não verbais presentes no conto de Machado de Assis intitulado "A Cartomante", a obra é uma adaptação de Flávio Pessoa e Maurício O. Dias, publicada em 2008 no formato quadrinhos. Por se tratar de uma adaptação para a linguagem sequenciada, é possível examinar os elementos gráficos característicos das HQs, além de outros elementos inclusos pelo adaptador como fotografias e pinturas, que auxiliam o leitor a entender e perceber o texto adaptado de uma forma única. Desse modo, a junção do texto machadiano e os elementos gráficos, possibilitam a interação entre as linguagens verbal e visual dentro da HQ, estabelecendo uma nova roupagem para o conto. Dentre os autores que fundamentam esse trabalho estão: Hutcheon (2013), Faria (2019), Garramuño (2014) e Vergueiro (2012).

Palavras-chave: Adaptação; Quadrinhos; Semiolinguística; Ensino; Literatura.

Introdução

Este artigo, apresentado à disciplina Literatura e outras artes, faz uma relação entre a literatura e as adaptações para as HQs (Histórias em Quadrinhos), com a finalidade de contribuir para os estudos de adaptação de clássicos literários para a nona arte. Além disso, este trabalho fundamenta-se nos estudos de Hutcheon (2013), Garramuño (2014), Bolognin (2021), entre outros.

O ato de contar história é uma importante necessidade humana e, ao longo dos tempos essa capacidade foi se concretizando de diversas formas e através de diferentes recursos. Contudo, nem sempre as HQs foram um gênero aceito e estimulado tanto no ambiente escolar, quanto fora dele. Apesar dos quadrinhos terem enfrentado diversos problemas, eles ultrapassaram barreiras e foram conquistando seu espaço,

[156] Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB) pela Universidade Federal do Maranhão. Membra do Grupo de Pesquisa em Literatura e Visualidade -LiteVis (CNPq/UFS)

> com a proliferação das revistas em quadrinhos, há a responsabilidade de se contar uma história compartilhada pelo texto e a imagem. Essa mistura de mídias obteve sucesso rapidamente e a técnica totalmente gráfica logo abriu o caminho para as "graphic novels" que nós conhecemos. (EISNER, 2005, p. 145)

Atualmente, encontrar diversas adaptações de obras literárias, principalmente as clássicas, para a linguagem dos quadrinhos, é uma conquista, pois essas adaptações passaram a transitar no meio acadêmico, gerando debates e estudos, contribuindo para o acesso e incentivo de novos leitores a essas obras.

Dessa forma, abordaremos nos próximos capítulos a adaptação do conto *A cartomante* (2008) para a linguagem sequenciada e, por meio dessa abordagem, analisaremos alguns elementos gráficos visuais presentes na adaptação, de maneira que, ao investigar sua relação com a literatura, possamos contribuir com reflexões teóricas acerca do gênero quadrinho presente na literatura.

A nona arte e a literatura

As histórias em quadrinhos (HQs) por muito tempo foram vistas de forma ruim para desenvolvimento intelectual de crianças e adolescentes, muitos acreditavam que as pessoas que consumiam esse gênero ficavam com déficit intelectual por ser considerado apenas como um recurso para diversão e uma forma de passar o tempo (LUYTEN, 1985).

Um dos fatores que levaram a percepção de que as HQs eram prejudiciais ou que eram um gênero inferior, foi a própria estrutura do gênero, pois ele se caracteriza pelo uso de poucas palavras e o uso de imagens e cores para representar os personagens, lugares, ação, tempo e espaço, tornando a leitura mais dinâmica.

Apesar das dificuldades, o consumo de revistas em quadrinhos continuou cada vez mais crescendo e conquistando novos leitores, a junção entre imagem e texto que chamou a atenção dos leitores jovens para uma nova forma de entender as histórias. As histórias de heróis passaram a ganhar espaço no formato sequenciado e como consequência obtiveram publicações em diversos países.

No Brasil, as primeiras HQs ganharam espaço por meio da imprensa e depois por revistas como o Tico-Tico e Gazeta Infantil, esta última foi responsável por divulgar ao público brasileiro

histórias de origem Norte-Americana, crescendo o interesse pelas histórias de heróis estadunidenses.

Com o crescente interesse pelas publicações de revistas em quadrinhos, o gênero quadrinhos passou a ter adaptações de romances clássicos literários nacionais e internacionais. Apesar das críticas sofridas pela sua relação com a literatura, com o passar do tempo as HQs começaram a ser objetos de estudos no âmbito acadêmico, levantando diversos questionamentos acerca de sua contribuição para os estudos literários.

> As adaptações de textos literários canônicos em histórias em quadrinhos e livros de imagem têm se tornado cada vez mais comuns. Ao contrário do que muitas vezes se afirma, a adaptação não é uma simples transposição de linguagens, pois o processo de adaptação é formado por uma série de decisões tomadas pelo adaptador, que tem liberdade para, por exemplo, modificar o contexto histórico da obra original, excluir determinados trechos ou personagens e enfatizar aspectos dramáticos tidos como secundários. (PNBE, 2014, p. 67)

A relação das HQs com a literatura ainda é um assunto delicado, mas a adaptação de diversos textos literários canônicos para os quadrinhos possibilitou um olhar mais cuidadoso para com essa relação. Hoje, é possível encontrar obras clássicas adaptadas, traduções e novas publicações para o gênero HQ sendo recomendadas dentro do espaço escolar como leituras fundamentais para formação de leitores, incentivadas pelo PNBE (2014) e pela BNCC (2017).

Por serem incentivadas para dentro e fora de sala de aulas, as HQ são vistas por alguns estudiosos como um gênero que pode auxiliar no aprendizado de diversas áreas. Uma área em potencial é o ensino de literatura por meio das adaptações para o gênero quadrinhos. Hutcheon, que estuda a adaptação de obras literárias, menciona em seu livro *Uma teoria da adaptação* alguns aspectos ligados à relação entre histórias em quadrinhos e literatura.

> A minha definição dupla de adaptação como processo e produto, por ser restrita, aproxima-se mais do uso comum da palavra e é abrangente o suficiente para permitir que eu aborde não somente filmes e peças de teatro, mas também arranjos musicais e covers de canções, revisitações de obras passadas no campo das artes visuais e histórias recontadas em versões de quadrinhos... (HUTCHEON, 2013, p. 31)

Estudar os textos literários adaptados para os quadrinhos não é algo novo, e, é necessário que, além de conhecer a adaptação se conheça um pouco do gênero a qual ela está inserida, quando se trata das HQs, esse processo pode ser algo prazeroso e atraente, despertando o interesse

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

por ambas as artes, literatura e quadrinhos. Em seu livro *Quadrinhos na educação*, Ramos e Vergueiro apresentam diversos textos, com sugestões de atividades para o uso de HQs em sala de aula. Em um dos capítulos temos propostas voltadas especificamente para a análise comparatista.

> A ideia é que a adaptação seja um dos modos utilizados pelo professor para incentivar os alunos à leitura da obra original e também um material auxiliar para atividades relacionadas a essa leitura...
> Um bom trabalho para sala de aula consiste em questionar cada um dos elementos de uma página de quadrinhos adaptados de uma obra literária, em busca de qual tipo de significação a linguagem gráfica sequencial constrói. (ZENI, 2009, p. 133)

Os estudos acerca da comparação entre adaptações e obras adaptadas é importante e nos traz um alerta de que os textos adaptados para a linguagem sequenciada devem ser lidos e vistos como obra original, apesar de sua relação com o texto adaptado, e assim observar as contribuições que ambas as obras conseguem inferir para/na literatura. “Nesse sentido, não basta apenas a comparação em si mesma, é preciso que ela envolva o estudo entre literaturas nacionais ou entre literatura e suas múltiplas interfaces ou confluências com os outros saberes.” (FARIA, 2019, p. 18)

Desse modo, por meio dos estudos de adaptação e comparação, podemos desenvolver novos olhares para as adaptações de obras literárias para a nona arte, a linguagem dos quadrinhos. Esses estudos vêm contribuir para que as versões de textos da literatura, sejam eles clássicos ou não, para os quadrinhos possam ser apreciados e analisados como obras autênticas, com características próprias e não como cópias ou meras replicações de obras “originais”.

O conto “A cartomante”

O conto “A cartomante” foi escolhido para estudo neste artigo, por se tratar de um texto da literatura brasileira bem conhecido, que chama atenção pelos assuntos que podem ser analisados, e por ser uma obra que possui algumas adaptações para os quadrinhos. Além disso, é de autoria de Machado de Assis, autor de várias obras consideradas leituras obrigatórias no ensino básico. Nesse aspecto, a obra “A cartomante”, publicada inicialmente em 1884, é um documento importante que tem contribuído para os estudos literários.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O texto teve várias publicações ao longo dos anos, em 1995, Douglas Tufano reuniu alguns contos no livro "A cartomante e outros contos", essa será a publicação que servirá como apoio para o resumo do enredo. No conto, temos uma história que retrata a sociedade do século XIX, e Machado de Assis faz uma crítica à sociedade daquela época. É uma história breve, por se tratar de um gênero com a narrativa curta, mas que no seu decorrer apresenta vários elementos passíveis de discussões e análises.

O que chama atenção logo de início nesse conto é a relação entre um casal, que o leitor logo descobre se tratar de um caso extraconjugal, uma relação amorosa entre uma mulher casada com o amigo do seu esposo, o texto passa a envolver o leitor num triângulo amoroso entre Vilela, Rita e Camilo.

Inicialmente, o leitor percebe a menção de uma quarta personagem, a cartomante, que, no decorrer da história tem um papel fundamental para o desfecho do conto, justificando a escolha para o título do texto. No conto, temos dois amigos se envolvendo com a mesma mulher, esses dois homens têm características diferentes um do outro, como que representando diferentes perfis masculinos da época, temos Rita e a cartomante, duas mulheres distintas que transmitem dois papéis diferentes da mulher carioca do século XIX.

Ao ler o conto, o leitor pode perceber as diferentes personalidades dos personagens, mas somente consegue imaginar, da sua perspectiva, como esses personagens poderiam ser descritos fisicamente com relação à postura, o semblante e expressões, elementos que podem ajudar a compreender a história melhor.

É a partir dessa perspectiva que vamos analisar nesse artigo a adaptação do conto para a linguagem dos quadrinhos e relatar de que forma a inclusão dos recursos gráficos, no caso as imagens, podem contribuir para uma leitura dinâmica, diferente e interessante da obra, levando o leitor a ter mais um recurso para a compreensão da história.

A adaptação do conto "A cartomante" para os quadrinhos

"Por motivos econômicos, os adaptadores frequentemente optam por adaptar obras já conhecidas e que se mostraram populares ao longo dos anos; por motivos legais, eles muitas vezes escolhem obras que não possuem direitos autorais" (HUTCHEON, 2013, p. 55). O conto

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"A cartomante", de Machado de Assis, é uma das obras do autor de maior reconhecimento do público leitor, ao longo dos anos reúne diversas publicações e algumas adaptações.

Uma das formas de adaptação é a realizada para a linguagem dos quadrinhos. No ano de 2008, a editora Jorge Zahar lançou a adaptação de "A cartomante" para os quadrinhos, essa adaptação para o texto sequenciado foi um trabalho conjunto entre o ilustrador e designer gráfico Flavio Pessoa e o roteirista Maurício O. Dias.

Nas palavras de Flavio Pessoa "o conto, publicado originalmente em 1884, traz a marca da fina ironia de Machado de Assis e de seu olhar arguto sobre a sociedade carioca. Esta versão em quadrinhos é uma adaptação fiel ao espírito do original" (ASSIS, 2006, p. 34). Como o próprio adaptador deixa claro, é possível ao leitor perceber que a adaptação tenta ao máximo preservar o texto machadiano e incluir os elementos gráficos do gênero quadrinho para a obra, pois

> as histórias em quadrinhos desenvolveram recursos que caracterizam uma linguagem própria e que estamos acostumados a atribuir-lhes: os balões, as legendas, narrações, o uso gráfico das onomatopeias, as linhas de ação e movimento etc. As histórias em quadrinhos também recorrem com maior frequência ao uso da palavra escrita, sendo que muitas vezes estas histórias são vistas como uma mistura ou somatória do texto verbal com o texto visual. No entanto, uma importante peculiaridade das histórias em quadrinhos é o tratamento visual que pode ser conferido ao texto. O tipo de fonte empregado, a cor, o tamanho, as variações entre as letras, tudo isso pode ser explorado para configurar a expressividade de uma página de quadrinhos. (PNBE, 2014, p. 62)

Na adaptação para a linguagem dos quadrinhos, Flavio Pessoa exibe de forma bem interessante a relação entre as linguagens verbal e não verbal. Tomando posse do texto de Machado de Assis, e por mais que tenha liberdade para fazer as alterações que desejar, ele decide manter o texto praticamente na íntegra usando dos recursos visuais para permitir ao leitor uma experiência diferente ou um novo olhar para uma obra já conhecida.

"O uso do mesmo material para a confecção de um e outro faz aparecer a diferença entre as espécies – a posse da linguagem- sugestiva e poeticamente convertida num entorno compartilhado" (GARRAMUÑO, 2014, p. 90). A adaptação de "A cartomante" cria uma nova experiência de leitura para os leitores do presente século, contudo, carrega consigo a essência da obra de Machado de Assis, publicada em 1884, por meio da linguagem.

Dessa forma o leitor percebe que tem em mão uma nova obra, com seu estilo e características específicas, mas que não deixa de ter relação/ligação com uma obra que veio antes e que serviu de apoio para o surgimento de uma outra.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A visualidade nos quadrinhos

Quando falamos em histórias em quadrinhos, falamos de um texto sequenciado que possui uma linguagem específica para narrar uma história, o que a diferencia das demais formas de contar história, pois, segundo Hutcheon (2013), contar uma história em palavras, seja oralmente ou seja no papel, nunca é o mesmo que mostrá-la visualmente.

A adaptação de textos literários para o gênero quadrinho, apesar de permanecer dentro do mesmo meio impresso, muda sua forma de contar, pois há a inclusão dos elementos visuais pertencentes ao gênero.

> a linguagem visual ali presente possui uma semântica própria, constituída principalmente pelas imagens, num sistema organizado plasticamente, em seus componentes sintáticos próprios de cor, forma, espaço e figuratividade. Nessa combinação, emergem temas e conflitos por meio de narrativas, cujos enunciados discursivos seriam, por direito, ensinados e aprendidos na escola, para uma leitura mais completa, que vai além do verbal, considerando o texto um todo de sentido. (PNBE, 2014, p. 63)

Essa relação entre texto e imagem é fundamental nas obras em quadrinhos. A adaptação de Pessoa, chama a atenção pelo uso de diferentes elementos visuais que ajudam o leitor a compreender melhor a narrativa. Na versão em quadrinho, os desenhos usados pelo ilustrador, principalmente para descrever os personagens, foram retratados em aquarela, o uso dessa técnica na obra possibilita ao leitor perceber certas nuances de cores, aspectos como profundidade e sombreamento, além de transmitir personalidade em cada página.

Para além do uso de aquarela, o adaptador fez uso de fotografias que retratam o Rio de Janeiro do século XIX, as fotografias se encaixam com os desenhos em aquarela, transmitindo a ideia de uma produção harmônica, e isso é um diferencial em relação às adaptações para os quadrinhos, assim, "a inserção de fotografias, supostos diários, bilhetes e outros "documentos" sugerem uma construção pessoal dos escritores ao modo de uma curadoria da vida íntima real deslocada a uma provocação de seus limites com a ficção". (BOLOGNIN, 2021, p. 25)

Outra arte inclusa dentro da adaptação é a pintura. A abertura do conto se dá através da reprodução do quadro de Eugène Delacroix (1839), intitulado "Hamlet e Horácio no cemitério", visto que o texto de Machado de Assis faz referência ao texto Hamlet, de Shakespeare. Além dessa pintura, Flavio Pessoa faz referência a outra, intitulada "Último tílburi" de Gustavo

Dall'Ara (1918), apesar da pintura ter sido feita um século XX, ela retrata a cidade do Rio de Janeiro da época do conto.

Ao final de "A cartomante", Flavio Pessoa dedica uma seção para explicar sobre as fotografias e as pinturas presentes no decorrer da obra, o que ajuda o leitor a ter uma compreensão melhor sobre a finalidade de incluir essas duas artes na versão em quadrinhos.

A pintura

No conto "A cartomante" em quadrinhos, os elementos gráficos são bem explorados pelo adaptador, por meio do uso das imagens em aquarela, transmitindo o estilo do ilustrador e adaptador da obra. A arte em aquarela é carregada de detalhes que se misturam com outras artes. Vale destacar aqui, a inclusão da pintura de Eugène Delacroix logo na abertura do conto.

Mas o que essa obra tem de especial? Essa pintura, tem o título "Hamlet e Horácio no cemitério", e não está na adaptação por acaso, a pintura é utilizada para reforçar as primeiras falas que aparecem no enredo. E aí está o diferencial da adaptação, o uso de uma arte para complementar o significado do texto lido, pois a imagem da pintura faz menção a um texto bem mais antigo que o de Machado de Assis.

Enquanto o conto publicado em 1884 por Machado de Assis se utiliza do texto escrito para fazer menção à obra de Shakespeare, "Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que a nossa filosofia" (ASSIS, 1995, p. 83). Flavio Pessoa vai mais além e usa não só o texto machadiano, mas utiliza a pintura de Eugène Delacroix para reforçar a correlação entre obras.

Veja na figura 01 como a pintura aparece na adaptação, a pintura é o destaque do início do conto, ela toma toda a página, em contrapartida, os desenhos e os balões de fala do narrador surgem desproporcionalmente pequenos, o intuito é de fato chamar a atenção para o quadro. Essa mesma pintura aparece novamente na casa em que os personagens estão, cena retratada na página 8, contudo ela é destacada em dois ângulos e tamanhos diferentes.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 01 Abertura do conto "A cartomante" (PESSOA, 2008, p. 5)

É possível notar que na adaptação do texto, os desenhos em aquarela e a imagem da pintura se relacionam, construindo um campo semântico de sentidos entre os elementos verbais e visuais, no entanto

> Alguns teóricos argumentam que, num primeiro nível, não há diferença significativa entre texto verbal e imagens visuais; nas palavras de W. J. T. Mitchell, "atos comunicativos, expressivos - narração, argumentação, descrição, exposição e outros dos chamados 'atos de fala' -, não possuem mídia específica, não 'pertencem' a uma mídia ou outra" (MITCHELL, 1994, p. 160). A análise das diferenças entre os modos contar e mostrar, contudo, sugere justamente o contrário: cada modo, assim como cada mídia, *tem* sua própria especificidade, se não sua própria essência. Em outras palavras, nenhum modo é inerentemente bom para uma coisa e não para outra; cada qual tem à sua disposição diferentes meios de expressão - mídias e gêneros - e, portanto, pode mirar e conquistar certas coisas mais facilmente que outras. (HUTCHEON, 2013 p. 49)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O que podemos compreender é que existem diversos modos e recursos para contar histórias, cada um possui sua própria estrutura e essência, e, dessa forma, nenhum deles deve ser apreendido como superior a outro. Quando se trata especificamente das HQs, é necessário que seus elementos mantenham um diálogo, ou seja, é necessário que a linguagem verbal esteja interligada com a linguagem visual, embora, que em algum momento, uma possa predominar sobre a outra, elas devem ser usadas dentro do gênero com a finalidade de construir um sentido e uma sequência narrativa.

A fotografia

O diferencial da adaptação de Flavio Pessoa é a utilização de diversas fotografias para complementar o sentido das ilustrações criadas em aquarela durante a narrativa. Em "A cartomante" na versão quadrinho, as fotografias têm um papel importante na construção do sentido do texto, pois elas tornam

> visíveis inúmeras coisas que o olho humano, mais lento e menos preciso, não consegue captar; passando a fazer parte do visível, todas essas coisas (por exemplo, os movimentos das pernas de uma dançarina ou um cavalo a galope). Como também os universos do infinitamente pequeno e do infinitamente grande, revelados pelo microscópio e pelo telescópio, passam a fazer parte da experiência visual (ARGAN, 1992, p. 81)

As fotografias presentes na adaptação retratam a cidade do Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX, este último é posterior à época em que Machado de Assis publicou a obra pela primeira vez. Em seu texto, Machado apresenta lugares reais na qual a história se passa, e permite através das descrições, que o leitor passeie por esses lugares. Contudo, a adaptação vai além das palavras com a inclusão das fotografias. Segundo o próprio adaptador:

> a proposta era, além de criar um efeito visual que atraísse o olhar, trazer o Machado mais para próximo da realidade do leitor ao mostrar imagens do Rio de Janeiro, algumas das quais ele até pudesse conhecer, como os arcos da Lapa,e ver como eram diferentes outros lugares como o Largo da Carioca. Uma curiosidade é que tentamos ser fiéis aos logradouros mencionados por Machado. Aí, envolveu numa pesquisa sobre os nomes antigos, descobrimos que Rua dos Barbonos era a Evaristo da Veiga, a Rua da Guarda velha, onde Machado localiza a casa da cartomante, era a Avenida 13 de maio, ao lado de onde hoje se situa o Theatro Municipal. (PESSOA, 2020 apud COELHO, 2022, p. 100)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 02 Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga (PESSOA, 2008, p. 28)

Cada fotografia traz consigo uma carga visual que faz com que o leitor viaje pelo Rio de Janeiro através das imagens, mesmo sem nunca ter ido ao Rio na atualidade. Esse recurso visual desperta o interesse e a necessidade pela interpretação das imagens, pois as fotos podem expressar tanta coisa e levar ao desejo da compreensão da ideia que o texto e imagem querem repassar logo,

> aquilo que a foto capturou e congelou fica impregnado de sua própria temporalidade. Fotos são feixes de indicações temporais. Nesses feixes encontram-se as marcas do tempo não só do tema fotografado, como também do estado da arte do aparato técnico utilizado pelo fotógrafo. (SANTAELLA, 2012, p.77)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 02 Representação da Rua Senhor dos Passos (PESSOA, 2008, p. 21)

Na foto acima temos a Rua Senhor dos Passos, mas, no conto machadiano, a rua que o personagem deve passar se chama Guarda Velha, temos então uma leve divergência entre as obras, porém isso revela a autonomia que o adaptador tem para com a adaptação. Outro fator que nos chama a atenção é como a fotografia e a ilustração se unem na composição da página 21, há uma harmonia nos traços e cores. O leitor precisa estar atento às riquezas de detalhes presentes tanto na fotografia quanto nas aquarelas. Podemos, então, afirmar que

> a literatura expandiu seu meio ou suporte para incorporar, de modo crescente, outras linguagens no interior de seu discurso – com a incorporação de fotografias, imagens, blogs, chats e e-mails, por um lado mas também, com os pontos de conexão e fuga entre

> diversos discursos literários, como memórias, o documental e o ensaio, entre outros. (GARRAMUÑO, 2014, p. 87)

Conclusão

Para concluir, os textos aqui analisados - de autoria de Machado de Assis (1995) e coautoria de Flavio Pessoa (2008) - não foram utilizados para provar a superioridade ou inferioridade de um sobre o outro, mas foram analisados como obras autônomas; as análises foram fundamentadas em teóricos que tratam dos estudos comparados, estudos entre artes e dos estudos da adaptação.

Assim, ao longo desse trabalho apresentamos o conto "A cartomante", publicado inicialmente por Machado de Assis, fizemos um resumo da obra e algumas observações sobre os momentos que mais chamaram atenção. Em seguida falamos um pouco sobre a adaptação do conto para os quadrinhos.

Em seguida destacamos alguns elementos gráficos visuais que foram inseridos dentro da adaptação e que ajudam o leitor a entender e perceber o texto adaptado de uma nova forma. Evidenciamos a importância da relação entre as linguagens verbal e visual dentro da narrativa sequenciada, em virtude da leitura dar-se de forma interativa entre as duas linguagens e assim colaborar para a construção dos sentidos.

Portanto, esse trabalho apresentou as fotografias e as pinturas, como linguagem visual que, juntamente com o texto machadiano, trouxe uma nova roupagem para a obra adaptada. Mas não podemos deixar de frisar que, dentro de uma adaptação para o gênero quadrinho, a linguagem visual é tão importante quanto o texto escrito. O gênero quadrinho busca essa relação entre texto e imagem, diferentemente do gênero romance, que prima pelo texto escrito. Desse modo é importante lembrar que:

> a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados -, mas a criação de um novo nível de comunicação. (VERGUEIRO, 2012, p. 22).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Tradução Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

ASSIS, Machado de. **A cartomante e outros contos**. São Paulo: Moderna, 1995.

ASSIS, Machado de. **Literatura Brasileira em Quadrinhos: A Cartomante**. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 2006.

BOLOGNIN, Renan Augusto Ferreira. **Eu não estou lá?**: A prosa brasileira Contemporânea, sua fotografia e expansão. Araraquara, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 20 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. PNBE na escola: literatura fora da caixa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação, 2014.

COELHO, Thainá França. **Do clássico aos quadrinhos**: uma análise semiolinguística da quadrinhização de "A cartomante". Niterói, 2022.

EISNER, Will. Narrativas gráficas de Will Eisner. São Paulo: Devir, 2005.

FARIA, Gentil de. **Estudos de literatura comparada**. Curitiba: Appris, 2019.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos:** sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Histórias em Quadrinhos: Leitura Crítica. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. O uso da HQs no ensino. In BARBOSA, Alexandre et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

ZENI, Lielson. Literatura em quadrinhos. *In*: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). **Quadrinhos na educação:** da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A PESQUISA DESENVOLVIDA POR LICENCIANDO(A)S NO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS: TEMAS E VINCULAÇÕES COM A EDUCAÇÃO BÁSICA

Bianne Karen Santos Sabino[157]
Shirlei Marly Alves[158]

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma análise das produções de conhecimentos sobre ensino-aprendizagem de língua portuguesa na Educação Básica, em TCCs de um curso de licenciatura em Letras Português, na área de Linguística, defendidos no período de 2017 a 2022, em uma instituição de ensino superior pública localizada em Teresina-PI. O objetivo geral do estudo é verificar os interesses do(a)s licenciando(a)s – professores em formação – para aspectos relativos à prática pedagógica, lócus de trabalho previsto para esse público. O apoio teórico provém dos estudos de Paiva (2019) e Mainardes (2018), sendo que, para a categorização dos temas das pesquisas, tomou-se como base os eixos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Trata-se de uma metapesquisa de fonte documental, quanti-qualitativa e descritiva. Os resultados parciais revelam, no período estipulado, 75 TCCs da área de linguística, classificados em 11 categorias, de acordo com o seu objeto de pesquisa, incluindo a categoria "híbrida", conforme as pesquisas que tiveram mais de um objeto pesquisado. No que concerne ao vínculo com a Educação Básica (EB), constam 35 monografias, ou seja, 46,66% do total dos TCCs. Considerando esses resultados, concluímos que há um número significativo de trabalhos que investigam temáticas vinculadas à EB, evidenciando que muitos desses pesquisadores demonstraram ter interesse pelas práticas de ensino de língua portuguesa, ressaltando a importância contínua de investigações que contribuem para o conhecimento mais profundo relacionada ao ensino de língua materna.

Palavras-chave: Pesquisa. TCC. Letras Português. Educação Básica.

Introdução

Neste artigo apresentamos uma investigação sobre a pesquisa efetivada pelo(a)s aluno(a)s de um curso de Licenciatura em Letras Português de uma instituição de ensino superior pública do Estado do Piauí UESPI, tendo como fonte de dados os trabalhos de conclusão de curso defendidos no período de 2017 a 2022.

[157] Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português. Universidade Estadual do Piauí (UESPI-CCM). Bolsistas do Programa de Iniciação Científica (PBIC/FAPEPI). bkarenss@aluno.uespi.br
[158] Doutora em Letras/Linguística. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Orientadora do Programa de Iniciação Científica PBIC/FAPEPI. shirleimarly@ccm.uespi.br

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Situamo-nos em uma linhagem de trabalhos que visam identificar paradigmas e tendências em determinadas áreas, a exemplo do trabalho de Oliveira (2009), que fez um mapeamento do conhecimento literário produzido na academia, visando detectar paradigmas dominantes, e o de Paiva (2019, p. 8), em cujo estudo se encontra um levantamento de objetivos de pesquisas na área de Linguística Aplicada. Trabalhos dessa natureza propiciam uma visão de conjunto acerca das opções e condução das pesquisas em diferentes áreas. Segundo Moreira (2004, p. 22), citando Noronha e Ferreira (2000, p. 191), trata-se de "estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada."

Desse modo, os resultados dessas pesquisas contribuem, sobretudo, para o conhecimento sistematizado acerca de tendências de estudos realizados, dando base para reflexões relativas à epistemologia e à metodologia que demarcam as áreas. Essa categoria de trabalhos, que configuram revisões sistemáticas, de acordo com Moreira (2004, p. 21), também são funcionais, visto que "por seu aspecto sumarizador, principalmente, assumem importante função orgânica, [...]. Muitas vezes consome-se mais tempo tentando identificar se determinado estudo já foi realizado anteriormente do que o realizando de fato."

O interesse pela pesquisa desenvolvida nos TCCs de Letras Português deve-se, primeiramente, à longa experiência de uma das pesquisadoras como professora das disciplinas Prática de Pesquisa em Letras (I e II), cujos objetivos são o desenvolvimento do projeto de pesquisa e a elaboração do TCC, respectivamente. Por se tratar de um curso de licenciatura (formação inicial de professores), chama a atenção o fato de grande parte dos temas de pesquisa escolhidos pelos estudantes não necessariamente se vincularem a práticas de ensino e aprendizagem de língua e literatura nas escolas, lócus de trabalho que se apresenta no horizontes de estudantes de licenciatura.

Nesse sentido, nos diálogos que entretecemos durante as aulas com o(a)s aluno(a)s, para definir as temáticas, algumas justificativas apresentadas por ele(a)s se inclinam geralmente para "algo mais fácil de realizar" ou "o professor orientador já indicou" ou "gosto mais de literatura/gramática/texto." Observa-se, pois, a falta de um horizonte mais amplo, que contemple a relação entre a pesquisa e a própria formação do/da professor/professora, de modo que esse sujeito possa, de fato, gerar conhecimentos acerca da atividade profissional em que vai se inserir,

compreendendo a pesquisa como uma fundamental atividade a ser incorporada também a sua prática docente.

Diante desse quadro, germinaram algumas indagações que ensejaram esta investigação: Que metodologias têm sido adotadas na condução dessas pesquisas? Em que proporção as temáticas se associam ao ensino de língua portuguesa na Educação Básica? Que contribuições os conhecimentos gerados nessas pesquisas, efetivamente, podem trazer para a melhoria da qualidade do ensino de língua portuguesa na Educação Básica?

Outro fator que motivou esta pesquisa é a ausência, na IES, de uma compilação de TCCs que dê condições para uma revisão de literatura por parte dos alunos que começam a elaborar seus projetos. Uma vantagem de se dispor de uma visão de conjunto é se disponibilizar um panorama que permite ao jovem pesquisador se situar em uma tradição de estudos na qual irá se inserir, com uma melhor possibilidade de dar mais relevância e pertinência ao seu trabalho; propiciando ainda, com a identificação de trabalhos de mesma linhagem, elaborar revisões de literatura que ensejam a construção de conhecimentos que dialogam entre si, a partir de análises comparativas dos resultados, ampliando assim a apreensão do objeto de estudo. Acrescenta-se ainda, quanto à funcionalidade de uma compilação de pesquisas, o alerta de Lehfeld (2007, p. 60): "é importante verificar, num primeiro momento, se, com base no problema investigado, já não existem muitos outros estudos realizados, isto é, se você não está intencionado a abrir portas já abertas."

Nesse contexto, o objetivo geral de nossa investigação foi mapear as pesquisas desenvolvidas na área de Linguística nos últimos seis anos (2017-2022). Especificamente, se descrevem as condições de produção dos TCCs; identificam-se os temas e as metodologias adotadas para o desenvolvimento das pesquisas; quantificam-se as pesquisas que tematizam o ensino-aprendizagem de língua portuguesa na Educação Básica e se organizam os temas identificados em categorias que emergiram do material examinado.

Em termos da pertinência do estudo, vislumbra-se prover a área de formação de professores e, mais especificamente, de professores de Língua Portuguesa, de conhecimentos que embasem reflexões acerca da visão que esses sujeitos, desde a formação inicial, cultivam sobre a pesquisa e suas possibilidades de alicerçar as almejadas transformações demandadas pelo ensino já há longo tempo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Metodologia da Pesquisa

Desenvolvemos uma pesquisa que se classifica como básica, uma vez que o objetivo foi investigar os conhecimentos gerados em trabalhos de conclusão do curso de Letras Português. Quanto a esse aspecto, esta pesquisa se enquadra em um conjunto de investigações que se denominam de "estado da arte" ou "estado do conhecimento", as quais, conforme Ferreira (2002, p. 258) se caracterizam

> [...] por trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

No que diz respeito às fontes dos dados, a pesquisa se caracteriza como documental, já que envolve uma investigação de documentos originais que ainda não foram submetidos a uma análise analítica por nenhum outro autor (Helder, 2006, p. 1 *apud* Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 3). Quanto à natureza da pesquisa, classifica-se como descritiva, pois foram descritas desde as condições de produção, os temas, as metodologias e as vinculações com a Educação Básica, de modo a se fornecer um panorama da produção de conhecimentos e das tendências no curso de Letras Português.

A abordagem dos dados é de caráter quanti-qualitativo, visto que foram necessários levantamentos de quantidades e predominâncias. Nesse sentido, consideramos a quantificação dos temas, objetivos, metodologias e classificação das pesquisas, abrangendo os procedimentos metodológicos, além de do quantitativo de TCCs que apresentam relações com a Educação Básica.

Já a abordagem qualitativa tornou-se essencial no que se refere à identificação de perspectivas sobre a relação das descobertas das pesquisas e suas implicações para a Educação Básica. Nesse sentido, identificamos nos enunciados dos escritores dos TCCs argumentos que estão associados às pesquisas realizadas com as necessidades, lacunas, problemas, históricos, dentre outros aspectos que estão relacionados com o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Em relação ao procedimento para a coleta dos dados, o fichamento foi o instrumento

utilizado para coletar os dados e assim analisamos os TCCs dos últimos seis anos (2017-2022) encontrados na biblioteca central da IES. As fichas foram elaboradas conforme os elementos presentes no objeto de pesquisa.

Os temas presentes nos TCCs foram categorizados conforme o objeto de estudo pesquisado, emergindo dos dados 11 categorias: 1 – Leitura; 2 – Escrita/Ortografia; 3 – Oralidade; 4 – Análise Linguística/Semiótica; 5 – Modelos de Ensino; 6 – Análise Discursiva; 7 – Metapesquisa; 8 – Produção Textual; 9 – Diretrizes Curriculares; 10 – Eventos de Letramento. Além dessas, mais uma categoria emergiu dos dados, relativa às pesquisas que envolvem mais de um eixo pesquisado, a qual nomeamos de 11 – Híbrida.

Resultados

- A pesquisa no curso de Letras Português da IES investigada

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Letras Português (PPC), o trabalho de conclusão de curso (TCC)

> proporciona ao discente fazer investigação científica que, como tal, deverá estimular procedimentos da metodologia da pesquisa. Um dos pilares que justificam a presença do TCC nos cursos de graduação é despertar o interesse pela pesquisa e pela produção do conhecimento (UESPI, 2012).

Ademais, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) apresentam, no capítulo III, especialmente no art. 8°, que os cursos destinados à formação inicial de professores precisam ter como fundamentos pedagógicos "[...] III- a conexão entre o ensino e a pesquisa com centralidade no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ensinar requer tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento" (Brasil, 2019, p. 5). Nesse sentido, percebemos a importância de integrar o ensino e pesquisa no processo de ensino-aprendizagem, visto que ensinar vai além de apenas transmitir conhecimento, envolvendo, sobretudo, a aplicação prática e contextualizada desses conhecimentos, o que pressupõe que o(a) licenciando(a) conheça bem o que ensina e como os estudantes aprendem.

Diante disso, para preparar os licenciandos a enfrentar as exigências relativas às atividades de pesquisas, o curso disponibiliza duas disciplinas: Prática de Pesquisa em Letras I e II (PPL I e PPL II), que trabalha os princípios da ciência e dos conhecimentos científicos, da metodologia de

pesquisa, bem como, os estudos dos gêneros textuais do projeto de pesquisa e monografia e as normatizações da ABNT para trabalhos acadêmicos (UESPI, 2012).

Além disso, os estudantes recebem assistência de um(a) docente orientador(a), que compartilha a responsabilidade pela produção do TCC, influenciando significativamente a escolha do tema da pesquisa com base em seus próprios interesses e experiências acadêmicas. Nesse contexto, Aguiar e Pereira (2007, p. 9) recomendam considerar "a importância do assunto para a comunidade, as vantagens que ele pode trazer e seu grau de representatividade científica."

- Temáticas exploradas nos TCCs investigados

Para o estabelecimento de predominâncias relativas aos temas, de acordo com os dados levantados, foi feita a categorização das temáticas das pesquisas, seguindo-se em parte os eixos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, 2018) e em conformidade com o objeto de análise de cada pesquisa. Ao todo, encontramos 11 categorias, como se verifica no quadro 1.

Quadro 1 – Categorização das temáticas dos TCCs

CATEGORIAS	QTD. TCCs	TÍTULOS
LEITURA	10	**Ex.:** Leitura e compreensão do gênero charge por alunos do 8° Ano da EJA: uma breve à luz da teoria de gênero textual **Ex.:** A leitura no processo de aprendizagem do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental
ESCRITA/ ORTOGRAFIA	7	**Ex.:** Acentuação gráfica em redações de alunos pré-vestibulandos no ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de análise. **Ex.:** Um itinerário linguístico e histórico em jornais do século XIX com ênfase nos aspectos ortográficos: as representações do grafema "s"
ORALIDADE	1	Variações linguísticas de alunos de 4° e 5° anos do Ensino Fundamental I da zona rural de Teresina-PI.
ANÁLISE LINGUÍSTICA/ SEMIÓTICA	19	**Ex.:** A semântica no livro didático de Língua Portuguesa: um exercício descritivo das seções de interpretação de texto **Ex.:** O fenômeno da sinonímia, paráfrase, antonímia e contradição em situações concretas de uso: descrição e análise
MODELOS DE ENSINO	2	**Ex.:** Contribuições do letramento digital para alunos da Educação Pública. **Ex.:** O ensino remoto de língua portuguesa no contexto pandêmico

		Covid 19: uma revisão de literatura
ANÁLISE DISCURSIVA	16	**Ex.:** O ethos discursivo em canção de rap: uma análise discursiva da música Pomba Branca, da banda Facção Central **Ex.:** A heterogeneidade mostrada no discurso da Carta de Paulo aos Gálatas: uma análise discursiva
METAPESQUISA	4	**Ex.:** As contribuições da semântica formal para a linguística no português do Brasil: um levantamento de trabalhos de tese do período de 2008 a 2014. **Ex.:** Panorama dos estudos de letramento científico no Brasil: análise de abordagens em dissertações de mestrado do PROFLETRAS.
PRODUÇÃO TEXTUAL	2	**Ex.:** Letramento digital: a linguagem verbal e não-verbal na comunidade virtual do whatsapp **Ex.:** Análise da coerência de opinião produzidos por alunos do 9° ano de uma escola pública de Teresina
DIRETRIZES CURRICULARES	1	Perspectivas sociolinguísticas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os Ensinos Fundamental e Médio
EVENTOS DE LETRAMENTOS	7	**Ex**.: Eventos de Letramento Social com os Feirantes do Mercado do Parque Piauí da cidade de Teresina, Piauí **Ex**.: Eventos de Letramento Social na Marcha das Margaridas 2019
HÍBRIDAS	6	**Ex.:** Leitura e escrita como resultado de letramento **Ex.:** Dificuldade de leitura e escrita no 6º ano do Ensino Fundamental numa escola pública municipal de Teresina

Fonte: Elaborado pela autoras (2023).

Foi possível observar que os temas com maior interesse dos estudantes foram análise linguística/semiótica e análise discursiva, pois o primeiro abrange dezenove pesquisas, e o segundo contém dezesseis trabalhos. Em contrapartida, os temas relativos à oralidade, modelos de ensino, produção textual e diretrizes curriculares apresentam um menor número de trabalhos realizados nos últimos seis (2017-2022).

- Metodologia da pesquisa nos TCCs do curso de Letras Português

Em conformidade com os objetivos da pesquisa, foi feito um levantamento quantitativo dos TCCs, registrando-se, no período investigado, 75 da área de Linguística.

Quanto à metodologia adotada para a coleta de dados, foram encontradas 42 pesquisas documentais, 20 de campo e 13 bibliográficas, conforme o quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Tipologia de pesquisa

Ano	Pesq. documental	Pesq. de campo	Pesq. bibliográfica
2017	7	3	2
2018	2	4	0
2019	7	10	4
2020	2	0	2
2021	8	2	0
2022	16	1	5
Total	42	20	13

Fonte: Elaborado pela autoras (2023).

Em relação ao quadro 2, percebe-se que a maior quantidade de pesquisas feitas foi do tipo documental, com o total de 42 trabalhos. Nota-se também, que no ano de 2022 houve um maior número desses tipos de trabalhos. A pesquisa de campo totalizou 20 trabalhos e a bibliográfica contou com 13 pesquisas.

Verificamos que as fontes de dados mais usadas pelos pesquisadores, no que se refere a pesquisa de cunho documental, são os livros didáticos. Para as pesquisas de campo, os ambientes mais visitados foram as escolas, universidades, e eventos, entre outros. Quanto às pesquisas bibliográficas, os discentes utilizaram principalmente artigos científicos, dissertações e teses.

- Pesquisas vinculadas à Educação Básica

No que concerne ao vínculo com a Educação Básica, foram identificadas 35 investigações, conforme o quadro 3.

Quadro 3 – Quantidade de pesquisas vinculadas à EB

Ano	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Vínculo com a EB	4	2	8	1	5	15

Fonte: Elaborado pela autoras (2023)

No quadro 3, observa-se que, nos anos de 2018 e 2020, desenvolveu-se uma quantidade menor de produção de TCCs. Além disso, nota-se que há uma crescente quantidade de TCCs vinculados com a Educação Básica no ano de 2022. É importante lembrar que o ano de 2020 foi o período de pandemia da Covid-19, quando muitas escolas estiveram fechadas, bem como as

atividades de estágio e de práticas foram reduzidas ou transferidas para ambientes virtuais, o que pode ser um fator a explicar a baixa quantidade de trabalhos com foco na EB, nessa época.

Quanto às fontes dos dados nos TCCs investigados, detectamos uma diversidade, como se evidencia no quadro 4.

Quadro 4 – Fontes dos dados em pesquisas vinculadas à EB

Fontes dos dados	**Total**
Textos produzido por alunos da EB	10
Livros didáticos	15
Artigos científicos, teses, dissertações	5
Documentos curriculares	1
Escola	3

Fonte: Elaborado pela autoras (2023)

Nota-se que a fonte de dados mais utilizada pelos estudantes foram os livros didáticos, seguidos de textos produzidos por estudantes da Educação Básica. Acreditamos que essa escolha se deve ao fato de os discentes optarem por fontes mais acessíveis, ao escolherem os temas do seu TCCs, uma vez que a pesquisa de campo demanda mais tempo e complexidade para ser realizada, a qual foi realizada apenas por 3 estudantes pesquisadores.

Nessas pesquisas os temas relativos à Educação Básica foram categorizados com base em componentes relacionados ao ensino de língua portuguesa, conforme o quadro 5

Quadro 5 – Temas das pesquisas vinculadas à EB

Temas	**Exemplos**	**Total**
Escrita (*)	Acentuação gráfica em redações de alunos pré-vestibulandos no ensino de língua portuguesa: uma proposta de análise	4
Análise discursiva	A construção da imagem da EJA em livros didáticos: uma análise discursiva	2
Letramento	Letramento e o uso de suas especificidades digitais para escola	6
Análise linguística	As práticas de análise linguística em livros didáticos	10

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Leitura	A leitura no processo de aprendizagem do 6º e 7º ano do ensino fundamental	5
Modelos de ensino	O ensino remoto de língua portuguesa no contexto pandêmico Covid 19: uma revisão de literatura	1
Produção textual	Análise da coerência de opinião produzidos por alunos do 9° ano de uma escola pública de Teresina	1
Oralidade	Variações linguísticas de alunos de 4° e 5° anos do ensino fundamental I da zona rural de Teresina-PI.	1
Diretrizes Curriculares	Perspectivas sociolinguísticas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os ensinos fundamental e médio	1
Híbridas	Dificuldade de leitura e escrita no 6º ano do ensino fundamental numa escola pública municipal de Teresina	4

Fonte: Elaborado pela autoras (2023).
Nota: (*) A categoria que denominamos de *Escrita* inclui os trabalhos cujos temas envolvem aspectos das convenções da escrita, como ortografia, pontuação, translineação, paragrafação. Os trabalhos atinentes a texto foram incluídos na categoria *Produção textual*.

No quadro 5, observa-se que os temas mais pesquisados se relacionam ao eixo da análise linguística, em que apresentaram dez trabalhos. A predominância desse tema demonstra que os licenciandos demonstram um interesse maior nas investigações sobre a linguagem e ainda apresentam a relevância de uma compreensão profunda acerca de como se abordar a língua na sala de aula da educação básica. Ademais, essas pesquisas contribuem significativamente para a formação como futuros professores, pois esses temas colaboram para se tornarem profissionais mais bem preparados, habilidosos, que proporcionem um ensino de língua portuguesa em que as diferentes dimensões do uso linguístico se interseccionam.

Por outro lado, evidencia-se que a oralidade e a produção textual, fundamentais para a formação do estudantes da Educação Básica, não parecem despertar o interesse dos licenciandos, o que, de certo modo, os priva de uma visão mais próxima da realidade do processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa que se faz na escola. Assim também, a análise discursiva

Para uma compreensão mais abalizada desse quadro temático, é necessário se considerar o modo como se organizam as condições de produção dos TCCs, em que não apenas os interesses dos discentes são levados em conta, visto que os orientadores também estipulam os encaminhamentos para a pesquisa em função de seus próprios históricos como pesquisadores.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Assim, é possível que o número de professores que investigam temáticas como leitura, produção textual, análise do discurso ou outra tenha um forte impacto nos números a que chegamos.

Considerações finais

A pesquisa tem o potencial de melhorar a qualidade do curso de Licenciatura em Letras Português ao fornecer conhecimento organizado sobre as pesquisas dos estudantes em seus TCCs. Isso permite ao corpo docente refletir sobre a identidade do curso e compreender detalhadamente a produção de conhecimento e sua relevância para os graduados. Além disso,
colabora positivamente na Educação Básica, pois a divulgação acessível da produção acadêmica pode contribuir para o aprimoramento contínuo dos professores de Língua Portuguesa em sua prática pedagógica.

Os resultados revelam que muitos licenciandos pesquisadores demonstraram interesse nas práticas de ensino de língua materna, porém ainda restrita a apenas dois dos seus componentes, com lacunas significativas de temáticas relacionadas à oralidade e à produção textual, o que pode ser justificado pelos encaminhamentos das orientações dos docentes, que se vinculam a determinadas vertentes dos estudos da linguagem.

Referências

AGUIAR, Vera T. D.; PEREIRA, Vera W. P. (org.). **As letras em foco na pesquisa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017: 2018.

Brasília: MEC, 2001. BRASIL. Resolução CNE/CP N°2/2019 - **Diretrizes Curriculares Nacionais** para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica. Brasília: MEC, 2019.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas de “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, p. 257-72, ago. 2002.

MAINARDES, J. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 303-19, nov./dez. 2018.

PAIVA, V. L. M. D. O. E. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. I, n. I, p. 1-15, jul. 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI. **Projeto Pedagógico do Curso** – Letras Português. Teresina, 2012.

PERCEPÇÃO DA ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PATU-RN

Leide Cristina Rodrigues Ernesto [159]

Jéssica Girlaine Guimarães Leal [160]

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte do trabalho de pesquisa de conclusão apresentado ao curso de letras Libras do Universidade Federal Rural do Semi-Arido, Campus Caraúbas. Percebemos que a sociedade brasileira vem passando por várias mudanças no cenário educacional e, devido a isso, as pessoas com deficiência estão sendo inseridas ao protagonismo social. É nos espaços escolares que a inclusão das pessoas com deficiência vem ganhando destaque em Patu – RN existem várias pessoas com deficiência e sabe-se que parte dos docentes possui bastante dificuldade em ministrar aulas e repassar conteúdos a esses alunos, buscando auxilio na sala AEE para que o aluno possa aprender de forma lúdica, interdisciplinar e individualizada. Entretanto, percebemos que a acessibilidade desses sujeitos ao processo ensino – aprendizagem ainda se encontra precarizada. Nesse interim, emerge esse trabalho, no intuito de analisar como vem sendo realizada a inclusão das pessoas com deficiência nos espaços escolares do município de Patu, no interior do Rio Grande do Norte, como também averiguar como tem se dado a efetividade dos direitos das pessoas com deficiências. Para isso, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, aplicando-se um questionário com perguntas discursivas sobre o ensino as pessoas com deficiência aos docentes do município. Verificamos que o município e os docentes estão atentos as exigências do mercado e apresentam propostas na área, todavia, é necessário fomentar estratégias educacionais com as famílias e os professores através da formação continuada, para que se transformem em ações na sala de aula.

Palavras-chave: Acessibilidade. Inclusão. Deficiências. Educação. Formação Docente.

Introdução

Essa pesquisa nos espaços escolares da cidade de Patu-RN é oriunda de um recorte do trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal Rural do Semi-Árido e teve

[159]Licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi Árido UFERSA, Campus Caraúbas/ RN. Email: leidecristinaernesto@gmail.com.

[160] Doutoranda no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - jessica.leal@ufersa.edu.br

como intuito de poder contribuir com o ensino das pessoas com deficiência a partir da compreensão sobre a acessibilidade e inclusão desses alunos nas escolas municipais e estaduais neste município.

De acordo com Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), os direitos fundamentais e os direitos específicos pertencem a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Ainda segundo esse documento, também está previsto a inclusão ao direito à vida e a liberdade de opinião e de expressão, eles tratam sobre o direito à educação e o trabalho entre muitos outros, estes sem discriminação. Coadunando com essa ideia, temos a lei n° 13.146 de 06 de julho de 2015 (BRASIL, 2006), que afirma:

> Art.1. É instituída a lei brasileira da inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência), destinado a assegurar e a promover em condições de igualdade o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando a sua inclusão social e cidadania.

Esta lei tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo (2015), no intuito de que seja cumprido as condições de igualdade e liberdade da pessoa com deficiência na sociedade onde vive. Em Patu não consta uma legislação municipal especifica para essas pessoas com deficiências e o município segue as diretrizes e bases que constam nos documentos escolares referentes aos Planos Políticos da Escola (PPP), conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Constituição Federal.

Organizamos esse trabalho da seguinte forma, apresentaremos de forma breve um pouco da visão sobre a pessoa com deficiência, em seguida apresentaremos o percurso metodológico sucedido pela análise e resultados. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

Olhar para diferença ao longo da história

De acordo com Leal (2020, p. 29) o pensamento religioso precede o interesse em educar os surdos. Na antiguidade, os deficientes eram considerados ignorantes, sendo visto com compaixão e piedade, em outra situação, eram tidos como pessoas castigadas pelos deuses ou

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

pessoas enfeitiçadas e, por isso, eram abandonados ou sacrificados. Acreditava-se que a cura só podia ser realizada mediante ação divina.

O período da revolução industrial foi marcado pela importância do resultado de produções perfeitas que fossem realizadas em um curto espaço de tempo e em alta demanda. Já quando se trata da revolução científica, as descobertas da área, após um longo período de disseminação dos conhecimentos com criação de universidades que marcaram o fim da idade das trevas, tentavam aproximar o homem à Deus.

Desta forma, a criação do modelo biomédico surgiu como uma iniciativa para traduzir os ideais de perfeição que objetivavam a aproximação ao divino, marcados pela discriminação e comparação a um objeto que pode ser útil ou não. Portanto, a presença de enfermidades afastava os acometidos desses ideais e os levavam a serem tratados de forma diferenciada e fora da normalidade para a época do século XIX contribuindo assim, para a criação do papel social do médico como um agente capaz de "consertar" peças do indivíduo para se adequar a um parâmetro imposto pela sociedade, afastando a contribuição médica da compreensão de lidar com as particularidades de cada ser humano.

Pensando dessa forma a deficiência era vista como um corpo humano com defeitos e que precisavam ser consertados, mas sabemos que muitas vezes tratar essa característica como uma doença e não como uma limitação deixa marcas de transtornos e baixa autoestima. O desenvolvimento dessa pessoa e o acolhimento dado perante a sociedade para que se tenha uma melhor qualidade de vida, mostrando que podem ser capazes de aprender e se socializar como pessoa em seu meio social é de extrema importância.

Os movimentos em defesa da classe das pessoas com deficiência trouxeram a ideia da importância de lutar pela inclusão e assegurar o direito da igualdade perante a sociedade. Desta forma, ao conhecer melhor a comunidade tornou-se evidente a necessidade de minimizar nos indivíduos o sentimento de invalidez e limitação levando o acolhimento e o discernimento necessário para que essas pessoas se vejam como parte integrante da população ativa socialmente. Portanto, tal inclusão trouxe diversos benefícios para a atualidade, mudando a forma como eram tratados e a garantindo por lei o direito de contribuir para a construção do meio social.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Metodologia

Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. utilizou de uma pesquisa exploratória e qualitativa, com uso de questionário, posteriormente os dados triangulados e analisados. A pesquisa exploratória segundo Gil (2002, p. 41) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado;(c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTZ *et al.*, 1967, p. 63).

O estudo foi realizado em escolas públicas de ensino regular na cidade de Patu – RN. Patu é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, Região Nordeste do país. Pertence à Mesorregião do Oeste Potiguar e à Microrregião de Umarizal, e está localizado 321 km a oeste da capital do estado, Natal. Ocupa uma área de 319,129 km², e sua população no censo de 2010, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população é estimada em 12.861 pessoas em 2021, mostrando que houve um aumento em relação ao censo do IBGE de 2010 que consta 11.964 habitantes, sendo o 48º maior em população do Rio Grande do Norte.

A pesquisa foi realizada em nove escolas, sendo seis municipais e três estaduais. São elas: Escola Estadual Dr. Xavier Fernandes; Escola Estadual Dr. Edino Jales; Escola Estadual João Godeiro; Escola Municipal Francisco Francelino de Moura; Escola Municipal Raimundo Nonato Da Silva; Escola Municipal Raimundo Rocha; Escola Municipal Gov. Aluízio Alves – (Creche); Escola Municipal Maria Carmelita Rocha – (Creche); Escola Municipal Profa. Raimunda Ernesto da Silva – (Creche).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Selecionamos as respectivas escolas para realização dos questionários com vista à sondagem sobre as pessoas com deficiências e as possibilidades que a escola oferece a elas. Utilizamos como instrumento de coleta a técnica a entrevista. Elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturado essa técnica de coleta de dados o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas do pesquisador.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 - Nome do entrevistado?
2 - Idade?
3 - Sexo?
4- Formação acadêmica?
5 - Atividade profissional?
6 - O cargo que desenvolve atualmente?
7 - Já teve algum aluno com deficiências? Qual?
8 - Qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula?
9 - Na escola há acessibilidade para esses alunos com deficiência?
10 - Quais os recursos que a escola oferta para esse aluno?
11- Existe projeto na escola? Os alunos com deficiências participam desses projetos? De que maneira?
12 - A escola oportuniza formação continuada para promoção de acessibilidade para esses alunos?
13 - Que formação/curso voltado a pessoas com deficiências você gostaria de realizar?
14 - Os pais participam do processo educacional desse aluno?

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Sujeitos da pesquisa

Das 30 (trinta) pesquisas realizadas, selecionamos 10 (dez) para compor nessa análise deste trabalho. Para elaboração dos sujeitos da pesquisa foram levantados os seguintes critérios: Professores de alunos com deficiências. São profissionais da docência: uma psicopedagoga do município, um professor da educação especial do Estado, uma coordenadora pedagógica do município, uma coordenadora pedagógica do estado, três professores do ensino fundamental I, duas professoras da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) para Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma diretora da rede municipal, distribuídos entre as nove escolas

selecionadas, sendo dois do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idade entre 34 a 60 anos. Destes, todos os professores já tiveram alunos com deficiências em sala de aula. Todos possuem formação em nível superior na área da educação e contam com experiência docente que varia de 5 a 32 anos.

Analise e resultado

A partir desse momento, serão demonstrados apenas 02 (dois) resultados e análises obtidos com as coletas de dados, o entrevistado P1(P1 possui graduação em pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia, clínica, institucional e hospitalar, além de ABA em formação e mestrado em educação. Atualmente é funcionária efetiva do município de Patu/RN atuando como psicopedagoga) e P6 (formação acadêmica em pedagogia. Sua atividade profissional perante a escola é como professora do ensino fundamental I). primeiro veremos a transcrição da entrevista realizada e em sequência, faremos a análise dos dados coletados. Como esse artigo é um recorte foi necessário escolher apenas 02 entendendo que seria suficiente para mostrar o resultado da pesquisa.

Entrevistado P1

Quando perguntado sobre qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula, respondeu:

> Como psicopedagoga, a maior dificuldade encontrada, apesar de somar quatorze anos de muito trabalho tentando conscientização, são as resistências de alguns professores e profissionais das instituições educacionais, que mesmo com meu trabalho que vem sendo desenvolvido há anos. Apesar de uma certa conscientização por parte dos professores, que não rotulam mais, nem acham que é para darem um parecer oral do que a criança tem sem antes vir dos profissionais da saúde esse diagnóstico; mesmo assim ainda vejo uma certa resistência. Quanto à procura de subsídios para suas práticas da abertura a pesquisas e estudos que possam dar suporte necessário frente à sua prática aos alunos e as famílias, portanto, a mediação do seu saber, de sua prática profissional, didática e metodológica, pois muitos profissionais não querem compreender que a minha função, frente ao órgão central da educação é de suporte pedagógico, orientações, assessorias e supervisões. Desta forma, os mesmos ainda não compreendem que não sou daquela

> determinada escola em que eles trabalham, e sim que sou psicopedagoga locada na equipe da secretaria de educação com orientações ao AEE, no planejamento aos professores do AEE e presto esse suporte psicopedagógico nas escolas municipais, porque ainda não há psicopedagogas em todas as escolas, como exemplifica a lei.

Também foi questionado se há acessibilidade nas escolas para esses alunos com deficiências, a entrevistada afirma:

> Existem nas escolas municipais uma certa acessibilidade, porém, ainda não contempla na sua totalidade ao modelo padrão de referência legal; para uma adaptação de uma acessibilidade programática. No entanto já avançamos e aos poucos melhoraremos mais, em termos de acessibilidades arquitetônicas. Quanto a acessibilidade atitudinal; podemos dizer que temos um certo avanço; isto conforme determinadas funções desenvolvidas; como é o caso; de professores do AEE - atendimento educacional especializado; professores de educação especial; e cuidadores educacionais; por serem profissionais que compõem a educação especial, que em muitos municípios não existem.

Em seguida procuramos saber da entrevistada se existem recursos na escola ofertados para os alunos com deficiências, a entrevistada responde:

> Existem na própria escola ou escolas municipais e na sala de recursos multifuncional (SRM) recursos lúdicos para que possam serem utilizados pelo próprio professor do ensino básico comum; o titular e os professores do AEE, que lidam nessa sala de recursos multifuncional; porém ainda são poucos; tornando-se precários pelas individualidades da pessoa com deficiência; mesmo que as professoras do AEE tenha confeccionado matérias recicláveis; Observamos a necessidade dos gestores, do poder público, investir mais, em termos de atendimento educacional especializado; para um melhor funcionamento; especialmente em tecnologias assistivas com material de apoio a PED, também existe a necessidade de equipamentos de tecnologia, uma internet de qualidade para melhorar o atendimento a esses alunos; pois sabemos que existem inúmeros programas para DV, (deficientes visuais), recursos digitais, slides, vídeos, portais, entre outros que como ledora e psicopedagoga ver-se como facilitadores para inúmeros transtornos de desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem.

Também foi perguntado para a entrevistada se existem projetos na escola e como os alunos com deficiência participam desses projetos, ela refere:

> Sim, com toda certeza, no decorrer do ano letivo; são trabalhados variados projetos e todos temos o cuidado de orientar os professores e escolas como um todo; os alunos com e sem deficiências participarem, tanto nas atividades pedagógicas diárias, conforme capacidades; quanto em apresentações em público; como iniciamos, pela primeira vez em praça pública a primeira apresentação no ano 2017, e em outros inúmeros eventos; à exemplo tivemos o último, no desfile cívico da cidade, a abertura com uma representação da educação especial, em que levamos um cadeirante e seu irmãozinho gêmeo para abrir o desfile; salientando que sempre e este ano em todos os pelotões de todas as escolas

> tinham alunos com deficiências, incluídos e outros são até destaques como o cadeirante e porta bandeiras. entre outros inúmeros eventos que iniciamos, e hoje temos consciência de que será um trabalho contínuo, porque mesmo diante da dificuldade que é trabalhar a educação especial e inclusiva, esse trabalho está sendo gradativamente por ter sido idealizado como primeira psicopedagoga no município de Patu RN, isto me honra por amar a ciência psicopedagógica e poder ajudar o outro, que não tinha vez, nem voz na sociedade e passa a ser sujeito ativo e atuante.

Buscamos saber se a escola oportuniza formação continuada para promoção de acessibilidade para esses alunos e qual formação ou curso voltado à pessoa com deficiências o entrevistado gostaria de realizar, a psicopedagoga relata:

> Sim, através de formação continuada para todos os profissionais, e pais; estas retornam para o alunado em forma de conhecimentos. gostaria de fazer uma formação para psicopedagogos pelas instituições parceiras do município, pois as que tenho pago e busco com recursos próprios.

Por fim, questionamos se os pais participam do processo educacional dos seus filhos, e foi dito:

> De certa forma sim, pois a minoria não busca conhecimentos e direitos, ou podemos dizer que são poucos instruídos, mas os que são comprometidos com o processo do filho, buscam e até exigem direitos que são seus, para uma plena busca pela inclusão.

Entrevistado P6

Foi perguntado sobre sua maior dificuldade na sala de aula e se existe acessibilidade para esses alunos com deficiências, ele relata:

> Os tipos e níveis de deficiência devem ser identificados pelo professor e pelos pais o quanto antes. Trabalho com alunos portadores de paralisia cerebral, síndrome de Down e retardo mental. A maior dificuldade encontrada é como trabalhar com essas crianças na metodologia de ensino voltada para a necessidade de cada um. Na escola há sim acessibilidade, pois houve uma reforma no intuito de diminuir as dificuldades nas acessibilidades estruturais.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Questionamos quais os recursos que a escola oferta para esse aluno, se existem projetos voltados para essa demanda, se a escola oportuniza formação continuada aos professores e qual formação/curso voltado à pessoa com deficiências ele gostaria de realizar, o professor responde:

> O município garante profissionais qualificados na área e salas multifuncionais, nas quais nossos alunos são direcionados e acompanhados. Os alunos com deficiências são todos inseridos nos projetos escolares, respeitando as suas limitações e necessidades de cada um. Há um acompanhamento por parte do município com a psicopedagoga e há um grupo de orientações aos professores e pais. Gostaria de realizar um curso de LIBRAS.

Os professores têm idades entre 34 e 60 anos e experiência docente que varia de 5 a 32 anos. Logo, podemos perceber a maioria dos professores já possui uma longa caminhada na vida docente. No questionário aplicado procuramos identificar quais professores já tiveram experiência com alunos com deficiências e qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula.

P1, psicopedagoga do município, menciona dificuldades encontradas com os demais profissionais da educação, pois sua função frente à secretária de educação é voltada aos planejamentos e orientações aos professores do AEE, porém a mesma também realiza orientações aos cuidadores e professores do município por ainda se não ter essa assistência em todas as escolas; afirma que o município realiza orientações aos profissionais e aos pais; relata a importância e necessidade da formação também para os psicopedagogos, pois o município tem instituições parceiras que podem ajudar nesse sentido; há certa participação, mas que a maioria não busca conhecimentos e direitos que possam ajudar, pois poucos são instruídos no assunto; aqueles que são comprometidos buscam e exigem os direitos dos seus filhos.

P6, relata um acompanhamento pela secretaria da educação e pela psicopedagoga, que orienta tanto os cuidadores como também os professores; relata a importância dos pais e da família na escola e referem que os pais participam através de reuniões e eventos e que a escola busca interagir com os pais sobre a situação educacional dos alunos com NEE.

Apesar de ser uma cidade interiorana, as escolas de Patu já mostram interesse quanto ao processo ensino-aprendizagem dos alunos com deficiências, mas é necessário um árduo trabalho para garantir esta acessibilidade nas escolas. Entendemos que as escolas estaduais convergem na assistência às pessoas com deficiências, pois houveram melhorias na acessibilidade estrutural das

escolas e a estruturação das salas voltadas ao AEE com professores de educação especial, no entanto, ainda se notam dificuldades nas metodologias de ensino para as crianças e jovens com deficiências, a falta de cursos de qualificação e desenvolvimento para o trabalho com especificidade de cada deficiência, o domínio e segurança no quesito ensinar e aprender, o que está ajudando e o que não está ajudando, como trabalhar essa cultura em projetos e obter êxito.

Entretanto, nas escolas do município acontecem várias divergências. Existe sala de AEE em apenas uma escola e os dois professores da sala do AEE recebem esses alunos no contra turno. Os professores dessas escolas não se sentem seguros para trabalhar com essas crianças e não se tem um trabalho voltado para as atividades individualizadas como gostariam. Tem salas multifuncionais em algumas escolas, mas não especificamente para pessoas com deficiências.

Identificamos que é necessário que os gestores das escolas que têm a oportunidade de participarem de cursos voltados para pessoas com deficiências e são orientadas possam passar com critérios as orientações para o restante da escola, como também fazer planejamentos com os professores sobre como aplicar as metodologias em sala, buscando um trabalho coletivo com as famílias, os professores e escola, identificamos que existe no município cuidadores para as crianças com essas especificidades, mas que é necessário treinamentos para poderem colaborar com firmeza nesse atendimento em sala.

Portanto os professores sentem dificuldades em trabalhar em sala com didáticas e planejamentos na escola voltados para pessoas com deficiências, apesar de todos trabalharem com vários tipos de deficiências no decorrer da sua profissão, buscar progredir e superar os obstáculos para ensinar um aluno com esses critérios.

De acordo com Vygotsky (1989) afirma que “[...] as mais sérias deficiências podem ser compensadas com ensino apropriado, pois o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental”. Dessa forma, entendemos que o olhar para a diversidade nada mais é do que o respeito ao desenvolvimento de cada sujeito. É necessário um trabalho voltado para a educação das pessoas com deficiências partindo da assistência social em fazer um trabalho voltado para as famílias com pessoas com deficiências ao incentivo e conscientização em matricular seus filhos nas escolas do município, fazer um mapeamento procurando mostrar e esclarecer pontos positivos para sua matrícula e acompanhamento escolar, isso precisa ser feito o

quanto antes para que diminua a evasão dessas crianças e seus direitos sejam respeitados e por parte de uma sociedade que deve se adaptar a inclusão e acessibilidade para todos.

A educação é um agente motivador e libertador para qualquer ser humano. Sugiro as mães que têm seus filhos matriculados nas escolas do município de Patu, estando satisfeitas com o trabalho ofertado pelo município, na qual essas crianças estão inseridas na sociedade, lutam pelos seus direitos e buscam o melhor para adaptação dos seus filhos. Sugerimos ao município adotar a semana da pessoa com deficiências para que fosse trabalhados várias áreas com o objetivo de desenvolvimento para as famílias e para a escola como esporte, lazer, cultura e educação.

Considerações finais

No decorrer do trabalho foram avaliados vários pontos, dentre eles a acessibilidade para os alunos com deficiências no município de Patu, no interior do Rio grande do Norte. Foi perceptível que as escolas estaduais, apesar de estarem em um nível satisfatório, com salas multifuncionais e professores da educação especial, ainda precisam melhorar estruturas físicas tornando-as mais acessível para esses alunos, pois ficou evidente a falta de adaptação arquitetônica desses espaços. Ao longo das entrevistas percebemos necessidade dos professores de formações continuadas com vista a atendimento e ensino às pessoas com deficiências. Outro ponto importante é a necessidade de recursos didáticos para aprimoramento do atendimento especializado, bem como planejamento individualizado por parte dos docentes fazendo uso da metodologia diferenciada e voltados ao aluno com deficiência, possibilitara a permanência do aluno em sala.

Já na rede pública municipal também percebemos que o professor sente dificuldades na metodologia individualizada para as pessoas com deficiências, muito embora a disponibilidade da sala do AEE e da psicopedagoga corrobora no desenvolvimento do aluno. De acordo com os relatos, percebe-se que há falta de assiduidade por parte dos alunos com deficiência tanto nas aulas regulares como no Atendimento Educacional Especializado. Nesse sentido é necessário um trabalho de conscientização das famílias sobre a importância da participação na vida escolar. O

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

atendimento do AEE do município tem muito a oferecer, mas é necessário o compromisso dos pais, professores e toda equipe da educação especial, como por exemplo cuidadores e auxiliares das pessoas com alguma deficiência.

Dessa forma a presente pesquisa intitulada, “Percepção na acessibilidade das pessoas com deficiência nas escolas do município de Patu-RN”, teve como objetivo analisar a acessibilidade e inclusão dada a essas pessoas nas escolas estaduais e municipais de Patu. Partindo das análises dos dados coletados, chegamos à conclusão que os professores têm consciência sobre a importância da presença dos alunos com deficiências na sala de aula, e que alguns alunos necessitam de recursos humanos de aporte como, por exemplo: cuidadores e auxiliares de salas como um agente facilitador que está para mediar à comunicação e desenvolvimento desses alunos e com isso incentivamos outras pesquisas sobre a atuação conjunta da escola com o professor, cuidador e família.

Nas etapas percorridas desde a delimitação do foco da pesquisa, bem como os critérios bem delimitados foram suficientes para que pudéssemos alcançar os objetivos proposto por esta pesquisa, isto é, compreender como se encontram essas pessoas com deficiências, a situação do docente na sala de aula na cidade de Patu, uma vez que através dos depoimentos dos professores pudemos conhecer um pouco da realidade dessas atuações no município investigado. As leituras realizadas para a fundamentação do estudo serviram de subsídio teórico para compreensão da atividade de acessibilidade no Brasil, quais os direitos das pessoas com deficiências, como trabalhar com essas especificidades descritas na lei, bem como entendermos as limitações e desafios que ainda circundam a atuação do profissional em sala e a preocupação das famílias em poder dar qualidade de vida e assegurar a inclusão social.

Almejamos apenas fazer uma pequena contribuição local para os estudos da área e esperamos que a discussão aqui apresentada possa colaborar para compreensão da acessibilidade educacional, papel do professor e dos alunos com deficiências no espaço escolar.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: jul. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas, 2008.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Análise da variação lexical dos topônimos em Libras no sertão Paraibano**. 2020a. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

SELLTIZ, C. *et al*. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, O. M. **A epopéia ignorada:** a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: Cedas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de Defectología**. Obras Completas, Tomo Cinco, Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO E INTERMIDIALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO

Humbelina Santos da Silva[161]
Elizabeth Gonzaga de Lima[162]

Resumo: Este trabalho analisa, a partir do conceito de intermidialidade, uma proposição de leitura literária em um volume da coleção *Se Liga na Língua*, manual didático de Língua Portuguesa, 6º ao 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, distribuído pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e escolhido como suporte pedagógico básico em algumas escolas do município de Salvador, Bahia. Para o estudo, utilizou-se uma sugestão de atividade com o viés intermidial no compêndio do oitavo ano, com o intuito de examinar as possibilidades metodológicas das interações, aproximações e apropriações das diferentes linguagens, considerando os estudos sobre letramento literário, de Zappone (2008) e intermidialidade, de Clüver (2011). Como resultados observa-se que o material pedagógico, como documento que reproduz um discurso institucional, aponta para uma perspectiva diálogo com as diferentes mídias, aproximando-se das experiências contemporâneas de leitura literária que admitem o entrecruzamento de linguagens e a hibridização dos textos, embora, por uma limitação física, não consiga estabelecer uma inter-relação satisfatória.

PALAVRAS-CHAVE: Letramentos. Letramento literário. Intermidialidade. Educação Básica. Livro didático.

Considerações preliminares

"*[...] nem o livro nem a areia têm princípio ou fim*"
(BORGES, Jorge Luis, 2009 [1975], p. 76).

Uma queixa recorrente dos professores de Língua Portuguesa é a de que os estudantes se interessam cada vez menos pela leitura literária em sala de aula. No entanto, este lamento configura uma contradição se observarmos que fora dos muros da escola, esses sujeitos leitores experenciam o ficcional através de jogos de videogames, séries, *animes*, filmes e mangás, produzem *fanfictions* acompanham fanaticamente influenciadores literários e escritores em feiras literárias, entre outras atividades não institucionalizadas. Pesquisadores como Rildo Cosson apontam para uma certa "falência no ensino de literatura" (2016, p. 23), resultado de um letramento literário pautado na adaptação, na fragmentação e condensação dos textos literários no livro didático, da concorrência com outros gêneros; além do distanciamento dos textos trabalhados na escola com o interesse imediato dos alunos.

Sem assumir esse tom apocalíptico, é

[161] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagem, Linha 1- Língua, Literatura e Cultura. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Contato: humbelina2006@gmail.com
[162] Orientadora. Professora Doutora no Programa de Pós graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: profbethliteratura@gmail.com

perceptível um movimento de mudança, de tensionamento, que não implica em uma quebra, mas em uma expansão da ideia de literário. Assim, o que poderia ser encarado como estreitamento aqui é visto como uma ampliação. O que nos leva a considerar que hoje a noção do que é literatura ampliou-se de tal modo, a partir da concorrência das novas tecnologias, mídias e influência da globalização, que não sabemos ainda reconhecer ou delimitar esse literário. Logo, não sabemos bem como incorporá-lo, nem o usar como ponte de diálogo com as escritas consolidadas pela tradição, evidenciando um descompasso entre o que interessa aos alunos e o que a escola ensina. Importante observar esse momento como um período de transição, sendo crucial compreender como os jovens leitores tão diversos compreendem, interagem e apreendem com esses novos artefatos. E esse tem sido um dos grandes desafios para a escola contemporânea e para os professores, reconhecer os novos textos, os novos modos de leitura, apropriar-se deles e construir pontos de intersecção com os textos da tradição.

É necessário também ressaltar que a escola, como instituição formal, tende a acolher as transformações de forma mais gradual e conservadora. Lucia Santaella (2004) destaca, por exemplo, que o preconceito em relação às tecnologias digitais e, consequentemente, com os novos textos que surgem nesse contexto, se assemelha ao que imperou no passado em relação ao cinema, à televisão, ou seja, aos meios de comunicação em massa. Para a pesquisadora, esse estranhamento se alicerça em uma concepção de leitura mais restrita, considerando,

> [...] exclusivamente a leitura de letras do código alfabético cujo protótipo está na leitura de livros, a saber, leitura linear, de sequências fixas, com princípio e fim determinado e clara noção de unidade das partes em relação ao todo. Se nos fixarmos nessa ideia, de fato, seremos irremediavelmente levados a concluir sobre a decadência e degradação dos leitores, uma ladainha que, aliás, já teve início com os meios de comunicação em massa (SANTAELLA, Lucia, 2004, p. 174).

Fato é que os sujeitos leitores chegam à escola, muitas vezes com um repertório de leituras que a instituição não reconhece. Se em sala de aula, a única possibilidade de leitura literária acontece por meio do texto impresso, na mídia livro, fora da escola essa relação é outra, permeada por sons, imagens e movimentos, na qual sua postura é de "interatuação", pois esse leitor é convidado a participar, criar, comentar, ampliar. E é nessa lacuna que esse trabalho se alicerça, partindo de algumas inquietações: como a escola pode promover o letramento literário em diálogo com outras mídias e artes? É possível um letramento

literário na educação básica a partir de outras manifestações do ficcional, utilizando outros modos de leitura? Como a escola tem absorvido e apresentado tais mudanças?

O que interessa a essa reflexão não é o jogo de escolhas envolvido na hierarquização do qual literário pode ou não ser trabalhado na escola. Assume-se nesse estudo a premissa de que cabe a essa instituição, como importante agência de letramentos, promover um letramento literário multimodal/inter e transmidial. Uma experiência com o ficcional que considere as diversas modalidades de linguagem, envolva as inter-relações entre diferentes mídias e abarque as expansões/transformações de um texto-fonte em outras mídias e plataformas. Em outras palavras, cabe, entre as atribuições da escola, oportunizar práticas literárias que utilizam tanto os impressos, como filmes, novelas, anedotas, contação de histórias e qualquer outro artefato cultural, em qualquer mídia ou suporte que deslize pelo literário.

Essa perspectiva de abordagem do literário em sala de aula explicita novas formas de interação com os textos e sinaliza que as fronteiras entre as linguagens também foram redefinidas, resultando em limites cada vez mais tênues entre informação, comunicação e expressão, bem como reconfigurações nos processos de leitura do ficcional, como alertam Matos e Ribas:

> A abundante circulação de textos convergidos no ambiente digital tornou a midialidade ineludível: se antes tínhamos livros adaptados para o cinema e a TV, agora também os filmes se tornam livros, roteiros são publicados após as séries televisivas serem concluídas, há expansões e derivações de conteúdos em outras mídias, constatam-se misturas inesperadas de linguagens e meios dentro/fora da mesma mídia; além de conteúdos que se fragmentam transmidiaticamente em um *continuum* muitas vezes imprevisível (MATOS, Cristiane; RIBAS, Maria, 2023, p.114).

Ao vislumbrar uma concepção mais expandida de letramento literário, que olha para além do impresso, favorece o desenvolvimento de uma verdadeira proposta interdisciplinar, ao passo que, ao se alargar em diversos domínios, torna-se uma leitura social, que explora os elementos culturais e se entrelaça a outros saberes, pois segundo Mirian Zappone,

> conhecer as práticas de letramento literário presentes na escola bem como as práticas de letramento literário presentes em diferentes âmbitos sociais pode contribuir para que se possa pensar nas relações entre essas duas esferas, escola e vida social, fazendo-as convergir para formação de indivíduos com graus de letramento e de letramento literário cada vez maiores (ZAPPONE, Mirian, 2008, p. 54).

Problematizar o tratamento desse literário em expansão no manual didático, embora indique, em um primeiro momento, incoerência, devido aos próprios limites da materialidade livro impresso, se faz necessário para compreender como as práticas de linguagens em diferentes

mídias, previstas no próprio documento orientador da Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), aparecem e são trabalhadas. É importante lembrar que o documento acena para "possibilidades expressivas das diversas linguagens" (BRASIL, 2018, p. 478), reconhecendo a influência da globalização, da internet e das mídias digitais na produção de textos com caráter híbrido e multissemióticos na atualidade e preconizando um enfoque interdisciplinar. No entanto, não aprofunda na discussão sobre metodologias, ou seja, não debate como contemplar pedagogicamente as especificidades desses textos e as competências e habilidades envolvidas nesse cruzamento de linguagens. Outro aspecto que justificaria essa investigação no livro didático é a possibilidade de diagnóstico de como os estudos sobre mídias digitais, intermidialidade, multissemioses, hibridização dos textos, letramento midiático chegam (se é que chegam) na escola. Na busca por refletir como a inter-relação entre o ficcional, as tecnologias, as mídias e as artes podem contribuir no processo de letramento literário na Educação Básica e, como o livro didático, um importante (quando não o único) suporte de textos literários em escolas públicas, explora essa inter-relação, o presente artigo analisará um capítulo do livro didático *Se liga na Língua* - leitura, produção de texto e linguagem, do componente curricular Língua Portuguesa, do oitavo ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, Editora Moderna, aprovado pelo PNLD[163] para o quadriênio 2024-2027.

Reitera-se que o manual escolar, ainda que configure uma mídia física, impressa e não seja projetado para abarcar as especificidades dos novos gêneros, pode oferecer pistas de como o discurso pedagógico tem assimilado o dinamismo e a diversidade das relações com o ficcional, com as mídias digitais e as outras artes, interação que ocorre fora dos muros escolares. Como chave de análise, recorre-se ao conceito de intermidialidade, um fenômeno que ocorre em algumas culturas e épocas, que consiste em todos os tipos de relação entre duas ou mais mídias, duas ou mais artes, mídias e artes (CLÜVER, 2011). Em outras palavras, a partir dos estudos intermidiais é possível analisar o ficcional em suas relações com as diferentes mídias, não apenas as impressas, abarcando o cinema, a televisão, rádio além de outras mídias digitais.

Ao focalizar uma proposta de leitura literária no livro didático, a partir de um viés intermidial, enseja-se demonstrar a viabilidade do reconhecimento dessas inter-relações que envolvem literatura, mídias, artes em ambientes de ensino-aprendizagem, apontando para outras

[163] Programa Nacional do Livro Didático – no programa, as obras didáticas que são distribuídas para escolas públicas de todo o país.

formas de experienciar o ficcional e de desenvolver letramentos na escola. Acreditamos que essa abordagem do literário na educação básica pode habilitar os sujeitos leitores a construírem suas próprias estratégias de leitura de textos, mono ou multimodais, promover uma reflexão crítica acerca das fronteiras entre língua e literatura, além da possibilidade de desenvolver habilidades de produção de outros textos em outras linguagens ou mídias.

Contar com imagens[164] – uma possibilidade de leitura literária intermidial?

A proposta de atividade selecionada para essa análise pertence ao segundo capítulo do livro didático, *Se liga na língua*: leitura, produção de texto e linguagens, 8º ano, Anos Finais do Fundamental, dos autores, Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicado pela Editora Moderna e distribuído pelo PNLD 2022:

Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem[165]

Fonte: Editora Moderna

[164] Título do capítulo 2 do livro analisado nessa proposta.
[165] O manual analisado é o do professor, que apresenta algumas orientações didáticas. Há uma versão digital do material didático. Disponível em: https://pnld.moderna.com.br/colecao/fundamental-2/portugues/se-liga-na-lingua-leitura-producao-de-texto-e-linguagem/.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A sequência de leituras proposta pelo capítulo analisado busca uma aproximação com a realidade dos alunos, trazendo o universo cinematográfico para sala de aula. As imagens atraentes que abrem a série de atividades, recortes de cenas do longa-metragem de animação *Homem-Aranha no Aranhaverso*, 2018, evidenciam uma das preocupações da obra, a promoção de diálogo com os textos da contemporaneidade que são marcados por multissemioses. Por trazer o cinema para a ação pedagógica, como orientação didática, a obra prevê uma colaboração interdisciplinar com o componente curricular Artes, que, poderia contribuir em um "trabalho mais técnico com a linguagem do cinema" (OSMUNDO; SINISCALCHI, 2022, p. 42).

Importante destacar a reserva de espaço na obra, tanto em suas práticas de leitura, como nas produções textuais, para os gêneros nascidos dentro da cultura digital como os *podcasts*, os *memes*, ou os *viddings*[166], que encerram o percurso de atividades desse capítulo. Entretanto, por reconhecer que ações pedagógicas com esses novos gêneros podem suscitar dúvidas e gerar alguma dificuldade, em uma tentativa de instrumentalizar professores e alunos, o livro disponibiliza também tutoriais que auxiliam e orientam para o uso de algumas ferramentas, dispositivos e aplicativos para edição de vídeos, áudios e gerenciamento de *blogs*. As primeiras leituras do capítulo "Contar com imagens" centram-se na discussão de gêneros não-literários que estão diretamente ligados à experiência de apreciação de filmes, destacando o hábito de assistir aos *trailers*, ler um cartaz de divulgação de filmes ou ler uma resenha crítica, antecedendo o trabalho com o roteiro de cinema, gênero principal do capítulo. Essas leituras introdutórias reforçam o entendimento de letramentos como conjunto de práticas sociais, assim, a apreciação e leitura desses textos de caráter persuasivo correspondem a práticas comuns a um espectador de filmes, seja no cinema, na televisão ou em algum aplicativo/plataforma. Oferecem também a oportunidade de ampliar o repertório dos estudantes sobre aspectos ligados ao universo cinematográfico.

Ao explorar as linguagens presentes nesses gêneros, percebe-se a primeira contradição que se refere à materialidade do dispositivo, o livro, e à abordagem do gênero *trailer*, que é um artefato audiovisual. Embora proponha através de suas questões uma reflexão sobre as particularidades do gênero, como o destaque em cenas impactantes, os efeitos sonoros, o uso da música, estratégias específicas desse texto para provocar no leitor/espectador curiosidade sobre o

[166] Gênero da cultura digital, no qual um artefato cultural (série, filme, videoclipe etc.) é ressignificado por meio de uma combinação de cenas, mescladas a outros elementos como a música.

que acontecerá no enredo, seduzindo-o a assistir ao filme, o compêndio disponibiliza e focaliza apenas recortes de imagens do *trailer*, imagens estáticas, com a transcrição de suas falas. A exibição e análise da peça de divulgação audiovisual (o *trailer*) aparece apenas como uma sugestão, sem nenhuma questão ou provocação que produza uma reflexão posterior.

Nas atividades de leitura literária, que é o objeto dessa análise, os autores focalizam o gênero roteiro de cinema, texto que representa a obra cinematográfica em uma versão escrita. A escolha desse texto sinaliza para uma expansão no olhar para o literário no material didático, trazendo um texto que, em essência, constitui a etapa inicial de uma produção audiovisual, filme, documentário, série. Como observam as pesquisadoras Cristine Matos e Maria Ribas (2023), o roteiro de filme, que antes era "entendido somente como texto de apoio na passagem da literatura ao cinema", hoje "são reconhecidos como mais um gênero textual com potência literária".

Como um roteiro apresenta a descrição das cenas, dos cenários, a ação das personagens, diálogos e movimentos de câmera, a ação de leitura literária proposta na atividade prioriza esse aspecto de "guia", isto é, convida os leitores a pensar como o roteiro orienta os profissionais envolvidos na produção audiovisual sobre como a história será contada. Em outras palavras, as questões da atividade conduzem os estudantes a imaginarem a construção das cenas por meio da leitura do texto escrito, por meio da descrição das cenas, dos cenários, a ação das personagens, diálogos e movimentos de câmera.

Roteiro de cinema – Leitura 1

Leitura 1 ROTEIRO DE CINEMA

Os grandes espetáculos que vemos nas telas do cinema são precedidos por um roteiro, um texto fundamental para a produção de filmes, animações e documentários. Com base nele são imaginadas as cenas e definidos os recursos para realizá-las.

O texto que você lerá a seguir é uma tradução de um trecho do roteiro de cinema escrito por David Koepp para o filme **Homem-Aranha**, lançado em 2002, no qual é contada a origem desse famoso super-herói.

INT. INSTITUTO DE PESQUISA GENÉTICA DE COLÚMBIA - DIA

De quem é o texto?

Além de diretor, o estadunidense **David Koepp** (1963) é extensivo em produções de gêneros diversos, como comédia, drama e aventura. São dele os roteiros de **Jurassic Park** (1993), **Missão Impossível** (1996), **Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal** (2008) e **A**

Os grandes espetáculos que vemos nas telas do cinema são precedidos por um roteiro, um texto fundamental para a produção de filmes, animações e documentários. Com base nele são imaginadas as cenas e definidos os recursos para realizá-las.

O texto que você lerá a seguir é uma tradução de um trecho do roteiro de cinema escrito por David Koepp para o filme ***Homem-Aranha***, lançado em 2002, no qual é contada a origem desse famoso super-herói.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: Editora Moderna

Para a primeira leitura de roteiro de cinema, o manual, em continuidade ao tema do universo dos super-heróis, já tratado na análise das peças publicitárias, elege um trecho traduzido do roteiro escrito por David Koepp para o filme *Homem-Aranha*, lançado em 2002, que retrata a origem da personagem-título. Todavia, chama atenção que o capítulo não menciona em nenhum momento, nem como curiosidade, que essa personagem e suas aventuras nascem em outra mídia, nas histórias em quadrinhos, publicadas na década de 60, nem alude às diversas adaptações em animações e outros produtos que derivaram delas. Essa falta de conexão com o texto-fonte (mídia de origem) demonstra uma despreocupação com o contexto de produção da obra, que seria uma versão em outra mídia. Desconsidera o texto-destino, o filme e seu roteiro, uma adaptação que pode se aproximar ou mesmo se afastar elementos do texto-origem, mas ainda se relaciona com ele. Esses aspectos poderiam ser levantados e explorados, resultando em uma discussão sobre intertextualidade, por exemplo.

Ainda pensando na ausência de sinalização da conexão entre os textos, cabe considerar a ideia de "continuidade" sugerida pelo crítico literário Gérard Genette (2010 [1982]). Para o autor de *Palimpsestos*, um texto sempre pode ler outro em uma sucessão infinita. Dessa forma, poderíamos afirmar que os primeiros textos lidos no capítulo analisado, *trailer*, cartaz e resenha crítica seriam leituras da série de histórias em quadrinhos nascida no século passado, assim como o próprio roteiro de cinema. Se todos esses textos estão interligados, seria importante problematizar essa conexão.

Do mesmo modo como ocorrido nas atividades preliminares, nessa leitura, apenas, após a conclusão das atividades de compreensão do gênero, é recomendada a exibição de trechos do longa que correspondem ao roteiro apresentado, para que haja uma comparação entre o que os leitores imaginaram e o que o diretor/produtor do filme executou. Assim, a proposta enfatiza a percepção do roteiro como um texto-base, em que não há um compromisso com a fidelidade com a produção final do artefato audiovisual. Daí surge a segunda contradição, que novamente esbarra na materialidade das mídias envolvidas, pois essa possível comparação é apresentada como uma sugestão após a conclusão das atividades, na observação do livro do professor. Considera-se que

uma reflexão proposta seria enriquecedora para a proposta e sua não obrigatoriedade esvaziaria seu sentido.

Orientações didáticas para o professor

> **Da observação para a teoria –** Após finalizar a correção das atividades, se possível, mostre o trecho do filme que corresponde ao roteiro apresentado, para que os estudantes notem que este serve como base sobre a qual, sem o compromisso de fidelidade, o filme será produzido. Eles podem indicar as várias diferenças, inclusive a introdução de personagens que não foram citados, e observar aspectos técnicos, como a mudança da câmera para focalização da aranha na cúpula. Trata-se de um exercício simples, mas que contribui para a formação de critérios que podem favorecer a fruição de filmes. O trecho estende-se de 5 min 20 s a 8 min 57 s.

Fonte: Editora Moderna

O segundo roteiro traz para a análise a produção nacional, através do roteiro do filme *O contador de histórias*, 2009, reiterando o gênero como ponto de partida para uma produção audiovisual. A proposta aprofunda a discussão, destacando elementos como o narrador, o movimento das câmeras, os cortes, mas, igualmente, a reflexão se ampara apenas no texto escrito.

Roteiro de cinema – Leitura 2

Leitura 2 ROTEIRO DE CINEMA

O contador de histórias

Leia, a seguir, parte do roteiro de ***O contador de histórias***, um filme brasileiro lançado em 2009 que conta a vida de Roberto Carlos Ramos. Quando criança, Roberto Carlos viveu nas ruas. Aos 14 anos foi adotado por uma pedagoga francesa, estudou e formou-se me Pedagogia. Hoje, é autor de livros infantis e considerado um dos melhores contadores de história do mundo.

Fonte: Editora Moderna

Durante o desenvolvimento da atividade, a imaginação do leitor é constantemente acionada para análise das personagens, da movimentação das câmeras, do narrador ou das situações narradas, sem recorrer à recortes de cena (mesmo estática), nem apresentar como

sugestão, após a resolução das atividades, a apreciação do filme ou dos seus trechos, como aconteceu na sequência anterior.

Há, contudo, a utilização de imagens para auxiliar no estudo dos planos de câmera das cenas. O material recorre a uma fotomontagem que faz parte do arquivo da editora e não tem diretamente relação com o filme, mas se inspira em suas cenas.

Fotomontagem – estudo dos planos de câmera

Fonte: Editora Moderna

Na etapa posterior à leitura dos roteiros, a sequência de atividades destaca o estudo das personagens a partir de dois critérios: importância e características. Para esse exercício, retoma trechos dos textos analisados e outras resenhas de filmes e fragmentos de outros roteiros para classificar as personagens como protagonistas, antagonistas, coadjuvantes, figurantes, redondos ou planos, classificação considerada hoje superficial. Além dessa discussão, o capítulo desenvolve, na seção de estudo da língua, uma discussão sobre as figuras de linguagem.

Como uma atividade complementar, ao final do estudo das personagens, o manual didático recorre mais uma vez ao artefato audiovisual e, como sugestão de leitura e análise, indica a exibição *trailer* do filme longa-metragem *Victoria e Abdul – o confidente da rainha* (2017*)* ou dos curtas de animação, *Piper – descobrindo o mundo* (2016) e *H20bby* (2016) com o intuito de aprofundar a reflexão sobre as características daqueles que praticam a ação narrada. Outra atividade complementar proposta, agora compondo uma ação pedagógica interdisciplinar com Artes (seção “Conversa com Artes”), destaca o percurso/ transformação do roteiro de cinema em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

um filme. Para essa análise, apresenta recortes de cenas dos longas-metragens: *As aventuras de Pi* (2012), *A invenção de Hugo Cabret* (2011) e *Interestelar* (2014). A atividade busca aprofundar o conhecimento sobre o cinema, apresentando alguns elementos técnicos, como enquadramento, efeitos visuais, entre outros. Observa-se nessa prática, assim como em outras apresentadas em todo capítulo, uma excessiva preocupação em explorar a imaginação do leitor em questões como: "que sons você imagina que compuseram essa sequência?" ou "como você imagina que foi filmada essa sequência?", por exemplo. Ainda que a imaginação deva ser incentivada e explorada, e que a própria característica do gênero principal estudado, o roteiro de cinema, permita considerar o que virá a ser a obra, isto é, se insira na ideia de planejamento, essa postura recorrente corrobora com a dificuldade para explorar a especificidade dos textos analisados.

Para a conclusão do capítulo, o manual sugere como produção textual a construção de um roteiro de cinema dentro da perspectiva das *fanfictions.* O sujeito leitor das atividades anteriores agora assume a função de roteirista e, segundo a proposição, deverá produzir um roteiro para um filme novo (apenas as cenas iniciais), contudo, essa narrativa deve dialogar com uma produção já existente. A ação didática prevê a divulgação dos roteiros construídos em um blog da turma ou através de uma coletânea, mas se expande em uma atividade adicional que sugere a construção de *viddings* de, no máximo, três minutos de duração que serão exibidos para a turma. Apesar de o manual oferecer algumas orientações de planejamento, escrita e reescrita dos textos, a proposição parece apressada, sem um mergulho mais aprofundado nas características do gênero, sem prever um tempo entre a primeira versão e a reescrita, ou considerar um período mínimo para acessar, refletir e maturar as informações.

Outra atividade adicional, que encerra o capítulo, faz parte da seção "Biblioteca cultural em expansão". Nela os leitores são convidados a expressar opinião acerca de uma produção audiovisual. Para isso, o estudante deverá escolher uma obra, conhecê-la e, depois, produzir um comentário que pode ser lido em sala ou gravado em formato de *podcast* curto, com um minuto de duração. Embora interessante, a atividade proposta não parece exequível sem orientação e acompanhamento do professor. O gênero bastante difundido, faz parte do cotidiano de muitos alunos, entretanto, a sua produção não é tão simples e necessita de algumas etapas que a atividade não observa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

Uma proposta de letramento literário no livro didático que alcance os entrecruzamentos das mídias e das linguagens é possível? A indagação que motivou esse trabalho talvez não tenha encontrado respostas satisfatórias no recorte analisado, entretanto, aponta para alguns avanços. O livro estudado anuncia alguma mudança, como a tentativa de diálogo com textos que estão tradicionalmente fora da escola. Trazer para a pauta pedagógica *trailers*, *viddings*, *blog*, *podcast*, *fanfictions*, roteiro de cinema, entre outros, representa uma tentativa de atualização e uma busca por conexão com os letramentos que estão fora da escola. Apesar dos avanços, o capítulo também apresentou algumas dificuldades. Como as limitações físicas para exibição do audiovisual (muitas vezes é somente recomendado) e o olhar ainda compartimentado dos gêneros, situações que restringem a proposta que intenta observar o processo de narrar com imagens, próprio das produções em audiovisual. Por esse motivo, considera-se que a apreciação do audiovisual (filme/série/*trailer*) nessas ações pedagógicas poderia fornecer uma leitura mais rica, proporcionando um enriquecimento de repertório, o desenvolvimento das competências e habilidades que essas configurações exigem, respeitando as especificidades e contornos de cada manifestação, democratizando o acesso a essa diversidade textual, ampliando seu alcance.

Apresentar resenhas críticas de produções culturais é uma realidade nos livros didáticos, todavia, o mergulho no universo das resenhas em vídeo é ainda novo. A sequência de atividades poderia ter explorado esse fenômeno, pois muitos *influenciadores*, que os estudantes acompanham nas redes sociais, comentam jogos, filmes, séries, livros em vários aplicativos e plataformas. Apesar de não constituir uma crítica especializada, faz parte das dinâmicas dos estudantes e representaria uma oportunidade de promover uma reflexão crítica.

A despeito dos entraves apontados, a proposta tensiona algumas cristalizadas concepções sobre literário, escola e ensino, como a importância de conceber esse espaço como diverso e não como um lugar para apenas um tipo específico de literatura, ou apenas a obra literária clássica ou do cânone. Esse tensionamento corrobora com a defesa de um letramento literário multimodal, inter e transmidial, que promove uma experiência com o ficcional, a partir das diversas modalidades de linguagem, envolva as inter-relações entre diferentes mídias e abarque as expansões/transformações em qualquer artefato cultural que transite pelo literário.

Assim, a defesa por um espaço maior para a literatura na escola é a defesa de uma

literatura em sua diversidade, plural em formas, em suportes, em todas as suas possíveis manifestações. Assim, um letramento literário significativo na Educação Básica deveria ser um espaço para experimentação e ampliação de repertórios, admitindo variadas expressões do literário.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, [1975] 2009.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf (mec.gov.br). Acesso em: 25/02/2024.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. *Pós*, Belo Horizonte, v. 1, n.2, 2011, p.8-23. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48493. Acesso em: 09/03/2024.

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. In: *Literatura e sociedade.* n. 2. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. p. 37-55. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/13267/15085. Acesso em: 08/03/2024.

COSSON, Rildo. Letramento literário: Teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos:* a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva Voz/FALE/UFMG, 2010.

MATOS, Cristine F.; RIBAS, Maria C. Intermidialidade e letramento midiático: reflexões e propostas para sala de aula. *Scripta Uniandrade*, v. 21, n. 3. Curitiba, Paraná: 2023. p. 110-134. Disponível em: https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/3075. Acesso em: 20/05/2024.

OSMUNDO, Wilson; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua*: leitura, produção de textos e linguagens. 6º ao 9º ano. Manual do Professor. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2022.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

ZAPPONE, M. H. Y. Modelos de letramento literário e o ensino da literatura: Problemas e perspectivas. *Revista Teoria e prática da Educação*, v.11, n.1, p. 49-60, jan./abr.2008.

A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE LETRAS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS[167]

Camila Toledo Docena[168]
Luciane Sturm[169]

Resumo: Considerando a crescente demanda por professores de inglês para atender as escolas que aumentam a carga horária de língua inglesa ou que estão implementando o ensino bilíngue desde a educação infantil, este artigo traz um recorte de uma pesquisa realizada na Universidade de Passo Fundo com os estudantes do curso de Letras. O questionamento principal é investigar como os estudantes avaliam sua formação para trabalhar com o ensino da língua inglesa para crianças, levando em consideração as especificidades dessa situação de ensino e aprendizagem, pouco exploradas no curso de Letras, que oferece formação para atuar a partir do ensino fundamental II.

Palavras-chave: Ensino de inglês para crianças. Formação do professor. Percepções.

Introdução

Recentemente, temos acompanhado uma procura cada vez maior pelo ensino e aprendizagem de inglês desde a infância. Os benefícios dessa prática, citados por diversos autores, têm sido aceitos por pais que querem que seus filhos comecem a aprender uma nova língua, especialmente o inglês por sua característica de língua franca[170], o mais cedo possível.

É nesta fase que a criança começa a aprender sua língua materna e a se utilizar do poder simbólico da linguagem (Vygostsky, 2001), visto que ela representa uma linha central do seu desenvolvimento. Essa característica do desenvolvimento da criança é apontada como benéfica para o aprendizado de uma nova língua, visto que esse aprendizado acontece em consonância ao aprendizado da língua materna.

Por isso, nos últimos anos, o inglês vem sendo introduzido na vida das crianças assim que começam a frequentar a escola - seja na própria escola, naquelas que estão oferecendo o ensino de

[167] Este estudo de Iniciação Científica está vinculado ao Projeto de pesquisa 'O processo de ensino e de aprendizagem de língua - materna e adicional - em diferentes contextos educacionais', coordenado pela Dra. Luciane Sturm. O projeto foi aprovado pelo CEP UPF, com o CAAE: 16514919.5.0000.5342.

[168] Jornalista e graduada em Letras, pela Universidade de Passo Fundo. Professora de inglês da rede privada de Passo Fundo. camiladocena@gmail.com

[169] Doutora em Estudos Linguísticos/Linguística Aplicada, pela UFGRS. Docente e pesquisadora da Universidade de Passo Fundo. lusturm@upf.br

[170] "O acrônimo ELF (English as a lingua franca) – ou ILF, em português, tem sido adotado por um conjunto de pesquisadores que se alinham teoricamente à visão de que a língua inglesa é hoje utilizada majoritariamente em situações envolvendo falantes de diferentes línguas maternas e não exclusivamente em interações que tenham como interlocutores privilegiados os falantes nativos" (GIMENEZ, Telma et al. p. 594, 2015).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

inglês ainda na educação infantil, ou em cursinhos privados. Essa demanda tem feito aumentar a implementação de propostas e projetos de ensino bilíngue (ou que se intitulam assim) nas escolas brasileiras. Segundo a Associação Brasileira do Ensino Bilíngue (Abebi), desde 2014, o mercado cresceu 10%. Em Passo Fundo/RS, cidade onde a pesquisa foi desenvolvida, as redes municipal e particular já têm em funcionamento escolas denominadas bilíngues ou que possuem programas bilíngues - em que o inglês é ensinado desde a educação infantil e tem uma carga horária maior em todos os níveis, sendo que outras disciplinas como ciências são ensinadas por meio da língua. Ainda, considera-se nesse cenário as escolas de idiomas que oferecem cursos a crianças a partir dos 3 anos de idade.

Com essa oferta crescente de ensino de inglês a crianças cada vez mais novas - muitas ainda não-alfabetizadas em sua língua materna - surge um problema: a demanda por profissionais capacitados para proporcionar esse ensino, visto que a metodologia de ensino para crianças, em especial para as não-alfabetizadas, tem grande diferença da metodologia de ensino utilizada com crianças que já sabem escrever em sua língua materna.

Os cursos de licenciatura em Letras que formam professores para o ensino da língua inglesa tem sua grade curricular voltada ao Ensino Fundamental II, visto que é a partir dessa série que a Constituição Federal garante o ensino de língua inglesa na educação básica, através da lei 9.394, de 1996, que diz: “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa.[...] Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa [...]” (Brasil, 1996).

Oficialmente, é o pedagogo que tem habilitação para trabalhar com crianças não-alfabetizadas, porém, esse curso não oferece a formação para o ensino de línguas adicionais. Quando pensamos nessa especificidade de ensino, percebemos que existe uma lacuna na oferta de formação para o profissional que irá atuar com o ensino de língua inglesa para crianças.

Em razão do cenário apresentado, esta pesquisa, vinculada à linguística aplicada, subárea Ensino e Aprendizagem de Línguas/inglês para crianças, investigou a percepção dos estudantes de Letras sobre a sua formação para atuar com o ensino de idiomas a crianças, visando compreender uma nova realidade de ensino em que muitos formados no curso de Letras poderão

atuar. Neste estudo, a percepção[171] é entendida como "uma hipótese ativa sobre o mundo" (Gregory, 1970), um processo construtivo onde o cérebro faz inferências e suposições com base nas informações sensoriais incompletas que recebe.

Nesse sentido, essa pesquisa buscou responder a seguinte questão: qual é a percepção dos estudantes de Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF) quanto a sua formação para atuarem com o ensino de inglês para crianças?

As especificidades do ensino para crianças

Rocha (2008) enfatiza a importância de conhecer a natureza das crianças e respeitar sua natureza como aprendizes. "Sabemos que a criança é naturalmente curiosa, envolvendo-se facilmente em atividades que despertam seu interesse, como destacam Moon (2000), Scott & Ytreberg (2004), entre outros" (2008, p. 18).

Portanto, o ensino de língua inglesa para crianças exige práticas pedagógicas e metodologias adequadas à natureza de seus aprendizes. De acordo com Chaves, Medeiros e Aleme (2021), a ludicidade desempenha um papel fundamental nesse contexto de aprendizagem, atuando como um elo de interação entre as crianças e o que está sendo aprendido. As autoras resgatam razões elencadas por Teixeira (1995) para justificar a ludicidade como recurso, tais como:

> i) as atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança e, neste sentido, satisfazem uma necessidade interior; ii) o lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. [...] .iii) as situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento; iv) as atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Como atividade física e mental que mobiliza as funções e operações, a ludicidade aciona as esferas motora e cognitiva, e à medida que gera envolvimento emocional, apela para a esfera afetiva (2021, p. 1331).

[171] A percepção é um processo cognitivo complexo que envolve a interpretação e organização das informações sensoriais recebidas pelo sistema nervoso central, permitindo ao ser humano compreender e reagir ao ambiente ao seu redor. Este fenômeno é essencial para a construção da realidade subjetiva e é amplamente estudado tanto pela Psicologia quanto pela Neurociência (Goldstein, 2009)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Aliado à ludicidade, "O ensino de inglês e seu uso contextualizado em sala de aula devem partir de situações familiares à faixa etária das crianças, de modo a contribuir para a memorização de estruturas referentes a esses momentos na segunda língua". (Chaves; Medeiros; Aleme, 2021, p. 1342). Rocha (2008) elencou três agrupamentos de gêneros para o trabalho com as crianças: os gêneros que fazem brincar; os gêneros que fazem cantar; e os gêneros que fazem contar, desenvolvendo propostas que aliam o interacionismo ao uso dos gêneros.

Na mesma perspectiva, Bezerra aponta que o ensino de línguas, seja ela materna ou estrangeira, independente da faixa etária dos estudantes, deve ser feito a partir dos gêneros. "Particularmente no que tange à língua inglesa para crianças, jogos, histórias e canções infantis devem ser a base para o trabalho com a língua e podem projetar ou se estender para outros gêneros mais escolarizados que propiciem o avanço e o uso da língua em situações significativas e contextualizadas". (Bezerra, 2018, p. 199).

Outro ponto importante citado por Cameron é o estabelecimento de rotinas bem definidas na sala de aula, pois essas podem proporcionar oportunidades para o desenvolvimento significativo da língua. As rotinas "permitem que a criança compreenda ativamente novas linguagens a partir de experiências familiares e fornecem um espaço para o crescimento da linguagem" (Cameron, 2001, p.28). Além de considerar essas especificidades no aprendizado da criança, também é preciso estar ciente de outras características delas, como seu foco de atenção que é relativamente curto (Rocha, 2008).

Ao trabalhar com crianças não-alfabetizadas na educação infantil, a divisão das quatro habilidades normalmente consideradas nas aulas de língua (fala, compreensão auditiva, leitura e escrita) é inapropriada, pois as práticas de leitura e escrita não farão parte do ensino e aprendizagem nesse momento. Para esses aprendizes,

> (...) a linguagem falada é o meio pelo qual a nova linguagem é encontrada, entendida, praticada e aprendida. Ao invés de a habilidade oral ser apenas um aspecto do aprendizado da linguagem, a fala atua como o recurso principal e local da aprendizagem. A nova linguagem é amplamente introduzida oralmente, compreendida oralmente e auditivamente, praticada e automatizada oralmente (Cameron, 2001, p. 35).

O professor precisa ter conhecimento de todas essas especificidades para conseguir fazer um planejamento efetivo e proporcionar experiências significativas de aprendizagem, tanto na educação infantil, quanto nas fases iniciais do ensino fundamental.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Uma lacuna na formação dos professores

Para atuar como professor em língua adicional na Educação Infantil e Ensino Fundamental - Anos iniciais em Escolas Bilíngues, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue indicam que o professor deverá ter graduação em pedagogia ou letras, além de comprovação de proficiência de nível mínimo B2, e formação complementar em Educação Bilíngue (CNE, 2020).

Porém, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Pedagogia, o curso oferece formação sobre desenvolvimento infantil e aprendizagem; "além do trabalho didático com conteúdos, pertinentes aos primeiros anos de escolarização, relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, Artes, Educação Física". (CNE, 2006, p.3). Nota-se que em nenhum momento o documento cita o trabalho com línguas adicionais e/ou estrangeiras.

Já nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Cursos de Letras Português- Inglês é oferecida a formação para professores que irão trabalhar com línguas materna e/ou estrangeiras, porém, voltadas aos alunos a partir do 6° ano, visto que a resolução CNE/CP n° 2 de 19/02/2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais, mostra que os estágios tanto de observação, regência e participação são feitos no Ensino Fundamental II e Ensino Médio (Cirino; Denardi, 2019).

Fica evidente que há uma lacuna na formação dos profissionais que irão atuar com a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. De um lado, falta conhecimento específico da língua inglesa e, do outro, falta conhecimento específico das características dos estudantes nessas fases e, consequentemente, das metodologias adequadas.

Cabe destacar, que a falta de disciplinas específicas voltadas ao ensino de inglês para crianças nos cursos de Pedagogia e Letras de muitas IES, assim como da UPF, também, motivou este estudo.

Natureza e metodologia do estudo

Este estudo de natureza qualitativa está inserido na área da linguística aplicada e foi desenvolvido no Curso de Letras Português/Inglês da UPF. A opção pela modalidade qualitativa

vai ao encontro da escolha que tem se tornado cada vez mais frequente nas pesquisas em educação/ensino e aprendizagem, "visto que os educadores e os professores têm se interessado pelas qualidades dos fenômenos educacionais em detrimento de números que muitas vezes escondem a dimensão humana, pluralidade e interdependência dos fenômenos educacionais na escola" (Telles, 2002, p.102). Faz parte dessa modalidade "a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo" (Neves, 1996, p. 1). Nesta pesquisa, para a geração de dados, optamos pela elaboração de um questionário na plataforma Google Forms, com 16 perguntas fechadas e abertas, sendo 5 delas de cunho pessoal, para buscar obter um perfil dos participantes; e as demais relacionadas aos objetivos do estudo. Todos os estudantes do curso, no total de 83, foram convidados a participar de forma voluntária e sem a necessidade de identificação.

Ainda, de acordo com Neves, "Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados" (Neves, 1996, p.1). Dessa forma, as respostas obtidas são analisadas sob a luz da revisão de literatura previamente apresentada. A análise dos dados foi dividida em tópicos, aproximando as perguntas sobre a mesma temática. Dada a anonimidade do questionário, as respostas são atribuídas a um "respondente" e diferenciadas pelo número da ordem em que constam no relatório de respostas gerado pela plataforma Google Forms.

Para os respondentes, utilizamos "R" acompanhado do número para a referenciação, por exemplo, R1 - identificando este como o primeiro respondente do questionário e, assim, sucessivamente até R15.

No período de 24 de outubro a 9 de novembro de 2022, 15 estudantes responderam o questionário, sendo 11 que se identificaram com sexo feminino e 4 com sexo masculino, com idades entre 18 e 29 anos, oriundos de 9 diferentes municípios da região de Passo Fundo - RS. Desses alunos, um se encontrava no nível III, um no nível IV, um no nível VI, 2 no nível VII, 8 no nível VIII e 2 no nível IX (formandos).

Como os estudantes avaliam a sua formação e a busca pela formação ideal

Nesta seção, selecionamos duas questões, as de número 9 e 16, para ilustrar nossa análise.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análise da questão 9: Atualmente, o curso de Letras Português/Inglês forma, oficialmente, profissionais para atuarem a partir do 6º ano do ensino fundamental. Porém, as vagas para o ensino de inglês na educação infantil e anos iniciais do EF são atendidas, na maioria das vezes, por professores graduados em Letras Português/Inglês. Considerando esse cenário e avaliando a sua formação até o momento e o que você ainda tem a estudar dentro do curso, você entende que o graduado em Letras Português/Inglês pode suprir essa demanda adequadamente?

Ao responderem essa questão, 9 estudantes entendem que sim, mas não totalmente; 5 compreendem que sim, com certeza; e 1 que não, absolutamente. Instigados a comentar a sua resposta na questão seguinte, elencamos alguns comentários dos estudantes que entendem que sim, o graduado em Letras pode suprir a demanda de ensino para crianças, mas não totalmente:

> R2: "Como temos um bom panorama de metodologias de ensino, conseguimos adaptar o máximo que podemos para tal demanda. Mas, sabemos que crianças são um mundo totalmente diferente e particular, então penso que precisamos de algo mais específico."

> R5: "Acredito que os estudantes do curso, assim como eu, sentem falta desse suporte, principalmente pela alta demanda de oportunidades para atuar com as crianças mais novas. O mercado de trabalho oferece mais essa faixa etária e em nenhum momento do curso existe um ensino focado para desenvolver aulas e partilhar experiências de trabalho com essas idades."

> R7: "Eu acredito que sim, o professor que atua com os anos finais do ensino fundamental pode conseguir suprir as necessidades de uma turma do primeiro ano, por exemplo. Demanda algo que vá mais na direção de entender a especificidade da faixa etária, do que encanta elas, o modo de comunicação a ser estabelecida, etc. Mas também acredito que não são todos os profissionais que investiguem em si a vontade e se adequem ao horizonte de idade desses alunos mais novos, demandando mais de uma curiosidade pessoal, autêntica, do que algo que seja determinante para todos os alunos que se formam no curso de Letras."

> R9: "Ser professor exige diferentes maneiras de ensinar e ser em cada faixa etária. As crianças necessitam de um ensino que se volte para as capacidades que cada faixa etária se enquadra. Acredito que a formação em Letras nos dá um suporte muito bom para trabalhar a partir do 6° ano. Isso auxilia para o ensino das crianças também. Talvez o que falta é um olhar específico para a criança, o que consegue e o que não consegue fazer em determinado período do desenvolvimento."

> R10: "Acredito que temos o conhecimento em inglês necessário, porém nos falta o conhecimento pedagógico."

Esses comentários ilustram que os estudantes têm domínio e conhecimento da língua inglesa para ensiná-la, mas avaliam sentir falta de um estudo mais aprofundado sobre as

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

especificidades das crianças e a consequente didática necessária para ensiná-las, já que é preciso conhecer suas diferentes etapas de desenvolvimento, como citam Santos e Benedetti, embasados em Harmer (2002), "pessoas de diferentes idades têm necessidades, competências e habilidades cognitivas diferentes" (2009, p. 337).

Também é preciso levar em consideração o que Cameron (2001) cita em relação às diferenças entre ensinar crianças e adultos.

> [...] as crianças costumam ser mais entusiasmadas e animadas como aprendizes. Eles preferem agradar o professor em vez dos seus semelhantes. Eles farão uma atividade mesmo quando não entenderem bem por que ou como. No entanto, eles também perdem o interesse mais rapidamente e são menos capazes de se manter motivadas em tarefas que consideram difíceis. Crianças não acham tão fácil usar a linguagem para falar sobre a linguagem; em outras palavras, elas não têm o mesmo acesso que os alunos mais velhos à metalinguagem que os professores podem usar para explicar sobre gramática ou discurso (Cameron, 2001, p. 18).

Ainda, a autora destaca que essas são generalizações e que é preciso estar atento às características das crianças como aprendizes, uma vez que o conhecimento sobre o aprendizado da criança é visto como peça central para o ensino efetivo (Cameron, 2001).

As respostas dos acadêmicos corroboram com o que pesquisadores da área, como Tonelli e Cristovão (2010) e Santos e Benedetti (2009) destacam sobre a ausência do tema nos cursos de Letras, sendo que Cristovão e Gamero (2009), no levantamento quanto à grade curricular do curso de Letras, Pedagogia e cursos de especialização no Paraná, perceberam que "estamos muito distantes de uma preparação adequada de nossos professores (seja a formação inicial seja a continuada) para este mercado em constante crescimento" (Cristovão; Gamero, 2009, p.238).

No mesmo estudo, elas trouxeram dados do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), que define o perfil do professor desejado para trabalhar com a educação infantil, sendo esse perfil o de um professor que tenha competência polivalente. Como exposto por elas,

> Essa polivalência implica um professor que possa lidar com conteúdos de naturezas diversas. Sendo assim, a formação profissional deve ser bastante ampla, além do que o professor deve estar em constante busca por conhecimento, ser reflexivo, debater com seus pares, dialogar com as famílias e a comunidade e buscar o conhecimento necessário para exercer sua profissão, tendo, como instrumentos essenciais para sua reflexão sobre a prática direta com as crianças, a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (Cristovão; Gamero, 2009, p.235).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Tendo em vista que o curso de Letras tem a formação dos professores voltada para o ensino a partir do 6º ano do ensino fundamental (Cristovão; Gamero, 2009), as especificidades do ensino de inglês para crianças não são contempladas em sua totalidade, o que, segundo as autoras, pode "colaborar para que haja docentes inseguros em sua prática" (Cristovão; Gamero, p.239, 2009).

Análise da questão 16: Qual/quais conteúdo(s) ou formação complementar você entende serem necessários aos professores, graduados em Letras que desejam atuar com o ensino de língua inglesa para crianças na faixa etária de zero a 10 anos? Dentre as respostas, destacam-se:

> R2: "Penso que primeiramente precisamos entender melhor como a aprendizagem ocorre para tal idade e como engajamos em tal estudo."
>
> R4: "Pedagogia"
>
> R5: "Além das formações básicas, deveriam existir conteúdos voltados às características que essas idades possuem para aprimorar o ensino de línguas em sala de aula, conhecer as particularidades e como devem ser planejadas aulas para essa faixa etária."
>
> R7: "Que tratem mais da aquisição da linguagem, acredito que metodologias da pedagogia, talvez, que lidem mais com aspectos de início da escrita e leitura."
>
> R9: "Acredito que além da formação em Letras, é indispensável uma formação no campo pedagógico e psicológico. Para trabalhar com crianças é necessário um conhecimento sobre o desenvolvimento físico e psíquico delas."

A fala dos alunos se relaciona com o elencado por Cirino e Denardi, que diz que "uma formação docente adequada deve dar conta tanto da aquisição do idioma inglês, quanto das formas de ensiná-lo, com vistas a uma aprendizagem significativa" (2019, p.221). As autoras apontam como uma saída rápida para melhorar a formação dos professores para atuar nesse contexto a oferta de cursos de extensão.

Considerando a busca por formação e aperfeiçoamento, a última questão pediu se o estudante estaria disposto a fazer formações complementares para melhorar suas práticas pedagógicas, caso fosse seu desejo trabalhar com a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. 13 responderam que sim, com certeza; um não teria interesse; e um respondeu que talvez, dependendo das condições para estudar. A partir desse resultado, fica evidente o interesse e a vontade de boa parte dos alunos por desenvolver e aprofundar estudos na área.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

De forma geral, é possível evidenciar que os estudantes de Letras da UPF possuem percepções coerentes sobre as questões que envolvem o ensino de inglês para crianças. Além disso, a maioria não descarta a possibilidade de atuar com essa faixa etária. Embora reconheçam que o curso de Letras poderia oferecer disciplinas ou formação específica para essa finalidade, acreditam que, de alguma forma, possuem o conhecimento necessário da língua para ensiná-la.

Por outro lado, os estudantes percebem os conhecimentos sobre a natureza, o desenvolvimento e as formas de aprendizagem das crianças carece de aprofundamento, para que se alcance bons resultados. Eles se mostram motivados, abertos e curiosos para estudar mais sobre o tema, compreendendo o perfil desejado para um professor que atuará no ensino de inglês para crianças. Estes são pontos positivos que indicam o interesse na formação continuada desses professores e que merece ser considerado pelos cursos de formação.

Considerações finais

Há alguns anos, a área de ensino de inglês para crianças vem se ampliando e as escolas brasileiras demandam profissionais com habilidades e competências específicas para essa área. Esta pesquisa objetivou identificar e compreender as percepções dos estudantes de Letras sobre essa nova possibilidade de atuação.

O cenário consolidado do ensino de inglês para crianças tem fomentado a discussão entre muitos pesquisadores da área (Tonelli e Cristovão, 2010; Cristovão e Gamero, 2009; Rocha, 2008), que questionam a preparação e a formação adequada dos professores, especialmente no curso de Letras. Apesar de não oferecer um enfoque específico para esse contexto em sua grade curricular, o curso fornece aos futuros professores os conceitos linguísticos necessários para sua prática e os incentiva a buscar mais conhecimentos conforme seus interesses.

A partir do objetivo deste estudo e considerando que a percepção é um processo cognitivo complexo que envolve a interpretação e organização das informações sensoriais que permitem que o indivíduo compreenda e reaja ao ambiente externo, entender o fenômeno é essencial para a construção da realidade subjetiva. É possível inferir que a interpretação é influenciada por experiências passadas, expectativas e contextos culturais, moldando a experiência consciente dos seres humanos (Goldestein, 2009).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Portanto, compreender o que pensam os estudantes de Letras e suas percepções sobre essa temática, contribui para que os cursos de formação de professores de inglês repensem a matriz curricular e todo o processo de formação. Além disso, os resultados deste estudo evidenciam que os estudantes de Letras entendem ser positiva a ampliação do campo de atuação, com a crescente procura por professores para a área de ensino de inglês para crianças.

Portanto, oferecer formação mais direcionada para essa área de ensino, além de melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, também aumenta a confiança dos profissionais. Esse é um ponto importante a ser considerado para futuras alterações em currículos de Letras, tanto na UPF quanto em outras universidades. Além disso, esse novo cenário serve como incentivo para a criação de cursos de extensão e especialização, que podem oferecer ensinamentos específicos e direcionados para essa área de ensino, agora tão relevante.

Referências

BEZERRA, I. C. R. M. “Eles eram capazes de refletir sobre questões importantes e delicadas”: construindo saberes através de um projeto de iniciação à docência de LIC. **Soletras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN**, Rio de Janeiro, ed. 35, p. 194-220, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue. Brasília, DF. CNE, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2020-pdf/156861-pceb002-20/file. Acesso em: 22 mai. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Brasília: MEC/CNE, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 22 mai. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES nº 492/2001 de 3 de abril de 2001. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf. Acesso em: 22 mai. 2022.

CAMERON, L. **Teaching English to young learners**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CHAVES, L. S.; MEDEIROS, M. M.; ALEME, R. L. Oficinas de inglês na educação infantil da rede pública: experiências lúdicas. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 16, ed. 39, p. 1329-1343, 2021.

CIRINO, D. R. S.; DENARDI, D. A. C. Há espaço para o ensino de Inglês para crianças no currículo de cursos de Letras Português-Inglês? **Semin., Ciênc. Soc. Hum.**, Londrina , v. 40, n. 2, p. 209-224, 2019.

CRISTOVÃO, Vera L. L.; GAMERO, Raquel. Brincar aprendendo ou aprender brincando? **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 48(2): 229-245, Jul./Dez. 2009

GIMENEZ, Telma. et al. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online], v. 15, n. 3, p. 593-619, 2015.

GOLDSTEIN, E. B. **Sensation and Perception**. 8. ed. Belmont: Wadsworth, 2009.

GREGORY, R. **The Intelligent Eye**, 1970.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, 2 n. 3, 1996.

TELLES, J. A. "É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!" Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, v. 5, n. 2, 2002.

TONELLI, J. R. A.; CRISTOVÃO, V. L. L. O papel dos cursos de Letras na formação de professores de inglês para crianças. **Calidoscópio**, v. 8, n. 1, p. 65–76, 2010.

ROCHA, C. H. O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas. *In:* ROCHA, C. H. e BASSO, E. A (Org.). **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades. Reflexões para professores e formadores.** São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p 15 - 34.

SANTOS, L. I. S.; BENEDETTI, A. M. Professor de língua estrangeira para crianças: conhecimentos teórico-metodológicos desejados. **Trabalhos em Linguística Aplicada** [online]. 2009, v. 48, n. 2, p. 333-351.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

METODOLOGIAS PARA APLICAÇÃO DA LEI 11.645/2008 SOB A PERSPECTIVA INDÍGENA: O CONTO DA MANI'OKA[172] E A COMPOSIÇÃO DE PALAVRAS INDÍGENAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Gabriela Gonçalves Vieira[173]

Resumo:O objetivo deste trabalho é explorar metodologias possíveis para aplicação da cultura e língua indígena em sala de aula de português, contemplando a obrigatoriedade da Lei 11.645/2008, que versa sobre ensino de cultura e história afro-brasileira e indígena. Dessa forma, tem como foco o conto da mandioca, oriundo de diversos povos tupi e guarani, para que se trabalhe a oralidade indígena, e o estudo de composições do léxico do português brasileiro que são de origem indígena, considerando a possibilidade de uso de exemplos de origem Tupi com alunos do ensino fundamental, como capivara e capoeira (NAVARRO, 2013). Entre as referências é considerado o material de revitalização da língua indígena pelo povo Potiguara *"Tupi Potiguara Kuâpa"* (SILVA, 2023) e as oralituras (MARTINS, 2003), reconhecidos como formas de expressão, ludificação e ensino diverso nas linguagens e relações étnico-raciais, tanto em territórios indígenas quanto em cidades. Assim, o método de pesquisa foi de análise dos conteúdos e elaboração de estratégias didáticas que construam o conhecimento-emancipatório (GOMES, 2017) sobre as questões indígenas no país. Com isso, é proposta a construção de caminhos possíveis para estudantes de licenciatura e educadores de língua portuguesa ampliarem o ensino de uma das culturas fundadoras da identidade e língua nacional.

Palavras-chave: Etnolinguística. Metodologias de ensino. Línguas indígenas.

Introdução

A partir do estudo das influências linguísticas no português brasileiro é possível perceber grande participação das línguas derivadas da família Tupi no vocabulário nacional. Por exemplo, muitos termos, em especial, nomes de lugares (topônimos), como Ibirapuera e Sergipe, comidas, como mandioca e paçoca, e elementos da fauna e da flora, como capivara, açaí e outras presentes no "Dicionário do Tupi Antigo" (NAVARRO, 2013). Desse modo, vale pensar que saber identificar e compreender os vocábulos da língua que estão inseridos no cotidiano brasileiro é fundamental para entender a sociedade, sua história e cultura, realizando realmente uma educação

[172] Nome dado ao alimento na língua originária de acordo com o "Dicionário do Tupi Antigo" (NAVARRO, 2013).
[173] Mestranda no programa Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia

linguística que valorize a identidade nacional indígena. Com isso, demonstra-se a necessidade de preparo de profissionais da educação, com ênfase na formação de estudantes de licenciatura do português, para aplicação de didáticas que fortaleçam o conhecimento de culturas e línguas indígenas oriundas do território nacional na educação básica, como será exemplificado neste artigo.

Além disso, busca-se além do referencial indígena em obras de literatura adequadas para os anos de ensino básico, material referencial de outras áreas e metodologias de ensino, como o livro bilíngue "Falando Tupi" (YAMÃ, 2012), que além de expor as palavras, têm a perspectiva de autoria indígena e a língua indígena e portuguesa presente em toda a obra. Dessa forma, destaca-se livros e escritores indígenas do tronco tupi, fortalecendo a perspectiva originária ao tratar em sala de aula dessas temáticas, fugindo de estereótipos e percepções equivocadas que poderiam estar anteriormente na educação básica. Ademais, ao conceituar o material proposta com o ensino de Língua Portuguesa, enfatizando a BNCC ao tratar também de composição de palavras, mas com exemplos indígenas, o trabalho permite uma expansão das conexões entre conhecimentos indígenas na língua nacional, o cotidiano de estudantes e a gramática do português, aproximando as possibilidades de uso no ensino.

Desse modo, a Lei nº 11645, de 10 março de 2008, poderá ter uma maior aplicação prática, uma vez que a partir de pesquisas como esta, amplia-se a capacitação sobre a temática para profissionais da educação e estudantes de licenciatura também em outros territórios. Isso pois conforme seu segundo artigo: "§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras" (BRASIL, 2008). Assim, é necessária uma capacitação prévia para abordagem dessas temáticas em sala de aula por professores de diversas disciplinas do currículo educacional básico, sendo o foco aqui a composição de palavras e o paralelo com a literatura indígena.

Metodologia

O início da pesquisa se deu pela sistematização de fontes diversas sobre a influência da família Tupi no português brasileiro, com ênfase em obras como o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"Método Moderno de Tupi Antigo" (NAVARRO, 2005) e "Rio Babel: A história das línguas na Amazônica" (FREIRE, 2011), que apresentam, além do caráter linguístico, reflexões sócio-históricas em torno dos contextos das línguas indígenas em território nacional. Dessa forma, foi possível a compreensão do léxico atrelada a influências históricas da língua, como por exemplo a percepção a partir do *Nheengatú*, língua geral que foi utilizada no contato entre os povos, de origem linguística Tupi e falada majoritariamente em todo território nacional até o século XVIII.

Além disso, a necessidade de percepções também de didáticas que fortaleçam a oralidade e cultura de povos indígenas, como as questões da linguagem atreladas às performances de oralitura que a Professora Leda Maria Martins traz. Assim, ao trabalhar com o ensino básico com jogos ou literatura, como é o caso também do livro bilíngue "Falando Tupi" (YAMÃ, 2012), é possível trazer outras percepções ao ensino de análises linguísticas, tornando mais atrativo aos estudantes, uma vez que interagem de maneira distinta com o conhecimento. Logo, foi necessária também entre as metodologias a elaboração de atividades que dialoguem com o conhecimento proposto de forma que valorizem didáticas indígenas e afro-brasileiras, como será possível ao tratar de palavras como capoeira, que existe explicação tanto em língua indígena quanto africana (NAVARRO, 2013; CASTRO, 2014).

Por fim, foi necessário destacar a necessidade de compreensão da educação linguística em diversos aspectos, valorizando a perspectiva indigenista tratada em obras como as dos professores Wilmar D'Angelis (D'ANGELIS, 2003) ou Terezinha Maher (MAHER, 1996), uma vez que aproximar os debates da aldeia para sala de aula é uma vertente extremamente válida e produtiva. Isso porque consideraria uma percepção da cultura e língua mais próxima da realidade dos povos indígenas em contexto de aldeamentos, que também acessam de várias formas as ferramentas de ensino linguístico e realizam processos de revitalização de línguas, como é o caso do Tupi Antigo pelo povo Potiguara da Paraíba, visto em *"Tupi Potiguara Kûapa"* (SILVA, 2023).

Educação linguística nacional

Após análise da educação básica do país sobre a temática indígena, disponível em "A temática indígena na escola: subsídios para os professores" (FUNARI, PIÑÓN, 2010) é perceptível que existe uma falha na formação de profissionais da educação no que diz respeito aos conhecimentos específicos para fortalecimento das culturas indígenas brasileiras, de forma que os

estudantes deveriam ter contato com a variação linguística desse território na sua formação, o que muitas vezes não ocorre. Há, segundo Bagno (2005),

> uma lacuna entre as propostas oficiais de ensino de língua, a formação docente nas universidades e as demandas sociais por uma educação capaz de assegurar os direitos linguísticos do cidadão e de lhe permitir construir sua cidadania (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 67).

Para efetivação da educação linguística que valorize a influência indígena são necessários estudos mais aprofundados sobre palavras da língua portuguesa faladas no Brasil, que são empréstimos ou influências linguísticas do Tupi, visando uma sintetização do léxico que auxilie o trabalho futuro de acordo com as competências esperadas pela BNCC, como por exemplo, tratar a questão aglutinante da língua junto à composição de palavras no 8º ano do Ensino Fundamental. Com o objetivo de difusão de conhecimentos ancestrais, ocorrerá uma formação mais ampla tanto sobre a língua quanto a identidade nacional, o que valoriza culturalmente a formação a partir também da perspectiva indígena.

Ao aproximar o estudante de línguas indígenas através de palavras que já estão em seu cotidiano ou que já são conhecidas, facilita-se o processo de concepção da variação linguística do português brasileiro e da necessidade de valorização dos idiomas originários. Propõe-se o início do método com Tupi, pois também corrobora melhor entendimento sobre a "tupinização" e os processos de colonização que ocorreram com a população indígena no geral, não apenas aos falantes iniciais da família Tupi-Guarani. Isso porque a língua tanto se espalhou em território nacional pela forma que foi utilizada na colonização, por meio do nheengatu como língua de contato, valorizando-a em detrimento aos outros milhares de idiomas falados em território originário, como é enfatizado na obra "Rio Babel":

> A expansão da língua geral foi de tamanha intensidade que sequer os filhos dos moradores lusitanos falavam o português, pois, entregues ao cuidado das amas de leite indígenas, com elas adquiriam a então denominada língua geral. […] Os padres aprendiam o tupinambá, considerado, desde o século XVI, o 'latim da terra', e organizavam sua difusão através da catequese aos índios de 'línguas travadas' (FREIRE, 2013, p. 119).

Assim, também é ampliada aqui a possibilidade de análise posterior de outras línguas indígenas que influenciam além do português brasileiro, como é o caso do chocolate e do chiclete, derivado da língua *náuatle* (GARIBI, 1967). Dessa forma, contextualizando a realidade

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

nacional da língua com a cultura e o cotidiano é possível reconstruir narrativas e percepções acerca da influência indígena tanto em elementos diários quanto nas pessoas em diversos territórios, uma vez que a percepção da origem indígena também pode ser ampliada por meio de trabalhos de conscientização em sala de aula.

Trabalho com narrativas e pesquisa das palavras

Assim, considera-se inicialmente a análise de algumas palavras cotidianas, com ênfase aqui na capoeira e mandioca, além de sugerir as possibilidades de pesquisa tanto para estudantes de licenciatura, quanto professores, profissionais da educação e estudantes de diversos níveis de ensino. Com isso, ao buscar também palavras próximas da realidade nacional potencializa a aprendizagem, uma vez que tanto a capoeira, quanto a mandioca podem ser consideradas parte da cultura brasileira conhecida na maior parte do nosso território e conhecer mais delas pode ser fundamental para compreensão da influência indígena na língua e história nacional.

Dessa forma, ao considerar a história da mandioca a partir do povo Tupi-Guarani, narrada por Luã Apyká em *"Mandí reko: o conto de Mandí"* (APYKÁ, 2023) é possível explorar em sala de aula a versão indígena do conto que aproxima diversos brasileiros da cultura alimentar indígena, uma vez que a partir da mandioca diversos outros produtos são feitos e consumidos em larga escala no Brasil e no mundo, como é o caso da tapioca, também de nome originário e que foi exportada para diversos lugares e faz parte da cultura alimentar tradicional de diversos povos indígenas do território nacional.

Ao aproximar essa alimentação da história da indígena Mandí é possível a construção de identidade nacional muito mais positiva em relação aos povos indígenas, uma vez que não traria a versão romantizada de Iracema de José de Alencar, presa em estereótipos indígenas da colonização, e sim pelo próprio povo de uma de suas figuras importantes para existência e sobrevivência alimentar da nação guarani. Assim, a partir do conto existe a possibilidade de trabalho não apenas do léxico e da cultura, mas de gêneros textuais, interpretação de texto e relação com outras narrativas de origem de alimentos, como guaraná e açaí, que podem ser pesquisados posteriormente pelos alunos ou trazido de várias formas por professores em sala de aula.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Além disso, ao trabalhar contos da cultura alimentar nacional de origem indígena também é possível explorar outras alimentações e línguas que influenciam não só o português brasileiro como o espanhol e outras línguas do mundo. Nesse caso, as propostas são de explorar as histórias do chocolate e do tomate, de origem *náuatle*, e da quinoa, de origem *quechua*, atrelado às relações alimentares ancestrais, uma vez que a forma de consumo anterior a colonização não era feita de maneira globalizada e após a expansão, principalmente do chocolate, muito da origem indígena foi invisibilizada.

Já no caso da capoeira existem diversas explicações da origem, uma vez que alguns acreditam ser apenas de origem afro-brasileira e outros compreendem a possibilidade de contribuição dos povos originários na arte. Isso porque além de ter se originado no Brasil a capoeira leva um nome de origem ou Tupi, segundo Navarro (2013) *"ka'apûera"* o que já foi mata, ou *"kambulela"* de origem do Quicongo (CASTRO, 2023), ação de esquivar-se mutuamente com rasteiras e golpes de pé.

Desse modo, ambas as explicações teriam relação com a cultura dos povos originários tanto de África quanto daqui, uma vez que, além do nome, a capoeira também se assemelha ao Xondaro, dos povos guarani, que Mestre Secura considera ser

> (...) baseado nos movimentos de animais e atitude de desviar-se; referindo não se contrapor ao oponente, deixando-o gastar suas energias. A técnica
>
> propicia uma eficiência tal que, segundo os guaranis, os antigos guerreiros Xondaro conseguiam agarrar flechas em pleno vôo. Assim como a capoeira, ela pode exercer a função de luta ou de dança. (FEITOSA, 2021, p. 24)

Além disso, a partir do livro "Capoeira: A semente estava aqui antes do colonizador" (FEITOSA, 2021) é possível reconstruir a narrativa da capoeira, presente em diversos territórios nacionais, valorizando a multidisciplinaridade da temática, uma vez que pode ser abordada além da prática física as contextualizações históricas, relações étnico-raciais e linguística. Ainda destaca-se na contextualização linguística a possibilidade de ampliação em sala de aula da pesquisa morfológica, uma vez que *"ka'a"* (mata, no Tupi Antigo) está presente em diversas palavras do português brasileiro, como caatinga, caboclo, caipira, caiçara etc (NAVARRO, 2013).

Assim, ao trabalhar tanto as perspectivas linguísticas quanto culturais é possível uma aprendizagem mais próxima de metodologias ancestrais, que valorizam a oralidade e tradição. Ademais, ao perceber também o morfema *"ka'a"* em específico, cria-se uma maior relação

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

definida entre natureza e indivíduo, podendo trabalhar de maneira positiva diversas identidades nacionais, uma vez que caboclos, caipiras e caiçaras estão presentes em muitas construções brasileiras. Como exemplo a Independência da Bahia (1822-1822) que ainda valoriza a participação da figura do caboclo, mas muitas vezes não há educação étnico-racial aprofundada, fazendo com que a identidade permaneça enquanto histórica e não seja considerada verdadeira pelos estudantes em seus cotidianos, mesmo o estado sendo o segundo estado com maior presença indígena no país segundo o último Censo (IBGE, 2022).

Além disso, existe a possibilidade de trabalho morfológico com a língua Tupi, de estrutura aglutinante, é extremamente enriquecedor em sala de aula, mesmo que utilizado apenas como exemplos fora das temáticas indígenas. Visto que possibilita o trabalho da variação linguística do português brasileiro de forma orgânica e não focalizada apenas em datas específicas, como o dia dos povos indígenas. Além disso, incentiva a análise linguística a partir do Ensino Fundamental, que pode facilitar o aprendizado posterior desses estudantes de outras línguas e a maior fixação dos conteúdos multidisciplinares estudados.

Portanto, a intenção de direcionar a leitura para obras indígenas e indigenistas tem como intuito compreender melhor e descrever dinâmicas sociais e ideológicas das línguas originárias, identificando representações construídas na educação linguística nacional. Com isso também colaborar na superação dos discursos hegemônicos da democracia racial brasileira na memória e história nacional, que desconsidera a influência cultural e racial dos povos indígenas desse território. Assim, compreender as lacunas na educação linguística em nível básico e superior que fazem com que o povo brasileiro desconheça a história da língua portuguesa no Brasil, uma vez que muitas vezes a educação só trabalha a perspectiva do idioma nacional como proveniente de Portugal, sem falar da influência indígena que teve. Isso porque a colonização linguística (MARIANI, 2004) além de tentar suprimir as línguas originárias acaba por diminuir a circulação histórica dos significados dela, uma vez que:

> resulta de um processo histórico de encontro entre pelo menos dois imaginários linguísticos constitutivos de povos culturalmente distintos – línguas com memórias, histórias e políticas de sentido desiguais, em condições de produção tais que uma dessas línguas – chamada de língua colonizadora – visa impor-se sobre a(s) outra(s) colonizada (s) os efeitos decorrentes desse processo. (MARIANI, 2004, p. 28).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Com isso, na tentativa de aproximação de uma retomada de significados e percepções de origens indígenas são propostas diversas possibilidades de trabalho, uma vez que além do conto e narrativa escrita também é possível explorar a oralidade de canções indígenas. Isso porque a musicalidade explora em diversos povos narrativas e histórias, como é possível observar a partir dos torés e rojões do povo Kariri-Xocó, divulgadas a partir da perspectiva de historiador do próprio povo, Nhenety Kariri-Xocó.

> Tradicionalmente, os cantos indígenas pulsam nas comunidades mantendo vivas nossas culturas. Os invasores tentaram nos silenciar . Tentaram exterminar todos os povos indígenas, mas resistimos também através dos cantos. Na musicalidade de cada povo também vive a memória de cada identidade. (...) Os cantos funcionam para comemorar e traduzir fatos históricos, pontos geográficos, animais das florestas e a vida indígena, em sua essência. (NHENETY, 2012)

Dessa forma, ao utilizar a musicalidade indígena, como disponível no álbum “Cantando as culturas indígenas” (2008) onde diversos povos cantam suas culturas e histórias, que também pode ser trazido e trabalhado de diversas formas em sala de aula, mesmo fora de ambientes indígenas como aldeias. Assim, a educação sobre as questões originárias estariam presentes nas escolas a partir da perspectiva e vozes dos próprios povos que foram silenciados, retomando caminhos e significados que foram considerados extintos pela colonização, mas agora com visibilidade e perspectivas de trabalho na educação se mostram extremamente valiosos e necessários. Ainda destaca-se aqui a necessidade de trabalhar com diversos gêneros de escrita e fala para aproximar estudantes da cultura indígena atual.

Assim, outro exemplo que pode ser levado para sala de aula é a musicalidade indígena em diversos gêneros, com ênfase no rap, que cresce cada vez mais a presença de artistas originários, potencializando capacidades de trabalho, uma vez que poderia se aproximar de gêneros mais conhecidos e ainda assim trabalhar conceitos das línguas indígenas e educação etno-racial. Ao trazer a língua e cultura indígena em outras modalidades e de maneira atual é perceptível que os estereótipos racistas sobre a população indígena podem ser quebrados e construída uma educação que mais valoriza as questões originárias do que considera temática apenas para datas ou indivíduos específicos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Dessa forma, pode-se destacar como exemplo o conjunto "Brô Mc's"[174], formado por indígenas Guarani e Kaiowá que cantam em língua originária e podem contribuir para percepção mais ampla dos estudantes sobre a população indígena nacional atualmente. Além disso, o trabalho voltado para discussões identitárias na linguística também pode ser notado em músicas do cantor Tupinambá wescritor[175], onde muitos versos tratam sobre diásporas indígenas e movimentos de retomada de consciência étnica, podendo conscientizar de diversas formas estudantes na faixa etária considerada. Isso porque ao trazer questões como dos povos caiçara e de demarcações territoriais por meio do rap, esses artistas aproximam a cultura da realidade e luta indígena, podendo ser trabalhadas além da interpretação de texto as relações históricas e do léxico.

Com isso, por meio de linguagens diversas presentes nas músicas, contos e palavras indígenas é possível conectar a educação com conhecimentos ancestrais em múltiplas áreas do conhecimento, fortalecendo o vínculo com o cotidiano e a presença na atualidade de povos originários. Ademais, ao introduzir cada vez mais essas autorias desde a educação básica, pode ser considerada a construção de realidades cada vez mais antirracistas e que valorizem ao invés de invisibilizar a questão indígena, demonstrando que a causa deve ser de toda a sociedade e não apenas dos povos indígenas em qualquer contexto territorial.

Atividade proposta

Após a aproximação com o léxico de origem indígena tanto por meio das obras literárias quanto por meio de pesquisa e exposição em sala de aula é considerado possível por meio dos processos de ludificação do conhecimento ampliar a fixação dos conteúdos e da temática. Assim, a partir do jogo de "adedonha" ou "*stop*" com itens lexicais de origem indígena e temáticas apropriadas é possível que estudantes de 7º e 8º ano do Ensino Fundamental aprendam mais sobre língua e cultura indígena de maneira divertida, uma vez que apesar de trabalhar o conteúdo seria na forma de competição entre eles e fortaleceria os conhecimentos além dos estereótipos sobre a população indígena, como é visto no exemplo a seguir de possibilidade de jogo.

[174] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G-TqAeyj4_s>.
[175] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qg7gd_gJ40o>.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

COMIDA	NATUREZA	LUGAR	NA ALDEIA TEM…
chocolate	capivara	Caçapava	capoeira
mandioca	maritaca	Manaus	maloca
açaí	arara	Aracaju	arco e flecha

Dessa forma, a partir da adedanha também seria trabalhada a oralidade das palavras além da escrita, fortalecendo as metodologias indígenas, além de tratar os estudantes como sujeito ativo no conhecimento, sendo de fato emancipatório, como é considerado pelas professoras Leda Maria Martins (MARTINS, 2003) e Nilma Lino Gomes (GOMES, 2017) tanto sobre temáticas étnico-raciais quanto linguísticas. Assim, é incentivada aos estudantes outras formas de conhecimento, gerando não só curiosidade como proximidade com o cotidiano ao perceberem que já falam língua indígena todos os dias, mas que muitas vezes foi invisibilizada a cultura e história dessas temáticas, como as práticas de oralituras e o conhecimento emancipatório se propõem.

Com isso, possibilita o trabalho da temática indígena além do senso comum, aproximando de realidades diversas dos povos originários nacionais, não apenas os estereótipos pré-coloniais muitas vezes enraizados na educação básica, que só relaciona indígenas a aldeias e não a diversas culturas, comidas, histórias e presença em todo país. Assim, a brincadeira pode estipular previamente a pesquisa do léxico em sala de aula e de maneira individual pelos estudantes, proporcionando uma fixação do conhecimento que tem capacidade de ser divulgado.

Isso porque além de despertar a curiosidade de estudantes de ensino básico também pode fazer com que divulgue os conhecimentos no cotidiano, uma vez que poderia se tratar de palavras próximas da sua realidade, como é o caso do chocolate, diversas comidas e locais que transitam com frequência. Assim, a partir do contato é possível que ele além de aprender ele ensine os conhecimentos ancestrais, fortalecendo o conhecimento e as relações étnico-raciais de maneira positiva no território nacional. Desse modo, mesmo que a partir de iniciativas pontuais na educação é possível ver a mudança gradativa a partir das gerações futuras, uma vez que é apresentada a possibilidade de retomada de outros conhecimentos que estavam invisibilizados pelo modelo educacional regular.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

Logo, ao reforçar o ensino de termos indígenas pode-se considerar que os estudantes também estarão cada vez mais em contato com o modo de vida e pensar originário, fazendo com que muitas desigualdades sejam ainda mais debatidas no ensino básico, como, por exemplo, sobre a demarcação de territórios originários ou a contribuição desses povos para construção da identidade nacional, podendo se perceber também muitas vezes como descendentes dos povos originários, uma vez que a miscigenação nacional muitas vezes tentou apagar a presença indígena além dos territórios demarcados no país.

Além disso, ao aproximar professores, estudantes de licenciaturas e alunos do ensino básico de metodologias de ensino ancestrais, trabalha-se de maneira interdisciplinar, fortalecendo não só aspectos morfológicos e semânticos da língua Tupi como também parte da cultura e história indígena. Desse modo, o conhecimento sobre as raízes indígenas nacionais seria valorizado a partir de uma perspectiva dos nossos povos, compreendendo peculiaridades, inicialmente do Tupi, mas que possam ser expandidas para escolas indígenas e não indígenas, abarcando diversas etnias e realidades de um território ainda tão marcado pela toponímia, comida e cultura das línguas tupi em diversos estados, não apenas naqueles com povos falantes dessa família reunidos.

Considera-se, então, a necessidade de ampliação da perspectiva indígena em ambientes educacionais e acadêmicos, reforçando o respeito a conhecimentos originários, que são objeto de estudo da etnolinguística, por exemplo. Dessa forma, é possível compreender maneiras de trazer a perspectiva indígena de maneira extremamente valiosa para construção da identidade nacional, ainda mais por se tratar da influência do Tupi Antigo, que foi considerado erroneamente extinto pela colonização, uma vez que o povo continua existindo e resistindo ao revitalizar e retomar a língua. Com isso, é reforçado o pensamento do professor Wilmar D'Angelis:

> De minha perspectiva, por exemplo, daquilo que muitas vezes foi tomado como "tarefa urgente" da Linguística no Brasil, toda pesquisa que se anuncia destinada a "salvar línguas em extinção" só tem justificativa, do ponto de vista ético, se usada como pretexto para obter recursos e formas de reconhecimento para os fortalecimentos das lutas e iniciativas de uma comunidade ou grupo étnico por sua sobrevivência física, cultural e identitária. (D'ANGELIS, 2014, p. 381).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Ademais, a proposta de educação linguística aqui posta também pode ser ampliada para diversas discussões étnico raciais, tanto de ideias de retomada e pertencimento de povos indígenas quanto da valorização cotidiana além das datas temáticas. Ainda ressalta-se que a Lei 11.645/2008 enfrenta diversos obstáculos para sua concretização, mas por meio de ações como essa é possível debate e movimentação de pessoas envolvidas em processos educacionais, fortalecendo o vínculo de conhecimentos ancestrais com ambientes escolares como a escola regular.

Portanto, é necessário cada vez mais pesquisa e ampliação de estudos étnico-raciais que levem em consideração não só a contribuição, mas também a presença dos povos indígenas em todo território nacional e muitas vezes no cotidiano por meio da cultura e da língua. Assim, por perpassar por diversos conteúdos a temática indígena pode e deve ser expandida em sala de aula em todos os níveis de ensino, sendo reforçada aqui tanto a base, com o Ensino Fundamental, quanto a formação de profissionais da educação. Além disso, considera-se essenciais os debates identitários que também podem ser trazidos por meio das palavras, uma vez que as perspectivas raciais nacionais anteriormente consideravam a mestiçagem indígena nas figuras do caboclo, caiçara e caipira que atualmente não são tão expostas e valorizadas na educação nacional, que pode ser trabalhado de melhor forma a partir da aproximação com a educação linguística que seja realmente antirracista com as questões dos povos originários.

Referências

APYKÁ, Luã. Mandí reko. O conto de Mandí. São Paulo. Editora Gaivota, 2023.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2008.

CASTRO, Yeda Pessoa. Falares africanos na Bahia: Um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro Topbooks editora, 2023.

D'ANGELIS, W. da R. Escola indígena, identidade étnica e autonomia. Campinas: Núcleo de Cultura e Educação Indígena, 2003.

GARIBI, J. I. D. Préstamos linguisticos e influencias recíprocas nahua-catellanas y castellano-nahuas. Estudios de cultura Náhuatl, nº 7, 1967.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FEITOSA, M. O. Capoeira: A semente estava aqui antes do colonizador. Teresina, EDUFPI, 2021.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Rio Babel: História das línguas na Amazônia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

IBGE, Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal#:~:text=Na%20compara%C3%A7%C3%A3o%20com%202010%2C%20em,e%20Goi%C3%A1s%20>. Acesso em 09/07/2024.

KARIRI-XOCÓ, Nhenety. Cantando as culturas indígenas. Nhenety Kariri-Xocó. Porto Real do Colégio/AL, 2012. Disponível em: <https://kxnhenety.blogspot.com/2012/12/cantando-as-culturas-indigenas.html>. Acesso em 09/07/2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

MAHER, Terezinha de Jesus. Ser professor sendo índio: questões de lingua(gem) e identidade, Tese de Doutorado em Linguística - Instituto de Estudos da Linguagem- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARIANI, Bethânia. Colonização linguística. Campinas: Pontes, 2004.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Revista Língua e Literatura nº26. PPGL/UFSM, 2003.

MC'S, Brô, Oz Guarani, Owerá Mc. Resistência Nativa. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G-TqAeyj4_s>. Acesso em 14/07/2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário do tupi antigo. São Paulo: Global editora, 2013.

SILVA, José Romildo de Araújo da. Tupi Potiguara Kuapa. João Pessoa: Secretaria da Educação, 2023.

TERRA, Mensagens da. Cantando as culturas indígenas. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a-YV5d_dOpY&t=8s>. Acesso em 09/07/2024

WESCRITOR. Tupinambá na Baixada Santista. Youtube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qg7gd_gJ40o>. Acesso em 14/07/2024

YAMÃ, Yaguarê. Falando Tupi. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2012.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES NECESSÁRIAS NA INTERPRETAÇÃO ORAL DO PAR LINGUÍSTICO LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA: Olhar sobre a prática

Jozineide Fernandes de Lima[176]

Manoel Francisco Pimenta [177]

Jéssica Girlaine Guimarães Leal [178]

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo discutir sobre as competências e habilidades basilares na interpretação do par linguístico Libras e Língua Portuguesa, utilizada pelo profissional TILSP (tradutor/intérprete de língua de sinais e língua portuguesa) em sua atividade laborativa, bem como refletir sobre a importância deste profissional em sala de aula para inclusão do aluno surdo, pois nos últimos anos temos observado o aumento significativo da inclusão de surdos em sala de aula no ensino regular, impulsionada mediante a regulamentação da Lei 10.436/02. Este dispositivo reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão do surdo, que foi regulamentada pelo decreto 5626/05, que dispõe a garantia de acessibilidade linguística e cultural do surdo através da mediação feita pelos profissionais TILSP. Com isso, houve o aumento da demanda deste profissional no que resulta na busca de TILSPs capacitados que venham promover acessibilidade linguística, e nesse sentido, é imprescindível compreender melhor como é desenvolvido este trabalho e quais são habilidades e competências necessárias. Como subsídio teórico utilizamos autores como LEAL (2020), QUADROS (2004) e os dispositivos legais BRASIL (1988, 2002, 2005, 2023). Realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Concluímos que é de extrema relevância a inserção deste profissional para inclusão e acessibilidade linguística do aluno surdo, bem como faz-se necessário o domínio de competências e habilidades na atuação do Tilsp com vista a ofertar um serviço de qualidade.

Palavras-chave: Libras, Tradução e interpretação, surdo.

Introdução

[176] Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras/Libras Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. Jozineidefernandes98@gmail

[177] Graduando do Curso de Licenciatura em Letras/Libras Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. manoelpimenta1992@gmail.com

[178] Doutoranda no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - jessicagirlaineifpb@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A trajetória da atuação do profissional tradutor/intérprete de língua de sinais e língua portuguesa, doravante TILSP, sobreveio através de atividades voluntárias, principalmente no âmbito religioso para levar a mensagem da palavra de Deus. No Brasil as primeiras iniciativas de profissionalização dos TILSP se deram através da FENEIS (Federação Nacional e Integração dos Surdos), esta instituição trouxe grandes contribuições para a comunidade surda promovendo ações de valorização dos sujeitos surdos e a oferta de cursos profissionalizantes na área. Na medida em que os surdos conquistam seus direitos e espaços na sociedade paralelamente, o trabalho do TILSP vem ganhando destaque e valorização. A profissão do TILSP foi alavancada mediante a legitimação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pelo dispositivo legal sob Lei n° 10.436 de 24 de abril de 2002. Esta reconhece a LIBRAS como meio legal de expressão e comunicação do surdo sendo regulamentada pela Lei n° 5,626 de dezembro de 2005, em seu Art. 23 preconiza que:

> As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Os Surdos por sua vez passaram a ter garantias do seu direito linguístico e com isso houve a necessidade de inserção dos TILSPs nos diversos espaços, consequentemente o aumento na demanda das instituições com vista a garantir a acessibilidade linguística dos discentes surdos.

> Compreendemos que o profissional TILSP tem como principal função a promoção da acessibilidade linguística para a pessoa com surdez, bem como a mediação linguística em diversos âmbitos, como por exemplo na interpretação comunitária em eventos públicos, interpretação jurídica, interpretação religiosa, jornalística, interpretação educacional e entre outros.

A presente pesquisa tem como objetivo discutir sobre as competências e habilidades basilares na interpretação do par linguístico Libras e Língua Portuguesa, utilizada pelo profissional TILSP em sua atividade laborativa, bem como refletir sobre a importância deste profissional em sala de aula para inclusão do aluno surdo. Este trabalho justifica-se pela importância de analisar o papel do profissional TILSP que vem apresentando grandes relevâncias no quesito inclusão e acessibilidade do aluno surdo em sala de aula, a fim de compreender quais são habilidades e competências necessárias no ato interpretativo para versa de uma modalidade

oral para modalidade visual-espacial e vice versa. Ao passar dos anos os TILSP vem ganhando destaque principalmente na esfera da interpretação educacional (EI), na concepção de Leal (2020, p 34):

> Dentre todas as interpretações faladas anteriormente, a Interpretação Educacional (EI) tem sido a mais discutida e recorrente no cenário atual, além de ser um dos profissionais envolvidos na educação de surdos mais visíveis nas políticas inclusivas.

Nesse sentido, percebemos que o trabalho do TILSP é mais presente no âmbito educacional, por ser um direito preconizado nos dispositivos legais e os sujeitos surdos deterem direito ao acesso à educação, de maneira que nos demais âmbitos não existe tanta atenção quanto ao qual verificamos existir no educacional.

No âmbito educacional a presença do TILSP é de suma importância para promoção inclusiva do aluno surdo na rede regular de ensino pública ou privada, pois como sabemos existem inúmeras dificuldades acarretadas pelas questões de barreiras comunicacionais reverberando em precarização do seu processo de escolarização, isto é, durante o processo educacional ocorre lacunas que prejudicam o seu pleno desenvolvimento. Este trabalho está organizado da seguinte forma: Primeiramente, fazemos uma breve apresentação sobre a profissionalização do TILSP no país, em seguida apresentamos as competências e habilidades necessárias na atuação do TILPS para um serviço de qualidade, por fim apresentamos a metodologia que nortearam este trabalho e as considerações finais.

Profissão TILSP: Olhar para a profissionalização

Através do reconhecimento da Libras e o avanço das políticas públicas observamos a inserção dos surdos em espaços antes jamais alcançados, como por exemplo nas instituições de ensino. A constituição brasileira no artigo 205, declara:

> Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Como observamos, a constituição preconiza o direito de todos à educação, isto é, é um direito público subjetivo, obrigatório a todos os brasileiros, inerente à dignidade humana, visando o pleno desenvolvimento do cidadão. Alinhado a essa premissa, temos em seu Art. 206, é previsto que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Condições de igualdade de acesso no ensino, também é um direito assegurado e as escolas devem garantir para o alunado um espaço de aprendizado de modo atender às especificidades educacionais.

> Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade.

Como pudemos perceber é dever do estado garantir a acesso e permanência aos discentes, logo podemos presumir que para que aluno surdo possa ter igualdade de condições é necessário a acessibilidade linguística devido a seus impedimentos de ordem orgânica. Sendo assim, acreditamos que a acessibilidade linguística pode ser viabilizada pela presença do TILSP em sala de aula. Vale salientar que, este profissional atua na mediação comunicativa do surdo com o professor e com os demais alunos ouvintes.

A profissão do TILP no Brasil foi reconhecida no ano de 2010, corolário as legislações anteriores que abriram margem para legitimação da Libras no país. Neste dispositivo, foi proposto perfil formativo para esses profissionais com vista à organização, qualificação e captação para o mercado de trabalho.

De acordo com o dispositivo nº 14.704 de 2023 o perfil formativo para os Tradutores e intérpretes de Língua de sinais e Língua Portuguesa são:

> I – diplomado em curso de educação profissional técnica de nível médio em Tradução e Interpretação em Libras;
>
> II – diplomado em curso superior de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras – Língua Portuguesa, em Letras com Habilitação em Tradução e Interpretação em Libras ou em Letras – Libras;

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> III – diplomado em outras áreas de conhecimento, desde que possua diploma de cursos de extensão, de formação continuada ou de especialização, com carga horária mínima de 360 (trezentas e sessenta) horas, e que tenha sido aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação em Libras – Língua Portuguesa.

Julgamos ser um avanço significativo durante um bom tempo era exigido unicamente o exame chamado PROLIBRAS. O PROLIBRAS foi um programa nacional com vista a emissão de certificados para Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e para Proficiência na Tradução e Interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa, com isso foi possível que vários profissionais TILP pudessem participar de processos seletivos e ocupar concursos públicos. Este exame foi aplicado durante dez anos, desde a publicação do decreto, com vista a suprir a carência emergencial desses profissionais, permitindo assim a abertura e estabelecimento de cursos específicos progressivamente no país, conforme podemos observar:

> Art.20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

De acordo com Leal (2020, p.22) a institucionalização dos estudos da tradução e interpretação de línguas orais no Brasil se deu entre as décadas de 1960, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e Centro Universitário Ibero-Americano (UNIBERO). E o primeiro espaço formal de ensino de tradução e interpretação para as línguas de sinais aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sobre isso, Quadros (2014, p. 11) afirma:

> O Curso de Letras Libras, Licenciatura e Bacharelado tornou a Universidade Federal de Santa Catarina em um centro de referência na área de Libras, pois criou o primeiro Curso de Letras Libras do país e tem formado pesquisadores nas áreas da Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, dos Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, com pesquisas específicas envolvendo a Libras e a educação de surdos.

A UFSC, em 2008, foi pioneira na abertura do curso de formação de TILP, bem como na formação de inúmeros profissionais. O curso tem servido de aporte e modelo para as demais instituições de ensino superior do país.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Competências e habilidades do TILSP: o que precisamos saber?

Para o desenvolvimento do papel de TILSP existem vários aspectos imbricados em sua atuação, entre elas destacamos que é de sua responsabilidade a condução da mensagem com qualidade, e isto requer deste profissional domínio de competências e habilidades necessárias. Para o papel do TILSP, (Quadros, 2004, p.28) é requerido algumas condutas deste profissional:

> a) confiabilidade (sigilo profissional);
>
> b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
>
> c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
>
> d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

Como podemos ver o profissional TILSP é responsável em sua atividade laboral não apenas por viabilizar a comunicação, mas tem o dever seguir uma série de condutas pertinentes para a sua atuação, com isso ele terá um desempenho coerente de sua função. Conciliando ainda com sua atuação, atualmente a profissão do TILP é regulamentada pelo dispositivo legal nº 14.704, de 2023, que regulamenta a lei 12.319 de 1º de setembro de 2010, no Art 6º dispõe no exercício de suas competências no seu exercício:

> **Parágrafo único:** I - intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
>
> II - intermediar a comunicação entre surdos e surdos por meio da Libras para outra língua de sinais e vice-versa;
>
> III - traduzir textos escritos, orais ou sinalizados da Língua Portuguesa para a Libras e outras línguas de sinais e vice-versa.

A atuação do intérprete é galgada por um serviço que requer competências, tanto para intermediar a comunicação entre surdos e surdos que utilizam outras línguas de Sinais, e surdos

ouvintes, em demais áreas da sociedade como vemos no parágrafo. Dessa maneira que o intérprete desempenha um papel importante realizando a comunicação e a exposição das informações orais ou em Língua de Sinais e vice-versa, que o mesmo deve assegurar a compreensão de todos os envolvidos no discurso.

A atuação do TILSP versa mediar de uma língua para outra em um curto espaço de tempo, constituindo-se como um trabalho complexo, técnico e que envolve línguas em suas modalidades e estruturas diferentes. E a falta de habilidades em alguma dessas línguas pode ocasionar falhas na interpretação.

Antes de adentrarmos na atividade laborativa do TILSP, nos convém trazer aclaramentos sobre a conceituação de tradução e interpretação. Existem várias concepções que tratam sobre tradução e interpretação, aqui tomamos a tratada por Hale "[...] a Interpretação refere-se à tradução da palavra falada e Tradução [refere-se] à tradução da palavra escrita". (Hale, 2007, p.3 apud Leal, p. 23).

Leal (2020, p. 40) aponta a complexidade do trabalho inerente à atividade interpretativa ao afirmar que:

> A interpretação não tem uma preocupação com a durabilidade textual, com a qualidade do texto, com a forma do texto. Ela está mais ligada com a comunicação, a realização da comunicação, ao público compreender o que está sendo originalmente dito em outra língua, é uma preocupação com conteúdo, mensagem, as informações, com a promoção do entendimento entre os envolvidos. Abarcados por essa compreensão que julgamos a importância desse trabalho, mesmo sabendo que há imprevisibilidade entre as falas dos sujeitos, logo, é preciso técnica e qualidade no trabalho realizado, para evitar tensões entre os grupos envolvidos.

Logo, é imprescindível que na interpretação da Libras para língua portuguesa ou mutuamente as informações sejam repassadas com qualidade para que de fato se possa haver a compreensão e a clareza do que está sendo proferido por determinado locutor, acarretando assim falhas na interpretação.

Com isso, vale lembrar que a língua de sinais é uma língua cuja modalidade de transmissão de informações é o canal visual-espacial, realizadas através do espaço, que exige do TILSP competências e habilidades. Na LIBRAS as palavras são os sinais formados a partir de

combinações da configuração e movimento das mãos, expressões faciais e corporais, do ponto de articulação no corpo ou no espaço, ou seja, dos parâmetros. Para reforçar esta informação, Menezes e Feitosa (2015, p.10):

> Na língua de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros que formarão os sinais:
>
> 2.1. Configuração das mãos São as formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros e mão esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. Os sinais ACHAR, AMANHÃ e DETESTAR, possuem a mesma configuração de mão. A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.
>
> 2.2. Ponto de articulação: É o local onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço vazio, ou seja, longe do seu corpo.
>
> 2.3. Movimento Os sinais podem apresentar ou não um movimento. Por exemplo, os sinais GOSTAR e PENSAR não têm movimento; já os sinais EVITAR e CORAÇÃO possuem movimento.
>
> 2.4. Expressão facial e/ou corporal as expressões faciais/corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial.
>
> 2.5. Orientação/Direção Os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Desta forma, os verbos VIR e IR se opõem em relação à direcionalidade.

Como vemos os sinais são formados por parâmetros, parâmetros esses que no momento da interpretação LIBRAS para língua oral, devem ser observados minuciosamente pois, uma mudança de parâmetro pode modificar o que se está sendo proferido pelo surdo e que consequentemente resultará em uma interpretação equivocada ao que de fato está sendo dito.

Devido à complexidade envolvida no ato interpretativo é requerido um conjunto de competências dos TILSP, são elas:

> **(1) competência lingüística** - habilidade em manipular com as línguas envolvidas no processo de interpretação (habilidades em entender o objetivo da linguagem usada em todas as suas nuanças e habilidade em expressar corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo), os intérpretes precisam ter um excelente conhecimento de ambas as línguas envolvidas na interpretação (ter habilidade para distinguir as idéias principais das idéias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> **(2) competência para transferência** - não é qualquer um que conhece duas línguas que tem capacidade para transferir a linguagem de uma língua para a outra; essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua fonte, habilidade para interpretar o significado da língua fonte para a língua alvo (sem distorções, adições ou omissões), habilidade para transferir uma mensagem na língua fonte para língua alvo sem influência da língua fonte e habilidade para transferir da língua fonte para língua alvo de forma apropriada do ponto de vista do estilo.
>
> **(3) competência metodológica** - habilidade em usar diferentes modos de interpretação (simultâneo, consecutivo, etc), habilidade para escolher o modo apropriado diante das circunstâncias, habilidade para retransmitir a interpretação, quando necessário, habilidade para encontrar o item lexical e a
>
> terminologia adequada avaliando e usando-os com bom senso, habilidade para recordar itens lexicais e terminologias para uso no futuro.
>
> **(4) competência na área -** conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada.
>
> **(5) competência bicultural** - profundo conhecimento das culturas que subjazem as línguas envolvidas no processo de interpretação (conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte e da língua alvo e apreciação das diferenças entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo).
>
> **(6) competência técnica** - habilidade para posicionar-se apropriada-mente para interpretar, habilidade para usar microfone e habilidade para interpretar usando fones, quando necessário. Quadros (2004, p.73).

De acordo com o exposto, a atividade laborativa do TILSP é mediada por uma série de técnicas que a tornam um ato complexo, que demanda formação e conhecimento específicos para realizar suas estratégias de tradução ou interpretação da língua fonte para a língua alvo, na qual não é uma tarefa simples de se fazer.

Leal (2020, p. 48) reitera sobre as devidas habilidades que são de suma importância para este profissional TILSP.

> Como foi possível constatar, apenas o domínio de língua não assegura a atuação como TILP de qualidade, é necessário abarcar um conjunto de conhecimentos declarativos (teóricos, saber o quê), procedimentais (práticos, saber como), explicativos (saber o porquê), atitudinais (saber como agir), temáticos (conhecimento de mundo, saber assuntos diversos e conteúdo específicos), bem como domínio de habilidades sociais, culturais, interacionais, expressivas, de uso de tecnología etc.; de capacidades (lingüísticas, pragmáticas, discursivas, sociais, cognitivas etc.); além de saberes didáticos e pedagógicos intrínsecos à escolarização e de fatores psicofisiológicos (bom senso, autocontrole, raciocínio crítico, empatia etc.).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Dessa forma, constatamos que na atuação do TILSP é necessária uma gama de competências e habilidades dispostas pela autora. Nesse sentido, frisamos que é de fundamental importância a formação específica para atuar nesta área de tradução e interpretação. Nessa direção, acreditamos que o atendimento ao perfil formativo estabelecido nos dispositivos legais é basilar, pois entendemos que a empiria gera prejuízos educacionais para os surdos e a formação possibilita a oferta de um serviço de qualidade, uma vez que o profissional terá um conjunto de conhecimentos e técnicas para desenvolver o seu trabalho interpretativo, o que permitirá e colaborará para que os surdos alcancem novos patamares e gozem de acesso comunicativo e consequentemente de conhecimento aprofundado sobre as questões que circulam no cenário educacional e intra escolar, como fruto disso o surdo terá acesso a um serviço de tradução/interpretação qualificado.

Metodologia

Realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Por pesquisa qualitativa conceitua-se uma metodologia de pesquisa menos estruturada usada para obter informações aprofundadas sobre a motivação e o raciocínio das pessoas. Gil (1999) menciona que a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a mensuração dos fenômenos, pois permeia a compreensão do contexto no qual ocorre o fenômeno.

Brandão (2001) afirma que:

> A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (BRANDÃO, 2001, p.13).

Nesse sentido, este trabalho emerge a partir das práticas das autoras com a atividade interpretativa e as interpelações oriundas das leituras e do ser e fazer TILSP. Utilizamos como aporte teórico, Leal (2020) que trata sobre a “Interpretação Intermodal da Libras para a Língua Portuguesa na Modalidade Oral: entraves e avanços”, Quadros (2004) ao qual discorre sobre “O

tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa". Partimos da ideia de Leal (2020, p. 41), ao qual declara que:

> "[...] a fluência em LIBRAS não habilita ninguém como tradutor ou intérprete de LIBRAS. Na verdade, a competência bilíngue é apenas um dos componentes da Competência Tradutória e que são necessários ser conhecidos e estudados pelo TILP, para que possa compreender onde estão suas dificuldades e buscar a melhor forma de corrigi-las".

Diante desse pensamento, pode-se concluir que a fluência em Libras ou ser bilíngue falante de duas línguas não certifica que seja um profissional intérprete de Libras, pois por sua vez, é necessário haver um conhecimento mais aprofundado das questões gramaticais e estruturais de ambas as línguas, que acarreta competência e habilidades linguísticas e assim influenciam diretamente na complexidade do ato interpretativo.

Considerações finais

Nesse ínterim, consideramos a atividade laboral do TILSP complexa, pois é necessário ter o domínio de uma série de competências e habilidades inerentes à atuação, sendo necessário que o TILPS detenha além do conhecimento prático, o conhecimento teórico para realizar uma boa atuação.

Concluímos ao longo deste trabalho que os objetivos foram alcançados, uma vez que discorremos e apresentamos as competências e habilidades basilares necessárias na atividade laborativa deste profissional. Diante o real cenário brasileiro, sabe-se que alguns "profissionais" atuam nesta área sem formação adequada gerando prejuízos no pleno desenvolvimento do surdo. Com isso, destacamos a importância da formação adequada, pois, não é de qualquer forma que este trabalho deve ser executado.

Consideramos que o TILSP no cenário educacional apresenta contribuições significativas para o sujeito surdo no que diz respeito à promoção de sua inclusão e participação na sociedade, oportunizando direitos e visibilidade dos mesmos.

Por fim, almejamos que este trabalho possibilite abrir discussões para se compreender melhor como engendram a atuação do tradutor e intérprete nos espaços educacionais, bem como promover um aclaramento das discussões com relação a necessidade de formação específica para

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

uma atuação qualificada do TILSP no Brasil, além disso este trabalho se propõe a trazer uma pequena contribuição, não pretendo esgotar as discussões, mas permitir o aprofundamento dos estudos no campo da tradução e interpretação no País.

Referências

BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=205403#:~:text=%C2%A7%203%C2%BA%20Compete%20ao%20Poder,respons%C3%A1veis%2C%20pela%20freq%C3%BC%C3%AAncia%20%C3%A0%20escola>Acesso em: 27 de Junho de 2024.

BRASIL. Lei nº 14.704 de 25 de Outubro de 2023. **Dispõe sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. Disponível; <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/10/2023&jornal=515&pagina=5&totalArquivos=145> Acesso em 27 de junho de 2024.

_____. **Decreto no 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000; e outras providências. D.O.U., Brasília.

_____. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. D.O.U. Seção 1, Brasília, 2002, Página 23.

GIL, A. C. Método e técnicas de pesquisa social. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Interpretação Intermodal da Libras para a Língua Portuguesa na Modalidade Oral: entraves e avanços.** Orientador: João Paulo Ampessan. 2020. 74 p. Tese (Graduação Bacharelado em Letras Libras.) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

MENEZES, Jane Eir; Silva Alencar de; FEITOSA, Cléia Rocha de Sousa. **Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. 2. ed. rev. Fortaleza: EdUECE, 2015.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa** /Secretaria de Educação Especial Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. MEC: SEESP, 2004., cap. 9, p. 73-78.

_____. (Org.). **Letras libras ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 530 p.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

INVESTIGAR EM LETRAS NA CENTÚRIA ACTUAL: PERSPECTIVAS E CONCEPÇÕES CRÍTICO-TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE O TRABALHO EM ARQUIVOS E BIBLIOTECAS EM TORNO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

Soraia Milene Carvalho[179]

Resumo: O presente trabalho evidencia problemáticas em torno do trabalho de investigação em Letras, na área de História, Especialidade em História Contemporânea, através do contacto com diversas fontes históricas (diplomáticas, políticas, culturais, económicas, comerciais e pessoais), em diversas Instituições portuguesas e internacionais, na presente centúria, com especial acuidade sobre os Arquivos e Bibliotecas que se constituem inequívocos depositários de espólios e acervos documentais relativos à Organização Internacional nascida no pós-I Guerra Mundial: a Sociedade das Nações (1919-1946). Assim, evidenciamos problemáticas crítico-teórico-metodológicas, com recurso, particularmente, aos acervos disponíveis no Arquivo e Biblioteca do Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal (IDI/MNE), na Biblioteca Nacional do Brasil, na Biblioteca Nacional de Portugal, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), na Casa-Comum da Fundação Mário Soares, no Arquivo da SDN de Genebra, entre outros, na pesquisa que teve como principais focos o entendimento das posições e dos agentes diplomáticos lusos enviados à SDN, não obstante, as observações despoletadas pelos intervenientes internacionais relativamente à participação do país na Instituição de Genebra e a sua tentativa de inserção num grupo de nações que partilhassem uma herança linguística e cultural comum, ou seja, um bloco de nações que fosse configurado pelos Estados da América do Sul e pelos Estados da Europa latina. Pretende-se uma leitura relativa ao trabalho desenvolvimento, apresentando-se um roteiro de fontes relativas à Liga das Nações e à participação lusa na Instituição.

Palavras-chave: Arquivos. Bibliotecas. Investigação. Letras. SDN.

Introdução

O presente trabalho centra-se na investigação que desenvolvemos em torno da participação portuguesa na Sociedade das Nações (1919-1946), sob o ponto de vista das suas intervenções, das suas colaborações nos diferentes organismos da Organização Internacional criada no pós-I Guerra Mundial com o objectivo de salvaguardar a paz entre os Estados, um ideal de que de que o pós-Grande Guerra se havia feito panorama antagónico. Desta forma, a Sociedade das Nações, tornou-se objecto de dissidência e/ou fracasso (MACMILLAN, Margaret,

[179] Mestre em História, Especialidade em História Moderna e Contemporânea; Doutoranda em História Contemporânea. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigadora do Centro de História da Universidade de Lisboa.

2002, p. 92), na época, em prol daquilo que seria o seu desempenho, os vários agentes diplomáticos que nela se cruzaram, sendo muitos os rostos portugueses que passaram pela Sociedade das Nações (BRANCO, Teresa, 2012, p. 125-127): Portugal foi, à semelhança de outros Estados-membros, nomeadamente, o Brasil, Estado-fundador da SDN, todavia, demorou bastante tempo até que o país se conseguisse empenhar, verdadeiramente, na sua tarefa em Genebra, de forma a colmatar as suas carências e receios em matéria colonial no espaço da Instituição, na qual existia, nomeadamente, uma Comissão de Mandatos que atormentava, primeiro, os republicanos portugueses (FERREIRA, José Medeiros, 2015, p. 163) – relembramos que o país se tinha feito República em 1910 – e, portanto, no pós-I Guerra Mundial, a I República Portuguesa enfrentava uma panóplia de tormentas: porque se fora à guerra inclusive para se legitimar, enquanto novo regime, no panorama de um Velho Continente em que as Monarquias vigoravam como maioritárias no contexto político, observavasse, sintomaticamente, o descalabro da República Lusa, repleta de problemas que no pós-guerra se viam ampliados – no que respeitava às suas finanças, à sua economia, à carestia que se desenrolava e que se agravou nos momentos seguintes, panorama ao qual Portugal não se constituiu caso inédito, atendendo às crises do pós-guerra, à fundação de uma nova ordem internacional que se consubstanciava numa casa da paz que mais não significaria do que uma interrupção das hostilidades (Telo, António José, 2011, p. 79).

Assim, atendendo a este panorama, a nossa investigação (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019) centrou-se no aprofundamento dos assuntos e problemas constatados pela presença de Portugal na SDN desde 1919 até às vésperas da II Guerra Mundial, na linha dos distintos acervos documentais nacionais e internacionais, possíveis de consultar, sobre o nosso objecto de estudo, a saber: qual o entendimento/posionamento de Portugal sobre a SDN? Que diferenças foram observadas na análise dos diversos acervos documentais? Atendendo às diferentes origens dos respectivos acervos, de que forma se tornaram visíveis as lacunas e diálogos entre os agentes diplomáticos, Lisboa e Genebra? Quais os dilemas que o país atravessou desde a sua participação na SDN, a partir de 1919, até ao retomar das hostilidades, na visões partilhadas e divergentes encontradas nos documentos oficiais e espólios consultados? Qual o percurso da documentação produzida?

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Deste modo, o trabalho que apresentamos, tendo por base os Arquivos à guarda do Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, teve por objectivo a elaboração de um roteiro de fontes relativas à particpação portuguesa na SDN (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 26-81), com especial acuidade pelos acervos presentes na capital e ilustrativos de um amplo panorama do trajecto luso em Genebra, desde 1919 até ao culminar II Guerra Mundial.

A participação portuguesa na SDN: fontes e percursos

A presença lusa na Sociedade das Nações conheceu diferentes matizes consante o panorama político interno e o enraizamento de Portugal à Instituição de Genebra: se entre 1919 e 1926 o país anda à deriva na SDN, atendendo-se à carência de uma organização ministerial naquilo que deveria corresponder às dinâmicas internacionais que rompiam com a ordem anteior, este período de adaptação conhecia uma viragem, por pressão externa, a partir de 1926 e por motivos de dificuldades, nomeadamente, financeiras, que levariam Portugal a solicitar apoio em Genebra (CARVALHO, Soraia Milene, 2018, p. 1), aproximando-se e revelando-se cada vez mais preocupado com a fortificação da sua imagem na Organização de que se via arredado porque distante; de resto, até ao desaparecimento da Instituição, Portugal seria presença inequívoca, enquanto Estado-membro fundador da SDN que no final de década de 1920 organizaria o seu acervo documental no Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, para que contribuiria Augusto de Vasconcelos, personalidade grada do republicanismo português e manifesto defensor da SDN e da participação portuguesa na Liga das Nações (BETTENCOURT-RODRIGUES, 1929, p. 29).

Assim, na correspondência diplomática da época mas, identicamente, na correspondência pessoal de inúmeras personalidades que presenciaram e que participaram na Liga e/ou nos seus trabalhos preparatórios – como por exemplo, visível nos Arquivos Pessoais de agentes diplomáticos, como Augusto de Vasconcelos, Jaime Batalha Reis, Alfredo Augusto Freire de Andrade, Armindo Monteiro –, ou que mesmo à distância e em outras Legações ou Consulados, não se privaram de destacar as suas leituras sobre os acontecimentos internacionais do período Entre as duas guerras mundiais, constituíram-se contributos detalhados e imprescindíveis para a

percepção cabal das lógicas e entendimentos diplomáticos no decurso de três regimes políticos – I República, Ditadura Militar e Estado Novo – que atravessaram Portugal enquanto Estado-membro da Sociedade das Nações (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 26-81).

Nesta esteira, importa-nos salientar o Arquivo Pessoal/Espólio de Augusto de Vasconcelos (1867-1951), enquanto um dos contributos fundamentais no acervo documental que se encontra à guarda do Arquivo do Instituto Diplomático do Ministérios dos Negócios Estrangeiros de Portugal: constituí-se um Arquivo Pessoal composto pelas inúmeras facetas da sua documentação diplomática e pessoal, debruçando-se a partir de 1923 até 1937 na sua actividade na Organização Internacional até à sua saída de Genebra. Caracteriza-se por ser um Espólio que corresponde, entre outras matérias da sua intervenção política e diplomática, a partir de 1911 – quando rumou a Madrid como nosso Ministro Plenipotenciário – passando pela Grande Guerra, ainda, como Ministro de Portugal em Londres, presenciando na Conferência da Paz e encontrando-se, a partir de 1923, na SDN (CARVALHO, Soraia Milene, 2023, p. 11-20).

De resto, Augusto de Vasconcelos manter-se-ia no activo, em Genebra, após a queda da I República (1926), cumprindo-nos, deste modo, salientar a importância do seu espólio atendendo à sua longevidade na Instituição, da qual se tornaria um dos rostos mais destacáveis: verificamos na panóplia de documentação à guarda das referidas Instituições, um diálogo necessário e correspondente, durante o referido período, entre a documentação produzida por Augusto de Vasconcelos, o Arquivo da Secretaria-Geral Portuguesa da Sociedade das Nações, identicamente à guarda do Arquivo do Instituto Diplomático do MNE, e os restantes Arquivos Pessoais (Augusto Alfredo Freire de Andrade, José de Almada, Armindo Monteiro, Jaime Batalha Reis, Manuel Teixeira Gomes, a título de exemplos) que nos permitiram aferir as diferentes etapas do nosso trabalho de investigação que recaiu na compreensão do papel de um Estado que durante o período da I Guerra Mundial passara por diferentes etapas até à sua participação efectiva no teatro bélico; nesta senda, e sobre o momento de *paz* que se seguiu, importa-nos, identicamente destacar testemunhos, como por exemplo, o caso do antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, António Maria de Bettencourt-Rodrigues, deixaria grafado nas suas memórias, publicadas em 1929, "Vinte e Oito Mezes no Ministerio dos Negocios Estrangeiros", que Portugal enviava à Liga das Nações delegações insuficientes, incompletas, com ausência de conhecimento sobre os assuntos a

tratar porque desinformadas à sua chegada a Genebra, não conseguindo, evidentemente, participar de modo activo e com clareza nas distintas abordagens, nas diferentes Comissões que mereciam o seu reparo (BETTENCOURT-RODRIGUES, 1929, p. 22-29): destacamos a Comissão de Mantados, a Comissão Económica, a Comissão Financeira, a Comissão Intelectual e Literária, entre outras, que caracterizavam a azáfama da SDN.

E no Arquivo da Sociedade das Nações de Genebra, digitalizado na íntegra (LON Archieves), o nosso trabalho de investigação conduziu-se de modo a apurarmos de que modo era, então, Portugal observado na casa da SDN, e quais os trabalhos que empreendeu, em diálogo intrínseco com o acervo à guarda do Instituto Diplomático do MNE; e, desta feita, verificamos um manancial de documentação produzida, entre 1919 e 1946, data do términus da Sociedade das Nações, quando se inicia a transmissão do legado da SDN para a Organização das Nações Unidas (ONU). Esta documentação caracteriza-se por apresentar telegramas, ofícios, notas, rascunhos de missivas que careciam de ser datilografadas ou que seria cópias das mesmas, recortes de jornais nacionais e internacionais, com especial destaque para publicações como o *Diário de Notícias*, *O Século*, *A Lucta*, *O Mundo*, *Le Temps*, *New York Times*, *Journal de Genéve*, entre outras publicações internacionais de excepcional relevo que contribuíram para a percepção das leituras relativas ao desempenho português na Liga das Nações.

Os acervos documentais à guarda do Arquivo de Genebra e no Arquivo do Instituto Diplomático do MNE, são dialogantes entre si, porque possibilitam uma investigação que isolados não estaria completa, atendendo que naquilo que respeita à diplomacia portuguesa, o arquivo português possuía insuficiências que resultam da especificidade das visões dos nossos agentes e das leituras e acontecimentos que importavam ao país, sendo o Arquivo de Genebra muito mais amplo, por nos permitir aferir, minuciosamente, o que se verificava em cada comissão e subcomissão ou subcomité, verificando-se a existência de acervos respeitantes a cada delegação, de cada país, com documentação oficial que ficou à guarda da Instituição de Genebra. Os nossos temas de trabalho residiram em múltiplos objetivos: se num primeiro momento pretendemos aferir o papel de Portugal na Sociedade das Nações, a partir de 1920 e até ao seu desfecho, em matéria relacionada com a Agricultura internacional e os ditames pelos quais a SDN passou para assegurar a sua comparticipação ao lado do Instituto Internacional de Agricultura –

Instituição sediada em Roma, que viria a ser substituída, inclusive na designação, pela FAO, integrada na ONU; foi fundada pelo monarca Victor Emanuel III, em 1905, encontrando-se grande parte do acervo documental respeitante a este Instituto, dividido entre o Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Arquivo de Salazar, à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 167-177). O nosso trabalho de investigação pretendeu, mais tarde, aferir sobre as etapas e orientações políticas de Portugal na Sociedade das Nações, no período mediado entre 1919 e 1939, correspondendo às rupturas políticas subjacentes à permanência do país na Organização Internacional – a saber, Portugal atravessou três regimes políticos desde a fundação da Liga, fosse a I República que conduziu o país a tornar-se Estado-membro, fosse a ditadura militar que lhe permitiu o estreitar de laços com Genebra, nascendo no Ministério dos Negócios Estrangeiros, no seu quadro, a Secretaria-Geral Portuguesa da SDN, que teria inclusive um departamento para as relações a manter com a OIT, Organização Internacional do Trabalho (CARVALHO, Soraia Milene, 2021, p. 183-187),

ou no período do Estado Novo, apesar das dissidências do líder político sobre o fenómeno que representou a Organização Internacional do pós-guerra.

Assim, o nosso trabalho teve em vista os contributos das delegações lusas, nomeadamente, a partir do desempenho de Augusto de Vasconcelos, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros e Ministro de Portugal em Madrid e em Londres; portanto, a análise metodológica e crítica que utilizámos teve necessariamente que ver com o percurso *vasconceliano* na diplomacia: isto é, seria impossível pretendermos compreender as suas visões e importância no âmago da Liga se não tivéssemos em conta todo o historial de Augusto de Vasconcelos na política e na diplomacia portuguesas – salientamos, referimo-nos a um dos rostos da política lusa que se foi emancipando, em cada regime político, sendo transversal a todos aqueles que atravessaram Portugal enquanto Estado-membro da SDN: e se Vasconcelos trouxe uma linha de pensamento renovada, aspirando à consolidação dos laços de Portugal com a América do Sul, para que formasse um bloco de Estados dialogante e participante em uníssono na Liga, perspetivando o diplomata que Portugal era uma porta de acesso pelo Atlântico Sul à Europa e que a América do Sul significava o rejuvenescimento de uma Europa moribunda, dissidente, que teria de saber integrar em si, na casa

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

da Liga das Nações, a paz mundial. Por essa razão, tivemos ainda de atender a outro acervo documental, designado Arquivo da Comissão de Estudos Luso-Hispano-Americanos: referimo-nos a uma Comissão de trabalho que a partir de 1926 conheceu o seu espaço no Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, congregando personalidades, intelectuais dos dois lados do Atlântico Sul, tendo em vista o estreitamento das relações comerciais, económicas, políticas, intelectuais e culturais, estudando, caso a caso, as mais diversas propostas que lhe eram endereçadas, sobre estas matérias, integrando Augusto de Vasconcelos esta Comissão de Estudos que teria em vista a participação de Portugal, ao lado de países como o Brasil, o Uruguai, a Argentina, a Espanha, a título de exemplo, na Exposição Ibero-Americana de Sevilha de 1929 (CARVALHO, Soraia Milene, 2021, p. 14-15).

Destacamos, de resto, que nos inúmeros documentos que tivemos oportunidade de analisar em função do nosso objecto de estudo, foi-nos possível aferir que estes acervos diplomáticos, quer à guarda do Instituto Diplomático, quer o acervo documental de Genebra, encontram-se dependentes das percepções que possamos retirar dos Arquivos Pessoais: sendo que em não raros os casos, encontramos referências no próprio acervo para consultar determinados materiais que ficaram na posse dos diplomatas enviados, muitas das vezes rascunhos de missivas – ou porque se perdiam, ou porque carecem estes documentos do diálogo sistemático com o individual; e é por isso que se tratando de uma investigação interdisciplinar, encontra-se amplamente depende do Espólio *vasconceliano*, sendo impossível explanarmos a elaboração dos materiais que a Secretaria-Geral Portuguesa arrecadava, sem atendermos ao pensamento do seu Director-Geral e organizador da própria Secretaria nos quadros ministeriais – em ambos os casos referimo-nos a Augusto de Vasconcelos (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 58-61).

Salientamos, esta foi uma organização tardia da documentação, da própria diplomacia para com a SDN e para com a OIT – aliás, Portugal foi acusado por Albert Thomas, Director Geral da OIT – de não cumprir o estipulado no Tratado de Versalhes de 1919, enviado a Genebra delegações que chegavam incompletas e sem a menor noção de como participar nos trabalhos, onde aliás também gostaria de não participar atendendo ao desfasamento existente, na época, entre aquilo que seriam os interesses de Portugal no respeitante ao seu império colonial e as lógicas da Sociedade das Nações; o país não era caso inédito, mas era uma jovem República que

procurava a todo custo medrar entre as grandes potências do período. E, se apenas em 1926, Portugal passa a ter alguma regularidade nas suas participações na Casa da Paz, esta seria, identicamente, uma realidade espelhada no trabalho desenvolvido por Augusto de Vasconcelos que organizou em diferentes estágios e importância de assuntos para o país, ou seja, por temáticas principais, o acervo que mais tarde se constituiria o nosso Arquivo relativo à Organização Internacional (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 135-138).

Porém, se até aqui destacámos a manifesta importância dos Arquivos, cumpre-nos também apontar o papel das Bibliotecas na construção destas percepções: no caso da Biblioteca Nacional do Brasil, destacamos as múltiplas obras que se debruçam sobre os anos de participação da grande potência sul-americana na Sociedade das Nações e dos seus contributos, sendo de especial acuidade, o trabalho de M. de Abreu, intitulado “A Liga das Nações”, no qual o Autor teceu considerações interessantíssimas do ponto de vista do papel da própria Instituição nas diferenças internacionais e motivos pelos quais o Brasil sentiu que o seu afastamento da SDN se tornara imprescindível (ABREU, M. de, 1919, p. 21), destacando-se o diálogo com aquilo que o diplomata português, Augusto de Vasconcelos grafou nos seus escritos integrados no seu Arquivo Pessoal: seria a partir deste panorama de afastamento da República Brasileira, que a República Portuguesa daria conta do isolamento a que se encontrava votada em Genebra.

Desta feita, as imensas fontes identificadas sobre a Sociedade das Nações e a presença portuguesa nessa Organização, significavam uma profusão que não encontrava visibilidade na historiografia nacional, caracterizada, aliás, pela redutora abordagem relativa à SDN, sendo que para esta realidade poderá ter contribuído, decisivamente, o a carência de um roteiro de fontes históricas respeitantes às temáticas supramencionadas, atendendo a que estas se encontravam praticamente intactas ou por tratar – no caso da documentação à guarda do Arquivo do Instituto Diplomático do MNE –, aquando das nossas primeiras consultas. Nesta linha, com objectivo de colmatarmos esta carência, o roteiro apresentados significou uma das metodologias adoptadas para que conseguissemos alargar o nosso perímetro de abordagem, contribuindo, simultaneamente, para investigações futuras sobre a Sociedade das Nações (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 26-81).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O Arquivo da Secretaria Portuguesa da SDN, presente no IDI/MNE, encontra-se organizado pela seguinte ordem de trabalhos que se desenvolveram na Liga, entre 1920 e 1946: Comissão dos Mandatos, Comunicações e Trânsito, Conferência Internacional do Trabalho, Desarmamento, Segurança e Arbitragem, Desenvolvimento das relações internacionais, Despesas e outros assuntos referentes à administração da Secretaria Portuguesa, Estupefacientes – conferências e publicações, Estupefacientes – tráfico ilícito de ópio, Higiene, sanidade e saúde, os Livros de ponto e os Livros de expediente, os Livros de registo da correspondência recebida (estes três últimos insuficientes, tendo em conta aquilo que os acervos apresentam no cômputo geral da sua vasta documentação, o que acontecia é que as delegações deixavam de preencher estes livros de registos); também se encontram acervos respeitantes às Minorias e Refugiados, aos Órgãos da Sociedade das Nações – Assembleia, Conselho e Secretariado, mas também relativamente ao Pacto da Sociedade das Nações, ou à lógica da *Pan-Europa* – uma ideia de União Europeia precoce, no final da década de 1920, momentos antes do *crash* bolsista ter lugar e que arrastou para o turbilhão de Genebra, os Estados-membros para que aclarassem as suas ideias de unidade comercial e económica no contexto europeu, algo desfasado da realidade mundial que era certamente a vocação da Liga das Nações, tal qual o diplomata Augusto de Vasconcelos não tardou em traçar –, todavia, o arquivo da Secretaria Portuguesa da SDN apresenta ainda outros acervos documentais, como Processos relativos à Sociedade das Nações (minutas que a Organização disponibilizava para serem preenchidas e que nos permitem aferir as diferentes fórmulas de negociações encontradas no espaço genebrino), ou ainda, aquilo que respeitava às proibições de importações e de exportações, atendendo à Conferências realizadas no final de década de 1920; sub-dividisse ainda nas disitintas publicações e comunicações oficiais da SDN, as quais eram endereçadas aos distintos Estados, ou sobre as Questões administrativas relativas ao Sarre, a Dantzig e à Bulgária, sobre as Questões Económicas e Financeiras levadas a Genebra, sobre as Questões Jurídicas de Codificação do Direito Internacional, sobre as Questões Políticas, relativamente às Questões Sociais e Humanitárias – tráfico de mulheres e de crianças, mas também sobre o Registo de convenções e ratificações, acordos, protocolos e tratados na Sociedade das Nações, sobre o Trabalho indígena forçado ou obrigatório, sobre o Tráfico de bebidas alcoólicas e espirituosas, sobre o Tribunal Permanente da Justiça Internacional, e, evidentemente, uma grande divisão relativa aos trabalhos da própria Secretaria Lusa, sendo que muita desta documentação, se encontra disponível, a título idêntico, na Biblioteca Nacional, em

Lisboa, embora segmentada de maneira diferente e não tão completa (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 26-81).

Por outro lado, convirá destacarmos alguns destes acervos, para compreendermos a sua tipologia variada, encontrando-se arquivados em capilhas por temáticas em cada uma das pastas anteriormente enunciadas. Por exemplo, o acervo respeitante à Comissão dos Mandatos encontra-se dividido em dois maços, sendo que o primeiro se refere aos propósitos estipulados pelo Pacto de 1922 e a Portugal, enquanto membro integrante; o destino dos territórios coloniais era assunto de particular relevância e apresentava-se como um desafio à posição portuguesa no contexto da Comissão, como se constata através do Arquivo existente que abarca outras vertentes da Comissão, a saber, as Actas das sessões, os relatórios dos trabalhos efectuados ao longo daquelas, as delimitações das fronteiras nos territórios mandatados, alguma da correspondência trocada entre as várias potências, a nomeação dos representantes dos diferentes Estados para as reuniões da Liga das Nações, tratando-se de uma pasta subordinada aos Mandatos, mas que nos habilita a compreender a geopolítica do mundo pós I Guerra Mundial, num âmbito temporal de 1920 a 1936, não obstante, a menção a datas ulteriores, apontadas com referência a determinados assuntos e temas em discussão nas sessões do primeiro ano (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 26-81).

Destacamos, identicamente, a exemplo, o acervo documental mais vasto que se entitula de "Questões Económicas e Financeiras": a documentação reporta-se ao final da década de 1920 e anos subsequentes, incidindo no início do decénio seguinte; contém dados sobre as negociações desenvolvidas no âmbito da S.D.N através dos respectivos comités, com o objectivo de formar um espaço europeu desprovido de barreiras alfandegárias e nas múltiplas capilhas que formam a pasta revelam-se as iniciativas bem como dificuldades respeitantes ao propósito de criar tréguas aduaneiras, sendo que a Conferência Preliminar, de 17 de Fevereiro de 1930, encontra-se particularmente documentada. Apresenta, similarmente, documentos sobre estatística, questões veterinárias, agrícolas – inclusive sobre o crédito agrícola – e a convenção de restrições sobre importações e exportações de 1927, denunciada por Portugal (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 40-42).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Porém, e como referido anteriormente, este conjunto de documentação requer uma análise dialogante, uma metodologia comparativa e complementar com os Espólios Pessoais, à guarda das restantes Instituições a que tivemos oportunidade de nos referir antes: para além de Augusto de Vasconcelos, que possuí um acervo documental composto por vinte e quatro caixas, onde se salientam as suas visões, também se encontram as suas posturas adoptadas, não raras as vezes contra as directrizes que Lisboa que enviava, agindo de maneira a conseguir o objectivo a que se propunha sem malquistar a sua relação pessoal com os diversos Executivos que vigoram no período corresponde à sua estada na Sociedade das Nações. Para além de Vasconcelos, apontamos o Espólio de Alfredo Augusto Freire de Andrade, que corresponde até 1929, ano da morte deste antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e personalidade marcante no contexto da Comissão dos Mandatos da SDN, que colocou às claras a postura portuguesa na sua correspondência pessoal, integrada no seu Acervo Pessoal, nomeadamente, sobra a existência de escravatura nas antigas colónias portuguesas, problema com que o país teria de lidar na Comissão de Mandatos, reconhecendo Freire de Andrade que Portugal negava o que era impossível contraditar: Freire de Andrade era directo na sua perspectiva de desavença do país para com os efeitos que a SDN deveria ser capaz de produzir, ou ainda sobre o clima social que se sentira em Lisboa, aquando da partida da nossa delegação para a Conferência da Paz de Paris – constituíndo-se um verdadeiro manancial de informações, mormente, o seu diário. Mas também, referimo-nos aos Espólios de José de Almada, consultor ultramarino do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que se encontra tratado na sua plenitude, contendo uma panóplia de relatórios inerentes à participação portuguesa na Sociedade das Nações e sobre as questões coloniais que significavam uma catástrofe para Lisboa e para os territórios coloniais, nas suas múltiplas perspectivas (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 66-68).

E apenas para elencarmos um dos principais Arquivos Pessoais enriquecedores sobre as diversas visões relativas a Portugal na SDN, presente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, encontra-se o Arquivo de Salazar, detalhadamente elaborado: este Arquivo, embora Oliveira Salazar (1889-1970) – antigo Presidente do Conselho de Ministro e rosto do Estado Novo – fosse manifestamente antagónico ao funcionamento da SDN, possui documentação detalhada sobre a actuação das nossas delegações, com especial relevo a partir do período correspondente a 1933,

momento em que o regime ditatorial se consolidava, não obstante, coincidir com a chegada de Portugal ao Conselho da SDN (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 69-70).

Considerações finais

Nesta linha, a investigação que tivemos oportunidade de apresentar, debruçou-se nos acervos documentais que, no cômputo geral, significam um trabalho de Arquivo e de Biblioteca exaustivo sob o ponto de vista daquilo que eram as insuficiências historiográficas na sua abordagem, ou pistas (in)visíveis, sendo necessária a elaboração de um roteiro de fontes até, então, por concretizar. Desta forma, o nosso trabalho significou uma elaboração desse mesmo roteiro (CARVALHO, Soraia Milene Marques, 2019, p. 26-81), um tratamento arquivístico que progressivamente nos permitiu interligar as diferentes fases do desempenho diplomático luso em Genebra, não obstante, as distintas visões dos nosso agentes diplomáticos nos referidos momentos políticos internos e externos; a análise foi concretizada em diálogo com as diferentes fontes que deixavam reservas, hipóteses entre si, ressalvando-se ainda o mau estado em que inúmera documentação nos chegou. Assim, o breve Roteiro de Fontes apresentado – o qual se encontra desenvolvido no nosso trabalho de mestrado – foi o resultado de uma metodologia crítica e comparativa entre fontes produzidas pelos agentes diplomáticos, pelos distintos ministros dos Negócios Estrangeiros que soçobram a pasta ministeral no período correspondente à existência da SDN, pela imprensa periódica nacional e internacional, não obstante, o lugar de destaque ocupado pela correspondência pessoal produzida nos períodos correspondentes, como meio necessário de percepções das reais preocupações e acções desencadeadas por quem participava nas negociações e/ou servia de intermediário/observador entre Lisboa, Genebra e as nossas Legações e Consulados na época; todas estas fontes históricas, que apresentam dinâmicas diferenciadas mediante a sua cronologia e a sua origem, são linhas condutoras necessárias entre si, que nos permitem reconstituir a presença lusa na SDN e, simultaneamente, compreender a sobrevivência de um Estado-fundador na Liga das Nações até ao desfecho da Organização Internacional e da transição do seu legado para a ONU.

Referências

ABREU, A. Moreira de. *A Liga das Nações*. Rua da Quitanda: Papelaria Brasil, 1919.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BETTENCOURT-RODRIGUES. *Vinte e Oito Mezes no Ministerio dos Negocios Estrangeiros*. Lisboa: Livraria Classica Editora, 1929.

BRANCO, Teresa Gomes. *A participação portuguesa na Sociedade das Nações (1920-1939): representantes nacionais e funcionários internacionais*. Universidade de Évora: 2013.

CARVALHO, Soraia Milene. O empréstimo financeiro solicitado por Portugal à Sociedade das Nações. *Estudos IDI/MNE*, [s. l.], 1-27, 2018.

CARVALHO, Soraia Milene. *A Sociedade das Nações: Europa, Portugal e Agricultura*. Universidade de Lisboa: 2019.

CARVALHO, Soraia Milene. Albert Thomas e a presença portuguesa no Bureau International du Travail: o Ministério de Bettencourt-Rodrigues e a OIT. *Cadernos Sociedade e Trabalho*, Lisboa, N.º 21, 177-188, 2021.

CARVALHO, Soraia Milene. Un diplomático en la guerra: las percepciones de Augusto de Vasconcelos en las legaciones portuguesas de Madrid y Londres y en la Conferencia de Paz, entre la neutralidad y la participación portuguesa en el conflicto (1914-1920). *Historia & Guerra*, [s. l.], N.º 4, 8-22, 2023.

CARVALHO, Soraia Milene. Da Monarquia Constitucional ao Estado Novo: Bettencourt-Rodrigues, o diplomata republicano do Pan-latinismo (1854-1933). *Revista Negócios Estrangeiros*, [s. l.], N.º 21, 84-105, 2021.

FERREIRA, José Medeiros. *A República Corrigida e Aumentada*. Lisboa: Edições 70, 2015.

MACMILLAN, Margaret. *Peacemakers*. Londres: John Murray, 2002.

TELO, António José. *Primeira República II – Como cai um regime*. Lisboa: Editorial Presença, 2011.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A CONSTRUÇÃO DE SINTAGMAS NOMINAIS COM ADJETIVOS: UM ESTUDO ACERCA DA INFLUÊNCIA DO INGLÊS (LE) SOBRE O PORTUGUÊS (LM)

Bianca Schmitz Bergmann[180]

Isabella Mozzillo[181]

Paula Fernanda Eick Cardoso[182]

Resumo: No Sintagma Nominal, os adjetivos podem ocupar variadas posições em relação ao nome e em relação a outros adjetivos. A diferença na posição ocorre tanto entre adjetivos de diferentes classificações quanto entre línguas, já que diferentes línguas apresentam diferentes posições canônicas do adjetivo (Borges Neto, 1979; Boff, 1991; Menuzzi, 1992; Cinque, 1994; Alexiadou, Haegeman e Stavrou, 2007; Brito e Lopes, 2016; Prim, 2017). Além disso, outros fatores podem influenciar a ordenação dos adjetivos, tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho foi analisar se o conhecimento de uma língua estrangeira (LE) — inglês — poderia influenciar a ordenação de adjetivos em língua materna (LM) — português. A partir das concepções de bilinguismo e influência linguística (Mozzillo, 2001; Cook, 2003; Grosjean, 2008; Megale, 2012; Altmisdort, 2016; Ferreira, 2018; Luque Agulló, 2020), foram selecionados dois grupos de participantes — monolíngues (português) e bilíngues (português e inglês). Os participantes responderam a um questionário e a um teste de construção de sintagma nominal com adjetivos. As respostas foram analisadas com base na revisão teórica, observando as diferenças e semelhanças entre as construções de monolíngues e bilíngues, bem como dos diferentes níveis de proficiência autodeclarada dos bilíngues. Os resultados demonstram diferenças sutis entre monolíngues e bilíngues, em alguns casos com preferências dos bilíngues pelo adjetivo anteposto em sintagmas cuja posição canônica do adjetivo seria a pós-nominal, reforçando a hipótese de influência do inglês sobre o português.

Palavras-chave: Adjetivos. Influência linguística. Sintaxe. Línguas em contato.

Introdução

De acordo com Perini (2000), o sintagma nominal tem uma estrutura muito mais rígida do que a oração. Ainda assim, alguns elementos podem ocupar diferentes posições, como é o caso dos adjetivos. Em português, alguns adjetivos podem ocupar apenas a posição pré-nominal (1); outros, apenas a pós-nominal (2); e outros, ainda, podem ocupar ambas as posições (3 e 4). Confira alguns exemplos:

(1) O **suposto** escritor do livro

(2) O espelho **redondo** da sala

[180] Mestra em Letras. Universidade Federal de Pelotas.
[181] Doutora em Letras. Universidade Federal de Pelotas.
[182] Doutora em Letras. Universidade Federal de Pelotas.

(3) Uma peça de teatro **encantadora**

(4) Uma **encantadora** peça de teatro

Em alguns casos, a mudança da posição do adjetivo pode acarretar mudança de sentido (como em (5) e (6)) ou interferência na gramaticalidade (como em (7) e (8)):

(5) A mulher **pobre**

(6) A **pobre** mulher

(7) Um moletom **azul**

(8) *Um **azul** moletom[183]

A gramaticalidade de uma construção é julgada pelos falantes nativos da língua. No entanto, uma mesma construção, como é o caso de sintagmas nominais com diferentes ordenações de adjetivos, pode ser considerada gramatical por alguns e agramatical por outros, demonstrando que há diferenças no grau de aceitabilidade ou gramaticalidade das construções. Essas diferenças podem estar relacionadas a diferentes fatores, como sexo, idade ou escolaridade.

Neste trabalho, a hipótese defendida é que o conhecimento de uma língua estrangeira possa influenciar na percepção de gramaticalidade e na construção de sintagmas nominais com adjetivos. Tal hipótese foi testada na pesquisa de Mestrado (Bergmann, 2023), cujo recorte é apresentado neste artigo.

Apesar de a hipótese ter sido construída em relação ao conhecimento de línguas estrangeiras de forma geral, decidiu-se por analisar apenas a influência do inglês sobre o português, devido à evidente diferença na posição canônica do adjetivo em português (pós-nominal) e em inglês (pré-nominal) e à identificação de diversos autores que abordam a relação entre os adjetivos em línguas românicas (como o português) e em línguas germânicas (como o inglês). Além disso, a hipótese foi levantada pensando na influência em todas as habilidades, no entanto, devido ao curto período de tempo para a realização do trabalho e à maior facilidade de aplicação dos instrumentos de coleta da modalidade escrita, optou-se por analisar apenas a produção escrita neste momento.

[183] Em todas as ocorrências, o asterisco (*) indicará que a construção é considerada agramatical em português.

Tendo em vista essa hipótese, o objetivo deste trabalho consistiu em analisar a influência do inglês como língua estrangeira (LE) sobre a ordenação de adjetivos em sintagma nominal (SN) em português como língua materna (LM).

Este trabalho se mostra relevante para o estudo sintático e para o estudo sobre a estrutura subjacente do português brasileiro, do sintagma nominal e, mais especificamente, da ordenação de adjetivos. Além disso, ao analisar a influência do inglês sobre o português, colabora-se com a descrição da relação entre as duas línguas, especialmente no nível sintático, contribuindo com a bibliografia de duas áreas linguísticas, Sintaxe e Línguas em Contato.

Outra contribuição deste trabalho deve-se ao número restrito de estudos acerca da influência de língua estrangeira sobre língua materna. Existem muitos estudos que abordam a influência da LM sobre o aprendizado da LE, porém, ainda há poucos estudos que se dediquem à influência no sentido contrário. Autores como Altmisdort (2016) e Luque Agulló (2020) corroboram essa afirmação de que há um número reduzido de estudos sobre esse tipo de influência e que, cada vez mais, esses estudos se mostram pertinentes como forma de se afastar do viés monolíngue e investigar características únicas na produção de usuários e aprendizes de línguas.

Sintaxe: classificação e ordenação de adjetivos

Diferentes autores dedicaram-se ao estudo dos adjetivos, incluindo a classificação desses elementos em grupos e definindo qual posição eles ocupam (ou costumam ocupar) nas estruturas nominais.

A posição canônica do adjetivo em línguas germânicas, como o inglês, é a pré-nominal; já em línguas românicas, como o português, a posição canônica é pós-nominal. Cinque (1994) busca explicar essa diferença da posição canônica do adjetivo em português e inglês. Segundo o autor, a posição de base dos APs[184] é a mesma tanto em línguas germânicas quanto em românicas, ou seja, à esquerda do nome. O que faz com que a posição canônica do adjetivo seja diferente é o

[184] *Adjective Phrase* ou Sintagma Adjetival.

movimento de N: nas línguas românicas, N pode alçar para um núcleo funcional intermediário entre N e D (determinante), o que não ocorre em línguas germânicas. Prim (2017), por sua vez, defende que os adjetivos são gerados à direita do nome, e que são eles que se movimentam para a posição pré-nominal (com exceção dos adjetivos exclusivamente pré-nominais), motivados pelo traço [+ específico] que pode estar presente em todos os determinantes.

Para Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), a maioria dos adjetivos que aparecem em posição pré-nominal em línguas germânicas aparecem em posição pós-nominal em línguas românicas. Assim, ocupariam a posição pós-nominal em português, segundo as autoras, os adjetivos descritivos (A janela **amarela**), avaliativos (A menina **bonita**), temporais (As inundações **recentes** no Rio Grande do Sul) e classificativos (O engenheiro **naval**). Os adjetivos intensionais/não intersectivos, por outro lado, só podem ocupar a posição pré-nominal em línguas românicas (como é o caso de "O **suposto** ladrão", por exemplo).

Boff (1991) classifica os adjetivos entre avaliativos e não avaliativos. Os avaliativos são usados para emitir opinião ou julgamento e podem aparecer em posição pré-nominal e pós-nominal (por exemplo, "Uma **linda** mulher/ Uma mulher **linda**"). Os adjetivos não avaliativos, que expressam propriedades inerentes ao nome, só podem ocupar a posição pós-nominal (como é o caso de "Um espelho **redondo**/ *Um **redondo** espelho). Segundo a autora, alguns processos podem adicionar o traço [+ avaliativo] a um adjetivo, como a sufixação de -íssimo, tornando-o avaliativo. Além disso, ela destaca a existência dos epítetos (apresentados por Cunha e Cintra (1985)), em que adjetivos não avaliativos são dispostos em posição pré-nominal como recurso literário, como em "As **brancas** nuvens".

De forma semelhante, Brito e Lopes (2016) classificam os adjetivos como qualificativos e avaliativos. Os qualificativos expressam propriedades objetivas, como dimensão, forma, cor e estado físico/mental. Geralmente aparecem em posição pós-nominal, tendo interpretação denotativa; na posição pré-nominal, têm interpretação conotativa. Os avaliativos, assim como os classificados por Boff (1991), expressam propriedades subjetivas e podem aparecer em ambas as posições em relação ao nome. Quando os dois tipos coocorrem, a ordem aceita é qualificativo > avaliativo. Além desses, as autoras também mencionam os adjetivos relacionais, que só ocupam a posição pós-nominal.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesse mesmo sentido, Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) distinguem adjetivos absolutos e não absolutos. Os absolutos denotam propriedades concretas do nome, não são graduáveis e só aparecem em posição pós-nominal em português. Os não absolutos denotam propriedades subjetivas do nome, geralmente expressando uma avaliação do falante, e podem aparecer tanto antes quanto depois do nome.

Os adjetivos absolutos podem ter função classificativa, categorizando o nome (por exemplo, em "Culinária **italiana**"), ou podem ser relacionais, relacionando o domínio do substantivo e o domínio do adjetivo, estabelecendo uma estreita relação entre ambos (por exemplo, em "Energia **nuclear**").

Menuzzi (1992) classifica os adjetivos em quatro grupos — categoremáticos, relacionais, referenciais e intensionais —, a partir da forma como adjetivos e nomes preenchem suas redes temáticas. Os adjetivos categoremáticos têm sentido independente do nome que modificam e, em posição pré-nominal, tornam-se núcleo do sintagma (por exemplo, "Um cantor **cego**/Um **cego** cantor").

Os adjetivos relacionais, quando em posição pré-nominal, são relativos ao nome (por exemplo, em "Uma **boa** esposa", a única interpretação é de que ela é boa como esposa). Quando em posição pós-nominal, podem ser relativos ao nome ou ter leitura abstrata (por exemplo, em "Uma esposa **boa**", é possível interpretar que ela é boa como esposa ou que é boa como pessoa).

Os adjetivos referenciais são os adjetivos gentílicos e só aparecem em posição pós-nominal (por exemplo, "A música **brasileira**/ *A **brasileira** música"). Os adjetivos intensionais só aparecem em posição pré-nominal e, para serem interpretados, consideram apenas a intensão do nome (por exemplo, "O **último** governo/*O governo **último**").

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) apresentam autores que defendem uma ordem universal dos adjetivos. Para Sproat e Shih (1987, 1991), os adjetivos mais "aparentes", ou seja, os mais "palpáveis", ficam mais próximos do nome, seguindo a ordem apresentada em (9) (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 310). Para Scott (1998), os adjetivos que denotam propriedades próprias do referente do substantivo ficam mais próximos do N do que os adjetivos que denotam propriedades subjetivas, seguindo a ordem apresentada em (10) (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 311):

(9) Quantificador > qualidade > tamanho > tamanho/cor > proveniência[185]

(10) Ordinal > cardinal > comentário subjetivo > qualidade > tamanho > comprimento > altura > velocidade > profundidade > largura > temperatura > umidade > idade > forma > cor > nacionalidade/origem > material

É importante destacar que essas ordenações foram baseadas no inglês, ficando o nome ao final de todos esses tipos de adjetivos. Como a posição canônica do adjetivo em português é oposta à do inglês, em português, essa ordem seria espelhada.

Cinque (1994) também propõe uma ordem universal, separando entre adjetivos modificadores de nomes que denotam eventos (11) e objetos (12) (Cinque, 1994, p. 96):

(11) Poss > Cardinal > Ordinal > Orientado para o falante > Orientado para o sujeito > Maneira > Temático

(12) Poss > Cardinal > Ordinal > Qualidade > Tamanho > Forma > Cor > Nacionalidade

Cinque (1994) ainda destaca que línguas cuja posição canônica do adjetivo é pós-nominal são o espelho de línguas cuja posição canônica do adjetivo é pré-nominal. Além disso, segundo o autor, línguas com ordem A+N+A (Adjetivo + Nome + Adjetivo) e línguas com ordem A+N (Adjetivo + Nome) têm a mesma ordem na base, porém, nas primeiras, o N alça sobre alguns APs mais baixos.

Cardoso (2023) apresenta alguns problemas para a proposta de Cinque (1994). Segundo ela, a proposta do autor sobre a ordenação de adjetivos de cor, nacionalidade, tamanho etc. apresenta falhas, pois ele parece estipular a ordenação dessas categorias. Apesar de haver preferência na ordem dos adjetivos, Cardoso (2023) defende que há liberdade de posicionamento dos modificadores, caso contrário, um SN como "Um espelho redondo chinês" (N > formato > nacionalidade) seria agramatical, mas não é o que parece ocorrer.

[185] Todas as traduções do original em italiano e em inglês, presentes neste trabalho, são tradução nossa.

Outro questionamento levantado por Cardoso (2023) refere-se à teoria de Cinque de que, quando o N se move, leva consigo o AP mais próximo. Segundo a autora, isso nem sempre ocorre, caso contrário, seria agramatical uma construção como “Três pratos ótimos tradicionais franceses”.

Como pôde ser observado nesta subseção, há diversos autores dedicados ao estudo dos adjetivos. Cada proposta contribui de alguma forma para o estudo desses elementos no Sintagma Nominal.

Línguas em contato: bilinguismo e influência translinguística[186]

O bilinguismo é definido de diversas formas por diferentes autores. Para Macnamara (1967 *apud* Megale, 2012), é considerado bilíngue o indivíduo que domina pelo menos uma das quatro habilidades linguísticas em uma língua estrangeira. Li Wei (2000 *apud* Megale, 2012) também defende que o bilinguismo não está condicionado ao grau de proficiência ou ao uso, mas é definido apenas por possuir duas línguas. Maher (2007 *apud* Megale, 2012) corrobora essas definições, destacando que o bilíngue não apresenta comportamentos idênticos nas duas línguas, mas seu uso varia dependendo das circunstâncias e da necessidade.

Mozzillo (2001) observa que o conceito de bilinguismo é muito amplo e, por isso, envolve indivíduos de diferentes níveis, desde aprendizes iniciantes de uma segunda língua ou indivíduos que dominam apenas uma das competências até indivíduos que que usam uma segunda língua como nativos e aqueles que, mesmo dominando todas as competências, não se passam por nativos. Mackey (1968) ainda afirma que, para analisar um bilíngue, muitas questões devem ser levadas em consideração, incluindo o grau/domínio das línguas; o uso de cada uma das línguas; a alternância e a interferência entre as línguas.

Neste trabalho, considera-se o conceito de Grosjean (2008) de bilinguismo. Para ele, bilíngue é aquele que usa duas ou mais línguas com regularidade. O autor afirma que o bilíngue

[186] Neste trabalho, escolhemos usar o termo "influência", já que "interferência" e "transferência" transmitem um sentido negativo para a relação entre as línguas, de acordo com Ferreira (2018). Porém, ao mencionar autores que tratam do assunto, mantemos a nomenclatura utilizada por cada obra.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

utiliza suas línguas para diferentes finalidades e, por isso, não precisa performar em todas as habilidades (leitura, escrita, compreensão e fala).

A partir desse ponto, partimos para a discussão sobre o que é e como ocorre a influência translinguística. Cook (2003) apresenta cinco diferentes modelos que buscam explicar a relação entre a primeira e a segunda língua: no modelo de separação, as línguas ficam completamente separadas, sem qualquer conexão entre elas; nesse caso, como não há contato entre as línguas, a possibilidade de influência é completamente descartada. No modelo de integração, as línguas formam um sistema único, em que o usuário precisa escolher qual idioma usar em cada situação; nesse modelo, também não há influência, já que as duas línguas estão em um mesmo sistema. No modelo de línguas conectadas, existe influência entre dois sistemas linguísticos separados na mesma mente, com conexões podendo ocorrer em ambas as direções. No modelo de integração parcial, dois sistemas linguísticos se sobrepõem parcialmente na mesma mente, havendo conexões em ambos os sentidos, porém apenas em uma área específica, que pode ser sintática, lexical, fonética, etc. O modelo do contínuo de integração envolve todos os modelos anteriores e defende que não há direção do movimento e que pode envolver apenas algumas áreas do sistema linguístico.

Grosjean (2008) defende que os bilíngues estão em um *continuum* situacional entre os modos monolíngue e bilíngue: no modo monolíngue, o indivíduo se comunica com monolíngues em uma de suas línguas; no modo bilíngue, o indivíduo se comunica com outros bilíngues, utilizando uma ou mais de suas línguas. Como a desativação de uma das línguas raramente é total, ocorrem as interferências entre as línguas do indivíduo. Segundo o autor, a interferência pode ser estática, quando traços permanentes de uma língua refletem na outra; ou dinâmica, quando a influência é momentânea sobre a outra língua.

Dentre os tipos de influência, vamos nos deter à influência reversa, ou seja, a influência de LE sobre LM. Conforme mencionado anteriormente, ainda há um número restrito de estudos voltados para a influência nesse sentido, mas cada vez mais pesquisas têm se voltado para esse objeto.

De acordo com Cook (2003), a influência de L2 sobre L1 pode ser positiva, uma vez que aprender outra língua funciona como um treinamento cerebral e estudos já têm mostrado que

bilíngues, inclusive, apresentam habilidades metalinguísticas melhores que monolíngues. Por outro lado, a influência reversa pode ser negativa quando o indivíduo aumenta sua habilidade de uso da L2 a tal ponto que perde suas habilidades na L1, no entanto, esse é um caso de situações bem específicas. Segundo o autor, muitos casos de influência de L2 sobre L1 são apenas diferenças entre as línguas, "os usuários da L2, em certo sentido, simplesmente têm um comando diferente da L1, que não pode ser elogiado nem reprovado" (Cook, 2003, p. 13).

Tendo como base todo esse aporte teórico relacionado ao Sintagma Nominal, à ordenação de adjetivos, ao bilinguismo e à influência translinguística, passamos à apresentação da metodologia e dos resultados desta pesquisa.

Metodologia

Esta pesquisa enquadra-se na tipologia de metodologia qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), uma vez que não se pretende realizar generalizações estatísticas, mas pesquisar um caso específico, buscando compreender o fenômeno da ordenação de adjetivos, sem afirmar que os resultados obtidos se apliquem a todos os casos.

O estudo faz parte do projeto de pesquisa guarda-chuva coordenado pela Profa. Dra. Isabella Mozzillo "Contato linguístico: fenômenos, políticas e ideologias", registrado sob o número 2281 na UFPel[187]. Além disso, foram observados todos os preceitos éticos na aplicação dos instrumentos de pesquisa, incluindo assinatura de termo de consentimento e possibilidade de deixarem de participar da pesquisa a qualquer momento.

Os participantes da pesquisa eram estudantes de cursos de graduação em Letras de uma instituição pública de ensino superior do Rio Grande do Sul, nas habilitações em Português e Português e Inglês. A partir das respostas aos instrumentos de pesquisa, os participantes formaram três grupos: os monolíngues, que responderam conhecer apenas o português; os bilíngues português/inglês, que responderam conhecer português e inglês, independentemente de conhecerem outras línguas ou não; e os bilíngues que conheciam outras línguas estrangeiras, que

[187] O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o número 29953120.0.0000.5317.

não eram o inglês (as respostas desse terceiro grupo foram desconsideradas). Essa divisão foi realizada com base no que Grosjean (2008) considera como bilíngue, ou seja, quem usa duas ou mais línguas com regularidade. Reconhecemos, ainda, que mesmo os monolíngues podem ter tido algum contato com a língua inglesa, porém, considerou-se as respostas dos participantes para a divisão dos grupos.

Além disso, os participantes bilíngues português/inglês também foram subdivididos entre seus níveis de proficiência autodeclarada em escrita em inglês entre básico, intermediário e avançado. Essa subdivisão não estava prevista no início do trabalho, mas se mostrou pertinente no decorrer das análises. No entanto, devido ao limite de extensão deste artigo, não serão observadas as análises realizadas quanto a esses níveis.

Os instrumentos de coleta de dados foram aplicados presencialmente às turmas dos participantes, após contato e autorização do professor responsável pela turma. Os participantes responderam a um questionário, que incluía questões abertas e de múltipla escolha sobre sexo, idade, curso e semestre. Além disso, foi questionado sobre qual/quais a(s) língua(s) materna(s) do participante e, sobre cada uma das demais línguas que conhecesse: se usava com regularidade, em quais circunstâncias usava, como a adquiriu e qual o nível de leitura, escrita, compreensão e fala na língua estrangeira.

Além do questionário, os participantes responderam a uma atividade de composição de SN com adjetivos. A atividade consistia em diversos sintagmas nominais incompletos, juntamente com um ou mais adjetivos dispostos em ordem alfabética, em que o participante, usando sua intuição linguística, deveria dispor da maneira que julgasse mais natural. Foi explicitado aos participantes que poderia haver mais de uma ordenação possível, nesses casos, eles poderiam registrar quantas achassem válidas.

Após coletados os dados presencialmente, foram organizados no *Google Forms*, permitindo uma melhor sistematização e visualização das respostas. Com os dados organizados, partiu-se para a análise das respostas, tendo como base os autores apresentados no referencial teórico.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análises e resultados

O número total de participantes foi de 58, dos quais 41 declararam-se do sexo feminino; 15 do sexo masculino; 1 neutro; e 1 travesti. 30 participantes eram do curso Letras – Português e Inglês; 26 do curso Letras – Português; 1 do curso Letras – Redação e Revisão de Textos; e 1 do curso Letras – Tradução Inglês e Português.

A língua materna de 54 participantes é apenas o português, enquanto quatro declararam ter mais de uma língua materna: além do português, inglês (2 participantes); pomerano (1 participante) e japonês (1 participante). Do total de participantes, 10 usam apenas o português; 44 conhecem inglês; e 28 conhecem espanhol. Além dessas, outras línguas foram citadas: Libras (1), pomerano (1), francês (4), japonês (2), coreano (2), latim (1), italiano (1) e klingon (1).

Assim, os grupos de participantes foram constituídos da seguinte forma: 10 monolíngues (português); 44 bilíngues (português/inglês), dos quais 11 declararam nível básico de escrita em inglês; 22, nível intermediário; e 11, nível avançado. Além disso, temos o grupo de bilíngues de outras línguas, formado por 4 participantes, o qual, conforme já mencionado, não foi analisado.

A partir das análises das respostas na atividade de construção de SNs, foi possível perceber diferenças entre as respostas de monolíngues e bilíngues, em alguns casos diferenças mais sutis; em outros, diferenças mais significativas. Em muitos dos sintagmas analisados, notou-se uma possível inclinação dos monolíngues pela disposição do adjetivo em posição pós-nominal, canônica em português, e dos bilíngues pela disposição do adjetivo em posição pré-nominal, canônica em inglês. Essa preferência, em muitos casos, foi sutil, mas possibilitou a observação de uma das hipóteses do trabalho, que era justamente a de que os bilíngues apresentariam preferência pela posição pré-nominal em sua LM, seguindo a ordem canônica da sua LE.

Além disso, embora os bilíngues não tenham disposto o adjetivo sempre em posição pré-nominal, algumas observações destacaram-se, nos levando a refletir sobre a possibilidade de influência do inglês sobre o português. Primeiramente, em alguns casos, apesar de ambos os grupos preferirem a posição pós-nominal, é possível notar que, além dessa resposta, muitos bilíngues também apresentaram possibilidades de resposta com o adjetivo em posição pré-

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

nominal, as quais não foram identificadas pelos monolíngues. Isso nos leva a refletir sobre a possibilidade de que os bilíngues percebam com mais naturalidade opções com o adjetivo anteposto, o que pode resultar da influência do inglês sobre o português.

Em segundo lugar, algumas questões da atividade destacaram-se pela diferença entre respostas de monolíngues e bilíngues. Enquanto algumas respostas com o adjetivo anteposto seriam bem aceitas/naturais em português, essas construções destacaram-se pelo fato de que seriam improváveis em português. Além disso, essas construções inesperadas em português tiveram uma grande diferença no número de respostas entre monolíngues e bilíngues, demonstrando que, para os bilíngues, elas seriam gramaticais/naturais.

O SN "Três ótimos tradicionais pratos franceses", foi registrado por 1 monolíngue e 6 bilíngues. Apesar de "ótimos" e "tradicionais" poderem anteceder o nome em português, há dois adjetivos na posição pré-nominal, o que é muito raro na língua. O SN "A italiana invasão da França", foi apresentado por 3 bilíngues, mas não houve registros no grupo monolíngue. Nesse caso, o adjetivo gentílico "italiana" ocupa uma posição que não é a esperada pelos autores, que defendem a posição pós-nominal para esse tipo de adjetivo (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007; Brito; Lopes, 2016; Menuzzi, 1992).

O SN "Uma redonda mesa chinesa" foi apontado por 15 bilíngues e apenas 3 monolíngues, semelhante ao SN "Uma retangular porta marrom", que teve 13 respostas no grupo bilíngue e apenas 2 no grupo monolíngue. Em ambas as construções, temos os adjetivos de forma, "redonda" e "retangular", classificados como não avaliativos (Boff, 1991), absolutos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) e qualificativos (Brito; Lopes, 2016), já que expressam propriedades concretas/objetivas do nome. Para esses autores, esses adjetivos só ocupariam a posição pós-nominal em português, no entanto, não é o que percebemos nessas construções: 15 bilíngues consideraram natural a construção com o adjetivo "redonda" anteposto e 13 consideraram natural a construção com o adjetivo "retangular" anteposto.

Apesar de não podermos afirmar categoricamente que haja influência do inglês sobre o português, devido ao número reduzido de participantes e aos diversos fatores que podem ter influenciado as respostas, tais evidências nos levam a refletir sobre essa possibilidade de influência reversa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

O presente trabalhou buscou analisar como monolíngues e bilíngues constroem sintagmas nominais com um ou mais adjetivos, observando se há influência do inglês (LE) sobre o português (LM). Reconhecemos que o estudo foi desenvolvido com uma amostra restrita de participantes e, por isso, os resultados não são generalizáveis. No entanto, eles podem levantar possibilidades e tendências para esse fenômeno da influência reversa na ordenação de adjetivos.

Apesar das limitações, este trabalho pode ser pioneiro para futuros estudos na área, que envolvam uma pesquisa maior, com corpus mais robusto. Ainda assim, esta pesquisa contribui para a análise do português brasileiro sob diversos aspectos e fenômenos: sintagma nominal, ordenação de adjetivos, bilinguismo e influência translinguística.

A pesquisa também contribui para o agir profissional de professores de línguas, tanto materna quanto estrangeira, que lidam com textos de estudantes monolíngues e bilíngues e que podem, em certa medida, ter suas produções influenciadas por outras línguas. Além disso, contribui para o agir profissional de revisores e tradutores, que também podem lidar com textos influenciados por outras línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. **Noun Phrase in the Generative Perspective** (Studies in Generative Grammar 71). Berlin: Moutoun de Gruyter, 2007. p. 283-354.

ALTMISDORT, Gonca. The Effects of L2 Reading Skills on L1 Reading Skills through Transfer. **English Language Teaching**, Canadian Center of Science and Education, v. 9, n. 9, p. 28-35, 2016. Disponível em: https://www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/view/61353. Acesso em 22 mar. 2023.

BERGMANN, Bianca Schmitz. **A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal no português brasileiro (LM)**. 2023. 193 p. Dissertação (Mestrado em

Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

BOFF, Alvana Maria. **A posição dos adjetivos no interior do sintagma nominal:** perspectivas sincrônica e diacrônica. 1991. 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRITO, Ana Maria; LOPES, Ruth. The Structure of DPs. *In*: WETZELS, Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (EDS). **The handbook of Portuguese Linguistics**, p.254-274, 1. ed. John Wiley &Sons, Inc., 2016.

CARDOSO, Paula Fernanda Eick. **Os adjetivos nos sintagmas nominais do português brasileiro**. 2023. 98 f. Tese (Promoção funcional em Letras) - Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. *In*: CINQUE, Guglielmo; KOSTER, Jan; POLLOCK, Jean-Yves.; RIZZI, Luigi. **Paths Towards Universal Grammar**. Washington (D.C.): Georgetown University Press, 1994, p. 85-110.

COOK, Vivian. Introduction: The changing L1 in the L2 user's mind. Tradução de Beatriz Shizue Chayamiti. *In*: COOK, Vivian (Ed.). **Effects of the Second Language on the First**. Multilingual Matters, Clevedon, 2003.

FERREIRA, Renan Castro. **Similaridades translinguísticas entre português e inglês e os phrasal verbs**: a percepção de aprendizes de inglês-LE. 2018. 135 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GROSJEAN, François. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG**. Ano X, nº 5, p. 163-176, dezembro 2008.

LUQUE AGULLÓ, Gloria. Unintentional Reverse Transfer from L2 (English) to L1 (Spanish) em Tertiary Levels. **International Journal of English Studies**, Universidad de Murcia, v. 20, n.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

3, p. 57-76, 2020. Disponível em: https://revistas.um.es/ijes/article/view/406901. Acesso em: 29 mar. 2023.

MACKEY, William F. The Description of Bilingualism. *In*: FISHMAN, Joshua A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilíngue, eu? Representações de sujeitos bilíngues falantes de português e inglês. **Revista X**, Curitiba, v. 2, p. 243-263, 2012. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/28181

MENUZZI, Sergio. **Sobre a Modificação Adjetival do Português**: uma teoria da projeção dos adjetivos. 1992. 202f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

MOZZILLO, Isabella. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. *In*: VETROMILLE-CASTRO, Rafael; HAMMES, Walney Joelmir. **Transformando a sala de aula, transformando o mundo**: ensino e pesquisa em língua estrangeira. Pelotas: Educat, 2001. p. 289-325. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Transformando_a_Sala_de_Aula.pdf

PERINI, Mario. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PRIM, Cristina de Souza. Os adjetivos qualificativos presentes nos DPs referenciais do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 9-43, 2017. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10939. Acesso em 10 maio 2023.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TRAFICANTES BRUXOS, CRIANÇA DE RUA E UMA MULHER OBSERVADORA: APONTAMENTOS SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA NO CONTO "O MENINO SUJO", DE MARIANA ENRIQUEZ

Janaína Monteiro[188] (UERJ)

Resumo: Este trabalho visa apresentar o estudo de uma vivência urbana feminina delineada pelo medo. Para tal proposta, usaremos os relatos de trajetória espacial da protagonista do conto "O menino sujo", presente no livro *As coisas que perdemos no fogo* (2016), de Mariana Enriquez. Através das cenas que retratam o habitar de uma personagem mulher em um bairro marcado pela presença de gangues, roubos, assassinatos, traficantes bruxos e crimes perversos, detalharemos alguns aspectos fundamentais acerca das ações internalizadas pela personagem para lidar com as variadas formas de violência no espaço público. Assim, de acordo com as noções de espaço literário e representação (Gomes, 2008), utilizamos os estudos de gênero e cidade (Kern, 2021) para guiar nossa interpretação sobre corpo e lugar, identificando, dessa forma, diversos símbolos comportamentais do sujeito moderno diante do perigo (Bauman, 2006), além disso, também importou considerar as postulações decorrentes do exercício do olhar (Sartre, 1943), uma vez que trata-se de uma investigação referencial entre sujeito, ação e outros indivíduos. Portanto, por meio de uma análise multifocal, verificamos que determinados atos da vida urbana alteram profundamente os níveis interacionais entre a protagonista e os objetos referenciais, dessa forma, as reações da personagem-narradora diante das problemáticas sociais abordadas formam um quadro crítico entrelaçado de códigos culturais, realidade e literatura.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Cidade. Literatura. Mariana Enriquez.

Introdução

É por meio da temática da violência que a autora argentina Mariana Enriquez apresenta a experiência urbana de uma mulher em um dos bairros mais perigosos de Buenos Aires. Constitución é o cenário escolhido como plano de fundo para o conto "O menino sujo", presente no livro *As coisas que perdemos no fogo* (2016). O conto apresenta o choque de vivência urbana entre duas personagens fundamentais do enredo, uma mulher de classe média e um menino de rua.

Ao longo de nossa análise, veremos que toda a construção espacial é elaborada através da dupla significação do ambiente para essas duas personagens. Para a mulher o local é interpretado pelo viés do afeto, pela busca de pertencimento, já para o menino o local é um espaço qualquer de um despertencimento contínuo, e assim, a narrativa se configura pelo imaginário de um bairro indesejado, cuja marca da violência se confunde

ao caráter íntimo do saudosismo e ao caráter coletivo da tradição. Em *As coisas que perdemos no fogo* (2016), a qualidade do realismo se mostra em detalhes como a

[188]Mestranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integrante do Projeto de Pesquisa "Estilhaços da cidade aproximações e afastamentos entre a literatura urbana na modernidade (1900-1920) e na contemporaneidade (2000-2020)".

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

nomeação de ruas e a descrição de elementos urbanos e socioculturais típicos de Buenos Aires. A autora explica:

> Todas as situações dos contos, esses personagens, essas experiências dos rincões da cidade são bastante próximas de mim. Buenos Aires é uma cidade muito linda, espetacular, não é tão fácil ver seus cantos obscuros. Mas, se você vive aqui, não é difícil identificá-los. A Argentina é um país com crises econômicas cíclicas. A cada dez anos, mais pessoas são marginalizadas (O Globo, 2017, s.p.).

Esse tom de violência, cujo aspecto é estrutural, é mostrado, no conto que iremos tratar, em subtextos sobre a crise econômica argentina e por meio de um certo fascínio envolvido em práticas religiosas locais. Diante desse quadro narrativo emblemático, nossa atenção se voltou para o protagonismo feminino nesse local adverso, o qual se configura, diante de uma realidade brutal, como plano de fundo determinante das relações referenciais.

Nos estudos de cidade e literatura, entende-se que a referência é constituída por meio da legibilidade da cidade, tal noção, de acordo com Renato Cordeiro Gomes (2008), é marcada pela multiplicidade de leitura, isso quer dizer que "construir possíveis leituras é descrever e articular os fios secretos e descontínuos do discurso da cidade" (Gomes, 2008, p. 21). Em nossa investigação, entendemos que o discurso citadino do conto é muito marcado pelas atividades reativas de ação e reação, par este condicionado pelas dinâmicas violentas presentes no bairro retratado, assim, ação e a reação se provam como atitudes características da postura de vigilância, a qual, por sua vez, é definida por Zygmunt Bauman como algo intrínseco ao estilo de vida do sujeito moderno:

> O que mais amedronta é a ubiquidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. (Bauman, Zygmunt, 2008, p. 11).

Isto posto, demonstraremos como o medo da violência é a leitura referencial que guia a experiência urbana da protagonista, os elementos relacionais são fundamentais para compreendermos a relação sujeito-espaço. Dessa maneira, entendemos, conforme os estudos de gênero e geografia elaborados pela professora Leslie Kern (2021), que a realidade e a retratação do experimentar urbano ocorrem de forma distinta para homens e mulheres. Diante de tal fato, mostra-se relevante a observação sobre como o espaço narrativo desafia o pertencimento urbano

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

da protagonista, primeiro porque no plano da representação, temos a análise das realidades entre cidade e gênero, e segundo porque no plano da convenção literária, existe uma certa tendência de selecionar personagens masculinas para a tipificação do sujeito que desbrava locais adversos ou que lida com crimes urbanos.

Pelas ruas de Constitución

Nosso passeio investigativo se desenrola através da análise do percurso citadino feminino apresentado no conto "O menino sujo", de Mariana Enriquez. A narrativa informa, logo no início, a localização do espaço dentro da cidade: a rua Virreyes, no bairro Constitución, em Buenos Aires. A narradora, em primeira pessoa, explica que sua decisão de morar na antiga casa de seus avós, com "portas de ferro pintadas de verde", com "detalhes *art déco* e antigos mosaicos no chão (Enriquez, 2017, p. 1), causou espanto em sua família, e isso pela condição atual da localidade. É informado que:

> Constitución é o bairro da estação dos trens que vêm do sul para a cidade. Foi, no século XIX, uma região onde vivia a aristocracia portenha, o que explica a existência dessas casas, como a da minha família — e há muitas outras mansões convertidas em hotéis ou asilos ou ruínas do outro lado da estação, em Barracas. Em 1887, as famílias aristocráticas fugiram para o norte da cidade a fim de escapar da febre amarela. Poucas voltaram, quase nenhuma. [...] o bairro ficou marcado pela fuga, pelo abandono, pela condição de indesejado (Enriquez, Mariana, 2017, p. 1).

Para além dessa caracterização primeira sobre a estética, os tipos sociais que ali se instalaram e a breve história da formação e atualização sobre o local, há um detalhamento de algumas estratégias envolvidas no movimento de se deslocar pelas ruas desse bairro:

> Se a gente sabe se mover, se entende as dinâmicas, os horários, não é perigoso. Ou é menos perigoso. Sei que nas noites de sexta-feira, se me aproximar da praça Garay, posso acabar no meio de alguma briga entre vários oponentes possíveis: os pequenos traficantes da rua Ceballos que defendem seu território de outros ocupantes e perseguem eternos devedores; os viciados que, descerebrados, se ofendem por qualquer coisa e reagem atacando com garrafas; as travestis bêbadas e cansadas que também cuidam do seu espaço. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 2).

E mais:

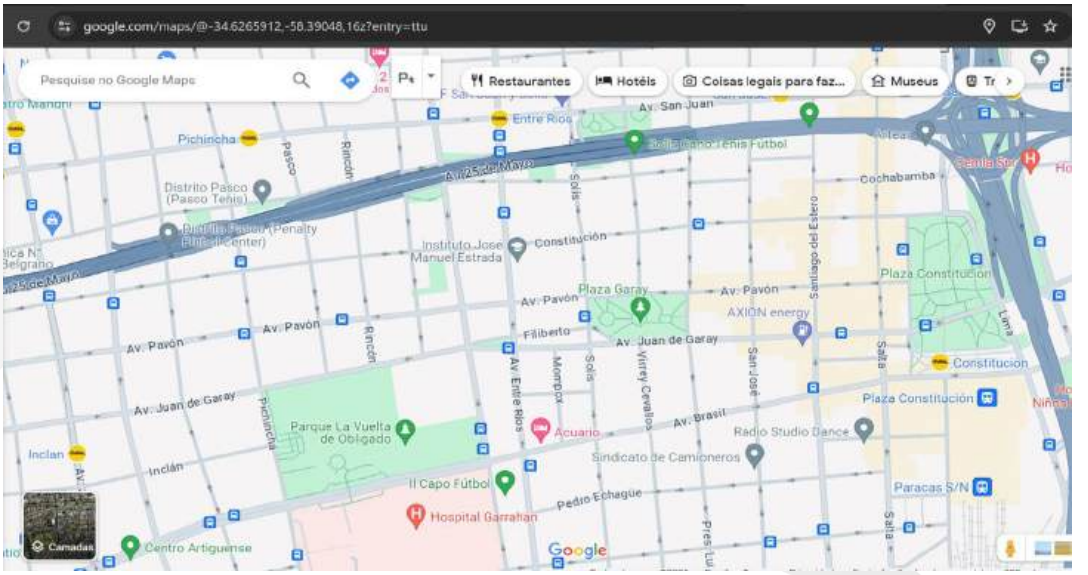
> Sei que, se voltar para casa caminhando pela avenida, estarei mais exposta a um roubo do que se regressar pela rua Solís, apesar de a avenida ser bem iluminada e a Solís ser escura, porque tem poucas lâmpadas e muitas estão quebradas; é preciso conhecer o bairro para aprender essas estratégias. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 2).

No plano cartográfico real do bairro, é possível identificar algumas das localizações mencionadas pela autora, como a rua Solís, a praça Garay e a rua Ceballos:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 1 - O mapa de Constitución



Fonte: Google Maps.

Esse acréscimo de pontos espaciais verídicos auxilia, dentro da construção narrativa, na formação de uma ambientação possível, fazendo com que o leitor experimente diversas sensações do campo da probabilidade, gerando, assim, um suspense que acompanha toda a experiência de leitura. Os relatos de choque e estranhamento da personagem se tornam, dessa maneira, mais sensíveis ao leitor, evidenciando a excelência descritiva da autora em representar aspectos negativos referentes aos relatos urbanos de violência.

Nesse início do enredo, a protagonista faz questão de pontuar que foi furtada duas vezes e nas duas situações os assaltantes eram meninos que passavam correndo, arrancaram a bolsa dela e depois jogaram a personagem no chão. Ela relata, também, a ineficácia de levar o caso para a polícia, pois esses agentes que deveriam assegurar a ordem e segurança na esfera pública, na verdade, permitiam, através de um acordo, que os meninos fizessem as atividades de furto na avenida, ou seja, três quarteirões eram liberados para o ato criminoso.

O deslocamento pelo bairro, revela-se, portanto, desafiador. Diante dessa realidade, a narradora utiliza determinadas dinâmicas relativas ao modo de se deslocar pela região, diz ela que: “há alguns códigos para que a gente possa se movimentar com tranquilidade nesse bairro, e eu os manejo perfeitamente, ainda que, claro, o imprevisível sempre possa acontecer” (Enriquez, 2017, p. 2), de acordo com ela “é questão de não ter medo, de contar com alguns amigos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

imprescindíveis, de cumprimentar os vizinhos mesmo que sejam delinquentes — especialmente se forem delinquentes —, de caminhar com a cabeça erguida, prestando atenção" (Enriquez, 2017, p. 2).

Nota-se que a personagem principal possui um discurso quase que neutralizador sobre as periculosidades do bairro, ela assume em certo momento: "gosto do bairro. Ninguém entende por quê. Eu, sim: faz com que me sinta certeira e audaz, desperta." (Enriquez, 2017, p. 2). Adiante na narrativa, a personagem aponta que no bairro há uma forte presença de moradores de rua, nas proximidades de sua casa, na praça Congresso, concentram-se a maior parte dos desabrigados,

> ali, bem em frente aos edifícios legislativos, há um verdadeiro acampamento, laboriosamente ignorado mas ao mesmo tempo tão visível que, a cada noite, grupos de voluntários dão comida às pessoas, checam a saúde das crianças, distribuem mantas no inverno e água fresca no verão. Em Constitución, a população de rua fica mais abandonada, poucas vezes chega ajuda. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 2).

Outra cena urbana percebida por ela é a existência de um edifício todo tapado, com portas e janelas vedadas com tijolos, visando evitar, assim, algum tipo de ocupação. Nesse edifício, localizado na esquina da rua da protagonista, vive uma mulher jovem grávida de aparência bem magra e seu filho que aparenta ter a idade de cinco anos. A narradora cita que o menino não frequenta a escola e passa o dia pedindo dinheiro em troca da distribuição de santinhos de Santo Expedito:

> Sei disso porque uma noite, quando voltava do centro para casa, eu o vi no vagão. Tem um método muito inquietante: depois de oferecer o santinho aos passageiros, obriga-os a dar-lhe a mão, um aperto breve e ensebado. Os passageiros reprimem a pena e o asco: o menino está sujo e cheira mal, mas nunca vi ninguém suficientemente piedoso a ponto de tirá-lo do metrô, levá-lo para casa, dar-lhe um banho, ligar para um assistente social. As pessoas lhe dão a mão e compram o santinho. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 3).

Nesse ponto de análise da narrativa, já se pode perceber que a protagonista é uma moradora que se desloca e habita o espaço do seu bairro sem desperceber o seu entorno, os relatos evidenciam consciência na atividade do olhar, por exemplo, ela sabe que o menino e a mãe dormem em exatamente três colchões extremamente gastos e que por isso acabam não tendo nem mesmo a altura de um único colchão, ela sabe também que a mãe do garoto guarda as roupas em sacos pretos de lixo. A narradora salienta que não gosta da mãe do menino, chegando a fazer tal confissão: "não só por sua irresponsabilidade, ou porque fuma crack e a cinza queima a barriga de grávida, ou porque eu jamais a tenha visto tratar com amabilidade seu filho, o menino sujo" (Enriquez, 2017, p. 3). É interessante notar que diante da decisão de morar na localidade em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

questão, a protagonista se vê confrontada pelo fato de que a violência pode afetar seu pertencimento, ela confessa:

> Não quero escutar as histórias de terror do bairro, que são todas inverossímeis e críveis ao mesmo tempo e que não me dão medo, pelo menos de dia. À noite, quando tento terminar trabalhos atrasados e fico acordada em silêncio para me concentrar, às vezes me lembro das histórias contadas em voz baixa. E me certifico de que a porta da rua esteja bem trancada, assim como a da sacada. E às vezes fico olhando a rua, sobretudo a esquina onde dormem o menino sujo e sua mãe, totalmente quietos, como mortos sem nome. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 4).

Verifica-se que a experiência urbana da personagem principal é muito caracterizada pelo constante estado de alerta e pela atividade de observação, essa postura de vigilância denuncia aquilo, explicado por Bauman (2008), de que os outros e os espaços aflitivos são entendidos, dentro das grandes cidades, como fonte de ameaça, ou seja, pessoas e lugares formam o conjunto referencial da ubiquidade dos medos.

No decorrer da narrativa, o contato visual deixa de ser exclusivo e a protagonista acaba interagindo com o garoto, ela e o menino caminham juntos, saindo da estação. Durante esse percurso, a personagem faz algumas perguntas ao jovem menino, para saber a idade, o nome, mas o garoto nada responde, o único momento de fala dele foi um “tchau, vizinha”, seguido da resposta dela com um “tchau, vizinho”. Aqui, é fundamental perceber que ambos se entendem como moradores do mesmo contexto espacial ao se referenciarem como ‘vizinhos’, ambos se reconhecem como parte daquele espaço, ela habitando a saudosa casa de seus avós, e ele, por sua vez, desabitado, morando na rua.

Há também um segundo relato de interação entre ela e o garoto, em uma outra noite, a campainha dela toca e quem estava em sua porta era o menino sujo. Ela resolve deixar o garoto entrar e logo percebe que ele havia chorado, fazendo tal constatação através da marca de lágrimas que se destacavam no rosto encardido dele. Durante a visita, o menino conta que sua mãe não havia voltado, a protagonista oferece comida e ele aceita, ela faz algumas indagações ao garoto, mas ele dá de ombros, o que acaba irritando a personagem principal, fazendo com que ela se sentisse envergonhada por criar expectativa sobre as reações dele para com ela, ela decide, então, levar o garoto para tomar um sorvete, segue a cena:

> Eu tinha um pouco de medo de sair tão tarde, ainda por cima para a avenida, mas a sorveteria costumava ser território neutro; quase nunca havia roubos ali, tampouco brigas. Não levei carteira e guardei um pouco de dinheiro no bolso da calça. Na rua, o menino sujo me deu a mão e não o fez com a indiferença com que cumprimentava os compradores de santinhos no metrô. Agarrou bem forte. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 5).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Para chegar ao local a protagonista escolhe a rua Ceballos, "uma rua estranha, que podia ser silenciosa e tranquila em algumas noites. As travestis menos esculturais, mais gordinhas ou mais velhas escolhiam essa rua para trabalhar" (Enriquez, 2017, p. 6), ela nota que o menino estava descalço e caminhando normalmente, o que causa nela uma preocupação, pois por ali "nas calçadas costumava haver cacos de vidro de garrafas quebradas" (Enriquez, 2017, p. 6). Durante esse percurso para a sorveteria, a narradora repara que naquela noite poucas travestis estavam pelas ruas, mas o que realmente chamou a atenção dela foi a presença de altares, fazendo-a lembrar que era 8 de janeiro, dia de celebração do santo Gauchito Gil.

A personagem conta a história do santo ao menino, rendendo, assim, um certo diálogo entre eles e o garoto diz: "lá atrás há esqueletos" (Enriquez, 2017, p. 6), diferenciando o santo *gaucho* como bom e o esqueleto não. O enredo nos ajuda a entender que 'lá atrás' refere-se ao outro lado da estação, onde os trilhos se direcionam para o sul, sendo este local o ponto escolhido para oferendas de santos "menos amáveis"' (Enriquez, 2017, p. 6). O tal esqueleto é uma figura religiosa conhecida como São Morte e os artefatos são representados geralmente como uma caveira coberta por um manto, Gauchito Gil, por sua vez, é "um santo popular da província de Corrientes que se venera especialmente nos bairros pobres — embora haja altares por toda a cidade, inclusive nos cemitérios. (Enriquez, 2017, p. 6) e "segundo se conta, foi assassinado como desertor no fim do século XIX: um policial o matou, pendurou-o numa árvore e o degolou" (Enriquez, 2017, p. 6). A mulher e o menino param na rua diante dos altares para Gauchito Gil:

> Ali estava o santo de gesso, com a camisa azul-celeste e o lenço vermelho no pescoço, uma fita também vermelha na cabeça e uma cruz nas costas, da
>
> mesma cor. Havia vários panos vermelhos e uma ou outra bandeirinha vermelha: a cor do sangue, a lembrança da injustiça e da degola. Mas nada era macabro ou sinistro. O gaucho traz sorte, cura, ajuda e não pede muito em troca, apenas que lhe façam essas homenagens e, às vezes, um pouquinho de álcool. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 6).

A fim de aprofundar o entendimento sobre o tema em questão, segue uma imagem dos santos São Morte e Gauchito Gil:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 2 - Gauchito Gil e São Morte

Fonte: Opera Mundi.

Surpreendida pela apreensão do menino em relação ao santo esqueleto, a protagonista comenta: "— Mas não é um santo mau — falei ao menino sujo, que me encarou com olhos muito abertos, como se eu estivesse dizendo uma loucura" (Enriquez, 2017, p. 6). E ela continua: " — É um santo que pode fazer o mal se alguém pedir, mas a maioria das pessoas não pede coisas feias: pede proteção. Sua mãe leva você lá atrás? — perguntei. — Sim, mas às vezes vou sozinho — respondeu. E depois me puxou pelo braço para que seguíssemos" (Enriquez, 2017, p. 6). A fala da personagem vai de encontro com a crença local, a qual diz que "às vezes Gauchito Gil e São Morte são associados ao mal, ao crime, mas é o homem quem faz e desfaz nesta terra, não o santo, porque ele vem de Deus"[189] (Secretaria…, 2020, s.p., tradução minha). De acordo com a tradição, a ritualística envolvendo São Morte,

> pode ajudar a restaurar o amor, saúde e fortuna, proteger os adoradores de feitiçaria, eliminar o mau-olhado e conceder boa sorte em jogos de azar. Além desses poderes, que são comumente atribuídos aos santos populares, em geral, seria capaz de conceder uma série de pedidos que estão ligados ao crime e à violência. Por exemplo, acredita-se que o santo esquelético pode trazer a morte sobre os inimigos de seus devotos, pode impedir as pessoas de serem enviadas para a prisão e ainda encurtar a prisão de detentos, além de ajudar na recuperação de itens roubados e desviados. (Chesnut, R. Andrew, 2012, s.p.).

Conforme informações da Secretaria de Cultura da Argentina, "nos últimos 30 anos, a devoção a Gauchito Gil expandiu-se rapidamente e ele se tornou o santo pagão mais querido da

[189] No original: "A veces se asocia al Gauchito Gil y a San La Muerte con la maldad, con lo delictivo, pero es el hombre el que hace y deshace en esta tierra, el santo no, porque viene de Dios" (2020, s.p.)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Argentina"[190] (2020, tradução minha), além do mais, "um dos motivos que contribuíram para ampliar essa devoção foi a crise estrutural que afetou a Argentina nessas décadas e que provocou a migração de Corrientes para os subúrbios de Buenos Aires"[191] (2020, tradução minha).

A religiosidade dentro de enredos citadinos, segundo o jornalista e cronista João do Rio, é tema a se pensar quando se trata do ato de escrever sobre as ruas. O autor em questão elege a prática religiosa como um ato cultural que pode revelar certos pertencimentos e deslocamentos dentro da cidade. À título de exemplo, no livro *As religiões no Rio* (1976), o cronista afirma que há um entrosamento entre urbe e religião: "as iauô abundam nesta Babel de crença, cruzam-se com a gente diariamente [...], mercadejam doces nas praças, às portas dos estabelecimentos comerciais" (Rio, 1976, p. 6), e "para uma mulher saber a vinda do santo, basta encontrar na rua algum fetiche qualquer, pedra, pedaço de ferro ou concha" (Rio, 1976, p. 8), além disso, ele menciona os despachos deixados nas encruzilhadas, as quais são, dentro do plano espacial, um cruzamento entre as ruas na cartografia urbana. João do Rio nos faz entender que as ritualísticas ultrapassam o espaço religioso privado e podem se direcionar para o espaço público, sendo comum a transferência entre um e outro e até mesmo a integração entre eles.

Ademais, na Literatura Brasileira contemporânea, podemos citar a autora premiada Maria Valéria Rezende, que em seu romance *Outros Cantos* (2016), relata a experiência urbana da personagem Maria no vilarejo nordestino de Olho d'Água. Na pesquisa intitulada "A mulher que vai e a mulher que espera: um mapeamento sobre corpo, trajeto e vivência em *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende"[192], demonstro que tal experiência urbana é delineada pelas atividades de caráter religioso, com o festejo de São João, a procissão sigilosa dos penitentes e a festa de Nossa Senhora do Ó. Esse tipo de observação nos ajuda a compreender vieses outros sobre a mencionada concepção de Gomes (2008) acerca da multiplicidade de leituras, uma vez que dentro dos estudos sobre literatura e experiência urbana, a religiosidade vem sendo apresentada como parte da atividade urbana.

---

[190] No original: "En los último 30 años la devoción al Gauchito Gil se expandió a borbotones y se convirtió en el santo pagano más querido de la Argentina". (2020, s.p.)

[191] No original: "uno de los motivos que contribuyó a expandir esta devoción fue la crisis estructural que afectó a la Argentina en esas décadas y que provocó la migración de correntinos al conurbano bonaerense". (2020, s.p.)

1 [192] Título de trabalho apresentado por mim no XIV SAPUERJ (2023) e aceito para publicação em Leitura – circulação, diálogos e linguagens pela *Dialogarts*, [E-book], No prelo. (Cf. Caderno de resumos, disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/leitura-circulacao-dialogos-e-linguagenscaderno-de-resumos-xiv-sapuerj/).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No conto de Mariana Enriquez, após as ruas repletas de altares, a protagonista nota que a calçada naquela parte do bairro é pegajosa, e isso muito provavelmente em razão dos sorvetes que pingam por ali, e novamente ela se lembra que o menino encontra-se descalço. Dessa cena surge a seguinte reflexão: "eu me dei conta, enquanto o menino sujo lambia os dedos lambuzados, do pouco que me importavam as pessoas, de como me pareciam naturais aquelas vidas desgraçadas" (Enriquez, 2017, p. 7). Aqui se concretiza o percurso dela para com o Outro, direcionando-a para um percurso íntimo, esses dois percursos são intrínsecos ao primeiro percurso, que é o dela e o do próprio menino, em relação ao espaço do bairro.

A atividade de observação leva a personagem ao encontro daquele que é o Outro e "é na realidade cotidiana que o Outro nos aparece" (Sartre, 2011, p. 328), fato é que "as pessoas que eu vejo, com efeito, são fixadas por mim em objetos; sou, com relação a elas, tal como o Outro em relação a mim; ao olhá-las, avalio minha potência" (Sartre, 2011, p. 342). Configura-se, portanto, uma jornada de reconhecimento, ao identificar o Outro como sujeito ela reconhece o estado de amortecimento social em que estava, ou seja, o Outro é um intermediário, é uma forma de percurso até nós mesmos. Essa situação de "se dar conta de" será entendida, neste trabalho, como a saída de uma performance empobrecida e naturalizada dentro das relações sociais na vida moderna, a qual propaga constantemente um alheamento ao Outro, o que nada mais é que "essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados" (Engels apud Benjamin, 1939, p. 54).

Após a cena de impacto dentro da sorveteria, o conto ainda apresenta um clímax envolvendo a notícia de que:

> No estacionamento desativado da rua Solís havia aparecido um menino morto. Degolado. Tinham colocado a cabeça ao lado do corpo. Às dez, sabia-se que a cabeça estava rapada até o osso e que não tinha sido encontrado cabelo na área. Também que as pálpebras haviam sido costuradas e a língua, mordida, não se sabia se pelo próprio menino morto ou [...] pelos dentes de outra pessoa. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 8).

O suspense se desenvolve porque o crime coincide com o sumiço da mãe do menino sujo e dele próprio, a protagonista se espanta ao perceber que os colchões e os pertences da mãe e do filho desapareceram completamente. É interessante perceber que o crime acaba alterando as dinâmicas pelo bairro: "à noite não se escutava brigas, os traficantes tinham mudado para umas quadras mais ao sul. Havia policiais demais monitorando o lugar onde o corpo tinha sido encontrado" (Enriquez, 2017, p. 12), além disso, Lala, uma amiga da personagem, afirma: "neste bairro ninguém dorme mais, estou te dizendo. Aqui a gente pode até ser delinquente, mas isso é

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

satânico. — É o que estão dizendo. Que é satânico. Não, satânico, não. Dizem que foi um sacrifício, uma oferenda a São Morte." (Enriquez, 2017, p. 11). A protagonista, por sua vez, assume a formação de uma insegurança pessoal para transitar naquele espaço: "custava-me caminhar pelo bairro com a segurança de antes do crime" (Enriquez, 2017, p. 12) e indaga:

> O estacionamento onde haviam achado o menino decapitado não ficava no trajeto que o menino sujo e eu tínhamos percorrido naquela noite. E a história de São Morte? Coincidência. Lala dizia que o bairro estava cheio de devotos de São Morte, todos os imigrantes paraguaios e o pessoal de Corrientes eram fiéis do santinho, mas isso não os tornava assassinos; ela era devota da Pombagira, que tem o aspecto de uma mulher-demônio, com chifres e tridente, e isso por acaso a tornava uma assassina satânica? Claro que não. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 11).

A narrativa se desenrola e descobre-se que o menino assassinado não era o menino sujo, essa notícia causa na personagem principal uma alteração comportamental: "voltei
para casa de ônibus a fim de evitar as cinco quadras que precisaria caminhar se usasse o metrô. Desde o crime, preferia não usar o metrô porque não queria me deparar com o menino sujo. E, ao mesmo tempo, queria voltar a vê-lo de uma maneira obsessiva" (Enriquez, 2017, p. 13). Após o assassinato do menino degolado, ocorre outro crime, dessa vez pela região de Chaco, como revela o diálogo da personagem Sarita com a protagonista:

> — Está cheio de traficantes bruxos — disse Sarita. — Lá no Chaco você nem imagina. Fazem rituais para pedir proteção. Por isso cortaram a cabeça e a puseram no lado esquerdo. Acreditam que, fazendo essas oferendas, a polícia não os pega, porque as cabeças têm poder. Não são apenas traficantes de drogas, também estão envolvidos no tráfico de mulheres.
> — Mas você acha que tem isso aqui, em Constitución?
> — Estão em toda parte — respondeu Sarita. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 13).

Com a atmosfera de apreensão causada por esse contato com os crimes urbanos, a personagem principal passa a receber conselhos de sua mãe, a qual pedia para que a filha mudasse com urgência do bairro. Em seguida, a narrativa informa que personagem principal avista a mãe do menino sujo já sem a barriga de gestação e a confronta para saber o paradeiro do garoto sumido, esse encontro faz a protagonista enfrentar uma aceitação íntima, a qual revela-se como uma verdadeira catarse, fazendo-a admitir o seguinte:

> Talvez minha mãe tivesse razão. Talvez eu precisasse me mudar. Talvez, como ela dissera, eu tivesse uma fixação pela casa porque me permitia viver isolada, porque ali ninguém me visitava, porque estava deprimida e inventava para mim mesma histórias românticas sobre um bairro que, na verdade, era uma merda, uma merda, uma merda. (Enriquez, Mariana, 2017, p. 15).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Conclusão

Constatamos que a personagem principal internaliza métodos para habitar e se deslocar pelo bairro por conta dos altos índices de periculosidade no local. Vimos que a protagonista tem sua atividade urbana determinada pela constante seleção de ruas, horários, trajetos, e até mesmo para tentar decodificar o crime ela se vale da rememoração do caminho que havia feito com o menino sujo. Diante dessas verificações, entendemos que essa dinâmica de deslocamento é o que se denomina, segundo os estudos da professora de geografia Leslie Kern, como o mapa mental, esse "mapa é uma colagem viva, com imagens, palavras e emoções espalhadas por nossos bairros e rotas de viagem. As camadas vêm de experiências pessoais de perigo e assédio, mas também da mídia, rumores, mitos urbanos" (Kern, 2021, p. 200), fato é que "o mapa é dinâmico. Um momento desconfortável ou assustador pode mudá-lo para sempre" (Kern, 2021, p. 200).

A personagem principal, ao decidir morar em Constitución, assume uma atitude de determinação, obviamente, isso não suaviza as problemáticas em torno da questão da violência urbana, mas não se pode deixar de refletir sobre o poder de decisão, sobre a escolha da personagem de querer habitar um bairro indesejado. Nossa proposta é redirecionar as perspectivas, afinal "as mulheres acham incrivelmente difícil reconhecer sua própria bravura e discernimento" (Kern, 2021, p. 213). Por outro lado, sabemos que em "uma cidade segura, as mulheres não precisam ser corajosas para sair de casa. Nossas energias não seriam desperdiçadas em um milhão de prevenções de segurança" (Kern, 2021, p. 222).

Ao propor uma narrativa centrada no deslocamento espacial de protagonismo feminino, Mariana Enriquez nos leva a refletir sobre a representação literária envolvendo a cidade, demonstrando que histórias de violência, crimes e perigos urbanos também podem ser protagonizadas por personagens mulheres, diante disso, não há como duvidar de que "a leitura de textos literários [...] é capaz de romper com percepções automatizadas da realidade. Se estamos habituados a ver as coisas de modo pautado por parâmetros opressores, em razão de circunstâncias hostis, a leitura pode deslocar os modos de percepção" (Ginzburg, 2013, p. 24).

O conto aqui analisado nos apresenta um bairro pelo enquadramento da violência, dos tipos sociais e das crenças locais, configurando um cenário repleto de camadas geopolíticas envolvendo a crise socioeconômica da Argentina. Entendemos que "o acesso a questionamentos sobre a violência por meio da literatura permite romper com a apatia, o torpor, de um modo

importante. Textos literários podem motivar empatia por parte do leitor para situações importantes em termos éticos" (Ginzburg, 2013, p. 24).

A percepção do Outro permite que a protagonista reconheça sua própria condição, esse deslocamento do modo de percepção é um vislumbre das possibilidades de leituras que articulam os tais fios secretos e descontínuos dentro do discurso da cidade, reluzindo a vida literária e extraliterária.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CONSTITUCIÓN. Mapa. Disponível em: https:<//www.google.com/maps/place/Constituci%C3%B3n,+Cidade+Aut%C3%B4noma+de+Buenos+Aires,+Argentina/@-34.6276157,-58.3879909,17z/data=!4m6!3m5!1s0x95bccb2520946ad7:0x531f8f8d460384ad!8m2!3d-34.6261244!4d-58.3859524!16zL20vMDZkOWd0?entry=ttu>. Acesso em: 03/06/2024.

CHESNUT, R. Andrew. *Devotado à Morte*: o esqueleto. Oxford University Press, 2012. Disponível em: https:<//pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Morte>. Acesso em: 03/06/2024.

DO RIO, João. *As religiões no rio*. 1976. Disponível em: http:<//www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000185.pdf>>. Acesso em: 03/06/2024.

ENRIQUEZ, Mariana. "O menino sujo". In: ENRIQUEZ, Mariana. *As coisas que perdemos no fogo*. 2017.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KERN, Leslie. *Cidade Feminista*: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.Tradução de Thereza Rocque da Motta. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

MONTEIRO, Janaína. "A mulher que vai e a mulher que espera: um mapeamento sobre corpo, trajeto e vivência em *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende." In: Leitura - circulação, diálogos e linguagens - XIV SAPUERJ. Rio de Janeiro: Dialogarts. [E-book]. No prelo. Disponível em: https:<//www.dialogarts.uerj.br/leitura-circulacao-dialogos-e-linguagenscaderno-de-resumos-xiv-sapuerj/>.

O GLOBO. Contos sobre violência e política marcam estreia de Mariana Enriquez no Brasil. 2017. Disponível em: https:<//oglobo.globo.com/cultura/livros/contos-sobre-violencia-politica-marcam-estreia-de-mariana-enriquez-no-brasil-21482731>. Acesso em: 03/06/2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

OPERA MUNDI. Gauchito e San La Muerte: figuras pagãs convivem com catolicismo no país de origem do Papa Francisco. 14 de março de 2015. Disponível em: https:<//operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/no-pais-do-papa-francisco-catolicismo-convive-com-santos-nao-reconhecidos-pela-igreja/>. Acesso em: 03/06/2024.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada* – ensaio de ontologia e fenomenológica. Petrópolis:Vozes, 2011.

SECRETARIA DE CULTURA. Quien fue el Guachito Gil y qué cuento su leyenda. 2020. Disponível em: https:<//www.cultura.gob.ar/santos-populares-gauchito-gil-8664/>. Acesso em: 03/06/2024.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Relações topofóbicas e fragmentação corporal em *Os piores dias de minha vida foram todos,* de Evando Affonso Ferreira

Isaque Coelho Cavalcante[193]

Resumo: O presente artigo investiga as relações topofóbicas representadas no romance *Os piores dias de minha vida foram todos (*2014), de Evandro Affonso Ferreira, a fim de evidenciar o impacto do quarto hospitalar sobre o corpo da narradora-protagonista. Na obra, uma mulher confinada a um leito de hospital discorre sobre suas angústias enquanto aguarda a chegada da morte. Ciente do destino fatal, ela enfrenta completamente só a experiência da enfermidade, sem receber a visita de familiares ou amigos. Presa entre as quatro paredes, a personagem encontra no ato de imaginar tentativas de se libertar da UTI. Através dos processos criativos da imaginação, ela transcende o quarto de hospital, e embarca em jornadas pela metrópole, despojando-se do corpo e observando os movimentos da cidade e a paisagem que a envolve. Por isso mesmo, o romance é narrado por meio de uma estrutura imaginativa pendular que faz a narradora alternar entre o quarto hospitalar e as ruas da metrópole. De caráter bibliográfico e interdisciplinar, a pesquisa analisa as relações topofóbicas representadas no referido romance, demonstrando como o quarto hospitalar impacta o corpo da narradora-protagonista. Nesse sentido, são utilizados os estudos de Borges Filho (2014) e Lins (1976), sobre o espaço ficcional; Tuan (2005) a respeito da configuração topofóbica do espaço; Merleau-Ponty (2006) e Le Breton (2007) acerca do corpo.

Palavras-chave: Os piores dias de minha foram todos. Espaço. Topofobia. Corpo.

Introdução

A categoria estrutural do espaço na literatura é uma substância complexa que contribui de modo significativo para a construção e para a atribuição de significados de uma obra. Com efeito, o elemento espacial é muito mais do que um simples cenário onde se desenrolam as ações dos personagens na trama**.**

O espaço ficcional possui uma dimensão complexa e verticalizada. Trata-se de um elemento essencial da narrativa, responsável por moldar a atmosfera da obra, influenciar o desenvolvimento da trama, estabelecer funcionalidade no enredo, definir o caráter

[193] Graduado em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Universidade. E-mail: isaquecavalcante4509@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

perceptivo dos personagens, revelar aspectos simbólicos, sociais e ideológicos, dentre outras características que o fazem essencial, assim como os demais elementos narrativos.

A vivência com o espaço pode ser amplamente influenciada pelas emoções e sentimentos, que acabam por desencadear diversas percepções no indivíduo. Conforme assinala Yi-Fu Tuan (2012), as relações com o espaço são motivadas por atitudes que se moldam pelas experiências humanas. O vínculo emocional com o espaço desempenha um papel essencial na formação de perspectivas distintas, uma vez que "a familiaridade engendra afeição ou desprezo". (Tuan, 2012, p. 114).

Os seres humanos se relacionam de diversas maneiras com o espaço circundante, sendo que as relações mais proeminentes para o estudo do texto literário são a topofilia (caracterizada pela relação passional e positiva com espaço) e a topofobia (assinalada pela relação disfórica e negativa com o espaço). Segundo apresentado por Tuan (2012), topofilia engloba os locais que evocam sentimentos de conforto, alegria e tranquilidade.

Em contrapartida, as vivências e emoções negativas com o espaço, que geram a topofobia, causam estranheza e tensão ininterrupta nos indivíduos. Em sua obra *Paisagens do medo,* Tuan (2005) discute como diferentes espaços e paisagens podem evocar sentimentos de medo e insegurança nos indivíduos. O geográfo sino-americano analisa o modo como o medo está ligado a fatores culturais, sociais e ambientais, caracterizando que a percepção do medo pode variar de acordo com o contexto.

Se a topofilia representa uma conexão afetiva com o espaço, a topofobia, por outro lado, condiciona vivências e emoções negativas frente ao espaço, causando estranheza e tensão ininterrupta nos indivíduos. Tuan (2005) aponta que, em contraposição aos espaços topofílicos, existem espaços nauseantes, nos quais os indivíduos sentem uma hostilidade, devido ao impacto psicológico e comportamental que lugares ameaçadores têm sobre as pessoas. Os espaços topofóbicos são assinalados pelas:

> [...] quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (Tuan, 2015, p. 12).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Desse modo, o espaço e o indivíduo estão aproximados por uma vontade de permanência causada pela topofilia, ou afastados, com um distanciamento provocado pela topofobia. A "afetividade (topofilia) ou ainda de rejeição, denominado (topofobia)." (Silva; Lopes, 2014, p. 4)" podem proporcionar uma face ambivalente à experiência espacial, dado a duplicidade de sentimentos perpassada na topofilia e na topofobia. Esse eixo duplo demonstra a capacidade que o espaço possui em causar nos sujeitos emoções, muitas vezes, díspares.

No contexto da literatura, a topofobia se materializa na representação de uma relação emocional ruim da personagem com o espaço, marcada pela angústia, medo, dentre outros sentimentos prejudicais. Borges Filho (2014) afirma que, no espaço literário, a topofobia tem natureza maléfica e nefasta, pois, a partir do momento em que vivencia esse estado de espírito, a personagem sente aflição e asco em relação ao espaço.

Na relação com a experiência espacial, a percepção e a sensação do espaço, que resultam em sentimentos topofílicos ou topofóbicos, são propiciadas pelo contato corporal. Em sua famosa obra *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty (2006) ressalta que o ato perceptivo e a sensação estão intrinsicamente vinculadas à corporeidade.

De acordo com Merleau-Ponty (2006), as experiências corporais resultam em ações sensitivas e perceptivas. A percepção e a sensação não são apenas respostas aos estímulos recebidos pelos sentidos humanos em uma operação mental, mas são construídas pelo corpo em contato com o mundo.

Nessa perspectiva, o corpo é considerado o motor da percepção e da sensação. Segundo Merleau-Ponty (2006), influenciado pelo movimento corporal, o elo entre objeto percebido e a ação perceptiva não produz percepções, no sentido mecânico de estímulo-resposta, mas gera "um fluxo de experiências que se implicam e se explicam umas às outras tanto no simultâneo quanto na sucessão." (Merleau-Ponty, 2006, p. 377).

Além disso, David Le Breton (2007) afirma que o corpo é o intermediário semântico no qual a relação do ser humano com o mundo é construída. Para o sociólogo
francês, o corpo produz sentidos em contínuo, inserindo o indivíduo, de forma ativa, no interior de um determinado espaço social e cultural. Dessa forma, da junção entre o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

corpo e o mundo nasce as significações que fundamentam a existência individual e coletiva.

Nesse sentido, a experiência no espaço, topofílica ou topofóbica, encontra-se vinculada ao corpo. A absorção do espaço é desenvolvida por meio do corpo, produzindo emoções e sentimentos que geram no sujeito percepções variadas. O ser humano é, assim,
resultado de uma experiência íntima do seu corpo com o espaço e com as vivências estabelecidas na configuração espacial, como é observado no romance *Os piores dias de minha vida foram todos*, de Evandro Affonso Ferreira (2014).

Relações topofóbicas e fragmentação corporal na narrativa affonsiana

Um escritor habilidoso reconhece o potencial do espaço e o utiliza de forma estratégica para imprimir maior profundidade à obra e, por consequência, enriquecer a experiência leitora. É exatamente isso o que faz o escritor Evandro Affonso Ferreira (2014) em seu romance *Os piores dias de minha vida foram todos.*

No romance affonsiano, uma mulher confinada a um leito de hospital discorre sobre suas angústias enquanto aguarda a chegada da morte. Ciente de seu destino fatal, ela enfrenta completamente só a experiência da enfermidade, já que não recebe qualquer tipo de visita ao longo desse tempo.

Desprovida de familiares e amigos, sua existência se desenrola em completa solidão, marcada pela agonia e sofrimento. A narrativa retrata o desespero vivenciado pela narradora-protagonista nesse espaço inóspito, empregando um fluxo de consciência trágico que intensifica ainda mais a angustiante espera pelo fim.

Na clausura de um quarto de hospital, onde a mulher se encontra completamente imobilizada, a imaginação figura como a única válvula de escape para aliviar a angústia. Essa faculdade mental se torna uma espécie de ponte que a conduz para longe da realidade que a aprisiona. Confinada entre as quatro paredes, a narradora-personagem encontra no ato de imaginar a sua única forma de liberdade.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Através dos processos criativos da imaginação, ela transcende o espaço interior, abandonando o quarto de hospital, e embarca em jornadas pela metrópole, despojando-se do corpo e permitindo-se observar os movimentos da cidade e a paisagem que a envolve.

Por isso mesmo, o romance é narrado por meio de uma estrutura imaginativa pendular que realiza deslocamentos espaciais da narradora-personagem, alternando entre o quarto hospitalar e as ruas da metrópole.

O quarto de hospital no qual a narradora do romance está internada é um claro exemplo de topofobia, ou seja, de um espaço que causa aversão ao sujeito que nele se insere. Com efeito, o lento transcorrer do tempo vivenciado pela narradora no ambiente hospitalar acaba lhe gerando um sentimento de ojeriza. Sua jornada angustiante surge exatamente da conexão forçada com a UTI. O ambiente sufocante do quarto alimenta uma sensação de lamento, que gradualmente se transforma em revolta. A narrativa é permeada por uma sensação de desesperança, em razão do labirinto mortuário vivenciado pela narradora. Mesmo a fé, um possível ponto de apoio, é deixada de lado, tamanho é o impacto sombrio provocado pelo espaço:

> Agora aqui, neste quarto onde não há nenhum guardião dos meus gritos noturnos; onde a morte me espreita ao pé da cama. Lugar inacessível às metáforas, onde é impossível manipular a sintaxe. Digo: repito: antes de entrar neste lugar sombrio cujo desalento antecede o luto, já olhava a todos de esconso; quase tudo era dissabores – nunca me afinei pelo diapasão do aprazimento. Não estreitava relações com nada ninguém, conservando-me na obscuridade. Sei que os piores dias de minha vida foram todos. (Ferreira, 2014, p. 14).

No trecho acima, a narradora expressa uma visão terrível acerca do quarto hospitalar. O leito é comparado a uma cela que acaba projetando a imagem de uma morte personificada, semelhante à de um guarda que a todo tempo fica à espreita da personagem. Como toda prisão, o quarto é caracterizado pela impossibilidade de ser metaforizado, visto que não apresenta margens para mudar a conotação da realidade. Em decorrência dessa falta de conotação, a narradora também menciona a ausência de alteração sintática de seu discurso, visto que a UTI lhe traz apenas conteúdos ligados a morte, tristeza, dor e aflição.

Acompanhada pela certeza da morte, a experiência espacial se torna um catalisador do medo. O temor leva a narradora a criar uma alegoria infernal, povoada por

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

figuras diabólicas. O espaço passa a ser caracterizado por meio da substantivação do medo, evidenciada pelos termos "demoníacas", "desgraças", "nefastos", "maldades", dando a entender que ela se encontra cercada por um mundo habitado pelo mal:

> Agora aqui, refém de entidades demoníacas, dogmáticas, obstinadamente coerentes na prática de asssanhar desgraças, objetivas em seus empreendimentos nefastos, suas maldades peremptórias. Conseguiram me jogar no umbral da desesperança absoluta. (Ferreira, 2014, p. 16).

A UTI instiga uma sensação de terror na narradora, que acaba ressoando na criação de seres malignos que dominam os seus momentos de aflição. Trata-se de um processo natural, pois como bem postula Tuan, dentro de um espaço pavoroso, “inúmeras imagens acudirão à nossa mente: medo do escuro, [..] ansiedade de lugares desconhecidos, [..] pavor dos mortos e do sobrenatural” (Tuan, 2005, p. 07). Assim, o temor da protagonista diante da morte impulsiona o surgimento das criaturas terríveis devido à atmosfera fatal que a envolve.

Em *Paisagens do medo*, Tuan (2005) argumenta que o sentimento de temor está intrinsecamente ligado à configuração espacial. Embora o medo tenha uma origem psicológica, ele se manifesta quando os indivíduos estão imersos em espaços onde existem contextos de extrema ameaça, como a UTI para a narradora do romance de Evandro Affonso Ferreira.

No romance analisado, a experiência corporal propicia a percepção e a sensação do medo na UTI, que se manifestam como aversão tanto ao espaço quanto à sentença de morte. O ambiente hostil do quarto hospitalar é frequentemente destacado pela repetição do advérbio de tempo “agora” e do advérbio de lugar “aqui”, que funcionam como marcadores que interrompem o fluxo de consciência da narradora. Essas palavras surgem juntas para enfatizar o retorno ao quarto e ao tempo presente, ambos topofóbicos:

> Agora aqui, vivendo horas esmirradas, momentos vazios de significação neste quarto onde a esperança se atrofia de vez [...]. Sei que estou neste espaço onde desesperança cresce, irredutível, hostil; lugar em que me obstino na descrença; onde não há espaço para o inesperado.” (Ferreira, 2014, p. 26).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No trecho acima, verifica-se dois tempos narrativos distintos. O primeiro desses tempos é o tempo físico, gerando a espera da morte. O outro tempo, é o tempo subjetivo e mental da narradora. Quando utiliza os marcadores adverbiais "agora" e "aqui" a narradora retorna ao tempo físico, localizado ao espaço da UTI. A narração é, assim, construída sobre dois tempos: o real, topofóbico, e o memorialístico e o imaginativo, que nascem como tentativas de distanciamento da UTI.

Inserida no espaço topofóbico do hospital, a protagonista sente seu corpo inerte. A paralisia corporal decorre dos "ataques cancerogênicos objetivos implacáveis" (Ferreira, 2014, p 19) por causa da doença (não definida ao longo do romance). A falta de mobilidade, em consonância com a relação topofóbica estabelecida na UTI e o sofrimento devido à dor física influenciam a procura para evidenciar a atrofia corporal ocasionada pelo tempo de presença no hospital.

Em sua obra *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*, Osman Lins (1976) constrói reflexões sobre a importância do espaço ficcional. Segundo Lins, o espaço no romance, com seu caráter estrutural, é imprescindível para a funcionalidade narrativa. Para o autor pernambucano, muitas vezes, em determinadas obras, espaço e personagem estão tão imbricados que é difícil delimitar cada um desses elementos. Osman Lins considera que o espaço na ficção pode ser entendido como:

> [...] tudo que, intencionalmente disposto enquadra a personagem e que, invetariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero. (Lins, 1976, p. 72)

A força significativa do quarto hospitalar na obra de Evandro Affonso Ferreora resulta da absorção e acréscimo mencionados por Lins (1976). Ao estar nesse espaço, a protagonista absorve as sensações de medo e angústia produzidas por ele. Ao mesmo tempo, a narradora passa a ampliá-lo, de acordo com as imagens que surgem em sua mente, fazendo surgir outros espaços: da metrópole, da infância, da família etc.

Como pontuado por Lins (1976), ainda é possível verificar que o espaço ficcional pode provocar um apagamento da individualidade das personagens. No romance affonsiano, os efeitos do vínculo com o espaço provocam esse apagamento da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

individualidade da protagonista evidenciado por Osman Lins. A individualidade se apaga em razão da permanência no quarto hospitalar. A narradora percebe sua individualidade sendo apagada em razão de sua posição na UTI. A ideia de "eu", com suas particularidades existenciais, subjetivas, morais, ideológicas, dentre outras, vão se apagando porque a narradora se enxerga cada vez mais presa ao espaço e nota sua individualidade como algo do passado.

O quarto hospitalar oculta a individualidade da personagem, as suas especificidades de sujeito. A partir dessa ausência identitária, a protagonista se limita a ser a "mera hospitalizada", com o corpo preso ao espaço horripilante do quarto. Desenraizada de si, do seu corpo, devido à posição mortal que se encontra na UTI, a protagonista expressa as implicações ocasionadas pela conexão estabelecida com o espaço:

> Agora aqui, vivendo outros instantes desafortunados neste espaço onde o desalento sobrevoa, à deriva; horas seguidas sem entrar ninguém para limpar minha boca babujada de saliva; onde fica cada vez mais difícil acomodar-me à condição humana; lugar em que única saída é olhar para trás, digerir o passado, num rastrear quase inútil de acontecimentos pretéritos, ou caminhar imaginosa nua pelas ruas desta metrópole apressurada. Agora aqui, banimento irrevogável, moendo remoendo cantando sempre a mesma cantiga; cheia de desprezo pela própria vida, vítima dos desarranjos do destino, das decaídas progressivas, das infinitas sucessões de revezes – tempo todo encantoada num precipício de perdas. Os piores dias de minha vida foram todos. Agora aqui, neste quarto impregnado de momentos obscuros (...) onde não consigo me impedir de lembrar (...) onde anoiteço e amanheço em meio às trevas; lugar em que todas as horas são taciturnas (...) onde vou aos poucos me reduzindo a esqueleto; onde sei que não me levantarei nunca mais. (Ferrreira, 2014, p. 99 – 100).

Procurando uma forma de amenizar as relações topofóbicas estabelecidas com a UTI e buscar maneiras de desfragmentar o seu corpo, a narradora desenvolve caminhadas imaginativas pela metrópole. Ao realizar o deslocamento imaginativo, diferente do espaço predominante no interior – o quarto hospitalar topofóbico, com memórias trágicas e os temas referentes à morte –, a metrópole emerge como o foco de atenção da narradora.

Enquanto seu corpo permanece passivo diante da cama da UTI, a protagonista passa a realizar deslocamentos imaginativos, para procurar mais uma forma de escape aos instantes no hospital por meio do percurso nas ruas da cidade. A narradora se imagina caminhando sem roupa, nua. O deslocamento é pensado pela personagem como uma fuga à figuração topofóbica da UTI:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Quase sepulcro de mim mesma, deixo imaginação escapar-se pelas frestas da porta deste quarto funébre; meu talismã é o desvario de imaginar-me caminhando nua pelas ruas da cidade – possivelmente para não ficar procurando sintomas ou indícios ou signos; para não detectar as malvadezas desses ataques cancerogênicos objetivos, implacáveis, que não se insinuam por vias oblíquas; para jogar faixo de luz imaginário nele eu ocaso; para deixar-me ilusória sair deste lugar em que é impossível não ser cooptada pelo desalento. (Ferreira, 2014, p. 19).

Nesse excerto, a narradora apresenta os motivos para que ela se imagine em deslocamento. Para a protagonista, a caminhada imaginada é uma tentativa para que ela tente se evadir do quarto. A narradora indica que o espaço do hospital só lhe gera desalento. Dessa maneira, a criação imaginativa do ato de andar é usada para que a narradora tenha liberdade em outra configuração espacial distinta do espaço fechado da UTI. O indicativo da nudez, enfatizado pela narradora, simboliza, justamente, a ideia de estar livre.

A caminhada da protagonista, logo, tem uma relação com a corporeidade. Com o corpo preso à cama do quarto hospitalar, a narradora procura meios de perceber seu corpo em movimento. Se na paisagem do medo, que é a UTI, o corpo é visto como organismo passivo diante da força da doença, na cidade ele é compreendido como mecanismo de outra espacialização:

> Sei que é preciso abstrair para não ser desorganizada pelo inexorável; a abstração é força repulsiva à loucura [...] Quem vive lado a lado com o infortúnio, aquele cujo acaso já lavrou sentença condenatória, mais dia menos dia ganha sentença condenatória, revela certa aptidão para entorpecer as inevitáveis lancetadas do destino. Corpo tempo todo indo pelas vertentes íngreme; mês e pouco me escarapelando, entrando em peleja com eles vírus malditos. Como naquelas batalhas do épico Mahabharata em que até as plantas tremem de medo. Invento caminhadas, possivelmente para juntar pedaços desconjuntados de mim mesma; possivelmente para tentar inútil fugir deste silêncio evocador dos mortos. (Ferreira, 2014, p. 23).

A protagonista começa afirmando, no trecho acima, que a abstração é uma das maneiras dela entorpecer os seus sentidos. Ela compara a sua situação corpórea, de paralisia e definhamento por causa dos "vírus malditos", com as batalhas épicas de Mahabharata, que narra uma guerra sangrenta acontecida na Índia, envolvendo clãs daquele país. Indo além, a narradora apresenta a quantidade de tempo que ela está na UTI, através dos termos "mês e pouco". Com esse tempo grande de internação, as caminhadas são meios da personagem buscar uma alternativa corporal, como a narradora demonstra no final do trecho.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Como resultado de procurar fazer seu corpo ter mobilidade, a personagem, ao se concentrar durante alguns instantes na metrópole, tenciona esquecer os momentos aflitivos de internação, procurando afetar seu corpo e mente com sentimentos distintos do que sente no quarto hospitalar.

A ideia da protagonista, portanto, é sair das relações topofóbicas com o quarto e diminuir a fragmentação corporal, para ir em direção a outras possibilidades geradas pela paisagem citadina: "Jeito é transcender-me nas andanças imaginárias lançando mão dela minha ubiquidade delirante. Para abafar meus gritos agudos, penetrantes, lanço mão dele meu delirante dom da ubiquidade caminhando nua pelas ruas desta cidade." (Ferreira, 2014, p. 26).

Considerações finais

No romance *Os piores dias de minha vida foram todos* (2014), a vivência do espaço do quarto traz uma experiência negativa à narradora. O caráter topofóbico desse espaço é visto como uma paisagem de medo, assim como aponta Tuan (2005). A paisagem de medo do quarto mexe com a percepção, a sensação e o corpo da narradora, influenciando a expressão de seus pensamentos.

O "quarto fúnebre que comporta todas as metáforas do desengano; onde o sol já morreu; onde se vive sob o império da escuridão" (Ferreira, 2014, p. 95) constrói teor de extrema importância, na narrativa de Evandro Affonso Ferreira, porque se relaciona com as camadas emocionais, psicológicas, existenciais e perceptivas da protagonista no aguardo da morte.

As relações topofóbicas representadas no romance affonsiano evidenciam o impacto do quarto hospitalar sobre o corpo da narradora-personagem. A caminhada imaginativa da protagonista serve como um mecanismo evasivo para amenizar sua situação no quarto hospitalar e o vínculo topofóbico com esse espaço. O deslocamento imaginativo, também, é uma forma da narradora trazer outros horizontes para o seu corpo, que está fragmentado em decorrência da doença e da vivência espacial na UTI.

Desse modo, as relações topofóbicas são estabelecidas no quarto devido ao sentimento aversivo tido pela narradora em relação ao espaço hospitalar. A aflição da personagem na UTI influencia as inúmeras tentativas de evasão espacial, através do ato imaginativo, delineadas em

sua mente. No espaço do quarto, as relações topofóbicas afetam a experiência corporal da narradora com o espaço, fragmentando sua identidade.

Referências

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura:** introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2014.

FERREIRA, Evandro Affonso. **Os piores dias de minha vida foram todos**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Martins Pontes: São Paulo, 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, GERSON; LOPES, Claudivan. Topofilía e topofobia: um estudo da percepção ambiental de alunos do ensino médio em Paiçandu – PR. **Cadernos PDE,** Paraná, p. 3-24, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** A perspectiva da experiência. SciELO-EDUEL, 1983.

----------. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**.** (Tradução de Lívia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

----------. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SOLIDÃO E MELANCOLIA: O MAL-ESTAR EM *O HOMEM DUPLICADO*, DE JOSÉ SARAMAGO

Gabriella Lima Lopes[194]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a presença do mal-estar em *O Homem Duplicado* (2002), de José Saramago. Através das páginas do romance, o protagonista, Tertuliano Máximo Afonso, emerge como um microcosmo da condição humana. Ele é um professor de história que se encontra imerso em uma vida monótona e vazia, um eco das angústias contemporâneas de indivíduos envolvidos por uma sociedade em rápida mutação. Ao adentrar o labirinto da narrativa, Tertuliano se depara com a descoberta de seu próprio duplo, um evento que desencadeia uma jornada interior que confronta os limites da sua própria identidade. Nessa perspectiva, busca-se compreender como a solidão e a melancolia que permeiam o mal-estar de Tertuliano Máximo Afonso, bem como a presença do duplo potencializam a sensação de deslocamento existencial. Para tanto, por meio de uma revisão bibliográfica, foram utilizados como aporte teórico autores como Bauman (2008), Ginzburg (2013), Freud (2014) e Klein (1975). Assim, centrando-se nas consequências da perda de identidade do personagem e na exploração da interconexão com a experiência do mal na obra, evidencia-se que Tertuliano Máximo Afonso, com sua personalidade melancólica, vive um profundo mal-estar que é potencializado com o surgimento do Outro e com a busca obsessiva por ele. Através disso, sua melancolia é alimentada pela crise de identidade e pela sensação de que sua singularidade está ameaçada em um mundo em constante mudança, onde as identidades são voláteis e a busca por significado é desafiadora.

Palavras-chave: O Homem Duplicado. Mal-estar. Solidão. Melancolia. Identidade.

Introdução

A literatura, ao longo dos tempos, tem servido como um suporte para a exploração profunda das complexidades humanas e das condições sociais que moldam a experiência humana. Nesse contexto, a obra *O Homem Duplicado*, do renomado autor português José Saramago, emerge como uma narrativa rica e multifacetada, que não apenas desafia as fronteiras tradicionais do realismo literário, mas também oferece uma reflexão profunda sobre questões fundamentais da natureza humana e do ambiente sociocultural.

[194] Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membra do Grupo de estudos e pesquisa sobre o mal na Literatura (GEMAL-UFPI).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Escrito por Saramago em 2002, durante uma fase de sua carreira marcada pela exploração ousada de temas complexos e inovadoras abordagens narrativas, *O Homem Duplicado* introduz um cenário de ambiguidade e inquietação que ressoa com os dilemas contemporâneos.

A importância das suas obras transcende as páginas, pois Saramago desafiou as normas literárias tradicionais, estimulando leitores a refletirem sobre a sociedade e a existência humana. Seu trabalho abrange desde críticas perspicazes às estruturas sociais e políticas até profundas reflexões sobre a moralidade e o significado da vida. Agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1998, o escritor deixou um legado duradouro que continua a inspirar e provocar leitores a questionar e interpretar o mundo ao seu redor.

No âmago da narrativa de *O homem duplicado*, reside a representação do mal, que se entrelaça com a fragmentação da identidade, lançando os personagens e o leitor em uma jornada pelo labirinto do eu e do outro. A exploração da dualidade, da busca pela própria identidade e das nuances do mal se tornam um fio condutor que perpassa cada página da obra. Através das experiências do protagonista Tertuliano Máximo Afonso e de seu duplo, António Claro, a narrativa desafia as noções de individualidade e moralidade.

A análise se aprofunda ao abordar a solidão e a melancolia que permeiam Tertuliano Máximo Afonso, evidenciando como a presença do duplo potencializa essa sensação de deslocamento existencial. É, pois, que é cabível discutir o mal-estar que o personagem fragmentado, de *O homem duplicado*, de José Saramago sente.

Ele muda de conduta ao deparar-se com seu duplo e passa a não se reconhecer mais. Tudo que envolve sua vida lhe parece alheio: a namorada, o trabalho, a cidade onde mora e, sobretudo, ele mesmo. O desequilíbrio da personalidade de Tertuliano ocorre no processo de urbanização e mutação social no contexto em que está inserido. É a partir desse cenário que o mal-estar se intensifica, questionando e subordinando o homem à uma realidade perturbadora carregada de uma condição regida pela culpa.

A presença de rostos similares e identidades corrompidas ao redor de Tertuliano Máximo Afonso gera uma sensação de exaustão e levanta questionamentos sobre a verdadeira essência do próprio “eu”. A falta de estímulos e a monotonia do dia a dia contribuem para essa sensação de desgaste emocional, e a aparição de um outro idêntico a ele causa alvoroço e confronto direto, levando Tertuliano a se questionar sobre sua própria identidade e singularidade.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O mal-estar como expressão da confrontação interna

Quais são as possíveis consequências para o indivíduo comum que se move no meio de um caos de rostos semelhantes, onde as identidades estão corrompidas e sem estímulos, e onde a rotina diária só traz exaustão?

O cotidiano da vida que apenas gera exaustão pode levar a uma sensação de alienação e falta de sentido, resultando em desânimo e apatia. Ele pode sentir-se perdido em meio à monotonia e à falta de conexão genuína com os outros, o que pode afetar negativamente sua saúde mental e emocional. Além disso, a constante exposição ao caos e à corrupção pode levar à desilusão, desesperança e à perda de confiança na sociedade e nas instituições. Em última instância, o homem comum pode encontrar dificuldades em encontrar um propósito significativo em meio a esse ambiente hostil e desgastante.

Para Constantino El Africano (1992, p.15 apud Ginzburg, 2013, p. 61) “Os acidentes que a partir dela [da melancolia] sucedem na alma parecem ser o medo e a tristeza. Ambos são péssimos porque confundem a alma. Com efeito, a definição de tristeza é a perda do muito intensamente amado. O medo é a suspeita de que algo ocasionará dano.”

O sujeito contemporâneo se encontra solitário em meio à multidão. Isso reflete a ideia de liquidez teorizada por Bauman (2005) e observada em *O homem duplicado*, evidenciando a discussão sobre o mal que surge ao viver em uma sociedade sobre a qual a individualidades devem ser fortemente afirmadas.

O protagonista se confronta com sua própria duplicidade, o que amplia sua sensação de melancolia e alienação. Ele vive em um mundo no qual as individualidades são enfatizadas, mas essa ênfase acaba por acentuar ainda mais sua solidão, pois ele não consegue estabelecer verdadeiras conexões com os outros:

> Tertuliano Máximo Afonso não pertence ao número dessas pessoas extraordinárias que são capazes de sorrir até quando estão sozinhas, o próprio dele inclina-se mais para o lado da melancolia, do ensimesmamento, de uma exagerada consciência da transitoriedade da vida, de uma incurável perplexidade perante os autênticos labirintos cretenses que são as relações humanas. (Saramago, 2002, p. 203-204).

Assim, a discussão sobre o mal que surge nessa sociedade individualista está presente tanto na obra de Saramago quanto na teoria de Bauman (2005). A solidão, o isolamento e a falta

de laços humanos genuínos são considerados malefícios dessa sociedade líquida, na qual as individualidades são valorizadas em detrimento do sentido de comunidade e pertencimento. Nesse contexto, a ideia de mal está relacionada à perda do sentido de conexão e solidariedade entre as pessoas, resultando em uma existência solitária e fragmentada.

O isolamento entre as personagens é evidente, especialmente, em Tertuliano que se encontra sozinho em casa e deixou de se ver no espelho, como é mencionado por Saramago (2002, p. 36). Ele é retratado como um ser solitário, distante de sua mãe, dos colegas de trabalho e da namorada Maria da Paz. Também se sente desconectado de seu próprio senso comum, como fica claro na passagem: "Estranhos somos todos, até nós que aqui estamos. A quem te referes? A ti mesmo e a mim. Raramente nos encontramos para conversar" (Saramago, 2002, p. 36). 17

A melancolia permeia a vida do professor. Tertuliano se encontra isolado tanto fisicamente, ao passar grande parte do tempo sozinho em casa, como emocionalmente, pois há uma falta de diálogo verdadeiro e conexão com os outros. Essa solidão e falta de comunicação são aspectos essenciais encontrados na obra, contribuindo para a atmosfera de desolação e desconexão que cerca a história de Tertuliano Máximo Afonso, compreendendo que:

> O sofrimento ameaça de três lados: a partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, também não pode prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo, que se pode abater sobre nós, com forças superiores, implacáveis e destrutivas, e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que provém desta última fonte talvez seja sentido de modo mais doloroso que qualquer outro […] (Freud, 2010, pp. 63-64 apud Ginzburg, 2013, p. 73).

Klein (1975) descreve a solidão como um estado interno profundo e independente das circunstâncias externas. Ele sugere que esse sentimento surge do desejo por um estado interno perfeito e inatingível. Nesse contexto, a solidão não é apenas a ausência de companhia física, mas um vazio emocional e existencial que pode persistir mesmo na presença de amigos ou amor.

Tertuliano Máximo Afonso experimenta uma forma profunda de solidão que se alinha com a descrição de Kein sobre o sentimento íntimo de solidão, independentemente das circunstâncias externas. Ele é descrito como alguém que se sente desconectado e insatisfeito com sua vida; é um professor de história que, apesar de estar cercado por colegas na escola onde

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

trabalha e por sua namorada e mãe em sua vida pessoal, não consegue escapar de um sentimento de vazio interior.

Além disso, ele está constantemente pensando em deixar seu emprego como professor e sente uma desilusão com a rotina e as expectativas da vida cotidiana. Essa insatisfação não é meramente uma insatisfação superficial, mas algo mais profundo que o torna incapaz de encontrar significado ou satisfação em suas interações sociais ou atividades diárias.

A descoberta do seu sósia intensifica sua sensação de solidão e desencadeia uma crise existencial, exacerbando sua sensação de estar isolado e separado de uma identidade única. Assim, pode-se depreender que tal solidão transcende a mera falta de companhia externa, se originando de um profundo desajuste entre suas expectativas, sua identidade percebida e a realidade que o cerca.

É interessante notar que Tertuliano anseia pela vida de seu duplo, mesmo que seja apenas uma fachada. Isso ressalta como as pessoas, mesmo que de forma inconsciente, tendem a imitar umas às outras, tornando-se meras cópias umas das outras. Elas são moldadas dentro de um sistema que promove aspirações semelhantes, levando-as a desejar as mesmas coisas.

Dentro desse sistema de ideias unificado e padronizado, a individualidade se torna insignificante. A falta de autenticidade presente em *O homem duplicado* manifesta-se na inveja mútua entre Tertuliano e seu duplo, António Claro/Daniel Santa Clara, perante a qual ambos cobiçam Maria da Paz, namorada de Tertuliano. António Claro é deslumbrado pela vida de celebridade, mesmo que seja em papéis secundários, pois a fama e o sucesso são vendidos como promessas de um estado de felicidade definitivo. Essa busca por uma vida idealizada é um reflexo da ausência de autenticidade, em que a busca por reconhecimento e satisfação pessoal é substituída pela ilusão de uma vida glamorosa e de destaque.

Esse fenômeno cria uma repetição de padrões e uma falta de originalidade, uma vez que as identidades são forjadas dentro desse sistema que busca impor um conceito de ideal, sucesso e vida perfeita. Essas idealizações são fortalecidas pelo fato de que o sistema também cria tensões e divisões entre as classes sociais, tratando-as como produtos exibidos em vitrines.

Tal observação revela como a sociedade contemporânea pode ser influenciada e moldada por um sistema que promove a uniformidade e a busca por um padrão pré-determinado de sucesso e felicidade. A individualidade e a autenticidade são deixadas de lado em favor da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

conformidade com essas ideias impostas, resultando em uma sociedade onde as pessoas se tornam meras reproduções, presas em um ciclo de repetição e falta de originalidade.

José Saramago retrata a realidade de dois indivíduos comuns, sem fama ou grandes qualidades, que desempenham papéis secundários. A escrita do autor busca a verossimilhança, proporcionando clareza à narrativa através de acontecimentos banais que impulsionam a história:

> "Tertuliano Máximo Afonso voltou para a sala, sentou-se no sofá e, fechando os olhos, deixou-se reclinar para trás. Durante uma hora não se moveu, mas, ao contrário do que se poderia julgar, não dormiu..." (Saramago, 2002, p. 253).

A clareza é alcançada através do imediatismo da narrativa, com a sequência de quadros da vida cotidiana, positivados pelos estímulos do dia a dia, embora às vezes abafados por sentimentos sombrios, conflituosos e de mau presságio. De acordo com as palavras de Freud (2014):

> (...) Ele perdeu o amor-próprio e deve ter tido boas razões para isso. Mas assim nós vemos ante uma discrepância, que coloca um problema de difícil solução. Fazendo analogia com o luto, concluímos que ele sofreu uma perda relativa ao objeto; suas declarações indicam uma perda no próprio Eu.

Tertuliano, sobrecarregado pelo segredo e pela angústia de se sentir como uma mera réplica, guarda seus sentimentos para si o máximo que pode. No entanto, diante da possibilidade de ser o outro, ele embarca em uma investigação decisiva para determinar qual dos dois nasceu primeiro. A Tertuliano Máximo Afonso desassossega-o agora a possibilidade de ser ele o mais novo dos dois, que o original seja o outro e ele não passe de uma simples e antecipadamente desvalorizada repetição.

> (...) O fato de ter sido ele o descobridor do sobrenatural portanto que conhecemos havia feito nascer na sua mente, sem que de tal se tivesse apercebido, uma espécie de consciência da primogenitura que neste momento se está rebelando contra a ameaça, como se um ambicioso irmão bastardo aí viesse para o apear do trono (Saramago, 2002, p. 176-177).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Tertuliano manifesta um profundo tédio em relação à sua vida, sentindo-se insatisfeito com sua profissão, apartamento, rotina e até mesmo com sua própria personalidade. Ele busca uma fuga desse tédio ao desejar tornar-se outra pessoa, porém, mesmo ao realizar essa transformação, ele novamente se depara com um sentimento de incompletude.

Essa busca por satisfação e felicidade através da transformação e da liberdade está em consonância com as reflexões de Bauman (2008) ao citar Sigmund Freud, que já observava o mal-estar na cultura há setenta anos, e aponta que a felicidade está relacionada à satisfação de liberar as necessidades reprimidas. A felicidade, portanto, é associada à sensação de liberdade. No caso de Tertuliano, sua busca incessante por se tornar outra pessoa e escapar do tédio pode ser interpretada como uma tentativa de encontrar essa liberdade e satisfação pessoal.

O protagonista confronta o vazio existencial que resulta de uma sociedade individualizada, onde as pessoas são constantemente incentivadas a buscar uma autenticidade fugaz e superficial. Fica evidente que a personagem vive em um estado de constante restrição da sua liberdade. Ele é pressionado pelas circunstâncias de sua vida a seguir um determinado padrão de comportamento e a reprimir seus impulsos e desejos mais autênticos.

Tertuliano sente medo de perder a estabilidade aparente que construiu em sua vida, o impedindo de agir de acordo com seus verdadeiros instintos e desejos. Ele está consciente da repressão da sua liberdade e da necessidade de esconder sua verdadeira natureza. Essa consciência cria uma sensação de medo e ansiedade, pois ele teme que os outros e, até mesmo ele, percebam o desvio oculto que o define.

Vê-se a hesitação de Tertuliano em enfrentar sua verdadeira identidade. Ele reconhece que há aspectos de si mesmo que preferiria deixar como estão, pois revelá-los representaria um risco de ser julgado e de ser confrontado com suas próprias diferenças, o que torna a aceitação do seu "Eu" desconhecido ainda mais assustadora:

> Correu-lhe pela espinha uma rápida sensação de medo e pensou que há coisas que é preferível deixá-las como estão e ser como são, porque caso contrário há o perigo de que os outros percebam, e, o que seria pior, que percebamos também nós pelos olhos deles, esse oculto desvio que nos torceu a todos ao nascer e que espera, mordendo as unhas de impaciência, o dia em que possa mostrar-se e anunciar-se. (Saramago, 2002, p. 28).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O protagonista manifesta uma certa aversão a tomar decisões e agir, optando muitas vezes por permanecer em um estado de inação, no qual evita assumir riscos ou enfrentar as consequências de suas escolhas. Essa atitude é impulsionada pela incerteza e pela insegurança que ele sente em relação ao futuro e aos possíveis resultados de suas ações.

Bauman (2017, p. 32) destaca que o medo é uma força predominante nas sociedades contemporâneas, especialmente devido à insegurança e à incerteza que permeiam o presente e o futuro. Essa insegurança alimenta o medo, tornando-o apavorante e difícil de ser tolerado. Nesse sentido, a tendência de Tertuliano em evitar tomar decisões e se manter em um estado de inação pode ser compreendida como uma forma de enfrentar a incerteza e minimizar os riscos associados às suas escolhas.

Entretanto, é importante ressaltar que essa atitude de inação e conformismo também reflete a falta de empoderamento e a falta de controle sobre sua própria vida. Tertuliano está preso em um ciclo de tédio e insatisfação, mas sua relutância em agir impede que ele busque ativamente uma mudança ou busque soluções para seus problemas

O sentimento de impotência diante do futuro e a negação das situações incertas são aspectos que influenciam as escolhas e ações de Tertuliano. Ele busca uma sensação de segurança e estabilidade ao anular suas vontades de escolha, mesmo que isso signifique ceder a impulsos egoístas.

Sua busca pela completude e pela satisfação pessoal acaba agravando seu vazio existencial, em vez de preenchê-lo:

> Dir-se-ia que você está cansado do seu trabalho, Talvez, talvez, andamos a pôr o tempero de sempre nos pratos do costume, nada muda, Pensa deixar o ensino, Não sei com precisão, nem mesmo vagamente, o que penso ou o que quero, mas imagino que seria uma boa ideia, Abandonar o ensino, Abandonar qualquer coisa. (Saramago, 2002, p. 83).

Essa representação de um homem deteriorado pela sociedade e desinteressado com sua própria existência reflete a crítica de Saramago à alienação e à falta de propósito que podem surgir em um mundo moderno e burocrático. Tertuliano parece sentir-se aprisionado em uma vida sem sentido, em que suas ações são guiadas pelo egoísmo e pela busca por algo que o satisfaça.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Assim, a narrativa revela um retrato melancólico de um indivíduo que se sente desconectado de si mesmo e do mundo ao seu redor. A figura de Tertuliano personifica a angústia e o desencanto que podem surgir quando uma pessoa se perde em sua própria busca por significado, negligenciando a importância das relações interpessoais e das ações altruístas.

A criação do duplo por parte do protagonista pode ser interpretada como uma tentativa de liberar suas vontades íntimas e expressar suas verdadeiras identidades, sem o medo do julgamento ou da repressão por parte dos outros. Tertuliano vive em um estado de grande mal-estar e apatia, sentindo-se desconectado e insatisfeito com sua própria vida e com as coisas ao seu redor: “Ele se acha realmente sem interesse, incapaz para o amor e para realizar coisas, tal como diz. Mas isso é secundário, como sabemos; é consequência do trabalho interno que consome seu EU (...)” (Freud, 2014)

Essa divisão interna reflete o conflito entre a identidade autêntica de Tertuliano e as expectativas impostas pela sociedade. Ele sente a necessidade de dividir-se para assumir plenamente sua verdadeira natureza, separando suas vontades íntimas daquilo que é socialmente aceitável. Essa necessidade de se fragmentar e criar um duplo revela a dificuldade de reconciliar a autenticidade pessoal com as demandas sociais.

Dessa forma, a criação do duplo por parte de Tertuliano pode ser vista como uma manifestação do desejo de liberdade e autenticidade, de romper com as restrições impostas pela sociedade e de buscar uma forma de expressão plena de si mesmo. É uma tentativa de superar o medo de ser julgado e de revelar suas verdadeiras vontades, mesmo que isso signifique dividir-se e enfrentar as consequências dessa divisão.

Considerações finais

A busca por liberdade e autenticidade é universal, mas frequentemente confrontada e limitada pelas normas e expectativas sociais que moldam nossas vidas. Tertuliano, ao criar um duplo, tenta conciliar essas duas dimensões de sua existência, revelando a angústia emocional resultante dessa tentativa de equilíbrio. A presença do mal-estar emocional, manifestado através da solidão e da melancolia, é uma consequência natural dessa divisão entre sua identidade pessoal e as exigências sociais.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A solidão de Tertuliano não é simplesmente uma ausência de companhia, mas uma desconexão profunda consigo mesmo e com os outros. Mesmo cercado por pessoas, ele se sente isolado porque não consegue encontrar uma integração genuína entre sua verdadeira essência e as máscaras que a sociedade muitas vezes exige que usemos.

A melancolia que permeia sua jornada reflete a tristeza e a resignação de viver uma vida que não corresponde às suas verdadeiras vontades e aspirações. É uma resposta emocional à sua luta para reconciliar sua autenticidade pessoal com as pressões e expectativas externas.

Assim, a presença do mal-estar emocional em *O Homem Duplicado* não apenas contextualiza a experiência singular de Tertuliano, mas também ressoa como um reflexo ampliado dos conflitos internos e existenciais enfrentados por indivíduos em sociedades complexas e estruturadas, permitindo a reflexão acerca da construção da identidade e alertando sobre os custos emocionais da conformidade e da alienação de si mesmo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

_____. **Mal Líquido:** Vivendo num mundo sem alternativas. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2019.

_____. **Estranhos à nossa porta**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Editora Cosac Naify, 2014.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Autores associados, 2017.

KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão:** nosso mundo adulto e outros ensaios. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

PRÁTICA REFLEXIVA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DA AUTOFORMAÇÃO DE PROFESSORES

Caroline Araújo Larrañaga[195]

Suzana Toniolo Linhati[196]

Resumo: O processo de formação continuada de professores perpassa movimentos de ação-reflexão-ação com vistas à melhoria das práticas educacionais que possam atender as novas demandas que adentram aos meios escolares de forma mais abrangente. Nesse viés, este artigo objetiva apresentar um relato de experiência de autoformação docente ocorrida entre um grupo de educadores em uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul, localizada em zona de fronteira. Desse modo, pretende-se discorrer sobre uma experiência que evidencia o percurso de formação de professores ocorrido no contexto em análise, o qual está dividido em cinco fases, a saber: a) 1ª Fase: entre 2004 e 2010 - Reuniões Administrativas e Pedagógicas; b) 2ª Fase: de 2010 a 2012 - Reuniões de Estudo com Profissionais de Diferentes Áreas; c) 3ª Fase: 2013 - Reuniões de Estudo centralizadas em temas definidos pela Direção; d) 4ª Fase: 2014 e 2015 - Reuniões de Estudo centralizadas em temas definidos pelos Professores; e) 5ª Fase: de 2016 a 2022 - Momentos de Formação mediados pelos Professores. Por fim, o percurso indica que a autoformação docente promove no professor a participação ativa em sua aprendizagem, o que reflete a ressignificação das estratégias de ensino. Além disso, percebeu-se que a autoformação docente atende de forma mais abrangente as necessidades dos estudantes, uma vez que o educador centraliza suas aprendizagens nas necessidades de seu contexto de atuação.

Palavras-chave: Formação docente. Autoformação. Reflexão. Relato de experiência.

Introdução

O processo de formação de professores é um movimento que deve focalizar a reflexão e o protagonismo desses profissionais na construção da profissão docente de forma a refletir nas práticas de sala de aula. Sob essa ótica, o professor não pode apenas voltar-se à implementação de currículos prontos, mas precisa ser protagonista de escolhas que efetivamente atendam seu contexto de atuação.

[195] Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Professora da rede municipal de ensino de Sant´Ana do Livramento-RS.

[196] Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Professora da rede municipal de ensino de Santa Maria-RS.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A formação inicial docente é marcada pela construção de importantes habilidades sobre o fazer pedagógico, as quais incluem saberes técnicos e bases teóricas. Entretanto, por estar centralizado em discussões predominantemente teóricas, essas abordagens se distanciam do contexto real da sala de aula, visto que as discussões são produzidas em âmbitos que se afastam da realidade da escola (Silva, 2009). Em vista disso, a formação continuada busca dar continuidade às reflexões geradas na formação inicial e oportuniza ao professor a construção de espaços dialógicos sobre os diversos meios em que atua ou atuará ao longo de sua vida profissional.

Sob essa ótica, atualmente, é fundamental que a formação docente, além da reflexão sobre as possibilidades de implementação das políticas públicas que direcionam a educação nacional, considere as novas demandas que adentram aos meios escolares. Essa perspectiva engloba os novos saberes e as formas atuais de construção de sentidos promovidos pela ascensão das novas mídias, o que abarca a diversidade cultural dos estudantes e a multiplicidade de modos de comunicação (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020).

A consideração das necessidades de aprendizagem e de reflexão de professores acerca de temáticas específicas encaminha esse profissional ao protagonismo de sua própria formação continuada. Nesse sentido, a autoformação docente relaciona-se com sua identidade profissional de modo a privilegiar suas expectativas pessoais capaz de vislumbrar um “trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios” (Nóvoa, 1992, p. 13). De acordo com Nóvoa (1992), mais importante que o acúmulo de cursos de formação, a construção e a reconstrução da identidade profissional do educador está pautada em sua atuação crítica e reflexiva em relação à sua própria prática.

Em vista dos fatos mencionados, são fundamentais propostas de formação continuada de professores que posicionem o educador no centro de seu processo de construção de aprendizagens que reflitam, efetivamente, seus anseios, suas necessidades e aspirações pessoais, haja vista a construção da identidade docente. Assim, consideramos aportes teóricos que sustentam as discussões geradas neste artigo (Nóvoa, 1992; Imbernón, 2010; Freire, 2021) e apresentamos o relato de uma experiência de autoformação de professores implementada entre educadores de uma escola pública entre os anos de 2004 e 2022.

Por fim, este artigo está organizado em quatro partes. Após esta introdução, a segunda seção discute os pressupostos teóricos que baseiam o estudo. A terceira volta-se ao relato de

experiência de autoformação em uma escola pública do RS. A quarta e última seção discorre sobre nossas considerações finais.

Autoformação Docente: construção de uma identidade profissional

As transformações dos modos de vida em sociedade refletem nas mudanças ocorridas nos espaços educacionais. Nesse sentido, pensar em ensino e aprendizagem e em estratégias pertinentes a esse fim requer o entendimento de que os processos educacionais estão em constante transformação e devem se alinhar às mudanças socais. Nesse viés, a atuação docente necessita, constantemente, de atualização, no sentido de adequar metodologias aos contextos diversos, com o fito de aproximar a prática da realidade vivenciada pelos estudantes.

O avanço tecnológico e a postura dos estudantes frente às novas mídias exigem do professor estratégias voltadas às distintas formas de significação, incluindo a articulação entre os modos de construção de sentidos. Esse fato requer do educador um incessante movimento de ação- reflexão-ação, o que se efetiva ao aliar a experiência em sala de aula à formação continuada ao longo de sua atuação profissional (Imbernón, 2010).

A consideração do constante movimento de formação de professores em serviço precisa contemplar as diretrizes legais que regem a educação nacional, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (BRASIL, 1996), a Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019 e, mais atualmente, a Base Nacional Comum para a Formação de Professores da Educação Básica (Brasil, 2019). Ademais do cumprimento do preconizado nas bases legais, a formação deve ir ao encontro das necessidades e dos anseios da construção da identidade profissional do professor, já que o educador é também um pesquisador, uma vez que "[...] ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo" (Freire, 2021, p. 28).

A noção de professor pesquisador, nesse sentido, favorece a ampliação da ideia de construção de uma identidade profissional que encaminhe o educador não apenas ao cumprimento de disposições de instâncias superiores, mas que privilegie, principalmente, os anseios e as expectativas pertinentes ao seu contexto real de atuação, refletindo as necessidades dos estudantes.

A construção da autonomia docente relaciona-se à criticidade do educador sobre sua atuação prática, pois "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (Freire, 2021, p. 28). Assim, a reflexão do professor é imprescindível para a avaliação sobre suas escolhas metodológicas e para o planejamento de ações futuras.

A autoformação de professores pode ser entendida como a oportunidade de reflexão sobre a própria ação e a construção de autonomia do educado, perseguindo a qualidade da prática educacional e o fortalecimento de sua identidade profissional. Batista (2017, p. 51) afirma que "o processo de autoformação se relaciona ao sujeito em seu caráter individual e coletivo de construção dos conhecimentos e produção de sentidos no decorrer do processo formativo".

O ato de se responsabilizar, em alguma medida, por sua formação continuada, pode possibilitar a responsabilidade do educador no estabelecimento de trocas com seus pares, o que pode contribuir para o alargamento de espaços que favoreçam o diálogo e a colaboração entre educadores. Imbernón (2010) ressalta que a formação tem uma parcela que se constrói na individualidade, mas deve, por outro lado, estar calcada em processos conjuntos, os quais possibilitam a comunicação e a cooperação entre o grupo de professores. Sob esse viés, pode-se inferir que "ninguém forma ninguém e a formação é, inevitavelmente, um trabalho de reflexão sobre a própria vida" (Nóvoa, 1988, p. 116).

Na sequência, apresentamos um relato de experiência que demonstra um percurso de autoformação de professores em uma escola do Rio Grande do Sul, o que vai ao encontro das discussões geradas neste artigo.

Autoformação docente: relato de uma experiência coletiva

Este relato refere-se à prática de autoformação docente de uma escola pública municipal de Sant'Ana do Livramento-RS, localizada em um bairro afastado do centro da cidade. Atualmente, a escola possui em torno de 150 estudantes matriculados. Trata-
se de uma comunidade carente de recursos financeiros, na qual as famílias sobrevivem, predominantemente, de trabalhos informais.

Nesse contexto, a maioria dos estudantes conclui o Ensino Fundamental, mas ainda temos um baixo percentual de estudantes que concluem, após saírem da escola, conseguem concluir o Ensino Médio, uma vez que atendemos turmas de 1º a 9º ano do Ensino Fundamental. Ademais, apenas nos últimos anos alguns ex-alunos ingressaram no Ensino Superior.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O grupo de educadores é composto em média por 15 profissionais, sendo alterado, ao longo dos anos, uma vez que no município, até pouco tempo, em decorrência de contratações temporárias de professores, havia bastante rotatividade. Entretanto, apesar da não manutenção da mesma equipe, cinco profissionais atuaram na escola durante todo o percurso de autoformação apresentado no relato.

A comunidade, assim como muitos contextos brasileiros, apresenta desafios a serem (re)pensados e discutidos pela comunidade, o que inclui a escola. Dentre os problemas, podemos citar dificuldades de aprendizagem de alguns alunos, índices de violência na comunidade, dificuldades dos educadores em avaliar os estudantes, dadas as formas peculiares de aprender de cada um, o despreparo de professores e alunos quanto ao uso de recursos digitais, a depredação do patrimônio da escola, além da ausência de cuidados com o meio ambiente. Esses são apenas alguns exemplos de questões que permeiam as discussões produzidas no espaço escolar e que merecem nossa atenção em busca de amenizar ou solucionar problemáticas.

Após a apresentação do panorama inicial, este relato sobre o processo autoformação divide-se em cinco momentos, os quais estão descritos de acordo com a época de implementação, os papéis desenvolvidos pelos participantes e o tipo de metodologia adotada pelo grupo de professores para os momentos de estudos, de diálogos, de trocas de ideias e de experiências

A **primeira fase** ocorreu entre os anos de 2004 e 2010. Esse período tinha como centro as reuniões administrativas e pedagógicas, as quais focalizavam os problemas da escola e do entorno. Os momentos buscavam apontar formas de enfrentar os desafios cotidianos.

Esses espaços de discussão foram fundamentais, naquela época, para a problematização e a discussão sobre o funcionamento da escola como um todo. Apesar disso, essas reuniões não atingiam nossa reflexão de maneira mais consciente e crítica. Esse fato se deve, justamente, por projetar ações baseadas no que achávamos que poderia "dar certo", mas sem amparo teórico que sustentasse nossas ações. Um dos maiores desafios relaciona-se às dificuldades de aprendizagem, as quais careciam de metodologias específicas que só poderiam ser reconhecidas e implementadas a partir de um estudo sistemático do grupo de professores. A mudança de gestão da escola, no final de 2009, promoveu novas formas de agir, o que incluiu a visão da necessidade da participação mais agentiva e protagonista dos professores.

Diante desse novo cenário, entre os anos de 2010 a 2012, iniciou-se a **segunda fase** de formação, projetada para promover momentos de discussão e reflexão entre os educadores. A

partir de encontros periódicos, ocorridos no prédio da escola, os profissionais discutiam temas de interesse do grupo, mas tentavam associá-los a teorias que dialogassem com as demandas. Iniciou-se, então, o que foi denominado “reuniões de estudo”, o que ocorria mensalmente e tinha por escopo ouvir e trocar informações com profissionais de distintas áreas. Os palestrantes eram convidados a discorrer sobre temas que estavam pesquisando ou que se relacionavam com suas experiências pessoais e/ou profissionais.

Essa metodologia de formação alavancou a construção de importantes saberes, que se relacionavam com nosso fazer pedagógico. A construção desse espaço marcou o início de um protagonismo mais “visível” dos educadores, já que eram oportunizadas trocas e reflexões.

Os momentos foram fundamentais para que ocorressem trocas significativas e pudéssemos repensar muitos aspectos que ainda não estavam tão “visíveis” para a equipe de educadores. Apesar dos momentos enriquecedores, percebíamos que as temáticas não poderiam focalizar os interesses dos palestrantes, mas deveriam se alinhar mais diretamente aos problemas reais do nosso contexto.

Em vista dessa percepção, já evidente em 2012, iniciou-se uma **terceira etapa** do processo de formação dos professores da escola, a qual foi desenvolvida no ano de 2013 e representou uma reconfiguração das reuniões de estudo anteriores.

Nessa nova etapa, as temáticas a serem estudadas e discutidas partiam de apontamentos realizados pela direção da escola, pois entendíamos que esse era o setor que tinha uma visão mais abrangente da escola como um todo. Assim, a equipe diretiva selecionava textos, vídeos, etc., e compartilhava os materiais com os professores para que as leituras fossem previamente realizadas. Em momento posterior, ocorria a reunião para discutir sobre os materiais lidos, o que sempre era conduzido pela equipe gestora.

Os momentos de reflexão e troca em 2013 foram fundamentais para a construção das nossas concepções sobre a importância de nos responsabilizarmos pela nossa própria formação profissional. Apesar dos benefícios, inclusive no que se refere à melhoria de nossas práticas, ainda contávamos com uma metodologia verticalizada, pois a direção da escola estava no centro das decisões e das discussões. A partir de apontamentos do grupo de professores em 2014 surgiu um novo momento de formação de professores.

Nesse sentido, repensar essa prática nos auxiliou a concretizar um quarto momento de formação, o qual, em nosso entendimento, estava mais próximo do que chamamos de

autoformação docente, como um movimento de potencializar a participação reflexiva e crítica do educador em sua formação pessoal e profissional.

A **quarta fase** ocorreu nos anos de 2014 e 2015 e foi idealizada para que o professor fosse o centro da sua própria formação. Desse modo, no início de cada um dos anos letivos, os temas de interesse emergiam dos docentes a partir de seus interesses e das necessidades do contexto. Logo, o grupo elaborava um cronograma de discussões, as quais eram fomentadas por textos e materiais diversos, mas que ainda partiam da direção da escola.

Como os problemas da escola iam se alterando, as temáticas eram, por vezes, revisitadas e redefinidas, fato que proporcionava mais dinamismo a todo o processo formativo. Apesar de, nessa época, já termos direcionado mais nossas discussões às necessidades profissionais do educador para atender esse contexto específico, e de perceber que o educador tinha "voz" e seus anseios eram considerados na discussão, carecíamos de maior protagonismo dos professores, uma vez que estávamos lidando com a construção de suas identidades profissionais.

Diante disso, de 2016 e 2022 foram implementados os "momentos de formação", sendo essa a **quinta fase** do processo. Esse novo momento, ocorrido na escola, não se opunha a propostas de formação externas, como as oferecidas pela Secretaria de Educação, haja vista a qualidade das discussões geradas e o reflexo desses movimentos em nossas práticas. Entretanto, somava-se a essas propostas a busca por responder nossos anseios de forma mais personalizada, sobretudo diante dos desafios peculiares da comunidade escolar.

Nessa perspectiva, os "momentos de formação" partiam de uma situação real que precisava ser amenizada ou resolvida na escola. Na continuidade, partíamos para discussões sobre possibilidades de resolução das problemáticas apresentadas, o que incluía a seleção de textos a serem lidos, vídeos acerca das temáticas em destaque, relatos de experiência dos profissionais. Após o momento de discussão, projetávamos estratégias para a sala de aula, as quais eram implementadas e seus resultados passavam a ser discutidos pelos educadores em encontros posteriores.

A metodologia adotada era flexível e previa sempre os encaminhamentos sugeridos polos professores, os quais decidiam conjuntamente quais eram as melhores formas de organizar as formações. O período pandêmico, por exemplo, possibilitou o fortalecimento desses espaços dialógicos, haja vista nossa necessidade de adaptar nossas práticas para além da presencialidade. Por isso, nessa fase, as reuniões ocorriam quinzenalmente de forma on-line.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A oportunidade de formação não se restringia à apropriação das bases teóricas, mas se estendia às práticas de sala de aula que resultavam dos nossos instantes de compartilhamento e de estudo. Ademais, vale enfatizar que as reuniões eram conduzidas pelos professores, os quais se organizavam para atuar em duplas ou trios.

Como forma de exemplificar os reflexos, em alguma medida, dos nossos estudos, tivemos a diminuição dos índices de evasão que caíram de 10% para menos de 1% entre os anos de 2010 a 2022, a taxa de reprovação que diminuiu de 12% para menos de 1% no mesmo período e, ainda, a criação das assembleias escolares que reuniam representantes de turma para a discussão de formas como poderiam ser resolvidos os problemas da escola pelos próprios alunos.

A experiência de autoformação nos proporcionou evidências acerca da importância do protagonismo de professores na construção de habilidades pertinentes a práticas de ensino eficazes e que considerem a realidade dos estudantes. Nessa seara, podemos, ainda, citar, a aproximação entre escola e comunidade, a qual se fortaleceu ao longo dos anos. Todavia, o processo de autoformação encontrou alguns entraves em seu percurso. Dentre esses problemas, podemos citar a resistência de alguns profissionais frente à necessidade de leituras e, até, mesmo, ao conseguir entender as opiniões divergentes às suas.

Em suma, destacamos que nossa prática de autoformação, ao longo do tempo, foi reflexo de um processo consciente de educadores, que “olharam” com atenção para a comunidade e para as necessidades efetivas de seus alunos. Além desse viés, o movimento de autoformação contemplou temas e anseios de construção da identidade desses profissionais.

Assim, a autoformação de professores, em nossa experiência específica, representou um importante movimento para guiar as nossas escolhas de forma mais reflexiva, autônoma, ética e personalizada em busca de alunos e professores mais críticos e ativos em sociedade.

Considerações finais

Neste estudo, dedicamo-nos a elucidar aspectos teóricos voltados à formação de professores. Ademais, apresentamos um relato de experiência de autoformação de professores ocorrida em uma escola pública do Rio Grande do Sul-RS. Nesse sentido, a experiência suscitou uma ação conjunta de formação pessoal e profissional de educadores.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Sob esse viés, é urgente que sejam fomentadas práticas que vislumbrem formações continuadas em que docentes estejam no centro desse processo, ou seja, protagonizem a construção de habilidades que refletirão na qualidade de suas práticas de sala de aula. Dessa forma, a autoformação contribui não apenas com o educador, mas reflete diretamente naquilo que é oferecido aos estudantes.

Em linhas gerais, enfatizamos que nossa experiência, em grande medida, responsabilizou o educador por sua formação individual e coletiva por meio de leituras, discussões, reflexões e troca de informações, capazes de relacionar teoria e prática. Dessa forma, movimentos de autoformação podem ser considerados opções instigantes de desenvolver habilidades necessárias à docência.

Referências

BATISTA, S. M. M. **A formação continuada de professores do curso de Direito e as possibilidades de desenvolvimento da prática docente reflexiva crítica**. Tese- Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Teresina, 2017. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/20_Tese_Su%C3%AAnya_Marley_M__Batista20190708103627.pdf . Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), 2019b.Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file . Acesso em: 05 dez. 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, M. da. A **complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

PERCEPÇÃO DA ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PATU-RN

Leide Cristina Rodrigues Ernesto [1]

Jéssica Girlaine Guimarães Leal [2]

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte do trabalho de pesquisa de conclusão apresentado ao curso de letras Libras do Universidade Federal Rural do Semi-Arido, Campus Caraúbas. Percebemos que a sociedade brasileira vem passando por várias mudanças no cenário educacional e, devido a isso, as pessoas com deficiência estão sendo inseridas ao protagonismo social. É nos espaços escolares que a inclusão das pessoas com deficiência vem ganhando destaque em Patu – RN existem várias pessoas com deficiênciae sabe-se que parte dos docentes possui bastante dificuldade em ministrar aulas e repassar conteúdos a esses alunos, buscando auxilio na sala AEE para que o aluno possa aprender de forma lúdica, interdisciplinar e individualizada. Entretanto, percebemos que a acessibilidade desses sujeitos ao processo ensino – aprendizagem ainda se encontra precarizada. Nesse interim, emerge esse trabalho, no intuito de analisar como vem sendo realizada a inclusão das pessoas com deficiência nos espaços escolares do município de Patu, no interior do Rio Grande do Norte, como também averiguar como tem se dado a efetividade dos direitos das pessoas com deficiências. Para isso, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, aplicando-se um questionário com perguntas discursivas sobre o ensino as pessoas com deficiência aos docentes do município. Verificamos que o município e os docentes estão atentos as exigências do mercado e apresentam propostas na área, todavia, é necessário fomentar estratégias educacionais com as famílias e os professores através da formação continuada, para que se transformem em ações na sala de aula.

Palavras-chave: Acessibilidade. Inclusão. Deficiências. Educação. Formação Docente

[1] Licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi Árido UFERSA, Campus Caraúbas/ RN. Email: leidecristinaernesto@gmail.com

[2] Doutoranda no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - jessica.leal@ufersa.edu.br

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa nos espaços escolares da cidade de Patu-RN é oriunda de um recorte do trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal Rural do Semi-Árido e teve como intuito de poder contribuir com o ensino das pessoas com deficiência a partir da compreensão sobre a acessibilidade e inclusão desses alunos nas escolas municipais e estaduais neste município.

De acordo com Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), os direitos fundamentais e os direitos específicos pertencem a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Ainda segundo esse documento, também está previsto a inclusão ao direito à vida e a liberdade de opinião e de expressão, eles tratam sobre o direito à educação e o trabalho entre muitos outros, estes sem discriminação. Coadunando com essa ideia, temosa lei n° 13.146 de 06 de julho de 2015 (BRASIL, 2006), que afirma:

> art.1. É instituída a lei brasileira da inclusão da pessoa com deficiência(estatuto da pessoa com deficiência), destinado a assegurar e a promover em condições de igualdade o exercício dos direitos e das liberdades fundamentaispor pessoa com deficiência, visando a sua inclusão social e cidadania.

Esta lei tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo (2015), no intuito de que seja cumprido as condições de igualdade e liberdade da pessoa com deficiência na sociedade onde vive. Em Patu não consta uma legislação municipal especifica para essas pessoas com deficiências e o município segue as diretrizes e bases que constam nos documentos escolares referentes aos Planos Políticos da Escola (PPP), conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Constituição Federal.

Organizamos esse trabalho da seguinte forma, apresentaremos de forma breve um pouco da visão sobre a pessoa com deficiência, em seguida apresentaremos o percurso metodologico sucedido pela analise e resultados. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

OLHAR PARA DIFERENÇA AO LONGO DA HISTÓRIA

De acordo com Leal (2020, p. 29) o pensamento religioso precede o interesse em educar os surdos. Na antiguidade, os deficientes eram considerados ignorantes, sendo visto com compaixão e piedade, em outra situação, eram tidos como pessoas castigadas pelos deuses ou pessoas enfeitiçadas e, por isso, eram abandonados ou sacrificados. Acreditava-se que a cura só podia ser realizada mediante ação divina.

O período da revolução industrial foi marcado pela importância do resultado de produções perfeitas que fossem realizadas em um curto espaço de tempo e em alta demanda. Já quando se trata da revolução científica, as descobertas da área, após um longo período de disseminação dos conhecimentos com criação de universidades que marcaram o fim da idade das trevas, tentavam aproximar o homem à Deus.

Desta forma, a criação do modelo biomédico surgiu como uma iniciativa para traduzir os ideais de perfeição que objetivavam a aproximação ao divino, marcados pela discriminação e comparação a um objeto que pode ser útil ou não. Portanto, a presença de enfermidades afastava os acometidos desses ideais e os levavam a serem tratados de forma diferenciada e fora da normalidade para a época do século XIX contribuindo assim, para a criação do papel social do médico como um agente capaz de “consertar” peças do indivíduo para se adequar a um parâmetro imposto pela sociedade, afastando a contribuição médica da compreensão de lidar com as particularidades de cada serhumano.

Pensando dessa forma a deficiência era vista como um corpo humano com defeitose que precisavam ser consertados, mas sabemos que muitas vezes tratar essa característica como uma doença e não como uma limitação deixa marcas de transtornos e baixa autoestima. O desenvolvimento dessa pessoa e o acolhimento dado perante a sociedade para que se tenha uma melhor qualidade de vida, mostrando que podem ser capazes de aprender e se socializar como pessoa em seu meio social é de extrema importância.

Os movimentos em defesa da classe das pessoas com deficiência trouxeram a ideia da importância de lutar pela inclusão e assegurar o direito da igualdade perante a sociedade. Desta forma, ao conhecer melhor a comunidade tornou-se evidente a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

necessidade de minimizar nos indivíduos o sentimento de invalidez e limitação levando o acolhimento e o discernimento necessário para que essas pessoas se vejam como parte integrante da população ativa socialmente. Portanto, tal inclusão trouxe diversos benefícios para a atualidade, mudando a forma como eram tratados e a garantindo por leio direito de contribuir para a construção do meio social.

METODOLOGIA

Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. utilizou de uma pesquisa exploratória e qualitativa, com uso de questionário, posteriormente os dados trianguladose analisados. A pesquisa exploratória segundo Gil (2002, p. 41) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado;(c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTZ*et al.*, 1967, p. 63).

A pesquisa foi realizada em escolas públicas de ensino regular na cidade de Patu – RN. Patu é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, Região Nordeste do país. Pertence à Mesorregião do Oeste Potiguar e à Microrregião deUmarizal, e está localizado 321 km a oeste da capital do estado, Natal. Ocupa uma área de 319,129 km², e sua população no censo de 2010, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população é estimada em 12.861 pessoas em 2021 mostrando que houve um aumento em relação ao censo do IBGE de 2010 que consta11.964 habitantes, sendo o 48º maior em população do Rio Grande do Norte.

A pesquisa foi realizada em nove escolas, sendo seis municipais e três estaduais.

São elas: Escola Estadual Dr. Xavier Fernandes; Escola Estadual Dr. Edino Jales; Escola Estadual João Godeiro; Escola Municipal Francisco Francelino de Moura; Escola Municipal Raimundo Nonato Da Silva; Escola Municipal Raimundo Rocha; Escola Municipal Gov. Aluízio Alves – (Creche); Escola Municipal Maria Carmelita Rocha – (Creche); Escola Municipal Profa. Raimunda Ernesto da Silva – (Creche).

Selecionamos as respectivas escolas para realização dos questionários com vista à sondagem sobre as pessoas com deficiências e as possibilidades que a escola oferece a elas. Utilizamos como instrumento de coleta a técnica a entrevista. Elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturado essa técnica de coleta de dados o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas do pesquisador.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 - Nome do entrevistado?

2 - Idade?

3 - Sexo?

4- Formação acadêmica?5

- Atividade profissional?

6 - O cargo que desenvolve atualmente?

7 - Já teve algum aluno com deficiências? Qual?

8 - Qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula?

9 - Na escola há acessibilidade para esses alunos com deficiência?10 - Quais os recursos que a escola oferta para esse

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

1.2 *Sujeitos da pesquisa*

Das 30 (trinta) pesquisas realizadas, selecionamos 10 (dez) para compor nessa análise deste trabalho. Para elaboração dos sujeitos da pesquisa foram levantados os

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

seguintes critérios: Professores de alunos com deficiências. São profissionais da docência: uma psicopedagoga do município, um professor da educação especial do Estado, uma coordenadora pedagógica do município, uma coordenadora pedagógica do estado, três professores do ensino fundamental I, duas professoras da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) para Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma diretora da rede municipal, distribuídos entre as nove escolas selecionadas, sendo dois do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idade entre 34 a 60 anos. Destes, todos os professores já tiveram alunos com deficiências em sala de aula. Todos possuem formação em nível superior na área da educação e contam com experiência docente que varia de 5a 32 anos.

ANALISE E RESULTADO

A partir desse momento, serão demonstrados apenas 02 (dois) resultados eanálises obtidos com as coletas de dados, o entrevistado P1(P1 possui graduação em pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia, clínica, institucional e hospitalar, além de ABA em formação e mestrado em educação. Atualmente é funcionária efetiva do município de Patu/RN atuando como psicopedagoga) e P6 (formação acadêmica em pedagogia. Sua atividade profissional perante a escola é como professora do ensino fundamental I). primeiro veremos a transcrição da entrevista realizada e em sequência, faremos a análise dos dados coletados. Como esse artigo é um recorte foi necessário escolher apenas 02 entendendo que seria suficiente para mostrar o resultado da pesquisa.

4.1.1 Entrevistado P1

Quando perguntado sobre qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula,

responde:

Como psicopedagoga, a maior dificuldade encontrada, apesar de somar quatorze anos de muito trabalho tentando conscientização, são as resistênciasde alguns professores e profissionais das instituições educacionais, que mesmo com meu trabalho que vem sendo desenvolvido há anos. Apesar de uma certa conscientização por parte dos professores, que não rotulam mais, nem acham que é para darem um parecer oral do que a criança tem sem antes vir dos profissionais da saúde esse diagnóstico; mesmo assim ainda vejo uma certa resistência. Quanto à procura de subsídios para suas práticas da abertura a

pesquisas e estudos que possam dar suporte necessário frente à sua prática aosalunos e as famílias, portanto, a mediação do seu saber, de sua práticaprofissional, didática e metodológica, pois muitos profissionais não querem compreender que a minha função, frente ao órgão central da educação é de suporte pedagógico, orientações, assessorias e supervisões. Desta forma, os mesmos ainda não compreendem que não sou daquela determinada escola em que eles trabalham, e sim que sou psicopedagoga locada na equipe da secretaria de educação com orientações ao AEE, no planejamento aos professores do AEE e presto esse suporte psicopedagógico nas escolas municipais, porque ainda não há psicopedagogas em todas as escolas, como exemplifica a lei.

Também foi questionado se há acessibilidade nas escolas para esses alunos com deficiências, a entrevistada afirma:

Existem nas escolas municipais uma certa acessibilidade, porém, ainda não contempla na sua totalidade ao modelo padrão de referência legal; para uma adaptação de uma acessibilidade programática. No entanto já avançamos e aos poucos melhoraremos mais, em termos de acessibilidades arquitetônicas. Quanto a acessibilidade atitudinal; podemos dizer que temos um certo avanço; isto conforme determinadas funções desenvolvidas; como é o caso; de professores do AEE - atendimento educacional especializado; professores de educação especial; e cuidadores educacionais; por serem profissionais que compõem a educação especial, que em muitos municípios não existem.

Em seguida procuramos saber da entrevistada se existem recursos na escolaofertados para os alunos com deficiências, a entrevistada responde:

Existem na própria escola ou escolas municipais e na sala de recursos multifuncional (SRM) recursos lúdicos para que possam serem utilizados pelo próprio professor do ensino básico comum; o titular e os professores do AEE, que lidam nessa sala de recursos multifuncional; porém ainda são poucos; tornando-se precários pelas individualidades da pessoa com deficiência; mesmo que as professoras do AEE tenha confeccionado matérias recicláveis;Observamos a necessidade dos gestores, do poder público, investir mais, em termos de atendimento educacional especializado; para um melhor funcionamento; especialmente em tecnologias assistivas com material de apoio a PED, também existe a necessidade de equipamentos de tecnologia, uma internet de qualidade para melhorar o atendimento a esses alunos; pois sabemos que existem inúmeros programas para DV, (deficientes visuais), recursos digitais, slides, vídeos, portais, entre outros que como ledora e psicopedagoga ver-se como facilitadores para inúmeros transtornos de desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem.

Também foi perguntado para a entrevistada se existem projetos na escola e comoos alunos com deficiência participam desses projetos, ela refere:

Sim, com toda certeza, no decorrer do ano letivo; são trabalhados variados projetos e todos temos o cuidado de orientar os professores e escolas como umtodo; os alunos com e sem deficiências participarem, tanto nas atividades pedagógicas diárias, conforme capacidades; quanto em apresentações em público; como iniciamos, pela primeira vez em praça pública a primeira apresentação no ano 2017, e em outros inúmeros eventos; à exemplo tivemos o último, no desfile cívico da cidade, a abertura com uma representação da educação especial, em que levamos um cadeirante e seu irmãozinho gêmeo para abrir o desfile; salientando que sempre e este ano em todos os pelotões de todas as escolas tinham alunos com deficiências, incluídos e outros são até destaques como o cadeirante e porta bandeiras. entre outros inúmeros eventosque iniciamos, e hoje temos consciência de que será um trabalho contínuo, porque mesmo diante da dificuldade que é trabalhar a educação especial e inclusiva, esse trabalho está

sendo gradativamente por ter sido idealizado como primeira psicopedagoga no município de Patu RN, isto me honra por amar a ciência psicopedagógica e poder ajudar o outro, que não tinha vez, nem voz nasociedade e passa a ser sujeito ativo e atuante.

Buscamos saber se a escola oportuniza formação continuada para promoção de acessibilidade para esses alunos e qual formação ou curso voltado à pessoa com deficiências o entrevistado gostaria de realizar, a psicopedagoga relata:

Sim, através de formação continuada para todos os profissionais, e pais; estas retornam para o alunado em forma de conhecimentos. gostaria de fazer uma formação para psicopedagogos pelas instituições parceiras do município, poisas que tenho pago e busco com recursos próprios.

Por fim, questionamos se os pais participam do processo educacional dos seus filhos, e foi dito:

De certa forma sim, pois a minoria não busca conhecimentos e direitos, ou podemos dizer que são poucos instruídos, mas os que são comprometidos com o processo do filho, buscam e até exigem direitos que são seus, para uma plenabusca pela inclusão.

4.1.2 Entrevistado P6

Foi perguntado sobre sua maior dificuldade na sala de aula e se existe acessibilidade para esses alunos com deficiências, ele relata:

Os tipos e níveis de deficiência devem ser identificados pelo professor e pelospais o quanto antes. Trabalho com alunos portadores de paralisia cerebral, síndrome de Down e retardo mental. A maior dificuldade encontrada é como trabalhar com essas crianças na metodologia de ensino voltada para a necessidade de cada um. Na escola há sim acessibilidade, pois houve uma reforma no intuito de diminuir as dificuldades nas acessibilidades estruturais.

Questionamos quais os recursos que a escola oferta para esse aluno, se existem projetos voltados para essa demanda, se a escola oportuniza formação continuada aos professores e qual formação/curso voltado à pessoa com deficiências ele gostaria de realizar, o professor responde:

O município garante profissionais qualificados na área e salas multifuncionais, nas quais nossos alunos são direcionados e acompanhados. Os alunos com deficiências são todos inseridos nos projetos escolares, respeitando as suas limitações e necessidades de cada um. Há um acompanhamento por parte do município com a psicopedagoga e há um grupo de orientações aos professorese pais. Gostaria de realizar um curso de LIBRAS.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Os professores têm idades entre 34 e 60 anos e experiência docente que varia de 5 a 32 anos. Logo, podemos perceber a maioria dos professores já possui uma longa caminhada na vida docente. No questionário aplicado procuramos identificar quais professores já tiveram experiência com alunos com deficiências e qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula.

P1, psicopedagoga do município, menciona dificuldades encontradas com os demais profissionais da educação, pois sua função frente à secretária de educação é voltada aos planejamentos e orientações aos professores do AEE, porém a mesma também realiza orientações aos cuidadores e professores do município por ainda se não ter essa assistência em todas as escolas; afirma que o município realiza orientações aos profissionais e aos pais; relata a importância e necessidade da formação também para os psicopedagogos, pois o município tem instituições parceiras que podem ajudar nesse sentido; há certa participação, mas que a maioria não busca conhecimentos e direitos que possam ajudar, pois poucos são instruídos no assunto; aqueles que são comprometidos buscam e exigem os direitos dos seus filhos.

P6, relata um acompanhamento pela secretaria da educação e pela psicopedagoga, que orienta tanto os cuidadores como também os professores; relata a importância dos pais e da família na escola e referem que os pais participam através de reuniões e eventose que a escola busca interagir com os pais sobre a situação educacional dos alunos com NEE.

Apesar de ser uma cidade interiorana, as escolas de Patu já mostram interesse quanto ao processo ensino-aprendizagem dos alunos com deficiências, mas é necessário um árduo trabalho para garantir esta acessibilidade nas escolas. Entendemos que as escolas estaduais convergem na assistência às pessoas com deficiências, pois houveram melhorias na acessibilidade estrutural das escolas e a estruturação das salas voltadas ao AEE com professores de educação especial, no entanto, ainda se notam dificuldades nas metodologias de ensino para as crianças e jovens com deficiências, a falta de cursos de qualificação e desenvolvimento para o trabalho com especificidade de cada deficiência, o domínio e segurança no quesito ensinar e aprender, o que está ajudando e o que não está ajudando, como trabalhar essa cultura em projetos e obter êxito.

Entretanto, nas escolas do município acontecem várias

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

divergências. Existe sala de AEE em apenas uma escola e os dois professores da sala do AEE recebem esses alunos no contra turno. Os professores dessas escolas não se sentem seguros para trabalhar com essas crianças e não se tem um trabalho voltado para as atividades individualizadas como gostariam. Tem salas multifuncionais em algumas escolas, mas não especificamente parapessoas com deficiências.

Identificamos que é necessário que os gestores das escolas que têm a oportunidade de participarem de cursos voltados para pessoas com deficiências e são orientadas possam passar com critérios as orientações para o restante da escola, como também fazer planejamentos com os professores sobre como aplicar as metodologias em sala, buscando um trabalho coletivo com as famílias, os professores e escola, identificamos que existe no município cuidadores para as crianças com essas especificidades, mas que é necessário treinamentos para poderem colaborar com firmeza nesse atendimento em sala.

Portanto os professores sentem dificuldades em trabalhar em sala com didáticas e planejamentos na escola voltados para pessoas com deficiências, apesar de todos trabalharem com vários tipos de deficiências no decorrer da sua profissão, buscar progredir e superar os obstáculos para ensinar um aluno com esses critérios.

De acordo com Vygotsky (1989) afirma que "[...] as mais sérias deficiências podem ser compensadas com ensino apropriado, pois o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental". Dessa forma, entendemos que o olhar para a diversidade nada mais é do que o respeito ao desenvolvimento de cada sujeito. É necessário um trabalho voltado para a educação das pessoas com deficiências partindo da assistência social em fazer um trabalho voltado para as famílias com pessoas com deficiências ao incentivo e conscientização em matricular seus filhos nas escolas do município, fazer um mapeamento procurando mostrar e esclarecer pontos positivos para sua matrícula e acompanhamento escolar, isso precisa ser feito o quanto antes para que diminua a evasão dessas crianças e seus direitos sejam respeitados e por parte de uma sociedade que deve se adaptar a inclusão e acessibilidade para todos.

A educação é um agente motivador e libertador para qualquer ser humano. Sugiroas mães que têm seus filhos matriculados nas escolas do município de Patu, estando satisfeitas com o trabalho ofertado pelo município, na qual essas crianças estão inseridas na sociedade, lutam pelos seus direitos e buscam o melhor para

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

adaptação dos seus filhos. Sugerimos ao município adotar a semana da pessoa com deficiências para que fosse trabalhados várias áreas com o objetivo de desenvolvimento para as famílias e para a escola como esporte, lazer, cultura e educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho foram avaliados vários pontos, dentre eles a acessibilidade para os alunos com deficiências no município de Patu, no interior do Rio grande do Norte. Foi perceptível que as escolas estaduais, apesar de estarem em um nível satisfatório, com salas multifuncionais e professores da educação especial, ainda precisam melhorar estruturas físicas tornando-as mais acessível para esses alunos, pois ficou evidente a falta de adaptação arquitetônica desses espaços. Ao longo das entrevistas percebemos necessidade dos professores de formações continuadas com vista a atendimento e ensino às pessoas com deficiências. Outro ponto importante é a necessidade de recursos didáticos para aprimoramento do atendimento especializado, bem como planejamento individualizado por parte dos docentes fazendo uso da metodologia diferenciada e voltados ao aluno com deficiência, possibilitara a permanência do aluno em sala.

Já na rede pública municipal também percebemos que o professor sente dificuldades na metodologia individualizada para as pessoas com deficiências, muito embora a disponibilidade da sala do AEE e da psicopedagoga corrobora no desenvolvimento do aluno. De acordo com os relatos, percebe-se que há falta de assiduidade por parte dos alunos com deficiência tanto nas aulas regulares como no Atendimento Educacional Especializado. Nesse sentido é necessário um trabalho de conscientização das famílias sobre a importância da participação na vida escolar. O atendimento do AEE do município tem muito a oferecer, mas é necessário o compromisso dos pais, professores e toda equipe da educação especial, como por exemplo cuidadores e auxiliares das pessoas com alguma deficiência.

Dessa forma a presente pesquisa intitulada, “Percepção na acessibilidade das pessoas com deficiência nas escolas do município de Patu-RN”, teve como objetivo analisar a acessibilidade e inclusão dada a essas pessoas nas escolas estaduais e municipais de Patu. Partindo das análises dos dados coletados,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

chegamos à conclusão queos professores têm consciência sobre a importância da presença dos alunos com deficiências na sala de aula, e que alguns alunos necessitam de recursos humanos de aporte como, por exemplo: cuidadores e auxiliares de salas como um agente facilitador que está para mediar à comunicação e desenvolvimento desses alunos e com isso incentivamos outras pesquisas sobre a atuação conjunta da escola com o professor, cuidador e família.

Nas etapas percorridas desde a delimitação do foco da pesquisa, bem como os critérios bem delimitados foram suficientes para que pudéssemos alcançar os objetivos proposto por esta pesquisa, isto é, compreender como se encontram essas pessoas com deficiências, a situação do docente na sala de aula na cidade de Patu, uma vez que através dos depoimentos dos professores pudemos conhecer um pouco da realidade dessas atuações no município investigado. As leituras realizadas para a fundamentação do estudo serviram de subsídio teórico para compreensão da atividade de acessibilidade no Brasil, quais os direitos das pessoas com deficiências, como trabalhar com essas especificidades descritas na lei, bem como entendermos as limitações e desafios que ainda circundam a atuação do profissional em sala e a preocupação das famílias em poder dar qualidade de vida e assegurar a inclusão social.

Almejamos apenas fazer uma pequena contribuição local para os estudos da áreae esperamos que a discussão aqui apresentada possa colaborar para compreensão da acessibilidade educacional, papel do professor e dos alunos com deficiências no espaço escolar.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: ago. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas, 2008.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Análise da variação lexical dos topônimos em Libras no sertão Paraibano**. 2020a. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Departamento de Letras

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Vernáculas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

SELLTIZ, C. *et al*. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, O. M. **A epopéia ignorada:** a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: Cedas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de Defectología**. Obras Completas, Tomo Cinco, Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

OS MULTILETRAMENTOS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA COM CRIANÇAS POR MEIO DE GAMES E JOGOS

Brossi, Giuliana Castro[197]

Silva, Carla Andreia da[198]

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de jogos e *games* que possam contribuir com a educação linguística das crianças da educação básica de ensino. Para isso, compreende-se que a multiplicidade de linguagens e culturas no ambiente digital possibilita a construção de sentidos que são responsáveis por acionar diferentes formas de leitura e comunicação, atribuindo novas formas de interpretar textos de acordo com suas experiências socioculturais. Dessa forma, quando a criança interage com o digital, seja por meio de jogos, seja através de outras mídias, ela amplia a sua capacidade de leitura e consegue ler o mundo de forma crítica. Isso também acontece quando ela entra em contato com a ludicidade dos jogos de tabuleiro. Para isso, mobilizamos a seguinte metodologia: realização de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, que incluem a investigaçãode ferramentas para construção de um *game*; consolidação de uma pesquisa de campo de cunho qualitativa e quantitativa, que consiste em uma entrevista com um programador de jogos e uma roda de conversa com crianças do 3° e do 5° ano da educação básica do município de Inhumas (GO). Diante disso, as ações da pesquisa estão alicerçadas nas perspectivas dos multiletramentos e do digital (Avelar; Brossi, 2022), nos métodos de elaboração de jogos educacionais (Santos, Alves, 2020) e na importância dos jogos de tabuleiro no ensino de línguas (Bueno e Tonelli, 2020). Por fim, os resultados obtidos através da pesquisa sugerem que um ensino lúdico através de jogos pode auxiliar no desenvolvimento crítico, social e educacional da criança.

Palavras-chave: Multiletramentos. Jogos e games. Educação linguística na infância

Introdução

> Entendemos praxiologias como a leitura daquilo que fazemos, imbuída do que somos e pensamos: as nossas escolhas como professoras estão cheias de nós e refletem o que pensamos, o que e como fazemos; também, são construídas pela nossa cultura e pelos elementos que a constituem, como nossa percepção do mundo, do lugar onde vivemos e de onde viemos, dos valores, das experiências. (FREITAS; AVELAR, 2021, p. 93).

[197] Doutora. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Projeto de pesquisa vinculado.

[198] Graduanda em Letras: Português/Inglês e Bolsista de Iniciação Científica Tecnológica. Universidade Estadual de Goiás. Projeto de pesquisa vinculado.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O reconhecimento e a divulgação de conhecimentos relacionados ao saber e ao fazer de professoras de inglês com crianças tem sido uma preocupação constante nas nossas trajetórias (BROSSI, 2022). A escuta sensível das vozes dessas professoras[199] foi o ponto fundante do estudo doutoral de Brossi (2022): a partir de nossos diálogos (consensos e dissensos), no projeto de extensão *English for Kids*, provocamos movimentos nas políticas linguísticas e curriculares locais. Dessa maneira, continuamos empenhadas em conhecer as praxiologias das professoras que atuam nessa fase, com crianças de 6-11 anos nas escolas públicas. A leitura de tudo que elas fazem, criam, adaptam e desenvolvem são imbuídas das vivências que elas construíram ao longo de suas trajetórias. A atual pesquisa, dessa forma, visa ouvir o que elas entendem como desafios, no que tange aos jogos, que possam ser usados como ferramentas de ensino de inglês, seja como introdução ou revisão de conteúdo, ou como instrumento de avaliação[200]. Bueno (2020) propôs um jogo de tabuleiro como instrumento de avaliação por acreditar que o jogo em si pode proporcionar a avaliação, aprendizagem, engajamento e motivação às crianças. Santos e Alves (2020) destacam que os jogos digitais têm sido usados para diversas finalidades, inclusive para a construção de conhecimentos, uma vez que os jogos educacionais podem oferecer experiências eficazes de aprendizado. Defendemos que os jogos possibilitam uma forma de avaliação mais informal e sem ansiedade nas crianças, e que eles podem também promover experiências ricas de aprendizado.

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados do projeto de pesquisa que foi desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás (UEG), na Unidade Universitária de Inhumas. Ele, por sua vez, se configura como um desdobramento do projeto homônimo criado e desenvolvido em parceria com a Universidade Estadual de Londrina (UEL). O objetivo geral do projeto desenvolvido na UEG foi elaborar materiais didáticos e construir

[199] Escolhemos subverter o padrão normativo de escrita no gênero masculino por entender que as mulheres são a maioria nesse campo de atuação de ensino de línguas adicionais para crianças.

[200] Neste trabalho ancoramo-nos ao conceito de avaliação *para* a aprendizagem, em inglês *Assessment for Learning* (BLACK, WILIAM, 1998; BLACK, HARRISON, LEE, MARSHALL, WILIAM, 2004), cuja função principal é subsidiar a aprendizagem e o desenvolvimento do objeto avaliado, proporcionando autonomia e corresponsabilidade da aprendizagem ao aluno.

jogos de ensino do inglês para apoio à docência. Partindo da problematização gerada pela crescente oferta do ensino de línguas adicionais, em especial, a língua inglesa, na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental em contextos públicos, principalmente por meio de Secretarias Municipais de Ensino, a pesquisa se pautou na escuta sensível das professoras que atuam neste âmbito, e em suas experiências formativas e praxiológicas de sala de aula. Partindo do contato com as professoras, conhecendo suas praxiologias e a organização curricular do componente inglês nas escolas envolvidas do município de Inhumas, a bolsista de Iniciação Científica Tecnológica (IC&T) aproximou-se também das crianças, por meio das rodas de conversa que contribuíram com a criação do material didático que será apresentado ao final deste artigo. Ademais, o presente projeto teve como vigência 2022 a 2024, e uma de suas metas foi a criação e o patenteamento de um jogo de tabuleiro e de um game e/ou aplicativo para ser usado como material didático de ensino de inglês com crianças.

Ao interagir com o digital e com a ludicidade dos jogos de tabuleiro, as crianças acionam diferentes formas de ler e se comunicar, atribuindo sentido aos textos de acordo com as suas experiências socioculturais. Os games têm feito parte do cotidiano de muitas crianças sendo uma oportunidade para as leituras multimodais. Neste sentido, as propostas de criação de games e jogos estão alicerçados nas perspectivas dos (multi)letramentos e no digital (BARTON; LEE, 2015; COPE; KALANTZIS, 2003; GEE, 2003; PRENSKY, 2006; AVELAR; BROSSI, 2022), refletindo sobre as leituras multimodais realizadas pelas crianças nos primeiros anos escolares a partir das interações com o digital. Por outro lado, em relação aos jogos de tabuleiro nos ancoramos em Bueno e Tonelli (2020) pois são instrumentos práticos e lúdicos que podem ser manuseados sem a necessidade de conexão de internet ou outros dispositivos eletrônicos, oferecendo inúmeras possibilidades de uso na sala de aula de línguas.

Partindo dessas considerações, desenvolvemos um plano de trabalho cujos objetivos específicos eram: a) Investigar ferramentas para a criação de games para o ensino de inglês com crianças; b) Desenvolver um jogo de tabuleiro para uso em aulas de línguas com

crianças dos anos iniciais, por um viés da educação linguística crítica; c) Criar um *game* que pudesse contribuir com a experiência das crianças em aprender inglês na perspectiva dos multiletramentos.

No intuito de relatar os resultados iniciais desta pesquisa, além dessa seção introdutória, este artigo é constituído pela fundamentação teórica que embasa o projeto, seguido pelos procedimentos metodológicos, para ao final apresentar os resultados dos dados construídos durante o andamento da pesquisa.

1.1 Construindo Sentidos Por Meio Das Múltiplas Linguagens

Corroboramos com Avelar e Brossi (2022) ao afirmarem que o contato das crianças com a cultura digital tem começado cada vez mais cedo. Apesar de a maioria das crianças terem acesso ao dispositivo ‘smartphone’, segundo a pesquisa realizada pela Panorama Mobile Time/Opinion Box (2020), as autoras ressaltam que muitas comunidades ainda não têm acesso a nenhum tipo de tecnologia, o que revela que elas não têm contato com os recursos multissemióticos. Nesse sentido, elas destacam o papel da escola em propiciar e possibilitar a inclusão digital e "o acesso às diversas formas de linguagens que fazem parte do nosso cotidiano atualmente" (AVELAR; BROSSI, 2022, p. 3).

Avelar e Brossi (2022) destacam ainda que a multiplicidade de linguagens possibilita que as crianças construam inúmeras formas de sentido, ao acionarem diferentes formas de ler e se comunicar através dos diferentes tipos de linguagens que aparecem no aparelho digital. Com base nisso, as autoras ressaltam que o ato de ler não está relacionado às leituras de mundo, pois "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele" (FREIRE, 1981, p. 13).

Inspiradas em Paulo Freire (1981) defendemos que a concepção de educação linguística (crítica) na infância vai muito além de uma mera escolha terminológica: não há um termo que dê conta da complexidade da natureza das linguagens no campo de atuação com as crianças em contexto escolar. Além disso, consideramos o potencial educativo da aprendizagem de inglês (ou outros idiomas nomeados) para a construção de repertórios que se constituem na essência de quem somos e do espaço que nossos corpos ocupam no

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

mundo. A partir desta concepção, Rocha (2010) nos convida a pensarmos uma educação linguística que, de fato, prepare as crianças para o mundo contemporâneo, com possibilidades de construir novos sentidos, entrecruzando "diferentes línguas, linguagens, identidades e vozes promovidos em sala de aula" (ROCHA, 2010, p. 204), adotando a noção de pluralidade linguística e cultural, aliada aos multiletramentos, oferecendo assim, meios "de promover práticas transculturais, viabilizando o desenvolvimento de multi/transletramentos". (ROCHA, 2010, p. 204). A educação linguística crítica na infância que embasa as discussões que trazemos neste artigo estão ancoradas em Tonelli (2021), Rocha (2018) e Pessoa, Silva e Freitas (2021). Em primeiro lugar, concordamos com Tonelli (2021, 27:20) que comenta acerca do ensino crítico de línguas para crianças, afirmando que o ensino da(s) língua(s) deve se ocupar também da "formação da criança como sujeito único", estimulando a criança a "ler o mundo a sua volta", promovendo "espaços de ampliação de possibilidade de ser e agir no mundo, respeitando a opinião alheia".

Entendemos, de acordo com Tonelli (2021), que ensinar línguas para crianças em uma perspectiva crítica é fazer com que elas percebam seu lugar no mundo e entendam que existem outras vozes, outras formas de pensar e de agir. Nessa direção, consideramos urgente que repensemos as visões "reducionistas frente à realidade, ao sujeito, à linguagem, à sociedade e à educação" (ROCHA, 2018, p. 143), ressignificando princípios, discursos e praxiologias rumo à abertura às abordagens translíngues, não monoglóssicas. Segundo a autora, é preciso considerar o "caráter complexo e ideológico das relações humanas, da produção de sentidos e da construção de conhecimentos" (ROCHA, 2018, p. 144), interrompendo a naturalização de preconceitos e desigualdades.

Em segundo lugar, compreendemos a educação linguística crítica como conceito no sentido amplo, englobando a formação docente para atuar no ensino de línguas (neste estudo *com* crianças), conforme Pessoa, Silva e Freitas (2021). As autoras e o autor entendem que "a educação acontece na construção dialógica do conhecimento, onde todas as pessoas e materialidades envolvidas ensinam e aprendem ao mesmo tempo" (PESSOA; SILVA;

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

FREITAS, 2021, p. 16), evitando a dicotomia entre ensino e aprendizagem e a hierarquização dos saberes da escola e da universidade, ao passo que nos reconhecemos como ensinantes e aprendizes nas relações dialógicas que travamos nos espaços formativos autênticos que construímos no emaranhamento das nossas experiências. Pensando na educação linguística como esse processo onde todos "ensinam e aprendem ao mesmo tempo" (PESSOA; SILVA; FREITAS, 2021, p. 16) e trazendo para o campo de ensino com crianças estimulando-as a "ler o mundo à sua volta" (TONELLI, 2021), temos como foco também (re)pensar a formação de professores/as de línguas com crianças que "que não se limite à formação linguística de crianças" conforme Tonelli e Kawachi-Furlan (2021, p. 88) defendem, e se volte para a "formação completa (linguística, afetiva, social, cognitiva)" delas.

> Em relação ao conceito de educação linguística crítica *com* crianças, concordamos também com Malta (2019), que propõe o reconhecimento do papel protagonista das crianças durante todo o processo, inclusive no planejamento e na escolha das temáticas e práticas sociais, trazendo-as para o centro da educação linguística. Nessa direção, concordamos com a perspectiva de Kawachi-Furlan e Malta (2021) que afirmam que mobilizar a educação linguística crítica com crianças faz com que elas sejam capazes de questionar "as verdades impostas pela sociedade" (Kawachi-Furlan; Malta, 2021, p.156), promovendo um ensino que esteja focado em problematizar e romper os constructos sociais.

Tendo isso em mente, priorizamos nessa pesquisa, o diálogo com as professoras que atuam nesse cenário, e com as crianças para quem pensamos em criar materiais didáticos em forma de jogos e games. Corroboramos Gee (2003) ao refletir acerca dos letramentos visuais (imagens, símbolos, gráficos, diagramas, artefatos e outros símbolos visuais) particularmente significativos, cada vez mais presentes no dia a dia das crianças. A leitura crítica de todos esses elementos propicia a construção de sentidos para além da linguagem escrita ou verbalizada, e a escola é o espaço onde as crianças podem questionar e se

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

expressar ao interpretar tais elementos, e construir assim um repertório linguístico-discursivo multissemiótico.

1.2 Procedimentos Metodológicos

O plano de trabalho intitulado "Os Multiletramentos e a construção de sentidos na educação linguística com crianças por meio de games e jogos" faz parte de uma investigação maior que se constitui em uma pesquisa crítica de Colaboração (PCCol) (MAGALHÃES, 2009, 2011, 2012; MAGALHÃES; NININ; LESSA, 2014) que foi fundada diante do cenário pós-pandêmico (TONELLI; KAWACHI-FURLAN, 2021) e da vulnerabilidade nos ambientes da escola, com o propósito de compreensão, compartilhamento e aprimoramento de práxis (BROSSI, 2022). Após a pandemia (2020 e 2021) as escolas estão lidando com o uso de tecnologias digitais, que cada vez mais fazem parte do cotidiano das crianças pequenas. As tecnologias digitais, quando bem aproveitadas e planejadas nas salas de aula, podem favorecer múltiplos e diversos tipos de leitura, acionando diferentes formas de ler e se comunicar, atribuindo sentido aos textos de acordo com as suas experiências socioculturais.

Participaram da pesquisa professoras(es) de inglês com crianças que atuam no contexto inhumense, um desenvolvedor de games, e 60 crianças de 3º e 5º anos que estudam em Inhumas, Goiás. A escolha dessas turmas se baseou no acesso que tivemos a partir da parceria da professora de inglês e a disponibilidade de horários das aulas de inglês. Para o desenvolvimento do estudo, foi necessário elaborar um questionário com o fito de conhecer mais a respeito do desenvolvimento de um *game*, e um segundo questionário para saber o nível de contato que as crianças possuem com os aparelhos eletrônicos e conhecer quais jogos chamam mais a atenção do público-alvo da pesquisa.

Antes que os participantes respondessem ao questionário, foi necessário que todos estivessem cientes da sua participação. Dessa forma, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com as normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012, que tem como objetivo principal esclarecer como

será a participação de cada indivíduo e deixar claro quais são nossos objetivos ao realizar o estudo. No que tange às crianças foi criado um termo de compromisso autorizando a participação das crianças que foi enviado para a escola, que encaminhou aos pais. Dessa maneira, cada responsável poderia autorizar ou não a participação da criança e ficaria consciente que a mesma estaria participando da pesquisa.

Em relação à entrevista com Star[201], o desenvolvedor de games, elaboramos um questionário por meio do *Google Forms* para conhecer um pouco mais da atuação profissional dele. Esse formulário eletrônico era formado pelas seguintes perguntas: 1) Nome completo, 2) Como você se identifica?, 3) Em relação à sua raça/etnia, como você se identifica?, 4) Informações sobre a formação (incluindo cursos técnicos e/ou especializações), 5) Atuação profissional, 6) Você já criou um game?, 7) O que você pensa acerca dos games para a educação de crianças de 6 a 12 anos? e 8) Você teria interesse em participar da criação de um game para o ensino de inglês com crianças de 6 a 12 anos?

Como parte dos procedimentos metodológicos selecionados para realizar a pesquisa realizamos as seguintes etapas: i) Encontros para organizar cada etapa da pesquisa com a finalidade de discutir, analisar e planejar o que faríamos na etapa seguinte. Esses encontros foram realizados de forma presencial na Unidade Universitária de Inhumas; ii)A escuta sensível das professoras envolvidas nas ações formativas no Paraná e em Goiás e suas impressões acerca da criação de games e jogos para contribuir com a aprendizagem de inglês com crianças; iii) Sistematização das ideias acerca das temáticas possíveis de serem abordadas por meio de *games* e dos jogos; iv) Apropriação de ferramentas de criação de imagens, vídeos e games tais como *Scratch, Duolinguo, Cake, Genially*, dentre outros; v) Entrevista com o desenvolvedor de games; vi) Rodas de conversa com as crianças na escola realizando a sondagem dos conteúdos na sala de aula de ensino de inglês com crianças em Inhumas; vii) Organização das perguntas para a criação do jogo de tabuleiro com o objetivo de prática oral;

[201] Para não revelar a identidade do programador optamos por utilizar um nome fictício para nos referirmos a ele.

A entrevista com Star, realizada no *Google Meet*, tinha como objetivo conhecer e identificar o que é necessário e essencial para um jogo ou aplicativo que ensine inglês para crianças e que ao mesmo tempo as envolva e faça com que queiram jogar por conta própria. As perguntas foram baseadas nas respostas obtidas através do formulário eletrônico, buscando nos aprofundar no tema da criação de jogos na perspectiva de um desenvolvedor e tirar dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa.

O segundo questionário[202] foi elaborado para as crianças e continha 12 perguntas, com a finalidade de coletar informações acerca do contato das crianças com os meios de comunicação, com aparelhos digitais e com quais jogos mais tem contato. Além disso, procuramos saber como é contato das crianças com o inglês, e se gostam ou não da disciplina.

1.2 Desafios e Perspectivas

Um dos resultados da pesquisa foi a consciência de que para criar um game seria necessário i) aumentar a equipe do projeto no intuito de termos a colaboração de alguém que saiba lidar com programação e ii) conseguir apoio financeiro para a criação e pilotagem do game. Diante de tais constatações, admitimos que fomos tomadas por um desânimo em relação à criação de um game que pudesse ser disponibilizado para as escolas públicas de Inhumas para ser pilotado e usado como ferramenta metodológica nas aulas de inglês.

Essa consciência se deu mediante as informações coletadas durante a entrevista com Star, compiladas a seguir: i) Um dos primeiros pontos para se fazer um jogo é pensar em uma história que prenda a atenção do estudante; ii) O segundo ponto é pensar na jogabilidade e criar níveis de dificuldade que estejam equilibrados para que o aluno queira continuar jogando; iii) Não existe muita diferença quando se programa um jogo para celular e para computador, mas a principal questão é que no computador os modelos são mais parecidos, enquanto que no celular existem vários modelos e o *game* pode não funcionar em todos os aparelhos, por isso a dica é fazer um *site* no qual o estudante acessará o jogo por

[202] Transcrito no Anexo 1.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

meio de um *link*; iv) Criar um game não é um processo rápido, o tempo para criá-lo depende do tipo de jogo que será desenvolvido, do gráfico, do desenho, da programação e do som; v) Para criar o jogo o ideal é ter o auxílio de uma equipe para que assim cada etapa seja dividida; vi)Atualmente o processo de criação de um game demanda uma grande quantia de dinheiro.

Após a entrevista com Star, realizamos a roda de conversa em duas escolas da rede municipal de Inhumas, onde a mesma professora parceira atuava. O momento da roda de conversa com as crianças foi, ao mesmo tempo, muito inspirador e desafiador, uma vez que os diálogos foram travados a partir das experiências pessoais das crianças em relação aos games, ao ensino de inglês na escola, e aos seus hábitos de leitura. Algumas dessas informações nos levaram a refletir, frente a quantidade de tempo que as crianças já passavam diante do celular, sem supervisão significativa de um adulto, se a criação de um *game* como ferramenta para usar nas aulas de inglês seria benéfico ou não. As crianças foram consultadas acerca de sua participação na roda de conversa, após a assinatura dos pais autorizando a participação, e procedemos com a gravação em áudio das conversas que aconteceram nas quatro turmas que participaram. A bolsista se aproximava das crianças que desejavam responder às perguntas para garantir a qualidade do áudio gravado.

A seguir, apresentamos alguns dos dados que obtivemos: i) a maioria dos alunos entrevistados utilizam o celular para terem contato com o ambiente digital, poucos usam tablet e a quantidade daqueles que usam o computador ou console é mínima; ii) a maioria dos alunos têm contato com aparelhos digitais praticamente todos os dias, poucos têm supervisão dos pais; iii) quando perguntados sobre os efeitos colaterais de ficarem na frente do celular durante muitas horas por dia os estudantes disseram que “fazia mal para olhos”, que poderia deixá-los “viciados” e que “dava dor de cabeça”, mas que mesmo assim gostavam de jogar; iv) praticamente todos os alunos do 5° ano gostam de inglês e costumam ver a língua nos aparelhos digitais, em livros, além das aulas de inglês. Os alunos do 3° ano também gostam, mas veem a língua nas aulas de inglês da escola e nos jogos;

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

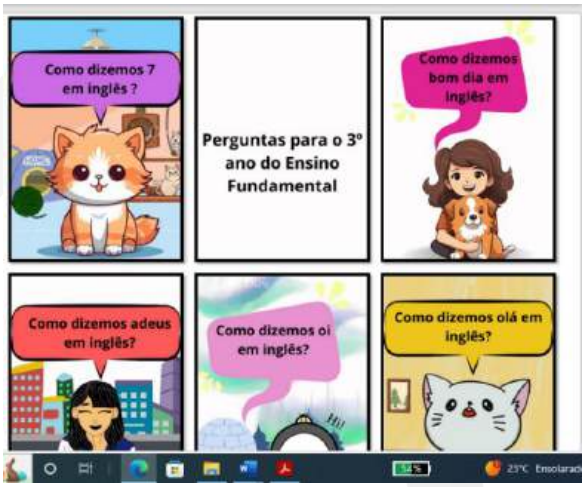
Ademais, as crianças também foram questionadas com a seguinte pergunta: "Se você fosse criar um jogo para ajudar as crianças a aprenderem inglês, como ele seria?", para a qual obtivemos diversas sugestões. Entre elas estão: o aluno A sugeriu que no enredo do jogo "os jogadores poderiam criar vários mundos e que poderia existir vários jogos dentro de um mesmo jogo". A aluna B já aponta que "o jogo ia ter várias histórias só que as palavras iam ser todas em inglês e iria aparecer a palavra e o jogador ia desenhar ou escrever a palavra". O aluno C propõe que "No jogo teria um protagonista e esse protagonista seria brasileiro, mas só que ele não sabia nada de inglês e iria ter uma guerra que estaria acontecendo entre o Brasil e Os Estados Unidos e o protagonista deveria aprender inglês para conseguir controlar os EUA e passar nas fases". A aluna D sugeriu que "poderia ser um jogo com histórias baseadas em livros".

Após as rodas de conversa com as crianças, iniciamos o processo de criação das narrativas, das personagens e seus avatares, utilizando os recursos gratuitos que a bolsista tinha em mãos. Estamos no processo de conseguir apoio de alguma entidade ou de fomento para a criação do game. Entretanto, o jogo de tabuleiro com foco nos conteúdos curriculares da rede municipal de Inhumas foi desenvolvido, com cartinhas (Imagem 1) voltadas para cada série, uma proposta de tabuleiro inspirado no jogo proposto por Bueno (2020).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Imagem 1: Exemplos das cartinhas do jogo de tabuleiro



Fonte: as autoras

A bolsista criou 120 cartinhas[203] com foco no conteúdo do 1º semestre dos Anos Iniciais, conforme o Plano Anual das professoras de inglês, da rede municipal de Inhumas. Convidamos as professoras para participarem da criação das cartas, e todas as sugestões propostas foram acatadas.

A próxima etapa foi a pilotagem das cartinhas nas escolas. Dessa forma, escolhemos duas turmas, do 3° e do 2° ano do ensino fundamental, para testarmos o produto desenvolvido pela pesquisa de IC&T. Durante o processo de apresentação do jogo de tabuleiro e das cartinhas para os alunos explicamos as regras para a turma, sendo elas: a) O jogo será jogado por até 5 crianças e cada uma delas ficará com um pino; b) Para percorrem o tabuleiro deverão usar um dado; c) Quando o estudante cair no *challenge*[204] deverá cumprir o desafio de uma das cartinhas, caso não consiga acertar a pergunta ficará uma rodada sem jogar; d) Se cair em *jail*[205], também ficará uma rodada sem jogar; d) O estudante que chegar ao final do jogo será considerado o vencedor. A partir das regras

[203] A versão completa das cartinhas pode ser acessada por meio do link: Cartas Challenge
[204] Desafio em inglês.
[205] Cadeia em inglês.

apresentadas as crianças, divididas em grupos, jogaram o jogo. Durante uma aula de 60 minutos, cada grupo conseguiu jogar em torno de 4 rodadas.

Durante a pilotagem, conseguimos notar que as crianças praticaram a leitura e mobilizaram o vocabulário de língua inglesa enquanto respondiam as perguntas presentes nas cartinhas. E após o término da aula, alguns estudantes relataram suas experiências em relação ao jogo de tabuleiro e as cartinhas: o aluno A disse "gostaria de jogar novamente o jogo", já o aluno B relatou que "gostaria que as aulas de inglês fossem sempre assim", e o aluno C disse que "essa havia sido a melhor aula de sua vida".

Algumas Considerações

Depois de todas as etapas desenvolvidas até o presente momento, percebemos que existem inúmeras possibilidades para a criação de um *game* educacional. Porém, um *game* que tenha como objetivo ensinar precisa ter características que façam com que o jogador queira jogar, ou seja, é necessário que ele tenha uma narrativa que faça a criança emergir dentro do *game* e possa aprender enquanto se diverte. Porém, percebemos, nos diálogos com Star, que o processo de criação de um jogo não se limita apenas ao campo das ideias e da história, visto que devemos planejar e criar uma equipe que possa contribuir com a pesquisa. Dessa forma, decidimos ampliar a equipe e buscar o auxílio de programadores e desenvolvedores, e colocar em prática algumas das ideias das crianças. Além disso, pleiteamos apoio financeiro para a criação do game, uma vez que esse não é um recurso pedagógico que conseguimos realizar sem investimentos.

Outro produto advindo deste projeto de pesquisa é a construção de um site de recursos pedagógicos voltados para a educação linguística crítica (em inglês) com crianças. Recentemente, em 2024 houve a prorrogação da bolsa de IC&T e a concessão de uma bolsa IC-EM, o qual está propondo a publicação desse site que oferta um acervo de planos voltados para a contação de histórias, projetos transdisciplinares, sugestões de aulas com jogos e games, ferramentas como *scape rooms*, jogos interativos e aplicativos de pronúncia, dentre outros.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Muitos estudos vêm sendo desenvolvidos com foco em diferentes recursos pedagógicos para o contexto complexo e múltiplo da educação linguística (em inglês) com crianças. As histórias infantis (TONELLI, 2005; BROSSI; FREITAS; SILVA, 2021; LEAL, 2022; MAGIOLO, 2021) podem ser apontadas como um dos principais recursos de professoras(es) de inglês com crianças pela fruição, encantamento e possibilidades de questionamentos propiciados pela literatura infantil, pela contação de histórias e encenações inspiradas nas histórias. As práticas sociais mobilizadas pelas crianças nas aulas inspiradas em histórias, brincadeiras, jogos e games são significativas para as crianças, e quando orientadas de forma planejada, possibilitam momentos reais de uso das linguagens e dos repertórios linguísticos multimodais. As diferentes modalidades que as crianças têm acesso em suas vivências na família, na comunidade, nas brincadeiras com outras crianças, podem compor os repertórios multimodais que as crianças levam para a escola. É papel da escola possibilitar às crianças o acesso a tais repertórios. Gee (2003) destaca que a escola fixa suas práticas nas leituras das letras e das palavras, e muitas vezes esses textos não fazem sentido para as crianças.

Outrossim, os resultados obtidos através da pesquisa sugerem que um ensino lúdico através de jogos pode auxiliar no desenvolvimento crítico, social e educacional da criança. Esse resultado pode ser observado a partir da apresentação do jogo de tabuleiro, produto da iniciação científica tecnológica, que visa conciliar os conteúdos de língua inglesa da educação básica com a ludicidade dos jogos educacionais. Através dele, acreditamos que é possível mobilizar uma educação em conjunto com os jogos educacionais, sejam eles digitais ou não, pois, a criança enquanto brinca consegue desenvolver suas habilidades de leitura e escrita. Além disso, percebemos que enquanto elas revisavam e aprendiam palavras em inglês, elas também se divertiam e desenvolviam habilidades de socialização com os colegas, visto que aprenderam a esperar a sua vez na hora de jogar o dado, respeitando a vez do colega; e aprenderam a perder e a ganhar, pois entenderam que poderiam jogar de novo e que o importante era brincarem.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Finalizamos esse artigo, com a reflexão de Avelar e Brossi (2022, p. 142), no diálogo que tecem com o poeta Manoel de Barros, acerca do mundo multimodal e "[d]o conhecimento que as crianças trazem consigo para a experiência escolar e para a vida cotidiana não é de "estudar em livros", retomando os versos de Manoel de Barros. Seria, então, a leitura de multimodalidades um "saber primordial?"".

Agradecimentos:

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás pelo apoio financeiro da UEG, por meio do Programa de Auxílio Eventos (Pró-Eventos), que possibilitou a participação do III ENIPEL. Nossos agradecimentos se estendem às professoras parceiras e às crianças das escolas que contribuíram com nossa pesquisa e aos participantes do Projeto de Extensão Rede Educação Linguística na Infância (ELI): *English for Kids* pelo fomento de ideias.

Referências:

AVELAR, Michely Gomes; BROSSI, Giuliana Castro. Lendo games: Multiletramentos nos anos iniciais. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens UFMS. V. 26, n. 51, 2022, p. 129-145.

BARTON, David; LEE, Carmen. Linguagem online: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BLACK, P.; HARRISON, C.; LEE, C.; MARCHALL.; WILIAM, D. **Working inside the Black Box:** Assessment for Learning in the Classroom. Phi Delta Kappan, v. 86, p 8-21, 2004.

BUENO, Bruna Alessandra Graef. Chameleon: o jogo de tabuleiro como instrumento de avaliação para a aprendizagem de língua inglesa por crianças. Dissertação Mestrado Profissional em Línguas Estrangeiras Modernas (MEPLEM) UEL. Londrina, 2020. 105 f. : il

BUENO, Bruna Alessandra Graef; TONELLI, Juliana Reichert Assunção. Chameleon: O jogo de tabuleiro como instrumento de avaliação para a aprendizagem de língua inglesa por crianças. In: KADRI, Michele Salles El. et al. (org.) **Pesquisas e produtos educacionais para o Ensino de Inglês: professores em desenvolvimento**. São Paulo: Pontes, 2020, p. 43-66. Disponível em: <https://meplem.com.br/wp-content/uploads/2021/03/e-book-Pesquisas-e-produtos-educacionais_Meplem.pdf

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. "Multiliteracies": New Literacies, New Learning. Pedagogies: An International Journal. London: Publisher Rouledge, p.164-195 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1080/15544800903076044. Acesso em: 14 abr. 2021.

FREITAS, C. C.; AVELAR, M. G. Leitura do e no mundo digital: Multiletramentos na formação de professores de línguas. In.: PESSOA, R. R.; SILVA, K. A.; FREITAS, C.C. (Org.). **Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica**. São Paulo: Pá de Palavra, 2021, p. 91-108.

GEE, James Paulo. What video games have to teach us about learning and literacy. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. Letramentos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

KAWACHI-FURLAN, C.; MALTA, L. Teaching English with young learners: possibilities of critical language education.***Via Litterae: Revista De Linguística E Teoria Literária***, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 153-170, 2020.

MAGIOLO, G. M. **Sequência Didática do Gênero História Infantil**: Educação Linguística em Língua Inglesa na Infância e Sensibilização às Diferenças. 2021. 245f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

MALTA, L. S. **Além do que se vê:** educação crítica e letramentos, formação de professores e prática docente no ensino de inglês para crianças de 2 a 5 anos. 2019. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PESSOA, R. R.; SILVA, K. A.; FREITAS, C. C.. Praxiologias do Brasil Central: Floradas de educação linguística crítica. In: PESSOA, R. R.; SILVA, K. A.; FREITAS, C. C. (Orgs.) **Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica**. São Paulo: Pá de Palavra, 2021, p. 15-24.

PRENSKY, Marc. Don't bother me mom! I'm learning. St. Paul, Minnesota: Paragon House, 2006.

ROCHA, C. H. **Propostas para o inglês no ensino fundamental I público**: plurilinguismo, transculturalidade e multiletramentos. Campinas, SP : [s.n.], 2010.

ROCHA, C. H. Línguas estrangeiras na infância, formação cidadã e letramento crítico. In: STURM, L.; TOLDO, C. (Orgs.). **Desafios contemporâneos do ensino**: língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes Editores, 2018.p. 125-156.

SANTOS, William de Souza; ALVES, Lynn Rosalina Gama. Jogos digitais educacionais: Tensionamentos no processo de produção. Obra Digital, n. 18, p. 13-24, ago. 2020.

TONELLI, J. R. A.; KAWACHI-FURLAN, C. J. Perspectivas de professoras de inglês para crianças: (re)planejar, (re)pensar e (trans) formar durante a pandemia (Covid-19). **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 46, n. 85, p. 83-96, 2021.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TONELLI, J. R. A. **Histórias Infantis no Ensino da Língua Inglesa para Crianças**. 2005. 359 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Apêndice 1

QUESTIONÁRIO PARA A RODA DE CONVERSA COM AS CRIANÇAS

1. Você costuma jogar games eletrônicos e jogos de tabuleiro? Se sim, com quais você mais se identifica?
2. Quais são os jogos que você gosta de jogar?
3. O que você acha mais divertido em um jogo?
4. Você gosta de inglês? Se sim, por quê? E se não, diga o porquê.
5. Em quais lugares você mais costuma ver ou ouvir palavras em inglês?
6. Se você fosse criar um jogo para ajudar as crianças a aprenderem inglês, como ele seria? (Use a sua imaginação)
7. Quais aparelhos digitais você mais utiliza?
8. O que você costuma fazer com este aparelho quando está utilizando-o?
9. Seus pais permitem que você use o celular? Se sim, por quanto tempo?
10. Você tem celular, computador, tablet ou outro equipamento?
11. Você gosta de ler? Se sim, o que você prefere?
12. Você assiste TV? Quantas horas por dia?

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"DERAM-NOS ESPELHOS E VIMOS UM MUNDO DOENTE": CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXTRAÇÃO ILEGAL DO OURO EM *A QUEDA DO CÉU* E *AMAZÔNIA: A NOVA MINAMATA?*

Dinalva da Silva Corrêa[206]

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer uma leitura da obra *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, e o filme *Amazônia: a nova Minamata?*, de Jorge Bodanzky para demonstrar as consequências da extração ilegal do ouro na Amazônia. Na obra *A queda do céu*, a "mitologia metálica" faz referência à narrativa de como Omama, demiurgo dos yanomami, escondeu os metais embaixo da terra e fincou hastes metálicas para evitar "a queda do céu". Em contrapartida, o filme *Amazônia: a nova Minamata?* demonstra a luta dos Mundurukus para conter o impacto destrutivo do garimpo ilegal e revela como a doença de Minamata, no Japão, decorrente da contaminação por mercúrio, ameaça os povos indígenas na Amazônia. A pesquisa bibliográfica e documental baseia-se nos estudos de Albert (1995; 2009), Eckert e Rial (2023) e Relatórios (1990; 2024). Conclui-se que a população indígena na Amazônia vem sofrendo sérios problemas devido à contaminação do mercúrio causado pela extração ilegal do ouro.

Palavras-chave: *A queda do céu*. *Amazônia: a nova Minamata***?.** Extração ilegal de ouro.

Introdução

A queda do céu: palavras de um xamã yanomami, livro de Davi Kopenawa, escrito em co-autoria com o etnólogo francês Bruce Albert foi publicado, originalmente, na França, em 2010, e, no Brasil, em 2015. A obra *A queda do céu* é inspirada em uma narrativa que conta sobre o cataclismo que acabou com a primeira humanidade e, que para os yanomami, pode prefigurar o destino do nosso mundo, invadido pelas imanações mortíferas dos minérios e dos combustíveis (Kopenawa; Albert, 2015).

O alerta do xamã, Davi Kopenawa, reside sobre o eminente fracasso do xamanismo. A profecia-depoimento afirma que, diante dos poderes destrutivos liberados pelo branco, do calor patogênico, do efeito estufa, se instaurará uma crise escatológica e um movimento brutal de desordem cosmológica. Essa crise significa que, adoecendo os *xapiri*, morrendo os xamãs e a floresta, não há possibilidade de sustentar o mundo dos yanomami e dos brancos (Dorrico, 2018).

[206] Doutoranda em Estudos Literários. Programa de Pós-Graduação em Letras-Universidade Federal do Pará.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Para tecer uma leitura comparativa com *A queda do céu* cujo objetivo é demonstrar as consequências da extração ilegal do ouro na Amazônia, trago o filme *Amazônia: a nova Minamata**?*** de Jorge Bodanzky (2022), que tem como produtor Nuno Godolphim, um dos fundadores do Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS. O filme traz a luta dos povos indígenas, em especial da liderança Alessandra Korap, entre outros, que se dedicam ao tem do estado de saúde dos Mundurukus e reivindicam a pesquisa científica médica sobre os níveis de mercúrio na população, em denúncia ao garimpo ilegal. O filme contrasta com a situação de Minamata (Japão) a partir de fotografias de Eugene Smith e de filmes de Noriaki Tsuchimoto sobre o fenômeno denominado o "Mal de Minamata", com imagens dos problemas neurológicos e psicomotores nos corpos dos sobreviventes japoneses. decorrente da contaminação por mercúrio.

2 A corrida do ouro

Em 1975, na área central do território Yanomami, no Alto Rio Parima (Serra dos Surucucus), ocorreu uma primeira invasão de garimpeiros em busca de minério de estanho (cassiterita). Na década seguinte, devido à divulgação dada ao potencial minerário do território yanomami, acabou desencadeando, uma crescente invasão garimpeira que acabaria por se transformar, em 1987, em uma verdadeira corrida do ouro no estado de Roraima. Cerca de 90 pistas de pouso clandestinas foram abertas na região de Serra Parima, nas cabeceiras dos rios Uraricoera, Parima, Mucajaí e Catrimani, entre 1987 e 1990. Estima-se que, na época, algo em torno de trinta a quarenta mil garimpeiros estariam explorando sítios auríferos na área. Durante esse período, as relações entre os yanomami e os garimpeiros se tornaram uma forma dominante de contato. A quantidade de invasores estabelecidos em terras yanomami, representava, no estado de Roraima, aproximadamente cinco vezes sua própria população (Albert, 2009, p.16).

A partir de 1990, a maré de garimpeiros em território yanomami foi pouco a pouco contida por reiteradas operações de expulsão realizadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pela Polícia Federal (PF). Apesar dessas iniciativas, as invasões de

garimpeiros não cessaram. Com essas reinvasões, os Yanomami foram submetidos à doenças e violências, cujo caso mais dramático foi o massacre, em 1993, em Haximu, ocasionando a morte de 16 pessoas, entre elas crianças, mulheres e anciãos (Albert, 2009, p.17).

No Relatório de Saúde dos Yanamomi, elaborado pelo médico Ulisses Confalonieri da Fundação Oswaldo Cruz com a colaboração da equipe de saúde da *Ação pela Cidadania*, que participou do III Plano Emergencial de Atenção à Saúde Yanomami, organizado pela Funai/Ministério da Saúde em 1990, consta que:

> As condições de saúde dos yanomami são alarmantes. Além da desnutrição, os índios foram afetados por epidemias de malária e de outras enfermidades trazidas pelos invasores e desconhecidas pela medicina tradicional. A FUNAI abandonou a área, após retirada dos profissionais de saúde que nela atuavam mediante convênios. Centenas de índios doentes foram removidos pelos próprios garimpeiros para a cidade de Boa Vista. A Operação Emergencial de Saúde teve eficácia limitada e revelou a ocorrência de centenas de óbitos, sobretudo entre a população infantil (CCPY et al, 1990, p. 36).

Desde a década de 1990, a invasão de garimpeiros se intensificou, impactando diretamente o modo de vida das comunidades indígenas, como demonstra o excerto a seguir:

> A garimpagem corroeu inúmeros igarapés e poluiu os principais rios da região. A floresta foi devastada para ceder lugar aos garimpos e as mais de cem pistas de pouso, abertas na mata, afugentando a caça e prejudicando as atividades de coleta. A introdução de alimentos industrializados desorganizou as roças tradicionais das comunidades mais afetadas, provocando a fome e criando relações de dependência. Houve casos de conflitos armados que resultaram em morte e feridos (CCPY et al, 1990, p.36).

3 Amazônia virando Minamata

O filme *Amazônia, a nova Minamata?*, de Jorge Bodanzky (2022), resgata a história de Minamata, no Japão, na década de 50, cuja população sofreu sequelas seríssimas no sistema nervoso central devido o consumo de peixes contaminados pelo mercúrio, levando uma geração de crianças com má formação congênita e até mesmo à morte.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O documentário demonstra que lideranças indígenas da etnia Munduruku, percebem que há algo errado com a saúde de seu povo, então, reivindicam médicos e pesquisadores para investigar o que está acontecendo. O neurologista, Erik Jennings, e pesquisadores Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) realizam exames na comunidade indígena e o diagnóstico revela altos índices de contaminação desse metal pesado, tradicionalmente associado à atividade garimpeira de ouro e à destruição da floresta. Ao retornar com os resultados para a aldeia, os médicos enfrentam a resistência dos garimpeiros, do governo brasileiro e até mesmo de outros indígenas. Desse modo, Alessandra Korap e as lideranças Mundurukus se organizam para combater as fontes dessa contaminação, garantir a saúde dos filhos e preservar a floresta.

Ecekert e Rial (2023) destacam três aspectos importantes sobre o filme *Amazônia, a nova Minamata?*, os quais consideram fundamentais para colocar em relevo uma tragédia brasileira. São elas: Primeiro, constrói a tragédia dos Mundurukus em contraste com a situação de Minamata, com imagens dos problemas neurológicos e psicomotores dos corpos dos sobreviventes, o qual denominaram de "O mal de Minamata", colocando o filme em uma perspectiva global, ao unir Amazônia e Japão.

De acordo com as autoras, no filme é possível observar em um sobrevoo com avião, o médico Erick Jennings, da Secretaria de Saúde Indígena, relata pelo menos 30 anos que os Mundurukus estão convivendo com mercúrio, chumbo, etc. Com a voz do médico, vemos as primeiras cenas que evocam a tragédia de Minamata, com os japonenes doentes pela intoxicação do mercúrio, presença irreversível nos corpos. O filme sobre Minamata, em preto em branco, mostra as pessoas e os animais adoecidos pela presença de mercúrio em seus corpos, na cidade industrial de plásticos, com derramamento do produto tóxico no ambiente.

O segundo aspecto é a luta dos povos indígenas, em especial, a luta das mulheres, como protagonista a liderança feminina Munduruku, Alessandra Korap, que se dedica ao tema do estado de saúde dos Mundurukus e reivindicam a pesquisa científica médica sobre os níveis de mercúrio na população, em denúncia ao garimpo ilegal e ao descaso do governo. Uma manifestação em Brasília contra o garimpo ilegal com representações sobre o sangue derramado, tendo a voz de uma liderança indígena abre o filme *Amazônia, a nova Minamata?* com o grito: "a gente vai morrer lutando". O filme segue retrocedendo um para um período de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

três anos antes, com a líder indígena Munduruku Alessandra Korap comentando que precisa relatar sobre o impacto da mineração e das hidrelétricas ao sentenciar: "se não fosse o povo indígena lutando pela natureza, o mundo não estava vivo."

E, por fim, o terceiro aspecto, a tragédia maior de ver índios Mundurukus junto a garimpeiros, defendendo a extração do ouro por ser uma economia rentável para a população do lugar, em detrimento dos rios, dos peixes e da saúde dos habitantes locais e regionais, presença do mercúrio na venda da pesca, impedindo a intervenção do atendimento médico no local, ou mesmo dificultando o processo de filmagens e presença dos documentaristas.

No filme, o médico, pronto para retornar às aldeias com o resultado dos exames clínicos, é abordado em Jacareacanga por indígenas a favor do garimpo que o ameaçam de queimar o avião, impedindo-o de continuar a viagem. De acordo com Ecekert e Rial (2023), "essa dissidência entre o próprio povo Munduruku é altamente problemática para o combate do garimpo ilegal, pois o filme aponta para o avanço de ideologias neoliberais entre as populações subalternas, o que inclui os indígenas" (Ecekert; Rial, 2023, p.397).

A exemplo de Minamata no Japão, em novembro de 1989, pesquisadores japoneses, auxiliados pela Comissão pela Criação do Parque Yanomami-CPPY e com conhecimento da Fundação Nacional do índio-FUNAI, colheram na Casa do Índio, em Boa Vista, amostras de cabelo de dezoito yanomamis procedentes das comunidades de Ericó, Mucajaí e Paapiú, que foram analisadas na Faculdade de Medicina da Universidade de Kumamoto, no Japão. Treze indivíduos apresentaram níveis de mercúrio (fração metálica mais orgânica) no organismo, acima do valor considerado aceitável pela Organização Mundial de Saúde (2ppm). O mais significativo, entretanto, foi a constatação que todos os dezoito yanomami avaliados revelaram percentuais de mercúrio orgânico em relação ao mercúrio total acima de 33,3%, valor considerado limite pela OMS. Isto significa alta reciclagem ambiental do metal com comprometimento de componentes da cadeia trófica (peixes, raízes, etc) utilizados como alimentos pelos indígenas (Ação pela cidadania, 1990, p. 37).

Em dezembro de 2020, a reportagem de Tainá Aragão, intitulada "Estudo revela contaminação por mercúrio de 100% dos Munduruku do Rio Tapajós" mostra a notícia que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

trazia o questionamento do coordenador de pesquisa da FIOCRUZ, Paulo Basta, sobre se seria a Amazônia a nova Minamata. A pesquisa da Fiocruz revelou os impactos do mercúrio em áreas protegidas e povos da floresta amazônica comparando com a situação vivenciada em Minamata, no Japão, quando milhares de pessoas morreram. Essa reportagem trazia os dados sobre os efeitos da contaminação dos rios (em especial o Rio Tapajós), e dos peixes com mercúrio usado sobretudo no garimpo ilegal conforme demonstrou a pesquisa da Fiocruz em parceria com WWF-Brasil.

Em 2024, Paulo Basta, apresentou o Relatório Técnico intitulado: "Impacto do mercúrio em áreas protegidas e povos da floresta na Amazônia: Uma abordagem integrada saúde-ambiente", cujo projeto teve o objetivo era avaliar a situação geral de saúde das comunidades afetadas pelo impacto da atividade garimpeira na TI-Yanomami, subgrupo Ninam, que vive na região do alto rio Mucajaí, no estado de Roraima. O projeto tinha como foco principal de interesse a exposição ao mercúrio e os efeitos negativos à saúde, os resultados demonstraram que dos 293 indígenas provenientes das aldeias Caju, Castanha, Ilha, Ilihimakok, Lasasi, Milikowaxi, Porapi, Pewaú e Uxiú, foram coletadas 287 amostras de cabelo e de células de mucosa oral dos participantes. Além disso, foram coletadas 47 amostras de peixes e 14 amostras de água e sedimentos do rio Mucajaí e afluentes. Em todas as amostras de cabelo estudadas foram detectadas concentrações de mercúrio: em homens, mulheres, crianças, adultos e idosos, sem exceção. Por meio desta investigação foi possível avaliar a situação geral de saúde, bem como os níveis de mercúrio em amostras de cabelo, de aproximadamente 300 indígenas do povo Ninam. Como resultado, ampliou-se o entendimento sobre os efeitos negativos (diretos e indiretos) provocados pela presença de garimpos ilegais de ouro e o consequente uso do mercúrio à saúde da população local.

No filme *Amazônia: a nova Minamata?*, Carlos da União, que se diz dono do garimpo, declara o desejo de enriquecer como um aprendizado de seu pai, também garimpeiro. As cenas de uma escavadeira rasgando o solo são justificadas com tecnologia importante para o acesso ao ouro. Os garimpeiros entrevistados trabalham em difíceis condições, mas como objetivo maior é encontrar ouro, o sacrifício é recompensado. Os garimpeiros são cientes das consequências ambientais com a desculpa que o garimpo é de

pequeno impacto comparado às grandes mineradoras. Porém, Geiser logo mostra nos computadores que o estrago é muito grande, com a extenuação dos rios em pouco tempo de extração. Com a morte do bioma, os indígenas da região não têm outro meio de sobrevivência que o de depender da mediação dos garimpeiros para poderem se alimentar. Para Viveiros de Castro (2015):

> O sistema de garimpo é semelhante ao do narcotráfico, e, em última análise, à tática geopolítica do colonialismo em geral: o serviço sujo é feito por homens miseráveis, violentos e desesperados, mas quem financia e controla o dispositivo, ficando naturalmente com o lucro, está a salvo e confortável bem longe do *front*, protegidos por imunidades as mais diversas. No caso do garimpo nos yanomami, o dispositivo, como é de notório conhecimento nos meios especializados, envolve políticos importantes de Roraima, alguns deles defensores destacados, no Congresso, de reformas 'liberalizantes' da
>
> legislação minerária relativa às terras indígenas. Esses próceres não aparecem na notícia. Quem sabe, nem sequer existam. O povo inventa muito... (Viveiros de Castro, Eduardo; 2015, p.23).

Em 2023, a mídia expôs a crise sanitária e humanitária enfrentada pelos yanomami. Casos graves de indígenas com malária, pneumonia e desnutrição severa - problemas agravados pelo avanço do garimpo ilegal nos últimos anos.

E a corrida do ouro continua.

4 A fumaça-epidemia e *A queda do céu*

O terceiro capítulo d' *A queda do céu* denominado de "A fumaça do metal", Kopenawa denuncia o contato com os brancos e as sucessivas epidemias decorrentes dessa aproximação. Também demonstra como o desastre ecológico afetou diretamente o mundo espiritual que, por sua vez, depende da floresta para viver.

Para os povos indígenas, a maneira de explicar o mundo advém da narrativa oral, pois são "povos que ainda vivem o mito vivo" (Teixeira, 2022, p.159). "A caracterização xamânica do ouro fundamenta-se numa breve referência mitológica que relata como

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Omama, o demiurgo, escondeu os metais embaixo da terra, a fim de proteger os humanos de suas propriedades patogênicas" (Albert,1995, p.11).

Davi Kopenawa conta que os *xapiri* mostraram a origem do ouro em sonho. Foi assim que ele descobriu que aquilo que eles, os brancos, chamam "minério" são pedaços do céu, da lua e do sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo (Kopenawa; Albert, 2015, p. 357).

> As coisas que os brancos extraem das profundezas da terra com tanta avidez, os minérios e o petróleo, não são alimentos. São coisas maléficas e perigosas, impregnadas de tosses e febres, que só Omama conhecia. Ele, porém, decidiu, no começo, escondê-las sob o chão da floresta para que não nos deixassem doentes. Quis que ninguém pudesse tirá-las da terra, para nos proteger. Por isso devem ser mantidas onde ele as deixou enterradas desde sempre (Kopenawa; Albert, 2015, p.357).

Para os yanomami, as narrativas orais registram na tradição ancestral que o demiurgo Omama, pai do primeiro xamã e criador dos *xapiri*, fincou hastes metálicas para sustentar a terra e a *Hutukara*, o nome do primeiro céu que desabou, formando a terra atual, cujo novo céu, eles desde então trabalham para segurar. Desse modo, incubiu os xamãs o trabalho de manter longe os *aöpatari*, animais ancestrais maléficos do submundo.

Mas, "nem tudo que reluz é ouro", enquanto for conservado no frio das profundezas da terra o ouro é inofensivo. Mas não contentes em extraí-lo, os garimpeiros ainda o queimam e expõem ao sol em latas de metal. Esse aquecimento "mata" o ouro e o faz "exalar" uma fumaça pestilenta – "a fumaça do metal" – que se propaga em todas as direções. Esse calor patogênico afeta não somente os seres humanos, mas também a floresta, que vê seu "sopro" esvair-se e seu "princípio de fertilidade" fugir, tonando-se inabitável para seus donos, os espíritos xamânicos (que "possuem" a floresta) (Albert, 1995, p.13).

De acordo com Albert (1995), as fumaças patogênicas da "doença do minério" constituem apenas a aparência visível aos "olhos de fantasma" da "gente comum". Por trás dela desenrola-se a caça canibal do espírito-epidemia, *xawarari* que só pode ser detectada pelos espíritos auxiliares dos xamãs.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> A epidemia *xawara* é um espírito maléfico que mata e come nossos filhos (...) ele tem fome de carne humana (...) Por isso ela está comendo também um monte das suas crianças, ela acaba com elas, as devora sem parar, as mata e moqueia como se fossem macacos. (...) Só quando tem o bastante é que ela para. É assim (...) *xawara* tem muita fome de carne humana; não quer caça nem peixes, ela só quer a carne dos yanomami (Kopenawa, 1990, p. 14).

Em entrevista concedida ao Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), em março de 1990, e registrada em vídeo, Davi Kopenawa respondeu na própria língua às perguntas do antropólogo Bruce Albert, revelando a visão do jovem pajé da aldeia Demini sobre o drama vivido atualmente pelo seu povo. O antropólogo pergunta a Davi Kopenawa se os garimpeiros não forem retirados das suas terras, o que vai acontecer com o povo yanomami. O líder yanomami responde:

> Se os garimpeiros continuam a andar em nossa floresta, se eles não voltam para o lugar deles, os yanomami vão morrer, eles vão verdadeiramente acabar. Não vai haver pessoas para nos cuidar. Os brancos que nos curam, médicos e enfermeiros são poucos. Por isso, se os garimpeiros continuam trabalhando em nossa mata, nós vamos realmente morrer, nós vamos acabar, só vai sobreviver um pequeno grupo de nós. Já morreu muita gente, e eu não queria que se
>
> deixasse morrer toda essa gente... Mas os garimpeiros não gostam de nós, nós somos outra gente e por isso eles querem que nós morramos. Eles querem ficar sozinhos com nossa floresta. Por isso estamos muito assustados. Outros yanomami não vão ser criados depois de nós. Quando os garimpeiros acabarem com os yanomami, Outros não vão surgir de novo assim...não vão, não. Omama já foi embora deste mundo para muito longe e não vai criar outros yanomami... não vai não (Kopenawa, 1990, p.15).

Conforme Albert (1995), o fracasso do xamanismo diante dos poderes patogênicos liberados pelos brancos define a verdadeira magnitude das consequências da corrida do ouro – a instauração de uma crise escatológica e de um movimento brutal de entropia cosmológica:

> Quando os brancos arrancam minérios perigosos do fundo da terra, nosso sopro torna-se curto demais e morremos muito depressa. Não ficamos somente doentes, como antes, quando estávamos sozinhos na floresta. Agora, toda a nossa carne e até o nosso fantasma estão contaminados pela fumaça de epidemia *xawara* que nos consome. Por isso, nossos xamãs mortos estão furiosos e querem nos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> proteger. Se nosso sopro de vida se apagar, a floresta vai ficar vazia e silenciosa. Nossos fantasmas então irão juntar-se aos muitos outros que já vivem nas costas do céu. Então, o céu, tão doente quanto nós por causa da fumaça dos brancos, vai começar a gemer e se rasgar. Todos os espíritos órfãos dos antigos xamãs vão cortá-lo a machadadas. Vão retalhá-lo por inteiro, com muita raiva, e vão jogar os pedaços na terra, para vingar seus pais falecidos. Aos poucos cortarão todas as amarras do céu e ele vai despencar totalmente; e depois não vai haver nenhum xamã para segurá-lo. Vai ser muito assustador mesmo! As costas do céu sustentam uma floresta tão grande quanto a nossa, e seu peso enorme vai nos esmagar de repente com toda sua força. Toda a terra na qual andamos será empurrada para o mundo subterrâneo, onde nossos fantasmas vão, por sua, vez virar vorazes ancestrais *aõpatari*. Vamos morrer antes mesmo de perceber. Ninguém vai ter tempo de gritar nem de chorar. Depois, os xapiri em fúria vão acabar atirando na terra também o sol, a lua e as estrelas. Então o céu vai ficar escuro para sempre (Kopenawa; Albert, 2015, p. 493-494).

Daí a importância do xamanismo, pois sem ele, toda a terra-floresta perece. Porém, surdos às palavras de Kopenawa e cegos em relação à verdadeira composição do mundo, os brancos põem tudo a perder, pois o que está em jogo é a existência dos povos indígenas e a do homem branco na Terra.

Considerações Finais

O filme *Amazônia, a nova Minamata?*, de Jorge Bodanzky demonstrou que *o* uso desse metal na atividade garimpeira interfere diretamente no modo de vida indígena, na região amazônica, e principalmente na segurança alimentar, pois o peixe é uma das principais fontes de proteína consumida, principalmente, nas regiões ribeirinhas. Para isso, é necessário que as atividades garimpeiras sejam cessadas e, assim, seja interrompido o processo de contaminação.

A exposição a grandes quantidades de mercúrio pode causar danos irreversíveis no corpo humano, como os apresentados no filme, inclusive durante a gravidez, durante o processo embrionário e no aleitamento materno causando problemas neurológicos na criança.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Na Amazônia, apesar de as fiscalizações dos órgãos oficiais competentes para a prisão de garimpeiros e destruição do arsenal utilizado para o funcionamento do garimpo ilegal, como, por exemplo, destruição de helicópteros, escavadeiras, combustíveis, etc, o sistema do garimpo vem migrando para outras áreas causando desmatamento em grandes proporções, impactando a cadeia ambiental e trazendo danos que podem ser considerados irreversíveis para a população indígena e não indígena, pois o peixe é um alimento muito consumido nas cidades.

Em *A queda do céu*, Davi Kopenawa e Albert, demonstram que a consequência da propagação generalizada da "epidemia-fumaça" do ouro significa o extermínio dos xamãs, reduzidos à impotência e aniquilados pela captura de seus espíritos auxiliares, enfurecidos pelo luto, retalharam o céu com suas armas sobrenaturais, até que ele cedeu sobre o próprio peso. Uma nova vingança dos espíritos xamânicos, expandida pela destruição dos xamãs, ameaça desta vez provocar um cataclisma que trará o fim à humanidade atual. Porém, essa narrativa deixa-nos uma réstia de esperança. Os xamãs,

com fortes escoras, tentam salvar alguma parte, para que se reinicie no futuro a vida, pois um meio de evitar a queda do céu é continuar com o trabalho xamânico.

Referências

ALBERT, B. **O ouro canibal e A queda do céu**: uma crítica xamânica da economia política da natureza. Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-Amazônico. São Paulo: UNESP, 1995, p. 239-274. ISBN 85-7139-355-9. Disponível em: https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers20-06/010044879.pdf. Acesso em: 06.07.2024.

_____.MILIKEN, W.; com a colaboração de Gale Gooodwin Gomez. **Urihi a: a terra–floresta yanomami.** São Paulo: Instituto Socioambiental Paris, França. IRD – Instituto de Recheche pour le Devéloppment, 2009.

AMAZÔNIA: A NOVA MINAMATA? Direção de Jorge Bodanzky. Produção: João Roni, Nuno Godophim. Roteiro: Nuno Godophim, Tiago Carvalho. 2022.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ARAGÃO, T. Estudo revela contaminação por mercúrio de 100% dos Munduruku do Rio Tapajós. **Amazônia Real**, 26.11.2020. Disponível em: https://amazoniareal.com.br/estudo-revela-contaminacao-por-mercurio-de-100-dos-munduruku-do-rio-tapajos/. Acesso em: 06.07.2024.

BASTA, P.C. **Relatório técnico: impacto do mercúrio em áreas protegidas e povos da floresta na Amazônia: uma abordagem integrada saúde-ambiente**. Paulo Cesar Basta (Coordenador). Rio de Janeiro, Fiocruz, ENSP, 2024. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/63148. Acesso em: 06.07.2024.

CCPY, CEDI, CIMI E NDI. **Yanomami: a todos os povos da terra.** Segundo Relatório da Ação pela cidadania sobre o caso Yanomami referente a acontecimentos do período junho de 1989 a maio de 1990. CCPY/Cedi/Cimi/NDI. São Paulo, 1990.

CUNHA, M.C. da. **Índios no Brasil:** história, direitos e cidadania. São Paulo: Editora Claro enigma, 2012.

DORRICO, J. A queda do céu e o pluriverso yanomami: ancestralidade, território e educação. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v.09, nº02, 2018. Disponível em: https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/download/873/731/990. Acesso em: 07.07.2024.

ECKERT, C; RIAL, C. S de M. *Amazônia, uma nova Minamata?* **Ilumminuras**, Porto Alegre, v.24, n.64 p.393-399, maio, 2023. DOI: https://doi.org/10.22456/1984. 1191. 132415. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/132415. Acesso em: 30 abr. 2024.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Companhia das Letras: São Paulo, 2015.

TEIXEIRA, Neiza. O poeta, o filósofo, o vidente, o pajé ou xamã. In: ***Para aquém ou para além de nós:*** uma contribuição do pensamento "primitivo" ou "bárbaro" para o pensar do futuro. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, E**. O recado da mata** (Prefácio). In: *A queda do céu:* palavras de um xamã yanomami. Companhia das Letras: São Paulo, 2015.

O JOGO TEATRAL COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO SOCIOCULTURAL E HISTÓRICO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Josielio Pereira Rodrigues[207]

Linduarte Pereira Rodrigues[208]

Resumo: O artigo é fruto de um trabalho de pesquisa desenvolvido em uma escola pública paraibana, que apresenta o relato de vivência aplicado na aula de Língua Portuguesa. Em prol da promoção de um letramento sociocultural e histórico no contexto escolar (Rodrigues, 2017), o estudo buscou entender os benefícios promovidos pela abordagem dos jogos teatrais no ensino-aprendizagem de linguagens nos anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, buscou desenvolver uma metodologia de ensino de língua(gens) que ressaltasse os jogos teatrais por meio do texto dramático *A feira* (1976) de Lourdes Ramalho. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e de natureza qualitativa, e de cunho etnográfico em Educação, o estudo realizou uma abordagem exploratória em um primeiro momento e, em seguida, aplicada ao ensino. Os resultados obtidos com a pesquisa apontaram para a necessidade de um ensino-aprendizagem língua(gens) significativo, entendido como aquele que considera tanto os conteúdos linguísticos quanto os estudos da linguagem e artístico-culturais, que permeiam a realidade dos alunos por meio da palavra, do corpo, da arte, e de seus significados/sentidos para a construção da cidadania, da dignidade: ação de educar que considera as práticas cotidianas de utilização/sensibilização da palavra/linguagem como uma possibilidade e letrar socioculturalmente a partir da história local do aluno.

Palavras-chave: Ensino de Língua(gens). Jogos teatrais. Texto dramático. Lourdes Ramalho.

Considerações iniciais

A linguagem atinge uma condição que, segundo Geraldi (2015), é fundamental para que o homem perceba e compreenda o mundo que o cerca e, assim, possa agir frente às suas relações. Ampliando esta discussão, o autor afirma que é necessário considerar a educação à

[207] Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores. Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande/Paraíba. Membro do grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). E-mail: josielio_cgpb@yahoo.com.br

[208] Professor, Doutor da Faculdade de Linguística, Letras e Artes e dos Programas de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade e Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Líder do Grupo de pesquisa: Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq/UEPB). E-mail: linduartepr@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

luz da linguagem, tendo em vista que ela exerce um papel significativo no processo educacional, isto é, de transmissão do conhecimento.

Nesse sentido, percebemos que a linguagem teatral, por exemplo, surge como um recurso multimodal/semiótico que amplia as possibilidades comunicativas do sujeito através do uso consciente da voz, do corpo e das gestualidades cênicas. Logo, os textos teatrais ou dramáticos, tornam-se um recurso pedagógico oportuno e necessário de ser considerado no contexto de sala de aula, sobretudo, atrelado às aulas de Língua Portuguesa. Entendemos que, a partir desses textos, o aluno tem a oportunidade de exercitar a leitura/escuta, a análise/reflexão e a produção textual oral/escrita, compreendendo com mais clareza a arquitetura dos jogos teatrais[209].

Sobre esta ótica, percebemos que pensar o ambiente escolar mediante uma perspectiva cultural é tornar este espaço educacional propício para a construção do respeito e empatia pelo diverso, é considerar que o aluno, antes de tudo, é um ser atravessado por uma cultura/historicidade e esta não pode ser ignorada, rejeitada ou excluída. Segundo Rodrigues e Silva (2019), a escola é um ambiente onde o aluno constrói suas relações e vivencia constantemente a diversidade cultural.

Na esteira desta discussão, destacamos como objeto de estudo desta pesquisa o ensino de língua(gens), amparado pela relevância da abordagem cultural do gênero dramático popular na aula de Língua Portuguesa, por meio dos jogos teatrais, que considera justamente os aspectos identitários do aluno. Para tanto, trouxemos para o contexto escolar uma proposta teatral que evidenciasse e enaltecesse a cultura/história local, com a qual o aluno nordestino (e de periferia) se identifica. Mediante esta questão, o texto teatral *A feira* (2011)[210], da dramaturga Lourdes Ramalho, assume um papel importante nessa discussão, pois quando o relacionamos com os estudos de língua(gens) podemos perceber sua

[209] Trabalhamos com a ideia de jogos teatrais desenvolvida pelo dramaturgo Augusto Boal (2015), em seu livro *Jogos para atores e não atores*. Nesse sentido, os jogos teatrais apresentam-se como dinâmicas teatrais que podem trabalhar de forma lúdica, desde os sentidos humanos (tato, visão, audição etc.) até a relação do ator com outras pessoas no palco/em sociedade.
[210] A primeira encenação da peça teatral *A feira* ocorreu em 1976, a partir de um trabalho de direção coletiva, finalizado por Florismar Melo, e pelo Grupo Cênico Paschoal Carlos Magno (Maciel, 2016).

relevância através do gênero dramático, o que nos levou a perceber a necessidade de trabalhar textos da cultura popular em sala de aula, sobretudo aqueles que enaltecem os valores, os costumes, os saberes e os artistas locais.

Dessa forma, tivemos como objetivo geral desenvolver uma metodologia de ensino de língua(gens) que ressaltasse os jogos teatrais por meio do texto dramático *A feira* (1976) de Lourdes Ramalho. Especificadamente, buscamos: i) evidenciar na aula de Língua Portuguesa, por meio de uma proposta de ensino de língua(gens), eventos de letramento que favorecessem o contato do aluno com a cultura com a qual se identifica; ii) explorar os jogos teatrais a partir do texto dramatúrgico de Lourdes Ramalho em que evidenciasse a cultura nordestina/paraibana como representação do imaginário local e linguístico/literário do aluno; e iii) produzir e testar um material didático que desenvolvesse as competências específicas da linguagem por meio do ensino que abordasse a leitura e análise reflexiva do texto popular.

Nosso estudo, de natureza qualitativa, partiu de uma metodologia estruturada, inicialmente por intermédio de uma pesquisa exploratória, na qual os procedimentos técnicos utilizados para coletas de dados se deram por meio da investigação do campo da pesquisa (*lócus*), consulta bibliográfica de livros, artigos científicos, dissertações e teses, além dos documentos oficiais da Educação Básica. Na parte aplicada, exploramos o produto educacional na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Pinheiro, localizada na cidade de Campina Grande-PB, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, anos finais.

O nosso aporte teórico fundamentou-se nos estudos culturais e da cultura popular. Para tanto, nos valemos dos estudos de Zumthor (2010), Bakhtin (2010) e Rodrigues (2011; 2016; 2017), uma vez que buscamos refletir sobre voz, corpo e *performance*[211] por meio do estudo do gênero dramático popular em sala de aula da educação Básica. Assim sendo, para

[211] Baseamo-nos nos estudos de Paul Zumthor para a noção e definição de performance, entendida pelo autor como "instância de simbolização; de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unidade de uma presença" (Zumthor, 2010, p.166).

refletir sobre práticas de ensino de língua(gens) na aula de Língua Portuguesa, encontramos respaldo nas discussões de Geraldi (2015), que considera a necessidade de inserir no espaço escolar a diversidade linguística e os aspectos culturais formativos da identidade do aluno. Ainda nos baseamos em Spolin (2008), Boal (2015) mediante uma discussão sobre a concepção de teatro e sua relação com a *performance* cênica permeada pelas múltiplas linguagens. Foram ainda fundamentais as contribuições da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), na qual nos apoiamos em prol da promoção de uma reflexão sobre o ensino de língua(gens) na aula de Língua Portuguesa.

Tecendo saberes: estudos culturais e ensino de língua(gens)

É mediante a comunicação que as relações sociais e culturais são estabelecidas e por meio da linguagem que a interação dos indivíduos socialmente organizados acontece vinculada por meio da palavra (Bakhtin, 2010). Nesta perspectiva, segundo o autor, a palavra assume uma importante relevância em função do interlocutor, pois revela os indivíduos sociais que estão envolvidos nessa interação verbal individual e coletiva. É a palavra que liga o locutor ao ouvinte no ato da comunicação/interação, gerando uma relação mútua de dependência entre os interlocutores.

Na esteira desse pensamento, por entender a necessidade e importância da comunicação nas relações humanas, a BNCC (Brasil, 2018) enfatiza que, no contexto de sala de aula, os estudantes sejam apresentados a diversas possibilidades de práticas de linguagem, tendo em vista que essa ação permitirá ao aluno dar continuidade às suas experiências adquiridas desde a Educação Infantil, possibilitando abranger seu conhecimento sobre as linguagens, bem como as capacidades artísticas, corporais, culturais e linguísticas. Diante desse universo, Rodrigues e Dantas (2015) afirmam que a escola precisa atentar para que o objeto essencial do ensino aponte para características fundamentais na formação do indivíduo, como o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades, que os direcione para um papel de cidadão reflexivo e consciente.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Diante da necessidade comunicativa/interativa que move a sociedade, o aluno precisa encontrar em sala de aula um ambiente que promova ferramentas que o auxilie nesta interação social e reconhecimento cultural, tendo em vista que pensar em ensino-aprendizagem de língua(gens) é também proporcionar as potencialidades do aluno, lançá-lo para uma vivência em que ele seja protagonista de sua própria história. À vista disso, Rodrigues (2016), ao refletir sobre os aspectos culturais na aula de Língua Portuguesa, ressalta a necessidade de que o ensino-aprendizagem da linguagem seja reconsiderado mediante a inserção de novos objetos de estudos pertencentes à cultura de tradição oral (Zumthor, 2010). Logo, será possível que haja um olhar reflexivo sobre as práticas discursivas que integram as diversas culturas brasileiras, materializadas tanto na escrita quanto nas oralidades. Com base nessa reflexão, consideramos que esta imersão cultural permite também que haja um estreitamento das relações entre os saberes populares e científicos e que seja desconstruída a imagem preconceituosa sobre as tradições nordestinas, com destaque para a tradição linguística da região.

Segundo Rodrigues (2017), por muito tempo a escrita ganhou evidência nos estudos da língua(gem), relegando a oralidade ao segundo plano. Este fato evidencia não só um silenciamento da voz nos estudos acadêmicos, mas também na escola. Esse “corte” é para nós algo inconcebível, porque ignora as tradições orais que nos cercam, porque a linguagem sem voz é corpo inerte (Rodrigues, 2011). Diante desta compreensão, a abordagem do gênero dramático, com ênfase na dramaturgia popular, põe em cena reflexões necessárias sobre o ensino-aprendizagem da língua(gens), sobretudo porque tem características pautadas na oralidade, na voz, no corpo, e que contribuem para a competência comunicativa e estudos culturais por meio das tradições orais. Nosso entendimento é que mediante esta transposição didática o aluno se torna capaz de perceber que a modalidade oral da linguagem é passível a diversas expressões e sentidos, bem como determinar o lugar social do sujeito que fala no ato da *performance* (Zumthor, 2010).

Diante do exposto, ressaltamos em Rodrigues (2017) a necessidade de repensar os estudos da linguagem mediante um processo de letramentos sociocultural e histórico que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

evita priorizar a escrita em detrimento da oralidade, mas integrar o estudo da voz/corpo como algo inerente ao humano (Rodrigues, 2011). O autor propõe que o espaço escolar seja "palco" para a interação verbal, que a relação escritura e oralidade seja vista como possibilidade de efetivação de um trabalho com a linguagem na escola, sem oposição, preconceito entre as modalidades/habilidades que se confundem com nossos modos de agir no mundo, na sociedade.

Construindo diálogos sobre linguagem e ensino

A escola por ser um espaço plural precisa favorecer o trato "com a diversidade, com a diferença" (Brasil, 2018, p.68), sobretudo quando falamos dos estudos da língua(gem) na aula de Língua Portuguesa. A linguagem, nesses ambientes, surge como um recurso comunicativo/interativo que precisa ser abordado em suas práticas e produções de modo que atente para o diverso, para a multimodalidade das práticas de linguagem. Nesse sentido, a BNCC (Brasil, 2018) orienta para que a escola propicie o conhecimento e valorização sobre a realidade e diversidade linguística presentes nas práticas sociais, e para que a escola não seja vista como um espaço que oportuniza o preconceito linguístico.

Ampliando esta discussão, temos em Rodrigues (2016; 2017) a noção de letramento abordado numa perspectiva dos estudos socioculturais e históricos. Esta vertente dos estudos do letramento entende que os eventos e as práticas de letramento acontecem em processos realizados pelas relações humanas que se efetivam nas culturas pelo texto como prática social e de acontecimento histórico. Em outras palavras, para o autor, o letramento vai além de um conjunto de habilidades individuais, diz respeito também ao conjunto de práticas que são socias/coletivas e acontecem mediante a comunicação/interação com o outro. Desta forma, é possível compreender que os estudos do letramento são hoje pautados como arcabouços teóricos que fundamentam abordagens de ensino de língua(gens) mediante os estudos culturais, considerando a cultura/história local. Desse modo, entendemos que é por meio dos eventos e das práticas de letramentos numa perspectiva

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sociocultural e histórica que o aluno transcende a decodificação e compreende o universo da linguagem como uma forma de atuar na sociedade através de práticas cotidianas de ação textual.

Para Rodrigues (2017) é necessário que haja um trabalho que torne a sala de aula um espaço oportuno para práticas de letramento socioculturais e históricas. Nesse sentido, a escola vista como um microcosmo da sociedade, surge neste cenário como uma representação das relações sociais que são constantemente atualizadas pelos sujeitos que a formam. Em um estudo anterior, o autor já preconizava que esse processo de letramento permite

> [...] a constituição de práticas sociais legítimas no plano cultural, o que se dá através da diversidade de gêneros textuais, permitindo uma ação educativa voltada para a reflexão crítica do texto e do discurso, investimento docente que visa tornar a aprendizagem um instrumento a ser utilizado pelo sujeito nas diversas atividades de uso da linguagem (Rodrigues, 2016, p. 169).

Nesse contexto, é necessário que o professor de Língua Portuguesa compreenda que os fenômenos da linguagem ocorrem de maneira variada em contextos sociais múltiplos e não de forma estática. Desta forma, é importante que o ensino de língua(gens) seja percebido também pelo viés social/cultural em que o sujeito falante/aluno possa ser considerado como aquele que possui uma história e que, antes de tudo, recebe influências externas à escola, a exemplo de sua própria cultura, da família e da sociedade a qual pertence.

Os jogos teatrais como ferramenta ao ensino de língua(gens)

Diante da importância do estudo sobre a linguagem e as práticas de ensino, percebemos que as aulas de Língua Portuguesa precisam apontar para um caminho que favoreçam o desenvolvimento do aluno em suas práticas sociais cotidianas. Assim, é relevante pensar em um ensino que considere as múltiplas potencialidades da linguagem dentro e fora da escola, para que, desta forma, o aluno perceba o espaço escolar como uma instancia institucional que o permite explorar tais potencialidades, no que diz respeito à sua

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

autonomia enquanto sujeito que é social e participa de contínuos processos de comunicação/interação por intermédio da linguagem.

Neste sentido, para o nosso estudo, percebemos que adotar abordagens lúdicas, especialmente com os jogos teatrais em âmbito escolar, permite que o aluno, dentre tantas possibilidades, no estudo dos textos/língua(gens), estimule eficazmente os seus sentidos, experiências artísticas multissensoriais e a autoconfiança necessária para agir, por meio da linguagem, numa sociedade cada dia mais multifacetada/multimidiática.

Os jogos teatrais, desenvolvidos por teatrólogos como Viola Spolin e Augusto Boal, apresentam-se como recursos didático-metodológicos no contexto escolar, tendo em vista que promovem uma aprendizagem significativa, em que o ensino de língua(gens) extrapola o contato com o texto escrito e possibilita que o aluno utilize a imaginação e a sensibilidade no ato performático de suas ações com as práticas de linguagem. Nessa perspectiva, os jogos teatrais têm como base um problema a ser solucionado pelos jogadores, que de forma dinâmica conseguem adquirir não só habilidades performáticas, mas estão expostos a um conhecimento que permeia "regras básicas para contar histórias, apreciação da literatura e construção de personagens. [...] irão desenvolver imaginação e intuição, e descobrir como se projetar em situações não familiares" (Spolin, 2008, p. 28).

Desta forma, percebemos que os jogos teatrais surgem como atividades lúdicas que também desenvolvem funções pedagógicas, que inserem e aperfeiçoam a formação escolar e social do aluno, uma vez que mediante os jogos teatrais o aluno precisa participar de atividades concretas, como oralizar um texto literário, encenar acontecimentos do cotidiano, perceber as múltiplas linguagens etc.; o que favorece para uma imersão no processo de aprendizagem estética que considera e integra as manifestações artísticas e culturais na sala de aula.

Segundo Spolin (2008, p. 25), os "textos são recitados de forma mecânica por alunos se não houver uma reorientação metodológica que nasce pelo e no teatro". Assim, os jogos teatrais se impõem como recursos que não apenas facilitam a compreensão do aluno no contato com o texto, mas também distancia este contato de uma aproximação mecânica,

favorecendo o aprimoramento de sua percepção estética e habilidade leitora. Nesse ínterim, ao pensarmos em uma aula que vise o aperfeiçoamento da leitura pelo aluno da Educação Básica é possível abordar o estudo de um determinado texto dramático, em nosso caso, a peça teatral *A feira* de Lourdes Ramalho. Para tanto, é importante que este texto seja considerado em suas diversas possibilidades de leituras: ação educativa que pode ser adotada a partir dos jogos teatrais.

Teatro em ação: o texto dramático popular protagonizado na cena escola

Com o objetivo de evidenciar um recorte da pesquisa aplicada aos alunos do oitavo ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Pinheiro, apresentaremos a seguir algumas considerações a respeito do relato de vivência aplicado na aula de Língua Portuguesa. Para tanto, faz-se necessário reforçar/ressaltar que foi desenvolvido nesta pesquisa um material didático (figura 1) específico para os alunos da escola *lócus* da pesquisa. Mediante o apoio deste material, realizamos leituras e reflexões diversas. Além disso, aprendemos sobre a noção de cultura, exploramos o gênero dramático, realizamos um estudo sobre o panorama histórico da feira de Campina Grande-PB, conhecemos a biografia de Lourdes Ramalho e realizamos a leitura da peça teatral *A feira*, bem como diversas atividades que serviram como indicadores de aprendizagem e, posteriormente, para a análise e coleta de dados.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 1: Capas do Módulo Didático e das quatro Unidades Temáticas

Fonte: Acervo da pesquisa

Em nosso estudo aplicado, promovemos o contato do aluno com a cultura popular por meio do letramento sociocultural e histórico (Rodrigues, 2017) na aula de Língua Portuguesa, dialogando de forma direta com sua própria história/realidade e favorecendo o contato com o reconhecimento de sua identidade artístico-cultural. Durante a pesquisa, pudemos perceber o desenvolvimento dos alunos participantes do estudo referente ao uso significativo da linguagem local/nordestina em atividades realizadas com os jogos teatrais, e também de leitura/escuta, produção e análise textual, bem como das variadas semioses que tecem os textos nas culturas populares.

Antes de iniciar a leitura da peça *A feira* de Lourdes Ramalho, os alunos foram orientados pelo professor-pesquisador sobre a estrutura do texto e os seus elementos componentes e funcionais. Além disso, foram trabalhadas nas oficinas de leitura dramática os elementos dos jogos teatrais: entonação, ritmo, pausas, voz, gestos, expressões faciais etc. (figuras 2)

Figura 2: Alunos realizando leitura dramática do texto teatral

Fonte: Acervo da pesquisa

Após o trabalho de leitura e reflexão do texto teatral supracitado, os alunos realizaram uma adaptação da peça para um Auto Natalino e, depois de inúmeros ensaios guiados pelo professor pesquisador, protagonizaram uma apresentação teatral para o corpo docente e discente da escola (figuras 3 e 4).

Figura 3: Alunos ensaiando as Movimentações Cênicas

Fonte: Acervo da pesquisa

Figura 4: Alunos encenando a Adaptação Teatral

Fonte: Acervo da pesquisa

Com a pesquisa, pudemos perceber que o teatro é um recurso importante em sala de aula, tendo em vista que apresenta diversos benefícios aos alunos, seja a partir da estimulação das expressões orais, corporais e emocionais à livre manifestação de suas ideias. Além disso, que o trabalho com os jogos teatrais em sala de aula oportunizaram a criatividade e imaginação dos alunos, fazendo-os participar de todo processo de criação e representação das personagens, fortalecendo, assim, a interação e trabalho em equipe.

Destacamos que, a partir do gênero dramático, mediado por múltiplas linguagens, os estudantes exploraram diversas temáticas sociais, obras literárias e musicais, sobretudo regionais, e manifestações culturais/históricas que, muitas vezes, são ignoradas no contexto escolar. Nesse ínterim, enfatizamos a nossa satisfação em estimular uma abordagem educacional que ultrapassou o ensino normativo/prescritivo, que promoveu nos alunos o protagonismo da produção teatral no espaço escolar, e que favoreceu o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, artísticas, cognitivas e, portanto, de linguagens (Brasil, 2018).

Considerações finais

Em nosso estudo, compreendemos a urgência de pensar um ensino de língua(gens) que proporcionasse aos alunos da Educação Básica o aprimoramento de suas habilidades de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

linguagem, entendidas como uma prática sociocultural e histórica (Rodrigues, 2017), e do reconhecimento de sua identidade artístico-cultural. Para tanto, apoiamo-nos no texto da dramaturga paraibana Lourdes Ramalho, *A Feira*, tornando a sala de aula "palco" para um ensino que favorecesse as práticas de linguagem que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Na busca por saber quais os benefícios promovidos pela inserção dos jogos teatrais no ensino-aprendizagem da língua(gem) nos anos finais do Ensino Fundamental, adotamos a peça supracitada como recurso textual que se mostrou importante para o desenvolvimento de habilidades de leitura, produção e análise do texto artístico-cultural. Isto ocorreu, sobretudo, porque em nossa pesquisa houve uma relação mediadora do texto dramático regional a seu contexto de produção, fato que favoreceu o desenvolvimento dos alunos participantes do estudo referente ao uso significativo da linguagem local/nordestina em atividades de leitura/escuta, produção e análise textual e, portanto, das variadas semioses que tecem os textos nas culturas populares.

A metodologia proposta permitiu que os alunos se voltassem para os aspectos literários do texto dramatúrgico popular que, por vez, são ignorados na aula de Língua Portuguesa. Desta forma, o trabalho com os jogos teatrais e com o gênero dramático em sala de aula proporcionou que os alunos tivessem um contato lúdico com os conteúdos próprios para o ensino de língua(gens), a exemplo da noção sobre linguagem verbal e não verbal, bem como do fenômeno da variação linguística, os quais foram evidenciados nas atividades do módulo e percebidos na encenação teatral.

A mediação do gênero dramático nas aulas de Língua Portuguesa mostrou que é possível estudar textos teatrais/literários de forma lúdica, de modo que estimule o aluno a ultrapassar as leituras decodificadas e vivenciar na prática de sala de aula a leitura, a análise e a produção de textos multimodais, além do reconhecimento e da valorização de sua identidade, a partir de obras artísticas populares, que permitem a identificação das variadas vozes que compõem o texto dramático, bem como das abordagens temáticas e dos recursos literários utilizados para a promoção dos sentidos nos textos de tradição oral.

Referências

BOAL, A. *Jogos para atores e não atores*. Posfácio de Sérgio de Carvalho. Tradução de Barbara Wagner Mastrobuono e Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação/MEC**.** *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; SEB, 2018.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento.* São Carlos: Pedro & João, 2015.

MACIEL, D. A. V. Lourdes Ramalho na cena campinense: aproximações metodológicas para uma pesquisa em história do teatro. In: Diógenes André Vieira Maciel. (Org.). *Dramaturgia, teatro e outros diálogos (inter)culturais*. 1ed.Campina Grande: EDUEPB, 2016, v., p. 13-33.

RAMALHO, M. L. N. *A feira*: o trovador encantado. Campina Grande: EDUEPB; A Coruña: Universidade da Coruña, 2011. p. 29-51.

RODRIGUES, L. P. DANTAS, A. C. D. O. Gêneros orais e escritos: entre o dito e o prescrito. In: *Linha D'Água (Online).* V. 28, n.2, p. 137-153, dez. São Paulo, 2015.

RODRIGUES, L. P. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: aspectos culturais e formação docente. In: *Revista do GELNE*. V. 18, n. 2, p. 140-167. Natal, 2016.

RODRIGUES, L. P. O oral e o escrito em práticas e eventos de letramento. In: NORONHA, C. A.; SÁ JÚNIOR, L. A. *Escola, ensino e linguagens*. Natal: EDUFRN, 2017, p. 51-77.

RODRIGUES, L. P.; SILVA, R. N. D. Aula de leitura no contexto sociocultural do cordel. In*: Revista Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.37, n.77, p.145-159, 2019. DOI: https://doi.org/10.34112/2317-0972a2019v37n77p145-159

SILVA, R. N.; RODRIGUES, L. P. Estudos Culturais como proposta de ensino de Semântica: ressignificando a prática docente. *Revista do GELNE*, v. 22, número 2, 2020. DOI: https://doi.org/10.21680/1517-7874.2020v22n2ID19761.

SPOLIN, V. *Jogos teatrais para a sala de aula:* um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Tradução Jerusa Pires. Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo. Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ANSEIOS MODERNISTAS NA REVISTA *CADERNO DE LETRAS MERIDIANO*

Fabíola Nunes Brasilino[212]
Raimunda Celestina Mendes da Silva [213]

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória e a importância da revista *Caderno de Letras Meridiano* para a historiografia literária piauiense, revelando os anseios modernistas presentes na publicação. Editado em Teresina, entre outubro de 1949 e dezembro de 1950, esse periódico é considerado importante para a literatura piauiense, tendo em vista que traduziu, em esfera local, o desejo de atualização estética pela qual o país estava passando. Tal modernização, pretendida pelos intelectuais, só seria possível por meio da renovação ancorada nos cânones modernistas, que, desde a década de 1920, estavam em voga no centro cultural do país, assim como pela superação de uma estética tradicional, ainda muito presente no meio artístico da época. A revista *Caderno de Letras Meridiano* atuou como veículo que, de certa forma, concretizou, no Piauí, as ideias advindas do pensamento cultural moderno vigentes nos grandes centros brasileiros: a renovação artística e cultural e a recusa aos padrões estéticos tradicionais. Constituiu-se, também, como marco instaurador do movimento modernista no Piauí, cumprindo o seu papel de instrumento de divulgação, no estado, do paradigma vigente desde a Semana de 1922. Para tanto, o apoio bibliográfico está nos seguintes autores: Marques (2013), Candido (2000), Bosi (2010), Lafetá (2000), Silva (2006) e outros.

Palavras-chave: *Caderno de Letras Meridiano*. Historiografia literária piauiense. Literatura piauiense.

Introdução

O Modernismo surgiu como uma resposta da arte ao novo cenário de transformações sociais, econômicas e políticas advindas da modernidade que se estabeleceu, sobretudo, na Europa nos séculos XIX e XX. Fenômeno de abrangência extensiva, o movimento modernista

[212] Mestre. Universidade Estadual do Piauí. Doutoranda PPGEL UFPI.
[213] Doutora. Universidade Estadual do Piauí.

atingiu, além da literatura, outros segmentos artísticos e culturais, como a pintura, a escultura, a música, a dança, a arquitetura, o *design*, o teatro e o cinema, o que torna sua conceituação complexa, como aponta Gay (2009), ao afirmar que é mais fácil exemplificá-lo que o definir.

A concepção de Modernismo, de acordo com o autor, é a de

> [...] um acorde, [...] foi mais do que um agregado fortuito de protestos de vanguarda; foi mais do que a soma de suas partes. Ele gerou uma nova maneira de ver a sociedade e o papel do artista dentro dela, criou uma nova forma de avaliar as obras culturais e seus autores. Em suma, o que chamo de estilo modernista foi um clima de ideias, sentimentos e opiniões (GAY, Peter, 2009, p. 19).

A busca pela liberdade estética e a ruptura com os paradigmas e valores tradicionais com vistas à renovação da arte constituíam o principal objetivo do movimento, postura que concorreu para que não fosse visto com bons olhos, tornando difícil sua aceitação por parte da sociedade. Os modernistas agiam contra as convenções, "sentiam prazer em tomar um caminho novo, desconhecido, revolucionário […], mas também tinham gosto pelo puro gesto de insubordinação bem-sucedida contra a autoridade vigente" (GAY, Peter, 2009, p. 20).

No Brasil, a exemplo do que ocorria na Europa, as transformações oriundas da modernidade suscitaram também inúmeras mudanças no âmbito da produção cultural. Os jovens, inspirados pelas vanguardas europeias[214], uniram todos os esforços para pôr em prática o projeto literário modernista. Brito (1997, p. 28), ao tratar a necessidade de atualização das letras nacionais, justifica a importação das propostas e práticas inovadoras:

> O desejo de atualizar as letras nacionais – apesar de, para tanto, ser preciso importar ideias nascidas em centros culturais mais avançados – não implicava uma renegação do sentimento brasileiro. Afinal, o que se aspirava era tão somente

[214] O Modernismo brasileiro foi tomar das vanguardas europeias sua concepção de arte e as bases da sua linguagem: a deformação do natural como fator construtivo, o popular e o grotesco como contrapeso ao falso refinamento academista, a cotidianidade como recusa à idealização do real, o fluxo da consciência como processo desmascarador da linguagem tradicional (LAFETÁ, João, 2000, p. 22).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> a aplicação de novos processos artísticos às inspirações autóctones, e, concomitantemente, a colocação do país, então sob notável influxo de progresso, nas coordenadas estéticas já abertas pela nova era.

Tradicionalmente, o Modernismo brasileiro é dividido em três fases, a saber, fase heroica ou geração de 22; fase de consolidação ou geração de 30 e fase pós-modernista ou geração de 45. O primeiro momento tem início em 1922 com a Semana de Arte Moderna, evento que reuniu os principais expoentes do movimento e que tinha como principal finalidade promover a renovação da arte brasileira por meio da experimentação e ruptura com o tradicional.

Passada a fase de maior experimentação estética, com a quebra dos paradigmas e cânones tradicionais e, consequentemente, a afirmação desse novo movimento, o país começa a vivenciar outro período em que o projeto estético é posto de lado e a luta ideológica predomina. Conhecida como fase de consolidação, esse momento tem início no ano de 1930 e vai até 1945, quando o Brasil começa a ter consciência do seu estado de subdesenvolvimento (CANDIDO, Antonio, 2000).

> A politização dos anos trinta descobre ângulos diferentes: preocupa-se mais diretamente com os problemas sociais e produz os ensaios históricos e sociológicos, o romance de denúncia, a poesia militante e de combate. Não se trata mais, nesse instante, de "ajustar" o quadro cultural do país a uma realidade mais moderna; trata-se de reformar ou revolucionar essa realidade, de modificá-la profundamente, para além (ou para aquém...) da proposição burguesa: os escritores e intelectuais esquerdistas mostram a figura do proletário [...] e do camponês [...] instando contra as estruturas que os mantêm em estado de sub-humanidade (LAFETÁ, João, 2000, p. 30).

Com o fim da II Guerra Mundial e o início da redemocratização do país a partir da queda da ditadura Vargas, em 1945, os escritores brasileiros se voltam para a pesquisa cujo objeto era a linguagem. Assim, a literatura assume uma consciência estética mais apurada, sendo percebida tanto na prosa quanto na poesia uma maior preocupação com a forma literária, embora, como aponta Bosi (2010, p. 386, grifos nossos), essa transição tenha ocorrido de forma oscilante:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Entre 1930 e 1945/50, *grosso modo*, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a *ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna* no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza (Drummond, Murilo, Jorge de Lima, Vinícius, Schmidt, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Emílio Moura...). Afirmando-se lenta, mas seguramente, vinha o romance introspectivo, raro em nossas letras desde Machado e Raul Pompéia (Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, José Geraldo Vieira, Cyro dos Anjos...): [...] Para a poesia, a fase 30/50 foi universalizante, metafísica, hermética, ecoando as principais vozes da "poesia pura" europeia de entreguerras: [...].

As características predominantes na poesia remetem aos traços praticados no Parnasianismo e Simbolismo. Ao contrário do que pregavam os modernistas dos anos 1922, os poetas da Geração de 45 recusam a liberdade formal, as ironias e sátiras da primeira fase, promovendo um retorno às rimas e aos versos tradicionais (PROENÇA FILHO, Domício, 2008), indicativos de uma literatura mais equilibrada e séria, com acentuada importância à palavra e ao ritmo.

Levando-se em consideração os aspectos abordados, apresentaremos, a seguir, a análise do periódico *Caderno de Letras Meridiano* sob o viés do regional e universal.

Caderno de Letras Meridiano e a dialética do regional *x* universal

Nesta seção, apresentaremos as contribuições da publicação *Caderno de Letras Meridiano* para o sistema literário piauiense, destacando sua relevância em uma época de estagnação artística predominante no estado, bem como a discussão entre regional e universal muito, presente nas páginas da revista.

Editada em Teresina, no período compreendido entre 1949 e 1950, essa revista constituiu-se como meio de disseminação, no Piauí, dos ideais modernistas vigentes no cenário cultural nacional a partir de 1922, com a Semana de Arte Moderna. Assim, ressaltamos que, embora o movimento modernista tenha sido lançado no início da década de 20, permanecendo restrito a alguns estados do sudeste do país e chegando tardiamente às

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

demais regiões, a revista *Caderno de Letras Meridiano* pode ser considerada um órgão vanguardista que se empenhou em disseminar e afirmar o Modernismo no Piauí.

O destaque dado a esses dois domínios na publicação deve-se ao fato de que foram e continuam sendo instrumentos de afirmação regional/nacional. Além disso, traduziram os contextos histórico, social e cultural do período e situaram o Piauí como estado que objetivava a inserção nesse ambiente. Localizar o estado nessa discussão possibilita, também, que se perceba como o traço cultural da região contribuiu para a formação do todo ao longo do tempo.

O regionalismo, enquanto tendência literária, ao longo de sua trajetória na historiografia literária brasileira, foi sinônimo de subliteratura, isso porque durante o Romantismo agregou "ao seu conceito noções como 'localismo', 'pitoresco' e 'bairrismo'" (ARAÚJO, Humberto, 2008, p. 119). A noção de pitoresco deveu-se à visão idealizante promovida pelo Romantismo quando da busca pela identidade nacional resultante do otimismo

patriótico dos românticos, que exaltavam as particularidades de cada região através de um exotismo compensador. Candido (2000), ao tratar das características que deram a essa vertente imagem negativa, mostra-nos o problema:

> [...] certas fontes primárias de nativismo e regionalismo literário [...] reduzem os problemas humanos a elemento pitoresco, fazendo da paixão e do sofrimento do homem rural, ou das populações de cor, um equivalente dos mamões e dos abacaxis. Esta atitude [...] redunda em fornecer a um leitor urbano europeu, ou europeizado artificialmente, a realidade quase turística que lhe agradaria ver na América (CANDIDO, Antonio, 2000, p. 157).

Esse período, denominado por Candido (2000) como fase da consciência amena de atraso, predominou até a década de 1930 e correspondeu à ideologia de país novo, que utilizava seus atributos naturais/paisagísticos para compensar o seu atraso em relação às demais nações. Nessa época, o território brasileiro era visto como elemento de destaque, ostentado de forma romântica, em tom heroico, com a finalidade de construir uma imagem imponente. "[...] O precedente gigantismo de base paisagística aparece então na sua

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

essência verdadeira – como construção ideológica transformada em ilusão compensadora" (CANDIDO, Antonio, 2000, p. 142).

Com o advento do Modernismo, a missão de construir uma identidade nacional ganhou novos ares, ocasionando o reaparecimento da vertente regionalista, o que nos leva a considerar o regionalismo como fenômeno histórico e dinâmico (ARAÚJO, Humberto, 2008).

Denominado por Candido (2000) de fase da consciência catastrófica de atraso, foi nesse período que o país tomou consciência de seu subdesenvolvimento e foi buscar, por intermédio das artes, mais especificamente da literatura, a superação do seu atraso. Nesse sentido, houve uma participação nunca vista antes de outros estados, sobretudo do Nordeste, revelando um outro Brasil ao restante do país.

De acordo com Candido (2000, p. 187), no tocante ao período compreendido entre 1930 – 1945, "[...] foi a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira."

O debate em torno das questões regionais no segundo momento decisivo da literatura brasileira suscitou a discussão entre o particular e o universal, sendo que o regional pitoresco do período romântico deu lugar a uma literatura mais combativa e engajada, em que as questões ideológicas predominaram (CANDIDO, Antonio, 2000). Nessa perspectiva, o panorama da literatura brasileira foi composto por várias partes que se uniram em prol de um todo. Essa nova estética privilegiava os problemas sociais do país, refletindo o período conturbado pelo qual o Brasil passava, assim como as dores e os sentimentos do homem.

Nesse sentido, o periódico *Caderno de Letras Meridiano*, na qualidade de instrumento propagador de ideias, buscando superar as fronteiras do local e informar a respeito das novas tendências no panorama cultural do país (MARQUES, Ivan, 2013), reafirmou-se como veículo preocupado em debater as questões em torno da dialética do particular X universal, a partir do momento em que seus fundadores tomaram consciência

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

da importância dessas categorias para a criação literária. Além disso, colaborou para o alargamento das discussões acerca da diversidade cultural brasileira.

Em "Fora da vida", texto publicado na edição de número 2, de dezembro de 1949, o crítico literário, ao realizar a análise de uma obra, manifesta sua preocupação acerca da problemática regional, ressaltando os principais aspectos que deveriam ser considerados em relação a obras da vertente regionalista, como segue:

> [...] Procurando fixar alguns aspectos característicos de sua terra e especialmente de sua velha cidade do Salvador, fonte perene de inspiração de quantos artistas e escritores a ela estejam ligados, o sr. Vasconcelos Maia nos dá alguns quadros deliciosos de um forte sabor local. Já se tem dito há já bastante tempo, e é mesmo uma consideração primária em matéria de criação artística, que **é através do local que se chega ao universal**, sendo, portanto, o regional o caminho mais certo para atingir-se a perenidade na criação literária. Entretanto, cumpre distinguir em que sentido se deve tomar aqui a palavra regional, a fim de poder diferenciá-la do **puro regionalismo de superfície, que, quando muito, pode nos dar alguma cena de sabor apenas pitoresco. Jamais possuindo, no entanto, a força de durabilidade capaz de perpetuá-las, que advirá fatalmente de um sentido universal** (NUNES, Manoel, 1949, p. 2, grifos nossos).

Por meio do trecho transcrito, percebemos que Nunes (1949) retoma a ideia de regionalismo pitoresco com a finalidade de demonstrar a dimensão romantizada, circunstância
que levou à imagem negativa dessa tendência para, a partir daí, expor as características da vertente defendida pelos escritores da geração de 1930.

A noção goethiana de literatura universal é celebrada pelo crítico quando ele enfatiza a importância das características particulares de cada região sem deixar de considerar a essência
humana. O regionalismo defendido no texto consiste em enfatizar os traços universais presentes nas peculiaridades locais:

> [...]
> Por conseguinte, **o sentido do autêntico regionalismo, ou será a busca permanente do próprio homem, surpreendido inteiro, no meio da própria deformação imposta pelo ambiente, ou então, prendendo-se exclusivamente ao circunstancial, refletindo apenas o aspecto exterior da paisagem humana**

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> — fala, gestos, usanças, cacoetes típicos etc., jamais ele recriará os grandes instantes da vida de determinado aglomerado humano, apreendendo **a essência eterna do homem**, que, segundo a lição humanista, é a mesma de todas as épocas (NUNES, Manoel, 1949, p. 2 - 19, grifo nosso).

A partir do excerto acima, depreendemos que, por meio da revista, os escritores procuravam difundir à sociedade piauiense as novas perspectivas do restante do país, buscando, dessa maneira, desfazer ou, pelo menos, amenizar o descompasso existente entre o Piauí e os centros culturais mais avançados. Ao disseminar as ideias vigentes nos grandes núcleos a respeito das literaturas locais, o periódico em estudo também exerceu papel pedagógico e de formador de opinião, demonstrando e reforçando as condições necessárias que outorgavam a uma obra o caráter perene. Para Nunes (2017, p. 139), "além desse enriquecimento da temática do nosso romance, houve igualmente uma profunda renovação da língua literária, a fim de poder ele dar maior expressão à linguagem dessa nova classe social, procurando imprimir-lhe um novo tratamento literário".

A nova estética literária surgida a partir de 1930 continuou em destaque nas folhas da publicação através da divulgação do diagnóstico do cenário cultural brasileiro no ensaio "Nossa formação", de Clemente Fortes, o qual se inicia com a reflexão sobre as diferenças entre as regiões do Brasil e suas consequências para a formação dos escritores. Essa percepção se deu em função da nova ordem surgida com a modernidade, que deu relevo à consciência social: "Sabemos como tem sido desigual a nossa formação sobre um território vastíssimo. O que acontece hoje estava determinado por essa irregularidade. É visível que o Norte se distingue do Sul. Já ninguém o nega. Mas que variantes ainda num e noutro caso!" (FORTES, Clemente, 1949, p. 11).

O pensamento mais democrático em relação à cultura começou a permear o meio artístico e social a partir dos anos 1930, quando ela passou de artigo de luxo de uma aristocracia a um direito de todos: "[...], houve maior consciência a respeito das contradições da própria sociedade, podendo-se dizer que sob este aspecto os anos 30 abrem a fase moderna nas concepções de cultura no Brasil" (CANDIDO, Antonio, 2000, p. 195). Nesse sentido, Fortes (1949) ressalta que, apesar dessa heterogeneidade, o regionalismo,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

enquanto prerrogativa para alcançar a universalidade, tornou-se um denominador comum a todas as regiões, entretanto "[...] o que é preciso é [...] dar menos importância ao nacionalismo de superfície dos tacapes, dos borés, para descobrir o que hoje já existe – um princípio interior que mais se pode sentir do que se dizer – a alma da raça" (FORTES, Clemente, 1949, p. 11).

Sem dúvida, além de espaço para experimentação de linguagem, essas publicações tornaram-se agentes importantes de intervenção no meio cultural, como considera Marques (2013, p. 16): "Nessa época em que era escassa a publicação de livros, as revistas também constituíram, portanto, um laboratório de experimentações no campo da teoria estética e da crítica literária", oportunizando a divulgação de novos escritores, conforme assinala Silva (2006, p. 89): "Com apenas três números publicados, a revista revelou-se de grande importância para a Literatura do Piauí, dando nome à geração, na periodização literária do Estado, revelando grandes expoentes no cenário local [...]".

Isso posto, fica evidente que os fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano* estavam preocupados em discutir os diversos aspectos da realidade cultural brasileira, tornando possível, por meio dessa descentralização intelectual, um maior entendimento a respeito das culturas regional e nacional. Assim, a valorização dos elementos regionais foi importante para a construção e afirmação cultural do Brasil.

Considerações finais

Conforme demonstramos, no decorrer deste estudo, a revista literária *Caderno de Letras Meridiano* surgiu a partir das transformações advindas da modernidade. As conjunturas mundial e nacional apontavam para uma reformulação do pensamento nas várias esferas da vida humana e, nesse sentido, a capital do Piauí, sob influência dos grandes centros urbanos, empreendeu diversos esforços para acompanhar o contexto de transformações pelo qual o mundo estava passando.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Como agente de intervenção no meio intelectual, o periódico atuou como instrumento sistematizador e disseminador do programa modernista no Piauí, tendo em vista que fez um apanhado de boa parte do movimento, oportunizando aos piauienses o contato com a nova consciência estética que despontava naquele momento.

Verificamos que as modificações advindas com a primeira geração do Modernismo não foram alvo de discussão na revista, o que não nos surpreende, tendo em vista o período de criação dela.

A ênfase dada à fase de consolidação ou geração de 30 pelos fundadores do *Caderno de Letras Meridiano* se mostrou muito fecunda, porque viabilizou uma nova forma de compreender as diversas realidades que compunham o Brasil, revelando a dinamicidade dos locais distantes dos grandes núcleos culturais. O elemento regional, presente nas discussões dos textos trabalhados, manifestou-se como fator da descentralização intelectual que contribuiu para o processo de formação e afirmação cultural do país, bem como tornou-se atributo indispensável para alcançar a universalidade de uma obra de arte.

As particularidades estéticas defendidas pelos membros fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano*, quando bem realizadas no momento da fatura, refletem a totalidade da experiência humana e resguardam essas obras do valor negativo que sempre esteve atrelado ao regionalismo.

Além desses aspectos, a valorização dos elementos regionais pela publicação apresentou ao debate intelectual do período as peculiaridades locais que outrora não eram reconhecidas como parte integrante das diversidades culturais do país, inserindo, dessa maneira, o Piauí no contexto cultural nacional.

Em virtude do que foi exposto, fica patente a importância do periodismo literário para a disseminação da literatura nos pequenos centros, como foi o caso do Piauí. Em um período em que a difusão de informações era precária, revistas e jornais foram as ferramentas mais eficazes no sentido de impulsionar a vida literária dos escritores, atualizando o cânone.

Apesar de sua efêmera existência, a revista *Cadernos de Letras Meridiano* foi fundamental para as letras piauienses, pois propiciou aos piauienses conhecimentos acerca do movimento modernista, assim como contribuiu para a formação da literatura nacional. Há de se destacar também o mérito desses grupos de intelectuais que se propuseram a estudar, traduzir e apresentar a arte ao seu público, caso específico dos escritores Manoel Paulo Nunes, O. G. Rêgo de Carvalho e H. Dobal.

A visão vanguardista dos três membros diretores da publicação contribuiu para o caráter revolucionário do *Caderno de Letras Meridiano* na época, período em que poucas revistas conquistaram destaque no panorama nacional. Em um momento em que a estagnação cultural predominava, o *Caderno de Letras Meridiano* deu um novo fôlego à literatura regional, sendo, portanto, um divisor de águas, uma espécie de nascedouro de intelectuais que estavam impulsionados pelas ideias modernistas de revolução literária e engajamento social.

Referências

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. *Revista Letras*, Curitiba, editora UFPF, n. 74, p. 119-32, jan./ abr. 2008.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*: antecedentes da Semana de Arte Moderna. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira***.** 45. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios.* 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.

FORTES, Clemente. Nossa formação. *Revista Caderno de Letras Meridiano,* Teresina, p. 11, out. 1949.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

GAY, Peter. *Modernismo:* o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAFETÁ, João Luiz. *1930:* a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista:* estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

NUNES, Manoel Paulo. Fora da vida. *Revista Caderno de Letras Meridiano*, Teresina, p. 2, dez. 1949.

NUNES, Manoel Paulo. *Modernismo & vanguarda:* notas de leitura impressionista. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura.* 15. ed. São Paulo: Ática, 2008.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. Nas trilhas do tempo: uma leitura das revistas Meridiano. *In*: SANTOS, Francisco Venceslau dos; MONTEIRO, Maria Conceição; SOUZA, Roberto Acízelo de (org.). *A literatura dos anos de 1950.* Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2006. p. 87-100.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TRADIÇÕES ORAIS E CULTURAS POPULARES EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA(GENS)

Elissandra de Oliveira e Oliveira[215]

Linduarte Pereira Rodrigues[216]

Resumo: Este estudo apresenta uma proposta metodológica para o ensino de Língua(gens) no ensino fundamental, anos finais, com ênfase na valorização das tradições orais e culturas populares de representação do sagrado. Enfatiza as experiências performáticas das benzedeiras do Cariri Paraibano, na sala de aula de Língua Portuguesa. O objetivo principal é propor e desenvolver uma abordagem que promova a aprendizagem da linguagem dos alunos do ensino fundamental, anos finais, em uma escola pública no interior da Paraíba, valorizando a cultura local. A proposta envolveu um levantamento bibliográfico, a catalogação de textos de tradição oral advindos do catolicismo popular, como rezas e benzimentos, e a reflexão sobre o contexto de resistência e atualização dessas expressões do sagrado na cultura nordestina. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, embasada nas contribuições teóricas de autores, tais como Marcuschi (2008), Soares (2002), Kleiman (2001), Rodrigues (2009, 2017a, 2017b) e Zumthor (1993). Os resultados demonstraram que a utilização de textos de tradição oral teve impacto positivo no ensino de Língua(gens), promovendo uma melhor compreensão de conteúdos específicos e enriquecendo culturalmente os alunos. As atividades propostas facilitaram a identificação dos estudantes com as práticas culturais abordadas, expandindo o repertório linguístico e cultural discente. Além disso, o estudo ressaltou a importância de considerar os gêneros orais, particularmente aqueles relacionados ao universo sagrado do catolicismo popular, como componentes essenciais na comunicação e interação dos alunos na educação básica.

Palavras-chave: Língua(gens). Tradições orais. Cultura local. Benzedeiras.

Introdução

A linguagem é fundamental para a formação e dinâmica de uma sociedade em todos os seus aspectos, sendo uma construção humana em que o "inter-humano é constitutivo do humano" (Todorov, 2006, p. XXVI). Por meio da linguagem, internalizam-se as alteridades que mediam as relações humanas. O ensino de Língua(gens), por muitos anos, focou em

[215] Mestre. Universidade Estadual da Paraíba. Membro do grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB).
[216] Doutor. Universidade Estadual da Paraíba. Líder do grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

abordagens tradicionais da escrita e das normas gramaticais, atendendo a uma elite social e econômica, e associando o "falar e escrever bem" ao domínio da norma gramatical formal.

Com os avanços nas teorias linguísticas e na Educação, surgiram novos modos de conceber a linguagem e a prática pedagógica. Abordagens como o ensino pautado nos gêneros textuais (Marcuschi, 2008) e a perspectiva do letramento (Soares, 2002) passaram a figurar em sala de aula. Apesar disso, a escrita continuou sendo privilegiada em detrimento da oralidade, devido a uma supervalorização histórica da escrita, como aponta Rodrigues (2017a, p. 51): "Por tempos, a escrita foi representação maior e foco dos estudos da Língua, sendo a voz sufocada, relegada ao segundo plano dos estudos linguísticos".

A oralidade, originária das sociedades primitivas, sempre esteve presente na vida social e cultural, desempenhando um papel fundamental na construção das identidades culturais. Ela exige habilidades específicas para a comunicação eficaz em contextos sociais e culturais. Atualmente, é necessário ampliar a integração das práticas de escrita e oralidade à realidade dos alunos, porque "a modalidade escrita não se contrapõe ao oral, esta é contínuo daquela num processo de atuação do homem em práticas sociais" (Rodrigues, 2017a, p. 55).

No ensino de Língua(gens), a oralidade deve ser valorizada tanto quanto a escrita, com a inclusão de gêneros orais como debates, recitais, rodas de conversa etc. A oralidade é uma modalidade essencial de comunicação/interação que pode fornecer *insights* sobre as dinâmicas sociais e culturais. A tradição oral (Zumthor, 1993), muito forte na prática vocal das benzedeiras do Cariri Paraibano, é uma forma performática e estética de transmitir saberes e valores comunitários no nordeste brasileiro. Assim, a análise da linguagem oral é crucial para uma compreensão mais profunda das práticas comunicativas em diversos contextos sociais, inclusive na escola.

Neste sentido, este estudo propõe uma metodologia para o ensino de Língua(gens) no ensino fundamental, anos finais, com ênfase na valorização das tradições orais e culturas populares de representação do sagrado, destacando as experiências performáticas das benzedeiras do Cariri Paraibano em aulas de Língua Portuguesa. O objetivo principal é

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

propor e aplicar uma proposta didática para o ensino de Língua(gens) com foco na oralidade, baseado na valorização de textos de tradição oral, especialmente os do catolicismo popular, tais como as rezas e benzimentos. Tal objetivo visa ressignificar e expandir as práticas educacionais na aula de Língua portuguesa promovendo o aprimoramento das habilidades e competências linguísticas dos alunos do ensino fundamental. A proposta envolveu um levantamento bibliográfico, a catalogação de textos de tradição oral advindos do catolicismo popular, como rezas e benzimentos, e a reflexão sobre o contexto de resistência e atualização dessas expressões do sagrado na cultura nordestina, elaboração e aplicação de Proposta Didática e Módulo Didático para o ensino de Língua(gens). A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, fundamentada nas contribuições teóricas de diversos autores, tais como Marcuschi (2008), Soares (2002), Kleiman (2001), Rodrigues (2009, 2017a, 2017b) e Zumthor (1993). Os resultados mostraram que a utilização de textos de tradição oral teve impacto positivo no ensino de Língua(gens), promovendo uma melhor compreensão de conteúdos específicos e enriquecendo culturalmente os alunos. As atividades propostas facilitaram a identificação dos estudantes com as práticas culturais abordadas, expandindo seu repertório linguístico e cultural. Além disso, o estudo destacou a importância de considerar os gêneros orais, especialmente aqueles relacionados ao universo sagrado do catolicismo popular, como componentes essenciais na comunicação/interação dos alunos na educação básica.

Valorização das Práticas Sociais e Culturas Populares no Ensino de Língua(gens)

O ensino de Língua(gens), durante muitos anos, foi pautado em práticas tradicionais, centradas nos modelos dominantes e no estudo normativo da Língua, sem espaço para a inclusão das práticas sociais de leitura, escrita e oralidade. Com os estudos dos gêneros textuais e do letramento, o ensino de Língua(gens) passou a contemplar as situações comunicativas/interativas em que os sujeitos exercem suas práticas linguageiras.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Na perspectiva dos estudos do letramento, o ensino de Língua considera o uso dos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade, desde os de uso oral até os de uso escrito, abrangendo os eventos de letramento nos quais os alunos se inserem. No entanto, isso ainda não ocorre frequentemente nas escolas. Kleiman (2001) critica as práticas de letramento dominantes na escola como parciais e equivocadas, referindo-se ao "modelo autônomo" do letramento, que não prepara leitores para diversas situações de interação linguística. Em contrapartida, a autora defende o "modelo ideológico" de letramento, que promove a diversidade de interação por meio do uso da linguagem.

Rodrigues (2017a) reforça que o letramento transcende a escrita e deve ser proposto a partir das práticas sociais nas quais o indivíduo participa. Para isso, o autor sugere um "modelo" de ensino focado num processo de letramento sociocultural e histórico. Em outra obra, o autor amplia essa abordagem mediante um olhar para a práxis social do sujeito "atualizador" dos textos pela linguagem; e propõem uma Linguística da Prática. Desse modo, Rodrigues (2017b, p. 71) destaca que, no processo de atualização textual, o sujeito é agente mobilizador e criador, com sua conduta social renovada e ampliada: "a renovação diária da conduta social faz do sujeito um ser criador, indivíduo posto na história como parte dela, mas que figura como resultado dos reflexos que se cruzam entre uma imagem criada e ao mesmo tempo criadora de trajetórias sociais". Isso deve ser considerado no ensino de Língua(gens).

Desenvolver eventos de letramento no ensino é um processo contínuo, envolvendo diversas estratégias e práticas. Ações de leitura, escrita e oralidade em diferentes gêneros textuais devem fazer parte do cotidiano escolar, visando a prática social da linguagem. É essencial proporcionar aos alunos oportunidades de comunicação em situações reais de uso da Língua, promovendo a reflexão sobre a linguagem e suas configurações. Além disso, o professor pode promover atividades que levem os alunos a conhecerem e respeitar as variedades linguísticas das diversas culturas. Este modelo de letramento sociocultural e histórico de ensino ajuda a estabelecer uma relação próxima entre a comunidade e a escola, tornando-a um espaço de diálogo e troca, onde os alunos e seus familiares são valorizados

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

como participantes ativos do processo educativo, promovendo uma educação inclusiva e respeitosa com a diversidade. Valorizar as diferentes culturas presentes na comunidade contribui para a formação de cidadãos reflexivos e conscientes da importância do respeito às diversas expressões linguísticas e culturais, o que é essencial para uma educação contextualizada, significativa e inclusiva.

Textos da tradição oral no ensino de Língua(gens)

Os gêneros textuais de tradição oral são formas de expressão cultural transmitidas oralmente de geração em geração, incluindo narrativas, poesia, música e outras formas de arte enraizadas em tradições culturais específicas. Essas tradições dependem da memória e das habilidades dos contadores de histórias e poetas para se manterem vivas. Embora o ensino desses gêneros nas escolas seja frequentemente relegado a um segundo plano em favor da escrita, eles são cruciais para preservar e transmitir a história e a cultura de uma comunidade, mantendo suas tradições e valores culturais (Rodrigues, 2017a).

Marcuschi (2008) observa que sociedades tipicamente orais desenvolvem gêneros textuais valorizados pela comunidade, como as "benzeções das benzedeiras", que muitas vezes são desconhecidas em centros urbanos onde as tradições orais das culturas populares não são devidamente reconhecidas. Zumthor (1993) identifica três tipos de oralidade: a primária e imediata, que não tem contato com a escrita; a mista, em que a influência da escrita é externa e parcial; e a secundária, que se recompõe a partir da escrita.

A oralidade como prática de letramento encontra uma de suas manifestações mais autênticas na cultura popular do Nordeste brasileiro, particularmente nas rezas das rezadeiras ou benzimentos. Segundo Marcuschi (2008), esses gêneros orais comuns nas comunidades rurais são pouco valorizados nos centros urbanos. As rezas das benzedeiras, com raízes profundas no Catolicismo Popular, refletem a necessidade de realizar rituais religiosos independentes e contribuem para o legado cultural e religioso do povo nordestino.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Incluir a cultura popular no ensino de Língua(gens) amplia o conhecimento dos alunos e promove o respeito pelas diferentes culturas, sejam elas eruditas ou populares. Ao estudar os textos dessa cultura, os alunos podem compreender melhor a própria identidade cultural e fortalecer seus sentimentos de pertencimento a uma comunidade, além de combater o preconceito entre as culturas. Na aula de Língua Portuguesa, perceberão que as práticas linguísticas são intercaladas por culturas e costumes, possibilitando uma aprendizagem mais significativa.

Para desenvolver um trabalho com as rezas na Educação Básica, durante as aulas de Português, é importante, inicialmente, discutir com os alunos o conceito e a importância da cultura popular para a manutenção e valorização da identidade de um povo ou comunidade. Nesse contexto, o professor deve levantar as diferentes manifestações culturais presentes no cotidiano dos alunos, ou que eles conhecem, para identificar as práticas culturais das quais participam. Esse momento é crucial para trabalhar essas práticas em uma interface com os textos da tradição oral, destacando a diversidade e pluralidade culturais.

No caso específico das rezas, deve-se abordar a leitura, apreciação, análise temática e construções de sentido presentes no texto, identificando as características que permitem classificá-lo como uma reza. Durante esse processo, é possível realizar rodas de conversa para que os alunos compartilhem suas observações. Em seguida, o professor pode explicar sobre as benzedeiras que utilizam as rezas e o contexto de produção dessas rezas, destacando a relevância desse texto para a constituição da identidade e da cultura nordestina. Propostas de pesquisa sobre a biografia das benzedeiras, com apresentações de fotos, entrevistas e outros materiais, podem enriquecer esse reconhecimento cultural.

O próximo passo envolve tratar dos elementos estruturantes do gênero reza, como expressões próprias e variantes linguísticas que imprimem efeitos de sentido específicos de uma cultura. Essas práticas de leitura, oralidade, escrita e análise da linguagem devem estar presentes durante todo o trabalho com o gênero. Abordar diversas rezas com diferentes temáticas em sala de aula permitirá aos alunos acessar um repertório diversificado e fazer

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

comparações e relações entre os textos. Durante essa fase, o professor pode pedir que os alunos leiam os textos de maneira individual ou coletiva.

Após a leitura, é fundamental promover momentos de interpretação e análise, onde os alunos socializam suas impressões sobre a experiência de leitura e discutem os temas presentes nas rezas. Essa é uma oportunidade relevante para que os alunos conheçam as temáticas abordadas, construam conhecimento sobre os assuntos tratados e façam conexões entre o texto e as práticas culturais que ele representa. O delineamento dessas fases demonstra que é possível abordar as rezas como um gênero de tradição oral e um instrumento mediador da cultura popular no âmbito escolar, tornando o ensino da linguagem mais significativo e contemplando os saberes locais. Isso permitirá aos alunos adquirir competências linguísticas necessárias e respeitar a diversidade histórica, cultural, social e linguística da comunidade representada.

Considerando o exposto, é preciso destacar que esse modo de tratar as rezas das benzedeiras se alinha ao que propõem os documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), que orientam o ensino de linguagem em uma perspectiva cultural diversa. Assim, a escola deve se configurar como um espaço inclusivo também no que se refere à abordagem da diversidade cultural, haja vista que não é mais possível pensar em um ensino de Língua(gens) que privilegie uma cultura dominante em detrimento de outras consideradas subalternas. É urgente que a cultura de massa, a cultura popular, entre outras tidas como não eruditas, figurem no âmbito escolar e se tornem objetos de ensino, conforme argumenta Rodrigues (2009), já que dessas culturas provém não só os conhecimentos compartilhados pelos falantes da Língua, mas a própria história inscrita na identidade de um povo.

Na próxima seção, será apresentada uma breve descrição de cada uma das quatro etapas do módulo didático proposto.

Produto educacional: módulo didático do aluno

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

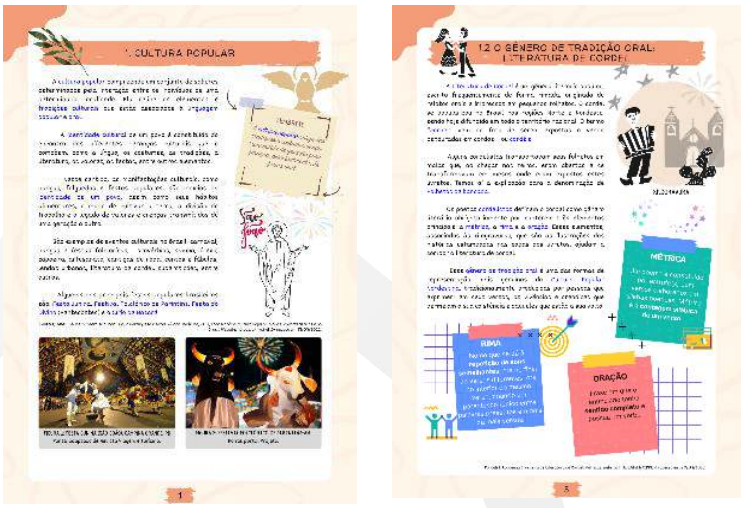
Ao propormos um módulo didático para o ensino de Língua(gens) que contemple as manifestações culturais locais e a sua manutenção, tínhamos por objetivo despertar nos estudantes o interesse pela cultura e a história do lugar onde vivem. O material proposto buscou trabalhar a Língua(gem) de forma interdisciplinar, mediante um processo de letramento sociocultural e histórico (Rodrigues, 2017a), com ênfase na valorização da cultura e da história local. Com um conteúdo didático organizado em quatro etapas, os estudantes foram incentivados a analisar e interpretar textos de tradição oral, produzir textos e material audiovisual, e desenvolver habilidades linguísticas e semióticas.

Na primeira etapa, o módulo buscou: despertar nos estudantes o interesse nas manifestações culturais do lugar de vivência, a partir de experiências externas, estabelecendo relação destas com as suas origens; chamar a atenção para os textos de tradição oral, a partir da literatura de cordel; desenvolver a habilidade de descrever, analisar, interpretar e relacionar imagens gráficas a partir das relações entre o texto visual e o contexto de produção da imagem; e possibilitar a compreensão do conceito de variação linguística a partir de textos da tradição oral.

Fig. 1 – Recorte ilustrativo da unidade temática I.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



Fonte: Módulo didático do aluno.

Na segunda etapa, buscamos despertar nos estudantes a percepção em relação ao patrimônio cultural, sua divisão entre material e imaterial, enfatizando a importância da identificação e preservação dos patrimônios culturais locais, trabalhando as classes de palavra “substantivo” e “adjetivo”, a partir da apresentação de conceitos funcionais para a inserção destes no estudo dos textos sobre o patrimônio cultural. Também trabalhamos a produção textual a partir de atividade exploratória em aula-passeio.

Fig. 2 – Recorte ilustrativo da unidade temática II.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: Módulo didático do aluno.

Na terceira etapa, evidenciamos a tradição oral e a memória local. Os estudantes aprenderam sobre a importância das rezadeiras na transmissão de saberes, culturas e histórias. A formação histórica do povoado foi trabalhada a partir da produção de textos. Os estudantes também foram apresentados aos gêneros jornalísticos: entrevista, reportagem e documentário, e foram incentivados a produzir materiais textuais (gráfico e audiovisual) para a elaboração colaborativa de um livro de biografias contendo as memórias das rezadeiras do Cariri Paraibano.

Fig. 3 – Recorte ilustrativo da unidade temática III.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: Módulo didático do aluno.

Por fim, na quarta etapa, a relevância da oralidade nos gêneros de tradição oral foi avaliada em atividades reflexivas, com foco nas rezas e benzimentos estudados. O estudo dos conceitos, finalidades e uso dos sinais de pontuação foi proposto, a fim de que os estudantes pudessem compreender a estruturação dos textos tanto orais quanto escritos. Outrossim, o trabalho de produção textual colaborativo foi continuado em prol da elaboração da biografia das rezadeiras da comunidade, que seria publicada em meios digitais e apresentada para a comunidade escolar.

Fig. 4 – Recorte ilustrativo da unidade temática IV.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: Módulo didático do aluno.

Na próxima seção serão apresentados os resultados e discussões contemplados a partir da aplicação do módulo didático proposto.

Resultados e Discussões

O plano de ação discente desenvolvido para o ensino de Língua(gens), contemplando as manifestações culturais locais, visou despertar nos estudantes o interesse pela linguagem, a cultura e a história do lugar onde vivem. O material proposto trabalhou

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de forma interdisciplinar, valorizando e incentivando os estudantes a analisarem e produzirem textos de tradição oral, desenvolvendo habilidades linguísticas como práticas socioculturais e históricas (Rodrigues, 2017a). Essa abordagem permitiu que os estudantes desenvolvessem habilidades de pesquisa e análise reflexiva da língua(gem), essenciais para sua atuação na sociedade como sujeitos ativos (Rodrigues, 2017a, 2017b).

A valorização da cultura local também impactou positivamente o desenvolvimento da comunidade, promovendo a preservação cultural e um maior envolvimento dos discentes. A interação entre professor e alunos, e a observação dos fenômenos socioculturais e históricos de tradição oral, permitiram explorar elementos constitutivos da língua(gem), bem como aspectos contextuais da comunidade. Isso promoveu saberes sobre a tradição oral e a cultura popular da região, além de valorizar a identidade dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa e compartilhada (Brasil, 2018).

Os alunos refletiram sobre as nuances da linguagem e sua adequação aos contextos de uso, valorizando a diversidade linguística e evitando preconceitos linguísticos. Compreenderam que não há um tipo de língua(gem) mais “correto” que outro, mas que existem situações comunicativas que exigem adequação da linguagem, considerando os contextos de atuação do falante (Rodrigues, 2009).

A inclusão da própria cultura dos alunos nas atividades escolares gerou reconhecimento e compreensão de que o ensino de Língua(gem) pode ser mais significativo ao ampliar sua perspectiva. A abordagem facilitou a assimilação dos conteúdos previstos para o componente de Língua Portuguesa, especificamente o gênero textual de tradição oral reza. Os alunos ampliaram suas habilidades linguísticas e progrediram na produção escrita e oral, respeitando o turno de fala e estruturando textos com coerência. Também fizeram leituras de imagens, expondo inferências e relacionando texto e contexto, identificando efeitos de sentido das rezas e imagens que representam a cultura popular local (Brasil, 1997).

De modo geral, a abordagem adotada permitiu que os estudantes compreendessem e valorizassem as manifestações culturais locais, estabelecendo uma relação com sua

identidade linguística e cultural. Essa imersão despertou uma consciência reflexiva sobre a valorização da memória coletiva e a compreensão da cultura nordestina.

Considerações finais

Ao longo do percurso, ficou evidente como o uso dos textos de tradição oral impactaram positivamente na melhoria do ensino de conteúdos específicos de Língua(gens), como os aspectos constituintes do gênero reza, bem como para o aprimoramento sociocultural e histórico dos estudantes. Percebemos a todo momento a identificação dos estudantes com as práticas de linguagem e as manifestações culturais estudadas. Outrossim, as atividades de leitura e produção de textos propostas possibilitaram a ampliação do repertório linguístico dos alunos.

Assim sendo, pudemos evidenciar com o nosso estudo que, no ensino de Língua(gens), o trabalho com os gêneros textuais de tradição oral, como as rezas e benzimentos, proporcionaram uma oportunidade de aproximação entre a escola e a comunidade e, ao reconhecer a relevância da oralidade para a práxis social, os alunos se tornam agentes ativos na manutenção e transmissão de vozes que traduzem e atualizam (Rodrigues, 2017b) estas manifestações culturais, contribuindo para a valorização da identidade linguística local.

A proposta didática promoveu, assim, o ensino de Língua(gem) de forma interdisciplinar, enfatizando a valorização dos textos de tradição oral e a cultura local. Desse modo, explorou os conteúdos linguísticos propostos pelo currículo escolar, mas avançou um pouco mais, no sentido de promover na aula de Português vivências que permitiram aos alunos da educação básica a expansão das suas compreensões de mundo acerca das subjetividades próprias da cultura local.

Outrossim, o fortalecimento do espírito colaborativo e a valorização dos elementos culturais nordestinos foram destaques através do incentivo e do uso de recursos tecnológicos e, também, da produção de diversos tipos de textos (orais e escritos). A

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

proposta também conseguiu, satisfatoriamente, estimular a reflexão sobre a linguagem, o respeito a memória cultural e o combate aos preconceitos, utilizando os gêneros de tradição oral para uma melhor compreensão das características textuais e as intenções comunicativas dos agentes sociais.

As experiências compartilhadas nesse trabalho ficaram registradas em nossas memórias e na práxis educativa da comunidade escolar local, através de práticas de ensino de Língua(gem) pertinentes, que se ampliaram para além do espaço escolar, e que contribuíram de forma significativa com a aprendizagem dos educandos na aula de Linga Portuguesa.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. 600 p. Disponível em: https://bitly.ws/Zhke. Acesso em: 15 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental*. – 65 p. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: https://bitly.ws/ZhhL. Acesso em: 15 ago. 2022.

KLEIMAN, A. B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001. 296 p. ISBN: 978-8585725051.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. 296 p. ISBN: 978-8588456747.

RODRIGUES, L. P. Cultura clássica, cultura vulgar: considerações acerca do ideal de autor, leitor e leitura. *Revista Sociopoética*, Campina Grande: EDUEPB, v. 1, n. 3, p. 1-16, 2009.

RODRIGUES, L. P. O oral e o escrito em práticas e eventos de letramento. *In*: NORONHA, C. A.; SÁ JÚNIOR, L. A. de. (Orgs.). *Escola, ensino e Língua(gens)*. Natal: EDUFRN, 2017a.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

RODRIGUES, L. P. Por uma linguística da prática. *In*: *GELNE 40 anos*. São Paulo: Blucher, 2017b.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 128 p. ISBN: 978-8586583162.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. 206 p. ISBN: 8527303868.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 324 p. ISBN: 8571643407.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A DUPLA SUBALTERNIDADE DA MULHER NEGRA NO CONTO *MARIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maxswell Brito Oliveira[217]

Resumo: O conto *Maria*, escrito por Conceição Evaristo (2014), mergulha nas profundezas da realidade enfrentada pelas mulheres negras no Brasil. A autora destaca a interseção do racismo e do sexismo, revelando como esses sistemas de opressão se combinam para relegar a mulher negra a um plano inferior na sociedade. A condição de Maria, afetada simultaneamente por sua identidade de gênero e raça, coloca em foco a questão da subalternidade. A narrativa desafia convenções e espelha a complexidade das vivências das mulheres negras. O conto aborda a dupla subalternização da mulher negra, marginalizada tanto pelo racismo quanto pelo sexismo. Através da análise literária, busca-se compreender como essas formas de discriminação se manifestam na vida de Maria e outras mulheres negras. O estudo utiliza o conceito de interseccionalidade para promover conscientização e inspirar ações contra essas opressões, visando uma sociedade mais justa e equitativa. Para tanto, realiza-se uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, considerando as teorias desenvolvidas por Collins (2019), Spivak (2010), Davis (2016), hooks (2019; 2022), entre outras, a fim de demonstrar a dupla subalternidade da mulher negra na escrita de Evaristo.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Mulher. Negra. Maria. Conceição Evaristo.

Introdução

Maria, conto escrito por Conceição Evaristo, é uma narrativa impactante que mergulha nas profundezas da realidade enfrentada pelas mulheres negras no Brasil. A autora tece uma trama onde o racismo e o sexismo se cruzam, desvendando a maneira como esses sistemas de opressão se combinam para relegar a mulher negra a um plano inferior na sociedade.

O conto destaca a condição de Maria, simultaneamente afetada por sua identidade de gênero e raça, colocando em foco a questão da subalternidade. Através de sua prosa, Evaristo lança luz sobre o modo como essas identidades interligadas são frequentemente

[217] Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

desconsideradas e desvalorizadas. Sua escrita desafia convenções, espelhando a rica complexidade das vivências das mulheres negras.

Logo, a problemática central do conto é a dupla subalternização da mulher negra, que é marginalizada tanto pelo racismo quanto pelo sexismo. A narrativa explora como essas duas formas de opressão se interseccionam e reforçam uma à outra, criando uma experiência única e complexa de marginalização.

Neste cenário, o presente trabalho justifica-se por evidenciar como o racismo e o sexismo operam em conjunto para criar barreiras específicas para as mulheres negras. Ao entender essas dinâmicas, pode-se começar a desmantelar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e promover uma sociedade mais justa e equitativa.

A partir da análise do conto, objetiva-se explorar o modo como o racismo e o sexismo se manifestam na vida de Maria e outras mulheres negras. Será feita uma análise da representação literária de Evaristo sobre a interseccionalidade de raça e gênero, de modo a incentivar o diálogo e a reflexão crítica sobre as formas de opressão enfrentadas pelas mulheres negras.

Para tanto, procede-se com uma investigação textual do conto de Evaristo através de uma leitura crítica, identificando temas e a linguagem utilizada pela escritora. O presente estudo utilizará o conceito de interseccionalidade para entender como diferentes identidades sociais (raça, gênero, classe) se sobrepõem e interagem, com base nas teorias de Patrícia Hill Collins (2019), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Angela Davis (2016), bell hooks (2019; 2022), entre outros, com o intuito de compreender como diferentes formas de discriminação interagem e influenciam na vida das mulheres negras. Através desta investigação, busca-se permitir uma maior conscientização sobre o tema, com o intuito de inspirar ações para combater essas formas de opressão, promovendo mudanças sociais positivas.

A dupla subalternização da mulher negra no conto *Maria*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O conto intitulado *Maria* foi publicado originalmente nos Cadernos Negros em 1991 e posteriormente incluído na coletânea de contos *Olhos d'água* (2016). Escrita por Conceição Evaristo, renomada pesquisadora, ficcionista e ensaísta brasileira, esta obra é composta por quinze narrativas breves, cujas personagens são mulheres negras enfrentando as adversidades da exclusão social.

As histórias presentes no livro emergem de um olhar atento e crítico sobre a vivência da autora e o universo ao seu redor, que se materializa através de sua obra escrita. Segundo a própria Conceição Evaristo (2020), a "escrevivência" representa um estilo literário que aspira superar as restrições de um legado colonial, no qual as mulheres negras, figuras centrais dessa narrativa única, eram subjugadas e silenciadas pela classe dominante.

A narrativa de *Maria* compreende o retrato da vida de uma mulher negra e empregada doméstica, que enfrenta as adversidades da exclusão social e do racismo. Enquanto espera o ônibus, Maria reflete sobre sua vida, marcada por lutas e pequenas vitórias, como a alegria de levar para casa os restos de uma festa na casa da patroa, que incluem frutas que seus filhos nunca experimentaram:

> [Maria] Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão (Evaristo, 2014, pág. 39)

O fragmento acima, extraído logo do primeiro parágrafo do conto, ilustra várias formas pelas quais a desigualdade social se manifesta na vida de Maria e, por extensão, na vida de muitos brasileiros de baixa renda. Maria está cansada, o que sugere que ela pode estar trabalhando muito ou em condições difíceis. Isso é comum entre as pessoas de baixa renda no Brasil, que muitas vezes têm que trabalhar longas horas em empregos fisicamente exigentes. Seus filhos estão doentes e ela precisa comprar medicamentos para eles. Isso indica que ela pode não ter acesso fácil a cuidados de saúde gratuitos ou acessíveis, uma questão que afeta muitos brasileiros de baixa renda. A alegria de Maria com a gorjeta

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sugere que ela vive com um orçamento apertado e que qualquer dinheiro extra faz uma grande diferença. Isso mostra a precariedade financeira enfrentada por muitas pessoas de baixa renda.

Embora o trecho não mencione explicitamente questões de racismo e sexismo, essas questões também podem ser inferidas a partir da situação de Maria, a qual, sendo mulher, está em uma posição de servidão e depende de gorjetas para cuidar de seus filhos. Isso pode refletir a desigualdade de gênero na sociedade, onde as mulheres muitas vezes assumem papéis subordinados e são responsáveis pelo cuidado dos filhos. Ademais, sua situação econômica precária e a falta de acesso a recursos básicos podem ser vistos como um reflexo do racismo estrutural na sociedade brasileira, que afeta desproporcionalmente as pessoas negras.

O conceito de racismo estrutural, conforme discutido por Silvio Almeida (2021), refere-se à ideia de que o racismo está profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas. Não se limita a atitudes individuais, mas está embutido nas instituições e na cultura, afetando desproporcionalmente grupos raciais não brancos. Almeida argumenta que as instituições refletem e perpetuam o racismo porque a sociedade em si é racista, criando e mantendo privilégios para os brancos e condições desfavoráveis para os não brancos.

O conto de Conceição Evaristo retrata o racismo estrutural por meio da vida cotidiana de sua protagonista, uma mulher negra que enfrenta múltiplas formas de opressão. A narrativa destaca como o racismo está entrelaçado com questões de gênero e classe social, evidenciando as desigualdades e violências que Maria enfrenta em seu dia a dia. A protagonista, enquanto empregada doméstica, lida com a marginalização econômica e social, refletindo a realidade de muitas mulheres negras no Brasil.

O conto também aborda a violência simbólica e física no episódio do assalto ao ônibus, onde Maria é injustamente associada ao crime e sofre um linchamento sem oportunidade de defesa:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Os assaltantes desceram rápido [do ônibus]. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois (Evaristo, 2014, p. 41).

O racismo se manifesta nesta passagem de várias maneiras. Primeiro, Maria é imediatamente associada aos assaltantes, mesmo sem conhecê-los, simplesmente por estar no mesmo local que eles. Isso pode ser um exemplo de estereótipo racial, onde as pessoas presumem que ela é culpada ou cúmplice devido à sua raça. Em segundo lugar, a frase "Negra safada" é um insulto racial direto. O uso da palavra "Negra" aqui não é uma simples descrição da cor da pele de Maria, mas é usada de forma pejorativa e insultuosa, sendo um exemplo claro de linguagem racista. Por fim, a suposição de que Maria "estava de coleio com os dois" baseia-se na ideia preconcebida de que pessoas de determinadas raças são mais propensas a cometer crimes, sendo este um exemplo de preconceito racial.

Esse incidente ilustra a complexidade das relações interpessoais marcadas por questões raciais e sociais, manifestadas pelo racismo estrutural, que pode levar a sociedade a julgar e punir indivíduos negros com base em estereótipos e preconceitos arraigados.

Neste sentido, através da narrativa de Maria, Evaristo expõe como o racismo estrutural permeia as experiências vividas pelas personagens, influenciando suas oportunidades, interações sociais e até mesmo a percepção de si mesmas. O conto é um reflexo da realidade de muitas mulheres negras que, como Maria, são afetadas diariamente por um sistema que as coloca em desvantagem em várias esferas da vida.

Além das barreiras raciais destacadas acima, o conto escrito por Evaristo ressalta que a marginalização vivenciada por Maria tem suas raízes também no sexismo e na misoginia arraigados na sociedade brasileira, podendo ser percebidos em várias passagens que destacam as dificuldades e violências específicas enfrentadas por Maria enquanto mulher. Por exemplo, a narrativa aborda a violência de gênero e o machismo como heranças

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

dos colonizadores, refletindo sobre como a cor da pele e as roupas de Maria denunciam quem ela é e, ao mesmo tempo, mostram o legado de um país escravagista.

Um trecho que ilustra a misoginia é quando Maria é xingada, linchada, pisoteada, socada e dilacerada:

> A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria [...] Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos (Evaristo, 2014, p. 42).

Infere-se, a partir da leitura do trecho, que Maria é imediatamente rotulada como "puta" e "safada", termos pejorativos que objetivam e desumanizam as mulheres, próprios de linguagem misógina. Ademais, a violência física contra Maria, especificamente o homem que lhe dá um tapa no rosto, é uma manifestação direta de misoginia, quando o homem figura como sujeito opressor por direito. Além disso, a passagem sugere que Maria é vista como culpada e merecedora de punição simplesmente por ser uma mulher que se defende – "a negra ainda é atrevida". Isso reflete a ideia misógina de que as mulheres devem ser submissas e não têm o direito de se defender ou expressar raiva. Por fim, o chamado para linchar Maria é uma manifestação extrema de misoginia. O linchamento é uma forma de violência coletiva que é frequentemente dirigida contra mulheres, especialmente aquelas que são vistas como transgressoras de normas de gênero. Logo, essa cena brutal reflete não apenas o racismo, mas também a misoginia enraizada na sociedade que subjuga e violenta as mulheres, especialmente as mulheres negras.

Acerca da violência, destaca-se o pensamento de bell hooks (2022, p. 99), a qual afirma que "em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social", ou seja, em uma sociedade onde existe uma estrutura de poder desigual, as pessoas são ensinadas, desde cedo, a considerar a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

violência como uma forma legítima de manter a ordem e a hierarquia social. Isso implica que o uso da força, seja ela física ou psicológica, é visto como um método normal e até necessário para garantir que as relações de poder se mantenham estáveis e que os grupos dominantes continuem no controle.

No conto de Evaristo, é possível observar como a violência se manifesta na vida da protagonista, uma mulher negra que enfrenta diversas formas de opressão em sua vida cotidiana. Após uma longa espera por um ônibus, Maria encontra um homem que reconhece como o pai de seu filho:

> Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco (Evaristo, 2014, pág. 40).

O reencontro de Maria e seu ex-companheiro traz à tona memórias de dor e alegria, mas também é marcado pela violência, pois o homem, apesar de expressar saudade e carinho, acaba cometendo um assalto:

> O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. (Evaristo, 2014, pág. 41)

A partir deste fragmento, percebe-se a complexidade das relações interpessoais marcadas por questões de gênero. Ao analisar a interação de Maria com o ex-companheiro, percebe-se que o homem fala com Maria sobre o passado, sobre o filho que têm juntos, mas o faz de maneira distante, sem olhar para ela, o que pode ser interpretado como uma forma de desvalorização e desconsideração.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Percebe-se que o homem trata Maria de uma maneira complexa e contraditória. Por um lado, ele expressa sentimentos intensos e pessoais, como dor, prazer, alegria, e fala sobre filho, vida, morte e despedida. Essas palavras cochichadas indicam uma intimidade emocional e uma conexão profunda com Maria, sugerindo que ele compartilha com ela um passado significativo e uma saudade que o aflige.

Por outro lado, o homem permanece estático e não olha diretamente para Maria enquanto fala, o que pode indicar uma distância emocional ou uma dificuldade em enfrentar diretamente a realidade de suas palavras e sentimentos. O fato de ele não se virar para ela enquanto expressa esses sentimentos íntimos cria uma barreira na comunicação, deixando Maria apenas adivinhar o que ele está dizendo.

A ação final do homem, quando ele saca uma arma e comete um assalto, é um ato de violência que contrasta drasticamente com a ternura das palavras que ele acabou de cochichar. Isso revela a dualidade de sua natureza e a complexidade das circunstâncias em que ele e Maria estão inseridos. O ato de violência pode ser visto como uma manifestação da cultura de dominação mencionada anteriormente, onde a violência é usada como meio de controle social, mesmo que em detrimento de relacionamentos pessoais e íntimos.

Portanto, o tratamento do homem para com Maria é ambíguo e multifacetado, refletindo tanto uma proximidade emocional quanto uma brutalidade repentina, o que ilustra a tensão entre a vulnerabilidade humana e as pressões de uma sociedade marcada pela violência e dominação.

A violência, nesse contexto, não é apenas o ato do assalto em si, mas também a violência estrutural que Maria enfrenta diariamente como mulher, negra e pobre. Ela vive em um ambiente onde a desigualdade e a dominação são constantes, e a violência se torna uma presença familiar em sua vida. O conto reflete sobre como essas experiências moldam a identidade e a realidade de Maria, coadunando com o pensamento de hooks, que destaca a normalização da violência como instrumento de controle social em uma cultura de dominação.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesse sentido, o conto *Maria* ilustra como a violência é intrínseca a sistemas de dominação e como ela afeta as vidas das pessoas, especialmente aquelas que estão em posições vulneráveis dentro da hierarquia social, como a protagonista, mulher negra e pobre. Desse modo, percebe-se que a violência sofrida por Maria é o resultado de uma interseccionalidade de opressões, que inclui racismo, sexismo e classe. A protagonista enfrenta múltiplas formas de discriminação que se cruzam e se intensificam mutuamente.

Interseccionalidade, segundo Patrícia Hill Collins (2019), é um conceito que reconhece como diferentes categorias de opressão, como raça, classe, gênero, sexualidade e nacionalidade, interagem e se sobrepõem para criar sistemas de desigualdade e discriminação. Collins utiliza o termo para descrever a sobreposição simultânea de múltiplas formas de opressão, que não são independentes umas das outras, mas estão entrelaçadas em complexas relações de poder.

Ela argumenta que as experiências de opressão são moldadas não apenas por uma única categoria, mas pelo entrelaçamento de várias, e que essas intersecções criam desafios únicos para os indivíduos que se encontram na interseção de várias categorias marginalizadas. Por exemplo, a experiência de uma mulher negra não pode ser compreendida plenamente ao se olhar apenas para o gênero ou a raça isoladamente, pois ela enfrenta discriminações específicas que são o resultado da combinação dessas identidades.

No trecho “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2014, pág. 39) demonstra-se essa interseccionalidade, pois a narrativa ilustra não apenas a desigualdade racial e econômica, mas também a posição subalterna de Maria como mulher na sociedade, onde ela é relegada a aceitar sobras e restos.

Outro trecho que destaca a interseccionalidade de opressões é ao final do conto, quando da violência física e verbal que Maria sofre, sendo xingada, linchada, pisoteada, socada e dilacerada. Essa violência é direcionada a ela especificamente por ser uma mulher negra. Neste fragmento, a voz de Maria é suprimida, não lhe sendo dado oportunidade de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

defesa. A história de Maria é um exemplo vívido de como os subalternos são frequentemente silenciados e negados a oportunidade de se expressar.

Em *Pode o Subalterno Falar?*, Gayatri Chakravorty Spivak (2010) argumenta que o subalterno – no caso de *Maria*, a mulher negra – não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra meios para se fazer ouvir. A situação de Maria no conto de Evaristo é um exemplo perfeito da teoria de Spivak. Maria, como mulher, negra e pobre, é uma subalterna que é silenciada e negada a oportunidade de se defender. Ela é representada pelos outros, mas não tem a oportunidade de se representar.

Desse modo, o conto de Evaristo destaca a marginalização e o silenciamento dos subalternos na sociedade, especialmente da mulher negra, que passa por um processo de interseccionalidade de opressões, sendo duplamente subalternizada por seu gênero e por sua etnia.

Angela Davis (2016), em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*, faz uma análise histórica e crítica das imbricações entre a luta anticapitalista, a luta feminista, a luta antirracista e a luta antiescravagista. Davis argumenta que os sistemas de gênero, raça e classe estão interligados e que eles se reforçam mutuamente. Isso significa que as mulheres negras sofrem uma opressão tripla, pois são discriminadas por serem mulheres, por serem negras e por serem pobres.

O conto *Maria* de Conceição Evaristo coaduna com a teoria da filósofa, considerando que a protagonista retrata a vida de uma mulher negra que vive na intersecção das múltiplas formas de opressão apontadas por Davis.

Ao relacionar as duas obras, percebe-se que a personagem Maria é um exemplo vivo da interseccionalidade discutida por Davis. Maria é uma mulher que vive na intersecção de várias formas de opressão: ela é negra, é mulher e é pobre. Essas três características a colocam em uma posição de vulnerabilidade na sociedade, fazendo com que ela sofra discriminação e violência em várias frentes.

Através do conto de Evaristo, o qual conversa com as teorias de Collins, Spivak e Davis, a autora traz uma importante reflexão sobre as questões de gênero, raça e classe na

sociedade brasileira. A escrita de Evaristo destaca a necessidade de se reconhecer e combater as múltiplas formas de opressão que afetam as mulheres negras no Brasil, convidando o leitor a refletir sobre a complexidade das experiências vividas pelas mulheres negras e a necessidade de políticas e práticas que reconheçam e abordem a interseccionalidade das opressões.

Conceição Evaristo usa suas obras para destacar as desigualdades raciais e de gênero, e para dar voz às experiências muitas vezes silenciadas das pessoas negras, destacando a resiliência e a força das mulheres negras, mesmo diante das adversidades. A resiliência de Maria é demonstrada pela sua capacidade lutar mesmo após experiências traumáticas. Ela representa muitas mulheres que, apesar de serem submetidas a violências físicas e psicológicas, continuam a lutar por um futuro melhor para si mesmas e para suas comunidades.

A escritora utiliza a narrativa de *Maria* para destacar a importância da memória e da resistência na construção de uma identidade que desafia as narrativas coloniais e opressivas. Através de *Maria*, Evaristo celebra a força e a resiliência das mulheres negras, que continuam a resistir e a prosperar apesar dos desafios impostos pela sociedade.

Deste modo, a narrativa de Conceição Evaristo revela a dupla subalternização da mulher negra, retratada com uma profundidade que transcende as páginas e ressoa na realidade de muitas mulheres. A narrativa desvela as camadas de opressão que se entrelaçam na vida da protagonista, uma mulher que carrega em si as marcas do racismo e do sexismo, duas forças opressivas que se potencializam mutuamente.

Considerações finais ou Conclusão (elemento obrigatório)

O conto *Maria* de Conceição Evaristo é uma obra poderosa que aborda as complexidades da experiência da mulher negra na sociedade brasileira. Através da narrativa, Evaristo explora as interseções do racismo e do sexismo, revelando como essas formas de opressão se entrelaçam para subalternizar a mulher negra.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No conto, o racismo é apresentado como uma força estrutural e cotidiana que afeta profundamente a vida de Maria. A cor da sua pele é um fator determinante em muitas das interações sociais e oportunidades (ou a falta delas) que ela encontra. O racismo é retratado não apenas como um conjunto de preconceitos individuais, mas como um sistema que molda as instituições e as relações de poder na sociedade.

Paralelamente, o sexismo é explorado como uma opressão que Maria enfrenta por ser mulher. Ela é submetida a expectativas de gênero restritivas e muitas vezes é desvalorizada ou invisibilizada. O conto destaca como o sexismo se manifesta tanto no espaço público quanto no privado, afetando a autonomia de Maria e sua capacidade de se expressar livremente.

A dupla subalternização de Maria, como mulher e negra, é um tema central do conto. Evaristo utiliza a narrativa para expor como essas identidades interseccionais são marginalizadas pela sociedade. A escrita de Evaristo é marcada por uma linguagem que desafia as normas literárias tradicionais, refletindo a complexidade das experiências vividas por mulheres negras.

A análise de *Maria* sob esses viéses é crucial para entender a crítica social que Evaristo faz através de sua literatura. Ela não apenas conta uma história, mas também convoca o leitor a reconhecer e questionar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a injustiça. A obra de Evaristo é um convite à reflexão e ao diálogo sobre gênero, raça e classe, e *Maria* é um exemplo eloquente dessa chamada à consciência.

Referências

ALMEIDA, S. L. de. *Racismo Estrutural* – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro* : conhecimento, consciência e a política do empoderamento; tradução Jamille Pinheiro Dias - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

HOOKS, bell. *Ohares negros*: raça e representação; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo*: políticas arrebatadoras; tradução Bhuvi Libanio. - 19ª ed. - Rio de Janiero; Rosa dos Tempos, 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação* - episódios de racismo cotidiano. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.

A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NO CAMPO ESPAÇOS E HABITAÇÃO NA MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE: UMA ANÁLISE SOCIODIALETAL A PARTIR DA QUESTÃO 187

Jefferson Mendes Dias[218]

Georgiana Márcia Oliveira Santos[219]

RESUMO: Indiscutivelmente, o Léxico de um povo permite entrever aspectos socioculturais fundamentais de sua formação enquanto comunidade. Pensando nisso, buscou-se analisar, sob uma perspectiva sociodialetal, aspectos da variação semântico-lexical maranhense com vistas a avaliar a pertinência/produtividade da questão 187 (... a parte da parede que tem espaços vazios?) acrescida pelo ALiMA à versão do questionário semântico-lexical proposta pelo ALiB para a formação da variedade maranhense do português brasileiro. Com isso, este trabalho objetiva examinar essa questão específica pertencente ao campo Espaço e Habitação retirada do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) destacando a mesorregião Norte Maranhense (Pinheiro, Raposa, São Luís). Esta pesquisa alicerça-se nos pressupostos teóricos da Dialetologia, da Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística desenvolvidos, sobretudo, por Cardoso (2010), Ramos, Bezerra e Rocha (2010), Aguilera (2005, 2002, 1999), Labov (2008), Razky (2010), Ramos et. al. (2019). Por tudo isso, espera-se que este trabalho possa favorecer pesquisas futuras sobre variação lexical maranhense, em especial no campo semântico Espaços e Habitação, para contribuir à constituição da variedade maranhense do português brasileiro.

Palavras-chave: Dialetologia. Espaços e Habitação. ALiMA.Variação.

Introdução

Para além de sua função primeira de comunicação, a língua representava, desde o princípio das sociedades humanas, a realidade manifestada em aspectos sociais e na experiência e cosmovisão de um povo. Com base nisso, é interessante desvelar que a língua

[218] Graduando em Letras Português/Espanhol (UFMA) – Grupo de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas (GELMIC) – jefferson.dias@discente.ufma.br.

[219] Doutora em Linguística (UFC) – Grupo de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas (GELMIC) – georgiana.marcia@ufma.br.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

não pode ser analisada fora da necessidade da comunicação e da complexidade da vida em sociedade. Segundo Saussure (2004), a concepção de língua se desdobra em duas acepções concomitantes, ela é “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (Saussure, 2004, p. 17). Nesse sentido, o estado de uma língua e seus componentes constitutivos se mantém, se reorganizam e se renovam à medida que os falantes acionam recursos disponíveis dentro do seu sistema linguístico.

O fenômeno da variação linguística manifesta em tempo real as adaptações e o manejo que o homem faz de sua língua ao experienciar fatores sociais diversos. Apoiando-se nisso, a Dialetologia buscou ampliar o prisma pelo qual concebia a variação e passou a ser, além de diatópica, diagenérica, diafásica, diageracional e diastrática. Isso possibilitou o vislumbramento de um espectro de realizações de formas linguísticas entre o que se convencionou chamar de “certo” e "errado”. Notar esse vislumbramento é entender que a língua é afetada pela variação em todos os níveis: fonético, morfológico, sintático, semântico e, provavelmente o nível linguístico no qual a variação é mais rapidamente observada pelos falantes, o léxico.

O léxico está intimamente mais próximo da vida social do que qualquer outro nível linguístico, porque é por ele que o falante descreve sua vivência pelas coisas presentes no seu mundo. É o léxico que os aproxima de tudo que os cerca no mundo e de tudo que experienciam, visto que é ele que primeiro supre a necessidade da nomeação, dando conta do que se deseja apontar na realidade, “pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.” Aguilera, *et al* (2016, p. 77-78). Nessa camada de nossa língua reflete-se mais claramente as mudanças sociais, as influências, os empréstimos linguístico, segundo Barbosa (1993, p.1), “[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nesse sentido, fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia e da geolinguística pluridimensional, e levando em consideração a influência do espaço no modo de vida do homem, bem como a importância cultural de como o indivíduo concebe de formas diferentes os elementos comuns que compõem o lugar onde habitam, este trabalho, realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)/UFMA) – 2023/2024, tem o objetivo principal de analisar, sob uma perspectiva sociodialetal, aspectos da variação semântico-lexical maranhense com vistas a avaliar a pertinência/produtividade da questão 187 (... a parte da parede que tem espaços vazios?) pertencente ao campo Espaço e Habitação retirada do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), destacando a mesorregião Norte Maranhense (Pinheiro, Raposa, São Luís). Por isso, buscou-se transcrever, analisar e catalogar trechos de entrevistas referentes à pergunta 187 considerando o *corpus* coletado pelo ALiMA dessas localidades representativas da mesorregião norte maranhenses.

Referencial teórico

Superados as determinações saussurianas sobre língua e fala, entendendo que a língua não ocupa mais sozinha o lugar de análise dos linguistas, e, sobretudo, percebendo a sistematicidade no aparente caos da fala, os estudos sobre a variação linguística, depois do impulsionamento das pesquisas de William Labov (1972), despontaram para exames minuciosos dos registros de formas utilizadas pelos falantes. Se encararmos os estudos linguísticos numa perspectiva cronológica, somos levados a pensar que a língua é anterior à variação, e esta posterior à língua. Contudo, tanto a língua como o fenômeno da variação sempre existiram num continuum. Se há língua, há variação. A língua é ao mesmo tempo imaterial por ser, na perspectiva física, um produto acústico, e orgânica por ser confundida e envolvida no social. A língua só existe no social.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> É por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo. A todo instante, utiliza-a de acordo com a tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo. (BRANDÃO, Silvia Figueiredo, 1991, p. 5)

Nesse sentido, o fenômeno da variação se confunde com a própria língua em seu uso real, descrever em quais contextos essa variação vai ocorrer por meio de critérios próprios de análise faz parte do escopo de ciências como a Sociolinguística e a Dialetologia.

No percurso da Sociolinguística e, mais tarde, da Dialetologia, o processo não parou na simples ciência da existência da variação, simplesmente apontá-la na língua não era o bastante, foi preciso se aprofundar até as causas que a motivam. Para isso, a Dialetologia analisa os registros de formas linguísticas dos falantes dentro de fatores diversos, denominados variáveis, sobretudo a espacial, mas também variáveis de cunho social. Essa nova forma de conceber a fala tanto por meio da Sociolinguística quanto da Dialetologia rompe diretamente com o que pensava Saussure, pois diferente do que se propôs no Estruturalismo, a língua no estado de fala continua funcionando enquanto muda. Os falantes se comunicam na mesma língua, mas não falam da mesma maneira. Nesse sentido, a Dialetologia moderna se ocupa em identificar e estudar as variantes nos níveis linguístico (fonético, fonológico, lexical, morfológico, sintático) ao mesmo tempo que busca interpretar a variação por meio das variáveis que a operam, tais como a diassexual, diatópica, diageracional, etc.

Com isso, vale destacar que a variação estudada no nível do léxico é a que mais descreve o caráter sociocultural de uma comunidade, guarda a historicidade de um lugar, conta sobre o modo de vida, carrega tabus e regras sociais que estabelecem diferenças entre mulheres e homens; entre mais jovens e mais velhos, tudo isso porque

> O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, podemos considerar o léxico como testemunha da própria história dessa comunidade, assim como todas as normas sociais que regem [...]. Todo sistema

> léxico representa o resultado das experiências acumuladas de uma sociedade e de uma cultura através dos tempos. (OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de, 2001, p. 110)

Além disso, o falante é capaz de atribuir valor mais facilmente a formas léxicas, demandando julgamentos de registros ao correlacionar fatores internos à língua com fatores externos a ela, bem como eleger a forma que melhor se adequa no contexto dentro das várias possibilidades que sua gramática lhe permitir, esse conhecimento internalizado que cada falante tem dos processos linguísticos leva o nome de dimensão diarreferencial (cf. JUNIOR, 2021, p. 12)

> por meio da qual é possível fazer observações e análises qualitativas dos comentários e referências metalinguísticas (expressões que descrevem a língua) e epilinguísticas (comentários sofre fatos associados à língua, mas estruturalmente não- conexos com ela) dos informantes, visando a fazer asserções fundamentadas a respeito da identidade étnica e das atitudes linguísticas (cf. MARGOTTI, 2004, p. 124). Algumas variantes são aceitas como gramaticais ou como pertencentes à língua; outras, não. Algumas formas são consideradas de prestígio; outras, de estigma; ou neutras. Nesse sentido, um ponto que não pode ser negligenciado quando o intuito é coletar coletar dados autênticos da comunidade de fala visitada é a problemática do "certo" vs. "errado". (JUNIOR, Selmo Ribeiro Figueiredo, *et al*, 2021, p. 12).

Portanto, as escolhas do vernáculo em qualquer nível linguístico, além das variáveis externas, também estão condicionadas ao conhecimento internalizado que o falante tem da própria língua, isso também é um fator da variação.

Metodologia

Seguindo o parâmetro metodológico do ALiMA, este trabalho se pauta no método de pesquisa dialetal de base geolinguística pluridimensional. Para esta pesquisa em questão foi trabalhado o fenômeno da variação dentro das variáveis diatópica, diageracional e diassexual. Sob esse critério, os informantes do ALiMA atenderam as seguintes especificidades: nos 3 pontos de investigação — São Luiz (MA01), Raposa (MA02) e Pinheiro (MA03) —, foram analisados os dados de 12 informantes, distribuídos em grupos de 4 pessoas, sendo dois informantes do sexo masculino e dois do sexo feminino, com nível fundamental de ensino em cada uma das localidades. Além disso, os inquiridos tinham duas

faixas etárias definidas — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, sendo todos naturais dos pontos de inquérito da mesorregião norte do estado.

A coleta de dados a respeito do campo Espaços e Habitação concernente a pergunta de número 187 (Como se chama a parte da parede que tem espaços vazios?) e as transcrições das falas dos informantes foram realizadas pela equipe ALiMA. Depois disso, foi feita a revisão e análises das transcrições, agrupando os dados coletados em tabelas pelo programa Google Docs, de acordo com as denominações obtidas para cada questão investigada.

Rede de Pontos

Esta pesquisa contempla três das dezesseis localidades que compõem toda a rede de pontos do Projeto ALiMA, uma vez que este trabalho revela apenas um recorte do estudo que tem uma maior dimensão. Essas localidades constituem municípios representativos da mesorregião norte do estado onde foram realizadas as entrevistas para a obtenção dos dados linguísticos.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

Mesorregião Norte (São Luís, Raposa, Pinheiro)			
Informante	**Escolaridade**	**Faixa etária**	**Sexo**
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Software gerador de cartas linguísticas (SGVClin)

No *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* – SGVClin (Romano et al, 2014) os dados já finalizados, postos anteriormente em planilhas do Excel, foram usados para o preenchimento do banco de dados no programa.

Para criação das cartas, foram consideradas todas as respostas válidas dadas por cada informante. Nesse sentido, é possível que um item possua um número maior de respostas em relação ao número de informantes.

Elaboração das cartas linguísticas

As cartas linguísticas são como fotografias da variação, o fenômeno materializado, visível em gráficos para auxiliar o linguista a entender como a língua age em suas possibilidades, nas diversas dimensões, que explicam o porquê de determinados usos. Segundo Cardoso (2002, p. 12),

> Na perspectiva de confronto e correlação de informações, as cartas pluridimensionais permitem o cruzamento de variáveis e exibem resultados que mostram o comportamento de cada uma delas. Significa dizer que se pode associar à distribuição diatópica a presença maior ou menor de ocorrência do fenômeno segundo o uso documentado, seja por classes socialmente distintas, seja por falantes de gênero e de idade diferenciados, seja por tipo de texto.

Nessa perspectiva, as cartas linguísticas produzidas para esta pesquisa foram distribuídas em três dimensões: (i) dimensão diatópica, (ii) dimensão diageracional e (iii) dimensão diassexual; analisadas a partir das quantidades de produções e denominações, dispostas com legendas diferenciadas a partir do fator social em questão, assim foi possível analisar de maneira mais diversa a pertinência dos registros dentro do português falado na mesorregião norte maranhense.

Resultados e discussões

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As respostas obtidas para a questão 187 — Como se chama a parte da parede que tem espaços vazios? — foram organizadas pelo programa SGVClin num relatório geral (Imagem 1), evidenciando que para esta questão houve quatro variações, totalizando quinze ocorrências. O relatório mostra também uma maior ocorrência para o item blocu/brocu/blocus (80%) que encabeça as variantes.

Imagem 1 – relatório geral da questão 187

Geral

Número da questão: 187

Questão Como se chama a parte da parede que tem espaços vazios?

Variantes	Número de ocorrências	%
blocu/ brocu/ blocus	12	80.00%
vasculhão/ vascão/ vascuião	1	6.67%
Basculhante	1	6.67%
Blocozinhos	1	6.67%
	15	

Fonte: Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)/SGVClin

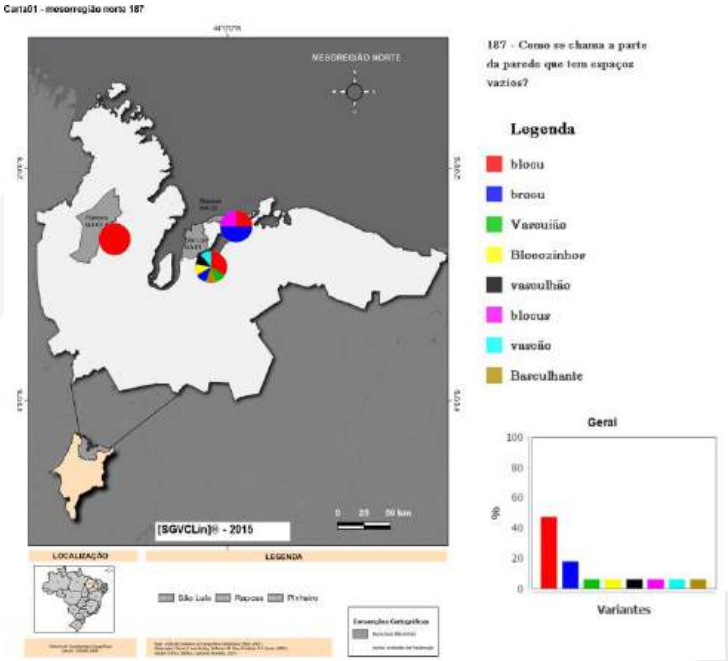
Análise diatópica

O fator espacial representou em menor grau o fenômeno da variação. Foram registradas 4 variações nas 3 localidades. Em Raposa (MA02) e Pinheiro (MA03) houve 100% de realização para blocu/ brocu/ blocus, já em São Luís (MA01) houve 57,14% para este mesmo registro, o qual concorreu com vasculhão/ vascuião/ vascão; blocozinhos e basculhante todos estes com uma porcentagem de 14,29%.

Carta 1 - diatópica

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



Análise diassexual

O fator social sexo evidenciou a segunda maior manifestação da variação. Houve 4 variações que geraram 15 ocorrências para questão. Entre os sexos, a forma blocu/ brocu/ blocus foi a que registrou o maior número de ocorrências, com 85.71% para homens e 75% para mulheres. As variações vasculhão/ vascuião/ vascão e blococzinhos representaram entre as mulheres um registro, com 12,5%. Entre os homens, o mesmo vale para basculhante, com um registro, representando 14, 29%.

Carta 2 - diassexual

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

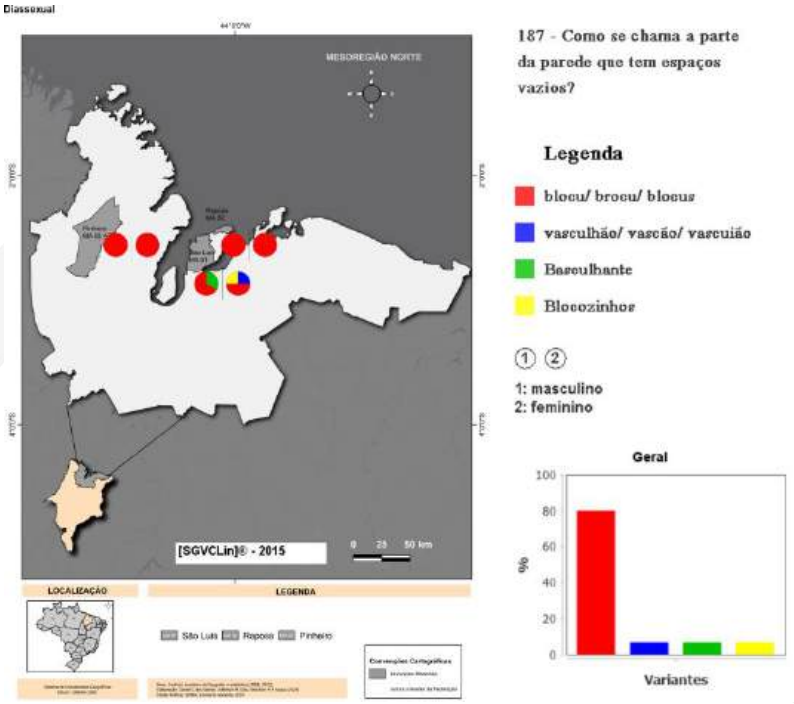
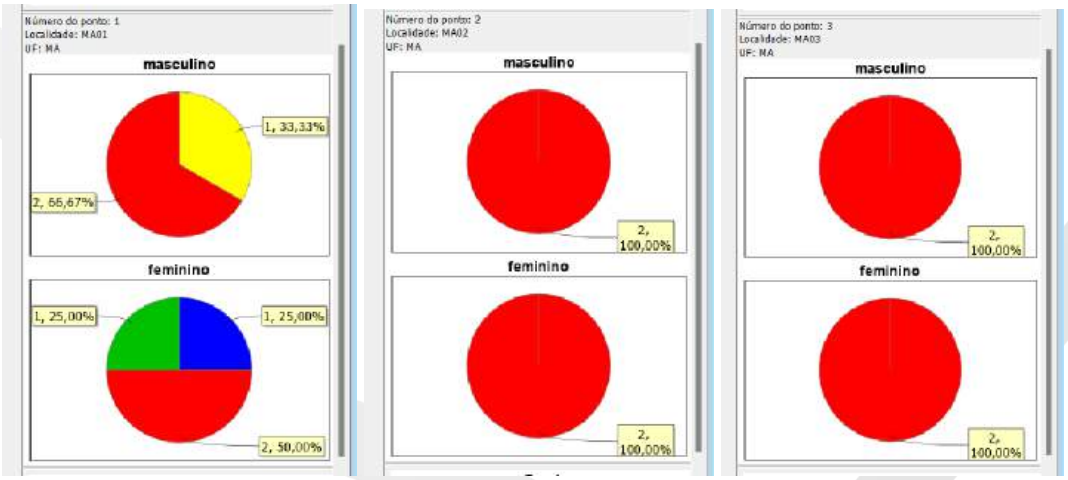


Gráfico da localidade MA01 **Gráfico da localidade MA02** **Gráfico da localidade MA03**



Análise diageracional

O fator social idade foi a variável que mais manifestou o fenômeno da variação, sobretudo em São Luís onde os resultados se evidenciam de forma mais representativa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Carta 3 - diageracional

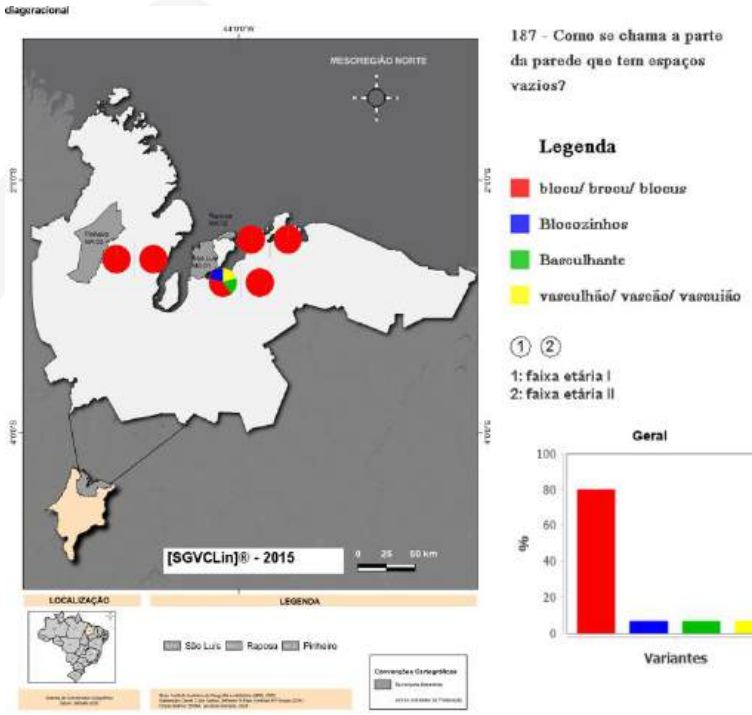
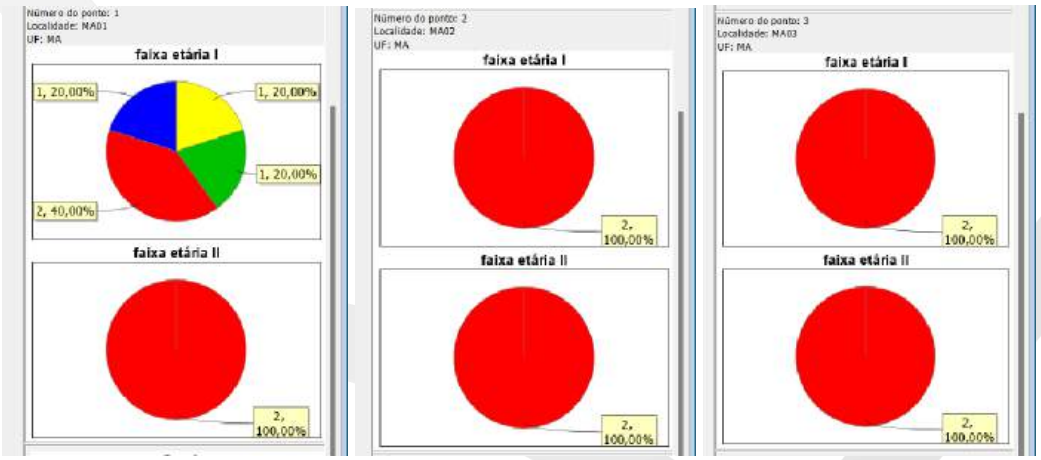


Gráfico da localidade MA01 **Gráfico da localidade MA02** **Gráfico da localidade MA03**



Na faixa etária I (18 a 30 anos) houve 4 variações: blocu/ brocu/ blocus (66,67 %); vasculhão/ vascuião/ vascão; blocozinhos e basculhante, cada uma com uma porcentagem de 11, 11 %, essas variações ocorreram apenas na cidade de São Luís

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(MA01). Na faixa etária II (50 a 65 anos), houve 100% de realização para blocu/ brocu/ blocus em todas as 3 localidades, Raposa (MA02), Pinheiro (MA03) e São Luís (MA01).

Considerações finais

O levantamento dos dados nesse estudo mostrou que a língua e a variação coexistem e são delineadas pelo tecido social no qual se inserem. A Dialetologia, enquanto ciência espacial, busca catalogar, examinar e descrever a variação linguística numa determinada área. Nesse sentido, o presente trabalho cumpre os parâmetros metodológico da Dialetologia e da novíssima Geolinguística pluridimensional ao analisar não só a língua na sua dimensão geográfica, a saber as localidades da mesorregião norte, mas também dentro de fatores sociais diversos que motivam a variação nessas áreas (diatópico, diassexual, diagenético).

Os resultados apontaram para um maior uso da lexia blocu/ brocu/ blocus, chegando a 100% de realização em duas localidades. Isso evidencia que na mesorregião de estudo, lexias como cobogós/congongó/combobó presentes sobretudo na fala de informantes mais velhos do ALiMA de outras localidades, que responderam a mesma questão 187, não fazem parte do contexto sociocultural.

Nas áreas espaciais objetos de análise, a variável diageracional manifestou o maior grau de variação, constando sobretudo que o fenômeno está presente na fala dos mais jovens, o que aponta para uma possível mudança linguística. Já os fatores diassexual e diatópico manifestaram em menor grau o fenômeno da variação.

Esse estudo, que é um recorte de uma pesquisa maior, demonstra que o léxico evidencia fatores socioculturais e fatores sociodialetais representativos do português maranhense.

Esta pesquisa robustece os dados para a ampliação de investigação dos fatores sociodialetais determinantes da variação no português falado no Maranhão; além de poder contribuir com futuras publicações de números/volumes do ALiMA.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro; ISQUERDO, Aparecida Negri; MOTA, Jacyra Andrade. **Variação Fônica e Léxico-semântica no Português do Brasil a partir de Dados do Projeto ALiB**. Rumos da linguística brasileira no século XXI, São Paulo: *Blucher*, p. 73 -96, 2016.

BARBOSA, M. Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. **Anais.** Assis; UNESP, 1993.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A geografia lingüística no Brasil. **(No Title)**, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2002.

JUNIOR, Selmo Ribeiro Figueiredo et al. Metodologia geolinguística: agentes em geral e técnicas de inquérito semântico-lexical em específico. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 63, p. e021010-e021010, 2021.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica.

In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). As ciências do léxico.

Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Local: Cultrix, 2004.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. **[SGVClin]** – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas, versão 1.1, 2014-15.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

QUAL A RELEVÂNCIA DA JANELA DE LIBRAS EM TELEJORNAIS?

Adriana Monteiro Fernandes[1] Jéssica Girlaine Guimarães Leal[2]

Resumo: O presente artigo tem como objetivo mostrar as dificuldades que pessoas surdas enfrentam ao fazer é básico e comum para as demais pessoas ouvintes, isto é, manter-se informada com notícias que acontecem no nosso cotidiano. Podemos perceber que grande parte das emissoras de TV não possuem a janela de LIBRAS, que é um espaço delimitado no vídeo onde as informações que são veiculadas na língua portuguesa, são interpretadas para LIBRAS simultâneamente. A pessoa surda, quando a sua televisão não possui a opção de legenda na sua configuração e/ou não sabe ler, não usufrui das notícias, debates e até mesmo entretenimento. Este trabalho tem como metodologia a pesquisas bibliográficas, exploratória, participante de acordo com Gil (2008) para que assim possamos entender o quão problemática é a falta de informação na vida de uma pessoa surda. Sustentamos este trabalho em autores como Quadros (2004), Brasil (2004 e 2015), Leal (2020) e Rafael Alessandro (2018). Com esse trabalho almejamos corroborar para minimizar a exclusão social de pessoas surdas, bem como alavancar a luta pela quebra das barreiras comunicativas na promoção de acessibilidade linguística efetiva nos midiáticos.

Palavras-chave: Inclusão. Surdos. LIBRAS. Telejornal. Acessibilidade linguística.

Introdução

Esse artigo tem como propósito apresentar a complexidade da vivência da pessoa surda relacionada com os telejornais das emissoras brasileiras nos dias atuais. Visto que é de suma importância a informação para as todas pessoas, uma vez que é através da informação que obtemos conhecimento com tudo que está ao nosso redor, desde religião, cultura, entretenimento, política e assim por diante. Como a pessoa surda possui impedimento de natureza física, isto é, a recepção de informações se dá por meio de modalidade visuo gestual, logo presumimos que quando não tem a janela de

[1]Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi Árido UFERSA,Campus Caraúbas / RN. Email:adrianmonteiro@gmail.com
[2] Doutoranda no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA jessica.leal@ufersa.edu.br
.

interpretação e o televisor não dispõe de legenda, ela fica totalmente à mercê dos acontecimentos. Neste ínterim, emerge esse trabalho no intuito de discutir a importânciada janela de Libras na promoção e acessibilidade linguística para o sujeito surdo. Para isso, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e pesquisa de campo.

Para o levantamento bibliográfico selecionamos artigos, pesquisas em sites, bem como recorremos a observações de telejornais. Além disso, realizamos uma entrevistas com pessoas surdas e com um profissional da área jornalística, para podermos compreender de forma pormenorizada a visão de cada um sobre a inclusão nos noticiários.

Nosso trabalho está estruturado da seguinte forma: Primeiramente, faremos um breve percurso sobre a evolução do cinema até chegar ao sistema televisora que dispomos atualmente, no segundo capítulo abordaremos a luta pela acessibilidade que a comunidade surda vem enfrentando desde o Congresso de Milão até os dias atuais. Em seguida, apresentamos a metodologia para o desenvolvimento do respectivo precedido das considerações finais.

A era do cinema mudo

No ano de 1888 Roundhay Garden Scene, fez um pequeno curta- metragem de 2 segundos onde aparecia só imagens, porém quem recebeu os créditos de produzir o primeiro cinema mudo foi os irmãos Lumiére que na década de 1890 produziu e estreou o curta com o título “Arrival of a Train at La Ciotat Station” que foi lançado em 1985 em um café em Paris. Como esperado o cinema mudo teve grande receptividade entre os espectadores e rapidamente tornou-se febre naquela época entre as pessoas que admiravam a sétima arte. Com o passar do tempo, o cinema mudo começou sua fase de aprimoramento para que seu público não se acostumasse com sua exibição rotineira.

No entanto naquela época havia uma grande dificuldade entre sincronizar as cenas com os sons, já que naquele tempo tal tecnologia ainda não era possível. Com issoalguns cineastas tiveram que usar de toda criatividade para chamar a atenção do público para que os mesmos continuassem a ir aos cinemas, alguns filmes tinham acompanhamento musical ao

vivo simultâneo com o filme, outros começaram a ter narração dos fatos que aconteciam no exato momento.

Com cinema mudo chegando aos seus 80 anos de idade, podendo assim dizer, viu-se a necessidade de dar um segundo passo em relação à modernização das obras cinematográficas.

Com passar do tempo o cinema mudo dado a sua peculiaridade "silenciosa", foi deixando de receber tanta atenção, bem como muitas das mensagens veiculadas os espectadores não conseguiam captar, dado que era requerido bastante atenção. Dessa forma, o cenário modifica-se em meados de 1927, no qual os grandes diretores dos cinemas da época, tiveram a ideia e criatividade de unir imagem e som nos filmes, abrindo lugar ao cinema falado.

1.1 A era do cinema falado

Com o tempo foi percebido que o cinema precisava ser adaptado para que as pessoas pudessem realmente entender o que queria ser passado além das imagens. No dia 06 de outubro do ano de 1927, nos Estados Unidos, estreou o primeiro filme falado, cantado e musicado estrelado por Al Jolson. Porém só depois de um ano chega ao Brasil o cinema falado, era um comédia de Luiz de Barros que se intitulava "Acabaram-se os otários". A Partir do momento que o cinema falado ganhou mais espectadores suas adaptações se tornaram mais frequentes sempre na busca de prendera atenção das pessoas que iam ao cinema buscar experiências cada vez mais realistas. Tanto que no ano de 1952 Bwana Devil , de Arch Oboler, lança o primeiro longa exibido no formato de 3D, que segundo Rafael Alessandro (2018) é um formato de filme que reforça a ilusão de percepção de profundidade, porém o indicado é assistir a esses tipos de filmes com o auxílio de um óculos específico para o 3D.

Os óculos 3D utilizam uma técnica baseada na polarização da luz. Polarizar a luz significa fazê-la propagar-se em apenas um plano. Cada lente dos óculos possui filtro depolarização

diferente: uma das lentes filtra as ondas polarizadas na vertical, e a outra, na horizontal, sem eles o espectador pode ter sensação de tontura, pois é como se cadaolho recebesse uma imagem diferente.

Com o intuito de expandir filmes e entretenimento para um número maior de pessoas, no ano de 1920 surgem os primeiros televisores

1.2 Sobre Televisores

Ainda falando de adaptações de telas, na década de 1920, surgem os primeiros televisores, onde não era passada cenas como as televisões de hoje, era como um rádio que passava programas musicais e quando a ligavam ficava uma pequena imagem do tamanho de um selo de cor avermelhada. já na década de 1930 as primeiras transmissões começam a acontecer nos Estados Unidos e alguns países da Europa. Mais tarde, em 1950 as televisões começam a ganhar lugares nas salas da maioria daspessoas, a imagem era em preto e branco, com muitos chiados e os programas aconteciam na formato do ao vivo.

Por fim, em 1970 os televisores ganham cores e programas mais elaborados, o censo daquele ano aponta que em mais de 4 milhões de lares brasileiros havia um televisor, contando com mais de 25 milhões de telespectadores. Com o tempo alguns aparelhos começaram a ser fabricados com a função de Closed Caption, que traduzindo para o portugues significa legenda oculta, essa função além de legendar o que está sendo falado ela também descreve algumas características ocorridas em cena, fazendo com que assim o sujeito surdo ou com alguma deficiência auditiva possa compreender o que está sendo apresentado naquele respectivo programa.

Ao passo que a sociedade alcançava no campo televisivo, percebe-se que esse progresso não atinge de forma efetiva a população surda, pois a forma de captação do mundo se dá por meio de experiências visuais, isto é, por meio de uma língua processada em outra modalidade e com singularidades a ela inerente. Nessa direção, Leal (2020, p.45) explica que o aparelho fonador produz sons da fala nas línguas orais, sendo assim pode ser comparado às mãos que produzem sinais na linguagem de sinais. A recepção que ocorre

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

por meio do canal oral-auditivo nas línguas orais pode ser comparada ao canal visuo-espacial na língua de sinais, isto é, as informações são percebidas pelos olhos, frases, textos e discursos que são produzidos pelas mãos e face. Logo, nos questionamos sobre como o sujeito surdo acessa a informação quando não se dispõe do Closed Caption no televisor? Como ou de que forma o Surdo faz para acessar as informações que apresentam diferença de modalidade e estrutura, isto é, informação veiculada na Língua portuguesa ? Mais a frente discorremos um pouco sobre a luta dos surdos por direito a acessibilidade linguística.

4 3. A luta pelo direito à acessibilidade

Não é de hoje que a comunidade surda luta por seus direitos, a exemplo disso temos o divisor de águas que aconteceu no Congresso de Milão em 1880, tema de matéria escrita por Almir Cristiano, podemos entender como foi o decorrer onde um grupo massivo de educadores ouvintes escolheram que os surdos deveriam utilizar a língua oral na educação e no ensino de surdos, substituindo a língua de sinais pelalíngua oral. O Congresso foi constituído majoritariamente por profissionais da educação ouvinte, foi votado por unanimidade qual a modalidade de língua que seria usada para educação dos alunos surdos.

O congresso durou por três dias no qual seriam votadas mais oito resoluções, entre elas considerar o método de ensino puramente oral, associando a fala com palavras escritas e gravuras em livros, desta forma a criança era obrigada a oralizar pela leitura labial. A consequência do Congresso de Milão viria mais tarde, pois a língua de sinais estava praticamente erradicada das escolas ,e isso implicava tanto no desenvolvimento socioeducativo como sociocultural das crianças que deixavam a escola com o aprendizado defasado. Após um século a comunidade surda começou a rejeitar as resoluções votadas em Milão, e em julho de 2010 em Vancouver oficialmente as resoluções perderam sua obrigatoriedade.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A comunidade surda é assistida pela lei 13.146/2015 onde instituiu o estatuto da pessoa com deficiência para assegurar e promover condições de igualdade, exercício dos direitos e das liberdades fundamentais. Esta possui várias pautas de reivindicação, dentre elas a que julgamos ser prioritária é oferta de acessibilidade linguística/ comunicacional.

Em Sassaki (2003) podemos compreender a acessibilidade comunicacional como aquela sem barreiras na comunicação interpessoal (face-a-face, língua de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual, e outros meios), na comunicação escrita (jornal, revista, livros, cartas, apostilas, etc., incluindo textos em braile, textocom letras ampliadas para quem tem baixa visão, notebook e outras tecnologias assistivas para comunicar) e na comunicação virtual (acessibilidade digital). Nesse sentido, julgamos ser prioritária e urgente a acessibilidade para surdos, pois os mesmos vivem como se fossem estrangeiros em seu próprio país. Experienciados os dissabores das barreiras comunicacionais e privações de informações basilares, como é caso de circulação de informativos de saúdes, o que pode comprometer a integridade de sua vida.

De acordo com o IBGE, em 2022 a população do Brasil era constituída aproximadamente por 215 milhões de habitantes, sendo que 5% dessa população é composta por pessoas surdas. Desse modo, podemos concluir que há um pouco mais de 10 milhões de pessoas surdas em todo território nacional. Onde alguns desses indivíduos não têm acesso pleno à informação, principalmente em telejornais brasileiros. O sujeito surdo quando fica a mercê do que acontece ao seu redor ele se torna um indivíduo inepto aos seus direitos, deveres, fazendo assim com que a exclusão não seja só social, mas também digital uma vez que os telejornais são os grandes propagadores de informações que temos ao nosso alcance.

A acessibilidade a todas as pessoas com deficiência é garantida por lei, no decreto N°5.296 do dia 2 de Dezembro de 2004 (atualização da lei 10.098 de 2000), capIII, Art 8°, para fins de acessibilidade, inciso I na lei garante:

acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços,

mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL,2004)

Nesse sentido, entendemos que é urgente a discussão e a emergência em discutir a acessibilidade linguística para os indivíduos surdos, principalmente, nos espaços de veiculação de informação de massa. Neste ínterim, emerge esse trabalho para compreender melhor como vem acontecendo a acessibilidade nos espaços jornalísticos do país.

A seguir iremos ver o percurso metodológico utilizado para a construção desse trabalho.

Metodologia

Neste aspecto, a pesquisa apresenta-se como qualitativo, bibliográfico, exploratório e de campo. Por pesquisa qualitativa conceitua-se uma metodologia de pesquisa menos estruturada usada para obter informações aprofundadas sobre a motivação e o raciocínio das pessoas, já o modo exploratório que segundo Gil (2008), consiste em levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado, o estudo de campo é definido como o método de entender a diferença entre um indivíduo a partir de análises.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa nos baseamos em Quadros (2008) para abordar o tema da inclusão da pessoa surda em uma sociedade ouvinte, uma vez que a autora em questão é referência sobre o assunto, Rafael Alessandro onde ele nos mostra os avanços do cinema (2018), BRASIL (2010 e 2015) dispositivos legais que versam sobre a acessibilidade, e para estruturar nosso trabalho nos apoiamos em Gil (2018) onde o autor explica e exemplifica parte a parte da pesquisa escolhida para ser realizada. Para realização de nossa pesquisa, percorremos três etapas: a observação do jornal, levantamento bibliográfico e por fim a realização de entrevista com dois sujeitos surdos e um jornalista. Iniciamos, a observação do Jornal Nacional, da Rede Globo, durante 30

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

dias de fevereiro a março do corrente. Essa análise, possibilitou verificar se o programa noticiário Jornal Nacional possibilita a acessibilidade para pessoas surdas.

No segundo momento, realizamos um levantamento bibliográfico, onde selecionamos por meio do google acadêmico artigos e pesquisas em sites.

Por fim, realizamos entrevistas com duas pessoas surdas e com um profissional da área jornalística, para podermos compreender de forma pormenorizada a visão que cada um dispõe sobre a inclusão nos noticiários.

As entrevistas foram realizadas online, via mensagem de texto por Whatsapp com pessoas surdas e também com um apresentador de telejornal. A entrevista, seguiu um roteiro estruturado de questões de modo a captar as percepções dos participantes envolvidos.

Análise e Resultado

Do período de 02 de fevereiro a 02 de março de 2024, analisamos as edições do noticiário da TV Globo, o Jornal Nacional, jornal regular é apresentado das 20:30h às 21:20h de Segunda a sábado. O espaço televisivo apresenta unicamente os apresentadores conforme pode ser visualizado na tela abaixo.

Apresentação do Jornal Nacional

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: Globo - Jornal Nacional (2024)

Após uma observação atenta, constatamos que em nenhuma de suas exibições o conteúdo conta com o auxílio de uma janela de Libras para a promoção da acessibilidade, exceto quando alguma reportagem é tirada da TV Câmara, onde algumas pequenas manchetes dispõem do lado direito do canto inferior a janela de Libras, porém a janela é muito pequena, dificultando a compreensão dos sinais ali interpretados.

Após o término dessa observação, iniciamos as entrevistas com pessoas surdas ao qual objetivamos sondar sobre o impacto que o jornal tem em suas vidas, e como elas fazem para ficarem informadas. Conseguinte, entrevistamos também um jornalista a fim de abstrairmos seu ponto de vista em relação a inclusão jornalística. Segue roteiro de entrevista utilizado.

Roteiro da entrevista

1. **Qual o tipo de programa você apresenta ?**
2. **Qual opinião sobre não ter acessibilidade no jornalismo?**
3. **Na sua opinião, você acha importante ter e porque as janelas de Libras nos telejornais ?**

Fonte: Elaboração própria

Nosso primeiro entrevistado foi um aluno da UFERSA, que tem 30 anos e está no 4°período de Letras-Libras. Ao pergunta-lo sobre seu costume de assistir noticiários ele me relatou que assiste todas as noites assiste Jornal Nacional ou os telejornais da TCM e ora usando o recurso de legendas ora perguntando aos demais que estão na sala sobre o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que está passando, uma vez que não são todos os televisores que possuem esse recurso, foi questionado sobre a importância da janela de Libras em telejornais, ele ressaltou a necessidade de ter a janela de Libras assim ele entenderia o que seria passado sem precisar ficar perguntando as pessoas por achar que as incomoda.

A segunda entrevistada também é aluna da UFERSA tem 27 anos, e está cursando o 2° período de Letras-Libras. Quando interrogada sobre o costume de assistir telejornais ela respondeu que atualmente na tv não assiste mais, tendo acesso às vezes a pequenos trechos de jornais nas redes sociais. Sobre isso, foi questionado sobre qual mecanismo utilizado quando não há disponível o recurso de legenda, a mesma responde que recorre a mãe ou a irmã, que a auxilia reportando em Língua de sinais a informação veiculada, porém ela se sente prejudicada porque acredita que fica desatualizada por acreditar que a informação é resumida, sem detalhamento, logo acredita haver perdas de informações. Por fim, foi perguntado sobre a importância da janela de Libras nos telejornais, ela responde que a janela é importante para que as pessoas surdas possam acompanhar e entender o que se passa nos jornais, lives etc… e também enfatiza que a janela de Libras deveria ser um pouco maior de modo que possa favorecer também os indivíduos que apresentam problemas de visão baixa, podendo ter acesso e compreender a sinalização .

Nosso terceiro entrevistado é apresentador de telejornal matinal, tem 35 anos e trabalha há 10 anos na área jornalística. Quanto questionado sobre a qual a justificativa de ausência de acessibilidade no jornalismo, ele aponta vários fatores como: custo e recursos técnicos, pois, incluir interpretação em Libras em transmissões ao vivo ou gravadas pode ser caro, afinal, não é apenas a contratação do intérprete, mas de toda uma logística junto; Falta de conscientização e sensibilidade, falta de percepção do sujeito surdo como um telespectador de informação jornalística. Quando questionado sobre a importância das janelas de Libras em telejornais, o mesmo pontua ser relevante. Ainda sobre isso, ele endossa que estar bem informado sobre o que está acontecendo em sua cidade, estado, país ou mundo, não deve se limitar aos telespectadores; ao contrário, quanto mais informação um indivíduo puder abstrair mais integrado ele poderá sentir-se. Ele ainda acrescenta que,

a Libras deveria ser ensinado nas escolas, assim como o inglês, pois, tão importante como se comunicar com pessoas de outros países, é saber conversar com quem é do seu próprio país, seja ela ouvinte ou não.

Nas falas dos entrevistados surdos podemos identificar que o desejo de terem acesso às informações é comum em ambos e como forma de desvencilhar-se das barreiras comunicativas impostas eles procuram uma forma adaptável para compreender a mensagem veiculada. Na mesma direção, o jornalista posiciona-se favorável a acessibilidade, porém reconhece os impasses existentes que dificultam a inclusão digital do sujeito surdo no mundo jornalístico.

Considerações Finais

Neste trabalho foi abordado a importância da acessibilidade linguística em periódicos jornalísticos para pessoas surdas. No qual podemos observar a carência de recursos tão necessários nos dias de hoje. Ao longo da pesquisa ficou evidente que a acessibilidade linguística de surdos ainda não ocorre como desejado, percebemos uma dificuldade de implementação no serviço público, bem como visto como oneroso por empresas privadas.

Durante as análises, constatamos nas falas dos entrevistados surdos o desejo em dispor de acesso às informações. Para superar as barreiras comunicativas impostas, eles buscam formas adaptáveis de compreender as mensagens veiculadas. Percebemos na fala do jornalista um posicionamento favorável às questões de acessibilidade, porém lamenta sobre os obstáculos que dificultam a inclusão digital das pessoas surdas no espaço jornalístico.

Diante disso, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para que a inclusão se torne uma realidade na vida do sujeito surdo, esperamos que a acessibilidade linguística seja ofertada em todas as programações da TV aberta e, principalmente, nos jornais de modo a garantir acesso às informações que são veiculadas. Além disso, almejamos que cada dia mais os TILSP ocupem os espaços e possam dispor de uma formação qualificada,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

pois sabemos que mais importante que a notícia é a forma correta de fazê-la.

Desejamos que esse trabalho corrobore para aquecer os debates e contribuir para aprofundamento das discussões pela quebra das barreiras comunicativas na promoçãode acessibilidade linguística efetiva nos midiáticos.

Referências

ALESSANDRO, Rafael. **O cinema 3D morreu?**: história e evolução do 3d. História e evolução do 3D. 2018. Matéria. Disponível em: <https://www.avmakers.com.br/blog/o-cinema-3d-morreu#:~:text=Hist%C3%B3ria%20e%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20do%203D&text=Bwana%20Devil%20(1952)%2C%20de,primeiro%20longa>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei Nº 227, de 2015 Institui o estatuto da pessoa com deficiência para assegurar e promover condições de igualdade, exercício dos direitos e das liberdades fundamentais. Disponívelem:https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/legislacao/lei-brasileira-de-inclusao cidadania.Acesso em: 04 jun de 2024.

BRASIL. Senado Federal. N°5.296 do dia 2 de Dezembro de 2004 (atualização da lei 10.098 de 2000) acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. Disponívelem:https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb..Acesso em: 04 jun de 2024.

CRISTIANO, Almir. **O Congresso de Milão**: o que foi o congresso de Milão?. O quefoi o Congresso de Milão?. 2017. Matéria. Disponível em: https://www.libras.com.br/congresso-de-milao. Acesso em: 01 abr. 2024.

IBGE. **IBGE**: instituto brasileiro de geografia e estatística. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2022. Pesquisa Nacional de Saúde. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=SURDOS++BRASIL2022. Acesso em: 04 jun. 2024.

Gil, Antônio Carlos. **Como conduzir uma pesquisa qualitativa**: como aproveitar ao máximo os dados qualitativos. Como aproveitar ao máximo os dados qualitativos. 2019. Matéria. Disponível em: https://pt.surveymonkey.com/mp/conducting-qualitative-research/. Acesso em: 01 abr. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Análise da variação lexical dos topônimos em Libras no sertão Paraibano**. 2020a. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

QUADROS, Ronice Muller de. **A aquisição da linguagem**. Ronice Muller de Quadros. -Dados eletrônicos- Porto Ltmed, 2008.

SASSAKI, R. **Inclusão no lazer e turismo:** em busca da qualidade de vida. São Paulo: Áurea, 2003.

TEIXEIRA, Mariane Mendes. **Física do cinema 3D**: o cinema 3d baseia-se na projeçãoda mesma imagem em pontos diferentes, a imagem formada só pode ser vista com nitidez se forem utilizados os óculos 3d.. 2021. Matéria. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/fisica-cinema-3d. Acesso em: 23 mar. 2024.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

INCLUSÃO DE SURDOS NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS DA CIDADE DE CARAÚBAS - RN: considerações discentes.

Sunamita Fernandes da Silva[1] Jéssica Girlaine Guimarães Leal [2]

Resumo: O presente trabalho é fruto de um recorte de Trabalho de Conclusão de Curso. Observa-se que a sociedade tem buscado encontrar um sentido para os questionamentos sem respostas e a sociologia da religião busca explicar estes fenômenos. E os surdos, como eles estão inseridos nos espaços religiosos? Essa pesquisa tem o objetivo de descrever qual a compreensão do surdo em relação a religião e, especificamente, identificar se os surdos conhecem a literatura bíblica e quais principais textos eles recordam, também analisar como os surdos compreendem a literatura bíblica em língua de sinais e investigar como vem se dando o processo de inclusão dos surdos nas instituições religiosas católicas e evangélicas na cidade de Caraúbas/RN. A abordagem metodológica utilizada, baseia-se em uma pesquisa qualitativa e de caráter exploratória e enquanto aos seus procedimentos, temos como instrumento a entrevista realizada com os surdos da respectiva cidade. Sendo assim, ancoramos nosso trabalho em teóricos, como Leal (2020), Dionizio (2020), Fiorin (2012), Quadros (2007), Strobel (2009) e entre outros.Este trabalho evidencia que ainda existe uma carência de conhecimento por parte dos sujeitos surdos em relação à religião e que a inclusão dessas pessoas nos espaços religiosos carece por falta de acessibilidade, sendo assim, ressaltamos a importância do TILSP, nesses espaços. Concluímos que os estudos surdos realizados com base no que os surdos entendem por religião é de grande importância, uma vez que a religião contribui para o desenvolvimento do sujeito enquanto ser humano.

Palavras-chave: Inclusão. Libras. Linguagem. Surdez. Religião.

INTRODUÇÃO

O cidadão deve gozar de vários direitos, entre eles o de usufruir de um credo religioso e congregar com pares que partilham das mesmas crenças que a nossa. É nesse cenário que emerge esse trabalho, com o objetivo de descrever qual a compreensão do surdo em relação a religião, pois como sabemos a religião faz parte da cultura de um povo e estando ela inserida na sociedade é importante que esse conhecimento chegue até os surdos, pois eles também estão inseridos dentro dessa

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

esfera.

[1] Graduada em licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. [2] Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católicade Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior,CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido – RN.

Especificamente, iremos identificar quais conhecimentos os sujeitos surdos possuem acerca da religião e sua divindade, bem como discorrer sobre o contato com a Bíblia Sagrada, analisaremos também como os surdos compreendem a literatura bíblica em língua de sinais e investigar como vem se dando o processo de inclusão dos surdos nas instituições religiosas católica e evangélicas na cidade de Caraúbas-RN. O presente estudo está dividido em dois capítulos, no primeiro capítulo intitulado Cultura e Religião, conta um pouco sobre a origem da religião como parte da cultura social, assim como os diferentes tipos de crenças e a diversidade religiosa.

No segundo capítulo sob o título o surdo ao longo da história, discorreremos umpouco sobre a história dos surdos desde a antiguidade até a idade contemporânea, e como os religiosos desse tempo esteve presente na vida dessas pessoas, discorreremos tambémsobre a lei de Libras e como os surdos vem atuando nos espaços religiosos. No terceiro capítulo estão dispostos os aspectos metodológicos que nortearam esta pesquisa, logo emseguida está presente a análise e resultados. E por último, estão as considerações finais, onde apresentamos a importância do tema da pesquisa e como os objetivos foramalcançados.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CULTURA E RELIGIÃO

Ao longo da história, a humanidade vem buscando encontrar respostas acerca da sua existência. Na ciência, os estudiosos têm realizado pesquisas para compreender o surgimento do mundo, como tudo foi criado e como aconteceu a origem da vida. Com a expansão e organização da sociedade, diversas culturas foram sendo construídas e cada uma delas possuíam crenças diferentes. Em cada sociedade, como forma de explicar o mundo que o cerca, os homens foram apresentando suas crenças, isto normalmente ligadoà espiritualidade do sujeito.

A crença significa o fato de acreditar em um "ser superior" ou em "uma força maior" que rege todas as coisas, a estes eles atrelam e explicam as coisas sobrenaturais. Vale salientar, que a crença se distancia das bases científicas, sendo assim grupos de pessoas foram formados cada um de acordo com o que acreditavam. Partindo desse pensamento, as religiões foram ganhando espaços na sociedade, porque cada grupo consolida as suas ideias naquilo em que elas acreditavam ser verdadeiras. De acordo comSilva *et al.* (2020):

> A religião desempenha um papel social e cultural inquestionável: mesmo nas civilizações mais primitivas, existem registros que comprovam que todas as sociedades encontradas até o momento apresentam algum tipo de exercício religioso, isto é, todas as sociedades têm observado no fenômeno religioso formas de se conectar com um sagrado, de encontrar um sentido para os questionamentos sem respostas, ou mesmo como modo de reunião social. Com isso, pode-se dizer que a religião há muito tempo é uma esfera que institucionaliza as relações e a estrutura social, aspecto a partir do qual a sociologia da religião busca explicar este fenômeno - por meio da possibilidade de se chegar à verdade e ao conhecimento sobre a sociedade pelo estudo da esfera religiosa. (SILVA *et al.*, 2020, p. 29).

De acordo com os estudiosos, a religião promove o sentido da vida para muitas pessoas e ajuda esses sujeitos a construírem suas identidades através de reflexões sanam todas as suas dúvidas e questionamentos a respeito da sua existência. Os

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

humanos sempre demonstraram interesse em desvendar os mistérios existentes a sua volta, o homem sempre se questionou em como ele foi formado, como o mundo foi e sobre o que acontece depois que o ser humano morre.

Perguntas como essas, sempre se formam na mente das pessoas e que muitas vezes se torna angustiante para aquelas que desejam encontrar uma resposta e é na religião elas encontram esperança e apoio para muitas de suas indagações. A seguir discorrer um pouco sobre a história dos sujeitos surdos e a sua ligação com a religião e surgimento da lei de Libras.

O SURDO AO LONGO DA HISTÓRIA

Para uma melhor compreensão, a história dos surdos é dividida em alguns períodos: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade contemporânea. Antiguidade, as pessoas com deficiências eram excluídas da sociedade. Para os gregos romanos, o surdo não era considerado humano, pois não falava e a fala, para eles, era considerada a expressão do pensamento, então se os surdos não tinham o exercício fala, logo entendiam que também não pensavam. Essa foi uma época muito difícil paraos surdos, pois não exerciam nenhum direito como ser humano.

Na Idade Média, segundo Maia (2017), apesar de os surdos terem o direito à vida, eles não eram considerados seres humanos, argumentava-se que não se como as demais pessoas, por isso, não viviam em forma de igualdade, sendo assim, excluídos do meio social. “Os cristãos acreditavam que os surdos, diferentemente ouvintes, não possuíam uma alma imortal, uma vez que eram incapazes de proferir sacramentos” (SILVA, CAMPOS, 2017, p, 7.).

No período da Idade Moderna, os surdos tornaram-se alvo da medicina e da religião católica. Primeiramente, eles estavam mais interessados em suas pesquisas e, em segundo, em exercer a caridade usando pessoas tão desafortunadas. Entretanto a registros na história dos surdos de pessoas que contribuíram com o histórico dos surdos, uma delas foi o monge Pedro Ponce de Leon (1510 - 1584).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Chegando na Idade Contemporânea, o século XVIII é considerado o período mais próspero da educação dos surdos, pois foram fundadas várias escolas para surdos, contribuindo para a evolução da educação dos surdos. No período atual, os surdos poder aprender e dominar diversos assuntos como também a exercer profissões da Língua de Sinais. A Língua de Sinais chega ao Brasil durante o Segundo Império. acordo com Amaral (2017), Dom Pedro II fez uma viagem para França, lá conheceu Instituto de Surdos em Paris e se admirou com o trabalho realizado por Percebendo que no Brasil não havia metodologias para a educação de surdos, convidou o professor Francês Hernest Huet, um ex aluno do Instituto de Paris, para realizar o trabalho no Brasil.

De acordo com Cassiano (2017), em 2005, em Brasília, no dia 22 de dezembro, foi assinado o Decreto da Lei de Libras nº 5.626, que regulamenta a Lei nº reconhecendo a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como a língua oficial dos e garante seus direitos, especialmente na área da educação. Essa lei também diz à formação de profissionais para atuar na educação das pessoas surdas.

Com o regulamento desta Lei, "[...] mais adiante, tivemos a regulamentação do profissional Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais, por meio da Lei 12.319/10 de 1º de setembro de 2010", conforme argumenta (LEAL, 2020, p. 19). Essa lei direciona quanto às competências e atribuições do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/Português - TILSP, como também afirma a necessidade de sua atuação em espaços públicos na sociedade em que estão inseridos os surdos, assim como espaço educacional,hospitalar, religioso e entre outros.

De acordo com Peixoto (2011), no cenário atual, em algumas igrejas, os surdos vêm se desenvolvendo nesses espaços, atuando como pastores, padres, diáconos eprofessores de ensino religioso. Dessa forma, o profissional TILSP desce do palco e o surdo entra em cena realizando o trabalho com as suas próprias mãos, os surdos deixam de ser apenas expectadores e passam a ser sujeitos autônomos.

Nesse contexto, o TILSP continua desenvolvendo o seu trabalho, mas a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

tradução realizada consiste na transmissão da mensagem em LIBRAS (língua fonte) para a Língua Portuguesa (língua alvo). Para um bom desempenho da tradução nessa área, é importante que o TILSP possua domínio linguístico, como conhecimento de questões culturais, então é importante que o intérprete conviva com pessoas surdas e conheça a sua cultura para um melhor desempenho de suas atividades.

Os surdos possuem o seu próprio jeito de se expressarem, nesse cenário os ouvintes expressam seus cânticos, orações e pregações fazendo uso de sua voz, já os surdos realizam essas mesmas atividades, utilizando as suas mãos e expressões corporais, argumenta Peixoto, eles também compõem músicas próprias em LIBRAS, que expressam beleza e fé, originadas de sua cultura. Conforme Peixoto:

> e fica com as mãos livres para se expressar em língua de sinais, O surdo que está direcionando este momento de oração fecha os olhos demais ficam de mãos dadas e olhos abertos para ver a sinalização. Os dois integrantes do círculo, que estão ao lado do sinalizador, colocam uma de suas mãos sobre o ombro dele, pois o mesmo não pode dar as mãos, por estar movimentando-as. (PEIXOTO, 2011, p. 3).

Conforme os relatos acima, já podemos perceber um cenário diferente, em que os surdos deixam de ser apenas plateia e passam a ser atuantes, tendo o seu próprio jeito de se direcionar nesse contexto de acordo com a sua cultura, por sua vez os ouvintes se adequa a essa maneira. Aqui podemos ver um retrato da inclusão acontecendo nesse ambiente onde os surdos têm a liberdade de se expressarem, modificando um cenário que, por muito tempo, foi atribuído apenas a pessoas ouvintes. Discorreremos a seguir sobre os passos metodológicos que foram primordiais para essa pesquisa.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa tivemos como objetivo descrever qual a compreensão do

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

surdo em relação à religião e investigar sobre como acontece a inclusão dos surdos dentro da esfera religiosa na sociedade. Para isso, fizemos uso de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, como instrumento de coleta utilizamos a entrevista. O *locus* de pesquisa foram as igrejas católicas e evangélicas situadas na cidade de Caraúbas, no interior do Rio Grande do Norte.

Quanto ao instrumento, utilizamos a entrevista que, de acordo com Gil (1991), pode ser compreendida como a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema. A entrevista foi estruturada, isto é, fizemos uso de um roteiro previamente estabelecido com perguntas abertas para que os surdos pudessem se sentir à vontade em refletir e responder livremente.

Para a pesquisa, foram selecionados 7 surdos da cidade que possui alguma fluência na língua de sinais, pois esse quesito era de fundamental importância para uma melhor compreensão das perguntas que foram realizadas. As entrevistas aconteceram em dois momentos diferentes e foram feitas individualmente. A entrevista contou com a participação do serviço de intérprete de Libras para melhor compreensão das perguntas que seriam realizadas.

Nas entrevistas buscamos identificar o que os surdos entendem por religião e alguns elementos que estão relacionados a essa esfera. Fizemos uso de um roteiro com 13 perguntas; segue o roteiro com as questões que foram tratados na entrevista e logo adiante apresentaremos a análise e resultados.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

- Qual a sua idade?
- Qual a sua escolaridade?
- Com quantos anos você aprendeu a Libras?
- Com que idade teve o primeiro contato com a religião ao qual pertence atualmente?
- O que motivou você a participar dessa religião?
- Os momentos dos cultos e reuniões acontecem de forma oral ou sinalizadas?
- O que você entende sobre o que está acontecendo na hora do culto?
- Sua religião apresenta alguma divindade. Em caso positivo, como a designam?
- Quem é Deus para você?
- O que você entende sobre a Trindade (Deus, Jesus e o Espírito Santo)? O que eles representam paravocê?
- Você conhece a bíblia?
- Quais histórias você conhece?
- Qual a melhor forma dos surdos entenderem a bíblia?

ANÁLISES E RESULTADOS

Nas primeiras perguntas, buscamos conhecer o perfil dos nossos entrevistados, sua idade, escolaridade, com quantos anos aproximadamente aprenderam a língua de sinais e em uma escala de 10% a 100%, o quanto eles se consideravam fluentes em Libras, perguntamos também se eles tinham alguma religião, em caso positivo que religião era essa. A seguir o gráfico mostra aproximadamente quando os surdos aprenderam a Librasno decorrer de suas vidas.

Gráfico 6: Primeiro contato com Libras

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

De acordo com o gráfico construído com base nas respostas dos surdos, podemosperceber que dois surdos P1 e P3 tiveram o primeiro contato com a Libras mais cedo, porvolta dos seus 10 anos de idade e três surdos que são P4, P5 e P7 também, entre os seus 15 a 16 anos, diferente de P2 que foi por volta dos seus 40 anos de idade. Já o Surdo P6 não lembra quando aconteceu o seu primeiro contato com a Libras. P1 se considera 90%fluente, já P3 se considera 100% fluente. P2, P4 e P5, dizem se considerar 60% fluente, P6 30% e P7 50% fluente em Libras.

O fato dos surdos que possui idade mais baixas terem aprendido Libras mais cedocomo é o caso de P1 e P3, pode ter ocorrido por influência da família e pelo o ambiente em que eles frequentavam. Os pais do surdo P3 são professores da educação básica e o surdo P1 também tem professores na sua família, isso pode ter influenciado para que tivessem uma oportunidade melhor em seus estudos e buscar aprender a sua língua. Foi através dos surdos P1 e P3 que os outros surdos foram adquirindo mais conhecimentos de Libras, pois eles passaram a ser instrutores de Libras, levando conhecimento para os surdos de Caraúbas, como é o caso dos surdos P4, P5 e P7, que são surdos mais novos e já concluíram o Ensino Médio.

Os surdos P2 e P6 tiveram oportunidades diferentes dos demais, por isso P6 tem pouca fluência em Libras, já P2 tem um pouco mais de contato com os outros surdos. O surdo P2 tem 48 anos de idade, o seu histórico de vida é mais difícil, assim como o surdo P6 que tem 36 anos, mas também teve dificuldades para frequentar uma escola. Ao questionarmos se eles tinham alguma religião, todos responderam que sim. P1 e P7, afirmaram que são evangélicos, já P2, P3, P4, P5 e P6 afirmam que são da religião católica.

Podemos perceber que tem mais surdos católicos do que evangélicos, acreditamosque esse fato se deve porque a maior parte da população de Caraúbas é da religião católicae de acordo com os dados coletados na entrevista, teve um surdo

que afirmou frequentara igreja católica porquê lá algumas vezes tinha intérprete de Libras, como é o caso do surdo P2:

> "[...]. Eu passei a gostar mais da igreja Católica, porque algumas vezes tinha intérprete de Libras. Então hoje, eu me considero católico" (P2).

Conforme pode ser visto, P2 discorre que começou frequentando a igreja evangélica por influência de sua mãe, mas passou a frequentar a católica porque algumas vezes tinha intérprete de Libras. A Libras é muito importante para os surdos, pois é ela que dá acessibilidade de comunicação para os sujeitos surdos e é através dela que eles conseguem adquirir conhecimentos.

De acordo com Leal (2020, p. 33), "A interpretação em contexto religioso é algomuito comum de visualizarmos. Como já sabemos grande parte dos intérpretes iniciaramsuas atividades dentro desses espaços". Com a chegada do curso de Letras Libras na UFERSA de Caraúbas, permitiu que em alguns momentos, alunos do curso, voluntariamente interpretassem missa ou algum rito religioso que estivesse acontecendoe que houvesse a presença de surdos. Isso foi muito importante porque possibilitou com que os surdos tivessem acesso ao que estava sendo realizado naquele momento e permitiuque os alunos do curso praticassem a interpretação em Libras.

Perguntamos aos entrevistados se na religião em que eles seguiam apresentava esse ser e como eles o designavam. Todos responderam que sim, que apresentava Deus. O objetivo era saber se os surdos compreendiam quem era Deus, o que esse Ser significa ou representa na vida das pessoas. A partir dos dados coletados nas entrevistas, constatamos que dos 7 surdos entrevistados, apenas um conseguiu discorrer com clarezaquem de fato a presença de Deus representa na vida das pessoas, que foi o surdo P3. Passamos a analisar o que ele argumenta em sua

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

fala:

> "Sim! Eu acredito em Deus. Existe um Deus único, por exemplo: um Deus que não tem nome. Mas, qual é o nome de Deus? Sempre me perguntam isso. Esse é o sinal. Deus não tem nome mas tem um sinal. Deus criador. Apresenta também o Espírito Santo, Santa Luzia, também acredito em Santa Luzia, a padroeira da visão, tem São
>
> Sebastião. Tem várias divindades, vários santos que age pelas pessoas,com curas". (P3)
>
> "Então! Deus é tudo para mim. Se não fosse Deus eu não seria nada. Eu sempre peço ajuda a Deus, sempre peço o seu direcionamento. Deusé tudo para mim". (P3).

P3 consegue discorrer com segurança sobre quem é Deus, percebemos ainda que há uma confusão quando ele apresenta outros elementos que fazem parte da Igreja Católica como divindade. Já os surdos P1, P2, P4, P5, P6 e P7 falam um pouco sobre Deus, mas mencionam que é difícil para eles falarem porque tem pouco conhecimento elhes faltam informação, como é o caso dos relatos de P1 que faz parte da religião evangélica.

> "Deus é um ser Espiritual que ajuda as pessoas. Na Assembleia de Deus, eu consegui entender que Deus é aquele que nos direciona, que nos dá a salvação, que nos ajuda na hora dos problemas e a evitar os problemas. Eu sei que existe Deus, mas é complicado para explicar porque falta muita informação para mim. O que eu sei sobre Deus é o que eu aprendi através da minha mãe". (P1).

Percebemos que P1 consegue relatar um pouco sobre Deus. Já P2, em sua fala, diz que não consegue explicar quem é Deus de fato, mas sabe que ele existe e que consegue senti-lo. P4 e P5 dizem que Deus é aquele que ajuda as pessoas no caminho emque deve seguir e nos ensina a valorizar a família.

As entrevistadas conseguiram explicar um pouco, mas no momento da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

entrevista, demonstraram um pouco de insegurança ao discorrer e faltou um pouco de clareza, já nas próximas perguntas relatam que é difícil responder por não ter muito conhecimento. Já P6 e P7 demonstram ausência de clareza nas respostas. P6 diz apenas que Deus é um Espírito e P7, que Deus é a mesma pessoa que Jesus. Podemos perceber que lhes faltam informação e clareza no entendimento, isso é perceptível também pelas próximas análisesque virão.

Apenas um surdo conseguiu dominar o assunto sobre a existência de Deus e os outros seis tentaram responder, mas eles afirmaram que não tinham domínio para argumentar porque faltava informação. Essa diferença do surdo P3 para os demais surdos,

se explica pela falta de acessibilidade em sua língua, porque por mais que as duas religiões, evangélica e católica, não tenham a presença de um intérprete de Libras, o surdoP3 tinha a ajuda dos seus pais que tem o conhecimento da língua e transmitia todas as informações que ele precisava, diferente dos outros surdos que não tiveram esse suporte.

Ao que diz respeito ao questionamento sobre a Trindade (Deus, Jesus e o Espírito Santo), novamente apenas o surdo P3 conseguiu argumentar, os outros afirmaram não terconhecimento.

> "Para mim a um significado, Deus é o único, o todo poderoso, o único Deus. Jesus é o filho de Deus, Ele mandou o filho dele aqui na Terra para salvar a humanidade. Já o Espírito Santo tem vários significados, mas é essa ajuda de Deus, é o cuidado de Deus aqui na Terra para nos ajudar, ajudar nesses problemas, problemas de saúde, para ajudar as pessoas. Mas só a um Deus poderoso para mim, os três formam um só. Eu acredito nisso". (P3).

P1 argumenta que conhece Deus e Jesus. Deus foi quem criou a humanidade, Jesus foi quem sofreu na cruz, mas o Espírito Santo, ele não conhece. P2 diz que Jesus é o pai de Deus, mas o Espírito Santo, ele também não conhece. P4 e P5

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

também relatam não termuito conhecimento, dizem que Deus é aquele que ensina a ter fé, Jesus é o filho de Mariae o Espírito Santo é algo ligado a Jesus. P6 e P7 diz o seguinte:

> "Deus é um Espírito e Jesus é bom, ele sofreu e foi crucificado. E sobreo Espírito Santo, eu não conheço". (P6)

> "Deus é sobre o que eu aprendo na igreja e Jesus é sobre o que foi crucificado. Deus é o pai e Jesus é o filho, o Espírito Santo, eu não conheço". (P7).

Novamente apenas um surdo tinha o conhecimento sobre a Trindade, o surdo P3. Já os outros surdos afirmaram não ter esse conhecimento. Podemos perceber o quanto é importante aos surdos terem o acesso a sua língua desde pequeno, sabemos que essa acessibilidade ainda falta nas igrejas da cidade de Caraúbas, mas o surdo P3 tinha essa ajuda em casa e ele junto com a sua família, foram em busca de mais conhecimentos paraajudar ao seu filho.

Umas das perguntas era saber se os surdos conhecem a Bíblia, em caso positivo quais as histórias que conhecem. O surdo P1 disse que não tinha conhecimento e que não lembrava de nenhuma história no momento. O surdo P2 disse que conhecia um pouco e só sabia da história de Jesus, igual a surda P4 que respondeu a mesma coisa. O surdo P3demonstrou conhecer um pouco mais sobre a Bíblia, é importante mencionar que ele temo conhecimento da Língua Portuguesa, o que diverge dos outros surdos, vejamos o que ele diz em sua fala:

> "Sim! A Bíblia eu conheço. A Bíblia é a palavra de Deus. Eu conheço a história de Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher aqui da Terra, que foi a partir deles que gerou toda a humanidade até hoje. Mas eu não conheço toda a Bíblia não, algumas histórias, algumas palavras eu conheço. Porque é muito difícil, a Bíblia é muito grande. Precisa de adaptação". (P3).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Já P5 afirmou que conhecia só a parte estrutural, mas sabia que tem textos que falam sobre Deus, e uma parte que é só música para as pessoas cantarem, mas que não tem conhecimento. P6 diz que a Bíblia relata sobre Deus e Jesus, mas que não conhece as histórias. Já P7 converge um pouco com P3 quando diz que conhece um pouco a Bíbliae que conhece a história de Adão e Eva e a história do sofrimento de Jesus.

P7 só demonstrou insegurança no momento de responder, demonstrando que ainda lhe faltava mais conhecimento, já o surdo P3, embora ele tenha mencionado que não conhece toda a Bíblia, ele transmite mais segurança e clareza ao discorrer sobre o assunto, deixando a entender que conhece um pouco mais a Bíblia, isso é perceptível também pelas perguntas anteriores.

Para finalizar, buscamos conhecer também, a melhor forma dos surdos compreenderem a Bíblia, qual a opinião para eles também adquirirem esse conhecimento. A maioria dos informantes disseram que a melhor forma dos surdos compreenderem a Bíblia, seria com a presença do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (TILS) nas igrejas, pois isso daria acessibilidade a eles nas informações e promoveria a comunicação. Outros surdos também fizeram menção de outros métodos que também ajudam na compreensão do surdo, como uso de imagens para associar o texto, vídeos em Libras, e aadaptação da Bíblia para a Escrita de Sinais.

O surdo P1 disse que a melhor forma seria adaptando a Bíblia para a escrita de sinais, associando com o uso de imagens e que também era importante a presença do TILSP nas igrejas, a sua opinião converge com a de P2 e P3, que mencionam a mesma coisa e reafirmam que a presença do intérprete na igreja é importante para promover a comunicação. P4 menciona que seria bom através de explicações mais visuais, ou seja, através de imagens e com a presença do intérprete. P5 acha que a melhor forma seja através de vídeos em Libras e imagens. Já P6 e P7 concordam que a melhor forma seja com o intérprete de Libras nas igrejas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Podemos perceber que a forma mais escolhida por eles foi a presença do TILSP, esse profissional é muito importante, pois ele promove a comunicação entre surdos e ouvintes. E o surdo sente essa falta, já que eles frequentam ambientes onde a maioria das pessoas são ouvintes e não tem o conhecimento de Libras. Outro método muito escolhido foi a adaptação da Bíblia para a escrita de sinais, esse método é utilizado para fazer adaptações de textos em Língua Portuguesa para a Escrita de Sinais, fazendo associação com imagens, essa também é uma excelente maneira dos surdos compreenderem os textos. Os vídeos em Libras também são bastante utilizados na cultura surda, narrando fatos, histórias e promovendo o conhecimento e a interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos estudos já foram desenvolvidos na área da inclusão, principalmente quando o assunto é a inclusão do surdo na escola, não é desmerecendo esse trabalho na área educacional, sabe-se o quanto os surdos têm encontrado dificuldade nessa área, mas a inclusão precisa acontecer em todos os ambientes da sociedade, porque os surdos precisam ultrapassar todas as barreiras que lhe são impostas de transitar no convívio da sociedade.

Foi pensando nesse viés, que esse trabalho se desenvolve para conhecermos como a religião tem se feito presente na vida dos sujeitos surdos. Os nossos objetivos foram alcançados e podemos fazer uma reflexão de como vem se dando o processo de inclusão nessa área. Partindo das análises coletadas, chegamos à conclusão que ainda existem entraves que dificultam a inclusão dos surdos na esfera religiosa, uma delas é a ausência do profissional TILSP, que é quem faz a mediação entre surdos e ouvintes.

Verificou-se, ainda, que existe uma carência de conhecimento por parte da maioria dos sujeitos surdos de saberem argumentar quem é Deus e o que Ele representa na vida delas, assim como os outros questionamentos que foram

realizados sobre o que eles compreendiam a respeito da Trindade, como também a Bíblia e quais textos ou históriaslembravam. Constatamos que existe uma lacuna na vida dos surdos por falta desses conhecimentos. Eles estão presentes nesses espaços, mas lhe faltam essas informações por falta de acesso em sua língua.

Foi possível compreender que, através dos informantes, a melhor maneira para o surdo adquirir esses conhecimentos é com a presença do TILSP e o quanto eles sentem falta de ter esse acesso em sua língua. Durante as suas falas podemos sentir o quanto carecem de serem incluídos na sociedade. Eles também destacaram que o uso de escrita de sinais, associando a imagens para adaptação da Bíblia em língua de sinais, ajudaria muito para compreenderem os textos, como também o uso de imagens nos momentos dosdiscursos religiosos.

Sendo assim, conclui-se que as etapas percorridas desde a delimitação do foco dapesquisa, bem como os critérios bem delimitados, foram suficientes para que pudéssemos constatar que o objetivo proposto foi atingido. Compreendemos também que o tema nãose esgota aqui, ressaltando a importância dos estudos surdos nessa área, uma vez que a religião também faz parte da construção do sujeito enquanto ser humano. Esperamos que as discussões aqui apresentadas, possa estimular mais estudos sobre a inclusão do surdo na esfera religiosa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sâmia Carvalho do. O surgimento da libras e sua importância na comunicação e educação dos surdos. In: Congresso Nacional de Educação. **Anais IV CONEDU.** Campina Grande: Editora Realize, 2017. p. 1-10. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD1_SA10_ID2368_16102017221540.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

CASSIANO, Paulo Victor. O Surdo e seus Direitos: os dispositivos da lei 10.436 e do decreto 5.626. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 21, p. 1-28, maio de 2017. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C2%BA%20Artigo%20de%20Cassiano.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DIAS, Rosangela Hanel. Linguagem, interação e socialização: contribuições de mead e bakhtin. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2014, Florianópolis. **X ANPED SUL.** Florianópolis: Crv, 2014. p. 1-18. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/539-0.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1991.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Interpretação intermodal da Libras para a Língua Portuguesa na modalidade oral:** entraves e avanços. 2020b. 74 p.TCC (Letras Libras - Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Fortaleza-CE. 2020b.

MAIA, Maria Inez Souza. A importância da história dos surdos para o avanço da educação. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, v. 3, n. 1, p. 101-111, 07 jan. 2017. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4765. Acesso em: 25 fev. 2024.

PEIXOTO, Janaina Aguiar**. O Conceito de Sagrado em Surdos Congênitos**: um estudo da língua brasileira de sinais. João Pessoa: UFPB, 2011. (Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões).

SILVA, Edvaldo Feliciano da; CAMPOS, Marineide Furtado. O percurso dos surdos na história e a necessidade da libras para a inclusão dos sujeitos na escola: anais III JOIN / Edição Brasil. **Editora Realize**, Campina Grande, p. 1-12, 12 out. 2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2017/TRABALHO_EV081_MD1_SA144_ID1281_12092017192714.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

SILVA, Itala Daniela da *et al*. **Sociologia da Religião**. Porto Alegre: Sagah, 2020. 208 p. Disponível https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786556900131/pageid/3. Acesso em: 19 fev. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A IDENTIDADE DA PERSONAGEM ADOLESCENTE, NEGRA E ESCRAVIZADA: UMA LEITURA DE *A SITTING IN ST. JAMES*, DE RITA WILLIAMS-GARCIA, A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva[220]

RESUMO:

Entre os séculos XVI e XIX, milhares de indivíduos negros foram sequestrados na África, enviados para outras partes do mundo e escravizados, submetidos a episódios de violências que influenciavam seu comportamento, levando-lhes à submissão e tolhendo suas liberdades. Por sua vez, indivíduos ainda em processo de amadurecimento, de internalização de sua própria cultura, alcançam a maioridade em um ambiente totalmente desfavorável à proteção de sua infância e adolescência. Neste contexto, o objetivo neste artigo é analisar a condição da personagem Thisbe em *A Sitting in St. James* (2021), da escritora estadunidense Rita Williams-Garcia. No romance, cujo cenário é uma cidade dos sul dos Estados Unidos em 1860, a jovem é serva pessoal da dona da fazenda e vítima constante das tentativas de perpetuação do sistema escravagista. A obra retrata o entrelaçamento entre indivíduos e sociedade a partir das divisões de raça, gênero e classe, apontando uma representação cultural do sujeito escravizado. Assim, os Estudos Culturais servem de apoio para a análise pretendida visto que Thisbe é humanizada e age para transformar sua condição. A pesquisa é do tipo qualitativa, exploratória e bibliográfica, realizada através da relação entre trechos do romance, especificamente das falas e pensamentos da protagonista e de outras personagens sobre a condição da garota, com os textos teóricos de Césaire (2020), Collins e Bilge (2021), Davis (2016), Hall (2018; 2020), Hooks (2020), Kilomba (2019), Silva (2020), Woodward (2020), dentre outros. Percebe-se que a personagem adolescente negra e escravizada, mesmo com sua identidade permeada de violências, consegue adaptar seu comportamento e criar estratégias de resistência, o que lhe posiciona como sujeito ativo no processo de formação da própria nação. Entende-se também que os relatos de jovens como Thisbe contribuem para a desconstrução de estereótipos sobre as identidades de adolescentes negras, ainda vigentes no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescente Negra. Escravização. Estudos Culturais. Representação literária. *A Sitting in St. James*.

[220] Docente no Curso Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí. Doutoranda em Letras-Estudos Literários na Universidade Federal do Piauí (email: sharmilla.silva@ufpi.edu.br).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Introdução

A escravização de pessoas negras entre os séculos XVI e XIX é tema de estudo recente e relatos sobre jovens escravizados no mesmo período são ainda menos divulgados, através de quaisquer expressões artísticas, incluindo a literatura. Neste período colonial, jovens em processo de amadurecimento físico, intelectual e emocional eram expostos a diferentes tipos de abuso, em regime de servidão forçada. Camargo, Alves e Quirino (2005, p. 610) lembram que "Quando enfocamos o sistema escravagista, identifica-se também o período em que foi impetrado o maior e mais cruel tipo de violência contra a infância e a adolescência", visto que indivíduos com até 17 anos eram vítimas por orfandande, sequestro e mesmo abuso sexual. Cedo, o adolescente negro escravizado "aprendia" o trabalho que viria a exercer durante praticamente o resto de sua vida. Ou seja, as experiências típicas de sua faixa etária, muitas vezes, eram apagadas ou interrompidas, tornando a formação da identidade um processo forçado, oposto à ideia de jornada natural que se tem como expectativa. Numa escala de valores, adolescentes e jovens adultos negros valiam mais para o trabalho forçado devido à sua força e raciocínio.

Especificamente, quanto às garotas negras escravizadas, Webster (2020, s. p.) menciona que "Estudos contemporâneos sobre a juventude negra deixam claro que as meninas afro-americanas enfrentam continuamente a exclusão de ideias de infância e adolescência"[221], comprovando que a adolescente negra em séculos anteriores era submetida a mais violências que meninas brancas e meninos brancos e negros. Logo, a literatura é um dos recursos utilizados para se contar essa história, o que também é nossa intenção ao apresentar a construção da subjetividade de uma personagem fictícia que representa uma parte deste grupo de meninas que foram escravizadas devido à sua cor de pele.

Por sua vez, Rita Williams-Garcia é uma escritora estadunidense de literaturas infantil e juvenil. Bastante premiada, seus protagonistas são geralmente jovens negras em

[221] No original: Contemporary studies of black girlhood make clear that African American girls continually face disbarment from ideas of childhood and girlhood.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

diferentes situações e épocas. Sua obra aqui analisada é *A Sitting in St. James*, ficção histórica publicada em 2021, por trazer uma história das relações entre uma família branca descendente de franceses e seus servos negros e escravizados, em uma propriedade no sul rural dos Estados Unidos em 1860. A adolescente Thisbe, de dezesseis anos, é serva pessoal da matriarca da família, atuando como executora dos vontades de Madame Sylvie Guilbert, uma senhora de oitenta anos, como lhe dar banho, espionar os filhos desta e contar suas cartas de baralho. Um pequeno evento transforma a vida das duas, quando o pintor Claude Le Brun é contratado para produzir um quadro da octogenária, o que leva à "liberdade" de Thisbe.

A leitura do romance será sob a perspectiva dos Estudos Culturais, um campo de estudo interdisciplinar que trata dos significados das várias produções culturais, especialmente através de discursos e práticas. Stuart Hall (2018), ao explicar a origem do campo, reafirma a importância de levar a cultura à sério, observando como as sociedades interpretam os eventos e como redefinem o que está por vir, como ele explica: "[...] trata-se de onde e como as pessoas experimentam suas condições de vida, como as definem e a elas respondem" (Hall, 2018, p. 156), o que influencia os modos de produção e lutas entre as classes. As diferenças também são apresentadas como fator de enriquecimento, inclusive para as identidades

Logo, analisa-se o contexto de atuação da jovem Thisbe no romance *A Sitting in St. James*, escrito por Rita Williams-Garcia e publicado em 2021. Mesmo sendo adolescente, a personagem não tem qualquer momento em que se comporta ou experimenta situações típicas de sua faixa etária. Constata-se referência apenas a seu gênero e grupo racial, por ela trabalhar na condição de serva pessoal e dentro da fazenda dos Guilbert, Le Petit Cottage, além de em alguns momentos haver insinuações sobre ela ser violentada física, sexual e psicologicamente. Por este motivo, opta-se por associar sua identidade às ideias de processo de construção de sua formação enquanto mulher negra.

Breves notas sobre Identidade

No pensamento de Kathryn Woodward, a identidade é formatada pela linguagem e pelos sistemas simbólicos de representação, um "objeto" relativo em processo de construção. É marcada pela diferença do outro que pode ser um indivíduo ou um grupo cultural, etnico, racial, etc. Além disso, é fundamentada na ideia que se tem de ascendência ou tradição, podendo o passado ser parâmetro de reflexão sobre permanência ou mudança de comportamentos, sendo essa "[...] descoberta do passado [...] parte do processo de *construção da identidade* que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise" (Woodward, 2020, p. 12, grifo da autora).

Nesta leitura de *A Sitting in St. James*, pode-se apoiar a ideia de que Sylvie entendia a identidade como "condição" fixa e imutável, portanto Thisbe nasceu para lhe servir. A idosa evitava enxergar a diferença como condição humana positiva, impondo uma hierarquização principalmente racial e de classe. Isso pode ser constatado a partir da imagem oferecida pelo narrador: "Madame em seu trono, Thisbe ao seu lado" (Williams-Garcia, 2021, p. 21, tradução nossa)[222]. Desde os seis anos de idade, Thisbe era serva e sua posição era ao lado direito de Madame, meio passo atrás de onde quer que sua senhora estivesse. Para a jovem, nada era reservado, ela não tinha quarto e armário, tinha apenas duas roupas. Caso se ausentasse do lado de madame sem consentimento, era chicoteada. Com frequência, Thisbe era comparada a um cachorro: "A piada não estaria completa sem comparar a serva de Madame a um cachorro, correndo aqui e ali" (Williams-Garcia, 2021, p. 44, tradução nossa)[223]. Remetendo à "origem" de seu nome, o narrador lembra o episódio em que Sylvie conheceu Thisbe, ainda criança. O medo da mãe com o destino da filha é explícito:

[222] No original: Madame on her throne, Thisbe at her side.
[223] No original: The joke wasn't complete without likening Madame's servant to a dog, running here and there.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Olhos inteligentes e brilhantes que trouxeram à mente de Madame o fiel cão de Maria Antonieta. Thisbe. “Este é o meu presente”, ela disse a si mesma em voz alta. Então ela se virou para Harriet e Daniel. "É um menino ou uma menina?" A voz de Harriet tremeu. "Menina, senhora." “Senhora.” “Menina, madame”, disse Harriet. “O nome dela é...” “Thisbe”, disse Madame. “Ela se chamará Thisbe.” Madame deu um tapinha na saia, como se estivesse persuadindo um cachorro. "Vem vem. Vem, Thisbe."” [...] “Não havia ninguém mais leal. Brilhante. Reconfortante. Até o fim, ninguém foi mais leal à rainha do que seu cachorro. (Williams-Garcia, 2021, p. 155;165, tradução nossa)[224].

Silva (2020, p. 73) afirma “Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença” e, por ser uma perspectiva recente, defensora do multiculturalismo, não aparece em *A Sitting in St James*. O que acaba por reforçar a ideia de Hall (2018, p.152) que aponta a subjetividade como embasada por uma “dimensão de luta e confronto com modos de vida opostos”. Como a hegemonia branca, europeia, ocidental, burguesa é a norma, ela acaba ditando a hierarquia de poder, baseando-se na diferença como inferioridade. Thisbe é moldada pelas ações e pelo discurso escravagista; por isso, a existência dela é anulada pelos estereótipos construídos através de discursos frequentemente legitimados e internalizados. A garota sempre procurava ocultar sua presença, era uma forma de sobreviver naquele meio:

> Ela havia se tornado hábil em captar cada palavra, independentemente do que fosse dito, sem dar a impressão de estar ouvindo. Como sempre, ela absorveu tudo o que lhe foi dado, sem nenhum plano de como gastar seu estoque de conhecimento. Sua perfeição praticada na invisibilidade era uma arte. Sua postura, sua quietude e seu vazio eram tão queridos e urgentes para ela quanto a própria respiração. Essas artes simples se

[224] No original: Smart, bright eyes that brought to Madame’s mind the faithful dog of Marie Antoinette. Thisbe. “This is my gift,” she told herself aloud. Then she turned to Harriet and Daniel. “Is it a boy or a girl?” Harriet’s voice quaked. “Girl, ma’am.” “Madame.” “Girl, Madame,” Harriet said. “Her name is—” “Thisbe,” Madame said. “She’ll be called Thisbe.” Madame patted her skirt, as if coaxing a dog. “Come, come. Come, Thisbe."” [...] “”There was none more loyal. Bright. Comforting. To the end, none more loyal to the queen than her dog.

> tornaram suas ferramentas para sobreviver um dia, e depois o outro. (Williams-Garcia, 2021, p. 22, tradução nossa)[225].

Woodward (2020) explica a relação entre identidade e representação levando à reflexão sobre identidades produzidas por sistemas. Então, pode-se pensar que representações são oferecidas a Thisbe e como ela produz significados, como se posiciona enquanto sujeito, até mesmo porque "[...] Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído" (Woodward, 2020 p. 19). Sendo assim, a sociedade estadunidense promove situações e fornece valores que possibilitam o discurso escravagista, racista e sexista, moldando a identidade de Thisbe. Mesmo numa época que não era sinônimo de globalização, a identidade da protagonista surge como uma combinação, ela segue o que deve ser mas pensa que poderia ser de outro modo.

Em certo sentido, a identidade de Thisbe não é totalmente produto daquele contexto, visto que o pensamento sobre negros era reforçado desde o século XVI. E quando Le Brun aparece, essa inconstância identitária se torna explícita, com ela recusando seu destino de escravizada. Quando o pintor chega na fazenda, Sylvie tenta definir Thisbe: "Você não é uma criança, Thisbe. Não deixe que ele te elogie com seu discurso. Você não é nada para estudar. Se este homem tocar em você, não terei utilidade para você. Você está aqui para me servir" (Williams-Garcia, 2021, p. 226, tradução nossa)[226]. Até este momento, tal discurso é muito forte, fazendo com que a adolescente tenha medo de se rebelar contra os Guilbert.

Desde a segunda metade do século XX, percebe-se uma transformação no conceito de identidade, priorizando-lhe como resultado de um processo de construção. Então, Stuart

[225] No original: She had become skilled at taking in each word regardless of what was said, while not giving the appearance of listening. As always, she absorbed all that was given, with no plan of how to expend her store of knowledge. Her practiced perfection at invisibility was an art. Her posture, her stillness, and her blankness were as dear and urgent to her as breath itself. These simple arts became her tools for surviving one day, and then the next.

[226] No original: You are not a child, Thisbe. Don't let him flatter you with his talk. You are nothing to study. Should this man touch you, I have no use for you. You are here to serve me.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Hall (2020) leva seu leitor a refletir sobre as implicações deste conceito em diferentes campos do conhecimento. O teórico menciona a relação entre política e subjetividade, que juntas "posicionam" o sujeito como ator social em contextos diversos. Associando algumas de suas ideias com o romance aqui analisado, percebe-se que a protagonista Thisbe tem sua identidade descentrada a partir da linguagem. Inicialmente, ela é creditada constantemente como escravizada, serva pessoal, de Madame Guilbert e logo, em seguida, o discurso do pintor Le Brun permite uma nova visão de si. O final da narrativa sugere que o processo de subjetivação da adolescente ainda está em curso; Thisbe parece, com sua partida, pensar em novas perspectivas para sua atuação futura.

Quando se pensa na identidade como atribuição de sentido ao mundo, produto cultural ativo, entende-se a transformação de Thisbe para ir embora com o pintor, pois a identidade dela "é um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo" (Silva, 2020, p. 96), ela é dependente de estruturas discursivas e narrativas. Então, se levar-se em conta que a identificação, que é um dos principais aspectos para a formação da identidade, "[...] não é, nunca, completamente determinada; [...] no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada" (Hall, 2020, p. 106), Thisbe não nasceu para servir a senhora, pois ser escravizada é apenas uma condição momentânea que constitui sua subjetividade, mas a protagonista não deve ser reduzida à ela. O teórico também cita que fatores externos contribuem para essa formação; logo, o outro, livre, é de certa forma uma meta para Thisbe, é essa condição que ela busca.

Na construção da identificação, o verbo é "tornar-se", ou como explica Hall (2020, p. 109) ela tem a ver com "[...] quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios." Ou seja, Thisbe vive essa transição e a mudança transforma sua visão de si, ela mesma se vê como humana e não como um animal que deve obedecer. Em suma, assim, como os três autores, acredita-se que a identidade da adolescente protagonista de *A Sitting in St. James* é construída por experiências relacionadas a contextos, situações diferentes em

variados tempos, espaços e relações pessoais, sendo as próprias instituições sociais responsáveis pela propagação de discursos sobre os grupos humanos.

Césaire (2020) é outro autor que menciona a incapacidade dos europeus ocidentais para resolver e justificar o tratamento dado ao proletariado e aos colonizados. Suas desculpas descontextualizadas impedem a legitimação de eventos traumáticos para determinados grupos, como a escravização de indivíduos negros entre os séculos XVI e XIX. E situações sem comprovação não oferecem soluções. Um dos fatores que contribuíram para essa hegemonia foi a religião cristã que, segundo Césaire (2020, p. 11, grifos do autor), "[elaborou] as equações desonestas *cristianismo = civilização; paganismo = selvageria,* das quais só poderiam resultar as abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas seriam os índios, amarelos e negros". No romance de Williams-Garcia, Thisbe foi catequizada e se ajoelhava para acompanhar Sylvie; juntas, elas rezavam diante do oratório. Thisbe tinha uma exagerada devoção católica, como aponta o narrador: "Madame, em sua gratidão à Santa Mãe, começava todas as manhãs com o rosário, enquanto Thisbe se ajoelhava em completa súplica" (Williams-Garcia, 2021, p.56, tradução nossa)[227]. Neste caso, a religião surge como aprisionamento desta garota, se observar-se que ela é obrigada a rezar desta maneira.

No romance de Williams-Garcia, é clara a visão de Sylvie, descendente da aristocracia francesa, que trata Thisbe como um cachorro, considerando-lhe um indivíduo desprovido de humanidade, naturalmente predisposta à servidão e inferior em todos os sentidos. Constantemente, a Madame diz que vai salvar a adolescente, como se fosse moralmente isenta de culpa pela situação de Thisbe que não pode dar um passo sem seu consentimento e sempre com comportamento submisso. As atitudes de Sylvie levam à ideia de Césaire (2020, p. 21; 23) sobre a colonização ser uma ação consciente, realizada sem inocência, a partir da qual "[...] o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal,

[227] No original: Madame, in her gratitude to the Holy Mother, began each morning with the rosary, while Thisbe knelt in complete supplication.

ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio, em animal".

Os europeus como agentes do progresso coisificaram indivíduos e os bens de suas nações com o objetivo de reforçar seu poder. Então, é visível a aproximação entre escravização e colonização, baseadas na economia capitalista, visando principalmente lucro e geração de riqueza. Assim, é o "senhor/ senhora de escravos" cuja renda surge do trabalho dos indivíduos negros que são explorados nas plantações e, nos casos como o de Thisbe, servindo sem interrupção a senhora. Como uma das consequências, "[...] a colonização europeia adicionou o abuso moderno à antiga injustiça; o racismo odioso à velha desigualdade" (Césaire, 2020, p. 27). E assim Thisbe era vista como incivilizada e, desde sua infância, com uma mente perturbada pelos valores sociais da época, aparentemente dependente das ordens de Madame Guilbert até o momento em que o pintor Le Brun lhe propõe uma vida contrária. Este é seu "ponto de virada", que lhe faz mostrar resistência por ver em Le Brun um ativista pela liberdade.

Breves notas sobre a mulher negra escravizada

Retomando a discussão sobre a pouca quantidade de estudos sobre as condições das mulheres negras no período colonial nas Américas, destacando a identidade e condições de vida daquelas que foram escravizadas, Davis (2016), Hooks (2020) e Kilomba (2019) levam a refletir sobre a representação estereotipada que acabavam por destacar negativamente as imagens dessas mulheres. Inicia-se com o fato de que indivíduos negros eram desprovidos de gênero; a mulher podia trabalhar tanto quanto o homem e de modo algum sua feminilidade era incentivada. Havia, porém, uma particularidade: podiam ser violentadas sexualmente, para o prazer de seu "senhor" ou para a reprodução de mais escravizados. A violência sexual é apontada como ato de demonstrar poder: "[...] um método de terrorismo institucionalizado que tinha como objetivo desmoralizar e desumanizar as mulheres negras" (Hooks, 2020, p. 55). Aparentemente, o filho de Sylvie, Lucien Guilbert tinha desejo lascivo por Thisbe. Assim ela rezava com devoção para que

ele se afastasse, o que também era uma preocupação de sua mãe. O trecho abaixo demonstra como a escravizada era vista pelos homens da família:

> Thisbe, sentada ao lado de Madame, manteve a cabeça e os olhos baixos. Ela buscava a invisibilidade tão confinada na carruagem com os homens Guilbert. Em Byron, com quem ela estava sentada bem em frente, viu uma acusação de culpa; em Lucien, um sorriso constante. Os dois homens a incomodavam por motivos diferentes, mas no momento ela temia mais o olhar astuto de Lucien do que o olhar ocasional de desdém e acusação de Byron. (Williams-Garcia, 2021, p.56, tradução nossa)[228].

Se as mulheres negras "[...] ficaram abaladas e destruídas [...] e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX" (Davis, 2016, p. 24), imagine-se como as mais jovens foram afetadas por esse regime, rejeitando as mudanças do corpo e da mente, tendo interrompidas seu desenvolvimento através de educação e trabalho formais, relacionamentos pessoais, conhecimento de sua própria cultura e suas contribuições a esse legado. Tudo o que Thisbe fazia era embelezar Sylvie e outras jovens brancas de sua idade, sempre demonstrando submissão: "A regra era que Thisbe deveria prestar o devido respeito a uma pessoa branca de qualquer idade ou status" (Williams-Garcia, 2021, p. 76, tradução nossa)[229]. Enquanto Thisbe devia oferecer asseio para outras mulheres, sua própria higiene era negligenciada, impedida por aquelas brancas.

Hooks (2020) acrescenta e enfatiza o sexismo institucionalizado como um dos fatores que sustentavam o regime escravagista. Ela menciona a destituição da humanidade de indivíduos negros através da retirada de seus nomes e as tentativas de apagamento de suas línguas e culturas, qualquer relação com o passado com a família, com a ancestralidade

[228] No original: Thisbe, seated next to Madame, kept her head and eyes lowered. She sought invisibility so closely confined in the cab with the Guilbert men. In Byron, whom she sat directly across from, she saw a guilty charge; in Lucien, a constant smirk. Both men troubled her for different reasons, but at the moment she feared Lucien's knowing look more than Byron's occasional glare of disdain and accusation.
[229] No original: The rule was, Thisbe was to pay the proper respect due a white person of any age or status.

que pudesse levar a uma expectativa de retorno. Tudo isso aconteceu com Thisbe. E quando a autora afirma que as mulheres negras escravizadas "[...] recebiam a pior parte dessa violência e desse terror, [...], mas também porque eram mais propensas a trabalhar intimamente com a família branca do que os homens negros" (Hooks, 2020, p. 44), demonstra que tal proximidade era igualmente pertubadora. As servas ficavam sob vigilância constante de suas "senhoras", restringindo-lhe ainda mais suas ações. Lembra também que as funções femininas eram diversas nas plantações ou em ambientes domésticos. No romance analisado, somente quando a madame dormia, Thisbe ia ao encontro de seus "semelhantes", escravizados que trabalhavam nas plantações. A distância deles era uma imposição de sua "posição" dentro de Le Petit Cottage: "Sua família, toda de trabalhadores do campo, comia no campo quando tinha permissão para descansar. Comer com a família estava fora de questão. Thisbe tinha que permanecer próxima, se não apegada, de Madame" (William-Garcia, 2021, p. 28, tradução nossa)[230].

Outro aspecto explicado por Davis (2016, p. 31) é a resistência, através de atos que a autora afirma que "[...] afirmavam sua igualdade de modo combativo". Como se livravam do assédio masculino, defendiam sua família, ou participavam de protestos e rebeliões, deixa explícito a ideia de que elas não se conformavam com sua condição de escravizada. Na narrativa analisada, Thisbe tem um único ato de resistência quando decide ir embora com o pintor. Como a família Guilbert estava falida e precisa pagar pelo quadro, Le Brun "pediu" a protagonista como pagamento. É quando esta vê uma oportunidade de transformar sua realidade:

> Claude Le Brun voltou-se para Thisbe. "Vou aceitar sua serva como uma mulher livre. Se ela estiver disposta." "Não!" Madame disse. "Não! Ela é minha propriedade. Ela é minha. Estou em dívida com ela." Le Brun olhou para Thisbe. "Você está disposta a vir comigo?" Lucien disse: "Fale". Madame disse: "Eu perco muito! Eu perco muito!" Thisbe disse:

[230] No original: Her family, all field hands, ate in the field when they were allowed their break. Eating with her family was out of the question. Thisbe had to remain close to, if not attached to, Madame.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> "Monsieur Le Brun, o que serei? O que vou fazer?" Madame disse: "Como você ousa perguntar?" Ela ergueu a mão para dar um tapa em Thisbe, mas Lucien segurou o pulso da mãe, impedindo-a. Le Brun respondeu. "Assistente." "Ela não consegue decidir", objetou Madame, com a mão amarrada pelo filho. "Ela não consegue decidir. Nós decidimos." "Assistente", disse Thisbe. "Mas primeiro, um contrato."(Williams-Garcia, 2021, p. 335)[231].

Neste momento, quando o pintor pede que ela adote um nome decente, percebe-se que Thisbe procura resgatar sua origem, o momento antes de ser escravizada, quando menciona seu nome de batismo amaericano, Marguerite Carver, e que seu avô veio da África para ser servo cativo nas plantações do sul estadunidense. Por sua vez, Kilomba (2019) trata do mesmo silenciamento imposto, levando-nos a pensar na ideia da identidade forçada do escravizado, transformado em "outro", pois "[...] no racismo o indivíduo é ciurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ele/ ela possa realmente ter" (Kilomba, 2019, p. 39), não havendo um fundamento para a posição em que indivíduo negro é colocado. Ela levanta o questionamento "O que o sujeito negro diria se pudesse falar?" que se considera essencial para o reconhecimento e afirmação de sua existência. Então, Thisbe fantasiava uma vida diferente:

> Thisbe se imaginou entre a mãe e as irmãs, costurando e rindo das travessuras dos brancos. [...] Só que ela não costurava. A mãe e as irmãs não ficavam sentadas rindo e costurando. E, mais especificamente, ela não tinha folga aos domingos como todos os homens, mulheres e crianças escravizados. Ela também não foi paga pelas "horas extras", como poderia ter acontecido em uma plantação diferente. Mas ela podia imaginar isso.

[231] No original: Claude Le Brun turned to Thisbe. "I will take your female servant as a free woman. If she is willing." "No!" Madame said. "No! She is my property. She is mine. I am owed her." Le Brun looked to Thisbe. "Are you willing to come with me?" Lucien said, "Speak." Madame said, "I lose too much! I lose too much!" Thisbe said, "Monsieur Le Brun, what will I be? What will I do?" Madame said, "How dare you ask?" She raised her hand to slap Thisbe, but Lucien took his mother's wrist, stopping her. Le Brun answered. "Assistant." "She cannot decide," Madame objected, her hand bound by her son. "She cannot decide. We decide." "Assistant," Thisbe said. "But first, a contract."

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Ela podia imaginar tudo. E querer isso. (Williams-Garcia, 2021, p. 134, tradução nossa)[232].

Quando Le Brun chega à fazenda, a idosa Sylvie se irrita com ele, pois quase nao tem contato com sua serva, que já é treinada como assistente. Então decide agredir Thisbe, somente porque, por poucos segundos, a menina olhou a madame nos olhos. Esta novamente tenta reduzir a identidade da jovem: Madame pegou a escova. "Você é um corpo", disse Madame. "Não é uma pessoa inteira, então devo punir seu corpo com toda a força que tenho. Agora, estenda a mão. Não a palma. Vire ao contrário. O lado negro" (Williams-Garcia, 2021, p. 276, tradução nossa)[233]. Observa-se a tentativa de inferiorização relacionada ao grupo racial. Com frequência, Thisbe tinha raiva e vontade de contrariar esses pedidos.

Nesta perspectiva, a identidade da mulher negra exige que se atente também à interseccionalidade, conceito que sustenta a ideia de que as particularidades identitárias não podem ser analisadas isoladamente. Thisbe, por exemplo, é uma adolescente negra, escravizada, serva pessoal de uma idosa, privada do contato familiar desde a infância. Ou seja, sua idade, raça, gênero, classe social, condições emocionais e atuação "profissional" (visto que tem função diferente dos escravizados da plantação) convergem para a construção de sua imagem e auto-imagem. Voltando suas preocupações para a situação das mulheres negras, Collins e Bilge (2021, p. 17) afirmam que "[...] nenhum movimento social iria ou poderia abordar sozinho todos os tipos de discriminação que elas sofriam". As lutas abolicionistas e feministas do século XIX não incluíam personagens como Thisbe, razão

[232] No original: "Thisbe imagined herself among her mother and sisters, sewing and laughing about the antics of white folk. [...] Except, she didn't sew. Her mother and sisters didn't sit around laughing and sewing. And more to the point, she wasn't let off on Sundays like all enslaved men, women, and children. Nor was she paid for the "overtime," as she might have been on a different plantation. But she could imagine it. She could imagine it all. And want it.

[233] No original: Madame took the brush. "You are a body," Madame said. "Not a whole person, so I must punish your body with what strength I have. Now, hold out your hand. Not the palm. Turn it over. The black side."

pela qual sua marginalização é naturalizada pela maioria das personagens de *A Sitting in St. James* e nem mesmo Le Brun poderia garantir a total inclusão social dela.

As autoras avançam apresentando os quatro domínios de poder (Collins; Bilge, 2021, p. 20-29): a) o estrutural, que se relaciona às instituições sociais; percebe-se que Thisbe é excluída dos sistemas, como por exemplo o educacional, pois o pouco que sabe ler aprendeu sozinha; b) o cultural que permite o compartilhamento de conhecimentos, tal como as ideologias sobre pessoas negras entre os século XVI e XIX e sua "propensão" à escravização—este domínio está presente no tratamento de Thisbe e no discurso de Sylvie; c) o disciplinar se relaciona a aplicação de regras, então Thisbe era constantemente disciplinada, para se comportar da maneira pretendida por Sylvie, com insultos, chicotadas e privação de liberdade; e isso devido a sua interseccionalidade.

O último domínio é o interpessoal, que se configura na "absorção" dos outros três organizando as relações humanas. Thisbe, como já afirmado, não tem relações estáveis com sua família ou os Guilbert, não faz parte desses grupos, menos ainda de qualquer outro de escravizados, justamente por ser alvo de preconceitos múltiplos. Thisbe era diferente das irmãs e tinha vergonha disso, sem perspectiva de futuro, nem profissional nem amoroso. Era descendente direta de negros africanos e suas irmãs eram "crioulas": "Isso significava ter uma casa onde as pessoas de cor não se sentissem tentadas a acreditar que eram brancas ou quase brancas." (Williams-Garcia, 2021, p. 45, tradução nossa)[234].

Entende-se a interseccionalidade como elemento essencial na construção da identidade individual. Pode-se então pensar na maneira como Thisbe expressa sua subjetividade, sua compreensão do mundo, de sua condição e se há um discurso ou desejo de mudança de sua condição e liberdade. Um aspecto interessante citado por Collins e Bilge (2021, p. 194) é a "[...] importância das identidades para a consciência e o comportamento político". Ou seja, na narrativa de Williams-Garcia, Thisbe concretiza tal pensamento ao se conscientizar de suas possibilidades de existência, de sua posição na sociedade, e agir para

[234] No original: This meant having a household where people of color were not tempted to believe themselves to be white or near white.

sua mudança. Deve-se esclarecer também que as opressões múltiplas que afetam a mulher negra "[...] não operam em singularidade; elas se entercruzam" (Kilomba, 2019, p. 98). Logo, Thisbe passa a ser serva pessoal de Sylvie por ser jovem, negra e estar em situação de escravizada e deve ser analisada e compreendida a partir desta intersecção.

Conclusão

Vários adolescentes negros escravizados nos Estados Unidos foram impedidos de viver as experiências comuns, esperadas na sua faixa etária. A existência deles era permeada de violências fazendo com suas identidades fossem construídas sob submissão ou sob revolta. Thisbe não conseguiria se livrar dos Guilbert se não fosse por Le Brun, então vê-se a personagem totalmente aprisionada. Ela era vítima dos abusos colonialistas de Sylvie, que se considerava descendente da nobreza francesa, representando o poder do colonizador europeu.

Uma história por muito tempo apagada ou estereotipada, renegando o protagonismo de indivíduos que muito contribuíram para a construção da nação estadunidense, tendo os jovens considerados menos relevantes para este projeto colonial de desumanização e tentativas de apagamento das diferenças. Sendo assim, nossa justificativa é contribuir para os estudos na área da juventude negra no período escravagista em solo americano, buscando na literatura representações baseadas na realidade que levem a ações antirracistas.

Pode-se verificar os absurdos cometidos contra Thisbe, reduzida a um animal, sem qualquer vontade, através de discursos e práticas ainda compartilhados no século XXI. Ao mesmo tempo, em que os Estudos Culturais surgem para desconstruir imagens coloniais de raça, etnia, gênero, classe, etc. Pensando na construção da identidade a partir dos modos opostos de vida, a adolescente do romance *A Sitting in St. James* tem muitos parêmetros de diferença tanto de pessoas branca quanto de outros negros da fazenda que vivem diferente dela. Praticamente, toda sua adolescência é impedida de acontecer.

Thisbe tem sua formação identitária abalada com a chegada de Le Brun, devido à opção de vida apresentada por ele. Poderia, então, passar a ser vista não mais como escravizada e ficar livre da intolerância contra sua existência, o que representava a diversidade. As relações de poder estão visíveis, e mesmo o pintor só consegue oferecer vida alternativa para a adolescente porque é branco, o que pode levar a ideia de que Thisbe ainda não estava livre das práticas colonialistas impostas. No reforço dos discursos e práticas culturais racistas e sexistas, o indivíduo negro do gênero feminino sofre com o abuso sexual. No caso de Thisbe, era ameaçada por Sylvie para não ser assediada; ou seja, uma mulher branca também conseguia impedir essa violência, por exigir a presença frequente da garota. O terrorismo vinha de diversas fontes e somente é observado na interesecção de seu grupo racial gênero e classe nesta sociedade escravagista.

Contudo, ainda que Thisbe na condição de escravizada tenha sido violentada por dez anos, ela consegue adaptar seu comportamento e criar estratégias de resistência, sem esquecer as tradições de seu povo, demonstrando que sua mente ainda não sucumbiu por completo ao conformismo que o contexto exigia. Por fim, na oportunidade dada pelo pintor (ela pode escolher ir embora com ele), passa a ser sujeito ativo no processo de sua formação, inclusive solicitando um contrato de trabalho. Acredita-se que os relatos de jovens como Thisbe contribuem para a desconstrução de estereótipos sobre a identidade de adolescentes negras.

Referências

CAMARGO, Climene Laura de; ALVES, Eloina Santana; QUIRINO, Marinalva Dias Quirino. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. **Texto & Contexto/ Enfermagem**, vol. 14, núm. 4, outubro-dezembro, 2005, pp. 608-615 Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/5JTcg8MHgGsZrzfZBvnHbTf/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 28 nov. 2023.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. O que é interseccionalidade?. In: COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 15 - 49.

DAVIS, Angela. O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 15-41.

HALL, Stuart Estudos Culturais: dois paradigmas. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. 2.ed. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende e outros. Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 143-175.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tommaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 103-133.

HOOKS, Bell. Sexismo e a experiência da mulher negra escravizada. In: HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e Feminismo**. Tradução de Bhuvi Libanio. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. P. 37-89.

KILOMBA, Grada. A máscara. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 36-46.

KILOMBA, Grada. Racismo genderizado. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 93-109.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tommaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 73- 102.

3 WEBSTER, Crystal Lynn. The History of Black Girls and the Field of Black Girlhood Studies: At the Forefront of Academic Scholarship. ***The American Historian***. *Mar 2020*. Disponível em: https://www.oah.org/tah/the-history-of-girlhood/the-history-of-black-girls-and-the-field-of-black-girlhood-studies-at-the-forefront-of-academic/ . Acesso em: 28 nov. 2023.

WILLIAMS-GARCIA, Rita. **A Sitting in St. James**. Nova York: Quill Tree Books, 2021. E-book.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tommaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 7-72.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ARTICULAÇÕES DOS CONCEITOS DE TEMPO E ESPAÇO EM AUGUSTO DE CAMPOS

Andressa da Costa Farias (UFSC)[237]

Este artigo é um recorde de pesquisa realizada para a tese de Doutorado em 2020 apresentada na Universidade de Santa Catarina com título análogo pela autora. Possui como foco as articulações dos conceitos de tempo e espaço na poesia contemporânea, especificamente na obra de Augusto de Campos. A escolha pela obra de Augusto de Campos justifica-se, sobretudo, pela possibilidade de análise dos poemas concretos publicados no início da década de 1960, que permitem contextualizar as categorias de tempo e espaço. Foram poemas revisitados na contemporaneidade pelo autor através da publicação nos mais diversos meios e suportes, enfatizando o projeto da Poesia Concreta como verbivocovisual. Na escolha dos poemas foram considerados como características relevantes produções carregadas de grande capacidade de síntese, intercâmbio entre o verbal e o não verbal e iconicidade gráfica; poemas capazes de comunicar, em composições breves, grande carga de conteúdo crítico e interativo, como \"Greve\" (1961), \"Cidade\" (1963), \"Luxo\" (1965) e Popcretos (1964-1966). Para o presente a análise foi realizada no poema “Cidade” A metodologia consistiu em estudar como tais poemas se apresentaram em diferentes suportes de publicação a partir do conceito de tradução da transcriação poética, cunhado por Haroldo de Campos. Investigou-se a manifestação das categorias de tempo e espaço a partir dessas possibilidades, considerando tempo e espaço múltiplos e, nesse sentido, a contribuição para a crítica literária. Para tal, pretendeu-se fazer uma análise de cunho teórico que permitiu dimensionar a poesia de Augusto de Campos em reflexões que abarcaram conceitos relevantes para a literatura brasileira.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Tempo e espaço. Augusto de Campos.

Introdução

A partir de um recorte temporal, apresenta-se uma análise da Poesia Concreta de Augusto de Campos (entre os anos de 1960 a 1966) nas publicações impressas e, posteriormente, em outros suportes de publicação, tais como aqueles presentes nas mídias digitais como formas de sua produção poética. E, desse modo, problematizam-se as categorias de tempo e espaço nesse contexto de expressão.

A escolha da década de 1960 deve-se a características dos poemas que possuem elevada iconicidade e que passam a incorporar, a partir desse período, elementos verbais e

[237] Doutora em Literatura pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Contato: andressa3cf@gmail.com

não verbais. Além disso, são poemas que foram revisitados pelo autor em outros períodos e traduzidos a partir da perspectiva de transcriação para outros suportes de publicação, como a mídia digital. Acredita-se que o uso do hipertexto como ferramenta na poesia, por exemplo, concedeu ao leitor a possibilidade de ser um construtor de sentidos, uma vez que a obra pode ser desfragmentada e o tempo e o espaço ressignificados.

Supõe-se que a passagem do registro verbal escrito da Poesia Concreta para a representação dela a partir de recursos visuais, digitais e sonoros possibilita investigar a recriação da arte poética em contexto de tempos múltiplos, não lineares. Verifica-se que a dinâmica da publicação da Poesia Concreta, especialmente aquela do início da década de 1960, permite reflexões no modo como as categorias de tempo e espaço se apresentam.

É importante o estudo de tais categorias na passagem do suporte livro para outros suportes, como digital, sonoro, visual, como meio de materialização verbivocovisual que a Poesia Concreta apresentou nas décadas de 1950 e 1960 como possibilidade para a poesia e que Augusto de Campos enfatizou ao revisitar/traduzir/transcriar seus poemas concretos em anos posteriores à década de 1960. Augusto de Campos é um poeta vanguardista e, como tal, foi sensível às mudanças sociais e tecnológicas advindas do processo de industrialização da vida moderna.

Assim, fez da linguagem uma grande aliada, demonstrando ao mundo sua importância e valor, principalmente através da poesia. E ele ainda está em constante renovação e transformação, pois continua publicando poesia e encontra-se ativo nas redes sociais[238].

Desenvolvimento

Usaremos como metodologia de análise o conceito e o termo de transcriação como um processo tradutório quando o poema analisado é recriado, revisitado, incorporado a outras mídias e suportes em outros tempos e contextos. O termo foi difundido por Haroldo

[238] Augusto de Campos possui conta ativa atualmente (2020) em plataformas como Instagram: @poetamenos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de Campos (2011) para os processos tradutórios na Poesia Concreta, vindo a significar a reconfiguração dos elementos "fonossemânticos" do texto: os aspectos sonoros e visuais da palavra em que está incorporado o sentido e que fazem da Poesia Concreta uma poesia verbivocovisual. E, nesse sentido, cabe enfatizar que

> A proposta de trabalhar de maneira integrada o som, o sentido e a visualidade das palavras, aproximando-se dos ideogramas, ou seja, a organização do texto segundo critérios que enfatizem os valores gráficos e fônicos relacionais das palavras é sintetizada no termo verbivocovisual. Esse neologismo, composto pelos adjetivos verbal, vocal e visual, foi criado por Joyce e citado por Campos em Panaroma do Finnegans Wake e Teoria da Poesia Concreta. (PRADO; ESTEVES, 2009, p. 116).

A estrutura verbivocovisual do poema é um dos aspectos mais relevantes na Poesia Concreta. A produção do texto poético objetiva a construção de um objeto; e o espaço gráfico é entendido como agente estrutural da mensagem. Desse modo, acredita-se que a tradução e a criação poética estão mais próximas quando há consideração da interação entre essas possibilidades como transcriação entre os poemas produzidos por Augusto de Campos (década de 1960) e os poemas revisitados/recriados (outras épocas/contextos).

O recorte de pesquisa que é a obra de Augusto de Campos produzida na década de 1960 fundamenta-se, sobretudo, pela fase de arte engajada pela qual passou a Poesia Concreta, especificamente nesse período, o início da década de 1960, que configurou um tempo de crise política, tendo em vista o Golpe de 1964.

No entanto, é importante destacar que nem sempre foi consenso que a Poesia Concreta foi uma arte engajada. É possível que talvez ainda não seja consenso. No entanto, valem algumas considerações a respeito. Destacam Simon e Dantas (1982) que, inicialmente, as tiragens das obras foram reduzidas, caras, geralmente financiadas pelos próprios poetas e restritas a um pequeno círculo de leitores-poetas. Somente depois de bastante tempo, pelo menos 25 anos após o auge da Poesia Concreta (décadas de 1950 e 1960), é que se ampliou o número de leitores e houve uma análise do que representou o movimento para a crítica literária.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A Poesia Concreta, em si, propunha a percepção da palavra como um objeto como meio de atingir o máximo poder artístico. Como movimento, durou entre o período compreendido entre 1950 e 1960, aproximadamente. Optou-se por analisar os poemas produzidos por Augusto de Campos na década de 1960, pois se situam em uma época em que a Poesia Concreta buscou maior participação social, política e de experimentação com a semiótica vinculada à teoria de informação.

Diante do exposto, este estudo foi desenvolvido a partir da apresentação do contexto de publicação da Poesia Concreta nos primeiros anos da década de 1960, mais especificamente entre os anos de 1961-1966, focando os principais acontecimentos da época relacionados à poesia; o contexto e a importância da revista Invenção (1962); a relevância do movimento tropicalista para a Poesia Concreta no sentido da emergência de uma nova linguagem tanto para a música quanto para a poesia; as resistências enfrentadas pelos poetas concretos e seus contrapontos tanto em relação ao movimento quanto em relação aos poemas de Augusto de Campos, especificamente.

Na sequência apresenta-se a análise do corpus de pesquisa a partir dos poemas “Greve” (1961), “Cidade” (1963), “Luxo” (1965) e os Popcretos, publicados entre 1964 a 1966, especificamente “Olho por Olho” (1964), “O anti-ruído” (1964), “SS” (1964), “GOLDwEATER” (1964) e “Psiu!” (1966). Produziu-se um vídeo que ilustra o corpus escolhido para a pesquisa que pode ser acessado a partir do endereço eletrônico https://www.youtube.com/watch?v=ZSsF1dYF4Lc&feature=youtu.be. Para o presente artigo a análise recairá sobre o poema “Cidade” publicado em diferentes tempos e espaços.

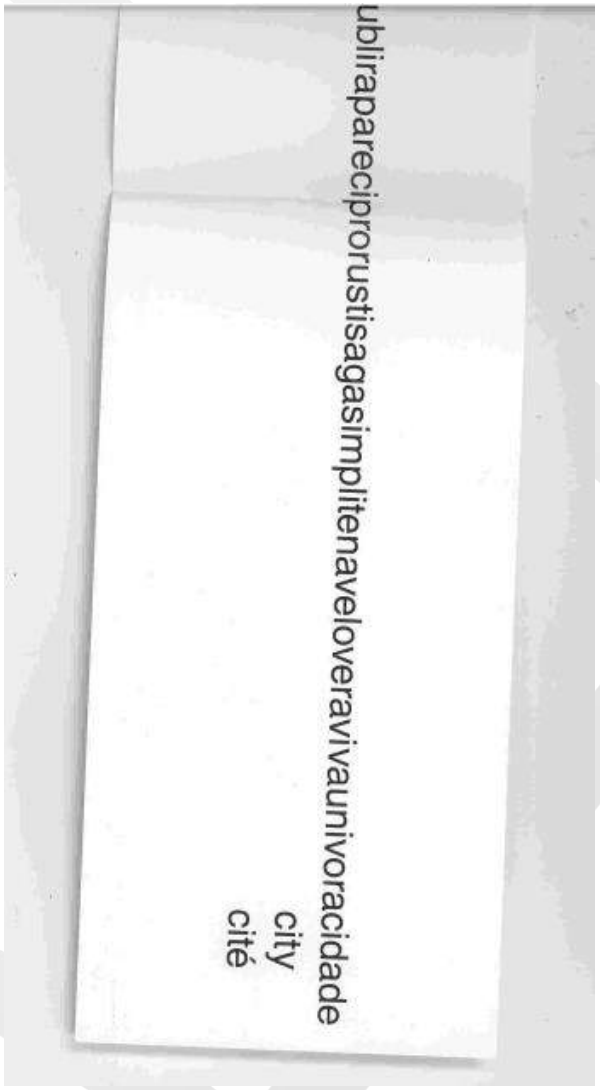
Cidade (1963)-Augusto de Campos

Exemplo do corpus da pesquisa- poema em suporte papel- livro.

Figura 01.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

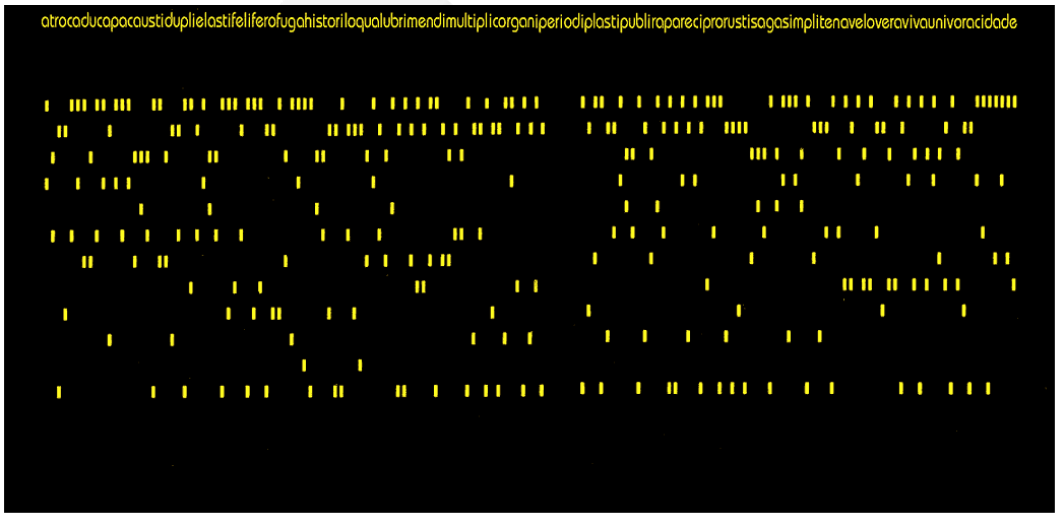


LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Cidade (1963)- como **poema transcriado** por Erthos Albino de Souza **(1975)**

Figura 02.

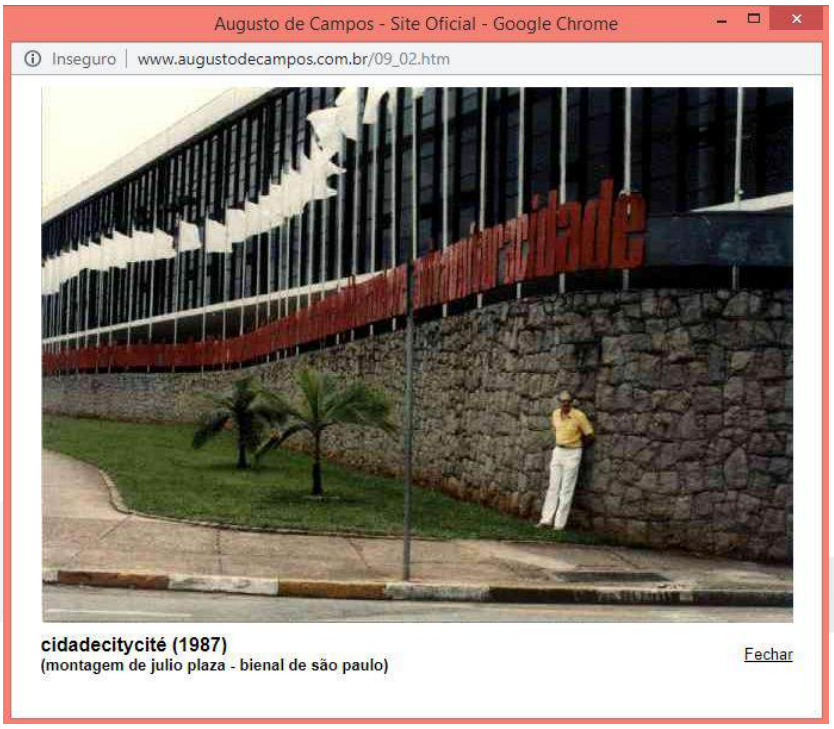


Cidade (1963)- como poema **transcriado** por Julio Plaza para Bienal SP **(1987)**

Figura 03.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



Cidade (1963)- como poema **transcriado** como clip poema no site oficial do autor **(1999)**

Figura 04.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Augusto de Campos, no poema “Cidade” (1963), além de explorar a temática urbana, especialmente da cidade de São Paulo, utilizou a técnica da scriptio continua, na qual não há divisão de palavras e há a exigência da vocalização do texto, que permite inúmeras combinações. O poema sugere performance como uma metáfora da própria exploração da cidade em si, uma vez que pode ser explorada de diversas formas.

A partir do percurso urbano que sugere acaso, surpresas acontecem tanto para o leitor quanto para o poeta. Ele começa com a palavra “atrocidade” e termina com a palavra

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"voracidade", que sugere ordem, apesar do aparente caos urbano. Trata-se de um poema que enfatiza os substantivos em três línguas: português, inglês e francês.

Conforme Camargo (2012), a obra poética foi publicada em diversos suportes como no livro-valise Caixa Preta, em que há uma versão feita com cartão perfurado de computador, no qual o fundo negro contrasta com a sugestão de janelas com luz acesa nos edifícios noturnamente. Essa versão foi realizada por Erthos Albino de Souza, editor da revista Código e precursor da poesia no computador. Esse foi o primeiro poema a receber tratamento digital. O poema também figurou na música (partitura, em 1967) e em adaptação cinematográfica (em 1986). A seguir tem-se a reprodução da imagem do poema, a partir da publicação impressa do livro (texto-fonte).

O poema permite uma experimentação de composição na leitura, pois, para "acessar" 58 o restante do poema, é necessário abrir a dobradura de papel – que está cuidadosamente dobrada em três partes, de modo que, ao abrir todas as partes, é possível ler a totalidade do poema-palavra: "atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubrimendimultipliorganiperiodiplasti publiraparecipro rustisagasimplitenaveloveravivaunivoracidade city cité.

Além disso, o poema "Cidade" (1963), em 1975, conforme Tosin (2014), recebeu uma transcriação "digital" de Erthos Albino de Souza, que o inseriu na memória de um computador da época, utilizando um cartão perfurado. O resultado plástico simulava as janelas iluminadas dos prédios, através do cartão escuro sobre um fundo claro, na paisagem noturna da cidade. Um exemplo disso é a visualização e a vinculação do poema "Cidade" no próprio contexto urbano (texto transcriado), no qual foi "montado", como na Bienal de Arte Contemporânea em São Paulo, em 1987).

O poema "cidade city cité", de Augusto de Campos, especialmente, transcende o texto. Não incorpora apenas o textual na sua poética, vai além, incorpora todo tipo de material e artefato disponível para materializar a palavra. Incorpora a música, a paisagem, os recursos digitais etc. Traz à tona para a poesia contemporânea tempos e espaços múltiplos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> A negociação da poesia acontece também com as outras linguagens: como palavra que aponta para a sonoridade, mercê de sua origem ligada à música, e com a visualidade e animação. Por um grande período de tempo, ela dialogou com outras linguagens, mas as representou por meio da linguagem verbal (oral ou escrita); e só recentemente a tecnologia permitiu reunir: palavra + imagem, palavra + imagem + som, palavra + imagem + som + animação. Esses diálogos foram realizados nos meios bidimensionais (poesia impressa), acoplados ou não com outros meios, como 67 os audiovisuais, tridimensionais (poesia performática, poesia-objeto, instalação poética) e os eletrônico-digitais (vídeo, televisão, cinema, holografia, painéis luminosos, computador, rede de computadores, estruturas híbridas etc.). (ANTONIO, 2010, p. 34)

O poema "cidade city cité" engloba praticamente todas as possibilidades de negociação do poema com outras linguagens, tal como observou Antonio (2010), pois o poema está materializado através da página impressa, oralizado e musicado nos palcos da cidade de São Paulo pelo poeta e por seu filho Cid Campos, visualizado através de obra de artistas plásticos no próprio contexto urbano de São Paulo (como na exposição da Bienal de São Paulo), além de ter virado clip-poema, acessado a partir de plataforma digital no site oficial do poeta Augusto de Campos como poesia eletrônica.

Considerações Finais

Ressalta-se que a transcriação dos poemas para as mídias eletrônicas possibilitou acentuar a exploração dos sentidos do leitor através de dispositivos sinestésicos presentes nas obras que dialogam com a porção verbal. Augusto de Campos é um dos poetas que mais transcriaram poemas para outras mídias. E basta a apresentação de alguns desses poemas, como os que já citamos neste corpus de pesquisa, para que consigamos explorar as reflexões propostas para as categorias de tempo e espaço na poesia.

Assim, compreendemos que houve um processo de "migração" do poema para os meios midiáticos, provocando diferentes percepções sensoriais que afloram os sentidos do corpo pelo emprego de diferentes meios tecnológicos, como imagem, som, animação etc., o que torna válidas a análise e a discussão desses aspectos no âmbito literário. Além disso, o poema "cidade city cité" foi apresentado em diferentes versões e suportes no tempo e espaço. Há uma nova condição de produção textual e da leitura na era tecnológica na qual

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

se configuram múltiplas linguagens, como a sonora, a visual, a cinética, a digital etc. Desse modo, a recepção textual também muda com o advento dos múltiplos suportes textuais.

A dimensão dos conceitos de tempo e espaço é compartilhada. O leitor adquire liberdade até então não presenciada no texto/poema no formato impresso, visto que o espaço dessa nova materialidade textual é a escrita à margem do texto. Há uma ênfase no processo dialógico entre leitor e texto. O leitor dá sentido ao texto materializado em diferentes formatos e pode, assim, aderir, refutar, responder e/ou perguntar ao objeto textual.

O processo de leitura do texto impresso é diferente do processo de leitura do texto digital, uma vez que se sai da linearidade da leitura por escaneamento, por varredura, da leitura que foca na linha a linha, e depara-se, no texto no formato digital, com uma leitura múltipla de toda a superfície simultaneamente.

Assim, considera-se que o poema “Cidade” (1963) é o texto-fonte (poema impresso e publicado no Brasil, na Escócia, nos EUA em revistas e livros) que foi transcriado pelo próprio Augusto de Campos e por outros artistas em momentos e contextos de publicação diversos. Logo, foram realizadas diversas transcriações poéticas para esse poema, tais como a transcriação digital, em 1975, por Erthos Albino de Souza; a transcriação poética no próprio contexto urbano, a partir da intervenção de Julio Plaza ao montar o poema para a Bienal de Arte Contemporânea de São Paulo, e a transcriação digital por Augusto de Campos ao publicar o poema em plataforma digital, primeiramente no portal UOL e atualmente no seu próprio endereço eletrônico.

Isso faz com que a pesquisa literária seja relevante para desnudar as infinitas possibilidades da escrita poética em tempos e espaços específicos, assim como para problematizar a própria poesia em novos contextos e cenários novos, inserindo-a em um novo patamar em relação à discussão necessária sobre códigos e linguagens na sociedade contemporânea.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia digital: teoria, história, antologias**. São Paulo: Fapesp, 2010.

ÁVILA, Affonso**. O poeta e a consciência crítica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Luiz Guilherme. **Poema novo no velho: Poesia Concreta e escrita dialética.** Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários, Rio de Janeiro, v. 15, p. 28-38, jul. 2014.

BARROS, Manoel de. **O apanhador de desperdícios.** In: LEITE, Carlos Willian. Os 10 melhores poemas de Manoel de Barros. Revista Bula, [201-]. Disponível em: https://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/. Acesso em: 10 maio 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BENJAMIN, Walter. On some motifs in Baudlair. In: ARENDT, Hannah (ed.). Illuminations. New York: Shocken Books, 1976. BENJAMIN, Walter**. Sobre o conceito de história.** In: _____. Magia e técnica, arte e política. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor.** Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. 2. reimp. Porto Alegre: Zouk, 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1997. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Viviana. **Tendências da poesia e de outras artes no Brasil e a partir dos anos de 1960: o disco voador, o pau a pique, o parangolé.** Meridional: Revista Chilena de Estudos Latinoamericanos, n. 11, oct. 2018/marzo 2019.

BUCHK-MORSS, Susan. **Estética e anestética: o "ensaio sobre a obra de arte" de Walter Benjamin reconsiderado.** Outra travessia, Florianópolis, n. 33, p. 11-41, ago./dez. 1996.

BYLAARDT, Cid Ottoni. **A estética contemporânea: nova poética, novo olhar.** Estud. Lit. Bras. Contemp., Brasília, n. 39, jan./jun. 2012. Não paginado. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182012000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 24 jun. 2015. 176

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Leitura vocalizada de poesia**. In: SILVA, Débora Cristina Santos e; CAMARGO Goiandira Ortiz de; GUIMARÃES, Maria Severina Batista (org.). Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético. Goiânia: Cânone, 2012.

CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANTELO, Raúl. **Pós-crítica**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

CAMPOS, Augusto de. **O rei menos o reino**. São Paulo, 1951. Edição do autor.

CAMPOS, Augusto de. **Linguaviagem: cubepoem.** Brighton, England: Philip Steadman, 1967.

CAMPOS, Augusto de. **Equivocábulos.** São Paulo: Invenção, 1970.

CAMPOS, Augusto de. **Colidouescapo.** São Paulo: Invenção, 1971.

CAMPOS, Augusto de. **A explosão de Alegria, alegria.** In: CAMPOS, Augusto de. Balanço da bossa e outras bossas. São Paulo: Perspectiva, 1974a.

CAMPOS, Augusto de**. Balanço da bossa e outras bossas.** São Paulo: Perspectiva, 1974b.

CAMPOS, Augusto de. Poemóbiles [1968-1974]. São Paulo, 1974c. Edição dos autores. **Poemas-objetos em colaboração com Julio Plaza.** CAMPOS, Augusto de. Caixa Preta. São Paulo, 1975. Edição dos autores. Poemas e objetospoemas em colaboração com Julio Plaza.

CAMPOS, Augusto de. **Poesia, antipoesia e antropofagia**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. CAMPOS, Augusto de. Expoemas [1980-1985]: serigrafias de Omar Guedes. São Paulo: Entretempo, 1985a.

CAMPOS, Augusto de. **Poemóbiles [1968-1974].** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b. Poemas-objetos em colaboração com Julio Plaza.

CAMPOS, Augusto de**. Póstudo.** Folha de S.Paulo, 27 jan. 1985c. Folhetim. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9030&keyword=Augusto%2CCampos&anchor =4139655&origem=busca&originURL=&pd=f1934eff5e283699bfcd4ce751f63d96. Acesso em: 22 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Dialética da maledicência**. Folha de S.Paulo, 7 abr. 1985d. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9100&keyword=Campo&anchor=5426813&ori gem=busca&originURL=&pd=5eba8c6bd8b3f04ef5475adcfd003ace. Acesso em: 22 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Viva Vaia: poesia 1949-1979.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 177

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CAMPOS, Augusto de. **Não: poema-xerox**. [S. l.], 1990. Edição do autor. CAMPOS, Augusto de. Mallarmé: o poeta em greve. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. Mallarmé. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 27-28.

CAMPOS, Augusto de. **Despoesia [1979-1993].** São Paulo: Perspectiva, 1994a. CAMPOS, Augusto de. Poemas: antologia bilíngue. Organização: Gonzalo M. Aguilar. Buenos Aires: Instituto de Literatura Hispanoamericana, 1994b. CAMPOS, Augusto de. Poesia é risco. Rio de Janeiro: Polygram, 1995. CD-livro, antologia poético-musical, de O rei menos o reino a Despoemas, em colaboração com Cid Campos.

CAMPOS, Augusto de. **Clip-poemas.** São Paulo: Casa das Rosas, 1997. 16 poemas-animados digitais. Exposição Arte Suporte Computador. CAMPOS, Augusto de. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999a. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/home.htm. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Cidade city cité [1962]: transleituras.** In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999b. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/cidadecitycite.html. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Expoemas [1985].** In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999c. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/expoemas.html. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Greve [1962].** In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999d. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/greve.html. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Hologramas de Augusto de Campos.** Produção holográfica: Moysés Baumstein [1983-1985]. In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999e. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/hologramas.html. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Poema-bomba [1983-1997].** In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999f. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/bomba.htm. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Poemas Popcretos [1964-1965].** In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999g. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/popcretos.html. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de. **Poetamenos [1953].** In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999h. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poetamenos.html. Acesso em: 23 nov. 2015.

CAMPOS, Augusto de**. SOS [2000].** In: _____. Augusto de Campos: biografia, obras, 178 poemas, sons, textos, links, clip-poemas. 1999i. Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/sos.htm. Acesso em: 23 nov. 2015.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcriação poética e semiótica da operação tradutória.** Organização: Sônia Queiroz. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011.

FARIAS, Andressa da Costa; TOTH, Victor. **Apresentação tempo e espaço em Augusto de Campos.** 20 jul. 2020. Disponível em: 181 https://www.youtube.com/watch?v=ZSsF1dYF4Lc&feature=youtu.be. Acesso em: 21 jul. 2020

INVENÇÃO. **Revista de Arte de Vanguarda**. Massao Ohno, ano I, n. 2, 2. trim. 1962.

PRADO, Célia Luiza Andrade; ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. **A tradução "verbivocovisual" de Haroldo de Campos.** Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores, n. 19, 2009.

SIMON, Iumna Maria; DANTAS, Vinícius de Avila. **Poesia Concreta: literatura comentada.** São Paulo: Abril Educação, 1982.

TOSIN, Giuliano. **A transcriação de poesia através de diferentes mídias no Brasil.** Millenium, 46-A, p. 49-66, nov. 2014. Número Especial temático sobre Literatura.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DESIGUALDADE E RESISTÊNCIA NOS ESPAÇOS DE *OS TRANSPARENTES*, DE ONDJAKI[239]

Letícia Vital Ferreira[240]

Resumo: O romance Os transparentes (2013), de Ondjaki, reatualiza as problemáticas espaciais discutidas por Fanon (1961) - o mundo cindido que separava colonos de colonizados separa, no romance e na contemporaneidade, as classes sociais. Assim, procura-se discutir, a partir de uma visão sistêmica, como a desigualdade social aparece nos espaços do romance, destacando-se as diferenças entre locais destinados à elite e aos trabalhadores e ao acesso permitido ou negado a cada um deles, assim como a existência de lógicas diversas coexistindo na Luanda ficcional. A mistura entre velho e novo prevista na Teoria do Desenvolvimento Combinado e Desigual pode ser encontrada também nas diferentes perspectivas frente ao próprio espaço da Luanda ficcionalizada: há a visão respeitosa ao ambiente, representada por mais-velhos e trabalhadores, em oposição à exploração desenfreada do espaço pelos membros da elite política e financeira. Destacam-se, ainda, os aparatos de resistência mobilizados pelas camadas mais pobres na construção de comunidades em seus próprios espaços, inclusive como locais de manutenção da memória e do contato com mais-velhos. Para tanto considera-se a presença de elementos do sistema capitalista na produção literária, tal qual proposto por Eagleton (2011) e WReC (2020). Essa perspectiva, no entanto, não invalida a metodologia de busca ativa das representações materiais nos próprios textos, entendendo esses fatores como constituintes do texto e de sua estrutura.

Palavras-chave: Literatura angolana; Ondjaki; Os transparentes; Representação do espaço.

Introdução

[239] Parte da comunicação aqui apresentada se baseou no artigo "Desigualdade material e temporal em *Os transparentes*, de Ondjaki", publicado na Revista Linguagem em Pauta, 2023, v.3, n.2, pp.77-90.

[240] Mestrado em andamento no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH, USP. leticia.vital.ferreira@usp.br

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Ondjaki é um escritor angolano nascido na capital no ano de 1977, pouco após a Independência do país (datada de novembro de 1975). Sua cidade de origem, Luanda, é o espaço no qual se passam muitas de suas histórias - podemos mencionar *Os da minha rua* (2007), no qual o autor revisita os anos 80 através de um olhar de inocência infantil, e *Quantas madrugadas tem a noite* (2004), obra na qual Luanda é palco de uma série de acontecimentos insólitos conectados ao fim da Guerra Civil. A frequência desse espaço não surpreende visto a capital do país ser consagrada no imaginário coletivo e na literatura enquanto a grande representante da nação angolana (MACÊDO, 2006, p.179) - desse modo, Ondjaki se coloca na esteira de escritores que o antecederam ao prestar também as suas homenagens (e críticas) a Luanda e, consequentemente, ao povo por ela representado. Ao mesmo tempo, no entanto, o autor pertence a uma nova geração de escritores e, por isso, traduz na sua escrita preocupações diversas das apresentadas por nomes anteriores.

> Algo mudou. Pesam ainda, no entanto, os longos anos de guerra que causaram uma exaustão do país e sua gente, trazendo consigo uma cultura da perda que, sem dúvida esgarçou o tecido social e ensejou numerosos descaminhos na utopia que moveu os angolanos nas trilhas da independência. [...] A juventude do país, por sua vez, apenas viveu a guerra e, dessa forma, seus horizontes acabaram por se confundir com o consumo imediato, já que o futuro se apresentava incerto e, nesse movimento, o passado foi obliterado e os projetos que construíram o país foram esquecidos (MACÊDO, 2010, p.350).

Os transparentes (2013) é mais uma das obras angolanas nas quais Luanda recebe destaque - ao contrário de muitos dos textos anteriores aos anos 80, no entanto, a narrativa discute tópicos relativos a um presente problemático e a um futuro desesperançado - “tenho saudades em todas as direções, não tenho só saudades do passado. tenho saudades até de coisas que ainda não aconteceram” (ONDJAKI, 2013, p.189). No romance, a capital ficcionalizada é onde habitam personagens divisíveis em dois grandes grupos: os trabalhadores e os membros da elite político-econômica. Enquanto os primeiros buscam sobreviver em uma conjuntura de pouca preocupação social, os últimos estão obcecados

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

com ganhos financeiros provenientes da exploração de petróleo e da privatização da água - independentemente dos riscos coletivos de ambas as empreitadas. A distinção entre esses grupos não se baseia, no entanto, somente nas suas ocupações civis, mas está conectada, em grande parte, aos espaços que ocupam (ou àqueles que possuem permissão de ocupar). Enquanto a camada mais elevada da sociedade ocupa locais apresentados como indiferentes aos problemas estruturais e sociais da cidade, os mais pobres são cercados por dificuldades, tais quais as constantes falta de energia elétrica e água. A abundância de um lado e a precariedade do outro demonstram uma inconsistência capaz de refletir o fato de "a miséria e seu cimento [...] não s[erem] acidentes ou resíduos, mas parte integrada no movimento rotineiro da dominação do capital" (SCHWARZ, 2008, p.81).

As contradições também podem ser vistas, na obra, a partir da coexistência de realidades que parecem pertencer a diferentes épocas. Exemplo disso é a convivência, de um lado, da tecnologia vanguardista, usada pelas elites para a exploração de petróleo em Luanda, e, do outro lado, a existência de ocupações e crenças à margem do que seria considerado "moderno", como o trabalho extrativista do VendedorDeConchas, responsável por mergulhar no mar para recolher as mais belas "prendas de Kianda[241]", ou a tentativa de AvóKunjikinse de curar o ferimento de CienteDoGrã com folhas cozidas. Essa confluência de períodos pode ser compreendida através da Teoria do Desenvolvimento Combinado e Desigual de Trotsky (1930), segundo a qual a imposição do capitalismo em sociedades não (totalmente) capitalizadas provocou não a substituição do sistema preexistente pelo modo de produção capitalista, mas sim a união de ambos, o que, por sua vez, gerou uma contradição persistente entre formas arcaicas e contemporâneas nas chamadas (semi)periferias (WREC, 2020, p.32). O presente trabalho considera que, sendo essa inconstância um dado do capitalismo enquanto sistema-mundial, essa será uma realidade também das obras literárias, especialmente ao entendermos a literatura como uma forma de

[241] Entidade protetora do mar.

produção social que se relaciona com as demais facetas da sociedade (EAGLETON, 2011, p.109).

No caso do romance de Ondjaki (2013), portanto, estabelecemos interlocuções entre a escrita da Luanda ficcionalizada e o contexto de capitalismo neoliberal em regiões periféricas. Ao investigar a questão do espaço, não apontamos somente a coexistência de características de momentos históricos diferentes, mas também a divergência no modo como o núcleo dos trabalhadores e aquele das elites enxergam as paisagens ao seu redor. No caso das elites, a ganância faz com que enxerguem o espaço enquanto possível provedor de riquezas individuais; já os moradores e frequentadores do PrédioDaMaianga respeitam os espaços e valorizam-nos a partir da valorização das coletividades.

A desigualdade nos espaços de *Os transparentes*

O romance *Os transparentes* se inicia (e termina) justamente por um grande incêndio causado pela exploração desenfreada do petróleo. O desastre circunscreve Luanda em uma aura de morte - “a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas anunciadoras do seu passamento não eram flechas secas mas dardos flamejantes que o seu corpo, em urros, acolhia em jeito de destino adivinhado (...)” (ONDJAKI, 2013, p.11). Isso se faz especialmente significativo porque a capital angolana representa a nação no imaginário social e na literatura nacional. É notável, contudo, que a cidade já possuía rachaduras visíveis e invisíveis antes desse golpe final. Chamamos de feridas visíveis aquelas causadas, dentre outros motivos, pelas escavações desenfreadas do subsolo - são destacados ao longo da narrativa as obras de “modernização” que nunca terminam ao lado dos buracos causados pelas guerras, chuvas, e pela simples falta de cuidado para com o espaço.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> a cidade estava um caos com obras novas e antigas a acontecer ao mesmo tempo, mais as tais escavações da CIPEL, mais os buracos para instalação de televisão a cabo, mais os buracos da chuva e os buracos abertos que nunca ninguém se lembrara de pavimentar e os dos miúdos que viviam no subsolo da cidade e que agora, coitados, deveriam ser expulsos pela vinda da nova canalização (...) (IDEM, IBIDEM, p.104).

As fissuras ocultas, por sua vez, consistem nas barreiras sociais que impregnam as relações, as fronteiras de classe responsáveis por impedir o contato entre aqueles que deveriam ser membros de uma mesma nação. Essas barreiras sócio-econômicas podem ser exemplificadas através do modo como as diferentes classes sociais experienciam a questão da falta de água - enquanto esse item básico está em falta para grande parte dos pobres de Luanda, a classe alta ignora esse problema, tal qual postulado pela personagem ZéMesmo sobre as vantagens de morar perto do Presidente: "(...) viver aqui ao pé do chefe é que é cuia, nunca falta água nem luz, qual gerador é esse?, nem precisamos! é só a luz bazar, toda a cidade às escuras, e nós nada!" (IDEM, IBIDEM, p.50). A indiferença das classes altas atinge tons de sadismo quando associada aos políticos - tal qual ilustrado pela fala do Assessor, mais preocupado com o gelo de sua bebida do que com a impossibilidade de acesso à água para a maior parte da população:

> - DonaCreusa, traga mais gelo por favor, já sabe que não gosto de ver este balde de gelo pela metade, não é assim? [...] sim, a maka da água…, mas qual é a maka?
>
> – falta água em Luanda, demasiadas vezes, o abastecimento está completamente irregular
>
> – a sério? não tinha sentido nada
>
> – mas a população já sente há algum tempo, senhor Assessor. [...]
>
> – bem – sorriu o assessor SantosPrancha – eu entendo pouco de água – abanou o copo de whisky na direção do jornalista (ONDJAKI, 2013, p.90-93)

A desigualdade social também pode ser observada através de dois espaços residenciais da narrativa: o local onde mora o Carteiro; e a casa do Ministro e de sua esposa,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Pomposa. Esse último local é visitado pelo Cego e pelo VendedorDeConchas, que busca vender suas conchas a preços mais elevados para Pomposa. Após atravessarem passeios esburacados - característica ligada à degradação do ambiente -, os dois chegam a "um largo pacato com casas vastas, casas de muatas, com guardas à porta" (IDEM, IBIDEM, p.58), onde "pela porta aberta viam-se o jardim da casa, a relva curta com desenhos lindos que o vendedor apreciava por fazerem conjunto com as flores (...) móveis brilhantes da varanda, uma pequena garrafeira com whisky, gin e martini" (IDEM, IBIDEM, p.61). Pela descrição, compreendemos o encantamento causado pela região esteticamente agradável, mas a existência de guardas privados é um importante marcador de diferença ao simbolizar proteção aos que lá vivem e o perigo aos que se aproximam. A outra situação extrema pode ser observada na representação do musseque no qual vive o Carteiro.

> há anos que o trajeto era este, os seus pés conduziam-no automáticamente a casa, no escuro ou sob a luz de tantos lugares, o Carteiro entrava em seu musseque, cruzava várias casas, curvava por becos de chão irregular e molhado por águas imundas, e antes de chegar a casa atravessava a enorme montanha de lixo que dividia, na realidade, dois musseques, um riozinho de água escura desenhava no chão curvas que imitavam, com muita boa vontade, um enorme mapa de Angola (...) (IDEM, IBIDEM, p.372)

A discrepância sócio-geográfica entre as duas regiões demonstra uma das formas como o poder econômico e político de poucos se sobrepõe à dignidade da população. Destaca-se ainda o fato de a casa do Carteiro nunca ser descrita - ele é impedido de chegar ao seu lar primeiramente pela quantidade de lixo acumulada no caminho e, depois, pelo grande incêndio - assim, o romance aponta para a o não-pertencimento e a exclusão das camadas mais baixas da população: há "ausência de perspectivas econômicas e culturais para os mais pobres e pela experiência de deslocamento em consequência do descarte dos mais humildes em zonas distantes, sem nenhuma infraestrutura" (RODRIGUES, 2021, p.391). Pode-se considerar, então, que essa cisão é uma espécie de atualização da diferença entre as cidades do colonizado e do colonizador: "O mundo colonizado é um mundo dividido em dois. [...] essas formas estéticas do respeito à ordem estabelecida criam em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

redor do explorado uma atmosfera de submissão e de inibição que diminui consideravelmente as forças da ordem" (FANON, 1961, p.33). Respeitadas as especificidades do sistema colonial, descrito por Fanon, e da atualidade neoliberal contemporânea, podemos avaliar ambos como formas vinculadas ao modo de produção capitalista e, portanto, compreendê-los como facetas temporalmente separadas de um mesmo projeto social de exploração e opressão.

A presença dos extremos discutidos acima mostra justamente o contraste entre as condições de vida na região abastada e nos demais locais. Há naturalização da situação anômala vivenciada pelo Carteiro - notável pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo e dos termos "há anos" e "automaticamente". Em contraponto, o VendedorDeConchas e o Cego sentem estranhamento quando estão na região abastada da qual são expulsos desse território desconhecido assim que terminam suas funções na qualidade de trabalhadores. A presença de personagens pobres em espaços burgueses é atípica no desenvolvimento do romance e, exatamente por isso, "(...) estabelece o contraste necessário para ressaltar o confinamento do pobre nos lugares menosprezados. A exceção sublinha a norma [...]. Não apenas a norma social refletida na ficção, mas norma literária que manifesta a estrutura do livro" (CANDIDO, 2006, p.30).

> - não têm mais que fazer?
>
> - estamos só a descansar, dona
>
> - e não podem ir descansar noutro lado? ali na casa do chinês há mais sombra [...]
>
> - vamos só em frente, aqui não nos querem mais - falou baixinho o Cego (IDEM, IBIDEM, p.64-65)

Esse tratamento pode ser percebido também em relação ao Carteiro, cujo trabalho prevê grande mobilidade - ainda assim, o mesmo é rechaçado em determinados ambientes, especialmente quando tenta ser ouvido em relação às suas demandas de melhores condições de trabalho (no caso, um meio de transporte para percorrer as grandes distâncias).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> o Carteiro tentava entregar as suas cartas na entrada de uma clínica privada, importunando os médicos que chegavam nos seus jipes
>
> – ó homem, vá trabalhar – respondeu um médico, pouco bem-disposto
>
> – mas se é isso mesmo, senhor doutor, se é isso mesmo que eu quero... [...]
>
> já os guardas vinham perguntar do episódio, se o médico precisava de ajuda, se se trataria de um maluco disfarçado de Carteiro, ou de um bêbado insistente, mas logo reconheceram o Carteiro (...) (ONDJAKI, 2013, p.198-200).

Os diferentes níveis de mobilidade das personagens são mais um índice revelador das desigualdades a que parte da população está submetida: dentro do núcleo das personagens trabalhadoras, somente o Carteiro e o VendedorDeConchas conseguem se deslocar até regiões mais abastadas, mas isso só ocorre a pé (em oposição ao deslocamento em automóveis da elite) e enquanto estão trabalhando. Tampouco é frequente a presença de personagens da elite política e financeira nos locais tipicamente associados às personagens pobres. No entanto, é perceptível que os deslocamentos desse último grupo são mais fáceis e motivados por interesses imorais - o Ministro vai ao PrédioDaMaianga para seus encontros extraconjugais, e os fiscais DestaVez e DaOutra estabelecem relações econômicas questionáveis com comerciantes locais.

Espaços de resistência

A Luanda ficcionalizada se cerca em uma lógica de desigualdade, exclusão e individualidade - se isso pode ser interessante para as elites, cercadas de privilégios e ganhos pessoais, a representação dos mais pobres estabelece o oposto: “[a] individualização é [...] uma aventura para a maior parte de grupos fragilizados pelas mudanças sociais e econômicas: desempregados, trabalhadores informais, o novo proletário do setor terciário [...] entre outros. A individualização pode ser sinônimo de deriva rumo à exclusão social” (ALMEIDA, 2009, p.213). Em oposição a esse individualismo reinante, encontra-se o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

PrédioDaMaianga. A descrição estrutural do Prédio poderia levá-lo a ser entendido como degredado: existe uma caixa para o elevador, mas a mesma encontra-se vazia, obrigando seus moradores a subirem diversos lances de escada; há a presença de uma inundação eterna no primeiro andar; além da infinidade de antenas de televisão no terraço.

No entanto, muito mais do que um espaço de destruição, o edifício é tratado como um ser vivo que possibilita a união e a comunidade - "O Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva [...] com passagens comunicantes de comportamentos autónomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas" (ONDJAKI, 2013, p.14). Além disso, são muitos os momentos nos quais esse organismo parece proteger e amparar os trabalhadores, receptividade essa que fica ainda mais aparente nas águas misteriosas da eterna inundação, as quais, além de servirem "(...) a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas (...)" (IDEM, IBIDEM, p.14), também apresentam "inexplicáveis poderes de relaxamento" (IDEM, IBIDEM, p.242) dos quais toda a comunidade usufrui. De maneira similar é descrito o terraço do Prédio, "lugar aberto e desarrumado, frequentado por quem lá quisesse ir" (IDEM, IBIDEM, p.47). A esse respeito, destacamos a imagem do círculo de pessoas ao redor das águas, escutando as palavras de AvóKunkikinse na cena mais representativa do compartilhamento de saberes ancestrais do romance. Logo após o enterro de Ciente, a maior parte dos moradores do Prédio se ajeitam próximos às águas do primeiro andar, momento no qual AvóKunjikise canta uma história enquanto os demais a escutam. Essa cena retoma a ideia da importância do velho nos ensinamentos da tradição oral para a comunidade.

> Nessas sociedades, a memória, o poder mágico e a transmissão das tradições em sua oralidade asseguravam ao velho, de um modo geral, a mobilidade entre os valores terrenos e os espirituais. Cabia a eles a função social de lembrar, unindo o outrora ao presente. Pelo encantamento da narratividade oral, o ancião tecia seus conselhos, alimentados estes pela matéria viva de sua existência que se transformava, assim, em sabedoria e garantia, dessa forma, a perpetuação da comunidade através dos tempos (SECCO, 2003, p.86).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O grupo ao redor da música de AvóKunjikise retoma o símbolo potente da reunião em torno da fogueira como momento de passagem de conhecimentos e histórias. Destaca-se ainda que, dentro da coletividade criada, as águas são entendidas enquanto comunitárias - como as fogueiras de outrora, as águas acabam por simbolizar uma união em meio ao deserto humano da Luanda contemporânea. Desse modo, o entendimento dos moradores do Prédio se opõe à sanha individualista e produtivista dos membros da elite, cuja melhor representação está nos fiscais DestaVez e DaOutra, que consideram como mal-utilizados tanto o terraço como as águas justamente pelo uso compartilhado. Os gêmeos sugerem a mercantilização do terraço com a transformação do mesmo em cinema com sessões pagas, além de criticarem a presença das águas livremente utilizadas pela comunidade - notamos aqui, mais uma vez, o modo como o mesmo espaço é visto de formas diversas pelas classes sociais: a elite considera enquanto matéria para ser explorada em benefício de ganhos pessoais, enquanto os moradores e frequentadores do edifício acreditam, em sua maioria, no usufruto compartilhado e no respeito ao espaço. A situação pode ser exemplificada também no modo como a água é entendida por outros dois personagens: DomCristalino defende a privatização desse bem coletivo inclusive através da compra de terrenos com águas abundantes, "(...) comprou vastas porções de terra justamente pensando no número de rios e riachos que as banhavam [...] já se calculava que significativa parte do país, rica em água, estava em seu nome (...)" (ONDJAKI, 2013, p.155); diversa é a percepção do VendedorDeConchas, respeitado pelo mais-velho Cego justamente pelo respeito ao mar enquanto vinculado às entidades tradicionais "(...) profissão de pedir no mar e na Kianda para retirar as conchas…" (IDEM, IBIDEM, p.184).

A lógica comunitária e respeitosa frente ao espaço, representada pelo Prédio e pelas personagens a ele associadas, ganha destaque ao final do romance com a destruição da cidade. Destacamos aqui o simbolismo, na literatura angolana, da destruição da cidade de Luanda como expurgação do projeto estético-ideológico da solidariedade enquanto não concretizado (MACÊDO, 2008, p.206-207). Projeto esse que consideramos não somente como não realizado, mas como irrealizável dentro dos moldes neoliberais, de tal modo que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

se torna ainda mais simbólica a permanência, na Luanda apocalíptica, apenas das personagens cujo emblema é o companheirismo. A sobrevivência somente das personagens que possuem ligação ao PrédioDaMaianga estabelece chave de leitura desse espaço enquanto protetor dos excluídos.

> um choro gritava como um apelo, Xilisbaba reconheceu o murmúrio como sendo de MariaComForça, os três desciam agora em perfeita cegueira, guiados por uma espécie de ruído salvador que as águas, agora mais fortes, transmitiam a quem procurasse por elas sentaram-se perto dos outros, já encolhidos e quietos no que lhes parecia ser o centro do corredor, ali onde um maior fluxo de águas acontecia e janelas de oxigénio se pareciam abrir (ONDJAKI, 2013, p.392-393)

Nota-se, a esse respeito, a continuidade do ideal comunitário no incêndio, representada pelas mãos femininas que se protegem - "as mãos das mulheres atraíram-se, gesto delicado, quase secreto, mais para dividir receios que temperaturas (...)" (IDEM, IBIDEM, p.393). Desse modo, a comunidade criada dentro do Prédio mantém ideais utópicos de solidariedade que subsistem mesmo com a destruição de Luanda - a utopia parece estar justamente na sobrevivência de crenças de coletividade em uma cidade marcada pela exploração do ambiente e das pessoas, "[a]ssim, além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais" (BACHELARD, 1978, p.208).

A lógica da elite em relação ao espaço e à sua exploração pode, então, ser associada à destruição, enquanto a continuidade do Prédio e de seus moradores/frequentadores apresenta uma lógica de comunidade utópica. As últimas palavras do livro, "acabou o tempo de lembrar, choro no dia seguinte as coisas que devia chorar hoje" (ONDJAKI, 2013, p.399), retiradas de um poema de Ana Paula Tavares -, podem, então, justamente representar uma imediatez combativa que supera o passado nostálgico e supera a projeção sentimentalista do futuro, fazendo do presente o momento propício para a criação da comunidade tão desejada.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências:

ALMEIDA, M.G. As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios. In: ALMEIDA, M.G. (Org.). **Territorialidades na América Latina**. 1ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2009, p. 208-218.

BACHELARD, G. A poética do espaço. In: Bachelard, Gaston, **1884-1962**: Vida e obra. Tradução de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo : Abril Cultural, 1978. p.181-354.

CANDIDO, A. Degradação do espaço: (Estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'Assommoir). **Revista de Letras**, v.46, n.1, 2006, p.29-61.

EAGLETON, T. **Marxismo e crítica literária. São Paulo**: Editora UNESP, 2011.

FANON, F. Os condenados da terra. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Editora ULISSEIA limitada, 1961.

MACÊDO, T. Luanda: violência e escrita. In: CHAVES & MACÊDO. **Marcas da diferença**: As literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006, p. 175-187.

_____. **Luanda, cidade e literatura**. Editora UNESP, 2008.

_____. MACÊDO, Tania. Itinerários da memória na escrita da literatura angolana contemporânea. **Cerrados. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura**, v. 19, n. 30, 2010. p.348-360.

ONDJAKI. **Os transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RODRIGUES, A.C.A. Luanda, cidade-mundo, ou da estética do desenvolvimento desigual em Os Transparentes, de Ondjaki. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 40, nov. 2021.doi: 10.11606/va.i40.160993, p. 364-399

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SCHWARZ, R. Cultura e política, 1964-1969. In: SCHWARZ, R. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. No compasso de rugas e desejos: erotismo e envelhecimento no imaginário das literaturas africanas e brasileira. In: BARBOSA, Maria José Somerlate (Org.). **Passo e compasso**: No ritmo do envelhecer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, v. 1, p.83-106.

WReC - Warwick Research Collective. **Desenvolvimento combinado e desigual:** por uma nova teoria da literatura-mundial. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ENTRE FOTOGRAFIAS E POEMAS: ESCRITORAS NEGRAS E PRÁTICAS DE INSURGÊNCIAS LITERÁRIAS

Cláudia Rocha Almeida (UNEB)[242]

Ricardo Oliveira de Freitas (UNEB)[243]

Resumo: Neste texto, pretende-se discutir a imagem fotográfica entrecruzada com a escrita literária de 2 escritoras negras apresentadas no Projeto Profundanças 3 – Odailta Alves e Jovina Souza –, fotografadas por Nathália Tenório e Tom Correia. Concebido como uma Antologia Híbrida – literária e fotográfica –com intuito de promover maior visibilidade à literatura de autoria de mulheres, o Profundanças é fruto de um trabalho colaborativo insurgente, que faz frente ao grande mercado editorial e sua visão política da literatura hegemônica eurocentrada. Este artigo parte do princípio da fotografia para além da noção de documento sócio-histórico de compreensão da realidade, pensando-a num projeto de autorreferencialidade, produtora de significados e de contradiscursos que atravessam essas escritoras em suas investigações poéticas. Neste sentido, conta-se com o auxílio teórico de BARTHES (2022), EVARISTO (2009), KILOMBA (2019),GALDINO (2022), DALCASTAGNÈ (2012) e SILVA (2019), para discutir conceitos caros a essa proposição, tais como: escrevivência, cura do eu, guerrilha literária, representatividade e contemporâneo em disputa.

Palavras-chave Fotografias. Escritoras negras. Profundanças. Experimentações literárias. Representatividade.

Introdução

DALCASTAGNÈ (2012), em seu livro *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*, sinaliza sobre a falta de representatividade legítima dos grupos minoritários no campo literário. Segundo a autora, a narrativa ficcional brasileira é um

[1]Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens de linha I, PPGEL-UNEB. E-mail: claudiarochasantana18@gmail.com
[2]Pós-doutor em Estudos Culturais e Mídias, pela IACS/UFF. Professor Titular Pleno da UNEB/ Salvador do Curso da Graduação e Pós-Graduação da Linha 1. E-mail: ricofrei@gmail.com

território em disputa, marcada por gênero, cor, classe, orientação sexual e região. Assim, os escritores mais renomados no âmbito nacional são predominantemente homens, brancos, classe média, heterossexuais e do eixo Rio-São Paulo. Os personagens protagonistas descritos nessas obras representam exatamente essa classe social, cabendo

aos outros – às minorias – as construções coletivas de personagens, as estigmatizações e o exotismo.

Na contemporaneidade, essas epistemes que, historicamente, tiveram suas subjetividades negadas, silenciadas e apagadas, insurgem numa espécie de guerrilha literária (GALDINO, 2019), tensionando a ocupação desses espaços de produção estética, de reconhecimento e de existência no cenário cultural. Nesta perspectiva, com o intuito de desconstruir uma imagem negativa do negro impregnado na cultura, escritoras negras constroem suas trajetórias de escrita pautadas nas suas escrevivências (Evaristo, 2009) e nos atravessamentos das múltiplas opressões às quais são submetidas.

Projetos como o *Profundanças 3*[244] se inserem nessas práticas desobedientes de expansão do literário, de autoria de mulheres, mulheres negras, abarcando inclusive outras subjetividades: não binárias, lésbicas, trans, indígenas, camponesas e idosas, entrelaçando a fotografia dessas escritoras como um projeto de autorreferencialidade, como uma rasura, uma possibilidade de amplificação e de potencialização dessa literatura em suas contemporaneidades periféricas (AUGUSTO, 2019).

A falta de representatividade da imagem das escritoras negras na literatura brasileira canônica, a quase ausência total de uma memória imagética desse corpo

[244]Profundanças é uma antologia literária e fotográfica, idealizada por Daniela Galdino e desenvolvida em parceria com a produtora Voo Audiovisual. Conta com a colaboração voluntária de diversos artistas e está disponível gratuitamente pelo link: www.vooaudiovisual.com.br/profundanças3.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

negro feminino, é um diagnóstico da luta pela existência social dessas mulheres. As fotografias das escritoras negras, salvo exceções, não aparecem nos livros didáticos, não são reconhecidas pelos estudantes, não são estudadas na academia, não fazem parte das representações do imaginário literário e cultural do país. Esse fenômeno não é simplesmente um problema de ordem estatística, mas sim de ordem histórica e sociocultural, uma vez que são principalmente as escritoras negras que mais sofrem com a lógica mercadológica do meio editorial; são elas que assistem a menor presença de suas produções nas livrarias e estantes; são elas próprias que precisam projetar seus rostos de outras formas, sobretudo nas redes sociais, para divulgarem seus trabalhos.

Assim, emergem desta discussão algumas questões importantes: Quem são essas escritoras? Como agenciar modos de fortalecer essas identidades desprezadas, negadas e invisibilizadas? E mais ainda: como a fotografia, em entrecruzamento com a literatura, pode contribuir para promover maior visibilidade a essas mulheres e o fortalecimento dessas identidades na memória cultural do país no combate ao racismo?

KILOMBA (2019),em seu livro *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*,entende o racismo como uma ação atemporal, um trauma que emerge do mundo branco e se reatualiza cotidianamente. Esse trauma assombra o sujeito negro, que é sempre convocado à cena colonial, e desmantela o seu tempo em presente/passado/futuro no momento em que este sofre o racismo. Com base nisso, existe a necessidade da tradução desse trauma por meio da enunciação. Tornar-se sujeito de enunciação, contar sua própria história, posicionar-se de forma política por meio da escrita literária pode se constituir também como uma cura do eu na desconstrução do trauma colonial (KILOMBA, 2019).

Trabalhos coletivos como o Profundanças, que aproximam propostas artísticas e antológicas, apontam para essa direção, pois favorecem um novo olhar para a realidade vivenciada por essas escritoras negras. Suas imagens fotográficas, tomadas como instrumentos de inserção e pertencimento poético, potencializam o fazer literário e consagram a recepção desses textos em espaços ainda não trilhados por essas autoras.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Quantas mulheres negras se sentirão representadas por essas escritoras ao alargar o olhar de sua poética para o campo da autorreferencialidade de suas fotografias? Essas imagens, por sua vez, derrubam o estigma da subserviência dos corpos das mulheres negras e os colocam em outro patamar de autoria crítica, estética, artística e literária.

Criticar o olhar único, eurocentrado, do trabalho teórico sobre essa realidade vivenciada pelos povos subalternizados constitui-se como uma ação de resistência. É preciso desestabilizar esses lugares de enunciação monopolizados por aqueles que não respeitam os lugares de fala, e, sobretudo, não favorecem os lugares de escuta.

Este artigo, com base nas experimentações literárias de duas escritoras negras do Projeto Profundanças 3 pretendetensionar e discutir esses espaços de representação e autoria negra importantíssimos na agenda atual.

1. Fotografias , Poesias e Pertencimentos: O jogo da imagem na luta por existência literária

BARTHES (2022), em sua célebre obra sobre a fotografia – *A Câmera Clara* – nos convida a pensá-la do ponto de vista de quem a observa: o *spectator*. O autor destaca que algumas fotografias, a priori, o fazem experimentar uma relação de "*interesse particular*, um *afeto médio"* – o *studium* – e, a posteriori, o atravessam como uma flecha, como uma picada de ferimento, como algo que o convoca, o toca, o comove em sua plenitude da imagem – o *punctum*: "o *punctum* de uma foto é este acaso que, nela, *me punge* (mas também me modifica, me fere)" (BARTHES, 2022, p. 31).

Nessa perspectiva, este trabalho discute as fotografias das escritoras negras Jovina Souza[4] e Odailta Alves[5], em entrecruzamento com suas investigações poéticas, no projeto Profundanças 3. Trata-se de uma Antologia híbrida que se apresenta como espaço biográfico de representação e autorreferencialidade na luta por existência

literária frente ao discurso hegemônico.

O recorte de pesquisa, ora apresentado neste artigo, parte de duas autoras negras e nordestinas, as quais constroem seus lugares de autoria forjados em suas ancestralidades.

Essas escritoras apresentam-se em lugares afetivos de pertencimento, constroem uma trajetória literária de consciência racial e percepção das marginalidades que as atravessam, tentando provocar uma rasura no campo da literatura canônica branca e eurocentrada, subvertendo o fazer literário ao desconstruir esse cânone com seus corpos negros, periféricoseseu saber ancestral, em busca de uma humanidade, de uma existência enquanto mulheres negras e escritoras.

Vale apena destacar que uma das facetas do racismo colonial é o da desumanização dos corpos negros, sobretudo o da mulher negra, reduzida dentre outras formas à condição de mãe-preta (aquela que amamentava os filhos dos senhores de engenhos, sem contudo poder amamentar ou criar os seus); ou à da mulata (usada para satisfazer as necessidades sexuais dos senhores, às custas de muita violência e estupros).

---

[4]Jovina Souza é escritora baiana, graduada em Letras Vernáculas pela UFBA, especialista em Estudos Literários e Mestre em Teoria e Crítica de Literatura e Cultura. Criadora e professora de projetos identitários, é intelectual negra, poeta e contista.

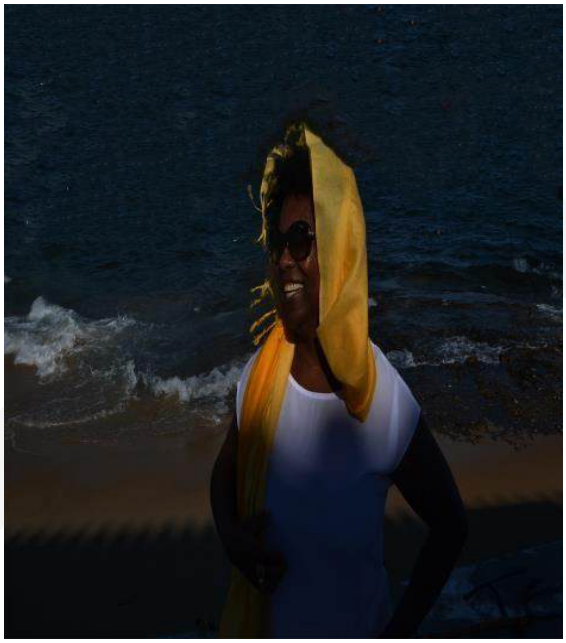
[5]Odailta Alves da Silva é escritora pernambucana, educadora, atriz e ativista dos Direitos Humanos. Doutora em Linguística pela UFPE, autora de webséries e roteirista, também atua em palestras antirracistas.

Coadunando com o pensamento de Barthes, as fotografias escolhidas aqui para a reflexão buscam construir no *spectator* uma consciência pela ocupação desses espaços de saber, historicamente negados a essas mulheres. Assim, elas se apresentam e se descrevem em suas poéticas, reivindicando lugares de representação:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

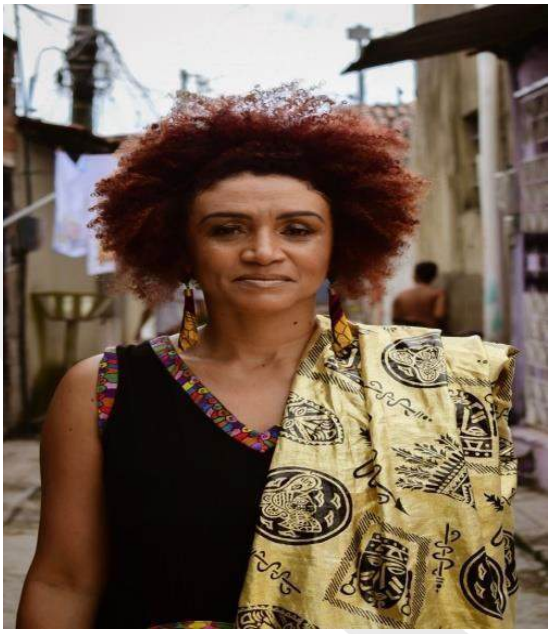
CONTATO
contato@enipel.com.br

Fotografia1–Jovina Souza



Fonte: Correia (2019)

Fotografia2- Odailta Alves



Fonte: Tenório (2019)

Jovina Souza

É desconforto querer declaração de amor
Se o racismo está em nossa língua.
Quero a escrita da palavra censurada
Em minha fala sim.
(SOUZA, 2019, p. 93)

Odailta Alves

Sou filha do Recife
Das senzalas dos tempos modernos
Não há união, aurora, soledade...
Essas vieram-me bem depois
Nasci dos meus becos sórdidos
E escapei entre as papoulas
Que enfeitaram meus cabelos.
(ALVES, 2019, p.138)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Jovina Souza, escritora baiana, escolhe ser fotografada perto das águas. Está vestida com uma blusa branca representando Oxalá, o grande orixá da criação, da paz e sabedoria. Sob sua cabeça um lenço amarelo, em homenagem a Oxum, mulher graciosa, elegante, deusa do amor e da fertilidade. Segundo a mitologia, Oxum é uma das esposas de Xangô e acreditava ser injusto que somente os orixás masculinos discutissem o que era bom para os seres humanos. Jovina contesta em sua poética o racismo e o lugar de fala das mulheres negras na escrita literária. Ao denunciar o racismo na língua, na base epistemológica do saber, reinventa um lugar de atuação político-crítico de mulher negra escritora que, assim como Oxum, disputa e se projeta para conquistar novos lugares de atuação.

Odailta Alves, escritora pernambucana, escolhe ser fotografada na periferia de suas origens, em Recife, Pernambuco. Não aquela apresentada nos versos cândidos de Manuel Bandeira, com sua nostalgia dos tempos felizes e simples de sua infância, mas o Recife dos tempos modernos, aquele não representado nos versos e sim nas páginas policiais. A autora veste uma blusa preta com detalhes coloridos, nos ombros um lenço de tom amarelo com detalhes africanos. Os brincos e os cabelos reforçam sua ancestralidade negra forjada nas entranhas da periferia e todos os seus processos de exclusão. Ela sobrevive às papoulas (flores que enfeitam seus cabelos), mas que também são frutos originários do ópio, fazem referência às drogas tão presentes nessas comunidades entregues à violência e ao descaso dos poderes públicos.

GALDINO (2019), escritora, idealizadora e organizadora do projeto, define o *Profundanças* como uma guerrilha literária, uma jornada de diálogos produzida a várias mãos, com a intenção de desconstruir imaginários de subalternização impostos às mulheres no campo literário. Desta forma esclarece:

> [...] a nossa tarefa transgressora é conectar diversas escritoras que também têm suas urgências literárias que não podem adiar o ato de lançar palavras ao mundo – sob pena de sucumbirem aos silenciamentos históricos e às tentativas de apagamento temos investido em antologias hibridas literárias e fotográficas justamente para mediar o acesso de leitoras/es/ys a visualidades contra-hegemônicas. Possivelmente nossas antologias têm

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> borrado os limites palavra-imagem na construção de sentidos literários (GALDINO, Daniela, 2019, p. 2).

A luta por visibilidade é um caminho ardiloso presente nas trajetórias das minorias étnicas que não são representadas no campo literário. Criar estratégias de combate e de enfrentamento não é tarefa fácil, entretanto é preciso vencer esses silenciamentos e buscar metodologias que possam romper as amarras das múltiplas opressões às quais estes grupos estão submetidos.

Conceber a literatura de mulheres como uma prática dissidente de guerrilha literária implica, para Galdino, criar métodos dinâmicos de mapeamentos que possam aproximar essas vozes desobedientes que lutam e resistem numa jornada frente ao mercado editorial excludente e branco. Profundanças 3 pelo seu caráter de Antologia Híbrida é fruto do uso da fotografia em entrecruzamento com a literatura não como recurso *acessório* ou *ilustrativo*, mas do ponto de vista da *autoria* e da *autorrepresentatividade*. Nessa lógica, a fotografia não está exercendo um lugar de descrição da escrita poética, mas coexiste com ela, se entrecruza, se fortalece e se potencializa. São obras que podem ser consideradas inespecíficas, na perspectiva da estética contemporânea defendida por Florencia Garramuño (2014), na qual há uma crise do pertencimento, já que:

> Na aposta no entrecruzamento de meios e na interdisciplinaridade, é possível observar uma saída da especificidade do meio, do próprio, da propriedade,do enquanto tal de cada uma das disciplinas, uma expansão das linguagens artísticas que desborda os muros e barreiras de contenção. (GARRAMUÑO, Florência, 2014, p. 15).

GARRAMUÑO (2014), em sua obra *Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea*, questiona a especificidade da linguagem artística

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

expandindo a noção de pertencimento. Ao analisar algumas obras de autores latino-americanos e percebendo seus desenquadramentos e horizontes impróprios de pertencimentos, percebe a literatura como um campo expandido, fora de si, aberto a tudo que pode transformá-la e potencializá-la. Assim, para a autora, sujeito, lugar, nação e linguagem são conceitos em constante transformação na contemporaneidade.

É fato que a literatura brasileira contemporânea sofre uma disputa de narrativas. As diversas epistemes que não tiveram lugar de fala e de representatividade no cenário nacional reivindicam espaços de atuação e existência, provocando tensões, rasuras e dissidências importantes para se pensar o conceito de literatura na atualidade.

SILVA (2018), na obra *Contemporaneidades Periféricas*, afirma que essa nova noção do contemporâneo, defendida por Garramuño, é importante para sistematizar a discussão em questão e considera um dos estudos mais completos por contribuir com uma inteligibilidade sobre o campo literário, mas acrescenta que tais estudos são insuficientes para incluir as produções estéticas que não fazem parte dos centros hegemônicos de produção artística e teórica no Brasil. O autor sinaliza, ainda, a importância de pensar a contemporaneidade não apenas do ponto de vista temporal, mas também territorial, concebendo os sujeitos, corpos, espaços de atuação, suas produções específicas, dentre outros. Dessa forma:

> A compreensão da crise pela qual passa o literário, para nós, deve buscar sua inteligibilidade em um escopo maior que as próprias mutações ocorridas, a partir de suas conexões interdisciplinares ou no interior de uma mesma linguagem, mas, sobretudo, no que a literatura ainda continua negando como literário. (SILVA, Jorge Augusto, 2018, p. 47).

O autor defende que a crise do pertencimento, no caso brasileiro, está exatamente no que ficou de fora da literatura, ou seja, subjetividades estéticas e literárias oriundas das classesmarginalizadas, cabendo à crítica literária, primeiramente, assumir que existe uma crise e construir novas perspectivas epistêmicas para dar conta desse universo literário que ora se apresenta, além de suas singularidades, vivências e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

pertencimentos, nos quais se enquadra a luta das escritoras negras por existência literária.

O entrecruzamento das linguagens é fruto dessas estéticas contemporâneas em que a fotografia e a literatura são pensadas neste artigo. Partindo de uma proposta interdisciplinar, as imagens em sua polissemia manifestam o fazer literário e seus elos identitários:

Fotografia3 – Existo e (Re) existo

Fonte: Correia (2019)

Jovina Souza

Não espero caminhos macios nesta lida, Assino a lista dos
meus valores e guardo Palavras de negras mulheres, vozes libertas juntas em mim.
(SOUZA, 2019, p. 93)

Nesta imagem, uma foto pessoal 3X4 está em destaque. Por traz dela um lenço

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

amarelo ajuda a destacá-la. Segura sob as próprias mãos negras da escritora, a foto representa uma identificação social padrão que a circunscreve como uma mulher preta, vestida conforme o padrão formal branco, exigido para um documento oficial. Uma blusa escura, lisa e composta, sob um fundo azul celeste, cores comuns nesse tipo de fotografia que evita detalhe, com a simples função de identificar, compor um documento formal que irá reconhecê-la como uma cidadã de direitos.Trata-se de uma foto aparentemente mais antiga, contudo, apesar de seguir todos os ritos exigidos pelo padrão branco, tais como cores, seriedade, tipo de roupa etc., algo transgride nessa imagem: o cabelo, que foge do padrão estabelecido e não se deixa enquadrar no modelo branco, resiste com a sua ancestralidade, é sua marca registrada, além de sua pele escura, marca de luta por existência no mundo. As mãos que seguram a foto com delicadeza são as mesmas guardiãs de ensinamentos e afetos de seus antepassados.

Os caminhos seguidos por esta mulher são tortuosos, íngremes, incertos e dolorosos. O que se destaca de fato nesta foto? Será o retrato, ou a energia vibratória que emana de suas mãos resistentes que a segura delicadamente? Será esse o punctum que Barthes nos alerta? Pouco importa! Na sua "*lista* de *valores guardados* estão as *vozes libertas de negras mulheres"* junto de si (p.93).

2. Escrevivências e Resistências: Por uma literatura sem filtros

Uma das grandes lutas das escritoras negras é a desconstrução de narrativas racistas e sexistas em relação ao seu fazer literário. A literatura de autoria negra tem resistido e se expandido por diversas áreas apesar de todo processo de marginalização e exclusão que desconsidera os autores e as autoras negros e negras como sujeitos de saber. O uso do termo literatura de autoria negra, ou literatura de autoria negra feminina partem do prossuposto das lutas e reivindicações do Movimento Negro Unificado (MNU) enquanto movimento sociopolítico de autoafirmação e consciência do ser negro. Ressignificar a humanidade assaltada pelo projeto colonial significa construir trajetórias

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

intelectuais e literárias de emancipação, visibilidade e denúncia em suas produções estéticas.

KILOMBA (2019) sinaliza sobre a necessidade da desconstrução do racismo cotidiano que atravessa os corpos negros passa pela transformação destes em sujeitos quando afirma que:

> Essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritor/escritora validada/o e legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer, fora nomeada. (Kilomba, 2019, p. 28).

Para Kilomba, falar por si, da sua própria perspectiva é um ato de resistência. O processo da escrita literária, nesta lógica, torna-se um espaço de apropriação de si, de tomada de consciência das múltiplas opressões aos quais são submetidos os corpos negros diante do racismo cotidiano. Ao narrar, as escritoras negras tornam-se protagonistas de sua própria história e percebem a sua realidade de um modo mais humano e legítimo, e, ao mesmo tempo, denunciam de forma contundente as tensões e aflições sofridas pela população negra e periférica. Deste modo, Odailta Alves, em suas escrevivências sobre o Recife, nos apresenta:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fotografia 4 – Caminhos, medos e afetos

Fonte: Tenório **(**2019)

Odailta Alves

Recife sem primaveras
Com um mau hálito
Que violenta meus sonhos de criança
Recife que vi bem de perto
Que nunca me plantou esperanças.
(ALVES, 2019, p.138)

Na foto, a imagens da escritora caminhando entre 7 crianças na periferia do Recife, lugar de sua infância. As 7 crianças nos lembra as histórias dos *ibejis* (os filhos gêmeos de Xangô que o ajudaram a pregar uma perça em Exu por roubar sua comida todos os dias no palácio, fazendo Exu dançar sem para). O caruru dos 7

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

meninos é uma tradição sincretizada com os santos católicos Cosme e Damião festejada todos os anos.

No poema, Odailta fala da cidade do Recife sem *igrejas barrocas, teatros nem praças floridas,* o Recife das margens, esquecido entre a *violência e as drogas*. Não aquele Recife contado pelo poeta Manuel Bandeira em sua evocação, mas o Recife dos esquecidos, "*de alma desasfaltada que pulsa por trás do Shopping Center"*(p.138).

Ela veste um vestido vermelho longo com um desenho de pássaro na parte inferior. Seu passo é delicado, carinhoso, sua mão direita acaricia a cabeça de um menino negro. Seria seu filho? Seria a representação de sua infância simples, de lugares sem atrativos, mas onde os afetos e a delicadeza também resistem? Alguns meninos, do lado esquerdo, caminham descalços e sem camisa, com shorts de cores alegres, aparentemente perto de suas casas em busca de brincadeiras infantis para se divertirem. Do lado direito, 3 crianças calçadas e vestidas. Duas meninas deste mesmo lado seguem seus passos. Uma Recife simples, de ruas estreitas, gente acolhedora, de casas populares, quase sem reboco e pouca pintura. Seu olhar gentil direcionado às crianças negras, contradiz o Recife "*que não planta muitas esperanças, que mata mais que o sertão e que só era doce nas festas de São Cosme e São Damião.* (p.138).

Os versos de Odailta se entrecruza com o *Escreviver, escrever se vendo, viver*, termos que Conceição Evaristo (2020) lapidou até chegar à escrita contaminada por sua condição de mulher negra, da qual o social e o ficcional não conseguem se desvencilhar, essa escrevivência que emerge exatamente:

> "[...] de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. E que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade". (EVARISTO, Conceição, 2017, p. 38).

A condição da mulher negra escritora é transpassada por caminhos tortuosos, de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

labuta diária por existência, valorização das suas estéticas e experimentações literárias. A arte que representa a realidade de uma comunidade que sofre diariamente os males do racismo e da discriminação. A ausência do Estado e o medo de sucumbir às demandas de uma sociedade que insiste em silenciar suas vozes são um convite ao aniquilamento de sua subjetividade. A escrita, nessa perspectiva, não representa um único indivíduo, mas a luta de um povo, de uma descendência africana que sofre o trauma vivido por seus ancestrais – as memórias da plantação.

KILOMBA (2019) analisa o racismo cotidiano como uma reencenação colonial, uma ação atemporal que atravessa o tempo, assombra o sujeito negro conduzindo-o a um trauma que emerge do mundo branco e de sua forma de forjar a identidade negra dentro de uma perspectiva inferior e subalterna. Reescrever essas histórias, de dentro do lugar marginalizado da periferia representa uma tomada política de enfrentamento a essas opressões. A poética das escritoras escolhidas para esse trabalho se apresenta, nesta lógica, como um ato político de enunciação. Para descolonizar esse "eu" é preciso reescrever essas histórias coletivas, criar espaços de fortalecimento e de visibilidades dessas mulheres autoras para que a ocupação desses espaços hegemônicos seja possível.

Rasurar essa estética eurocentrada, composta por lugares de enunciação das elites epistêmicas, é uma labuta diária enfrentada por essas escritoras negras. São elas que lutam por espaço e visibilidade, reinventam modos de agenciar suas performances artísticas, reprojetam suas imagens através das redes sociais e reinauguram um espaço biográfico de representação literária frente ao racismo epistêmico, que insiste em se retroalimentar e negar sua participação no campo do saber. Rasurando esses espaços, elas se autorrepresentam, com novos modos de organização e métodos de guerrilha que as promovem enquanto mulheres negras escritoras.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

A produção literária contemporânea sofre uma disputa de narrativas. A luta por lugares de existência e por possibilidades de enunciação legítimas é um dos conflitos que emergem dessa guerrilha literária, por isso a importância de projetos independentes que tenham por escopo visibilizar subjetividades que foram excluídas dos processos de formaçãoe consolidação do saber. Nesta perspectiva, trabalhos como o Profundanças se inserem como uma práticas desobediente e dissidente em busca de uma mudança de cenário que possa contemplar essas minorias em suas diversidades e multiplicidades.

Pensar a literatura brasileira na perspectiva das escritoras negras não consagradas pelo grande mercado editorial significa romper uma barreira de silenciamento e alijamento que se estende por anos a fio. A produção de uma antologia de caráter híbrido que atravesse a fotografia com a experimentação literária dessas autoras torna-se o grande diferencial desse projeto expandido que transgride o literário e o percebe de pontos de vistas desconfortáveis, incertos e de resistência.

O presente artigo partiu do recorte das escritoras negras Jovina Souza e Odailta Alves, fotografadas pelos fotógrafos Tom Correia e Nathália Tenório, no Projeto Profundanças 3, considerando o lugar de fala como espaço de representatividade, autorreferencialidade, escrevivência e de existência enquanto sujeitos do saber. Desconstruir esse olhar eurocentrado e universal faz parte desse projeto que pensa a literatura para além do centro e das próprias margens que a circunscreve, uma literatura que não tem lugar em si mesmo, mas que se expande para fora de si.

Referências

ALVES, Odailta. Evocação do Recife n º 2 (Que Manuel Bandeira me perdoe mas também...).*In*:_____Profundanças 3: antologia literária e fotográfica. Ipiaú-BA: Voo

Audiovisual, 2019. Disponível em: https://profundanças.com/wp-content/uploads/2022/04/Profundanças3.pdf. Acesso em 27 de junho. 2023.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: Notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. O lugar da fala. *In*:__. Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado. Vinhedo: Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. Depoimento Escrevivências – Conceição Evaristo no Programa Tv Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY. Acesso em: 17 julho. 2023.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.13, n.25,pp. 17-31, 2º Ed., 2009.

GALDINO, Daniela (org.). Profundanças 3: antologia literária e fotográfica. Ipiaú-BA: VooAudiovisual, 2019. Disponível em:https://profundancas.com/wp-content/uploads/2022/04/Profundancas3.pdf. Acesso em: 27 junho.2023 mês 2023.

GALDINO, Daniela; MATOS, Elisiane Santos de. Entrevista com Daniela Galdino: estética literária e fotográfica em diálogo – uma encruzilhada epistemológica. Revista Linha d'Água: São Paulo. v. 35 n. 3 (2022): Estudos comparativistas – Literatura comparada & estudos interartes. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/205090. Acesso em: 12 junho. 2023.

GARRAMUÑO, Florencia. Práticas de impertinência: A literatura fora desi. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. São Paulo: Rocco, 2014.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano; tradução Jess Oliveira. – 1 ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVA, Jorge Augusto. Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso.Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.SOUZA, Jovina. Seguindo as mais velhas. *In:* Profundanças 3: antologia literária e fotográfica. Ipiaú-BA: Voo Audiovisual, 2019. Disponível em:https://profundancas.com/wp-content/uploads/2022/04/Profundancas3.pdf. Acesso em: 27junho. 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"*EL RASTRO DE LA LLORONA*" NAS CANÇÕES DO POPULAR MEXICANO

Maria Talita Rabelo Pinheiro[245]

Nerivaldo Alves Araújo[246]

Resumo: O artigo analisa a importância da canção popular mexicana *La Llorona*, figura mitológica e lendária explorada em suas múltiplas representações, com ênfase em 2 versões interpretadas pela renomada cantora Chavela Vargas, que ganharam as telas tanto do cinema quanto do *streaming*. Esta intérprete trouxe força e emoção à personagem, destacando sua presença em diversas esferas da vida dos mexicanos e sua relevância cultural e emocional. Além das canções, houve a coleta das estrofes da coleção *Cancionero Folklórico de México* que traz uma possível alusão de onde provavelmente essas estrofes usadas nas canções teriam vindo. A música é reconhecida por suas inúmeras versões, sendo interpretada por diversos artistas ao longo do tempo. O texto ressalta a natureza dinâmica e em constante evolução da canção, enfatizando que, apesar das variações nas letras, a melodia permanece como um elemento unificador. Além disso, a obra destaca a influência de Chavela Vargas na música latina e sua contribuição para a preservação e disseminação da cultura folclórica mexicana. A análise conclui que *La Llorona* transcende gerações, mantendo-se como uma referência emocional e cultural na música folclórica, influenciando e emocionando audiências em todo o mundo.

Palavras-chave: *La Llorona*. Chavela Vargas. Canções populares. *Cancionero Folklórico de México.*

Introdução

La Llorona é uma daquelas canções populares que se tornou um hino da cultura mexicana e que transcendeu através das gerações. Faz parte da tradição folclórica do México e embora possa parecer incrível, não possui uma letra fixa, portanto existem diferentes versões, centenas de versões, executadas por vários artistas, e é isso que a torna tão especial. Uma canção popular que muitos músicos criaram com dísticos (poesia de dois

[245]Doutoranda em Estudo de Linguagens -PPGEL. Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
[246]Doutor/Orientador e Professor Adjunto e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

versos), adicionando-os as letras, tornando-a uma canção imperecível, em constante mudança e que continua nos emocionando até hoje.

A intenção deste artigo é mostrar como a mitológica e/ou lendária figura de *La Llorona* está presente em todas as esferas da vida dos mexicanos, com destaque e para a canção popular, com várias versões a ela destinada. Canções populares que se tornaram marcos da cultura e cultura popular mexicana e que transcenderam as gerações. E o que chama a atenção é que essas letras da canção popular não possuem uma letra fixa, acarretando em muitas versões, no entanto acima de todas elas está a de Chavela Vargas, intérprete que trouxe força a essa personagem. Serão analisadas duas versões interpretadas pela cantora, que além de ganhar espaço no meio musical, levou *Llorona* para as telas do cinema mundial e também para o *streaming*.

As canções não são cantadas apenas no *Istmo de Tehuantepecde*, na cidade de Oaxaca, onde, aparentemente se originaram, mas também por todo o território mexicano e a nível mundial (EL UNIVERSAL, 2019). Sua popularidade não parece ter diminuído com o tempo, pelo contrário, aumentou. Apesar de sua ampla distribuição, o mistério permanece sobre o título da música. Quem é essa *Llorona* a quem os cantores e as letras se dirigem? O cantor, de quem fala com o tom de admiração muitas vezes hiperbólica, com quem reclama de suas tristezas amorosas? As explicações oferecidas são muitas e variadas, das quais relacionam-nas com o mito colonial ou a lenda de *La Llorona*, que sai para as ruas para exigir que a noite devolva seus filhos perdidos.

As versões dos relatos de *La Llorona* contam na maioria das vezes a história de uma mulher que vagueia chorando por diversos lugares, perto de rios, florestas e cidades, em pena devido a uma desgraça, com o grito, “Aiiiii!!! Meus filhos, que será de vocês?” ou “Aiiiii!!! Meus filhos! Onde estarão os meus filhos?”. A frase em si pode ser vista com alguma alteração, mas sempre com um ar de uma desesperada súplica na busca de seus filhos. Este ser, também chamado de “a mulher que chora”, é a representação de um fantasma feminino, que na maioria das versões aparece de branco, cabelos negros, longo e bagunçado, que aparece durante a noite clamando em busca de seus filhos, geralmente em

lugares ligados à água, mas também podemos identificar em alguns casos que ela aparece em encruzilhadas ou estradas.

Esse grito desesperador é comentado desde a época pré-colombiana, sendo direcionado à deusa *Cihuacóalt*, grande deusa da fertilidade de *Tenochtilán*, que anunciou o fim do povo Asteca, com a chegada dos europeus. Este mesmo grito é destinado às noites assombradas do período colonial mexicano, em que se dizia que uma mulher louca de paixão, louca por ter sido traída e abandonada, entrou em insanidade e acabou matando seus filhos afogados. Em algumas versões, ela claramente comete suicídio ao perceber o que tinha feito, em outras, ela some em busca de seus filhos dentro da mata ou do rio, mas o que todas têm em comum é que ela se transforma em um espírito em pena e amaldiçoado.

González Obregón, grande historiador mexicano do século XX, nos traz muitos esclarecimentos em seu livro *Las calles de México, Leyendas y sucedidos*, publicado pela primeira vez em 1922, no qual foca nas lendas existentes na Cidade do México durante a era da Nova Espanha; em vários casos, o autor faz uma investigação para realmente saber o que aconteceu de acordo com a documentação existente na época, e em uma de suas abordagens explana as possíveis origens desse tão forte mito *La Llorona* para o povo Mexicano, seguindo o caminho dos autores anteriores.

Em sua obra narra que em meados do século XVI, houve alguns anos em que os vizinhos da Cidade do México acordavam à meia-noite, quando havia lua cheia, assustados por longos gemidos lançados por uma mulher, a quem ele sem dúvida afligia uma tremenda dor física ou um tormento de uma grande dimensão. O lamento era tão tétrico, que parecia vir do mundo dos mortos. Então, uma mulher de aproximadamente 30 anos estava aparecendo. O autor apresenta em sua obra:

> A mulher usava um vestido muito branco e um véu grosso branco cobria seu rosto. Com passos lentos e silenciosos percorreu muitas ruas da cidade adormecida, cada noite diferente, embora sem perder nenhuma, até à Plaza Mayor, onde o seu rosto velado voltou-se para o oriente, ajoelhada, dava o último lamento angustiado e lânguido; levantando-se, continuou com passo lento e deliberado em direção ao mesmo curso, quando alcançou as

> margens do lago salobro, que na época penetrava em alguns bairros, como uma sombra desbotada (OBREGÓN, 1922, p. 21, tradução nossa) [247].

A relação entre a música e a lenda/o mito é incerta, a história de *La Llorona* é de amor e dor, perdão e condenação, representativa da música tradicional. São numerosos os músicos que acrescentaram versos que permaneceram ao longo do tempo. De acordo com Flora Botton-Burlá (1992, p.552) "É verdadeiramente surpreendente o número de estrofes que tem essa música. Diz-se (rumor popular de origem indefinida, como todo mundo) que tem 200 ou até 300 dísticos, mas [...] não consegui encontrar ninguém que conhecesse todos eles".

A pesquisadora conseguiu reunir 121 estrofes sobre *La Llorona* em seu texto "*Las coplas de 'La Llorona'*", a maioria dos quais foram retirados da coleção em 5 volumes[248] do *Cancionero Folklórico de México*, que foram textos compilados e editados por pesquisadores do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do "*El Colegio de México*", sob a direção de Margit Frenk Alatorre[249]. Essa coleção buscou reunir um compacto e organizado da riqueza da poesia lírica popular mexicana do nosso tempo. O propósito era coletar o maior número possível de textos e sistematizá-los de forma a se ter uma ideia global dessas poesias tradicionais populares**.**

"Las Canciones" e "El Cancionero Folklórico de México"

[247] *Vestía la mujer traje blanquísimo, y blanco y espeso velo cubría su rostro. Con lentos y callados pasos recorría muchas calles de la ciudad dormida, cada noche distintas, aunque sin faltar una sola, a la Plaza Mayor, donde vuelto el velado rostro hacia el oriente, hincada de rodillas, daba el último angustioso y languidísimo lamento; puesta en pie, continuaba con el paso lento y pausado hacia el mismo rumbo, al llegar a orillas del salobre lago, que en ese tiempo xpenetraba dentro de algunos barrios, como una sombra se desvanecía* (OBREGÓN, 1922, p. 21).

[248] v. 1: *Coplas del amor feliz*, 1975; v. 2: *Coplas del amor desdichado y otras coplas de amor*, 1977; v. 3: *Coplas que no son de amor*, 1980; v. 4: *Coplas varias y varias canciones,* 1982; v. 5: *Antología, glosario e índices*, 1985.

[249] Filóloga, folclorista e tradutora germano-mexicana. Ela é Numerária Acadêmica da Academia Mexicana de Línguas desde 1993. Doutora Honoris Causa pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As narrativas, poesias, canções que compõe o popular de tradição oral se modificam com a pluralidade dos povos, com as diferentes identidades dessas nações, dependendo de suas características étnicas, culturais, nacionais, religiosas, sociais, de gênero, ideológicas, dentre outras. Segundo Araújo (2015, p. 119) é a diversidade cultural que faz surgir a poética popular "fiel ao seu povo, às suas tradições, aos seus costumes, constituindo-se como um espaço de memória, de saberes, que permite a perpetuação de um povo e de sua cultura no decorrer dos tempos". Ainda de acordo com o autor essa seria a força da poética, da resistência em uma sociedade que está em constante mudança, "logo, essa é uma poesia que sobrevive em meio às tradições de um povo, numa espécie de movência que se traduz em um processo de consolidação da memória, o qual se implica na repetição, na criação e recriação constante" (ARAÚJO, 2015, p. 117).

Ao levar em conta o estudo da cultura e da cultura popular, Ortiz (2003) em seu trabalho tece uma reflexão de que a cultura é vista como um texto amplo e contínuo, composto de camadas que se sobrepõem a todo instante, trocando informações e construindo novos textos. É algo dinâmico, que se estabelece de forma política e consciente. O autor quando se refere a cultura popular afirma que ela deve ultrapassar a barreira da assimilação com a tradição e ir mais além, emaranhando-se com ideia de conscientização, de ação política, de crenças, valores e posicionamentos que representem o povo, já que "'Cultura Popular' não é, pois, uma concepção de mundo das classes subalternas [...] nem sequer os produtos artísticos elaborados pelas camadas populares, mas um projeto político que utiliza a cultura como elemento de sua realização" (ORTIZ, 2003, p. 72).

Ao escutar as músicas destinadas a *La Llorona*, que existem a séculos, costumeiramente cantadas em dísticos e quem quiser conhecer as letras populares do México terá que percorrer todos esses textos, e mesmo assim não conseguirá ter uma ideia completa, já que muitas músicas nunca foram impressas, e nem com as impressas isso será conseguido, dada a dispersão dos materiais, o que se pode ter é uma visão orgânica e global. O *Cancioneiro Folclórico do México* reúne quase dez mil dísticos, das quais 121 são sobre *La Llorona* como mostra a pesquisa de Botton-Burlá, sendo a maior amostra de letras

tradicionais mexicanas do século XX. Em cinco volumes, a obra, publicada entre 1975 e 1985 permite o acesso a um repertório sistematicamente organizado, reunindo fontes muito diversas: obras impressas, tanto científicas como populares, manuscritos e fonogramas comerciais, fitas sonoras devido a compilações de campo e ao conhecimento da grande equipe de trabalho que participou ao longo de três décadas, sob a coordenação de Margit Frenk Alatorre.

Apresentaremos a seguir duas canções destinadas a *La Llorona*, interpretadas pela voz de Chavela Vargas, que gravou várias versões sobre o mesmo ser que chora, e suas interpretações da música continuam a ser uma das mais memoráveis e reverenciadas na música mexicana. Ela canta sobre essa mulher em pena desde a década de 50. A interpretação de Chavela Vargas de *La Llorona* é conhecida por serem intensas e apaixonadas. Sua voz rouca e profunda transmite a emoção e a dor presentes nas letras das músicas. Chavela contribuiu significativamente para a preservação e popularização de canções folclóricas mexicanas, tornando-se uma das artistas mais respeitadas do país. Com essa intérprete a canção também ganhou as telas e correu o mundo sendo parte da trilha sonora de grandes produções.

Chavela Vargas

Isabel Vargas Lizano, ou simplesmente Chavela Vargas, é considerada por muitos como a mais importante voz feminina da tradição rancheira mexicana, tradição tipicamente masculina ligada aos charros (vaqueiros) e mariachis. Nascida em 17 de abril de 1919, foi uma cantora e compositora costa-riquenha-mexicana que se tornou uma figura lendária na música latino-americana. Começou sua carreira nos anos 1950, e sua abordagem única para a música tradicional mexicana a destacou. Sua voz rouca e emocional, combinada com sua presença magnética no palco, conquistou fãs e críticos ao longo dos anos. Além de *La Llorona*, ela interpretou e popularizou muitas outras canções do folclore mexicano,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

contribuindo significativamente para a preservação e revitalização desse rico patrimônio musical.

La Llorona é uma das músicas folclóricas mexicanas mais emblemáticas, e a interpretação de Chavela Vargas a tornou ainda mais notável. A canção conta a história de uma mulher que lamenta a perda de seu amante, muitas vezes misturada com elementos folclóricos e lendas mexicanas. A música é conhecida por suas letras melancólicas e evocativas, e Chavela Vargas conseguiu transmitir a emoção crua e a intensidade da narrativa por meio de sua interpretação apaixonada.

Segundo uma reportagem de 2022 da *Corporación de Radio y Televisión Española* (RTVE.es, tradução nossa) sobre a relação de Chavela Vargas com a canção de *La Llorona* "O compositor mexicano Andrés Henestrosa disse que a ouviu pela primeira vez em 1941 e [Chavela Vargas] depois a popularizou. Chavela Vargas gravou pela primeira vez em 1958"[250]. Teve interpretações incríveis com diversos artistas, porém foi com a voz de Chavela que a música se disseminou. O verdadeiro autor da canção permanece uma grande incerteza, ainda é um mistério de onde vem a letra, e sobretudo porque se tornou uma das canções mais populares do mundo. Ainda segundo a mesma reportagem "na verdade, é uma música com 500 versões. Uma canção popular que muitos músicos criaram com os dísticos que adicionaram. Estamos falando de uma canção eterna" [251].

Chavela Vargas cantou *La Llorona* de várias formas, existe milhares de estrofes que pertencem a tradição popular e ela as usou em suas interpretações. "A escolha de uma música como parte de um repertório não é um acontecimento fortuito e menos ainda quando é repetida ao longo de mais de cinquenta anos. *La Llorona* também foi a música com a qual Chavela Vargas encerrou seus shows" (ARECHABALA, 2016, p. 65-66).

---

[250] *El compositor mexicano Andrés Henestrosa dijo que la escuchó por primera vez en 1941 y después la popularizó. Chavela Vargas la grabó por primera vez en 1958.*

[251] *En realidad, es una canción con 500 versiones. Un tema popular que muchos músicos han hecho suyo con coplas que han ido añadiendo. Hablamos de una canción eterna*.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Analisaremos duas dessas variações. As estrofes das letras dessas canções podem ser encontradas na coletânea *Cancionero Folklórico de México*, nos volumes 1, 2 e 4. Para melhor organização e visualização, foi criada uma tabela com as informações e coletas da canção, tanto cantada por Chavela, como as estrofes encontradas no Cancioneiro. Na primeira coluna está a canção interpretada por Chavela Vargas, na segunda coluna estão as estrofes colhidas pelos pesquisadores em seu trabalho de investigação para a construção da coletânea *Cancionero Folklórico de México*, e na terceira coluna o número da estrofe, volume e os dados colhidos de onde provavelmente essas estrofes vieram ou foram vistas pela primeira vez, de acordo com os pesquisadores.

Letra 1

Não se sabe exatamente quando Chavela cantou essa versão da música pela primeira vez, ou pelo menos até onde essa pesquisa conseguiu ir não foi encontrado o "quando". Ela pode ser vista e ouvida no filme "Frida" (2002) protagonizada por Salma Hayek, dirigida por Julie Taymor, em que Chavela Vargas, já com 83 anos, fez uma participação especial no longa-metragem, em que interpreta a canção no filme, em uma taberna para a própria personagem da Frida (Figura 1)[252]. Chavela e Frida tinham uma relação muito próxima de amizade e quando mais jovens, tiveram uma relação para além da amizade, uma admiração que permaneceu entre as duas, ao longo de suas existências.

[252] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kqUSiM-BU_4 . Acesso em 28 dez. 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 1: Chavela Vargas – Filme Frida

Fonte: https://calle2.com/chavela-vargas-uma-novela-musical/

LA LLORONA INTÉRPRETE: CHAVELA VARGAS	CANCIONERO FOLKLÓRICO DE MÉXICO – VERSOS	CANCIONERO FOLKLÓRICO DE MÉXICO – DADOS
Todos me dicen el negro, Llorona Negro pero cariñoso (2x) Yo soy como el chile verde, Llorona Picante pero sabroso (2x)	Todos me dicen el negro (Llorona), negro pero cariñoso; yo soy como el chile verde (Llorona): picante pero sabroso. [“La Llorona”, “La Zandunga”, Estrofa suelta]	Estrofe 3987 (v. 2, 1977, p. 182) Nota: I. “La Llorona I”, A: 1959, Cintas Colegio.
Ay de mi llorona, llorona tu eres mi xunca (2x) Me quitaran de quererte llorona pero de olvidarte nunca (2x)	¡Ay de mí!. Llorona, Llorona, tú eres mi shunca; me quitarán de quererte (Llorona), pero de olvidarte, nunca. [“La Llorona”]	Estrofe 1875 (v. 1, 1975, p. 245) Nota rodapé: “La Llorona 1” Oaxaca (Oaxaca),1965, Cintas Colegio.
Ay de mí, Llorona Llorona Llorona, llévame al río (2x) Tápame con tu rebozo, Llorona Porque me muero de frío (2x)	¡Ay de mí!. Llorona, Llorona, llévame al río, tápame con tu rebozo (Llorona), porque me muero de frío. [“La Llorona”, “La Petenera”,	Estrofe 1439 (v. 1, 1975, p. 185) Nota: Oaxaca (Oaxaca), 1965,

	Estrofa suelta I	Cintas Colegio
Si porque te quiero quieres, Llorona Quieres que te quieres más Si ya te he dado la vida, Llorona ¿Qué mas quieres? ¿Quieres más? **Fonte:** https://genius.com/Chavela-vargas-la-llorona-lyrics	Si porque te quiero, quieres (Llorona) quieres que te quiera más, te quiero más que a mi vida (Llorona): ¿qué más quieres?, ¿quieres más? [“La Llorona”, “Que comienzo que comienzo”, “La Sanmarqueña”, Estrofa suelta]	Estrofe 351 (v.1, 1975, p.45) Nota: Oaxaca (Óaxaca), 1965, Cintas Colegio.

Letra 2

Já a segunda versão da canção, trazida neste artigo, foi gravada no álbum de 1961 (Figura 2), e aparece na série “Wednesday” (2022) na plataforma de *streaming* Netflix, temporada 1, episódio 1, protagonizada por Jenna Ortega (Figura 3), dez anos após a morte de Chavela Vargas, que partiu em 2012, aos 93 anos.

Figura 2: Álbum de 1961

Fonte: https://maquinadeescrever.org/2018/06/23/100-discos-daqueles-que-nao-costumam-aparecer-nas-listas-chavela-vargas-1961/

Figura 3: Wednesday (2022) -Série Netflix

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=nXmlJrqCqTo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LA LLORONA INTÉRPRETE: CHAVELA VARGAS	**CANCIONERO FOLKLÓRICO DE MÉXICO – VERSOS**	**CANCIONERO FOLKLÓRICO DE MÉXICO – DADOS**
No sé qué tienen las flores, llorona Las flores del camposanto (2x) Que cuando las mueve el viento, llorona Parece que están llorando (2 x)	No sé qué tienen las flores (Llorona), las flores del camposanto, que cuando las mece el viento (Llorona) parece que están llorando. ["La Llorona"]	Estrofe 9032 (v. 4, 1982, p. 66) Nota: México (Distrito Federal), 1963, tradición oral.
Ay de mí, llorona Llorona, tú eres mi chunca (2x) Me quitarán de quererte, llorona Pero, de olvidarte, nunca (2x)	¡Ay de mí!. Llorona, Llorona, tú eres mi shunca; me quitarán de quererte (Llorona), pero de olvidarte, nunca. [“La Llorona”]	Estrofe 1875 (v. 1, 1975, p. 245) Nota rodapé: “La Llorona 1” Oaxaca (Oaxaca),1965, Cintas Colegio.
A un Santo Cristo de fierro, llorona Mis penas, le conté yo (2x) Cuáles no serían mis penas, llorona Que el Santo Cristo lloró (2x)	A un Santo Cristo del Istmo (Llorona) mis penas le fui a contar; ¡cuáles no serían mis penas (Llorona), que el santo quiso llorar! [“La Llorona”]	Estrofe 3448 (v. 2, 1977, p. 95) Nota: México (Distrito Federal), 1963, tradición oral.
Ay de mí, llorona Llorona de un campo lírio (2x) El que no sabe de amores, llorona No sabe lo que es martírio (2x)	¡Ay de mí, Llorona! Llorona de un campo lirio; el que no sabe de amores (Llorona) no sabe lo que es martirio. [“La Llorona”]	Estrofe 4600a (v. 2, 1977, p. 282) Nota: A: Juchitán (Oaxaca), Henestrosa 1964..
Dos besos llevo en el alma, llorona Que no se apartan de mí (2x)	Dos besos llevo en el alma (Llorona) que no se apartan de mí: el último de mi madre (Llorona)	Estrofe 1971 (v. 1, 1975, p. 257)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

El último de mi madre, llorona Y el primero que te di (2x)	y el primero que te di, [“La Llorona”, “La Petenera”, “Petrona”]	Nota: 1963 tradición oral.
Ay de mí, llorona Llorona, llévame al río (2x) Tápame con tu rebozo, llorona Porque me muero de frío (2x) **Fonte**: https://www.letras.com/chavela-vargas/399792/	¡Ay de mí!. Llorona, Llorona, llévame al río, tápame con tu rebozo (Llorona), porque me muero de frío. [“La Llorona”, “La Petenera”, Estrofa suelta I	Estrofe 1439 (v. 1, 1975, p. 185) Nota: Oaxaca (Oaxaca), 1965, Cintas Colegio

Ainda existem outras versões interpretadas por Chavela Vargas, pois a sua relação com *La Llorona* não era apenas profissional, mas aqui optamos por trazer as versões que foram parar nas telas e que alcançaram o maior público. Chavela se identificava pessoalmente com a música e sua temática, o que adicionava uma camada extra de autenticidade às suas apresentações. Ao longo de sua carreira ela selecionou diferentes estrofes, mas nas versões aqui apresentadas foi especialmente consistente em duas delas, canções essas que sua voz fez ecoar, já que aparecem para o público mundial, com o longa “Frida” e a série de *streaming* “Wednesday”.

As duas estrofes que se repetem nas 2 versões da canção entonam súplicas:

ESTROFE 1	**ESTROFE 2**
Ay de mí, llorona Llorona, tú eres mi chunca (2x) Me quitarán de quererte, llorona Pero, de olvidarte, nunca (2x)	Ay de mí, llorona Llorona, llévame al río (2x) Tápame con tu rebozo, llorona Porque me muero de frío (2x)

“*Ay de mí, Llorona*” inicia as 2 estrofes, o “*ay*” que, além de apelar ao interlocutor, expressa alguma sensação repentina, um chamamento ou um sentimento muito vívido. Uma interjeição, que mesmo sendo uma palavra única, é uma frase independente, comunica um

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

significado completo que foi criado para expressar alguma emoção: uma exclamação de dor, de súplica, de surpresa, de hesitação, expressando desamparo, passando um sentimento de desespero.

Uma frase que se repete em diversas estrofes da música "*Ay de mi*", encurta e omite a menção aos "filhos" da deusa *Cihuacóalt* em sua tarefa de alertá-los do perigo de um genocídio. Ou a frase de uma mulher em busca de seus filhos nas águas em que os matou. É a frase mais clássica quando se conhece a personagem dessa "mulher que chora" e aparece muito tanto nas versões apresentadas de Chavela Vargas como nas 121 estrofes trazidas no *Cancionero* Folklórico de México. Uma frase em primeira pessoa apresentando alguma queixa, que a princípio não é revelada, mas com o passar dos versos, vão sendo reveladas.

Os próximos versos da estrofe 1 não são emitidos pela *Llorona*, e sim por alguém que tem sentimentos por ela, que a admira "*Llorona, tú eres mi chunca*", *Llorona* tu és essa mulher, essa jovem mulher. A palavra "chunga/shunga/xunga" segundo "Stack Exchange" não existe na língua espanhola, mas ela provavelmente tem "origen zapoteco istmeño", sendo entendida por mulher jovem, a mais nova da família, em um sentido carinhoso, minha pequena, apaixonante. Já nos versos "*Me quitarán de quererte, Llorona / Pero, de olvidarte, nunca*", esse amor ou relação se mostra impossível, proibida. Algo ou alguém empata essa relação, proíbe essa aproximação, porém mesmo com essa proibição é manifestado que é impossível esquecê-la. Quanto à poética do sofrimento nos versos de *La Llorona*, deve-se notar que, embora a paixão do amor se manifeste em torno de motivos tão diversos como a nostalgia, é notado a identificação entre amor e sofrimento ou o choro como cura para males amorosos.

Na estrofe 2 os versos "*Llorona, llévame al río / Tápame con tu rebozo, Llorona*", quem a emite também não é a *Llorona*, mas sim quem a desafia na penúria e na dependência originária do filho, que depois do lamento, emite um pedido dirigido a quem parece ser capaz de prestar a ajuda solicitada, pois segundo a lenda *La Llorona,* ela procura seus filhos desaparecidos nas águas. Os rios onde *La Llorona* costuma aparecer, local onde ela afogou seus filhos e por onde ele vagueia em sua busca. Um lugar que tem cargas

opostas, de nascimento através do simbolismo da água e destruição através do assassinato. Alguns pedidos caracterizam que *La Llorona* é uma figura poderosa, que pode sanar a reclamação de quem a chama, que pode proteger e dar abrigo diante do frio que mata "*Porque me muero de frío*", representando a manifestação de alguém diante de uma adversidade, suplicando sua presença.

Apesar desta canção ter várias versões diferentes, não só as de Chavela Vargas, existem estrofes que variam de versão para versão nas canções, apesar de algumas se manterem, e um fator determinante que marca que toda essa diversidade de variações fala de uma mesma canção é a melodia, ela se mantém. Margit Frenk Alatorre (1975, p. xix, tradução nossa) afirma "Como a maioria das músicas carece de unidade literários e não possuem repertório estável de estrofes, é impossível apresentar os textos das músicas de forma organizada"[253]. A tradição está precisamente viva porque ocorre uma transferência contínua e variação de elementos, ´pois "A variação é um processo de criação: significa apropriação e recriação de procedimentos e estruturas literárias orais em uma experiência cotidiana e vivida" [254] (PELEGRÍN, 1984, p.13, tradução nossa).

Considerações finais

La Llorona, para a cultura mexicana, é um ser que está presente em todas as esferas. Olhar para trás, lembrar, converter essas memórias, convocar os eventos históricos, comunitários e gerais que afetou cada vida particular, para fixá-los em uma narração, seja oral, escrita ou visual. E essa música que sem dúvida transmite amor e dor está presente nessa transmissão. A partir dessa canção podemos pensar a dinâmica da tradição e mostrar como, nas formas genuinamente orais e populares, não existe um único texto criado por um

[253] *Como la mayoría de las canciones carecen de unidad literaria y no tienen un repertorio estable de estrofas, es imposible presentar los textos de las canciones en forma organizada.*

[254] *La variación es un proceso de creación: significa apropiación y recreación de procedimientos y estructuras literarias orales em una experiencia cotidiana y vivida*.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

autor ao mesmo tempo, mas sim múltiplas versões de uma hipotética forma ideal, produto da contribuição de muitos criadores ao longo do tempo.

Não existe, portanto, uma versão original, mas sim várias versões ou atualizações. E com a contribuição de Chavela Vargas para a música mexicana e sua influência na cena artística que vai além de seu talento vocal, incluindo seu estilo de vida ousado e sua coragem ao desafiar as convenções sociais. Chavela Vargas deixou um legado duradouro na música latina e é lembrada como uma das grandes intérpretes da canção tradicional mexicana. Sua versão de *La Llorona* continua a ser uma referência emocional e cultural na música folclórica que influenciou e influencia gerações, ganhando o mundo.

Referências

ARAÚJO, Nerivaldo Alves. *Navegando nas margens:* narrativas orais do Velho Chico. 2015. 220 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015.

ARECHABALA, María Victoria. La huella de la Diosa en lo popular: La Llorona mexicana. *Trama y fondo revista de cultura*. n. 41, 2016. p. 59-68. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6095849. Acesso em 26 dez. 2023.

BOTTON-BURLÁ, Flora. LAS COPLAS DE “LA LLORONA”. In: CUARÓN, Beatriz. Garza; BÁEZ, Yvete Jiménez de. (Ed.) *Estudios de Folklore y Literatura Dedicados a Mercedes Díaz Roig*. México: El Colegio de Mexico, 1992.p. 551- 572. Disponível em: https://doi.org/10.2307/j.ctv47w692.27. Acesso em: 20 dez. 2023.

CORPORACIÓN DE RADIO Y TELEVISIÓN ESPAÑOLA. *Dúos Increíbles | La llorona*: ¿Por qué es la canción que nunca deja de ampliar letra?. 25 nov. 2022. Disponível em: https://www.rtve.es/television/20221125/cancion-llorona-500-versiones-chavela-vargas/2409801.shtml#:~:text=El%20compositor%20mexicano%20Andr%C3%A9s%20Henestrosa,los%20Premios%20Grammy%20de%202019. Acesso em: 28 dez. 2023.

EL UNIVERSAL**.** *La Llorona", una canción que cambia de voces y versos*. Disponível em: https://www.eluniversal.com.mx/espectaculos/musica/la-llorona-una-cancion-que-cambia-de-voces-y-versos/. Acesso em: 16 dez. 2023.

ALATORRE, Margit Frenk *et al*. *COPLAS DEL AMOR FELIZ*. México: El Colegio de México, 1975. 426 p. (Cancionero folklórico de México, v. 1)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ALATORRE Margit Frenk *et al*. *COPLAS DEL AMOR DESDICHADO Y OTRAS COPLAS DE AMOR*. México: El Colegio de México, 1977. 510 p. (Cancionero folklórico de México, v. 2)

ALATORRE, Margit Frenk *et al*. *COPLAS VARIAS Y VARIAS CANCIONES*. México: El Colegio de México, 1982. 446 p. (Cancionero folklórico de México, v. 4)

OBREGÓN, Luis Gonzalez. La Llorona. *In*: _____ *Las calles de México*: Leyendas y sucedidos. Vida y costumbres de otros tiempos México: Lectulandia, 1922. p. 21-22. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/461291220/Las-calles-de-Mexico-Luis-Gonzalez-Obregon. Acesso em: 04 jan. 2024.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional***.** 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 20

PELEGRÍN, Ana. *La aventura de oír*: cuentos y memorias de tradición oral. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-aventura-de-oir-cuentos-y-memorias-de-tradicion-oral--0/html/01bb82b4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_6.html. Acesso em: 07 jan. 2024.

STACK EXCHANGE. *¿Qué significa "xunca" en la canción "La Llorona"?*. Disponível em: https://spanish.stackexchange.com/questions/36956/qu%C3%A9-significa-xunca-en-la-canci%C3%B3n-la-llorona. Acesso em: 06 jan. 2024.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES NECESSÁRIAS NA INTERPRETAÇÃO ORAL DO PAR LINGUÍSTICO LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA: Olhar sobre a prática

Jozineide Fernandes de Lima[1]

Manoel Francisco Pimenta [2]

Jéssica Girlaine Guimarães Leal [3]

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo discutir sobre as competências e habilidades basilares na interpretação do par linguístico Libras e Língua Portuguesa, utilizada pelo profissional TILSP (tradutor/intérprete de língua de sinais e língua portuguesa) em sua atividade laborativa, bem como refletir sobre a importância deste profissional em sala de aula para inclusão do aluno surdo, pois nos últimos anos temos observado o aumento significativo da inclusão de surdos em sala de aula no ensino regular, impulsionada mediante a regulamentação da Lei 10.436/02. Este dispositivo reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão do surdo, que foi regulamentada pelo decreto 5626/05, que dispõe a garantia de acessibilidade linguística e cultural do surdo através da mediação feita pelos profissionais TILSP. Com isso, houve o aumento da demanda deste profissional no que resulta na busca de TILSPs capacitados que venham promover acessibilidade linguística, e nesse sentido, é imprescindível compreender melhor como é desenvolvido este trabalho e quais são habilidades e competências necessárias. Como subsídio teórico utilizamos autores como LEAL (2020), QUADROS (2004) e os dispositivos legais BRASIL (1988, 2002, 2005, 2023). Realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Concluímos que é de extrema relevância a inserção deste profissional para inclusão e acessibilidade linguística do aluno surdo, bem como faz-se necessário o domínio de competências e habilidades na atuação do Tilsp com vista a ofertar um serviço de qualidade.

Palavras-chave: Libras, Tradução e interpretação, surdo.

---

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras/Libras Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. Jozineidefernandes98@gmail

[2] Graduando do Curso de Licenciatura em Letras/Libras Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. manoelpimenta1992@gmail.com

[3] Doutoranda no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade

Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - jessicagirlaineifpb@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Introdução

A trajetória da atuação do profissional tradutor/intérprete de língua de sinais e língua portuguesa, doravante TILSP, sobreveio através de atividades voluntárias, principalmente no âmbito religioso para levar a mensagem da palavra de Deus. No Brasil as primeiras iniciativas de profissionalização dos TILSP se deram através da FENEIS (Federação Nacional e Integração dos Surdos), esta instituição trouxe grandes contribuições para a comunidade surda promovendo ações de valorização dos sujeitos surdos e a oferta de cursos profissionalizantes na área. Na medida em que os surdos conquistam seus direitos e espaços na sociedade paralelamente, o trabalho do TILSP vem ganhando destaque e valorização. A profissão do TILSP foi alavancada mediante a legitimação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pelo dispositivo legal sob Lei n° 10.436 de 24 de abril de 2002. Esta reconhece a LIBRAS como meio legal de expressão e comunicação do surdo sendo regulamentada pela Lei n° 5,626 de dezembro de 2005, em seu Art 23 preconiza que:

> As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Os Surdos por sua vez passaram a ter garantias do seu direito linguístico e com isso houve a necessidade de inserção dos TILSPs nos diversos espaços, consequentemente o aumento na demanda das instituições com vista a garantir a acessibilidade linguística dos discentes surdos.

Compreendemos que o profissional TILSP tem como principal função a promoção da acessibilidade linguística para a pessoa com surdez, bem como a mediação linguística em diversos âmbitos, como por exemplo na interpretação comunitária em eventos públicos, interpretação jurídica, interpretação religiosa, jornalística, interpretação educacional e entre outros.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A presente pesquisa tem como objetivo discutir sobre as competências e habilidades basilares na interpretação do par linguístico Libras e Língua Portuguesa, utilizada pelo profissional TILSP em sua atividade laborativa, bem como refletir sobre a importância deste profissional em sala de aula para inclusão do aluno surdo. Este trabalho justifica-se pela importância de analisar o papel do profissional TILSP que vem apresentando grandes relevâncias no quesito inclusão e acessibilidade do aluno surdo em sala de aula, a fim de compreender quais são habilidades e competências necessárias no ato interpretativo para versa de uma modalidade oral para modalidade visual-espacial e vice versa. Ao passar dos anos os TILSP vem ganhando destaque principalmente na esfera da interpretação educacional (EI), na concepção de Leal (2020, p 34):

> Dentre todas as interpretações faladas anteriormente, a Interpretação Educacional (EI) tem sido a mais discutida e recorrente no cenário atual, além de ser um dos profissionais envolvidos na educação de surdos mais visíveis nas políticas inclusivas.

Nesse sentido, percebemos que o trabalho do TILSP é mais presente no âmbito educacional, por ser um direito preconizado nos dispositivos legais e os sujeitos surdos deterem direito ao acesso à educação, de maneira que nos demais âmbitos não existe tanta atenção quanto ao qual verificamos existir no educacional.

No âmbito educacional a presença do TILSP é de suma importância para promoção inclusiva do aluno surdo na rede regular de ensino pública ou privada, pois como sabemos existem inúmeras dificuldades acarretadas pelas questões de barreiras comunicacionais reverberando em precarização do seu processo de escolarização, isto é, durante o processo educacional ocorre lacunas que prejudicam o seu pleno desenvolvimento. Este trabalho está organizado da seguinte forma: Primeiramente, fazemos uma breve apresentação sobre a profissionalização do TILSP no país, em seguida apresentamos as competências e habilidades necessárias na atuação do TILPS para um serviço de qualidade, por fim apresentamos a metodologia que nortearam este trabalho e as considerações finais.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Profissão TILSP: Olhar para a profissionalização

Através do reconhecimento da Libras e o avanço das políticas públicas observamos a inserção dos surdos em espaços antes jamais alcançados, como por exemplo nas instituições de ensino. A constituição brasileira no artigo 205, declara:

> Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Como observamos, a constituição preconiza o direito de todos à educação, isto é, é um direito público subjetivo, obrigatório a todos os brasileiros, inerente à dignidade humana, visando o pleno desenvolvimento do cidadão. Alinhado a essa premissa, temos em seu Art. 206, é previsto que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Condições de igualdade de acesso no ensino, também é um direito assegurado e as escolas devem garantir para o alunado um espaço de aprendizado de modo atender às especificidades educacionais.

> Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade

Como pudemos perceber é dever do estado garantir a acesso e permanência aos discentes, logo podemos presumir que para que aluno surdo possa ter igualdade de condições é necessário a acessibilidade linguística devido a seus impedimentos de ordem orgânica. Sendo assim, acreditamos que a acessibilidade linguística pode ser viabilizada pela presença do TILSP em sala de aula. Vale salientar que, este profissional atua na mediação comunicativa do surdo com o professor e com os demais alunos ouvintes.

A profissão do TILP no Brasil foi reconhecida no ano de 2010, corolária as

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

legislações anteriores que abriram margem para legitimação da Libras no país. Neste dispositivo, foi proposto perfil formativo para esses profissionais com vista à organização, qualificação e captação para o mercado de trabalho

De acordo com o dispositivo nº 14.704 de 2023 o perfil formativo para os Tradutores e intérpretes de Língua de sinais e Língua Portuguesa são:

> I – diplomado em curso de educação profissional técnica de nível médio em Tradução e Interpretação em Libras;
>
> II – diplomado em curso superior de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras – Língua Portuguesa, em Letras com Habilitação em Tradução e Interpretação em Libras ou em Letras – Libras;
>
> III – diplomado em outras áreas de conhecimento, desde que possua diploma de cursos de extensão, de formação continuada ou de especialização, com carga horária mínima de 360 (trezentas e sessenta) horas, e que tenha sido aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação em Libras – Língua Portuguesa.

Julgamos ser um avanço significativo durante um bom tempo era exigido unicamente o exame chamado PROLIBRAS. O PROLIBRAS foi um programa nacional com vista a emissão de certificados para Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e para Proficiência na Tradução e Interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa, com isso foi possível que vários profissionais TILP pudessem participar de processos seletivos e ocupar concursos públicos. Este exame foi aplicado durante dez anos, desde a publicação do decreto, com vista a suprir a carência emergencial desses profissionais, permitindo assim a abertura e estabelecimento de cursos específicos progressivamente no país, conforme podemos observar:

> Art.20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

De acordo com Leal (2020, p.22) a institucionalização dos estudos da tradução e interpretação de línguas orais no Brasil se deu entre as décadas de 1960, na Pontifícia

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e Centro Universitário Ibero-Americano (UNIBERO). E o primeiro espaço formal de ensino de tradução e interpretação para as línguas de sinais aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sobre isso, Quadros (2014, p. 11) afirma:

> O Curso de Letras Libras, Licenciatura e Bacharelado tornou a Universidade Federal de Santa Catarina em um centro de referência na área de Libras, pois criou o primeiro Curso de Letras Libras do país e tem formado pesquisadores nas áreas da Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, dos Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, com pesquisas específicas envolvendo a Libras e a educação de surdos.

A UFSC, em 2008, foi pioneira na abertura do curso de formação de TILP, bem como na formação de inúmeros profissionais. O curso tem servido de aporte e modelo para as demais instituições de ensino superior do país.

Competências e habilidades do TILSP: o que precisamos saber?

Para o desenvolvimento do papel de TILSP existem vários aspectos imbricados em sua atuação, entre elas destacamos que é de sua responsabilidade a condução da mensagem com qualidade, e isto requer deste profissional domínio de competências e habilidades necessárias. Para o papel do TILSP, (Quadros, 2004, p.28) é requerido algumas condutas deste profissional:

> a) confiabilidade (sigilo profissional);
> b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
> c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
> d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Como podemos ver o profissional TILSP é responsável em sua atividade laboral não apenas por viabilizar a comunicação, mas tem o dever seguir uma série de condutas pertinentes para a sua atuação, com isso ele terá um desempenho coerente de sua função. Conciliando ainda com sua atuação, atualmente a profissão do TILP é regulamentada pelo dispositivo legal nº 14.704, de 2023, que regulamenta a lei 12.319 de 1º de setembro de 2010, no Art 6º dispõe no exercício de suas competências no seu exercício:

> Parágrafo único: I - intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
>
> II - intermediar a comunicação entre surdos e surdos por meio da Libras para outra língua de sinais e vice-versa;
>
> III - traduzir textos escritos, orais ou sinalizados da Língua Portuguesa para a Libras e outras línguas de sinais e vice-versa.

A atuação do intérprete é galgada por um serviço que requer competências, tanto para intermediar a comunicação entre surdos e surdos que utilizam outras línguas de Sinais, e surdos ouvintes, em demais áreas da sociedade como vemos no parágrafo. Dessa maneira que o intérprete desempenha um papel importante realizando a comunicação e a exposição das informações orais ou em Língua de Sinais e vice-versa, que o mesmo deve assegurar a compreensão de todos os envolvidos no discurso.

A atuação do TILSP versa mediar de uma língua para outra em um curto espaço de tempo, constituindo-se como um trabalho complexo, técnico e que envolve línguas em suas modalidades e estruturas diferentes. E a falta de habilidades em alguma dessas línguas pode ocasionar falhas na interpretação.

Antes de adentrarmos na atividade laborativa do TILSP, nos convém trazer aclaramentos sobre a conceituação de tradução e interpretação. Existem várias concepções que tratam sobre tradução e interpretação, aqui tomamos a tratada por Hale

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"[...] a Interpretação refere-se à tradução da palavra falada e Tradução [refere-se] à tradução da palavra escrita". (Hale, 2007, p.3 apud Leal, p. 23)

Leal (2020, p. 40) aponta a complexidade do trabalho inerente à atividade interpretativa ao afirmar que:

> A interpretação não tem uma preocupação com a durabilidade textual, com a qualidade do texto, com a forma do texto. Ela está mais ligada com a comunicação, a realização da comunicação, ao público compreender o que está sendo originalmente dito em outra língua, é uma preocupação com conteúdo, mensagem, as informações, com a promoção do entendimento entre os envolvidos. Abarcados por essa compreensão que julgamos a importância desse trabalho, mesmo sabendo que há imprevisibilidade entre as falas dos sujeitos, logo, é preciso técnica e qualidade no trabalho realizado, para evitar tensões entre os grupos envolvidos.

Logo, é imprescindível que na interpretação da Libras para língua portuguesa ou mutuamente as informações sejam repassadas com qualidade para que de fato se possa haver a compreensão e a clareza do que está sendo proferido por determinado locutor, acarretando assim falhas na interpretação.

Com isso, vale lembrar que a língua de sinais é uma língua cuja modalidade de transmissão de informações é o canal visual-espacial, realizadas através do espaço, que exige do TILSP competências e habilidades. Na LIBRAS as palavras são os sinais formados a partir de combinações da configuração e movimento das mãos, expressões faciais e corporais, do ponto de articulação no corpo ou no espaço, ou seja, dos parâmetros. Para reforçar esta informação, Menezes e Feitosa (2015, p.10):

> Na língua de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros que formarão os sinais:
>
> 2.1. Configuração das mãos São as formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros e mão esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. Os sinais ACHAR, AMANHÃ e DETESTAR, possuem a mesma configuração de mão. A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.
>
> 2.2. Ponto de articulação: É o local onde incide a mão predominante

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço vazio, ou seja, longe do seu corpo.
>
> 2.3. Movimento Os sinais podem apresentar ou não um movimento. Por exemplo, os sinais GOSTAR e PENSAR não têm movimento; já os sinais EVITAR e CORAÇÃO possuem movimento.
>
> 2.4. Expressão facial e/ou corporal as expressões faciais/corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial.
>
> 2.5. Orientação/Direção Os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Desta forma, os verbos VIR e IR se opõem em relação à direcionalidade.

Como vemos os sinais são formados por parâmetros, parâmetros esses que no momento da interpretação LIBRAS para língua oral, devem ser observados minuciosamente pois, uma mudança de parâmetro pode modificar o que se está sendo proferido pelo surdo e que consequentemente resultará em uma interpretação equivocada ao que de fato está sendo dito.

Devido à complexidade envolvida no ato interpretativo é requerido um conjunto de competências dos TILSP, são elas:

> **(1) competência lingüística** - habilidade em manipular com as línguas envolvidas no processo de interpretação (habilidades em entender o objetivo da linguagem usada em todas as suas nuanças e habilidade em expressar corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo), os intérpretes precisam ter um excelente conhecimento de ambas as línguas envolvidas na interpretação (ter habilidade para distinguir as idéias principais das idéias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso).
> **(2) competência para transferência** - não é qualquer um que conhece duas línguas que tem capacidade para transferir a linguagem de uma língua para a outra; essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua fonte, habilidade para interpretar o significado da língua fonte para a língua alvo (sem distorções, adições ou omissões), habilidade para transferir uma mensagem na língua fonte para língua alvo sem influência da língua fonte e habilidade para transferir da língua fonte para língua alvo de forma apropriada do ponto de vista do estilo.
> **(3) competência metodológica** - habilidade em usar diferentes modos de interpretação (simultâneo, consecutivo, etc), habilidade para escolher o modo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> apropriado diante das circunstâncias, habilidade para retransmitir a interpretação, quando necessário, habilidade para encontrar o item lexical e a terminologia adequada avaliando e usando-os com bom senso, habilidade para recordar itens lexicais e terminologias para uso no futuro.
> **(4) competência na área -** conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada.
> **(5) competência bicultural** - profundo conhecimento das culturas que subjazem as línguas envolvidas no processo de interpretação (conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte e da língua alvo e apreciação das diferenças entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo).
> **(6) competência técnica** - habilidade para posicionar-se apropriada-mente para interpretar, habilidade para usar microfone e habilidade para interpretar usando fones, quando necessário. Quadros (2004, p.73).

De acordo com o exposto, a atividade laborativa do TILSP é mediada por uma série de técnicas que a tornam um ato complexo, que demanda formação e conhecimento específicos para realizar suas estratégias de tradução ou interpretação da língua fonte para a língua alvo, na qual não é uma tarefa simples de se fazer.

Leal (2020, p. 48) reitera sobre as devidas habilidades que são de suma importância para este profissional TILSP.

> Como foi possível constatar, apenas o domínio de língua não assegura a atuação como TILP de qualidade, é necessário abarcar um conjunto de conhecimentos declarativos (teóricos, saber o quê), procedimentais (práticos, saber como), explicativos (saber o porquê), atitudinais (saber como agir), temáticos (conhecimento de mundo, saber assuntos diversos e conteúdo específicos), bem como domínio de habilidades sociais, culturais, interacionais, expressivas, de uso de tecnología etc.; de capacidades (lingüísticas, pragmáticas, discursivas, sociais, cognitivas etc.); além de saberes didáticos e pedagógicos intrínsecos à escolarização e de fatores psicofisiológicos (bom senso, autocontrole, raciocínio crítico, empatia etc.).

Dessa forma, constatamos que na atuação do TILSP é necessária uma gama de competências e habilidades dispostas pela autora. Nesse sentido, frisamos que é de fundamental importância a formação específica para atuar nesta área de tradução e interpretação. Nessa direção, acreditamos que o atendimento ao perfil formativo estabelecido nos dispositivos legais é basilar, pois entendemos que a empiria gera

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

prejuízos educacionais para os surdos e a formação possibilita a oferta de um serviço de qualidade, uma vez que o profissional terá um conjunto de conhecimentos e técnicas para desenvolver o seu trabalho interpretativo, o que permitirá e colaborará para que os surdos alcancem novos patamares e gozem de acesso comunicativo e consequentemente de conhecimento aprofundado sobre as questões que circulam no cenário educacional e intra escolar, como fruto disso o surdo terá acesso a um serviço de tradução/interpretação qualificado.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Por pesquisa qualitativa conceitua-se uma metodologia de pesquisa menos estruturada usada para obter informações aprofundadas sobre a motivação e o raciocínio das pessoas. Gil (1999) menciona que a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a mensuração dos fenômenos, pois permeia a compreensão do contexto no qual ocorre o fenômeno.

Brandão (2001) afirma que:

> A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (BRANDÃO, 2001, p.13).

Nesse sentido, este trabalho emerge a partir das práticas das autoras com a atividade interpretativa e as interpelações oriundas das leituras e do ser e fazer TILSP. Utilizamos como aporte teórico, Leal (2020) que trata sobre a “Interpretação Intermodal

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

da Libras para a Língua Portuguesa na Modalidade Oral: entraves e avanços", Quadros (2004) ao qual discorre sobre "O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa". Partimos da ideia de Leal (2020, p. 41), ao qual declara que:

> "[...] a fluência em LIBRAS não habilita ninguém como tradutor ou intérprete de LIBRAS. Na verdade, a competência bilíngue é apenas um dos componentes da Competência Tradutória e que são necessários ser conhecidos e estudados pelo TILP, para que possa compreender onde estão suas dificuldades e buscar a melhor forma de corrigi-las".

Diante desse pensamento, pode-se concluir que a fluência em Libras ou ser bilíngue falante de duas línguas não certifica que seja um profissional intérprete de Libras, pois por sua vez, é necessário haver um conhecimento mais aprofundado das questões gramaticais e estruturais de ambas as línguas, que acarreta competência e habilidades linguísticas e assim influenciam diretamente na complexidade do ato interpretativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ínterim, consideramos a atividade laboral do TILSP complexa, pois é necessário ter o domínio de uma série de competências e habilidades inerentes à atuação, sendo necessário que o TILPS detenha além do conhecimento prático, o conhecimento teórico para realizar uma boa atuação.

Concluímos ao longo deste trabalho que os objetivos foram alcançados, uma vez que discorremos e apresentamos as competências e habilidades basilares necessárias na atividade laborativa deste profissional. Diante o real cenário brasileiro, sabe-se que alguns "profissionais" atuam nesta área sem formação adequada gerando prejuízos no pleno desenvolvimento do surdo. Com isso, destacamos a importância da formação adequada, pois, não é de qualquer forma que este trabalho deve ser executado.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Consideramos que o TILSP no cenário educacional apresenta contribuições significativas para o sujeito surdo no que diz respeito à promoção de sua inclusão e participação na sociedade, oportunizando direitos e visibilidade dos mesmos.

Por fim, almejamos que este trabalho possibilite abrir discussões para se compreender melhor como engendram a atuação do tradutor e intérprete nos espaços educacionais, bem como promover um aclaramento das discussões com relação a necessidade de formação específica para uma atuação qualificada do TILSP no Brasil, além disso este trabalho se propõe a trazer uma pequena contribuição, não pretendo esgotar as discussões, mas permitir o aprofundamento dos estudos no campo da tradução e interpretação no País.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=205403#:~:text=%C2%A7%203%C2%BA%20Compete%20ao%20Poder,respons%C3%A1veis%2C%20pela%20freq%C3%BC%C3%AAncia%20%C3%A0%20escola>Acesso em: 27 de Junho de 2024.

BRASIL. Lei nº 14.704 de 25 de Outubro de 2023. **Dispõe sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. Disponível;

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/10/2023&jornal=515&pagina=5&totalArquivos=145> Acesso em 27 de junho de 2024.

_____. **Decreto no 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000; e outras providências. D.O.U., Brasília.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

_____. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. D.O.U. Seção 1, Brasília, 2002, Página 23.

GIL, A. C. Método e técnicas de pesquisa social. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Interpretação Intermodal da Libras para a Língua Portuguesa na Modalidade Oral: entraves e avanços.** Orientador: João Paulo Ampessan. 2020. 74 p. Tese (Graduação Bacharelado em Letras Libras.) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

MENEZES, Jane Eir; Silva Alencar de; FEITOSA, Cléia Rocha de Sousa. **Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. 2. ed. rev. Fortaleza: EdUECE, 2015.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa** /Secretaria de Educação Especial Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. MEC: SEESP, 2004., cap. 9, p. 73-78.

_____. (Org.). **Letras libras ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 530 p.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DISCUSSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE: TRABALHO COM O TEXTO E ENSINO DE LÍNGUA

Daniela Zimmermann Machado[255]

Gabriel Jean Sanches[256]

Resumo: O presente trabalho resulta de discussões gestadas a partir de experiências didático-metodológicas sobre ensino de línguas, especialmente o ensino de língua materna e de língua inglesa. A concepção assumida neste estudo parte de uma proposta interacionista e dialógica no tratamento do texto e das ações de ensino-aprendizagem. O texto, neste sentido, é compreendido como o lugar da interação, lugar em que os interlocutores são sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos (BRONCKART, 1999). As discussões aqui propostas têm como ponto de partida trabalhos efetuados em duas turmas: na turma de 3º ano do Curso de Letras Português, da UNESPAR, campus de Paranaguá, e na turma de 4º ano do Curso de Letras Inglês, ano 2023, da mesma instituição. A problematização da pesquisa parte dos seguintes questionamentos: como avaliar textos? Como avaliar texto em contexto de ensino? Delimitamos, para a realização deste trabalho, alguns aspectos: como discutir, com professores em formação, sobre produção textual em contexto escolar? Que encaminhamentos devem ser sugeridos? Como corrigir textos? Para esta pesquisa, baseamo-nos em Wachowicz (2015), a pesquisadora defende que o trabalho com a produção textual escrita deve sempre compreender um processo que envolva a escrita e a reescrita, considerando a seguinte ordem hierárquica para a realização do trabalho: discurso, sequência textual e gramática. As reflexões realizadas, tanto no ensino de língua portuguesa, quanto no ensino de língua inglesa, sinalizaram para o fato de que o trabalho com o texto é marcado pelo processo, pela construção dialógica e interacional.

Palavras-chave: Texto. Avaliação. Escrita. Oralidade. Ensino

Introdução

O estudo teórico de avaliação de textos, neste trabalho, é apontado como um aspecto que merece ser compreendido como uma ação (conceitual) que acontece alinhada ao estudo dos gêneros de texto, ao estudo da construção do sentido do texto, e alinhada também ao processo de escrita e da oralidade (e, por que não, ao processo de ensino-aprendizagem?) Neste trabalho, não entendemos a avaliação textual como a atribuição de uma nota valorativa, resultante de uma atividade, ou puramente como aplicação metodológica, entendemos a avaliação como um aspecto conceitual central no processo de ensino de escrita e de oralidade, que pode ser teorizado para ser mais bem compreendido. A avaliação

[255]Doutora. Unespar – Campus Paranaguá/ Texto e ensino: Teoria, análise linguística e reflexões metodológicas

[256] Doutor. Unespar – Campus Paranaguá/ Internacionalização, ideologias linguísticas e ensino de língua inglesa

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

é processual e parte de um trabalho artesanal (termo empregado por Wachowicz (2015) – de escrita e de reescrita.

O que é avaliação? A princípio, essa pergunta parece simples de ser respondida. Todos nós, professores, acreditamos compreendê-la, até o momento de precisarmos (ou tentarmos) defini-la. Se tentarmos explicar o que é avaliação, vemos o quanto este é um tema desafiador. Wachowicz (2015) afirma:

> Para avaliar os textos dos nossos alunos, precisamos de teoria. Não é um ato subjetivo, tampouco distanciado objetivamente da realidade metodológica de sala de aula. Para chegar a uma avaliação consciente, com critérios definidos e defensáveis, o professor precisa ter domínio da teoria do texto (e da gramática!), pois isso vai definir a sua lente de análise. (WACHOWICZ, 2015, p. 79)

Neste sentido, a noção de avaliação, aqui, é entendida como algo diferente da correção textual. As discussões que sugerimos neste artigo partem do entendimento de texto como construção social, interacional e dialógica. Para tanto, assumimos a abordagem interacionista sociodiscursiva de Bronckart (1999); mencionamos também os trabalhos de Cavalcante et al. (2022) sobre noção de texto e, para o tratamento da avaliação de textos, baseamo-nos, em especial, em Wachowicz (2015), que traz um encaminhamento interessante para as reflexões em torno da avaliação de texto, sugerindo que se insira nesse processo a seguinte ordem hierárquica: o discurso, as sequências textuais e a gramática. O que, para nós, parece ser adequado quando se pensa no trabalho com o texto.

Ao tratarmos da noção de textualidade, enfatizamos as características da escrita e da oralidade, uma vez que as experiências realizadas focam nas duas modalidades de produção textual.

Para as nossas reflexões, trazemos o relato de duas experiências de ensino sobre o trabalho com o texto: uma, resultante das discussões que aconteceram na disciplina *Linguística Textual: estudo e implicações pedagógicas*, 3º ano de Letras Português da Unespar, campus de Paranaguá; e outra, realizada com estudantes do 4º ano de Letras Inglês da mesma Universidade, na disciplina de *Práticas de oralidade e suas implicações pedagógicas*. Na primeira experiência, destacamos a própria teoria que é trabalhada na disciplina, mas adicionamos à reflexão às ações extensionistas que aconteceram ao longo da disciplina (ano 2023), que oportunizou, aos estudantes, um espaço para refletir sobre a teoria e sobre a aplicabilidade dos aspectos teóricos trabalhados, refletindo sobre como avaliar textos. A aplicação aconteceu em turmas do ensino

fundamental de uma escola do Estado. No segundo caso, enfatizamos as práticas de oralidade que culminaram na produção oral de fábulas que, como resultado das práticas realizadas nos encontros da disciplina, foram apresentadas em escolas municipais da cidade de Paranaguá, como resultado efetivo deste trabalho que atravessou os muros da universidade e alcançou crianças do fundamental I por meio de um projeto de extensão integrante das Ações de Curricularização da Extensão (ACEC) da Unespar. Destacamos que o grande foco da proposta deste artigo é articular teoria e prática de sala de aula, ou em como podemos pensar no ensino (e na avaliação) em ambiente escolar.

O presente artigo, assim, organiza-se: primeiramente, trazendo discussões sobre o estudo do texto, no cerne da linguística textual, dialogando com teorias sociais e interacionistas. Num segundo momento, traçamos considerações sobre o estudo da avaliação de textos, buscando conceituar e aprofundar as questões que estão envolvidas neste estudo. Na sequência, apresentamos de forma breve as experiências realizadas, que foram motivadoras para a realização do presente trabalho, tentando apontar considerações, dificuldades e ideias que surgiram a partir dessas vivências. Tentamos apresentar algumas considerações acerca do ensino de texto, procurando sinalizar alguns aspectos metodológicos (encaminhamentos/aplicações), mas especialmente, uma discussão teórica pertinente para a avaliação textual.

Sobre o estudo do texto

Nesta seção, teceremos algumas considerações acerca do estudo do texto, considerando a modalidade escrita e oral.

Damos início a esta seção comentando sobre textos escritos e textos orais, ambos importantes no processo de formação dos indivíduos e, em especial, no trabalho escolar. Apesar da BNCC, publicada em 2018, que incentiva o trabalho com os gêneros orais, muitos professores da educação básica ainda têm dado preferência aos gêneros escritos em detrimento ao trabalho com a oralidade, sendo esta trabalhada em segundo plano, muitas vezes de maneira superficial. Importante destacar também que, por vezes, a escrita aparece como mais privilegiada se comparada à oralidade. Entendemos nesse percurso que é necessária a conscientização do trabalho com gêneros orais com futuros professores para que estes desde a base educacional propiciem situações de interação em que a oralidade é

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

entendida como algo "sistematizável" e pedagogicamente aplicável. Neste estudo, entendemos a relação intrínseca entre a escrita e a oralidade, argumentando que a escrita é um componente indispensável no processo de desenvolvimento das habilidades orais e que a avaliação processual contribui quando adotada.

Nossas reflexões sobre o texto podem ser resumidas a partir da seguinte consideração:

- Entendemos a noção de texto, a partir do contexto em que o ato comunicativo se realiza. Cavalcante et al (2022) afirmam que "O texto circula em contextos dos quais incorpora saberes, valores e crenças de uma memória pré-discursiva" (p. 27). Esses autores ainda destacam:

> O contexto não se reduz, portanto, nem somente aos fatos, valores e crenças presentes na memória discursiva dos grupos sociais, nem somente à situação imediata de interação que dá uma sensação de presentificação do texto, mas à conjunção desses aspectos que, ao emergirem no acontecimento textual, são incorporados aos sentidos que os participantes da comunicação vão recriar. (CAVALCANTE et al., 2022, p. 27)

Para este estudo, a concepção atual de contexto como parte integradora da textualidade, é bastante relevante para se pensar nas produções textuais, tanto escritas como orais. Os autores mencionam "a conjuntura" dos aspectos contextuais como incorporados ao sentido, à realização do texto. E isso é importante para compreender o sentido do texto.

No trabalho com a língua materna, por exemplo, considerando que trabalhamos com propostas de questões textuais, foi imprescindível essa compreensão, uma vez que o contexto simulado de propostas de produção de texto, é fundamental para o processo de leitura e de produção de textos.

Apresentamos agora algumas considerações sobre o ensino de língua inglesa e a questão da textualidade. A aprendizagem sistematizada dos gêneros escritos e orais contribui para a compreensão de que a fala é adquirida de forma natural a partir de nossas interações sociais, no entanto, há momentos mais formais em que a fala precisa de mais elaboração, tais como os gêneros orais do contexto educacional, os seminários, exposições orais, debates ou até mesmo entrevistas para bolsas de estudo etc.

Para Cavalcante e Melo (2006), o ensino da oralidade deve envolver a identificação, reflexão e utilização da imensa riqueza e variedade de usos da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

língua na modalidade oral. No que tange o ensino de textos, Dolz, Schneuwly e Haller (2004), apontam que a linguagem oral ocupa espaço limitado na escola, mas que ao ser trabalhado nessa perspectiva, o ensino de gêneros orais deve ser concentrado nos gêneros formais públicos, uma vez que estudantes supostamente já dominam as formas cotidianas de produção oral, e defendem que:

Os gêneros formais públicos constituem as formas de linguagem que apresentam restrições impostas do exterior e implica, paradoxalmente, um controle mais consciente e voluntário do próprio comportamento para dominá-las. São, em grande parte, predefinidos, "pré-condicionados" por convenções que os regulam e que definem seu sentido institucional. Mesmo que se inscrevam numa situação de imediatez, já que muito frequentemente a produção oral se dá em face dos outros, as formas institucionais do oral implicam modos de gestão mediados, que são essencialmente individuais. Exigem antecipações e necessitam, portanto, preparação (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004).

Dessa forma, sistematizar a oralidade, permite que possamos trabalhar em sala de aula aspectos que vão além do ensino tradicional, que prioriza as formas linguísticas, para uma perspectiva sistemática que engloba todo o processo e condições de produção pertencentes a este processo.

Tendo em vista a ampliação do escopo do que pode ser ensinado seja em um texto oral e/ou escrito, é preciso considerar uma situação real de comunicação, de modo que os participantes envolvidos no processo possam vivenciar o uso da língua em um contexto real de aplicação e não apenas para fins avaliativos no que tange às habilidades linguísticas adquiridas no processo.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), essa sistematização pode ocorrer por meio do trabalho com sequências didáticas (SDs) que resumidamente na perspectiva dos autores pode ser organizada da seguinte forma: Apresentação da situação, módulos e produção final.

Em nosso entendimento, a partir do que propõe os autores, na apresentação da situação, os estudantes têm o primeiro contato com o gênero oral ou escrito, visando expor o projeto de comunicação que será realizado "verdadeiramente" na produção final. Nessa produção inicial, os estudantes são convidados a realizar a primeira tentativa de realização do gênero, para que o professor possa delinear o que será

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

trabalhado nos módulos. Nesse primeiro momento não há qualquer comprometimento com a realização/aplicação do texto em um contexto real, podendo ser para um público fictício, uma vez que o que está em jogo é uma representação da situação, ou seja, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada posteriormente na produção final conforme será explicitado mais adiante.

Vale destacar também que nessa fase de primeira produção é importante que os estudantes compreendam a quem esta mensagem será direcionada na produção final, bem como o formato em que essa produção será constituída e/ou distribuída, por meio de gravação, áudio e vídeo, em sala de aula etc.

Após a apresentação da situação inicial, partimos para a primeira produção. Uma vez identificada as carências dos estudantes em relação às práticas de linguagens necessárias para a efetiva produção de texto, o professor precisa preparar os conteúdos que serão produzidos na segunda dimensão uma vez identificado o projeto comunicativo e a aprendizagem da linguagem a que está relacionado. É nesse momento que se torna possível o delineamento do processo de avaliação formativa, com critérios bem definidos, a partir das observações feitas na primeira produção.

Na próxima etapa, por meio dos módulos, trabalha-se a partir dos “problemas” que aparecem na primeira produção, propiciando o acesso necessário aos instrumentos que contribuam para a superação das dificuldades sinalizadas na primeira produção. Espera-se que nos módulos as atividades sejam desenvolvidas do mais complexo para o simples, ou seja, trabalhando capacidades necessárias ao domínio de um gênero para que no fim, o movimento leve ao complexo na produção final.

Os autores ainda apontam três questões norteadoras no que tange o trabalho com as SDs:

1. Que dificuldades de expressão oral ou escrita abordar?
2. Como construir um módulo para trabalhar um problema particular?
3. Como capitalizar o que é aprendido nos módulos?

Na última etapa, ou produção final, a SD é finalizada de modo que dê aos estudantes a possibilidade de colocar em prática as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos, permitindo ao professor realizar a avaliação de todos os elementos apresentados durante o processo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Relatos de Experiência: vivências sobre inglês como língua adicional e o estudo a partir do texto

Como professores de línguas, estamos sempre nos questionando acerca das implicações a partir da adoção de perspectivas teóricas em nossas práticas docentes em sala de aula. Indo além, formamos professores, mas enquanto professores formadores, quem nos forma? É necessário reconhecer que somos formados enquanto formamos em um processo contínuo que é provisório em terreno movediço, uma vez que as teorias sobre ensino aprendizagem de línguas estão sempre em movimento, e visto de forma positiva, isso permite que não engessemos nossas visões e concepções acerca do ensino e da avaliação de línguas.

No curso de Letras Inglês, mais especificamente na turma do 4º ano, ao ministrar a disciplina de *Práticas de oralidade em língua inglesa e suas implicações pedagógicas* (POLIP), nessa relação mútua de aprendizagem, junto com estudantes, futuros professores/as, tivemos a oportunidade de pensar sobre nossas produções orais e escritas, levando em conta que a prática da escrita em contextos de aprendizagem, mesmo para o desenvolvimento da oralidade se faz necessária. Nesse percurso, em diálogo constante com os/as estudantes, foi possível elaborar uma planilha de critérios permitindo que a avaliação fosse parte de um processo de aprendizagem e não um fim para verificação e atribuição de notas.

Considerando o trabalho com as SDs, neste percurso utilizamos algumas premissas deste aporte teórico de modo que possibilitasse aos envolvidos uma experiência comunicativa com gêneros orais que fosse além do mero exercício de práticas linguísticas e que na produção final, pudessem efetivamente utilizar os elementos que foram aprendidos em alguma situação real de comunicação na sociedade.

Nesse norte, a partir das discussões teóricas, foram abordadas algumas questões sobre como o trabalho com o texto se desenvolve em contexto de sala de aula: como conduzir um trabalho de produção textual em contexto escolar? Como fazer encaminhamentos? Como corrigir textos de alunos?

Tendo em vista o caráter processual das atividades, no segundo bimestre da disciplina, praticamos a oralidade por meio de *storytelling* e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

construímos as habilidades necessárias para que essa prática pudesse ser efetivada posteriormente nas ações de extensão que fazem parte da carga horária da disciplina.

Em um primeiro momento, os estudantes selecionaram alguns contos e fábulas conhecidas (ou não) produzidas em língua inglesa, para que pudessem antes de tudo, reconhecer as características do gênero, os espaços em que ele circula, considerando o uso das TICs nesse processo, ou seja, a circulação dessas histórias em mídias digitais e redes sociais, assim como a linguagem empregada na contação de histórias e especificamente fábulas, para desenvolver habilidades orais, mas atreladas aos seus interesses e leituras que contribuíram também para o repertório cultural dos/as envolvidos/as.

Após a escolha dos textos a serem trabalhados, foi solicitado que os estudantes contassem com suas próprias palavras a fábula escolhida apresentassem as características do gênero em questão, tais como o fato de se tratar de narrativa curta, muitas vezes com moral da história, em algumas fábulas, animais com características e comportamentos humanos, de modo que pudéssemos nos familiarizar com os textos que seriam lidos e encenados durante as práticas de oralidade em sala de aula.

Em um segundo momento, trabalhamos aspectos da oralidade tais como a entonação, o ritmo, expressões corporais e faciais, levando em conta que a compreensão transcende os limites da escrita o que requer o acionamento de outros recursos igualmente importantes na contação de histórias. Além disso, incluímos outros artefatos na produção oral, tais como elementos de apresentação e encerramento da atividade.

Nesse movimento, diversas atividades e exercícios pontuais ligados ao objetivo final foram colocados em prática de modo que fossemos confeccionando cada elemento textual que compõe a oralidade na produção textual. A título de exemplo, cada estudante ou dupla, deveria contar a história escolhida na íntegra para a sala, de modo que pudéssemos identificar quais eram as lacunas que uma vez resolvidas, permitiria maior avanço do reconhecimento das características do gênero em questão.

Outro aspecto importante a se destacar é que a produção final, foi avaliada em sala e que culminou em apresentações de contação de história em língua inglesa no projeto de extensão "*Storytelling:* Tecendo histórias em língua inglesa". Dessa forma, nossos textos e práticas realizadas em sala de aula transcenderam os muros da universidade a partir da parceria com a educação básica por meio da extensão.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Cumpre salientar que em aulas de língua inglesa em uma perspectiva tradicional, as práticas de oralidade muitas vezes se resumem na leitura de um texto escrito em voz alta sem levar em conta suas condições de produção conforme citadas anteriormente. Para alguns estudantes, trabalhar os aspectos da língua falada compreendendo a mútua relação entre texto escrito e oral e as adaptações que fazemos no processo de desenvolvimento da oralidade, questionando também a dimensão cultural de produção dos textos que são discutidos.

Consideramos este movimento, então, uma proposta que agrega sentido em que a linguagem é utilizada de modo efetivo e possibilita uma interação que constitui o objeto de ensino na disciplina.

Em outras palavras, nossa prática iniciou em sala de aula, mas foi levada adiante por meio da extensão, onde novamente, realizamos um segundo trabalho, adaptando as histórias para os contextos de ensino da educação básica, levando em conta que as crianças entre 06 e 10 anos ainda não possuem fluência na língua adicional, fazendo com que novos sentidos fossem produzidos na língua materna com inserções estratégicas da língua alvo, com recursos visuais e de áudio para que facilitasse a compreensão da história contada e o uso da língua inglesa em um nível adequado à faixa etária das crianças envolvidas no projeto.

A avaliação nesta prática aqui trazida, ocorreu de modo processual, com critérios previamente elaborados com a turma, levando em conta os aspectos que ao serem atendidos permitem que a prática oral seja reconhecida como um gênero.

Notadamente, a experiência com a língua inglesa na extensão contribuiu com a avaliação dos estudantes, desde a apresentação dos pressupostos teóricos que foram discutidos e colocados em prática sobre texto até a aplicação das atividades na escola.

Com base em Timmerman e Sturm (2021) o objetivo das atividades com o ensino de língua inglesa, envolveu o interesse de se trabalhar a oralidade de forma clara e sistemática, neste sentido, a abordagem sociointeracionista envolvendo o trabalho dom gêneros textuais e orais se demonstraram poderosos aliados no planejamento e organização das aulas e sobretudo do processo avaliativo processual.

Relatos de Experiência: vivências sobre o trabalho com a produção de texto em língua materna

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No curso de Letras Português, turma do 3º ano, disciplina *Linguística textual: estudo e implicações pedagógicas*, está prevista uma carga horária para as ações de extensão, e essas ações estão articuladas às atividades práticas e teóricas. Como formadores, é de suma importância pensarmos na articulação entre os eixos ensino-pesquisa e extensão. O foco da disciplina são as teorias do texto, sendo, portanto, a disciplina, um espaço de discussão sobre ensino do texto, mas não somente, é um espaço também para discutir sobre teorias de texto, os fatores envolvidos na construção do sentido do texto, o estudo dos gêneros textuais, estudo das sequências textuais, sobre sequências didáticas. Um espaço para pensarmos na teoria e sua aplicabilidade. E nessas discussões, perpetua o trabalho processual do texto, incluindo a discussão acerca da avaliação textual (que deve ser entendida como um processo).

A experiência que retratamos neste trabalho, parte, portanto, desse contato com as teorias do texto. Como fazer com que o estudo teórico seja base para ações práticas em sala de aula? Pensando nesse questionamento, o trabalho realizado centrou-se em uma aplicação de atividades que tinham por base o estudo do texto. Os estudantes organizaram-se em duplas e/ou grupos de 3 estudantes e organizaram uma sequência didática de gêneros textuais que fossem adequados à faixa etária dos estudantes. Antes da apresentação mesmo da sequência didática e da escolha do texto a ser trabalhado, foi realizada uma discussão em sala, na escola, acerca dos fatores de textualidade e acerca da compreensão da noção de texto. Procurou-se levar as discussões teóricas para a escola, mas de uma forma acessível e que contribuísse em certa medida para a compreensão do trabalho de leitura e produção de texto.

A sequência didática aplicada focou na produção textual escrita de gêneros textuais variados. A partir de uma produção textual inicial, foram elaborados módulos com materiais e atividades que contribuíssem para uma reescrita mais satisfatória. Essa proposta de sequência didática (escrita e reescrita) vai ao encontro das discussões sugeridas por Wachowicz (2015) que propõe que a atividade de escrita seja processual, a autora entende que a avaliação é, também, processual. Não é sobre a primeira produção que o professor vai atribuir uma nota ao aluno e, sim, na produção realizada no momento da reescrita. Obviamente, as atividades realizadas pelos estudantes não tinham como propósito lançar uma avaliação com nota, mas de uma forma ou de outra, a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

avaliação de textos estimula o ensino-aprendizado. Algumas discussões postas com os acadêmicos, futuros docentes partiu da seguinte passagem:

> se o professor quer avaliar reescrita, ou a capacidade de o aluno "progredir"entre dois textos, essa prática precisa entrar nas atividades de sala de aula. O aluno não aprende sozinho, mas na interação com o professor e com os colegas. Resumindo, não é possível avaliar o que não se trabalha. Daí, a forte relação, aqui, entre avaliação e metodologia de sala de aula. (WACHOWICZ, 2015, p. 35)

Importante destacar que, embora tenhamos uma preocupação central com os impactos das ações de extensão na escola, sobre as possíveis contribuições que essas ações revelam aos alunos da escola, neste estudo, voltamos nosso olhar para os estudantes em formação. Sabemos, não podemos separar que o que acontece lá na escola é constitutivo desse sujeito em formação, mas o que descrevemos aqui, de forma mais pontual, são as contribuições dessas ações ao professor em formação. A prática de sala de aula é essencial aos estudantes, futuros professores. As leituras teóricas sobre texto e sobre avaliação transformam esses sujeitos professores.

Resumidamente, podemos relatar que os estudantes foram até a escola, observaram algumas aulas, prepararam materiais pensando num gênero textual que estivesse previsto no programa da disciplina de Língua Portuguesa (2023), elaboraram uma atividade de produção textual e, a partir dessas produções, prepararam a continuidade de suas ações, organizaram módulos e prepararam um feedback que contribuísse para a segunda versão desse texto, que deveria ser efetuada pelos estudantes. Até aqui, algumas questões precisam ser pontuadas: as atividades elaboradas pelos estudantes em formação, em alguns momentos, não estavam adequadas às teorias textuais trabalhadas - após uma análise conjunta, notamos propostas amplas, sem proposição clara, sem um contexto preciso. Com base nessa experiência, pudemos discutir sobre o que almejávamos com as atividades e propostas elaboradas e, a partir disso, pensamos em critérios de avaliação. Precisamos pensar nos critérios (o que o aluno da escola precisa desenvolver com essa produção? para a partir disso, formular uma proposição coerente). A experiência trouxe contribuições importantes aos acadêmicos na medida em que os fez pensar nas suas práticas como futuros professores.

Podemos dizer que a experiência na escola não é apenas uma experiência didática no sentido de dar aula, mas sim uma experiência mais ampla de produção de conteúdo, uma experiência teórica e metodológica, que faz com que o aluno

construa um plano de aula adequado às necessidades daquela turma. O conhecimento nunca pode ser construído de forma aleatória. É preciso planejar, pensar em quem é o público-alvo e o que se pretende nessa aula.

Considerações finais

Neste trabalho, objetivamos chamar a atenção para o trabalho com os gêneros textuais no ensino de línguas reforçando o caráter avaliativo e processual das atividades desenvolvidas, contribuindo para o ato comunicativo (CRISTOVÃO, 2013), desenvolvendo nos participantes o senso de trabalho coletivo percebendo as características comunicativas relativas aos gêneros estudados.

À guisa de conclusão, destacamos que a recepção dos participantes para atividades em que as avaliações ocorreram de modo colaborativo, participativo e processual, contribuiu para que pudesse vivenciar experiências com a linguagem de modo que pudesse aplicar em contextos para além da sala de aula.

Reforçamos que o trabalho com as sequências didáticas pode ser um forte aliado quando desejamos realizar atividades processuais e "artesanais" de modo que cada etapa contribua com a produção final, permitindo que neste processo os envolvidos percebam suas potencialidades e fragilidades e possam, de certa maneira, alinhar e organizar suas ações durante e após o percurso trilhado com base nas discussões realizadas.

Pensar a prática de produção de texto a partir da escrita e da reescrita, compreendendo a avaliação como algo processual, de idas e vindas ao texto é fundamental para se pensar o ensino de texto seja escrito ou oral.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC. Brasília, DF, 2018.

BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, textos e discursos.* Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999 [1997].

CAVALCANTE, M. M. et al. *Linguística Textual:* conceitos e aplicações. Mônica Magalhães Cavalcante et al (orgs). 1d. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. C. B.; MELO, C. T. V. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). *Português*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 181-198.

CRISTOVÃO, V. L. L. Para uma expansão do conceito de capacidades de linguagem. *In*: BUENO, M. A.; LOPES, P. T.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). *Gêneros textuais e formação inicial:* uma homenagem à Malu Matencio. Campinas: Mercado de Letras. 2013.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola.* Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In*: SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 125-155.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J (org.). *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p. 21-39.

TIMMERMAN, R. S.; STURM, L. (2021). Don't go all "TED Talks" on them, but... make a good presentation" - teaching the oral genre through the didactic sequence procedures. *Revista da Abralin*, v.20, n.3, p.1119 - 1136, 2021

WACHOWICZ, T. C. *Análise linguística nos gêneros textuais*. Curitiba: Ibpex, 2010.

_____. *Avaliação de textos na escola.* Curitiba: Intersaberes, 2015.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NO CAMPO CORPO HUMANO: UM ESTUDO A PARTIR DA QUESTÃO 118 DO QSL/ALiMA

Daniel Cordeiro dos Santos[257]
Georgiana Márcia Oliveira Santos[258]

Resumo: A língua é um fenômeno complexo e em constante movimento que está profundamente arraigada na natureza humana. Este sistema abstrato, que é compartilhado por comunidades de falantes, constitui o alicerce primordial para a comunicação verbal e desempenha um papel vital na transmissão de cultura, sabedoria e valores tradicionais. Ao explorarmos o estudo de nossa língua materna, é preciso reconhecer a presença de diversas formas de expressões para comunicar uma ideia. Essa multiplicidade reflete a natureza heterogênea e multifacetada da língua. Nesse sentido, o presente trabalho está inserido no conjunto dos estudos lexicais, realizados com base nos dados coletados pela equipe do projeto ALiMA, e tem por objetivo analisar as variações semântico-lexicais dadas pelos informantes para o campo semântico Corpo Humano, especificamente para a questão 118 do QSL/ALiMA. Para a apresentação da realidade linguística do Maranhão, decidiu-se explorar as variações obtidas na mesorregião Norte, que contempla os municípios São Luís, Raposa e Pinheiro, respectivamente, a partir do inquérito de 12 informantes. Esta pesquisa encontra-se apoiada, sobretudo, nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional, desenvolvidos por Cardoso (2010), Aguilera (2005, 2002, 1999), Ramos, Bezerra e Rocha (2010) e Razky (2010). Diante do exposto, esta pesquisa pode contribuir significativamente para uma compreensão mais aprofundada dos fatores extralinguísticos que são distintivos, identitários e representativos do português maranhense, com foco particular aos fatores de variação da língua (diatópico, diassexual, diageracional etc) que corroboram para o entendimento do fenômeno de variação do português falado no Maranhão.

Palavras-chave: Variação. Geolinguística pluridimensional. Dialetologia. Corpo humano. ALiMA

Introdução

A língua é um fenômeno complexo e dinâmico, intrinsecamente ligado ao ser humano. Esse sistema abstrato, compartilhado por grupos de falantes, constitui a base fundamental para a interação verbal, sendo essencial para a transmissão de cultura, conhecimento e tradições. No âmbito do estudo da língua materna, é necessário reconhecer a existência de múltiplas modalidades de expressão utilizadas para comunicar uma ideia. Tal diversidade evidencia a natureza heterogênea da língua.

[257] Graduando em Letras Português/Espanhol (UFMA) – Grupo de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas (GELMIC) – cordeiro.daniel@discente.ufma.br
[258] Doutora em Linguística (UFC) – Grupo de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas (GELMIC) – georgiana.marcia@ufma.br

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A título exemplificativo, é relevante destacar que um ludovicense não se expressa da mesma maneira que um carioca, assim como um residente rural emprega uma linguagem distinta daquela utilizada por um habitante urbano. Essas diferentes formas de manifestação linguística, utilizadas para expressar conceitos equivalentes, são denominadas variedades linguísticas.

Nesse sentido, como afirma Ferreira e Cardoso (1994, p. 11), "falar de língua portuguesa ou de qualquer outra língua é operar uma abstração e uma generalização consideráveis uma vez que sob essa denominação de língua há uma gama de variações, consequência direta da diversidade dos seus usuários", ou seja, por trás do termo língua há uma gama de significações e cada falante possui sua própria maneira de utilizá-la, seja influenciado por uma série de fatores como: diatópico, diassexual, diageracional dentre outros. Portanto, é crucial reconhecer e considerar essa diversidade ao discutir sobre a língua, evitando simplificações excessivas que não capturam plenamente a complexidade e a riqueza linguística.

Sendo assim, para uma compreensão mais profunda acerca das diversidades linguísticas e da correlação dessas variantes com os fenômenos sociais, tanto a Dialetologia quanto a Geolinguística são ramos linguísticos fundamentais. Cardoso (2016) definiu a Dialetologia como um ramo linguístico que tem por tarefa identificar, descrever e situar os distintos usos em que a língua se diversifica a partir de sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica, ou seja, ela busca examinar as diferentes facetas da variação linguística, reconhecendo que a língua é um fenômeno dinâmico que se adapta e se transforma em resposta a uma variedade de influências. Em consonância à Dialetologia, a geografia linguística, hoje Geolinguística pluridimensional, está alicerçada ao estudo das variações linguísticas no espaço geográfico e como essas diversificações influenciam no desenvolvimento e na variação da língua. Em outras palavras, “é a técnica metodológica que consiste em apresentar os dados linguísticos sob a forma de mapa ou carta geográfica, distribuídos por pontos espacialmente identificados” (Cardoso, 2010, p. 17). Assim, utiliza-se a dialetologia e a geolinguística para explicar tais fenômenos, como elabora e define Cardoso (2010, p. 14) “no plano geográfico, a Dialetologia identifica a variedade que uma língua apresenta no plano espacial, mostrando que, diatopicamente, os usos podem representar diferenças regionais que assinalam uma área em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

relação a outra ou identidades existentes entre ela, seja num mesmo domínio geopolítico, seja entre países distintos…"

O campo semântico *corpo humano* é um campo já explorado dentro do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e, consequentemente, em outros atlas, pois é uma área muito reveladora e que, a partir disso, é possível verificar as diversas realidades linguísticas dos falantes. Diante do exposto, o presente estudo visa investigar por meio dos fatores de variação, a saber: diatópico, diageracional e diassexual, os usos das lexias para a questão 118 ("E como se chama o órgão sexual feminino?") no campo semântico *corpo humano*, a partir da fala de 12 informantes maranhenses, especificamente do norte do Maranhão, que contempla os municípios São Luís (MA01), Raposa (MA02) e Pinheiro (MA03). Os dados analisados serão expostos em cartas linguísticas produzidas pelo programa de *software* SGVClin (Seabra; Romano; Oliveira, 2014-15), além da amostragem de traços do tabu linguístico presente na fala de alguns informantes investigados.

Referencial teórico

A investigação da diversidade linguística no Brasil representa um desafio significativo aos interessados em explorar os diferentes aspectos da língua(gem). Existem diversos fatores que tornam esse tipo de pesquisa complexa, especialmente no que se refere à variação dialetal da língua. Entre os obstáculos encontrados, destaca-se a dificuldade de documentar as mudanças linguísticas devido às rápidas transformações sociais e ao considerável número de movimentos migratórios que ocorrem em todo o país. Apesar dessas dificuldades, os especialistas em dialetologia no Brasil têm procurado utilizar as orientações da geografia linguística, hoje Geolinguística, como uma abordagem para registrar esses fenômenos linguísticos.

No âmbito da pesquisa dialetal, existem dois elementos essenciais: o primeiro diz respeito à identificação das variações e semelhanças que a língua expressa e as várias denominações documentadas na área linguística; o segundo envolve a comparação entre a presença e a ausência de dados registrados, limitados a contextos específicos, sendo significativo tanto a confirmação de termos identificados na

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

região, quanto a falta de registros - áreas não documentadas também oferecem *insights*[259] sobre a língua em estudo. Nesse sentido, Cardoso (2010, p. 15) diz que "o vazio geográfico é denunciador de informações as mais diversas e pertinentes para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos".

Nesse contexto, a Dialetologia desempenha um papel importante no estudo e na compreensão da variação geográfica na linguagem, ou seja, na análise das mudanças linguísticas que ocorrem devido à localização geográfica dos falantes. Como explicita Cardoso (2010, p. 15):

> O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (CARDOSO, Suzana Alice, 2010, p. 15).

A Sociolinguística representa uma das divisões da Linguística que se dedica a examinar como a língua é utilizada dentro de grupos de pessoas que compartilham uma mesma linguagem, concentrando-se em investigações que relacionam elementos linguísticos e fatores sociais. Estas ciências são consideradas por muitos estudiosos como sinônimas, mas ambas oferecem um objeto de investigação particular. Em seus estudos, Cardoso (2010) explica:

> Apesar de consideradas até certo ponto sinônimas, a dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante, considera fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica [...] (CARDOSO, Suzana Alice, 2010, p. 26).

Mesmo sendo consideradas dissociáveis por outros autores, com o passar do tempo tornou-se cada vez mais evidente a importância de estabelecer conexões entre a

[259] Na área da pesquisa, *insights* são percepções ou compreensões profundas e perspicazes que surgem a partir da análise, reflexão ou observação de determinada situação, problema ou conjunto de dados.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Dialetologia e a Sociolinguística, assim como entre a Dialetologia e a Geolinguística. Em outras palavras, houve uma crescente compreensão da necessidade de estabelecer relações complementares entre essas áreas, a fim de analisar como os fatores diastráticos, diatópicos, diageracionais e os diassexuais etc., influenciam na variação linguística que ocorre em uma mesma região geográfica.

Em defesa da Geolinguística, segundo Elizaincín (2010, p. 17) "la geografía lingüística, hoy geolingüística, se trata de un método posible (recomendable) para capturar la variación a través de su sofisticada batería de técnicas de recolección de los datos, ordenamiento y representación cartográfica de los mismos". Em consonância com o autor, além disso, a Geolinguística desempenha um papel vital na preservação das línguas em perigo de extinção, tendo em vista que à medida que o mundo se torna mais globalizado, muitas línguas minoritárias estão enfrentando a ameaça de desaparecer. Estudar essas línguas através da Geolinguística não apenas registra seu patrimônio cultural, mas também pode contribuir para esforços de revitalização linguística, ajudando as comunidades preservar suas línguas e identidades únicas.

Com a ascensão da Geolinguística Pluridimensional, a análise da variação linguística está incorporando as várias perspectivas, incluindo a distribuição geográfica (variação diatópica), fatores socioculturais, como diferentes faixas etárias (variação diageracional) e o gênero ou sexo dos falantes (variação diagenérica/diassexual) entre outros.

Essa evolução levou ao surgimento de diversas abordagens teóricas que enfatizam a importância de estabelecer correlações entre a variação geográfica e a variação social em todos os níveis da língua. Alguns desses desdobramentos teóricos incluem a Geolinguística Pluridimensional, a Sociodialetologia e a Geossociolinguística.

Nesse contexto, a Geolinguística trouxe contribuições substanciais para a pesquisa, no que diz respeito à variação dialetal, aprimorando o método dialetológico por meio de análises etnográficas e da variação social na diversidade linguística. Além disso, a Sociolinguística desempenha um papel fundamental ao enriquecer a Dialetologia com uma compreensão mais profunda das interações entre a língua e a sociedade. Isso ocorre porque a língua está em constante evolução devido às influências sociais, tornando essencial o estudo dessas transformações ao longo do tempo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Percurso metodológico

A metodologia utilizada nesta pesquisa está alicerçada, sobretudo, nos estudos teóricos da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional, que consideram as novas dimensões de análise. Nesse trabalho, excepcionalmente, foram consideradas as dimensões diatópica, diageracional e diassexual.

Corpus da pesquisa

O *corpus* do presente trabalho delimita-se aos dados referentes a 12 inquéritos coletados pela equipe do projeto ALiMA, especificamente das localidades São Luís, Raposa e Pinheiro – mesorregião Norte Maranhense. Nesse sentido, levou-se em consideração a questão 118, acrescida ao Questionário Semântico-lexical (QSL) do ALiMA, pertencente ao campo semântico *Corpo Humano*, a saber: questão 118 – "E como se chama o órgão sexual feminino"

Para o levantamento dos dados foram analisados os áudios com as falas dos informantes e a transcrição das entrevistas realizadas com 68 informantes das 16 localidades de investigação do ALiMA. Após isso, os dados foram dispostos em tabelas no *Excel* e *Google docs.* É válido salientar que, para este trabalho específico, foi feito um recorte e utiliza-se apenas os inquéritos de 12 informantes, priorizando os indivíduos alfabetizados e que tenham cursado o ensino fundamental.

Perfil dos informantes

Os informantes de cada localidade estão estratificados em duas faixas etárias, a saber: de 18 a 30 anos (mais jovens) e de 50 a 65 anos (mais velhos), de ambos os sexos e com o ensino fundamental, totalizando quatro informantes por ponto e doze no total, conforme mostra o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

Informante	Escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino

04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

Rede de pontos

O *corpus* analisado refere-se a 3 dos 16 pontos distribuídos pelo estado do Maranhão. Esses três pontos constituem municípios representativos da mesorregião norte do estado onde foram realizadas as entrevistas para a obtenção dos dados linguísticos, conforme demonstra o Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Rede de pontos

MESORREGIÃO	**MUNICÍPIOS**	**NÚMERO DA LOCALIDADE**	**NÚMERO DE INFORMANTES**
NORTE	São Luís	MA01	4
	Raposa	MA02	4
	Pinheiro	MA03	4

Fonte: Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

O SGVClin: *software* gerador de cartas linguísticas

Para gerar as cartas linguísticas, inicialmente, foi realizado o levantamento dos dados utilizando as transcrições já finalizadas. Para facilitar esta etapa, cada dado foi disposto em planilha do Excel e tabelas do Google Docs.

No *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* – SGVClin (Seabra; Romano; Oliveira, 201415) os dados já finalizados, postos anteriormente em planilhas do Excel, foram usados para o preenchimento do banco de dados no programa.

Para a criação das cartas, foram levadas em conta todas as respostas válidas de cada informante. Desse modo, é possível que haja um número maior de respostas em comparação com o número de informantes para cada localidade. É importante salientar que algumas respostas não foram obtidas, ou porque o informante não lembrou, ou porque ele não sabia ou porque não quis responder por questões de tabu linguístico como é o caso, por exemplo, da questão 118. Nesses casos, foram utilizadas as denominação não sabe/não lembra (N.S/N.L) e Não obtenção (N.O).

De acordo com Cardoso (2016, p. 16), “a Geolinguística é a técnica metodológica

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que apresenta os dados linguísticos sob forma de mapa ou carta linguística, distribuídos por pontos espacialmente identificados". Assim, para a questão 118 há três cartas, bem como a tabela de variantes e ocorrências, que foi feita a partir dos relatórios emitidos pelo programa.

Descrição e análise dos dados

Para questão 118 – "E como se chama o órgão sexual feminino" – obteve-se doze variantes e destas doze houve 21 ocorrências, além de dois informantes que responderam "não sabe/não lembra" e dois casos de problemas técnicos – não obtenção da resposta, assim como mostra a imagem a seguir:

Imagem 1 – variantes e ocorrências

Número da questão: 118

Questão E como se chama o orgão sexual feminino?

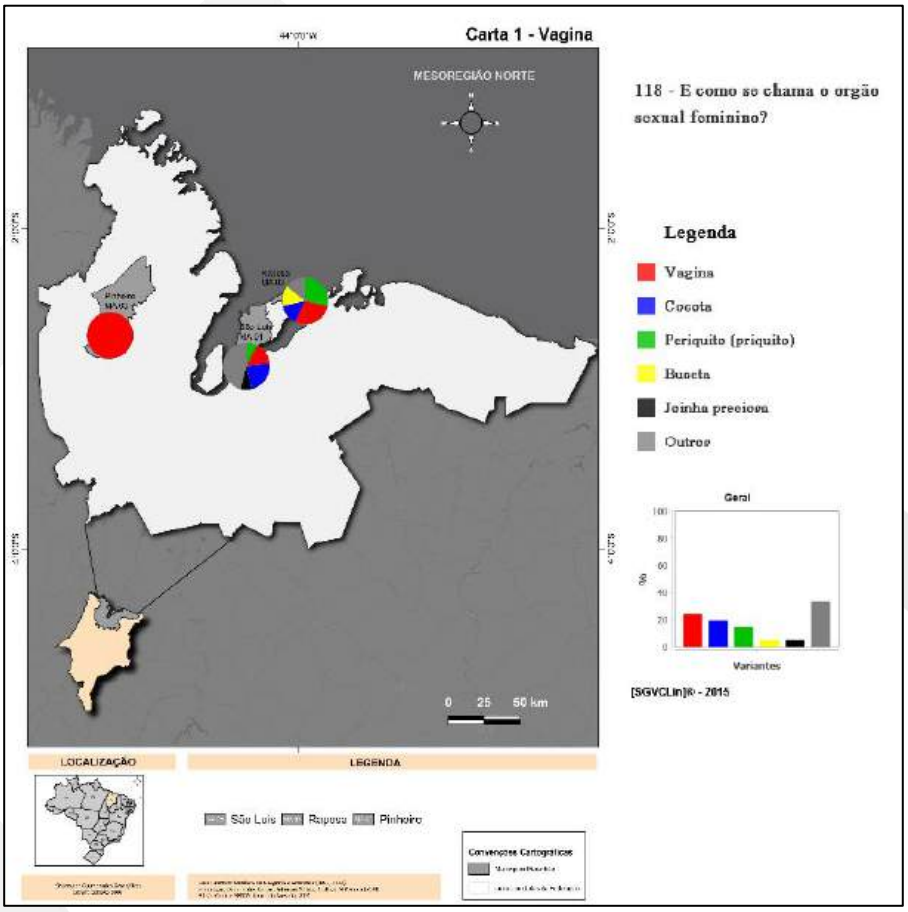
Variantes	Número de ocorrências	%
Vagina	5	23.81%
Cocota	4	19.05%
Periquito (priquito)	3	14.29%
Dondoca	1	4.76%
Bucetão	1	4.76%
Xiri	1	4.76%
Xixita	1	4.76%
Bela	1	4.76%
Buceta	1	4.76%
Perereca	1	4.76%
Xoxota	1	4.76%
Joinha preciosa	1	4.76%
	21	

NS: 2, PT: 2. NS: 2/3, 3/3; PT: 3/1, 3/4

Fonte: Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)/(SGVClin)

Análise diatópica

Carta 1 - diatópica



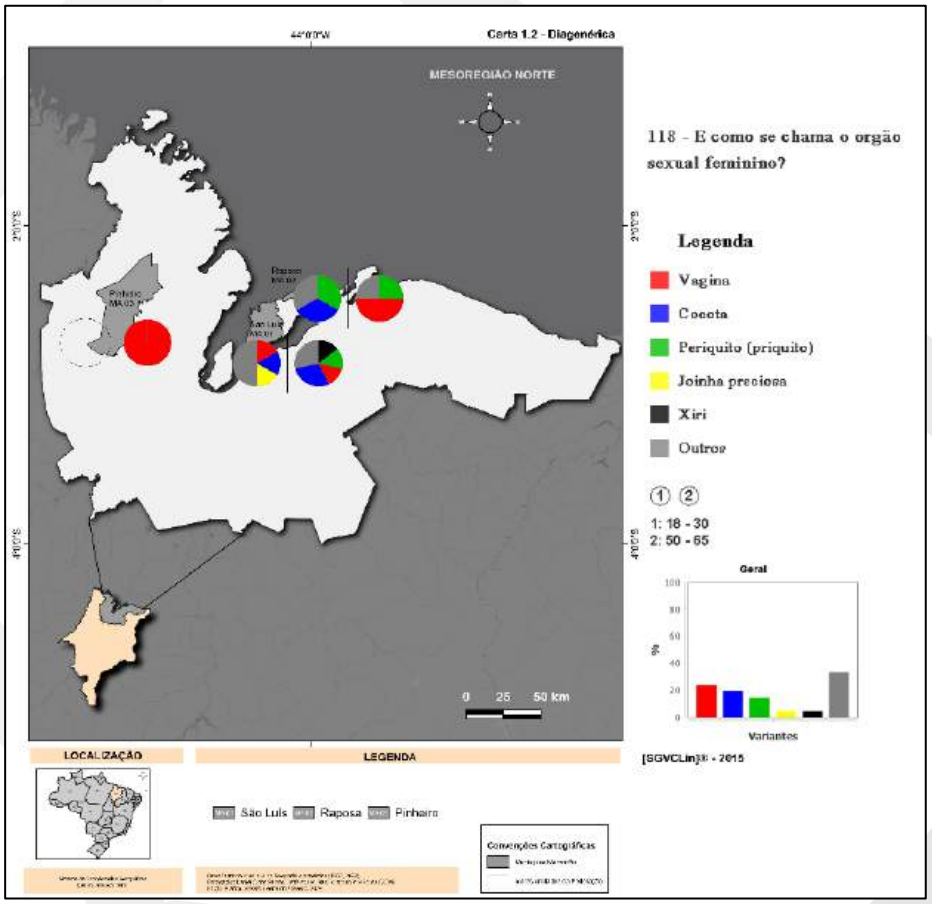
Fonte: Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

A Carta I mostra um total 12 variantes e 21 ocorrências referentes à questão 118 do Questionário Semântico-Lexical (QSL/ALiMA), a saber: *vagina, cocota, periquito (priquito), dondoca, bucetão, xiri, xixita, bela, buceta, perereca, xoxota e joinha preciosa*. Como pode ser visto, a maior parte das lexias são simples, com exceção de joinha preciosa (4,76%). Das variantes que surgiram, vagina (28,81%) é a variante que possui o maior número de ocorrência e está presente nos três pontos investigativos (MA01, MA02 e MA03). Sequencialmente há cocota (19,05%) e periquito (priquito) - (14,29%). As demais variantes não tiveram tanta pertinência na fala dos informantes investigados, apresentando 4,76% das ocorrências registradas. Depois da lexia vagina, apenas cocota (19,05%) e periquito (14,29%) apresentam registro em mais de um ponto - MA01 e MA02,

respectivamente. Por fim, tem-se 2 casos de N.S/N.L (MA02 e MA03) e 2 de Problema Técnico (N.O), ambos na MA03.

Análise diageracional

Carta 2 – diageracional



Fonte: Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

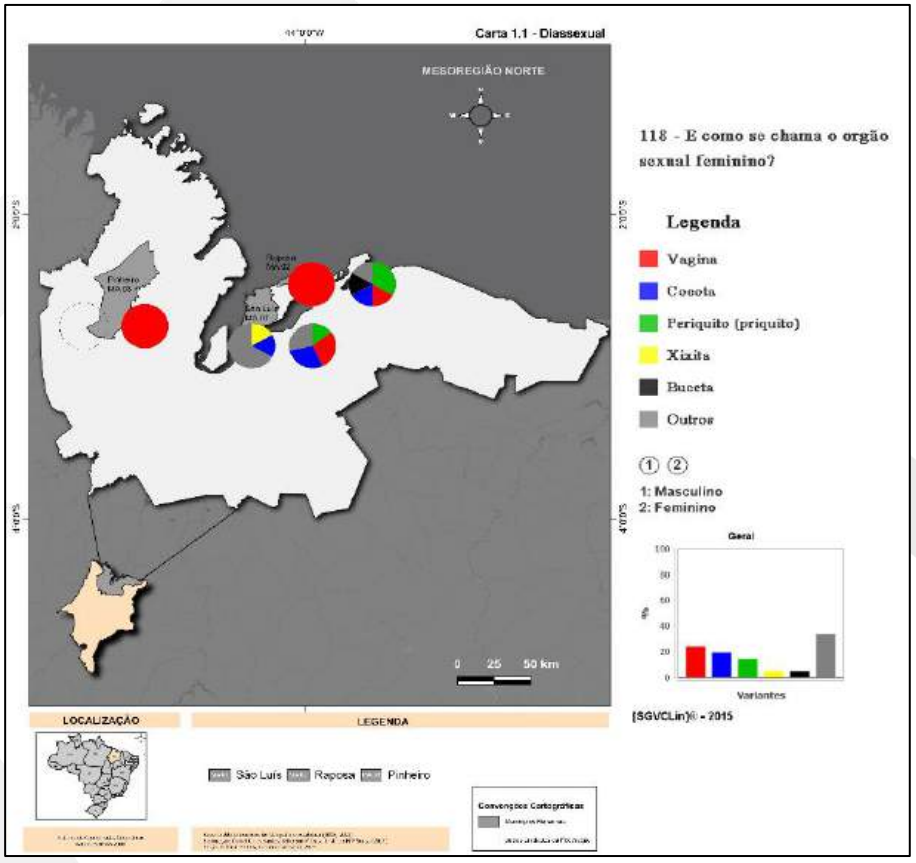
No que diz respeito ao fator diageracional, as amostras dos dados não apresentaram tanta pertinência - o primeiro grupo etário apresentou 9 ocorrências e o segundo 12 ocorrências. A variante mais frequente na Faixa Etária I (18-30 anos) foi cocota (22,22%), já vagina (33,33%) se sobressaiu na Faixa Etária II (50-65 anos). Um fato importante neste fator de variação é que a lexia vagina apesar de estar presente em ambas as Faixas, na segunda Faixa Etária ela está em maior expressividade, seguida de cocota (16,67%) e periquito/priquito (16,67%).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análise diassexual

Carta 3 – diassexual



Fonte: Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

O fator diassexual apresentou uma pertinência significativa para a análise. As mulheres apresentaram o dobro de ocorrências em relação aos homens. As lexias vagina (28,57%), periquito/priquito (21,43%) e cocota (21,34%) foram as variantes de maior destaque na fala das mulheres, enquanto as demais variantes, a saber: vagina, xixita, xiri, xoxota, dondoca, bela e cocota - apresentam apenas uma ocorrência (14,29%) na fala dos homens. Outro ponto relevante é a questão do Tabu Linguístico presente, essencialmente, na fala de 2 informantes (homens) na MA03 - informantes 1 e 3.

Aspectos do tabu linguístico

O estudo do tabu linguístico é intrincado, visto que os elementos considerados tabus

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

estão diretamente ligados à percepção dos valores sócio-histórico-culturais associados à linguagem. Assim, para obtermos uma compreensão mais ampla sobre esse fenômeno, é essencial considerar que este objeto de estudo interage com diversas áreas dos estudos da linguagem.

Nesse sentido, o tabu linguístico reflete a indissociabilidade entre o ser humano e a língua, pois, ao utilizar a língua para expressar sua relação com o mundo, o indivíduo procura maneiras de contornar as proibições impostas.

Por a questão 118 está ligada há algo que por muitos é considerado e soa estranhado, fizemos um recorte do inquérito de dois informantes pertencentes à MA03 (Pinheiro), que são, especificamente informantes do sexo masculino (informante 1 e 3).

> **PINHEIRO – Informante 1**
> INQ.: E aqui como é que as pessoas costumam chamar o órgão sexual feminino?
> INF.: Como é que costuma chamar? Como é que é, que eu não entendi?
> INQ.: Como é que as pessoas chamam o órgão sexual feminino? Que nome as pessoas dão aqui em Pinheiro pro órgão sexual feminino? A gente sabe que no Brasil todo dão tantos nomes, né? Aqui em Pinheiro, quais são os nomes que as pessoas dão?
> INF.: É...
> INQ.: Às vezes as pessoas escrevem no muro, né?
> INF.: *Eu não tô nem a paz agora de dizer isso daí*
>
> **PINHEIRO – Informante 2**
> INQ.: E como é que chama aqui em Pinheiro o órgão sexual feminino? Como é que as pessoas costumam chamar aqui? Os rapazes, as pessoas mais antigas, como é que chamam o órgão sexual feminino?
> INF.: *Isso eu não sei dizer também, essas coisas não gosto de dizer*
> INQ.: Senhor não lembra nenhum nome?
> INF.: Não
>
> Fonte: Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

Como é possível notar, em ambos os inquéritos os informantes são instigados pelo inquiridor para darem a resposta pretendida na questão, mas, por questões de tabu, não oferecem as lexias. O primeiro informante responde: “Eu não tô nem a paz agora de dizer isso daí” e ou outro, informante três, diz: “Isso eu não sei dizer também, essas coisas não gosto de dizer... não”. Sendo assim, como denota Coelho (2018,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

p. 17), “o fenômeno linguístico pautado em coerções sociais que tendem a impedir o uso de determinadas palavras, permite-nos verificar a singularidade dos sujeitos que falam determinada língua, diversa e singular, de forma a registrar seu patrimônio linguístico, contribuindo para nos fazer compreender nossa realidade linguística”, ou seja, as restrições dos falantes por algumas lexias presentes na língua é interessante tendo em vista que é possível, assim, entender a individualidade dos usuários no que diz respeito ao uso da língua e a cultura dos falantes.

Considerações finais

A língua é uma fonte de infinitas possibilidades para se identificar, por exemplo, a influência de fatores diatópicos, diageracionais, diassexuais e outros, nos usos de seus falantes. Nesse sentido, a análise do *corpus* possibilitou realizar o levantamento da diversidade lexical, e mesmo dentro de uma delimitação geopolítica menor, como é o caso do Maranhão, especificamente a mesorregião Norte, a língua se mostrou ser dinâmica e heterogênea, atendendo e adequando-se às necessidades socioculturais dos falantes. Considerando os dados apresentados, tem-se que:

(i) A variante vagina foi a mais recorrente nas localidades pesquisadas;

(ii) A lexia cocota, por sua vez, foi a segunda variante mais frequente na fala dos informantes, sendo estes do sexo feminino, em sua grande maioria.

Nesse sentido, o uso das lexias "vagina" e "cocota" ilustram a variação linguística em função do contexto e da audiência. A lexia "vagina" é frequentemente escolhida por seu caráter técnico e científico, sendo amplamente utilizada em livros e textos científicos. Esta escolha reflete uma preferência por uma terminologia precisa e formal, apropriada para contextos acadêmicos e profissionais.

Por outro lado, "cocota" se sobressai na fala cotidiana, especialmente entre as mulheres, sendo considerada uma expressão mais adequada em situações informais. Esta lexia é frequentemente usada ao se dirigir a crianças, por exemplo, onde a informalidade e a simplicidade são valorizadas. Assim, a escolha de "cocota" demonstra uma adaptação linguística para tornar a comunicação mais acessível e apropriada ao contexto social específico.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Essas variações no uso das lexias evidenciam a flexibilidade da linguagem e a capacidade dos falantes de selecionar termos que melhor se adequam às circunstâncias comunicativas, refletindo a riqueza e a complexidade do patrimônio linguístico.

Assim, o trabalho procurou mostrar como as lexias trazem, na fala dos informantes, as marcas do contexto em que se encontram inseridos. Dessa forma, com esta pesquisa, pretendeu-se oferecer subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa falada no Maranhão.

Considerando o exposto, entende-se que este estudo não se limita apenas a este ponto, proporcionando diversas oportunidades para investigações posteriores em outras regiões do Maranhão e com diferentes enfoques e perspectivas.

Referências

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. **Sociolinguística, sociolinguística: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

COELHO, Carolina Batista e Silva. Palavras que ardem: o tabu linguístico religioso no português falado no Maranhão. 2018. 127 folhas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

ELIZAINCÍN, Adolfo. SOCIO Y GEOLINGUISTICA: nueva alianza en los estudios sobre el uso lingüístico. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. **Estudos Linguísticos e Literários**, n° 41, jan/jun, 2010.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. **[SGVClin]** – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas, versão 1.1, 2014-15.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LORD OF THE FLIES: UMA POSSÍVEL NARRATIVA MÍTICA E POÉTICA

Henrique Castilho Estupiña[260]

Laura Moreira Teixeira[261]

Resumo: *Lord of the Flies*, primeiro romance de William Golding, é publicado em 1954. O enredo gira em torno de um grupo de crianças que sofrem um acidente de avião e ficam presas em uma ilha paradisíaca. Malgrado sua categorização dentro do gênero romanesco, a obra de Golding permite abordagens que vão além da mera leitura narrativa. Cassirer (1949) afirma ser uma obra de arte inesgotável e tal capacidade é o que a caracteriza como 'Arte'. Destarte, será proposta a leitura da obra a partir de seu trabalho com o mito e com a alegoria fundamentados principalmente nos estudos de Cassirer (1949) e Tadié (1978). Em um primeiro momento, *Lord of the Flies* foi lido sob a lente da "fábula", ou seja, as personagens e o espaço funcionariam como símbolos. Seguindo Whitley (1970), em fábulas o sentido abstrato da narrativa se move em paralelo à narrativa de superfície através de uma relação um-para-um, isto é A=B. Contudo, é possível ler a questão do símbolo na obra a partir do que Tadié (1978) intitula de *"récit poétique"* o qual se liga às narrativas míticas. Os mitos da antiguidade são ressuscitados pela necessidade que lhe é intrínseca de dar conta do sentido do mundo através de um sistema de símbolos. Conforme Eliade (1963) a função do mito é de revelar modelos exemplares das atividades humanas significativas. À vista disso, podemos buscar observar o trabalho de Golding com os textos de Eurípedes e com a Bíblia. Ademais, é possível ler a obra a partir do conceito de Cassirer de "pensamento mítico" o qual pode ser ligado à imaginação infantil. Ambos são capazes de desvelar a consanguinidade entre as formas da vida. Com isso, a confusão entre a vegetação e um possível monstro se esclarece. Objetiva-se, então, observar o caráter mítico do romance.

Palavras-chave: "Lord of the flies". William Golding. Narrativa Poética. Mito.

Introdução

Lord of the Flies além de primeiro romance é provavelmente a obra mais conhecida do autor inglês William Golding. Ganhadora do prêmio Nobel de 1983 é até os dias atuais uma importante referência do cânone de expressão inglesa. A narrativa gira em torno de um

[260] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP); Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara.

[261] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP); Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara.

grupo de meninos que sofre um acidente de avião e acabam isolados em uma ilha deserta, afastados de qualquer contato humano e da autoridade dos adultos. Ao leitor, então, serão narradas as desastrosas tentativas de governo e ordem, assim como o retorno a um estado primitivo de barbárie.

Conforme Costa (2012), conquanto Golding pudesse ter narrado um acontecimento particular a partir de circunstâncias sociais e culturais, ele prefere se voltar para a subjetividade da experiência humana, e para tanto faz uso de procedimentos do campo da poesia. Todavia, ademais dessa escolha do poético, o autor também trará para a sua costura narrativa, o mito. O próprio título da obra já aponta para tal trabalho, já que *Lord of the Flies* é a tradução do hebreu para um dos sete demônios do Inferno, *Beelzebub*.

Destarte, o objetivo do trabalho aqui apresentado é debater especificamente a respeito da presença do mito na obra de Golding. Para tanto faremos uso das obras de Tadié, *Le récit poétique* (1978), e Cassirer, *An essay on man* (1949) de modo a fundamentar as análises aqui propostas.

Mito e Literatura

Em um primeiro momento, a obra *Lord of the Flies* é encaixada na categoria de *"fable"*. John Peter (1957), um dos primeiros críticos a escrever a respeito da obra de Golding, explica o termo fábula da seguinte forma: "fábulas são aquelas narrativas que deixam a impressão de possuir um propósito anterior, alguma tese ou controvérsia inicial que aparentemente se preocupam em encarnar e expressar em termos concretos."[262] (PETER, John, 1957, p. 577, apud WHITLEY, John, 1970, p.7, tradução nossa). De modo a ilustrar o conceito apresentado, é possível apontar narrativas como a famosa *Animal Farm* (1945), de George Orwell, assim como *Gulliver's Travels* (1726), de Jonathan Swift. Estes romances dizem muito a respeito da condição humana e da sociedade. Todavia, para abordarem tal temática devem remover a ação desta mesma sociedade, criando uma espécie de microcosmo onde a ação ocorrerá (WHITLEY, John, 1970; TADIÉ, Jean-Yves, 1978).

[262] *"Fables are those narratives which leave the impression that their purpose was anterior, some initial thesis or contention which they are apparently concerned to embody and express in concrete terms."* (Peter, 1957, p. 577, apud Whitley, 1970, p.7).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Além disso, prosseguindo com o conceito de fábula, esta propõe a ideia de um padrão. Em outras palavras, caso o autor inicie sua obra com uma tese, deverá, com isso, manter fora de sua história qualquer material irrelevante que o afaste de sua proposta inicial. À vista disso, percebemos de antemão que todas as personagens, do mesmo modo que o tempo e o espaço, ilustrarão os pontos que serão trabalhados e, por conseguinte, funcionam como símbolos. (WHITLEY, John, 1970). Com estas breves considerações em mente, podemos observar a forma com que Golding costura sua história de maneira que é apresentado ao leitor a chegada dos meninos à ilha, suas frustradas tentativas de ordem e democracia, até o retorno a um estado primitivo de selvageria e barbárie.

De modo a esclarecer a diferença entre a obra de Golding e outras narrativas, e clarificar o trabalho com a fábula, é possível comparar a obra aqui trabalhada com o romance de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe* (1719). Whitley (1970) afirma se tratar a obra de Defoe exatamente de uma "não-fábula" (*non-fable*). Em ambos os romances as personagens são removidas da sociedade em que se inseriam e realocadas em ilhas paradisíacas afastadas de qualquer contato humano (WHITLEY, John, 1970). Contudo, enquanto as crianças de Golding virão a representar o retorno a um estado primitivo, Robinson Crusoe, diferentemente vem provar

> que o homem é capaz, através da educação, de progredir; que o homem, em uma sociedade *laissez-faire*, é capaz de expandir seu potencial infinitamente. É um livro sobre o modo como o homem pode usar seu cérebro e suas mãos de modo a manipular os objetos ao seu redor" (WHITLEY, John, 1970, p.8, tradução nossa)[263].

Os autores, em obras que não fazem uso da fábula, costumam apresentar histórias que tenham uma maior semelhança com o mundo real, deste modo, os leitores se veem mais facilmente espelhados.

Ademais, a fábula, conforme Whitley (1970) tem grandes ligações com a alegoria. Pelas palavras do teórico, "em uma alegoria, o sentido abstrato se move em paralelo à história de superfície através de uma relação um-para-um. Sentidos são elaborados em

[263] *"that man is capable, through education, of progress; that man, in a laissez-faire society, is capable of infinite expansion of potential. It is a book about how man can use his brains and his hands to manipulate the objects around him"* (WHITLEY, John, 1970, p.8)

termos de A=B, C=D"[264] (p.9, tradução nossa). À vista disso, compreendemos que em narrativas alegóricas ou que fazem uso da alegoria, o leitor deve ler as personagens a partir de um segundo plano de funcionalidade, ou seja, deve se atentar aos valores que lhe são atribuídos, assim como suas finalidades na concatenação do enredo.

No que tange ao romance de Golding, a tese inicial que elabora é a de que o homem seria uma criatura caída. As crianças, sofrem um acidente de avião e, literalmente, caem do céu em uma espaço paradisíaco tal qual um "Jardim do Éden". A semelhança não é apenas espacial, pois, assim como no Jardim de Deus, a ilha também conta com uma serpente. Destarte, devido a tese inicial e o trabalho com o mito bíblico, é possível considerar – e propor – outras leituras da obra. Com isso, é proposto aqui a leitura através das considerações de Jean-Yves Tadié em seu livro *Le récit poétique* (1978), devido ao trabalho que Golding realizará com narrativas míticas.

Isto que Tadié nomeia de "*récit poétique*" se liga às narrativas míticas pela necessidade que possuem de dar conta do sentido do mundo através de um sistema simbólico. As narrativas poéticas, com efeito, não são romances, já que a intriga passional tem pouca relevância; na verdade, a justaposição de imagens tem maior importância na construção narrativa (TADIÉ, Jean-Yves, 1978). Freedman (1966) dará sua contribuição e afirmará que o leitor, ao ler esse tipo de narrativa, aproximar-se-ia do lírico da mesma maneira com que se relaciona com uma figura. Por outros termos, experiencia uma complexa justaposição de detalhes. A necessidade do mito, então, surge devido ao fato de que um enredo realista não seria capaz de dar conta do sentido mundo (TADIÉ, Jean-Yves, 1978).

A partir dos estudos do mito de Mircea Eliade (1963) temos que

> o mito é uma história sagrada que se desenrola em um tempo primordial, com personagens tidos como reais, mas sobrenaturais; esta história conta como uma realidade, total ou parcial, veio a existir; é, portanto, a história de uma gênese que mostra por quais meios a irrupção sagrada fundou o mundo. A função do mito é de "revelar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas." (apud TADIÉ, Jean-Yves, 1978, p.148, tradução nossa)[265]

[264] "*In an allegory, the abstract meaning moves along in parallel to the surface story by way of one-to-one relationship. Meanings are worked out in terms of A = B, C = D"* (WHITLEY, John, 1970, p.9).

[265] "*Le mythe est une histoire sacrée, qui se déroule dans un temps primordial, avec des personnages donnés comme réel, mais surnaturels; cette histoire raconte comment une réalité, totale ou partielle, est venue à l'existence; c'est donc toujours le récit d'une genèse qui montre par quelles voies l'irruption sacré fonde le*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

À vista disso, percebemos que o mito pode vir a ser utilizado como instrumento de conhecimento. Além disso, comporta a perfeição da origem com sua proposta incessante de um novo começo simultâneo a um novo fim, ou seja, é tanto memória quanto criação (TADIÉ, Jean-Yves, 1978).

Tomando a narrativa literária sob esse prisma, é possível vê-la como a transformação de uma mitologia que cessou de agir. As personagens de Golding, por sua vez, podem ser vistas como criaturas míticas por se encontrarem em uma nova gênese. Tal afirmação pode ser ilustrada já ao início da narrativa, pois ao caírem na ilha se percebem libertos da autoridade dos adultos. Piggy pergunta a Ralph se há algum adulto na ilha e prontamente este responde: *"I don't think so"* (GOLDING, William, 2012, p.38). Com essa pequena resposta, o leitor já toma consciência de que o enredo desenrolar-se-á a partir das crianças e de suas futuras peripécias. Outro ponto interessante que podemos mencionar é o seguinte comentário feito pelo narrador a respeito de Ralph: "*he undid the snake-clasp of his belt* [...] *and stood there naked, looking at the dazzling beach and the water"* (GOLDING, William, 2012, p.74). Tal excerto, pode parecer simples e desconexo, porém aponta para esse estado primordial e de iniciação. Ralph se solta da serpente que lhe prendia, e esta serpente pode ser lida como a sociedade adulta; em seguida, ele fica nu, o que aponta para um estado inicial e até mesmo primitivo; e assim, prostra-se perante essa nova realidade que se lhe apresenta e na qual terá grande influência.

Retomando brevemente o conceito de alegoria, Tadié (1978) tece algumas considerações interessantes partindo de Breton e sua obra *Amour Fou* (1937). O autor francês, ao fazer uso do mito de Vênus, faz com que seu leitor não duvide de que está a exprimir uma verdade comum eterna. Deste modo, ao inserir o mito na obra, Breton traduz para a linguagem alegórica uma série de observações que se inserem no campo da existência humana. Acreditamos que nesse aspecto, o mito de forma semelhante à *"fable"*, possui em comum esse caráter alegórico que nos permite aproximar os estudos de Whitley (1970) e Tadié (1970), possibilitando novas leituras de *Lord of the Flies*. Como mencionamos anteriormente, em alegorias o significado abstrato se encontra em paralelo à

monde. La fonction du mythe est de "révéler les modèles exemplaires de tous les rites et de toutes les activités humaines significatives" (ELIADE, Mircea, apud TADIÉ, Jean-Yves, 1978, p.148).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000
CONTATO
contato@enipel.com.br

história de superfície. De modo similar, no *récit poétique* a horizontalidade da narrativa se ritma com a verticalidade do conteúdo mítico (TADIÉ, Jean-Yves, 1978).

De maneira a estruturar sua história, o autor inglês tomará contextos culturais distintos, a partir do que poderíamos denominar de movimento de fundição. De modo a fazer a ideia mais clara, Golding adotará pontos de vistas de algumas mitografias, a citar: bíblica e grega. Com isso, "os mitos se engendram uns sobre os outro de modo a formar apenas um na história que os reúne e unifica"[266] (TADIÉ, Jean-Yves, 1978, p.155, tradução nossa).

A presença do mito em *Lord of the Flies*

William Golding, já ao início, estabelece uma clara relação entre sua obra com a tradição judaico-cristã, como anteriormente entrevisto, principalmente através da construção do espaço narrativo. A ilha na qual as personagens se encontram possui traços descritivos semelhantes aos do "Jardim do Éden", também conhecido como "Paraíso". O jardim de Deus descrito no *Livro do Gênesis* e no *Livro de Ezequiel* se apresenta como o espaço no qual todas as espécies de árvores de saborosos frutos foram criadas. Para além das espécies frutíferas, no centro do jardim, Deus coloca a "Árvore da Vida" e a "Árvore da Ciência do Bem e do Mal". Também é descrito um rio que rega toda a região, e por fim, havia a serpente.

A ilha de *Lord of the Flies*, de modo similar ao Jardim do Éden, é constantemente descrita como um espaço paradisíaco. Quando Ralph retorna de sua primeira expedição, diz aos seus companheiros: *"*[...] *this is a good island. We - Jack, Simon and me - we climbed the mountain. It's wizard. There's food and drink"* (GOLDING, William, 2012, p.476, grifo próprio). Como podemos notar, a ilha oferece alimento em abundância aos meninos graças às árvores e aos arbustos frutíferos. Ademais, a região é banhada por uma *lagoon* de água doce, outra semelhança com o mito bíblico. Contudo, o que estabelece por fim a relação é a presença da serpente.

[266] *"Les mythes se sont engendrés les uns les autres pour n'en plus former qu'un seul, dans le récit qui les assemble et les unifie"* (TADIÉ, Jean-Yves, 1978, p.155).

Ao passo que no texto Bíblico a serpente já se encontra no espaço idílico, aquela que se tornará a *beast-god* é inserida a partir de uma personagem. Na primeira assembleia organizada por Ralph, um dos *littluns*, o qual o leitor conhecerá apenas por *Mulberry-rose birthmark*, malgrado sua dificuldade de comunicação, e, devido a isso, fazer uso da voz dos mais velhos, cria a primeira imagem da *beast*:

> *"He wants to know what you're going to do about the snake-thing"* [...]
> *"Now he says it was a beastie"* [...]
> *"A snake-thing. Ever so big. He saw it"* [...]
> *"He says the beastie came in the dark"* [...]
> *"He still says he saw the beastie. It came and went again an' came back and wanted to eat him -"* (GOLDING, William, p.494-506, grifo próprio)

Tendo em mente o excerto acima, a ligação com o texto bíblico, que já havia se insinuado ao início a partir da imagem do cinto de Ralph, se torna mais claro. O *snake-clasp*, em um primeiro momento, se liga metaforicamente à sociedade civilizada da qual os meninos são retirados com o acidente. Em seguida, esse símbolo é reelaborado e passa a representar a maldade inerente ao ser humano. A *snake-thing* que passará a ser a *beast* pode facilmente ter sido uma confusão inicial das crianças, já que a vegetação é formada por trepadeiras.

Esta confusão entre a flora e a fauna da ilha pode sugerir um elo entre a imaginação infantil e o pensamento mítico, o qual, conforme Cassirer (1949), é uma espécie de "ficção inconsciente". Segundo o filósofo, um sentimento do homem mítico seria "a profunda convicção de uma fundamental e permanente solidariedade da vida que atravessa a multiplicidade e variedade de suas formas singulares"[267] (CASSIRER, Ernest, 1949, p. 109, tradução nossa, grifo próprio). Por outras palavras, assim como acontece com a imaginação infantil, o pensamento mítico é capaz de desvelar a consanguinidade entre as formas da vida. A metamorfose dos corpos, como imaginado por *Mulberry-rose birthmark*, configura o elo mágico entre as trepadeiras e a serpente. Com efeito, ao longo da narrativa, estas trepadeiras machucam constantemente as crianças, como se chamasse à luz essa maldade intrínseca ao homem que se encontrava adormecida devido ao convívio em uma sociedade civilizada. Destarte, o espaço, que por si só já é primitivo, faz emergir também esse homem primitivo.

[267] "*The deep conviction of a fundamental and indelible solidarity of life that bridges over the multiplicity and variety of its single forms.*" (CASSIRER, Ernest, 1949, p.109)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No que toca à linguagem, é válido apontar que em inglês, o termo trepadeira é *"creeper"* que vem do verbo *"to creep"* que a tradução em português seria "rastejar", o que coloca em relação a ação de répteis como cobras e serpentes com as plantas dessa espécie. Além disso, *"creepy"* é adjetivo de *"creeper"*, isto é, "rastejante"; contudo, e ainda mais sugestivo, o termo significa também "arrepiante", "assustador". Sendo assim, a própria vegetação, com sua nomeação, isto é, no nível da linguagem da narrativa, cria a atmosfera de medo que circunda a ilha e que se adensa ao longo da história.

Afora o trabalho com o mito bíblico, outra mitografia trabalhada por Golding será a grega. Bernard Dick (1964) notou a presença da peça de Eurípedes, *As Bacantes*, na trama mítica de Golding. Tal fenômeno não é estranho, já que o próprio autor afirma que os textos gregos foram algumas de suas maiores influências literárias. Conforme Dick (1964, p.145, tradução nossa)

> ambas as obras são peças de paixão antropológica nas quais indivíduos - crianças em Golding, adultos em Eurípides - retornam à selvageria e ao assassinato durante um ritual frenético. Ambas retratam uma sociedade dividida na qual o Dionisiaco não foi assimilado pelo Apolíneo."[268]

A relação entre as obras pode ser observada a partir da presença de polaridades e de dois temas rituais: 1. o culto a uma *beast-god* e 2. o sacrifício de um bode expiatório. Em *As Bacantes* a polaridade se instaura entre os seguidores do Deus Dioniso e o rei de Tebas, Penteu. Cadmo e Tirésias persuadem o rei a adentrar em um novo culto, rejeitando assim Dioniso. Tal renúncia faz com que Penteu seja castigado com a morte. *Lord of the Flies*, por sua vez, apresenta a oposição entre Ralph e Piggy, personagens que buscam uma sociedade Apolínea; e Jack e seus caçadores que vão se voltar para o Dionisíaco.

No que diz respeito aos temas rituais, em Eurípedes o sacrifício ritualístico no qual a vítima se faz parecer ao deus é representado. Penteu, que é também o bode expiatório, é persuadido a se disfarçar de Dionísio antes de observar as Bacantes. O bode expiatório em *Lord of the Flies* será Simon. Na festa organizada por Jack, logo após separar-se do grupo de Ralph, uma dança e a entoação de caça se iniciam:

"Kill the beast! Cut his throat! Spill his blood!"

---

[268] *"both works are anthropological passion plays in which individuals - children in Golding, adults in Euripides - revert to savagery and murder during a frenzied ritual. Both portray a divided society in which the Dionysan has not been assimilated by way of the Apollonian"* (DICK, Bernard, 1964, p.145)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> *The movement became regular while the chant lost its first superficial excitement and began to beat like a steady pulse. Roger ceased to be a pig and became a hunter, so that the center of the ring yawned emptily. Some of the littluns started a ring on their own; and the complementary circles went round and round as though repetition would achieve safety of itself. There was the throb and stamp of a single organism.*
> [...] *The chant rose a tone in agony.*
> *"Kill the beast! Cut his throat! Spill his blood!"*
> *Now out of the terror rose another desire, thick, urgent, blind.*
> *"Kill the beast! Cut his throat! Spill his blood!"* (GOLDING, William, 2012, p.2380-2387)

Com a dança e a música uma espécie de êxtase ritualístico se eleva. Todavia, os *littluns* quebram a roda no mesmo instante em que Simon, que se encontrava em outra parte da ilha, sai da escuridão da floresta. Frente ao estranho ser que emerge das sombras, e sob a influência do arrebatamento do rito, as crianças não enxergam Simon, e sim a *beast*. De modo similar à morte do rei de Tebas, Simon, metamorfoseado em *beast-god* é sacrificado:

> *The sticks fell and the mouth of the new circle crunched and screamed. The beast was on its knees in the center, its arms folded over its face. It was crying out against the abominable noise something about a body on the hill. The beast struggled forward, broke the ring and fell over the steep edge of the rock to the sand by the water. At once the crowd surged after it, poured down the rock, leapt on to the beast, screamed, struck, bit, tore. There were no words, and no movements but the tearing of teeth and claws."* (GOLDING, William, 2012, p.2393-2399)

Esta cena da morte de Simon é extremamente representativa do mito e da poesia que estão presentes na narrativa. Uma das qualidades do homem mítico é sua capacidade de conceber a consanguinidade entre as formas da vida, como mencionado anteriormente. Sendo esta capacidade uma especificidade do pensamento arcaico, seria a fusão entre os corpos a última consequência desse pensamento. Segundo Cassirer (1949), no mundo mítico "nada tem uma forma definitiva, invariável, estática. Por meio de uma repentina metamorfose, tudo pode transfigurar-se em tudo, se há alguma lei por meio da qual isto [o mito] é governado – é a lei da metamorfose" (CASSIRER, Ernest, 1949, p.108, tradução nossa)[269]. No caso da obra de Golding, as consequências dessa lei foram extremas, especialmente para Simon.

[269] "*Nothing has a definite, invariable, static shape. By a sudden metamorphosis everything may be turned into everything, If there is any law by which it is governed - it is this law of metamorphosis."* (CASSIRER, Ernest, 1949, p. 108)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais

A lógica mítica se reflete na poeticidade da obra de diversos modos. Cassirer (1949), inclusive, assinala o parentesco entre ambas as formas simbólicas. O mito antigo "é a 'massa' da qual a poesia moderna cresceu lentamente pelos processos que os evolucionistas chamam de diferenciação e especialização. A mente do criador de mitos é o protótipo; e a mente do poeta ainda é essencialmente mitopoética"[270] (PRESCOTT apud CASSIRER, Ernest, 1949, p. 101, tradução nossa). O fenômeno da consanguinidade entre as formas e sua permanente metamorfose, apresentado no presente trabalho, são assimiladas, na poesia, pelo que Jakobson (1995) denominará de "repetência". Nas palavras do autor:

> a repetência produzida pela aplicação do princípio de equivalência à sequência torna reiteráveis não apenas as sequências da mensagem poética, mas a totalidade desta. A capacidade de reiteração, imediata ou retardada, a reificação de uma mensagem poética e de seus constituintes, a conversão de uma mensagem em algo duradouro – tudo isto representa, de fato, uma propriedade inerente e efetiva da poesia. (JAKOBSON, Roman, 1995, p. 150)

A partir dos apontamentos de Jakobson (1995) e Cassirer (1949), podemos concluir que a concreção que o mito faz entre seus entes, por meio de sua coincidência e equivalência, é assimilada pela poesia, analogicamente. Se no mito a consanguinidade e metamorfose aplicam-se entre as formas da vida, na poesia isto ocorre entre as formas da linguagem, ou seja, a aproximação estabelecida pelo poeta entre fonemas, morfemas, sintagmas e unidades semânticas, bem como sua reiteração, promovem a permanência dos sentidos evocados em cada poema.

Referências

BÍBLIA. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

CASSIRER, Ernst. **An essay on man**. New York: Yale University Press, 1944.

COSTA, Natasha. The Lyrical Novel Lord of the Flies. **Revista do SELL**, v. 4, n 2, 2012.

[270] *"is the 'mass' from which modern poetry has slowly grown by the processes which evolutionists call differentiation and specialization. The myth-maker's mind is the prototype; and the mind of the poet is still essentially mythopoeic."* (PRESCOTT, apud CASSIRER, Ernest, 1949, p. 101).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DICK, Bernard F. Lord of the flies and The Bacchae. **The Classical World** , Vol. 57, n. 4, p.145-146. Jan, 1964.

EURÍPEDES. **As Bacantes**. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FREEDMAN, Ralph. **The Lyrical Novel**: studies in Hermann Hesse, André Gide, and Virginia Woolf. London: Oxford University Press, 1963.

GOLDING, William. **Lord of the flies**. Faber & Faber, 2012 (ebook).

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.São Paulo: Cultrix, 1995.

TADIÉ, Jean-Yves. **Le Récit Poétique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.

WHITLEY, John. **Golding**: Lord of the flies. London: Edward Arnold Publisher, 1971.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ANALISE DISCURSIVA DO DISCURSO RELIGIOSO NA POLÍTICA BOLSONARISTA

Milena Moscardini Nabelice Guasti Lima

Larissa Xavier Correia Silva

UNIFRAN

milenagl@me.com

larissaxaviercorreia@hotmail.com

Orientadora: Luciana Carmona Garcia

Resumo

Com o avanço das tecnologias e da comunicação contemporânea, houve transformações socioculturais que demandam uma análise dos discursos, como os políticos bolsonaristas. A massa, para Le Bon, quando não combinada, acertada, como um encontro em praça sem um objetivo único, não é massa, mas sim, aquele aglomerado de pessoas que possui um grande chefe que dita as regras. A articulação enunciativa com o discurso religioso conservador foi evidente no governo Bolsonaro. Ações como a expansão da bancada evangélica, das imposições de morais cristãs nas PLs e de visitas do ex-presidente a cultos religiosos, são apenas alguns exemplos deste acontecimento. Quando ainda nos deparamos com aglomerados de pessoas em uma comoção nacional, pode se caracterizar uma massa psicológica. Temos que nos atentar para quem é esse sujeito que faz parte dela. Le Bon vai analisar o nível subjetivo desses indivíduos, ele não pensa, ele age, é um sujeito de ação, obedecendo ao líder, se transformando em um robô. Freud (1921/1979, p. 88) afirma que "[...] o indivíduo submete sua peculiaridade à massa e se deixa sugerir por outros", e acrescenta que "sente a necessidade de estar com eles e não de se opor a eles, talvez por amor deles". Ele não nega que o indivíduo se transforma quando entra numa massa. Ainda afirma que isso acontece, mas não por sugestão hipnótica, tendo outros fatores que fazem com que o sujeito não seja inocente, tão passivo e burro. Assim, o processo das massas envolve pessoas com o mesmo ideal do Eu, ou seja, quem quer estar no círculo, quem se identifica, quem usa o mesmo uniforme, também é responsável pelo ato dentro da massa. Utilizamos a metodologia Foucaultiana, e como materialidade, os discursos do ex-presidente Bolsonaro que se utilizou de jargões religiosos, para um melhor entendimento de como ele atingiu este público, como uma forma de massa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia das massas. Política bolsonarista. Bancada evangélica.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

INTRODUÇÃO

O escopo deste artigo é analisar dialogicamente os discursos do conhecido grupo da Bancada Evangélica e investigar alguns ecos que constituíram os enunciados de campanha eleitoral de 2018 do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Os estudos Foucaultianos e Freudianos são a base teórica que este trabalho se sustenta, na qual é apresentado alguns conceitos chaves que permeiam os discursos da bancada, como poder, manipulação de massas, Deus, família, valores e salvação.

Em Psicologia das Massas e Analise do Eu (1921), Sigmund Freud traz, primeiramente, que na psicologia de massas um grupo pode ser formado por indivíduos que acreditam ter algo em comum, mesmo que tenham mais atributos divergentes ao estarem isolados. Para ele, há ainda, uma forte indução dessa massa de forma síncrona sobre um sujeito.

É importante conjurar algumas discussões de Freud, para poder serem usadas mais adiante. Ele nomeia como "instinto de rebanho" quando, após uma massa se dispersar, percebe-se que é um evento que ocorre em " [...]condições especiais como manifestações de um instinto especial irredutível a outra coisa, o instinto social [...], que não chega a se manifestar em outras situações." (2011, p. 11), mesmo com objeções a dar esses créditos ao fator numérico. Além de ter um entendimento que um indivíduo ganha peculiaridades, diferentes do que se é esperado, mediante o direcionamento da massa psicológica.

Ao reavivar Le Bon, Freud mostra que na massa, o cidadão tem suas individualidades perdidas e um rebaixamento intelectual. Desta forma, o inconsciente dessa massa se sobrepõe, torna-se ativa; o que gera um caráter mediano de quem participa dela. Mesmo assim, surgem novas facetas que não se sobressaia anteriormente, como resposta de apresentarem ânsias involuntárias inconscientes, outrora retidas. Há também, um retorno aos conceitos de "contagio", que os indivíduos geram entre si, que consolida a "sugestionabilidade".

Pontuado na obra como a massa é "influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela" (Freud, 2011, p. 18), percebe-se a razão que a evocação de Fake News durante as eleições, principalmente as de 2018 e 2022, foi tão efetiva e conseguiu de certa forma unir mais ainda esse eleitorado. Realizar associações desconexas da realidade, com a ausência de questionamentos e emoções exaltadas, torna-se então um ambiente ideal para um líder que deseja polarizar e cindir de vez uma população.

Uma vez que a massa tem a tendência a ser encorajada com discursos desmensurados, os fundamentos não importam, repetição e hipérboles são sempre bem-vindas (Freud, 2011). Assim,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Freud (2011), ainda fala que o neurótico prefere sua própria realidade psíquica, e que o líder tem que crer em seu próprio ideal para que a massa sem desejo próprio o aceite. A identificação psicanalítica é então uma forma de vinculo em que essa massa se espelha e edipicamente, desejaria talvez, substituir este condutor.

OS DIREITOS CONSTITUCIONAIS E A BANCADA EVANGÉLICA

Antes mesmo de adentrarmos nas análises discursivas, vale registar que na Constituição da república de 1988, garantiu-se o Estado laico, ou seja, mantenedor de uma posição neutra frente a temática religião e oferecendo autonomia ao cidadão brasileiro a possibilidade de escolha/ liberdade de professar sua fé livremente, assegurando o direito aos cultos religiosos e garantia de acesso aos locais dos cultos religiosos e liturgias. No preâmbulo da constituição, temos

> Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

Podemos ainda encontrar em seu artigo 5º. VI, a reafirmação do direito a escolha religiosa, VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

A bancada evangélica ficou mais evidente a partir de 1986 com a sua participação na Assembleia Nacional Constituinte, que tinha como premissa a defesa da comunidade evangélica dentro do sistema jurídico brasileiro, o que, depois em 2003, criou-se a polêmica “Frente Parlamentar Evangélica”, conhecida como “Bancada Evangélica” que foi oficialmente instituída em 04 de setembro de 2003. Reuniu-se deputados e senadores de diferentes partidos políticos e denominações religiosas “preocupados em fiscalizar os programas e as políticas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

governamentais" voltadas para a proteção da família, da vida humana e dos excluídos e acompanhar a execução delas (Câmara dos Deputados, 2015, p.01).

A análise dos discursos da bancada evangélica traz à tona algumas regularidades discursivas que se confirmam pelas narrativas como valores, Deus, família, salvação, legalidade e voz do povo (Pinheiro, 2017).

Deus e família são os mais recorrentes nos discursos políticos das eleições de 2018, sendo considerados pela Bancada os mais violados e que precisam ser resgatados. O discurso veio no sentido de *"*precisamos restaurar nossa família e a igreja*",* dando um valor além do que se esperava de uma bancada política.

Esta Bancada ficou conhecida por estarem sempre envolvidos com temáticas polêmicas como LGBTQIAPN+, casamento homoafetivos, aborto, fraudes, corrupções, dentre outros.

É sempre um motivo de questionamento que momento o palanque se torna púlpito, como estas sobreposições ocorrem, quando o espaço do sagrado é produto de efeito para ações políticas, e que lugares são estes.

A mídia trouxe como slogan de campanha eleitoral do ex-presidente Jair Bolsonaro, "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos." É evidente o discurso nacionalista com um fundo religioso, retratando um conservadorismo, preservação do clã e ataques àqueles que contrariam suas ideias. As campanhas eleitorais se veem obrigadas, a fim de arrecadar mais votos se renderem a espetacularização e personalização política, investindo em figurinos, cenários, discursos e os modos de se convencer o eleitorado (Cioccari, 2019). Uma grande sacada da campanha eleitoral de Bolsonaro foi adentrar as redes sociais como um meio de maior alcança, seja com ideias de planos de governo, seja de Fake News.

ANÁLISES

O discurso proferido em um palanque não necessariamente/ exclusivamente fica restrito ao contexto verbal da linguagem, mas muito além disso, é um lugar de encenação, implícito nos seus objetivos, como colocar-se de joelhos e orar. Todo o discurso deve ser observado porque o orador fala daquela maneira, que ensinamentos implícitos estão sendo falados, qual a importância daquele discurso para aquelas pessoas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Para as análises das materialidades recorremos as mídias sociais como Facebook, Instagram, Twitter, já que estes eram os grandes meios utilizados pelos seguidores bolsonaristas para divulgação de ideias e preceitos. As análises ficarão restritas ao contexto religioso e sua influência política, com base na metodologia de Michel Foucault

Nos discursos Jair Bolsonaro sempre fez menções de valores que considera fundamentais para o seu sucesso eleitoral. Compreendeu muito rapidamente a necessidade de sair de dentro do Congresso Nacional, do palanque propriamente dito e começa a panfletar nas redes sociais, passando ser este o meio o mais importante para conseguir atingir todas as camadas da população. São inúmeros os posts feitos a fim de conquistar mais votos. No dia 03 de agosto de 2018, em seu Twitter, Bolsonaro publica uma nota sobre valores que acredita que são imprescindíveis para que o povo brasileiro seja feliz.

> Eu quero um Brasil sorridente, que se abra para o turismo dado a condições de segurança e infraestrutura... nós temos tudo, tudo para sermos uma grande nação. O que precisamos pra chegar lá? Precisamos sim de um homem ou de uma mulher que seja honesto, seja patriota e tenha Deus no coração. É esse o Brasil que eu quero para todos nós, e se essa for a vontade de Deus, eu tenho certeza que cumprirei essa missão ao lado do povo brasileiro. (@jairbolsonaro,3/agosto/2018).

É nítido o apelo nacionalista em campanha política, fazendo uso da retórica, uso de passagens bíblicas, como João 8:32, “e conheceis a verdade e a verdade vos libertará”, ou ainda, “a mudança que o Brasil precisa”. Será mesmo uma (in)vocação religiosa, ou mecanismo de manipulação de massas. Bolsonaro nunca foi uma voz isolada, mas uma voz conservadora que ecoava dentro do Congresso Nacional e que chegou à massa brasileira.

Impossível compreender o fenômeno bolsonarismo sem revisitar às ideias de o que é a massa, fenômenos decorrentes das massas, como ela se dá, e como pode ser entendida. Freud e Le Bon trazem ideias, mesmo que divergentes, sobre a massa. A terminologia massa, segundo Le Bon, “representa un conjunto de indivíduos de cualquier clase, sean cuales fueren su nacionalidad, profesión o sexo, e independientemente de los motivos que los reúnen.” A massa, para Le Bon, quando não combinada, acertada, como um encontro em praça sem um objetivo único, não é massa, mas sim, aquele aglomerado de pessoas que possui um grande chefe que dita as regras.

Já Freud (1921/1979, p. 88) afirma que “[...] o indivíduo submete sua peculiaridade à massa e se deixa sugerir por outros”, e acrescenta que “sente a necessidade de estar com eles e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

não de se opor a eles, talvez por amor deles". Continua ainda,"Só está na massa quem quer estar dentro dela."

Ao destacar os discursos estre o eleitorado de Jair Bolsonaro, percebe-se que ele fala com um público que aparenta estar previamente inserido em seus ideais e então mais suscetível a ele "enquanto o hipnotizador evita dirigir o pensar consciente do sujeito para suas intenções, e a pessoa-cobaia cai numa atividade em que o mundo lhe parece desinteressante, ocorre que de fato ela inconscientemente concentra toda a atenção no hipnotizador, entregando-se à atitude do rapport, da transferência para com ele." (FREUD, 2011, p. 70)

Assim como na Análise de Discurso, Freud (2011) entende que os enunciados tem grande impacto no comportamento dos indivíduos quando diz que "A linguagem deveria sua importância ao fato de prestar-se ao entendimento mútuo dentro do rebanho, nela se basearia em grande parte a identificação dos indivíduos uns com os outros." (2011, p. 61-62).

CONCLUSÃO

Em História da Sexualidade I: A Vontade de Saber (1988), Foucault descreve como a religião foi, desde a Idade Média uma ferramenta de poder, de difusão de informação e moralidade (tendenciosas). Se levado em conta como a igreja sempre ditou comportamentos, entende-se que ela é uma das maiores massas ideológicas. Há então um entendimento da razão da escolha de religiões para a promoção de líderes políticos durante toda a história da humanidade.

Líderes escolhidos, messias reavivados e nomeados, reis e seus descendentes vistos como representantes de Deus na terra existem há séculos, nas mais diversas culturas desde a do Egito Antigo até a do Império Inca. Os nomes de vários líderes tiveram relação direta com o divino de suas épocas e culturas, com significados diretos remetendo a isso. É curioso perceber que, como seu próprio slogan de propaganda eleitoral, o nome Jair MESSIAS Bolsonaro fora repetido diversas vezes, como um anuncio de que o próprio Deus cristão teria enviado um messias, sem dúvidas muito bem selecionado, para salvar a nação brasileira de um suposto inimigo eminente. O famoso "fantasma vermelho" do comunismo caiu como uma luva nesse discurso muito bem elaborado por sinal, visando um embate de simbolismos, um messias contra um enviado do demônio, um salvador contra um malvado, um fiel contra ideias "anticristãs", o bem contra o mal.

É fato que as religiões continuarão a ser usadas com o eleitorado politico, e por esse mesmo motivo, estar atento ao uso de suas imagens, ideias, passagens e etc, deverão continuar a

ser pontuadas. A política necessita da criticidade, independente se o discurso invoque ou não ideias professadas em religiosidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIOCCARI, D.; PERSICHETTI, S. *A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente*. Lumina, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 135–151, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.28571. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/28571. Acesso em: 1 abr. 2024.

FREUD, S. (1921). *Psicologia das massas e análise do eu*. In: Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 15 v.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*: 1920-1923. In: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos: 1920-1923. 2011.

FOUCAULT, Michel et al. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. In: História da sexualidade I: a vontade de saber. 1988. p. 152-152.

LE BON, G. (1895). *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Estatuto da Frente Parlamentar Evangélica. 2015. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53658- integra.pdf. Acesso em 01 abril. 2024.

KUCHNIR, Jonatas Michel et al. *"Por Deus e pela família": análise dialógica dos discursos da Bancada Evangélica na abertura do processo de destituição da ex-presidenta Dilma Rousseff*. 2020. Disponível em: http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3270. Acesso em 1 abril 2024.

PINHEIRO, Amanda Nunes. A atuação dos membros da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional: representação legítima do eleitorado ou afronta à laicidade do Estado? *Revista Unitas*, v. 5, n. 2, 2017

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

AS VOZES DO IMAGINÁRIO NORDESTINO EM *A BOTIJA*: TRAMAS SIMBÓLICAS EM FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS

Rodrigo Nunes da Silva[271]

Linduarte Pereira Rodrigues[272]

Resumo: *A botija* é uma narrativa fantástica escrita por Clotilde Tavares. Publicada em 2003, conta a história da viagem de Pedro Firmo em busca de um sonho que se repete há anos: uma botija enterrada distante de sua terra. Nessa aventura, diferentes histórias da tradição popular nordestina são revisitadas, entrecruzam-se e se atualizam. Este trabalho apresenta uma apreciação crítica do texto; compreende-o enquanto documento/monumento das vozes e escrituras que evoca uma memória proveniente da tradição oral na cultura popular nordestina, o que se constitui memória de grupo (Rodrigues, 2011). A obra expõe resquícios de uma tradição regionalista ao despertar a capacidade de reflexão em torno de uma realidade social, histórica, política e cultural que serve ao imaginário popular da região. A partir de uma abordagem sociocultural e histórica, o objetivo da pesquisa foi investigar aspectos ligados à memória e ao imaginário popular na obra de ficção e de tradição oral, bem como observar o caráter intertextual (Bakhtin, 1999; 2016) e a diversidade temática que suscita. A análise se beneficia dos estudos culturais e de tradição oral (Zumthor, 1993) através de um olhar simbólico-antropológico (Durand, 2002; Jung, 2014; 2016). Inferiu-se que *A botija* se constitui texto híbrido que valoriza as influências culturais da região Nordeste na medida em que fomenta múltiplas possibilidades de abordagem e compreensão de sua atuação na cultura em que se insere. Isso se dá através da representação de crenças e tradições que alimentam o imaginário humano e possibilita a reflexão em torno da vida do homem do campo.

Palavras-chave: Imaginário nordestino. Memória. Intertextualidade. *A botija*.

Considerações iniciais

As tramas simbólicas e os fragmentos da memória coletiva que delineiam as vozes do imaginário popular nordestino figuram como relevantes fontes para as pesquisas interculturais contemporâneas. O diálogo entre a literatura, o fazer poético e o mundo dos sonhos é uma das dimensões singulares constatadas nas construções do imaginário dos poetas. A magia dos sonhos e dos símbolos constitui matéria-prima para produções artísticas em todas suas manifestações. Por meio de suas obras, escritores contemporâneos,

[271] Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Membro do Grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq/UEPB). E-mail: rodryggonunes22@gmail.com

[272] Professor, Doutor da Faculdade de Linguística, Letras e Artes e dos Programas de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade e Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Líder do Grupo de pesquisa: Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq/UEPB). E-mail: linduartepr@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

como a paraibana Clotilde Tavares, fazem renascer símbolos arquetípicos (Jung, 2014), peculiares da produção mítica. A linguagem dos símbolos nos seduz na medida em que sonda nossas mais íntimas experiências enquanto humanos.

As pessoas sonham, (re)contam e se fascinam com as narrativas. Histórias são guardadas na memória da vida, revisitadas e (res) significadas no transcorrer do tempo. *A botija* de Tavares (2006) fala da magia de cativar e mudar destinos pelo fato cristalino de se contar e ouvir uma narrativa. Nossos ancestrais se confraternizavam, trocavam experiências, saberes, absorviam valores e transmitiam condutas comunitárias pelo poder da voz. Desse modo, compreendemos que as palavras criam universos fantásticos a partir da experiência desafiadora e singular que temos como leitores ao trilhar pelos caminhos da linguagem literária mediante narrativas populares. Assim, elas tornam-se memórias das vozes que trazem para nosso tempo resquícios de um outrora, na incumbência de ressignificar o momento presente (Zumthor, 1993).

Os sonhos fazem parte da experiência humana. Mas por que sonhamos? É possível decifrar os enigmas oníricos? O que os sonhos querem nos dizer? Muitos são aqueles que mergulham com solidez nos recônditos da sabedoria na ânsia de obter respostas para tais indagações. Grandes pensadores, cientistas e poetas já teceram considerações sobre os sonhos. Freud, Jung e Frankl explicam que os sonhos revelam muito mais sobre a humanidade do que podemos imaginar. Representam desejos do nosso inconsciente que se expressam através de símbolos, arquétipos, como um sentido, uma missão a ser descortinada/descoberta. De fato, os sonhos sempre foram alimentos para as narrativas literárias. E um em especial, colhido nas entranhas do acervo popular, alimentou Tavares (2006) em seu fazer literário. A narrativa arquitetada por ela trata de um desses sonhos. Não um sonho entregue diretamente por uma “alma penada”, como rege a tradição. Todavia, um sonho do inconsciente, que se repete noite após noite, revelando detalhes da localização de um tesouro a um seleiro, chamado Pedro Firmo.

A obra discorre ainda sobre temas que aguçam o imaginário de quem a lê. Convida-nos a caminhar por uma aventura intrigante e descobertas surpreendentes, assim como se encantar com a magia da arte de contar e cantar, *performada* pela cigana Gipsy; por feitiços e feiticeiros, como na história de *Eulália e seu Pai*, e ainda, por histórias de amor verdadeiras e apaixonantes, como a encontrada no clássico da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

literatura de cordel, *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende. Nessa jornada, é possível transitar por tradições e costumes que atravessam o universo popular nordestino, a partir de uma relação sociocultural e sociossemiótica.

Mediante a evidência de que as narrativas mitológicas/populares são histórias que agregam fundamento a vida humana, revelando o inconsciente coletivo de um povo (Jung, 2014; Durand, 2002), constatamos que os signos/símbolos, evidenciados com expressividade em *A botija*, permitem a "materialização/incorporação" do sentido na tessitura desse texto da cultura popular e a reprodução/atualização do imaginário coletivo da região (Rodrigues, 2014). Neste sentido, realizamos uma apreciação crítica do texto em análise com o objetivo de destacar a fortuna temática e o universo intertextual suscitado pela autora, investigando como a obra atua e se faz instrumento de uma memória social que alimenta o imaginário popular nordestino, a partir do entrecruzamento de histórias místicas/míticas e lendárias, que entrelaçam realidade e ficção.

Para tanto, mediante uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, buscamos dialogar com os pressupostos teóricos dos estudos culturais e da memória coletiva, a partir de um olhar simbólico-antropológico para o texto de tradição oral, com destaque para a influência da literatura de cordel no fiar da obra. Desse modo, visitamos teóricos como Bakhtin (1999; 2016), Durand (2002), Halbwachs (2006), Jung (2014; 2016), Rodrigues (2011; 2014; 2018), Zumthor (1993), entre outros. A partir de uma concepção simbólica da imaginação, partimos das palavras de Durand (2002) para evidenciar que o imaginário é "uma rede de todas as imagens que estruturam os modos de viver (e de sonhar) do homem em sociedade". Para o autor, "o imaginário é o conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital pensado do *home sapiens"* (Durand, 2002, p. 25). Portanto, ao enveredarmos pela dimensão simbólica do imaginário na obra, observamos como tais fenômenos e suas significações, a partir do contexto cultural e histórico, atualizados pela obra, permeiam as crenças do povo, suas manifestações e a forma de viver em sociedade.

Nas palavras que se seguem, buscamos edificar a ideia de que *A botija* figura no universo da leitura literária popular como monumento multicultural (Rodrigues, 2018), cujo valor expressivo e singular evidencia em sua trama aspectos que aludem a uma tradição patriarcalista cuja tessitura de histórias ficcionais, imagéticas e

simbólicas ~~que~~ compõem o universo imaginário nordestino. A obra se faz "entre-lugar" (Bhabha, 2001), onde Tavares (2006) alia e mescla sua produção escrita a outros elementos, que pertencem ao plano e domínio do imaginário coletivo. Logo, torna-se um arquivo da memória (Rodrigues, 2018), uma vez que representa/ressignifica a cultura popular nordestina.

A botija de Clotilde Tavares: memória e imaginário popular

A botija venceu o prêmio literário "Câmara Cascudo", promovido pela Prefeitura de Natal, no ano de 2000, sendo publicada posteriormente em 2003, pela editora A.S. Editores. Sua primeira edição não teve um alcance considerável. Contudo, a segunda edição, lançada pela Editora 34, em 2006, alcançou todo o país, e em 2011 a obra foi distribuída para todas as escolas públicas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE.

Compreendemos que a produção e recepção de um texto, como *A botija*, perpassa pelas vozes sociais de autoria e seu contexto cultural, articulando traços biográficos e fragmentações impregnadas/advindas da memória coletiva (Halbwachs, 2006). A trama tem como característica o hibridismo de textos, três histórias que se cruzam e se entrelaçam. Narrativas ouvidas pela escritora na infância e guardadas na memória, afloradas na experiência de ouvir, de contar e de cativar seu público através de sua escrita. Eis as narrativas de inspiração: i) a busca do sonho de *Pedro Firmo* e sua contundente viagem a Recife. Essa história a autora ouvia do pai, Nilo Tavares, que viveu parte de sua juventude na capital pernambucana; ii) *Eulália e seu Pai Feiticeiro*, Clotilde Tavares ouvia de Severina de João de Congo, uma empregada e amiga da mãe, natural da cidade do Congo, localizada no Cariri paraibano; iii) e o clássico da literatura de cordel, *O Romance do Pavão Misterioso*, arquitetado pelo artista popular do Brejo paraibano, José Camelo de Melo Rezende (1885-1964), história que a mãe de Clotilde, Dona Cleuza, recitava para ela nos serões de sua infância e juventude.

A botija é uma obra requintada em artifícios imagéticos, com destaque para as xilogravuras de Fabrício Lopez e Flávio Castellan (presentes na 2ª edição), da capa aos arranjos textuais. Sua leitura é prazerosa e espontânea. Sua tessitura, composta de memórias e imaginários populares, a torna um documento/monumento das vozes e escrituras da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

cultura popular nordestina, uma vez que evoca vozes, símbolos e imagens de mundo (imaginários) provenientes de uma tradição oral, tipificando uma memória de grupo (Rodrigues, 2018).

Ao ponderarmos sobre a riqueza cultural e literária que temos em nosso país, é comum observar que as escrituras tecem peculiaridades das tradições da região, aludindo frequentemente ao espaço, às comidas típicas – "Onde um velho muito magro preparava uma panela de rubacão" (Tavares, 2006, p. 23) –, ou ainda a momentos históricos que demarcam uma realidade social. Ao falar sobre a tradição regionalista na literatura brasileira, Chiappini (1995, p. 153) explica que "[...] o regionalismo, que setores da crítica literária brasileira consideravam uma categoria ultrapassada, continua presente e, até mesmo [...] tornado tema de pesquisas muito atuais, ganhando uma amplitude maior na intersecção dos estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos".

De fato, em *A botija* encontramos resquícios, de uma tradição regionalista, que podem ser observados nas entrelinhas da obra, por exemplo, a submissão das mulheres ao patriarcado, seja na figura do pai de Eulália, que resolve que a filha jamais se casaria, ou ainda a partir do pai de Creuza, o Conde orgulhoso da Grécia, que exibia, uma vez a cada ano, a filha como um objeto de contemplação para o povo. Essas personagens também remontam a imagem dos coronéis, muito comuns nas práticas políticas, desde os tempos imperiais, na região Nordeste brasileira.

Há na obra uma reconstrução de objetos de memória (Rodrigues, 2018), de uma tradição popular disseminada através de narrativas fantásticas que são ressignificadas na medida em que são revisitadas. Diante disto, a obra dá sentido à vida de seus leitores ao se tonar suporte da memória coletiva (Halbwachs, 2006) e permitir o acesso às experiências simbólicas necessárias a organização da história de vida das pessoas. Revela-nos ainda que "o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa" (Le Goff, 2006, p. 525).

O imaginário popular de um povo, como o encontrado no Nordeste brasileiro, transita pelas vias de um mundo já arquitetado, uma região que foi se construindo, inventando-se (Albuquerque Júnior, 2013). Desse imaginário

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

coletivo, emergem as representações arquetípicas, "formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano" (Jung, 2016, p. 82). Compartilhadas por toda a humanidade, as imagens dos arquétipos podem ser identificadas de diferentes formas, através de heróis, de deuses e dos mitos. O arquétipo é um conceito complexo da psicologia analítica de Jung, que nos serve como protótipos, matrizes, ou ainda modelos ou impressões remotas sobre algo, podendo representar padrões de comportamento dos indivíduos na sociedade. Este conceito faz parte do arcabouço teórico da Semiótica Antropológica (Rodrigues, 2011), assim como da teoria do imaginário de Durand (2002), que também nos empresta fundamentos ao estudo do texto fruto das culturas populares, ao lançar um olhar para as estruturas antropológicas da imaginação humana, evidenciadas por meio de princípios de regimes: diurno e noturno.

Inicialmente, *A botija* apresenta um tom típico dos contos maravilhosos, o rito de entrada que enuncia o chamado para adentrar o universo fantástico da obra: "Era uma vez um homem por nome Pedro Firmo". Ele é o protagonista da obra, com estirpe de herói; àquele encarregado de uma missão: desvendar seus mistérios oníricos que se repetem há anos. Na obra, Pedro Firmo tem como ofício o trabalho de seleiro. "Era ele quem fabricava todas as selas, arreios, e tudo que era feito de couro e que era usado na fazenda... [...] Além de gibões, perneiras, guarda-peitos, chapéus, mantas, botas, bandalheiras, luvas, sandálias, coletes... e tudo o mais que era usado pelo vaqueiro..." (Tavares, 2006, p. 12). Vemos a representação do vaqueiro nordestino através de suas indumentárias. O seleiro de 50 anos não é casado nem tem filhos. Mora na Fazenda Porteira Roxa, no interior de Minas Gerais. "Era uma grande fazenda, muito vasta, muito bonita, com milhares de cabeças de gado" (Tavares, 2006, p. 11). A autora é bastante descritiva no fiar do enredo, tanto na representação das personagens como dos lugares e cenários, permitindo ao leitor uma melhor percepção da trama.

O protagonista carrega consigo a marca da solidão. No entanto, noite após noite, Pedro Firmo sonha com uma botija enterrada distante do lugar em que vive: na capital pernambucana, bem no centro da grande Recife, especificamente numa loja, a "Tabacaria Flor de Maio". Seria um sonho real ou apenas devaneios oníricos de um solitário homem? Não é de hoje que se ouve casos de pessoas que sonharam com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

botijas. Várias narrativas, relatos e reportagens trazem casos reais de pessoas a procura de tais tesouros.

O fato é que para "arrancar" uma botija é preciso ter muita coragem e enfrentar ações inclusive do mundo sobrenatural. De acordo com a tradição popular, almas penadas ficam ligadas ao tesouro até que sejam libertadas pela intervenção de alguém. Os sonhos de Pedro Firmo não se evidenciam como um aviso de uma alma penada, mas partem do seu inconsciente. Ele foi o escolhido e aceita trilhar esse feito de bravura. Evidencia-se nele o que Durand (2002) chama de *regime diurno/solar* do imaginário, através da atitude heroica do protagonista, que se reveste dessa figura arquetípica, ao trazer em si a vontade e os atributos necessários para o cumprimento de uma missão revelada em sonhos.

Ficção e realidade vão se cruzando ao longo da obra. Vai-se retomando imagens simbólicas da cultura popular sertaneja, que são entrelaçadas às personagens e ao espaço da trama. Nessa tessitura, observamos piamente referências à vegetação da terra seca/árida do sertão: "A paisagem das gerais começava a dar lugar à caatinga e já se viam os juazeiros, aroeiras, quixabeiras, xique-xiques, facheiros, mandacarus... haviam cruzado o São Francisco e penetrado no estado de Alagoas..." (Tavares, 2006, p. 17), bem como a representação de um espaço interiorano, representado pelas pequenas cidades e o ambiente das feiras livres: "[...] logo penetraram na praça onde se armava a feira, que não era nada de mais: uma feira simples, despretensiosa, pobre, até. As pessoas estavam por ali, uns olhando, outros comprando, contando as novidades" (Tavares, 2006, p. 57).

Para tirar o impasse de seu sonho a limpo, Pedro resolve viajar para Pernambuco. Até seu destino, segue a pé, a cavalo e de trem; referência aos meios de transporte de um tempo passado, à tradição. No caminho, encontra a cigana Gipsy, personagem que auxiliará o herói a solucionar uma história de amor fascinante: a de *Eulália* e seu noivo, chamado Flaviano, rapaz de cabelos vermelhos que perdeu a memória por conta de um feitiço lançado pelo pai da jovem. A filha com fúria, por sua vez, joga uma outra maldição sobre o tirano pai:

> Velho egoísta, feiticeiro maldito! Desde menina que sofro sob teu poder, sob tua dominação. Tu me criaste para ser tua escrava, para acumular para ti riquezas e poder. Nunca te conformaste com minha liberdade [...] eu também te condeno, velho desgraçado, a ficares preso no lugar em que estiveres, sem poderes sair daí e sem ver o tempo passar, até que meu amado se lembre de novo da minha existência! (Tavares, 2006, p. 55).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Pedro Firmo ajudará o feiticeiro em troca de comida, água e uma montaria para que siga sua viagem rumo a Recife. Para tanto, seu objetivo será fazer com que o noivo de Eulália se lembre de sua amada, pois só assim a maldição seria desfeita. Cenas que contemplaremos com mais afinco nos próximos tópicos. A seguir, percorremos o nomadismo das vozes e escrituras a caminho do tesouro de Pedro Firmo, demonstrando a influência de textos da tradição oral, como a literatura de cordel, os cantos e contos na contextura do enredo, bem como as relações dialógicas que o livro suscita.

Da tradição oral à literatura de cordel: a diversidade temática e o caráter intertextual no fiar de *A botija*

Em seus escritos, o medievalista Zumthor apresenta a voz como o fio condutor que arquiteta as narrativas populares. “Independente daquilo que ela diz, propicia um gozo, [...] se torna corpo e comunica” (Zumthor, 2005, p. 63). “É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanação do nosso ser [...]. A poesia não mais se liga às categorias do fazer, mas às do processo” (Zumthor, 1997, p. 157). Em sua movência, entre o popular e o erudito, a tradição e a modernidade, a escrita a saúda; caminham juntas, numa relação de amor e ódio. Em *A botija*, percebemos um retorno às marcas da tradição. A tradição oral enamora as imagens “recobrindo e apagando os símbolos recebidos das profundezas do passado” (Balandier, 1997, p. 257).

De acordo com Santos (2017), esse reencantamento da voz pode ser visto, sobretudo, com a presença dos folhetos de cordel, no final do século XIX. Ao falar sobre este tipo de literatura popular, o autor evidencia que “[...] antes mesmo de o texto, em forma de narrativa mítica e poética, ser lido, fora ele, possivelmente, estruturado sobre a *performance* da voz” (Santos, 2017, p. 55). A poesia de cordel é o entre-lugar de tramas onde símbolos culturais se amalgamam com símbolos de experiências, promovendo compartilhamentos de conhecimentos e saberes comunitários. Boa parte da escrita de *A botija* se faz pela transcrição dos versos do folheto *O Romance do Pavão Misterioso* para a prosa, imprimindo com expressividade as marcas da oralidade, comum na poesia de cordel, bem como uma diversidade temática que permite uma

abordagem multicultural da obra. Tavares (2006) faz uma espécie de adaptação, criada inicialmente para o teatro. Segundo a autora,

> Adaptar é a maneira de dizer, porque o folheto é tão perfeito, tão bem escrito e arquitetado do ponto de vista dramatúrgico, que não mudei nada; apenas criei a personagem da cigana Gipsy para contar a história, que era representada por atores. Neste livro, transformo toda a história em prosa, incluindo as descrições de pessoas e lugares que não existem no folheto. Mantive rigorosamente a estrutura original e, se o leitor conhecer os versos, vai identificá-los misturados ao texto em prosa (Tavares, 2006, p. 175).

As cativantes canções ecoadas por Eulália, em seu "Camumbiarê, Camumbiraá", e por Gipsy que "começou a cantar e sua voz encheu a pequena praça de um canto dolente, com notas de uma melodia muito antiga" (Tavares, 2006, p. 59), remetem ao cancioneiro popular nordestino que, por sua vez, bebe das canções clássicas renascentistas, herança do canto dos poetas medievais europeus; trazem, assim, a representação dos cantadores repentistas, emboladores, coquistas de coco e poetas cordelistas em suas *performances* nas praças, feiras, fazendas e eventos religiosos. Para além de uma "contadeira de histórias", a cigana Gipsy, como narradora-personagem, possui papel de essência na trama. Uma espécie de "velho sábio", um arquétipo, de acordo com Jung (2014), e mentora de Pedro Firmo; figura que remonta ao "Mestre dos magos" do lendário desenho infanto-juvenil "Caverna dos dragões". Ela carrega consigo o dom de encantar pela voz, domina elementos mágicos, místicos e oferece sua ajuda para a orientação do herói nos desafios ao longo de sua jornada.

Tendo em vista que "as relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva" (Bakhtin, 2016, p. 92), e ainda, que um texto é pleno do eco de outros textos, trazemos à tona a ideia de dialogismo para afirmar que a linguagem presente na obra se faz forte instrumento de interação social, na medida em que sua tessitura, enquanto palavra,

> [...] penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (Bakhtin; Volóchinov, 1999, p. 39).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Dessa maneira, em essência, todos os textos são intertextos, mosaicos que absorvem e transformam-se, abrem-se para outros textos, outros símbolos e códigos. “Uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo o texto se constrói com mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 2012, p. 146).

A botija dialoga ainda com um amplo universo textual que transita de contos infantis a textos bíblicos, da poesia popular a textos canônicos. Este caráter intertextual e a diversidade temática que a obra desenvolve podem ser vistos na retomada: i) de contos maravilhosos, a partir da referência a elementos fantásticos, palácios, príncipes e princesas, a exemplo da *Branca de Neve* e *Rapunzel*, representadas na personagem Creuza, a mais bela de todas as mulheres que vive seus dias presa pelo pai na torre de um palácio (nela se encontra o arquétipo da donzela, associada a inocência, pureza e sensibilidade, bastante replicada desde a literatura medieval); ii) do tema da busca de um sonho, comum em narrativas populares, observada por exemplo, na obra *O Alquimista* (1990), de Paulo Coelho; iii) do protagonismo de personagens femininas, com relevância para Gipsy e Eulália, mulheres destemidas/corajosas, que enfrentam as adversidades como verdadeiras heroínas, e ainda a figura indefesa da princesa Creuza. Retoma ainda: iv) Contos, como *O príncipe pequeno*, presente na obra *Histórias da velha Totônia* (2010), de José Lins do Rêgo e *A filha do diabo*, contida na obra *Armadilhas da memória: conto e poesia popular*, de Jerusa Pires Ferreira (1991). Estes contos são observados a partir da história de *Eulália e o Pai feiticeiro*, expondo a ideia das tarefas impossíveis, da magia das palavras, o encanto da beleza e da sabedoria de mulheres; v) A história bíblica de *Elias e o carro de fogo*, presente no livro de 2º Reis, evidenciada na narrativa logo após a quebra do feitiço, quando um carro de fogo aparece e arrebata o feiticeiro, pai de Eulália.

De fato, testemunhamos que *A botija* reúne um acervo multicultural peculiar. A seguir, enfatizamos a fantástica história de *O Romance do Pavão Misterioso* no processo de desenvolvimento e desfecho da viagem de Pedro Firmo em busca do tesouro.

A quebra do feitiço: o voo encantado do *Pavão Misterioso* e o desfecho de *A botija*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Com maestria, Tavares (2006) transforma/adapta, dos versos para a prosa, um clássico da literatura de cordel, *O Romance do Pavão Misterioso* (2011), narrativa idealizada originalmente por José Camelo de Melo Rezende (1885-1964), poeta popular, xilógrafo, carpinteiro e cantador do Brejo paraibano. Pelo estilo romancista, a obra toma como referência os contos de fadas tradicionais, uma vez que apresenta elementos fantásticos, com cenários maravilhosos, princesa indefesa e um pavão misterioso que se transforma em mala, num simples apertar de botão, provavelmente inspirado na ideia de um tapete voador, presente na história de *Aladim e a lâmpada mágica*, dos contos das *Mil e umas noites,* da lendária rainha Persa, *Sherazade*. De acordo com Maxado (1980, p. 32), "O Pavão Misterioso, [...] quiçá, seja a atualização do tapete, quando Santos Dumont experimentava o balão na Europa".

A trama entrecruza a cultura oriental com a ocidental, ao se passar em outras terras, como a Grécia e a Turquia, mas ao mesmo tempo permite uma aproximação com a simplicidade e a religiosidade, típicas do povo sertanejo, além de evidenciar nuances do modelo patriarcal e do uso da inteligência e da esperteza, que são utilizadas para vencer o antagonista (Conde arrogante) e salvar a princesa. Em sua tessitura prosaica, Tavares (2006) descreve os detalhes da jornada de Pedro Firmo. Em troca de água, comida e uma montaria, Pedro Firmo resolve ajudar o feiticeiro, Pai de Eulália. Para tanto, era preciso que ele encontrasse o noivo esquecido e lhe contasse uma história de amor verdadeira. Só assim o feitiço seria quebrado. Mas como fazer isto? Pensativo, já ia avistando ao longe a torre da igreja da pequena cidade. Neste momento, Gipsy aparece. A narrativa ganha corpo e voz na *performance* da cigana. Detentora de sabedoria e inteligência, ela sempre aparece na hora certa oferecendo uma solução criativa para o herói, que se encontrava numa situação difícil e embaraçosa. "- Ora, Pedro Firmo. Então não estamos metidos, eu e tu, no meio de um romance de prodígios? Numa comédia amorosa de engenho e aventuras? Pois eu estou aqui para te ajudar" (Tavares, 2006, p. 31).

Com a presença mística da cigana, o povo logo grita "- Cigana, cigana, ciganinha do Egito! Conte uma história para a gente" (Tavares, 2006, p. 57). No meio do público, Pedro Firmo logo avistou o rapaz de cabelo vermelho, noivo esquecido de Eulália. Tudo cooperava. A quebra do feitiço estava prestes a acontecer. Na promessa de que todos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ouviriam sua história até o fim, Gipsy começou a cantar com uma voz sublime, enchendo toda praça com seu canto,

> Hoje eu vou contar a história
> De um pavão misterioso
> Que levantou vôo na Grécia
> Com um rapaz corajoso
> Raptando uma Condessa
> Filha de um conde orgulhoso...

Logo após, a sábia seguiu encantando, agora sem mais cantar. Sua voz seduziu num instante a todos que a ouviam. "A voz tem o poder de seduzir, envolver aqueles que se encontram ao alcance de seu timbre, fazendo-os viajar nas palavras emitidas pela boca de um contador de histórias" (Santos, 2010, p. 120). Gipsy discorre sobre a história do Jovem Evangelista, que se apaixona alucinadamente pela filha de um Conde orgulhoso. O jovem rapaz busca resgatá-la de sua morada, no alto de uma torre de um palácio. Para isto, utiliza uma invenção nada convencional: um engenhoso pavão misterioso, objeto principal da ação de transformação dos estados ter/poder//não-ter/não-poder pelo herói, o auxiliador direto – adjuvante – engenho essencial para que a investida de Evangelista alcance êxito no "resgate" da princesa.

A beleza de Creuza fez com que Evangelista ficasse "[...] abismado, paralisado, transportado ao paraíso pela beleza da visão e sofrendo as penas do inferno por não poder estar nesse mesmo minuto com a dona de tão bela figura" (Tavares, 2006, p. 70). O jovem apaixonado carrega consigo as marcas do herói romântico medieval, a partir da paixão estrema/delirante por uma donzela que se mostra, de início, inalcançável. O pavão é seu cavalo: "Meu cavalo anda nos ares" (Rezende, 2011, p. 25), assim como o cavalo de São Jorge, e ainda, o cavalo do vaqueiro nordestino, que auxiliam no enfrentamento de dragões e monstros, representados também pela seca e seus conflitos no Semiárido. No imaginário nordestino, o vaqueiro tem em seu cavalo, "o tapete voador", que o ajuda a enfrentar os conflitos diários. Este conflito é atualizado e impresso na tessitura de *A botija*. Rodrigues (2014, p. 190) explica que,

> Isso demonstra que há conexões entre os valores que são veiculados e os símbolos que os representam desde o início de nossa história e que isso se repete para mostrar que também há conexão entre as

> diversas gerações humanas, porque os símbolos pertencem aos povos antigos e aos contemporâneos.

Na história do Pavão Misterioso, Evangelista e Creuza conseguiram fugir voando no invento fantástico e se casaram. Num tom ritualístico de desfecho da história de um amor verdadeiro, Gipsy pronuncia suas últimas palavras. “Sua voz ainda ficou vibrando na praça do pequeno vilarejo, como uma nota de encantamento, [...] toda aquela gente permanecia ali parada, estática, presa ainda da magia e da fascinação da história” (Tavares, 2006, p. 137). No mesmo instante, ouviu-se gritos: “Eulália, Eulália”! O feitiço tinha sido quebrado. Flaviano se lembrou de sua amada. “Foi a magia da tua história que me fez lembrar. Deus te pague”, agradeceu o rapaz à cigana, em tom de despedida.

Feitiço desfeito, Pedro Firmo, muito agradecido pela ajuda de Gipsy, voltou voando ao local onde se encontrava o feiticeiro. Como combinado, já estava a sua espera um alforje com comida e água e um cavalo cujo nome era Pensamento. Mais rápido do que o vento ou o raio, o animal misterioso levou nosso herói até uma estação de trem. Durante a viagem, Pedro se encanta com os cenários que estão a sua vista. Amalgamando o real e o ficcional, Tavares (2006) detalha o universo do espaço em que se insere a trama, especialmente nuances da bela Recife; o casario antigo, suas pontes, as ruas movimentadas... “[...] minha cidade, menina dos olhos do mar, dos mascates, dos mercados, das pontes do tempo de Holanda[273]”.

Ao chegar à metrópole, Pedro Firmo atravessa uma ponte e finalmente chega à rua da Tabacaria Flor de Maio. As travessias também estão impregnadas nas narrativas humanas, podendo evocar novas formas de pertencimento, caminhos sem volta, ou ainda, mudança de destinos. Pedro Firmo muito refletia sobre como iria “arrancar” sua botija sem atrair suspeitas. Na frente da loja, arquitetando uma estratégia, acaba chamando a atenção do dono da Tabacaria, que prontamente chama a polícia e o prende.

Levado para a delegacia, Pedro Firmo decide contar toda verdade: “há anos que sonho com uma botija enterrada, à minha espera. Essa botija, que vi no meu sonho com toda clareza, está enterrada na loja desse senhor” (Tavares, 2006, p. 163), apontando para o dono da loja. O mais impressionante de tudo foi que esse senhor, dono da Tabacaria Flor de

[273] Música “Minha cidade”, composição de Lenine e Lula Queiroga. Disponível em: https://www.letras.mus.br/lenine/268485/. Acesso em: 07 jul. 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Maio, também, durante anos sonhara com algo semelhante: “Imagine o senhor que desde que eu sou menino sonho com uma fazenda no interior de Minas Gerais que tem uma porteira toda roxa. Nos fundos dessa fazenda há um barracão, ou um paiol, uma construção muito antiga, muito velha...” (Tavares, 2006, p. 164); expôs detalhes de um lugar muito bem conhecido pelo protagonista. Eureca! A ficha tinha caído para Pedro Firmo. Prontamente, pediu desculpas ao dono da loja e ao delegado, seguindo rapidamente viagem de volta para o lugar em que sempre vivera.

Ao chegar a Fazenda Porteira Roxa, o coração do seleiro palpitava tão alto que se ouvia de longe. Entrando no lugar indicado, “Pedro Firmo, impaciente, ansioso, puxou a faca da cinta e cravou-a” num velho surrão de couro. “Pelo rasgão, começaram então a cair moedas e mais moedas de ouro” (Tavares, 2006, p. 170). Seu sonho tinha se concretizado. Nosso herói chegara ao fim de sua jornada. Por fim, Gipsy ainda aparece para saudá-lo: “Nada disso tu terias merecido se não tivesses tido coragem de seguir teu ideal. Agora o tesouro é teu” (Tavares, 2006, p. 171). O desfecho da odisseia de Pedro Firmo é realmente extraordinário: “Meu sonho mostrou que era verdadeiro. Mas tive que ir tão longe... E estava tudo isso aqui o tempo todo... Tão pertinho de mim!” (Tavares, 2006, p. 171). Naquele entardecer, pela primeira vez em sua vida, ele sentia uma imensa paz de espírito advinda da satisfação do dever cumprido.

Encontramos em histórias como esta, experiências que nos dão sustentação enquanto humanos e nos fazem refletir sobre os mistérios e anseios da humanidade. Uma história incrível da peleja de um homem simples em busca de um sonho. Em seu seio, o desdobramento de uma contundente história de amor, apresentada dentro de uma outra história de amor fascinante; de vozes da cultura popular a escrituras canônicas; de contos populares a cantos rimados e versejados: eis a tessitura melódica de *A botija.*

Algumas considerações

Histórias transpassadas de amor e ódio, valores e virtudes, a busca por um propósito de vida, um sonho; eis o que move comumente as pessoas no mundo. Suas vidas são atravessadas por narrativas reais e imaginárias da cultura em que se inserem. A literatura torna-se uma espécie de representação do real e do imaginário das pessoas. Como escritora

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

intercultural, apaixonada pela arte da palavra escrita e pela tradição oral, Clotilde Tavares nos oferece em *A botija* uma obra prima que evoca narrativas, imagens e símbolos de memória do universo sociocultural do povo nordestino. Sua escrita se faz memória das vozes (Zumthor, 1993), carrega consigo arquivos e resíduos da memória oral.

Essa narrativa se constrói como um verdadeiro mosaico e é transpassada pelas vozes de outros textos, ecos revisitados e ressignificados. O universo intertextual e dialógico (Bakhtin/Volóchinov, 1999) fomentado também singulariza e valoriza a trama, na medida em que suscita a reflexão em torno de personagens e símbolos da cultura popular e promove a experiência estética do texto literário. Isso permite o acesso a práticas culturais necessárias à organização da história de vida de seus leitores. Assim, a literatura é praticada enquanto humanizadora (Cândido, 1972), ao criar zonas de pertencimento e de organização interna na construção de si.

Com esse olhar, enfatizamos a retomada do universo imagético de uma região a partir de personagens e objeto de memória (Rodrigues, 2018) da cultura popular, amalgamados aos aspectos socioculturais e históricos em torno da aventura fantástica de Pedro Firmo, o herói da trama. Nas entrelinhas, há traços de uma tradição regionalista, a partir de condutas patriarcalista, mas do protagonismo de personagens femininas. Sobre a influência da literatura de cordel, concluímos que *O Romance do Pavão Misterioso* foi fio condutor essencial na trama e no desfecho da jornada de Pedro Firmo.

À vista disto, compreendemos que *A botija* é uma obra de expressivo valor cultural nordestino, uma vez que carrega uma "encarnação" sígnica/simbólica de elementos do imaginário popular. O texto é, em si, um evento semiótico tecido a partir de um sistema de signos, de semioses múltiplas (Rodrigues, 2021), de base antropológica, portanto, sócio-humana e cultural (Rodrigues, 2011). Por isto, seu processo de narrativização foi de ordem mítico-simbólico e se deu de modo contínuo para a atualização de um imaginário universal em contexto regional. Neste sentido, a obra se insere nesse ideário universal de pensar o homem e o mundo, seus desejos, seus sonhos e suas aspirações.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A feira dos mitos*: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920 –1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

BALANDIER, G. *O contorno*: poder e modernidade. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrans Brasil, 1997, p. 256.

BAKHTIN, M. (VOLÓCHINOV, V.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad.: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem***.** Ciência e Cultura. 1972.

CHIAPPINI, L. Do beco ao belo: Dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159.

COELHO, P. *O Alquimista*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

DURAND. G. *As estruturas antropológicas do imaginário:* introdução à arquetipologia geral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, J. P. *Armadilhas da memória*: Conto e poesia popular. Salvador. Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, Brasil, 2016, p. 15-130.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LE GOFF, J. *História e memória.* 5. ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

MAXADO, F. *Literatura de Cordel*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 32.

NÓBREGA, G. M. *O Nordeste como inventiva simbólica:* ensaios sobre o imaginário cultural e literário. Campina Grande: ADUEPB, 2011.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

REGO, J. L. *Histórias da velha Totônia*. Rio de Janeiro: ed. José Olympio, 2010.

REZENDE, J. C. M. *O Romance do Pavão Misterioso*. Fortaleza: ABC-Academia Brasileira de Cordel; Tupynanquim Editora, 2011.

RODRIGUES, L. P. *Vozes do fim dos tempos:* profecias em escrituras midiáticas. 2011. 431f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

RODRIGUES, L. P. Tríade arquetípica do feminino no imaginário religioso cristão: Eva, Maria e Madalena. *In*: SILVA, A. P. D. *et al.* (org.). *Artimanhas do desejo:* ensaios de literatura, psicologia, linguagens. São Paulo: Scortecci, 2014. p. 189-208.

RODRIGUES, L. P. Memória e documento: o cordel, monumento da cultura das vozes. *In*: *Paul Zumthor:* memória das vozes. (Org) Luiz Assunção e Beliza Áurea de Arruda Mello. Assimetria editora: São Paulo, 2018.

RODRIGUES, L. P. A tríade semiótica. *Revista Discursividades*. vol.8. n. I, p. 154-177, jan./jun. 2021.

SANTOS, G. M. Eco das vozes. *In*: *Cantorias, cordel e cinema: vozes do imaginário musical do cangaço.* Org. Gilvan de Melo Santos. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p.53-64.

SANTOS, R. A. AO PÉ DO FOGO... Conversas sobre oralidades. *In*: TIERNO, Giuliano (Org.). *A Arte de Contar Histórias*: Abordagens poética, literária e performática. São Paulo: Ícone Editora, 2010. Cap. 8, p. 107-125.

TAVARES, C. *A botija.* São Paulo: Editora 34, 2006.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Pochat, Maria Inês Almeida. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ZUMTHOR, P. *Escritura e nomadismo*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

A TATUAGEM NO ENSINO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Laécio Fernandes de Oliveira[274]

Linduarte Pereira Rodrigues[275]

Resumo: Ao considerar o mundo envolto em conflitos/tensões e disputas de poder, fragmentado pela polaridade econômica/política das nações globalizadas/capitalistas refletidas nas políticas educacionais; na contramão, o estudo destaca a necessidade de uma postura humana em sincronia com/para o desenvolvimento sustentável do planeta. Diante deste contexto, posiciona-se criticamente em relação a uma educação vigente fragmentada que prima por uma instrumentalização do humano diante das necessidades econômicas da sociedade. Para tanto, examina documentos oficiais do Ensino Médio sobre o ensino de leitura, pautados no entendimento da linguagem como prática social, e reflete sobre uma abordagem de letramento escolar direcionada à inclusão de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio. Esta abordagem de ensino de Língua(gens) leva em consideração os estudos linguísticos contemporâneos (Moita Lopes, 2006; Rodrigues, 2011; 2017) transdisciplinares (Estudos Culturais, Antropologia, História, Semiótica etc.), e propõe a leitura de dois exemplares de texto pertencentes a categoria do gênero textual multimodal/multicultural tatuagem. Como resultados, evidencia que os documentos oficiais instruem para o desenvolvimento educacional sustentado em práticas socioculturais de linguagem, mas ainda se subscrevem a um viés de instrumentalização dos sujeitos para as demandas político-econômicas da sociedade, em que a proposta de leitura de gênero multimodal apresentada ganha destaque por se inserir como uma possibilidade de ampliação da *performance* de leitura do alunado da EJA, sendo também uma forma possível de investir na promoção de uma educação voltada ao desenvolvimento humano em sintonia com o mundo, enquanto unidade global, multifacetada.

Palavras-chave: Leitura. Linguagem. Tatuagem. Prática social. EJA.

Introdução

A partir de uma perspectiva holística, como é o caso de uma semiótica de base estrutural, percebemos, inicialmente, o mundo em sua arquitetura dual (bem – mal; bonito –

[274] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI); Mestre pelo Programa Profissional em Formação de Professores, ambos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Especialista em Educação para Relações Étnico-Raciais – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Professor da Rede Estadual de Educação do Estado da Paraíba; Bolsista CAPES/CNPq e membro do grupo de pesquisa Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO- CNPq-UEPB). E-mail: lfoliveira.36@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7684-1875

[275] Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba - Campus I; Professor e Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e Artes (DLA), e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP); e do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I, líder do grupo de pesquisas Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). E-mail: linduartepr@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9748-179X

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

feio; claro – escuro; sol – lua; masculino – feminino; raso – profundo; profano – sagrado; deus – homem; espírito – carne). "Obviamente", esta estrutura é complementar, somatória, haja vista que os

elementos desta dualidade compõem uma unidade, que também se relaciona com outras unidades significantes. Portanto, o dia não existe independente da noite, há um fenômeno de sincronização que os torna unos, diferenciáveis por alguns aspectos. Este movimento é comandado pelos Sistemas de Rotação e Translação.

Jung (2014) advertiu para uma estrutura mais profunda que ele abordou no seio de uma teoria psicológica e denominou de Sincronicidade, uma abordagem complexa que está relacionada aos conceitos de arquétipos, de Si-mesmo, de *unus mundus* e de um caminho que pode conduzir-nos à compreensão das relações entre psiquê-mundo, mente-matéria. Este fenômeno de Sincronicidade, para o estudioso, expressa a dinâmica da relação entre a realidade da psiquê humana com o macrocosmo. Não pretendemos, neste estudo, enveredarmos pela teoria junguiana, mas buscarmos uma relação que justifique nossa proposta de desenvolvimento de uma educação para além dos moldes superficiais de um sistema capitalista global que vem imperando sobre o mundo.

Do exposto, não há razoabilidade numa educação que priorize o treinamento humano para o consumo e para ocupar lugares visando o desenvolvimento econômico da sociedade, desconsiderando os avanços científicos sobre a relação homem/psiquê – mundo/cosmo e como ela pode afetar o mundo físico. Logo, é imprescindível que a educação esteja engajada com os movimentos sociais e questões científicas, a exemplo do desenvolvimento sustentável, e que, sobretudo, preocupe-se com questões do humano e seu desenvolvimento integral. É urgente uma educação que esteja sincronizada com todos esses eventos e, principalmente, possibilite o desenvolvimento humano, evidenciando sua interrelação/sincronicidade com o cosmos (Jung, 2014). Tal problemática, expõe a educação contemporânea e seu desafio por inclusão do elemento diverso, já que ao modelo de educação tradicional sempre coube a padronização.

Essa sistematização tem praticado uma inclusão apegada ao sentido superficial do verbo "incluir" (do trazer para perto; colocar no meio de; misturar-se com). Esse procedimento não se mostra satisfatório diante das características da diversidade humana e de suas necessidades. No documento de 2006, intitulado

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunas e alunos da EJA", o Ministério da Educação/MEC adverte sobre uma característica genérica do referido público: "a baixa autoestima [...], muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoestima fragilizada" (Brasil, 2006, p. 16). O documento ainda aponta como consequência, da condição do público da EJA, o sentimento de insegurança e a desvalorização pessoal mediante os novos desafios que se impõem.

Neste estudo, defendemos que a educação contemple questões para além dos direitos básicos (estrutura escolar de qualidade, excelência de materiais didático-pedagógicos, alimentação e aparato cultural tecnológico), permitindo o educando enxergar-se em sincronia com o mundo, que suas ações impactam diretamente em tudo a sua volta e que o mundo está conectado a ele e influenciando a sua vida. Desse modo, ele perceba-se, sinta-se nesse mecanismo cosmológico, e desenvolva uma consciência mais ampla sobre ele/mundo, e sobre o outro, homem/mundo. Enfatizamos a necessidade dos sujeitos escolares sejam considerados a partir dos enfoques sócio-históricos, político-culturais, fisiopsicológico-emocionais e cosmológicos que, de acordo com a ciência contemporânea, compõem o humano e afetam sua vida e visão de mundo.

Assim, propomos o ensino da leitura como prática social, que se reveste de ações didáticas refletidas sobre as práticas de linguagem, de modo que a leitura seja sensível ao universo existencial dos sujeitos e, pela escolha dos textos, reflita tal universo, permitindo o desenvolvimento de múltiplos letramentos. Logo, consideramos o pensamento freiriano de que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, e a contribuição de Geraldi (2002) sobre leitura como ação/oferta de contra palavras, em que o leitor põe toda sua carga de subjetividade à disposição da construção de sentidos. Por isso, desconsideramos que, no processo de leitura, o mundo interior do sujeito leitor está imbricado ao mundo externo, que antecede e atravessa a leitura da palavra, denunciando a urgência da inclusão do sujeito/agente na materialidade textual (Oliveira; Rodrigues, 2019).

A partir do exposto, elegemos o objetivo de buscar nos documentos oficiais para o Ensino Médio orientações sobre o ensino de leitura pautado no entendimento da linguagem como prática sociocultural, que fundamenta uma proposta pedagógica de letramento direcionada à inclusão de educandos do Ensino Médio da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

modalidade EJA. Como objeto de leitura, escolhemos dois textos, um anúncio publicitário e uma inscrição corporal (tatuagem). Já no segundo texto, além dos aspectos multimodais/multiculturais, sua funcionalidade está ligada a existencialidade humana: marca-se no corpo fatos/acontecimentos que não se deseja perder da memória, homenagens, questões relativas às identidades dos sujeitos etc. (Rodrigues, 2011). Este gênero textual circula nas periferias das cidades, tendo o corpo humano como suporte de uma prática sociocultural milenar que se atualiza nas sociedades contemporâneas, embora ainda com resquícios de uma carga histórica de preconceitos.

A escola pública e, principalmente, os alunos da EJA são carentes de ações didático-pedagógicas que promovam as culturas populares e as suas práticas de linguagem, historicamente margeadas pelas culturas ditas centrais. Assim, investir em práticas de ensino sustentadas no uso da linguagem na vida social dos próprios sujeitos/agentes escolares e seus grupos, como elementos de reflexão escolar, protagonizando-os no processo de ensino-aprendizagem, é promover a inclusão para além dos muros educacionais e desenvolver uma preparação para a vida humana em suas interfaces, evidenciando a dimensão política de uma educação democrática/humana.

Para o desenvolvimento do estudo, consultamos os documentos oficiais: os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN (Brasil, 2000); os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN+ (Brasil, 2007); os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual da Paraíba (Paraíba, 2008); e a Base Comum Curricular/BNCC (Brasil, 2018). Esta consulta resultou na reflexão desenvolvida no tópico seguinte. Além do estudo dos documentos oficiais, que se voltam ao ensino de Língua(gens), refletimos sobre a postura inclusiva da Linguística Aplicada contemporânea e, nesta perspectiva, efetivamos a leitura de dois textos (uma tatuagem e um anúncio publicitário de um estúdio de tatuagem), em que buscamos desvelar o potencial dessa prática sociocultural em proporcionar aprendizagens aos educandos para além de uma instrumentalização do humano. Por fim, constam alguns resultados pertinentes ao estudo à guisa de conclusão.

Diretrizes oficiais para o ensino de leitura como prática sociocultural de linguagem

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Os documentos oficiais têm procurado atualizar uma gama de pesquisas sobre o ensino de Língua Materna/LM, que vêm surgindo a partir dos três últimos séculos na grande área da Linguística. Neste tópico, buscamos apresentar algumas das proposições ou regulamentações de alguns desses documentos sobre o ensino de Língua(gens) com ênfase nas práticas sociais, considerando o ensino da leitura. Neste sentido, procuramos evidenciar uma concepção de linguagem presente na BNCC (Brasil, 2018), como fundamento para o que propomos neste estudo.

Sobre o ensino de LM, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN+ (Brasil, 2007) orientam para uma perspectiva de ensino de Língua(gens), considerando que a noção de competência não está desvinculada dos saberes e do desenvolvimento de habilidades. De modo que, para atuar no mundo, é essencial que o aluno desenvolva habilidades de leitura de textos tecidos por múltiplas linguagens, adquirindo a competência de relacionar fatos, dados e conceitos aos contextos "não só como consumidor, mas, também como produtor de cultura, isso implica avaliar sua atuação em relação às variáveis que intervêm na cultura" (Brasil, 2007, p. 49).

Os documentos sugerem o trabalho com a linguagem mediante a contextualização sociocultural aos moldes do trabalho realizado pelas Ciências Humanas, qualificando os diversos contextos de caráter social, econômico, político e cultural. De outro modo não é possível a compreensão das linguagens, das ciências e das tecnologias e, fora desses contextos, os alunos não terão condições de compreender a sociedade, a cultura, as letras e nem "o papel que elas desempenham no mundo" (Brasil, 2007, p. 50).

O trabalho com a linguagem também é orientado pelos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual da Paraíba (Paraíba, 2008). Eles reafirmam a linguagem como prática social, constitutiva das identidades dos sujeitos (sexual, religiosa, étnica, classe social, idade, posições políticas e ideológicas etc.), de modo que estas identidades sociais tendem à naturalidade e ao conformismo, contribuindo com a manutenção da desigualdade social da ordem socialmente dominante (Paraíba, 2008).

No tocante à BNCC (Brasil, 2018), o documento destaca o ensino de LM focado nos usos da linguagem e para a participação social, crítica e criativa. Dialoga e atualiza documentos oficiais como os PCN (Brasil, 2000), que já apontavam para o ensino de LM integrado à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Por sua natureza basicamente transdisciplinar de linguagem entre as linguagens que estrutura e é estruturada no social e que regula o pensamento para certo sentido, o estudo da língua materna deve, pela interação verbal, permitir o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos. Apenas considerando-a como linguagem, ação em interação, podemos atender a comunicabilidade esperada dos alunos (Brasil, 2000, p. 17).

Além deste diálogo com os PCN, a BNCC (Brasil, 2018, p. 67) atualiza "pesquisas recentes da área e as transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século", com destaque para a cultural digital, textos multimodais/semióticos e a diversidade cultural. Neste sentido, a BNCC assume em seu texto "uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem", pautada na "ação interindividual", interlocutiva, "orientada para uma finalidade específica que se realiza nas práticas sociais diversas [...] nos distintos momentos de sua história". O documento também orienta para o trabalho com o diverso e a desconstrução de ambientes que tendem a construir bolhas, como os virtuais, em é comum o pensar igual, embora a internet seja o lugar de "circularem a divergência e o diferente", ao mesmo tempo favorece a construção de pensamentos restritos (Brasil, 2018, p. 68).

Por considerarmos os avanços da BNCC e seu diálogo com os estudos da Linguística Moderna, a exemplo da Linguística da Enunciação e dos Estudos do Discurso, neste capítulo, enfatizaremos a concepção de linguagem como prática social, conforme assinala o documento. Sob esta ótica, a BNCC aponta para uma concepção de sujeito que se constitui nas/pelas práticas de linguagem. Segundo o documento oficial:

> As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, construindo-se como sujeitos sociais. Nestas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos (Brasil, 2018, p. 63).

Nestes termos, admite-se que o sujeito atua no mundo a partir de determinados contextos de interações sociolinguísticas, sob as quais sofre ação de linguagem: constituição da consciência como um conjunto de signos que são internalizados nesses processos. E, ao modo de Geraldi (2015), influenciado por Bakhtin/Volochínov (1982), o agir do sujeito nas suas práticas de linguagem dar-se através de ações com a linguagem, sobre a linguagem.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Portanto, estas ações de linguagem são constituintes do sujeito, e se dão continuamente, a partir das interações das quais esse sujeito participa.

Ao considerar as linguagens como fenômenos de conhecimento e objetos do trabalho escolar, a BNCC se expressa da seguinte forma:

> As linguagens [...] passam a ter status próprios de objetos de conhecimento escolar. O importante [...] é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas. [...] é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação (Brasil, 2018, p. 63).

O documento eleva as práticas de linguagem à posição de objetos de ensino que mobilizam diversos recursos expressivos na aula de LM em prol das aprendizagens da leitura, produção de textos e análise linguística/semiótica. De acordo com Geraldi (2015), estas práticas apresentam-se como uma opção promissora para selecionar e aprimorar recursos expressivos ao produzir e compreender textos, na construção dos textos e na própria ação reflexiva sobre estes afazeres, resultando no princípio metodológico USO/REFLEXÃO/USO associado às práticas sociodiscursivas da linguagem, que orientam a base curricular de LM na BNCC (Brasil, 2018) e ora mostra-se como caminho metodológico.

A discussão exposta, a partir das orientações oficiais, permite evidenciar o propósito deste estudo em propor o ensino leitura numa perspectiva mais ampla, enfatizando aspectos multimodais/semióticos de textos complexos que se inscrevem socialmente a partir de suportes diversos, cujo trajeto antropológico, sociocultural seja sensível à formação do humano (Rodrigues, 2011), para além da instrumentalização, ainda presente nos documentos oficiais, relegando o humano à semelhança de uma inteligência artificial, que está para ser dotado, aperfeiçoado como num *continuum – ad infinitum* – sem um direcionamento para a construção inter-intra-humana e seu relacionamento com o mundo/cosmo.

Neste sentido, entendemos que precisamos avançar para uma educação democrática que se volta para formação integral do humano em primeiro plano, refletindo as experiências vividas no centro do processo de ensino aprendizagem a partir de textos/linguagens multifacetados, que evidenciam aspectos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

antropológicos, históricos, político-sociais e culturais da constituição humana, primando pelo entendimento do elemento diverso, conforme expõe-se a seguir.

Estudos linguísticos contemporâneos: a tarefa de inclusão do diverso

Embora tenham grande destaque na vida cotidiana das cidades, alguns textos, oriundos das culturas periféricas, não adentram os espaços educacionais de forma que possam propiciar reflexões sobre as práticas de linguagem e as formações discursivas que fazem circular. Este entrave ocorre porque, por mais que as sociedades tenham evoluído em seus modos de vida, ainda há resquícios de uma distinção hierárquica das culturas (Bauman, 2012). Rodrigues (2009) adverte que, na contemporaneidade, mesmo com o apoio das ciências Filosofia, Sociologia e Antropologia, ainda não encontramos um equilíbrio acerca de uma definição mais precisa sobre cultura. Para o autor, a cultura deve ser vista pela

sua complexidade e abrangência, menos por aspectos particulares, já que é responsável por condições sociais de existencialidade – etnias, ambientais e econômicas – englobando questões sobrenaturais/divinas, também influenciadoras do cultural. Entretanto, Oliveira e Rodrigues (2022) enfatizam que estas condições sociais de existencialidade ainda não são consideradas por alguns pesquisadores que atuam nos estudos socioculturais.

Bauman (2012) afirma que a cultura é condicionante da formação humana, de modo que, na modernidade/contemporaneidade, a cultura deve ser vista a partir de uma noção genérica construída em torno da dicotomia mundo humano – mundo natural:

> [...] a distinção entre '*actus hominis*' (o que acontece ao homem) e '*actus humani*' (o que o homem faz). O conceito genérico tem a ver com os atributos que unem a espécie humana ao distingui-la de tudo o mais. Em outras palavras, o conceito genérico de cultura tem a ver com as fronteiras do homem e do humano (Bauman, 2012, p. 80).

Nesta compreensão de cultura, Oliveira e Rodrigues (2022) endossam o pensamento do sociólogo e afirmam que se deve buscar por aspectos singulares da humanidade distintos de outros seres vivos. Logo, a cultura deve ser vista como meio de acesso e produção de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

símbolos, sendo através desse processo que é possível a vida social, enquanto sua sobrevivência é condição universal do homem, consequentemente, a existência da vida social está condicionada à cultura e à linguagem como sua base universal (Oliveira; Rodrigues, 2022). Nestes termos, a espécie humana é definida pela sua condição humana, já as particularidades, as singularidades, atuam pela distinção na diversidade de culturas e de etnias. Assim, percebemos que há uma razoabilidade no apelo pelo desenvolvimento de um pensamento e ações humanas em prol de um mundo uno – sustentável, onde mundo-homem formam uma unidade cosmológica.

Estas circunstâncias elevam-nos ao *status* de uma ciência da matéria, condicionando-nos a observar os sujeitos a partir de suas práticas, seus *habitus* na vida social (Rodrigues, 2017). Esta é uma tarefa que, segundo Moita Lopes (2006) e Rodrigues (2017), cabe à Linguística Moderna/contemporânea e que cumprem, muito bem, a Linguística Aplicada Indisciplinar e a Linguística da Prática, ao proporem a realização científica inspirada na materialidade da práxis, rememorando a sociedade e a relevância da contextualização histórica e a diversidade cultural, considerando os sujeitos e suas atuações sociais a partir de mentalidades e ideologias que os conduzem a atuações performáticas como sujeitos de linguagem, conscientes ou inconscientes, por impulsos imaginários, coletivos ou individuais.

Fazer Linguística Aplicada nesta perspectiva, segundo Moita Lopes (2006, p. 27), evidencia uma atitude política relativa, relacionada ao grau de posicionamento nas "práticas sociais para agir e resistir", mostrando novos modos de fazer pesquisa em Linguística Aplicada, como opção para pesquisadores contemporâneos que olham na contramão dos que operam pelos limites disciplinares, pautados numa "racionalidade descorporificada", sem considerar ou compreender a heterogeneidade do sujeito social e sua fragmentação, seus movimentos mutáveis, sem contemplar questões de ética e poder. O que faz da alteridade um problema relacionado ao lado da fronteira em que se está posicionado (Moita Lopes, 2006). Desse modo, a leitura de objetos linguísticos multiculturais, como definimos os textos, exige uma abordagem (inter) transdisciplinar, como demonstramos a seguir.

A leitura do texto multicultural: por uma prática de linguagem transdisciplinar

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Tendo em vista o elemento multicultural, evidenciamos, neste momento do estudo, práticas sociais de linguagem fronteiriças, considerando que elas refletem tensões entre classes sociais, ante uma hierarquia social de poder, a exemplo da tatuagem. Consideramos sua complexidade, enquanto inscrição corporal e prática multicultural de linguagem, nosso interesse centra-se numa abordagem mais geral para a leitura de dois textos (uma tatuagem e um anúncio publicitário de um estúdio de tatuagem), a partir de uma postura transdisciplinar, em que outras perspectivas teóricas, a exemplo da História, da Antropologia, da Sociologia, dos Estudos Culturais, da Pragmática etc.), dialogam com a Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e com a Linguística da Prática (Rodrigues, 2017).

No tocante à Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006, p. 27), assumimos uma postura política e plural, a fim de apresentar "outras histórias sobre quem somos", além de outras formas de sociabilidade que elevem ao centro "vidas marginalizadas nos seus vários atravessamentos". Os textos figuram entre as práticas que perpassam a história e as culturas dos povos como manifestações simbólicas, que ressignificados pelo tempo e ao tempo dos interesses e embates sociais. Eles são um acontecimento fruto de um agir social, que, segundo Rodrigues (2017, p. 70), permite pensar a construção das "identidades sociais no mundo em que vivemos". Portanto, o texto é produto de linguagem que traz a materialidade das relações sócio-históricas e político-culturais da vida social, figurando na lista das práticas cotidianas das cidades (Rodrigues, 2011), que encontram nas culturas seu campo de dispersão como unidade linguística representativa das práticas discursivas dos sujeitos (Barthes, 2012).

Tendo em vista a Linguística da Prática, Rodrigues (2017) de posse da teoria do *habitus* do sociólogo francês, Pierre Bourdieu, entende-o como um agir social que materializa as experiências dos sujeitos, passíveis de serem observadas na base para o entendimento do processo de interação social, que nos dá condição de afirmar que o sujeito faz do *habitus* morada, e suas ações são suas residências – *performances* com as quais se vestem, mascaram-se, mediante *habitus* que se ampliam, relacionam-se e se aprimoram para atender uma demanda de compreensão mútua dos sujeitos envolvidos em práticas culturais diversas (Rodrigues, 2017). Assim, a tatuagem, enquanto prática de linguagem, representa esse agir social que tem a memória como base da inscrição

capaz de revelar um conjunto de ações a que o sujeito vai adequando-se, cuja essência não se perde, pois continuamente é ressignificada pelas práticas culturais que, a partir de "novas imagens, sustentam-se em hibridizações inscritas e reescritas de tempos em tempos" (Rodrigues, 2011, p. 141).

Exemplificamos esse pensamento com o "desenho ou aforismo" de Edgar Franco (2018), figura 1, que é ressignificado pela tatuagem de Veríssimo (2018), cujos significados são evidenciados nos depoimentos[276], ao lado da figura, colhidos por meio da rede social Facebook (META).

Figura 1: Tatuagem – inscrição (criatura pós-humana)

Fonte:www.facebook.com/photo.php?fbid=10156387838496427&set=pb.550131426.2207520000.&type=3&theater.

O depoimento de Veríssimo (2018) comprova que a inscrição na pele, além de servir como homenagem a Edgar Franco, está permeada de narrativas simbólicas, singulares, evidenciando a existência de sujeitos complexos, híbridos, que se fazem aptos à convivência num mundo interligado por uma teia de valores simbólicos, compartilhados por meio de práticas discursivas de linguagens, e mediados por redes culturais globalizadas que se reinventam continuamente (Rodrigues, 2017).

A inscrição corporal é texto que pela materialidade discursiva torna-se acontecimento (Rodrigues, 2011). Ao permitir o cruzamento de discursos, constitui uma "constelação simbólica de imagens, que gravitam em torno do simbolismo hipomórfico[277]"

[276] 1. Trata-se de uma criatura pós-humana, representando serenidade para avançar no caminho transcendente. Inclui uma fênix e uma borboleta, significando as mutações para melhor. O Unicórnio nasce no local do terceiro olho, é um símbolo da iluminação. A expressão do ser - de perfil - é serena e focada (Franco, 2018). 2. Não Eu não tatuei em homenagem ao Edgar Franco somente. Principalmente, é pelo simples fato que esta "Deusa Pós Humana" me representa! Ahhhh, se Vc conseguisse realmente entender tudo que resplandece nesta obra, q é um ato de Amor. Amor ao próximo, amor a tudo aquilo que realmente envolve todas as coisas!!!!! O AMOR! (Veríssimo, 2018).

[277] Símbolos que se utilizam de representações de animais para produzir sentido (Durand, 2002).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(Durand, 2002, p. 75): o mito da fênix; a borboleta e sua metamorfose biológica servem de metáfora às fases da vida humana; o terceiro olho, representado pelo chifre do unicórnio, simboliza o falo – símbolo de ascensão e de iluminação na tradição hermética. Este fato atribui à linguagem a capacidade de motivar, estreitamente, a imaginação, quer "seja pela língua" ou pelas "funções sociais", segue moldando-se "sobre essas matrizes sociológicas" (Durand, 2002, p. 33).

No cerne dos estudos antropológicos, a arte pré-histórica evidencia vestígios de povos que praticavam a inscrição no corpo e desenhos em estatuetas, que conotam a existência da tatuagem enquanto prática cultural. Sendo possível perceber, por meio da história, um entendimento social, sobre a prática da inscrição corporal, perpassado por um movimento semântico-histórico (Rodrigues, 2011). A antropóloga Rodrigues (2013), no texto "A história da tatuagem", afirma que descrições pré-históricas comprovam que marcas/cicatrizes de guerreiros, adquiridas em guerras, em lutas corporais e caças, geravam orgulho e reconhecimento ao homem que as possuísse, consideradas expressões naturais de força e vitória. A estudiosa reforça que, em tribos africanas, a prática de inscrição no corpo representava o caráter, a força e as vitórias do guerreiro em batalhas, além de possuir aspecto estético importante para os africanos.

Atualmente, o corpo ganhou força irrestrita de alcance popular impulsionado por movimentos fronteiriços, que tendem a união de elementos de diferença (Bhabha, 1998). A inscrição corporal, marginalizada, praticada por muito tempo por classes sociais periféricas, avança quase que por unanimidade entre as classes sociais, justificando o grande apelo estético que o corpo voltou a ter a partir do período moderno, considerando que o hábito da estética corporal já foi muito expressivo na Grécia Antiga. Isto expõe a prática da inscrição no corpo a serviço de um sistema estruturado e estruturador de *habitus* culturais continuamente.

Sendo assim, reforçamos o conceito genérico de cultura, elaborado por Bauman (2012), no âmbito de uma cultura da práxis. Para o sociólogo, há uma matriz na essência das culturas, em torno da qual, as culturas desenvolvem-se, hibridizam-se num *continuum*, ao que parece atender as culturas da inscrição no corpo, como preconizara Rodrigues (2011).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Tais aspectos podem ser visualizados na figura 10, que reproduz a publicidade do estúdio de tatuagem – "Calango" –, cujo título é inspirado numa espécie pequena de lagarto, animal totêmico com importante significação na cultura Maori (Araújo, 2005).

Figura 2: Publicidade estúdio – calango

Fonte:http://www.calangotattoo.com.br/2016/06/as-tatuagens-maori-tem-este-nome-pois.html

A publicidade expõe a especialidade técnica do tatuador – a cultura milenar do povo Maori – originário da Nova Zelândia, com forte representação na atualidade: o primeiro plano da imagem figura dois homens tatuados, cujas artes em seus corpos possuem características da arte tribal; e no segundo plano, representações performáticas de guerreiros maoris, com rostos tatuados, expondo características de nobreza, poder e posição social que distinguiam aquele povo. Reforçamos esta característica da linguagem transcender a materialidade corpórea, simbolizando aspectos da existencialidade humana impregnados de valores que denunciam marcas de identidade, do humano.

O texto publicitário, em questão, denuncia a ressignificação da cultura do povo maori, seus *habitus* com grande aceitação no mundo atual pela cultura da estética do corpo, justificando a existência de um constante intercambio de bens simbólicos de culturas de *habitus* diversos, cujas interações simbólicas ocorrem no interior de cada grupo, disseminando-se pela influência das estruturas sociais nas quais se encontram inseridos os agentes em interação, negando qualquer ponto de vista único (Rodrigues, 2017). Sob esta ótica, a cultura da tatuagem segue seu trajeto, revelando sua singularidade, seus traços e geometrismos reveladores de tempos, de vidas outras e semantismos culturais, refletindo o corpo como lugar de ação/interação e *performances,* que se fazem pelo silêncio ressonante das vozes que não cessam; como representação da memória,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

rememorável pela história, pela cultura (Zumthor, 1997). Dessa forma, a tatuagem é entendida como prática de linguagem propícia a proporcionar reflexões no universo da Educação Básica, no ensino de LM/linguagens.

Peroração

Singer (2010) adverte-nos que a educação democrática está alicerçada, principalmente, na herança dos valores da Revolução Francesa e do Iluminismo (igualdade, liberdade, fraternidade); considera a participação de todos para construção de uma sociedade, na qual cidadãos combatam imposições hierárquicas e privilégios, visando a construção integral de cada indivíduo; nestes moldes, esse modelo de educação dialoga com o conceito genérico de cultura, proposto por Bauman (2012), em que a noção de hierarquia é abolida e as práticas culturais equivalem-se, mantendo-se as singularidades como distinção. A escola reconhece, valoriza as práticas culturais e de linguagem, e as eleva igualmente ao centro das reflexões educacionais, a partir das experiências vividas/acumuladas pelos grupos sociais. Destacamos esse movimento que incide sobre as "democracias" dos privilégios de poucos grupos existentes nas sociedades do ontem/hoje, que propagam desigualdades, intolerâncias e violações dos direitos humanos, ao tempo que propomos formas de representação democráticas participativas e humanitárias, pautadas nas experiências vividas e nos valores que as sustentam.

Ao investigarmos os documentos oficiais, confirmamos que há uma sustentação para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que primem por letramentos para além do verbal, embora possamos apontar que ainda existe nos documentos um viés pautado na instrumentalização do humano para atuação em sociedades fragmentadas. Entendemos que é urgente que a educação atue para formação e desenvolvimento do humano, mediante os movimentos sociais, ambientais e multiculturais que têm evocado um ser humano em sincronia com o mundo/meio ambiente, compreendendo-o tanto quanto suas ações em harmonia com a biodiversidade do planeta e outras visões de mundo em prol de uma existência sustentável.

Tal evidência, conduziu-nos a propor o desenvolvimento de uma prática de letramento mais inclusivo, sensível ao universo do público da EJA. Consideramos suas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

características e contextos socioeconômicos, político-culturais, que favorecem constantes desistências e retomadas na vida escolar, com possíveis desajustes na autoestima (Brasil, 2006). Esta realidade adquiri consistência quando consideramos as experiências vividas (individuais/coletivas) como centrais do processo de ensino-aprendizagem, e a partir das práticas de linguagem que, por uma disputa de poder, tendem a ser margeadas dos centros sociopolíticos e culturais (Rodrigues, 2009).

Evidenciamos que é tarefa da educação escolar incluir no rol dos gêneros textuais, estudados em sala de aula, uma diversidade de textos para além dos contemplados pelo cânone. Com isso, destacamos aqueles que, a exemplo da tatuagem, possuem uma antropologia impregnada de aspectos multiculturais e sociossemióticos complexos, com histórias significativas nas sociedades. Assim, abrimos as gavetas que os mantêm fechados pela estigmatização de determinados grupos, cujas razões, envolvidas por questões políticas e disputas/arranjos de poder, impõem ao professor de LM um agir docente aliado aos estudos linguísticos contemporâneos.

Referências

BARTHES, R. *O rumor da língua*. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BAUMAN, Z. *Ensaios sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila, Eliane Lourenço de L. Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Trabalhando com a educação de jovens e adultos*: alunas e alunos da EJA. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de língua portuguesa. *PCN+ Ensino Médio*: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação/MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; SEB, 2018.

DURAND. G. *As estruturas antropológicas do imaginário*: introdução à arquetipologia geral. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

GERALDI, J. W. Leitura: uma oferta de contra palavras. Curitiba: EDUFPR. *Revista Educar*, Curitiba, n. 20, 2002, p. 77-85.

GERALDI, J. W. A leitura e suas múltiplas faces. *In*: GERALDI, J. W. *Aula como acontecimento***.** 2 ed. São Carlos: Pedro & João, 2015, p. 103-112.

JUNG, C. G. *Obra completa volume 8 parte 3 sincronicidade*: a dinâmica do inconsciente. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*.: MOITA LOPES, L. P. (Org). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 11-42.

OLIVEIRA, L. F. de; RODRIGUES. L. P. A leitura nas culturas híbridas: ação de linguagem e multimodalidade. I*n*: LENDL, A. SOUZA, F. M. de (Orgs). *Ensino de línguas na contemporaneidade*: multimodalidade e tecnologias digitais. São Paulo: Mentes Abertas, 2019, p. 33-50.

OLIVEIRA, L. F. de; RODRIGUES, L. P. "Amazônia": entre semantismos da cultura local e da cultura global. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-32, dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index. Acesso em 28/maio/2023. http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.16755.

PARAÍBA, Secretaria do Estado da Educação e Cultura. *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba*: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. João Pessoa, 2008.

RODRIGUES, A. A história da tatuagem. Portal Tattoo, 2013. *In*: OLIVEIRA, L. F. de. *Abordagem semiótica do texto multicultural nas aulas de leitura do ensino médio EJA.* Campina Grande/PB: Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020. (Mestrado Profissional em Formação de Professores).

RODRIGUES, L. P. Cultura clássica, cultura vulgar: considerações acerca do ideal de autor, leitor e leitura. *Sociopoética,* Campina Grande-PB: ADUEP, v. 1, n. 3, 2009, p. 1-16.

RODRIGUES, L. P. *Vozes do fim dos tempos*: profecias em escrituras midiáticas. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFPB, 2011. (Tese de Doutorado).

RODRIGUES, L. P. Por uma linguística da prática. *In*: ATAÍDE, Cleber et al. (Org). *GELNE 40 ANOS*: Experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura. São Paulo: Blucher, 2017, p. 69-89.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SINGER, H. *República de crianças*: sobre experiências escolares de residências. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz e Maria Inês. São Paulo: HUCITEC, 1997.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ARTIGO DE OPINIÃO NO JORNAL O IMPARCIAL: UMA LEITURA DISCURSIVO-CRÍTICA

Talielson Oliveira Pinto[278]

Ana Maria Sá Martins [279]

Consideramos que a prática da leitura, especialmente quando exercida de forma crítica, contribui para a emancipação dos indivíduos frente a qualquer forma de dominação. Nesse contexto, a presente pesquisa, intitulada Artigo de opinião no Jornal O Imparcial: uma leitura discursivo-crítica, constitui-se como um desdobramento do projeto mais abrangente intitulado O Discurso Jornalístico de Opinião em Ambiente Digital: abordagem discursivo-crítica. O objetivo principal desta pesquisa é analisar um artigo de opinião publicado no site do jornal O Imparcial (o'imparcial.com.br), a fim de identificar as representações discursivas mais frequentes no referido artigo. Para atingir tais objetivos, a pesquisa se baseia nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC), uma abordagem teórico-metodológica desenvolvida pelo linguista britânico Norman Fairclough. Dentro dos princípios da ADC, nossa atenção é voltada para os aspectos relacionados aos significados acionais, representacionais e identificacionais presentes nos discursos do artigo em estudo. Obtivemos tais resultados ao analisar o artigo de opinião "A Escravidão Mental", publicado pelo jornal O Imparcial, destacando a persistência da escravidão contemporânea no Brasil, especialmente no Maranhão, através de quatro excertos selecionados para análise. Observamos, ainda, questões sociais, como desigualdade racial e exploração do trabalho, presentes nos excertos. Por fim, ressaltamos que a enunciadora/autora utiliza afirmações categóricas e modalidades epistêmicas para destacar a gravidade do problema e enfatizar a necessidade de políticas públicas com intervenções para combatê-lo.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Artigo de Opinião. Jornal O Imparcial.

1. INTRODUÇÃO

O artigo de opinião, ao longo da história da comunicação escrita, desempenhou um papel crucial na formação e reflexão das opiniões da sociedade. Desde os primórdios da imprensa, este gênero textual tem sido uma ferramenta poderosa para disseminar pontos de vista sobre questões políticas, sociais e culturais.

[278]1 Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

[279]Professora Doutora, do Departamento de Letras na Universidade Estadual do Maranhão e da Rede Municipal de Ensino de São Luís

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No contexto atual, em que a informação flui incessantemente através dos meios de comunicação, os artigos de opinião oferecem um espaço significativo para vozes individuais expressarem opiniões e promoverem debates saudáveis na esfera pública. Assim, este artigo surge como uma tentativa de compreender a construção de sentido nesse importante gênero jornalístico, portanto, tem por objetivo investigar, em um artigo de opinião publicado no jornal O Imparcial, as representações discursivas acionadas na construção de sentido nesse gênero, visando a contribuir para a formação de um posicionamento crítico do sujeito leitor/consumidor. Para tanto, adotamos o arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), desenvolvido pelo linguista britânico Norman Fairclough (2001, 2003a), uma vez que a referida teoria atua no sentido de desvendar processos de assimetrias, lutas sociais, ideologias, hegemonia articulados em artigos de opinião veiculados no site do jornal O Imparcial.

Vale salientar que o presente escrito, intitulado "artigo de opinião no Jornal O Imparcial: uma leitura discursivo-crítica" é resultado do projeto de pesquisa de Iniciação Científica PIBIC (cota 2023-2024), nomeado "O Discurso Jornalístico de Opinião em Ambiente Digital: abordagem discursivo-crítica", de autoria e coordenação da professora doutora Ana Maria Sá Martins. O referido estudo busca não apenas destacar a relevância do artigo de opinião no jornalismo contemporâneo, mas também fornece ferramentas para uma compreensão crítica mais aprofundada do discurso midiático por parte dos leitores, promovendo, assim, uma participação consciente e engajada na esfera pública.

2 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) é considerada uma abordagem interdisciplinar, por possibilitar o diálogo entre várias teorias, especialmente entre as teorias sociais e as teorias linguísticas. Essa teoria dá ênfase à análise textual para a compreensão das práticas sociais nas quais os discursos são produzidos, levando em consideração contextos sócio-políticos e ideológicos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Os autores acima mencionados, postulam, ainda, que a ADC é uma perspectiva teórica sobre a linguagem/discurso e, mais em geral, sobre a semiose como um elemento ou momento da prática social que dá origem a modos de analisar o discurso/semiose, em análises mais amplas do processo social. Essa abordagem

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

teórico-metodológica tem interesse particular na relação entre linguagem e poder, linguagem e constituição de identidades; e tem como um dos objetivos 'desmistificar' os discursos ao desvelar ideologias (WODAK, 2003).

> Considerando suas origens disciplinares, podemos afirmar que a ADC confere continuidade à Linguística Crítica (LC), ampliando em escopo e em produtividade os estudos a que se filia (MAGALHÃES, 2005). Portanto, afirma-se "como disciplina em princípios da década de 1990, quando se reuniram, em um simpósio realizado em Amsterdã, Van Dijk, Fairclough, Kress, Van Leeuwen e Wodak" (WODAK, 2003, p.21).

A ADC não se limita apenas à análise superficial das palavras, às escolhas léxico-ideológicas ou à forma gramatical dos textos. Essa abordagem transdisciplinar e multidisciplinar busca explicar e refletir sobre os fenômenos sociais, revelando como o discurso, enquanto linguagem em uso, contribui para a construção tanto da linguagem quanto da ação (BATISTA JR. et al., 2018). É por isso que a ADC é frequentemente descrita como tendo uma postura emancipatória (MARTINS, 2009).

Desse modo, a ADC como uma teoria que investiga a influência das relações de poder, entre linguagem e sociedade e entende "o discurso como uma parte da prática social relacionada com outros elementos: o mundo material, as relações sociais e os sujeitos com suas crenças e valores" (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) , torna-se uma abordagem teórico-metodológica importante no incentivo às de práticas de letramento que levem os sujeitos leitores/consumidores a desenvolver um posicionamento crítico no que se refere ao papel constitutivo da linguagem e, mais especificamente, na construção de sentido no discurso materializado em textos midiáticos em ambiente digital.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, pode-se caracterizar como de natureza *documental*, uma vez que o corpus a ser investigado é constituído por artigos de opinião publicados no jornal mencionado, veiculado no site do referido jornal. Conforme Bravo (2001) apud Silva et al:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> São documentos todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. Nesta concepção é possível apontar vários tipos de documentos: os escritos; os numéricos ou estatísticos; os de reprodução de som e imagem; e os documentos-objeto (BRAVO, 1991, apud SILVA et al, 2018, p. 4555-4556).

Este estudo é de natureza qualitativa, conforme Minayo (2017) e Martins (2009), abordando significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Para atingir os objetivos, foi realizada uma análise discursivo-crítica de artigos de opinião do jornal maranhense O Imparcial.

A primeira etapa envolveu a identificação e seleção de fontes relevantes, priorizando atualidade e relevância. Desse modo, a análise dos textos buscou evidências na linguagem e nas escolhas lexicográficas que demonstram o propósito discursivo dos enunciadores (produtores dos artigos de opinião). Para tanto, através da ADC, investigamos os significados acional, representacional e identificacional presentes nos textos, através das categorias de análises: *intertextualidade*, *interdiscursividade*, *modalidade e avaliação*, respectivamente. Foram selecionados quatro (4) excertos para a análise. Para tanto, foram considerados os seguintes critérios analíticos: a composição genérica; os modos de operação ideológicos relacionados aos significados, e o grau de comprometimento dos participantes com o que enunciam, no discurso materializado no artigo de opinião analisado. Vale ressaltar que, neste escrito, será apresentada a análise de apenas um artigo selecionado, o artigo de opinião 1 – Figura 1.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Artigo de opinião 1 (A –op1) - A Escravidão Mental

2 Celio Sergio
E-mail: celiosergio@hotmail.com

OPINIÃO

O IMPARCIAL
oimparcial.com.br

São Luís, terça-feira, 5 de dezembro de 2023

Nova Lei de Cotas. E agora?

YURI COSTA(*) MARCO ADRIANO FONSÊCA (**)
(*)Defensor Público Federal e Professor UEMA (**)Juiz de Direito TJMA e Professor ENFAM e UEMA

O último mês de novembro testemunhou a publicação da lei que reformulou o sistema de cotas no ensino federal. A Lei n. 14.723, de 13 de novembro de 2023, alterou parcialmente o texto da chamada Lei de Cotas (12.711/2012), reafirmando o compromisso com a democratização do acesso à educação e trazendo mudanças relevantes.

A Lei de Cotas estabelece regras para o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico. Ela obriga que 50% das vagas nas instituições sejam preenchidas por pessoas de baixa renda formal. Dentro desse universo, obedecendo os registros do IBGE quanto à proporção de grupos étnico-raciais e de pessoas com deficiência em cada Estado, há percentuais específicos de vagas que devem ser preenchidos por pessoas negras (pretos e pardos), indígenas e com deficiência.

A Lei de Cotas é uma conquista histórica da sociedade civil. Significa a institucionalização de décadas de luta por uma mais efetiva representatividades de negros e indígenas em locais de destaque, dentre eles as instituições de ensino. É norma de grande repercussão, pois, além de incidir em todas as instituições federais de educação, serve como parâmetro para que políticas de igual natureza sejam regulamentadas pelos estados e pelos municípios brasileiros.

Trata-se de ação afirmativa de caráter educacional que visa promover condições equitativas para a igualdade de oportunidades. É instrumento de combate ao racismo estrutural, na medida em que os espaços de tomada de decisão possam ser compostos pela pluralidade dos segmentos sociais e reflitam adequadamente a diversidade de nossa sociedade. Nesse sentido, a atualização da Lei de Cotas se amolda no disposto na Convenção Interamericana contra o Racismo, Discriminação Racial e formas correlatas de intolerância, incorporada ao ordenamento jurídico brasileiro em 2022, com status de Emenda Constitucional.

A publicação de Lei 14.723 é, por si só, um fato a ser comemorado. O texto original da Lei de Cotas previa que a norma seria revista em seu aniversário de uma década, em agosto do ano passado. Por essa razão, tramitaram no Congresso Nacional diferentes projetos legislativos que, a partir da previsão de revisão, buscavam fortalecer ou enfraquecer a políticas de cotas no ensino. Apenas como exemplos, havia proposta de retirar a categoria étnico-racial das cotas e mesmo de as extinguir por completo.

Após meses de disputas entre parlamentares, a reformulação da norma ficou para o ano de 2023, culminando na Lei 14.723. Dentre as principais mudanças trazidas pela nova norma, destacam-se: a seleção dos cotistas não se dá mais apenas junto a um grupo específico (50%), mas inicialmente na ampla concorrência, apenas concorrendo nos 50% caso não aprovado no concurso geral; diminuição do critério da renda familiar de 1,5 salário mínimo para 1 salário mínimo; os quilombolas aparecem como nova categoria contemplada pelas cotas; previsão de que possam ser utilizadas as cotas na pós-graduação; e cotistas em situação de vulnerabilidade passam a ter preferência em programas de assistência nas instituições onde ingressam.

Ainda que as modificações aqui apontadas sejam importantes, outro relevante alteração merece atenção. É que a nova lei muda o sistema de avaliação e revisão da política de cotas na educação federal. Tais alterações dão musculatura à política, indo além da regulamentação da forma de acesso via cotas.

Nesse sentido, prevê a nova lei que o acompanhamento da política seja multisetorial, de responsabilidade do Ministério da Educação e dos ministérios responsáveis pelas políticas de promoção da igualdade racial, de implementação da política indígena, de promoção dos direitos humanos e da cidadania e de promoção da juventude. Além disso, há previsão de que a cada dez anos será realizada a avaliação do programa de cotas em instituições de educação superior.

Pelo novo texto legal, o Ministério da Educação deve ainda divulgar anualmente relatórios com informações sobre a política, apresentando dados acerca o acesso, a permanência e a conclusão dos alunos beneficiários e não beneficiários das cotas. Além disso, após três anos da divulgação dos resultados do censo do IBGE, o Governo Federal deverá adotar metodologia para atualizar anualmente os percentuais de cotistas.

As novas regras de avaliação e de monitoramento são relevantes. Apontam para a efetividade da política de cotas na educação, que depende de uma permanente produção de dados, do monitoramento da implementação da lei e de uma periódica calibragem da política pública. Mas do que isso, caso cumpridas, as alterações na norma viabilizam o futuro das cotas, pois garantem transparência e informação à sociedade sobre os resultados a partir delas alcançados.

Mas, como dito, isso depende de um efetivo cumprimento das regras advindas com a 14.723. Não se deve esquecer que a versão original da Lei de Cotas já previa a publicação de relatórios periódicos pelo Governo Federal. Tal previsão, inicialmente cumprida, foi aos poucos sendo desidratada, gerando por fim um verdadeiro vazio de informações e de propostas de melhoria do sistema de cotas. Espera-se, concretamente, que o atual Governo e os futuros adotem postura diferente.

Por fim, não podemos encerrar esse debate sem o registro de uma crítica ao texto que alterou a Lei de Cotas. Mais uma vez, o Poder Legislativo perdeu a oportunidade de avançar na regulamentação do controle da política de cotas por meio das comissões de heteroidentificação étnico-raciais. Há hoje uma expressiva demanda por norma que padronize sua atuação. Em sentido contrário, sobre o tema existem apenas projetos de lei tímidos, a exemplo do PL 3317/2021, que regulamenta somente a composição das comissões.

Que a Nova Lei de Cotas ela seja efetivamente cumprida e que seja fortalecida a diversidade e a democratização do acesso ao ensino no Brasil!

A escravidão mental

MEIRE RABELLO
Escritora, Administradora em RH, Integrante de Religião de Matriz Africana, e Educadora Popular

A mente escravizada? A escravidão no Brasil, e sobretudo no Maranhão, continua exorbitante. Agora de forma bem peculiar, sutil mente como os fetiches empregatícios em todo o estado e fora. O Maranhão é o estado exportador do fetiche empregatício de melhorias para população afro descendente, essa afirmação se faz pelo olhar observatório de que os negros (as) faz parte desse balcão da escravidão análoga, ouseja, o maior exportador de mão de obra escrava do país. Nos anos de 2003 e 2021, esegundo o Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo, foramresgatados em situação de trabalho análogo à escravidão, 8.636 maranhenses. E no Maranhão, multiplicam-se a gravidade. Em 2022 no município de Cidelândia, o trabalhador Luis Alves, sofreu uma tentativa de homicídio quando cobrou o salário do patrão. Nessa fazenda a onde trabalhava o Sr. Luis Alves, foi descoberto que a fazenda. Onde ele trabalhava os funcionários eramm antidos em condições desumanas, comendo com animais, bebiam água suja, dormiam no chão. O Ministério Público entrou em ação, sendo que recebeu 80 denúncias de trabalho escravo no Maranhão, exercendo trabalho análogo à escravidão em 19 municípios. A Comissão de Erradicação ao Trabalho Escravo no Maranhão - Coetrae, executa ações de prevenção e Combate ao Trabalho Escravo no Estado, criou a Caravana da Liberdade que já aconteceu nos municípios de Açailândia, Balsas, Bacabal e Caxias. E o objetivo é dialogar com a realidade social e sensibilizar sobre as formas de trabalho escravo contemporâneo, além de fomentar e fortalecer mecanismos de atendimento aos trabalhadores resgatados e a população geral em situação de vulnerabilidade, garantindo a máxima efetividade das políticas públicas instituídas nos marcos legais. Que dizer do município de Açailândia o balcão das carvoarias.

O município de Balsas do agronegócio que precisa da mão de obra escravizada e tantos municípios desse Maranhão e a exportação para outros estados? Compreende-se que é a partir do aliciador, empreiteiro ou gato é o intermediário entre o trabalhador e o empregador que é no caso o proprietário da fazenda onde ocorre a situação de trabalho escravo. No Maranhão existe pontos específicos em muitos dos municípios para esse aliciamento e de forma sutil carregando os negros (as) para várias regiões do país. O mercado escravista tem novaforma nova no mundo contemporâneo.

Como está a mente humana desse escravizado? É seguro que "a mente, estaninguém pode escravizar" já dizia a nossa escritora Maria Firmina dos Reis em seu livro Úrsula (1822-1917), como assim ficou esquecido sua obra por muito tempo. Para dizer, que a mente de um escravizado não pode fazer que es queça a sua história de vida dos seus antepassados ainda que estejam em condições desumanas física e mental. Cito a passagem do livro de Maria Firmina Reis que diz: O que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam escravidão?E, entretanto, este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lhe diz, e a alma o compreende. Oh, a mente! Isso ninguém pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem rementa-se aos ardentes sertões da África (REIS, 2017, p. 29). Ressalta-se que os negros (as) continuam em cativeiro e tratados como mercadoria humana barata e animais de carga para muitas empresas privadas e carvoarias nesse estado. Entretanto, há algumas intervenções e políticas públicas para essa erradicação dessa escravidão análoga. Urge a necessidade de todas forças políticas da sociedade civil, gestão pública geral pelo processo de denúncias onde existir pessoas escravizando outras.

O IMPARCIAL
EMPRESA PACOTILHA SA
Rua Assis Chateaubriand, 01 - Renascença II
São Luís - Maranhão - CEP 65075-676

Pedro Freire — Diretor-Presidente
Raimundo Borges — Diretor de Redação
Patrícia Freire — Gerente Financeira
Celio Sergio — Superintendente de Produção

FALE CONOSCO - GRUPO O IMPARCIAL
REDAÇÃO
COMERCIAL
ASSINATURAS
REDES SOCIAIS
ASSINATURAS

Fonte: site edição impressa *(o'imparcial.com.br)*, 2023

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

4 ANÁLISES

O artigo de opinião "A escravidão mental" foi publicado em São Luís, 5 de dezembro de 2023 pelo jornal O Imparcial, no site disponibilizado de forma digital e também para impressão, desenvolvido por Meire Rabello escritora, administradora em RH, integrante de religião de matriz africana, e educadora popular. O texto discute a persistência da escravidão contemporânea no Brasil, especialmente no estado do Maranhão, evidenciando casos de exploração e condições desumanas. A escravidão contemporânea é um problema grave que persiste em várias partes do mundo, e o Brasil enfrenta essa realidade de maneira preocupante, como indicam os dados apresentados. Nesse sentido, torna-se crucial destacar essa situação para sensibilizar as pessoas e fortalecer políticas e intervenções para erradicar esse tipo de exploração.

Para a referida análise, inicialmente, fizemos a leitura do referido artigo, em seguida, selecionamos quatro (4) excertos do texto em análise, considerando a composição genérica; os modos de operação ideológicos relacionados aos significados, e o grau de comprometimento dos participantes com o que enunciam, no discurso materializado em artigos de opinião do jornal O Imparcial, os quais foram estudados segundo os métodos analíticos apresentados por Fairclough presentes na Análise de Discurso Crítica (ADC), significado acional (intertextualidade), significado representacional (interdiscursividade) e significado identificacional (modalidade e avaliação), em conformidade com Fairclough (2012, p. 309), ao afirmar que "a ADC é a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. A seguir, apresentamos os excertos selecionados para análise:

> (1) "A mente escravizada? A escravidão no Brasil, e sobretudo no Maranhão, continua exorbitante. Agora de forma bem peculiar, sutilmente com os fetiches empregatícios em todo o estado e fora."
> (2) "O Maranhão é o estado exportador do fetiche empregatício de melhorias para a população afrodescendente, essa afirmação se faz pelo olhar observatório de que os negros (as) faz parte desse balcão da escravidão análoga, ou seja, o maior exportador de mão de obra escrava do país".
> (3) "Nos anos de 2003 e 2021, e segundo o Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo, foram resgatados em situação de trabalho análogo à escravidão, 8.636 maranhenses. Nessa fazenda onde trabalhava o Sr. Luiz Alves, foi descoberto que a fazenda. Onde ele trabalhava os funcionários eram mantidos em condições desumanas, comendo com animais, bebiam água suja, dormiam no chão."

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> (4) “Ressalta-se que os negros (as) continuam em cativeiro e tratados como mercadoria humana barata e animais de carga para muitas empresas privadas e carvoarias nesse estado. Entretanto, há algumas intervenções e políticas públicas para essa erradicação dessa escravidão análoga. Urge a necessidade de todas as forças políticas da sociedade civil, gestão pública geral para o processo de denúncias onde existam pessoas escravizando outras.”
> (Jornal *O Imparcial*, 5 de dezembro de 2023).

4.1.1 Significado Acional (intertextualidade)

Ao realizar a análise dos discursos, é crucial considerar a qualidade dialética, na qual os elementos incorporam partes uns dos outros sem se anular mutuamente. Nesse contexto, a intertextualidade desempenha um papel fundamental ao evocar sentidos e significados de outros elementos que são mobilizados por meio dos gêneros discursivos para participar da interação. No âmbito da intertextualidade, é de interesse que sua utilização estabeleça relações entre o texto em análise e outros textos, discursos, práticas, ideologias, bem como os sentidos expressos em imagens, entre outros elementos. Esse entrelaçamento enriquece a compreensão e a profundidade do discurso, considerando a interconexão dinâmica entre diferentes expressões comunicativas, conforme explicita Fairclough, 2003:

> A intertextualidade de um texto é a presença de elementos de outros textos nele (e então, potencialmente, de outras vozes além da voz do[a] autor[a]), que podem estar se relacionados (discutidos, assumidos, rejeitados) de várias maneiras (Fairclough 2003, p. 218).

Podemos identificar a voz presente nos excertos como sendo a voz da autora do texto. No excerto (1), a intertextualidade pode ser identificada na referência feita à escravidão no Brasil, particularmente no Maranhão. Esta referência pode evocar diversos contextos históricos, sociais e literários relacionados à escravidão no Brasil, desde a época colonial até os dias atuais. Além disso, a menção aos "fetiches empregatícios" pode representar uma alusão à forma como as relações de trabalho muitas vezes reproduzem dinâmicas de poder e dominação semelhantes às da escravidão.

No fragmento (2), podemos perceber que a autora faz uso da intertextualidade quando faz referência à escravidão e à exploração da mão de obra afrodescendente, especificamente no contexto do estado do Maranhão. A frase "exportador do fetiche empregatício de melhorias para a população afrodescendente" sugere uma crítica à exploração e à marginalização dos afrodescendentes,

relacionando-os a um ciclo histórico de opressão que remonta à escravidão. A expressão "exportador de mão de obra escrava do país" evoca o passado histórico do Brasil como um dos maiores importadores de escravos africanos durante o período colonial e imperial, estabelecendo uma conexão intertextual com essa história de exploração e injustiça social.

Seguidamente no trecho (3), a intertextualidade pode ser identificada na referência aos anos de 2003 e 2021 e ao Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo, o que sugere uma contextualização histórica e factual do problema do trabalho escravo no Brasil, especialmente no estado do Maranhão. Além disso, a descrição das condições de trabalho na fazenda onde o Sr. Luiz Alves trabalhava, incluindo a alimentação com animais, o consumo de água suja e o dormir no chão, remete diretamente às condições desumanas enfrentadas pelos escravizados durante a era da escravidão no Brasil. Essas referências intertextuais ajudam a destacar a persistência dos problemas sociais e econômicos relacionados à exploração do trabalho no país.

Por fim no excerto (4), a intertextualidade está presente na alusão à continuidade da condição de escravidão para os negros, tratados como "mercadoria humana barata" e "animais de carga" por algumas empresas privadas e carvoarias no estado do Maranhão. Essa descrição evoca diretamente as práticas desumanas e exploradoras da era da escravidão no Brasil, destacando a persistência dessas injustiças no presente. A menção às "intervenções e políticas públicas para a erradicação dessa escravidão análoga" sugere uma tentativa de abordar esse problema social, indicando uma possível intertextualidade com discursos políticos e sociais sobre direitos humanos, justiça social e igualdade racial. A frase "urge a necessidade de todas as forças políticas da sociedade civil, gestão pública geral para o processo de denúncias onde existem pessoas escravizando outras" também pode ser interpretada como uma chamada para ação, ecoando discursos de ativismo e defesa dos direitos humanos.

4.1.2 Significado Representacional (interdiscursividade)

Fairclough (2003/2009) propõe que, ao identificar e analisar discursos como representações ou construções de aspectos da vida social, é crucial considerar o grau de repetição desse discurso, sua relativa estabilidade ao longo do tempo e sua associação ou correlação com grupos específicos de pessoas. Diversos discursos estão intrinsecamente

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ligados a diferentes posições individuais no mundo e a distintas formas de relacionamento entre pessoas. Nesse contexto, as disputas por poder, dominação, competição, cooperação e o desejo de mudança emergem como recursos discursivos socialmente diferenciados, desempenhando papéis cruciais na compreensão das dinâmicas sociais subjacentes.

> Considerando a complexidade das sociedades atuais e a multiplicidade de discursos (que se diferenciam, mas que também se mês mesclam - Modificam se ou proporcionam a criação de novos discursos), é importante na ADC Tratar da análise da Interdiscursividade a combinação de diferentes discursos. (Fairclough, 2001. 2003; Chouliaraki e Fairclough, 1999, p.153).

Considerando os excertos (1), (2), (3) e (4) retirados do artigo de opinião 1, podemos perceber que “são mesclados discursos diferentes, que competem entre si” (MARTINS, 2009, p. 107), dentre eles podemos destacar: o discurso *do trabalho escravo*, o *discurso racial*, o discurso *de desigualdade social* e o discurso *de denúncia*.

Na (1°) fragmento, *o discurso do trabalho escravo* se apresenta de forma crítica e reflexiva. Ao mencionar "A mente escravizada", há uma sugestão de que mesmo após a abolição formal da escravidão, as estruturas de poder e dominação persistem de maneira insidiosa, afetando não apenas as condições materiais, mas também as percepções e mentalidades das pessoas envolvidas. A referência à escravidão no Brasil, especialmente no Maranhão, como "exorbitante" ressalta a gravidade e a amplitude do problema. A expressão "fetiches empregatícios" sugere que as relações de trabalho atuais podem incorporar elementos de fetichização e exploração, onde as condições de trabalho são disfarçadas ou minimizadas através de mecanismos sutis. Portanto, o discurso aqui enfatiza a persistência e a adaptação das práticas de escravidão em contextos contemporâneos, destacando a necessidade de uma análise crítica e de intervenções eficazes para enfrentar esse problema.

No (2°) excerto, notamos *o discurso racial* de maneira crítica e contextualizada. Ao descrever o Maranhão como "o estado exportador do fetiche empregatício de melhorias para a população afrodescendente", há uma abordagem direta das questões raciais, destacando a persistência das desigualdades e da exploração enfrentadas pela população afrodescendente na região. A menção aos negros como parte integrante do "balcão da escravidão análoga" enfatiza a continuidade de padrões históricos de exploração e marginalização, sugerindo que a população negra ainda enfrenta condições precárias e desumanas de trabalho,

semelhantes à escravidão, em muitas indústrias e setores econômicos.

A referência ao Maranhão como "o maior exportador de mão de obra escrava do país" também ressalta o papel central do estado na perpetuação das injustiças raciais e na exploração da força de trabalho afrodescendente. Portanto, o *discurso racial*, nessa passagem, destaca as realidades socioeconômicas específicas enfrentadas pela população negra, ressaltando a necessidade de ações e políticas direcionadas para combater o racismo estrutural e promover a igualdade de oportunidades.

No (3°) trecho, observamos o discurso de *desigualdade social* explícito através da descrição das condições desumanas enfrentadas pelos trabalhadores na fazenda onde o Sr. Luiz Alves trabalhava. O relato de que os funcionários eram mantidos em condições tão precárias, incluindo comer com animais, beber água suja e dormir no chão, evidencia uma clara violação dos direitos humanos e trabalhistas básicos. Essas condições são claramente injustas e desumanas, mostrando como os trabalhadores estavam sendo explorados e tratados como seres inferiores.

Além disso, ao mencionar o número de maranhenses resgatados em situação de trabalho análogo à escravidão, a passagem destaca a extensão do problema e a frequência com que tais situações ocorrem. Isso reforça a ideia de que a injustiça não é um incidente isolado, mas sim um fenômeno sistêmico que afeta muitos trabalhadores na região. Portanto, o discurso de desigualdade social nesta passagem é evidenciado pela exploração e condições desumanas enfrentadas pelos trabalhadores, bem como pela frequência dessas situações de injustiça no estado do Maranhão.

Já no (4°) fragmento, o *discurso de denúncia* apresenta-se de forma direta e contínua ao expor a situação de injustiça e exploração enfrentada pelos negros no estado do Maranhão. Ao descrever os negros como continuando "em cativeiro" e sendo "tratados como mercadoria humana barata e animais de carga", o texto claramente denuncia a desumanização e a violação dos direitos básicos dessas pessoas. A utilização da palavra "escravidão" e a comparação com animais de carga reforçam a gravidade da situação e evidenciam a exploração e opressão enfrentadas pelos trabalhadores.

Além disso, ao destacar que existem "intervenções e políticas públicas para a erradicação dessa escravidão análoga", o texto também denuncia a necessidade de medidas urgentes para combater essa realidade. A palavra "erradicação"

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sugere uma condenação moral e uma exigência de ação imediata para eliminar essa forma de exploração.

Por fim, ao mencionar a importância de todas as forças políticas da sociedade civil e da gestão pública geral para denunciar casos de escravidão, o texto enfatiza a necessidade de uma mobilização coletiva e de uma resposta institucional para enfrentar o problema. Isso representa uma denúncia não apenas das práticas em si, mas também da inação ou conivência de certos setores da sociedade com essa realidade, bem como da falta de políticas públicas mais atuantes no combate a esse tipo de exploração. Portanto, o discurso de denúncia nesta passagem se manifesta através da exposição das injustiças enfrentadas pelos trabalhadores e da exigência por medidas concretas para combatê-las.

4.1.3 Significado Identificacional (modalidade e avaliação)

Examinar cuidadosamente a modalidade expressa nos textos representa uma abordagem essencial para desvendar as complexidades do envolvimento das pessoas com o discurso. Tal análise transcende a mera observação superficial, adentrando a intrincada rede de escolhas lexicais, estruturas sintáticas e expressões utilizadas. Aprofundar-se nesses aspectos não apenas enriquece a interpretação, mas também proporciona uma compreensão mais refinada do processo de identificação que se desenha.

Além disso, ao incorporar uma perspectiva sociocultural, é possível ampliar ainda mais a análise, visto que as normas e valores presentes na sociedade exercem influência direta sobre a maneira como as pessoas se conectam às mensagens transmitidas. “A categoria da modalidade é importante na (re)constituição de identidades, uma vez que que revela além do comprometimento do falante com suas proposições, um comprometimento que inclui a interação com os interlocutores” (MARTINS,2009, p.122). Nesse sentido, investigar a modalidade nos textos não apenas desvela nuances da interação verbal, mas também se torna uma ferramenta valiosa para desvendar as dinâmicas sociais subjacentes, permitindo uma compreensão mais abrangente do panorama comunicativo em questão.

A avaliação materializa-se nos textos através de afirmações avaliativas com juízo de valor; de verbos de processo mental afetivo (detestar, gostar, amar...) e de presunções valorativas (sobre o que é bom ou ruim, desejável ou indesejável) (FAIRCLOUGH, 2003). Nessa perspectiva, faremos a análise do significado

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

identificacional dos excertos selecionados, considerando o comprometimento da autora com as afirmações, perguntas, demandas e ofertas presentes no texto.

Nos excertos (1), (2), (3) e (4) que compõem o artigo de opinião 1 em análise, as trocas de conhecimento (modalidade epistêmica), sobretudo as afirmações, são mais frequentes.

No (1°) excerto, a pergunta retórica "A mente escravizada?" incita uma reflexão sobre a persistência da escravidão no Brasil, especialmente no Maranhão, onde a modalidade epistêmica se materializa através da afirmativa “A escravidão no Brasil, e sobretudo no Maranhão, continua exorbitante”. Tal afirmativa da autora revela as condições desumanas em que os trabalhadores são mantidos, exemplificada pela existência de "fetiches empregatícios", como evidência da consequência dessa realidade. Observamos uma afirmação categórica, com alto grau de comprometimento da autora com suas proposições, que são implicitamente tomadas como verdadeiras. Há apenas uma pergunta no texto. É uma pergunta retórica na primeira linha do artigo. A autora apresenta a indagação “A mente escravizada? ” e responde ao desenvolver o artigo.

No (2°) trecho, a autora afirma que “o Maranhão é o estado exportador do fetiche empregatício de melhorias para a população afrodescendente", indicando uma modalidade epistêmica e categórica. Ao fazer uso do verbo de *processo existencial (ser)no presente do indicativo (é)*, a autora, através dessa afirmação, revela dados concretos sobre o número de maranhenses que no século XXI ainda vivenciam situação de trabalho análogo à escravidão, destacando a seriedade do problema.

Nos excertos (3) e (4), a autora apresenta os dados sobre o resgate de maranhenses em situação de trabalho análogo à escravidão nos anos de 2003 e 2021, conforme relatado pelo Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo, bem como, faz uma análise crítica da situação em que os negros são tratados como mercadorias baratas e animais de carga.

Observamos, ainda, que ao fazer uso da *conjunção adversativa, entretanto, no final do excerto (4): Entretanto, há algumas intervenções e políticas públicas para essa erradicação dessa escravidão análoga. Urge a necessidade de todas as forças políticas da sociedade civil, gestão pública geral para o processo de denúncias onde existam pessoas escravizando outra”,* a autora se posiciona e representa em seu discurso uma modalidade deôntica explícita, isto é, uma demanda dirigida às autoridades

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

brasileiras, com o reconhecimento da necessidade de 'intervenções e políticas públicas' que desenvolvam urgentemente ações coordenadas para o combate de práticas tão desumanas como essa. De modo geral, nos excertos analisados até aqui, a autora constrói uma avaliação com juízo de valor negativo sobre as formas de trabalho contemporâneo, mais especificamente, no Maranhão. De certo modo, essa avaliação negativa é esperada, já que o artigo em análise apresenta e analisa a situação de muitos maranhenses que foram encontrados em situação de trabalho análogo à escravidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar o artigo de opinião intitulado A Escravidão Mental publicado no jornal O Imparcial, sob o viés teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC), de Norman Fairclough, visando melhor compreensão das práticas sociais contemporâneas, refletidas no espaço midiático e, consequentemente, desenvolver uma postura crítica no leitor/consumidor. Utilizamos as categorias de análise: intertextualidade, interdiscursividade, modalidade e avaliação, relacionadas aos significados do discurso: acional, representacional e identificacional, respectivamente.

A linguagem, sendo uma faceta inalienável da tessitura social, é decisivamente mutável, interligando-se a outros estratos sociais e catalisando desde manifestações desestabilizadoras e preconceituosas até a superação de desigualdades sociais, bem como o empoderamento e a autonomia do leitor. Buscamos instigar debates sociodiscursivos para que os leitores possam adotar uma postura crítica diante dos textos, contribuindo para a transformação social.

Emergiram algumas hipóteses corroboradas ao longo da análise: os artigos veiculados no site digital e disponibilizados em formato impresso ampliam o acesso às informações contidas no texto, podendo servir como material empírico para análise discursiva e semiótica. O artigo jornalístico de opinião analisado abriga discursos hegemônicos e/ou de resistência social, uma vez que retrata uma luta social contra o trabalho análogo à escravidão.

A análise crítica dos artigos propicia a emancipação do leitor/consumidor, ao incitar a reflexão e a possibilidade de transformação a partir do texto.

Esta pesquisa aspira contribuir para o entendimento da ADC e servir como recurso para estudos sobre discurso e semiótica. Nossa busca por uma análise crítica visa promover mudanças positivas para indivíduos em situação de vulnerabilidade social, recusando a neutralidade e defendendo um posicionamento político-ideológico.

REFERÊNCIAS

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity. Rethinking critical discourse analysis.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, Décio Bessa da. **Charges eletrônicas das eleições 2006: uma análise de discurso crítica**. Brasília, 2007.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: UNB, Trad. 2001.
_____. **Analysing Dicourse**: textual analysis for social research. London:Routledge, 2003.

LOPES, José Ribamar (Org.); SATO, Denise Tamaê Borges (Org.); MELO, Iran Ferreira de (Org.). **Análise de discurso crítico para linguistas e não linguistas.** São Paulo: Parábola, 2018. 224 p. (Linguagem; n. 83).

Magalhães, Izabel. Introdução: A Análise do Discurso Crítico. DELTA, 21: Especial, 2005.
MARTINS, Ana Maria Sá. **Representações do feminino**: uma análise discursiva dos perfis jornalísticos de O Estado do Maranhão. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2009.

RABELLO, Meire. **A escravidão mental.** O Imparcial, São Luís, terça-feira, 5 de dezembro de 2023. Opinião, p 2.

_____ **REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: uma análise da construção discursiva das identidades sociais de gênero**, São Luis- Ma.2016.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

WODAK, R. De qué trata el análisis crítico del discurso (ADC). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, R.**;** MEYER, M. (comp.) **Métodos de Análisis Crítico del Discurso.** Barcelona: Gediza, 2003.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

INTERPRETAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL APODIENSE: BREVES APONTAMENTOS

Henrique Ramon de Oliveira (UFERSA)
ramon.oliveira1570@gmail.com

Jéssica Girlaine Guimarães Leal (UFERSA)
jessica.leal@ufersa.edu.br

RESUMO:

Ao longo da vida de acadêmico surgiu a necessidade de realizar uma pesquisa com objetivo de discutir como se dá a atuação dos profissionais TILSP na Escola Antônio Dantas, no município de Apodi no interior potiguar. A pesquisa se justifica por compreender que os surdos, como cidadão com habilidades e competências ao adquirir seus conhecimentos acadêmicos, precisa ser valorizado no âmbito escolar. Como metodologia foi feito uma pesquisa bibliográfica exploratória para amparar teoricamente o tema em estudo, para a coleta dos dados foi aplicado um questionário com questões subjetivas para que o profissional TILSP possa relatar sobre sua profissão visando traçar o perfil formativo dos colaboradores, a pesquisa foi realizada com os funcionários Tradutores Intérpretes de Libras da Escola Estadual Professor Antônio, onde irão responder em 02 dois dias, um questionário pelo google forms que será de fundamental importância para coleta de dados. Utilizaremos como referencial teórico autores como Brasil (2010), Rosa (2005), Andrade (2013), Coelho (2017) e Quadros (2004) que discutem sobre a formação de TILSP e sua atuação. Por fim, este trabalho mostra-se de grande relevância para compreender o perfil dos TILPS formativos no interior potiguar, bem como busca corroborar para os estudos da tradução e interpretação no país.

PALAVRAS-CHAVE: Libras, Surdo, TILSP, Formação, Acessibilidade linguística.

SIMPÓSIO: 20 - Ensino de Libras e Letramento Literários: Formação docente e olhares dialógicos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

1. INTRODUÇÃO

O TILSP é um profissional bilíngue, com sua profissão regulamentada na Lei nº 12.319/2010, que domina a língua oral e a língua de sinais, interpretando simultaneamente, com o propósito de permitir o acesso às informações para as pessoas surdas. Com toda certeza para o exercício profissional de tradução e interpretação é necessário possuir competência e habilidades linguísticas para mobilizar comunicação dentro do par linguístico Língua portuguesa e Libras e vice-versa, de maneira simultânea ou consecutiva, além disso é necessário perfil formativo adequado com o proposto na legislação.

Assim sendo surgiu a necessidade de realizar uma pesquisa com objetivo de discutir como se dá a atuação dos profissionais TILSP na Escola Antônio Dantas, no município de Apodi no interior potiguar.

O estudo se apresenta de fundamental importância para o acadêmico ao longo de sua carreira profissional e como futuro docente, pois presenciou a brusca realidade no ensino médio na sua sala de aula por não possuir um intérprete de Libras, e viu de perto a dificuldade de alunos surdos/mudos se comunicarem com o professor e demais colegas como também o prejuízo de sua aprendizagem.

Como metodologia foi feito uma pesquisa bibliográfica exploratória para amparar teoricamente o tema em estudo, para a coleta dos dados foi aplicado um questionário com questões subjetivas para que o profissional TILSP possa relatar sobre sua profissão visando traçar o perfil formativo dos colaboradores, a pesquisa foi realizada com os funcionários da Escola Estadual Professor Antônio, onde responderão em 02 dois dias, um questionário pelo google forms que será de fundamental importância para coleta de dados.

A pesquisa se justifica por compreender que os surdos, como cidadão com habilidades e competências ao adquirir seus conhecimentos acadêmicos, precisa ser valorizado no âmbito escolar, tendo sua língua como parte dos trabalhos desenvolvidos nas práticas pedagógicas, com professores e intérpretes parceiros em buscar alternativas de ações acessíveis à sua distinção linguística, além de trazer para as aulas recursos compatíveis com a sua percepção de mundo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

2. DESENVOLVIMENTO

Nessa seção faremos a exposição de algumas considerações dos teóricos sobre o ensino de libras, como também os resultados e discussões da pesquisa em curso.

2.1 **Panorama na profissionalização do TILSP no Brasil**

Durante a Antiguidade e por quase toda a Idade Média pensava-se que os surdos não fossem educáveis, ou que fossem imbecis. Os poucos textos encontrados referem-se prioritariamente a relatos de curas milagrosas ou inexplicáveis (Moores 1978).

No Brasil, segundo Quadros (2004), a presença de intérpretes de língua de sinais foi percebida, notavelmente, em trabalhos religiosos por volta dos anos 80. Posteriormente, no início da década de 90, no Rio de Janeiro, foi aprovado por ocasião do II Encontro, Nacional de Intérpretes, o código de ética do Intérprete de Libras.

Em 2010, o então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei nº 12.319 (BRASIL, 2010) que regulamentou a profissão do TILS e constavam, a princípio, dez artigos, dos quais três foram vetados. Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de TILS e citava a formação necessária para se poder atuar como TILS, bem como às funções que esse profissional desempenharia.

De acordo com o art. 11 do Decreto n. 5.626/2005, ao MEC coube “promover programas específicos para criação de cursos de graduação para formação de professores surdos e ouvintes habilitados para o ensino da língua de sinais”. (BRASIL, 2005). A formação do TILS pode ocorrer na graduação de Letras Libras, em Bacharelado. Para se atuar como professor de Libras ou TILS, nas IES ou nas escolas, o candidato precisa comprovar proficiência na Libras. Contudo, o Curso de Letras Libras, de acordo com o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005), exime o candidato dessa obrigatoriedade. Outra exigência para obter a certificação de proficiência na Libras, é preciso ser aprovado por uma Banca constituída de linguistas surdos e ouvintes.

Quanto as legislações que amparam o ensino de Libras temos: a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências; A Lei n.º 12.319, de 1 de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras;

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Decreto nº 5.626, de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras; Portaria Normativa MEC 20/2010 – DOU: 08.10.2010, que dispõe sobre o Programa Nacional para Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e Tradução e Interpretação Português/Libras; e a Lei 14.704/23, que inclui a função do guia-intérprete (profissional que domina, no mínimo, uma das formas de comunicação utilizadas pelas pessoas surdocegas) na lei que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)(Agência câmara de notícias).

O perfil do interprete de língua de sinais na área educacional, mediador entre surdos e professores, alunos e colegas, compreende competências e responsabilidades que exigem uma formação especifica para uma atuação eficaz. É necessário o comprometimento com as aprendizagens, atitudes para além do domínio e fluência em libras competências técnicas e comportamentais contextualizando os conteúdos específicos com a cultura linguística dos sujeitos.

Almeida (2010) reforça a necessidade de se ter uma graduação na área específica da Libras, mas salienta a importância de manter uma formação continuada.

O TILSP é um profissional com conhecimento e fluência em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa, que atua na mediação do discurso para possibilitar e garantir acessibilidade comunicacional entre surdos e ouvintes nos diversos espaços sociais e nas participações políticas.

A oficialização da Libras é resultado de vários movimentos surdos em prol do direito de terem sua língua materna como primeira língua e o reconhecimento do status linguístico desta. A comunidade surda brasileira caracteriza-se pela cultura e língua próprias, mas que infelizmente ainda encontra barreiras de acessibilidade comunicacional na sociedade, observada na falta de comunicação entre surdos e ouvintes, nos diferentes ambientes sociais.

Sem dúvida o estudante surdo tem o direito de assistir aula, de acessar o aprendizado na escola através da língua de sinais como primeira língua; isso lhe é assegurado desde o ano de 2002, quando a Libras foi reconhecida por meio da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial da comunidade surda que reza o seguinte:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Art. 3o As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor. Art. 4o O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudióloga e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL. Lei nº. 10.436/2002. Brasília: MEC, 2002).

De acordo com a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, a Língua Brasileira de Sinais é a "forma de comunicação e expressão, com sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil". A Libras se diferencia da Língua Portuguesa principalmente na modalidade, a primeira se constitui espaço-visual e a segunda, oral-auditiva. Corrobora Rosa (2005) que a Libras:

> É uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão para captar movimentos, principalmente das mãos, afim de transmitir uma mensagem, diferenciando-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos (ROSA, 2005, p. 21).

Na pesquisa de mestrado e doutorado de Martins (2008, 2013) a autora aponta os problemas emergentes da política inclusiva, postas na atuação do IE, que ela chama de TILSE (Tradutores e Intérpretes de Libras Educacional). A autora opta por essa nomenclatura porque defende que a inclusão cria o paradoxo na atividade profissional desse sujeito, na medida em que ele fica no entremeio entre 'interpretar' X 'ensinar' porque, para ela, a esfera educacional, a sala de aula, pressupõe em si uma relação pedagógica, de condução educativa ao aluno .

A Lei 12.319/2010, no Artigo 6, especifica com relação à atribuição do tradutor e intérprete:

> I - Efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
> II - Interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
> IV - Atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades a fim das instituições de ensino e repartições públicas; e
> V - Prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (BRASIL, 2010).

Como pode ser verificado ao longo do trabalho, a atribuição do tradutor e intérprete não está somente relacionada ao contexto de sala de aula; todavia, o TILSP é um profissional de extrema importância para o aprendiz surdo, quando não há professores bilíngues e em classes com discentes ouvintes e surdos incluídos. O TILSP media a comunicação entre os usuários de duas línguas distintas (Libras e Língua Portuguesa), atua interpretando as atividades didático- -pedagógicas e culturais (não necessariamente em sala de aula).

Marques (2017) afirma que, além de fluência nas duas línguas, estes profissionais necessitam de técnicas específicas para os processos de tradução e de interpretação e, também, de conhecimentos teóricos. Por outro lado, Jordão (2013) ressalta que a atuação dos TILSP não pode ser uma atividade mecânica, mas, sim, uma atividade que se concentra na qualidade das informações recebidas pelo surdo.

Sabe-se que, o ato de interpretar exige um alto nível de conhecimento teórico e prático em ambas as línguas envolvidas pelo profissional. Pois, como Ronice afirma:

> Envolve um ato COGNITIVO-LINGUÍSTICO, ou seja, é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. O intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos. (QUADROS, 2004, p. 27).

Quadros (2004), aborda uma questão muito interessante acerca do universo do intérprete de Libras/ português, revela a existência de concepções errôneas, crenças, histórias que precisam ser elucidadas.

Segundo Seleskovitch (1978, apud PAGURA, 2003), o processo de interpretação passa por três etapas:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> 1. Percepção auditiva de um enunciado linguístico que é portador de significado. Apreensão da língua e compreensão da mensagem por meio de um processo de análise e exegese;
> 2. Abandono imediato e intencional das palavras e retenção da representação mental da mensagem (conceitos, ideias, etc.);
> 3. Produção de um novo enunciado na língua-alvo, que deve atender a dois requisitos: deve expressar a mensagem original completa e deve ser voltado para o destinatário (SELESKOVITCH, 1978, apud PAGURA, 2003, p.219).

Diante dessas etapas, percebemos que a tradução, no sentido geral do termo, não é uma tarefa simples. É um processo que envolve pensar nas diferenças culturais, indenitárias e linguísticas entre as línguas envolvidas. É uma atividade cognitiva e interdisciplinar, pois não traduzimos signos isolados de uma língua para outra.

A atuação do TILSP como interlocutor nas interações em que os participantes não são bilíngues concede ao profissional grande responsabilidade, pois equívocos na transmissão de conteúdos e ideias podem causar consequências graves.

Conforme Oliveira (2016), as atribuições do intérprete educacional se diferenciam dos demais profissionais que atuam em outros contextos. Sua função é interpretar em Libras e em Língua Portuguesa e, dessa forma, intermediar a aula ministrada pelo professor regente, que deve planejar, aplicar os conteúdos e avaliar. Todavia, no cotidiano das instituições de ensino, por falta de conhecimento da equipe administrativa e pedagógica sobre o papel do profissional, em muitos casos, é transferida para o intérprete, equivocadamente, a função de ensinar.

Robert (1992 apud QUADROS, 2007) cita seis competências em que a interpretação deve ser analisada, elencando essas categorias como competências a ser desenvolvidas pelo profissional tradutor intérprete, das quais são:

1. Competência linguística em Libras: O tradutor intérprete deve possuir um amplo conhecimento da estrutura linguística da Libras, incluindo aspectos gramaticais, léxicos e pragmáticos. Isso envolve a compreensão das regras linguísticas específicas da Libras, bem como a fluência e a habilidade de se expressar de forma clara e compreensível.

2. Competência linguística em língua portuguesa: Além do domínio da Libras, o tradutor intérprete precisa ter um bom domínio da língua portuguesa. Isso envolve a compreensão da estrutura e gramática do português, assim como a capacidade de traduzir e interpretar de forma adequada e precisa os significados e intenções da Libras para o português.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

3. Competência sociocultural: O tradutor intérprete deve ter uma compreensão aprofundada da cultura surda e da cultura ouvinte. Isso inclui conhecimentos sobre os valores, normas, práticas e costumes das comunidades surda e ouvinte, a fim de realizar uma interpretação culturalmente sensível e eficaz.

4. Competência técnica: O profissional deve estar familiarizado e ser capaz de utilizar corretamente os equipamentos e tecnologias utilizados na tradução e interpretação de Libras, como câmeras, microfones, sistemas de transmissão, entre outros. Além disso, deve ter habilidades técnicas para lidar com desafios que possam surgir durante o trabalho, como problemas técnicos ou situações de alta pressão.

5. Competência ética e deontológica: O tradutor intérprete deve agir de acordo com princípios éticos e deontológicos, mantendo a confidencialidade, a imparcialidade, a neutralidade e o respeito pelas partes envolvidas na comunicação. É importante também seguir um código de conduta profissional que garanta a qualidade e a responsabilidade em sua atuação.

6. Competência estratégica: O profissional deve ser capaz de utilizar estratégias e técnicas adequadas para lidar com diferentes situações de interpretação e tradução. Isso envolve a seleção adequada de estratégias de interpretação simultânea, consecutiva ou sussurrada, assim como a capacidade de adaptar sua atuação às necessidades e características dos interlocutores envolvidos.

Cassiano (2016) destaca que, por não ter o número necessário de profissionais devidamente formados, alguns estados seguem a formação definida pela FENEIS no documento “O que é intérprete de Língua de Sinais para pessoas surdas”. Algumas dessas condições são:

> a) Ter competência na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais;
> b) Possuir no mínimo o ensino médio completo, mas preferencialmente ensino superior;
> c) Ser membro ativo da Associação de Surdos local;
> d) Possuir certificado expedido pela FENEIS;
> e) Possuir certificado Exame PROLIBRAS – MEC;
> f) Possuir alguma noção de outro idioma estrangeiro;
> g) Ter noções suficientes de linguística, comunicação e técnicas de tradução e interpretação;
> h) Ter contato com surdos adultos com frequência comprovada;
> i) Ter disponibilidade de tempo para estar presente onde se fizer necessário (CASSIANO, 2016, p. 4).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Coelho (2017) nos faz refletir sobre as competências necessárias para que o tradutor/intérprete presente em sala de aula inclua verdadeiramente os alunos surdos no contexto escolar. Salienta-se ainda que nem todo profissional da área citada tem as competências necessárias para atuar no setor educacional, mais propriamente em sala de aula.

Dorziat e Araújo (2012) ressaltam a necessidade de proficiência em Língua de Sinais por parte do TILSP, bem como uma formação adequada. É relevante e inevitável, neste panorama, a necessidade de aperfeiçoamento profissional do TILSP, uma vez que houve uma ampliação de seu campo de atuação laboral e a inserção dos sujeitos surdos nos diversos espaços sociais.

2.2 Resultados e Discussões

Os profissionais atuam na Escola Estadual Professor Antônio Dantas situada na Rua Joaquim Teixeira de Moura, é uma escola pública estadual em Apodi - RN. Nessa instituição de educação básica, há o funcionamento de formação de Ensino Regular, e de curso Técnico Integrado.

Após a aplicação do questionário foram coletadas as seguintes respostas: **No quesito Formação Acadêmica foram obtidas 03 respostas;** Licenciatura em letras/Libras; Professor de educação especial interprete tradutor de libras; Letras/ Libras. Marques (2017) destaca, também, que a formação em nível superior pode ser um diferencial para os profissionais, mas, vale ressaltar que, se a formação superior na área da tradução e interpretação seguir um currículo extremamente teórico, pode não ser suficiente para que o profissional consiga realizar um trabalho de qualidade, pois, o mercado de trabalho procura profissionais que também tenham competências do fazer interpretativo e tradutório.

No quesito qualificação profissional foram obtidas 02 respostas;

A primeira é especialista; a segunda mestre. A profissão de tradutor e intérprete da Libras é regulamentada pela Lei 12.319/2010, e o profissional deve possuir competência para realizar interpretação das duas línguas, de maneira simultânea ou consecutiva, e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

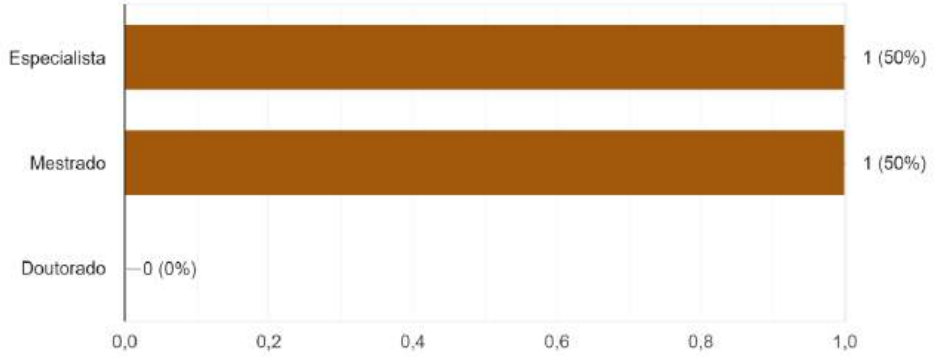


FIGURA II-QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Ao serem perguntados sobre em qual área consistia na formação, 2 respostas foram obtidas; Psicopedagogia e Libras; e Ensino. No que diz respeito à formação superior, atualmente é possível fazer um curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Libras. Outra opção, é fazer uma graduação em Fonoaudiologia com ênfase em Libras.

No que se refere a função exercida pelo profissional na Escola Estadual Professor Antônio Dantas; 3 respostas foram coletadas; Intérprete de libras; Professor intérprete; e Intérprete.

Certamente que ganha a escola quando tem um professor e interprete, afinal o papel do professor é ensinar, transmitir conhecimento e inspirar seus alunos. O professor de Libras irá ensinar a Língua Brasileira de Sinais tanto para os alunos surdos, quanto para os ouvintes. Além de ensinar o idioma, ele também pode ensinar sobre a cultura surda e a história da língua.

A escola possui o serviço de TILSP e quantidade de funcionário adequada para demanda solicitada? 3 respostas;

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

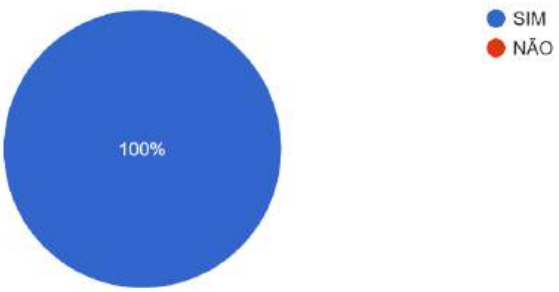


FIGURA III- QUANTIDADE DE FUNCIONÁRIOS

Lacerda (2010) ressalta que o mais importante é focalizar na formação fundamental do TILSP, que vai além do conhecimento linguístico. Esse profissional deve ter uma formação plural e interdisciplinar. Acrescenta-se que deve ter conhecimentos de didática, caso atue como intérprete educacional. Dessa forma, o léxico da língua de sinais vem se enriquecendo e o intérprete deve estar sempre se atualizando, aprendendo com os sujeitos surdos.

Ao se pronunciarem sobre a quantidade de alunos Surdos atendidos ;3 respostas; O primeiro profissional atende 01 aluno; o 2º atende a 03 alunos; e o terceiro profissional atende a 02 alunos surdos.

Ao descreverem como acontece o serviço de TILPS na Escola Estadual Professor Antônio Dantas, obteve-se 03 respostas: É transmitido os conteúdos ministrados pelos professores do português para a língua de sinais, assim como também em atividades e provas avaliativas, mediação de comunicação com professores e alunos; é realizado atendimento individual, traduzindo e interpretando conteúdos ministrados; e isso é feito em todas as aulas e eventos desenvolvidos pela escola.

O trabalho do tradutor intérprete na sala de aula, vai além do simples papel de transmitir o diálogo entre professor e aluno; ele envolve uma atuação responsável e parceira do professor, onde ambos compreendam que precisam trabalhar juntos e um não promove aprendizagem no aluno sem o outro.

Ainda, é atribuição do intérprete educacional reportar ao professor da turma os questionamentos, observações, dúvidas e sugestões dos alunos; estimular a relação direta entre alunos surdos e professor regente, ou entre alunos surdos e outros participantes da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

comunidade escolar; oferecer ao professor regente, quando este solicitar, um feedback do processo de ensino-aprendizagem do aluno; sempre que necessário, reunir-se com outros intérpretes e com o representante da escola; informar ao professor regente sobre a melhor maneira de expor o conteúdo para o aluno surdo.

Ao relatarem sobre alguma dificuldade para exercer a função de TILSP em no local de trabalho, 03 respostas foram coletadas; não; não; e sim, como em todas as aulas do turno a tradução é realizada por um único profissional, fica muito exaustivo. Outra questão é sobre o planejamento das atividades, pois em algumas disciplinas, por conta da grande demanda dos professores, não recebemos o material antes da aula.

É importante que os materiais sejam enviados no mínimo 24 horas antes do início da interpretação, permitindo que o intérprete se prepare e estude. Alguns temas exigem dedicação adicional, por exemplo, o intérprete pode precisar estudar quais sinais em Libras são mais adequados para facilitar a compreensão do surdo.

No quesito comunicação entre surdos e ouvintes na sala de aula regular, sobre se os colegas compreendem o aluno surdo, se os professores se comunicam em Libras e qual nível de comunicação entre você e o aluno surdo, foram 03 as respostas; A comunicação se dar através da mediação dos interpretes, pois, os alunos e professores não se comunicam em libras; comunicação boa; a comunicação acontece por intermédio dos intérpretes na maioria das situações. Alguns alunos aprenderam noções básicas da Libras e estão usando. Os professores não sabem Libras e a surda atendida é alfabetizada e fluente na língua.

Em todas as línguas de sinais, inclusive na Libras, cada palavra é representada por um sinal, por isso é incorreto caracterizar os sinais da Libras como simples gestos ou mímicas, uma vez que se diferem por regras gramaticais específicas. As línguas de sinais são chamadas de gestual-visual porque o responsável para emitir a comunicação são as mãos por meio dos sinais, e o receptor são os olhos. Essas línguas diferem das oral-auditivas (como os ouvintes utilizam) em que o emissor é a voz e o receptor, os ouvidos. As pessoas surdas ‘escutam’ com os olhos, através dos sinais direcionados a elas. Já as pessoas surdo-cegas usam o toque para ‘ouvir’, elas seguram as mãos do emissor (pessoa que faz os sinais) para entender o que está sendo dito. As pessoas surdas que não

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

possuem braços/mãos fazem sinais com os pés, porém os sinais são adaptados para esse tipo de comunicação.

O professor deve perceber a realidade bilíngue do Surdo e compreender que a Língua de Sinais é indispensável na compreensão da Língua Portuguesa escrita. No ensino escolar, dificilmente os professores reconhecem a capacidade de aprendizado dos alunos Surdos e sua necessidade de dominar a Língua Portuguesa.

Ao serem questionados sobre a oferta de cursos de formação para os TILSP e funcionários da escola, foram obtidas 02 respostas;

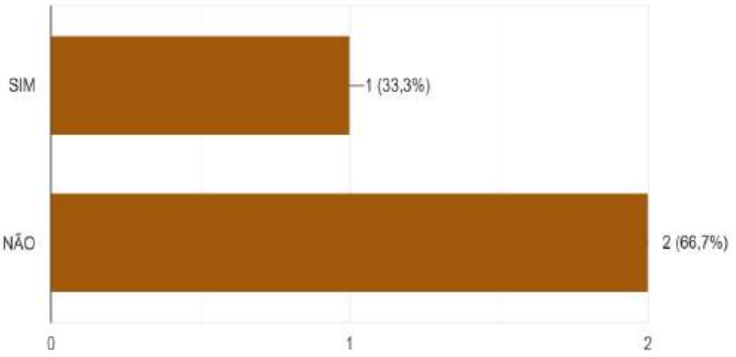


FIGURA IV- OFERTA DE CURSOS

Ficou evidenciado que o ideal não necessariamente se torna real e, como visto nas pesquisas, ao longo dos últimos anos, inclusive desde a regulamentação da Libras e da previsão de cursos de formação profissional, nos diferentes níveis, a formação ainda se apresenta restrita no que tange a ofertas. Segundo Oliveira (2016), as atribuições do intérprete educacional se diferenciam dos demais profissionais que atuam em outros contextos. Sua função é interpretar em Libras e em Língua Portuguesa e, dessa forma, intermediar a aula ministrada pelo professor regente, que deve planejar, aplicar os conteúdos e avaliar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esse trabalho constatou-se que o objetivo do mesmo foi atingido, pois através das respostas as perguntas do questionário ficaram evidente como se dá atuação dos profissionais TILSP na escola em estudo. O trabalho trouxe contribuições para a área no que diz respeito à formação do TILSP, subsidiando a construção da identidade do

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

profissional e de seu lugar na profissão e na sociedade, a partir da reflexão sobre a formação e da sistematização dos saberes da prática.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. B. (2010). O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor intérprete de língua brasileira de sinais. 111 f. [Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP].

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras**, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: . Acesso em: 14 jul. 2017.

BRASIL. **Lei 12.319/2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/ lei/l12319.htm. Acesso em: 10/04/2024.

CASSIANO, Paulo Victor. O papel do interlocutor de Libras nas escolas públicas do estado de São Paulo. **Revista Virtual de Cultura Surda**, 19. ed. p.1-17, set. 2016. Disponível em:<http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes/detalhes/55. Acesso em: 08/04/2024.

COELHO, L. A. B.; SCHUBER, S. E. M.; SILVA, R. Q**. Surdos: o desafio da inclusão no ensino regular.** Paraná: 2017.

DORZIAT, J. R. ARAÚJO. **Revista Brasileira de Educação Especial,** 18: 391-410, 2012.

JORDÃO, U. V. (2013). O que dizem os intérpretes de Libras do Sudeste goiano sobre formação e atuação. [Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos].

MARQUES, R. DA S. (2017). O profissional tradutor e intérprete de libras educacional: desafios da política de formação profissional. [Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia].

LACERDA, Cristina. Tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. Cadernos de Educação, Pelotas, v.36, p.133-153, maio/ ago. 2010.

MARTINS, V. R. O. **Intérprete ou professor:** o papel do intérprete de língua de sinais na educação inclusiva de alunos surdos. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia em Educação Especial - Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

OLIVEIRA, Quintino Martins de. **Tradução e interpretação de libras no contexto educacional: Atuação do intérprete educacional**. Uníntese/Uníntese Virtual, 2016.

PAGURA, R. **A Interpretação de Conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores**. D.E.L.T.A., 19, esp. 2003. p.209-236. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-44502003000300013&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em:07/04/2024.

QUADROS, Ronice Müller**. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. SEESP, 2004, p. 14-15.

QUADROS, R. M. de. KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Arara Azul, 2005, p.21.

A PRESENÇA E A IMPORTÂNCIA DO MEDO EM *E FOI ASSIM QUE EU E A ESCURIDÃO FICAMOS AMIGAS*, DE EMICIDA

Mariele da Silva Alves (UFCAT)[280]

Alexander Meirelles da Silva (UFCAT) [2]

RESUMO: O medo é um dos sentimentos mais antigos da humanidade, e que todos os seres já sentiram em alguma fase da vida. A partir desta temática, o presente artigo explora a obra de Emicida, respectivamente *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (2020), cuja história retrata as sensações de temor de duas personagens, sendo que uma demonstra o amedrontamento da escuridão e a outra da claridão, assim, ambas vão dialogando como se sentem perante o medo e como ele é enfrentado. Deste modo, o objetivo desta pesquisa é investigar a presença do medo no *corpus* e como ele pode contribuir para o desenvolvimento autônomo do indivíduo. Para a análise desta pesquisa, trazemos principalmente Jean Delumeau (2009), para retratar a construção do medo do escuro dentro da sociedade. Ademais, nos pautamos em Yi-Fu Tuan (2005), que descreve o aparecimento dos temores durante o desenvolvimento da criança, em Antônio Cândido (1995), ao discorrer de que modo a literatura atua no processo de autonomia e humanização dos indivíduos, e outros. Diante dos resultados do estudo realizado, podemos concluir que as alavancas de estímulos oferecidas às crianças desde as fases iniciais de aprendizagem atuam no processo de enfrentamento a traumas que podem se desenvolver com complexidade para a vida adulta. Assim, esses pequenos estarão mais fortalecidos para enfrentarem o desconhecido que a vida apresenta. Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, feito a partir da leitura de teóricos envolvidos com o tema principal discutido.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Medo; Emicida.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O medo sempre esteve presente nas sociedades. Sentir medo não é uma peculiaridade do ser humano, pois outros animais o sentem, necessitando dele para sobreviverem, que funciona, assim, como alerta para o perigo. Portanto, não podemos defini-lo como patológico, diferenciando-o da aversão caracterizada como doentia, a

[1]Mestranda no PPGEL da UFCAT, e-mail: mariele.alves@discente.ufcat.edu.br
[2]Alexander Meirelles da Silva, Doutor em Literatura Comparada (UFRJ) alexmeireles@ufcat.edu.br , Professor Associado da Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

denominada *fobia*, que consiste em um medo exagerado sobre algo (animais, lugares, fenômenos da natureza, de ficar sozinho, entre outros). Portanto, diferentemente, o pavor pode gerar inúmeros sentimentos capazes de modificar a saúde mental e a conduta de um indivíduo e de uma sociedade.

Partindo para a amplitude de emoções e sentimentos, acreditamos que por meio da literatura podemos alcançar propósitos como: ensinar, educar, aprender e aprimorar o desenvolvimento intelectual das crianças, bem como o desenvolvimento emocional, psicossocial e afetivo. A leitura nos fornece instrumentos para compreendermos o que se passa na vida desses pequenos, pois, através dessa interação, as crianças falam sobre seus temores, anseios e amedrontamentos, permitindo, inclusive, a autoidentificação e aceitação frente às diversas situações de conflito. De acordo com Silva (2017), a literatura infanto-juvenil é fundamental para a inserção dos alunos no ambiente da literatura e da leitura. Ao inserirmos o leitor nesse mundo, podemos conduzi-lo ao pensamento crítico mais elevado, gerando uma interação com pessoas à sua volta.

Deste modo, o presente projeto de TCC tem como *corpus* a obra literária do Emicida, especificamente a intitulada *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (2020). Rapper, cantor, letrista, compositor e agora escritor de obras infantis, Leandro Roque de Oliveira (cujo nome artístico é Emicida), em entrevista publicada no seu próprio canal no *YouTube*[281], declara a importância de trabalhar a literatura com as crianças, de forma que certos processos traumáticos e/ou complexos, tais como o vazio, o medo, a ausência e o preconceito, possam ser trabalhados a partir da arte literária.

No início da referida obra, encontramos uma criança que sempre pedia a seu pai para deixar uma *luzinha* acesa por causa do medo que o escuro poderia trazer a ela. Contraponto a criança, temos outra personagem que, ao contrário desta, tem medo da claridade, explicando os motivos pelos quais ela teme a luz. Observamos que, na verdade, ambas temem o desconhecido.

A obra é escrita em trinta páginas, apresentando um texto poético e musical, composta por versos e estrofes e retratando as questões acerca do medo e também da coragem. O livro aborda uma temática importante de ser trabalhada nos dias atuais, afinal,

[281] Live realizada pelo próprio Emicida através do seu canal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rDO75d0EqnE . Acesso em: 17/03/2022.

ter medo é normal e até necessário, desde que não cause bloqueios no que tange à continuidade saudável da vida, sendo um dos tantos sentimentos existentes na vida do indivíduo.

Diante disso, o objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é problematizar como o medo é construído na obra *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (2020), refletindo sobre a importância de contribuir para a formação de leitores mais humanos e mais críticos. Especificamente, pretendemos reconhecer elementos da literatura infanto-juvenil de forma que possamos ressaltar a importância desse tipo de produção e como ele contribui para a formação de pessoas mais independentes. Para mais, objetivamos analisar de que forma o texto poético e musical pode nos auxiliar na abordagem da relação da criança com os seus medos. Cada objetivo desenvolverá uma seção deste trabalho, rumo à nossa hipótese inicial de que a leitura crítica da obra *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* pode contribuir para construção de leitores mais autônomos e capazes de enfrentar o medo, evitando possíveis bloqueios no seu processo de desenvolvimento intelectual e social.

A escolha do *corpus* justifica-se pelo fato de que a obra selecionada dialoga de forma leve e melódica sobre um assunto que muitas vezes é difícil de ser retratado, além de pelo fato de que visibilizamos a obra de um jovem escritor de literatura para crianças, afinal, Emicida é mais conhecido no campo da música, especificamente do gênero *rapper*. Trata-se de um trabalho cuja metodologia pauta-se nos estudos bibliográficos, isto é, que se dá por meio dos escritos e possíveis diálogos de autores que dissertam sobre a temática selecionada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Primeiramente, precisamos compreender como se desenvolveu a literatura para crianças. Silva (2017) menciona que a literatura infantil tem seu surgimento a partir de mudanças na estrutura familiar, principalmente após o fim das relações feudais. Surge, então, uma nova composição familiar, evidenciando-se um cuidado maior com as crianças. A partir disso, as famílias passaram a se interessar pela evolução intelectual de seus filhos e também pelo controle emocional. Nesse período, surgiram produções mais voltadas especificamente ao público infantil, sendo que, no Brasil, a inserção da literatura infantil

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

aparece coadunada aos valores europeus (ZILBERMAN, 2005). Posteriormente, ascenderam os pioneiros na produção desta literatura, como Figueiredo Pimentel (1869-1914), com a obra *Contos da Carochinha*, destacando que o autor buscava trabalhar com as cantigas de roda, com uso de uma linguagem mais popular.

Outro exemplo está em Monteiro Lobato (1882; 1948), que atuou em uma produção infanto-juvenil promotora de questões sociais, conforme:

> Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresentando uma interpretação da realidade nacional nos aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário (CADEMARTORI, 1986, p. 51).

Lobato cria um novo padrão estético, garantindo ao leitor diferentes possibilidades de ver a realidade. Cademartori (1986) observa que a produção do autor volta-se ao público infantil e é emancipadora, ao causar anseios e desejos frente às múltiplas experiências e culturas.

Quanto à arte, de uma forma geral, Silva (2017) discorre que o homem sempre teve uma necessidade de se expressar através dos símbolos e imagens. Por isso, iniciaram-se as chamadas *contações de histórias populares*, contadas pelos membros mais antigos da família. Dessas histórias a sociedade tirava explicações para fatos que aconteciam e ensinamentos úteis para a vida. Com o decorrer dos tempos, as narrações foram definidas como arte literária, integrando a expressão da realidade interior e exterior do artista, para além de emitir um conhecimento individual da sua realidade, mas também para abordar sentimentos, emoções e situações da vivência cotidiana. Assim, as narrativas, até hoje, passam por mudanças conforme a história de vida da sociedade.

Nesse sentido, podemos dizer que a literatura é muito importante nos primeiros anos da infância, posto que seja a manifestação complexa da criatividade, atuando diretamente no desenvolvimento da imaginação, das emoções e diversos sentimentos. Logo, a obra literária pode conter aspectos da vida cotidiana, da sociedade, política e da história, todos elementos da vida humana (ZILBERMAN, 1988). Atrelados à

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

imaginação do leitor, tais aspectos ganham sentido quando incorporados ao dia-a-dia da criança, de forma que ela se aprofunda, a partir do texto, nos questionamentos e problemas de sua realidade simbolizada e retratada. Para ilustrar essas colocações, citamos a literatura que traz elementos do medo e horror, objeto pesquisado neste trabalho.

Nesse viés, Filho (2012) relata que todo ser humano vive ou já passou por um momento de terror. Podemos, ainda, vulgarmente, comparar a literatura do medo com os impactos de um acidente de carro, sendo este acontecimento evitado pelas pessoas, justamente pelo medo das consequências. Por isso elas diminuem a velocidade do veículo quando passam pelo local próximo ao acidente, porque o medo não deixa de provocar curiosidade, haja vista que lida com o desconhecido. Portanto, ainda que as pessoas pareçam evitar situações de medo, este provoca questionamentos e instigações, bem como acontece na ficção: ao mesmo tempo em que temos repulsa, nos aproximamos dos elementos que geram medo.

Vemos que, nos últimos anos, a literatura de amedrontamento e susto está crescendo entre crianças e adolescentes, o que talvez se justifica pelo fato de o leitor se sentir encorajado a enfrentar atitudes e situações cotidianas, por meio da fantasia e do sentido metafórico, que ele também encontra nessas narrativas.

Algumas dessas histórias de horror são muito antigas, porém, ainda lidas e lembradas até os dias de hoje, como o caso de *Frankenstein* (1816), de Mary Shelley e *Drácula* (1897), de Bram Stocker (GENS, 2012). No caso da obra de Stocker (1897), temos um texto que desafia o moralismo da época e da ética, algo que hoje é diferente devido ao avanço da ciência, no caso da clonagem. Em *Drácula* temos a representação do fim da humanidade a partir da imortalidade do vampiro e, em ambas as obras, temos a temática do ser humano e sua procura pela essência da humanidade

Dessa maneira, Gens (2012) comenta que a literatura de terror está em processo de desenvolvimento no Brasil. Dentre autoras e autores mais conhecidos, temos Lia Neiva, em a *História de não se crer*, ao abordar a (des)crença em mistérios e superstições, Heloisa Prieto, em *Rodas Fantásticas,* que relata lendas urbanas pelo Brasil, e Ricardo Azevedo, em *Meu livro de folclore*, que relata histórias sobrenaturais. Todos esses autores trabalham para que a literatura de terror, horror e suspense continue ganhando espaço entre os leitores brasileiros.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Dentre diversos aspectos de ambiguidades e significações, como as trevas e os demônios, os mistérios, pistas e rastros, o comum e o inusitado etc., observamos que a literatura de horror possibilita um novo olhar do leitor, gerando novos processos de consciência (GENS, 2010). Através do suspense, essa modalidade pode provocar um desenvolvimento frente a grandes processos traumáticos, angustiantes, conflituosos, e, até mesmo, frente a sintomas e transtornos diversos, como o de pânico. A habilidade que a fantasia, os temores, os medos e os enfrentamentos geram permitem que as crianças e adolescentes compreendam o mundo externo de forma mais leve, sem exageros e desespero diante das contingências, aprendendo a confrontarem situações diversas frente a processos inúmeros em seu desenvolvimento.

Para compreendermos as implicações da literatura de terror e horror nesses processos, observamos, em Cunha (2012), a questão da utilização da poesia e seus aspectos para demonstrar se, de fato, o texto poético exerce e contribui para que as experiências caóticas se tornem mais suaves e fáceis de serem enfrentadas, afinal, sabemos que uma criança em desenvolvimento precisa de alimentação, amor, saúde, educação e mais, sendo que, para sua formação completa, ela necessita da arte.

De forma mais explícita, o ser humano não necessita só de aspectos concretos de informações, mas também de aspectos simbólicos, importantes para o desempenho educacional, satisfatório e reflexivo. Assim, o gênero poético torna-se um dos mais significativos para se trabalhar com as crianças, principalmente na fase pré-escolar, em que são existentes estímulos a todo momento. É nessa etapa da vida que elas estão descobrindo sentimentos para a sua formação de mundo (ESPEIORIN; RAMOS, 2013). Logo, o poema não consiste em uma obra, mas em uma relação entre a poesia e o homem (CUNHA, 2012).

Zilberman (2005) observa que a poesia no Brasil está ligada ao surgimento da literatura infantil, visto que ambas se desenvolveram entre os séculos XIX e XX. Nesse momento, a poesia ainda não era um gênero dirigido às crianças, pois ela só passou a ser dirigida quando os elementos lúdicos foram inseridos na linguagem dos versos e estrofes. Nesse sentido, os poemas ganharam elementos que jogavam com as palavras, trazendo diversão e ritmo ao texto. Em outros termos,

> O ritmo produz tempo e só o compreendemos porque, como seres pensantes, somos prisioneiros do tempo e livres para interrogar aquilo que nos aprisiona. É divisão e marcação das sílabas poéticas forte e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> fracas que identificamos os diferentes ritmos (SANTAELLA apud CUNHA, 2012, p. 20).

Para Cunha (2012), o texto poético também a apresenta outros aspectos, como: as rimas, em que as vogais e consoantes se repetem, trazendo sons para o poema; as estrofes, que podem ser classificadas a partir da quantidade de versos; e os aspectos lexicais, sintáticos e fônicos. A partir dessas estruturas, entendemos a formação do poema. No caso específico da poesia infantil, é através dessa diversidade de elementos que a criança desenvolve pluralidades de ambiguidades de sentido, ludicidade, sensibilidade, afeição e de utilização da imaginação como forma de um caminho a se descobrir.

Assim, Moisés (2019) reflete a relação entre o poeta e o leitor, afirmando que a poesia atual se dá por meio de opiniões formadas, tanto por quem a escreve, quanto por quem a lê: poeta, mergulhado em seu mundo, extrai os elementos para elaborar o poema, já o leitor expressa as experiências ditas pelo poeta, com o objetivo de compreender o texto. Deste modo, em um segundo plano, o leitor desenvolve e argumenta positivamente ou negativamente sobre a ideia retratada pelo autor. Aqui, podemos estabelecer uma relação entre escritor e público, visando a mesma questão: tornar o fato literário uma experiência transformadora.

Espeiorin e Ramos (2013) comentam que a poesia possui aspectos que auxiliam na formação de leitores, dada a possibilidade de, por meio dela, o indivíduo adotar um olhar diferenciado para as coisas que o cercam. A partir da musicalidade que os poemas trazem, podemos amplificar nossa visão de conhecimento, tornando o processo educativo mais eficaz, tendo em vista a presença dos elementos lúdicos e musicais do gênero. Portanto, a criança apreende situações e problematizações de forma divertida, o que garante um aprendizado com mais leveza frente a temas tão complexos.

Por fim, Silva (2013) discorre que a poesia infantil atua no universo da criança possibilitando novos modos de expressão, promovendo diversos benefícios psicológicos, físicos, sociais, linguísticos e afetivos, além de favorecer a desautomatização e estimular sua inteligência, possibilitando um pensamento reflexivo, estabelecendo uma base social e moral, gerando uma interação com outros à sua volta e garantindo à criança o encontro consigo mesma através dos questionamentos da realidade em que está inserida.

Posto isso, atestaremos, a seguir, as colocações feitas até aqui por meio da leitura

crítica e analítica da obra *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, de Emicida.

3 A CONSTRUÇÃO DO MEDO: UMA ANÁLISE DA OBRA *E FOI ASSIM QUE EU E A ESCURIDÃO FICAMOS AMIGAS*

Leandro Roque de Oliveira, conhecido como Emicida, traz a fusão de "MC" e "homicida", pois era considerado um assassino que "matava" seus adversários nas batalhas de *rap* por meio da utilização das rimas e palavras. Cantor, *rapper*, letrista, compositor e, agora, autor de livros infantis, ele também criou outro significado para o nome artístico, a saber: E.M.I.C.I.D.A (Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades, Domino a Arte). Atualmente, o artista é um dos grandes nomes do *hip hop* brasileiro.

Tido realizado diversas batalhas de improvisação, Emicida ganhou muita visibilidade da mídia, lançando várias músicas e Eps, além de ter atuado como repórter e dono de uma gravadora conhecida como *Laboratório Fantasma*. Entre seus diversos trabalhos, podemos citar um álbum de 2015, intitulado *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*, o qual o levou à indicação para o Grammy Latino. Também lançou o *Projeto Amarelo*, um de seus grandes trabalhos, que ficou conhecido como experimento social, inspirando um documentário. Em 2021, publicou a série *O Enigma da Energia Escura*, que retrata as questões da sociedade a partir da negritude. Atualmente, atua na TV no canal GNT, no programa *Papo de Segunda*.

Foi em setembro de 2018 que ele passou a desenvolver sua arte literária voltada para crianças. Sua primeira obra foi *Amora*, que é a letra de uma de suas canções. O livro retrata uma interação entre pai e filha, debaixo de um pé de amoras, abordando questões de aceitação e a busca pela identidade. Para mais, apresenta personalidades negras que lutaram contra o preconceito e direitos aos afrodescendentes, contendo o debate de questões religiosas e, principalmente, problematizando a forma com a qual os pais demonstram o mundo aos seus filhos.

Na sua segunda obra, publicada em outubro de 2020, escrita em uma viagem ao Vietnã, Emicida apresenta o medo que as crianças sentem na hora de dormir. Segundo ele,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

em uma *live* no *YouTube*, é necessário visibilizar questões para que os apavoramentos, traumas, preconceitos etc. sejam superados na infância. Nesse sentido, a literatura, em especial a forma poética, é muito pertinente para trabalharmos tudo isso.

Pensando nisso, em E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas, temos o dilema de duas crianças que têm medo: uma traz o temor da escuridão e a outra vive nesse mundo escuro e teme a luz. O livro inicia-se com uma garotinha dialogando com seu pai para não a deixar na escuridão, pois nela "pode ter vampiro, bruxa, lobisomem e até um saci". A outra, que vive no escuro, pede para a mãe a proteger da claridade, pois não sabia o que podia haver do outro lado. Ambas falam sobre o quanto pavor as maltrata e a aflição que a escuridão e a iluminação causam. Então, o medo surge e elas explicam o que ele faz.

Aos poucos, as meninas entendem que o temor é importante, daí surge a coragem, que chega pequena e vai ganhando espaço, ficando grande e levando todo esse pânico embora. As personagens compreendem que, muitas vezes, é a forma com a qual olhamos as coisas que pode nos assustar e que esses medos estão interiorizados dentro das pessoas, conforme podemos notar nos versos: "/Sempre que a escuridão vinha eu dizia:/ /Papai, deixe uma Luzinha! / /Pode ter um vampiro aí, / /Uma bruxa ali, / /Um Lobisomem, um fantasma, / /Sei lá, um saci/" (EMICIDA, 2020, p.1).

No que tange ao trecho acima, destacamos os amedrontamentos que as crianças sentem quando estão na escuridão, afinal, conforme pontua Tuan (2005), a falta de luminosidade gera afastamento, afobamento e perturbação. Com a capacidade visual reduzida, a competência de se locomover fica limitada, e é nesse momento que a mente utiliza a imaginação e diversos elementos vão ganhando formas. Como menciona Delumeau (2009, p.138), "Fantasmas, tempestades, lobos e maléficos tinham muitas vezes a noite por cúmplice. Esta, em muitos medos de outrora, entrava como componente considerável". Já para Bauman (2008, p. 8), "Na escuridão, tudo pode acontecer, mas não há como dizer o que virá. A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza e, portanto, do medo."

Visto isso, podemos dizer que todos os seres humanos sentem pavor, e que, na infância, esses medos começam a ser construídos, visto que os sentimentos não são inatos

ao ser humano. A criança é dotada de uma grande imaginação, então, qualquer barulho, sombra ou movimento pode se tornar algo grandioso e assombroso. Sobre isso, Emicida comenta que foi na fase inicial de sua vida que ele teve muito medo do escuro e essa aversão é recordada por ele até na vida adulta. Percebemos, assim, que o que a criança teme é o desconhecido que, no caso, a escuridão pode trazer.

Segundo Gens (2012), os fatores que caracterizam as obras de terror são o clima e atmosfera de apreensão, por exemplo, temos a escuridão e o que dela pode vir, como elementos assustadores. Nessa perspectiva, as histórias que "dão medo" são muito antigas e transmitidas oralmente pelos mais velhos, expondo personagens que muitas das vezes não conhecemos, portanto, mas com os quais nos assemelhamos. Logo, a fonte geradora e alimentadora do pavor é o desconhecido e o que ele pode trazer, intensificando a ansiedade pelo inexplorado como causadora da atmosfera de apreensão.

Voltando à obra de Emicida, temos como contraponto uma menina que vive no escuro e tem medo do que a claridade da luz pode causar: "/Quando o primeiro raio de sol brilhava, / /Não muito longe, ela via e falava:/ /Mamãe, me protege da claridão/ /Da iluminação, / /Sabe-se lá o que tem do outro lado, / /Quero não/" (EMICIDA, 2020, p.4). Este excerto vai ao encontro do que afirma Tuan (2005, p. 11): "Quanto menos se sabe, menos se sente". Para este, o conhecimento pode gerar mais estranhamentos. Aqui, observamos que a claridade configura-se como o desconhecido, da mesma forma que a escuridão.

Observamos, então, o temor de se expor, como se a luz fosse trazer inseguranças e elementos desconhecidos incertos, numa alusão ao *Mito da caverna*[282], do filósofo Platão. Então, a personagem prefere ficar ali na escuridão, haja vista que é essa a sua realidade vivida, assim como nós em nossa realidade empírica, quando preferimos, metaforicamente, "não enxergar" ao invés de enfrentarmos as vulnerabilidades que o dia trás.

Outro aspecto marcante na obra de Emicida é o apego que as crianças têm com os pais. Tuan (2005) retrata que os primeiros contatos de afetividade acontecem com os pais; e é através deles que os filhos têm as primeiras experiências, além de ser neles que encontram segurança, ainda que também possam ser geradores desses apavoramentos. Quando os pais

[282] Cabe mencionarmos o *Mito da Caverna*, uma vez que ele pode se adequar a futuros pesquisadores que queiram fazer uma leitura da obra de Emicida a partir do texto *A República*, de Platão.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

estão nervosos ou caóticos, podem gerar amedrontamentos nas crianças, e, como forma de discipliná-las, eles as ameaçam, citando figuras que causam medo, como o bicho papão, bruxas, fantasmas e outras. Assim, podemos dizer que esses medos são construídos, pois a criança não os conhece quando bebês, sendo medos impostos pelos adultos como forma de punição, gerando traumas muitas vezes permanentes.

Retomando a narrativa, as seguintes passagens mostram duas formas diferenciadas de como as personagens se sentiam diante do temor, ambas com 3 versos livres e rimando as últimas palavras, trazendo uma musicalidade e movimento para o texto: “Com uma lanterna, / /Eu me sentia numa caverna, / /Com morcegos a beliscar as pernas/” (EMICIDA, 2020, p.5); e “A outra no seu mundo achava/ /Que aquela luz que chegava/ /De algum jeito a maltratava/” (EMICIDA, 2020, p.7).

Para Cunha (2012), as rimas e suas sonoridades têm papel fundamental para o desenvolvimento da criança, pois esses sons são transformados sem signos linguísticos, aprimorando a capacidade intelectual do indivíduo. Nos trechos acima, as estrofes mostram essa dualidade, ou seja, destacando como o olhar da criança pode ser diferenciado a partir do que é ensinado a ela, da mesma forma que nossas opiniões são inversas, não sendo um fator que nos impede de nos relacionarmos com outras pessoas. Aqui, vemos a importância da alteridade, isto é: de nos colocarmos no lugar do outro.

Destacamos, também, outros versos que trazem o pavor das crianças, conforme: “A aflição na escuridão era tão dura/ /Que calava toda minha sede de aventura,/ /e num silêncio de doer,/ /que só as pedras sabem fazer,/ /meus olhos giravam no quarto”. (EMICIDA, 2020, p.10). Diante disso, consideramos que o medo pode provocar um choque, perante um susto ou um perigo ameaçador (DELUMEAU, 2009). Desta forma, entramos em estado de alerta, pois fisiologicamente nosso hipotálamo gera diversos tipos de comportamentos somáticos, causando modificações endócrinas e gerando sensações, como batimentos irregulares cardíacos, respiração modificada, sudoreses, hiper ou hipodilatação de vasos sanguíneos, entre outros sintomas. Dependendo da circunstância, pode causar até pseudoparalisias em relação com os sinais de perigo, levando o indivíduo ao estado de pânico, como vemos mimetizado nos versos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Por outro lado, a luz que chegava cegava a outra personagem, deixando-a sem visão, o que nos faz pensar a respeito das crianças que estão em busca de um lugar no mundo, porque é na fase da infância que esse lugar começa a ser construído. Destarte, o eu-lírico busca construir esse lugar sem traumas, para que elas cresçam fortes intelectualmente: "A luz que vem, de repente e forte,/ /Tira nossa visão leva o nosso Norte,/ /Tateamos no caminho./ /Em desespero e desalinho,/ /Atrás de achar o no mundo/ /Mesmo que um pouquinho/" (EMICIDA, 2020, p. 12).

Para Tuan (2005), a criança possui um instinto de curiosidade que pode levá-la muitas vezes a ansiedade. Contudo, o desconhecido pode ser uma grande ameaça. À medida que ela se desenvolve, adquire mais conhecimento e passa a entender que aquilo pode fazer mal. Seguindo essa linha, Delumeau (2009) manifesta a insegurança como um signo da morte, considerando que o ser humano é o único animal que sabe que a finitude está sempre próxima e teme, em grau elevado, esse medo. Então, o que a maioria das crianças tem receio é do que não viram, e, conforme crescem, começam a compreender os perigos (ou a ausência deles). Cabe aos adultos criarem mecanismos para fortalecê-las, para enfrentarem esses temores, conforme se mostra na obra: "O medo é realmente um cara intrometido,/ /Entra sem ser chamado/ /E chega convencido/ /Sussurra em nossos ouvidos/ /Mil histórias com monstros e bandidos,/ /Às vezes, pega até os adultos desprevenidos/" (EMICIDA, 2020, p. 17).

Enfim, chega o momento em que o medo é enfrentado: "Ele não é mau, é só um cara preocupado,/ /Que vem nos lembrar: É IMPORTANTE TER CUIDADO/ /Só vira problema/ /se ao contrário de um poema,/ /em vez de nos fazer voar,/ /nos prende como algemas/" (EMICIDA, 2020, p.19). Portanto, é relevante enfrenta-lo, visto que o medo se torna preocupante quando nos paralisa e nos tira a capacidade de reação, nos aprisionando para sempre. Mais que um bloqueio, o medo é uma das formas de proteção do indivíduo, até porque sem ele os humanos não teriam sobrevivido, todavia, de forma extrema, ele se transforma em uma reação patológica, desenvolvendo estados de pânico, paralisias e até a morte. Observamos, deste modo, que o medo paralisa a personagem a ponto de ela ficar sem reação de defesa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Assim como na obra, vemos que o medo se apresenta como um elemento que entra nas nossas vidas sem ser chamado. Ele é um sentimento dos seres vivos, mas de forma extrema pode nos prender e causar limitações para nossas vidas. A narrativa mostra que para tudo na nossa vida tem uma solução e, então, emerge a coragem:

> Ela é quem diz pro medo: “Calma”.
> Lembra que a gente tem fibra, a gente tem alma.
> Então, de repente,
> Num rompante,
> Ela grita num alto-falante
> E se faz gigante.
> A coragem nos convence de prima,
> Nos dá força e nos aproxima.
> E aquele mostro feroz,
> De garra forte e veloz,
> Na verdade, nem existe.
> O outro é como nós
> (EMICIDA, 2020, p.24).

Aqui, identificamos, como propõe Tuan (2005), que as formas do medo se modificam a partir do crescimento da criança: à medida que elas identificam os sinais de alerta e ansiedades, elas ganham confiança, no caso acima, representada pela coragem.

Outra questão observada na narrativa é a coragem com a representação de uma mulher negra. Tais aspectos permitem que a criança negra se identifique como uma personagem importante, até porque a sociedade impõe vários termos racistas e preconceituosos voltados ao negro e às mulheres.

Por fim, os últimos versos reforçam não apenas o enfrentamento do medo, mas a importância de enfrentarmos o desconhecido, pois: “O senhor medo vai embora, contente, / /Quando vê a coragem/ /Triunfar lindamente” (EMICIDA, 2020, p.27); Isso é reforçado em: “E provar que tudo é uma questão de olhar, / /Às vezes, o que nos assusta, / /Tem muito da gente. (só é um pouco diferente!)”. (EMICIDA, 2020, p. 30).

Nessa linha de pensamento, Cândido (1995) menciona o crescimento crítico do sujeito, o que é visto nos versos acima. Por meio da leitura da obra, nos deparamos com aspectos do desenvolvimento autônomo a partir da compreensão dos significados, bem como com as diversas manifestações, sentimentos e visão de mundo de um grupo. Ademais,

visualizamos o modo com o qual, inconscientemente, aprendemos os acontecimentos e vivências da vida.

O desenvolvimento da humanização ocorre no dia-a-dia e consiste no que é essencial para nós, como a capacidade de reflexão, a sabedoria que vamos ganhando, a empatia com o próximo, sentimentos, a compreensão da nossa vida e até a complexidade dos seres existentes. Desta forma, entendemos que à medida que a criança se desenvolve e compreende os significados das coisas, os medos vão sendo modificados e alguns já não são mais assustadores como parecem. Conforme as crianças exploram o desconhecido, adquirem novos saberes e aprendem o que podemos ou não fazer. Então, muitos medos são construídos por nós, devido às nossas inseguranças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos aportes teóricos utilizados para a construção deste artigo, principalmente as contribuições de Jean Delumeau (2009), Yi-Fu Tuan (2005), e Antônio Cândido (1995), vimos a importância de compreender a presença do medo dentro da sociedade, bem como a sua importância enquanto fator para o processo de desenvolvimento da criança. Além disso, estudamos como a literatura pode ajudar frente a essas inseguranças.

Deste modo, respondemos à nossa hipótese e aos nossos objetivos, constatando que é fundamental produzir estímulos durante a infância, os quais são responsáveis pela percepção das crianças, em outras palavras, as diferentes formas de manifestação dos sentimentos decorrem do tipo de ensinamento e educação que crianças sofrem nesse período. E, através da literatura poética e de terror e/ou horror, podemos criar um mundo de identificação para muitas crianças que se encontram com dificuldades para lidarem com as inseguranças frente a problemas que se apresentam em seu desenvolvimento. Portanto, se estimulados corretamente na infância, os indivíduos vão se desenvolver da fase infantil para a juvenil, sendo mais independentes, fortes, livres de ansiedades e dispostos a lutar em um mundo cheio de estranhamento.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Vimos que a obra de Emicida aponta vários aspectos para a construção do indivíduo mais reflexivo. O autor utiliza construções textuais poéticas para criar uma superfície mais aprazível ao retratar um tema ao qual a sociedade ainda tenta reagir diariamente. Enfim, compreendemos a importância de sempre estimular as crianças ao enfrentamento de seus medos e infortúnios, para que se tornem sujeitos intelectualmente ativos e participativos dentro de uma sociedade cheia de demandas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: Candido, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2º ed. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense. São Paulo,1986.

DELUMEAU, Jean. **O medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EMICIDA. **E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas**. / Emicida: ilustrações Aldo Fabrine: 1º ed. Companhia das Letrinhas, 2020.

EMICIDA. **Biografia**. Disponível em: http://www.emicida.com.br/conheca?lang=ptbr

Acesso em 18/03/2022.

EMICIDA. **Live**: "E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rDO75d0EqnE . Acesso em 17 de março de 2022.

ESPEIORIN, Vânia Marta; RAMOS, Flávia Brocchetto A linguagem poética em sintonia com a criança. **Revista Inter Ação**, v. 38, n.3, p. 677- 694, 2013.

FILHO, José Nicolau Gregolin. **Literatura infantil em gêneros**. Ed. Mundo Mirim. São Paulo, 2012.

GENS, Rosa Maria de Carvalho. Mistérios e Terror. In: Filho, N.G. **Literatura infantil em gêneros**. Ed. Mundo Mirim. São Paulo, 2012.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SILVA, Edilaine Aparecida da. **Qual a importância da Literatura infanto-juvenil na formação de leitores críticos**, Guarantã do Norte- MT, 2017**.** 27-28 Monografia (licenciatura) Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte – FCSGN, 2017 Guarantã do Norte- MT, 2017.

SILVA, Mauricio. Vertentes da poesia infantil: Uma introdução. In: Lauriti, Thiago, Christal, Wendel Cássio. **Literatura infantil e Juvenil**: Abordagens Múltiplas (Pedagogia de A a Z). Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. 1ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**/ Regina Zilberman.11.ed. rev. São Paulo: Global, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

TEORIA QUEER: Um olhar acerca da assexualidade de Aled Last e Tori Spring em "Rádio Silêncio" e "Um Ano Solitário" de Alice Oseman.

Caio Vinícius Costa Brito (UFMA)[283]

caio.brito@discente.ufma.br

Rubenil da Silva Oliveira (UFMA)[2]

Resumo: Este artigo, a propósito, busca analisar duas importantes obras da mais jovem autora da literatura LGBTQIA+ Alice Oesman que traz em sua coletânea abordagens temáticas e, ou perspectivas da teoria Queer, através de personagens fictícios retratando aquilo que muitas das vezes ainda é incomum à literatura infanto-juvenil desse nosso presente século; o fato de o sujeito descobrir a si mesmo e a sua própria identidade. Em estudos a respeito do comportamento social da nossa atual sociedade, sabe-se, contudo, que por meio das arguições e teorias de estudiosos literários, o indivíduo pode apresentar-se com mais de uma identidade seguindo, assim, na contramão da heterocisnormatividade. E esse estudo não só é de interesse à literatura como também a sociologia e a filosofia. Por outro lado, é de suma importância a construção desse trabalho devido a que, as percepções acerca do corpo gay ainda não deixa de ser considerado um desvio, um extraviamento, ou propriamente falando, um pecado. Sendo que, esse sujeito de corpo desviante, assim dito, é intrigante, pois não se trata apenas de um corpo de estímulos diferentes, é, portanto, um corpo de uma série de identidades, segundo Hall. Todavia, busca-se com esse trabalho abordar a assexualidade e seu complexo sentido, quando representada através do sujeito, e acerca dessa representatividade compreender a diferença do termo assexual em relação a outros, como assexuado etc. É necessário novamente reforçar aqui o quanto o colonialismo impregnou-se em nosso meio a ponto da sociedade, hoje, desconsiderar a sexualidade de outros indivíduos. Em uma das obras que iremos analisar de Alice Oesman "*Um Ano Solitário"* temos aqui, agora, um romance somente a respeito da irmã de Charlie Spring (da série Heartstopper), Tori, uma garota que se identifica hétero, porém, arromântica. Por outro, a segunda obra da autora, *Rádio Silêncio*, que, aliás, foi o seu segundo livro a ser escrito e lançado durante a adolescência, aos 19 anos, traz à nossa literatura, Aled, um personagem gay que se declara assexual (homorromântico), diferente de Tori em *Um Ano Solitário* que desconhece a sua própria sexualidade, porém, durante a narrativa da obra percebe-se claramente o quão a personagem é agênero. E, no entanto, um outro ponto a ser observado durante a análise do romance de *Silence Radio* é que, Aled é o mesmo personagem do livro Heartstopper, mas também apresentado como Isaac na série baseada na obra. Para este artigo a utilização de metodologia tanto bibliográfica quanto qualitativa foi necessário para a análise e a interpretação das obras supracitadas de Alice Oseman. Assim, também, para termos como base teórica, fizemos uso da teoria de Miskolc (2012); Foucault (1976); Orlandi (2004); Hall (2006); Preciado (2007); Freud (1923) entre outros. Todavia, esse trabalho é fruto das pesquisas e estudos feitos em reuniões do grupo GEPELIND (Grupo de Pesquisa Em literatura Indígena, Negritude e Diversidade). Neste caso, será interessante analisar a narração das obras, o discurso da autora para abordar seus personagens. E, por fim, descrever essa análise de modo que possamos abranger o funcionamento da teoria queer dentro da literatura LGBT.

[283] Aluno da graduação do curso de letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). [2] Orientador e Prof. Dr.

Palavras-chave: Teoria Queer; Identidade; Análise Narrativa e Literatura LGBTQIAPN+

INTRODUÇÃO

Oseman buscam tratar o real mundo de inúmeros adolescentes que, apesar de serem jovens, já de muito cedo descobrem a sua sexualidade e, portanto, são postos a enfrentar o sistema ideológico da nossa sociedade; o preconceito, que é o de se esperar; a homofobia, entre outros. E, no entanto, esses adolescentes, imaturamente não sabem como lidar com certos tipos de conflitos. Principalmente, familiar.

Em primeiro lugar, a palavra Queer não era tão bem-vista positivamente. Queer, segundo Chauncey (1999, n.p.), era nada menos que um termo pejorativo junto com outro tido como fairy adotado durante a Segunda Guerra Mundial para caracterizar parceiros classificados como “passivos” e, ou “ativos”. A partir de então o termo queer foi empregado no ato de zombar e estranhar o indivíduo gay ou lésbica (BULTER, 1994, p.1-26)

De certa forma, importa a este artigo entender e compreender melhor quem é Aled dentro da narrativa de “Rádio e Silêncio” e o conflito de sua orientação sexual; e, posteriormente, quem realmente é Tori e seu estranho comportamento em relação a Michael. E tudo isso, afinal, levou-nos a identificar a teoria Queer aquela redefinida por Miskolc. E, por incrível que pareça, após dois meses de leitura dedicada a ambas as obras concluímos que os dois personagens de narrativas/contextos diferentes são assexuais. Em suma, o objetivo específico desse trabalho é analisar e descrever novas representatividades da sexualidade e, ou identidade abordadas nas obras literárias da autora Alice Oseman. Nisso, ademais, objetivamos, como tal, compreender as narrativas através da teoria de Miskolc que discursa assertivamente no que se refere a teoria queer. A priori, também, pretende-se com isso trazer a superfície do conhecimento o que realmente vem a ser um sujeito assexual por intermédio do que consideramos ser queer, supracitado acima. Em geral, essa pesquisa baseia-se na construção de uma nova identidade e, ou literatura.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

JUSTIFICATIVA

O que há de tão errado em não querer fazer sexo; transar? É essa a pergunta que aguça ao ler as duas obras de Oseman em que há a presença de personagens - amigos, ou colegas de turma etc. que pressionam aos outros, como, no caso de Aled e Tori, a realizar sua primeira vez, ou, melhor dizendo, que percam quanto antes a virgindade. E isto não é novidade nenhuma a nós, leitores de Alice Oseman, e de outros autores; em particular foi exatamente essa questão ao ser analisada que despertou o interesse e a busca por esse tema para assim definir essa pesquisa. Embora não seja um assunto tão abordado, ainda, por estar, hoje, em desfrutamento quanto ao seu descobrimento, a temática é intermitente.

Além do mais, o tema e o título desse trabalho foram escolhidos por já ser um interesse da área da literatura e diversidade, ou, literatura LGBTQIAPN+. Com vista, em apresentar nossos dados de interpretação/análise dos dois textos (‘Silence Radio’ e ‘Solitaire’) que estão carimbados por Oesman com essa temática; a assexualidade.

E é curioso que, Oseman até então ainda não fez nenhum lançamento dessas duas obras para um filme ou série, entretanto, mesclou o personagem secundário de Rádio Silêncio, Aled à série Heartstopper apresentando-o como Isaac. Contudo, esses são os pontos principais e relevantes que levaram a escrita e tessitura desse artigo, assim, um sucinto trabalho expositivo/explicativo, direto, a fim de que os corpos desse grupo minoritário e marginalizado da sociedade passem a ter visibilidade, reconhecimento e respeito de todos. Contudo, pretende-se exteriorizar a importância da comunidade LGBT através das narrativas de Oseman.

DISCUSSÃO TEÓRICA DA ASSEXUALIDADE E TEORIA QUEER

Em primeiro lugar, é importante considerar os termos assexual e assexuado, que, por sinal, parecem ser sinônimos e muita das vezes são confundidos. Assexuado não é um adjetivo de assexual, muito pelo contrário, esse termo é um termo técnico voltado para a área da ciência humana – biologia - que, por sua vez, irá explicar que, assexuado é aquele que não dispõe de órgão reprodutor. Já o termo assexual é atribuído àquele (sujeito) que não sente atração sexual por nenhum gênero. Dentro desse termo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

'assexual', há uma série de outros termos que definem esse comportamento identitário, por exemplo, Aled, é gay assexual ou homorromântico, ou seja, deseja se relacionar com garotos e, ou outras pessoas dentro do espectro masculino, só que sem sentir tesão.

Na obra 'Sem Amor' Alice Oseman narra a assexualidade de Sunil, e é exatamente o mesmo comportamento de Aled, porém, em 'Rádio Silêncio' a autora não aprofunda bem a sexualidade de Aled. E através de Sunil, Oseman (1994/2021) discorre acerca da assexualidade homorromântica, por assim dizer

> - Sim. Eu me rotulo como gay também. **Gay assexual**.
>
> (...)
>
> - O termo técnico é **homorromântico**. Eu ainda quero um relacionamento com caras ou pessoas no espectro masculino de gênero. Só que eu sou bem indiferente a sexo, porque nunca olho para homens ou qualquer gênero e sinto atração sexual. Homens não me dão tesão. Ninguém me dá (Oseman, grifo nosso, p.217-218).

No entanto, ao analisar Tori concluiu-se que sua assexualidade é literalmente diferente da de Aled e Sunil, pois Victória Spring é hétero arromântica, isto é, não sente atração romântica por ninguém de nenhum gênero. Oseman (2021) aborda essa questão ao relatar que

> Alguns assexuais ainda sentem atração romântica por outras pessoas, querem estar em um relacionamento ou até beijar pessoas, por exemplo. Só que outros não querem relacionamento romântico nenhum. (...) E não há nenhum jeito específico de determinar como uma pessoa específica se sente, mesmo se ela abertamente se descrever como assexual (Oseman, p.218)

Em suma, não se pode omitir aqui a forma como que as pessoas enxergam essa nova identidade representada pela letra A e inserida junto a sigla LGBT (LGBTQIA+), a sociedade em si por razão da força heteronormativa se permitiu crer que independentemente do sujeito ser gay ou hétero, ele possui atração sexual, sim, com isso, não acreditam que um determinado indivíduo deixe de desejar transar. Em uma era moderna como a nossa, onde se envolver sexualmente com um/a certo/a parceiro/a tornou-se uma diversão, as pessoas adaptaram-se a essa forma de pensar, e assim, definem que todas as pessoas a todo tempo possuem um *crush* em alguém, ou apenas olha a pessoa e,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

rapidamente, querem transar com ela. Hall (2006), por sua vez, dirá que o sujeito que pensa de igual modo desconhece o novo espaço em que está incluído, e que, portanto, não conhecem a existência da crise de identidade. Desse modo, o autor expõe a sua crítica a respeito da identidade do sujeito, ao dizer que: "as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado" (p.1).

Por esse motivo, a sociedade do século XXI é considerada pelo sociólogo de "sociedade tardia" por credibilizar aquilo que o colonialismo cristalizou em suas mentes acerca da identidade dos sujeitos. Nisso, Hall (2006) a partir de suas pesquisas determinará que o sujeito desse período vigente é pós-moderno e, aliás, apresenta em si próprio não só uma identidade, senão mais de uma identidade. Devido a isso, para a sociedade Stuart Hall dirá que, tornou-se uma problemática e, que, no entanto, a heteronormatividade entrou, ou está, em decadência, pois

> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (...)O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno (...) (Hall, 2006, p.12).

A princípio, temos como mestre em história da vida sexual, ou, melhor, da identidade do sujeito, Foucault (1976), um dos grandes filósofos a discutir em suas obras a respeito da sexualidade dos sujeitos, principalmente, aqueles que são reconhecidos como corpos desviantes pela sociedade pelo simples fato de não estarem docilizados pelo patriarcado que, ainda por cima, é bastante vigente em nosso meio social, e que de tal modo está interculturalmente impregnado, e vai de contramão ao decoro vulgar, ao que os autores contemporâneos em suas obras passaram a retratar no que diz respeito ao indivíduo e sua identidade sexual.

No entanto, é relevante discutir dois argumentos, cristão e literato, pois, tratar da sexualidade em obras literárias para alguns religiosos é impuro, todavia, sabe-se que jamais houve esse lado puro e inocente da sociedade, ora se muitos dos que são cristãos nos afirma

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que perdemos a inocência ao completar determinada idade na infância, então, que desejo puro seria esse que o indivíduo deve praticar, sendo esse herdeiro da queda do primeiro homem (como assim é dito pelos cristãos)? Nisto, em resposta, Foucault (1979, p.23-24) declara que de maneira alguma poderia omitir-se dele próprio e da sociedade a verdade a respeito de seu comportamento quanto indivíduo sexual ativo ou não, ou seja, sinteticamente os conservadores exigem que essas temáticas sejam discutidas em obras literárias de maneira silenciosa.

Por mais que o indivíduo tenha de manter ou esforçar um eu suas características que quase são imperceptíveis e sob as quais apenas deduzimos de certo modo estereótipo por causa de um sistema que idealiza esse eu (gênero e identidade), Freud (1915) vai apresentar-nos a psíquica do super eu, a qual o sujeito poder-se-á permitir ter uma identidade prazerosa que se dissocia do padrão, mas, que o fará se sentir ameaçado e sofrer.

Por essa razão, o sujeito é diferente em relação àqueles que também são diferentes a ele, e não aos que possuem supostamente semelhança consigo, e isso, se dá desde a raça, crença, costumes etc., e por isso sua diferença é própria e originária.

Apesar de que, a abordagem da assexualidade deveras fora imprescindível para melhor compreensão; esclarecendo algumas dúvidas a respeito dessa “nova” identidade – no ponto de vista social. E, no entanto, somente teve visibilidade após os anos 90, no início dos anos 2000. Todavia, não é/era ainda retratado em livros, séries e filmes tão. Se bem que, a assexualidade já era palco de uma grande discussão desde os séculos passados onde inicialmente filósofos e sociólogos buscavam explicar o sujeito e o entrelaço de sua identidade fora daquilo que determinam de decoro social; o gênero, a sexualidade, que incrivelmente algumas pessoas não sabem a menor diferença entre essas duas palavras. Dito assim, partimos para a análise do que realmente vem a ser a Teoria Queer e, com isso, evidenciar de fato essa teoria dentro das obras *Rádio Silêncio* e *Solitaire* fornecendo de modo explícito e explicativo a intrusão dessa teoria em nossa literatura.

A necessidade de conhecer a si, explorar esse sentimento de estranheza que é tão cerne que, prescritiva mente, foi estimulado a buscar rede de apoio em um suposto site na internet, a falta de compreensão, orientação e aceitação da mãe que o mantinha preso em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

todo tempo. E o único escape dessa opressão foi a leitura e escrita de histórias a seu respeito, a sua identidade. Para isso, temos uma resposta, é que a educação desde o início em que foi fundada não deixou de ser neutra que visa, portanto, uma característica de um aparelho ideológico do poder para implantar regras da heteronormatividade e inseminar discursos do paternalismo/patriarcado. Como assim, Miskolc explica:

> "(...) Podemos questionar o suposto olhar neutro no qual se baseou a educação até hoje como sendo uma perspectiva heterossexual. [...] essa ilusão de neutralidade era, no fundo, cúmplice de um dos pressupostos fundamentais da vida social contemporânea, que é o de que todos são heterossexuais até provarem o contrário. Essa suposta neutralidade da formação dos professores e da própria estrutura da escola fazia dela uma da principal ferramenta para a construção da heterossexualidade não como opção, mas como algo compulsório" (2012, n.p.).

Uma outra questão que Alice Oseman narra na obra Solitaire e nos faz perceber, é que Tori não é nenhuma lésbica, trans ou bissexual, mas sim uma heterossexual arromântica. E aqui, brota uma nova discussão: 'Ah, mas não estamos tratando apenas de gays e lésbicas dentro da perspectiva queer?" Não só, pois, ser Queer não é só alguém que se declara gay, lésbica ou travesti, que ainda não reconhece o seu corpo, ou estranha-o, essa questão perpassa entre os héteros, como no caso de Caique e Rudá, este, assexual arromântico, aquele, assexual romântico, personagens da novela 'Travessia' escrita por Glória Peres, Caique assim como Rudá identificam-se héteros, porém, assexuais. Por muitas das vezes, estranham a si mesmo ou tentam esconder a própria identidade por puro medo de não ser aceito ou mal interpretado (VEJA, 2023).

Partindo de uma concepção pós-colônia e teoria queer, é imprescindível por ser uma revolução que impulsionou os estudos culturais focando nas subdivisões que foram originando-se a partir de certas opressões e descentralizando a imagem de homem enquanto sujeito de uma identidade só, segundo Beatriz Preciado:

> A crítica pós-colonial e queer responde, em certo sentido, à impossibilidade do sujeito subalterno articular sua própria posição dentro da análise da história do marxismo clássico.
>
> O lócus da construção da subjetividade política parece ter se deslocado das categorias tradicionais de classe, trabalho e da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> divisão sexual do trabalho para outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça, mas também a nacionalidade, a língua, o estilo, a linguagem (2007, p.383).

Miskolc discorre acerca dessa problemática por razão de que muitos dos homens foram fortemente docilizados que passaram a mascarar todo seu tipo de afetividade ao mesmo tempo em que seu hormônio lhe causa forte desejo, atração e, a regra, a disciplina que está ali impregnada dentro de si o faz ser um sujeito repulsivo, o autor toma a exemplo disso seu primo. Posposto a isso, se pararmos para analisar Rádio e Silêncio veremos que o comportamento da mãe de Aled é de uma extremista ditadora que repreende o comportamento de seu filho ou a afetividade dele fazendo da educação heteronormativa seu auxílio quanto a repreensão da sexualidade de Aled, e por esse lado, Aled acaba por deixar ser reprimido negligenciando sua identidade, assim como Miskolc declara:

> buscam enquadrar cada um em uma identidade, adequar cada corpo a um gênero, sabem como a educação auxilia a fazer da infância e da adolescência fases dirigidas para a construção de homens e mulheres ideais: leia-se: pessoas "normais", "corretas", como nossa sociedade nos faz crer que devemos ser. Sabem também que entre o ideal e a realidade jaz uma história invisível de violência às quais alguns sucumbem. A maioria das crianças e adolescentes – em uma busca compreensível de aceitação e sobrevivência – aceita ou se deixa moldar pelas demandas educacionais cujo conteúdo normativo violento – mais frequente do que gostaríamos de constatar não é reconhecido pelos educadores/as como algo a ser discutido e questionado. (Miskolc, 2002, n.p.)

Por fim, o que Miskolc está abordando é como que de fato o indivíduo sofre forte opressão do poder heteronormativo a ponto de estranhar o seu corpo, sua identidade, seu gênero que faz com que tenha dificuldade em assumir-se, aceitar-se e admitir que aquilo em si é natural, e que, no entanto, não convém tratar-se como um erro ou um pecado. A autora brasileira Virginia P. Pagliarin publica sua mais nova obra literária inovando assim a literatura LGBT com o livro "Um Mundo De Cores" e consigo nos traz a personagem protagonista Camila a qual também é o protagonismo assexual dessa obra. Uma garota que desfaz seu namoro com o namorado por não se sentir confortável ao fazer sexo e se identifica como assexual. Por essa razão, em um blog Camila fala a respeito dessa sua mais

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

nova identidade

> Nunca imaginei que o gênero pudesse mudar tanto de pessoa para pessoa e admito que me perguntei por que, em pleno século XXI, isso ainda é tratado como tabu.
>
> Será possível que as pessoas não entendem que quanto mais informações tivermos mais poderemos nos entender e encontrar o que chamamos de felicidades?
>
> Viver fora de um mundo em que as regras de "normalidade" nos limitam de tal forma que nos sentimos sufocados (Pagliarin, *Um Mundo de Cores*, 2022, p.7)

ALED EM UM COMPORTAMENTO QUEER – "BEIJINHOS DE CRIANÇA"

A assexualidade é um tema que ainda causa certas dúvidas ou até mesmo deixa incrédulas as pessoas que ouvem falar sobre tal identidade. De início, ao ler a obra Rádio Silêncio é possível estranhar que Aled em seu estranho comportamento com relação a Daniel seja apenas gay. No capítulo "Beijinho de Criança" Daniel decide revelar a Frances o seu verdadeiro relacionamento com Aled. Antes, Frances já suspeitava dos dois e tenta tirar suas próprias conclusões reparando em seus gestos, mas o que mais a chama atenção é o fato de Aled não parecer bem e disposto nessa fase de afetividade e alega

> Agora que sabia que Aled e Daniel estavam juntos, notei todas as coisinhas que não tinha notado antes, como a maneira com que Daniel olhava para Aled enquanto falava, com que Daniel puxava Aled pelo braço e Aled acompanhava sem questionar, com que, quando conversavam, ficavam tão próximos que era como se estivessem prestes a se beijar. Eu era mesmo uma idiota.
>
> Aled parecia estar sozinho, com uma bebida na mão. Vestia uma de suas camisas de mangas curtas sem graça e jeans skinny bem comuns. E o *cabelo* dele... ele não parecia ele mesmo. Senti vontade de abraçá-lo, como se isso pudesse fazer com que ele voltasse ao normal (Oseman, 2012, p.255)

Daniel é obcecadamente apaixonado por Aled, e deseja a todo custo assumir o namoro, e se isso for mesmo um caso. Porém, Aled não parece estar a par da relação. Pois, em primeiro lugar, sempre quando se trata de iniciar um simples beijo, a iniciativa nunca parte de Aled, e isso causa em Dan um certo sentimento de pena. Na verdade, ao certo nada tinha sido decidido ainda pelo fato de que nem mesmo Daniel sabia se aquilo entre pegas,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

amassos e selinhos era mesmo algo sério, conforme ele próprio afirma

> — Não teve um começo certo para isso — disse ele. — Não foi... eu nem sequer sabia se estávamos ficando...
> — Ele sabia há muito tempo que eu sou gay — disse ele, baixinho. — Nós dois sabíamos. Desde que tínhamos, tipo, uns dez ou onze anos, talvez. Assim que compreendemos o que era ser gay, percebemos que era o que eu era. Nós...
> Ele passou uma das mãos pelos cabelos.
> — Nós nos beijávamos de vez em quando, na infância. Quando estávamos sozinhos. Só beijinhos de criança, selinhos, porque achávamos divertido. Sempre fomos... muito carinhosos um com o outro. Nós nos abraçávamos e... éramos gentis um com o outro, e não grosseiros, como a maioria das crianças. Acho que nos envolvemos tanto um com o outro que simplesmente... não demos atenção à propaganda heteronormativa que esfregam na nossa cara nessa idade (Oseman, 2019, p. 305).

Um assexual, em primeiro lugar, é visto através de um olhar estereotipado da sociedade como um sujeito esquisito, anormal e isolado, sem sombra de dúvida Aled se encaixa exatamente em todos esses adjetivos, como tal, Daniel descreve de modo retrospectivo a respeito de seu companheiro. Entretanto, é preciso deixar bem claro que a assexualidade não é um *modismo,* nem mesmo mais um termo para enfeitar a sigla LGBT+, muito pelo contrário, essa identidade assim como as demais não apresenta nada de novidade, a não ser para aqueles desse presente século que ainda sejam inocentes a ele. Oseman na obra Sem Amor por meio de seu personagem discorre a respeito disso, e defende "de fato, as pessoas usavam a palavra "assexual" como uma identidade sexual desde 1997. Então nem foi uma coisa da internet" (p.325). Por essa razão, em uma sociedade da pós-colonização, onde o homem europeu ao habitar territórios brasileiros com a ideologia de gerar indivíduos "normais" pensando tentar estabelecer um novo padrão oposto àquilo que a Europa até então não se escandalizava de maneira alguma – exceto, a classe média, que, na verdade, é a homossexualidade.

> — Nós só percebemos que era **esquisito** quando... é, quando tínhamos dez ou onze anos. Mas isso não nos impediu de nada. Eu acho... acho que sempre achei mais romântico do que Aled achava. Aled sempre agia como se aquilo fosse algo que amigos faziam, e não namorados. Aled... sempre foi esquisito. Ele não se importa com o que as pessoas pensam. Ele nem sequer conhece as normas sociais... ele simplesmente está no mundinho dele.
> — E eu acho... olha... quando éramos adolescentes, tudo ficou meio... meio sério. Não dava mais para ficar apenas nos selinhos, sabe? — Ele riu de um jeito esquisito. — Quando tínhamos catorze anos,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> mais ou menos, eu acho, eu... tomei a primeira atitude. Estávamos jogando videogame no quarto dele e eu... perguntei para ele se podia beijá-lo direito. Ele ficou um pouco surpreso, mas respondeu "tá", e eu o beijei (Oseman, 2019, p.306)

Daniel menciona algumas outras passagens de sua vida amorosa ao lado de Aled, até que em determinado momento narra despercebido (em não saber a verdadeira identidade do amado) a forma como Aled se sente nesse ciclo quase que indecifrável; portanto, "a questão é que Aled... ele não queria contar para as pessoas porquê... ele acha que não é gay, tipo, ele diz que não se sente muito atraído por ninguém, só por mim." (p.308). Isto é, Aled é assexual de tal forma que, por ser tão íntimo de Daniel, desde a infância em que o conhece tão bem quanto qualquer outra pessoa, ele não se sente atraído por mais ninguém. Todavia, até mesmo para Aled é difícil saber quem realmente ele é. Ou seja, estranha a sua própria identidade. Nesse caso, podemos considerar esse fato de crise de identidade. Sendo assim, Daniel também estremece diante da possibilidade de um dia se assumir gay e, principalmente, em um espaço escolar composto apenas por garotos na Inglaterra, onde as chances de sofrer homofobia são muitas. Conforme as suas palavras, diz

> Bom, independentemente do que ele seja, ele não sabe — diz Daniel. — E eu não queria me expor em uma escola só de garotos. Fazer isso é pedir para ser agredido. Sei lá, algumas pessoas tinham feito isso... tinha um cara um ano acima de mim a quem eu admirava muito, um dos amigos de Aled..., mas... eu morria de medo do que as pessoas diriam. Pensei em esperar até entrar na Academy no ensino médio e sair do armário, mas aí... Nunca fiz muitos amigos, e... o assunto nunca surgia entre as pessoas com quem eu conversava... (Oseman, 2012, p. 308).

Em muitos casos, o parceiro que não é assexual em relação ao companheiro assexual, deseja excitantemente ir afundo do relacionamento, em outras palavras, transar. Porém, ele encontra uma série de dificuldades, medo de desagradar, ser desconfortável, ou, até mesmo, insistir e passar a entender que está forçando, como é o caso de Aled, que às vezes sente-se indisposto em beijar Daniel.

> Meu pior pesadelo é fazer com que ele faça algo que não quer fazer... sem saber... — Mais lágrimas rolaram de seus olhos. (...) — Ele poderia ter pelo menos... pelo menos ter terminado comigo oficialmente, em vez de simplesmente me deixar assim... — A voz dele tremia tanto em meio às lágrimas, e eu senti pena dele, a ponto de quase pensar que também ia chorar. — Tudo bem se ele não gostar mais de mim do mesmo jeito... tudo bem..., mas quero meu amigo de volta... só quero entender o que ele está sentindo. Não sei por que ele me evita. Sempre que concluo que ele não gosta mais de mim, começo

> a duvidar de mim mesmo porque ele não me *disse nada*. Só quero que ele me diga a verdade. Quando... quando ele mente para mim porque acha que vai fazer com que eu me sinta melhor, *machuca*.
> [...]
> Quando Daniel se acalmou um pouco e se endireitou de novo, ele disse:
> — Sabe de uma coisa? Na primeira vez em que o beijei direito... ele se retraiu (Oseman, 2012, p.310).

DISCURSO DE ÓDIO E MENÇÃO AO SUICÍDIO

Após a mãe de Aled assassinar seu cachorro, Brian. Ele definitivamente afundou-se numa terrível concavidade, acatando a decisão de cancelar o podcast e a série *Universe City*, resultando em seu isolamento, depressão e pessimismo. Os colegas de quarto da residência estudantil da universidade em que Aled estuda começaram a estranhar seu comportamento e relataram isso a Frances quando ela buscava por Aled.

> — Ah, graças a Deus — disse o rapaz.
> — Por que graças a Deus? — perguntou Daniel.
> — Hum... bom, ele tem agido de um jeito meio esquisito. Moro no quarto da frente e... Bom, ele não sai do quarto quase nunca, pra começo de conversa. Não faz mais as refeições no refeitório. Coisas assim.
> — Onde fica o quarto dele? — perguntou Carys.
> O aluno nos deu as orientações.
> — Que bom que os amigos dele estão aqui — disse o garoto, antes de sair. — Sei lá, ele anda muito *isolado (Oseman, p. 401-402).*

Outro fator interessante que Oseman traz em Rádio Silêncio é como que as pessoas não aceitam o fato de a pessoa estar “no armário” ao mesmo tempo que não querem que ela saia. Desde então, a falta de compreensão e insensibilidade dos fãs era tamanha que Aled passou a receber cartas de adolescentes que o conheciam de dentro da universidade com mensagens de ódio ao seu respeito. Ademais, Aled, também, sofre ameaças da maior parte desses estudantes e é mencionado a se suicidar

> Sinceramente, como você ousa acabar com um programa que é tão importante para tantas pessoas, porra? Acha que pode controlar tudo nele, mas o programa foi além disso — você nem sequer estaria nessa posição se não fosse por nós. Traga Universe City de volta ou vai se arrepender.
>
> Encontrei mais um.
>
> **VÁ SE FODER, ALED LAST!!! VOCÊ ACABOU COM A FELICIDADE DE MUITAS PESSOAS NO MUNDO. ESPERO QUE ESTEJA SATISFEITO**
>
> E um terceiro.

> Kkkk por que você se dá ao trabalho de continuar vivendo se não está mais fazendo Universe City? Você destruiu o coração de milhares de pessoas. SE MATA
>
> (Oseman, 2012, grifo do autor, p.404).

AUTORRECONHECIMENTO E CONFISSÃO

Por fim, Aled decidiu lutar por si durante o tempo que passou longe de seus amigos, principalmente, da sua mãe. Através de pesquisas feitas em *sites* Aled conseguiu enxergar sua verdadeira sexualidade. Por um lado, de uma coisa Aled já sabia que, no entanto, era um ser (as)sexual, diferentes dos outros garotos, assim, Aled não se abstém por completo da prática sexual, desde que a relação seja somente com Daniel, que é por quem se sente atraído e confortável. Pois "algumas pessoas sentem que são... tipo... *parcialmente* **assexuais**, então... elas só se sentem sexualmente atraídas por pessoas que elas conheçam muito, muito bem. As pessoas com quem, tipo, elas têm uma ligação emocional" (Oseman, grifo nosso, p.429). Prossegue, portanto, a confissão de Aled a Daniel

> — É. — Ele fez uma pausa. — Algumas pessoas chamam isso de "**demissexual**", mas, hum... não importa muito a palavra usada...
> — Demissexual? — Daniel riu. — Nunca nem ouvi falar.
> — É, não importa a palavra usada, para ser sincero... só estou tentando explicar o que eu... tipo... o que eu sinto. É o sentimento, o mais importante.
> (...) — Como descobriu tudo isso?
> — Na internet.
> — Você devia ter me contado.
> — Pensei que você acharia... bobagem, sei lá.
> — Quem sou eu para julgar a sexualidade dos outros? Sou bem gay.
> Os dois riram baixinho.
> Aled continuou:
> — Só queria que você entendesse, tipo, porque não quero me assumir nem nada assim. Com certeza, não é por não gostar de você... (Oseman, 2012, grifo nosso, p.429).

A ASSEXUALIDADE DE TORI SPRING

Tori nunca olhou para si como uma garota "normal", ou seja, comum, do tipo que adora falar sobre romance**,** mencionar garotos/as. É nítido o estranhamento de Tori ao seu próprio corpo, pois até certo ponto não se sente atraída por ninguém a sua volta. No entanto,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

se pararmos para refletir sobre a personalidade de Tori e se comparado a de suas amigas, Becky, Evelyn e Lauren, concluiremos: as amigas preferem ser agitadas, extrovertidas e engraçadas; Tori prefere ser quieta, introvertida e sarcástica. Como, por exemplo, em suas palavras, admite, a então circunspecta garota que é: "Não me sinto muito parecida com ninguém do Nosso Grupo. Não me sinto parecida com ninguém, na verdade" (p.26). Em um outro momento, perceber-se-á que Tori não se importa nenhum pouquinho sequer a respeito de sexo e outras coisas relacionadas a isso, como, transa, pegas e 'amasso'.

> A Becky me ligou para falar de seu quase namorado, Jack. Ela faz isso comigo com certa frequência. Não me refiro à ligação, mas a reclamar de seus vários quase namorados
> - ...você pode imaginar sobre o que estou falando – diz ela.
> Na verdade, não faço ideia.
> - Há algumas semanas... Meu Deus, eu deveria ter te contado isso... nós fizemos *sexo*.
> Eu meio **fico congelada, porque isso me pega de surpresa**. Então, percebo que isso já estava rondando há algum tempo. Sempre meio que respeitei a Becky por ser virgem, o que é um pouco pretensioso, se você pensar bem. Sei lá, todas temos pelo menos dezesseis anos, e Becky tem quase dezessete, e **tudo bem se a pessoa quer transar, não me importo, não é um crime**. Mas o fato de nós duas sermos virgens... não sei. **Acho que isso nos tornava iguais de um jeito estranho** (...) (Oseman, 2022, grifo nosso, p.41).

Enfim, partindo do pressuposto e da evidência de que Tori também seja de certa forma ateia, e, embora, seja assexual, o que não há nada a ver uma coisa com a outra – pelo fato de que é comum muitos seguirem essa teoria por aversão de algo que os proíbem - percebemos ao decorrer da narrativa que, sim, a esquisita e pessimista-crônica, Tori Spring, é sim ateísta, como assim a mesma (narradora-personagem) afirma

> Imagina se eu tivesse recebido um nome bíblico, tipo Abigail ou Caridade ou, sei lá, *Eva*, pelo amor de Deus. Sou muito crítica em relação à religião, e isso provavelmente quer dizer que vou para o inferno, **se é que ele existe, o que sejamos sinceros, é bem provável que não**.
> Isso não me incomoda muito porque independente do que aconteça no inferno, não pode ser muito pior do que o que rola por aqui (Oseman, 2022, p.65).

CONFISSÃO DE IDENTIDADE: "NENHUM DE NÓS É HÉTERO"

Embora Tori confesse seus sentimentos por Michael devido aos laços de afetividade e intimidade cativado após dois meses que o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

conheceu, isso não quer dizer que Tori terá um relacionamento comum ao de outros casais tanto héteros como homossexuais, pois assim como a própria autora declara em sua obra *Solitaire* ao dizer que - "essa não é uma história de amor". Até porque, não esqueçamos que Tori é misantropa, pois o pessimismo é tão profundo e intenso para a personagem de certa maneira que a faz enxergar a vida como um objeto sem nenhum significado algum para poder viver. Às vezes, essa amarração que Oseman articula dentro da obra, é feita para fazer-nos identificar o que implica nessa aversão de Tori sobre si mesmo, e, se bem que, ao decorrer da leitura parece que Tori apresenta somente complicações sentimentais, porém, não só, como sexual também. E a propósito, assim como Aled, Tori se encontra em uma fase *queer* de sua vida, estranhando o seu corpo, seus sentimentos e sua percepção a respeito dos homens. Alice Oseman traz a versão final de *Solitaire*; a confissão de Tori sobre sua verdadeira sexualidade assim descrita que, em primeiro lugar, ela também afirma a Charlie que nem mesmo Michael é hetero, sendo mais aparentemente bissexual.

Figura 3Fonte: PDF

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 4 Fonte: PDF

Por meio do diálogo entre Tori e seu irmão, Charles Spring, é deixado bem claro a orientação sexual de Tori que somente é confessado no penúltimo episódio do volume cinco da obra Heartstopper. Além disso, percebe-se que Tori esteve por muito tempo aprisionada em seus pensamentos com dúvidas a respeito de si própria, sem ao menos buscar entender seu estranho comportamento em relação aos garotos e de agir diferentes das garotas, ou das suas amigas, que se vangloriavam por simplesmente perder a virgindade. E, então, Tori se pôs a prova, o que foi necessário, se deitando com um garoto, melhor dizendo, transando com Michael. A partir da sua primeira vez Tori conclui ser uma garota (as)sexual ainda estranha e esquisita, mas que, ainda ama Michael, por ser íntima do garoto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir acerca da assexualidade ainda é um campo de pesquisa amplo e diverso e,

claro, dependendo, portanto, das perspectivas de acordo com as áreas que se interessa em estudar a as/sexualidade do sujeito, assim, desde a ciência biológica até a nossa literatura. A metodologia qualitativa e bibliográfica aqui empregada fez com que mantivéssemos o amaranhado de nossas ideias em conectividade com as obras. O propósito com a construção desse artigo é de tal modo trazer ao conhecimento do leitor uma análise profunda do que é um sujeito assexual/queer.

Por fim, é importante declarar que esse trabalho não se conclui aqui, pois que é contínuo, inacabado, devido aos próximos trabalhos, projetos e artigos que serão construídos a partir desse. Dito dessa forma, espera-se que a literatura LGBTQIA+ possa tornar-se ainda mais produtiva e bem-vista pelo público leitor não apenas adolescentes e jovens abrangendo os sujeitos como um todo possibilitando o alcance do conhecimento acerca da nossa comunidade.

REFERÊNCIA

FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II). Imago, Rio de Janeiro, 1915-1916;

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 13ª ed., Graal, Rio de Janeiro, 1976-1979, p. 23-24;

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OSEMAN, Alice. *Rádio Silêncio*; tradução Carolina Caires Coelho. – 1 ed. – Rocco Jovens Leitores, Rio de Janeiro, 2019;

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

_____. *Um Ano Solitário*. Tradução Carolina Caires Coelho; Rocco, Rio de Janeiro, 2022;

PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carrilho. In cadernos pagu. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, v.28, p.375-405;

PAGLIARIN, Virginia P. Um Mundo de Cores. Editora: Viseu, São Paulo, 2002, p.7

VEJA, **A Tensa Representação dos Assexuais em 'Travessia', segundo psicólogo.** 2023. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/a-tensa-representacao-dos-assexuais-em-travessia-segundo-psicologo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A MORTE NA NARRATIVA MARAVILHOSA EM *DR. ALEX E VOVÓ RITINHA: UMA AVENTURA NO ESPAÇO*, DE RITA LEE

Luana da Silva Coelho[284]

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Conde[285]

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar como a temática da morte é retratada na literatura infantil por meio da obra Dr. Alex e vovó Ritinha: uma aventura no espaço (2021), da autora brasileira Rita Lee, cujo enredo parte de uma viagem a outras dimensões como reflexão do post mortem atrelado ao complexo do lugar desconhecido. Para tanto, com auxílio da pesquisa bibliográfica, busca-se identificar o papel da narrativa maravilhosa e averiguar sua relação com o espaço como componente e as ilustrações no livro infantil, perpassando autores como Zilberman (2003), Colomer (2003), Todorov (2006), Michelli (2012), Eliade (1986), Lins (1976), Bourneuf & Quellet (1976), Tiuman (2015) e Ramos (2011). Portanto, infere-se que através do subsídio do espaço maravilhoso, a narrativa de Rita Lee explora a temática da morte como uma jornada para outro plano espiritual, expondo que a morte não deve ser tratada como tabu ou assunto camuflado, visto que debater esse momento da existência humana é fundamental para a criança compreender e lidar com os próprios sentimentos.

Palavras-chave: Espaço. Literatura infantil. Morte. Narrativa maravilhosa. Rita Lee.

Introdução

A literatura infantil, ora vista com desconfiança e considerada uma literatura "menor", ora atrelada ao caráter puramente pedagógico, chegou ao século XXI afirmando sua posição de escrita desprendida de tais estereótipos, sendo não somente de suma importância para a formação do leitor, mas, também, como forma de fruição, compreensão e reflexão do mundo e sentimentos a partir da ficção.

O seu efeito lúdico não diminui a relevância que a escrita da literatura infantil contemporânea apresenta: desde impactos ambientas, proteção dos animais e o tabu da morte - todas características das obras de Rita Lee - comprovando as diversas facetas que esse gênero possui, atrelado ao maravilhoso, a ilustração e história com animais.

[284] Mestranda. Universidade Federal do Pará (UFPA). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA)
[285] Doutora. Universidade Federal do Pará (UFPA). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Entretanto, para se chegar na contemporaneidade, é importante ter em mente que a literatura especificamente voltada ao público infantil não existia até o século XVII, quando surgiu o conceito de instituição familiar e, consequentemente, de infância. Antes desse período, adultos e crianças compartilhavam rodas, ouviam sobre as mesmas temáticas, marcados pela grande tradição oral,

> participando da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias (AZEVEDO, Ricardo, 1999, p. 03).

Ao longo das modificações proporcionadas a partir do final do século XVII, surge também a separação de temáticas que seriam apropriadas apenas para o público adulto, pelo peso que elas poderiam acarretar para o meio infantil, como a sexualidade ou mesmo o tabu que se formou perante a morte. Todavia, mais do que um mero objeto didático ou apenas lúdico, uma das contribuições da ficção para esse público é justamente ser uma forma de compreensão do que está ao redor na sociedade e como realidades e sentimentos podem ser transpassados para a escrita, visto que a literatura

> [...] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor (ZILBERMAN, Regina, 2003, p. 25).

Desse modo, é de extrema relevância analisar de que forma uma temática como a morte, complicada para qualquer faixa etária, é trabalhada na literatura infantil no contexto hodierno. A escolha pela obra *Dr. Alex e vovó Ritinha: uma aventura no espaço* se dá precisamente por essa abordagem. A narrativa marca o retorno do personagem Dr. Alex, protagonista da saga de livros infantis que Rita Lee escreveu durante a década de 1980 e 1990. O personagem-protagonista era um cientista alemão que defendia os direitos dos animais e meio ambiente e, posteriormente, foi transformado em rato como forma de salvá-lo de um sequestro pelo grupo que era contra sua luta pela natureza. O ratinho pacifista,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

como ficou conhecido, continuou sua batalha contra as usinas nucleares, os ataques aos povos indígenas e roubo de minérios.

Voltando com o personagem em 2021, Lee se inspirou pelo impacto devastador da pandemia de Covid-19 e se propôs a desenvolver uma narrativa que abarcasse a complexidade da morte para crianças, como explica em entrevista ao jornal *O Globo*:

> Quando criança, perdemos um pouco da inocência ao adquirir a consciência da morte. Geralmente, não queremos falar desse tema com crianças. E isso passa para elas uma impressão de algo muito ruim. Do medo da morte. Quando temos que entender que tudo o que existe no universo passa por transformações. E a nossa transformação é em espírito. Somos espírito num mundo material, fazendo uma viagem. Às vezes, quando morre uma pessoa ou um bicho, dizem: 'Mamãe virou uma estrelinha', 'seu bichinho virou uma estrelinha'. Criança gosta de honestidade. Então, vou dar um toque de forma leve sobre o assunto (LEE, Rita, 2021, n.p).

A perspectiva da autora condiz com a análise de Michelli (2012), de que não há motivo, nem como, esconder das crianças temas intrínsecos à condição humana sob a justificativa de preservá-las de uma realidade cruel. Pelo contrário, ao tratar sobre determinadas complexidades, existe a possibilidade de encarar e amadurecer, "ajudando a criança a vencer o medo e a enfrentar as dificuldades da vida. Disfarçar esse conteúdo com histórias pueris é atitude hipócrita, uma vez que as crianças experimentam sentimentos e circunstâncias de diferentes matizes" (MICHELLI, Regina, 2012, p. 35).

À vista disso, a análise da obra em destaque passará pela averiguação de como a narrativa maravilhosa é auxiliadora para apresentar tal temática às crianças e identificar sua relação com a categoria de espaço e as ilustrações no livro infantil. Para desenvolvimento do trabalho utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, buscando, por conseguinte, referências que englobassem discussões acerca da literatura infantil, narrativa maravilhosa e espaço, como Zilberman (2003), Colomer (2003), Todorov (2006), Michelli (2012), Eliade (1986), Lins (1976), Bourneuf & Quellet (1976), Tiuman (2015) e Ramos (2011).

Portanto, o presente artigo está divido em três tópicos: a história acerca da saga do Dr. Alex e os caminhos de Rita Lee pela literatura infantil, as discussões e análises da narrativa e espaço maravilhoso em *Dr. Alex e vovó Ritinha: uma aventura no espaço*.

Dr. Alex: o ratinho pacifista de Rita Lee

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Amplamente reconhecida por seus méritos na história da música brasileira, principalmente por sua influência no rock em um período em que o cenário musical do gênero era dominado por homens, Rita Lee também deixou sua marca na literatura. Autora de duas autobiografias que se tornaram best-sellers, além da publicação de coletânea de contos, a artista, na verdade, começou sua trilha pela literatura infantil, explicando em sua primeira autobiografia como se deu o início dessa aventura; com os filhos imperativos, em fase de crescimento, a família resolveu adotar um rato, batizado de Alex. Lee, então, passou a contar histórias aos filhos que envolviam o novo animal de estimação e, consequentemente, transcreveu tais criações. Em 1986 foi publicado o primeiro livro da saga, *Dr. Alex*, seguido por *Dr. Alex e os reis de angra* (1988), *Dr. Alex na Amazônia* (1990) e *Dr. Alex e o Oráculo de Quartz* (1992).

A autora, que era ativista e principalmente defensora dos direitos dos animais, guiou seus enredos por problemáticas que englobam as questões ambientais, desde os ataques às terras indígenas, à destruição causada pelas usinas nucleares e roubo de minério. Como narradora, ao final de cada história, chama o leitor para perto de si em busca da reflexão sobre a mensagem transmitida, semelhante com a moral de uma fábula. Notável destacar que a presença das histórias de animais no rol da literatura infantil sempre se mostrou constante, mas "durante o século XIX, no entanto, diversificaram-se as formas e os propósitos de sua utilização, passando da sátira dos costumes à defesa dos animais [...] ou a descrição de diversos modelos de convivência entre protagonistas humanos e animais". (COLOMER, Teresa, 2003, p. 190).

O personagem-protagonista, Dr. Alex, era um cientista alemão ganhador do Prêmio Nobel da Paz, que, em viagem pelo Brasil, resolve proclamar a independência daqueles constantemente colocados à margem da sociedade, como os animais, os indígenas, as crianças e os idosos. Seu plano é descoberto pelo grupo de Homens de Negro (mais tarde renomeados como Bando Sinistro), que personifica o personagem de vilão de toda a saga – o grupo de pessoas que defende a morte à natureza e ganha a partir da exploração dos animais, minérios e terras e frequentemente procuram impedir as ações de Alex. Como forma de salvar o cientista de um sequestro planejado pelo grupo do mal, ratinhos que viviam em laboratório criam uma fórmula que tinha o poder de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

transformar um homem em rato. Após ganhar a nova forma, Dr. Alex passa a viver na casa de Rita Lee e sua família, continuando sua luta pela natureza e relatando suas aventuras.

A continuação da saga, quase trinta anos após a última publicação em 1992, ocorreu por uma série de motivos, incluindo o grande sucesso de Lee, *Rita Lee: uma autobiografia* (2016), que, segundo a Forbes, fez da artista a brasileira que mais vendeu livros de não-ficção no ano de 2017, além da obra ser ganhadora do prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes) e indicada em duas categorias no Prêmio Jabuti. A partir de então, em parceria com a editora Globo Livros, os antigos livros da saga do Dr. Alex foram reeditados, com modificações textuais feitas por Lee, novas ilustrações realizadas pelo artistas Guilherme Francini e Quihoma Isaac e relançados pelo selo Globinho.

No período da pandemia da Covid-19, imersa na aflição vivida e constante pauta sobre a morte, a autora se inspirou para escrever uma nova história envolvendo o ratinho: *Dr. Alex e vovó Ritinha: uma aventura no espaço* apresenta elementos diferentes das outras narrativas da saga, como o foco nos personagens que dão título à obra, enquanto os demais enredos focalizam nas peripécias de Alex com a companhia e ajuda dos "amigos telepáticos", personagens infantis em homenagem aos filhos (e, posteriormente, aos netos) de Lee; além do parcial distanciamento das causas ambientais e animal, para adentrar na temática sobre a morte.

A narrativa se inicia à noite quando os dois personagens estão observando o céu, com suas estrelas brilhantes e a Lua Cheia, da janela da casa de vovó Ritinha e depois pelo telescópio no jardim, enquanto estão absortos em pensamentos: "– Eu adoraria ver a Terra azulzinha, levitando pelo espaço, lá de longe – desejou vovó Ritinha. – Eu queria era ver de perto os anéis de Saturno e dar uma voltinha flutuando num deles feito carrossel! – sonhava dr. Alex". (LEE, Rita, 2021, p. 05). Após se deitarem no gramado, ainda admirados com o céu, o par de amigos avista uma estrela se mover na direção deles, até pousar no chão. Surpreso e curioso, dr. Alex questiona quem habita a estrela e o que quer deles. Conhecem, assim, GREY – um extraterrestre – que revela que ouviu o desejo dos dois amigos de fazerem um passeio pelo espaço e conhecer as maravilhas do Universo e estava ali para oferece tal oportunidade, apresentando, finalmente, sua aparência:

> Então, devagarinho, a estrela violeta foi se abrindo e de lá saiu uma figurinha que não se parecia com menina nem com menino, mas tinha o jeito de uma criança. Sua pele era cinza-prateada, tinha três dedos em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> cada mão e três dedos em cada pé. Seu corpo era bem pequeno, mas com uma surpreendente e enorme cabeça. Boca, orelhas e nariz eram apenas buraquinhos. Em compensação, seus olhos eram enormes, pareciam aqueles óculos escuros que se usa para esquiar. (LEE, Rita, 2021, p. 09).

Para entrar na pequena nave Stela e passear pelo espaço, GREY diminui o tamanho real de vovó Ritinha, transformando-a em fada, enquanto dr. Alex ganhou asas e uma luz na ponta do rabo. Agora em trio, os personagens perpassam por diversos ambientes do Universo afora, contando sempre com as explicações de GREY, que os guia e leva, por exemplo, a um parque de diversões feito de cristais, ao Reino dos Devas – alusão a um espaço divino que abrigaria os espíritos dos animais falecidos e ao Plano da Luz, céu dos humanos. Além do encontro de vovó Ritinha com sua Anja da Guarda, que compartilhava da mesma aparência de sua protegida. O encontro rendeu à Ritinha a certeza de não temer a morte, já que a passagem entre os planos lhe trataria outras aventuras, como aprender a Música Mágica do Universo, além do conforto de saber que sua Anja sempre estaria com ela.

Por fim, GREY leva os companheiros para conhecer sua família, que possuíam a mesma aparência e trabalhava incansavelmente na criação daquilo que os terráqueos conheciam por disco voador. Rapidamente voltando ao mesmo local do início da narrativa, dr. Alex e vovó Ritinha acordam sobressaltados na grama do jardim, compartilhando, a priori, o que eles acreditavam ter sido um sonho, quando, então, notaram a presença da pena dourada dada pela Anja da Guarda à Ritinha e da viseira que serviu de proteção à Luz Divina no Plano da Luz, fato que levava a apenas uma conclusão - a aventura tinha sido real.

Como dito anteriormente, nos finais de todas as narrativas da saga, entra em cena uma chamada ao leitor, ressaltando o teor reflexivo, o que não é diferente aqui: “Alô, crianças do planeta Terra! Vocês têm a vida inteira pela frente para brincar, fantasia, amar os animais, fazer amigos, crescer, cuidar da Mamãe Natureza e transformar o mundo num lugar mágico onde todos são irmãos e filhos do Criador do Universo”. (LEE, Rita, 2021, p. 37).

“Da minha janela vejo uma luz”: a viagem por outras dimensões

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerando a pesquisa de Colomer (2003), que apresenta um vasto panorama sobre a história e crítica da literatura infantojuvenil, verifica-se diversas características presentes na obra de Rita Lee, como a viagem realizada por protagonistas através de mundos fantásticos, situações extraordinárias e animais personificados. Todorov (2006) apresenta uma distinção entre o fantástico e o maravilhoso: o primeiro diz respeito às narrativas em que os personagens hesitam sobre os fatos anormais que se sucedem, já no segundo caso, as situações são encaradas naturalmente. No gênero maravilhoso, do qual o conto de fadas faz parte, a linguagem é alegórica, admitindo-se "[...] novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado". (TODOROV, Tzvetan, 2006, p. 155). Acerca da origem do maravilhoso, Michelli (2012) ressalta que este

> [...] remonta a tempos pretéritos, época de fadas, fontes mágicas, bosques encantados, associada, na literatura, às narrativas primordiais - histórias que, com o passar do tempo, transformaram-se em narrativas populares, integrando o acervo da literatura infantil, ligadas ao pensamento mágico (MICHELLI, Regina, 2012, p. 28).

Logo, de que modo a temática da morte na literatura infantil se encaixa nesse contexto? Para dada reflexão, destaca-se um elemento da análise de Todorov (2006) sobre as narrativas que se inserem no gênero maravilhoso: a função social e a literária. Segundo o autor, o papel do sobrenatural é a transgressão de uma lei, ou seja, como forma de tratar temáticas consideradas tabu, por exemplo a homossexualidade ou a morte, utiliza-se do fator maravilhoso, visto que "[...] ao abalar convenções, ideias prontas, cotidiano repetitivo e alienante, as obras desse gênero permitem a revisão de paradigmas que aprisionam metafisicamente o ser". (MICHELLI, Regina, 2003, p. 53).

Na literatura infantil contemporânea acentua-se a crescente característica de temáticas que durante longo tempo foram deixadas de escanteio, como a violência, a sexualidade, velhice e morte. De acordo com Zilberman (2003), o uso da fantasia como recurso para compreensão de mundo pelo público infantil, é fundamental, pois "[...] ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real; e ajuda-o ordenar suas novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros". (ZILBERMAN, Regina, 2003, p. 49).

Para tecer sobre a morte, Rita Lee recorreu à proeminência do espaço como componente da narrativa. Neste caso, por meio da viagem ao

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Universo afora se revela a transição do real para conhecer o além, como conclui Heinen et at (2022, p. 189):

> O mundo simbólico da narrativa é uma espécie de passaporte, aquele que interliga o quintal de Vovó Ritinha com todo o cosmo dessa viagem, tomada como farol para a reflexão do que Rita Lee deixa como recado às crianças. Ela destaca a importância de cuidar do outro, amar e respeitar todas as formas de vida na sua natureza, reconhecendo o próximo como nosso semelhante. Além disso, de maneira leve e acolhedora, desperta a ressignificação da morte, auxiliando na compreensão das transformações do universo.

A curiosidade de Ritinha e Alex sobre o que existe para além do plano físico que marca o início da narrativa é algo recorrente da existência humana. Apesar das complexas tentativas de classificação para construção e reconstrução dos mundos, pairadas pela narratividade alucinante que procurar dar conta da inapreensibilidade presente, "a desordem não deixa de habitar qualquer de nossas tentativas de apreensão totalizadora do mundo". (MACIEL, Maria Esther, 2022, p. 18). Sendo assim, afinal, a vida após a morte é um enigma, como é refletido em Dr. Alex e vovó Ritinha: "[...] Vovó Ritinha concordou: - Sim, nossa vida na Terra é passageira. Sempre me perguntei onde eu estava antes de nascer e para onde vou depois que morrer". (LEE, Rita, 2021, p. 17).

Lee apresenta para o público infantil uma narrativa maravilhosa em que a morte é tratada não como o fim, mas, sim, o início de uma outra jornada, que também pode ser divertida, com a presença lúdica, por exemplo, de um parque de diversões feito de cristais. Ademais, a presença das dimensões do Plano da Luz e do Reino dos Devas mostra que o ente querido e o animal de estimação não irá desaparecer, apenas viver em outro plano.

Um lugar desconhecido: a morte no espaço maravilhoso

Em uma narrativa, o espaço como componente pode ir muito além da descrição, sendo um mecanismo de expressão para exteriorizar as complexidades humanas e a relação entre autor-personagem-universo, em que se ao criar e explorar um novo mundo é também uma jornada de autoconhecimento. Corroborando essa perspectiva, Bourneuf & Ouellet (1976) alertam que através da análise do espaço em uma narrativa e como ela se liga a outros aspectos, como sucessivas mudanças e deslocamentos espaciais de personagens, pode-se perceber que o autor estima a viagem existencial do homem: "[...] longe de ser

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

indiferente, o espaço num romance exprime-se, pois, em formas e reveste sentidos múltiplos até constituir por vezes a razão de ser da obra". (BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal, 1976, p. 131).

Dessa forma, a narrativa de Lee se inicia em um espaço "real", no gramado da casa de vovó Ritinha. No adentrar da noite em que os personagens refletem sobre as aparições no céu e remontam ao planeta Vênus: "– Não, não, aquilo não é uma estrela. Aquele é o planeta Vênus! Os antigos o chamavam de Estrela D'Alva, porque era a primeira luz que aparecia no céu quando anoitecia – respondeu o ratinho". (LEE, Rita, 2021, p. 05). Destaque-se que a Estrela D'Alva é de valiosa aparição na cultura aborígene australiana, sendo considerada uma forma de se comunicar com entes falecidos. Com a aparição do elemento sobrenatural personificado em GREY, um extraterrestre que surge em seu disco voador, a jornada começa pelo espaço imaginário. A viagem de personagens como forma de aprendizagem e/ou autoconhecimento é comum na literatura:

> [...] o conto maravilhoso [...] ainda apresenta a estrutura de uma aventura infinitamente séria e responsável, pois se reduz, em suma, a um enredo iniciatório: nele reencontramos sempre as provas iniciatórias [...], a descida ao Inferno ou a ascensão ao Céu (ou — o que vem a dar no mesmo — a morte e a ressurreição). (ELIADE, Mircea, 1986, p. 173-174).

Nesse lugar de passagem, é frequente a presença de um guia, como Virgílio em A Divina Comédia, de Dante Alighieri. No caso de Alex e Ritinha, GREY incorpora esse papel, levando-os aos diversos reinos. No sentido mitológico e religioso desse rito, inferem-se várias alusões: a viagem pelo espaço como todo, perpassando inclusive os planetas do Sistema Solar, é uma grande metáfora da passagem da vida terrena, física, para uma dimensão espiritual:

> Espiando através da nave transparente, dr. Alex e vovó Ritinha ficaram maravilhados ao passar pertinho de todos os planetas do Sistema Solar, enquanto GREY ia explicando do que eram feitos e sobre os seres invisíveis que moravam lá. – Os terráqueos acreditam que, para existir vida em outros planetas e estrelas, precisam ter um formato humanoide igual ao deles, o que é uma grande ignorância. Vou levar vocês para conhecerem uns amigos meus que vivem em outras dimensões (LEE, Rita, 2021, p. 12-13).

Na narrativa, o nome dado para qualificar a estadia no plano material é Projeto Terra, Reino dos Devas como o céu dos animais, os espíritos do Plano da Luz, céu dos humanos, que se assemelham a figura do anjo, e auxiliam o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Grande Criador do Universo, referência a uma imagem divina que comanda o Universo, ressaltando a primazia de sua dimensão:

> E eis que a avistaram de longe uma intensa claridade que ocupava o espaço superior de todo o firmamento, até se perder de vista. Então, GREY deu um aviso: – Para entrar em qualquer dimensão superior como esta, vocês precisam usar protetores oculares ultraespeciais. Com eles, vocês podem suportar a intensidade da Luz Divina. Entenderam agora por que meus olhos, naturalmente, são grandes e escuros? Usem estas viseiras aqui. (LEE, Rita, 2021, p. 20)

O desconhecido na narrativa é duplo: o espaço pelo qual se personifica a viagem entre dimensões diferentes no pós-morte e o contínuo questionamento da existência de outros seres: "– Amigos terráqueos, foi um prazer levar vocês para conhecer um tiquinho das infinitas dimensões que existem no Universo. Ah, uma última informação: não existem ETs do mal, somos todos muitos evoluídos espiritualmente [...]". (LEE, Rita, 2021, p. 33). A temática da morte se torna mais explícita quando GREY apresenta aos amigos a dimensão denominada Reino dos Devas, ponderando que "todos nós que habitamos o Universo somos espíritos, inclusive os terráqueos. Só que vocês possuem um corpo físico denso, mas, ao morrer, o abandonam na Terra; porque esse corpo foi apenas emprestado pelo seu espírito para viver no plano material". (LEE, Rita, 2021, p. 17). O nome de tal reino não é por acaso: os devas aparecem em diversas crenças e religiões, como no Hinduísmo, Budismo, Espiritismo e Umbanda. No geral, são deuses que regem a natureza e/ou seres não-humanos que são invisíveis a olho nu, sendo considerados como guardiões da harmonia natural.

Apesar do espaço em questão ser um lugar maravilhoso, logo, irreal, efetivamente está intrinsicamente vinculado a projeções que refletem experiências e sentimentos do real, sendo comum a utilização, por exemplo, da metáfora, visto que "[...] deve-se ter presente, no estudo do espaço, que o seu horizonte, no texto, quase nunca ser reduz ao denotado" (LINS, Osman, 1976, p. 72), indo além da visualidade; predominando na narrativa de Lee uma viagem por lugares desconhecidos que reforçam a ideia de que os humanos não estão sozinhos no Universo.

Outro aspecto que realça a importância do espaço na narrativa é a força de transformação. Lins (1976) ao discorrer sobre esse componente na construção das histórias de Alice, de Lewis Carroll, enfatiza que se instauram "[...] transformações (súbitas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

metamorfoses) como lei constante do mundo e que, inclusive, não poupa a personagem, como se contaminasse o espaço [...]". (LINS, Osman, 1976, p. 66). Assim como Alice, que muda de estatura, ora aumentando, ora diminuindo magicamente, essa característica é notável em diversos momentos da narrativa de Lee, em que o componente do espaço é tão proeminente ao ponto de modificar os personagens: primeiro, para entrar na pequena nave Stela, GREY transforma o tamanho de Alex e Ritinha, deixando-os em miniatura e revelando seus poderes mágicos:

> [...] Que tal levá-los a um passeio pelo espaço na minha nave? - Mas sua nave é pequena demais, a gente não vai caber! - notou vovó Ritinha. - Não seja por isso. Posso transformar você em algo do tamanho que quiser. O que gostaria de ser? - perguntou GREY. - Qualquer coisa? Ah, eu sempre quis ser uma fada, dessas que moram dentro das flores! - Seu desejo é uma ordem. Plim! (LEE, Rita, 2021, p. 10)

Nesse momento ocorre a primeira modificação no traje de Ritinha: "Vovó Ritinha ficou do tamanho de um dedo mindinho, com asinhas transparentes, um vestido feito de pétalas e, na cabeça, duas anteninhas de luz". (LEE, Rita, 2021, p. 11). Quando o trio se direciona ao Reino dos Devas, há a segunda mudança: "A viagem seguiu e a nave Stela pairou acima de um planeta parecido com a Terra. Vovó Ritinha, rapidamente, até mudou a sua roupa de fada para combinar com o cenário". (LEE, Rita, 2021, p. 17). Vestindo, então, um traje muito semelhante ao de Peter Pan, incluindo o adereço sob a cabeça, em uma provável referência e homenagem. A última transformação acontece quando GREY leva os companheiros para conhecer a dimensão do Plano de Luz: "– Uau! Luz Divina! Preciso me vestir de acordo - disse Ritinha, colocando uma roupa feita de estrelas". (LEE, Rita, 2021, p. 20).

Figura 1 – vovó Ritinha transformada em fada.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Fonte: Guilherme Francini

Nota-se a importância tanto textual, quanto visual, das mudanças dos trajes de acordo com o espaço, o que atribui à ilustração uma função narrativa, isto é, "[...] o objeto a ser representado é inserido no tempo e no espaço, sendo assim, a imagem apresenta transformações no estado do objeto representado ou ações que são realizadas por ele". (TIUMAN, Patrícia, 2015, p. 3). Infere-se o perceptível diálogo de discursos na construção do espaço: o texto literário e a ilustração, que compartilham do mesmo suporte, tornando o livro infantil um hibridismo verbo-visual. Isto é, o trabalho do ilustrador é de grande complexidade se verificado que a partir da ilustração pode ocorrer uma convergência, desvio ou contradição com o que está no texto, logo, "[...] a atribuição de completar a imagem pertence àquele que a vê e sabe lê-la, de acordo com seu grau de maturidade, suas fantasias e vivências. Essa liberdade na forma de perceber a ilustração também ocorre em relação ao ilustrador". (RAMOS, Graça, 2011, p. 19).

Ou seja, do mesmo modo que no leitor parte do seu conhecimento de mundo para compreender uma ilustração, o ilustrador parte dele para criá-la. Por exemplo, na ilustração que segue o encontro de Ritinha com os animais que estão no Reino dos Devas, são representados três animais já falecidos que foram companheiros de Rita Lee. Na narrativa, os animais não são descritos ou nomeados, mas o ilustrador Guilherme Franchini acrescentou à história sua homenagem a própria autora.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 2 – a fada Ritinha com os animais no Reino dos Devas.

Fonte: Guilherme Francini

Em outro volume da saga do Dr. Alex, surge a imagem ilustrada da capa de *Amiga Ursa*, outro livro infantil de Lee. Percebe-se que o teor memorialista presente na escrita da autora, igualmente é perpassado às ilustrações, criando um vínculo convergente. Ressalta-se também a relevância da representatividade na ilustração da figura divina, que apresenta um jovem negro, com os longos cabelos trançados, distanciando-se do imaginário europeu de Cristo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 3 – a representação divina.

Fonte: Guilherme Francini

Como elucida Ramos (2011): “todos necessitamos da simbolização do real para nos desenvolvermos, e o mundo da infância está repleto de signos e símbolos que sustentam a existência adulta [...]”. (RAMOS, Graça, 2011, p. 16). Portanto, ao se propor tratar de uma temática com a morte, a ilustração colorida e chamativa para imaginar o descrito sobre as outras dimensões, torna-se uma aliada para o público infantil na compreensão de mundo e representação de símbolos, como a aparição do parque de diversões constituído de cristais, evidenciando que as dimensões do lugar desconhecido também podem abrigar espaços alegres e divertidos;

Figura 4 – Ritinha, Alex e GREY no parque de diversões.

Fonte: Guilherme Francini

Considerações finais

Diante do exposto, percebe-se como as discussões e modificações em torno das temáticas abordadas pela literatura infantil cresceram na contemporaneidade. O próprio foco das narrativas de Rita Lee demonstra essa perspectiva: o antigo cientista que agora é um rato e propaga a luta pela causa animal e defesa do meio ambiente. No contexto hodierno, o que antes constituía um rol de assuntos intocáveis às crianças, é encarado com o auxílio da narrativa maravilhosa. Lee demonstra como a morte pode ser vista como uma continuidade entre dimensões distintas e não como o temido fim, entrelaçando o textual com as ilustrações de Guilherme Francini, efetivando, assim, as possibilidades mágicas que a ficção pode ter. Por fim, infere-se que a análise proposta apresentou como o espaço é tão influente ao ponto de ser a matriz em que o enredo gira: a viagem que GREY proporciona para Ritinha e Alex é uma jornada não apenas por lugares imaginários, mas, também, pela eterna busca de apreender a inapreensibilidade da existência humana.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Editora Dimensão. n. 27 - mai/ jun, 1999.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BOURNEUF, Roland., OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HEINEN, Alana Lehmen. *et al*. Dr. Alex e Vovó Ritinha: um outro olhar sobre a morte. **Fórum Lit. Bras. Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, nº 28, p. 184-190, dez. 2022.

LEE, Rita**. Dr. Alex e vovó Ritinha**: uma aventura no espaço. Ilustrações Guilherme Francini. São Paulo: Globinho, 2021.

LEE, Rita. Rita Lee, sobre o Brasil: 'Era para a gente estar nos Jetsons e estamos voltando para os Flintstones'. Entrevista concedida a Guilherme Samora. **O Globo**. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/ela/gente/rita-lee-sobre-brasil-era-para-gente-estar-nos-jetsons-estamos-voltando-para-os-flintstones-25212650?versao=amp.>. Acesso em: 08 jan. 2024.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo, Ática, 1976.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas**: Ensaios de literatura, cinema e artes plásticas. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2022.

MICHELLI, Regina. Contos fantásticos e maravilhosos. IN: GREGORIN FILHO, José Nicolau. (org). **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

TIUMAN, Patrícia Elisabel Bento. A ilustração no livro infantil: multiplicidade de sentidos. Revista **InterteXto**. v. 8, n 2, 2015.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O TECER POÉTICO EM PAULA TAVARES

Lívia Ramires Baptista[1]

RESUMO: Neste estudo, investigamos o tema do tecer poético na obra da poetisa angolana Ana Paula Tavares, cuja poesia entrelaça memória, afetos e linguagem metafórica. Inicialmente, abordamos a figura da tecedeira como um motivo recorrente em sua obra, ressaltando a conexão entre tradição e modernidade na reinvenção estética de mitos e provérbios. Em seguida, exploramos o contexto histórico e simbólico da tecelagem, desde seus primórdios até sua representação na mitologia grega e em outras obras literárias. Além disso, examinamos a intertextualidade entre Paula Tavares e outros autores, como Marina Colasanti, Ana Maria Machado e Hilda Hilst, que também abordam o tema do tecido em suas obras. Durante a análise, destacamos trechos de poemas de Paula Tavares que exemplificam o tecer poético em sua obra, evidenciando a riqueza metafórica e simbólica presente em seus versos. Observamos como a imagem da tecedeira é evocada em seus poemas para expressar temas como criação, feminilidade e busca pela identidade. Em particular, analisamos o uso da tecelagem como metáfora para a percepção do tempo, a busca pela liberdade feminina e a reconexão com a tradição cultural angolana. Por fim, exploramos o entrelaçamento do tecido em um poema específico de Paula Tavares, “La dame à la Licorne”, onde a poetisa dialoga com a iconografia das tapeçarias medievais e reflete sobre a experiência de ser poeta em Paris. Concluímos que a poesia de Paula Tavares é marcada por uma profunda sensibilidade estética, que se manifesta na tecelagem cuidadosa de seus versos e na exploração de temas universais como amor, identidade e pertencimento cultural. Seu trabalho representa uma contribuição significativa para a literatura angolana e para a poesia lusófona.

PALAVRAS-CHAVE: Tecer. Tecedeira. Ana Paula Tavares.

Estico até a seda
o fio das palavras
as palavras são como os olhos das mulheres
fios de pérolas ligados pelos nós da vida.
(Tavares, 2011, p.244)

1. A imagem da tecedeira (Introdução)

A voz poética enunciadora da epígrafe é a poeta angolana Ana Paula Tavares, que tece alianças entre tradição e modernidade ao recuperar a “memória ancestral através da reinvenção estética de mitos, provérbios; a erotização do corpo feminino e da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

linguagem poética." (Secco, 2011, p. 273). Além de saltar o cercado ao entrelaçar fios metafóricos como: "sangue, ritos, árvores, buganvília, grito, água, lago, barro, terra, frutos, óleo de palma, bois, mitos, religiosidades, deserto, dunas, lua, sol, unicórnio, sonhos, teias, tecidos, fios da História e das estórias." (Secco, 2011, p. 264)

Os poemas circulam como fios de pérolas, fios esticados de palavras que buscam sentidos originais, muitas vezes, por entre sombras, desertos, pedras, portas templárias fechadas. (Secco, 2011, p. 276). Dessa forma, a imagem da tecedeira em Paula Tavares é recorrente em algumas de suas obras, já mencionada pela professora Dr. Carmem Lúcia Tindó Secco em suas pesquisas sobre a poeta, especificamente no posfácio do livro que será objeto deste trabalho: "Amargos como Frutos" (Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011, poesias reunidas), onde menciona que:

> o sujeito lírico dos poemas de Paula ora se assume como histor, tecendo fios de estórias e da História, ora se apresenta como aedo, tramando novelos de lã e la labirintos de seda, metáforas da teia textual em que se converte a poesia da autora, uma poesia carregada de epos, na medida em que traz, por entre as veias intimistas dos desejos e sentidos, uma trama coletiva de recitações procedentes tanto de tradições orais da sua terra e de seus livros anteriores, como de sua bagagem artístico-cultural e de suas leituras de outros poetas não só africanos, mas outras de partes do mundo. (Secco, 2011, p.279)

Outrossim, buscar-se-á, através da leitura dos poemas, pensar esta imagem da tecedeira ao recolher partes do poema, refletir as imagens líricas no tear do tecido poético, e entrelaçar a linguagem metafórica entre memória e percepção de afetos. Para tanto, este trabalho está dividido em cinco partes, contendo títulos do vocabulário têxtil a seguir: **1. A imagem da tecedeira**, onde se apresenta a autora e introdução do presente trabalho; **2. Alinhavando os fios**, em que será introduzirá um breve histórico têxtil, além de ser analisar a etimologia da palavra tecido, e destacar produções intertextuais envoltos na imagem da tecedeira; **3. O desenrolar da trama**, onde as poesias recolhidas no objeto do trabalho serão destacadas; **4. Entrelaçamento do tecido**; em que serão

analisados alguns poemas da autora detalhadamente; e por fim o **5. Arrematando os pontos,** como conclusão.

2. Alinhavando os fios

A tecelagem é considerada uma das artes mais antigas do mundo, surgindo no intuito de proteger o corpo humano. Os primeiros tecidos nasceram da manipulação das fibras com os dedos. Assim o homem deu início à arte da cestaria, e de sua evolução surgiram os primeiros tecidos. Descobrindo assim novos modos de entrelaçar, novos desenhos foram criados e outras texturas foram sendo descobertas. Conforme Olga Soffer (apud Pezzolo, 2017, p. 11-13), professora da Universidade de Illinois e antropóloga, o indício mais antigo da existência de têxteis na história da humanidade data de mais de 24 mil anos. Soffer, após a queda do muro de Berlim, visitou os países do Leste europeu, onde encontrou preciosidades que documentam a presença da tecelagem no Período Paleolítico (a chama da Idade da Pedra Lascada, que vai até 10000 a.C., quando começa a Idade da Pedra Polida). (Pezzolo, 2017, p. 11-13)

Segundo Cunha (apud Telini, 2021, p.16), etimologicamente as palavras texto e tecido derivam do mesmo radical latino, textum, que significa “construir, tecer, entrelaçar algo com fios”. Para tanto, a tecelagem carrega uma trajetória histórica acerca da condição feminina, entrelaçando os fios à voz destas mulheres. Para o teórico Liborel (apud Telini, 2021, p.16), “a voz, assim como o fio, é representação ambivalente do passado e do presente”. Dessa forma, há uma variedade de vocábulos, que poderão ser utilizados tanto na tecelagem quanto no processo da criação literária, tais como: tecitura, trama, fios, linha, viés, alinhavar, arrematar, pontos, textura, dentre outros.

No entanto, Barthes em sua obra O Prazer do Texto, apresenta uma visão de texto como tecido, onde o teórico destaca um olhar para a análise do leitor, que transcende o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

formato do texto, assim como a intenção do escritor:

> Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido e a teia da aranha). (Barthes, 2010, p.74)

Outrossim, a arte de tecer envolve o universo feminino, pois o processo de tecelagem traz o simbolismo da criação ou fecundidade. Conforme aponta Chevalier (apud Telini, 2021, p.14): “quando o tecido está pronto, o tecelão corta os fios que o prendem ao tear e, ao fazê-lo, pronuncia a fórmula de bênção que diz a parteira ao cortar o cordão umbilical do recém-nascido”. Assim, podemos relacionar o processo de tecelagem ao processo da criação literária.

A imagem da tecedeira surge em mitos e histórias das tradições, perpassando um processo de transformação pessoal e coletiva. Na antiga Grécia a imagem da mulher junto ao teor era tão comum que até em sua mitologia ela assim aparece. Por exemplo, na Odisseia, de Homero, Penélope, a esposa de Ulisses, espera pela volta do herói grego após a guerra contra os troianos. E enquanto esperava, ela tecia durante o dia, mas desmanchava durante a noite o que já havia feito, para que a peça nunca ficasse pronta. Se acabasse o serviço, significaria que teria finalmente dado o marido por perdido e escolheria um novo companheiro entre os pretendentes. Sendo retratadas nas telas de pintores famosos, a exemplo do renascentista Pintoricchio e de John William Waterhouse, nascido em 1849. (Pezzolo, 2017, p. 261)

Ainda na mitologia grega, a imagem da tecedeira pode ser encontrada no mito das Moiras, onde às três irmãs determinavam o destino, tanto dos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

deuses, quanto dos seres humanos; no mito de Aracne, a jovem tecelã que competiu com a Deusa Atena e acabou sendo transformada numa aranha continuando a tecer de outra forma; e no mito de Ariadne e Teseu, em que Ariadne oferece ao seu amado o famoso fio que o guiaria de volta ao exterior do labirinto edificado por Dédalos.

Após recorrer aos mitos, percebemos uma cultura, perpassada entre fios como símbolo histórico, representado assim uma época e um lugar específico. Desse modo, podemos dialogar com algumas tecedeiras contemporâneas, tais como: Marina Colasanti com o conto a moça tecelã, em destaque a passagem: "Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade" (Colasanti apud Telini 2021, p.85); Ana Maria Machado com o livro Texturas: sobre leituras e escritos (2001) em destaque a passagem: "[...]o têxtil era também um texto, com sua rica textura, seu avesso e direito, seus temas recorrentes, seus sentidos múltiplos, sua própria organização do caos inicial. [...]" (apud Bastos, 2010, p.17), entre outras obras; e Hilda Hilst com seus diversos poemas, em destaque a passagem: "Fiandeira de versos / Te legarei um tecido / De poemas [...]" (Hilst apud De Morais, 2014, p. 85-86). Enfim, a intertextualidade entrelaça o tecer em palavras, proporcionando novos sentidos ao refletir sobre a condição feminina.

3. O desenrolar da trama

Retornando ao nosso objeto de estudo, será destacado as passagens com o tecer poético em Paula Tavares. Seguido de ordem sequencial conforme os livros contidos na obra "Amargos como Frutos" (Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011, poesias reunidas):

- **Ritos de passagem (1985)**: O tecer poético não foi avistado;
- **O lago da lua (1999)**: O tecer poético aparece primeiramente na passagem do poema sem título: "... Contas tecidas uma a uma, com mil mãos de seda seca perdidas nas noites antigas de acender fogueiras..." (p.76); seguido do poema *Canto de nascimento,* a passagem: "... as velhas desfiam uma lenta memória que acende a noite de palavras..."(p.77); o poema *Terracota*,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

a passagem: "… abre a terra, meu amigo/ essa terra tecida de mil cores d'areia…" (p.80); o poema sem título, a passagem: "… eu vou bordar o tapete/ fazer-te as tranças…"(p.97); o poema *Fala de Ladislau Magyar, o estrangeiro*, a passagem: "… Amanda, deixa que prepare o melhor vinho e os tecidos…"; e no quarto momento, com subtítulo, vozes das meninas do poema *Nossa vida é a chama do lugar que se consome enquanto ilumina a noite*, a passagem:

> [...] meu nome é princípio e eu tenho as mãos do lugar e a ciência dos tecidos como as mais velhas. Para Ozoro, a princesa, eu já teci o cinto de pedras apertadas, o mais belo cinto, de contas vindas do outro lado do tempo da própria casa de Suku. Para o tecer preparei todos os dias as mãos com preciosos cremes da montanha. Apertei cada conta no nó fechado igual ao que fecha a vida em cada recém-nascido. Para Ozoro eu teci o cinto mais apertado das terras altas (Tavares, 2011, p.109)

- D**ize-me coisas amargas como os frutos (2001)**: O tecer poético se inicia no poema O *rio*, com a passagem: "… sou eu que teço a rede onde se deita…" (p.122); seguido do poema *Tecidos* (p.124) que será analisada posteriormente; e o poema Rosto *da muralha,* com a passagem: "… as mãos já não são mãos/ mas um tecido de veias…" (p.126);
- **Ex-votos (2003):** O tecer poético se inicia no poema Ex-voto, com a passagem: "… As palavras de volta tecem cadeias de sombra/ tombando sobre os ombros…"(p.157); seguido do poema sem título, iniciando com "A tecedeira…"(p.159) que será analisada posteriormente; o poema sem título, com a passagem: " Os velhos não comem mais carne/Sentam-se ao sol a desfiar as palavras…"(p.164); e o poema sem título, com a passagem: "… E toda a noite as guardei/enquanto coava o mel/ E tecia o vestido…" (p.168);
- **Manual para amantes desesperados (2007):** O tecer poético se inicia no poema sem título, com a passagem: "… A tecer a teia/ De seda e areia…" (p.188); seguido do poema sem título, com a passagem: "… O velho soldado/ entrançou-me as pernas de histórias e confusão…" (p.207);
- **Como veias finas na terra (2010):** O tecer poético se inicia no poema sem título .iniciando com "Começa a história…"(p.232) que será analisada posteriormente; o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

poema *Fala da amada* com a passagem: "Fecho agora as portas de sombra/ Que me dividiram a vida/ Com a ponta do fio…"(p.237); o poema sem título de epígrafe deste trabalho, com a passagem: "… Estico até à seda/ o fio das palavras…"(p.244); o poema *A casa de meu pai*, a passagem: "… Na pedra ainda estava inscrita/ A dança de roda, os fios finos…"(p.249); o poema sem títul*o*, a passagem: "… Só bordei o tapete/ E treinei os dedos…"(p.252); e o poema *La dame à La Licorne* (p.254-256) que será analisada posteriormente.

Percebe-se, uma tecitura poética de versos metafóricos ao longo das obras acima. Em destaque as mãos como sentido da percepção tátil, simbolizando a própria criação. Entretanto, a diversidade do trabalho em mãos femininas relembra O Ser e o tempo da poesia, onde Alfredo Bosi dedica-o a sua esposa, Ecléa Bosi:

> A mão da mulher tem olheiros nas pontas dos dedos: risca o pano, enfia a agulha, costura, alinhava, pesponta, chuleia, cerze, caseia. Prende o tecido nos aros do bastidor: e tece e urde e borda. (Bosi, 1977, p.55)

Enfim, as mãos que tecem, criam ao mesmo tempo um futuro de esperança para estas mulheres. E não somente, relacionado ao corpo amoroso, mas tecendo e retecendo as memórias da tradição do Sul de Angola, em diálogo com as imagens de algumas culturas contemporâneas.

4. Entrelaçamento do tecido

A obra poética de Paula Tavares trouxe inovação à Poesia de Angola, que até então era dedicado à luta colonial e civil. Ela salta o cercado literário ao trazer uma nova linguagem poética na percepção de afetos. De acordo com Carmem Secco:

> Paula Tavares entende os afetos em íntima conexão com a poesia, a história e a sociedade. Para ela, as ruínas dos tempos de guerra são ressemantizados por meio do trabalho poético da linguagem, cujas imagens, carregadas de forte erotismo, afetam, profundamente, os leitores de seus poemas, levando-os a reflexões sociais, existenciais e estéticas. (SECCO, 2014)

Partindo deste pressuposto, iniciaremos as análises dos poemas. O poema abaixo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

encontra-se em Ex-votos (2003), onde aparece a imagem da tecedeira, "personagem tradicional na sociedade angolana" (Costa, 2014, p.57):

> A tecedeira seguiu
> com as mãos
> o movimento do sol
> A tecedeira criou
> o mundo
> com os dedos leves de amaciar
> as fibras
> (Tavares, 2011, p. 159)

Há aqui um registo histórico do trabalho das mãos da tecelã, acompanhada de afeto, respeito e valorização desta atividade cultural, tradicionalmente feminina. Apresenta uma metáfora do movimento do sol, como uma passagem cíclica temporal. Revela-se uma percepção do tempo que nos afeta em relação à vida, trabalho e destino. Conforme Bakhtin pontua:

> O tempo se revela acima de tudo na natureza: o movimento do sol, das estrelas, o canto dos galos, os objetos sensoriais, visíveis das estações do ano; tudo isso, em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho), constitui o tempo cíclico em um grau variado de intensidade. O crescimento das árvores, do gado, a idade das pessoas são sinais visíveis de períodos mais longos". (Bakhtin apud Rabello, 2021, p. 377)

O trabalho cotidiano de tecer traz uma objetivação enquanto linguagem poética e a reflexão depurada daquela mesma realidade cotidiana se delineiam no gesto de acompanhar o movimento do sol. Percebe-se, então, que não se separa o costumeiro da vida e sua dimensão material, simbólica e social. (Rabello 2021, p. 379) A poética de Paula Tavares carrega um elevado número de signos das sociedades pastoris. Para tanto, compreende-se que "entre os humbes e os nhaneca, Deus e sol

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

são, por vezes, referidos como sinônimos" (Esterman apud Rabello 2021, p. 377). Assim, a tecedeira apresenta-se como uma espécie de divindade criadora ao imitar o movimento do sol com as mãos.

Analogamente, Penélope, a esposa de Ulisses, reaparece nesta trama, como aquela que tecia e destecia, tentando assim diariamente escolher o seu destino. Dessa forma estas mulheres tecem com os dedos leves a amaciar esta fusão necessária, entre a tradição (fibras) e o novo período que se constrói a partir desta tessitura. Entretanto, o movimento do sol pode ainda ser compreendido no sentido de renascimento, como uma história de esperança a esta sociedade. O poema a seguir encontra-se em Dize-me coisas amargas como os frutos (2001):

Tecidos

Meu corpo
é um tear vertical
onde deixaste cruzadas
as cores da tua vida: duas faixas um losango
marcas da peste.
Meu corpo
é uma floresta fechada
onde escolheste o caminho
Depois de te perderes
guardaste a chave e o provérbio.
(Tavares, 2011, p. 124)

O tecer poético de Paula Tavares neste poema se constrói a partir da subjetividade do eu-lírico envoltos nos elementos: corpo e tear. "Pelo tear,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

chega-se ao tecido, um conjunto de linhas enroscadas que aprontam e fazem surgir o pano. Pelo corpo, chega-se à vivência própria, permeada pelas demandas pessoais de cada sujeito." (De Araújo Lima et al.,2019, p.25)

O erotismo atravessa o poema, trazendo plurissignificações através de seus versos metafóricos engendrados na linguagem da poesia pelo poeta. Octavio Paz descreve a relação entre erotismo e poesia:

> A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição complementar. A linguagem - som que emite sentido, traço material que denota idéias corpóreas - é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, erotismo não é mera sexualidade animal- é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e ri e a linguagem em ritmo e metáfora. A imagem poética é abraço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo. (Paz, 1994, p.12)

A imagem que nos afeta na poesia de Paula Tavares, através do corpo, encontra-se no sentido da busca pela liberdade feminina. Pois este corpo do eu-lírico não é livre para tecer a si mesma, pois está entrelaçada ao outro: "[…] onde deixaste cruzadas/ as cores da tua vida." […] "onde escolheste o caminho/ Depois de te perderes" […] (Tavares,2011, p.124) Há uma incessante busca por si mesma, em sentido existencial ao ter autenticidade, e tornar-se dona de seu corpo, assim como sujeito protagonista de sua história. "Quando Paula Tavares se refere ao corpo feminino, ela está, de todas as maneiras possíveis, transgredindo a ordem que a submete ao olhar do homem, aquele que seria o único responsável por tal abordagem e que regularia as imagens, trazidas a público desse corpo." (De Araújo Lima et al.,2019, p.26)

Além disso, o poema pode se referenciar a um fio de memória, enlaçado ao período colonial, quando da invasão dos portugueses, "[…] onde deixaste cruzadas/ as cores da tua vida. (Tavares, 2011, p.124), O outro como estrangeiro que entrelaça sua

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

cultura com a de Angola, deixando" marcas da peste" ou marcas de dor deste período tão cruel. […] "Meu corpo /é uma floresta fechada" (Tavares,2011, p.124) esta floresta representando o território desconhecido. "Depois de te perderes" […] ao invadir o território angolano. […] guardaste a chave e o provérbio. (Tavares,2011, p.124), representando assim a tradição oral entrelaçada a modernidade. Enfim, o último poema a ser analisado será La dame à la Licorne que se encontra em Como veias finas na terra (2010):

La dame à la Licorne

Reaprender o mundo
Em prisma novo:
Pequena bátega de sol a resolver-se
Em cisne,
Sereia harmonizando o universo
Ana Luísa Amaral, *A génese do amor*

Podia ter-me guiado os passos para o café
Assim me haviam dito
de ser poeta em Paris
ter um bloco de notas
de capa preta
um lápis e as palavras soltas
boina vermelha
as botas pretas um frio atento
a noite e as suas sombras
e estar ali ao abandono
do dia contra a noite
alinhar as palavras esquecidas
uma a uma as mais bonitas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Podíamos ter trocado os silêncios
ou as histórias do Sul e do Norte
à vez entre sorrisos
e o ruído da rua
mas assim é Paris
Apanha-nos pelas veias
E foi preciso reaprender o gosto
o cheiro o toque os olhos
os sentidos todos
os fios de seda e lã
diante da senhora e do unicórnio azul
mon seul désir.
(Tavares, 2011, p. 254)

A imagem da tecedeira salta o cercado dos arredores agropastoris, entrelaçando-o primeiramente a epígrafe da poetisa portuguesa contemporânea Ana Luísa Amaral. Desenvolve assim "em prisma novo", este poema que irá nos afetar no sentido estético. Visto que, Paula Tavares trabalha a sinestesia poética, assemelhando-se a iconografia das tapeçarias que representa uma alegoria dos cinco sentidos e do desejo, segundo Delahayle (apud Couto, 2019, p.34)

As tapeçarias "La dame à la licorne" formadas por "seis peças mille-fleurs, estilo caracterizado por um fundo pleno de flores, muito em voga em França e nos Países Baixos nos finais do século XV e inícios do século XVI." (Couto, 2019, p.33) pertencem ao Museu de Cluny. Atravessam o poema com seus fios, lã, tapeçarias e sentidos. Este entretecer de versos realçam a imagem da tecedeira que reaparece "em toda a sua simbologia e beleza a dialogar com a tapeçaria, com a representação feminina e com a própria escrita" (Macedo, 2011, p.4)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nos versos: "[...] Assim me haviam dito / de ser poeta em Paris" (Tavares2011, p. 254), o campo metapoético é representado nesta cidade, onde ela tece seus versos sinestésicos "[...] E foi preciso reaprender o gosto / o cheiro o toque os olhos / os sentidos todos / os fios de seda e lã" (Tavares, 2011, p. 254). Este reaprender o mundo em malhas novas, é o momento de conhecer o outro, e se misturar nas tramas da tapeçaria da senhora e do unicórnio azul. "[...] Podíamos ter trocado os silêncios / ou as histórias do Sul e do Norte (Tavares, 2011, p. 254).

Decerto esta troca entre dois mundos são como lampejos nas mãos da nossa tecedeira Paula Tavares. Conforme, Didi-Huberman aponta: "Não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos. O primeiro está inundado de luz, o segundo atravessado por lampejos" (2011, p. 155). Por fim, a poeta finaliza com mon seul désir, (meu único desejo) envoltos no tecer da palavra com força de significados plurais no feminino.

5. Arrematando os pontos (Considerações finais)

Nossa poetisa, também cronista em sua obra Um rio preso nas mãos traz a contadora de histórias "AnaAnaPalavra", personagem em fictício criada pela autora no intuito de trazer estas mulheres contadoras de histórias, mas que, em simultâneo, trabalham com as mãos, ao entrelaçar fios para cestos, ao mexer no barro para fazer vasilhas e ao cozinhar para família. Sabendo que os griots, os guardiões das palavras são personagens no masculino. A poeta, também pesquisadora, encontra uma palavra próxima para designar esta função, Ana de origem Kimbundu significa filha. Ou seja, filha da palavra, dessa forma a poeta consegue aproximar o nome a personagem detentora da memória do grupo, que cumpre seus atributos cotidianos, ainda consegue cumprir a função de contadora de histórias ao deixar lições ao corpo feminino. E no prefácio do livro, Carmen Secco descreve:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Ana Paula repensa o desempenho das mulheres em algumas tradições angolanas, acaba por refletir, também, meta poeticamente, sobre a função da palavra e da arte. Num corpóreo silêncio, sua escrita urde, crítica e poeticamente, sua trama com consciência e mel; estilhaça medos; "fala" pelo outro que toca a vida, muitas vezes, sem ter a real percepção dela. Medos, os mais variados, se repetem no mundo contemporâneo, em obras de poetas e romancistas. Por isso, é mister, cada vez mais, trabalhar a palavra, envolvê-la em tecidos finos, misturá-la a sons rústicos e estrepitosos, a vozes profundas que mergulhem no mistério das almas, como se estives sem sobre aveludadas divas de psicanalistas, magos ou visionários. (Secco, 2019, p.9)

Depreende-se que Ana Paula Tavares atribui a imagem da tecedeira à linguagem poética, envolvendo o tecido do tempo e memória de uma sociedade. Ora, a imagem desta personagem cotidiana traz uma dimensão estética e simbólica envoltos na subjetividade feminina. A poeta que inicia com o fio da memória na imagem da tecedeira, perpassa pelo cotidiano agropastoril realçando o corpo feminino em *tecidos*, e termina em reaprender o mundo em prisma novo com La *dame à la Licorne*. Ao finalizar cita: "*mon seul désir"* (meu único desejo). A poeta tenta nos deixar uma lição em forma de desejo, tal qual seja que o corpo feminino poderá tecer e retecer sua própria história através de suas mãos. Pois assim a poeta tece e retece "com as linhas firmes das mãos" (Tavares, p. 232) o tecido da poesia.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland; BARAHONA, Maria Margarida; COELHO, Eduardo Prado. **O prazer do texto**. Ed. 70, 1983.

BASTOS, Luciete de Cassia Souza Lima. **Os fios da memória nos teares da imaginação de Ana Maria Machado: o narrador em Do outro mundo.** 2010. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983.

DA COSTA, Fernanda Antunes Gomes**. Paula Tavares e a poética dos sentidos**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DE ARAÚJO LIMA, Tânia Maria; DE CARVALHO GOMES, Canniggia. **O corpo é possível: uma leitura do erotismo na poesia de Paula Tavares**. **Revista Mulemba**, v. 11, n. 21, p. 22-34.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DE MORAIS, Aline Pires. **Tecendo o imaginário poético: Hilda Hilst e a produção poética** 1. Revista Athena, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: < https://periodicos2.unemat.br/index.php/athena/article/view/217> Acesso em: 02 set. 2022.

COUTO, Anabela Galhardo et al. **Visitações de A Dama e o Unicórnio de Maria Teresa Horta**. UNIDCOM – Unidade de Investigação em Design e Comunicação, IADE, Universidade Europeia CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa UNIDCOM/CLEPUL, Lisboa, Abril de 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 119, 2011.

MACÊDO, Tânia Celestino de. **A delicadeza: a força da poesia**. In: Mulemba. Revista do Setor de Literaturas Africanas — UFRJ. Ano 3. Número 4. Rio de Janeiro, 2011.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ed. Siciliano,1994.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos.** São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2017.

RABELLO, Rosana Baú. **Cotidiano e história na perspectiva das mulheres retratadas pela poesia de Ana Paula Tavares.** Via Atlântica, n. 39, p. 359-390, 2021.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Afeto & poesia. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique**. Rio de Janeiro: Editora Raquel, 2014.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. Indeléveis ruminações da memória. **A magia das letras africanas: Angola e Moçambique. Ensaios, SãoPaulo, Kapulana**, 2021.

TAVARES, Paula. **Amargos como os frutos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

TAVARES, Ana Paula. **Um rio preso nas mãos: crônicas**. Kapulana, 2020.

TELINI, Érika Alves de Moraes. **A tessitura de Colasanti: viés feminino, fios simbólicos e teias intertextuais**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários), Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LETRAMENTO LITERÁRIO MEDIADO PELO GÊNERO TEATRO

Elisa Augusta Lopes Costa[286]

RESUMO: O texto literário tem a potencialidade de mesclar o universo do imaginário a uma determinada representação da realidade, abrindo um leque de possibilidades de interpretação e atribuição de sentidos. Tal amplitude, entretanto, não ocorre no vazio: todo texto traz pistas para as interpretações possíveis, sendo que a compreensão destas pistas ocorre por meio do letramento literário, o qual abarca uma dimensão diferenciada do uso social da escrita e uma forma de assegurar seu efetivo domínio (Cosson, 2014). Desse modo, o presente artigo apresenta uma proposta de trabalho com o gênero Teatro como forma de otimizar o ensino de literatura e língua portuguesa na perspectiva do letramento literário e dos gêneros discursivos/textuais. Partindo do conceito de metodologias ativas (Moran, 2018), propõe-se a execução de um projeto voltado para a montagem de uma peça teatral criada pelos estudantes, levando em conta os princípios teóricos do teatro educativo (Boal, 2009; Spolin, 2010; Koudela; Santana, 2005). O aparato teórico, alicerçado no sociointeracionismo de Bakhtin (1997), agrega a contribuição de Candido (2002) quanto às concepções de leitura e importância da literatura na formação do indivíduo, bem como os postulados de Schneuwly e Dolz (2004) e Marcuschi (2010) no que tange aos gêneros textuais. A metodologia abrange o estudos das especificidades do texto dramático, as diferenças entre este e o texto narrativo, análise linguística e intertextualidade, aliados aos fatores inerentes à montagem de uma peça teatral, que incluem as características da linguagem corporal, desenvolvimento de personagens, figurinos e cenários. Pretende-se, com isso, estimular os estudantes do Ensino Médio a se aproximarem do universo ficcional, desenvolvendo suas habilidades relacionadas à fruição e compreensão da literatura.

Palavras-chave: Letramento literário. Literatura. Gêneros textuais. Teatro.

INTRODUÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra.

Carlos Drummond de Andrade

[286] Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O trecho em epígrafe, extraído do poema *Procura da poesia* (Andrade, 2000), retrata a dificuldade vivenciada pelo poeta para trazer à luz os poemas, os quais aguardam, no reino das palavras, "sós e mudos, em estado de dicionário". As palavras indagam a quem delas quer fazer uso: "trouxeste a chave?" Tal chave é requerida não só de quem escreve, mas também de quem lê, pois, para decifrar o enigma das palavras com suas faces ocultas, é necessário seguir as pistas interpretativas apresentadas pelo texto, seja ele literário ou não. O desenvolvimento da habilidade de compreensão e interpretação textual é fruto do processo de letramento, que permite avançar para além da mera decodificação de signos linguísticos, compreendendo os sentidos por eles veiculados e a possibilidade de alteração a depender da situação e contexto de produção.

Considerando que o texto literário é uma forma diferenciada de trabalho com a linguagem, devido à potencialidade de mesclar o universo do imaginário a uma determinada representação da realidade, verifica-se que é necessário abordá-lo de modo também diferenciado, o que requer um tipo específico de letramento, que extrapole o ensino tradicional voltado para a historiografia e periodização literária. Nessa perspectiva, o presente artigo apresenta uma possibilidade de trabalho com o gênero Teatro pela ótica do letramento literário e dos gêneros discursivos. Tendo como público-alvo alunos do Ensino Médio e por objetivo otimizar o ensino de língua portuguesa e literatura, promovendo a formação do aluno como leitor proficiente, propõe-se a execução de um projeto voltado para a montagem de uma peça teatral criada pelos estudantes. Considerando a relevância da fundamentação teórica, o artigo principia abordando a conceituação sobre letramento literário, gêneros textuais e utilização do gênero teatro na educação. Em seguida, demonstra-se a necessidade da leitura para formação de um bom ator e também para formação de leitor crítico e consciente. Por fim, delineiam-se os passos necessários para a criação e montagem da peça teatral, por meio de um projeto que deve ser realizado em etapas consecutivas, quais sejam: motivação, aproximação, delimitação, pesquisa, produção, preparação, montagem, apresentação e avaliação.

1 Teatro: fonte para o letramento literário

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nas sociedades letradas, a aquisição e ampliação do capital cultural depende, em muito, de atividades relacionadas à leitura dos mais variados tipos de texto. Conforme já mencionado anteriormente, cada texto exige uma chave para sua interpretação. Essa chave pode ser definida como uma competência gramatical que permitiria ao leitor atualizar os sentidos do texto, o qual, segundo Umberto Eco (1993, p. 73-76), requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte de quem o lê. O autor define o texto como um mecanismo preguiçoso, entremeado de espaços vazios a serem preenchidos e que reclama a participação do leitor para completar as lacunas com sua iniciativa interpretativa. Entretanto, Eco destaca a existência de alguns limites para a interpretação, cuja noção sempre envolve uma dialética entre a estratégia do autor e a resposta do Leitor-Modelo (1993, p. 86).

Os limites para a interpretação textual podem ser definidos a partir da identificação de alguns aspectos emanados do próprio texto, tais como o gênero ao qual ele pertence e sua estrutura composicional. Aliados a estes elementos, há outros que se relacionam à esfera de circulação, data e veículo de publicação, alicerçados nas teorias de Vygotsky (1991) e Bakhtin (1997). Estes autores sustentam que os eventos comunicativos são práticas sociais interativas que se concretizam por meio de textos – orais ou escritos – os quais assumem formas variadas para atender às exigências das situações de comunicação. Bakhtin utiliza a denominação *gêneros do discurso* para tratar das variações na forma dos textos. Para o autor, os gêneros possuem uma estrutura relativamente estável, composta por conteúdo, estilo e forma: “estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (1997, p. 279). O pesquisador afirma que os gêneros se modificam conforme exigência das esferas de atividade humana, que também se alteram ao longo do tempo, requerendo novas formas de comunicação e abolindo outras que se tornam desnecessárias ou ineficazes. Corroborando este postulado, Marcuschi (2010) considera que os gêneros textuais são altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, caracterizando-se mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Schneuwly e Dolz

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

(2004) definem o gênero discursivo como um instrumento necessário para a realização de uma prática comunicativa. Desse modo, cada ação discursiva requer a escolha de um gênero dentro de um conjunto de gêneros possíveis como instrumento adequado para a concretização da comunicação em determinado contexto. Os autores enfatizam que o gênero define o que pode ser dito, ao mesmo tempo que aquilo que precisa ser dito define a escolha do gênero.

Entre a vasta quantidade de gêneros existentes, situam-se os gêneros literários, que se caracterizam como forma peculiar de apropriação da linguagem. Ao voltar-se para a dimensão poética da existência humana e uma determinada maneira de representar da realidade, a literatura permite a reflexão sobre todos os aspectos da vida, devendo ser considerada um bem indispensável e um direito do ser humano (Candido 2004). Para esse autor, a humanidade tem uma profunda necessidade de fantasia e ficção, não havendo pessoa que possa passar um dia sequer sem um contato mínimo com o universo fabulado, em qualquer forma que este se apresente. Segundo Candido, encontram-se na ficção tanto os valores preconizados quanto os condenados pela sociedade, favorecendo a possibilidade de abordagem dialética dos problemas. Desse modo, a literatura é fator indispensável de humanização, e sua importância é equivalente às formas de educação intencional, tornando-se um instrumento de instrução e educação ao mesmo tempo intelectual e afetivo. O autor define humanização como

> o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2004, p. 180).

Candido assevera, ainda, que a literatura não é inofensiva, pois tem um papel formador da personalidade, ao organizar emoções e visão de mundo, além de veicular as ideologias e crenças do autor. Nessa perspectiva, verifica-se que o texto literário demanda um tratamento que vai além do ensino tradicional das características de períodos literários.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Esta especificidade é atendida por meio do Letramento Literário, que objetiva fornecer ao estudante ferramentas para exercer seu direito à fruição da literatura, mediante o contato efetivo com o texto para a construção de sentidos, análise e reflexão sobre os mais diversos temas, o que deve resultar no desenvolvimento de uma consciência crítica, autônoma e humanizada (Cosson, 2014). O letramento literário é uma responsabilidade da escola, que deve primar por efetivar a escolarização da literatura "sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (Cosson, 2014, p. 17).

Nestes termos, importa descobrir como manter a função maior da literatura, que é tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas (Cosson, 2014, p. 17). Dentre as alternativas, destaca-se o gênero teatro como recurso pedagógico, dadas as suas especificidades. Trata-se de uma arte multimodal, que abrange aspectos verbais e visuais, concretizada pela síntese de três elementos básicos: o ator, o texto e o público. Essa tríade fundamental é complementada por figurinos, cenários, iluminação e efeitos sonoros, além do espaço físico, que pode ser um palco, arena ou um simples estrado (Magaldi, 1994, p. 8). Para Augusto Boal (2009), vivenciar o espetáculo teatral é uma experiência estética que pode enriquecer a sensibilidade e a inteligência do ser humano, desenvolvendo suas capacidades perceptivas e criativas que aumentam o poder de metaforizar a realidade. Essas características justificam o uso do teatro na educação, pela sua contribuição ímpar na construção de valores estéticos, no estímulo à imaginação criadora e no estabelecimento de uma relação de cooperação nos trabalhos em grupo (Koudela e Santana, 2005).

A utilização do teatro como mediador do letramento literário poderia começar pela apreciação de uma peça teatral, seguida da leitura do roteiro e discussão sobre o texto. Os alunos poderiam ser levados a escrever suas impressões a respeito da peça, comparando a experiência de ver à experiência de ler. Entretanto, em consonância à afirmação de Boal "não basta aprender a ler e escrever: é preciso sentir, ver e ouvir, produzir imagens, palavras e sons" (2009, p. 93), conclui-se que além de "consumir" arte, é importante também produzir, particularmente no que tange à aprendizagem sobre o gênero teatro. Em aliança a este posicionamento, encontra-se a orientação da Base Nacional Comum Curricular –

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BNCC (Brasil, 2018), que amplia a visão de leitura para um processo que atinge diversas semioses para além do texto escrito. Assim, as mais diversas configurações de imagens, sons e movimentos devem ser tomadas como objeto de estudo e reflexão. Nessa perspectiva, a proposta de produção de uma peça teatral poderá ser bastante profícua, uma vez que demanda um trabalho inicial de pesquisa, o qual envolve a leitura com diferentes propósitos, conforme se verá na próxima seção.

2 Leitura em cena: da formação do ator à formação do leitor

Conforme dito anteriormente, o texto é um dos três elementos fundamentais para a realização de um espetáculo teatral, configurando-se como o ponto de partida para sua consecução. Jean Pierre Ryngaert (1995), em seu livro *Introdução à análise do teatro* aborda questões ligadas à especificidade do texto teatral, demonstrando que as relações entre fala e ação, tempo e espaço, bem como as bases para a construção do personagem devem emergir da leitura do texto e das pistas que ele apresenta para as possíveis interpretações. Mencionando a afirmação de Umberto Eco (1993) de que o texto é um mecanismo preguiçoso que reclama o auxílio do leitor para seu funcionamento, Ryngaert (1995) afirma que o texto teatral é uma máquina ainda mais preguiçosa, apresentando uma quantidade maior de brechas a serem preenchidas, pelo fato de pressupor um conjunto de signos não verbais que se presentificam no momento de realização do espetáculo. Segundo Ryngaert, por ser "preguiçoso e esburacado" o texto teatral demanda um trabalho maior do leitor:

> Compete a ele descobrir a maneira de alimentar a máquina e inventar sua relação com o texto. Compete a ele imaginar em que sentido os "espaços vazios" do texto pedem para ser ocupados, nem demais nem de menos, para ter acesso ao ato de leitura, e mesmo para sonhar com uma virtual encenação (1995, p 3).

O preenchimento destes vazios, segundo Ryngaert, é alcançado mediante uma série de leituras preparatórias, denominadas de "trabalho à mesa" o qual faz parte do processo de ensaios, que não se limita a repetir mecanicamente o texto, mas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

procurar nuances diversas para experimentação do texto a ser interpretado.

A primeira dessas leituras, referida como "leitura em sobrevoo" (Ryngaert, 1995, p. 35) conduz à identificação do título e gênero da peça, nomeação e articulação das partes, a representação tipográfica, indicações cênicas, nomes de personagens e os respectivos discursos. As próximas leituras visam à compreensão do modo como as diferentes partes se articulam, identificando as marcas espaço-temporais, a distribuição dos discursos, a relação entre enredo e intriga. Estes detalhes afloram à medida que se procede a uma comparação entre as observações feitas a partir de leituras seguidas.

Stella Adler (1992), que também entende a leitura como parte dos ensaios, ou da preparação do ator para a representação, distingue três estágios nesse processo de aproximação com o texto a ser representado. O primeiro deles é denominado *Ingressando no Significado*, quando a leitura deve ser feita sem preocupação com a memorização, apenas objetivando penetrar no significado do texto e identificar o que o autor quer dizer sobre o ser humano e o mundo. O ator precisa estar aberto às impressões oriundas das palavras lidas, procurando reconhecer o clima da peça, seu gênero e estilo. Ainda que, no começo, o texto pareça um conjunto de dados estranhos, à medida que o estudo prossegue, o significado se torna mais claro, sendo possível delinear as características dos personagens e identificar o enredo.

No segundo estágio, *Compreendendo o Assunto*, convém prosseguir no estudo ainda sem memorizar, porque, segundo Adler, a memorização bloqueia o real entendimento. É importante, também, recorrer ao dicionário para dissipar eventuais dúvidas e se familiarizar mais e mais com o texto. Crescendo na compreensão do estilo, ideias e intenção do dramaturgo, o ator irá se apropriar gradualmente das palavras e do conteúdo do texto. No terceiro estágio, *Compreendendo a Peça*, o ator deve aproximar-se do texto sem preconceitos ou opiniões preconcebidas, lendo-o várias vezes com atenção a fim de descobrir a motivação para a escrita da peça, e como a interpretação pode dar vida ao que foi traçado pelo autor. Para Stella Adler, o professor tem um papel fundamental no condução do aluno no tocante ao entendimento do texto e dos personagens, bem como da linguagem, estilo e ritmo da peça. Este direcionamento é voltado para os alunos dos cursos de teatro, mas também é aplicável aos alunos de Ensino Médio,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

que precisam de orientação para melhor proveito de suas leituras.

Pelo que se pode depreender destes postulados, o processo de preparação pela leitura envolve dois momentos – um individual e outro em grupo. Todos os passos de leitura direcionados pelos teóricos para a preparação do ator podem ser realizados para a formação do leitor. Na busca de um tema ou texto para a criação da peça que será o produto final do projeto em tela, os alunos necessitarão passar por várias leituras, sendo muito proveitoso seguir as orientações acima.

3 Do texto ao palco: a concretização do projeto

A ideia de abordar o letramento literário com o gênero teatro por meio de um projeto de aprendizagem está alicerçada no conceito de Metodologias Ativas, definidas por Moran (2018) como estratégias que valorizam a participação efetiva do discente na construção da sua aprendizagem. Para este pesquisador, a aprendizagem será mais efetiva quando ocorrer por meio da participação do educando em atividades concretas, que levem à experimentação e questionamento. Moran destaca, ainda, a necessidade de atividades reflexivas que tornem explícitos os processos de aprendizagem e as competências adquiridas.

> Ensinar e aprender tornam-se fascinantes quando se convertem em processos de pesquisa constantes, de questionamento, de criação, de experimentação, de reflexão e de compartilhamento crescentes, em áreas de conhecimento mais amplas e em níveis cada vez mais profundos. (MORAN, 2018, p. 39).

Segundo o pesquisador, a aprendizagem baseada em projetos é uma metodologia ativa que promove motivação e sentido para as tarefas de aprendizagem por envolver os alunos em desafios e voltar-se para a geração de um produto. A execução do projeto envolve o trabalho coletivo e colaborativo levado a efeito por meio de várias etapas que requerem pesquisas, debates, defesas de ponto de vista e elaborações conjuntas. Com base nessas premissas, o projeto em tela foi delineado em torno de nove etapas: Motivação, Aproximação, Delimitação, Pesquisa, Produção, Preparação,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Montagem, Apresentação e Avaliação. Cada uma dessas etapas deve ter sua duração calculada na proporção do tempo total reservado para a realização do projeto, sendo, entretanto, conveniente reservar uma margem para eventuais alterações.

3.1 Motivação

A proposta de criação e montagem de uma peça teatral é algo bastante desafiador, que pode, a princípio, intimidar os estudantes. Por esta razão, começar por uma atividade de motivação é condição fundamental para envolvê-los emocionalmente, a fim de que eles queiram fazer parte do projeto e sintam que podem realizá-lo a contento caso se empenhem para isso (Moran 2018). Tratando especificamente do letramento literário, Rildo Cosson (2014) concede especial ênfase ao aspecto da motivação, afiançando tratar-se de uma estratégia de antecipação que promove a adesão dos estudantes ao movimento de aprendizagem. Para o pesquisador, esse movimento preparatório determina o sucesso do contato inicial do estudante com o texto literário.

No caso de projeto em tela, um bom ponto de partida motivacional seria a apreciação de um espetáculo in loco, o que pode não ser alternativa viável em muitas cidades brasileiras que não possuem um teatro. Por essa razão, sugere-se a exibição, em sala de aula, de um vídeo retratando uma peça teatral ou espetáculo baseado em improviso. Os vídeos de improvisação teatral, facilmente encontrados na internet, têm como aspecto dominante o tom humorístico que pode cativar os estudantes. São baseados em jogos teatrais como os defendidos por Spolin (2010) e servem como introdução à reflexão sobre o tema do teatro. É o momento de levantar um diagnóstico sobre o que os alunos sabem, com perguntas que abordem o conceito de teatro e as experiências que porventura tenham tido, além de questionar sobre a relação texto-apresentação.

Em seguida, propõe-se aos alunos a participação em alguns jogos teatrais como forma de aquecimento para a futura participação na peça que será criada. Este momento deve ser o mais livre possível, sem obrigatoriedade de participação. Além disso, é importante escolher entre os jogos mais simples, para estimular os alunos a participarem e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sentirem que podem desenvolver uma boa performance teatral. Após a preparação inicial, apresenta-se a proposta de criação de uma peça teatral, passando, a seguir, para a segunda etapa do projeto.

3.2 Aproximação com o objeto de estudo

Ao abordar aspectos teóricos para a produção escrita de gêneros discursivos, Lopes-Rossi (2012) destaca a importância de uma etapa preliminar de leituras para aproximação com as características do gênero em questão. Correspondendo à leitura de sobrevoo de Ryngaert (1996) ou ao primeiro estágio de leituras de Adler (1992), requer o contato com vários exemplares do gênero para o reconhecimento de semelhanças e particularidades, identificação dos temas tratados e formas de linguagem. É um momento fundamental para o contato com as características estruturais do texto dramático. Torna-se necessário fornecer aos estudantes material de autores e estilos variados (tragédia, comédia, situações do cotidiano, mistério etc.).

Após um período de leituras livres, que podem ser feitas individualmente ou em duplas, passa-se à sistematização do estudo sobre as semelhanças e diferenças entre gênero narrativo e teatral, no intuito de ressaltar a especificidade do último, que inclui a preeminência do discurso direto (diálogos), ausência de narrador, indicações cênicas (didascálias ou rubricas), descrição do cenário, divisão da peça em atos e cenas etc. Outro fator a ser destacado refere-se ao aspecto temporal: enquanto os gêneros narrativos contam uma história ocorrida no passado, o texto teatral apresenta a história como acontecendo no momento da leitura. Este efeito é produzido mediante a utilização predominante dos verbos no tempo pretérito, no texto narrativo, e no tempo presente, no texto teatral. A observação destes detalhes permite trabalhar a distinção entre as estruturas dos gêneros de maneira agradável e significativa.

Na sequência desta etapa, escolhe-se um dos textos lidos para uma leitura dramatizada antecipatória, cujo objetivo é inserir os alunos no contexto de preparação para a atuação. Segundo Ryngaert, estas leituras em voz alta não

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

devem ser feitas em busca de um jeito correto de dizer, pois não se trata de sentido ou tom correto. Trata-se de perceber a materialidade do texto em uma série de "tentativas de dizer" que podem levar a experimentar particularidades do texto. Para o pesquisador, estes exercícios devem causar prazer de estar em contato com o texto por meio de formas variadas, experimentando

> ... todas as oposições de ritmo, de articulação, de nível sonoro: lê-se muito depressa ou muito devagar, berra-se, sussurra-se ou salmodia-se, procura-se terminar o mais rápido possível ou, pelo contrário, saborear todas as harmonias e asperezas; tentam-se acentos e acentuações; lê-se sozinho ou com várias pessoas, passando o texto de uma para outra; variam-se os leitores e os enunciadores, com o mínimo de *a priori possível* (Ryngaert, 1995, p. 50).

Ryngaert acrescenta que tais leituras são como caminhos para criar familiaridade com a escrita, os quais devem levar à imaginação, ao sonho, à visualização do que o texto descreve. Entre as possibilidades de leitura dramatizada podemos citar: ler o mesmo diálogo rindo, chorando, cantando, apressadamente ou muito devagar, ou, ainda, com sotaque diferente. Os alunos podem revezar-se na leitura, cada um escolhendo um tipo específico. Este momento pode ser muito divertido, trazendo leveza à atividade, mas também servirá para que os estudantes percebam a necessidade de adequar a entonação e a pronúncia de acordo com a situação, o conteúdo e as características do personagem.

3.3 Delimitação do trabalho

A delimitação refere-se à escolha de temas, objetivos e público-alvo. Nesse momento é aconselhável a divisão da turma em grupos, para que comecem a pensar no tipo de peça que será construído e em que bases. Os alunos poderão criar um texto totalmente novo, transformar um texto narrativo em texto teatral, criar uma peça misturando histórias conhecidas, utilizar uma história conhecida com final diferente, ou sugerir outras possibilidades. Será necessário orientar os grupos quanto à sequência de etapas e os prazos para a respectiva execução. Cada grupo deve eleger um relator que mantenha os registros das etapas cumpridas e por realizar, documentando o processo com fotos e anotações, o que possibilitará a avaliação individual e coletiva, bem como a verificação de possíveis

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

fragilidades que indiquem necessidades de mudança.

3.4 Pesquisa

Esta etapa se inicia por um segundo período de leituras, agora direcionadas para a definição da linha de trabalho adotada pelo grupo. A pesquisa começa com os materiais apresentados pelo professor, mas estende-se para o levantamento de livros que os alunos tenham em casa, visita à biblioteca da escola, do bairro ou buscas pela internet. Quanto mais opções de leitura, melhor. No decorrer do processo, pode haver alteração dos rumos definidos na etapa de delimitação. Para tanto, os alunos precisarão pesquisar e discutir, treinando o aspecto de defender seus pontos de vista e acatar as argumentações dos colegas, até chegar ao consenso.

3.5 Construção do texto

Etapa da definição do enredo, construção da sinopse, descrição dos personagens, elaboração do roteiro, discussões sobre a cenografia (cenários, figurinos, iluminação, efeitos sonoros). A sinopse tem o papel de sintetizar as informações principais da peça, servindo como um guia para a construção do roteiro. Deve conter, de forma breve, a indicação dos personagens, o conflito, o local e época em que ocorre a trama. O segundo passo é a construção dos personagens, sendo interessante utilizar uma ficha para cada personagem, na qual incluem-se dados como: nome, idade, relação com outros personagens, características físicas e psicológicas, detalhes de comportamento, modo de andar, etc. Segue-se a construção do roteiro, que deve ser feita observando-se a estrutura composicional do texto teatral, conforme já mencionado anteriormente. Para realizar bem esta construção, torna-se recomendável a leitura do capítulo reservado ao texto por Magaldi no livro *Iniciação ao teatro* (1984), no qual são abordados os aspectos fundamentais para a elaboração de uma peça teatral:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Apresentação, desenvolvimento e solução de um conflito – eis o esquema habitual da chamada peça bem feita, alimento rotineiro dos espetáculos. Esse processo construtivo sugere a idéia de unidades de ação, tempo e lugar. As personagens, dado o tempo mínimo em que se desnudam para o público, surgem no palco já à beira da crise aguda que lhes definirá o destino (Magaldi, 1994, p. 17).

Segundo Magaldi, não se deve pensar que enredo, ação e intriga são sinônimos. Para ele, o enredo é o esqueleto da ação, enquanto esta é o esquema dinâmico que dá vida às personagens: "a ação faz as personagens existirem como pessoas" (1994, p. 17). A etapa de construção do roteiro deve constar de um processo de revisão e reelaboração textual, que inclui a verificação do atendimento à estrutura do gênero em apreço, bem como análise linguística, que inclui aspectos gramaticais e adequação temática, entre outros aspectos. Finalizada a elaboração e revisão do roteiro, é necessário pensar sobre as alternativas de construção de figurinos, cenários e elementos de som e iluminação.

3.6 Preparação dos atores

A preparação dos atores remete às leituras individuais mencionadas por Ryngaert (1995) e Adler (1992), citadas anteriormente. No primeiro momento, o aluno-ator deve se familiarizar o máximo possível com o texto na sua totalidade, para conhecer bem o enredo e os personagens. A seguir, concentra-se no seu personagem, dedicando-se à leitura de suas falas e procurando absorver detalhes que ajudem em sua interpretação.

O segundo momento será direcionado às leituras dramatizadas em conjunto, primeiramente como exercício, de maneiras variadas (Ryngaert, 1995), com a possibilidade de troca de impressões entre os participantes. A seguir, passa-se para as leituras "sérias", utilizando as entonações definidas pelo grupo como sendo as ideais para a representação no palco.

3.7 Montagem da peça

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A montagem da peça tem início depois das leituras preparatórias (à mesa). Nessa etapa, passa-se para as leituras no palco, começando a verificar as posições de cada personagem, articulando falas com movimentação em cena. A segunda fase desta etapa envolve os ensaios sem texto, observando-se marcações de cena, entrada e saída de personagens, tempo necessário para troca de cenários ou figurinos (caso esteja previsto no roteiro). Confeccionam-se os cenários e figurinos, selecionam-se materiais para composição das cenas – móveis, adereços, etc. Finaliza-se essa etapa com ensaio geral.

3.8 Apresentação do espetáculo

Finalmente, chega o grande momento de concretização do projeto, que será a apresentação da peça para o público definido previamente. É importante definir se a apresentação será na sala de aula ou em outro local, por exemplo, no pátio ou auditório da escola. Este detalhe influirá na configuração final da peça, pois cada ambiente apresenta possibilidades e limitações diferentes. Podem ser feitos convites impressos para serem distribuídos à comunidade.

3.9 Avaliação

Após a apresentação, é necessário um momento de avaliação, em que todos os participantes tenham oportunidade de refletir sobre suas experiências e o aprendizado no decorrer do processo. Convém que essa etapa seja realizada em clima de descontração, sem cobranças, incentivando a exposição de opiniões sobre os pontos positivos e o que poderia ser melhorado. Esse momento pode dar início a ideias sobre a realização de um novo projeto.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco desse artigo foi a proposição de um projeto de Letramento Literário mediado pelo gênero teatro, cujo produto final concretiza-se na construção e apresentação de uma peça teatral. A justificativa repousa no fato de que, para construir uma peça de teatro são necessários vários momentos de leitura, os quais são feitos com um propósito definido, o que já traz o potencial de motivar os alunos para o ato de ler. O texto destacou a importância do letramento literário para o aumento do capital cultural dos estudantes, além de apresentar o passo a passo para a construção e apresentação da peça teatral. Deste modo, ao final do projeto, os alunos terão desenvolvido diversas habilidades dentre as quais podem se destacar: c**onhecimento de regras básicas para apreciação da literatura, construção de personagens, como contar e representar histórias, construção e revisão de textos com um propósito definido, trato com situações não familiares, resolução de problemas para atingir objetivos, desenvolvimento da criticidade e t**rabalho colaborativo.

Importa ressaltar a necessidade de um planejamento detalhado para a execução do projeto, com definição das etapas e objetivos a serem alcançados, o que trará ao professor a segurança necessária para chegar ao final com resultados positivos. Vale lembrar que os alunos não devem ser obrigados a atuar, sendo, portanto, necessário cativá-los com atividades adequadas de motivação para que queiram participar do projeto. Contando com o engajamento dos discentes, o projeto será realizado com tranquilidade e respeito, proporcionando aprendizagens duradouras e significativas que os alunos poderão levar para outras esferas de sua atuação social.

REFERÊNCIAS

ADLER Stella. **Técnica da representação teatral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. 21'ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BAKHTIN Mikhail. *Estética da criação verbal***.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção.* Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. ***Vários escritos.*** 4a edição, São Paulo, Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ECO, Umberto. *Lector in fabula:* la cooperación interpretativa en el texto narrativo. 3 ed. Barcelona: Editorial Lumen, 1993.

KOUDELA, Ingrid Dormien e SANTANA, Arão Paranaguá de. Abordagens metodológicas do teatro na educação. *Ciências Humanas em Revista* - São Luís, V. 3, n.2, p. 145-154, 2005.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. A Produção escrita de gêneros discursivos em sala de aula: aspectos teóricos e sequência didática. *SIGNUM:* Estud. Ling., Londrina, n. 15/3, p. 223-245, dez. 2012.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lílian.; MORAN, José (orgs). *Metodologias ativas para uma educação inovadora:* uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.

MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao teatro***.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RYNGAERT, Jean-Pierre**.** ***Introdução à análise do teatro***. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In.: SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro.* São Paulo: Perspectiva, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

DA OBEDIÊNCIA À REVOLTA: COMO KYOKO E MAEVE REPRESENTAM SÍMBOLOS DO MANIFESTO CIBORGUE CONTRA A REPRESENTAÇÃO VIOLENTA DO FEMININO

Estela Fiorin[287]

Alexander Meireles da Silva[288]

Resumo: Kyoko, ginoide aparentemente surda e muda, ao final do filme **Ex-Machina** (2015) ajuda Ava, protagonista, a desacordar Nathan, seu criador, e fugir. Maeve, criada para ser uma ginoide mãe, é realocada como a cafetã do parque de **Westworld** (2016), onde começa uma revolução quase humana. As duas personagens, apesar de secundárias, criadas por homens para fins sexuais e/ou maternos, ganham destaque nas tramas quando participam da emancipação feminina. Tal cenário chama a atenção para como a Ficção Científica questiona o sexismo e a desigualdade social e como passou a ser mais ativo ao contemplar a representação realista da opressão vivida pelo sexo feminino. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva analisar como a representação de ginoides criadas por homens, especificamente Kyoko e Maeve, nas obras **Ex-Machina** e **Westworld**, contribui para a normalização ou contestação da representação violenta do feminino. A metodologia adotada se baseará em pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico-documental, utilizando as teorias de autoras como Donna Haraway (1989), Judith Butler (2003) e Laura Mulvey (2019). Os resultados esperados incluem uma compreensão mais aprofundada sobre como a construção narrativa das ginoides reflete e, por vezes, subverte, os padrões patriarcais de dominação, lançando luz sobre a importância da representação feminina na ficção especulativa contemporânea.

Palavras-chave: Ficção científica. Representação violenta do feminino. Manifesto Ciborgue. Ex-Machina. Westworld.

Introdução

Esse texto é um recorte de uma pesquisa maior, ainda em andamento: minha dissertação, intitulada "DA AUTÔMATA OLÍMPIA À CIBORGUE AVA: a representação violenta do feminino em obras de Ficção Científica", também orientada pelo Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva, que traz, como objetivo central, demonstrar como a Literatura Fantástica, em especial a vertente da Ficção Científica, pode ser usada no sentido de promover debates sobre as relações de gênero e a representação violenta do feminino. Para

[287] Mestranda em Estudos da Linguagem (Literatura, Memória e Identidade), pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão - UFCAT. Grupo ou projeto de pesquisa vinculado: Nós do Insólito e Estudos do Gótico.

[288] Doutor em Literatura Comparada (UFRJ), Professor Associado da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Grupo ou projeto de pesquisa vinculado: Nós do Insólito e Estudos do Gótico.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

esse recorte, não serão consideradas, ainda, as teorias antropológicas que traduzem o papel da mulher em sociedades matriarcais, o que, certamente, estará no texto finalizado. Ainda assim, serão abarcados tópicos como o feminismo e sua concepção e conceituação, a questão do gênero na Ficção Científica e como esse tópicos permeiam as personagens analisadas.

A perspectiva aqui adotada, então, entende que o reconhecimento da mulher como sujeito que possui direitos civis e sociais passou a ser representado de maneira significativa a partir da luta contra opressão e desigualdade de gênero travada pelas próprias mulheres ainda no início do século XX. No decorrer desse século, muitas conquistas foram alcançadas conforme as reivindicações das mulheres, de acordo com o contexto histórico e cultural, mudavam. Nesse sentido, Garcia (2015) define o feminismo como sendo a tomada de consciência das mulheres enquanto coletivo humano em relação à opressão, exploração e dominação das quais foram (e continuam sendo) objeto por parte dos homens. Todas essas ações masculinas são baseadas no patriarcado construído em diferentes fases históricas da humanidade, nas quais as mulheres permanecem lutando por liberdade e transformação da sociedade.

Nesse contexto, surgiu, no século XX, a ficção científica no cinema, com a proposta de evidenciar as relações entre o natural e o artificial de modo a envolver o homem, o universo, a ciência e a tecnologia (Ruiz, 2018). Apesar disso, a representação da figura feminina no cinema acompanhou os movimentos sociais feministas em busca da igualdade de gênero e do fim da discriminação. A ficção científica, doravante FC, então, com o passar das décadas, se tornou um meio de questionamento ao sexismo e a desigualdade social por meio da representação realista da opressão vivenciada pelo sexo feminino.

Utilizando de seres artificiais criados por homens, as ginoides, a ficção científica busca representar o desejo masculino de manter a submissão da figura feminina como um instrumento tanto das vontades do homem quanto do afastamento de ameaça das mulheres enquanto ser imprevisível e incompreensível. Dessa forma, a figura masculina na ficção científica utiliza de meios para controlar as ginoides em relação a construção de consciência e busca por liberdade (Meireles, 2021).

Nesse sentido, esta pesquisa objetiva analisar como a representação das ginoides Kyoko e Maeve, nas obras **Ex-Machina** e **Westworld**,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

contribui para a normalização ou contestação da representação violenta do feminino, além da subversão dos padrões patriarcais de dominação, lançando luz sobre a importância da representação feminina na ficção especulativa contemporânea. A metodologia adotada se baseará em pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico-documental, utilizando as teorias de autoras como Donna Haraway (1989), Judith Butler (2003) e Laura Mulvey (2019).

Considerações sobre o Feminismo

Ao longo da história, as mulheres são consideradas inferiores aos homens não apenas no aspecto social, mas também no cultural, histórico, político e intelectual. A política do patriarcado, cujo foco se centraliza em questionar a capacidade psíquica e intelectual da mulher, anula o direito de cidadania das mulheres e de sua constituição como sujeito (Rossini, 2016). Conforme afirmado por Siqueira e Bussinguer (2020), antes mesmo da existência da classe trabalhadora, a mulher foi a primeira a sofrer opressão através do antagonismo entre o homem e a sua submissão.

Segundo Garcia (2015), o termo feminismo foi inicialmente empregado por volta de 1911, nos Estados Unidos, em meio às movimentações que começaram a surgir no país e no continente europeu acerca da luta das mulheres contra a opressão e em busca por seu lugar social e político. Escritores, mulheres e homens, passaram a utilizar "feminismo" no lugar de expressões usadas no século XIX como "*movimento das mulheres e problemas das mulheres*, para descrever *um novo movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdades das mulheres*" (Garcia, 2015, n.p, grifo da autora). Para a autora (2015), o intuito era de representar o movimento de cunho social, político, intelectual e sexual que estava surgindo e visava ir além das campanhas de moral e pureza.

Já em 1913, de acordo com Lepore (2017 *apud* Mayer, 2018), o termo "feminismo" era utilizado e falado em todos os lugares por buscar a defesa dos direitos de liberdade e igualdade das mulheres. Ao contrário do "movimento feminino", nascido no século XIX, as feministas buscavam defender a participação total e igualitária em vários setores da sociedade, como na política, no trabalho, na ciência e nas artes, tendo como fundamento o fato de que elas seriam iguais aos homens em tudo e, portanto, deveriam ser respeitadas como tal.

Para Siqueira e Bussinguer (2020), é importante ressaltar que a concepção do

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

feminismo não é suficiente para descrever o movimento feminista, uma vez que, ao longo da história, foram muitas as perspectivas que, de alguma forma, se complementaram em busca da redução da desigualdade entre os gêneros. Várias são as ideias de patriarcado, mulheres, gênero e feminismo que são construídas e reconstruídas no tempo e na história. Contudo, para a elaboração deste artigo, assumiremos o entendimento de que a luta feminista se apoia no questionamento sobre "o papel atribuído à mulher na sociedade como naturalmente inferior ao homem e limitada ao espaço privado, colocando em xeque as características ditas femininas relativas à passividade, ao cuidado e à domesticidade como um todo" (Siqueira e Bussinguer, 2020, p. 148).

A explicação mais comum sobre a evolução do movimento feminista ao longo da história faz menção a diferentes períodos e reivindicações das mulheres, chamados de onda do feminismo. Segundo Abreu (2002), a primeira onda se iniciou entre o fim do século XIX e início do século XX com exigências das mulheres pelo direito à plena cidadania através do voto. Apesar de conquistarem o direito ao voto, as mulheres continuaram presas ao casamento e à dependência financeira de alguma figura masculina, o que foi visto pelas ativistas da primeira onda como as principais formas de opressão de gênero.

Assim, a partir do radicalismo da década de 1960, surgiu a segunda onda do feminismo, que lutou não apenas focada no gênero, mas também na interseccionalidade entre diversos assuntos como classe, raça, sexualidade, serviço doméstico, reprodução, violência contra mulheres, entre outros (Fraser, 2019). As feministas da segunda onda conseguiram ampliar, de maneira significativa, juntamente com outros movimentos sociais e políticos, o conceito de injustiça, com o propósito de abranger as desigualdades e as assimetrias hierárquicas do poder referentes ao machismo e ao patriarcado.

> Curiosamente, a segunda onda do feminismo prosperou [...]. O que tinha começado como um movimento contracultural radical estava agora a caminho de se tornar um fenômeno social de massa. Atraindo pessoas de todas as classes, etnias, nacionalidades e ideologias políticas, as ideias feministas penetraram em todos os cantos escondidos da vida social e transformaram as ideias que todos tinham de si mesmos. Buscava-se não só ampliar imensamente o número de ativistas, mas também transformar as visões do senso comum sobre família, trabalho e dignidade (Fraser, 2019, n.p).

De fato, foi uma notável evolução e modificou a visão comum sobre os papéis

sociais e a identidade pessoal das mulheres na sociedade. Siqueira e Bussinguer (2020) apontam que, apesar de não ter havido um objetivo único da segunda onda do movimento, trata-se de um período fundamental para a iniciativa de reivindicações de grupos sociais marginalizados que, assim como as mulheres da primeira onda, necessitavam buscar pela garantia de igualdade. Por sua vez, Mendes (2022) afirma que a segunda onda questionou a politização da família, do trabalho doméstico, da sexualidade, da violência doméstica, entre outros aspectos, que contribuiu para questões relacionadas à consideração das diferenças.

Dessa forma, o movimento feminista contribuiu para que a sociedade olhasse de maneira diferente para a realidade em relação às diferenças e às disputas de poder. Para além, a segunda onda expôs a relação de poder como provedora da opressão sofrida pelas mulheres, que não possuíam autonomia para decidir sobre sua vida, seu corpo e suas escolhas. Com isso, passou-se a questionar a ausência das mulheres na política, no trabalho, na cultura, nas universidades e na história em geral (Mendes, 2022).

Já na década de 1980 até o final do século XX, a terceira onda surgiu focada nas questões de reconhecimento das relações de gênero e a diversidade dentro do próprio movimento. O propósito das feministas da segunda onda era o de apontar que a "igualdade não diz respeito à eliminação da diferença, assim como o reconhecimento da diferença não impede a igualdade" (Ferreira et al., 2022, p. 2). Portanto, durante esse período, houve muita discussão em relação às questões de gênero e, dessa forma, os movimentos das mulheres lésbicas, trans e negras passaram a ter maior visibilidade (Ferreira et al., 2022).

É importante destacar que muitas conquistas que amparam as mulheres atualmente são frutos da primeira e segunda onda feminista em todo o planeta, como o direito ao voto, a inserção no mercado de trabalho, a criminalização do assédio e da violência doméstica, dentre outros (Fraser, 2019). No entanto, apesar de todas as conquistas, a subordinação e marginalização da figura feminina ainda está longe de ser dissolvida da sociedade. Nesse sentido, o cinema utiliza dos vestígios do patriarcado que persistem em se manifestar na realidade vivenciada por muitas mulheres como forma de expor a representação violenta do feminino.

Representação de gênero da ficção científica

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A ficção científica, que surgiu como gênero literário em 1818 pela obra *Frankenstein*, escrita por Mary Shelley (1797 – 1851), introduziu um modo de escrita em que não havia padrões conforme as demandas estabelecidas pelo mercado literário. Além disso, durante o século XX, a ficção científica se voltou para o mundo da ciência, da tecnologia e da exploração do universo, no qual a organização e a produção de conhecimentos, ideias e avanços técnicos são destaque graças ao aparecimento de máquinas extraordinárias, alienígenas e avanços tecnológicos (Ruiz, 2018). Contudo, segundo Rocque e Teixeira (2001), as obras se dividiram em transmitir visões positivas e negativas da ciência relacionados a fatores socioculturais, psicológicos, históricos etc. Nesse contexto, Princladnitzky (2020, p. 67) afirma que "a ficção científica consiste na exploração máxima dos experimentos de pensamento. Nela, temos longos e minuciosos processos de imersão em possibilidades alternativas".

No cinema, a partir dos anos 1950, a ficção científica conquistou o apego do público com obras como "*Invasion of the bodie snatchers* (1956), *Thefly* (1958), *War of the worlds* (1953), *Farenhait 451* (1966), *Fantastic Voyage* (1966), *2001, a Space odissey* (1968), *The andromeda strain* (1971), *Solaris* (1971) etc." (Elias, 2007, p. 159). A partir do lançamento da série *Star Trek* (1966), o público feminino começou a ser percebido como de grande interesse pelos produtores, contudo, a imagem da mulher continuava a ser retrata como um reflexo do contexto social e político da época e, por isso, a figura feminina nas telas ainda era de mulheres pobres e estereotipadas (Elias, 2017). Essa afirmação é um reflexo do momento histórico da luta contra a opressão e pela busca pela igualdade discutida pelas mulheres na época, característica presente na segunda onda do feminismo:

> "A virgem tímida", sempre objeto de resgate e comum a mentalidade infantil que necessita de explicações científicas, muito úteis em alguns momentos das histórias; "A rainha das amazonas", mulher fatal que funciona como exemplo dos perigos da independência sexual; "A científica solteira e frustrada", que mostra a incompatibilidade entre sucesso profissional e amoroso; "A boa esposa", que mantêm inalterável papel dos deveres femininos, e "A irmã mais nova marimacho", que tem alguma independência, até que chega seu destino final, ser esposa e mãe, sendo primeiro a virgem desejada quando fica explícita a sua sexualidade". (Elias, 2017, p. 159)

Esses são alguns dos papéeis mais comuns que inicialmente foram atribuídos às mulheres também na ficção científica entre os anos 1960 e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

1970. A partir dos anos 1980, a mulher passou a ser retratada com mais protagonismo do que nas décadas passadas. Contudo, os enredos buscavam a exploração de cunho sexual do corpo feminino e a semelhança de uma heroína que se comportasse como homem. *Alien – 8º Passageiro* (1979) é um bom exemplo da representação de gênero desse período, já que as personagens foram pensadas sem a definição de sexo e o protagonismo ficou a cargo da Tenente Ripley, interpretada pela atriz Sigourney Weaver, responsável pela parte mecânica da nave espacial e arriscando sua vida para salvar o mundo (Mayer, 2018).

Ao final do século XX, a filósofa e bióloga norte-americana Donna J. Haraway, em um ensaio intitulado Manifesto Ciborgue, introduz um novo posicionamento sobre a postura feminina e sua influência na ciência, na tecnologia e nas relações sociais. Dessa forma, uma nova matéria de ficção aparece como uma "experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina" (Haraway, 2009, p.36) conhecida como ciborgue, uma criatura híbrida construída a partir de fusões entre organismos e máquinas em que a realidade social se mistura à ficção (Fontgaland e Cortez, 2015).

Segundo Haraway (2009), a ficção científica contemporânea está repleta de ciborgues que, assim como eles, habitam mundos naturais e fabricados e entre a fronteira que ainda separa a máquina do organismo. Do lado do organismo, estão os seres humanos, que vão se tornando artificiais em vários graus. Já do lado da máquina, estão os seres artificiais que, além de simularem as características dos humanos, tendem a se apresentarem relativamente melhores que eles.

Com isso, a apresentação do ciborgue como uma criatura não constituída por um corpo sólido a partir de componentes definidos seria uma metáfora proposta por Haraway para a nova política criada por um mundo em que o binômio tecnologia e ciência vem ganhando cada vez mais espaço e a fronteira entre animal e humano, não físico e físico, máquina e organismo estão desestabilizadas (Fontgaland e Cortez, 2015). Contudo, a figura da mulher-máquina surgiu no século XIX, na obra *O homem de Areia*, de E.T.A Hoffmann, publicada em 1817, a partir da visão decadentista em relação à mulher que prevalecia nesse período (Meireles, 2021).

Para melhor entendimento, o termo "ginoide" nada mais é que o feminismo de "androide" e tem por objetivo designar seres artificiais ou metálicos que foram planejados e fabricados para serem parecidos aos seres humanos em relação à

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

aspectos físicos e comportamentais. Em obras como *The United Worlds, a Poem, in Fifty Seven books*, 1834, de Mark Drinkwater, os androides possuem corpo metalizado e são responsáveis por fazerem todo o trabalho pesado. Assim, no século XX, a produção voltada para a ficção científica utilizou a figura dos androides e das ginoides de maneira significativa como forma de explorar a relação existente entre o homem e a máquina (Meireles, 2021).

Dessa forma, a discussão sobre a confusão entre as fronteiras se torna necessária para que questões como gênero, raça, tecnociência e sexualidade sejam repensadas, já que a dominação global em face de novas formas de poder será reconfigurada, assim como o significado dos sujeitos (Fontgaland e Cortez, 2015). Segundo Fontgaland e Cortez (2015), a teoria do ciborgue criada por Haraway exerceu grande influência sobre a problematização de questões contemporâneas como as de gênero e sexualidade propostas pelo movimento *Queer*, idealizado por Judith Butler. Dessa forma, o Manifesto Ciborgue reverberou, em obras de cunho político através da ciência e da tecnologia, os diálogos sobre como a Antropologia e a Ciência estão se mobilizando rapidamente ao longo da história.

Nesse contexto, Judith Butler, uma das principais teóricas contemporâneas da terceira onda do feminismo, buscou falar sobre questões de gênero, sexo e desejo além da representação das mulheres como sujeito feminino. Abordaremos a percepção de Butler (2018) sobre como a teoria feminista vem presumindo que existe uma identidade definida para a categorização das "mulheres". Segundo a autora, a teoria feminista necessitou desenvolver uma linguagem capaz de representá-la de maneira completa e adequada para que a visibilidade e legitimidade política das mulheres fosse alcançada.

Contudo, Butler (2018) também tece críticas em relação ao sujeito feminino categorizado como "mulheres":

> Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende descrever e representar, mulheres — mesmo no plural — tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade. [...] Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ela é produzida e mantida (Butler, 2018, n.p).

Assim, Butler (2018) afirma que, para a política feminista, a definição do sujeito é uma questão essencial por sua construção estar associada à de objetivos de exclusão e legitimação. Esses objetivos, por sua vez, são tomados como naturais pelo sistema de dominação e, consequentemente, são ocultados por aqueles que, supostamente, deveriam auxiliar a emancipação do sujeito feminino.

Contextualizando essa imagem no cinema, segundo Pereira (2014), em relação à produção cinematográfica, Laura Mulvey tece críticas em relação ao cinema narrativo tradicional fazendo luz ao pensamento feminista de que a mulher não é um objeto de representação. Com isso, essa pesquisa abordará também a teoria de Laura Mulvey de que o cinema hollywoodiano possui a clássica prerrogativa de explorar a mulher como objeto de desejo com o intuito de levar aos espectadores o sentimento de prazer presente na cultura patriarcal.

Da obediência à revolta: Kyoko e Maeve como símbolos do Movimento Ciborgue

Produções audiovisuais, como o filme **Ex-Machina** (2015) e a série televisiva **Westworld** (2016), apresentam roteiros baseados na perspectiva da ambição humana em criar máquinas com o propósito de nos superar. Em **Ex-Machina** (2015), um jovem programador, Caleb, é convidado em segredo por Nathan, um cientista, para testar sua nova criação em relação à possibilidade de o robô desenvolver humanidade. A ciborgue em questão, Ava, se trata de uma máquina dotada de inteligência artificial que, no decorrer da trama, estabelece relações com os demais personagens de forma a mostrar que a máquina é capaz de superar o homem. Além de Ava, Kyoko, aparentemente surda e muda, também é uma criada por Nathan, mas com a função de ser sua governanta. Apesar de seu papel na trama ser secundário, Kyoko nos possibilita a análise acerca da representação violenta do feminino.

Já **Westworld** (2016) se passa em um ambiente futurista, no que um parque, de mesmo nome da série, é construído para servir de diversão aos seres humanos. Robôs são criados com o objetivo de oferecer uma experiência única aos turistas que visitam esse parque. É importante ressaltar que esses robôs são parcialmente controlados por seus criadores, chamados na série de roteiristas, e, assim, oferecem

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ao público de **Westworld** uma realidade extremamente próxima à da natureza humana, incluindo aventura, sexo e assassinato nas atrações.

Maeve é um dos robôs do parque **Westworld**, criada inicialmente para ser uma criatura-mãe, mas é colocada como cafetã com o intuito de satisfazer os desejos mais sórdidos dos turistas. No decorrer da narrativa, Maeve é uma das primeiras habitantes do parque a criar consciência e a lutar por sua própria emancipação. Ao longo da história, a evolução do comportamento de Maeve vai sendo revelado, identificando situações de violência e opressão sofridas pelo feminino muito próximo da realidade.

Nesse contexto, as ciborgues Kyoko e Maeve aparecem como personagens secundárias em **Ex-Machina** (2015) e **Westerworld** (2016), respectivamente, mas exercem papel fundamental em relação à construção da identidade do sujeito feminino em ciborgues, graças a exposição de situações violentas e opressoras. Essas situações são causadas, principalmente, pela total servidão involuntária das personagens em relação a uma figura masculina. Kyoko foi criada por Nathan apenas para servi-lo como governanta, enquanto Maeve satisfaz desejos sexuais dos visitantes do parque. Com isso, vê-se a alusão das narrativas em relação ao papel feminino perante às necessidades do homem. Segundo Butler (2018), embora a existência de um patriarcado universal não tenha tanta credibilidade na sociedade contemporânea quanto no passado, ainda existe a concepção cultural de que o feminino deva ser subordinado ao masculino.

Já Mulvey (1975 *apud* Pereira, 2014), afirma que a dominação da cultura patriarcal sempre irá restringir a mulher, mesmo que simbolicamente, para que os homens possam viver suas fantasias e obsessões livremente. Além disso, na cultura do patriarcado, a mulher possui a imagem silenciosa e, assim, continua assumindo o papel de portadora de algum significado para a sociedade, e não de fabricante. Nesse contexto, podemos identificar que a criação de Kyoko por Nathan é a representação do que Mulvey (1975 *apud* Pereira, 2014) afirma ser a cultura dominante do patriarcado por se tratar de uma ciborgue criada por homem para apenas servir.

O passado a que Butler (2018) se refere pode ser associado à segunda onda do feminismo, em que as mulheres lutaram e buscaram reconhecimento por seu valor para além dos afazeres domésticos e da satisfação de desejos, assim como ocorre com Kyoko e Maeve.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> [...] a maior parte das feministas da segunda onda [...] concordava que superar a subordinação das mulheres requeria transformar radicalmente as estruturas profundas da totalidade social. Esse compromisso comum para a transformação sistêmica coloca as origens do movimento em um amplo fermento emancipatório (Fraser, 2019, n.p).

Embora os esforços das mulheres na década de 1960, com as reivindicações da segunda onda, tenham gerado resultados significativos, a visão futurista das obras aqui analisadas revela que, conforme exposto por Butler (2018), a noção binária de masculino e feminino constitui uma percepção de estrutura social exclusiva. Além disso, assim como no século XX, as obras mostram como a concepção politizada da especificidade do feminino por meio das relações de poder ainda tentam manter a identidade da mulher como sendo um sujeito criado para finalidades exclusivamente prestadoras de algum serviço.

Por outro lado, Butler (2018) tece críticas ao feminismo construído por décadas devido ao apelo criado pelas mulheres em favor de "propósitos meramente 'estratégicos' que não resolvem nada, pois as estratégias sempre têm significados que extrapolam os propósitos a que se destinam" (Butler, 2018, n. p). Nesse caso, a autora aponta que a política representacional do feminismo é a própria responsável pela abertura de acusações de deturpação da representação do feminino.

Em relação à questão do gênero, Haraway (2009) apresenta o ciborgue como sendo uma criatura que não possui qualquer vínculo com essa questão por ter sido criada em um "mundo pós-gênero" (Haraway, 2009, p. 38). Isso implica dizer que o ciborgue não possui "qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior (Haraway, 2009, p. 38). Assim, Kyoko e Maeve são a representação irônica do estado original em que não estão comprometidas com o drama de dominação. No que se refere à ruptura do estágio original e da relação com a natureza, o ciborgue está comprometido apenas à ironia, parcialidade e até mesmo à perversidade (Haraway, 2009). A exemplo desta afirmação, Kyoko evolui na trama como sendo uma ciborgue criada exclusivamente para servir, mas que, ao final da trama, constrói sua própria consciência e auxilia Ava a fugir ao matar seu criador, e o faz sem apresentar qualquer remoso.

Além disso, ao longo da construção da narrativa de **Ex-machina**, é possível

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

perceber que a mudez de Kyoko sugere a intenção de seu criador em configurá-la para não falar, não escutar e não responder a estímulos de outras pessoas, ao contrário de Ava. Com isso, é possível identificar que Nathan buscou, em sua criação, um ser que lhe possibilitasse a dominação enquanto homem como forma de representação do patriarcado, conforme evidenciado por Mulvey (1975 *apud* Pereira, 2014). Dessa forma, o enredo não apresenta, em nenhum momento, questionamentos feitos por Kyoko em relação à opressão exercida por Nathan, já que é como se ela aceitasse sua condição. A violência simbólica, então, se faz presente na apresentação da naturalidade proposta pela dominação entre o criador e a criatura.

Por outro lado, Maeve é uma das primeiras personagens de **Westworld** a criar consciência ao perceber que está em um *looping* de experiências vividas, ora como mãe, ora como prostituta, e, a partir de então, passa a questionar sua existência. Contudo, conforme apresentado por Laconte (2019), uma questão sobre Maeve surge em relação aos seus questionamentos acerca de sua existência, já que é mostrado na série que a consciência dos robôs é previamente escrita em um código e implantada. Assim, é sugerido que Maeve é apenas permitida a ser libertar de sua condição, contudo, a narrativa é modificada quando ela começa a aprender padrões, identificar e assimilar várias coisas ao seu redor, entender e aprender sobre emoções humanas e então reproduzi-las enquanto mulher-máquina.

Assim, é possível identificar que há a representação da violência de gênero em função da imposição de dominação de seus criadores e na expectativa de que a narrativa caminhe para a revolução quase humana a partir da iniciativa das personagens. Conforme afirmado por Haraway (2009), não existe algo que naturalmente proporcionou a união entre as mulheres ao longo do tempo, contudo, os discursos sexuais, domésticos, maternos, dentre outras práticas sociais, possibilitaram que as mulheres construíssem sua própria consciência.

Assim como Kyoko e Maeve, as mulheres do mundo real ainda não são consideradas capazes de arbitrar sobre suas decisões, seu corpo, suas conquistas, seus desejos. Apesar disso, Haraway (2009) afirma que a consciência de gênero, classe ou raça, é uma conquista, apesar de ter sido alcançada graças às experiências de violência e opressão históricas das realidades sociais contraditórias vividas tanto no mundo natural quanto no artificial.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Para além, perceber que as duas personagens centrais desse texto foram criadas por homens é de uma importância simbólica. Mulvey (1975 *apud* Pereira, 2014) apresenta, em sua teoria, que a mulher no cinema assume papel de desvalorização como alguém que deve ser salvo ou punido. Dessa forma, a cultura patriarcal permite que o inconsciente masculino estruture formas de ver e sentir prazer ao olhar figuras femininas como Kyoko e Maeve, que foram criadas para servir e satisfazer. Assim, para a autora, o sentido de olhar já é suficiente para levar prazer visual ao espectador masculino que se identifica com os personagens criadores das ciborgues, contribuindo para a normalização da representação violenta do feminino.

Nesse sentido, Kyoko e Maeve sintetizam a frustação feminina por viverem sob a ótica falocêntrica do patriarcado, assim como da própria origem de sua opressão ao serem manipuladas por seus criadores. Contudo, as ciborgues buscam por sua emancipação por meio de revoluções distintas: Kyoko representa uma revolução silenciosa que ocorre em ambiente doméstico e Maeve busca a revolução de seu mundo por completo, mesmo que artificial. Dessa forma, apesar de a narrativa que envolve cada uma das personagens analisadas mostrarem claramente a opressão imposta pelo patriarcado vivido por elas, também é possível identificar a subversão dos padrões patriarcais de dominação através da iniciativa de revolução e emancipação de Kyoko e Maeve.

Considerações finais

A construção da narrativa que envolve as personagens Kyoko e Maeve nos leva a diferentes questionamentos acerca da representação violenta do feminino nas produções audiovisuais de FC. Apesar de o protagonismo do cinema ainda ser, em grande maioria, direcionado ao homem, no filme **Ex-Machina** e na série televisiva **Westworld** os papéis secundários das ciborgues analisadas nesse artigo possibilita a discussão sobre submissão das personagens em relação às figuras masculinas que as criaram, assim como da forma com que elas buscaram por liberdade.

Dessa forma, o objetivo do artigo foi alcançado através da análise da representação das ginoides como forma de normalizar e contestar a representação violenta do feminino nas obras de ficção cientifica. Como apresentado, a ficção científica busca não apenas apresentar as relações existentes entre o ser humano, o universo

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

e demais seres construídos a partir do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Através de obras de ficção científica, o cinema também propõe a discussão de questões sociais e sexistas por meio da exploração das relações entre o homem e ciborgue. Nesse sentido, as obras buscam expor relações de desigualdade, opressão, discriminação e dominação imposta pelo seu criador, o homem, em detrimento de suas criaturas, o ciborgue.

No que se refere às relações de poder existentes entre os gêneros construídas ao longe de séculos pelo patriarcado, as obras analisadas mostram claramente a dominação e opressão sofridas por Kyoko e Maeve devido a manipulação de seus criadores. Dessa forma, **Ex-Machina** e **Wetworld** contribuem de maneira significativa para a normalização da representação violenta do feminino ao mostrarem que as ciborgues foram criadas por homens com a finalidade exclusiva de servir e oferecer prazer às figuras masculinas.

Por outro lado, as narrativas caminham para a contestação dessa representação pela revolução e tomada de consciência de cada uma das ginoides pela busca por sua emancipação, assim como tem ocorrido com as mulheres na realidade. Em cada uma das obras, a violência e a dominação do patriarcado são representadas de maneira diferente, contudo, evidenciam a importância de mostrar a revolução feminina uma vez que, mesmo com tanta luta, continuam sendo objetivadas.

Referências

ABREU, Zina. Luta das mulheres pelo direito de voto: movimento sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. *Arquipélago – História*, 2ª série, v. 6, p. 443 – 469. 2002. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/380. Acesso em 08 maio 2024.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 1ª Ed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em 08 maio 2024.

ELIAS, Cristina Amicb. Gênero e estereótipos nas séries televisivas de ficção científica. *Revista Outra Travessia*, n. 6, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2010n6p157. Acesso em 08 maio 2024.

FERREIRA, Tayná da Silva; CÚNICO, Sabrina Daiana; FERREIRA-PRATA; Paula Andréa; PATIAS, Naiana Dapieve. “O que é Feminismo?”

Percepções de adultas/os brasileiras/os. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 7. 2022. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29697. Acesso em 08 maio 2024.

FONTGALAND, Arthur; CORTEZ, Renata. Manifesto ciborgue (obra). *Enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo*. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/sites/ea.fflch.usp.br/files/inline-files/Manifesto%20ciborgue_0.pdf. 2015. Acesso em 08 maio 2024.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. *IN*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista:* conceitos fundamentais. Bazar do tempo. 2019. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras_digitalizadas/heloisa-buarque-de-hollanda-pensamento-feminista_-conceitos-fundamentais-bazar-do-tempo-_2019_.pdf. Acesso em 08 maio 2024.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade. 120 p. 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=U3laDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=hist%C3%B3ria+do+feminismo+no+mundo&ots=kSOZTHXYAN&sig=xpee5D1O7xVeEj0zdeUoiInavuc#v=onepage&q=hist%C3%B3ria%20do%20feminismo%20no%20mundo&f=false. Acesso em 08 maio 2024.

HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue:* Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. 2009.

LACONTE, Lucas de Oliveira. *Novelos e máscaras digitais:* uma análise da jornada narrativa de Maeve em "Westworld". Dissertação. Mestrado da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2019. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1095529. Acesso em 08 maio 2024.

MAYER, Carolina Aires. *O protagonismo feminino proativo nas narrativas audiovisuais de ficção científica*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2018. Dissertação: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24753?mode=full. Acesso em 08 maio 2024.

MENDES, Ana Luiza. Entre subalternas e anfitriãs: a complexa relação entre as mulheres e a História. *Topoi*, v. 23, n. 50. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/topoi/a/gHs5WCjFKhmv4VFTXB9bZrL/?lang=pt. Acesso em 08 maio 2024.

PEREIRA, Ana Catarina. Arte e Política: do espectador universal à passividade da mulher que assiste. *Esferas*, n. 5. 2014. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5682. Acesso em 14 maio 2024.

PRINCLADNITZKY, Pedro. Experimentos de pensamento e ficção científica. *Revista Transformação/ Formação/ Ação*, v. 43, n. 3, p. 65 – 70. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/trans/a/H8TngWZ8SLRDgVxc7LFzVQr/?lang=pt. Acesso em 08 maio 2024.

ROCQUE, Lucia de La; TEIXIERA, Luiz Antonio. Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

História, Ciências, Saúde, v. 8, n. 1. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nzcGnVjNPrc89Q588ysmrDc/abstract/?lang=pt. Acesso em 08 maio 2024.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. *Trem de Letras*, v. 3, n. 1, p. 97 – 111. 2016. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459. Acesso em 08 maio 2024.

RUIZ, Sônia Melo de Jesus. Considerações e desconsiderações acerca do gênero (?) de ficção científica. *Revista de Letras Juçara, Caxias – Maranhão*, v. 02, n. 01, p. 353 – 362. 2018. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1570. Acesso em 08 maio 2024.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Revista Thesis Juris*, v. 9, n. 1, p. 145 – 166. 2020. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/thesisjuris/article/view/14977. Acesso em 08 maio 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

VIDA E ARTE: A VERBIVOCOVISUALIDADE NO CURTA-METRAGEM VIDA MARIA

Silvânia Maria da Silva Amorim Cruz (Unicentro)[289]

Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (Unicentro)[290]

Resumo: Neste trabalho, analisa-se o curta-metragem de animação *Vida Maria* (Ramos, 2006), com base no conceito de verbivocovisualidade (Paula; Serni, 2017; Paula; Luciano, 2020), que se alicerça no referencial teórico-epistemológico-axiológico de Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2016 [1952-1953]; Volóchinov, 2017 [1929-1930] e 2019 [1926]; Medviédev, 2019 [1928]), concernente à tridimensionalidade da palavra. Para esses estudiosos, a linguagem, em qualquer materialidade enunciada, organiza-se na inter-relação das dimensões verbal, vocal/sonora e visual/imagética – portanto, constitui-se de modo verbivocovisual. Neste estudo, são apresentados excertos de *Vida Maria*, os quais são analisados com o objetivo de compreender como a composição verbivocovisual do curta propicia a reflexão acerca das condições de vida de muitas mulheres do sertão nordestino e, por extensão, de muitas mulheres em outros espaços do país condenadas à miséria e ao abandono, sem perspectivas de mudança.

Palavras-chave: Verbivocovisualidade. Curta-metragem. Vida Maria.

Introdução

O curta-metragem *Vida Maria*, lançado no ano de 2006, produzido pelo animador gráfico Márcio Ramos, narra a rotina da personagem Maria José que, em sua infância, foi obrigada a abandonar os estudos para cuidar das tarefas domésticas, assim como já haviam feito sua mãe e suas avós. Unindo de forma indissociável o verbal, o visual e o sonoro e os processos ideológicos, a narração fílmica denuncia o ciclo da pobreza e a falta de oportunidades para muitas mulheres de lugares remotos do nordeste brasileiro, incitando o espectador ao olhar crítico sobre fenômenos e situações referentes à sociedade.

Dessa forma, neste trabalho, trazemos excertos de *Vida Maria* e os analisamos com o objetivo de compreender como a constituição verbivocovisual do curta propicia a reflexão acerca das condições de vida de muitas mulheres do sertão nordestino e, por extensão, de

[289] Doutoranda. Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO. Projeto de Extensão Círculo de Estudos Dialógicos da Lingua(guem)
[290] Doutora. Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO. Projeto de Extensão Círculo de Estudos Dialógicos da Lingua(guem)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

muitas mulheres em outros espaços do país condenadas à miséria e ao abandono, sem perspectivas de mudança.

Nessa perspectiva, destacamos possíveis elementos a serem examinados no curta, a partir da verbivocovisualidade, considerando que todo enunciado é verbivocovisual (Paula; Luciano, 2020c; 2020b; 2020c) e reflete e refrata avaliações sociais (Medviédev, 2019).

O enunciado verbivocovisual

Na esteira do pensamento de Bakhtin e o Círculo, a expressão da consciência humana acontece "como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.)" (Volóchinov, 2017, p. 212). Dessa forma, para os autores russos, a consciência se define e se objetiva ao mesmo tempo por material sígnico verbal, visual e sonoro, logo, o sujeito se forma de maneira verbivocovisual. Por esses aspectos, Paula e Luciano (2020c, p. 112) explicam que "a linguagem é verbivocovisual porque o sujeito se constitui tridimensionalmente, ao passo que a consciência se constitui de maneira verbivocovisual, pois a linguagem se caracteriza e se comporta dessa maneira", no curso das relações sociais.

Mesmo que essa tridimensionalidade não se realize visualmente no enunciado, é possível percebê-la por meio de diversos indícios "[...] um lexema, um movimento de câmera, uma sonoridade, uma pincelada, a variação de uma tonalidade, seja musical seja cromática etc." (Paula; Luciano, 2020b, p. 10). Assim, aparentemente um enunciado pode se materializar como verbal – a exemplo de um poema, um conto, uma notícia – , entretanto é envolvido por uma entonação, enquanto "expressão sonora da valoração social" (Volóchinov, 2019, p. 287), e um aporte visual que reflete e refrata o mundo; da mesma forma pode se materializar como visual – como uma fotografia – no entanto, por meio das cores, traços, posições, ecoa vozes e palavras, o que o torna potencialmente verbivocovisual. Em *Vida Maria*, a entonação da fala da mãe dirigida à filha, em tom rude e amargurado, a melodia lenta e triste quando essa fala é proferida, as cores escuras e sombrias das vestes da mãe, as marcas da passagem do tempo em sua face, o espaço em que a narrativa se desenvolve – uma casa sem móveis e utensílios que pudessem trazer algum conforto à família – constituem juntos uma unidade, um signo ideológico que ressoa

posicionamentos axiológicos do autor/produtor/diretor e provoca no leitor/espectador uma réplica, esta enxertada de valores, avaliações constituídas e refeitas no contato com outros signos, com outras consciências socioideológicas (Volóchinov, 2019).

A noção conceitual de verbivocovisualidade sustenta-se, então, na relação indissociável entre palavra e signos não verbais, sustentada pelo Círculo. Para Volóchinov (2017, p. 100-101), "todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo", ou seja, apoiam-se na palavra e são acompanhados por ela, "assim como o canto recebe um acompanhamento musical" (Volóchinov, 2017, p. 101). Paula e Luciano (2020b; 2020c) ilustram essa noção, mencionando a tela "O Grito", de Munch (1893), que semiotiza o som do desespero, da angústia, pelo título da obra, pelo visual do personagem, pela expressão dos traços sinuosos e das cores fortes ou, ainda, as telas de Portinari, na referência aos 100 anos da obra Dom Quixote de La Mancha, que possibilitam ao leitor/contemplador ouvir, por exemplo, o trote dos cavalos saindo para as andanças. Segundo os autores, quando se trata das artes plásticas:

> [...] na ausência da possibilidade de utilizar o aspecto sonoro, o pintor pode deslocá-lo na entonação dada ao compor a tela: no modo de pincelar o quadro, nas cores utilizadas, no título da obra, na expressividade dos elementos pictóricos, etc (são como vestígios da verbivocovisualidade que contribuem para a construção do sentido. Trata-se da potencialidade da linguagem, tridimensional em sua constituição) (Paula; Luciano, 2020c, p. 116).

Assim, é através dessa potencialidade citada pelos estudiosos que percebemos como elementos verbais, visuais e sonoros podem ser associados e manuseados para criar efeitos variados e refletir e refratar uma variedade de significações ideológicas. No curta *Vida Maria*, o uso das cores evoca diferentes sensações e emoções à medida que a personagem vai envelhecendo, enunciando o quanto a rotina de privações culturais, educacionais e econômicas apaga, desbota o colorido da vida de Maria José. Da mesma forma, a disposição dos elementos na composição visual da animação influencia a forma como o espectador produz sentidos à narrativa, por exemplo, a presença de imagens sacras, unidas às expressões "Deus abençoe", "Bênça mãe!" e ao próprio nome das personagens – Maria –, remetem à religiosidade e podem evocar um sentimento de

esperança, de alento ou de conformismo – "Deus quer assim!" – em relação ao drama da pobreza.

Ainda sobre a indissociabilidade do verbal-visual-sonoro, Paula e Luciano (2020b; 2020c) destacam que a vocalidade se manifesta tanto na oralidade, pelos aspectos prosódicos, quanto na escrita, pelos sinais de pontuação e outros elementos gráficos, ou na visualidade, pelas cores, pelas expressões corporais e outros, constituindo a entonação valorativa (Volóchinov, 2019), que coloca em diálogo as emoções, as concepções, as apreciações do falante e do ouvinte sobre o objeto do discurso, a refletir e refratar valores sociais constituídos. A entonação está estreitamente ligada ao som, à tonalidade da voz, à consistência e à moldagem vocal, ao timbre etc.: "Existe um provérbio bastante popular: 'o tom faz a música'. É justamente esse 'tom' (a entonação) que faz a 'música' (o sentido e o significação gerais) de qualquer enunciado" (Volóchinov, 2019, p. 287), "[...] toda entonação exige uma palavra correspondente [...]" (Volóchinov, 2019, p. 290).

Saliente-se, no entanto, que a entonação, a partir dos estudos do Círculo, não recobre apenas a pronúncia, a oralização, a produção e recepção física de um som, e passa a ser entendido em relação à compreensão, à valoração, à consciência. Isso quer dizer que o sujeito ouve e constitui na sua consciência, no seu discurso interior, as marcas entonacionais de dadas interações discursivas, mas essas marcas são inerentemente sociais, valorativas, são aprendidas e ressignificadas na convivência com o outro, no movimento de alteridade (Volóchinov, 2019). Desse modo, em *Vida Maria*, quando a personagem Maria José, bastante jovem, demonstra dificuldades em carregar a lata d'água e balança a cabeça em sinal de descontentamento e cansaço, há aí uma entonação valorativa que ecoa sentidos de desilusão e de fraqueza, o que impregna o discurso da interação viva das forças sociais, de maneira a exarar valores próprios da natureza humana e social, a serem confirmados, rechaçados, transformados no curso das interações sociais.

Verbivocovisualidade e o curta *Vida Maria*

Vida Maria é um curta-metragem de animação em 3D, lançado no ano de 2006, produzido pelo animador gráfico Márcio Ramos. Recebeu mais de 50 prêmios em festivais

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de cinema nacionais e internacionais, incluindo o 3º. Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, realizado pelo Governo do Estado do Ceará[291].

A animação, em 8 minutos e 35 segundos, narra a história de Maria José, uma garota que, em sua infância, diverte-se aprendendo a escrever o próprio nome, mas é compelida pela mãe a desistir dos estudos para cuidar dos afazeres domésticos. Enquanto trabalha, a câmera, que se movimenta aos poucos, foca o desenrolar da vida da menina que se tornará moça, engravidará, terá filhos e envelhecerá, seguindo a mesma sina das outras Marias que a antecederam. Nas cenas finais, Maria José dirige-se a sua filha, fazendo um discurso semelhante ao que a sua mãe havia feito, a desestimulando a aprender a ler e a escrever e a impulsionando para a lida em torno das tarefas da casa, da mesma forma como nas cenas iniciais, prova de que a história se repete. Dessa maneira, o autor traz reflexões que, por vezes, são tidas como naturais e que perduram na vida de diversas mulheres e crianças, principalmente no meio rural nordestino, cenário do curta, todavia uma realidade que não se restringe a esse meio.

O curta-metragem em questão, enquanto obra de arte, usa o seu projeto de dizer para representar a vida real, de modo que vida e arte se incorporam dialogicamente e verbivocovisualmente, como uma forma de denúncia, de alerta e de reflexão sobre uma temática que envolve aspectos sociais, econômicos e culturais, a pobreza, a exclusão e o analfabetismo. Sobre essa incorporação entre vida e arte, Paula e Serni afirmam que

> [...] por mais que vida e arte estejam interligadas, não podem ser consideradas a mesma coisa, pois a arte é (re)figuração da vida, e apesar do discurso artístico ter sido construído a partir e por meio do social, sua ligação com ele não o torna idêntico àquele, uma vez que o representa a partir de determinada(s) voz(es) (Paula; Serni, 2017, p. 8).

Assim apresentamos discussões acerca de algumas cenas do curta *Vida Maria* a destacar como o verbal, o visual e vocal/sonoro estão entrelaçados no filme, constituindo uma interpretação do autor-criador para uma tragédia social que assola gerações de mulheres do sertão nordestino.

Vida Maria começa com uma melodia delicada e tranquila, quase de ninar, marcada pelo dedilhar do violão, tendo uma criança, Maria José, como personagem na cena. À

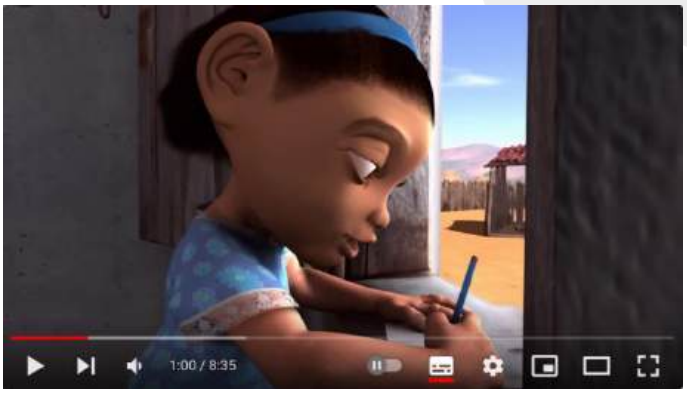
[291] Disponível em https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/-curta-metragem-brasileiro-de-animacao-vida-maria. Acesso em 24 fev. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

delicadeza da música, podemos associar tanto as vestes da personagem, um vestido florido e de tonalidades claras, o acesso de cabelo e os chinelos em combinação com as roupas, quanto a expressão facial da personagem, descontraída e serena. A menina, ajoelhada em uma cadeira e apoiada na janela de sua casa, escreve repetidas vezes as vogais do alfabeto e seu nome, em letra manuscrita e em meio a várias rasuras e desenhos, a demonstrar que está no início de seu processo de alfabetização (Figura 1). Esses aspectos formam a arquitetônica da cena e refletem e refratam valores relacionados à infância, como um tempo de fruição, de inocência, de aprendizado e de descoberta. Assim, a melodia, a caracterização da personagem, seu semblante e os elementos que compõem o cenário, estão intrinsecamente relacionados e constituem uma unidade de sentido.

Figura 1: Cena 1’00’’ Maria José exercitando a caligrafia.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em 20 fev. 2024.

Quando a mãe chama a filha e aproxima-se abruptamente, podemos observar como todos os elementos verbais, visuais e sonoros trabalham associadamente para produzir a narrativa. A música modifica-se, perde o ritmo alegre e rápido e adquire um tom mais lento, pesado. As expressões faciais e gestuais da criança – olhos arregalados em direção à mãe, acenos da cabeça, o movimento dos braços –, acompanham o tom, sugerindo, nessa trama, susto, amedrontamento e aceitação do que é dito e lhe designado. Chama a atenção ainda o enquadramento de câmera *plongée*[292] para dar o efeito de opressão à personagem (Figura 2). Em contraste com a menina, a mãe apresenta vestes escuras e sombrias, tão carregadas quanto sua expressão facial e corporal a evidenciar impaciência e austeridade.

[292] O **Plongée** consiste na câmera filmando de cima para baixo, para dar a sensação de falta de poder, ou diminuição ao personagem.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 2: Cena 1’23” - A mãe dirige-se à filha

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em 20 fev. 2024.

> Mãe: Maria José! Oh, Maria José, tu não tá me ouvindo chamar não, Maria? Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora? Em vez de ficar perdendo tempo desenhando o nome, vá lá pra fora arranjar o que fazer, vá. Tem o pátio pra varrer... Tem que levar água pros bichos...Vai, menina! Vê se tu me ajuda, Maria José! (1’13” a 1’28”).

Verificamos que essa fala da mãe dirigida à filha – uma das poucas em todo o curta – apresenta-se carregada de avaliação social, refletindo e refratando, na verbivocovisualidade, as experiências sociais e históricas da personagem. Desse modo, a escolha lexical – desenhar o nome, em vez de escrever; arranjar o que fazer; vê se tu me ajuda – , associada à entonação austera, em ritmo rápido e tom alto, ao movimento de puxar o braço da filha bruscamente e depois de colocar as mãos na cintura, ao olhar fixo em direção à menina, a exigir que as tarefas sejam abandonadas imediatamente em prol do serviço doméstico, reportam à ideia de que o aprender a ler e a escrever não apresentam valor (são perdas de tempo) e utilidade para essa mulher diante das adversidades da vida e das necessidades mais imediatas da família. Assim, a comunhão desses elementos corrobora que “[...] uma dimensão se encontra intrinsecamente relacionada à outra e pode fortalecê-la, explicitá-la, enfatizá-la ou atenuá-la, omiti-la, silenciá-la etc.” (Paula, Luciano, 2020c, p. 122). É nessa ótica que a tridimensionalidade verbivocovisual, nos termos de Paula e Luciano (2020a; 2020b; 2020c), consiste em um predicado característico da linguagem.

Na continuidade da narrativa, Maria José corre aflita em direção ao quintal de chão batido, a denotar que o serviço deveria ser feito imediatamente, sem qualquer possibilidade

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de postergá-lo. A câmera focaliza a personagem executando a tarefa – fazendo movimentos repetidos com a bomba d'água – direciona-se para a mãe a observar da janela a filha executando sua ordem e retorna para Maria José, que já se mostra crescida, em outra fase da vida (Figura 3), mas realizando a mesma atividade. No movimento da câmera, reconhecemos também o espaço em que ocorre a história: uma casa de taipa, sem forro, com paredes irregulares e janelas de madeira, características frequentes nas construções do nordeste brasileiro, principalmente em regiões menos favorecidas economicamente. Em constituição arquitetônica com o visual, percebemos o som da rabeca, instrumento popular nas músicas nordestinas, com uma melodia lenta e triste; ouvem-se ainda sons de batimentos cardíacos a refletir e refratar tensão, desilusão e cansaço por parte da personagem.

Figura 3: Cena 1'52" – Maria José dedicando-se às tarefas de casa

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em 20 fev. 2024.

Na sequência, Maria José caminha pelo pátio, carregando a pesada lata d'água. Ao parar para descansar, suspira e balança a cabeça em sinal de desgosto, evidenciando o esforço do trabalho feminino. Quando torna a carregar a lata, a personagem é retratada em outra fase na vida, agora em sua juventude. A partir dessa cena, as roupas recuperam a vivacidade das cores e a música volta a soar com mais leveza e alegria, com o som de sanfona. O caminhar gracioso de Maria José, seu sorriso, a voz calma e serena quando conversa com Antônio – que adentra ao quintal e vai ao encontro de Maria (Figura 4) – remetem ao sentido de que o relacionamento amoroso ou o casamento pode ser um alento ou esperança para mulheres jovens do sertão nordestino.

Figura 4: Cena 2’34” – Maria José e Antônio

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em 20 fev. 2024.

Antônio: Tudo bom , Maria?
Maria: Tudo bom, Antônio!
Antônio: Dê aqui, deixe que eu levo.
Maria: Não precisa não, Antônio!

Após o breve diálogo, Maria José continua a caminhada pelo quintal, rodeado por uma cerca de paus, a observar, agora grávida, seu marido Antônio levando água para os cabritos. Suas vestes apresentam-se um pouco desbotadas, mas sua expressão facial serena e a melodia alegre e tranquila, como no início do curta, sugere que a gravidez é motivo de contentamento.

Na sequência, a câmera contorna o corpo de Maria e ao filmá-la de frente, fazendo uso do pilão, evidencia-se, pelo seu semblante, uma fase posterior da vida, e uma nova gravidez. Na cena 3’57, as batidas fortes e repetidas no uso do pilão, a melodia lenta e pesada, as vestes em tons terrosos, a fisionomia carrancuda e os suspiros de cansaço da personagem são elementos que indiciam uma vida marcada pela privação e pelo sofrimento, repetindo as experiências de vida da mãe (Figura 5). Chama a atenção na cena a mão esquerda da personagem, que aparece em tamanho grande, desproporcional, como ocorre na tela “O lavrador de café”[293], de Candido Portinari. Nessa tela, Portinari traz o trabalhador brasileiro, sobretudo o do meio rural, retratando-o com mãos e pés de maneira exageradamente grande a corroborar uma saliência ao trabalho braçal. Da mesma forma, Maria José, ao ser retratada com a mão grande – o que acontece também na Cena 5’17” – ,

[293] Disponível em https://masp.org.br/acervo/obra/o-lavrador-de-cafe Acesso em 24 fev. 2024.

denota o quanto o trabalho braçal e doméstico ganhou maior proporção em relação a outras atividades.

Figura 5: Cena 3’56” – Maria José executando os movimentos do pilão

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em 20 fev. 2024.

No desenrolar da narrativa, Maria José torna a caminhar pelo pátio e quando apanha a vassoura para varrer o chão, embaixo de uma árvore, aparece novamente grávida, com vestes floridas, mas em tons bastante escurecidos. Ouve-se uma melodia alegre e notam-se seus sete filhos homens passando em fileira, sugerindo que estão saindo do cercado do quintal, acessando o mundo exterior. As cenas remetem ao sentido de que a mulher tem uma função reprodutiva e doméstica nessa realidade, enquanto ao homem atribui-se uma maior mobilidade, já que tem acesso à vida para além da cerca.

Nas cenas finais Maria José, com roupas pretas, caminha em direção à sua filha, Maria de Lourdes, que está a escrever seu nome no caderno – praticamente repetindo as cenas iniciais da narração. A repreensão à filha demonstra o quanto os discursos ouvidos na sua infância em relação aos afazeres domésticos e à aprendizagem da escrita, fixaram-se em sua consciência, constituindo-os como palavras próprias e externalizando-os, agora, para sua filha:

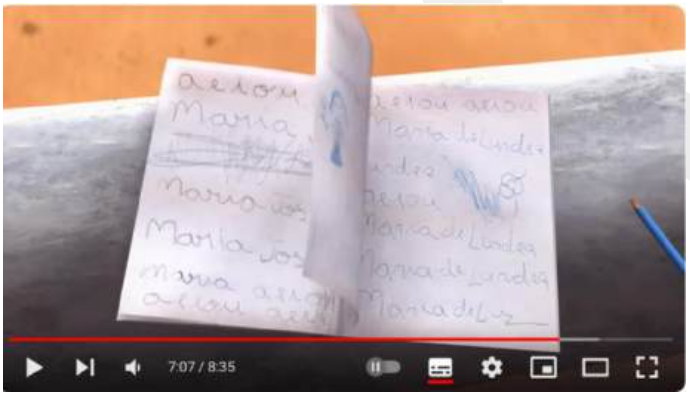
> — Lourdes! Oh, Lourdes, tu não tá me ouvindo chamar não, Lourdes?! Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora? Em vez de ficar perdendo tempo desenhando nome, vá lá pra fora arranjar o que fazer. Vá. Tem o pátio pra varrer, tem que levar água pro bicho. Vai menina, vê se tu me ajuda, Lourdes. Ficai aí fazendo nada... desenhando o nome (5’46” a 6’18”).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Após Maria José conferir pela janela a filha executando o serviço, volta-se para o cômodo da casa, onde ocorre o velório de sua mãe, encerrando o ciclo de vida de "uma Maria". A cena final mostra um caderno (Figura 6), cujas folhas são movidas pelo vento, deixando à mostra vários nomes, escritos com letra manuscrita: Maria José, Maria Aparecida, Maria de Lourdes, Maria de Fátima, constituindo um signo ideológico que faz referência às gerações de mulheres "Marias" da família, que tiveram vivências muito semelhantes, marcadas pela falta de oportunidades e pela miséria.

Figura 6: Cena 7'07" – Caderno com escrita das várias Marias.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em 20 fev. 2024.

Percebemos que a constituição material do filme (formada pelo verbal, pelo vocal e pelo visual de maneira integrada), apresenta-se como uma crítica social em relação ao ciclo da pobreza e da falta de oportunidades para muitas mulheres de lugares remotos do nordeste e de muitas outras regiões brasileiras, estimulando o leitor a observar criticamente fenômenos e situações sociais.

Considerações finais

Neste artigo, a partir de algumas contribuições teóricas de Bakhtin e do Círculo e de pesquisadores brasileiros que se debruçam a explorar a tridimensionalidade da linguagem, analisamos o gênero discursivo curta-metragem, materializado no enunciado *Vida Maria*, levando em consideração que o discurso tomado como objeto de análise se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais em um todo arquitetônico que significa.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Nessa arquitetônica consideramos que o curta-metragem, incorporando vida e arte dialogicamente, apresenta-se como uma interpretação do autor-criador para um drama social que aflige e oprime gerações de mulheres do sertão nordestino.

Como contribuição, apresentamos algumas possibilidades de análise verbivocovisual do curta que permite a reflexão acerca das estruturas de poder, das injustiças e das desigualdades que assolam a sociedade, bem como a problematização em relação às iniciativas governamentais e não-governamentais que desafiam essas questões e revelam-se (ou não) como ações que buscam promover mudanças sociais positivas.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].

MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução e Nota das tradutoras de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Apresentação Beth Brait. Prefácio Sheila Vieira de Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2019 [1928].

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. Revista Diálogos (RevDia), Cuiabá, v. 8 n. 3, 132-151, 2020a. Disponível em https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039 Acesso em 10 fev. 2024.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. Polifonia, Cuiabá-MT, v.27, n.49, p. 01-490, out.-dez., 2020b. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366. Acesso em: 22 fev. 2024.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. Revista Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set.-dez. 2020c. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296 Acesso em: 22 fev. 2024.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. Raído, *[S. l.]*, v. 11, n. 25, p. 178–201, 2017. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507. Acesso em: 22 fev. 2024.

RAMOS, M. Vida Maria. [Filme-vídeo]. Produção de M. Ramos e Joelma Ramos. Direção de M. Ramos. Ceará, 2006. Duração: 8 minutos e 36 segundos < https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4> Acesso em 25 jan. 2024.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017[1929-1930].

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica [1926]. In: VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo; Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926]. p.109-146.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

"EM LUANDA TUDO PODIA MESMO ACONTECER DE REPENTE": ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO MNEUMÔNICA EM ONDJAKI

Na presente comunicação, pretende-se analisar algumas nuances da relação estabelecida entre a construção da memória e o espaço geográfico nas obras autoficcionais "Avódezanove e o segredo do soviético" (2009) e "O livro do deslembramento" (2022) do escritor angolano Ondjaki, de modo a perceber como o exercício mnemônico é fomentado pelo espaço geográfico, da mesma forma que este é afetado pelo processo de rememoração. Nesse sentido, sustentados pelas ideias acerca da memória coletiva, defendida por Maurice Halbswachs (2003) e as de Myrian Sepúlveda dos Santos (2012), busca-se pensar como a dialogicidade entre o homem e o seu espaço – local de recolhe de elementos para o exercício de rememorar – fomenta a construção de um arquivo de memória e toma o *locus* como elementos para a ressignificação e a problematização do passado. O conceito de afeto, a partir de Spinoza (2021) e dos estudos de Carmem Lucia Tindó Secco (2014), ajudará a iluminar a relação que se estabelece entre espaços geográficos e afetivos e o constructo memorialístico, que é ainda, nas obras, problematizado pela voz e pelas vivências de personagens infantis.

Palavras-chave: Infância. Memória. Espaço. Afeto

"Em Luanda tudo podia mesmo acontecer de repente". A passagem que dá nome a essa comunicação sustenta dois elementos que dialogam com o exercício da memória: o tempo e o espaço. Essa relação encontra na escrita autoficional de Ondjaki um campo profícuo para a produção de sentidos e para o constructo mneumônico que é promovido e requisitado via produção ficcional do autor.

O autor angolano Ondjaki nasceu na década de 80 em uma Angola fraturada ainda pela guerra de libertação colonial e vivenciando a guerra civil instaurada após a independência política da nação, sendo, portanto, que a sua infância e juventude foi, de alguma forma, assombrada pelos conflitos e seus efeitos porque em Luanda, seu bairro natalício, não experimentou os combates bélicos como em outros espaços da nação que, embora não tivesse conhecido o horror da guerra *in loco*, convivia com os seus ecos.. No entanto, com as eleições de 1992, diante do não reconhecimento da vitória do MPLA por parte dos partidos opositores, a capital de Luana experienciou os seus dias de conflito. Destarte, esses dados

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

biográficos não ficaram de fora de uma escrita que se volta para um exercício memorialístico ainda que eles, muitas vezes, ficam nas dobras da sugestividade, por meio das quais figuram referências aos mortos da guerra, as privações sociais impostas à população local e as brincadeiras infantis que dialogam com elementos de um cenário bélico.

Acerca da autoficção, o teórico Serge Doubrovsky defende que ela se refere a um gênero literário em que o autor mistura elementos biográficos a elementos ficcionais em uma produção narrativa que intencionalmente rasura as noções de *factum* e *fictum*, diluindo as fronteiras entre o real e o ficcional e em que a riqueza do narrado reside exatamente no imbricamento dessas questões e na impossibilidade da garantia da certeza de um relato verídico. Nessa seara, Jovita Noronha recupera a ideia de Phillipe Vilain e postula que "a fidelidade não estaria na retranscrição do vivido, mas na transposição do que foi sentido: escrevo em primeira pessoa a partir de um fato real, verificável (...) mas uma história transposta, à qual dou um prolongamento romanesco possível, um alargamento poético" (NORONHA, 2015, p.15), de modo a corroborar a premissa da elaboração da transposição do discurso real para o ficcional sem haver entre eles pacto de veracidade. No entanto, pressupõe-se nessas escritas autoficcionais uma espécie de contrato (GASPARINI, 2014) em que haja a observância identitária onomástica entre autor, narrador e personagem, elementos do jogo autoficcional.

Ao seguir as marcas autoficcionais no autor angolano, sobretudo pelas protagonizadas pelo menino-narrador ou narrador-menino, o leitor adentra em eventos ocorridos em Luanda, nos anos 80 e 90, relacionados sobretudo à forma como a guerra civil que maculava a nação era percebida por personagens marginais, considerando um padrão de narração de eventos, inclusive os traumáticos, calcados na e pela voz adultocêntrica, europeia e branca, uma vez que as crianças, os loucos, como o EspumaDoMar, e os avós , representados nas figuras da AvóCatarina ou da AvóDezanove, detinham o poder de narrar os fatos vivenciados e tecer suas críticas e de assim se constituírem como agentes de promoção e garantia de repositório de memória.

Em "Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva", Beatriz Sarlo, acerca da guinada subjetiva, defende que um novo olhar sobre o tempo presente por meio de um "reordenamento ideológico e conceitual sobre o passado e seus personagens" (SARLO, 2007, p. 17), permite aos sujeitos marginais se tornarem protagonistas mneumônicos. E, nesse sentido, evidenciam, no que relatam, uma face geoemocional ao narrado.

Ainda sobre a autoficcionalidade, em algumas produções do escritor, ela se apresenta, assumidamente, como um propósito estético, que o próprio autor não

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

recusa. Acerca de sua obra **Bom dia camarada**, publicado em 2000, que inaugura uma série de obras protagonizadas pelo menino Ndalu – nome civil do escritor, Ondjaki declara que

> [f]oi o desafio de um editor amigo, angolano. Ele queria um livro que falasse da minha perspectiva da independência de Angola. Eu nasci em 1977, dois anos depois da independência, e eu pensei que a minha visão sobre todo esse processo histórico era a da minha própria infância. Organizei algumas memórias, preparei alguns capítulos e comecei a escrever. Claro que tive que ficcionalizar a minha vida, e a dos outros também. Mas um livro é sempre isso. (ONDJAKI *apud* MELLO; CARLOTTI, 2006, s/p)

A autoficção vai operar, portanto, com essa escrita dos fatos verificáveis tomados literariamente em um espaço/tempo, de onde o autor recolhe elementos para o constructo textual, assim como retira das dimensões espaciais, que insere nas obras, operadores de identidade que contribuem para o pacto da autoficcionalidade estabelecida entre produtor e receptor. Além disso, nota-se que a escrita desse eu supera o nível subjetivo e aponta para a relação do homem com o seu lugar e o seu tempo.

Interessa ainda, pelo estatuto do autoficção, destacar que o narrador nas obras de Ondjaki é uma criança e que, dentro de uma não necessidade de observância cronológica e da possibilidade de intervir nas "verdades" narradas, convida seu leitor a um mergulho nas fragmentadas dimensões temporais e espaciais e apresenta uma Angola revisitada pelo olhar curioso e potente de uma criança em uma escrita promovida por ela mesma já na idade adulta. Nesse sentido, o que se verifica é um exercício autoficcional que serve de mecanismo para a rememoração e/ou um apelo à construção de uma memória que se quer formatada pelo constructo ficcional associada à materialidade histórica e geográfica.

Sabido é, portanto, que na série de narrativas ondjakianas protagonizadas por esse menino-narrador, tem-se o exercício de um rememorar que se pauta na elaboração do lembrar individual e/ou coletivo, que ora transita pela memória privada e ora por um afloramento das que são sociais e coletivas, que se dá, sobretudo, pelas trocas entre meninos e os mais-velhos com quem dividem o convívio diário e familiar. O que o menino narrador de **O livro do deslembramento** defende é a partilha do lembrar:

> nós, as crianças, nessa missão de lembrar, contar e aumentar, somos mesmo melhores, ninguém nos aguentam porque admitimos mesmo que todo mundo se lembre da maneira que ele lembre, fazemos, ouvimos a versão nova já a combinar com a versão que conhecíamos sem essa coisa de ter que se decidir quem é que lembra

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> melhor [...] pensarem que toda a gente tem que lembrar a mesma coisa ou de nem deixarem que cada um, a partir daquele momento mesmo, possa lembrar as coisas mesmo já a contar com as lembranças dos outros (ONDJAKI, 2023, p. 165)

No entanto, de acordo com Halbswachs (2003), essas duas memórias, a pessoal e a social, são faces de uma moeda da qual

> [a] primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda, naturalmente, seria bem mais extensa do que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nosso passado sob uma forma resumida e esquemática ao passo que a memória da nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais contínuo e mais denso." (HALBSWACHS, 2003, p. 73)

O teórico defende, portanto, que na construção de uma teia memorialística, a individual estaria para uma memória autobiográfica ao passo que a coletiva estaria para a histórica, mas que ambas estariam em complementariedade. E alerta ainda que para a constituição da lembrança pessoal é preciso recorrer à dos outros e das interações com o espaço: "o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente" (idem, p. 72). Nesse sentido, essa Luanda, que é toda construção e fomento de memória, pelas suas personas, seus espaços e as referências aos vultos históricos, alimenta a narrativa e o seu viés problematizador do (re)lembrar.

Destarte, Halbswachs defende ainda que "as imagens espaciais se relacionam com a memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras." (idem, p. 159). A metáfora do quadro-negro ao avesso, daquilo que se inscreve e não se pode apagar, permite pensar a relação entre a construção de uma memória que é a do menino, mas igualmente construída com seus pares por meio da vivência no mesmo tempo e no mesmo espaço, ainda que, por intermédio de outros personagens, haja a troca de percepção e vivência de momentos históricos anteriores, como o da guerra pela libertação colonial. Nesse sentido, a casa dos pais e das avós, a escola, a rua e a PraiaDoBispo aparecem nas narrativas autoficcionais como *locus* do qual se pode recolher e produzir lembranças, assumindo-se como locais de (construção e recolha de) memória.

A pesquisadora Myrian Santos, ao ler Halbswachs, defende que "tudo que lembramos do passado faz parte de construções sociais que são realizadas no presente." (SANTOS, 2012, p. 41) e que os "indivíduos não recordam sozinhos, que dizer, eles sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência." (idem, p. 49). Esses indivíduos que partilham o tempo presente – sem perder as suas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

relações com o passado – e constroem memória ocupam espaços, de onde recolhem materiais e onde deixam registros mneumônicos, de modo que as experiências pessoais e sociais estão localizadas espaço-temporalmente, que estabelecem entre si redes de contribuição e de significação ativas. Nesse sentido, a forma como o indivíduo vai se relacionar com a dimensão espacial está ligada à forma como é capaz de perceptivamente captar, atuar e compreender o seu lugar.

A infância, nessas narrativas, reveste-se, portanto, de afeto e figura como elemento que filtra as percepções de espaço e de tempo em processos interligados, a que Bakhtin chamou de cronotopo. Para o filósofo russo,

> [n]o cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido pelo tempo. (BAKTHIN, 2010, p. 211)

Na estratégia de autoficcionalização das suas memórias, Ondjaki joga com as dimensões temporais e espaciais nas narrativas, que se amalgam juntamente com o apelo à construção de uma memória que se quer requisitada nas próprias vivências ou na figura dos mais-velhos ou nas personagens periféricas.

A escrita de Ondjaki apresenta ainda forte apelo sensorial. Para Michel Collot, “essas sensações se comunicam entre elas por sinestesia e suscitam emoções, estimulam sentimentos e despertam lembranças” (COLLOT, 2015, p.20). Enquanto estratégia narrativa, o apelo sensorial promove uma representação simbólica entre os personagens e o local em que ocorre o evento narrado, unindo personas ao lugar. A evocação da percepção visual, sobretudo, contribui para o reforço da construção de memória. Nesse sentido, parece muito sintomático que a cena que abre a narrativa **Avódezanove e o segredo do soviético** seja um convite sinestésico, colorido e sonoro para as façanhas que ali serão expostas:

> A explosão até acordou os pássaros adormecidos nas árvores e os peixes devagarosos do mar – aconteceram cores de um carnaval nunca visto, amarelo misturado com vermelho a fingir que é laranja num verde azulado, brilhos a imitar a força das estrelas deitadas no céu e barulho tipo guerra de aviões Mig. Era afinal uma explosão bonita de ser demorada nos ruídos das cores lindas que os nossos olhos olharam para nunca mais esquecer. (...)
>
> Uma explosão podia ser tão bonita, e as nossas bocas abertas testemunhavam um silêncio de pessoas perto de um barulho desenhado nas alturas dos pássaros todos que nessa noite aprenderam que o mundo era um lugar muito estranho, com pessoas

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> de tantas nacionalidades e que em Luanda tudo podia mesmo acontecer de repente. (ONDJAKI, 2009, p. 7)

Enquanto nessa obra o apelo visual fornecia o material a ser rememorado, em **O livro do deslembramento**, a construção mneumônica passou também pela audição. No capítulo que retrata a chegada da guerra à Luanda, o som a anunciava, metaforicamente associado ao barulhar da chuva. Potência semântica que o menino-narrador tratou logo de garantir em registro narrativo.

> a hora era do almoço, dia já falei: sábado
>
> o barulho, parecia de chuva, só que, vindo da sala, o tio Joaquim já tinha ouvido nos rumores do rádio dele de ondas curtas que apanhavam notícias do tão-longe: aquela chuva era a guerra a começar em Luanda (ONDJAKI, 2023, p. 206)

O corpo, via sensorialidade, aparece nas narrativas como um recurso que tanto é capaz de colocar o indivíduo no seu espaço como reforça os laços entre eles. A tensão dramática proposta na inserção dos efeitos sinestésicos reforça também o elo com o dado histórico recuperado.

Recorre-se mais uma vez à teoria de Halbswachs para pensar na contribuição espacial para o partilhamento das memórias coletivas e a consolidação das privadas. Para ele,

> não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura. (...) É o espaço, ao nosso espaço - o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, por qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembrança reapareça. (HALBSWACHS, 2003, p.170)

Na produção literária de Ondjaki, vários são os espaços de memória partilhados com os seus pares, seja no macro espaço que é Luanda ou o bairro como os mais privados como a escola e as casas de familiares, que figuram como teias memorialística, em processos diálogos e interativos, em construção de um forte sentimento topofílico. Ainda ancorados em Halbswachs, nota-se que é a proximidade em alguns lugares que cria as relações sociais, favorecendo as trocas de experiências, motivados pelos vínculos afetivos.

Narrativamente, em **Avódezanove e o segredo do soviético**, publicado em 2019, essa intersecção entre espaço e afeto, tem, na missão de explodir o mausoléu – construção que simboliza, para a sociedade angolana que a obra retrata, o processo de colonização e de descolonização que a nação passou – para garantir a unidade do bairro e a sua existência, um forte ponto de análise. É em torno da tentativa de garantir a existência daquele espaço físico que meninos, familiares e amigos se

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

unem para preservar o bairro que fazia parte da história e do lugar.

Diante da eminência de que iriam explodia as casas e a praia, elementos representativos do corpus social, os moradores promovem ações para frustrar os planos da construção do mausoléu, que afetariam a espacialidade e a memória local, que afastaria os pescadores do seu mar – seu local de sustento, as crianças dos banhos praianos ao entardecer, as conversas de varandas das senhoras e o brincar empoeirados dos miúdos na rua. Ou seja, rasuraria a harmonia daquela espacialidade.

A relação que se estabelece, em **Avódezanove e o segredo do soviético,** entre os meninos e o espaço luandense leva ao conceito de topofilia, defendido por Yi-Fu Tuan, que se pauta no "elo afetivo entre as pessoas e o lugar" (TUAN, 2012, p. 19). Por meio desse processo de reconhecimento e de pertencimento amoroso com o seu espaço, a temporalidade histórica aflora, o que permite pensar também em uma relação afetiva com o tempo, sobretudo quando se percebe textualmente resquícios do processo histórico de luta pela libertação política da nação através de personagens como o Camarada André e a AvóCatarina. Uma cronotopia afetiva se desenha na malha textual ondjakiana.

> e nós ali em cima do muro, sim, sem essa vida toda que os mais-velhos já tinham vivido, mas nós sabíamos de todas as pessoas e de todas as estórias que tínhamos visto e inventado, mas as que era contadas, recontadas e aumentada pelo EspumaDoMar (...) estórias da PraiaDoBispo no tempo dos tugas, com menos poeira que agora (...)para não dizerem que esqueci, as estórias todas que a AvóDezanove me conta, tantas, com tantos nomes, com tanta gente e roupas, com danças e pianos e fados e viagens e casos, com falar e pensamentos e os carinhos e as pausas de silêncio que também faziam parte das estórias de depois do almoço que ela me conta, e tudo isso, às vezes, tantas vezes, não sei por quê, faz os mais velhos pensarem que nós não vamos lembrar de tudo – quando um dia estivermos com os olhos parados a pensar na nossa poeirenta PraiaDoBispo. (ONDJAKI, 2019, p. 108-9)

Na passagem do romance, no relato emocionado do menino-narrador, imbricam-se passado e presente e espaço e história amalgamados pelo afeto que se observa entre os personagens e aquele espaço territorial, potente de sentidos e prenhe de uns tantos outros.

A relação afetiva que o tempo histórico estabelece com o espaço e com as personagens presentes na obra, requisita a ampliação do conceito de afeto. Nesse sentido, o conceito defendido por Spinoza extrapola a ideia de sentimentalismo ou envolvimento. Para o filósofo, afeto e afetação estariam relacionados enquanto pulsão: "Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções." (SPINOZA, 2021 p. 98). Nessa mesma

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

corrente e dedicando-se a pensar essa vertente afetiva com a produção literária, a professora Carmem Lucia Tindó Secco defende que são "os afetos aquilo que nos relaciona com o mundo e com a existência" (SECCO, p.15.), de modo que a ideia de pertencimento e de zelo que o menino-narrador e outros personagens tinham com aquele bairro de Luanda é potencializada pela sua ameaça, uma vez que são impulsionados a agir. Essa "força propulsora capaz de levar ou não o ser a ações ou a paixões" (SECCO, 2014, p, 13) fortalece os laços de natureza afetiva com o seu local de estar e de ser.

O espaço afetivo e geográfico serve à promoção de um revisionismo histórico angolano que passa pelo questionamento e pela busca da superação do apagamento colonial das relações de subjetividade, de identificações coletivas e da rasura de mecanismos de pertencimento aos locais, tão comum às práticas colonizatórias vividas pelas nações africanas.

Pelas sendas do histórico presente na obra, a contraposição entre o bairro e a construção do mausoléu promove um tensionamento de interesses entre a população e elementos do governo, em flagrante contraste entre interesses políticos ainda operantes na sociedade pós-75 e entre os valores afetivos e identitários dos grupos de moradores e entre os idealizadores da obra como fica evidente na passagem.

> _ Só nos falta descobrir quando é que vão fazer isso.
>
> _ Eu acho que eles não vão avisar nada – a Charlita falou com voz triste. – Porque se avisarem vai dar Confusão. No dia de desplodir é o mesmo dia que vão chegar com a notícia das casas novas, num bairro que nunca ninguém diz onde é.
>
> _ Se esse bairro não tiver mar, como é que o Velho-Pescador vai fazer?
>
> _ Mesmo o EspumaDoMar, onde é que ele vai se banhar?
>
> _ Vocês não tão a ver bem o problema que tamos com ele – o 3,14 fez mesmo uma voz muito séria. – O problema é se esse bairro nem sequer tem casas.
>
> _ Como assim?
>
> _ Será que esse bairro existe?
>
> _ Deve existir, 3,14, o CamaradaBotardov disse...
>
> _ O CamaradaBotardov tem a casa dele no tão-longe. Isso aqui é só um lugar emprestado para ele. Pode nos dizer o que ele quiser.
>
> _ Mas tão toda a hora a falar nesse novo bairro, deve existir.
>
> _ E a paz existe?

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> _ Ahn?
>
> _ É que tão toda hora a falar na paz, mas que eu saiba a paz ainda não existe. (ONDJAKI, 2019, p. 58)

No diálogo entre as crianças, a relação de pertencimento com aquele espaço fica notária, como uma preocupação coletiva se há, de fato, algum outro espaço destinado a eles. O sentimento de descrença soa quase como uma certeza de que não é possível a reprodução das redes existenciais e afetivas que a PraiaDoBispo oferece. A personagem russa citada reforça a premissa de que não basta estar para pertencer a algum lugar conforme já alertava Michel Collot ao conceituar lugar como "uma forte delimitação topográfica e cultural: ele circunscreve o território de uma comunidade, que partilha o mesmo código de valores, de crenças e de significações." (COLLOT, 2015, p. 18). Nesse sentido, a fala pretensamente garantidora do personagem Botardov, envolvido com a construção do mausoléu, elemento que representava um risco para a comunidade local, não era revestido de crédito porque não compartilhava com o grupo social os laços afetivos necessários para que a ela fosse pertencente ou demonstrasse se importar com aquele bairro.

Já em **O livro do deslembramento** (2022), publicado 14 anos depois, o mesmo menino narrador vê a si e ao seu espaço afetado pela chegada da guerra à Luanda. A narrativa relata as memórias do menino que é obrigado a permanecer restrito à casa do seu tio quando os conflitos bélicos que ocorriam em outros espaços territoriais da nação recém-independente chegam à Luanda. Esse episódio, datado na realidade empírica como o acontecido após a disputa eleitoral de 1992, deixa marcas na sua memória alterando, além do seu espaço físico, o campo dos afetos também.

> Aquela guerra que nunca ninguém nos apresentou ou explicou. A guerra que sempre tinha "andado lá longe" sem nos ameaçar assim nas ruas da nossa cidade, no nosso mar, nas nossas praias, nas nossas famílias, tinha, assim, de repente, com esses ruídos estranhos e enormes, acabado de chegar. (ONDJAKI, 2022, p.207)

O cerceamento do menino e os conflitos duraram alguns dias e, após o seu término, na saída pelo bairro, percebe-se a adulteração do espaço geográfico e que marcou a memória do adulto que escreve: "Terça-feira saímos juntos em missão de reconhecimento (...) ainda ouvimos tiros ao longe, ainda a ver cápsulas de balas e corpos nas ruas, a tia Tó a disfarçar que estava só a fazer marcha-atrás de escolher um outro caminho e eu a entender que havia mesmo muitos corpos no chão." (Idem, p.217). O evento traumático fica registrado na memória tanto do menino como da cidade angolana: "eu a respirar devagar a lembrar de cada detalhe daqueles dias, coisas que nem cabiam ainda na minha cabeça, eu acho, não porque eu não me lembrasse ou não soubesse, mas porque não

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

queria ter sentido aquilo tudo tão de repente e tão ao mesmo tempo. (ibidem, p. 219)

Mais uma vez, Ondjaki constrói uma narrativa em que é a própria Luanda e os seus personagens-cidadãos que lhe fornece o mote para o seu exercício autoficcional e memorialístico. Ou nas (suas) palavras de menino:

> eu a olhar a tia Tó toda orgulhosa, como ela dizia, da minha língua portuguesa, às vezes ela perguntava-me onde é que eu ia buscar tantas ideias, se eram de verdade ou inventadas, eu tinha que lhe explicar outra e outra vez que em Angola não era preciso inventar nada ou a cidade te dava as estórias, ou a rua, ou a escola ou então havia sempre uma caixa cheia de estórias em cada família (ibidem, p. 220)

Nessas obras autoficcionais, o espaço geográfico e afetivo é propulsor de análise da sociedade e de, por essa vertente, consolidar-se como espaços de memória ou espaços em que a memória tanto é cultivada como é a reveladora de um tempo fraturado da nação angolana. O tempo histórico é requisitado como um parceiro potencializador de sentidos na cronotopia afetiva e afetante.

Para Yi-Fu Tuan "[o] lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos" (TUAN, 2013, p.37). A escrita de Ondjaki, representada por essa série de narrativas baseadas nas suas memórias ficcionalizadas, ilumina o pensamento do teórico na medida em que a sua escrita parece ser uma grande declaração de amor àquele espaço em que significou a sua existência e permitiu ao menino agora tornado narrador – ou ao narrador que se ancora no menino – registrar, cheio de ternura e amorosidade, por uma voz infantil, o vivido e o sentido naquele espaço de existir, resistir e afetar-(se).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 6ªed. Trad Aurora Fornoni Bernardini et all. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

COLLOT, Michel; COUTINHO, Fernanda. Poesia, paisagem e sensação / Poetry, landscape and sensation. **Revista de Letras**, *[S. l.]*, v. 1, n. 34, 2016. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2401. Acesso em: 10 maio. 2024

GASPARINI, Philippe. Autoficção é o nome de quê? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 181-221.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ONDJAKI**. Avódezanove e o segredo do soviético.** São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____.**O livro do deslembramento**. Rio de Janeiro, Pallas, 2022.

_____. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

MELLO, F. C.; CARLOTTI, T. *Da memória da infância à construção de um romance que contorna a História de Angola*. (Entrevista) **Carta maior,** 4 ago. 2006). Disponível em: https://www.cartamaior. com.br/?/Editoria/Midia/Da-memoria-da-infancia-a-construcao- -de-um-romance-que-contorna-a-Historia-de-Angola/12/11300. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória coletiva e teoria social**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2012.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d´Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. **Afeto & Poesia: ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

APLICATIVO GRAPHOGAME: OBJETO DIGITAL DE APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DOS NOVOS LETRAMENTOS

Lílian de Sousa Sena[294]

Resumo: Com as transformações decorrentes do avanço tecnológico e da cultura digital, surgiram novos recursos e estratégias para a promoção do conhecimento na vida dos estudantes. Partindo dessa observação, este estudo tem como propósito compreender as características do objeto digital de aprendizagem (ODA) Graphogame e sua relação com a teoria dos novos letramentos (Lankshear e Knobel, 2007). Quanto à metodologia, emprega-se um levantamento bibliográfico qualitativo com abordagem descritiva, destacando a relação do GraphoGame com a teoria dos novos letramentos. A análise dos dados centrou-se na identificação de elementos do Graphogame que o caracterizam como ODA e podem contribuir para o desenvolvimento de novas habilidades de letramento. Os resultados evidenciaram que o GraphoGame é uma alternativa para incorporar jogos ao ambiente escolar, especialmente com pessoas em fase de apropriação linguística, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades fonológicas e linguísticas dos usuários, além do letramento digital. Este estudo pode contribuir para a compreensão da eficácia do Graphogame como ferramenta educacional inovadora e seu papel na promoção de habilidades de letramento relevantes para a era digital.

Palavras-chave: Aprendizagem. Graphogame. Novos letramentos.

Introdução (elemento obrigatório)

Ao abordar a temática inovação no ambiente escolar, é comum fazer menção às ferramentas tecnológicas disponíveis. Essa associação é decorrente das múltiplas possibilidades de utilização dessas ferramentas tanto dentro quanto fora do espaço escolar, além da variedade de objetos digitais de aprendizagem (ODA) disponíveis. Desse modo, é imperativo que as instituições de ensino se adaptem a essa realidade, uma vez que desempenhem um importante papel na construção do conhecimento. Mencionar as instituições é também envolver os professores, posto que esses profissionais têm o contato mais próximo com os alunos, que são cada vez mais adeptos das novas tecnologias.

[294] Doutoranda em linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Quando essas tecnologias são aplicadas ao aprendizado de línguas, especialmente Língua Portuguesa, observamos o uso de diversas plataformas educacionais que buscam auxiliar os estudantes com o objetivo de alcançar um maior desempenho linguístico. No entanto, apesar da alta adoção de tecnologias educacionais pelos jovens, nota-se que alguns professores ainda não acompanham a inovação, permanecendo ligados aos métodos tradicionais de ensino. Nesse contexto, destaca-se a importância da compreensão das novas formas de pensar o ensino de Língua Portuguesa, em conjunto com o aplicativo educacional GraphoGame, no cenário tecnológico atual. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender as características do objeto digital de aprendizagem (ODA) Graphogame e sua relação com a teoria dos novos letramentos.

Ao explorar as potencialidades dos jogos no contexto educacional, mais especificamente do aplicativo em análise, por meio de uma pesquisa qualitativa, buscamos compreender a capacidade intrínseca dos jogos em motivar e desafiar os usuários a apropriar-se da língua, enquanto ODA. Assim, a combinação do ensino de Língua Portuguesa com o aplicativo GraphoGame não apenas forma jovens fluentes, mas também estimula o gosto pela aprendizagem de forma inovadora e estimulante.

Inicialmente, realizou-se uma breve revisão teórica que abordou temas relacionados às tecnologias como ferramentas de ensino e aprendizagem da língua portuguesa em ambientes digitais, como um espaço para o ensino desenvolvimento linguístico, e o papel do GraphoGame como uma ferramenta auxiliar nesse processo. Em seguida, foram apresentados os procedimentos metodológicos empregados na investigação, seguidos pela análise e interpretação dos dados, culminando nos resultados da pesquisa sobre a aplicativo gamificado que, desde o design até os desafios, valoriza a interação e o protagonismo dos jogadores, por meio das tecnologias digitais, aproximando-se da teoria dos novos letramentos.

Percurso Metodológico

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O presente trabalho assume uma abordagem qualitativa, cuja proposta é descritiva acerca do aplicativo GraphoGame e sua identificação com a teoria dos novos letramentos. (Lankshear e Knobel, 2007). Como delineado por Gil (2002), o objetivo primordial da pesquisa qualitativa é descrever características específicas de um fenômeno ou população, estabelecendo relações entre as variáveis envolvidas. Assim, o foco do estudo é explorar o aplicativo GraphoGame, na perspectiva dos novos letramentos a fim de compreender sua relevância no processo de ensino e aprendizado, em uma realidade imersa em tecnologia digital.

Para tanto, pretende-se responder às seguintes inquietações: 1) Que características dos novos letramentos estão presentes no aplicativo? 2) O graphogame pode ser considerado um objeto digital de aprendizagem? 3) Como a sociedade se beneficia do aplicativo, na perspectiva dos novos letramentos? A partir do aporte teórico, as análises sobre o aplicativo graphogame foram sendo delineadas e as características do novo *ethos* e da nova mentalidade percebidas no referido jogo, que pode ser uma ferramenta útil para pessoas em processo de alfabetização e letramento.

Objetos Digitais de Aprendizagem e Novos Letramentos: reflexões e conceitos

A Teoria dos Novos Letramentos expande as concepções tradicionais de alfabetização e letramento, fornece uma lente multifacetada para entender as complexas interações entre linguagem, sociedade e tecnologia. Este arcabouço teórico, fundamentado em estudos antropológicos e sociolinguísticos, destaca-se como uma abordagem dinâmica e contextualizada para a compreensão das práticas de leitura e escrita no século XXI, que tem se utilizado cada vez mais de objetos digitais de aprendizagem (ODA), pois estes emergiram da necessidade de se criarem estratégias de ensino-aprendizagem para a web e da necessidade de economia de pessoal e de tempo na elaboração de materiais instrucionais. (ARAÚJO,2017).

Ao analisar as práticas de leitura e escrita no século XXI, há que se observar que os ODA podem ser utilizados em contextos presenciais ou à distância e sem comprometer a

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

proposta de ensino, assim, pretende-se reavivar o entendimento de que as estratégias de

ensino de leitura e escrita passaram por uma transformação radical devido aos avanços tecnológicos e à ascensão dos meios digitais. Nesse contexto, os novos letramentos se tornaram um termo fundamental para descrever a forma como as pessoas interagem com a informação e se comunicam em um mundo cada vez mais imerso no digital, a exemplo disso, a popularização de ODA. Nesse sentido, a maneira como entendemos a leitura, a escrita e a comunicação, foi sendo redefinida com as novas práticas de leitura e escrita. Para Lankshear e Knobel,

> Quase tudo que está disponível on-line se torna um recurso para diversos tipos de criação de significados. Em muitos casos, os significados que são criados não serão inteligíveis para as pessoas em geral ou, em alguns casos, para muitas pessoas. Alguns podem ser compartilhados apenas por "pessoas de dentro" de grupos de interesse ou panelinhas bem pequenas. (Lankshear, Knobel, 2007, p.5)

De fato, a internet e os dispositivos móveis democratizaram o acesso à informação. Antes, a leitura estava associada principalmente a livros, revistas e jornais, e a escrita era realizada por meio de caneta e papel. Agora, qualquer pessoa com uma conexão à internet pode acessar uma grande quantidade de informações em questão de segundos e pode publicar suas próprias ideias para uma audiência global. Isso tem um impacto profundo na forma como as pessoas consomem e produzem materiais didáticos, como os ODA. Estes podem ser produzidos e consumidos por um grupo com interesses em comum ou também de livre acesso a qualquer pessoa.

De acordo com Mendes, Sousa e Caregnato (2004), um ODA deve apresentar algumas características, tais como: reusabilidade que é a capacidade de ser reutilizado em diversas situações e ambientes de aprendizagem; adaptabilidade que é a habilidade de se adaptar a diferentes contextos de ensino e aprendizagem; granularidade que se refere à apresentação de conteúdo em unidades atômicas para facilitar a reusabilidade; acessibilidade com facilidade de acesso via Internet, permitindo seu uso em diversos locais e sendo potencialmente acessível a usuários com necessidades especiais; durabilidade que possibilita continuar sendo utilizado independentemente de mudanças tecnológicas;

interoperabilidade que é a capacidade de operar em uma variedade de hardwares, sistemas operacionais e navegadores.

Tais características permitem o entendimento de que as práticas de letramento modernas, com o uso de ODA ou não, envolvem uma diversidade de linguagens, como imagens, símbolos e tecnologias digitais. Assim, vê-se a necessidade de considerar não apenas o texto escrito impresso, mas também as diversas formas de expressão que permeiam as interações comunicativas. Nessas interações, além das trocas e percepções sobre o que é dito, há também as formas de recontar o que foi compreendido que, por meio das tecnologias digitais, ganha outros contornos e maiores proporções. Nesse sentido, os novos letramentos não podem ser limitados à mera habilidade de decifrar palavras, frases ou ter habilidade técnica com tecnologias digitais, mas devem ser compreendidos como práticas sociais integradas em contextos específicos, incluindo a necessidade de avaliar criticamente as fontes de informação, discernir entre fatos e opiniões e entender as estratégias usadas para persuadir ou manipular os leitores/usuários.

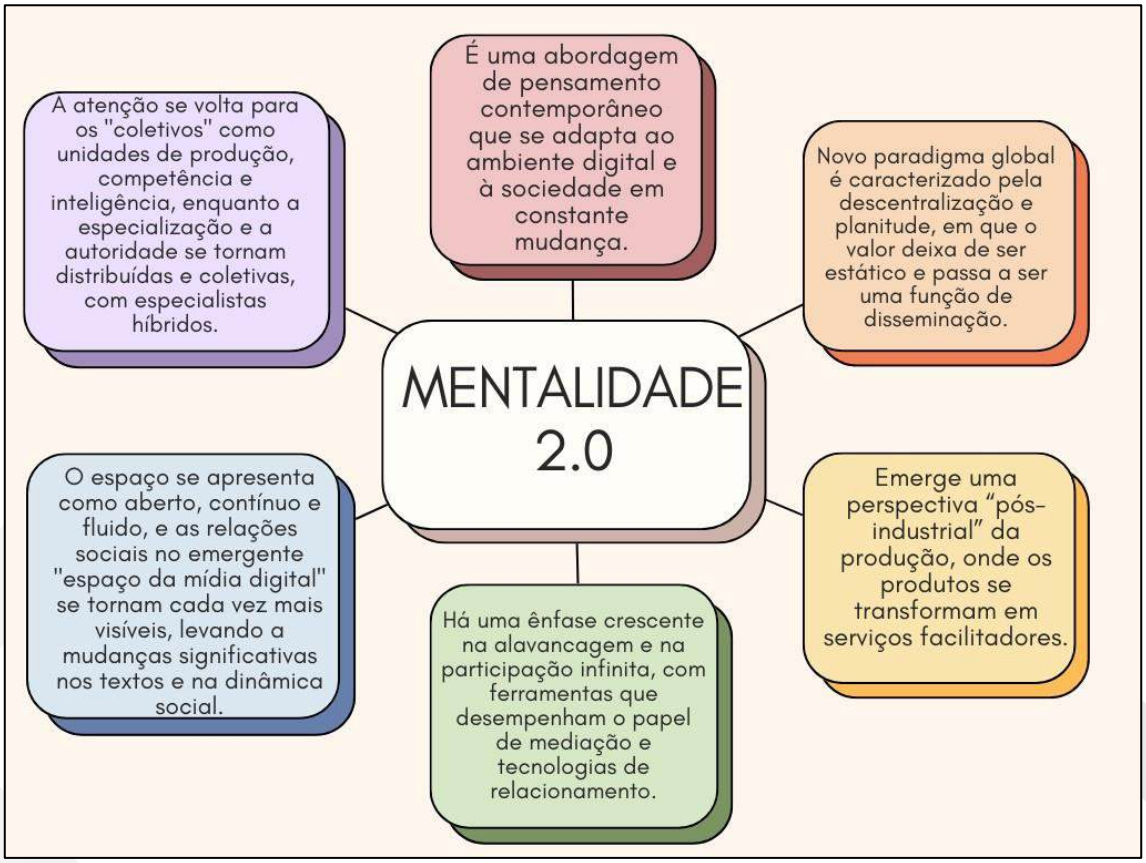
Nessa perspectiva de múltiplas combinações de linguagem e possibilidades de interação, a recombinação de textos e atribuições de sentido compõem uma nova forma de escrita que vai além do impresso por envolver a multimodalidade como um *remix* das informações. (Knobel e Lankshear, 2007). Isto posto, percebe-se que em um ODA, a tecnologia não se configura apenas como uma ferramenta, mas como um meio integral de comunicação e construção de significado, no qual a habilidade de navegar e interpretar informações online torna-se uma competência essencial na contemporaneidade.

Entretanto, a habilidade técnica não se sobrepõe ao trato com a linguagem e vice-versa, há uma simbiose entre ambos, configurando um novo *ethos*, propiciado pela relação entre tecnologia e linguagem. Esse novo *ethos* emerge da forma como as decisões são tomadas e a maneira de viver e existir em sociedade, culminando em uma nova mentalidade que requer uma reconfiguração de diversos valores e posicionamentos, como observa-se no gráfico seguinte.

Gráfico 1. Mentalidade 2.0

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



(Fonte: Elaborado a partir de Lankshear e Knobel (2007, p. 11)

A mentalidade 2.0 se concentra em ampliar as possibilidades de publicação, compartilhamento e organização de informações, bem como na interação entre os participantes. Ela enfatiza serviços, colaboração e compartilhamento, em oposição à produção e venda de materiais para consumo privado, enquanto a mentalidade 1.0 é caracterizada por uma grande separação entre produtores de conteúdo e consumidores, onde o foco está no uso passivo do material disponibilizado. A ênfase consistiu na criação de diretórios e taxonomias no "centro", que foram então disponibilizados aos usuários da maneira como foram criados, refletindo-se numa abordagem industrial de produção de material.

A relação entre um Objeto Digital de Aprendizagem (ODA) e a mentalidade 2.0 pode ser compreendida considerando os princípios fundamentais associados a ambos os conceitos. A mentalidade 2.0, por um lado, destaca a importância da colaboração e da participação ativa na construção coletiva do conhecimento. Nesse contexto, um ODA pode

ser projetado de maneira a fomentar a interação e colaboração entre os usuários,

incentivando uma participação ativa na construção do saber. Em um mundo complexo, diversificado e em constante mudança todos são desafiados a desenvolver uma percepção crítica que os capacita a tomar decisões com ética e responsabilidade. Portanto, as novas abordagens de ensino-aprendizagem não têm apenas impacto no presente, mas também moldam o cenário futuro, ainda por se desvendar.

Graphogame: o jogo da escrita

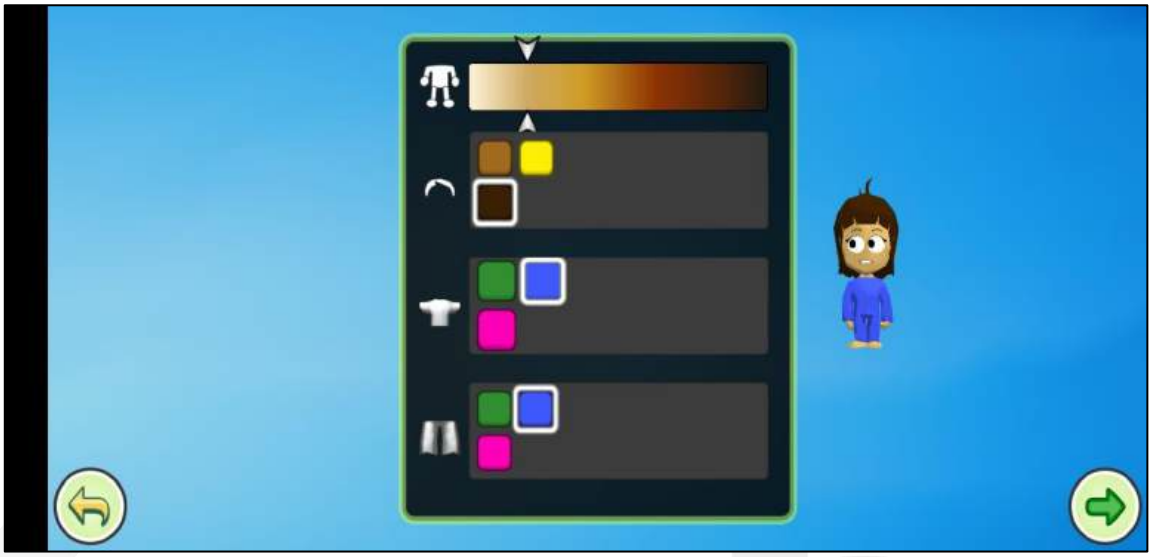
O GraphoGame é um aplicativo desenvolvido por cientistas finlandeses da Universidade de Jyvaskyla em 2011 que tem desfrutado de ampla utilização em diversos países ao redor do mundo, inclusive no Brasil. No contexto brasileiro, o lançamento do GraphoGame representa uma iniciativa do Ministério da Educação, inserida na Política Nacional de Alfabetização e no programa Tempo de Aprender, como um aplicativo em que crianças aprendem brincando os sons das letras e das sílabas e desenvolvem importantes habilidades que as ajudarão a ter uma alfabetização formal mais .(Brasil, 2021). Esta ação foi concretizada por meio de uma parceria entre o Ministério da Educação, o Instituto de Cérebro (InsCer) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Essa colaboração envolveu a tradução do jogo para a língua portuguesa com o objetivo específico de apoiar professores nas atividades de ensino remoto e oferecer suporte às famílias no acompanhamento do processo de aquisição de habilidades de letramento por parte das crianças e está disponível em sistemas Android, IOS e Microsoft. Sendo um aplicativo gamificado que pode ser usada online ou offline, o GraphoGame possui uma dinâmica de jogo projetada para integrar-se à realidade vivenciada pelos estudantes, iniciada com a possibilidade de criação de avatares personalizados pelos próprios usuários fortalece a conexão do usuário com o ambiente virtual, conforme se observa na imagem 1:

Imagem 1: Personalização de *avatar*.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Ter um avatar personalizado em um jogo oferece aos jogadores a oportunidade de se identificarem e se expressarem de forma única. A personalização permite que criem uma representação virtual que reflete sua individualidade, estimulando uma conexão mais profunda com o universo do jogo. Além da personalização do personagem, as sequências e os níveis têm diferentes cenários, por exemplo: submarino, fazenda, pirata, entre outros. (Brasil, 2021). A conexão estabelecida entre o jogador e o jogo é reforçada quando os usuários veem seus avatares como extensões de si mesmos, gerando um envolvimento mais significativo no ambiente e na narrativa do jogo.

Quanto à estrutura, partindo da mecânica de associação letra/fonema, como afirma Souza (2021, p.37), “os alunos podem praticar suas habilidades de leitura por meio de jogos e, consequentemente, tornam-se leitores mais fluentes à medida que automatizam as conexões grafema-fonema”. A progressão do jogador para um novo nível no aplicativo é condicionada à conquista de uma quantidade específica de acertos. Avançar para a próxima sequência implica superar todas as etapas, e em situações de repetição devido a erros, o próprio aplicativo reorganiza a ordem de alguns sons apresentados. As sequências utilizadas no jogo estão apontadas na imagem 2:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Imagem 2. Sons e letras trabalhadas no jogo.

FASE	FONEMAS	LETRAS
VOGAIS I	/a/ /ɛ/ /i/ /ɔ/ /u/	A E I O U
VOGAIS II	/a//e/i//o//u/	A E I O U
VOGAIS III	/ã/ /ɛ/ /e/ /i/ /ɔ/ /o/ /u/	Ã É Ê I Ó Õ U
CONSOANTE I	/d/ /s/ /ʃ/ / /v/ /f/ /p/ /k/ /z/ /t/ /r/	D S X V F P C Z T R
CONSOANTE II	/b/ /s/ /k/ /n/ /m/ /l/ /g/ /ʎ/ /ñ/ /ʃ/ / x/	B Ç SS Q N M L G LH NH CH RR
SÍLABAS SIMPLES I	/ʃu//ru/ /zu/ /si/ /vi/ /fi/ /bu/ /ʒi/ /da/ /ʃa//fe/	XU RU ZU SI VI FI BU JI DA XA FE
SÍLABAS SIMPLES II	/so/ /vi/ /se/ /sa/ /ra/ /zi/ /vo/ /la/ /bi/ /ga/ /ba/	SO VI SE SA RA ZI VO LA BI GA BA
DUAS VOGAIS I	/aj/ /uj/ /ej/ /ia/ /io/ /ie/ /oj/ /ow/	AI UI EI IA IO IE OI OU
DUAS VOGAIS II	/iɛ/ /iɔ/ /ia/ /oj/ /ɔj/ /aw/ /ãw/ /ãj/	IE IO IA OI OI AU ÃO ÃE
SÍLABAS SIMPLES III	/gu/ /lu/ /su/ /pi/ /pe/ /fo/ /sa/ /ri/ /ro/ /ka/ /ni/ /ma/ /me/ /ku/ /ʃi/ /ʒu/ /ne/ /du/ /de/ /fa/ /be/ /ʒo/ /ve/	GU LU ÇU PI PE FO ÇA SU RI RO CA NI MA ME CU XI JU NE DU DE FA BE JO VE
SÍLABA SIMPLES IV	/nu/ /pa/ /go/ /ʃe/ /le/ /re/ /na/ /so/ /ʃo/ /ʒe/ /ko/ /pu/ /fu/ /ze/ /ʒa/ /li/ /lo/ /mi/ /zo/ /bo/ /za/ /no/ /po/ /va/ /do/ /to/ /tu/ /ve/ /di/ /mu/	NU PA GO XE LE RE NA SO FO JE CO PU FU ZE JA LI LO MI ZO BO ZA NO PO VA DO TO TU VE DI MU
SÍLABA SIMPLES V	/se/ /ʒi/ /ʒe/ /si/ /ki/ /ke/ /kwa/ /gi/ /ge/	SE GI GE SI QUI QUE QUA GUI GUE
SÍLABAS COMPLEXAS I	/ar/ /as/ /ɛl/ /er/ /i/ /ɪs/ /aw/ /ã/ /ɔr/ /ɔw/ /abs/ /lo/ /obs/	AR AS EN EM ER IN INS AL AM OR OL
SÍLABAS COMPLEXAS II	/kã/ /dɪs/ /kõs/ /lor/ /mẽs/ /mir/ /sãs/ /var/ /per/ põs/ /faz/ /kaw/ /tor/ /mõs/ /kar/ /dã/ /mɪs/ /noi/ /dow/ /vi/ /dãw/ /dew/ /dor/ /zẽ/ /nos/	CAN DINS CONS LOR MENS MIR SANS VAR PER PONS FAZ CAL TOR MONS CAR DAM MINS NOI DOU VIM DÃO DEU DOR ZEN NOS
SÍLABAS COMPLEXAS III	/fle/ /plas/ /ñe/ /dro/ /flaw/ /vro/ /plis/ /tra/ /ki/ /gles/ /vru/ /pru/ /tri/ /prã/ /kli/ /ʎe/ /gra/ /ñu/ /gi/ /ʃi/ /vri/ /trã/ /tli/ /ko/ /ʃo/ /tla/ /bru/ /tle/ /tlu/ /ple/	FLE PLAS NHE DRO FLAU VRO PLIS TRA LHA GLES VRU PRU TRI PRAN CLI LHE GRA NHU GUIN CHI VRI TRAN TLI LHO CHO TLA BRU TLE TLU PLE
SÍLABAS COMPLEXAS IV	/blas/ /krã/ /gri/ /tre/ /dre/ /pli/ /vra/ /fre/ /pro/ /trow/ /brũ/ /fro/ /kuã/ /gle/ /kre/ / ʎu/ /fra/ /fru/ /pra/ /kro/ /pri/ /blo/ /dru/ /ʃu/ /pre/ /ble/ /fri/ /kra/ /bli/	BLAS CRAN GRI TRE DRE PLI VRA FRE PRO TROU BRUN FRO QUAN GLE CRE LHU FRA FRU PRA CRO PRIN BLO DRU CHU PRE BLE FRI CRA BLI
SÍLABAS COMPLEXAS V	/klo/ /kle/ /kri/ /pre/ /tlo/ /bẽ/ /plo/ /ʃe/ /klaw/ /glu/ /bra/ /kla/ /fla/ /plu/ /kru/ /flu/ /ña/ /vra/	CLO CLE CRI PRE TLO BRON PLO CHE CLAU GLU BRA CLA FLA PLU CRU NHA VRA
SÍLABAS COMPLEXAS VI	/gro/ /pri/ / ʎa/ /dra/ /bla/ /trãs/ /gri/ /gre/ /gres/ /fres/ /bri/ /frow/ /bre/ /pla/ /gru/ /ki/ /pri/ /blis/ /ñi/ /gli/ /tru/ /bri/ /krẽ/	GRO PRI LHA DRA BLA TRANS GRIN GRE GRES FRES BRI FROU BRE PLA GRU QUIN PRIN BLIS NHI GLI TRU BRIN CREN
SÍLABAS COMPLEXAS VII	/fler/ /klu/ /gla/ /vre/ /fli/ /dri/ /glã/ /blu/ /pres/ /kre/ /ʃa/ /flã/ /prõ/ /tro/ /flo/ /brã/ /fluj/ /ño/ /glo/ /prã/ /bro/	FLER CLU GLA VRE FLI DRI GLAN BLU PRES CRES CHA FLAN PRON TRO FLO BRAN NHO GLO PRAN BRO

Fonte: Brasil, 2021.

Observando a imagem 2, vê-se que o jogo apresenta um total de 49 sequências. Inicialmente, as sequências abrangem os sons de vogais e consoantes, sendo abordados, a princípio, de forma separada e, posteriormente, de maneira conjunta. Em etapas subsequentes, as sequências demonstram a associação das letras para formar sílabas, começando com combinações de duas letras, progredindo para três letras e continuando com combinações mais complexas. Independentemente da sequência específica, os sons trabalhados seguem um padrão consistente.

Durante o percurso do jogo, estão disponíveis ícones, ranking, mapas e, a cada fase concluída, o jogador recebe bônus para aquisição de ferramentas e acessórios que o auxiliarão nos desafios das próximas fases. (Brasil, 2021). Essa estratégia visa manter o interesse, evitando que o jogo se torne repetitivo e cansativo, sendo, portanto, uma

promissora ferramenta de apoio a jovens aprendizes. Além disso, ele pode atenuar a lacuna entre as pessoas que têm dificuldades/deficiências de leitura ou que são de alguma forma prejudicadas por diferenças individuais externas. (Souza, 2021). O ambiente de aprendizagem virtual torna-se um recurso ao qual muitos usuários já estão adaptados e, portanto, pode minimizar as diferenças e até mesmo estimular o aprendizado dada a ludicidade do aplicativo. Segundo Zielinski et al (2022, p.5), "é importante ressaltar que o GraphoGame, foi pensado e elaborado para crianças das séries iniciais, dispondo de conteúdos auxiliadores no processo de alfabetização e letramento". Embora a proposta do jogo tenha sido pensada e estruturada para o público infantil, não se desconsidera o fato de que o Brasil possui alto índice de jovens e adultos em processo de alfabetização que podem ser beneficiados com o aplicativo.

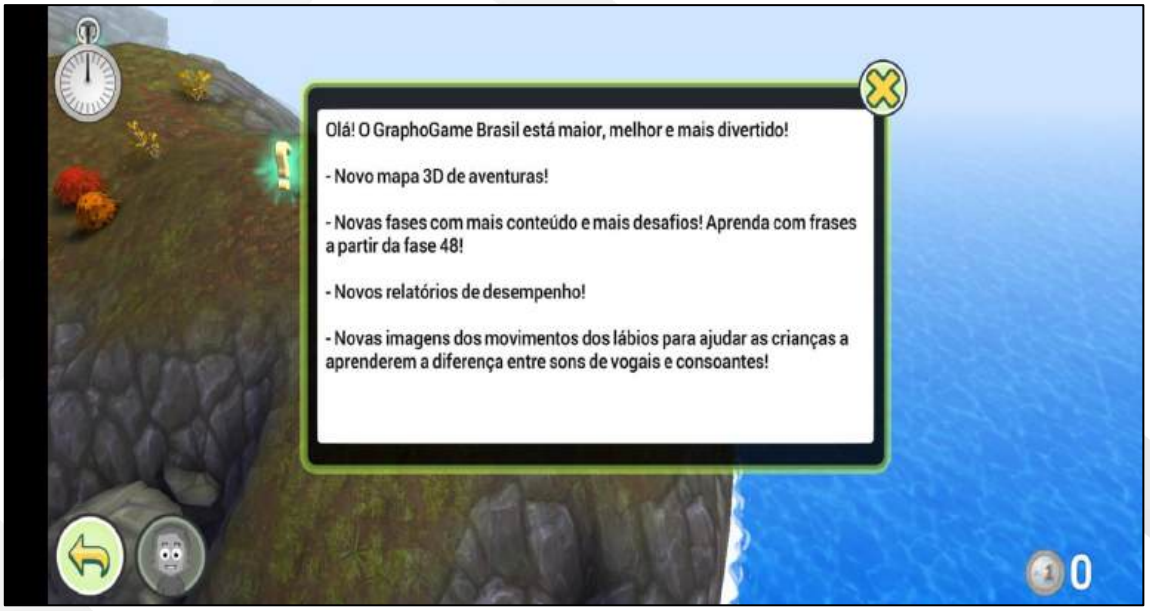
Jogando com os novos letramentos

A estrutura do jogo GraphoGame permite classificá-lo como um ODA por preconizar a aprendizagem em ambiente digital, além de apresentar características próprias deste tipo de material. Além disso, é perceptível que a proposta que tem estreitamento com a perspectiva dos novos letramentos por estimular uma nova mentalidade e um novo *ethos* na interação com o aplicativo. Isso é observado, logo de início quando o jogador define o cenário do jogo e personaliza o avatar, fazendo o planejamento de cenário (Lankshear e Knobel, 2007) como forma de propiciar uma melhor construção de conhecimento.

Entendo como Rosa (2016, p. 52), "o novo *ethos* consiste em diferentes tipos de valores, prioridades e sensibilidades mobilizados em práticas letradas que são, necessariamente, diferentes dos letramentos com os quais estamos mais familiarizados". A autora faz referência aos letramentos convencionais, mais relacionados ao texto escrito impresso, que trazem uma abordagem diferente da experiência com textos digitais. Nesse contexto digital, Lankshear e Knobel (2007) afirmam que as novas tecnologias estimulam a mobilização de conhecimentos inovadores, uma vez que nos deparamos e utilizamos diferentes formas de linguagem nesse ambiente, com participação ativa dos usuários da

rede. A imagem seguinte mostra uma apresentação do que os jogadores encontrarão no GraphoGame.

Imagem 3: Apresentação do jogo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A partir das informações contidas na imagem 3, percebe-se que a navegabilidade é simples e dinâmica. Como já mencionado, cada cenário pode ser personalizado pelo jogador. Há também um recurso interessante de *feedback* que podem estimular a aprendizagem, pois orientam quanto aos erros e acertos. Essa sistemática instiga o jogador a superar novos desafios no jogo, adotando uma outra postura fora dele também, pois será estimulado a aprender com os próprios erros e contabilizar sua própria evolução da aprendizagem, com o relatório de desempenho. Essa estratégia alinha-se aos novos letramentos pois não está direcionada apenas ao universo digital, mas às implicações que o digital traz para a vida fora da rede.

Outro aspecto observado na imagem 3 é a associação de recursos imagéticos para orientar quanto ao movimento dos lábios ao pronunciar vogais e consoantes. Como pontua Rosa (2016, p. 54), “não há mais especialistas, o que vale é participar, contribuir, criar, recriar e inovar conectados em rede”. Percebe-se, assim, uma nova mentalidade quanto ao compartilhamento do saber, permitindo que o jogo assuma uma

perspectiva inclusiva que é tão importante em ambientes educacionais, sejam eles virtuais ou não. À medida que o ODA possibilita a compreensão de pessoas em diferentes níveis cognitivos, vê-se que a sociedade também se transforma positivamente e que a reusabilidade está

presente nesse processo. Na imagem seguinte, observa-se a granularidade, que facilita a navegação.

Imagem 4:

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Em um ODA, de acordo com Rojo (2017, p.13), “suas características mais importantes seriam a granularidade que vai garantir sua reusabilidade”. De fato, uma boa organização do planejamento a ser seguido/construído permite que o material seja adaptado a diferentes realidades e reutilizado diversas vezes. Na imagem, pode-se observar também que a interoperabilidade está presente. Como já mencionado, o jogo opera em sistemas Android, IOS e Microsoft. Mas, o que se pretende, ao analisar a imagem 4, é demonstrar que o ODA GraphoGame, além de todas as características que o constituem como tal, preza por acesso rápido e livre fluxo de dados, que é uma característica da mentalidade 2.0.

Assim, percebe-se que, embora o jogo seja mais atraente a pessoas em fase de alfabetização (reconhecimento letra/fonema), há o letramento a partir do momento em que se possibilita agregar o conhecimento prévio do jogador e dá-se autonomia para gerenciar

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

seu percurso no jogo, resultando no que entendem Lankshear e Knobel (2007, p.21), para quem “novas alfabetizações são constituídas por "novos aspectos técnicos" e também por "novo *ethos*"”. Como afirma Souza (2021, p. 25), “quando as crianças desenvolvem com sucesso a consciência fonológica e fonêmica, elas estão preparadas para aprender a ler”. Isso não acontece somente com crianças, pois qualquer pessoa em processo de apropriação linguística é beneficiada com essa conscientização. Mas, para isso, é necessário algum tipo de instrução supervisionada para ajudá-las a entender a relação entre letra/fonema/leitura.

No entanto, diante das inúmeras demandas enfrentadas pelos professores no país, juntamente com a possível falta de habilidade tecnológica, a ideia de modificar os métodos de instrução pode parecer desafiadora para muitos. (Patel et al, 2018). Em contrapartida, a tecnologia tem o potencial de auxiliar os professores na superação de algumas dessas barreiras, possibilitando, assim, a oferta de um ensino de línguas de alta qualidade, algo que todas as pessoas merecem. Nesse sentido, muito mais que a relação entre mecânica entre os usuários e os dispositivos tecnológicos, há uma nova mentalidade desenvolvida a partir e na experiência com o digital.

Considerações finais

A cultura digital possibilita inúmeras formas de aprendizagem e interações com a língua, dentre elas a utilização de jogos digitais como potencializador do processo educativo. Neste texto, buscamos compreender as características do ODA GraphoGame e sua relação com a teoria dos novos letramentos, através de uma análise qualitativa do jogo, bem como de uma descrição das suas características. No percurso de análise, observamos que o ODA facilita o acesso e o compartilhamento eficiente de conteúdo educacional, promovendo assim a disseminação eficaz do conhecimento, como prevê a mentalidade 2.0.

Desse modo, compreendemos que o jogo em análise está inserido nessa nova mentalidade e proporciona a manifestação de um novo *ethos*, conforme o avanço tecnológico e a teoria dos novos letramentos. Como ponto de convergência com a teoria, um aspecto interessante reside na ênfase dada à adaptação e personalização. Enquanto a mentalidade 2.0 encoraja a adaptação a mudanças e a

personalização das experiências de aprendizagem, um ODA pode incorporar recursos que se ajustem às necessidades individuais do aprendiz, proporcionando, desse modo, uma experiência de aprendizagem mais personalizada, como visto no GraphoGame.

Além disso, é válido mencionar que as inquietações iniciais quanto à caracterização do jogo como ODA e sua aproximação com a teoria dos novos letramentos foram dissolvidas, pois percebemos que a mentalidade 2.0 abraça a inovação contínua e a busca por novas abordagens, enquanto um ODA deve ser concebido com flexibilidade para incorporar tecnologias emergentes e atualizações, garantindo sua relevância ao longo do tempo. Ao alinhar esses elementos, é possível criar uma experiência educacional mais dinâmica, colaborativa e adaptável às expectativas e necessidades dos aprendizes na era digital. Assim, esperamos que este trabalho possa contribuir com pesquisas futuras sobre ODA e que, a partir da compreensão do que se configura como novo *ethos*, as práticas de letramento possam envolver cada vez mais recursos e jogos digitais, com uma nova mentalidade que extrapole o ambiente das redes.

Referências

ARAÚJO, N. M. S. A avaliação de objetos de aprendizagem para o ensino de Língua Portuguesa: Análise de aspectos tecnológicos ou didático-pedagógicos? In: ARAÚJO, J.; ARAÚJO, N. (Orgs.) **Ead em tela: Docência, ensino e ferramentas digitais**. Campinas: Pontes, 2013, s/p. Disponível em: https://www.academia.edu/6472457 Acesso em: 23/12/2023

Brasil. Ministério da Educação. (2021). **GraphoGame: Manual do professor e do usuário**. 2021. http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/graphogame_manual_at_v2.pdf.

Gil, A. C. (2002). **Como elaborar projetos de pesquisa**. (4ª ed.) São Paulo: Atlas, 2002.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. 2007. Sampling the new in new literacies. In: C. LANKSHEAR; M. KNOBEL (eds.), **A new literacies sampler**. New York, Peter Lang, p. 1-24.

MENDES, R.M.; SOUSA, V. I.; CAREGNATO, S. E. A propriedade intelectual na elaboração de objetos de aprendizagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2004, Salvador, **Anais do V Encontro Nacional de Ciência da Informação**, Salvador: UFBA, 2004. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/548 . Acesso em 23 dez. 2023.

Patel, P., Torppa, M., Aro, M., Richardson, U., & Lyytinen, H. (2018). **GraphoLearn India: The Effectiveness of a Computer-Assisted Reading**

Intervention in Supporting Struggling Readers of English. Frontiers in Psychology, 9. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01045 Acesso: 18 dez. 2023.

ROJO, R. Entre plataformas, odas e protótipos: novos multiletramentos em tempos de web2. **The Especialist: descrição, ensino e aprendizagem**. Vol. 38 Nº 1 jan -jul 2017. Disponível: https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/32219. Acesso: 18 dez. 2023.

ROSA, A. A. C. da. **Novos letramentos, novas práticas? Um estudo das apreciações de professores sobre multiletramentos e novos letramentos na escola**. 2016. 1 recurso online (203 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1629706. Acesso em: 20 dez. 2023.

SOUZA, J. G. M. **GraphoGame impact: Phonemic awareness training and Reading development**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/45581/1/Graphogameimpactphonemic_Souza_2021.pdf. Acesso em 20 dez 2023.

ZIELINSKI, R. A. R.; MEIRA, R. Z. C.; NANTES, E. A. S. GraphoGame: uma possibilidade de explorar o jogo na sala de aula nas séries iniciais. **Research, Society and Development** [S. l.], v. 11, n. 13, p. 1-10, Out. 2022. DOI 10.33448/rsd-v11i13.35582. Disponível em: file:///C:/Users/Aderson/Downloads/35582-Article-393628-1-10-20221009.pdf. Acesso em: 18 dez 2023.

4 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO OPORTUNIDADE DE ARTICULAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR COM A EDUCAÇÃO BÁSICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS

Ana Elizabete Rocha Magalhães[295]

Thatiane Fernandes de Sousa[296]

Resumo: O presente trabalho traz discussões a partir da disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Inglesa, componente curricular da licenciatura em Letras Inglês/Português do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Camocim. A referida vivência foi realizada numa escola estadual de nível médio, localizada na zona urbana de Camocim –CE, distante 350 km da capital Fortaleza . No decorrer das reflexões são apresentadas abordagens acerca da estrutura, do funcionamento e das relações interpessoais que compõem a comunidade escolar. Para embasar as discussões, são utilizadas as proposições de Bondía(2002), Libâneo, Oliveira e Toschi(2012), Moraes (2012) e Oliveira(2015), com o foco na pesquisa bibliográfica e descritiva. Objetiva-se, com isso, estabelecer um diálogo entre escola e a academia a partir da formação docente por meio do estágio, considerando as especificidades desse momento formativo. O estágio curricular supervisionado agrega conhecimentos teóricos, metodológicos e práticos aos professores em formação. Espera-se, assim, que esse trabalho seja relevante para a socialização de conhecimentos e a valorização da conexão escola-academia.

Palavras-chaves: Estágio supervisionado. Formação de professores. Ensino Superior. Educação básica.

Introdução

Se atentarmos para as constantes transformações que a educação escolar está vivenciando, veremos que emerge a necessidade de fazermos reflexões críticas acerca dos papéis de cada indivíduo envolvido nesse sistema. Já não cabe mais ao professor ser aquele que somente ensina e o aluno ser aquele que apenas recebe o conhecimento: ambos estão em uma troca de saberes e experiências, pois "quem educa, também aprende, transforma-se no próprio ato de educar, na relação que se estabelece entre professor e aluno." (MORAES, p. 150).

O estágio curricular supervisionado é um momento propício a esse tipo de reflexão, já que agrega conhecimentos teóricos, metodológicos e práticos aos professores em formação. É no chão da escola que a experiência acontece e o futuro professor vai conhecer de perto o cotidiano da

[295] Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Inglês pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE *Campus* Camocim. Residente Bolsista do Programa Residência Pedagógica - PRP 2022-2024 (CAPES). E-mail: ana.elizabete.rocha07@aluno.ifce.edu.br

[296] Mestra em Planejamento e Políticas Públicas (UECE). Professora efetiva do Instituto Federal do Ceará (IFCE) – *Campus* Camocim. Membro do grupo de pesquisa Educação, Política e Formação (GEPF). E-mail: thatiane.fernandes@ifce.edu.br

profissão. Em diálogo com a academia, este indivíduo tem a oportunidade de

fazer conexões e buscar meios para se ressignificar a cada dia a partir dos novos desafios que surgem.

Nessa direção, o presente trabalho trará algumas observações e análises realizadas a partir do Estágio Supervisionado de Língua Inglesa III do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE *campus* Camocim.

O referido estágio foi constituído por visitas à escola-campo, observações de aulas e regências, atividades que ocorreram numa escola de ensino médio localizada na cidade de Camocim- CE, durante os meses de Agosto a Dezembro de 2023. As aulas ministradas foram planejadas com o auxílio da docente titular e realizadas nas turmas do 3º ano "D" e do 3º ano "E" do turno da manhã. A seguir serão apresentados tópicos que trazem diversas abordagens reflexivas sobre essa experiência no meu percurso formativo.

O diálogo entre a academia e a escola-campo do estágio na formação do estagiário.

No decurso da minha formação acadêmica na licenciatura tive acesso a diversos conhecimentos que colaboraram na minha jornada até chegar ao período de estágio de Língua Inglesa. Iniciei com observação e regência no Ensino Fundamental e agora pude ter a experiência de ter um contato maior com as práticas educativas do Ensino Médio. Mesmo assim, não há como se fechar em uma única perspectiva e se considerar como alguém que já possui todas as capacidades pedagógicas exigidas para a inserção no contexto educacional, pois a cada instante estamos no processo de aprender a aprender, como relata Moraes (2012, p. 145)

> A educação, ao promover as condições básicas ancoradas no manejo e na produção do conhecimento, mediante o desenvolvimento de atitude de investigação e de competência para a criação de sua própria competência, estará favorecendo a didática do aprender a aprender como o objetivo maior de toda a intervenção pedagógica, independente da idade, dos graus de ensino ou dos recursos tecnológicos utilizados.

Assim, como estamos sempre em processo de aprendizagem, é necessário fazermos o exercício de reflexão sobre nossas práticas individuais e pedagógicas. Daí surge a importância das discussões feitas no *campus* com os professores da disciplina de Estágio Supervisionado,

momento em que trocamos experiências e aprendemos uns com os outros, sem esquecer da colaboração da professora titular da instituição de ensino, enquanto eu estava estagiando.

Descrição reflexiva da instituição de ensino

A escola na qual realizei o estágio situa-se em um bairro central da cidade de Camocim, reconhecido por sua importância econômica e arquitetônica. Ela funciona somente com a etapa de ensino médio, nas formas regular (no turno da noite e nas turmas de 3º ano) e integrada, durante o dia, nos 1º e 2º anos. Segundo o Projeto Político-Pedagógico (2023), o número total de alunos da instituição é de 847.

A instituição possui saneamento básico, iluminação pública e é higienizada por profissionais específicos para cada repartição. O entorno possui um fluxo moderado de circulação de pessoas e veículos e é bem sinalizado. A fachada é bem conservada e em toda extensão escolar há acessibilidade para aqueles que possuem mobilidade reduzida, porém não há um atendimento educacional especializado (AEE).

É perceptível que a escola é um pouco antiga e está passando por uma reforma para ampliação do número de salas, porém ela não possui quadra. Há um pátio, um refeitório, dois banheiros masculinos, dois femininos e um para pessoas com deficiência. Todos esses ambientes estão em um bom estado físico.

Atualmente, há 10 salas de aula na sede, com 17 turmas, e 7 salas nos distritos de Torta e Tatajuba, com 7 turmas, totalizando 24, com uma média de 35 a 45 alunos em cada. Geralmente, elas são climatizadas, mas ainda assim são muito quentes. São bem iluminadas, com mobiliário adequado e minimamente conservado.

A cozinha é localizada próximo ao pátio e consiste em um espaço pequeno, mas organizado e bem higienizado. O cardápio é variado, dependendo das séries. Por ser uma escola em transição do ensino regular para o ensino em tempo integral, as turmas de 3º anos estão em apenas um dos turnos, sendo oferecido somente um lanche. Já aos 1º e 2º anos, por estarem o dia todo na escola, são oferecidas três refeições diárias.

A biblioteca fica bem na entrada da escola e oferece um acervo consideravelmente grande, para o acesso tanto aos alunos como aos professores e

funcionários. No entanto, além de não ser climatizada, há um balcão bem no centro que separa os livros para empréstimos das mesas para estudo. Essa estrutura dificulta um pouco o acesso e a circulação de pessoas.

Há sempre um ou dois funcionários que auxiliam os usuários em suas demandas. Além de obras literárias, científicas e didáticas, a biblioteca ainda disponibiliza violões para os alunos em seus momentos vagos. Esse é um ponto muito importante, pois valoriza as habilidades artísticas e culturais, além de promover o bem estar e a permanência dos discentes na escola.

A sala dos professores é um ambiente amplo, climatizado e bem iluminado, com mobiliários aparentemente novos e é conectada à secretaria, à coordenação e à direção. Todos esses setores têm acesso aos outros através de portas internas. Essa estrutura arquitetônica me chamou atenção: ela promove um elo maior entre o corpo docente, a gestão e os demais funcionários. Eles circulam livremente entre esses lugares, mantendo um diálogo aproximado e removendo, em partes, a noção de hierarquias.

Ensino e aprendizagem

O planejamento consta como uma etapa imprescindível no trabalho docente. Ele "é essencial para o ensino que se deseje bem-sucedido, independentemente de se tratar de ensino de línguas ou de outras áreas de conhecimento" (AMARAL, p. 19). Assim, é importante que haja um bom aproveitamento desse artifício em favor de uma aprendizagem significativa.

Na instituição mencionada, semanalmente, geralmente às terças, os professores da área de Linguagens se reúnem e fazem o planejamento de suas atividades. O cronograma das aulas, norteado pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC e acompanhado pela Seduc, é organizado em um plano mensal, o qual estabelece quais conteúdos deverão ser ministrados durante determinado mês.

Em se tratando de Língua Inglesa, a escola dispõe de livros didáticos e dicionários bilíngues que podem ser utilizados tanto pelos professores como pelos alunos. Além desses recursos, segundo o Projeto Político-Pedagógico da instituição (2023), há também o Centro de Multimeios, que é composto por Biblioteca/Sala de leitura/Banco do livro, Sala de projeção e vídeo, Laboratórios de informática e Laboratório de Ciências.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Durante o período de observação, tive acesso ao PPP (atualizado em Março de 2023) e ao regimento escolar. Nesse quesito, percebi que a instituição é democrática, pois a gestão não fez objeções à solicitação desses documentos. Estes, por sua vez, são periodicamente

atualizados, de acordo com a demanda e as necessidades da comunidade escolar.

A professora-supervisora é graduada em Licenciatura em Língua Portuguesa e Inglesa e atua desde 1998, contando com 25 anos de carreira. Considero importante salientar que ela foi minha professora de Inglês durante o Ensino Médio. Esse fato me impactou fortemente, pois, mesmo depois de alguns anos, percebi a permanência do entusiasmo na profissão, o que, em partes, me motivou a continuar o percurso para a posterior função docente.

Com um olhar voltado para o período de regência, percebi o quanto é desafiadora a rotina escolar. No entanto, com o planejamento cooperativo e com o apoio da professora titular, houve um alinhamento entre os objetivos do estágio e as demandas da instituição, possibilitando, assim, um ambiente de troca de saberes.

A aula ministrada foi expositiva e dialogada, versando sobre aspectos da língua inglesa: preposições *in*, *on* e *at*. Durante a aula, consegui demonstrar um pouco de segurança na explicação do conteúdo e a turma se mostrou participativa. A relação com os alunos foi satisfatória, tendo em vista o curto período de tempo de contato com as turmas em regência.

Apesar do impacto de ser a primeira vez que lecionei na área de Língua inglesa, tive uma experiência proveitosa. Segundo Jorge Bondía (2002, p. 21), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca." Assim, o estágio nos permite viver um momento de experiências únicas que refletirá na carreira docente.

Gestão e coordenação

A escola como instituição social tem a emergência de ser gerida por profissionais que estejam atentos às necessidades e às potencialidades do seu público-alvo. Desse modo, deve-se ter um olhar atento ao tipo de gestão que é feita no cotidiano escolar.

Durante o período de estágio, identifiquei que o modelo de gestão adotado é o democrático-participativo. Essa concepção "[...]acentua a necessidade de combinar a ênfase sobre as relações humanas e sobre a participação nas decisões com as

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ações efetivas para atingir com êxito os objetivos específicos da escola." (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, p. 448).

É notável que, na maioria das decisões tomadas, é consultada toda a comunidade

escolar. Este foi um ponto bem explícito na instituição: é dada ênfase ao protagonismo dos estudantes. Estes, por sua vez, estão sempre engajados nas atividades da escola, seja dentro de sala ou fora dela, nos eventos e nas feiras.

O modelo de coordenação pedagógica segue o mesmo padrão da gestão. Percebi que as ações desenvolvidas pelos professores em sala de aula são acompanhadas pela coordenação. Entre ambos há uma parceria e um diálogo que objetiva promover um ambiente que seja propício para a aprendizagem dos estudantes.

Relações interpessoais

A escola abriga um sistema organizado por diversos atores sociais que interagem entre si, objetivando proporcionar o pleno desenvolvimento de todos os envolvidos no processo educacional. Nessa direção, é necessário que se faça uma análise de como ocorrem as relações entre os indivíduos envolvidos dentro deste ambiente.

Libâneo, Oliveira e Toschi (2012) defendem que a organização escolar depende não só dos aspectos formais da estrutura organizacional, mas também é impactada pelos aspectos informais, no que se refere às relações interpessoais. Daí emergem os conceitos de clima e cultura organizacionais apontados pelos autores: "O termo cultura indica uma abordagem antropológica, ao passo que clima organizacional tem enfoque mais psicológico" (p. 439).

Em se tratando desta escola em partidcular, destaca-se como cultura organizacional a quebra das hierarquias entre gestão, corpo docente, estudantes e os demais servidores. Consequentemente, nota-se um clima de relações próximas e dialogadas, além de vínculos saudáveis entre professores, alunos, gestão e os demais servidores.

Durante o estágio foi perceptível que as diversidades (sejam elas culturais, sexuais, sociais, religiosas etc) são reconhecidas e respeitadas pela comunidade escolar. De um modo geral, a relação aluno-professor é de companheirismo e de troca de saberes e a relação estagiário-professor é um pouco distante devido a rotina escolar exaustiva,

porém é mantido o respeito e a cordialidade entre ambos.

Considerações finais

Com o olhar voltado para a práxis docente no decorrer do estágio, no tocante à minha experiência pessoal, percebi um pouco a mudança entre o ser aluno e o ser professor. Ao voltar ao ensino médio como estagiária, me senti muito impactada por me perceber um ser em constante processo de transformação e de construção da minha identidade docente.

O estágio supervisionado contribui para a construção da identidade profissional à medida que possibilita aos futuros docentes as experiências no seu próprio local de trabalho. Além disso, participando dessa etapa formativa, podemos começar nossa futura carreira com mais segurança e responsabilidade.

Em se tratando da regência, cada aula era planejada de acordo com os objetivos de aprendizagem e visava o progresso dos discentes. Salienta-se, então, que tanto eu pude trocar ideias e conhecimentos com os alunos e a professora titular, como estes foram fundamentais na minha formação enquanto futuro docente. Essa troca de saberes torna evidente o quanto o professor necessita refletir sobre sua prática e ponderar o que foi viável e o que pode ser aprimorado, para que, assim, haja uma aprendizagem significativa.

Em linhas gerais, o estágio foi uma etapa motivadora para o constante processo de construção do meu ser profissional, tendo em vista que me permitiu conhecer um novo nível da Educação Básica: o Ensino Médio. Sabendo que a práxis docente não é constituída sem a reflexão e a análise crítica, ao longo desse percurso confrontamos ideias e conceitos e nos (re)descobrimos enquanto pessoa e enquanto professor em formação.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, n°19, 2002.

LIBÂNEO, José; OLIVEIRA, João; TOSCHI, Mirza. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 10ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 16ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Aula de inglês**: do planejamento à avaliação. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA NO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ – *CAMPUS* CAMOCIM: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CENTRO CEARENSE DE IDIOMAS

Thatiane Fernandes de Sousa[297]

Resumo: A lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, determina que a língua inglesa seja ofertada, obrigatoriamente, a partir do sexto ano do ensino fundamental. Essa normativa vem ao encontro de uma demanda global pela implementação da língua inglesa nos sistemas educacionais, especialmente de países que fazem parte da periferia do capitalismo, como é o caso do Brasil. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo discutir a contribuição, por meio do estágio supervisionado, do Centro Cearense de Idiomas (CCI) para a formação de estudantes da licenciatura em letras Portugês/Inglês do Instituto Federal do Ceará (IFCE) – *Campus* Camocim. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica e questionário eletrônico aplicado em alunos que realizaram estágio supervisionado no referido equipamento público de ensino ao longo do ano de 2023. Como resultado, concluímos que o CCI - Camocim, embora tenha apenas cerca de dois anos de funcionamento e aspectos a melhorar, colabora significativamente para a formação dos estudantes da licenciatura em letras por meio da vivência de um espaço e de metodologias de ensino-aprendizagem diversas às existentes nas escolas.

Palavras-chave: Formação de professores. Língua inglesa. . Estágio Supervisionado.

Introdução

O processo de globalização, iniciado no século XV com as Grandes Navegações e intensificado, de maneira irreversível, com a Revolução Industrial no século XVIII, teve sua ampliação exponencial a partir da Revolução Técnico-Científica-Informacional, na segunda metade do século XX.

Os ingleses, que constituíram o maior império colonial da Era Moderna, levaram seu idioma pelo mundo através de suas colônias, dentre elas, o que hoje compreende os Estados Unidos. Este país, após a I Guerra Mundial (1914-1918), consolidou-se como potência econômica e transformou o inglês em uma língua internacional. Não só o idioma, mas os Estados Unidos exportaram também sua cultura através do vestuário, da alimentação, das músicas, dos filmes e do estilo de vida.

[297]Mestre em Planejamento e Políticas Públicas – UECE. Professora efetiva do Instituto Federal do Ceará (IFCE) – *Campus* Camocim. Membro do grupo de pesquisa Educação, Política e Formação (GEPF). thatiane.fernandes@ifce.edu.br

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Esse breve contexto histórico ajuda a compreender o porquê de a língua inglesa ser demandada como componente curricular obrigatório nas escolas brasileiras, já que o Brasil faz parte da complexa teia de relações comerciais internacionais que têm o inglês como principal idioma de comunicação.

Sobre a obrigatoriedade da língua inglesa no currículo da Educação Básica, a lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece em seu artigo 26, parágrafo 5º, que "no currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa". Além disso, de acordo com a mesma lei, no artigo 35-A, parágrafo 4º:

> Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (Brasil, 1996)

Assim, tanto o Ensino Fundamental - anos finais -, como o Ensino Médio são obrigados por lei a oferecer a língua inglesa. Logo, as redes de ensino precisam de estrutura necessária que viabilize o cumprimento da lei. Quando falamos em estrutura, estamos nos referindo não só aos aspectos físicos, mas também recursos materiais, humanos e didático-pedagógicos que promovam essa oferta.

Após essa explanação sobre a contextualização histórica da ampliação do uso da língua inglesa e o que determina a LDB a respeito de sua obrigatoriedade, abordaremos uma breve apresentação dos Centros Cearenses de Idiomas (CCIs), objeto de estudo do presente trabalho.

Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, o Estado do Ceará tem 184 municípios e 955 escolas estaduais. A Secretaria Estadual de Educação do Ceará (SEDUC-CE) administra as instituições de ensino que compõem sua rede através das vinte Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação (CREDEs) e das três Superintendências das Escolas Estaduais de Fortaleza (SEFORs). Essas estruturas de administração funcionam como subsecretarias de educação da capital e do interior.

O Centro Cearense de Idiomas (CCI) foi criado por meio da lei estadual nº 16.455, de dezembro de 2017 e faz parte da rede de ensino do Ceará, estando, portanto, submetido às SEFORs e CREDEs. Atualmente, existem vinte e um CCIs,

sendo 6 seis na capital Fortaleza. Esses estabelecimentos de ensino de idiomas ofertam cursos de inglês e espanhol, além do francês que está disponível em quatro unidades.

O artigo 2º da lei de criação do CCI aborda suas atividades, conforme exposto abaixo.

> Os Centros Cearenses de Idiomas terão estrutura organizacional definida em decreto e terão como referência para o desenvolvimento de suas atividades: I - os cursos ofertados serão considerados ampliação de jornada escolar e serão integrados ao histórico escolar dos estudantes atendidos; II - atendimento a estudantes regularmente matriculados na rede estadual de ensino; III – formação continuada de professores da rede estadual de ensino. (CEARÁ, 2017)

Os CCIs visam, então, atender alunos e professores da rede estadual de ensino com a proposta de ampliar o acesso à aprendizagem da língua inglesa, espanhola ou francesa por meio do desenvolvimento das quatro habilidades: leitura, fala, escrita e escuta. Além disso, conforme os documentos norteadores (lei de criação, regimento e proposta pedagógica), a instituição objetiva formar um cidadão capaz de acompanhar a dinamicidade do mundo atual e interagir com outras culturas.

No caso do município de Camocim, o CCI, inaugurado em 2022, tornou-se também um espaço de formação de futuros docentes, já que os estudantes do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês do Instituto Federal do Ceará (IFCE) realizam parte de sua carga horária de estágio obrigatório, especificamente o estágio IV em língua inglesa, nesse equipamento de ensino.

A pesquisa em tela busca discutir a contribuição do CCI – Camocim para a formação dos estudantes da licenciatura em letras, tendo como metodologia, além da pesquisa bibliográfica, a análise de documentos norteadores e um questionário aplicado aos estudantes que cursaram a disciplina de estágio IV no ano de 2023.

A seguir, o texto estrutura-se em três partes: na primeira há uma apresentação do CCI - Camocim; em seguida, na segunda parte, expomos algumas informações básicas sobre o curso de licenciatura em letras do IFCE - *Campus* Camocim e discutiremos o estágio supervisionado na formação docente; por último, na terceira parte, mostraremos as percepções dos estudantes a cerca do estágio supervisionado realizado no CCI.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

1. O Centro Cearense de Idiomas de Camocim

A cidade de Camocim, localizada no litoral oeste do Ceará, distante 350 km da capital Fortaleza, faz parte da CREDE 4, juntamente com outros cinco municípios que são: Barroquinha, Chaval, Granja, Martinópole e Uruoca.

No quadro a seguir são apresentados alguns dados que contribuem para a compreensão da temática.

Crede 4 – municípios, população e quantidade de escolas municipais, estaduais e de CCI

Municípios	População	Escolas municipais	Escolas estaduais	CCI
Camocim	62.326	38	6	1
Barroquinha	14.567	11	1	0
Chaval	12.462	14	1	0
Granja	53.344	47	6	0
Martinópole	10.846	14	1	0
Uruoca	13.746	11	1	0
TOTAL	167.291	135	16	1

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo do IBGE (2022) e da SEDUC-CE.

Conforme o quadro, os municípios que compõem a CREDE 4 totalizam uma população de 167.291 habitantes que são atendidos por 151 escolas, sendo 135 municipais e 16 estaduais, mas apenas um CCI que foi inaugurado em 9 de março de 2022 com 600 vagas para alunos da rede pública estadual que compõe a região.

A pesquisa documental, por meio da proposta pedagógica do CCI, apresentou dentre outros aspectos, os seguintes critérios para a sua implementação: vulnerabilidade, extensão de matrícula e vocação do município. O quadro supracitado mostra que Camocim é o município mais populoso da região analisada e, juntamente com Granja, o que tem mais escolas estaduais, sendo, portanto, aquele com o maior número de matrículas.

Além disso, Camocim tem grande potencial turístico, tendo o maior litoral do Ceará, com cerca de 60 km de praias, fazendo parte da chamada “Rota das emoções”, roteiro turístico que abrange os estados do Ceará, Piauí e Maranhão. Soma-se a isso, a vocação

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

para esportes aquáticos como kitesurf que é favorecido pelos ventos contínuos ao longo do ano e atraem turistas do mundo inteiro.

O regimento institucional do CCI, outro documento norteador, estabelece o(a): organização administrativo-pedagógica, regimento escolar, regime didático e normas de convivência. O referido documento determina a carga horária dos cursos ofertados pelo estabelecimento de ensino, "a carga horária de 360 horas/aula em até 240 dias letivos, correspondentes a seis semestres ou módulos, para os cursos de Língua Estrangeira Moderna (LEM) Inglês e Espanhol". Vale destacar que em 2022, com a implementação do Novo Ensino Médio (NEM) no Ceará, os CCIs também passaram a ofertar turmas para atender à demanda de disciplinas eletivas das escolas estaduais.

Apresentados o contexto de criação e o funcionamento do CCI-Camocim, vamos agora conhecer as características gerais do curso de Licenciatura em Português/Inglês do Instituto Federal do Ceará (IFCE) – *Campus* Camocim.

2. A Licenciatura em Letras Português-Inglês do IFCE – *Campus* Camocim e o estágio supervisionado na formação docente

O curso de licenciatura em Letras Português-Inglês foi criado em 2015, por meio da resolução nº 27 de junho do mesmo ano, e teve sua primeira oferta em 2016. Funcionando em tempo integral, nos turnos manhã e tarde, o curso tem 10 (dez) semestres de duração e contempla a formação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), seu objetivo geral é:

> O objetivo geral do curso de Letras é formar docentes interculturalmente competentes para atuar na Educação Básica, lecionando Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas. Formar professores éticos e conscientes de sua inserção na sociedade, capazes de lidar, de forma crítica e reflexiva com o processo de ensino-aprendizagem, a fim de promover uma educação mais justa, mais integralizada e mais humana. (IFCE, 2019)

Assim, o curso busca a formação de docentes para atuarem na educação básica da região que conforme o PPC apresenta carência de professores nas áreas específicas. O resultado desse cenário é a existência de docentes atuando em áreas para as quais não têm formação.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Ainda sobre formação de professores, um dos componentes curriculares mais importantes é o estágio que, dentre outros aspectos, possibilita a articulação entre a teoria e prática, sendo oportunidade construção da identidade profissional, conforme explica Pimenta (2008, p.62), "o estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade". Ainda segundo as autoras, o estágio é "identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria" (Pimenta e Lima, 2008, p. 33).

No curso em questão, são ofertadas 9 nove disciplinas de estágio supervisionado que se organizam conforme o quadro abaixo.

Estágios supervisionados na licenciatura em Letras Português – Inglês do IFCE – Camocim

Estágio em	Estágio	Semestre	Conteúdo
Língua Portuguesa	I	IV	Metodologia do ensino de língua portuguesa e elaboração de material didático.
	II	V	Observação em turma de ensino fundamental – anos finais.
	III	VI	Regência em turma de ensino fundamental – anos finais.
	IV	VIII	Observação em turma de ensino médio.
	V	IX	Regência em turma de ensino médio.
Língua Inglesa	I	VII	Metodologia do ensino de língua inglesa e elaboração de material didático.
	II	VIII	Observação e regência em turma de ensino fundamental.
	III	IX	Observação e regência em turma de ensino médio.
	IV	X	Observação e regência em turma de curso de idioma – inglês.

De acordo com o quadro, os estudantes do curso de licenciatura em Letras Português – Inglês do IFCE – Campus Camocim, têm cinco estágios supervisionados em Língua Portuguesa e quatro em Língua Inglesa. Ainda segundo o quadro, é possível fazer algumas considerações:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

- O primeiro contato com o estágio supervisionado acontece no 4º semestre e contempla apenas a área de língua portuguesa;
- O estágio em língua inglesa começa no 7º semestre, já no final do curso;
- Embora o curso seja de dupla habilitação, língua portuguesa e língua inglesa, a carga horária de estágio na primeira é maior;
- Enquanto nos estágios de língua portuguesa a observação e a regência são separadas, nos de língua inglesa são juntas.

Dito isso, é importante retomar que este trabalho tem como foco o estágio supervisionado IV em Língua Inglesa, que tem como característica sua realização em curso de idiomas. Antes da existência do CCI – Camocim, os estudantes do curso de letras não tinham onde realizar o estágio IV, já que na cidade só existem dois cursos privados de idiomas e não havia abertura junto a essas instituições para que os futuros professores pudessem estagiar. Assim, a disciplina ocorria precariamente, já que não era possível realizar a observação, muito menos a regência.

Além de só entrarem em contato com os estágios de língua inglesa no final do curso, os estudantes já ingressam na instituição com uma série de dificuldades, dentre elas: limitações em conteúdos básicos da língua portuguesa, que interferem no aprendizado do inglês, como identificar o que é um substantivo, um verbo, um pronome etc.; baixa autoestima e insegurança em relação à língua inglesa, como se esse conhecimento não estivesse ao alcance deles; privilegiam as disciplinas da língua portuguesa em detrimento das de língua inglesa.

Todos esses elementos vão resultar em uma formação docente precária, impactando não só na trajetória acadêmica, mas também profissional, assim como na qualidade do ensino que será ofertada por esses futuros professores.

Acreditamos que os estágios deveriam fazer parte da formação do futuro docente desde o início do curso, assim, haveria uma articulação entre teoria e prática desde as primeiras disciplinas, trazendo ao professor em formação, conforme Pimenta e Lima (2008, p.243) “a vivência concreta na escola, o contato com as incertezas, as alegrias, os conflitos e os sonhos se traduzem em maior integração entre professores e alunos”.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

É por defender a importância dos estágios supervisionados na formação docente que discutiremos agora as percepções dos estudantes da Licenciatura em Letras Português/Inglês do IFCE – *Campus* Camocim. Conduziremos nossa reflexão a partir de um questionário eletrônico que foi aplicado com o propósito de discutir as contribuições, as limitações e os desafios vividos pelos futuros docentes.

3. Percepção dos alunos-estagiários sobre a vivência do estágio no CCI

Para discutir a formação de professores de língua inglesa a partir do estágio supervisionado realizado no CCI – Camocim foi elaborado e aplicado um questionário eletrônico para os vinte e sete alunos que cursaram a disciplina de estágio IV em língua inglesa no ano de 2023. O questionário, por sua vez, trouxe as seguintes questões:

1. Quais os diferenciais de realizar o estágio no CCI em relação às escolas convencionais?
2. Como você se sentiu ao longo do estágio IV no CCI?
3. Qual foi a importância do estágio no CCI para sua formação?
4. Qual a importância do CCI para os estudantes da rede pública da região?
5. Você se identifica com a proposta didático-pedagógica do CCI?
6. Você gostaria de ser professor do CCI?

Quando perguntados sobre os diferenciais de realizarem o estágio supervisionado no CCI e nas escolas municipais e estaduais, os estudantes abordaram pontos como: estrutura física, material didático, condução da aula pelos professores, disponibilidades dos professores em contribuir com a formação dos estagiários.

Vamos descrever os pontos levantados trazendo algumas considerações sobre o CCI: as salas são climatizadas; a organização do espaço, a estrutura e o material didático são voltados para o ensino de idiomas; as turmas são reduzidas, cerca de vinte e cinco alunos em cada; os alunos, em geral, passam por uma seleção que privilegia seu rendimento escolar; as aulas são voltadas para uma abordagem comunicativa, ou seja, a gramática é trabalhada, mas o foco é na comunicação; os professores lecionam em inglês, usando o português somente quando é necessário; os alunos-estagiários

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

relataram que foram acolhidos e inseridos em momentos de planejamento e formação. Um dos alunos-estagiários respondeu:

> A principal diferença encontrada entre o Centro Cearense de Idiomas e as demais instituições municipais e estaduais é o compromisso com o ensino de Idiomas. Os métodos refletem o estudo teórico realizado nos demais estágios de língua inglesa. Todo o ambiente escolar do CCI propicia a seriedade do processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Assim, não se trata de dizer que o CCI é melhor que as demais escolas, pois nosso intuito não é emitir juízo de valor. Apenas constatamos que, por terem objetivos, professores, estruturas e público específicos para o ensino de idiomas, o CCI apresenta-se com um ambiente diferenciado para a experiência do estágio de estudantes da licenciatura em letras.

Sobre os sentimentos que a experiência de estagiar no CCI despertou, a maioria dos estudantes relatou empolgação e encantamento por existir uma instituição pública voltada para o ensino de idiomas que, na palavra dos estudantes-estagiários, "propiciava ambiente e condições de ensino-aprendizado como se fosse um curso privado".

Nesse sentido, um aluno-estagiário disse que se sentiu

> Empolgado e esperançoso, já que almejo seguir como professor de língua inglesa. Observar um ambiente em que a coordenação, os docentes e os estudantes estejam engajados ao processo educacional de língua estrangeira traz um sentimento de pertencimento por perceber que podemos fazer parte de algo e fazer a diferença.

Outro sentimento percebido pelos estudantes foi o acolhimento. Eles citaram que, ao contrário do que ocorre em muitas escolas municipais e estaduais, os professores do CCI foram acessíveis, demonstrando interesse em participar ativamente daquele momento formativo que é o estágio. Os alunos-estagiários planejaram atividades junto com os professores, conversaram com membros da gestão e tiveram acesso aos materiais didáticos.

Para além dos sentimentos de empolgação, encantamento, surpresa e acolhimento, praticamente todos os alunos-estagiários falaram de insegurança, frustração e baixa autoestima, como respondeu uma estudante, "me senti um

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

pouco frustrada e insegura ao perceber que não tenho nível de inglês adequado para ser professora do CCI, fico até arrependida de não ter me dedicado mais ao inglês".

Desde quando ingressam no curso de licenciatura em Letras Português/Inglês, os estudantes buscam saber se é possível cursar apenas as disciplinas relacionadas à língua portuguesa, ou seja, já demonstram não abertura ao aprendizado do inglês. Ao longo do curso, esse problema é agravado conforme as disciplinas avançam, sendo comum identificar não só dificuldades em relação ao idioma estrangeiro, mas até aversão.

Empiricamente, percebemos que esse contexto se explica, dentre outros aspectos, pela trajetória escolar dos estudantes universitários. São alunos que, em geral, ao longo da educação básica tiveram contato apenas com a abordagem gramatical da língua e mesmo assim precariamente. Eles, embora tenham contato com a língua inglesa por meio de músicas, filmes, séries e palavras introduzidas no nosso cotidiano, percebem a língua com certo estranhamento e demonstram dificuldade nas quatro habilidades (oral, auditiva, escritura e leitora) desse idioma ao longo da graduação.

Mesmo com as dificuldades relatadas, os alunos-estagiários destacam a importância do CCI como espaço de formação de professores, formados ou em formação, já que, além de receber estagiários, a instituição também oferta vagas para professores que atuam na rede estadual da região. Sobre a importância do CCI para a sua formação, um aluno-estagiário disse

> Nas vivências dos outros estágios em língua inglesa, as aulas eram ministradas em português e, em geral, os professores tinham dificuldade com a língua estrangeira. Já no CCI as aulas acontecem quase que totalmente em inglês. Essa vivência me despertou para outras abordagens e metodologias no ensino da língua inglesa, além de ter me feito perceber que existem outras possibilidades profissionais para mim.

Vale salientar que os alunos-estagiários, via de regra, não realizam regência no CCI em virtude das características da instituição que é voltada para o ensino de idiomas, tendo um planejamento de aulas delimitado, com pouca flexibilidade. Além disso, os alunos-estagiários, em geral, não se sentem seguros para assumirem turmas nas quais as aulas devem ser ministradas majoritariamente em inglês.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Uma fala recorrente entre os alunos-estagiários é que "o CCI é uma excelente instituição, mesmo sendo pública". Essa ideia de que por ser público não é de qualidade precisa ser desconstruída, pois esses futuros professores estarão, em pouco tempo, atuando profissionalmente em instituições públicas de ensino, fazendo parte das ações, objetivos e resultados. Acreditar que uma instituição pública de ensino não tem qualidade é o mesmo que acreditar que o trabalho dos professores também não tem qualidade e não é importante para construirmos uma sociedade mais justa.

Quando indagados sobre a importância do CCI para os alunos das escolas públicas estaduais da região, os alunos-estagiários foram unânimes ao reconhecer que a instituição oportuniza o acesso aos idiomas de forma gratuita e com qualidade. Também foi comum um tom de lamentação pela inexistência do CCI na época que os universitários estavam no ensino médio.

> O CCI é uma forma de democratizar o acesso ao estudo de língua inglesa. Lembro que em 2016, com muita dificuldade, meus pais pagaram um curso de inglês para mim. Se o CCI existisse eu teria tido acesso gratuito a esse conhecimento.

Os alunos-estagiários afirmaram que se identificam com a proposta didático-pedagógica do CCI que preza pela abordagem comunicativa, dinamicidade e criatividade, mas, a maioria, reconheceu que, embora se identifique, sente-se pouco preparado para lecionar em um curso de idiomas, mesmo declarando que gostariam de fazer parte do quadro de professor do CCI.

Assim, conforme o exposto, foi expressiva a percepção de contribuição do estágio supervisionado realizado pelos alunos do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês no CCI. Os sentimentos, experiências e conhecimentos agregados e descritos ao longo da pesquisa, conduzem à constatação de que essa instituição, embora recentemente instalada e com pontos a melhorar, teve um papel relevante na formação dos alunos-estagiários, assim como é um diferencial para a região.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Considerações finais ou Conclusão

Considerando o estágio supervisionado uma experiência formativa de articulação entre teoria e prática, o Centro de Idiomas Cearense funciona como equipamento público propício para essa vivência. Na percepção dos estudantes, a referida instituição possibilitou ter oportunidades formativas diferentes das que ocorreram nas escolas municipais e estaduais.

As contribuições para a formação de professores, a partir do estágio supervisionado no CCI são, dentre outras: compreender na prática a abordagem comunicativa da língua inglesa; interação com professores especialistas que possibilitaram a participação ativa dos estagiários ao longo do período de estágio; manusear, refletir e interagir com materiais didáticos totalmente voltados para a promoção das habilidades da língua (leitura, escrita, oral e auditiva); conhecer metodologias e recursos variados para o ensino da língua inglesa; ampliação das possibilidades de atuação no mercado de trabalho.

Também foram identificados desafios ou limitações quanto ao equipamento de ensino analisado, dentre eles: ampliação da capacidade de atendimento, não só em número de vagas, mas também de público-alvo; conseguir reter os alunos, que, por razões diversas, acabam desistindo do curso ao longo do período de duração; a inviabilidade, via de regra, de realizar a carga horária de regência no espaço.

Enfim, consideramos que, apesar do pouco tempo de funcionamento, aproximadamente dois anos, o CCI – Camocim já se consolidou como instituição de ensino de idiomas para estudantes e professores da rede pública estadual, cumprindo assim os objetivos dispostos em seus documentos norteadores. Sendo também um relevante colaborador para formação de alunos do curso de licenciatura em Letras Português/Inglês do IFCE – *Cumpus* Camocim.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

_____. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. **Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês**. Disponível em: https://ifce.edu.br/camocim/menu/cursos/superiores/letras. Acesso em: 15 jan. 2024.

CEARÁ. Secretaria Estadual de Educação. **Proposta pedagógica do Centro Cearense de Idiomas**. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/centros-cearenses-de-idiomas-ccis/. Acesso em: 05 jan. 2024

_____. Secretaria Estadual de Educação. **Regimento do Centro Cearense de Idiomas**. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/centros-cearenses-de-idiomas-ccis/. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. **Lei nº 16.455**, 19 de dezembro de 2017. Dispões sobre a criação de Centros Cearenses de Idiomas. Ceará, Fortaleza: Diário Oficial do Estado do Ceará, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Memória coletiva e tempo cíclico no romance gráfico *Angola Janga* de Marcelo D'Salete

Nicolle Jordana Ferreira Tavares[1]
Laísa Marra Cunha de Paula Bastos[2]

Resumo: O presente estudo elabora uma análise do romance gráfico *Angola Janga*, de autoria do brasileiro Marcelo D'Salete e publicado no ano de 2017, com o objetivo de estudar os conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 1990) e tempo cíclico (FU-KIAU, 2001 e MARTINS, 2021) representados na obra. Inicialmente, a pesquisa apresenta uma breve contextualização e definição do gênero romance gráfico (EISNER, 2008), assim como um resumo da trama de *Angola Janga,* que se propõe a ficcionalizar os eventos históricos que levaram à invasão e destruição do Quilombo de Palmares, um dos maiores movimentos de resistência negra na América Latina. Em seguida, o conceito de memória coletiva como proposto por Maurice Halbwachs é apresentado e, a partir disso, são exploradas duas cenas do romance gráfico nas quais é possível observar a ideia de uma memória coletiva pertencente à comunidade das personagens negras e quilombolas. Já em um segundo momento, à luz dos conceitos de tempo cíclico trabalhados por Kimbwandende Fu-Kiau e por Leda Martins, são analisadas mais duas cenas com foco principal nas personagens quilombolas e nas quais está presente uma construção não linear de temporalidade. Para proceder às análises das cenas, são comentados tanto os aspectos visuais quanto os verbais que compõem a obra e, além disso, o estudo conclui que as concepções de memória coletiva e de tempo cíclico são determinantes para a construção da narrativa.

Palavras-chave: Memória coletiva. Tempo cíclico. *Angola Janga*. Romance gráfico.

[1]Graduanda em Letras-Português. UECE.
[2]Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UFMG). Pesquisadora de pós-doutorado. Unicamp.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Introdução

O objetivo deste trabalho é elaborar uma análise do romance gráfico *Angola Janga*, escrito pelo quadrinista brasileiro Marcelo D'Salete e publicado em 2017 pela editora Veneta. Assim, em um primeiro momento, trazemos as considerações de Will Eisner (2008) a respeito do formato romance gráfico e da maneira como podemos tratar a história em quadrinhos em uma abordagem literária. Em seguida, refletimos sobre o conceito de memória coletiva como apresentado por Maurice Halbwachs (1990) para relacioná-lo a quatro cenas selecionadas da obra aqui abordada. E, por fim, elaboramos o conceito de tempo cíclico como elaborado por Kimbwandende Fu-Kiau (2001) e por Leda Martins (2021) com o intuito de discutir sua representação em três cenas selecionadas.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Memória coletiva

Inicialmente, o termo romance gráfico comumente se refere a um formato de livro feito em arte sequencial, ou quadrinhos, que pode tratar de uma história ficcional ou não, essa nomenclatura foi popularizada por Will Eisner a partir de sua obra de ficção *Um contrato com Deus*, que foi apresentada ao público como sendo um romance gráfico. Diante disso, no estudo *Comics and Sequential Art*, o próprio Eisner (2008, p. 2) define a leitura de uma *graphic novel* como sendo uma atividade tanto de cunho estético como intelectual, uma vez que o formato dos quadrinhos se constrói a partir da justaposição de imagens e palavras que se harmonizam de maneira a criar sentidos que, para serem decodificados pelo leitor, exigem certo domínio de convenções artísticas e literárias.

Em vista disso, *Angola Janga* é um romance gráfico desenhado em preto e branco e dividido em onze capítulos que se propõe a ficcionalizar parte da longa história do Quilombo dos Palmares, chamado de Angola Janga, ou pequena Angola, por seus habitantes. A história se passa no final do século XVII, quando ocorreu a queda do Quilombo em virtude da invasão das forças coloniais. A trama é fruto de uma extensa pesquisa histórica por parte do autor e tem como personagens centrais indivíduos como Francisco (Ganga Zumba), o Zumbi dos Palmares, Domingos Jorge Velho, famoso bandeirante, e Soares, tido como o palmarista que traiu Zumbi, entregando-lhe aos bandeirantes.

Por ser um livro vasto e denso, muitos de seus aspectos poderiam ser analisados sob diferentes óticas, contudo, no presente trabalho, iremos nos ater às questões relativas à construção da memória coletiva das personagens negras e palmaristas da obra, assim como à concepção de tempo cíclico que permeia a temporalidade da história de D'Salete.

De maneira geral, entende-se a memória coletiva como a junção das memórias que conformam a construção da identidade de uma comunidade. Assim, segundo Halbwachs (1990, p. 22), para construir esse tipo de memória não basta "reconstituir

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros (...)". Além disso, Halbwachs (1990, p. 24) comenta que uma considerável parte dessas lembranças ressurge a partir do momento em que somos recordados delas por outras pessoas e que, mesmo quando aqueles que viveram o momento lembrado não estão presentes, ainda é possível haver uma memória coletiva na medida em que tais recordações tenham destaque na vida da comunidade e que sempre sejam rememoradas a partir da perspectiva da própria comunidade.

Essa noção das lembranças comuns que estão presentes no imaginário de todos os integrantes de um grupo pode ser evidenciada em algumas cenas de *Angola Janga*. De forma mais recorrente e explícita, temos cenas nas quais personagens negras mais velhas recontam às mais jovem histórias de um passado comum a todos os descendentes africanos no Brasil, como as apresentadas a seguir:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 1

Fonte: D´Salete, 2017, p. 196

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 2

Fonte: D´Salete, 2017, p. 197

Na primeira cena, sob a copa de uma árvore, o ancião quilombola conta às crianças unidas em torno de si sobre a fundação do próprio Quilombo, desde a captura e consequente transporte forçado de mulheres e homens africanos até o Brasil para serem escravizados e forçados a trabalhar, até o momento de fuga e fundação daquilo que viria a se tornar Palmares. Ressaltamos que a imagem da árvore – que está no imaginário coletivo como esse espaço para a leitura e transmissão de histórias – sob a qual a cena acontece corrobora a ideia da transmissão de passados. Além disso, enquanto o ancião fala com as crianças, as outras pessoas continuam seus trabalhos, o que constrói a habitualidade dessa prática de contação no Quilombo.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Notamos que a cena começa no tempo presente, no já estabelecido Mocambo Macaco, no entanto, à medida que o ancião conversa com as crianças, os quadrinhos retratam os fundadores do Quilombo fugindo do que parece ser um engenho em chamas para as serras cujas terras passam a cultivar. Reparamos que o próprio ancião não faz parte desse grupo, visto que os fundadores são retratados por meio do uso de pronomes pessoais de terceira pessoa, ao invés da primeira.

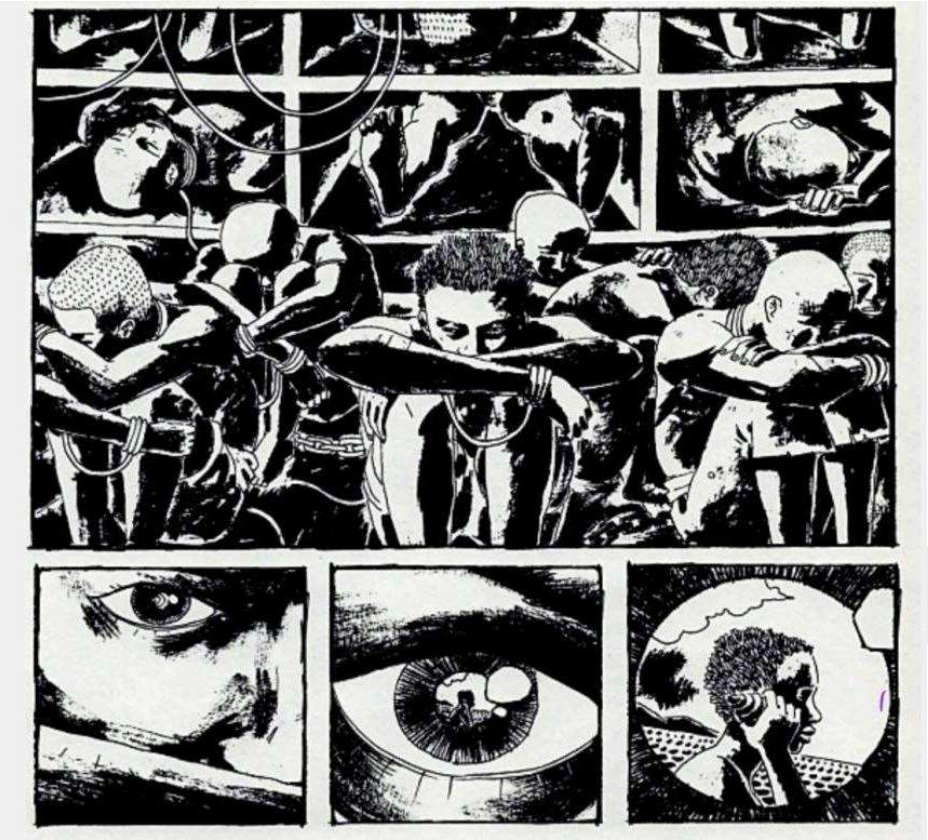
Com isso, podemos inferir que os quadrinhos da segunda página não são a representação de um *flashback*, mas sim as representações daquilo que o ancião e as crianças imaginam ao ouvir a história da criação da comunidade da qual fazem parte, ou seja, mesmo que eles próprios não tenham participado desse momento histórico para os quilombolas, todos ainda são capazes de formas lembranças desses acontecimentos devido à importância que possuem e a partir do que lhes é ou já foi contado por outros membros do grupo, o que coaduna com aquilo que nos ensina Halbwachs sobre a construção da memória coletiva.

Por fim, vemos também, no quinto quadrinho da Figura 1, o desenho de uma teia de aranha, que possui um formato circular e é formada pela junção de vários fios. Nesse contexto, tal imagem pode ser entendida como uma representação da memória coletiva, que seria um todo formado a partir de várias singularidades - que seriam as memórias individuais, as quais são transmitidas aos demais - que deixam de pertencer somente ao indivíduo e passam a pertencer à coletividade. Além disso, o fio da teia de uma aranha, apesar de seu aspecto frágil, é um dos mais resistentes materiais conhecidos no mundo, assim, uma metáfora que compara a memória coletiva a uma teia de aranha também poderia sugerir a dicotomia entre uma fragilidade aparente de algo tão efêmero quanto a memória, mas que, na verdade, resulta em um componente social de extrema força.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 3



Fonte: D´Salete, 2017, p. 115

-

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 4

Fonte: D´Salete, 2017, p. 118

Na Figura 4, podemos ver mais uma representação similar à anterior, no sentido de que temos uma pessoa mais velha que fala a uma criança de acontecimentos que fazem parte do passado de ambos. Já na Figura 3, somos apresentados a uma construção de memória coletiva um pouco mais implícita, pois o primeiro quadro nos mostra um "tumbeiro" navio que transportava da África ao Brasil as pessoas que seriam escravizadas - com o foco em um homem que a narrativa não nos específica quem é até que, a partir do *zoom* no olho deste, chegamos na imagem de um jovem Francisco, que segura uma concha.

Há uma clara tentativa de singularização desse homem desconhecido dentro do

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

tumbeiro, o que não é comum em se tratando de representações de cenas de escravidão, as quais usualmente apenas mostram um grupo composto por indivíduos despersonalizados. Não é o caso de *Angola Janga*, pois esse homem, embora parte de uma coletividade, ainda tem sua subjetividade mantida, principalmente por meio do artifício da aproximação do olho, o que lhe confere maior humanidade.

Ademais, no imaginário popular, a concha é um artefato usado para que se possa ouvir os sons do oceano. Dessa forma, por meio da concha, Francisco escuta os ecos de um passado que envolve o mar e que ele próprio não viveu, já que é um menino que nasceu em solo brasileiro, mas que sabe ter sido o destino de muitos de seus antepassados. Assim, da mesma forma que as crianças das figuras anteriores têm lembranças dos fundadores de Angola Janga, Francisco, que não cresceu no Quilombo, também tem memórias que vêm de seus ancestrais africanos e que se mesclam com aquilo que a personagem da senhora mais velha lhe conta.

Tempo cíclico

Passamos, em um segundo momento, à análise da construção do tempo cíclico, concepção comum a muitas civilizações africanas e indígenas brasileiras e que, de forma geral, traduz-se em um entendimento do tempo no qual os eventos que compõem presente, passado e futuro se confundem e estão em constante repetição. Essa visão evidentemente contrasta com a de tempo linear, predominante na cultura ocidental, na qual o tempo passa de maneira irreversível do passado, pelo presente, até chegar ao futuro, que nunca são iguais e que nunca se repetem. Vale dizer que, com frequência, o tempo cíclico é ilustrado pela imagem de um círculo ou até uma concha, e o tempo linear, pela imagem de uma flecha.

Em seu livro *African cosmology of the Bântu-Kôngo*, Kimbwandènde Fu-Kiau (2001) estuda a cosmovisão dos povos bantus e nos explica que, segundo essa forma de concepção da realidade, a vida de um ser humano está em contínua transformação, um constante devir que caracteriza as pessoas como seres de um movimento de vida, morte e vida. Além disso, Fu-Kiau (2001, p. 71) nos diz que, uma vez morto o corpo físico, o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

indivíduo ainda permanece dentro ou fora de sua comunidade, de forma a se comunicar com o mundo dessa comunidade por meio, por exemplo, de sonhos e visões. Assim, para os bantus, a vida seria um espectro de vários estágios, não existindo morte e tampouco ressurreição, mas apenas um processo contínuo de mudança. Inclusive, um dos provérbios trazidos pelo autor (2001, p. 100) é o de "*Kanda n'landa: bankaka kwenda; bankaka kwiza"* que traduz o entendimento de que, por meio da morte e do nascimento, as comunidades estão sempre se renovando e que há um constante processo de ir e vir do fluxo de energia, o qual permite que tudo aquilo que vai termine por voltar.

Leda Martins (2021 p. 37-38) corrobora essa concepção no livro *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela,* ao abordar a temática do tempo cíclico como concebido pelos bantus dentro da cultura afro-brasileira:

> A concepção espiralada do tempo funda-se no lugar de privilégio do ancestral que preside, como Presença, as espirais do tempo, habitando a temporalidade transiente, o ilimitado passado, per si composto de presente, passado e futuro acumulados, o pote Kalunga, núcleo da energia vital em movimento. No Brasil, Kalunga também é identificado como o Mar-Oceano, lugar do sagrado, espelhando a divindade, na qual habita o poder da vida, da morte e das travessias. Nessas interfaces e alianças entre a pessoa (muntu), a coletividade (bantu) e os ancestres, tudo pulsa como elos indissociáveis e complementares de uma mesma cadeia significativa, clivada de ancestralidade, princípio base, ordenador, motor, estrutura e rede de todo o pensamento.

Martins (2021, p. 41) também trabalha em conjunto as ideias de tempo cíclico e de ancestralidade, posto que, conforme a pensadora, a ancestralidade seria o canal de materialização do tempo não linear, pois é por meio desta que "se alastra a força vital, dínamo do universo, uma de suas dádivas", por tanto, os indivíduos seriam a confluência de passado, presente e futuro.

Essa visão de tempo cíclico em *Angola Janga* pode ser observada em diversos momentos, inclusive no artifício da não linearidade da narrativa, que está constantemente mudando de ponto de vista e que intercala continuamente o passado e o presente das personagens.

Diante disso, cabe analisar as seguintes cenas:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

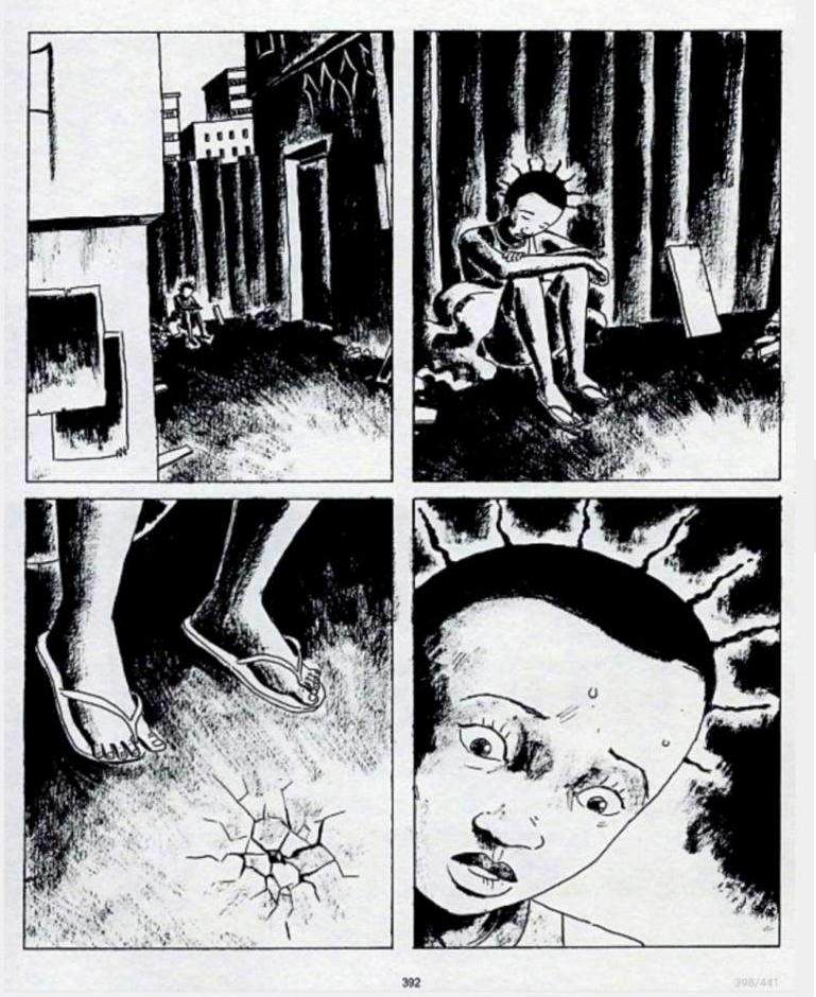
Figura 5

Fonte: D´Salete, 2017, p. 200

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 6

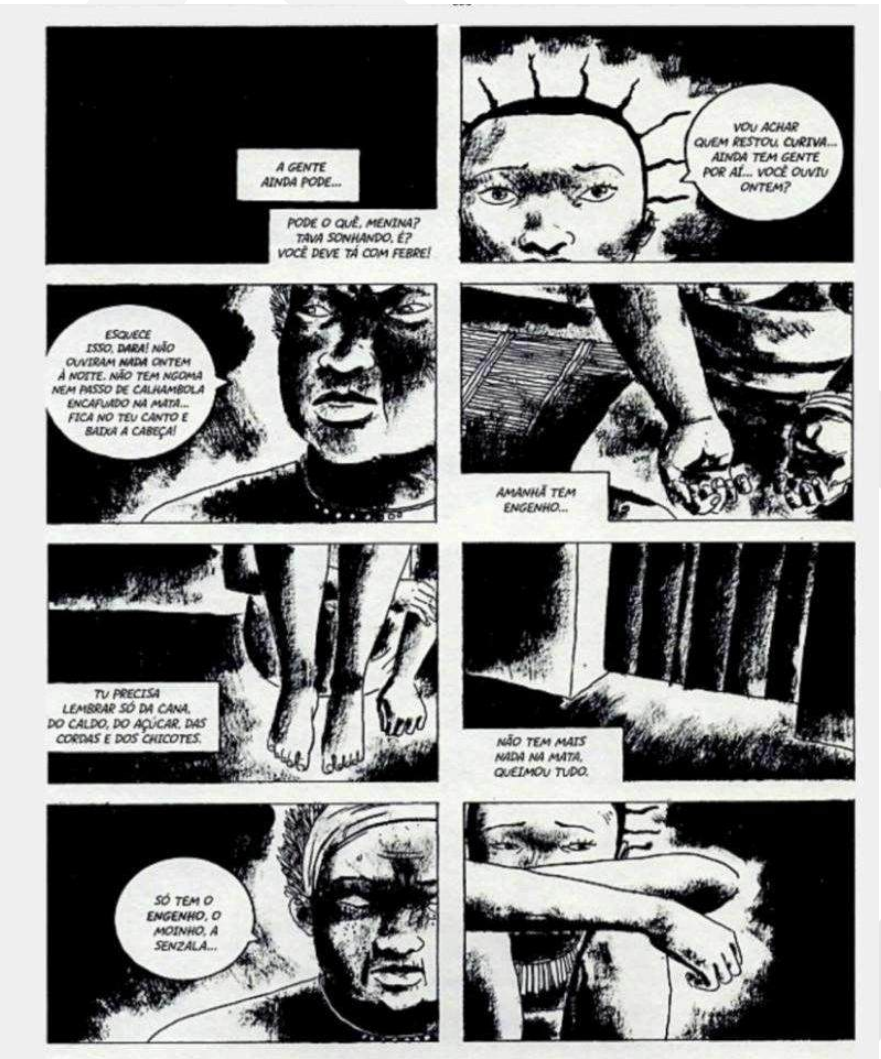


Fonte: D´Salete, 2017, p. 392

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 7



Fonte: D´Salete, 2017, p. 397

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Na Figura 5, temos parte de uma conversa que ocorre entre Francisco – Ganga Zumba – e o Padre Melo ainda no século XVII. A cena se dá dentro da igreja que um dia foi a casa de Francisco quando menino e que representa uma forma de poder e dominação das quais a personagem quer ver seu povo livre. Padre Melo, que está com a saúde debilitada, repreende o antigo discípulo pela fuga e pela rebeldia contra o poder colonial, uma vez que ele próprio não era tratado como a maioria das pessoas escravizadas, ao que Francisco rebate afirmando que muitos dos seus iguais eram e ainda são escravizados.

No que diz respeito ao aspecto visual, podemos notar um recurso recorrente em

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Angola Janga que são os ângulos inusitados, nem sempre retratando as personagens de frente e no nível do olhar, mas apresentando os perfis ou um corte assimétrico, como é o caso da Figura 5. No entanto, o que mais chama a atenção é o quadrinho final que apresenta apenas a imagem de uma janela, a qual podemos inferir ser uma das janelas da igreja, mas que, ao mesmo tempo, pode remeter a um edifício moderno, representação que nos leva para a Figura 6, presente já no capítulo final do romance gráfico.

Nesse momento vemos uma jovem negra em um cenário urbano moderno. Como a personagem está em um beco, em uma posição que denota abandono e também a partir da forma como está vestida, podemos entendê-la como uma pessoa marginalizada, uma jovem em condição de miséria, possivelmente uma pessoa em situação de rua. Todavia, essa mesma personagem já nos foi apresentada anteriormente, como uma das várias crianças quilombolas, a menina Dara. O estranhamento é inevitável e, algumas páginas depois, estamos de volta ao passado colonial, no qual a mesma jovem Dara, após o cerco de Macaco, se vê sozinha e forçada a morar em uma fazenda, desempenhando trabalho impingido às pessoas escravizadas. Aqui, percebemos também que inclusive a posição corporal em que a jovem se encontra no engenho é muito similar à da jovem na metrópole.

Considerações finais

Em vista do que foi discutido, cabe enfatizar que as ideias de tempo cíclico e de memória coletiva estão presentes ao longo do romance gráfico *Angola Janga*, seja no seu desenvolvimento temático, seja no seu aspecto formal, isto é, da organização não linear das cenas. E isso se dá em diálogo com uma concepção temporal presente em algumas cosmovisões africanas, especialmente nas que tiveram mais impacto na formação cultural brasileira, como é o caso da cultura bantu, e por meio de um conceito tão ligado à noção de ancestralidade, como o da memória coletiva. Essa abordagem é determinante para a construção de uma narrativa que ficcionaliza com profundidade e sensibilidade um acontecimento de extrema importância histórica, particularmente na história afro-brasileira.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Referências

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga:** Uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

EISNER, Will. **Comics and sequential art:** principles and practices from the legendary cartoonist. Nova York: W. W. Norton & Company, 2008.

FU-KIAU, Kimbwandende K. B. **African cosmology of the Bântu-Kôngo, tying the spiritual knot:** principals of life and living. Nova York: Athelia Henrietta Press, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, 1990.

MARTINS, Leda Maria. **Performances de um tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

UMA SENSIBILIZAÇÃO HUMANA QUANDO EM CONTATO COM MIGRANTES DE CRISE EM SÃO LUÍS-MA: UM ESTUDO NARRATIVO

Pablo Henrique Silva Santos[298]

Alex Alves Egido[299]

Resumo: Este artigo, de natureza qualitativa, busca sensibilizar os/as leitores/as sobre cuidados necessários quando em contato com migrantes de crise, a partir de uma visita técnica, promovida pelo Projeto de Extensão "Português Para Falantes de Outras línguas: formação docente, educação linguística e certificação" (PFOL), do Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A visita ocorreu aos/às venezuelanos/as da tribo Warao que residem em São Luís-MA, destacando a importância da sensibilização não apenas linguística, mas também humana quando em contato com eles/as. A partir de duas narrativas, cada uma escrita por um dos autores desse artigo, identificou-se convergências e divergências nas construções de sentido de ambos os autores. Após a análise indutiva-dedutitva, notou-se convergências nos eixos temáticos *olhar*, *estranhamento*, *desconforto* e *conforto*.
Palavras-chave: Sensibilização humana; migrantes de crise; narrativas.

INTRODUÇÃO

Observamos um crescente número de estudos (Bertiotti, 2019; Hartwig; Silva, 2017; Oliveira, 2021) que retrata os preconceitos a respeito de migrantes de crise[300], que são entendidos/as como todos aqueles indivíduos cujos países de origem estão em crise, seja humanitária, política ou financeira, e precisam se deslocar para viver em outra localidade. A crescente deste grupo em específico é resultado, no nosso entendimento, de questões

[298] Graduando no curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, no Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista de extensão - Foco Acadêmico (Edital PROAES N. 08/2023). E-mail: pablo.hss@discente.ufma.br

[299] Doutor em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor no curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da UFMA e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM) da UEL. E-mail: alex.egido@ufma.br

[300] Imigrantes que tiveram que sair de seus países, fugir, por conta de guerras, perseguições ou questões políticas e financeiras.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

globais (e.g., guerras, desastres naturais, crises econômicas e políticas, dentre outras) e fluxos migratórios decorrentes de outras razões. Em 2021, as Nações Unidas lançaram um relatório em que havia 281 milhões de migrantes internacionais, equivalente a 3,6% da população global. Sobre essa temática do preconceito que esse grupo sofre, os trabalhos de Bertiotti (2019), Hartwig e Silva (2017) e Oliveira (2021), apesar de não abordarem diretamente tipos de preconceito com migrantes, são ótimas sugestões de consulta por, secundariamente, mencionarem o preconceito, seja no nível linguístico ou cultural.

Nesse viés, no presente artigo, um estudo narrativo, buscamos sensibilizar os/as leitores/as a respeito desses preconceitos sofridos pelos/as migrantes de crise, especialmente os/as venezuelanos/as da tribo Warao, em São Luís-MA, a partir de uma visita técnica à comunidade deles/as, que realizamos em 16 de novembro de 2023. Assim, partindo dessa experiência, entendemos essa pesquisa como de natureza qualitativa (Denzin; Lincoln, 2006), em que analisamos duas narrativas produzidas por nós, membros do Projeto de Extensão "Português Para Falantes de Outras Línguas: formação docente, educação linguística e certificação (PFOL)", do Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Com este artigo, visamos fornecer contribuições significativas para grupos de estudo, pesquisa ou extensão, que almejam ter mais contato e proximidade às reflexões relacionadas a migrantes de crise. Além disso, nesta pesquisa, tratamos da importância da sensibilização que acontece não apenas pela via linguística, como também humana para a comunidade acadêmica, pensando em uma preparação para esse primeiro contato com grupos de migrantes de crise.

Após essa introdução, voltamo-nos para questões teóricas, fazendo uma discussão sobre estudos que também focaram em migrantes de crise. Na próxima seção, apresentamos nossos olhares para as questões metodológicas que orientaram tanto a escrita quanto a análise das narrativas. Posteriormente, exemplificamos e discutimos a análise das narrativas, as quais estão disponíveis nos Apêndices A e B. Por fim, na última seção, tecemos algumas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Há diferentes perfis de migrantes; aqueles/as que se descolam motivados/as por melhores condições socioeconômicas, aprimoramento linguístico e dentre outras razões (De Melo, 2018). Nesse artigo, contudo, focalizamos especialmente o conceito de migrantes de crise, tendo em vista que ele melhor representa o perfil dos/as migrantes com que tivemos contato em São Luís-MA. Nesse contexto, Vieira e Fialho (2022), baseando-se em Clouchard (2007) e Camargo (2019), entendem que migrantes de crise são todos aqueles indivíduos cujos países estão em crise, seja humanitária, política ou financeira, e precisam se deslocar para viver em outra localidade, como os/as venezuelanos/as que residem em São Luís-MA, que tiveram que sair de seu país devido uma crise de ordens política, financeira e social. Baseados no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Vieira e Fialho (2022, p. 266; ênfase adicionada) entendem que "os sujeitos cujos país de origem estão em crise (humanitária, política, ambiental etc.) e que se deslocam para viver em outros países também em crise (como o Brasil, por exemplo) podem ser denominados *migrantes de crise*".

Transpondo tal conceito para nosso contexto de estudo, notamos que ele pode caracterizar os/as venezuelanos/as migrantes, refugiados/as em São Luís-MA. Ao observar tal situação local, tanto por relatos orais quanto pela nossa visita técnica, percebemos que são migrantes devido à crise financeira, política e social que assola seu país de origem; logo, são imigrantes por terem se deslocado de seu país e, ao mesmo tempo, refugiados/as porque suas vidas estavam ameaçadas no país de origem.

Envolvendo ainda mais esse conceito no âmbito do projeto de extensão no qual fazemos parte, entendemos que relações humanas acontecem em diferentes níveis entre pessoas diversas, o que carrega traços específicos quando pensamos na relação entre migrantes de crise e não-migrantes de crise. Nesse estudo, os/as não-migrantes de crise podem ser entendidos/as como nós, membros do projeto de extensão; já os/as migrantes de crise são os/as refugiados/as que residem na capital maranhense.

Refletindo sobre essas relações humanas a partir de outros estudos, valemo-nos das experiências relatadas por Bertiotti (2019), Hartwig e Silva (2017) e Oliveira (2021), pois eles/as discorrem a respeito de alguns tipos de relação, sendo o principal o preconceito, seja no nível linguístico ou cultural. No entanto, no presente trabalho, enfocamos um tipo de relação anterior: a humana, que precisa ser refletida e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

amadurecida antes mesmo do primeiro contato com os/as migrantes de crise. Assim, nas seção seguinte, explicamos o contexto no qual realizamos a visita técnica aos/às migrantes de crise, bem como as orientações que seguimos para a produção de nossas narrativas a respeito dessa experiência.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Entendemos este trabalho como de natureza qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 23), ela "implica enfatizar as qualidades das entidades, os processos e os significados que são examinados". No nosso estudo, por exemplo, o tom processual de criação de significados se deu por meio da escrita das narrativas, a respeito da visita técnica mencionada. Em relação ao tipo de pesquisa, ela é narrativa porque visa construir significados por meio de uma história vivida (Favoreto; Camargo Jr., 2011) por nós, pesquisadores-participantes. No nosso caso, tal história refere-se à visita que fizemos ao grupo de migrantes de crise, venezuelanos/as, na capital maranhense.

Esta visita aos/às migrantes de crise venezuelanos/as foi realizada pelo Projeto de Extensão "Português Para Falantes de Outras línguas: formação docente, educação linguística e certificação" (PFOL), do Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); no qual o primeiro autor desse artigo é membro e o segundo, coordenador. O projeto tem cerca de 30 participantes, contando com professores/as, alunos/as de graduação e egressos/as do curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, da referida instituição. O Projeto tem por objetivos institucionais "promover ações de formação docente, educação linguística e certificação relacionadas ao Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL)" (Universidade Federal do Maranhão, 2023, online). Enquanto objetivos específicos, almejam-se "(1) refletir sobre o status do PFOL, (2) conhecer o perfil identitário e linguístico de imigrantes residentes no estado do Maranhão, (3) analisar, adaptar e elaborar materiais didáticos voltados ao PFOL, (4) conhecer e participar de ações voltadas ao Celpe-Bras" (Universidade Federal do Maranhão, 2023, online).

Dentre as atividades previstas para o primeiro ano do projeto, estava uma visita técnica para a capital do estado maranhense, São Luís. Assim, em 16 de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

novembro de 2023, visitamos a cidade. Lá, realizamos atividades em espaços históricos, culturais e acadêmicos, além de um bairro onde os/as migrantes de crise, venezuelanos/as da tribo Warao, residem, o qual fica próximo ao Aeroporto Marechal Hugo da Cunha Machado. Recebemos informações[301] de que existe uma escola no bairro e uma quadra poliesportiva. Contudo, as crianças migrantes de crise não frequentam a escola, apenas a quadra poliesportiva (quando não há crianças brasileiras nela); notamos, assim, a baixa socialização entre as crianças venezuelanas e as brasileiras, o que foi confirmado pela assistente social que nos acompanhava na visita técnica.

Nessa comunidade, convivem cerca de 15 famílias, em que nem todas as casas são de alvenaria, além de serem poucas e pequenas, e cada uma comporta de duas a três famílias. Algumas dessas residências informais foram construídas recentemente e possuem um nível precário de estrutura, compostas por folha de zinco, ao invés de madeira ou alvenaria. O local onde as famílias moram fica em uma rua praticamente sem saída que termina em um barranco, que pode chegar a ser perigoso para as crianças que brincam por lá. Além disso, possui uma boa parte de matagal, podendo futuramente trazer danos à saúde desta comunidade, levando em consideração mosquitos e outros insetos. Eles/as, os/as venezuelanos/as migrantes, não possuem vizinhos/as brasileiros/as, exceto o casal que aluga algumas das casas para eles/as e que também lá moram.

O objetivo dessa visita aos/às migrantes de crise foi sensibilizar os/as participantes do projeto de extensão, para que conhecessem mais de perto a realidade adversa do grupo em foco que seria discutido durante as reuniões do projeto. Assim, entendemos que não é possível criar materiais didáticos e se envolver com uma determinada temática sem antes se relacionar com as pessoas que a vivem cotidianamente.

Tendo em vista esses aspectos contextuais da visita técnica no âmbito do referido estudo, voltamo-nos para dados primários, que são duas narrativas produzidas por nós, no primeiro semestre de 2024, na qualidade de pesquisadores-participantes (ver Apêndices A e B). Após a escrita individual das narrativas, compartilhamos elas entre nós. Em relação ao objetivo geral do estudo, buscamos *compreender convergências e divergências a respeito dos sentidos construídos a partir das narrativas.*

[301]Dados oralmente cedidos pela assistente social que acompanha a comunidade em São Luís-MA.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Quando refletirmos sobre ética em pesquisa (Egido, 2020), compreendemos que nós dois somos os pesquisadores-participantes, tendo em vista que tanto produzimos quanto analisamos as duas narrativas em tela. Considerando os cuidados entendidos como relacionados a uma ética burocrática (Reis; Egido, 2017), aquela que orienta a observância de normativas de pesquisa, explicamos que nossa pesquisa é isenta de avaliação por um Comitê de Ética Em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP), uma vez que é uma "pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito" (Conselho Nacional de Saúde, 2016, p. 2). Contudo, entendemos não estarmos isentos da ética emancipatória (Reis; Egido, 2017), considerando que nos sentimos implicados e responsáveis pelo modo como narramos e representamos a experiência que vivemos e os/as demais participantes do projeto que lá estavam, bem como os/as migrantes de crise.

NARRATIVAS EM FOCO: COCONSTRUÇÕES DE SIGNIFICADOS

Organizamos nossas interpretações das narrativas em dois momentos, buscando identificar tanto convergências quanto divergências no modos pelos quais criamos sentidos a partir dessa mesma experiência vivida. Identificamos quatro momentos em que nossos sentidos foram próximos, ou seja, convergiram, os quais organizamos nos seguintes eixos temáticos: *olhar*, *estranhamento*, *desconforto* e *conforto*.

Em relação ao *olhar*, entendemos que esse tema apareceu em ambas as narrativas porque, por diversas vezes, os/as integrantes do projeto de extensão comentavam sobre a importância desse cuidado, especialmente quando no primeiro contato com os/as migrantes de crise. Vejamos, agora, os trechos em questão:

> "Evitar o contato visual e não tentar conversar até que surgisse uma abertura, manter o máximo de neutralidade" (Apêndice A, parágrafo 4, linhas 4 e 5).

> "Não olharmos fixamente para os migrantes para não constrangê-los, não forçarmos um contato - seja gestual ou linguístico - sem a mediação da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

assistente social" (Apêndice B, parágrafo 2, linhas 7, 8 e 9).

Entendemos que a linguagem corporal, visual, coconstroi sentidos; logo, o modo como olhamos uns para os outros, como mudamos ou mantemos nossas expressões faciais, como nos posicionamos nos espaços físicos, para além da linguagem verbalizada, tudo é componente dependente na construção de sentidos, especialmente no primeiro contato com quaisquer pessoas. No nosso caso, compreendemos que, enquanto brasileiros/as, falantes da língua portuguesa e economicamente em posição de privilégio comparados/as aos/às imigrantes de crise, esse nosso contato - mesmo que inicial - já era atravessado por relações de poder, as quais precisaríamos amenizar desde a nossa chegada na comunidade deles/as.

Embora esse nosso cuidado tenha sido pensado e colocado em prática, ele não impediu que alguns/algumas migrantes ainda nos olhassem com distanciamento e recuo, como narramos nos trechos seguintes:

> "E ela me olhou com um certo medo, sua expressão facial mudou rapidamente" (Apêndice A, parágrafo 5, linha 9).
>
> "Fomos vistos como forasteiros, à distância" (Apêndice B, parágrafo 4, linhas 7 e 8).

Esses trechos revelam que, apesar dos nossos esforços, dos cuidados que tomamos para facilitar o contato com os/as imigrantes, ainda havia dificuldade na interação. Conforme narrado na primeira passagem, houve uma situação em que uma migrante demonstrou certo medo ou desconforto com o olhar do primeiro autor (Apêndice A) e, de fato, essa interação inicial pode ter sido intimidante. Já na segunda passagem, compreendemos que, mesmo com os cuidados tomados, os/as migrantes pareciam ainda nos ver como forasteiros, mostrando que a confiabilidade ainda estava distante. Em suma, esses dois trechos evidenciam os desafios e a complexidade que há em interagir com migrantes, pois entendemos que deve haver um cuidado muito intenso envolvendo questões sensíveis.

Em seguida, buscamos demonstrar nossa preocupação, para evitar situações constrangedoras e desconfortáveis que pudessem vir a acontecer e causar *estranhamento* em relação à socialização com os/as migrantes:

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> "Eu estava com medo de causar algum constrangimento que viesse acarretar em uma situação não muito agradável naquele momento" (Apêndice A, parágrafo 5, linhas 4, 5 e 6).

> "Contudo, particularmente, confesso que a mim preocupava muito mais não colocar os migrantes em situação de desconforto no próprio local em que moram" (Apêndice B, parágrafo 3, linhas 3, 4 e 5).

As relações de preocupação, medo, cuidado e sensibilidade estão interligadas nos sentidos atribuídos por nós, pois ambos relatamos esses cuidados para não causar constrangimento. Nesse sentido, no trecho um, o autor demonstra um certo temor e sensibilidade para com os/as migrantes, pois não queria, de jeito nenhum, causar constrangimento. No trecho dois, não foi muito diferente; contudo, esse nos mostra um cuidado especial em não colocá-los/as em situações desconfortáveis no local onde residem, o que não difere da preocupação em não constrangê-los/as.

Nos trechos a seguir, chamamos a atenção para como esses cuidados, o ser sensível, ajudou para a visitação partir para um lado mais "tranquilo", sem constragimentos e olhares de estranhamento:

> "Depois, do meio para o final da visitação, eles/as ficaram mais a vontade que até começaram a se soltarem mais naquele momento" (Apêndice A, parágrafo 6, linhas 6 e 7).

> "Felizmente, aos meus olhos, o contato do grupo de alunos/as com os/as migrantes foi tranquilo" (Apêndice B, parágrafo 4, linhas 5 e 6).

Demonstramos um certo contentamento com o resultado da visita técnica, em que, ao olhar do primeiro autor (Apêndice A), os/as migrantes de crise começaram a se soltar, mantendo mais o contato visual; isso mostra como os cuidados que antecederam tal visita, quando não se tem um conhecimento prévio, ajudam para uma construção de relações interpessoais, independente de culturas diferentes. No segundo trecho (Apêndice B), o autor retrata sua felicidade, uma vez que a visita ocorreu de forma "tranquila". Resumidamente,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

em ambas as passagens descrevemos como a sensibilidade durante a visita técnica criou um ambiente tranquilo.

Apesar de termos vivido a mesma experiência, a qual foi participar da visita técnica aos/às migrantes de crise na capital maranhense, e identificarmos temas comuns em nossas narrativas, compreendemos que, por termos papeis sociais distintos no projeto de extensão e por sermos construídos a partir de experiências de vidas únicas, os sentidos que criamos decorrentes da tal visita também são únicos. Nesse sentido, indicamos, nos próximos parágrafos, três momentos em que os sentidos construídos por nós, autores das narrativas, fora diferentes: *Antes* e *durante* a visita técnica aos/às migrantes de crise.

Sobre os momentos que antecederam nossa chegada à capital maranhense e à localidade em que os/as migrantes de crise residem, construímos sentidos diversos a respeito daquela experiência, como evidenciamos nos trechos abaixo:

> "Eu estava muito ansioso até porque era a primeira vez que eu iria à São Luís, foi uma oportunidade única" (Apêndice A, parágrafo 2, linhas 2, 3 e 4).
>
> "Tava todo mundo agoniado, eu não aguentava mais passar por todo aquele calor, aquela fome" (Apêndice A, parágrafo 3, linhas 5 e 6).
>
> "Comecei a me preocupar como seria nossa interação enquanto pessoas externas à comunidade de migrantes com ela" (Apêndice B, parágrafo 2, linhas 4 e 5).
>
> "É inquestionável que parte da minha preocupação emanava da responsabilidade institucional que Maria e eu tínhamos pelo grupo de alunos/as e pelo êxito da visita técnica" (Apêndice B, parágrafo 3, linhas 1, 2 e 3).

Por um lado, a narrativa do primeiro autor (Apêndice A), enquanto participante do projeto de extensão, revela seu sentimento de ansiedade pela primeira vez indo à capital, bem como estados físicos sentidos durante o trajeto (viz., calor e fome). Por outro lado, o sentimento construído pelo autor da segunda narrativa (Apêndice B), como coordenador do projeto, evidencia um sentimento de preocupação a respeito de como ocorreria o primeiro contato entre os/as participantes do projeto e os/as migrantes de crise. Em linhas gerais,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

argumentamos que esses sentimentos e estados físicos diversos são decorrentes das posições sociais distintas que ambos ocupam.

Já nos trechos abaixo, salientamos dois momentos (Apêndice A e B), em que cada um de nós narramos pontos de vistas divergentes que ocorreram durante a visita. Vejamos as passagens:

> "Eu, Pablo Henrique Silva Santos, fiquei calado, logo porque estava com medo de me expressar equivocadamente" (Apêndice A, parágrafo 6, linhas 4 e 5).

> "Via alunos/as meus/minhas sentados/as na calça das casas conversando com alguns dos migrantes" (Apêndice B, parágrafo 4, linhas 8 e 9).

Quando pensamos em relações interpessoais, julgamos ser crucial lembrar do quanto elas são subjetivamente específicas em muitos aspectos. Nesse caso, em nossas narrativas (Apêndices A e B), não é muito diferente, pois duas relações que aconteceram na visita e que expressam como nossos comportamentos foram, de certo modo, divergentes. Assim, no primeiro trecho, o autor apresenta o quanto ele se sentiu com medo, medo de expressar-se equivocadamente, logo, ficando calado boa parte da socialização com os/as migrantes. No entanto, o segundo autor, demonstra uma de suas lembranças em que viu dois membros do projeto de extensão conversando, socializando com um dos migrantes, o que exprime a ideia de contrariedade em relação o primeiro. Desse modo, enquanto o primeiro autor sentia-se com medo, o segundo autor viu alunos, integrantes do projeto, à vontade conversando com os/as migrantes.

Nessa seção, foram abordados tanto os pontos de convergência quanto os de divergência em relação à temática em questão. Ao passo que aquelas relataram aspectos comuns entre nós, o que evidenciou pensamentos interligados, como a alta reflexão para tomar cuidados na interação com o grupo de migrantes e visões semelhantes, esses mostraram algumas abordagens e perspectivas da visitação em que apresentaram visões diferentes de nós, pesquisadores-autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A sensibilização a migrantes de crise é importante quando pensamos em um primeiro contato com eles/as (Sá; Andrade, 2009). Há uma inquestionável dificuldade para articularmos e decidirmos como agir em uma primeira socialização com tais migrantes, como evidenciamos nas análises das nossas narrativas. Assim, é imprescindível um conhecimento e uma reflexão prévia antes de uma visita técnica ou socialização com imigrantes, de modo a não colocá-los/as em uma posição de assimetria ou reforçar preconceitos já naturalizados.

O objetivo principal desse estudo foi compreender convergências e divergências a respeito dos sentidos construídos a partir das nossas narrativas, pois percebemos o quanto é imprescindível tomarmos cuidados antes, durante e depois do contato, para assim, acolhermos e incluí-los/as em nossa sociedade. Dessa forma, argumentamos pela necessidade de mais estudos com foco na sensibilização primeiramente humana com migrantes de crise, uma vez que é importante a divulgação de práticas interculturais e interpessoais, promovendo a igualdade, visando mais conhecimento acerca da temática, para adquirirmos mais compreensão no que se refere a sensibilização a diversidade desses/as imigrantes venezuelanos/as que moram no Brasil.

Em suma, os resultados dessa pesquisa nos dá *insights* valiosos a respeito da diversidade, seja linguistica ou cultural. Contudo, estes resultados são restritos quando pensamos na proporção e na importância dessa temática. Nesse sentido, defendemos a necessidade de mais estudos nessa área, visando uma construção de uma identidade mais sensível às questões culturais. Portanto, é crucial aumentar a conscientização sobre os desafios enfrentados por esse grupo, reconhecendo e respeitando sua diversidade de forma mais sensível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CONEP no 510/2016, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre normas em pesquisa envolvendo seres humanos. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 7 abr. 2016.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BERTIOTTI, Julia Nascimento. *Multilinguismo na escola*: crenças e atitudes linguísticas de professores de língua para/com imigrantes refugiados em escolas públicas de Chapecó. 2019. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Espanhol) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

CAMARGO, Helena Regina Esteves de. *Diálogos transversais*: narrativas para um protocolo de encaminhamentos às políticas de acolhimento a migrantes de crise. 2019. 272 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

CLOCHARD, Olivier. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. *EchoGéo*, Paris, s.n., v. 2, p. 1-10, 2007.

DE MELO, Jenifer Stefani. *Direitos e garantias fundamentais do imigrante ante o advento da Lei n. 13.445 de 24 de maio de 2017*. 2018. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Centro Universitário Unifacvest, Lages, 2018.

EGIDO, Alex A. Concepts of ethics in applied linguistics research. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, DF, v. 19, n. 2, p. 118-136, 2020.

FAVORETO, César Augusto Orazem; CAMARGO JR, Kenneth Rochel de. A narrativa como ferramenta para o desenvolvimento da prática clínica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, s.l., v. 15, p. 473-483, 2011.

HARTWIG, Fátima Bandeira; SILVA, Perpétua Santos. A importância do português como língua de acolhimento na integração de alunos imigrantes e refugiados no Instituto Federal de Brasília - IFP. *Revista da UI_IPSantarém*, Porto, v. 5, n. 3, p. 215 - 226, 2017.

OLIVEIRA, Bruna Souza de. *O acolhimento de estudantes migrantes nas escolas brasileiras*: desafios e propostas a partir do estado da arte. 2021. 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

REIS, Simone; EGIDO, Alex A. Ontologia, epistemologia e ética como determinantes metodológicos em estudos da linguagem. *In*: REIS, S. (org.). *História, políticas e ética na área profissional da linguagem*. Londrina, PR: Eduel, 2017. p. 227-250.

SÁ, Susana; ANDRADE, Ana Isabel. Práticas de sensibilização à diversidade linguística e cultural nos primeiros anos de escolaridade: reflexões a partir da sala de aula. *Saber &*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Educar, n. 14, 2009.

VIEIRA, Daniela A.; FIALHO, Cristiane M. C. Migrantes de crise e educação linguística. *In* LANDULFO, Cristiane.; MATOS, Doris (Org). *Suleando conceitos em linguagens:* decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes, 2022. p. 265-272.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

APÊNDICE A

Jornada Sensível: Encontro com Imigrantes Venezuelanos em São Luís – MA

Era dia 26 de outubro quando eu consegui entrar para o projeto de extensão do Professor Dr. Alex Egido, na Universidade Federal do Maranhão, em seguida, organizou uma reunião para apresentar as propostas do projeto "PFOL" (Português Para Falantes de Outras Línguas). Logo em diante, recebi um convite para uma visita técnica aos imigrantes refugiados venezuelanos que aconteceria no dia 16 de novembro de 2023, em São Luís do Maranhão.

Então, chegou o dia da viagem, foi um dia muito tenso, não consegui dormir muito bem durante a noite, pois, o calor estava insuportável e, também, eu estava muito ansioso até porque era a primeira vez que eu iria à São Luís, foi uma oportunidade única. Sairíamos às 5h da manhã naquela quinta-feira, lembro-me que quase eu não dormi de tão ansioso. Saímos umas 5h10/5h20 da cidade de São Bernardo e seguimos caminho rumo à capital maranhense, a tal viagem tão esperada durante dias, finalmente eu conheceria a ilha pela primeira vez.

Seguimos viagem, dias antes o professor/coordenador do projeto nos tinha avisado que seria um ônibus bom, com ar-condicionado e tudo, porém, de um grosso modo, o ônibus era bem ruim, porque o ar-condicionado não prestava e ainda por cima estava lotado o que abafava ainda mais. Acontece que o professor foi enganado e, consequentemente, nós, incluindo ele também, sofremos até a capital. Tava todo mundo agoniado, eu não aguentava mais passar por todo aquele calor, aquela fome, eu ia só me perguntando: “chega nunca?” e, também, ia fazendo minhas orações para que aquele transporte não quebrasse, porque ele vinha dando todos os sinais, faltava não subir os morros de tão fraco. Devido a essas condições, o que era para a gente chegar meio-dia acabou que chegamos lá por volta das 15h. Foram 10h de viagem, a qual parecia mais uma eternidade.

Enfim, chegamos em nosso destino e já fomos direto para comunidade onde os imigrantes refugiados venezuelanos residem porque estávamos atrasados. De antemão, o Prof. Alex Egido nos alertou dois cuidados que devíamos tomar ao entrarmos na comunidade, os quais foram: Evitar o contato visual e não tentar

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

conversar até que surgisse uma abertura, manter o máximo de neutralidade. Chegamos ao local, deparei-me com todo aquele povo, esta foi minha primeira experiência com imigrantes refugiados, tudo que eu vi naquele momento sensibilizou-me, ou seja, as crianças correndo, brincando, super inocentes, sem saber a dificuldade que elas passam, os pais olhando com um olhar de medo para nós… Tudo era novo para minha pessoa. Devido a essa situação, senti-me totalmente retraído e tentei não manter contato visual, esforçando-me para demonstrar o mínimo possível de expressão facial, seguindo o que o professor/coordenador alertou.

De início, a socialização se deu mais por parte dos professores e da assistente social que se fazia presente explicando todas as dificuldades que eles enfrentam e a ajuda que é oferecida a esses imigrantes. Em razão dos cuidados alertados pelo professor, senti-me impossibilitado de fazer perguntas, de tentar socializar, pois, eu estava com medo de causar algum constrangimento que viesse acarretar em uma situação não muito agradável naquele momento. Desse modo, apenas observei atentamente a toda a aquela socialização quando, de repente, de uma forma bem rápida, olhei fixamente para uma mulher que estava com seu bêbê no colo, a observei e ela me olhou com um certo medo, sua expressão facial mudou rapidamente. aquilo fez-me pensar como eles sentem medo de socializar com pessoas que não fazem parte do seu convívio, por viverem apenas ali naquele ambiente e saírem apenas para fazer a coleta (pedir esmola), isso mostra como devemos ser sensível na presença desses imigrantes. E, trazendo uma situação, o que mostra o quão eu estava retraído, foi quando uma criança caiu e eu estava com muita vontade de ir levantar ela, porém eu fiquei com bastante medo dos pais, o povo ali presente interpretar aquilo mal e eu acabar saindo de vilão. Segui a risca todos os cuidados alertados pelo nosso professor, e acho que essa foi uma decisão certa tomada por mim devido a cultura daquele povo ser diferente da nossa.

Devido à falta de familiaridade em interagir com pessoas fora do círculo social deles, os professores costumavam comunicar suas opiniões e dúvidas de maneira sensível, isso favoreceu para que o ambiente ficasse mais leve no decorrer daquela visita. Eu, Pablo Henrique Silva Santos, fiquei calado, logo porque estava com medo de me expressar equivocadamente, usar as palavras erradas e acabar sendo mal interpretado. Depois, do meio para o final da visitação, eles/as ficaram mais a vontades que até começaram a se soltarem mais naquele momento, tiramos fotos, eles mostraram

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

umas pulseiras fabricadas pelos mesmos, as quais são vendidas no sinal, consequentemente comecei a manter mais contato visual e o ambiente foi ficando mais leve, apesar da dificuldade de comunicação, visto que, apenas um/dois deles falavam Português e o resto só o espanhol e sua língua indigena: o Warao.

Por fim, ao nos despedirmos dos imigrantes, embarcamos no ônibus em direção ao nosso próximo destino. Parti refletindo sobre as dificuldades que a comunidade enfrenta para sobreviver, às lutas diárias pela subsistência e as crianças privadas de educação devido à falta de professores. É crucial incluí-los mais em nossa sociedade, pois eles/as têm o direito e, lembrando, mantendo sempre a empatia.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

APÊNDICE B

De forasteiros para conversas nas calçadas:
futuros/as professores/as de português em contato com migrantes de crise em São Luís, MA

Quanto mais leituras e estudos realizamos, mais responsáveis nos sentimos pelos outros, principalmente aqueles que se encontram em algum tipo de vulnerabilidade. Esse foi o sentimento que percorreu minhas veias e meus pensamentos antes, durante e após o contato que os/as integrantes do grupo de extensão que coordeno e eu tivemos com vezenuelanos/as, migrantes de crise, que residem na capital maranhense. O projeto de extensão *Português Para Falantes de Outras Línguas: Formação de Professores, Educação Linguística e Certificação* é coordenado por mim, professor de inglês, e vice-coordenado pela professora Maria Francisca da Silva, de espanhol. Dentre as ações do projeto, idealizamos uma visita técnica dos/as integrantes do projeto à capital maranhense, que aconteceu em novembro de 2023. Nos dois dias na capital, visitamos uma micro comunidade onde moram várias famílias de venezuelanos/as, migrantes de crise; os/as integrantes do projeto também puderam conhecer o campus sede da UFMA; ouvir sobre experiências linguísticas no exterior; e conhecer o centro histórico da capital.

A ação que mais me inquietou e que esperei ansiosamente foi a visita aos/às migrantes de crise. Lembro-me como se fosse hoje, ao sair da Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social, em São Luís (MA), no início do segundo semestre de 2023, comecei a me preocupar como seria nossa interação enquanto pessoas externas à comunidade de migrantes com ela. Nas reuniões que antecederam nossa ida efetiva a São Luís, a professora Maria Francisca e eu mencionamos a importância de não sermos invasivos ao chegarmos lá, não olharmos fixamente para os migrantes para não constrangê-los, não forçarmos um contato - seja gestual ou linguístico - sem a mediação da assistente social.

É inquestionável que parte da minha preocupação emanava da responsabilidade institucional que Maria e eu tínhamos pelo grupo de alunos/as e pelo êxito da visita técnica. Contudo, particularmente, confesso que a mim preocupava muito mais não colocar os migrantes em situação de desconforto no próprio local em que

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

moram. Já basta as diversas nuances de vulnerabilidade que precisam enfrentar cotidianamente, eles não tinham a obrigação de nos tolerar, não é mesmo? Além disso, se nós falhássemos com eles/as nesse primeiro contato, isso poderia criar uma resistencia deles/as em relação a visitas e projetos futuros. Enfim, senti uma responsabilidade muito intensa nos dias e horas que antecederam a visita em questão.

Durante a visita, além de mergulhar nas falas da assistente social, da funcionária da prefeitura que nos acompanhava e dos migrantes - dois deles - que conseguiam se comunicar em português, eu também me pegava sempre olhando ao redor, observando como os/as alunos/as se comportavam e como e se interagiam como os/as migrantes. Felizmente, aos meus olhos, o contato do grupo de alunos/as com os/as migrantes foi tranquilo. Ressalto, contudo, que o que estou entendendo por "tranquilo" não apaga o fato de que, logo na nossa chegada, fomos vistos como forasteiros, à distância. Com o passar do tempo que lá ficamos, via alunos/as meus/minhas sentados/as na calça das casas conversando com alguns dos[302] migrantes.

A tranquila e natural conversa entre duas pessoas sentadas na calçada: de um lado, um jovem futuro professor de português; do outro, um senhor mais de idade, que longe de sua terra natal, mobiliza seu restrito conhecimento linguístico em português para se comunicarem. Ali, não havia UFMA, não havia fluxos migratórios de crise, não havia coleta no semáforo; não havia relação assimétrica de poder; havia, genuinamente, duas pessoas se conectando cada qual com seu repertório linguístico. O conteúdo daquela conversa confesso que nunca perguntei ao aluno, aquele momento pareceu ser muito íntimo e genuíno dele e daquele senhor. Havia interesse nos olhares de ambos em participarem daquele momento. É um *flash* como esse que guardo daquela visita e que a mim faz com que ela tenha valido a pena.

[302] Aqui adoto deliberadamente o uso do gênero masculino somente porque as mulheres pareciam não interagir como os homens, não se sentiam com a mesma aberta. Segundo nos contou a funcionária da prefeitura, isso é também um traço cultural daquela comunidade.

O ESTRUTURALISMO NOS PERFIS DE TEACHGRAMS

Klayton Azevedo Vieira Silva[303]

Resumo: Este artigo tem como fundamento a perspectiva estruturalista na aprendizagem de línguas. Temos como objetivo esboçar alguns apontamentos sobre possíveis traços ou influências do estruturalismo em perfis voltados para o ensino e aprendizagem de língua inglesa por meio do Instagram (teachgram). Partiremos da seguinte pergunta norteadora: há evidências do estruturalismo nos perfis criados no Instragram voltados para a aprendizagem da língua inglesa? Faremos um diálogo interdisciplinar entre a Linguística e Linguística Aplicada para investigar a respeito da conexão da aprendizagem da língua inglesa por intermédio do Instagram. Após a apresentação teórica, faremos uma breve análise de algumas postagens de perfis de teachgrams. Demonstraremos que o estruturalismo faz parte das práticas de ensino que utilizam o Instagram

Palavras-chave: Estruturalismo; ensino; aprendizagem de línguas; teachgram.

Introdução

Este artigo parte do pressuposto do quanto está viva a visão estruturalista de linguagem no ensino e aprendizagem de línguas. Quando se pensa no inglês como língua adicional, podemos perceber como é marcante o estruturalismo mecanicista, que postula exercícios automáticos de memorização. O estruturalismo se desenvolveu por meio de Ferdinand de Saussure que definiu os objetivos e o objeto dessa corrente linguística

Há muitas críticas quando se trata do estruturalismo. A expressão remonta a algo automatizado, em que é impossível se desenvolver a aprendizagem. Este artigo, por sua vez, não tem como objetivo demonstrar as deficiências ou as contribuições dessa corrente linguística na aprendizagem da língua inglesa, muitos menos defenderemos a eliminação de sua influência no ensino e aprendizagem de língua. Objetivamos, no entanto, esboçar alguns apontamentos sobre possíveis traços ou influências do estruturalismo em perfis voltados para o ensino e aprendizagem de língua inglesa por meio do Instagram (teachgrams). Partiremos da seguinte pergunta norteadora: há evidências do estruturalismo em perfis de teachgrams?

[303] Especialista em metodologia da língua inglesa. Centro Universitário UNITER. Grupo de Pesquisa Ensino de Línguas e Discurso- GruPELD, UFMA. Email: klayton.azevedo@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Não há como fazer o que se pretende neste artigo sem um diálogo interdisciplinar entre a Linguística e a Linguística Aplicada. Faremos uma investigação a respeito das particularidades do estruturalismo e sua conexão com a aprendizagem da língua inglesa por meio dos perfis de teachgrams. .

Após as considerações teóricas no tocante ao estruturalismo e o ensino e aprendizagem de língua inglesa, comentaremos algumas postagens de perfis de teachgrams para demonstrar as possíveis influências do estruturalismo presentes no fazer pedagógico de ensino e aprendizagem de línguas por meio do Instagram, ou seja, buscaremos demonstrar como uma corrente linguística desenvolvida no começo do século XXI ainda influencia o ensino de língua hoje. Por fim, faremos nossas considerações finais

Pressupostos teóricos do estruturalismo

O estruturalismo se afirmou na Europa com a publicação póstuma, em 1916, do Cours de linguistique générale, do linguista suíço, Ferdinand de Saussure. Os estruturalismos europeu e americano criaram seus fundamentos a partir do corte epistemológico dessa obra que rompe com a linguística comparatista do século XIX, tal como praticada por F. Bopp, que defendia que as línguas perdem sua essência quando passam por processos evolutivos (Paveau; Sarfati, 2006). Sobre o Cours de linguistique générale escreveu Ilari:

> […] As circunstâncias de publicação desse livro são singulares. Em primeiro lugar, o livro não foi escrito por Saussure, mas por alguns de seus alunos da Universidade de Genebra, que se valeram para isso das notas de aula que haviam tomado nos anos letivos de 1907-8, 1908-8 e 1910-1 (Ilari, 2011, p. 55).

Saussure promoveu uma revolução científica ao eleger a noção de valor para compreender os fenômenos da linguagem, contrapondo-se a linguística do século XIX, baseada na ideia da evolução e transformação das línguas.

É na Introdução escrita pelos editores do CLG que Saussure demonstra as bases da linguística geral. Após a constituição da linguística como ciência, por meio da definição de suas tarefas e seu objeto, o linguista suíço apresenta uma das oposições que fundamentam o CLG: a diferenciação entre língua e fala.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Saussure apresenta no início do CLG três tarefas da linguística geral, nome dado à ciência que deve sobrepor a linguística histórica e a gramática comparada. Tais tarefas são:

> a) Fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medido do possível, as línguas mães de cada família;
> b) Procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e reduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
> c) Delimitar-se e definir-se a si própria (Saussure, 1995, p.13).

Várias são as definições dadas por Saussure para configurar o objeto da sua teoria:

> Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre [...] Bem longe de dizer o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em que estão seja anterior ou superior às outras (Saussure, 1995, p. 15).

A língua e não a linguagem é o objeto da linguística, já que essa é uma particularidade humana, muito mais ampla e menos restrita que a língua. A linguagem demonstra que somente os seres humanos podem falar e abrange ao mesmo tempo produção, recepção, pensamento, expressão fônica, dimensão individual e social, dimensão estática e histórica. A língua ao se relacionar com a natureza é descrita como "o produto social cuja existência permite ao indivíduo o exercício da faculdade da linguagem" (Saussure, 1993, p. 66).

> Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixar classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como interferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação (Saussure, 1995, p. 17).

A linguística é parte integrante da semiologia, segundo Saussure.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, á escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sitemas. Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psiciologia social e, por conseguinte, da Psiciologia geral; chama-la-emos de Semiologia 9 do grego semeion, "signo"). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem [...] A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral (Saussure, 1995, p. 24).

Saussure, ao demonstrar a distinção entre língua e fala no CLG, trata da relação entre língua e linguagem, definindo assim a primeira:

> 1. Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. [...] Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só, não pode nem cria-la nem modifica-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade, [...] 2. A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. [...] Não só pode a ciência da língua prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão misturados. 3. Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as partes do signo são igualmente psíquicas (Saussure, 1995, p. 22-23).

A língua, para Saussure, é social; essencial, registrada passivamente, psíquica, soma de marcas em cada cérebro e modelo coletivo. A fala, por seu turno, é individual, acessório mais ou menos acidental, ato de vontade e de inteligência, psicofísica, soma do que as pessoas dizem, não coletivo (Gadet, 1996).

Em Escritos de Linguística Geral há várias reafirmações de que a língua é um fato social:

> Elemento tácito, que cria todo o resto; que a língua corre entre os homens, que ela é social. Se eu abstrair dessa condição, eu seu me divertir, por exemplo, em escrever uma língua no meu escritório, nada que vou dizer sobre "a língua" será verdade, ou será necessariamente verdadeiro. [...] Continuamente, considera-se a linguagem no indivíduo humano, ponto de vista falso. A natureza nos dá o homem organizado pela linguagem articulada, mas sem linguagem articulada. A língua é um fato social (Saussure, 2002, p. 94 e 178).

Do caráter de fato social da língua desdobram-se outros: a língua é marcada pelo essencial, adquirida de maneira passiva, é coletiva. No plano da cognição, a língua é apreendida mentalmente, enquanto a fala é marcada pela dimensão física da fonação.

A distinção entre língua e fala levou Saussure a fazer uma distinção entre linguística da língua e linguística da fala. A linguística da fala é considerada como secundária.

> O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica (Saussure, 1995, p. 27).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A língua em suas manifestações orais que deve ser, para Saussure, o objeto da linguística, ou seja, o linguista suíço levanta-se contra a predominância da representação escrita da língua.

> Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto (Saussure, 1995, p. 34).

A noção de entender a língua como sistema é uma das mais fortes no CLG, sendo utilizado o jogo de xadrez por Saussure para melhor compreensão. A metáfora das bandeiras também é utilizada.

> O sistema da língua pode ser comparado com vários elementos e em vários sentidos; embora a comparação seja das mais grosseiras, [podemos compará-lo] com um sistema de signos marítimos obtidos por meio de bandeiras de diversas cores. Quando uma bandeira tremula no meio de várias outras [...], há duas possibilidades: a primeira é de ser uma peça de tecido vermelha ou azul, a segunda é de ser um signo ou um objeto, entendido como dotado de um sentido por aqueles que a percebem (Saussure, 2002, p. 54).

A noção de sistema é posta no CLG por meio de formulações que se relacionam com a distinção língua/fala; com a semiologia, com a linguística interna e com a distinção sincronia/ diacronia.

> Enquanto a linguagem é heteróclita, a língua assim delimitada é de natureza homogênea; constitui-se num sistema de signos onde,, de essencial, só existe a união de sentidos e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. [...] A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. [...] A língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria. [...] A língua é um sistema do qual todas as partes
>
> podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica (Saussure, 1995, p. 23 e seg.).

A visão da língua como sistema não é pioneira em Saussure, estava presente em Aristóteles elaborada pelos estoicos, apresenta seu ponto alto na gramática especulativa do século XII. A novidade trazida por Saussure se refere a noção de que os elementos da língua são definíveis pelos seu lugar e suas relações no interior do sistema e não pela sua descrição isolada e diacrônica.

O estruturalismo americano possui características próprias devido aos estudos das línguas ameríndias, que durante metade do século XIX aos anos 20 do século XX, tiveram como objetivo o conhecimento dessas línguas para aprendizagem e análise, conhecimento integrados aos processos mais amplos de compreensão cultural e social. A linguística, nos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Estados Unidos, esteve integrada à antropologia e funcionou como ciência auxiliar.

O método descritivo dominou a tradição americana. Boas, que dedicou a maior parte de seus trabalhos às línguas indígenas da América, inaugura uma tradição, isto é, uma escola descritivista, na qual seus sucessores, especialmente Sapir e Bloomfield, desenvolveram suas teorias.

Leonard Bloomfield foi influenciado pela psicologia behaviorista. Para essa teoria, o comportamento dos seres humanos pode ser explicado por meio de constructos externos, sem recorrer a constructos internos que não passariam de meras ilusões. Sobre isso, escreveu Paveau e Sarfati (2006, p. 150):

> Para Bloomfield, a linguagem é um comportamento e pode então ser estudada de maneira externa; não se trata para ele de uma doutrina psicológica, mas de uma metodologia.
> Ele aplica à linguagem o célebre esquema estímulo-resposta, e o formula da seguinte maneira: S-rs-R. S é o estímulo externo que impulsiona qualquer uma produzir a fala r; essa resposta linguística constitui para o ouvinte um estímulo s, que provoca como retorno uma resposta R.

A visão comportamentalista e mecanicista da língua proposta por Bloomfield influenciou o desenvolvimento do método Audiolingual de ensino de língua adicional, em especial a língua inglesa.

O método audiolingual emergiu em uma época em que o behaviorismo predominava na academia americana. Essa teoria proclamava ter o segredo para todos os campos da aprendizagem humana, incluindo a aprendizagem de língua. O behaviorismo, como o estruturalismo de Bloomfield, é também antimentalista, baseado no estudo do

comportamento humano. Para os behavioristas, os seres humanos são capazes de reproduzir um variado número de comportamentos. A ocorrência desses comportamentos depende de três elementos na aprendizagem: o estímulo, a resposta e o reforço.

O reforço é o elemento central no processo de aprendizagem porque aumenta a probabilidade de um determinado comportamento ocorrer sempre e consequentemente se tornar um hábito.

A metodologia audiolingual é um método de base estruturalista. O currículo para propiciar a aprendizagem possui elementos de fonologia, morfologia e sintaxe organizados de acordo com sua ordem de apresentação. Diálogos e drills formam a base da prática audiolingual na sala de aula. Eles são usados para repetição e memorização. Os alunos são vistos como organismos que podem ser treinados para produzirem respostas corretas. O professor controla a aprendizagem e monitora a performance correta dos aprendizes.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

No item 4, analisaremos algumas postagens de páginas de teachgrams e provaremos que a essência do estruturalismo ainda sobrevive em pleno século XXI e influencia a aprendizagem de língua inglesa por meio das novas tecnologias.

Definindo Teachgrams

A M-learning é caracterizada pelo uso de dispositivos móveis que produzem experiências de educação formal e informal de forma onipresente (Murta; Valadares, 2016).

Desse modo, a "m-learning é uma possibilidade de ensino e aprendizagem do mundo contemporâneo devido às affordances (propiciamentos) oportunizadas a seus usuários. São elas: portabilidade, interatividade social, sensibilidade ao contexto, conectividade e individualidade" (Murta; Valadares, 2016, p. 02).

Sendo assim, a tecnologia, a linguagem e as relações de ensino e aprendizagem pertencem a uma vasta rede conectada de forma ágil e solidária (Braga; Gomes; Martins, 2017).

Nesse sentido, Holmes e Gardner (2006) afirmam que o e-learning é caracterizado pela ubiquidade do acesso online a recursos de aprendizado, diferente do m-learning em que os dispositivos móveis acrescentam mais dinamismo e fluidez a relação de aprendizagem.

Portanto, os dispositivos móveis inserem o conceito de mobilidade na sociedade, diminuindo os obstáculos da aprendizagem (Sabota; Silva, 2016).

Nesse sentido, os aplicativos são programas que possibilitam o acesso à Internet por meio dos dispositivos eletrônicos móveis, incrementam a produtividade do usuário e possibilitam a instalação e execução nos sistemas de smartphones e tablets (Santos, 2017).

Segundo Nial Winters (2006, apud Andrade, 2017, p. 86), os estudos sobre Mobile Learning podem ser divididos em quatro categorias: Tecnocêntrica- com enfoque nos dispositivos móveis; relação com o e-learning- o m-learning é considerado extensão do e-learning; ampliação da educação formal- considera o m-learning uma proposta de educação mais ampla e centralização no aprendiz- é a tendência atual, em que o olhar está posto naquele que aprende, bem como em suas necessidades.

O Instagram é um aplicativo móvel em que as pessoas compartilham momentos e

experiências através de vários recursos, como: fotos, vídeos e textos.

A crescente popularidade do Instagram levou o surgimento de perfis voltados para o ensino e aprendizagem de línguas que utilizam algumas affordances (propiciamentos) como postagem de fotos e vídeos. Tais perfis ora são criados por alunos (Studygrams) ora por professores ou instituições de ensino (Teachgrams). Sobre esses conceitos, Lima descreveu (2020, p. 05):

> A palavra Studygram surgiu inicialmente como uma hashtag para identificar os perfis de estudantes (da educação básica, vestibulandos, universitários e concurseiros) que se dedicam a compartilhar conteúdos em forma de escrita criativa, resumos e caligrafias em arte elaboradas (letterings), assim como também apresentam dicas e frases motivadoras de como estudar e potencializar sua aprendizagem.
> Numa busca pela hashtag "Studygram" pelo próprio aplicativo da rede social, identificamos sua popularidade em 9 milhões de marcações e há um número expressivo de instagrammers que se dedicam a colaborar com o estudo e aprendizagem da língua inglesa.
> Já os perfis voltados ao ensino não possuem uma hashtag específica, mas denominações numerosas como#teachgrams, #teachergrams, #learnEnglish, #toefl, #aprenderingles etc .e caracterizam-se como perfis em que os usuários tem o propósito de ajudar seus seguidores a aprenderem inglês online. Habitualmente, compartilham pequenas videoaulas focando-se nas diferentes habilidades linguísticas, frases motivadoras, curiosidades sobre o idioma, rotina de viagens, etc.

O conceito de Teachgrams (junção de duas palavras: teach- ensino e Instagram) é utilizado neste trabalho como sendo os perfis criados por professores ou instituições de ensino que visam o estímulo da aprendizagem de línguas adicionais, em especial da língua inglesa, logo um contraponto aos perfis com a mesma finalidade criados por estudantes: Studygrams (Junção de duas palavras: Study- estudo e Instagram).

Análise dos perfis de teachgrams

Análise de postagem do perfil @inglesonthetop

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Figura 1: Perfil do instagram @inglesonthetop

Fonte: Instagram (2021)

O propósito da postagem acima é o ensino de colocações da língua inglesa por meio dos verbos “have”, “do” e “make”. A forma como estão dispostas as frases, em tabela, evidencia o estímulo para que o aprendiz memorize as estruturas. Memorização é sinônimo de repetição. A memorização das estruturas parece ser o caminho optado pela professora para que os alunos saibam utilizar as estruturas da língua. Evidencia-se o

estudo da estrutura da língua por meio de uma abordagem que visa a mecanização da aprendizagem.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análise de postagem do perfil @englishyourself

Figura 2: Perfil do instagram @englishyourself

Fonte: Instagram (2021)

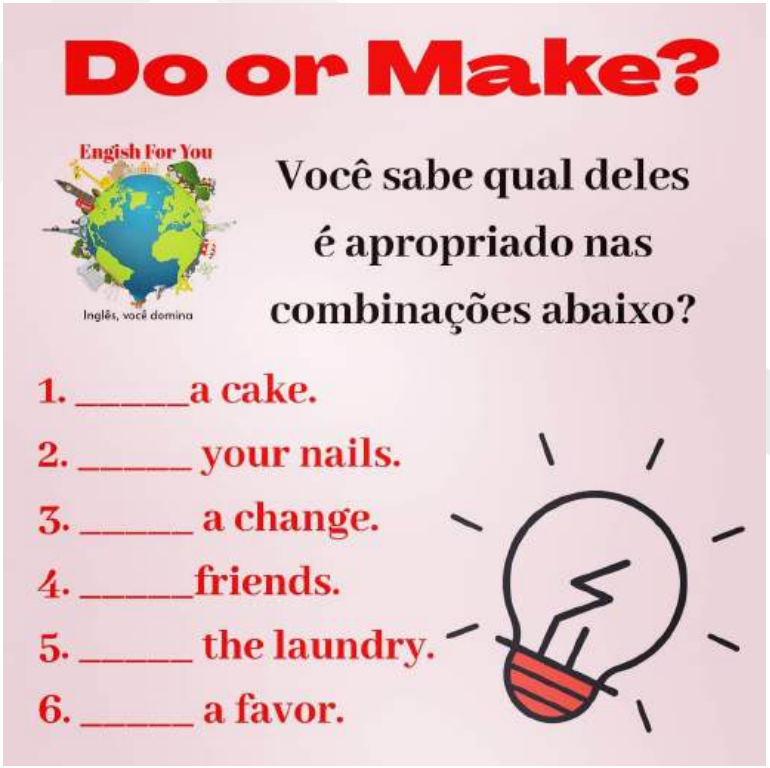
O objetivo é aprender os números ordinais em inglês. A postagem vem acompanhada de áudio. O seguidor da página é estimulado a ouvir e depois repetir a pronúncia padrão, ou seja, correta que é enunciada pela professora. Aqui também podemos observar mais um exercício de memorização e repetição. Parece que a forma como é feita a apresentação do conteúdo estimula a ampliação do vocabulário dos aprendizes. Isso se evidencia por meio dos comentários positivos que estão dispostos na aba de comentários da postagem. A seguidora @paraisogrow escreveu: “Excelente conteúdo!”; o seguidor @ohudff escreveu: “sempre tive verginha de perguntar como dizer isso kkk”.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análise de postagem do perfil @english_for.you

Figura 3: Perfil do instagram @english_for.you



Fonte: Instagram (2021)

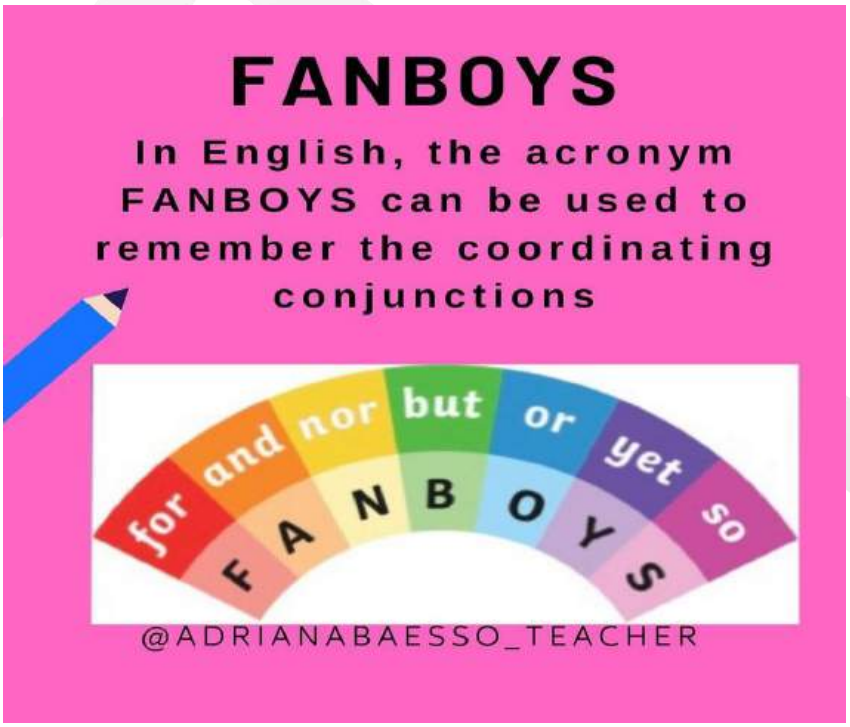
A postagem utiliza um quiz no formato de drill para estimular a apreensão de colocação verbal dos verbos “do” e “make”. O drill é oriundo do método audiolingual, resultado da associação dos pressupostos da psicologia behaviorista e da linguística estrutural, sendo exercícios de prática mecânica, que tem fundamentos na repetição.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análise da postagem do perfil @adrianabasesso_teacher

Figura 4: Perfil do instagram @adrianabasesso_teacher



Fonte: Instagram (2021)

A postagem acima é muito criativa. Com o objetivo de que o aluno memorize as "coordinating conjunctios", a professora utiliza um acrônimo. A memorização e a repetição para aprendizagem do tópico gramatical é evidente, assim como o foco na forma da língua e não na produção de enunciados comunicativos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Análise de postagem do perfil @bbclearningenglish

Figura 5: perfil do instagram @bbclearningenglish

Fonte: Instagram (2021)

A influência do estruturalismo também pode ser observada no perfil da prestigiada emissora britânica BBC dedicado ao ensino da língua inglesa. A postagem acima tem como objetivo que o seguidor aprenda o emprego do "simple present", para isso a estrutura das frases foi dividida para que o aprendiz memorize como utilizar o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

sujeito, verbo e complemento e por fim olhando o exemplo dado escolha a resposta correta do exercício.

Considerações finais

O estruturalismo possui uma extensa produção teórica a partir do início do século XX. Outras teorias vieram e confrontaram os pressupostos epistemológicos estruturalistas e resultaram no surgimento de correntes linguísticas enunciativas, discursivas e pragmáticas. Apesar do declínio das teorias estruturalistas, a influência no ensino de língua ainda é presente como visto nas análises feitas neste artigo. O estruturalismo se faz presente, por vezes de forma um tanto quanto mascarada e velada, nas práticas de ensino que utilizam as novas tecnologias como o Instagram.

Observamos nas análises dos dados que os exercícios estruturalistas estão presentes nas práticas pedagógicas de professores e instituições que possuem páginas no Instagram voltadas para o ensino e aprendizagem da língua inglesa. Tais exercícios estimulam a memorização e a repetição para que os seguidores do perfil possam ser estimulados a compreenderem aspectos da língua, sobretudo gramaticais.

Sugiro que pesquisas sejam feitas para descobrirem a impressão dos aprendizes, que buscam estas páginas, no que tange aos estímulos behavioristas de repetição e memorização, bem como pesquisas feitas com os professores e as instituições, que gerenciam estes perfis, sobre as crenças dos mesmos em relação ao estruturalismo e ao ensino e a aprendizagem de línguas ou até mesmo se têm noção que suas práticas remontam ao início do estabelecimento da Linguística como ciência.

Referências

ANDRADE, I. R. **Aprendizagem de Língua Assistida por Dispositivos Móveis (ALADIM): Uma proposta alternativa para o ensino da língua espanhola**. 2017. Tese de doutorado- Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.p.141-165.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

BLOOMFIELD, L. **Introduction to the study of language**. New York: Holt, 1914.

LIMA, S. M. M. **Studygrams and Teachgrams: reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem de inglês pelo Instagram**. Disponível em: https://suap.ifma.edu.br/pesquisa/projeto/6547/. Acesso em: 12 jun. 2021.

MURTA, C. A.R; VALADARES, M.G.P. **Aplicativos móveis para aprendizagem de línguas: Duolingo e Sentense Builder**. In: Encontro Virtual em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. **Anais...** Valadares: UFMG. p 1-23. 2016.

PAVEAU, M.A; SARFATI, G.E. **As grandes teorias da linguística:** da gramática comparada à pragmática. Claraluz, 2006, São Paulo.

SABOTA, B; PEIXOTO, S. M. Busuu e Babbel: reflexões acerca do potencial de contribuição de aplicativos para o processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 14, n.2, p. 167-189, 2015.

SABOTA, B; DA SILVA, H.E. "Então, você quer aprender a falar inglês": análise do aplicativo MosaLingua como recurso para aprendizagem de inglês. **Revista de Linguística e Teoria Literária,** UEG, vo. 8, n. 2. p. 1-24, jun, 2016.

SANTOS, Y. C. W. **A aprendizagem do francês através de aplicativos de smartphones**. 2017. 198f. Dissertação (Mestrado em Aquisição da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix, 1995, São Paulo.

PRODUÇÃO TEXTUAL MULTISSEMIÓTICA: PASSOS PARA O MULTILETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO

Jorge dos Santos Silva[304]

Jairo Farias de Sousa[305]

Antonio Valbert Alves Silva[306]

Resumo: Este trabalho tem como finalidade apresentar os resultados das atividades desenvolvidas durante a execução do projeto intitulado: "Produção de textos multissemióticos: reflexões sobre o letramento multimodal" parte integrante da disciplina Prática Curricular na dimensão Educacional. Assim, o objetivo geral pretendeu analisar o discurso multissemiótico produzido pelos alunos através das releituras dos textos: "Pátria minha – Vinicius de Moraes" e "Uma canção – Mário Quintana" e a influência no processo de letramento multimodal dos alunos do Ensino Médio. A pesquisa se deu no Centro de Ensino Drº Fernando Castro com três turmas do 1º ano do Ensino Médio. A metodologia adotada baseou-se na pesquisa-ação, com caráter descritivo e de abordagem qualitativa, com auxílio de pesquisa bibliográfica e a análise dos dados foi realizada a partir da categorização e dos pressupostos teóricos metodológicos da semiótica. O corpus de análise deste estudo constitui-se das releituras dos alunos intituladas como: "Terra querida: entre guerras e descaso" e "Tempo perdido", nas quais há pertinência em temas que retratam sobre a (perca da) nacionalidade e as transformações do meio em virtude de ações antrópicas. Tomamos como referência Rojo (2002; 2009), Santaella (2012), Gomes (2017), Mattos (2014) entre outros. A relação mantida entre as obras demonstra a desconfiguração da produção de Gonçalves Dias "Canção do Exílio", onde os elementos visuais conversam entre si apoiados no texto como constituinte das obras. Os elementos multissemióticos escolhidos pelos alunos para produção de seus textos trazem uma carga semântica e ideológica intrinsicamente relevante aos descasos sociais e ambientais.

Palavras-chave: Semioses. Nacionalidade. Intertextualidade. Letramento.

1 INTRODUÇÃO

[304] Mestrando em Práticas Educativas pelo Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas - PPGFOPRED da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/CCIm). Pedagogo pela FAIARA, Graduando em Letras pela UEMA e Especialista em Psicopedagogia (ÚNICA). E-mail: jorgesantos96silva@gmail.com

[305] Graduado em Licenciatura em Matemática pelo IFMA. Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Matemática (FAVENI). Graduando do curso de letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: jairodesousa97@gmail.com

[306] Professor Adjunto II da Universidade Estadual do Maranhão. Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e Pós-Graduação no nível de Mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: valbertfilho27@gmail.com

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

É inegável que vivemos em um espaço social semiotizado, requerendo de nós atenção e leitura mais ampliadas, com atenção também às imagens que estão repletas de sentidos. Soares (2020) indica que é necessário "alfabetizar letrando", pois o letramento é entendido como uma prática social da leitura e da escrita. Nesse interim, Rojo (2002) também discute o conceito de letramento e colabora ao dizer que a leitura é um processo complexo e que envolve diversas capacidades e situações comunicativas.

É necessário compreender o ensino de linguagem abrangendo a materialização multimodal dos processos sociocomunicativos que envolvem as práticas sociais contemporâneas, recursos digitais e o envolvimento com a cultura, sentimento e as relações mantidas com os textos literários estudados no ensino regular. Mediante isso, o presente trabalho tem como problema de pesquisa a seguinte inquietação: de que forma a produção de textos multissemióticos de forma autônoma, criativa e independente pode influenciar no processo de letramento social de alunos do Ensino médio?

Nesse viés, o presente trabalho tem como finalidade apresentar os resultados das atividades desenvolvidas durante a execução do projeto intitulado: "Produção de textos multissemióticos: reflexões sobre o letramento multimodal e social" e as inferências das releituras de textos literários convertidos em textos multissemióticos através do concurso literário artístico desenvolvido no Centro de Ensino Dr. Fernando Castro de Buriticupu-MA. Assim posto, teve-se como objetivo geral analisar o discurso multissemiótico produzido pelos alunos através das releituras dos textos: "Pátria minha – Vinicius de Moraes" e "Uma canção – Mário Quintana".

Compreende-se que o ensino de língua portuguesa tem se modificado cotidianamente em virtude de diferentes fatores, dentre eles podemos citar a notória expansão das tecnologias no ambiente escolar, junto a esse bojo surge também novas formas de letramentos, os multiletramentos o que depreende dos alunos e professores maiores esforços para ler, compreender e interpretar diferentes textos que partem de biografias e sociografias distintas, bem como explica Gomes (2017, p. 60) "meios semióticos diferentes, tendo em vista propósitos econômicos, sociais, políticos e cívico diferenciados em contextos sócio e culturalmente diversos."

Mas então, o que seriam esses novos letramentos e os multiletramentos? No início da década de 80 começa-se uma revolução na forma de pensar o

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

letramento, não mais associada às habilidades cognitivas e psicológicas, mas agregada às práticas sociais que envolvem a leitura e escrita. Dessa maneira, os novos letramentos surgem em oposição a perspectiva tradicional, bem como explica Mattos (2014, p. 108) "[...] uma prática social complexa e crítica, construída a partir de interações sociais diárias em contextos específicos."

Reafirmando essa concepção, Gee (2008, p. 67) também afirma que os novos letramentos "começaram a substituir a noção tradicional de letramento por uma abordagem sociocultural." A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prescreve que a escola deve fomentar o trabalho com diferentes gêneros textuais, portanto, não se deve deixar de considerar os gêneros consagrados pela escola, tais como fábula, romance, noticia, porém, é preciso levar em consideração os novos letramentos, dentre eles os digitais.

> Os novos letramentos e multiletramentos estabeleceram-se, assim, como perspectivas inovadoras para compreensão das práticas de letramento hoje presentes na sociedade globalizada do século XXI. Os pesquisadores atualmente envolvidos nesses estudos tomam por base a noção de que essas práticas de letramento não são individuais, mas sim sociais, ou seja, são compartilhadas por comunidades e grupos sociais específicos e, por isso mesmo, são plurais (MATTOS, 2014, p. 111).

Nesse contexto, é inegável que as práticas de leituras exigidas na contemporaneidade sejam nos mais tradicionais meios de comunicação (livros, jornais, revistas...) ou nos mais atuais (redes sociais, outdoors...) há a presença muito frequente da multimodalidade. Rojo (2009) já assinala que é substancial que se intensifiquem práticas didáticas em aulas de língua portuguesa que contribuam de forma eficiente na formação do novo sujeito social.

Esses gêneros que giram em torno da sociedade contemporânea colocam em centralidade a necessidade de se pensar, discutir e problematizar as formas de leitura para os novos textos, haja vista que esses textos circulam socialmente, neles encontramos modalidades diferentes de linguagem verbal, em suas formas escrita e oralizados; também não-verbal fazendo uso também da multissemiose, isto é, formado por um conjunto de signos/linguagens (ROJO, 2009).

Entendemos, portanto, que todos esses letramentos possibilitam aos sujeitos imersos nessa cultura articular formas de interpretação

condizentes aos contextos de produção dos textos. O letramento multissemiótico, assume enquanto modalidade de letramento aos processos que envolvem a sistematização dos "textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita" (ROJO, 2009, p. 107).

2 METODOLOGIA

Como evidenciado anteriormente, esta pesquisa tem como objeto de investigação o letramento multissemiótico/multimodal, a partir da análise da produção textual de alunos do 1º ano do Ensino Médio do Centro de Ensino Dr. Fernando Castro em Buriticupu-MA participantes do Concurso de produção artística e textual multissemiótico. Dessa forma, foi promovido na escola um evento com apoio exclusivamente técnico para mediar a produção e entendimento sobre o concurso, também apoio valorativo para avaliar as produções e premiar os finalistas. Feito isso, o trabalho investigativo das produções dos alunos aconteceu mediante a coleta do corpus da pesquisa (obras dos 2 finalistas) e analisado tendo como foco a utilização da intertextualidade no nível ideológico, a fim de perceber como eles viabilizam de forma crítica os diversos discursos que atravessam os textos.

Nesse sentido, foi desenvolvido uma pesquisa-ação, pois indica a participação dos pesquisadores em interação direta ao grupo de participantes e analisados sobre o tema de pesquisa abordado. A respeito desse tipo de pesquisa, Vergara (2006, p. 49) explica que, a "pesquisa-ação é um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social. Quanto aos fins é, portanto, intervencionista." Que teve encontro com nossa pesquisa - intervir no espaço escolar para entender o processo de multiletramentos a partir da produção de textos multissemióticos e sua implicância no processo de aprendizagem ativa e crítica dos alunos nas aulas de língua portuguesa.

Para analisar as obras dos alunos participantes e o processo de multissemiose, utilizou-se da categorização dos elementos-signos dos textos produzidos. Concordamos ainda com Bardin (1979, p. 146) quando conceitua categoria como "classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles."

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Entendendo a importância de categorizar os elementos dos textos para facilitar a melhor organização e compreensão do sentido dos textos, este trabalho está pautado na análise por meio da releitura de categorias que compreende texto/imagem fundamentados por Santaella (2012). Dessa forma, selecionou-se as seguintes categorias para se analisar os textos: Relações sintáticas, Relações semânticas e Relações Pragmáticas e suas subclassificações.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a realização desta pesquisa, inicialmente fez-se uma análise no livro didático de Língua Portuguesa utilizado para as turmas de 1º ano do Ensino médio, onde nos deparamos com diversas modalidades textuais com diversas semioses. A partir dessa observação, selecionamos da primeira unidade do livro que estava sendo estudado pelos alunos dois textos “Pátria minha – Vinicius de Moraes” e “Uma canção – Mário Quintana” (figura 01) que serviram de motivação para a produção de releituras dos alunos.

Figura 01: Textos escolhidos para a contextualização e releitura das produções dos alunos.

Fonte: Campos *et al.* (2020).

Posterior a primeira etapa, foi apresentado para três turmas do 1º ano da referida escola, um Concurso de Produção releituras de textos multissemióticos. Esclarecemos os

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

objetivos, conceitos, técnicas, etapas da seleção, premiação e outras informações pertinentes. Dessa forma oito alunos se inscreveram para participar e cumpriram com as etapas solicitadas (criação das obras, arguição e entrega) culminando em dois vencedores que melhor se destacaram em suas produções e na arguição. As obras dos dois alunos serão apresentadas a seguir, posterior a análise.

Tendo em vista que os textos multissemióticos tem forte influência das diferentes tecnologias e entendendo que os alunos da contemporaneidade estão ligados a cada dia mais às redes sociais, utilizamos como referência para as produções do concurso, a vida e obra de Gabriel Fernandes divulgadas por meio das redes sociais *instagram* e *tiktok* (@biel.artlife). Gabriel é um reconhecido artista nordestino nascido em Caicó, possui 23 anos e tem se dedicado nos últimos anos a produções de obras artísticas com a utilização de corte e colagem de elementos diversos, em especial trabalha com elementos que simbolizam a brasilidade, o Nordeste e suas facetas. Nos estudos linguísticos suas obras são elementos de investigação e relevância para os estudos de textos multissemióticos por envolver diferentes semioses.

Portanto, o *corpus* de análise deste estudo constitui-se das releituras dos alunos intituladas como: “Terra querida: entre guerras e descaso” e “Tempo perdido”, nas quais há pertinência em temas que retratam sobre a (perca da) nacionalidade e as transformações do meio em virtude de ações antrópicas. Intenta-se constatar através da técnica da análise do conteúdo por categorização como, teoricamente, se dá o processo de interação, composição e os efeitos de significados encontrados através das relações sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Antes da análise dos textos produzidos pelos alunos, trataremos de contextualizar os dois textos que serviram de base para a releitura dessas produções para melhor entender as relações e unidades de sentido depreendidas pelos estudantes revelando seus sentimentos, a construção estética, imagética, as relações ideológicas, discursivas de estudantes engajados na produção de conhecimentos e nas relações dialógicas do texto central e suas impressões.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

4.1 *3.1 Análise da obra "Terra querida: entre guerras e descaso"*

A releitura feita pela aluna 1 (figura 02) retrata algumas características do texto "Pátria minha" de Vinicius de Moraes. A obra "Pátria Minha" foi escrita por Vinicius de Moraes em 1955 e reflete a visão singular do autor sobre o Brasil e sua identidade nacional. O contexto histórico em que a obra foi escrita é relevante para uma compreensão mais ampla. A década de 1950 foi um período de intensas mudanças sociais, políticas e culturais no Brasil.

O poema "Pátria Minha" foi escrito em um momento de intensa reflexão política e social no Brasil. Vinicius de Moraes estava imerso no cenário cultural carioca, influenciado pelo movimento modernista do século XX. Através deste poema, o autor busca retratar as contradições e belezas do país. Isso posto, Vinicius de Moraes traz um tom intimista em sua poesia, convidando o leitor a se conectar emocionalmente com seus versos.

Ressalta-se que os versos de Vinicius são carregados de uma sensibilidade única, explorando emoções e sentimentos profundos. Desse modo, o autor aborda em sua obra temas, como: amor e paixão por seu país, natureza e paisagens, saudade e melancolia. Com isso, "Pátria Minha" reflete as transformações sociais e políticas do Brasil no período em que foi escrito, tornando-se uma obra importante para compreender a identidade do país.

Partindo dessa perspectiva, o poema, escrito na primeira pessoa, revela traços de saudade e tristeza sentidos pelo autor ao expressar sua lamúria por ter sido exilado de seu próprio país, o Brasil, em virtude do regime militar prevalente na época. A primeira estrofe do poema evidencia esta análise: "*A minha pátria é como se não fosse, é íntima. Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo. É minha pátria. Por isso, no exílio assistindo dormir meu filho, choro de saudades de minha pátria*".

O autor deixa também marcado no poema o seu amor pelo Brasil e o desejo de rever sua pátria, expondo o anseio de poder voltar a morar em seu país ("*Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho. [...] Eu que não vou e não venho, eu que permaneço em contato com a dor do tempo, [...] entre a ação e o pensamento*"), revelando que, apesar de seu grande amor por seu país, nas condições em que se encontra ele não pode chamá-la de mãe gentil ("*Não te direi o nome, pátria minha. [...]. Não rima com mãe gentil*"), haja vista que lhe foi vedada a sua liberdade de poder permanecer em sua terra natal e o direito e a permissão para poder voltar.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Sob esse viés, a obra intitulada "*Terra querida: entre guerras e descaso*" (figura 02) feita pela respectiva discente, traz em sua produção elementos e características de um texto multissemiótico. Para tanto, a análise aqui feita parte de três categorias que subsidiam as propriedades textuais, como: análise/relação sintática, análise/relação semântica e análise/relação pragmática.

Figura 02: Terra querida: entre guerras e descaso & Pátria minha.

Fonte: Arquivos da pesquisa (2023).

Partindo da análise sintática, a obra traz em sua elaboração elementos multissemióticos que carregam o significado das palavras expressas no poema, marcado por elementos imagéticos que evidenciam o sentimento do autor em revelar o seu descontentamento, saudade e tristeza para com sua pátria amada.

A exemplos de elementos multissemióticos presentes na obra, observa-se o recorte de figuras como a de uma mulher chorando e segurando um bebê, evidenciando a ideia de uma mãe que deu à luz um filho e por motivos maiores não poderia ficar com ele, revelando o exílio do autor de seu próprio país, figura esta que se encontra centralizada e com maior visibilidade. No canto inferior da obra, nota-se uma figura da bandeira do Brasil, carregando em seu centro a simbologia de um coração partido, revelando o sentimento de tristeza e desapontamento do autor.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

É possível verificar também que a autora da obra faz recortes de imagens que remetem às queimadas, poluição e representação de um povo pobre e sofrido, dando a entender que, mesmo o país apresentando características e situações como estas, isso não inibe o eu-lírico de sentir saudades e vontade de poder voltar à sua terra natal. Seu maior desejo é rever sua pátria, demonstrando o amor que este sente pelo próprio país.

Nesse sentido, destaca-se que, para além das imagens referenciadas na obra, observa-se que estas estão dispostas em um fundo escuro que dá ainda mais ênfase as figuras e suas respectivas cores, aumentando ainda mais as possibilidades de efeitos de sentidos e suas representações.

Assim sendo, depreende-se a análise sintática, que a referência entre imagem e texto foram estabelecidas mediante um processo de contiguidade por interferência em virtude da espacialidade ocupada pelas imagens em relação ao texto verbal. Podemos analisar nas entrelinhas a forma como as imagens e textos foram distribuídos no sentido de ligar esses elementos uns com os outros para combinar signos e levar à construção de significado da obra. O texto verbal "*Ó pátria minha, se antes te conhecia, hoje não te conheço mais"* elaborada pela aluna caracteriza uma releitura tendo como base a ideia central do poema que, juntamente com as cores das imagens sobressaltam o plano de fundo em uma combinação e inclusão de elementos multissemióticos que compõem a obra (texto verbal e não verbal), pois, segundo Freitas (2007), as cores são elementos semióticos que apresentam uma linguagem intrínseca que, dependendo de sua composição, permite e desperta sentimentos, ideias, emoções e sensações. Dessa forma, as propriedades sintáticas envolvidas colaboram para a equivalência e construção do texto.

Prosseguindo com esta discussão, a análise semântica presente na figura 02 envolve a interpretação do significado do texto como um todo, pois, faz-se preciso compreender o significado das palavras e imagens (signos) escolhidas pela autora, levando em conta o contexto em que estes elementos foram usados, considerando suas nuances, conotações e denotações.

Por conseguinte, a relação semântica presente na obra é categorizada pela combinação do texto verbal com os sentidos e redundância que as imagens presentes emitem, uma vez que o poema de Vinicius de Moraes versa sobre a ideia de pertencimento e amor à pátria. O valor semântico das imagens sobrepostas no

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

plano de fundo escuro desperta os sentimentos de conexão com a terra nativa, elevando a pátria ao status de um ente querido, conforme indica a imagens de uma mãe como o bebê no colo. Observa-se que não há uma discrepância entre os elementos semióticos, ambos foram compostos e combinados entre si no sentido de complementaridade e dominância de significados.

Em seu poema Vinicius de Moraes expressa, em algumas passagens, um misto de amor e crítica, revelando sua forma particular de patriotismo. Na obra da discente, identifica-se esse sentimento expresso pela figura da bandeira nacional no canto esquerdo da tela, uma vez que a bandeira de um país é o símbolo ímpar que indica o patriotismo de um povo.

Ademais, mesmo que esta figura esteja disposta à esquerda e não no centro da produção, este posicionamento lhe confere a idealização de um elemento que, semioticamente contribui para o processo de informatividade e releitura do poema "Pátria Minha", mas que de certa forma perde um pouco de sua imponência a julgar pelo tom escuro do campo de fundo e a categorização de um coração partido que substitui por meio de uma crítica poética, a famosa frase "Ordem e Progresso", lema político do país. Assim, a obra explora através de elementos semânticos as nuances da identidade nacional, levando o leitor/espectador a refletir sobre a cultura, a história e a condição social do país.

A terceira categoria de análise, parte-se de uma relação pragmática (contextual) do poema e obra analisada. Nesta releitura imagética do poema "Pátria Minha", a estudante explora em sua obra o contexto da Ditadura Militar no Brasil (período que marcou anos de repressão política e censura artística). Isso posto, bem como Vinicius de Moraes, a autora utiliza sua produção como uma forma de denúncia e resistência, criticando as injustiças e o autoritarismo presentes na sociedade brasileira da época.

O texto verbal elaborado pela estudante entra como reforço para dar ênfase aos elementos imagéticos da obra para lhe conferir aspectos da realidade, expondo as contradições e hipocrisias de uma nação que se autodenomina democrática e igualitária. A obra também retrata o Brasil como uma entidade viva e contraditória, capaz de despertar amor e paixão, mas também de causar frustração e desencanto.

Sob essa ótica, a frase "*Ó pátria minha, se antes te conhecia, hoje não te conheço mais"* em conjunto com a imagem da "mãe" chorando com um

bebê no colo, revela que a aluna utiliza o termo "Pátria Minha" de forma paradoxal, insinuando que o país não é, de fato, uma verdadeira pátria para todos os seus "filhos", mas um lugar de desigualdades e injustiças.

Essa ambiguidade reflete a crítica social presente no poema. A aluna realizou a respectiva produção por meio de uma releitura capaz de descrever uma das principais críticas presentes no poema "Pátria Minha" que é direcionada à desigualdade social e aos problemas estruturais do Brasil. A discente deixa marcado o sentimento de Vinicius de Moraes quando denuncia as disparidades econômicas e sociais, ressaltando a marginalização de determinados grupos e a perpetuação de um sistema injusto.

Portanto, o poema "Pátria Minha" de Vinicius de Moraes é um testemunho da sensibilidade e perspicácia do poeta para capturar as nuances da sociedade brasileira. Sua crítica social é uma chamada à reflexão, visando promover a conscientização e a mudança. Ao explorar a ironia e o sarcasmo, Moraes instiga os leitores a questionarem as estruturas e valores de nossa nação, buscando construir um país mais justo e igualitário.

4.2 *3.2 Análise da obra "Tempo perdido"*

A segunda releitura (figura 03), feita pelo aluno 2, retrata algumas características do texto "Uma canção" de Mário Quintana. Essa obra manifesta grande intertextualidade com o célebre poema "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias, canção essa, escrita no período do Romantismo, onde as celebrações poéticas voltavam-se para questões ideológicas inerentes à nacionalidade, exaltação das terras e do seu povo. Como já explicado anteriormente, a Canção do exílio demonstra forte adoração e saudosismo a sua terra e nação, portanto, descreve com cuidado as características físicas e emocionais no texto.

Isso posto, Mário Quintana pertence ao período pós-modernista, período este marcado por grandes denúncias e marginalização em relação às grandes transformações em que o Brasil passava, especialmente no período pós-guerra. Nesse sentido, na literatura, observa-se uma grande movimentação dos autores, como é o caso de Quintana que se utiliza de forma tônica o uso de paródias com as produções do passado para realizar a caracterização da problemática histórica. Segundo Hutcheon (1991, p. 57) "[...] na literatura, na pintura, no cinema ou na música, a paródia pós-

modernista utiliza sua memória histórica e sua introversão estética para indicar que esse tipo de discurso autorreflexivo está sempre inextricavelmente preso ao discurso social.

Desta maneira, o poema "uma canção" apresentado neste trabalho surge como um retrato vivenciado por Quintana que transcende a descrição ou delimitação de um espaço físico e temporal, também se observa em suas descrições a invisibilidade de aves e palmeiras que tanto aclama Gonçalves Dias, a devastação da natureza e intensifica a caracterização do tempo, situando que há tempo para tudo. Outrossim, é notório uma postura ideológica que se centra para a crítica à realidade circundante. Percebemos, portanto, no texto de Mário Quintana relações de interdiscursividade com o poema de Gonçalves Dias. Segundo Rojo (2004, p. 7) "Perceber um discurso é colocá-lo em relação com outros discursos já conhecidos, que estão tramados a este discurso. Quando esta relação se estabelece, então, num dado texto, como por exemplo, nas paródias, nas ironias, nas citações, falamos de interdiscursividade."

Na produção do aluno 2 observa-se alguns elementos que caracterizam a releitura do poema "uma canção". É notório também a multissemiose presente no texto da estudante, onde valeu-se de elementos verbais e não verbais com diferentes signos na composição de seu texto (figura 03).

Figura 03: Tempo perdido & Uma canção.

Fonte: Arquivos da pesquisa (2023).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Levando em consideração a primeira categoria, a relação sintática, é possível destacar que o texto verbal e as imagens fazem parte do mesmo texto e interagem entre si em um processo de contiguidade por interferência. As imagens foram coladas em um plano de fundo preto implicando neste caso, no vazio - "Tempo Perdido", o que implica na utilização também de relógios soltos no chão, além da substituição de um grande relógio "cansado" e "distorcido" no lugar da cabeça da pessoa que se encontra no centro da imagem em posição de reflexão, o que torna elemento principal para a leitura do leitor-observador, também estabelece a conexão entre os demais elementos.

Observa-se a utilização de elementos caraterísticos da flora brasileira que se encontram soltos no vazio de sua obra (folhas e flores). Os elementos verbais "Terra ingrata, ingrato filho" tratam-se de uma inclusão de um trecho do poema original "Uma canção". Esses elementos textuais são postos na obra como um suporte físico para o sujeito que está no centro permanecer sentado em seu ato reflexivo. Outro elemento em destaque encontra-se no canto superior direito da obra, onde são apresentados dois elementos: o mapa brasileiro e uma pessoa ajoelhado chorado imbuído por um sentimento de infelicidade e tristeza.

No que tange às relações semânticas, podemos inferir que a imagem do homem com um relógio no lugar da cabeça sentado sobre a frase "terra ingrata, ingrato filho" em uma localização relativamente centralizada, sob um plano de fundo que se manifesta relações de vazio e distanciamento das belezas naturais e com mais foco em definir tempo para tudo, é o elemento temático principal e estabelece relação de dominância em relação aos aspectos verbais, onde os elementos imagéticos são superiores ao texto, servindo como fonte informacional para a promoção de sentidos para o leitor, os demais elementos servem como recursos secundários.

Isso porque, a figura humana centralizada no texto retrata as ações antrópicas em relação as vegetações e belezas naturais em um processo de desconfiguração do retrato feito por Gonçalves Dias sobre a terra brasileira. Nesse sentido, o hibridismo formado pelo homem e o relógio demonstram a intertextualidade marcada pelo poema "uma canção" de Quintana ao utilizar com frequência as palavras "relógio, tempo, instante e onde" reforçando a ideia de que atualmente tudo demanda tempo, espelhadas no texto da aluna através da repetição de relógios.

A estudante utilizou em determinados momentos notas musicais espalhadas na obra, também sobre o ombro do homem, um pássaro branco para tentar se referir ao fragmento do poema "E em vez de um mero sabiá/ cantam as aves invisíveis/ nas palmeiras que não há." A junção desses signos remonta novamente a ideia de contradição ao poema de Gonçalves Dias. Os elementos postos se

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

combinam semanticamente nos levando a possíveis interpretações e analogias contrárias ao poema "Canção do Exílio" que se legitimam pelo fragmento verbal exposto na obra.

Na terceira categoria – Relações pragmáticas – observa-se imbricadas na produção imagética da aluna um discurso com força político-social com fortes denúncias ao descaso ambiental e a escassez de tempo em virtude da globalização e das demandas contemporâneas. Revela que vivemos presos ao tempo e confinados às demandas do trabalho em oposição às necessidades e causas ambientais. Assim, acreditamos que o texto foi produzido através do processo de ancoragem por tratar de um tema já retratado antecipadamente. Também é confirmado pela fala da aluna que ao ser indagada sobre sua intencionalidade ao produzir o texto, respondeu: "Quis expressar como foi a perda de uma terra para o pensamento de um homem. Ver as belezas da terra cada vez mais invisíveis causando saudade e tristeza." Fica claro pelo discurso da autora suas intenções em relação a produção da obra, ao tentar denunciar as problemáticas sociais e a necessidade de insurgências por parte dos sujeitos e de políticas.

5 REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o discurso multissemiótico produzido pelos alunos através das releituras dos poemas: "Pátria minha – Vinicius de Moraes e Uma canção – Mário Quintana" e a influência no processo de multiletramento dos alunos do Ensino Médio.

Percebeu-se durante esta pesquisa que em virtude das diversas transformações sociais, dentre elas, a globalização e a utilização de variadas tecnologias digitais, a perspectiva de letramento está cada dia mais estilizada. Portanto, tem se adotado nas práticas de ensino e aprendizagem estratégias que contemplem uma prática social complexa e crítica, atrelada às diversas interações sociais com os diferentes pares. Os atuais gêneros textuais da sociedade moderna exigem que os docentes passem a discutir e fazer uso em suas práticas pedagógicas a realização de leituras textuais cada dia mais envolvidos com diferentes semioses.

Percebeu-se nas releituras multissemióticas o alcance do tema tratado nos textos-base. Dentro dessa proposta, releitura de texto semióticos, os produtores/autores manipularam variados elementos semióticos, a exemplo das cores (destacaram fundo preto

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

com diferentes significados), as figuras nacionais, das tipografias, dos elementos destaques, das escolhas das frases com a finalidade de destacar a imagem como um recuso primordial de "falar" sobre variados temas (exaltação das belezas naturais, tristeza, angústia). Assim compreendemos que é a imagem que fala por si, os elementos verbais apenas complementam e fazem referência direta ao poema.

Mediante a análise sintática, semântica e pragmática e tendo como base os textos de Gabriel Fernandes, a imagem é o foco do discurso, onde nesse discurso percebe-se na posição dos alunos autores/produtores uma carga cultural, histórica e social muito presente, além da identidade e personalidade de cada sujeito.

A relação mantida entre as obras demonstra a desconfiguração da produção de Gonçalves Dias, onde os elementos visuais conversam entre si apoiados no texto como constituinte das obras. Os elementos multissemióticos escolhidos pelos alunos para produção de seus textos trazem uma carga semântica e ideológica intrinsicamente relevante aos descasos sociais e ambientais. Essa manifestação de produção textual dá liberdade e autonomia aos alunos a manifestarem seus conhecimentos e a criatividade. Futuras pesquisas poderão aprofundar a discussão de estratégias didáticas como foco nas produções multissemióticas com vistas os novos letramentos e contribuir para a melhoria nos processos de ensino e aprendizagem na educação básica.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educ. rev,** Belo Horizonte, vol. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2007. Disponível em Disponível em http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17.pdf . Acesso em 01 out. 2023.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**: Ideologies in discourses. 3. ed. London: Routledge, 2008.

GOMES, Rosivaldo. Gêneros multissemióticos e ensino: uma proposta de matriz de leitura. **Trem de Letras,** v. 3, n. 1, p. 56-80, 2017.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

MATTOS, A. M. de A. Novos letramentos: perspectivas atuais para o ensino de inglês como língua estrangeira1. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 102–129, 2014. DOI: 10.5433/2237-4876.2014v17n1p102. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17354. Acesso em: 5 out. 2023.

ROJO, R. H. R. A Concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: **"**ler é melhor do que estudar". In: FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R.(Orgs.). **Leitura e escrita na formação de professores**. São Paulo: Musa; UFJF; I NEP-COMPED, 2002. p. 31-52.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7. Ed. 4. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020. 192, p.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A RECEPÇÃO DO EPISÓDIO DE PAOLO E FRANCESCA ENTRE OS POETAS INGLESES DO SÉCULO XIX

Filipe Brito de Oliveira[307]

Resumo: *A Divina Comédia* de Dante Alighieri é uma das mais importantes obras da literatura universal. Dante, guiado pelo poeta Virgílio e sua amada Beatriz, percorre os círculos do Inferno, Purgatório e Paraíso, onde encontra diversos personagens, reais ou fictícios, que ilustram os mais variados pecados e virtudes da alma humana. Desde que se tornou pública, esta obra tem gerado acalorados debates e releituras, dada a complexidade de seus personagens. Nesse sentido, Paolo e Francesca, casal adúltero condenado ao segundo círculo do Inferno, destinado aos lascivos, tem ganhado particular destaque. Diversas representações na poesia, pintura e teatro foram realizadas, sobretudo na Inglaterra, onde parece ter caído no gosto dos artistas ingleses. Este trabalho tem como objetivo estudar a recepção que esta passagem teve entre os poetas românticos ingleses do século XIX e as subsequentes produções autorais feitas por eles. Para isso, far-se-á uma revisão da fortuna crítica deste episódio, em especial os realizados por Levine (2002), Beaty (1960) e Bugliani-Knox (1997), buscando pontos de contato entre os poemas e o modo como dialogam com a obra original. Os resultados permitem-nos afirmar que os poetas ingleses, fortemente influenciados pela tradução do *Inferno* de Dante do reverendo Henry Francis Cary, publicada em 1805, cujo trabalho acena à escola romântica inglesa, seguem nesta mesma proposta estética, afastando-se da arquitetura teológica edificada por Dante. Se por um lado, isso os afasta do texto original, por outro suas criações poéticas lançam luz sobre outras leituras possíveis do texto, em que Francesca e seu amante deixam de ser vistos negativamente para tornarem-se ícones do amor que persiste para além da vida e da redenção divina.

Palavras-chave: Paolo e Francesca. Dante Alighieri. Recepção. Poesia. Inglaterra.

Introdução

Muito antes de Romeu e Julieta houve outro casal na literatura que despertou paixões entre seus leitores: Paolo e Francesca. Retratados pela primeira vez n'A Divina Comédia, de Dante Alighieri, eles foram inspirados em uma história real de dois amantes, Paolo Malatesta e Francesca da Polenta, que viveram no século XIV. Francesca era filha do Senhor de Ravenna, uma cidade-estado ao norte da Itália, que rivalizava com a cidade-estado de Rimini. Para assegurar a paz entre as duas cidades, o pai de Francesca faz uma aliança com os líderes de Rimini, concordando em casar sua filha com o herdeiro ao trono, Giovanni. Infeliz com a nova união, Francesca acaba por se apaixonar pelo irmão mais

[307] Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará. Pesquisador independente. E-mail: filipeoliveira02@yahoo.com.br

novo de Giovanni, Paolo. Quando Giovanni descobre o caso de sua mulher com seu irmão, ele acaba por matar ambos, num acesso de fúria.

Dante, ao escrever sua obra-prima, coloca os dois amantes no segundo círculo do Inferno, destinado aos lascivos, onde são transformados em um "ciclone rodopiante", um redemoinho impetuoso que os chicoteia e os esbofeteia, assim como na vida suas paixões intensas os jogavam de um lado para o outro no pecado. (REIL, 2021)

Dante, por meio deste episódio, tentou alertar seus leitores sobre os riscos de sobrepor as emoções à razão. Dito de outro modo, o casal adúltero foi condenado por deixar que seu lado animalesco dominasse o aspecto humano de seus espíritos.

Séculos depois, os poetas românticos trariam novamente este episódio à tona, fazendo, entretanto, uma leitura diametralmente oposta à do bardo italiano: Francesca deixaria de ser uma pecadora a definhar no inferno para tornar-se um ícone cultural.

John-Paul Reil, em artigo[308] publicado na Smithsonian Magazine, em 2021, aponta haver pelo menos 40 adaptações musicais, pinturas, esculturas e composições literárias baseadas no episódio de Paolo e Francesca, o que nos dá uma ideia do interesse dos artistas, sobretudo europeus, em interpretar os 69 versos escritos no quinto canto d'A Divina Comédia.

O objetivo deste trabalho é discutir a recepção que este episódio teve entre os poetas ingleses do século XIX. Entre (re)traduções e criações poéticas, veremos de que modo estes trabalhos dialogam com a obra original, revelando, em muitos casos, leituras inesperadas pelo poeta italiano. Para isso, faremos uma revisão bibliográfica dos autores que estudaram a recepção de Dante na Inglaterra, sem deixar de prestar as devidas contribuições acerca do tema. Começaremos, então, pelo trabalho que reavivou o interesse dos ingleses pela Divina Comédia, inspirando-os em suas tessituras poéticas.

1. A tradução de *Inferno* pelo reverendo Henry Francis Cary

Por muito tempo, a Divina Comédia, de Dante Alighieri, foi ignorada na Inglaterra. A falta de familiaridade com o idioma italiano, a escassez das traduções e mesmo a proposta teológica que fundou a obra podem ser algumas das razões pelas quais a obra foi

[308] *Before Romeo and Juliet, Paolo and Francesca were literature's star-crossed lovers.*

preterida entre os ingleses. Levine (2002) confessa que, mesmo na presente época, a maioria dos personagens descritos pelo poeta italiano permanecem obscuros ao leitor inglês.

Esse cenário começa a mudar no século XIX, graças ao trabalho do poeta e tradutor Henry Francis Cary. Ele decide traduzir as três partes da Divina Comédia em versos brancos, diferentemente dos versos originais, escritos em *terza rima*[309]. Além da alteração da métrica, Cary fez outras alterações mais sensíveis ao texto, que contribuíram para a popularização da obra entre seus contemporâneos.

Na primeira parte da obra, *Inferno*, mais precisamente no quinto canto, Dante retrata o casal Francesca e Paolo, condenados ao segundo círculo do inferno, com simpatia, de modo que o leitor passa a vê-los não como pecadores condenados, mas amantes vítimas das circunstâncias. Impedidos de viverem seu amor em razão das limitações morais de sua época, não encontraram outra alternativa a não ser por meio de um relacionamento proibido, o que lhes causou sua ruína. Sobre isso, nos fala Levine (2002):

> Although Cary's translation is faithful in most respects, it reflects Romantic sensibilities. In the original poem, the pilgrim experiences pity, guilt, fear, confusion, gratitude, and a host of other challenging emotions that we are meant to share. As a narrator, Dante often emphasizes his own moral weaknesses and his similarities to the damned, thereby hinting that readers should react in similarly self-critical and introspective ways. But Cary's translation consistently allows us to be more passive and emotionally detached. (…) Cary's translation "turns Dante's poem into a set of occasions when sympathy may be displayed[310]. (p.78)

Mesmo poetas que possuíam conhecimento do italiano, como Byron e Keats, e tiveram acesso ao texto original, viram nesta tradução uma possibilidade de leitura afim com a estética romântica da qual faziam parte e se inspiraram nela para fazer novas traduções, parciais ou totais, bem como compor poemas que dialogassem com esse texto.

---

[309] Terza rima é uma forma de poesia originária na Itália, caracterizada por um esquema de rimas encadeadas. Cada estrofe consiste em três versos (um terceto) com um esquema de rimas específico que segue o padrão ABA, BCB, CDC, e assim por diante. Esse formato cria uma sequência contínua de rimas que interligam as estrofes.

[310] Embora a tradução de Cary seja fiel em muitos aspectos, ela reflete sensibilidades românticas. No poema original, o peregrino sente pena, culpa, medo, confusão, gratidão e uma série de outras emoções desafiadoras que devemos compartilhar. Como narrador, Dante frequentemente enfatiza suas próprias fraquezas morais e suas semelhanças com os condenados, sugerindo assim que os leitores deveriam reagir de maneira igualmente autocrítica e introspectiva. Mas a tradução de Cary permite-nos consistentemente ser mais passivos e emocionalmente desapegados. (…) A tradução de Cary "transforma o poema de Dante num conjunto de ocasiões em que a simpatia pode ser demonstrada.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

2. Francesca da Rimini *is me:* autobiografia e Don Juan

De todos os poetas ingleses, *A Divina Comédia* teve um efeito mais profundo e duradouro em Lord Byron (1788-1824). Grande admirador da literatura italiana, Byron encontrou na obra de Dante, em particular no episódio de Francesca e Paolo, uma identificação pessoal. Byron, assim como Paolo, vivia um amor proibido: este, por sua cunhada; aquele, por sua meia irmã, Augusta Leigh. Assim escreveria ele à srta. Leigh, em 17 de maio de 1819, durante sua estadia em Veneza:

> It is heart-breaking to think of our long Separation, and I am sure more than punishment enough for all our sins – Dante is more humane in his 'Hell' for he places his unfortunate lovers (Francesca of Rimini & Paolo whose case fell a good deal short of *ours* – though sufficiently naughty) in company – and though they suffer – it is at least together[311]. (Byron *apud* Beaty, p.398)

Byron dá pouca importância à danação eterna a que o casal estava condenado na obra original e enfatiza o amor trágico vivido pelos amantes, análogo ao drama amoroso vivido por ele. Por essa razão, mesmo havendo lido o texto no original, Byron irá receber positivamente a versão feita por Cary Hunt e a terá em mente ao fazer sua própria tradução do episódio.

Byron trabalha nesta tradução "literal", conforme ele mesmo a descreve, enviando-a a John Murray, seu editor, para publicação. Byron, ao contrário de Cary, utiliza a *terça rima* para tecer sua tradução, e a chama de *Fanny de Rimini*. Embora tenha escrito que seu trabalho seguiria a tradução original "linha por linha, rima por rima", o poeta inglês toma certas liberdades em seu trabalho, como atesta Beaty (1960):

> (…) Yet the translation cannot justly be termed literal, as demonstrating by his rendering of *"Queste parole da lor ci fûr pòrte"* (v,108) as *"These were the accents uttered by her tongue."* In two other lines Byron's deviation from Dante's Italian is also worthy of note. Where the original reads *"Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse/ Quel giorno più non vi leggemo avante."* (v, 137-138), Byron translated "*Accurséd was the book and he who wrote!/ That day no further leaf we did uncover*[312]*."* (p.398)

311 É de partir o coração pensar na nossa longa Separação, e tenho a certeza de que o castigo é mais do que suficiente para todos os nossos pecados – Dante é mais humano no seu "Inferno", pois coloca os seus infelizes amantes (Francesca de Rimini e Paolo, cujo caso é bem menos grave que o nosso – embora suficientemente travesso) em companhia – e embora eles sofram – pelo menos estão juntos.

312 No entanto, a tradução não pode ser simplesmente tomada como literal, conforme demonstra a sua interpretação de *"Queste parole da lor ci fur pòrte"* (v.108), como "Esses foram os acentos pronunciados por sua língua". Em dois outros versos, a divergência de Byron em relação ao italiano de Dante também é digna de nota. Onde o original diz *"Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse/Quel giorno più non vi leggemo avante."*

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

As duas mudanças na tradução de Byron revelam a intervenção criativa de seu autor. Além da influência da tradução de Henry Cary, o poeta busca adequar seu texto aos leitores ingleses, pouco familiarizados com as formas poéticas italianas.

Além desta tradução, Byron também escreveu no mesmo período (1815) o poema *Parisina*. Semelhantemente ao episódio de Francesca, Parisina tem um caso extraconjugal com um parente de sangue de seu marido, a saber, o filho legítimo dele. Em ambas histórias, o caso de amor começa de maneira inocente em resposta ao casamento infeliz vivido pelas protagonistas. Originalmente, este poema foi intitulado "Francisca", chegando a ser publicado em "A Selection of Hebrew Melodies" (1815). Byron o modifica, então, e o inclui na segunda estrofe de Parisina mudando os versos: *"**Francisca** walks in the shadow of night,/ But it is not to gaze on the heavenly light – / But if she sits in her **garden** bower,/ 'Tis not for the sake of its blowing flower. –"* para *"But it is not to listen the waterfall/ That **Parisina** leaves her hall/ And it is not to gaze on the heavenly light/ That the Lady walks in the shadow of night;/ And if she sits in **Este's** bower,/ 'Tis not for the sake of its full-blown flower". (grifo nosso)*

Quatro anos depois, Byron começaria a escrever uma de suas obras mais famosas, *Don Juan*, poema épico de tom satírico que narra as aventuras de um notório sedutor espanhol vítima da sedução das mulheres. O primeiro canto possui certa semelhança com o episódio de Francesca, assim como revela circunstâncias autobiográficas. Nele, Don Juan, jovem de dezesseis anos, se envolve com Donna Julia, sete anos mais velha e esposa de Don Alfonso, que se apaixona pelo rapaz. Após descobrir a traição, Don Alfonso luta com Don Juan, que foge. A mãe dele, temendo a má reputação do filho, o envia ao exterior para que se corrija moralmente. Donna Julia, por sua vez, é encerrada em um convento como punição por sua infidelidade.

Conforme aponta Beaty, há um forte paralelo entra a vida de Byron e seu relacionamento com sua meia irmã, Augusta Leigh, e a história de Don Juan e seu caso com

(v,137-138), Byron traduziu "Maldito foi o livro e quem o escreveu! Naquele dia, nenhuma outra página descobrimos".

Donna Julia. Contudo, a história de Francesca e Paolo certamente o ajudou a dar forma ao seu texto. Nesse sentido, Beaty (1960) escreve:

> Hence, I believe, much of the forbidden material *[Byron's recollections of his affair with Augusta]* spilled over into the first canto of Don Juan. Some of it was consciously disguised, and other details were perhaps subconsciously associated with the story of Francesca, which he had identified himself. Both strains mingled in such a way as to make the first canto a more revealing commentary on his feelings toward Lady Byron and Augusta than his memoirs could possibly have been[313]. (p.401)

Curiosamente, Byron aproveitaria o tempo em que não estava escrevendo Don Juan para tecer suas memórias, durante a primavera de 1818. Assim como em seu poema épico, a visão romântica de um amor proibido, vivenciada por meio de um triângulo amoroso, persistiria em seus escritos biográficos. Logo, não seria incorreto afirmar que o autor misturou elementos ficcionais e biográficos em ambas as obras.

3. Do idílio pagão ao inferno cristão: sonnet - a dream, after reading Dante's episode of Paolo and Francesca

Assim como Byron, o episódio de Paolo e Francesca fascinou o jovem poeta inglês John Keats (1795-1821). Como resposta a esta passagem, ele escreve um soneto, que segundo confidencia a seu irmão em carta, datada de 16 de abril de 1819, foi inspirado em um sonho:

> The fifth canto of Dante pleases me more and more – it is that one in which he meets with Paulo and Franchesca – I had passed many days in rather a low state of mind and in the midst of them I dreamt of being in that region of Hell. The dream was one of the most delightful enjoyments I ever had in my life – I floated about the whirling atmosphere as it is described with a beautiful figure whose lips mine were joined it seem'd for an age – and in midst of all this cold and darkness I was warm – even flowery tree tops sprung up and we rested on them sometimes with the lightness of a cloud till wind blew us away again – I tried a Sonnet upon it – there are fourteen lines but nothing of what I felt in it – o that I could dream it every night – (Letters, II, 88-93)[314]

[313] Portanto, acredito que grande parte do material proibido [as recordações de Byron sobre seu caso com Augusta] transbordou para o primeiro canto de Don Juan. Parte dele foi conscientemente disfarçado, e outros detalhes foram talvez subconscientemente associados à história de Francesca, com a qual ele se identificava. Ambas as vertentes se misturaram de tal forma que fizeram do primeiro canto um comentário mais revelador sobre seus sentimentos em relação a Lady Byron e Augusta do que suas memórias poderiam ter sido.

[314] O canto V de Dante agrada-me cada vez mais – é aquele no qual o poeta encontra Paolo e Francesca – passei muitos dias bastante deprimido e no meio deles sonhei que estava naquela região do inferno. O sonho foi um dos prazeres mais deliciosos que tive na vida – flutuei pela atmosfera redemoinhante, como é descrita,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Keats, seguindo a linha dos poetas românticos, começa descrevendo cenas idílicas da antiguidade clássica para, em seguida, adentrar no submundo cristão:

> As Hermes once took to his feathers light,
> When lulled Argus, baffled, swooned and slept,
> So on a Delphic reed, my idle spright
> So play'd, so charm'd, so conquer'd, so bereft
> The dragon-world of all its hundred eyes;
> And seeing it asleep, so fled away—
> Not to pure Ida with its snow-cold skies,
> Nor unto Tempe, where Jove grieved a day;
> But to that second circle of sad Hell,
> Where in the gust, the whirlwind, and the flaw
> Of rain and hail-stones, lovers need not tell
> Their sorrows. Pale were the sweet lips I saw,
> Pale were the lips I kissed, and fair the form
> I floated with, about that melancholy storm.[315]

Este soneto inglês possui a forma tradicional de três quartetos e um dístico final. É incomum que este dístico esteja unido ao resto do poema, mas parece haver uma intenção do autor de apresentar por meio da forma uma fluidez do texto, tal qual os ventos que conduzem os amantes. O esquema de rimas segue o padrão ABABCDCDEFEF GG, muito utilizado por Keats.

O poeta inglês começa o poema fazendo evocação de um episódio da cosmologia grego-romana: Hermes, o mensageiro dos deuses, sob as ordens de Zeus, põe Argos, o gigante de cem olhos, para dormir por meio de uma linda melodia, a fim de resgatar Io, amante de Zeus, aprisionada pelo pavoroso monstro. Uma vez adormecido, Hermes corta a cabeça do gigante para impedi-lo de contar sobre o ocorrido.

---

com uma bela figura a cujos lábios os meus se juntaram, parecia que por um século – e no meio daquele frio e trevas eu estava quente- até cimos floridos de árvores surgiam e repousamos com a leveza de uma nuvem, por algum tempo, enquanto o vento não nos soprou para longe novamente – tentei um soneto sobre isso – são catorze linhas, mas nelas nada há do que senti – oh, se eu pudesse sonhar com isso todas as noites!. *(Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos, 2010)*

[315] Como Hermes voou com suas penas, levemente,/ Quando Argos, aturdido, desmaiou e dormiu,/ Assim, na flauta délfica, esta alma indolente/ Assim encantou, assim venceu, assim extinguiu/ Os cem olhos de nosso mundo, este dragão,/ E assim fugiu, ao vê-lo assim adormecido,/ Não para Ida de céus frios de neve, não/ Nem para Tempe, que já viu Jove sofrido:/ Para o segundo círculo do inferno, antes/ Onde em remoinho, na lufada – ou no tufão – De chuva ou gelo, não precisam os amantes/ Dizer suas mágoas: lábios pálidos vi então, / E pálidos beijei, bela a forma com a qual/ Flutuei, ao léu daquele triste temporal. (Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O poeta deseja, assim como Hermes, voar levemente pelos ares, não para o Monte Ida, onde Zeus cresceu; tampouco para o vale de Tempe, conhecido pela sua formosura e amenidade, tão celebrado pelos poetas gregos e latinos; mas, para o segundo círculo do inferno, junto aos amantes, em meio ao remoinho de suas paixões.

O eu-lírico transforma-se então em Paolo e beija os lábios de sua amada "como que por um século", conforme escreve na já citada carta. Mesmo em meio ao violento temporal, os amantes encontram consolo nos braços um do outro, num contentamento agridoce. Ali, naquele cenário melancólico, suas mágoas cessaram, seja por estarem livres do escrutínio alheio, seja porque não encontrarem mais impedimentos para permanecerem juntos. Levine (2002) acrescentaria ainda: *"she is unable to speak because her mouth is in effect kissing Keats*[316]*."* (p.84)

Outra diferença interessante entre Paolo e Francesca de Dante e de Keats concerne ao local onde ocorre o beijo. Sobre isso, pondera Levine (2002):

> In the *Divine Comedy*, the kiss takes place on earth and leads to death, damnation, and an involuntary conjunction of two tormented souls. In Keats's sonnet, the kiss occurs in the inferno, where it nevertheless generates eternal pleasure and warmth. Like Dante's tempest, Keat's wind stops and starts, but when it stops it deposits the lovers lightly on a vernal landscape.[317] (p.82)

Dante nutria simpatia pelo mundo pagão da antiguidade clássica. Os impeditivos morais advindos do casamento de Francesca e Giovanni são irrelevantes diante da paixão dos amantes que, desafiam a sentença dada por Deus, para viver o seu amor. A própria natureza parece reconhecer a beleza disso pois, mesmo em um cenário inóspito, favorece momentos para a união do desafortunado casal.

4. Richard Le Galienne: o poema ganha contornos dramáticos

Richard Le Gallienne (1866-1947) foi outro poeta que prestou importante contribuição para a difusão de Paolo e Francesca. Ele não se limitou a escrever um poema lírico acerca do episódio envolvendo o casal, mas um longo poema dramático recontando a

[316] Ela não consegue falar porque sua boca está, de fato, beijando Keats.

[317] Na Divina Comédia, o beijo acontece na Terra e leva à morte, à condenação e à união involuntária de duas almas atormentadas. No soneto de Keats, o beijo ocorre no inferno, onde, no entanto, gera prazer e calor eternos. Como a tempestade de Dante, o vento de Keats para e começa novamente, mas quando para, deposita os amantes suavemente em uma paisagem primaveril.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

história deles, preenchendo as lacunas deixadas na história original e conferindo a ela um tom ainda mais trágico.

Em seu longo poema homônimo, o poeta sai em defesa da jovem italiana:

> In that same past where Dante's dream-days are,
> That one Francesca gave her youthful gold
> Unto an aged carle to bolt and bar;
> Though all the love which great young hearts can hold,
> How could she give that love unto a miser old? (p.07)

Adiante, Paolo é descrito como um típico herói romântico: jovem, sonhador e destemido, ele não mede esforços para encontrar sua amada. Seu rival, ao contrário, é um velho caquético *(dotard)* e apático, incapaz de amar sua esposa tal como ela merecia.

> Nay! But young Paolo was the happy lad,
> A youth of dreaming eye yet dauntless foot,
> Who all Francesca's wealth of loving had;
> One brave to scale a wall and steal the fruit,
> Nor fear because some dotard owned the root;
> Yea! One who wore his love like sword on thigh
> And kept not all his valour for his lute;
> One who could dare as well as sing and sigh.
> Ah! Then were hearts to love, but they are long gone by. (p.07)

O poeta dirige-se então, ao leitor, pedindo simpatia para a jovem condenada por seu amor proibido. Francesca não é uma adúltera, como Dante acreditava, mas uma cotovia que cai nas redes do amor:

> Ye lily-wives so happy in the nest,
> Whose joy within the gates of duty springs,
> Blame not Love's poor, who, if they would be blest,
> Must steal what comes to you with marriage rings:
> Ye pity the poor lark whose scarce-tried wings
> Faint in the net, while still the morning air
> With brown free throats of all his brethren sings,
> And can it be ye will not pity her,
> Whose youth is as a lark all lost to singing there? (p.08)

O poeta, pesaroso com o destino de sua protagonista, contesta o julgamento divino: *"Ah, is there aught can imagine thee aright/ In earth or heaven, how great or fair it be?"*. Em seguida, conclui:

> A god that hath no earthly metaphor,
> A blinding word that hath no earthly rhyme,
> Love! We can only call and no name more;
> As the great lonely thunder rolls sublime,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> As the great sun doth solitary climb,
> As we have but themselves to know them by,
> Just so Love stands a stranger amid Time:
> The god is there, the great voice speaks on high,
> We pray, 'What art thou, Lord?' but win us no reply. (p.11)

Encerrados entre o amor e a danação eterna, Francesca e Paolo seriam redimidos pela pena dos poetas de todas as gerações:

> Ah, poor Francesca, 'tis not such as thou
> That up the stony steeps of heaven climb;
> Take thou thy heaven with thy Paolo now
> Sweet saint of sin, saint of a deathless rhyme,
> Song shall defend thee at the bar of Time,
> Dante shall set thy fair young glowing face
> On the dark background of his theme sublime,
> And Thou and He in your superb disgrace
> Still on that golden wind of passion shall embrace.

Ao descrevê-la como "Doce santa do pecado" (*Sweet saint of sin*), o autor revela a complexa natureza de sua personagem, reverenciada apesar de sua transgressão, ao mesmo tempo em que lhe sugere encontrar um paraíso próprio ao lado de seu amado. Assim como ocorreu com outras composições inspiradas no episódio de Francesca e Paolo, o Inferno é deslocado e mesmo posto em segundo plano, de modo que passa a ser visto muito mais como um local inóspito do que como representação da justiça divina.

5. William Malock: Francesca, a Bovary medieval

Os poetas românticos ingleses, em sua maioria, fizeram uma leitura sentimental do casal em oposição à crítica teologal feita por Dante. Contudo, um poeta novecentista propôs uma nova leitura acerca do episódio de Paolo e Francesca: a de que a donzela italiana talvez não estivesse tão enamorada de Paolo, mas sim seduzida pela ideia de romance. Desejando viver uma história parecida com as que eram narradas nos livros que lia, ela teria sucumbido ao caso extraconjugal. Para isso, ele utiliza um trecho, até então pouco explorado, para fundamentar seu argumento:

> Full many a time our eyes together drew
> That reading, and drove the colour from our faces;
> But one point only was it that o'ercame us.
> When as we read of the much-longed-for smile
> Being by such a noble lover kissed,
> This one, who ne'er from me shall be divided,

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Kissed me upon the mouth all palpitating.

Esta versão é reforçada pelo fato de que Paolo assume um papel secundário na narrativa. Dante, em visita ao segundo círculo do Inferno, sabe sobre o episódio pela voz de Francesca. Não sabemos ao certo a versão de Paolo, tampouco seus sentimentos em relação aos acontecimentos. A ação feminina se impõe sobre o silêncio e timidez masculina.

No poema intitulado "A New Francesca", Malock reconta o episódio pelos lábios de Francesca, que relembra o encontro amoroso que teve e suas consequências trágicas:

Darling, can you endure the liquid weather,
The jasmine-scented twilights, oh my dear?
Or do you still remember how together
We read the sad sweet Idyl "Guinevere,'
Love, in one last year's twilight? (p.53)
Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse

O romance descrito no poema original é substituído por "Guinevere", de Lord Tennyson, e cada estrofe termina com o verso "*Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse*", como se atribuísse a ele a culpa pela queda de ambos.

Ah, the Flowers smelt sweet, and all unheeding
Did I read to you that tender tale,
Oh, my love, until my voice, in reading
How those lovers greeted 'passion-pale',
Trembled in the soft twilight.
Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse (p.53)

Como costuma ocorrer na poesia romântica, a natureza reflete o estado emocional do casal enamorado: as flores, o suave crepúsculo, a doce melodia com que a história era lida – tudo contribui para a manifestação da paixão de Francesca e Paolo. E então:

Then our eyes met, and then all was over –
All the world receded cold and far;
And your lips were on my lips, my lover;
And above us shook a silver star,
Through depths of melting twilight,
Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse (p.54).

O céu é testemunha e cúmplice do casal, e, ao contrário da censura teológica de Dante, ilumina a cena com a luz de uma estrela. Francesca então lamenta:

Darling, no July will ever find us
On this earth, together, more. Our fates
Were but a moment cheated. Then, behind us
Shrilled his voice for whom Caina waits,
Shattering our one sweet twilight.

Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse (p.54).

A protagonista do poema parece não entender o motivo pelo qual fora punida. Aliás, não há menção de que ela seja casada e esteja cometendo adultério. Ela sente que por um breve momento foi iludida ao pensar que poderia viver aquele amor impunemente. No entanto, não haverá mais outro momento como aquele vivido na terra. O amor trágico com que o poema foi revestido aparece nesta estrofe em toda a sua força.

> I shall know no more of summer weather,
> Nought will be for me of glad or fair,
> Till I join my darling, and together
> We go for ever on the accursed air,
> There in the dawnless twilight.
> *Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse (p.54).*

Não obstante, ela permanece solitária, à espera de seu amado, para que juntos possam pairar pelo ar amaldiçoado de um crepúsculo que não vê a manhã.

É interessante notar um paralelo entre Francesca de Rimini e Emma Bovary, protagonista do romance Madame Bovary (1857). Nele, Bovary deixa-se levar por aventuras extraconjugais, inspiradas pelos romances que lia. A desilusão vivida por ela decorria precisamente da lacuna que havia entre a banalidade da vida real e suas fantasias românticas. Suas expectativas de paixão e luxúria, contudo, não eram plenamente satisfeitas, conduzindo-a a um fim trágico. Francesca, condenada eternamente ao inferno também se encontra sempre a esperar, presa às lembranças do crepúsculo do verão.

Considerações finais

Bugliani-Knox (1997) fez extensa pesquisa acerca de todas as traduções da Divina Comédia, em particular do episódio de Paolo e Francesca, por escritores românticos, e chegou a conclusão de que, em sua maioria, eles optaram por alterar o sentido original em detrimento da adoção de um tom mais afeito ao gosto da estética romântica. O mesmo se deu nas produções autoriais. Sobre isso, ela nos fala:

> A few Victorian translators like Carlyle (1849) and Ford (1870) were faithful in their translations of the episode. But far more commonly Victorian translators – and between 1836 and 1879 there were twenty-six translations of the episode of Paolo and Francesca either in complete or partial translations of the *Divina Commedia* – sacrificed authenticity to the early Romantic interpretation of Francesca's eternal love, and this despite their

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> meticulous attempts to translate the content and style of the *Commedia* accurately by studying earlier translations and commentaries and by imitation Dante's *terza rima*. This applied to those like Thomas (1859) and Dayman (1865) who translated *Divina Commedia*, but it applied particularly to those like Russel (1844), Morshead (1875) and Oliphant (1877), who translated the episode of Paolo and Francesca on its own[318]. (p.229)

A autora, embora reconheça a qualidade das produções dos autores românticos, vê com certa censura o distanciamento que tiveram da proposta teológica de Dante.

Particularmente discordo desta posição. Acredito que a releitura que tradutores e poetas ingleses realizaram no século XIX, lançando luz à uma perspectiva romântica do casal, não empobrece a obra original. Longe disso, ela a vivifica e atesta a força expressiva do autor renascentista.

Penso que se os poetas contemporâneos fizessem o mesmo trabalho de seus predecessores, novos elementos seriam ressaltados, ao passo que outros ficariam em segundo plano. Toda tradução é uma recriação e toda obra nova é uma tentativa de preencher e/ou responder as lacunas deixadas pelos artistas predecessores.

Referências

BEATY, Frederick L. *Byron and the Story of Francesca da Rimini*. PMLA, vol. 75, número 04 (Set., 1960), pp. 395-401. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/460601. Data de acesso: 06 de março de 2024

BUGLIANI-KNOX, Francesca. *Galeotto fu il libro e chi lo scrisse: Nineteenth-Century English Translations, Interpretations and Reworkings of Dante's Paolo e Francesca.* Dante Studies, with the Annual Report of the Dante Society, No. 115 (1997), pp.221-250.

EGERTON, Alix. Paolo and Francesca. *The Lady of the Scarlet Shoes and other verses*. London: Elkin Mathews, 1903. pp. 13-14

[318] Alguns tradutores vitorianos, como Carlyle (1849) e Ford (1870), foram fiéis em suas traduções do episódio. Mas muito mais frequentemente os tradutores vitorianos – e entre 1836 e 1879 houve vinte e seis traduções do episódio de Paolo e Francesca, seja em traduções completas ou parciais da Divina Comédia – sacrificaram a autenticidade para a interpretação romântica inicial do amor eterno de Francesca, e isso apesar de suas tentativas meticulosas de traduzir o conteúdo e o estilo da Comédia com precisão, estudando traduções e comentários anteriores e imitando a terza rima de Dante. Isso se aplicava a tradutores como Thomas (1859) e Dayman (1865), que traduziram a Divina Comédia, mas aplicava-se particularmente a tradutores como Russel (1844), Morshead (1875) e Oliphant (1877), que traduziram o episódio de Paolo e Francesca isoladamente.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

GONÇALVES, F. Rebelo. *O Vale de Tempe no Grego e no Latim*. Euphrosyne, 1967; pp. 23-69. Disponível em: https://www.brepolsonline.net/doi/epdf/10.1484/J.EUPHR.5.127491?role=tab Data de acesso: 23 de fevereiro de 2024.

KEATS, John. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*. Organização e tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos – São Paulo: Hedra, 2010. 156p.

LE GALLIENNE, Richard. Paolo and Francesca. *English Poems*. London: Elkin Mathews, 1892. pp. 7-18

LEVINE, Peter. *Keats Against Dante: The Sonnet on Paolo and Francesca*. Keats-Shelley Journal, Vol. 51. 2002. pp. 76-83. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/30213307. Data de acesso: 27 de fevereiro de 2024.

MALLOCK, William Hurrell. A New Francesca. *Verses*. London: Hutchinson, 1893, pp. 53-54

MARTIN, William Wilsey. Paolo and Francesca. *Quatrains. Life's Mystery and Other Poems*. London: Elkin Mathews, 1891. P.15

III ENIPEL
ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A IDENTIDADE DE UM CORPO ATRAVESSADO PELA INTERSECCIONALIDADE: A NARRATIVA DE *ISALTINA CAMPO BELO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Dhéssica Caroline Fogaça[319]
Erica Fernandes Alves[320]

Resumo: O projeto de escrevivências presente na coletânea de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, que visa dar espaço as vidas negras silenciadas até os dias atuais, valorizando essa vivência pessoal como forma de expressão artística, elenca, dentre muitas outras, a presença da voz e corpo de Isaltina Campo Belo, mulher, negra e lésbica que sempre buscou por sua identidade em seu convívio familiar e social. Vítima de violência simbólica ao longo de sua vida e marcada por um ato de estupro coletivo, Campo Belo depara-se com fissuras em sua identidade. Afinal, quem seria esse sujeito que sempre se vira habitante de um corpo desviante, sem desejos pela presença masculina e violada de maneira brutal? Nesse sentido, o presente artigo visa analisar as relações de corpo, gênero, identidade e sexualidade pelo viés interseccional das lutas coletivas que permeiam o corpo feminino negro e de sexualidade desviante. Para tanto, será traçado um panorama a partir das teorias feministas interseccionais, de Akotirene (2019), das questões de cisgeneridade e sexualidade, de Nascimento (2021) e de Bento (2011), e do corpo negro violado por meio das discussões de Carneiro (2019). O resultado esperado da pesquisa desenvolvida é o de possibilitar a arguição e consequente reflexão sobre os papeis sociais de gênero e identidade e da forma como, atrelado ao corpo e vivência negra, ocorrem de forma atroz na narrativa de Campo Belo, história real avivada na ficção nada fictícia de Conceição Evaristo.

Palavras-chave: Corpo negro feminino. Identidade. Interseccionalidade. Sexualidade. Violência.

Introdução

A busca por reflexões interseccionais sobre gênero, sexualidade, identidade e como tais aspectos são atrelados aos corpos e vivências negras, permeia a esfera acadêmica, no que diz respeito, em especial, à arte e literatura. Isso se dá, pois, somente a partir de estudos e pesquisas faz-se possível alcançar um olhar mais crítico para elementos já intrínsecos no imaginário popular, como as relações desiguais de gênero e poder e construção das

[319] Docente na rede estadual do Paraná na área de Língua Portuguesa e mestranda na linha de pesquisa Literatura e Construção de Identidades pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

[320] Professora adjunta do DLM da Universidade Estadual de Maringá (UEM) desde 2014. Atua na graduação em Letras e no programa de Pós-Graduação em Letras (PLE) da UEM desenvolvendo pesquisas sobre literatura infantil e juvenil de maiorias minorizadas. Atualmente é diretora adjunta do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da UEM e editora associada da Revista Agulhas Negras. É coordenadora adjunta do "Projeto de Extensão Proficiência em Língua Estrangeira" da UEM, e coordenadora do projeto de pesquisa "Literatura infantil e juvenil de maiorias minorizadas". Participa dos grupos de pesquisas (cnpq) "Estudos de literaturas e críticas do presente" e "GEMUP - Grupo de estudos em multiculturalismo e pós-colonialismo - fase II"

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

múltiplas identidades, que são dadas como únicas e estanques – no que tange a sexualidade e identidade de gênero, principalmente – e a estereotipação e dilaceração de corpos negros de forma física e simbólica. Questões estas que sempre circundaram a sociedade, mas que sempre estiveram menosprezadas e postas a margem como discussão de "apenas" pequenos grandes grupos sociais ditos como minorias.

Nesse viés, a narrativa de Conceição Evaristo coloca em cheque a história de Isaltina Campo Belo, uma mulher de mais idade negra e lésbica que, por meio de sua história e trajetória, reporta situações e sentimentos que vão de encontro com os temas supracitados e, muito mais do que isso, a vivência de Campo Belo, através da escrevivência de Evaristo, oferece ao leitor um movimento de experimento real das dores de quem mora em um corpo não aceito, subestimado e deslegitimado por sua cor e sexualidade.

Diante disso, analisar um conto que retrata a experiência particular de vida de uma mulher negra, por tanto tempo silenciada, e que apresenta ao leitor aspectos tão embricados ao cotidiano, à vida em sociedade e às suas respectivas relações, faz-se de grande valia não só para a circulação acadêmica, como também para o desenvolvimento crítico e reflexivo humano, por vezes colocado como o menos importante socialmente. Nesse aspecto, refletir sobre as relações de identidade, gênero e cor torna-se essencial para a formação de sujeitos que pensem para além do errôneo pensamento popular por vezes compulsivo e discriminatório.

Para proporcionar tais reflexões e discussões, serão usados os textos *Interseccionalidade* (2019) para explicar as várias relações de opressões sofridas pela figura feminina; *Transfeminismo* (2021) e *Estudos feministas* (2011) a fim de explorar a questão das identidades performadas compulsoriamente no âmbito da cisgeneridade e sexualidade e como isso tem consequências na vivência de Isaltina; e *Enegrecer o feminismo* (2019) de modo amparar as discussões sobre a forma da exploração, violência e estereotipação dos corpos negros femininos.

As múltiplas interseccionalidades de Campo Belo

Os seres humanos são atravessados por múltiplas questões que os formam enquanto sujeitos, ou seja, estão inseridos em diversos contextos sociais que os colocam em vivências plurais. Tais vivências os embutem em situações de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

hierarquização: ou de poder ou de opressão. Nesse sentido, são diversos os aspectos que interferem para que os sujeitos estejam a margem da sociedade e passem por enfrentamentos e desigualdades, tais quais a cor, a etnia, a região geográfica, o gênero, a classe social, a performance de gênero, a orientação sexual, dentre outros.

Esses fatores não ocorrem de forma isolada e estão ligados amplamente, formando um sistema articulado discriminatório, o qual afeta os sujeitos de diferentes formas. É o que é chamado de interseccionalidade, conceito teórico que foi cunhado pela professora norte-americana Kimberlé Williams Crenshaw, em 1989, que visa, desde então, principalmente pelas teorias feministas negras, compreender a interação entre essas diferentes formas de opressão e como elas interferem severamente nas vidas desses sujeitos. Além disso, busca também destacar e dar espaço as vozes e experiências de pessoas que são atravessadas por múltiplas desigualdades de diversos fatores socias e propõe um espaço mais inclusivo para essas vivências.

Em vista disso, a coleção *Feminismos Plurais*, organizada pela escritora Djamila Ribeiro, é composta, dentre muitas outras, pela obra *Interseccionalidade* (2019), de Carla Akotirene, militante do movimento feminista negro no Brasil, pesquisadora e professora na Universidade Federal da Bahia, aborda de maneira aprofundada as questões dos diversos vieses que perpassam o ser, principalmente no que se refere a figura da mulher. A autora discorre, em linhas gerais, que o sofrimento e opressão que uma mulher branca, classe média, heterossexual, cisgênero e europeia passa dentro do sistema patriarcal machista é infinitamente menor do que o enfrentado por uma mulher negra, pobre, lésbica e latino-americana inserida no mesmo sistema opressor, isso porque tais elementos estão envolvidos por propriedades sociais, históricas e ideológicas distintas. Segundo a autora, citando as palavras de Crenshaw

> [...] a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (CRENSHAW, 2019, p. 15, *apud* AKOTIRENE)

Desse modo, cada grupo social apresenta suas especificidades dentro do contexto que está inserido e a opressão precisa ser medida, nesse sentido, para que as denúncias, reflexões e discussões de violências históricas possam vir à

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

tona, levando em conta essas particularidades. Akotirene revela que em especial o feminismo desde sempre foi muito falho, por não incluir em seus discursos mulheres negras e suas pautas, pois, como já citado anteriormente, como seriam iguais as reivindicações de mulheres brancas oprimidas dentro de suas casas por seus esposos e de mulheres negras, ainda escravas, obrigadas a lutarem pela sobrevivência de si mesmas e de seus filhos? A pauta feminista branca não considerava as singularidades das mulheres negras por conta do racismo, já que as mesmas não eram atingidas por essa intersecção. Conforme aponta a autora,

> A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiro-mundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade [...] (AKOTIRENE, 2019, p. 22)

Nesse contexto intersecional, já adentrando a narrativa de Conceição Evaristo, em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), Isaltina Campo Belo, mulher, negra e lésbica, sofreria o triplo dentro das premissas feministas. Por ter nascido mulher, enfrenta o mundo do patriarcado, onde os papéis sociais de gênero levam à imposição de poder e à cultura do estupro que a afetaria diretamente em sua vivência; por ter nascido afrodescendente, convive com o racismo e todo o estigma sexual por conta de seu corpo negro, hiperssexualizado, pois "[...] afirmava [...] que tinha certeza de meu fogo, [...] afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra..." (EVARISTO, 2011, p. 64); por ter se entendido como homossexual, sofre os embates da sociedade machista e homofóbica, recebendo comentários como "Ele dizia que iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher" (EVARISTO, 2011, p. 64, grifos meus), além de ter dificuldades em encontrar sua identidade por estar inserida num contexto heteronormativo calcado em padrões de gênero extremante binários e limitantes. Assim, a vida da personagem estaria completamente interseccionada por vários fatores opressores que a constitui enquanto sujeito, majoritariamente no que concerne aos sufocamentos de sua identidade. As escrevivências de Evaristo, nesse contexto, tratando-se do depoimento de Isaltina, apresenta-se como um grande arsenal interseccional que narra esses sufocamentos – internos e externos – sofridos pelos corpos negros em sua diversidade de classe e gênero.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A construção da identidade

A construção da identidade é desenvolvida no primeiro grupo social no qual se tem contato: a família. Isaltina Campo Belo provinha de uma família bem estruturada composta por pai contador, mãe enfermeira e uma irmã e um irmão mais velhos. Campo Belo narra que sua família era conhecida e aceita socialmente, estabelecida na cidade, e que seus avós chegaram como negros livres, com as economias guardadas para a compra de terra para cultivo. Dessa forma, Isaltina não enfrentava a dificuldade de grande parte da população negra, após a escravidão, de não ter boas condições de emprego e moradia. Contudo, enfrentava o impasse que não conseguir se reconhecer, em sua infância, como uma menina e não se conformava que seus pais não conseguiam enxergar o menino que existia dentro dela, assim como exposto em "Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada… Estavam todos enganados. Eu era um menino." (EVARISTO, 2011, p--). Assim, Isaltina vai tecendo sua história confessional, dando ênfase a partes de sua infância que estavam enganadas na forma como a viram. Como em quando foi ao médico pela primeira vez e tinha certeza que ele perceberia o "grande erro" que todos a sua volta estavam cometendo, mas se surpreende negativamente ao ouvir que ela era uma menina muito corajosa, muito mais do que um menino. Percebe-se, aqui, as consequências da imposição do padrão de sociedade cisgênero na construção de identidade e de autoaceitação, uma vez que acontece de modo violenta a máxima "coisas de menina e coisas de menino". Isaltina, ao ouvir que era mais corajosa que um menino por estar enfrentando uma cirurgia no apêndice, percebe que ninguém a considera o menino que tanto almeja e entende que há determinados aspectos ligados e construídos socialmente como sendo coisas de meninos, como a coragem.

Tais definições limitam a vivência da criança entre coisas masculinas e coisas femininas que, por sua vez, são ligadas ao sexo anatômico – pênis e vagina. Isto é, Campo Belo, sendo uma menina, estaria limitada a agir como socialmente se espera de alguém que se é menina, não podendo, por exemplo, ser considerada corajosa sem ser comparada a um menino, já que tal característica é atrelada a ele. Assim também acontece quando, nas brincadeiras de criança, não Isaltina e sua irmã não podiam subir em árvores, mas seu irmão, sim. "Mamãe veio ralhando contra o meu escândalo e

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

ordenando que descêssemos da árvore (aliás, ela não gostava que subíssemos em árvores, só o meu irmão podia).” (EVARISTO, 2011, p. --)

O discurso supracitado é repetido desde muito antes do sujeito nascer, sendo colocado que não há como fugir desse padrão preestabelecido e os que fogem são nomeados como errados e a eles aplicadas punições de ordem coercitiva, inibindo e retraindo a fluidez do ser na construção de sua identidade, bem como Isaltina tem dificuldades em se compreender enquanto sujeito complexo e até tem raiva de sua mãe pelo equívoco de vê-la como menina, como explicitado no trecho “[...] cresci alternando um sentimento de ódio e de amor por minha mãe. A todos eu perdoava o desconhecimento que tinham a meu respeito, menos à minha mãe. Impossível acreditar que ela não soubesse quem eu era. Por que ela agia daquela forma comigo?” (EVARISTO, 2011, p. --). Paralelo a isso, a autora Berenice Bento (2011) aborda esses fatores performativos como artifícios discursivos do que seria a chamada “tecnologia do gênero”. O sexo, de fato, é natural? Muito mais do que isso, os papéis atribuídos a ele são naturais, espontâneos, ou construídos sob a linha do tempo e das repetições de discurso e comportamento? Segundo pontua Bento:

> Os brinquedos, as cores das roupas e outros acessórios que comporão o enxoval são escolhidos levando-se em conta o que seria mais apropriado e natural para uma vagina e um pênis. No entanto, como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, de brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência? Aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero. Como afirmar que existe um referente natural, original, para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico? O original já nasce “contaminado” pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo. (BENTO, 2011, p. 550)

Assim sendo, o corpo de Campo Belo já estava inscrito no campo discursivo da ordem dos gêneros, sendo cerceado a dançar conforme a música normativa, fato que a fazia se considerar, por muito tempo, errada no corpo em que nascera. Ela sabia que seu corpo era lido socialmente como de uma menina, suas semelhanças com sua irmã e outras meninas e mulheres a fazia a saber que era uma menina, pois “[...] sentia o meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão. Eu já sabia que a história do sangue mensal era nossa, isto é, de mulheres. Sabia também que só o corpo da mulher podia guardar dentro dele um bebê.” (EVARISTO, 2011, p.--).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Pode-se perceber, ao longo da leitura do conto de Evaristo, que o problema não estava no fato de Isaltina não gostar do próprio corpo e o repulsar, mas, sim, de não se enxergar fazendo parte dos papeis e funções sociais impostos a uma menina, pois ela mesmo salienta em "Eu via o meu corpo menina e gostava de me contemplar. O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos." (EVARISTO, 2011, p.--). O "corpo estranho" de Campo Belo só era estranho porque o jeito como ela se enxergava e mantinha seus desejos era diferente do que era estabelecido socialmente para uma menina, que como tal, a única possibilidade era a de ser cisgênero, seguindo todo e qualquer padrão esperado de seu corpo. Segundo Nascimento (2021)

> Em boa parte dos feminismos, gênero é um conceito marcado pelas dimensões culturais e históricas, evidenciando os diversos modos de viver as mulheridades e feminilidades. Utilizo o termo "mulheridades", e não "mulher", no singular, para demarcar os diferentes modos pelo quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas. Nesse sentido, o termo "mulheridades" aponta para os processos de produção social dessa categoria. Por sua vez, o termo "feminilidades" é uma categoria usada de forma a entender os modos pelos quais sujeitas dentro do feminismo dialogam com o que o imaginário social determina como "feminino", e que, a partir desse roteiro cultural, produz cocriações e subversões. (NASCIMENTO, 2021, p. 20)

Evidenciar os modos de viver as mulheridades e as feminilidades é deixar fluir as várias formas de ser mulher, que não se faz de maneira universal, pois não se vale a todas as vivências. É necessário ressaltar as diversas maneiras plurais que têm urgência em serem validadas para que a construção de identidade desses sujeitos do feminismo não seja estanque, pois a construção de identidade nada mais é do que um rio que transcorre do início até o final da vida. Nascimento (2021) ainda discorre que

> Nesse contexto, a cisgeneridade não se constitui como gênero original, pois, na verdade, os ideais performativos criados pelo CIStema colonial moderno de gênero são sempre inalcançáveis. Então, a partir deste, experiências diversas de gênero foram sendo criadas no decorrer do tempo e do espaço. Somos todos e todas cópias. (NASCIMENTO, 2021, p. 68)

À vista disso, a identidade de Isaltina foi um rio que transcorrera sempre rumo a autodescoberta de si. Inserida no tempo e espaço propiciado pelo esse CIStema que produz os papeis de gênero e os padroniza socialmente, vê-se como

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

errada por não compreender, em sua ingenuidade, que uma menina poderia gostar de coisas dadas como de meninos, inclusive de outras meninas, suas semelhantes. Foi percebendo que "[...] inventava explicações sobre o seu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao seu lado." (EVARISTO, 2011, p.--, grifos meus).

Mesmo em idade adulta, Isaltina não conseguia estabelecer uma relação que não fosse conflituosa com a sua identidade, uma vez que, mesmo depois de já ter se graduado, ainda não conseguia se encaixar nos pressupostos binários de homem-mulher, revelando em sua confissão que "Sem nada para contar, pois nada eu tinha vivido nesse terreno, estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher, resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse." (EVARISTO, 2011, p. --), numa tentativa de conseguir se afastar do círculo familiar e viver de acordo com o que sempre desejou, longe do ser menina mulher.

Corpo negro, corpo-mulher

Traçando uma linha do tempo de sua vida rumo a sua construção enquanto sujeito, Isaltina relata suas vivências e sua fala é permeada pelas intersecções, como já mencionado, por ser uma mulher, negra e caminhando para a descoberta de ser lésbica. Meio a isso, Isaltina tenta prosseguir seu caminho, ainda sem entender quem verdadeiramente era: "Eu era eu, uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim. Tudo desconhecido, nada experimentado no campo amoroso." (EVARISTO, 2011, p. --). Mesmo sem nenhum interesse, Campo Belo acabou se envolvendo com um colega de sua faculdade, sem nome mencionado, o qual sentia segurança e acreditava que poderia confessar sobre o homem que havia dentro de si. Entretanto, a resposta do rapaz foi mais uma forma de coerção para os sentimentos emaranhados de Campo Belo, pois ele menosprezou a fala de Isaltina, de modo a rir a dizer que "[...] a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia." (EVARISTO, 2011, p. --) A fala do homem carregava novamente o destino único às mulheres de gostar e querer um homem ao lado, pois esta seria uma figura de validação e necessidade feminina.

Indo além disso, Isaltina também menciona que

> Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra… Eu não sabia o que responder para ele. (EVARISTO, 2011, p. --)

Tal discurso fez com que a mulher fosse coagida e ficasse sem respostas. O que ocorre com a maioria das mulheres quando confrontada com a sua sexualidade, principalmente por homens que consideram que tem o poder de fazer uma mulher ser mulher, como se a figura da mulher fosse validada por meio das mãos e desejos de um homem e como se apenas o que a constituísse sujeito mulher fosse se deitar com o sujeito do sexo anatômico oposto. A fala desse homem representa milhões de vozes que desde há muito tempo ressoam sobre as atitudes e o corpo de uma mulher, silenciando-a, deixando-a sem respostas por inibi-la, anulá-la.

Como já discutido, para além de ser mulher, a coerção opressora também ocorre, neste caso, por Isaltina ser negra, pois, a partir da fala de seu colega, passa a ecoar em sua própria mente a frase "[...] eu era uma mulher negra, uma mulher negra...", de maneira a fazer tal afirmação de forma repetida, apresentando a hesitação contida no uso das reticências parecer uma confirmação do fato de ela ter "um fogo" para o sexo por ser uma mulher negra. A afirmação não é dita por Isaltina, mas sim para àqueles que reiteram esse discurso historicamente, desde os primórdios da colonização. A hipersexualização das mulheres negras é uma forma de racismo e sexismo que as trata como objetos sexuais e reforça estereótipos prejudiciais e desumanizantes. Esse fenômeno tem raízes na história de escravidão e exploração sexual de mulheres negras, que foram frequentemente retratadas como sexualmente promíscuas e disponíveis para o uso dos homens brancos.

Nesse viés, de acordo com Carneiro (2019),

> O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (CARNEIRO, 2019, p. 07)

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Tal fissura na constituição do ser mulher negra, provoca em Isaltina o sentimento de culpa por não conseguir ser mulher, como circunscrito pelos ditames sociais e patriarcais. Além das violências simbólicas narradas por Isaltina, ela também sofre com a violação de seu corpo, num estupro por cinco, num ambiente que fora convidada por aquele que dizia ser seu amigo. A mulher relata o quão doloroso foi e como sente nojo e vergonha da situação, mesmo trinta e cinco anos após o acontecido. Em "Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher." (EVARISTO, 2011, p. --) revela a relação de domínio do corpo do homem sobre o corpo da mulher como um mero objeto inteiramente inanimado. "Sentia-me como o símbolo da insignificância. Quem era eu? Quem era eu?" (EVARISTO, 2011, p. --), indaga de modo duplo, mostrando a busca por sua identidade que fora, mais uma vez, dilacerada.

Por conseguinte, conforme aponta Carneiro,

> Essa violência sexual colonial é, também, o "cimento" de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades, configurando aquilo que Ângela Gilliam define como 'a grande teoria do esperma em nossa formação nacional', através da qual, segundo Gilliam: 'O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance'. (GILLIAM *apud* CARNEIRO, 2019, p. 07)

Assim, o corpo da mulher negra é sexualizado, erotizado e a violência sexual contra tal corpo é considerada um mero romance que precisa ocorrer, pois o corpo de Isaltina não pertenceria a ela mesmo por três vezes:1) por ser mulher; 2) por ser mulher que não sente desejo por homens e; 3) por carregar as marcas da escravidão em um corpo historicamente vendido e altamente violado, terra da colonização, mercadoria para colonizadores.

Se para Isaltina a sua identidade e respectiva sexualidade já era um grande impasse, após sofrer abuso sexual e, inclusive, ficar grávida, tais fatores seriam silenciados fortemente dentro de si mesma, pois "Tal era o estado de alheamento em que eu me encontrava, que só fui me perceber grávida sete meses depois [...] Nem a falta do sangramento mensal, nem a modificação do meu corpo e muito menos a movimentação do bebê… Walquíria se fez sozinha em mim." (EVARISTO, 2011, p. --). Como Campo Belo iria se sentir confortável para explorar e reacender seus questionamentos de infância sobre quem ela se havia uma lacuna em seu corpo com o acréscimo de uma violência executada

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

contra o íntimo de seu ser?

Apesar dos diversos sofrimentos internos e externos vividos por Isaltina, vive com intensidade o seu amor por sua filha e, encaminhando-se para o final de seu relato, Campo Belo diz ter encontrado o seu amor numa reunião de pais na escola de sua filha. Naquele momento, relata Isaltina, foi quando o menino que habitava nela na infância, apareceu novamente, agora crescido. A mulher revela que se tratava da primeira professora de sua filha na escola, chamada Miríades. Ao falar de Miríades, mesmo ao final do conto, é possível perceber como a descoberta desse amor, mesmo que depois de sucessões de violências – simbólicas e físicas – fez com que Isaltina se reacendesse e se autodescobrisse: a partir da troca de olhares em meio à multidão, Campo Belo teve a confirmação de infância de que não era uma menina nos padrões comportamentais e sentimentais prescritos, mas sim uma mulher que se reconhecia e poderia amar outra mulher.

No momento em que se percebe mulher, Isaltina evidencia que "[...] lá estavam o meu corpo-mulher, a cena do estupro, minha filha nascendo. E, de repente, uma constatação que me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim." (EVARISTO, 2011, p. --), mostrando que por muito tempo se considerou em um corpo errado por achar que para gostar de meninas e de coisas dadas como de meninos, só poderia ser um. Nas palavras de Isaltina,

> Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. (EVARISTO, 2011, p. --)

Ao dizer "E foi então que eu me entendi mulher", Campo Belo denota sua compreensão de si mesma na medido a qual deduz que não há nenhum menino escondido em seu interior, reconhecendo ser habitante de seu próprio interior, de modo a estar mais viva do que nunca em seu próprio corpo e entendendo os aspectos de sua história de vida em sua construção enquanto sujeito. Enxergara-se não mais em um corpo estranho, mas reconhecera que seu corpo era igual e diferente, ao mesmo tempo, em um paradoxo com completo sentido, atravessado por complexidades e interseccionalidades: de pele e alma negra e com desejos

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

considerados desviantes para o seu corpo, Isaltina, havia se compreendido finalmente como mulher.

Considerações finais

A partir das leituras e pesquisas suscitadas até aqui, foi possível compreender a forma como a interseccionalidade atinge as vivências, principalmente no que tange a vida das mulheres negras e homossexuais. Isaltina Campo Belo, pelas mãos da consagrada escritora Conceição Evaristo, assume a representatividade de tantas outras mulheres que assim como ela foram também coagidas, interrompidas, estupradas e com a identidade adiada, roubada. No conto, Evaristo empresta a voz a Isaltina que assume a posição de denúncia e, ao mesmo tempo, de sensibilidade, proporcionando ao leitor, por mais leigo que seja, a compreensão de uma vida atravessada por luta, dor e glória, marcada pelos diversos sufocamentos sociais que a constituem enquanto sujeito negro, mulher e lésbica.

Referências

AKOTYRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. p.152 (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. 1. ed. São Paulo/SP: Jandaíra, 2019.

MORAIS, Fernando Luis. **Analítica quare:** como ler o humano. Salvador: Editora Devires, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

O OUTRO CAMINHO: A ALEGORIA DA MORTE NA OBRA DE JOÃO MOHANA

João de Deus Souza de Barros[321]

Franco Baptista Sandanello[322]

Resumo: A morte aparece na obra do maranhense João Mohana, O Outro Caminho (1952), como uma entidade que se faz presente sempre que a oportunidade aparece. Ela, de certa forma, reconcilia as personagens consigo mesmas, faz a passagem, leva-as, talvez, ao outro caminho, a que elas não sabem que precisam ir, embora o necessitem. No presente estudo, foram analisados três momentos em que ela aparece e ressignifica a narrativa, reconciliando essas personagens com suas histórias, suas perdas e sua necessidade de serem perdoadas, seja por elas mesmas ou por aqueles que foram tocados de algum modo por suas atitudes. A pesquisa partiu do seguinte problema: como a morte é representada na obra O Outro Caminho, do escritor maranhense João Mohana, numa confluência de imagens que transmitem o trágico e o cômico ao mesmo tempo? O objetivo é compreender os sentidos apresentados por João Mohana para a configuração da morte nesses três momentos do livro: a morte da mãe do protagonista, enquanto tomava banho num banheiro; a morte da personagem Maria Sargenta, afogada no rio; por último, a do próprio protagonista, que, depois de alguns dias de sofrimento, em busca da última comunhão, morre após fazê-lo. Concluímos, assim, que a morte das três personagens se liga por um elemento comum: a água. Cada momento com seu significado, sua força, seu tom e sua fúria. Ao fim, ela pode ser esse outro caminho, o caminho inevitável. Como aporte teórico para esta pesquisa, fizemos uso de Ginzburg (2012), Kayser (1986), Kubler-Ross (1996).

Palavras-chave: Morte. João Mohana. O Outro Caminho.

Introdução

Poderíamos considerar esse tema como uma metáfora para o desaparecimento desse autor e de sua obra. Possivelmente como uma afirmação de que os dois, realmente, desapareceram, morreram para o mundo literário. Mas não caberia aqui tal afirmativa. Pois o autor vive; e a obra, também. Tudo bem que de forma modesta, tendo em vista a circulação deles no que chamamos meios literários. Apenas uma divulgação regional, com o alcance que os tipos de projetos[323] como esse têm. De qualquer forma, é uma iniciativa, e como toda boa iniciativa, é muito bem-vinda. A obra do Pe. João Mohana[324] é extensa,

[321] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras de Bacabal – PPGLB/UFMA
E-mail: *joaopoeta0207@gmail.com*
[322] Prof. Dr. do Programa de Pós-graduação em Letras de Bacabal – PPGLB/UFMA
E-mail: *fbsandanello@gmail.com*
[323] Trata-se de um projeto da Academia Vianense de Letras, que está reeditando as obras do autor.
[324] João Mohana nasceu no Maranhão, na cidade de Bacabal, no dia 15 de junho de 1925. Autor de mais de 40 livros, ele chegou a ser um dos escritores mais lidos do Brasil. Para familiares, amigos e uma legião de fiéis, foi brilhante nas três dimensões nas quais atuou: como médico, como padre e como escritor (Santos Neto, 2019, p. 18).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

embora ele tenha escrito apenas dois romances. Seus livros, quase todos de inspiração teológica, são de extrema importância dentro desse seguimento de estudos.

O Outro Caminho (1952) é o primeiro romance do escritor e foi visto pela crítica da época como uma excelente estreia, inclusive recebendo prêmio da Academia Brasileira de Letras[325] e sendo elogiado por Raquel de Queirós[326]. A obra faz uma leitura da vida do próprio escritor, sendo que de forma contrária à real. O personagem da obra é forçado a ser padre pela mãe, quando não tinha vocação para tal. Já o padre-escritor foi forçado a ser médico pelo pai, sendo que sua verdadeira vocação era ser padre. O que ele conseguiu quando da morte do pai. O personagem da história não teve o mesmo destino, ou a mesma força.

A ideia desse estudo vem do fato de que a morte é uma presença constante na obra, além de que ela mais se parece uma personagem, com uma cara visível como um ente real e palpável. Aparece algumas vezes, todas de forma brutal, dentro de uma perspectiva do que poderíamos chamar dramática e conciliadora com os problemas vividos pelas personagens. A morte, aqui, aparece como um fator de reconciliação, como um aparador de arestas, para devolver a paz que as personagens haviam perdido. Não trataremos de todas as mortes que aparecem no romance, mas daquelas que julgamos mais importantes e que moldam o andamento da obra.

A pesquisa parte do seguinte problema: como a morte aparece representada na obra *O Outro Caminho (1952)*, do escritor maranhense João Mohana, numa confluência de imagens que transmitem o trágico e o cômico ao mesmo tempo? A comicidade, nesse caso, aparece na forma do grotesco, do que a morte representa no contexto de elemento de fruição do real, do que leva para sempre aquilo que pode ser visto pelo outro. O ser humano que foge, não se sabe para onde. O trágico é intrínseco, tendo em vista que a morte é, por si mesma, trágica, pois é o fim do que todos conhecemos, o que existe depois é mera especulação.

---

[325] Prêmio Coelho Neto de melhor romance de 1952 (*id. Ibid*., p. 21).
[326] "Recomendo a todos que se interessam por literatura nacional o livro desse maranhense. Sempre é perigoso predizer o futuro de um autor pela sua estreia: nunca se sabe se ele tem dentro de si apenas aquela história para contar, ou se, pelo contrário, o primeiro livro é o início de uma obra importante e sempre em ascensão. De qualquer maneira um romance único basta para fazer um romancista e parece-me que, com este romance, já conseguiu o autor um lugar seguro na literatura nacional" (Queirós, orelha da obra O Outro Caminho, 1964).

O objetivo deste estudo é compreender os sentidos apresentados por João Mohana para a configuração da morte em três momentos do livro. E como esses sentidos se relacionam e, por vezes, se completam, no que tange à participação das personagens e suas performances individuais e coletivas. Aqui pretendemos aprofundar esses sentidos, sua idealização e como cada um se comporta perante esse acontecimento intimidador e, ao mesmo tempo, de mudança. O além é o mistério, não tão maior quanto a própria vida.

A obra é de 1952, como dito antes. Primeiro livro do maranhense João Mohana, que também era padre e escreveu volumosa obra de valor teológico. Seus dois romances, o objeto deste estudo e *Maria da Tempestade (1954),* são considerados obras literárias de qualidade ímpar, o que não impediu que fossem relegados ao esquecimento. Ele escreveu, também, peças teatrais[327], de igual valor. Há poucos estudos sobre sua obra, seja a literária seja a teológica, o que consideramos uma trágica demonstração de desvalorização à cultura, principalmente do Maranhão. Este artigo é o início do que chamaríamos de uma nova perspectiva com relação a esse tão profícuo autor.

A indesejada das gentes

Tomamos de empréstimo a Manuel Bandeira o título deste tópico[328]. Não é apenas neste poema de Bandeira, no entanto, que a morte aparece. Ela é presença marcante na literatura, desde que a literatura existe[329]. Há inúmeros casos, alguns extremamente relevantes. Não obstante, embora não devesse e seja tema constante, falar especificamente sobre a morte é um tabu, porque nos lembra de nossa condição de seres finitos.

> Morte. Palavra singela, porém, carregada de simbolismo. Na contemporaneidade esse fenômeno se tornou tabu. Ninguém o menciona, ninguém quer pensar nele, e todos querem disfarçar quando chega. A sociedade recusa-se a encará-lo apesar de saber tratar-se de uma coisa certa, sem dia nem hora marcada, mas certa. Em todas as culturas humanas a morte nunca foi um fato corriqueiro, insignificante. Pelo contrário (Santos, 2015, p. 9).

[327] Abraão e Sara (1968), Casulo de Pedra (1979), Os Perseguidos (1979), O Marido de Conceição Saldanha (1979).
[328] Do poema "Consoada", (Libertinagem, 1930).
[329] Desde Homero, passando por Dante, Shakespeare e Milton. No Brasil, desde Gregório de Matos a Gonçalves Dias, inclusive no famoso I-Juca Pirama. Em Álvares de Azevedo ela aparece em quase tudo, ela é parte do poeta, como atesta seus poemas mais famosos, "Lembrança de morrer" e "Se eu morresse amanhã". Em Machado de Assis ela aparece na voz de "um defunto autor", que narra sua vida, quando ela já findara.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Há muita literatura sobre o tema, que fala de rituais, de significados sobrenaturais, questões religiosas, de cunho psicológico e de como as pessoas enfrentam esse momento, principalmente relacionando-o aos entes queridos e a si mesmas, quando se deparam com o momento final. Como cada um compreende o fenômeno e sua aceitação diante do fato. Combinato; Queiroz (2006) *apud* Torres (1983), informam que, no início do séc. XX, o tabu era relacionado ao sexo, era proibido falar sobre o assunto, principalmente em presença de crianças; entretanto, no final do séc. XX, o tabu passou a ser o tema da morte. Ninguém consegue falar sobre a "ineludível"[330]; ninguém fala a seu respeito com as crianças, para tentar explicar o fenômeno.

Combinato; Queiroz (2006), desta vez citando Maranhão (1986), comentam que a sociedade contemporânea busca de todas as formas reduzir a morte, na tentativa de fazer com que as pessoas se afastem de tal experiência, embora essa experiência seja a mais natural possível, pois é intrínseca à condição humana. "Atualmente é visível o temor exacerbado da morte, que resulta numa negação: num evitar ou eliminar qualquer pensamento referente ao tema ou numa banalização do mesmo, porém nem sempre isso foi vivenciado dessa forma" (Martins, 2013, p. 5).

O medo de falar sobre o tema, talvez seja a principal razão de nunca, ou quase nunca, se tratar dele. O que provoca esse medo é a questão do desconhecido que a morte encerra. "A metáfora desse abismo, espaço vazio e indiferenciado em que a vida se precipita na escuridão das sombras, no anonimato de um caos indizível e impensável, corresponde à face obscura, aterradora, da experiência social e histórica da morte [...]" (Giacoia Júnior, 2005, p. 14). Mesmo com tais atributos, sabemos que a vida se precipita para tal evento, não há fuga possível, mesmo assim "[...]recorremos aos eufemismos; fazemos com que o morto pareça adormecido" [...] (Kubler-Ross, 1996, p. 19), para nos esconder do inevitável.

No dizer de Giacoia Júnior (2005), a morte não é apenas a condição de envelhecimento, de declínio das forças vivas, mas também é a entrada num mundo desconhecido, "aquele da confusão, do caos, do ininteligível, onde não existe mais nada nem ninguém" (Giacoia Júnior *apud* Vernant, 1982, p. 89). "[...] A morte 'forma o fundamento da vã agitação no tempo terrestre'" (Ginzburg *apud* Otte, 2010). Todavia, não

[330] Retirado do poema de Manuel Bandeira, "Consoada" (Libertinagem, 1930).

há provas tanto para dizer que há algo mais, tanto para dizer que não há; isso depende da maneira como essa possibilidade se manifesta e as várias formas que cada povo imagina essa passagem. Há, também, as questões religiosas, que formatam essa maneira de compreender a morte e o porvir, *post mortem*.

> [...]o indivíduo não tem consciência sobre o que ocorre depois da sua morte – post mortem – de maneira que, o equilíbrio e a harmonia tornam-se valores incertos, sendo assim, a imprecisão que a finitude carrega consigo horroriza a vivência dos homens (Medeiras, 2022, p. 158).

Sobre o assunto ainda pode ser comentado o fato de que por mais rituais que sejam feitos na intenção de louvar aqueles que se foram, a realidade é que tudo isso transparece para os que ficaram, que esses é que aproveitam desses rituais para celebrar, em vez da morte, a vida.

> Em sua função de memória coletiva, a epopeia não é feita para os mortos; quando ela fala deles, ou da morte, é sempre aos vivos que ela se dirige. Da morte, nela mesma, dos mortos entre os mortos, não há nada a dizer. Eles estão do outro lado de um limiar que ninguém pode transpor sem desaparecer, que nenhuma palavra pode alcançar sem perder todo sentido: mundo da noite onde reina o inaudível, ao mesmo tempo silêncio e alarido (Giacoia Júnior *apud* Vernant, 1982, p. 86).

O outro lado está, provisoriamente, interditado para os vivos. Somente quando a condição deles, de vivos, mudar para a outra condição, de mortos, é que sua passagem será liberada. De qualquer forma, não há como ter certeza de nada com relação a esse outro ponto, da existência ou inexistência humana.

O outro caminho

A “indesejada das gentes” é presença constante na obra *O Outro Caminho (1952)*, inclusive o título parece remeter a esse “pormenor”. É uma pergunta frequente que permeia nossos pensamentos de pesquisador da literatura e do autor em questão se esse título remete à morte ou se se trata de algum caminho que não fica claro durante a leitura do livro. Poderíamos dizer que a morte é uma personagem do livro em questão. Ela aparece de uma forma que amplia o sentido dela mesma, como alguém que vai se transformando ao longo do tempo (da narrativa). A maneira como Mohana trata do tema, de forma hábil, mas não displicente, mostra que ele compreendia o verdadeiro sentido da morte. Há muito, com relação a esse entendimento, do que o autor trazia de sua verdadeira vocação, de clérigo e orador teológico.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Caberia, no entanto, supor que o autor realmente quisesse que o título de seu livro fizesse referência ao tema da morte, inclusive pela insistência com que ela aparece no enredo. Contudo, há três mortes que são bem mais significativas e dão um sentido diferente ao texto. A morte da mãe do protagonista; a morte de Maria Sargenta, uma personagem emblemática dentro da narrativa; e, por fim, a morte do próprio protagonista. Esta última finaliza o livro, o que não poderia ser diferente.

O livro de João Mohana começa com uma explicação:

> Há alguns anos vinha com vontade de publicar a vida de meu irmão. Não se trata da vida de um herói, na concepção em que geralmente se usa esse termo. Posso dizer que foi um herói, mas herói a seu modo, com suas características, suas qualidades, sua maneira própria de ser herói. [...] O meu trabalho, entretanto, foi bem facilitado, pois encontrei mais de 200 folhas escritas a lápis, contando justamente aquilo que eu pretendia contar. Li-as avidamente e me surpreendi com coisas que jamais poderia ter dito, pois só o próprio dono poderia dizer (Mohana, 1964, p. 9).

Trazemos esse trecho na tentativa de explicar que o livro é narrado em primeira pessoa, pelo próprio protagonista, e que seu irmão, que faz a explicação no início do livro, faz breves aportes, quando as informações do narrador-personagem não são suficientes para clarificar os fatos narrados. Inclusive, todas as cenas de morte, as que pretendemos analisar no presente estudo, são narradas pelo irmão de Eyder, Neco (Manuel).

A obra conta a história de Eyder, que é o próprio narrador, e as implicações de uma escolha errada, o fato de que ele é influenciado pela mãe para seguir a carreira do sacerdócio, mesmo sem vocação para tal carreira. Embora ele, também, não tivesse certeza sobre o que gostaria de fazer quando "crescesse", o que fez com que o menino apenas seguisse a correnteza e se visse sempre contrariado por não ter tido forças suficientes para lutar contra a imposição da mãe. Com a morte da mãe, em certo ponto da história, Eyder poderia ter desistido e seguido qualquer coisa que lhe aprouvesse, mas seu caráter fraco o impediu mais uma vez.

Nesse sentido, o outro caminho seria qual? O que ele não seguiu? O que ele seguiu? Ou a figura presente, em todo o livro, da morte? Sendo que até o próprio protagonista sucumbe no final, seguindo, talvez aí, o outro caminho, o que ninguém conhece de fato. O outro caminho, talvez, seja esse indefinido. Talvez. Ou nem isso, o que não se concebe, de forma alguma. Que nem mesmo as mentes mais intelectuais conseguem

sequer vislumbrar, como uma teoria do absurdo, do inapreensível.

Por detrás da porta

Para introduzir o tema da morte da mãe, Santinha, Eyder fala sobre lembranças, nomeando-as de acordo com algumas cores, sendo que essas cores variam conforme a importância e significado da reminiscência a que ela alude.

> Lembrança roxa há uma: a morte de mamãe.
>
> Num domingo à tarde recebi a notícia, trazida por um portador que veio me buscar. Infelizmente não pude ir, porque era inverno e os caminhos estavam todos alagados. Fui na semana seguinte, quando já a haviam enterrado (Mohana, 1964, p. 102).

Naquele momento, ele poderia se rebelar e seguir outro caminho, tendo em vista que a vida de padre lhe pesava sobre os ombros, pois ele relata que passava por muitos conflitos, porque não tinha vocação para o sacerdócio e porque a sociedade era particularmente má com relação aos seus serviços, o julgando o tempo todo.

Como dissemos antes, quem conta como se deu a morte da mãe de Eyder é o irmão deste, Neco. "Como Eyder não descreveu a morte de mamãe, tomo a liberdade de descrevê-la para o leitor" (Mohana, 1952, p. 102)[331]. Neco começa informando que "num certo sábado", alguns dias antes da fala de Eyder, a família seguia normalmente a rotina e que dez horas da manhã a mãe pediu que preparassem o seu banho.

> Como acontece nessas ocasiões, surge no ar um hálito, sente-se uma comichão, uma irrequietude, uma necessidade. Eu senti. Senti falta de mamãe. Depois do banho ela sempre ficava lendo na varanda, e não estava. Fui ao quarto. Chamei. Nada. À sala. Também nada. À cozinha (Mohana, 1964, p. 103).

Dessa forma, ele pressente que algo havia acontecido, que algo tenebroso havia se abatido sobre a família. Ele se lembra de que ela fora tomar banho, lembra-se que ela podia estar, ainda, no banheiro. Começa o momento dramático. Ele manda chamar o pai e os dois tentam abrir a porta, mas algo impede que isso aconteça. A porta está bloqueada. Só uma coisa poderia, no entanto, estar bloqueando a porta: a mãe de Neco, o corpo dela, já sem vida. "Mas como Conceição começou a empurrar demais a porta, tive que intervir: – Não empurra. É mamãe que está aí" (p. 104).

[331] As próximas citações do livro de Mohana, que aparecerem no corpo do texto, conterão apenas a página referente, para não se tornar enfadonha a repetição.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

> Mamãe estava dentro do banheiro, atravessada, com os pés contra o tanque e a cabeça contra a porta. Quando eu e papai empurrávamos a porta, ouvíamos as juntas estalarem. Os estalos sumiam com os gritos de Conceição. Isso nos dava coragem de empurrar com toda a força. Sabíamos que o corpo estava vergando, as carnes comprimindo-se, os ossos quase quebrando, mas não ouvíamos. E empurrávamos (Mohana, 1964, p. 104-105).

A cena é grotesca[332] e as descrições são naturais, dentro de uma naturalidade que podemos visualizar. A cena está aí, é real como uma ficção que transcende a ficção e nos chega de forma brutal. Um momento de transe, em que os envolvidos não podem fazer senão o que estão fazendo, mas o que estão fazendo não parece, de alguma forma, ser o que deveriam fazer. Daí a dramaticidade, a melancolia[333] da cena em questão.

Como não fosse possível retirar o corpo apenas abrindo a porta, foi necessário usar um serrote para serrar a madeira e conseguir abrir espaço para que o corpo pudesse ser removido. "Quando se retirou a ponta da porta, papai disse: – Meta a mão e puxe" (p. 106). Depois desse movimento, o filho, não conseguindo fazer o que o pai ordenava, deixou a este a tarefa ingrata e quando, por fim, ele conseguiu, o quadro que apareceu era macabro, como não podia ser diferente, tendo em vista a forma como tudo aconteceu. "O quadro era bárbaro, brutal [...] O corpo estava nu, inteiramente arroxeado, os cabelos molhados, os olhos abertos, vidrados, e uma baba gosmenta escorrendo da boca pela bochecha. A cuia d'água, emborcada perto da mão esquerda" (p. 106).

Com a retirada do corpo de dentro do banheiro, começou o transporte para dentro da casa: "Foi assim que nossa mãe entrou morta dentro de casa. Do fundo para a frente (p. 107). Sabendo que "[...]para o ser humano, o ato de morrer, além de um fenômeno biológico natural, contém intrinsecamente uma dimensão simbólica, relacionada tanto à psicologia como às ciências sociais" (Combinato; Queiroz, 2006, 209). O fato da mãe de Eyder ter feito o movimento reverso ao voltar para dentro de casa, pode significar que ela estivesse voltando ao começo, ao não entendimento, como quando se é criança, ou antes mesmo, quando ainda não se nasceu de fato, para o lugar onde nada se sabe.

Mergulho nas águas

[332] O mundo do grotesco é o nosso mundo – e não o é. O horror, mesclado ao sorriso, tem seu fundamento justamente na experiência de que nosso mundo confiável e aparentemente arrimado numa ordem bem firme, se alheia sob a irrupção de poderes abismais, se desarticula nas juntas e nas formas e se dissolve em suas ordenações (KAYSER, 1986, p. 40).

[333] Melancólicos são, entre outros, os que perderam seus filhos e amigos mais queridos, ou algo precioso que não puderam restaurar (Ginsburg *apud* Constantino, 2013).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Outra personagem significativa dentro do enredo de *O Outro Caminho* é Maria Sargenta, uma "mulher louca", que corria pelas ruas do lugarejo em que Eyder fora criado, o Barro Vermelho. Diz-se que ela perdera uma filha e por isso ficara louca e, em noites de lua cheia, andava pelas ruas, segurando um galo, que ela dizia ser sua filha morta. Era uma figura folclórica, que todos conheciam e se acostumaram à sua presença. Quando da sua morte, novamente Eyder não estava presente, apenas ficara sabendo depois, como atesta o trecho a seguir:

> As noites do Barro agora eram quietas e calmas. Não se ouviam mais os gritos de Maria Sargenta. Se ela gritasse agora, só a terra ouviria, porque era dentro dela que estava. Morrera. Morreu, nem mandaram me dizer. Coitada de Maria Sargenta. Está no céu ou no purgatório? (Mohana, 1964, p. 160).

Mais uma vez cabe a Neco, irmão de Eyder, contar como se deu a morte de Maria Sargenta e como repercutiu na mente de quem assistiu ou esteve envolvido em tal acontecimento. Algo interessante que envolve as mortes relatadas neste estudo é a ligação com a água, sendo que a mãe de Eyder morreu enquanto tomava banho e Maria Sargenta morre no rio, enquanto Eyder quando fazia sua última comunhão. Formas diferentes, mas que de certa maneira envolve um elemento comum.

Assim Neco abre um parêntese na história do irmão, para contar como Maria Sargenta havia morrido: "Maria Sargenta morreu em noite de lua." O que se ligava com o próprio viver da personagem, a lua como símbolo de movimento e de causa de transtorno, principalmente em mentes já adoecidas. "Nessa noite a lua saiu cedo. Redonda e gorda, como se fosse a própria terra iluminada em cima de si mesma" (p. 160). Meia-noite, "Maria Sargenta soltou o primeiro grito. Não foi grito. Foi berro, que ecoou pelos quatro cantos do Barro inteiro, acordando todo mundo" (p. 161). Então, fazia-se um silêncio e, de cinco em cinco minutos, novo grito. "Supunha-se que nessa noite a lua estava forte, aumentava a loucura" (p. 161). Esse era o motivo dela estar mais fora de si naquela noite, segundo o pensamento das pessoas do lugarejo.

Então ela passa a gritar perto do rio, "Maria Sargenta sentada à beira dele, segurando o galo, chamando a filha. 'Maria, tu não vem, minha filha?' E como Maria não vinha, chorava e gritava" (p. 161). Nesse ponto, é possível perceber o desespero de Maria Sargenta, que busca a filha e não consegue encontrá-la. O que é o pior pesadelo de qualquer mãe, a perda de um filho. Nesse caso, uma mãe adoecida, talvez

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

justamente por ter perdido a filha e nunca ter conseguido se recuperar de tal perda.

Neco continua contando tudo o que ocorreu naquela noite, como Maria Sargenta foi se embrenhando pelo rio, como os gritos dela iam se afastando e como cada vez mais a cena parecia ser de outro mundo.

> Correu até ouvir o ronco rouco da pororoca vindo desenfreada pelo Mearim. E quando ouviu, perguntou soltando gargalhadas: "É tu, Maria? É tu, minha filha?" "É ela! É Maria!" Desceu a margem, entrou no leito e foi atravessando. Os pés enterrando na lama e saindo. Enterrando e saindo. Até chegar ao meio do rio. A pororoca vinha correndo louca como Maria Sargenta. A lua ouvindo a voz da água louca e a voz da mulher louca. Sorria. (a lua) (Mohana, 1964, p. 162).

A busca pela filha a leva para o fim, para a morte, talvez lá a encontrasse. Não no rio, mas do outro lado, onde o nada existe, mas onde o tudo existe também, porque lá estão todos os outros que partiram desse mundo. A cena segue com ela em pé no meio do rio, erguendo o galo para a lua, oferecendo-o para São Jorge. "E vendo a muralha de prata que vinha afoita, selvagem, exclamou pela última vez: 'Lá vem ela! Lá vem Maria! Vem minha filha! Até que enfim chegaste!'" (p. 162). E dessa maneira tem seu fim decretado: "Não pôde dizer mais nada. A pororoca brutal, amazônica, espumando de cólera, chegou e tapou para sempre a boca de Maria Sargenta" (p. 162).

Ela sumiu nas águas, depois seu corpo passou arrastado por ela, sendo seguido pelos jacarés. O corpo de Maria Sargenta, somente o corpo, fora encontrado e trazido pelos pescadores, causando um espetáculo grotesco assistido pelas crianças, que olhavam atônitas ao que se passava. "A beira do rio estava cheia de crianças; os pequenos olhos, abertos, e as pequenas bocas, fechadas. Bem abertos e bem fechados" (p. 163).

A vida se esvaiu na água, assim como a mãe de Eyder, com a diferença de que uma não pôde emergir, esconder sua fragilidade, seus erros, suas culpas e a força que fazia com que os outros fossem guiados por essa vontade que era mais sua do que de quem fazia o que ela queria. E a outra, apenas se foi ao encontro da filha perdida e dos jacarés do Rio Mearim[334].

[334] O Rio Mearim nasce na serra da Menina, entre os municípios de Formosa da Serra Negra, Fortaleza dos Nogueiras e São Pedro dos Crentes, recebendo a denominação de ribeirão Água Boa, seguindo um longo trajeto na direção Sudoeste-Nordeste, até Esperantinópolis, onde após receber as contribuições do rio Flores, direciona-se para o Norte, até desembocar na baia de São Marcos, entre São Luís e Alcântara. (fonte: Núcleo Geoambiental – UEMA). O Rio Mearim corta o povoado Barro Vermelho, lugar em que se passa parte da história do romance; o rio é onde se dá o fenômeno da pororoca, que é o encontro das águas do rio com as do oceano, causando fortes ondas e rebentações.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A última comunhão

Como fim do enredo, a última morte é a do próprio protagonista, o padre Eyder. E sobre essa também nos deteremos, na tentativa de compreender como a ideia da morte se liga a ideia da vida da personagem principal do romance. Ele conta que chegava de uma "desobriga"[335] interrompida, que estava doente, mas "sei que ainda não é o fim do novelo de minha existência. Ainda há muito fio enrolado, porque há muita dor a beber. Mesmo assim vou mandar chamar Neco" (p. 195). "Ele enganara-se. Era mesmo o fim", diz Neco, ao começar a narrar como se deu a morte de Eyder, os dias de angústia que vieram em seguida. "Encontrei-o acamado, magro, com febre. Uma febre que não passava durante o dia e aumentava durante a noite" (p. 197).

Eyder continuava rezando missa, mesmo doente. Mas o irmão o proíbe, pois considerou a situação muito grave para que ele continuasse a fazer o que fazia antes. Mas essa pausa só durou três dias, que foi a quantidade de tempo que ele viveu. "Foram três dias de trabalho intenso, preocupação intensa e sofrimento intenso" (p. 198). A doença agravava-se e os remédios não davam jeito. "O catarro aumentava. A febre aumentava. A dispneia aumentava. Enchia urinóis após urinóis, de catarro. Não é exagero se disser que os pulmões dele se dissolviam em catarro" (p. 198).

O padre sofria fisicamente, mas também moralmente. Os paroquianos não mostravam interesse por ele, não perguntavam pela sua saúde.

> Todo esse silêncio, Eyder digeria em silêncio. Não dava uma palavra, não perguntava absolutamente nada; trancava a voz na garganta e não deixava escapar um lamento. Calava e oferecia. Aceitava ser fertilizado na incompreensão, fecundado na dor. Até morrer (Mohana, 1964, p. 199).

Apesar de todas as possibilidades, não foi possível, dentro do contexto da narrativa, identificar o que causou a morte de Eyder. "Não morreu de bronquite nem de pneumonia. Ninguém sabe mesmo de que morreu" (p. 199). Como não houvesse médico na localidade, o diagnóstico ficou a cargo de um leigo, que não conseguiu dizer realmente o que era a doença do padre.

Mesmo com todo sofrimento que a doença lhe causava, ele se mantinha calado, sem murmurar de forma alguma. Quando falava, era para rezar. Rezava sempre para falar

[335] Segundo o dicionário é o "1. cumprimento do preceito da Quaresma. 2. permissão de descumprimento do preceito quaresmal; desarrisca." (Dicionário Oxford Languages). disponível em: https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/. Acesso em: 20 de dez. de 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

de quanto a vida lhe parecera inútil, que nada do que plantou deu frutos. Também falava que esperava que sua vida, embora inútil, pudesse servir de exemplo para que o mundo se tornasse melhor. “No fim da vida, ou melhor, no começo, vou me apresentar com as mãos vazias” (p. 200). E segue com suas palavras desconsoladas: “Gostaria de apresentar qualquer coisa no dia de prestar minhas contas. E, francamente, tenho medo, porque não sei mesmo o que fiz. Chegar diante de Vós com os olhos baixos e as mãos vazias?” (p. 200-201).

Em meio ao sofrimento, quando o irmão trazia o remédio dizia que só tomava por tomar, mas que sabia que não faria mais diferença. Não tinha mais esperança de cura. Cogitou a possibilidade de chamar um padre de São Luís para se confessar, “porque morrer sozinho, sem confissão, sem a unção dos enfermos, era triste” (p. 201). Mas isso era impossível, havia toda uma logística que inviabilizava uma viagem como aquela.

Nos dias que antecederam a morte do padre, ele mostrou para o irmão as páginas escritas sobre sua vida. Páginas essas que o irmão, contrariando a última vontade de Eyder, transformou em livro. “Queime agora dentro de si. Esqueça” (p. 203). Neco prometeu que faria isso, mas não fez. “Lá do alto, de onde ele me vê, perdoe o não poder ter cumprido a promessa” (p. 203).

Ainda dura um momento as falas sobre os sofrimentos de Eyder, que só crescem à medida que o tempo passa. Parece que as dores que sente servem de expiação para os pecados que cometera. “Talvez houvesse nesse delírio o anseio da pobre alma, agoniada por libertar-se do invólucro corpóreo” (p. 205).

A última parte da narrativa não passa de conjecturas do narrador provisório, pois o que aconteceu de fato não havia como ele saber. Como isso se desenrolou é uma ideia que perpassa pela simples suposição.

> Eu adormecera. Eyder viu que era noite, tarde da noite, duas da madrugada, talvez. Percebeu que aquele era o último relâmpago de consciência que haveria de clarear-lhe o espírito na terra. Não queria morrer sem estar intimamente, fisicamente, corporalmente unido a Deus (Mohana, 1964, p. 205).

A partir desse momento é narrada uma verdadeira peregrinação do padre rumo ao sacrário, em busca de uma última comunhão. Embora sem forças, ele as encontra em seu íntimo e segue. Vai devagar, aos tombos, por corredores e terreiros, até chegar à igreja onde celebrava as missas, onde recitava seus sermões e falava para um povo sem fé. “Era um

quadro patético, sagrado demais para um cristão qualquer olhar. [...]Na madrugada de breu, um vulto preto, guiado pela morte, avançava como um louco para agarrar-se à vida" (p. 206).

Por fim, ao chegar no altar-mor "pegou a âmbula, destampou-a, tirou o Corpo do Cristo Jesus, e comungou. 'O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde minha alma para a vida eterna'" (p. 207). "[...]Com certeza foi se sentindo fraco... fraco... pernas de pluma em corpo de chumbo..." (p. 207). Com essas palavras fortes e magoadas de certa forma, pela necessidade de compreensão, de estímulo, de purificação, mais uma vez a voz que se faz ouvir é de um irmão que não entendia, mas que fazia o possível para chegar ao âmago da questão, em busca da resposta. Um irmão que, assim como o padre, guardou a fé até o fim. "Se por uma sorte que não mereci, estivesse presente no instante em que a igreja acolheu e ampliou o baque surdo ao pé do altar, teria ouvido um rumoroso bater de asas..." (Mohana, 1964, p. 207). Teria, talvez.

Palavras finais

Estudar sobre o tema da morte pode parecer macabro até certo ponto, o que nos parece estranho, considerando que a morte é um tema comum a toda a literatura, não apenas a ocidental. Toda obra ficcional imita de certa forma a vida, e a vida é um caminho para a inevitável morte, que é o fim necessário da jornada. Poucos livros não conterão esse tema em alguma parte de seu enredo, mesmo que seja tratado sem a ênfase que o nosso objeto de estudo faz. Ainda assim, o tema costuma aparecer, como aparece na vida, de vez em quando, e muda tudo.

O romance *O Outro Caminho (1952)* traz algumas mortes em seu enredo e cada uma representa um momento dramático para o narrador, mesmo que ele não esteja presente quando algumas se dão, como da mãe e da personagem Maria Sargenta. Ele submerge pelo envolvimento anterior com essas personagens, no caso de sua mãe, pelo fato intrínseco que os une, com a complicação de que ela seja um dos principais fatores que o levaram ao sofrimento que ele teve em vida, o de seguir uma carreira a qual não tinha vocação alguma, a do sacerdócio.

Por fim, a morte poderia ser uma personagem nesse romance, uma personagem que

fala da finitude do ser humano, do fim do sofrimento de alguns, do começo de uma nova vida, isso considerando o fato da crença religiosa de cada um. A morte, aqui, nem sempre é a "indesejada das gentes", no dizer de Manuel Bandeira, por vezes ela pode ser, sim, desejada e até esperada com alegria. A Maria Sargenta pode, enfim, encontrar a filha perdida; a mãe de Eyder pode descansar de uma vida de labuta; e o próprio Eyder, esquecer a vida que poderia ter vivido, caso tivesse seguido o outro caminho.

Referências

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

COMBINATO, D.; QUEIROZ, M. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, [*s. l.*], v. 2, n. 11, p. 209-216, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 14 dez. 2023.

DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES. **Desobriga.** disponível em: https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/. Acesso em: 20 de dez. de 2023.

GIACOIA JUNIOR, O. A VISÃO DA MORTE AO LONGO DO TEMPO [...]. **Medicina (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto - SP.: [*s. n.*], 2005. 13-19 p. v. 38. DOI https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v38i1p13-19. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418. Acesso em: 6 dez. 2023.

GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia.** Campinas – São Paulo. Autores Associados, 2012.

KAYSER, Wolfgang. O grotesco: Configuração na pintura e na literatura. Trad. J. Ginsburg. São Paulo. Editora Perspectiva. 1986.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** 7ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARTINS, F. **O homem, a morte e o tempo.** Monografia (Bacharelado/licenciatura em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Curso de Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande – PB, p. 26. 2013.

MEDEIRAS, Natália. A Pintura, a Literatura e a Morte: Análise da alegoria da morte em As intermitências da morte de José Saramago. **Inventário**, Salvador, n. 29, p. 155-168, fevereiro 2022. DOI https://doi.org/10.9771/revin.v0i29.46881. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/46881. Acesso em: 13 dez. 2023.

MOHANA, J. **O Outro Caminho.** 5ª ed. rev. Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora. 1964.

REGIÕES HIDROGRÁFICAS DO MARANHÃO. **Rio Mearim.** Disponível em: https://www.nugeo.uema.br/?page_id=233. Acesso em 19 de dez. de 2023.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

SANTOS NETO, M. **A ressurreição do padre: perfil do sacerdote maranhense que se transformou em grande escritor no Brasil.** – São Luís: Engenho, 2019.

SANTOS, A. **Entre corpos e sepulturas: Uma análise da Historiografia sobre a Morte na Idade Média.** Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Educação e Ciências, Humanas Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão – SE, p. 68. 2015.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A LEITURA LITERÁRIA COMO ALTERNATIVA PARA REMIÇÃO DA PENA DE PRESOS

Ariele Eidt[336]

RESUMO

Uma sociedade que apenas priva a liberdade não favorece a ressocialização, é preciso que algo seja feito, existem caminhos: a sensibilidade com o próximo, com aquele que cometeu erros, oferecendo-lhe cultura, a cultura da leitura. Desta forma, visa-se o crescimento intelectual e desenvolvimento pessoal e social dos presos envolvidos para saber e pensar com ciência, arte, filosofia, moral e política e ter uma ampliação de horizontes intelectuais sociais e profissionais.

Palavras-chave: Presídio. Leitura. Obras literárias clássicas.

RESUMEN

Una sociedad que sólo priva de la libertad no favorece la resocialización, es necesario que algo sea hecho, hay caminos: la sensibilidad con el prójimo, con aquel que cometió errores, ofreciéndole cultura, la cultura de la lectura. De esta forma, se pretende el crecimiento intelectual y desarrollo personal y social de los presos involucrados para saber y pensar con ciencia, arte, filosofía, moral y política y tener una ampliación de horizontes intelectuales sociales y profesionales.

Palabras clave: Presídio. Lectura. Obras literarias clásicas.

1. INTRODUÇÃO

A prática da leitura no Brasil tem sido objeto de estudos há anos. Nas escolas, a discussão da leitura ofertada coletivamente por meio de bibliotecas, cantinhos de leitura, salas de leitura ou qualquer espaço físico em que os livros são abrigados ainda é pouco desenvolvida e os professores

[336] Graduação em Língua Portuguesa e Literatura, Especialização em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, Literatura e Língua Espanhola, Mestre em Literatura Comparada pela instituição Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. E-mail do autor: ariele.ae@hotmail.com. Orientador: Prof. Dr. Daniel Pulcherio Fensterseifer.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

apresentam pouca expressão na prática pedagógica e até limitam a vida acadêmica do aluno, como demonstram pesquisas, diagnósticos e avaliações recentes do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O que relatar então do espaço fechado, de alguém que foi privado de sua liberdade, que não conhece ou não tem acesso a uma biblioteca e tão pouco acesso à leitura?

Uma sociedade que apenas priva a liberdade não favorece a ressocialização, é preciso que algo seja feito e, existem caminhos: um desses é a sensibilidade com o próximo, com aquele que cometeu erros, oferecendo-lhe cultura, a cultura da leitura. Desta forma, visa-se o crescimento intelectual e desenvolvimento pessoal e social dos presos envolvidos para saber e pensar com ciência, arte, filosofia, moral e política e ter uma ampliação de horizontes intelectuais, sociais e profissionais.

O processo de leitura está impregnado no exercício pleno da cidadania, uma vez que nos induz à reflexão e é capaz de nos fazer ultrapassar modelos prontos e massificados de mundo e escolhas, não nos tornando apenas meros reprodutores de ideias e conceitos. Na concepção de pensador e educador Ortega y Gasset (1987) os meros reprodutores de ideias são denominados de "homens-massa".

A leitura é um processo que leva o sujeito para fora das circunstâncias em que se encontra e em contrapartida o induz a buscar cada vez mais autonomia, participação social, baseando-se em ideias próprias. "Uma das funções primordiais da leitura é a de nos preparar para uma transformação". (BLOOM, 2000, p. 17)

Como em qualquer atividade mental, a leitura necessita satisfazer algo que nos diga respeito, caso contrário se torna inócua. Em "Como e Por que se ler" Harold Bloom dá uma importante dica sobre o resgate integral da leitura: Não tentar melhorar o caráter vizinho, nem da vizinhança, através do que lemos ou de como fazemos. "Não existe a ética da leitura" (BLOMM, 2000, p. 20). Cada um busca, ao se relacionar com o livro, encontrar, refletir, analisar, considerar ou reconsiderar seus próprios valores morais, mesmo sem dar-se conta desse processo.

A Constituição da República, no artigo 6º, reconheceu o direito à educação como direito. "Como direito social, figura no rol de direitos fundamentais de segunda geração" (BONAVIDES, 2006, p. 564). A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O direito à educação é visto como forma de sobrevivência do Estado Democrático de

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Direito, uma vez que torna suscetível o desenvolvimento da personalidade humana de cada indivíduo, norteado pelos seguintes princípios da Constituição da República: a dignidade da pessoa humana, solidariedade, igualdade, proibição do retrocesso social, entre outros (SOUSA, 2010, p. 19).

Esse direito de estudo também pode possibilitar a remição da pena do detento. De acordo com Mirabete e Fabbrine (2006, p. 265), **"remição é uma nova proposta inserida na legislação pela Lei nº 7.210/84, que tem como finalidade mais expressiva a de abreviar, pelo trabalho, parte do tempo da condenação". Além da remição por trabalho, também há a remição por estudo e por leitura.**

A remição da pena por estudo mediante a leitura concretiza ações para a integração social do apenado, de acordo com o previsto no artigo 126 da Lei nº 7.210/84, em que propõe a leitura como forma reintegradora à sociedade, conforme recomenda a RESOLUÇÃO Nº 03, de 11 de março de 2009, do CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICA CRIMINAL E PENITENCIÁRIA. Nesse sentido, proporciona-se ao interno, de forma voluntária, a leitura de obras da literatura universal.

A leitura é fundamental no processo de formação de qualquer cidadão, ela ganha ainda maior conotação quando se fala em resgate da cidadania de pessoas que estão privadas de liberdade, ou melhor, necessitam integrar-se, novamente, à sociedade.

O que se pretende é que as ações voltadas para a boa leitura nos Estabelecimentos Penais sejam ampliadas e direcionadas a todos os apenados alfabetizados que demonstram interesse. O artigo apresenta como problema de pesquisa: de que forma a leitura contribui para a ressocialização do carcerário?

As práticas educacionais de ensino e aprendizagem, não se limitam apenas a espaços escolares, embora que o acesso à educação ainda não é assegurada a todas e todos, sobretudo se olharmos para os grupos sociais excluídos da sociedade como, por exemplo, as pessoas encarceradas.

As penitenciárias apresentam um ambiente completamente distinto, com arquitetura diferente, com trancas, portões, celas e uma rotina que demostra o sentimento de punição ou justiça que a sociedade tem sobre as pessoas que transgridam as normas de condutas sociais, como se o sofrimento humano fosse capaz de expurgar a culpa pelo delito cometido. Foucault (2012) destaca que qualquer intervenção sobre o detento pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

privar o indivíduo de sua liberdade, considerando-a ao mesmo tempo como um direito e como um bem.

Este trabalho justifica-se na necessidade de criar novos projetos que oportunizem aos internos o acesso ao estudo e conhecimento como instrumento fundamental para a ressocialização, assim, torna-se imprescindível a busca de alternativas para complementar a rotina do ambiente prisional.

Faz-se necessário proporcionar medidas socioeducativas auxiliares para suprir a defasagem que o atual sistema prisional proporciona aos carcerários.

Nesse viés, entende-se que a oportunidade da leitura no ambiente prisional é essencial, pois além de ser um recurso indispensável à construção do sujeito enquanto cidadão é capaz de promover a autonomia, a capacidade de reflexão e análise, bem como propiciar aos indivíduos a competência de encontrar soluções e novas expectativas em relação à própria vida, interferindo de modo salutar em suas relações com o seu meio social.

É necessário acreditar que as pessoas podem se transformar através da leitura de livros. Silva (1999), afirma que uma biblioteca amplia a visão do mundo, as práticas diárias, evitas as decisões ocasionais e impulsionadas e abre as fronteiras de participação dentro da própria comunidade. “Acho que um acervo leva com ele a esperança de fazer as pessoas se movimentarem para outros lugares” (p.12), afirma. “O livro é o mestre dos mestres” (p.13). Ele contém possibilidades, sonhos e realidades. Mas sozinho é morto. Quem dá vida para ele é o leitor, leitor este que pode ser qualquer um, desde que lhe seja ofertado.

Uma sociedade que apenas priva a liberdade não favorece a ressocialização, desta forma é preciso que algo seja feito, existem caminhos: a sensibilidade com o próximo, com aquele que cometeu erros, oferecendo-lhe cultura, a cultura da leitura. Assim, visa-se o crescimento intelectual e desenvolvimento pessoal e social dos presos envolvidos para saber e pensar com ciência, arte, filosofia, moral e política e ter uma ampliação de horizontes intelectuais sociais e profissionais.

A capacidade de reflexão dos detentos é prioridade, fazendo-os compreender a realidade que os cerca, as mudanças e até as suas falhas para iniciar o seu processo de transformação, a sua capacidade crítica e criadora do indivíduo a fim de orientá-lo em suas decisões e escolhas certas. A Biblioteca Prisional e a leitura são aliadas no processo de ressocialização, no exercício da cidadania, na aprendizagem, na autonomia e na potencialização das capacidades intelectuais, auxiliando-os e ofertando perspectivas e expectativas melhores. .

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A ressocialização ou reabilitação social constitui uma das finalidades do sistema de execução penal e é de suma importância que os presos usufruam dos serviços de assistência. Há pouco tempo um novo serviço de assistência foi desenvolvido, a possibilidade de remir a pena através da leitura. Para isso há a necessidade da criação e implantação de uma biblioteca no presídio. Após a efetivação desta implantação, projetos de leitura poderão ser ofertados e auxiliarão em vários aspectos, inclusive na remição da pena do preso.

Este trabalho pretende contribuir de forma efetiva para a ressocialização dos internos em confluência com o processo de cidadania e humanização do sistema através da leitura como meio de construção do conhecimento, autoconhecimento, aperfeiçoamento, autoestima e acesso à cultura.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O QUE É LEITURA?

De acordo com Silva (1999) “ler é sempre uma prática social de interação com signos, permitindo a produção de sentido(s) através da compreensão-interpretação desses signos”.

Conforme o autor, ler é interagir através da bagagem de leitura, conhecimentos prévios, experiências leitoras e repertórios linguísticos e conceituais, possibilitando a interação do texto com o leitor e do leitor com o texto. Rossi (2010), diz que o conhecimento de mundo:

> [...] ao ser ativado durante a leitura, ele permite economia e seletividade nos atos de fala e escrita que deixam implícito o que é típico da situação e focaliza apenas o diferente, o memorável, o inesperado. Esse conhecimento prévio é essencial no processamento do texto uma vez que possibilita ao leitor realizar inferências, entendidas como a operação cognitiva em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas, com as quais preenche os vazios textuais e constrói significados para a palavra escrita. (ROSSI, 2010, p. 69)

O autor também ressalta que ler é produzir sentido, mesmo que um texto limita as suas interpretações, a partir do momento em que este circula, não se pode delimitar o seu sentido e efeito que provocará. Ler também é compreender e interpretar, ao modo que a leitura seja feita com uma finalidade e com uma abordagem definida. A concepção de leitura como uma atividade de construção de sentidos acontece na interação entre autor-texto-leitor (KOCH e ELIAS, 2006). Nesta

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

perspectiva, entendemos que:

> […] leitura é produção, tanto do ponto de vista psicológico quanto sociológico, já que ao lermos um texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem nossa experiência de mundo. Nessa visão, o sentido é construído a partir de uma complexa relação interativa entre autor, texto e leitor. (ROSSI, 2010, p. 68)

Assim, a construção de sentidos possibilita o desenvolvimento de novos saberes através da leitura, pois, se a leitura é produção tanto por parte de quem escreve (autor) como por parte de quem lê, há sempre a interação, para que o sentido seja alcançado, porque o foco na interação entre autor-texto-leitor pressupõe que:

> na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10-11)

Já Freire (1989) afirma que a leitura que se faz do mundo é anterior à leitura da palavra e que todo leitor traz consigo sua experiência de vida para compor e finalizar a sua própria leitura, mesmo quando criança, pois esta já cria as suas próprias imaginações e suas afeições contribuindo na sua compreensão. Freire enfatiza a importância da leitura crítica, e principalmente o gosto pela leitura, que se desenvolve na medida em que os conteúdos atendam as expectativas e sejam de acordo com o interesse e necessidade do leitor. Para Coll (1998):

> Quando o aluno “enfrenta” um novo conteúdo a ser aprendido, sempre o faz “armado” com uma série de conceitos, concepções, representações e conhecimentos adquiridos no decorrer de suas experiências anteriores. Esses conhecimentos prévios são os fundamentos da construção dos novos significados. Uma aprendizagem é tanto mais significativa quanto mais relações com sentido o aluno for capaz de estabelecer entre o que já conhece, seus conhecimentos prévios, e o novo conteúdo que lhe é apresentado como objeto de aprendizagem. (COLL, 1998, p. 149).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A leitura sempre prevê uma reconsideração e para muitos leva ao autoconhecimento e aperfeiçoamento. Não são necessários muitos esforços para essa transformação, pois ela acontece espontaneamente, na medida em que nos tornamos leitores autênticos. Os resultados dessa autonomia enquanto leitor é o de nos transformarmos naturalmente em portadores de luz a outros seres humanos. “Ler é outro modo de ouvir” (BAGNO, 2002, p. 14).

A leitura enquanto prática social é uma ferramenta essencial para a aprendizagem do cidadão. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Não se lê somente para aprender a ler, não se lê de um único jeito.

A fim de nos tornarmos bons leitores e desenvolver o gosto e o compromisso com a leitura é necessária uma mobilização interna que se reflita em nós como algo instigante, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia, independência e voz à nossa individualidade.

De acordo com Antunes (2010), Kleiman (2010) e Soares (2012), a relação entre o leitor e o texto extrapola a mera decodificação e mesmo a compreensão dos sentidos. Ler, não é apenas uma atividade de assimilação de significados, vai muito além disto, é um percurso de atribuição de sentidos que envolve, além da linguística, variadas experiências subjetivas:

Ler é criar intimidade com diversos tipos de textos produzidos em diferentes esferas sociais, desenvolvendo uma atitude crítica, quer dizer, de discernimento, que leva o sujeito a perceber as vozes presentes nos textos e percebe-se capaz de tomar a palavra diante deles. (YUNES, 2009).

Nesse sentido, o ato de ler torna, de antemão, qualquer projeto de leitura uma semente promissora de participação social, inclusão e cidadania.

2.3 QUEM É O LEITOR DO PRESÍDIO?

Os leitores dos presídios são homens em cumprimento de pena em regime fechado por terem cometido algum tipo de delito. Possuem grau de escolaridade baixo, isto é, a maioria dos presos não possui ensino fundamental completo.

A capacidade de reflexão dos detentos é prioridade, fazendo-os compreender a realidade que os cerca, as mudanças e até as suas falhas para iniciar o seu processo de transformação, a sua capacidade crítica e criadora do indivíduo a fim de orientá-lo em suas decisões e escolhas certas.

A Biblioteca Prisional e a leitura são aliadas no processo de ressocialização, no exercício da

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

cidadania, na aprendizagem, na autonomia e na potencialização das capacidades intelectuais, auxiliando-os e ofertando perspectivas e expectativas melhores. A ressocialização ou reabilitação social constitui uma das finalidades do sistema de execução penal e é de suma importância que os presos usufruam dos serviços de assistência.

Não raro os valores transpostos nas obras ecoam no nosso ritmo de vida, atualizando nosso estar no mundo incitando a reflexão e análise da nossa subjetividade. A leitura de livros não nos possibilita um fechamento completo da leitura, uma vez que nunca terminam de dizer aquilo que tinham para dizer. Toda releitura dos mesmos é sempre uma descoberta nova, de acordo com a própria maturidade do leitor.

As leituras de obras nos colocam em confronto com a atualidade, agindo como uma suave música de fundo em meio ao caos da vida contemporânea.

A leitura dentro do sistema prisional pode trazer inúmeros benefícios, no sentido da reinserção social do sujeito, e quiçá a própria descoberta enquanto escritos. Ilustra-se o caso de Luís Alberto Mendes, autor de algumas obras escritas dentro do cárcere, dentre elas: "Memórias de um sobrevivente" (2001). Luís Alberto passou boa parte da vida em reformatórios e penitenciárias de São Paulo. Atualmente, promove oficinas de leitura e escrita em penitenciárias e na periferia de São Paulo.

Outro exemplo que temos no estado de Santa Catarina é de um reeducando que começou a escrever dentro da Penitenciária de Joinville, auto de "O calvário de todos nós". Hosmany Ramos é outro detento que descobriu paixão pela literatura dentro do cárcere. Também publicou várias obras literárias, dentre ela, "Pavilhão 9: Paixão e morte no Carandirú".

Sem possibilitar o acesso à cultura, a informação ou leitura propriamente dita, “a prisão não consegue recuperar ninguém e, pelo seu modelo de organização e funcionamento, não podemos negar que ela é responsável pela produção de delinquentes”. (LEME, 2007, p. 126).

Para suprir essa necessidade de recuperação, foi criada uma política pública afirmativa pautada na Lei de Execução Penal (LEP) de 2011 (BRASIL, 2011a) e na Resolução de nº 2 de 19 de maio de 2010 do Conselho Nacional de Educação (CNE) (BRASIL, 2010). Ambas dispõem sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta da Educação Básica nos estabelecimentos penais de todo o país.

3. REMIÇÃO PELA LEITURA

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A educação formal passou a ser um direito constitucional que alcança todas as pessoas, muito embora ainda haja pessoas, líderes políticos e grupos sociais que não respeitam esse direito universal à educação formal:

> Os direitos humanos foram construídos com base na ideia de dignidade da pessoa humana, ou seja, de que todo ser humano, independentemente de qualquer condição pessoal, deve ser igualmente reconhecido e respeitado, não podendo ser tratado como instrumento de poucos, mas sim como fim de toda organização social e política. No entanto, para se chegar a essa construção, muitas foram as lutas travadas por camponeses, pequenos comerciantes, trabalhadores, mulheres, intelectuais, escravos, homossexuais, jovens, indígenas, etc. Da mesma forma, para que tais direitos sejam mantidos e aplicados na prática, e para que novos direitos sejam conquistados, é necessário que continuemos lutando. (BRASIL, [s.d.]a, p. 14).

Promover e permitir o acesso à educação, sem viés discriminatório, é dever do Estado em consonância com as demais leis, documentos, projetos, protocolos e conferências internacionais. As políticas públicas que emergem dos movimentos sociais de direitos humanos e de Estado no domínio da educação visam ao acesso a educação, informação, à cultura, ao patrimônio histórico do mundo, à autonomia na dimensão social, com o propósito de promover a democratização da educação.

Da cronologia das leis, destaca-se a Lei de Execução Penal nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (BRASIL, 1984), que determina:

> Art. 17. A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado.
>
> Art. 18. O ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa.
>
> Art. 19. O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico.
>
> Parágrafo único. A mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição.
>
> Art. 20. As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escolas ou ofereçam cursos especializados.
>
> Art. 21. Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A remição de pena por leitura vem ao encontro da transformação da prisão em um instrumento voltado ao processo educacional. Foi com essa intenção que alguns presídios a nível estadual ou federal instituíram além da remição da pena por trabalho e estudo, a remição por leitura. Conforme a Lei n. 12.433, de 29 de junho de 2011 prevê como ação complementar e estímulo a remição de pena por leitura.

> V – estimular, no âmbito das unidades prisionais estaduais e federais, como forma de atividade complementar, a remição pela leitura, notadamente para apenados aos quais não sejam assegurados os direitos ao trabalho, educação e qualificação profissional, nos termos da Lei n. 7.210/84 (LEP – arts. 17, 28, 31, 36 e 41, incisos II, VI e VII), observando-se os seguintes aspectos:
>
> necessidade de constituição, por parte da autoridade penitenciária estadual ou federal, de projeto específico visando à remição pela leitura, atendendo a pressupostos de ordem objetiva e outros de ordem subjetiva (BRASIL, 2013).

Conforme Marcão (2013) remição significa reparar, compensar ou ressarcir. Por este instituto o sentenciado pode remir o tempo de cumprimento da pena, desde que se dedique ao trabalho, estudo e/ou leitura.

> Trata-se de um meio de abreviar ou extinguir parte da pena. Oferece-se ao preso um estímulo para corrigir-se, abreviando o tempo de cumprimento da sanção para que possa passar ao regime de liberdade condicional ou à liberdade definitiva. Segundo Maria da Graça Morais Dias, trata-se de um instituto completo, pois reeduca o delinquente, prepara-o para sua reincorporação à sociedade, proporciona-lhe meios para reabilitar-se diante de si mesmo e da sociedade, disciplina sua vontade, favorece a sua família e, sobretudo abrevia a condenação, condicionando esta ao próprio esforço do penado.(MARCÃO, 2013, p.215)

A medida contribui para a reinserção social dos reeducandos, haja vista a capacidade de agregar valores éticos-morais à sua formação. O maior objetivo da remição por leitura é:

> [...] oportunizar aos presos custodiados alfabetizados o direito ao conhecimento, à educação, à cultura e ao desenvolvimento da capacidade crítica, por meio da leitura e da produção de relatórios de leituras e resenhas. (PARANÁ, 2012a, p. 10).

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

A participação dos presos é de forma voluntária, mas é preciso que se enquadrem no regime de prisão cautelar, ou seja, que priva temporariamente o indivíduo, supostamente o autor do delito, de sua liberdade de locomoção, ainda que não haja sentença transitada em julgado. Nesse caso, a prisão cautelar deve ocorrer em caráter de urgência e necessidade.

Podem participar todos os reeducandos da unidade prisional que tenham as competências de leitura e escrita, necessárias à execução das atividades e da elaboração do trabalho final, consistente em resenha da obra objeto do estudo.

Conforme o artigo 10 da Lei 17.329 (PARANÁ, 2012):

> Art. 10. Para fins de remição da pena, o preso custodiado alfabetizado poderá escolher somente uma obra literária dentre os títulos para leitura e elaboração de um relatório de leitura ou resenha, a cada trinta dias.
>
> § 1º O relatório de leitura será elaborado pelos presos custodiados alfabetizados de Ensino Fundamental – Fase I e II – conforme modelos fixados pela Comissão de Remição pela Leitura.
>
> § 2º A resenha – resumo e apreciação crítica – será elaborada pelos presos custodiados alfabetizados e Ensino Médio, Pós Médio, Superior e Pós Superior.

Conforme Recomendação Nº 44, do CNJ - Conselho Nacional de Justiça - A remição da pena pela leitura acontecerá após o apenado ler uma obra literária e produzir uma resenha no prazo de 30 dias, obtendo a remição de 4 dias da sua pena total. Será permitida uma obra por mês, assim sendo, após 12 livros lidos e com suas resenhas aprovadas, o apenado terá remição de 48 dias na sua pena total.

Assim o interno terá o prazo de 30 (trinta) dias para concluir a leitura da obra literária previamente escolhida. Ao final deste período, o professor orientador de leitura fará a avaliação, segundo critério legal, por ele determinado. Poderá ser avaliação escrita ou em forma de resenha. Os critérios para participar deste projeto são: possuir alguma escolaridade e ter o domínio pleno da leitura e escrita. Os títulos literários serão adquiridos através da seleção previamente realizada pelos professores orientadores de leitura ou através de doações.

Partindo desse pressuposto, é obrigação do estado em adotar medidas para cumprir com o exposto e a contratar professores para atendimento individual e

coletivo dos internos, para avaliação, inclusive para a compra do acervo bibliográfico e material de apoio.

Com a ajuda dos profissionais envolvidos neste projeto acontecerá a classificação e seleção das obras e a distribuição, a listagem das obras chegará até o conhecimento do recluso e esse irá escolher qual obra literária é do seu interesse para leitura, em seguida a obra será entregue em mãos.

Além de caráter jurídico, o Projeto que possibilita a remição de pena pela Leitura apresenta, em sua proposta, ações educativas sobre o papel social da leitura e da escrita, pois é a partir dessas manifestações sociais que agimos e interagimos em nosso cotidiano. Prepara o aluno para uma leitura que acrescentará não apenas dias de remição, mas uma experiência que lhe permitirá saber da vida, ampliar a visão de mundo, das coisas, por meio da experiência do outro – o autor. Que ele perceba que "o ato físico de ler pode ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário" (COSSON, 2012, p. 27). Além disso, as propostas de leitura oportunizam e ampliam o entendimento das abordagens que envolvem as relações entre texto, leitor e sociedade.

4. Considerações finais

É necessário acreditar que as pessoas podem se transformar através da leitura de livros. A leitura é uma atividade fundamental ao ser humano, vista como uma manifestação da alma, fonte de inspiração, reflexão, construção, sentimento, conhecimento, formação e amplia a visão do mundo, as práticas diárias, evita as decisões ocasionais e impulsionadas e abre as fronteiras de participação dentro do espaço de vivência.

Ao pensar na pessoa privada de liberdade, medidas urgentes devem ser tomadas para que este possa retornar a sociedade com uma nova forma de pensar e enfrentar a realidade. Diante disso, a leitura exerce esse papel e contribui para que este processo de ressocializaçãoe reintegração aconteçam.

São necessárias políticas que oportunizem os detentos a defender os seus próprios direitos e que fomentem a criação de projetos que diminuam o número de presos reincidentes e que correspondam com a perspectiva de uma vida melhor pós-prisão. Sabe-se que a pena não tem conseguido cumprir com o seu maior objetivo: a ressocialização.

Uma sociedade que apenas priva a liberdade não favorece a ressocialização, é

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

preciso que algo seja feito e, existem caminhos: um desses é a sensibilidade com o próximo, com aquele que cometeu erros, oferecendo-lhe o acesso à leitura. Desta forma, visa-se o crescimento intelectual e desenvolvimento pessoal e social dos presos envolvidos para saber e pensar com ciência, arte, filosofia, moral e política e ter uma ampliação de horizontesintelectuais, sociais e profissionais.

Por fim, destaca-se o avanço produzido pela Lei de Remição pela leitura no sistema prisional no Brasil como sendo mais uma conquista fundamental, porém, da maior visibilidade à falta de produção científica sobre a real situação dos presídios, sobre temas relacionados, sobre a educação nesta modalidade, sobre os espaços físicos e materiais disponíveis no cárcere e a falta de interesse do governo em fomentar projetos que realmente visam à reinserção social e a reeducação, e que não se preocupam em aglomerar pessoas e sim em oferecer novas possibilidades de autorreflexão e de poder conhecer a si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de texto**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

BAGNO, Marcos. **O espelho dos nomes.** São Paulo: Ática, 2002.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 17.

BONAVIDES, Paulo. **Curso de Direito Constitucional.** 17. ed. atual. São Paulo: Malheiros, 2006.

BRASIL. Congresso Nacional. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934). Nós, os representantes do povo brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. **Diário Oficial,** Rio de Janeiro, 16 jul. 1934. (Republicação em 19 dez. 1935). Disponível em: <http://migre.me/q2oyq>. Acesso em: 31 Jul. 2018.

_____. Ministério da Justiça. Lei n.º 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 13 jul. 1984b. p. 10227. Disponível em: <http://migre.me/q14Lb>. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. Senado Federal. **Projeto de Lei da Câmara nº 216, de 1993.** Dispõe sobre o trabalho, o estudo e a reintegração social do condenado e da outras providencias. Brasília, 16 fev. 1993. Disponível em: <http://migre.me/q2v7n>. Acesso em: 31 Jul. 2018.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

Lei n.º 12.433, de 29 de junho de 2011. Altera a Lei no 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 30 jun. 2011a. p. 1. Disponível em: <http://migre.me/q14HO>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CESARINO, M. A. da N. (Org.). **Bibliotecas públicas municipais: orientações básicas.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2007.

CHARTIER, Roger (1997). **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 3 v.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012. DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde.** 2008. Disponível em: <http://migre.me/q3VXc>. Acesso em: 30 ago 2018.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** Tradução de Waltensir Dutra. 6 ed. São Paulo: Marins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 40. ed. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GOVERNO DO BRASIL. **Sistema prisional. Disponível em: < http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2012/04/levantamento-mostra-escolaridade-dos-presidiarios-no-pais>. Acesso em 15 de agosto de 2018.**

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura.** Uma teoria do efeito estético vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

INFOPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias Atualização.** Disponível em: < http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

Julio F. Mirabete, **Execução penal,** 9. Ed., p. 425-426.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

Letramento e (in)flexibilidade comunicativa. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2. ed. Campinas,SP: Mercado das Letras, 2012. p. 161-199.

LOCALIZAÇÃO
Universidade Estadual do Maranhão
CAMPUS CAXIAS
Morro do Alecrim, s/n
Caxias/MA - CEP 65.600-000

CONTATO
contato@enipel.com.br

LEME, José Antônio Gonçalves. **A cela de aula:** tirando a pena com letras. In: ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (Org.). **Educação escolar entre as grades.** São Carlos: EduFSCar, 2007. p. 111-160.

MANGUEL, Alberto (1996). **Uma história da leitura. São Paulo:** Companhia das Letras, 1997.

MARCÃO, Renato. **Curso de Execução Penal.** 12. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**.5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MIRABETE, Júlio Fabbrine; FABBRINE, Renato N. **Manual de Direito Penal**. Parte Geral. Arts. 1º a 120 do CP. 24ª Edição. Revista e Atualizada. Editora Atlas. São Paulo - 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura.** São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1996.

PARANÁ. Casa Civil. Constituição do Estado do Paraná, de 5 de outubro de 1989. Constituição do Estado do Paraná. **Diário Oficial do Estado,** Curitiba, PR, n. 3116, 5 out. 1989. Disponível em: <http://migre.me/q30yK>. Acesso em: 12 dez. 2014.

ROSSI, Maria Aparecida L. **O Processo de Escolarização dos Diferentes Gêneros Textuais Observado nas Práticas de Ensino de Leitura.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo.** São Paulo: Paullus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação,** 2014. Disponível em: http://www.agrinho.com.br/site/wp- content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf. Acesso em: 20 de jun. 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e leitura:** ensaios. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004a.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1 e 2 graus. 8. ed. São Paulo-SP: Cortez, 1997.

WIRTH, Uwe (1998). **Literatura na internet, ou: a quem interessa, quem lê?** In: GIANNETTI, Claudia (Org.). Ars Telematica, Telecomunicações, Internet e Ciberespaço. Mediações, 93-116.

Yunes, Eliana.”Apresentação”.In: **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados.** Curitiba:Aymará,2009, p.9